SUPPLEMENTO

AOS

APONTAMENTOS

PARA O

DICCIONARIO GEOGRAPHICO DO BRAZIL

R
918.103
M538

ALFREDO MOREIRA PINTO

SUPPLEMENTO

AOS

APONTAMENTOS

PARA O

DICCIONARIO GEOGRAPHICO DO BRAZIL

(Com accrescimos e correcções)

A — Z

RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL
1935

OBRAS DO MESMO AUTOR

Diccionario Geographico do Brazil, 3 vols.

Santos (Impressões de viagem).

Campinas (Impressões de viagem).

Noções de Historia Universal, adaptadas ao programma de 1894, 3ª edição, 1 vol. enc.

Chorographia do Brazil, illustrada com 23 cartas, 6ª edição.

Noções de Geographia Geral, 4ª edição, correcta e augmentada, 1 vol., com illustrações.

Epitome da Historia do Brazil, 8ª edição.

Rudimentos de Chorographia do Brazil, para as escolas primarias, 1 vol., com illustrações.

Curso de Geographia Geral.

ESQUIROS

Processo de Tiradentes.

Processo de Racticlif.

Antonio José ou O Poeta e A Inquisição.

ERASMO

A Festa Macarronica.

O Fiasco da Festa Macarronica.

AMERICANO

A Viagem Imperial e o Ventre Livre.

Nota — As edições destas obras acham-se esgotadas.

3746 10 7 945

AO LEITOR

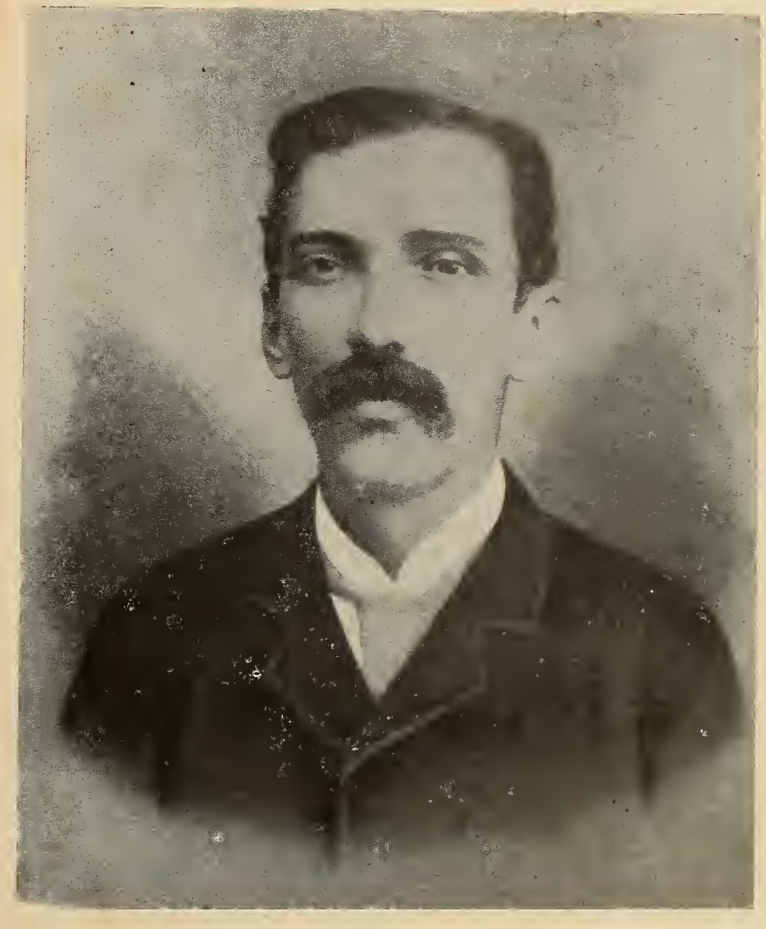
Tendo, por occasião do fallecimento de meu pae, Alfredo Moreira Pinto, autor do Diccionario Geographico do Brasil, ficado incompleta a sua obra, por faltar a impressão do 4° volume, que o saudoso escriptor não poude publicar, por ter a morte o surprehendido no começo dessa tarefa, resolvi, embora tardiamente, imprimil-o, completando, desse modo, o seu acabamento. Seria uma ingratidão á sua memoria continuar por mais tempo em completo abandono esta parte da obra, até agora inedita, que o saudoso autor com uma paciencia prodigiosa colligiu, para dotar o paiz de mais uma valiosa fonte de informações a que hão de todos recorrer, á mais rapida consulta, do immenso territorio brasileiro.

Contrariou a sua publicação em época opportuna a falta de meios, sendo necessario o concurso dos poderes publicos para sua realização. Coube a iniciativa desta á acção patriotica do Exmo. Sr. Dr. Getulio Vargas, Presidente da Republica, que, reconhecendo a sua importancia como obra nacional e de grande utilidade para o paiz, autorizou a sua impressão nas officinas da Imprensa Nacional. Não foi tarefa amena a organização e revisão deste trabalho; a lettra por demais miuda do autor, os manuscriptos quasi apagados pela acção do tempo muito difficultaram a sua leitura, tornando-se a sua reconstituição um tanto laboriosa, para que o trabalho não sahisse com omissões no seu texto. Desde muito que nutria o desejo de prestar á memoria de meu pae uma homenagem, resgatando uma divida de gratidão pelos innumeros beneficios que me proporcionou em vida o maior dos meus amigos, e, assim o faço, neste emprehendimento, que estava acima das minhas forças.

Ao terminar estas linhas, cumpro o grato dever de testemunhar o meu reconhecimento, citando o nome do Dr. Alexandre Emilio Sommier, que, dentre os seis membros da commissão nomeada pelo Ministerio da Educação, para dar parecer sobre este valioso trabalho, foi o unico que demonstrou o mais vivo interesse pela sua publicação, honrando-me com o seu voto para a consecução deste "desideratum".

Novembro, 1935.

Justiniano Moreira Pinto.



Hyacinthe Moreira Pinto

TRAÇOS BIOGRAPHICOS DO AUTOR

A vida deste escriptor sabio é bem um exemplo de abnegação, esforço e trabalho, dedicado ás lettras do paiz, como soem ser todas as suas obras deixadas, inclusive este Diccionario Geographico a que dedicou o melhor de sua existencia atravez de grandes vicissitudes e contrariedades que nunca o desanimaram. Nascido nesta cidade do Rio de Janeiro a 21 de Maio de 1847, foram seus paes Antonio Moreira Pinto e sua mulher D. Venancia A. da Silva Pinto. Seu pae, portuguez de origem, commerciante, pouco se interessou pela sua educação: destinava-o á vida commercial.

Devido ás relações que mantinha com a familia Imperial, por haver duas tias que frequentavam o Paço, como aias da Imperatriz, foi, a pedido de uma dellas, pelo Imperador, mandado matricular no Collegio Pedro II, correndo todas as despesas a expensas do Monarcha. Neste estabelecimento de instrucção, em que revelou grande talento e amor aos livros, bacharelou-se em *bellas-lettras* no anno de 1865, tendo como condiscipulos Joaquim Nabuco, Vieira Fazenda, Rodrigues Alves, Ernesto Frederico da Cunha e outros varões illustres, dignos de admiração e respeito. Seguindo para São Paulo, afim de completar seus estudos na Academia de Direito, não chegou a se formar, interrompendo-os, após cursar os primeiros annos, tendo regressado ao Rio de Janeiro e se dedicado ao professorado. Desde os seus mais verdes annos se dedicara aos estudos de historia e geographia, especialidade esta que leccionava com grande conhecimento, tornando-se nestas disciplinas um mestre reputado e, na galeria do magisterio de seu tempo, um dos seus mais velhos legionarios, devido aos 55 annos de sua laboriosa existencia consagrados ao preparo de gerações novas. Foi professor particular em diversos collegios e examinador em bancas de preparatorios, lente cathedratico de geographia e historia do curso de preparatorio annexo á extincta Escola Militar da Praia Vermelha. Dotado de caracter altivo e intransigente, de ideias francamente republicanas, em um dia de aula, nesta escola, regendo a sua cadeira na presença do Conde d'Eu, desenrolou-se desagradavel scena a proposito de um facto e dados historicos, resultando desse attrito a jubilação do professor. Como jornalista, escreveu sempre para a imprensa; em 1878 foi redactor e proprietario do "Seculo" e, nesta folha, collaborou com toda a dedicação e desinteresse pecuniario, publicando impressões de viagens e descripções das localidades por onde passara. Tudo isto revertia para seu Diccionario — a preoccupação de sempre — que tantos dissabores lhe acarretara, além de outros, taes como a perda de entes queridos e a escassez de recursos para levar por deante a sua tarefa. Collaborou no "Paiz"

e no "Jornal do Commercio" de 1898 a 1902, tratando de assumptos de suas excursões a Minas e S. Paulo. Desde a sua mocidade era um republicano democrata, estando sempre na estacada ao lado dos propagandistas da Abolição e da Republica. Assignou o manifesto republicano de 3 de Dezembro de 1870. Por occasião da revolta da esquadra, collocou-se ao lado do governo legal, de quem era grande amigo, servindo como official do Batalhão Republicano Municipal em 1893-94. Prestou serviço de guerra nas linhas do littoral da cidade do Rio de Janeiro, tendo sido premiado por Floriano Peixoto com o titulo honorifico de Major. Foi nomeado director da Bibliotheca Municipal em Novembro de 1889, ahi se conservando, até a data do seu fallecimento, nunca desejando posição de destaque que o envaidecesse; preferiu a vida de renuncia, dedicando-se com grande abnegação ao cultivo das lettras e da instrucção. A 26 de Abril de 1903, aos 55 annos de edade, fallecia nesta capital, em verdadeira pobreza de bens materiaes, mas legando á sua familia e á sua patria um exemplo de sua vida consagrada ao trabalho e as mais nobres manifestações da intelligencia e da cultura. Deixou grande numero de publicações, varios trabalhos didacticos de historia e geographia, em que revelou o seu bello talento e o seu grande saber. Ainda, referindo-se aos *Apontamentos* do seu Diccionario, diz elle: "Representam elles muitos annos de labor e sacrificio de minha mocidade, aspirações, haveres e quem sabe se da minha vida. A nada me poupei para conseguir de todos os pontos, ainda os mais remotos do Brazil, informações minuciosas e exactas.

Tive que lutar com innumeras difficuldades, só apreciaveis para quem se aventura a emprezas desta ordem. Entretanto, fiz tudo quanto me foi possivel. Receba minha patria este trabalho como testemunho de sincera dedicação que sempre lhe devotei".

PARECER

DA

Commissão nomeada pelo Presidente da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, em 1918

A Commissão nomeada para dar parecer sobre os "Apontamentos para o Diccionario Geographico do Brasil" e Supplemento, em tres volumes, continuação em manuscripto, noticias de viagens e cartas á imprensa, insertas em diversos jornaes, trabalhos do Dr. Moreira Pinto, de saudosa memoria, apresentados á Sociedade de Geographia pela Exma. Viuva d'este illustre geographo, vem submetter a esta Sociedade de Geographia o seu parecer.

Conhecedora como é a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro da utilidade dos "Apontamentos para o Diccionario Geographico do Brasil", da importancia e grande merito da obra, para cuja publicação em tres volumes tanto se esforçou, promovendo recursos, que facilitaram o seu apparecimento no mundo das lettras, entende a Commissão deve esta Sociedade continuar a sua missão patriotica, envidando esforços junto aos poderes publicos, para que o governo da Republica, adquirindo a propriedade desses trabalhos, promova sobre taes bases a publicação do "Grande Diccionario de Historia e Geographia do Brasil".

O Dr. Moreira Pinto, um dos espiritos que mais concorreram para a transformação social e politica por que passou o Brasil no ultimo quarto do seculo passado em sua evolução, applicou a estes trabalhos toda a sua actividade e competencia de historiador e geographo.

A Commissão para estudar taes "Apontamentos", nomeada pelo ministro do imperio em 1883, em seu parecer apresentado em 1 de Maio do mesmo anno e firmado por Cruz Machado, Beaurepaire Rohan e Mendes Malheiros, diz ter neste trabalho revelado o autor uma paciencia, uma tenacidade, uma perseverança, raras entre nós e, por isso mesmo, dignas de acolhimento, animação e recompensa.

Era já considerado "vastissimo e precioso repertorio de indicações, de factos, de noticias e de muitos outros dados interessantes para a historia e a geographia do Brasil".

O plano do Dr. Moreira Pinto é uma descripção das provincias (hoje estados da União) e de todas as suas divisões judiciarias e administrativas, contendo todas as comarcas, termos, municipios, districtos de paz e eleitoraes, freguezias, curatos, com a indicação de toda a legislação provincial, decretos geraes e outras leis concernentes á sua fundação, creação, divisão e subsequente alteração.

Depois de alludir á exactidão e minuciosidade que o autor procurou dar á parte estatistica concernente aos diversos serviços da administração, mencionando todos os pharóes, estradas, engenhos centraes, fabricas de todas as qualidades e misteres, acompanhando essa descripção de uma respectiva noticia historica, diz ainda a Commissão: "Vai ao apuro a minuciosidade com que o Dr. Moreira Pinto descreve os rios, lagos, serras, canaes, etc. E' realmente de louvar-se a paciencia, que bem se pode qualificar de benedictina, com que o autor colligiu e armazenou esse acervo de dados e noticias, ao qual, se fôr publicado, como deve ser, já se não pode tirar o merito de ser fonte a que hão de recorrer, para beberem algum conhecimento sobre o logarejo mais remoto e insignificante". E conclue a Commissão:

1. Que os defeitos apontados podem remediar-se sob a direcção e fiscalização immediata e continua de uma commissão, que ao governo apraza incumbir de dar o toque, a feição scientifica, na forma e no fundo, que deve ter uma obra, a que pouco falta para, *servatis servandis*, egualar-se á monumental e paciente *Arte de verificar as datas*.

2. Que a obra, que ainda está no seu ultimo periodo de formação, deve ser levada a cabo, prestando-se ao seu autor todo o auxilio efficaz que, garantindo-lhe tempo e socego, o anime deveras a concluil-a com grande e immediato proveito para as lettras e para o credito scientifico do Brasil.

3. Que si assim pensa e assim se manifesta (ao Sr. Ministro) é porque está convencid do grande e incontestavel merito dessa obra, que toca quasi ao seu termo com o auxilio unicamente de um só homem, que realiza um prodigio de paciencia, que uma corporação inteira não realizaria em poucos annos.

O mencionado parecer demonstra quanto se accentuava no Imperio a tendencia para tornar conhecido o nosso vastissimo e uberrimo paiz, tendencia que vinha da colonia, quando, abertos os portos do Brasil ao commercio extrangeiro, se firmava o periodo de gestação da nova nação americana.

Desde 1816, quando Francisco de Paula Jacou publicou em Lisbôa a sua traducção para o portuguez do *Diccionario Classico, Historico, Geographico e Mythologico*, obra original publicada na Inglaterra, se têm multiplicado os estudos dessa natureza em Chorographias e Diccionarios Geographicos do Brasil e das diversas provincias. O Dr. Moreira Pinto, professor illustre da Escola Militar, tendo publicado compendios de geographia geral, deu á publicidade a sua *Chorographia do Brasil*, vasto repertorio de conhecimentos do nosso paiz e dedicou-se até os ultimos instantes de sua *preciosissima* vida aos estudos e investigações do vasto territorio brasileiro, colleccionando dados historicos, geographicos, chorographicos, estatisticos e commerciaes, que após esforços inauditos conseguiu publicar em tres volumes sob o titulo de "Apontamentos para o Diccionario Geographico do Brasil".

Esta publicação, tão modestamente denominada, com o seu supplemento formando tres grandes volumes *in folium*, o primeiro de 741, o segundo de 786 e o terceiro de 960 paginas, fartamente enriquecido com as noticias de viagens, cartas á imprensa e mi-

lhares de manuscriptos, que a acompanham, constitue já, em seu todo, um diccionario historico, geographico, chorographico, estatistico e descriptivo do nosso paiz.

O vasto territorio brasileiro, de indescriptivel fertilidade, com todos os climas, riquissimo nos tres reinos da natureza, occultando em seu solo todos os mineraes, tendo já, ao tempo da colonia, abastecido a velha Europa de ouro e pedrarias; possuindo em diversos estados, além da *ulha branca* das multiplas quedas das suas innumeraveis correntes fluviaes, carvão de pedra e ferro a explorar, que para abastecer o mundo virão em cincoenta annos, na phrase de um illustre geologo, substituir as minas, já então esgotadas, da Inglaterra e dos Estados Unidos da America do Norte; este paiz, considerado na Europa um mundo fabuloso, deve tornar-se conhecido, não só dos brasileiros e portuguezes, que fallem a bella lingua de Camões, mas dos filhos das demais nações do globo, que, obedecendo ás correntes migratorias, que trazem a civilização do oriente para o occidente, devem, uma vez convencidos dos inesgotaveis recursos desta parte do novo mundo, accorrer a povoal-a, accelerando a marcha do progresso que em pouco tempo animará a grande e poderosa nação brasileira.

Durante algum tempo, já na metropole, como vimos acima, já na côrte do imperio, multiplicavam-se traducções de livros originaes e estrangeiros, de francezes, de inglezes, de allemães, homens de sciencia e *touristes* que percorreram grandes regiões do Brasil e as tornaram conhecidas em seus respectivos paizes.

Assim, por diligencias e debaixo da direcção litteraria de J. P. Allaud, vice-consul de Portugal em Caen, foi publicado um trabalho com dedicatoria ao Imperador do Brasil — contendo a historia de cada provincia, cidade, villa e aldeia; população, commercio, industria, agricultura e productos mineralogicos; nomes e descripções de seus rios, lagôas, serras e montes; estabelecimentos litterarios, navegação e o mais que lhe é relativo — obra colligida e composta durante vinte e seis annos de residencia e de longas peregrinações por diversas provincias do Imperio, com o auxilio de um sem numero de manuscriptos e de obras publicadas em diversas linguas por escriptores, tanto antigos como modernos e de muitos documentos officiaes por J. C. R. Millet de Saint-Adolph e traduzida em portuguez do manuscripto inedito francez, com observações numerosas e addições pelo Dr. Caetano Lopes de Moura, natural da cidade da Bahia.

Já em 1834 publicara José Saturnino da Costa Pereira o seu "Diccionario Topographico do Imperio do Brasil".

Em 1861 começaram a apparecer á luz da publicidade diccionarios geographicos de provincias do imperio, sendo impresso no Rio de Janeiro o "Diccionario Topographico e Estatistico do Ceará", organizado por Thomaz Pompeu de Souza Brasil; Domingos de Araujo e Silva publicou em 1865, nesta cidade, o seu "Diccionario Historico e Geographico da Provincia de S. Pedro ou Rio Grande do Sul", contendo a historia e a descripção da provincia em relação aos tres reinos da natureza, sua descripção geographica e hydrographica, bem como sua divisão politica e ecclesiastica; o Conego Dr. Manoel da Costa Honorato deu á publicidade em 1868 um "Diccionario Historico e Geographico

da Provincia do Maranhão, e, em virtude do contracto firmado com o governo do Espirito Santo, em 6 de Julho de 1876, sendo presidente d'aquella provincia o Dr. Domingos Monteiro Peixoto, contracto rescindido pelo primeiro vice-presidente que o substituiu e renovado pelo presidente Dr. Manoel José de Menezes Prado, publicou o mesmo autor em 1878 o "Diccionario Historico Geographico e Estatistico da provincia do Espirito Santo"; em 1879 appareceu o "Diccionario Historico, Estatistico e Geographico das Minas do Brasil", em que, mencionando as minas exploradas e por explorar de todo o territorio brasileiro, as descreve divididas por provincias, do Amazonas a Matto-Grosso. Esta obra é, segundo o seu autor, "a concatenação de noticias, informações e inscripções sobre as minas, extrahidas de documentos officiaes, memorias historicas, revistas, diccionarios, cartas geographicas, roteiros, viagens, explorações de rios, ditas de estradas de ferro e outras"; em 1902 appareceu tambem o "Diccionario Geographico da provincia de São Paulo", obra posthuma do Dr. João Mendes de Almeida; em 1906 começou a publicar o Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão o "Diccionario Chorographico, Historico e Estatistico de Pernambuco", tendo já dois volumes em circulação e tendo sido grande parte do terceiro já impressa, bem como o autographo, que completava este bello trabalho geographico, devorados pelo incendio que destruiu a Imprensa Nacional, onde se fazia a sua publicação. O Dr. José Boiteux, digno e operoso 1° Secretario desta Sociedade de Geographia tem actualmente em via de publicação o "Diccionario Historico e Geographico do Estado de Santa Catharina", com que pretende dotar a sua terra natal.

Desde Ivo d'Evreux, 1613-1614 (Viagens ao Norte do Brasil), Ayres de Cazal (Chorographia Brazilica), Southey, Darwin, Humboldt, Saint Hilaire, Armitage, Handerson, Chandelan e Agassiz, das provincias meridionaes ás septentrionaes do Brasil, foi percorrido e descripto o nosso paiz por Wappeus (Handbuch der Geographie und Statistik des Kaiserreichs Brasilien), Wallace, o companheiro de Darwin na descoberta da origem da selecção natural como agente na evolução das especies (A Narrative of Travels of the Amazon and Rio Negro), Karl von den Steinen (Durch Central-Brasilien, Expedition zur Erforchung des Schingú im Jahre 1884 e Unter den Naturvolkern Zentral Brasiliens Keiseschilderung und Ergobuisse der Sweiten Schingú-Expedition 1887-1888; Henri Coudreau) *Voyage au Tapajoz* — Julho de 1895 a Janeiro de 1896 — *Voyage au Xingú* — 30 de Maio a 26 de Outubro de 1896 — *Voyage au Tocantins* — Dezembro de 1896 a Maio de 1897 — *Voyage à Itabocca et à l'Itacayuna,* 1897; e por outros muitos illustres *touristes*, dentre os quaes e ultimamente Joseph Bournichon (*Le Brésil d'aujourd'hui,* 1910). Os estrangeiros que nos visitaram e escreveram impressões de viagens nem sempre fallaram das cousas do Brasil com criterio e justiça; grande é, porém, o acervo de observações sobre climas, riqueza do paiz em suas minas, em sua fauna e em sua flora, agricultura, commercio, industria e costumes, que fôra conveniente cital-as com a autoridade de seus nomes, em obra que divulgasse lá fóra os recursos inesgotaveis do nosso paiz.

O grande "Diccionario de Historia e Geographia do Brasil" será, sem duvida, a obra mais feliz de propaganda que o Governo da Republica poderá emprehender. Os trabalhos geographicos do Dr. Moreira Pinto devem ser a base sobre a qual uma commissão de homens de lettras, nomeada pelo Governo Federal, possa construir tão util quanto valoroso monumento.

Este benemerito brasileiro, com tenacidade, coragem e competencia tomou a si tal emprehendimento, e taes difficuldades venceu, tal actividade desenvolveu, que se não fosse pela morte colhido tão cedo, deixaria dotada a Patria, que tanto amou, com esse poderoso elemento de propaganda necessario por demais ao desenvolvimento do nosso progresso.

Veiu provar-nos a morte não poder ser uma obra destas trabalho de um só homem, e no "Diccionario Historico e Geographico da Provincia do Maranhão", em 1870, dizia já o Dr. Cezar Marques:... "Sempre julgamol-a (tal empreza) superior ás forças de um só homem, embora dispondo de recursos, que não possuimos, de meios, que não tivemos, e de tempo, que nos faltou.

"Acreditamos, como bom alvitre, diz o illustre brasileiro, referindo-se á provincia do Maranhão sómente, que uma commissão de individuos intelligentes e trabalhadores devia ser nomeada para tal fim. O coração, dizendo-nos que para o futuro se ha de realizar esta nossa esperança, nos lembrou a necessidade que teriam esses cidadãos de outros braços que os auxiliassem em suas fadigas, notando-se que assim se iam alargando as raias deste plano, e a mente delineou-nos o prazer que sentirão todos os maranhenses em concorrer pressurosos com as suas informações, com suas pesquizas e com suas luzes para a confecção de uma obra, que assim se tornaria bem maranhense.

"Estamos em 1870, continua o Dr. Cezar Marques, não floriram nossas esperanças, não murcharam os espinhos e nem sazonaram esses fructos silvestres!

"Ninguem, infelizmente, viera amparar o trabalho. Não esmoreceremos, porém, e principiando a redigir a presente obra, novos materiaes foram ministrados pelo estudo e reflexão que de dia para dia lhe iam dando maior volume. Alguns membros da Assembléa da Provincia, na ultima Legislatura (1868-1869), olhando para a utilidade e necessidade da nossa obra, unica em seu genero na Provincia, apezar da exiguidade de habilitações de seu autor, propuzeram um pequeno auxilio para impressão da mesma.

"O Presidente, Dr. José da Silva Maia, devolveu-a, sem sancção, negando auxilio tambem a Sotero dos Reis, Gonçalves Dias e Odorico Mendes, que em outros paizes seriam padrões de gloria, não de uma provincia e sim de uma nação inteira".

Assim procedeu o Governo da chamada Athenas brasileira ao tempo do Imperio; de então para cá, muito se tem desenvolvido o movimento de propaganda, grande desenvolvimento se nota no mundo litterario, e, em 1894, poude o Dr. Moreira Pinto, vantajosamente auxiliado pela Sociedade de Geographia, publicar os dois volumes dos "Apontamentos para o Diccionario Geographico do Brasil", da lettra *A* á lettra *O*, em 1899 o terceiro volume da lettra *P* á lettra *Z*, com o Supplemento, que completou o seu importantissimo trabalho.

De uma "Chorographia do Brasil", trabalho de grande merecimento, enriquecera já o Dr. Moreira Pinto, como ficou dito, as lettras brasileiras. Foi ao confeccionar, sem duvida, este bello trabalho que teve o illustre brasileiro a idéa feliz de legar á Patria obra completa e de facil consulta no diccionario que entendeu publicar.

Assim, em principios do seculo XVII, procedeu o padre Luiz Cardoso, da Congregação do Oratorio da Cidade de Lisbôa:

"Foy o nosso primeiro intento na composição desta obra, diz o illustre sacerdote, fazer para uso proprio hum indice geral ou repertorio de tudo o que comprehendem os tres tomos da Corographia Portugueza, nos quaes não era facil achar o que cada hum buscava como nos succedeo não poucas vezes pelo confuso methodo com que a escreveo o padre Antonio Carvalho da Costa.

.....

.....

porque não era facil achar-se nella a terra que se buscava principalmente sendo esta alguma Aldêa ou terra de pouca conta razão porque me detivaram os compor o indice mencionado, que serviu como de chave a este piquenino thesouro de noticias.

Com a razão de ser acima mencionada e precedida de uma licença da Congregação do Oratorio, veiu á luz da publicidade em 4 de Março de 1745 o "Diccionario Geographico Universal", desenvolvido consideravelmente na parte que diz respeito a Portugal, provincias ultramarinas e Brasil. No prologo desta obra, edição de 1878, diz Tito Augusto de Carvalho: "Quem examinar os diccionarios estrangeiros, não raro apreciados pelo mundo litterario e scientifico, e ao mesmo tempo o grande numero de erros, repetições e imperfeições que em quasi todas essas obras se encontram, reconhecerá, de certo, que na redacção e collaboração faltou não a intelligencia illustrada, mas a paciencia indefesa, a investigação attenta, a comparação cautelosa, n'uma palavra, para não occultar sob phrases ambiguas o nosso pensamento, faltou o trabalho consciencioso".

Si abrimos o "Diccionaire Universal d'Histoire et Geographie", par M. N. Bouillet, edição de 1872, na palavra Brésil, leremos: "Brésil, immense contrée de l'Amérique du Sud

entre la République de Venezuela, etc. S'estend de 37°-45′ à 73°-4′ long. O et de 4°-33′ lat. N à 33°-54′ lat. S; env. 8 mill. d'hab. Capit., Rio de Janeiro. Sous la domination espagnole, le Brésil formait 11 capitaineries générales. En 1822 il a été divisé en 18 provinces".

Um tal erro, que encontramos rectificado na edição de 1901, em que se lê: "Sous la domination portugaise le Brésil formait 11 capitaineries générales", deu lugar a que na Europa sejamos considerados sempre ex-colonia espanhola.

Si sobre o povo brasileiro e na palavra Brasil "se encontram erros desta natureza", apezar da descripção correcta do nosso paiz que na mesma palavra traz o "Grand Diccionaire de Geographie Universelle", par M. Bescherelle Ainé, imaginemos os innumeros erros que se encontrarão em taes obras, erros que irão sendo rectificados após a publicação do "Grande Diccionario de Historia e Geographia do Brasil".

Na America Meridional nos dá exemplo o Chile, que possue, desde 1867, um "Diccionario Geográfico de la República de Chile", por D. Francisco Solano Astaburuaga; "Diccionario Geográfico Postal de la República de Chile", por Fermino A. Fuentes, edição de 1899, e o "Diccionario Geográfico de la República de Chile", de Francisco Solano Astaburuaga y Cienfuegos, edição de 1899.

A Argentina tem o "Diccionario Geográfico de la República Argentina", por Francisco Latzina, Director da Estatistica Commercial.

O Perú tem o pequeno "Diccionario Político-Geográfico del Perú".

Tres grandes movimentos se têm agitado nestes ultimos tempos no seio do povo brasileiro, de fórma a impulsionar o progresso nacional, que nos devem garantir os inesgotaveis recursos do paiz a que pertencemos: o movimento abolicionista, que emancipou o trabalho, o movimento republicano, que transformou o governo, destruindo o privilegio dynastico e o movimento de colonização, que promove o povoamento do solo do vasto territorio do Brasil.

Nos dois primeiros movimentos tomou parte vantajosa o Dr. Moreira Pinto; do terceiro, que se vae agitando, dirigido pelo poder publico, será elle um poderosissimo factor, se o governo quizer aproveitar os elementos de propaganda que sua digna esposa offerece e que constituem estudos, pesquizas e investigações de 35 annos de acurado, meticuloso e competente trabalho.

Inspectorias de colonização a promover contractos de immigração; commissões de propaganda dos governos federal e estaduaes na Europa a espalhar, por diversos paizes, noticias e informações da nossa vida e recursos materiaes, bem como das riquezas a explorar em nosso paiz, se têm succedido com maior ou menor resultado; sente-se, porém, que lhes falta uma base de completas informações, que encontrará o Governo num "Grande Diccionario Historico e Geographico do Brasil", a facilitar a procura de informações dos diversos pontos que offerecem indiscutiveis vantagens para estabelecimento dos elementos de trabalho sujeitos á lei geral da migração dos povos.

Os volumosos albuns que os Estados de São Paulo, Minas Geraes, Rio de Janeiro, Pará, Amazonas e Alagôas têm publicado, distribuidos com columnas em francez, italiano,

inglez e allemão, muito têm contribuido para a propaganda dos nossos recursos naturaes. Si até uma certa epoca foi tendencia nossa traduzir para a nossa lingua os livros escriptos por estrangeiros a respeito de nosso paiz, em sentido contrario se vem accentuando a tendencia de traduzir para linguas estrangeiras os livros que tratam da descripção do territorio brasileiro.

Em conclusão, é a Commissão de parecer que, attendendo á importancia dos "Apontamentos para o Diccionario Geographico Brasileiro", do Dr. A. Moreira Pinto, represente a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro aos poderes da Republica no sentido de adquirir o Governo a propriedade dessa obra, fazendo-a imprimir para a divulgação dos nossos elementos de progresso.

Barão Homem de Mello
Coelho Lisboa, relator
Alberto Coelho Fernandes
José Arthur Boiteux

ADVERTENCIA

Apezar do grande cuidado que presidiu á organização d'este trabalho, não foi possivel evitar incorrecções de ordem technica em relação a certos vocabulos, que, escapando á nossa revisão, facil será ao leitor corrigil-as.

ERRATA

Paginas:		Onde se lê:		Leia-se:
17	—	*Ambú.* S.,	—	*Ambú.* Substantivo.
97	—	corres	—	côres.
101	—	subservivos	—	subversivos.
101	—	conferação	—	confederação.
145	—	Corr. *guá-amã*	—	Corr. *guá-amá.*
189	vocabulo	*Juqueryquerê*	—	*Juqueryqueré.*

ABREVIATURAS

Affl.	Affluente.
Alt.	Alteração ou modificação de palavras.
Ant.	Antigamente.
Aug.	Augmentativo.
Bibl. Nac.	Bibliotheca Nacional.
Com.	Comarca.
Conf.	Confluente.
Corr.	Corrupção.
Contr.	Contracção.
Dir.	Direita.
Dist.	Districto.
Eng.	Engenheiro.
Ent.	Entrancia.
Esc. publ.	Escola publica.
E. Santo	Espirito Santo.
Esq.	Esquerda.
E. de F.	Estrada de Ferro.
Habs.	Habitantes.
Indig.	Indigena.
Inf. loc.	Informação recebida da localidade.
Inst. prim.	Instrucção primaria.
Lei Prov.	Lei Provincial.
Log.	Logarejo.
Mun.	Municipio.
Part.	Participio.
Pop.	População.
Pref.	Prefixo.
Prov.	Provincia.
Quest.	Questionario.
Relat.	Relatorio.
Res.	Resolução.
R. G. do Norte	Rio Grande do Norte.
R. G. do Sul	Rio Grande do Sul.
Suff.	Suffixo.
Tp. c.	Tupi da costa.
Tp. gr.	Tupi guarani.
Trib.	Tributario.

SUPPLEMENTO

AOS

APONTAMENTOS

PARA O

DICCIONARIO GEOGRAPHICO DO BRAZIL

A

AATÁ. Composto de *ã-atá* ou *ã-uatá*, caminha pouco. Nome de uma canôa de casca de madeira, usada no Amazonas. (M. Soares).

ABA. (Substantivo) Cabello, lã, pello, pennugem (Dr. Theodoro Sampaio).

ABÁ. (Substantivo) Gente, pessôa, homem, varão; tupi guarany e tupi da costa *abá;* tupi do Amazonas *aná* (Dr. Theodoro Sampaio).

ABACATE. Igarapé do Pará, no mun. da capital. Accrescente-se no fim: Desagua no rio Jambu-assú.

ABACAXI. Corrupção de *ibacaxi*, composto de *ibá*, fructa, *caxi=cati*, rescendente, cheirosa (M. Soares).

ABA DA LAGÔA. Ponta na costa do Estado da Bahia, no mun. de Ilhéos (Capitão-Tenente Viriato Hall).

ABA DA SERRA. Serrota do Estado de Pernambuco, no mun. do Bonito. Nella se encontram minas de gesso alvissimo e excellente argilla plastica que pode ser utilisada em varios mistéres.

ABAETÊ. Composto de *abá-etê*, homem verdadeiro, isto é, illustre, forte, corajoso. (Theodoro Sampaio. *Obr. cit.*) "Varão illustre; de *abá*, varão, homem; e *été*, superlativo das cousas incorporeas ou invisiveis, bôas" (Paulino Nogueira. *O Padre Francisco Pinto*. 1887) "*Abaeté*, varão abalisado; de *aba*, homem e *eté* forte, egregio" (J. de Alencar *Iracema*, 3ª edição. pag. 219).

ABAITÊ. Composto de *abá-ité*, gente feia, horrenda, repulsiva, Minas Geraes. (Theodoro Sampaio. *Obr. cit.*)

ABARÉ. Composto de *abá-ré*, homem distincto, differente dos outros, o padre ou missionario; S. Paulo, Bahia, Pernambuco. (Dr. Theodoro Sampaio).

ABARÉBÊBÊ. Vocabulo tupi composto de *abaré-bêbê*, padre que vôa, padre ligeiro, incansavel; appellido do padre Leonardo Nunes, entre o gentio de S. Vicente (Dr. Theodoro Sampaio. *O tupi na geographia nacional*. S. Paulo. 1901).

ABARRACAMENTO. Arrabalde do Estado da Bahia, na cidade do Bom Fim.

ABAYUBA. Vocabulo tupi composto de *aba-yuba*, cabello amarello, louro, ou ruivo (Dr. Theodoro Sampaio. *O tupi na geographia nacional*. S. Paulo. 1901).

ABIO. Corrupção de *abi*, fructo conhecido (*Lucuma*). Dr. Theodoro Sampaio.

ABOBORAS. Riacho do Estado de Pernambuco; nasce no mun. do Triumpho, banha o de Villa Bella e desagua no rio Pajehu, depois de ter recebido o Medéa.

ABOBORAS. Corrego do Estado de Minas Geraes: banha o dist. de Santa Quiteria e desagua no ribeirão da Cachoeira, affl. do rio Paraopeba.

ABRE CAMPO. Log. do Estado do E. Santo, no mun. de Guarapary.

ABREU. Serra do Estado de S. Paulo, nas cabeceiras do rio Sorocabussú, no mun. da Cotia.

ABREU DE UNA. Pov. do Estado de Pernambuco, situada na costa, junto á barra do rio Una; com uma capella de S. João Baptista.

ABUNA. Composto de *abá-una*, gente negra, pessôa vestida de preto (Dr. Theodoro Sampaio). Vide *Abunás*

ABUTUHY. Composto de *abutú-y*, rio das abutuas, ou butuas; R. G. do Sul. (Dr. Theodoro Sampaio).

ACÃ. (Substantivo) Contracção — *a canga*, cabeça, craneo. (Theodoro Sampaio. *O tupi na geographia nacional*. S. Paulo. 1901).

ACA. (Substantivo) Ponta, corno, chifre (Dr. Theodoro Sampaio).

ACÁ. Log. no mun. de Batatais do Estado de S. Paulo. Diz o Dr. J. Mendes que *Acá* é corruptela de *I — áquá*, ponta de rio; de *i* agua, rio; *áquá* esquina, ponta. Allusivo a formarem nesse logar o corrego que tambem traz, e o ribeirão Coqueiros, um angulo agudo.

ACAHÚ. Riacho do Estado de Pernambuco, no dist. de N. S. do O' do mun. de Goyana. Esta palavra, segundo Montoya, significa cabeça negra, de *acá* cabeça e *hu* negra.

ACAIACA. (Substantivo) O cedro brasileiro (*Cedrella Brasiliensis*).

ACAIACATINGA. Vocabulo tupi composto de *acaiacatinga*, cedro branco; corrompe-se em *Caiacatinga* (Dr. Theodoro Sampaio. *O tupi na geographia nacional.* S. Paulo. 1901).

ACAJÚ. (Substantivo) O cajú (*Anacardium occid.*) tupi guarany *acayú*, (Dr. Theodoro Sampaio).

ACAJUTIBA. Composto de *acayú-tyba*, cajueiral, abundante de cajueiros (Dr. Theodoro Sampaio). Tambem dizem *Acajutuba* e *Acaiatuba*.

ACAJUTIBIRÓ. Corrupção de *acayú-tipyró*, o cajú expremido ou o espreme cajú; Parahyba do Norte (Dr. Theodoro Sampaio). No Estado dizem *Acejutibiró*.

ACAMBURY. Rio do Estado de S. Paulo; affl. do Tieté; no mun. de Araraquara. *Acambury*, corruptela de *Icamambú-ri*, successivamente bolhoso. De *i*, agua, com a pronuncia de *a* fechado, *camambú*, bolha, empola, *ri* successivamente. Allusivo a formarem bolhas as aguas, em todo o seu curso (Dr. João Mendes).

ACANGATARA. Vocabulo tupi composto de *acangatara*, ornato da cabeça; altera-se para *cangatar*, *canitar*, *cametára*, *cametá* (Dr. Theodoro Sampaio. *O tupi na geographia nacional.* S. Paulo. 1901).

ACANGUSSÚ. Composto de *acanga-uçú*, cabeça grande, cabeçudo; altera-se para *cangussú* (Dr. Theodoro Sampaio). E' da mesma opinião *Martius* em seu livro *Glossario*.

ACAPORA. Vocabulo tupi composto de *aca-pora*, o conteudo do corno, do osso, o tutano, a medulla, o sabugo. (Dr. Theodoro Sampaio. *O tupi na geographia nacional.* S. Paulo 1901).

ACARÁ. Peixe escamoso d'agua dôce, muito commum nos rios e lagôas do Brasil (*Chromis acará*). Diz-se vulgarmente *cará*.

ACARACÚ. Accrescente-se no fim: O Dr. Theodoro Sampaio diz: "*Acaracú* corrupção de *acará-hy*, pronunciado incorrectamente, *acará-hú* e *acará-cú*, rio dos acarás. Alencar interpretou erroneamente — *rio das garças* —, confundindo com *aguará*, a arvore vermelha, *Ibis rubra*".

ACARAHÚ. Ribeirão no mun. de Ubatuba, em S. Paulo — Accrescente-se no fim: O Dr. João Mendes diz: "*Acarahú*, corruptela de *Á'quâ-ára-aú* por contração *Á'qu'-ar'-aú*, pouco corrente. De *áquâ*, correr, levado ao participio com a particula *ára* significando corredor, corrente; *aú*, dicção para significar defeito, ou má vontade na acção, segundo a lição do padre Luiz Figueira em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*".

ACARAHY. Composto de *acará-y*, rio dos acarás. Altera-se as vezes para *Carahy*. (Dr. Theodoro Sampaio).

ACARAPEBA. Composto de *acará-peba*, acará meudo, inferior. Altera-se para *carapeba* ou *carapeva* (Dr. Theodoro Sampaio).

ACARAPUCÚ. Composto de *acará-pocú*, acará comprido, longo ou esguio. Altera-se ás vezes para: *carapucú* ou *carapicú*.

ACARAQUIÇAUA. Igarapé do Estado do Pará, banha o mun. de Almeirim. Vai para o Amazonas. O Sr. B. Rodrigues escreveu *Acaré-quiçaua*.

ACARAUNA: O acará escuro. Compôe-se de *acará-una*.

ACAREMBÓ. Composto de *acará-yembó*, arroio dos acarás. Altera-se para *acarembú*, (Dr. Theodoro Sampaio).

ACARI. (Substantivo) Peixe d'agua doce, vulgo *Cari* (*Loricaria plecostomus*).

ACAUAN. (Substantivo) Ave conhecida, vulgo *cauan*, ave agoureira entre o gentio (*Falco cachinans*).

ACAUAN. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Trahyras no dist. do Salgueiro.

ACAYÁ. (Substantivo) Fructo conhecido, vulgo *cajá*, (*Spondias brasiliensis*).

ACAYAIBA. Corrupção de *acayá-yba*, arvore de cajá, o cajaseiro; pode ser tambem *acayá-aiba*, cajá azedo ou ruim. Altera-se ás vezes para *Cajahiba* (Dr. Theodoro Sampaio).

ACAYÚ. Vide *Acajú*.

ACCIOLI. (Agua Branca) Nucleo Colonial do Estado do Paraná, no mun. de S. João do Triumpho, junto á colonia S. Matheus, distante da séde do mun. 24 kils. E' (1901) dividido em 137 lotes, que abrangem a área de 2.884 hectares e sua pop. é de cêrca de 700 habs., em sua maioria polaca.

AÇÔCÊ. (Substantivo) Abundancia, o que sobresae ou avulta; serve de nome de mulher (Dr. Theodoro Sampaio).

ACOROHY. Log. do Districto Federal, no dist. de Irajá á margem da E. de F. do Rio do Ouro.

AÇOYABA. Participio do verbo *açoy*, cobrir, vedar, proteger; portanto coberta, cobertura, véo, anteparo, protecção; altera-se ás vezes para *açoyá*, *açoyava* (Dr. Theodoro Sampaio).

ACRE. Corrupção de *akiry*, alterado em *acry* e *acre;* composto de *akir-y*, rio verde; Amazonas, Bolivia (Dr. Theodoro Sampaio).

ACRE. Log. do Estado do E. Santo, no mun. de Santa Thereza.

ACÚ. Nome da passagem do dist. da Sé para o de Santa Ephigenia, na capital do Estado de São Paulo. A ponte ahi construida traz ainda o nome de *Ponte do Acú*, sobre o ribeiro Anhangabaú. O nome exacto é *Acui*. « *Acú*, substantivo, quentura, calor, ardencia; S. Paulo» (Dr. Theodoro Sampaio).

AÇÚ. Grande, consideravel; altera-se conforme a gamma do thema com que se combina em *oçú*, *uçú*, *guaçú*.

AÇÚ. Igarapé affl. do rio Gurupy. Desagua do lado do Maranhão. (Dr. G. Dodt. *Relat.*)

AÇUDE. Ribeirão do Estado de Minas Geraes, banha a colonia Nova Badem e desagua no ribeirão do Mello.

AÇUDE. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha o dist. de Santa Quiteria e desagua na margem esq. do ribeirão Grande, depois Cachoeira.

AÇUDINHO. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. do Limoeiro.

AÇUDINHO. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do riacho Topada, trib. do Capibaribe.

ACUPE. Compõe-se de *acú-pe*, na quentura, no quente, no logar abrasado; Bahia (Dr. Theodoro Sampaio).

ACURÚ. (Substantivo) O seixo, o calháo, torrão, cascalho. Vide Curú (Dr. Theodoro Sampaio).

ACURUHY. Composto de *acurú-y*, rio dos calháos ou dos seixos. (Dr. Theodoro Sampaio).

ACURUPIRA. Ribeirão do Estado de Matto Grosso, banha o mun. do Rosario e desagua no rio Paraguay.

ACUTI. (Substantivo) O animal roedor, vulgo *cutia* (Dasyprocta).

ADALBERTO FERRAZ. Nucleo colonial na cidade de Bello Horizonte, capital do Estado de Minas Geraes. Tem 27 lotes com uma área de 155 hects. 70.00. Em 1901 a pop. nelle existente era de 54 individuos.

ADÃO. Morro no dist. da Penha, mun. do Caeté e Estado de Minas Geraes.

ADELAIDE. Nucleo colonial do Estado do Paraná, no mun. de Conchas, á margem do rio Tibagy.

ADUHAN. Ilha e furo do Estado do Amazonas, no mun. da Labrea.

AFERIDOR. Passo no rio Uruguay, mun. de Uruguayana e Estado do Rio G. do Sul. Dá communicação com a Republica Argentina.

AFFLICTOS. Arrabalde no dist. da Graça, mun. da capital do Estado de Pernambuco. Possue uma capella. E' servido pela linha ferrea urbana, denominada do Caxangá, a qual tem ahi uma estação entre as do Espinheiro e Rosarinho e distante 3.325 m. da estação inicial.

AFFONSO PENNA. Nucleo colonial na cidade de Bello Horizonte, capital do Estado de Minas Geraes. Abrange a área de 593 hects. 44.34 sendo 354 hects. 2.176 de terrenos de cultura e 239 hects. 2.258 de campos. Tem uma pop. de 198 almas (1901). Cultura de milho, feijão e batatas inglezas. As terras são muito ferteis e bem regadas.

AFFONSOS. Morro no mun. de Palmyra e Estado de Minas Geraes.

AFOGADOS. Dist. de Pernambuco. Accrescente-se no fim: — O Sr. Sebastião de Vasconcello Galvão, no seu *Dicc. Chor. Hist.* e *Estatistico de Pernambuco* (1897), diz: « O lado meridional da ilha, cujo territorio actualmente contém as duas fregs. de Santo Antonio e S. José, hoje pertencente á ultima destas, e occupado pela rua que lhe chamamos Oitenta e Nove e dantes Imperial e primeiro Aterro dos Afogados, foi um grande tremedal coberto de mangues que, na occasião das marés, difficultava inteiramente a passagem dos que vinham do interior ou dos que para elle iam, acontecendo por isso perecerem muitas pessôas que tentavam vencer o obstaculo e não queriam esperar que a maré vazasse. D' ahi adveio o nome de *Afogados* ao local e ao territorio em que se vê a pov., presentemente ainda assim denominada. Em 1737 a 1746 o capitão-general Henrique Luiz Vieira Freire, Governador de Pernambuco, para facilitar a communicação, mandou fazer um aterro que, começando do ponto em que se tinha erguido a fortaleza de Frederico Henriques, conhecida hoje por Cinco Pontas, ia até onde se vê a ponte dos Afogados, que liga o bairro de S. José á pov. daquelle nome, e fez construir no sitio em que está a referida ponte, uma de madeira para a ligação do aterro, obviando deste modo a difficuldade existente. Pero Lopes de Sousa, em seu *Diario de Navegação*, refere que, em 17 de Fevereiro de 1631, sete homens da nau capitanea afogaram-se na barra do Recife, por isso o Visconde de Porto Seguro diz que talvez tal denominação viesse assignalar a altura da paragem em que o acontecimento se deu. Aquelle illustre escriptor não tem razão nessa parte, pois antes da dominação hollandeza, o local era conhecido pelo nome de Afogados. Em 1633, os hollandezes, commandados pelo coronel Lourenço Reibach atacam e tomam de assalto o posto do passo dos Afogados, situação importante que os nossos se tinham descuidado de fortificar conveniente mente. Apezar do reforço que mandou Mathias de Albuquerque o investe o inimigo com tão grande força e impeto que consegue occupal-o. Foi de pessima consequencia para os nossos essa perda. O inimigo construiu um forte abaluartado, de quatro faces, artilhado com doze peças, e a que deu depois o nome de *Principe Guilherme*, ficando desde logo o arraial exposto a ser flanqueado e privado dos recursos que lhe vinham dos moradores da Varzea. Em 1646, a 22 de janeiro, tentam de novo os hollandezes erguer um reducto nos Afogados, havendo entretanto já sido rechassados pelos nossos na primeira tentativa que fizeram para se apoderar do Recife. Levariam, porém, desta vez a melhor, apezar de acudir com a força que commandava o valente cabo dos homens pretos, Henrique Dias, si no fim de uma renhida pele ja de quatro horas não corresse em soccorro João Fernandes Vieira; com este reforço avançam os pernambucanos com tal denodo sobre os invazores que estes desanimam e desistem da empreza....

Pode ser calculada em 23.000 almas a pop. de toda a freg., contendo a séde uns 8.000 habs... *Topographia.* A 4 ½ kils. do centro da cidade do Recife, contados do Arco de Santo Antonio, no extremo sul do bairro de S. José, com que se liga pela ponte dos Afogados, está situada a pov. deste nome, sobre terreno plano, entre os rios Capibaribe e Tigipió, cortada pelas vias ferreas Central de Pernambuco e Ingleza do S. Francisco, com uma estação no kil. 2.768 m. das Cinco Pontas e servida tambem por uma linha de bonds... E' bastante crescida e illuminada a gaz carbonico... Forma a pov. em seu começo, logo depois de transposta a ponte dos Afogados, uma vasta praça triangular, no fundo da qual ostenta-se a Matriz, fundada como simples capellinha em 1745... » Tem mais as egrejas de S. Miguel, a do Rozario e as ruinas da do Paraizo. Pertencem ao dist. as ilhas do Pina, Nogueira, Maruim, Anna Bezerra e Retiro. O mar banha o dist. pelo lado oriental e seu territorio é regado pelos rios Capibaribe, Tigipió, Pacheco, Giquiá, Vermelho e Jordão.

AGONIA. Riacho do Estado de Pernambuco, no mun. de Gravatá.

AGOSTINHO. Ribeirão do Estado de São Paulo, affl. do Larangeiras, que o é do Juquiá.

AGOSTINHO (Santo). Rio de São Paulo (no I Vol.). Accrescente-se no fim: Desagua na margem dir. do rio Atibaia, entre os muns. de Atibaia, Itatiba e Bragança.

AGRESTE. Monte do Estado de Pernambuco, no S. do mun. de Caranhuns e na cordilheira do Cavaco, que se estende pelos muns. da Pedra e S. Bento.

AGUA. Riacho do Estado da Bahia, banha o mun. de Queimadas desagua no Itapecurú.

AGUA AZUL. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Timbaúba.

AGUA BAIXA. Ribeirão do Estado de São Paulo, banha o mun. de Mogy das Cruzes e desagua na margem esq. do rio Tieté, entre a foz do Jundiahy e a do Matadouro.

AGUA BAIXA. Ribeirão do Estado de São Paulo, banha o mun. de Mogy das Cruzes e desagua na margem esq. do rio Tieté. E' atravessado pela E. de F. Central do Brasil.

AGUA BRANCA. Rio do Estado de São. Paulo, affl. esq. do Tieté, no mun. da capital.

AGUA BRANCA. Rio do Estado de São Paulo, affl. esq. do Sarapuhy; entre os muns. de Tatuhy e de Campo Largo de Sorocaba.

AGUA BRANCA. Ribeirão do Estado de São Paulo, aff. dir. do ribeirão Onça no mun. do Ribeirão Preto.

AGUA BRANCA. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do Lageado, no mun. do Rio Novo. E' um corrego que corta a cidade, mas ahi está canalisado (Dr. João Mendes).

AGUA BRANCA. Log. da Bahia, no termo do Prado (No Supplemento do 3º vol.). Acrescente-se no fim: O dist., ahi creado pela Lei n. 276, de 27 de agosto de 1898, foi supprimido pela de n. 428 de 22 de agosto de 1901.

AGUA BRANCA. Rio da Bahia, no mun. do Campo Formoso. Accrescente-se no fim: Desagua no Aipim, trib. do Itapecurú. Recebe o Missão que nelle vai desaguar com o nome de Puba.

AGUA BRANCA. Riacho do Estado de Pernambuco, corre no mun. da Victoria e desagua no riacho Tapacurá.

AGUA CLARA. Bairro no dist. de Santa Rita da Extrema, no Estado de Minas Geraes.

AGUA COMPRIDA. Pov. do Estado do Paraná, no mun. da Palmeira.

AGUA COMPRIDA. Riacho do Estado de Pernambuco, corre no mun. de Bezerros e desagua no rio Ipojuca.

AGUA COMPRIDA. Riacho do Estado de Pernambuco, corre pelo mun. da Gamelleira e desagua na margem esq. do rio Serinhaem.

AGUA COMPRIDA. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Jundiahy-mirim; no mun. de Jundiahy.

AGUA COMPRIDA. Rio do Estado de São Paulo,, affl. da margem esq. do Sapucahy; no mun. de Santo Antonio da Alegria.

AGUA COMPRIDA. Rio do Estado de São Paulo, affl; da margem dir. do ribeirão Jacarehy, no mun. de Bragança.

AGUADA. Morro no mun. de Palmyra e Estado de Minas Geraes.

AGUADA. Corrego do Estado de Minas Geraes, nas divisas do mun. de Entre Rios. Corre para o rio Pará.

AGUA DAS PEDRAS. Corrego do Estado de São Paulo; desagua na margem esq. do rio Jacú, affl. do Santo, Ignacio, que o é do Paranápanema.

AGUADINHA. Corrego do Estado de Minas Geraes; vem dos Mellos e desagua no rio Carandahy; nas divisas do mun. de Prados.

AGUA DO BICHO. Riacho do Estado de Pernambuco, corre no mun. de Goyana e desagua no rio Capibaribe-mirim.

AGUA DO CERNE. Corrego do Estado de São Paulo; affl. da margem esq. do rio Jacú, trib. do Santo Ignacio, que o é do Paranápanema.

AGUA ESPRAIADA. Corrego do Estado de São Paulo; desagua proximo a foz do ribeirão da Vargem Grande no rio Sorocá-mirim. E' tambem denominado Cachoeira.

AGUA FRIA. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. da Bôa Vista do Rio Branco. Vai para o rio Uraricoera.

AGUA FRIA. Corrego do Estado do Rio de Janeiro; desagua no ribeirão da Sacra Familia perto da estação de Mendes. Fica a margem da E. de F. Central do Brazil.

AGUA FRIA Corrego do Estado de São Paulo, affl. do rio Sete Fogões, que o é do rio Tieté.

AGUA FRIA. Log. de Pernambuco, no mun. de Olinda. Accrescente-se no fim: Possue uma estação da via-ferrea de Olinda no Ramal do Beberibe, no kil. 5,172m do Recife, entre as estações do Fundão e Estrada Nova . Perto passa-lhe o rio Beberibe. Em 1630, nesse local, os hollandezes que tinham emprehendido o ataque do arraial do Bom Jesus foram destroçados por Mathias de Albuquerque.

AGUA FRIA. Pov. de Pernambuco, no mun. da Pesqueira. Accrescente-se no fim: Fica á margem esq. do rio Ipojuca e tem uma capellinha do Senhor Bom Jesus dos Pobres Afflictos. Foi fundada em 1840 por João Alves Leite.

AGUA LIMPA. Pov. no mun. de Bom Fim e Estado de Minas Geraes.

AGUA LIMPA. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. de Corumbá, á margem dir. do rio Taquary.

AGUA LIMPA Corrego do Estado de Matto Grosso, affl. da margem dir. do rio Paranatinga, no mun. do Diamantino.

AGUA MORTA. Log. do Estado da Bahia, no termo de Ilhéos.

AGUAPÉ. Accrescente-se no fim: O Dr. Theodoro Sampaio, no seu importante trabalho — *O tupi na geographia nacional* diz: "*Aguapé*, corrupção de *guapé*, como ainda em 1805 escrevia Martim Francisco em sua *Viagem Mineralogica*, é identico a *guapeba* ou *guapeva*, como agora se diz. M. Soares bem interpretou, traduzindo *aguá-pé*, redondo e chato, alludindo á folha redonda, grossa e plana das nymphéas, que cobrem alguns dos nossos rios e lagôas. *Aguá* = *guá*, redondo, circular, curvo; *pé* contracção de *peba*, chato, plano, nivelado".

AGUAPEHY. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do Una da Aldêa; no mun. de Iguape. *Aguapehy*. vocabulo tupi composto de *aguapé-y*, rio dos guapés ou nymphéas. Vide *Aguapé*.

AGUA PODRE. Riacho do Estado de Pernambuco, no mun. de Petrolina.

AGUA PRETA. Estação da E. de F. do S. Francisco, no Estado de Pernambuco no kil. 113,610m do Recife, entre ás estações de Cuyambuca e Una, junta ao pov. Preguiças. Foi aberta ao trafego em 3 de novembro de 1862. Deve seu nome a ter sido situada defronte da estrada que vai ao log. Agua Preta, sendo a existencia do pov. Preguiça posterior á abertura da estação.

AGUA PRETA. Serra do Estado do Ceará, nas divisas dos muns. de Pacatuba e Silva Jardim.

AGUA PRETA. Riacho do Estado de Pernambuco, nasce nas divisas do Piauhy com esse Estado, no mun. de Ouricory, e desagua no rio da Garça.

AGUA PRETA. Corrego do Estado do Rio de Janeiro; desagua na margem dir. do rio Parahyba do Sul quatro kils. acima da villa de Itaocara.

AGUA PRETA. Cidade de Pernambuco. Accrescente-se no fim: O Sr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, no seu *Dicc. Chorog. Hist.* e *Est. de Pernambuco* (1897) diz: "HISTORICO. O terreno que hoje constitue o mun. de Agua Preta, no começo deste seculo, fazia parte da freg. de Serinhaem. Foi creada parochia por Alvará de 16 de Junho de 1812, sendo seu primeiro vigario o Padre Sebastião Peixoto Guimarães. Erecta villa pela Lei n. 156 de 31 de março de 1846, a de n. 314 de 13 de maio de 1853 extinguiu-a para incorpora-la ao termo de Barreiros, restabelecendo-a depois a Lei n. 460 de 2 de maio de 1859. Havendo sido ligada á com. do Rio Formoso, a Lei n. 520 de 13 de maio de 1862 desligou-a para, junto com a freg. de S. José de Barreiros, constituirem uma nova com. com a denominação de Palmares. Pela Lei n. 1.093 de 24 de maio de 1873 foi transferida a séde do mun. e com. para a pov. dos Montes, que foi elevada á categoria de villa com a denominação de Palmares. Restaurados seus fóros, de villa pela Lei n. 1.405 de 12 de maio de 1879, installou-se a respetiva Camara Municipal em 28 de outubro do mesmo anno. Elevada á com. com a denominação de Agua Preta pela Lei n. 1.805 de 13 de junho de 1884, sómente em 11 de janeiro de 1890 foi installada. De accordo com a Constituição do Estado e a Lei n. 52 de 3 de agosto de 1892 constituiu-se mun. autonomo em 21 de março de 1893. A lei n. 130 de 3 de junho de 1895 elevou-a á cidade. Na historia patria Agua Preta figura como um dos pontos por onde passou a revolução praeira de 1848. Os revoltosos, que tinham pernoitado no engenho Araticum, do mun. de Barreiros, chegando ao da Cachoeira, em 26 de outubro de 1848, bateram uma força encontrada ahi, de paisanos governistas. A força de Cocal, commandada pelo Coronel Paulo de Amorim Salgado, seguiu pelo norte do rio Una tiroteando aqui e alli, nos logares mais estreitos do rio em que se descobria os revoltosos que seguiam estrada acima. Chegando elles ao engenho Barra, Sebastião Alves da Silva passou o rio com um piquete e fez retroceder a tropa governista, que contava seu chefe no numero dos feridos. A's oito horas da noite desse mesmo dia os revoltosos entraram em Agua Preta. Em 23 de dezembro teve logar o ataque de Almecga... O nome primitivo não era Agua Preta, e sim Rio Preto, porque o primeiro pov. se fez a 500 metros do actual e junto daquelle rio, que deve sua denominação ao facto de, em muitos pontos, conservar as aguas bastante escuras; do que veio a transformação do nome do pov. do Rio Preto para Agua Preta.— POSIÇÃO ASTRONOMICA Fica a 8° 12'15" de Lat. S. e a 7° 46'50" de Long. E. do Rio de Janeiro. — ASPECTO E NATUREZA DO SOLO. O mun. é ligeiramente accidentado, e o terreno regado de rios perennes; é coberto em muitos pontos de mattas densas; muito fresco e fertil — CLIMA E SALUBRIDADE. O clima é frio e carregado de humidade no inverno; ameno e agradavel no verão, Setembro e Março. Frequentes casos de febres palustres apparecem pelos meses de maio a julho, principalmente nos logares marginaes dos rios Una e Pirangysinho. Sem se conhecer ainda a causa dos repetidos casos de loucura, manifestados na localidade, raro é o anno em que não ha a contar dous a quatro loucos.— POPULAÇÃO.— E' calculada a pop. em 25.000 habs. — LIMITES. Confina a E. com o mun. de Barreiros pelo rio Una desde o engenho Limeira até á foz do rio Jacuhipe e por este acima até á foz do riacho

João Mulato, no engenho Santa Cruz, e com o mun. do Rio Formoso pelos engenhos Limeira, Paraná, Mauricea., Canôa Grande, Sant'Anna, José da Costa, Limoeiro e Pereirinha, sendo esses engenhos do mun. de Agua Preta; ao N. com Gamelleira pelos limites das terras dos engenhos Varzea Grande, Pau Sangue, João Gomes, Brejo e Cachoeira Grande, que pertencem á Gamelleira; ao NO. com o mun. do Bonito pelo rio Serinhaem; a O. com o mun. de Palmares das terras da propriedade de Furada, na margem dir. do rio Serinhaem, ás terras dos engenhos S. José do Espalhado, Esperança, Liberal, Magestoso, Poço d'Antas, Brasileiro, Cuyaná, Gravatá, Solidão, Cachoeira-d'Antas, Venus, Santo Antonio, Reflexão, Montepio, Milão, Trempe, Recurso, e terras do patrimonio do Concelho Municipal; e ao S. com o Estado de Alagoas pelo rio Jacuhipe.— EXTENSÃO. A extensão do mun. é approximadamente de 80 kils. de comprido sobre 30 de largura.— TOPOGRAPHIA. A cidade está situada sobre uma bella planicie, á margem esq. do rio Una, que passa-lhe a um kil. de distancia; tem 452 casas de regular edificação, comprehendendo uma pop. provavel de uns 3.000 habs., nella existe uma bella Matriz, sob a invocação de N S. do Rozario, na torre da qual, em 1891, por offerta do francez Armando Pedro Luiz Mossy, foi collocado um relogio; possue tambem um bom cemiterio, construido por Frei Sebastião de Messina e aberto em 12 de Janeiro de 1854, com uma capela de N. S. da Penha; cadeia em boas condições, edificio regular do Paço Municipal, escs. publs., agencia do correio e varios estabelecimentos commerciaes. Consta a cidade das ruas seguintes: Paulino Camara, David Madeira e Silveira Lessa, denominadas outr'ora — da Feira, Barra da Lama e Giquiá. Fica a 14 kils. da cidade de Palmares e 125 do Recife, distando da costa 60 e de Barreiros 54.— POVOADOS. Campos Frios, Sertãosinho, Aurora (outr'ora Chechéo), á margem da estrada que vai para a colonia Soccorro e a 18 kils. da cidade; Cuyambuca, á margem da linha ferrea; e Prato Grande.— CAPELLAS: S. José da Agonia, no pov. Aurora; S. Francisco de Assis, no pov. Sertãosinho; N. S. da Conceição, no pov. Campos Frios; e as dos engenhos: S. João, no engenho do mesmo nome; Sant'Anna no de Pirangy, Sacramento no engenho do mesmo nome.— OROGRAPHIA. No mun. não existem serras dignas de menção, nem com denominação especial; entretanto, torna-se notavel a montanha designada com o nome de Cajual, que é sulphurosa, devido a certos phenomenos que parecem indicar possibilidade para alguma erupção vulcanica, sendo por isso objecto de uma infinidade de lendas, creadas pelo vulgo para explicar aquelles phenomenos.— HYDROGRAPHIA. Os principaes rios, que correm no mun., são: o Una, Preto, Pirangysinho, Serinhaem e os riachos do Padre, das Pedras, Marayal e Carito.— COMMERCIO E AGRICULTURA. O commercio consta de armazens de assucar, varios estabelecimentos commerciaes e de uma feira animada que se reune uma vez por semana. A agricultura consiste no plantio de cereaes e da canna de assucar, possuindo varios engenhos e em terras do engenho Cuyambuca uma das fabricas centraes da antiga companhia *The Sugar Factories of Brasil*. VIAS DE COMMUNICAÇÃO. Tem communicação com a capital pela via ferrea do São Francisco, por intermedio da estação denominada Agua Preta, no pov. Preguiças, do qual dista 12 kils. de bom caminho; e com a cidade de Palmares pela mesma via-ferrea ou á cavallo, por máos caminhos. »

AGUA SANTA. Corrego do Estado de Minas Geraes; faz barra com o ribeirão dos Campos Geraes. Limita o mun. de Prados.

AGUARÁ. (Substantivo) Nome de uma ave aquatica, a garça vermelha, a *Ibis rubra*, tambem chamada *Guará*. Tambem designa confusamente um cão silvestre do Brasil. *Canis jubatus*. Desm. Azarae, *Canis vetulus* Lund. Deve-se antes dizer *aguára* para designar o cachorro do matto. (Dr. Theodoro Sampaio).

AGUAS BELLAS. Villa de Pernambuco. Accrescente-se no fim: Do *Dicc. Chor. Hist. e Est. de Pernambuco* do Sr. Sebastião de Vasconcellos, Galvão. Recife 1897, extrahimos o seguinte: « HISTORIA E FUNDAÇÃO. Segundo a tradição local existente, o sitio occupado actualmente pela villa de Aguas Bellas, era habitado pela tribu indigena denominada *Tupinikins*. Outra tribu denominada *Carijós*, depois de forte e porfiada lucta com aquella, conseguio, afinal, expulsal-a do aldeamento, conhecido então por Lagôa, nome devido a uma grande lagôa que alli havia. Em 1700, mais ou menos, appareceu em aquellas paragens um homem branco, valoroso, chamado João Rodrigues Cardoso, que mettendo-se no aldeamento, sob o perigo de ser victima dos indios bravios, procurou fazer a catechese dos mesmos. Principiam desde logo os fundamentos da pov., que foi crescendo progressivamente com os parentes de Rodrigues e mais outras pessôas, que para alli foram morar. Entretanto Rodrigues, conhecendo a necessidade de terem os indios, que se tornavam rebeldes, uma direcção por parte do Governo; e, representando a este, foi nomeado director do aldeamento Lourenço Bezerra Cavalcante, que, por sua vez e devido á sua energia, obrigou os indios a uma certa obdiencia, a ponto de tranquillisar os habitantes,. Foi este cidadão que, mudando o nome do logar de aldêa da Lagôa, deu-lhe o de *Pov. do Ypanema*, nome provindo do rio Ypanema, que passa d'alli a cinco kils. de distancia. A denominação de *Aguas Bellas* se origina do facto de que o Ouvidor Jacobina, andando em correição, e com o estomago já muito cançado de beber aguas pesadas e acres, durante a viagem, chegando a esse logar, encontrou a mais potavel e fina a desejar, pelo que dizia aos que o iam visitar: "Aguas bellas as desta pov. que chamam Ypanema, quando lhe deveriam chamar antes Aguas Bellas. Porque não a chamam assim? Aguas Bellas! ponham-lhe este nome" E foi adoptada a nova denominação insinuada pelo Ouvidor, a qual se conserva até agora. Foi creada parochia por Alvará de 26 de janeiro de 1778, sendo seu primeiro vigario o Padre José Lopes da Cunha. Incorporada ao termo de Buique pela Lei Prov. n. 337 de 12 de maio de 1854, foi pela de n. 997 de 13 de junho de 1871, elevada á categoria de villa, sendo installada em 15 de junho de 1872. Unida á com. do Bom Conselho pela Lei n. 1.057 de 7 de junho de 1872, foi creada com. pela de n. 1.399 de 12 de maio de 1879, sendo classificada de 1ª entr. pelo Dec. n. 8.192 de 9 de junho de 1881. Constituiu-se mun. autonomo em 16 de janeiro de 1893 — POSIÇÃO GEOGRAPHICA. Está a villa a 9°. 6'54" de Lat. S. e 39°3'20" de Long. Occ. do merid. de Greenw. — ASPECTO E NATUREZA DO SOLO. O solo é desegual e carrasquento no geral; mas na região occupada pela villa e adjacencias é plano. — CLIMA. O clima é secco, quente durante o dia e frio pela noite, porém muito sadio. A temperatura média de Aguas Bellas é de 26°20; a maxima 33° e a minima 18° — LIMITES. Confina ao N. com os muns. de Buique, pelos logares São Gonçalo, Baião, Anastacio e São João, com o mun. da Pedra pelo riacho Cachoeirinha, e com Garanhuns no logar Lagens; a E. com Bom Conselho pelo Poço do Cosme, Lagôa da Pindoba e Trapiá (fazenda); e ao S. e O. com o Estado de Alagôas pelas fregs. de Santa Anna do Ypanema e Matta Grande, de Paulo Affonso nos logares Barra da Tapera e Cacimba dos Negros. — DIVISÃO. A ecclesiastica consta de uma só freg., cujo orago é N. S. da Conceição de Aguas Bellas; e a administrativa se compõe de dous dists., comprehendendo o 1° a villa e a pov. denominada Mucambo, e o 2° o pov. Pau Ferro. — POPULAÇÃO. A pop. do mun. é calculada em 12.000 habs., sendo 8.000 no 1° dist. e 4.000 no 2°. — TOPOGRAPHIA. A villa está assentada á margem esq. do rio Ypanema, em uma vasta planicie, proxima da serra Communaty, que lhe fica ao N., a 426m. de altitude, comprehendendo, em sua ária, 15 ruas e cêrca de 400 casas e uma pop. provavel de uns 3.000 habs. Seus edificios mais importantes são: a Egreja Matriz, cuja primeira construcção data de 1740, sendo reedificada em 1780, e o cemiterio com uma capellinha. — POVOADOS. Pau Ferro, a 60 kils. ao N.E. com uma capella de N. S. da Conceição; Mucambo, na mesma distancia, com uma capella dedicada a São Paulo; e Manoel Alves, ao N. de Pau Ferro, com uma capella. — OROLOGIA. As serras mais notaveis são: a do Communaty, com a altura de 726m; a dos Meninos, com 700m de altura sobre o nivel do mar e 300 sobre a planicie; a de Santa Maria, com altura de 700m.; e a dos Cavallos, cuja altitude no pico denominado do Cabeço do Jacú, é de 825m.— HYDROGRAPHIA. Os principaes rios e riachos que regam-lhe o solo são: o rio Ypanema e os riachos Tapera, Garanhunsinho, Gravatasinho, Ribeiro do Alto, Carcatasinho e o dos Cabaços. Existem as lagôas: do Mandacará, das Piabas, do Peró e a Sécca. — PRODUCÇÕES. O terreno do mun. é fertil e produz com abundancia cereaes e algodão; ha a agricultura e a criação suas principaes fontes de riqueza, sendo na parte S. do mun., onde a criação de toda especie de gado produz vantajosamente, e na zona meridional, especialmente agri-

cola, cultivando-se nella a canna, café, milho, feijão, mandioca, fumo, etc. Possue perto de 70 fazendas de gado, um engenho para a fabricação do assucar, denominado *Antas*, e 30 e tantas engenhocas de rapadura e aguardente, —CURIOSIDADES. Nas terras da fazenda Cacimba Cercada no logar denominado Pedra Pintada, 60 kils. distante da villa existem, em rochedos elevados e em massiços de gneiss de decomposição, inscripções feitas com instrumentos desconhecidos, parecendo, entretanto, de pedra, coloridas de vermelho escuro em uns pontos e em outros de pardo. Acredita-se no local que taes inscripções são indicativas de um thezouro occulto nas cercanias, e essa crença já levou um antigo proprietario d'alli a realisar, infructiferamente, trabalhosas pesquizas para descobril-o. O Dr. João Carlos Branner, douto professor da Universidade Indiana, segundo refere a *Rev. do Inst. Archeologico e Geogr. Pernambucano*, teve ocasião de verificar aquella curiosidade, mas deduz elle ser possivel que taes *desenhos se refiram ao supprimento d'agua, tão incerta nessas regiões de grandes seccas*, ou sirvam de registro nas estações, ou indiquem um voto ou supplica aos poderes distribuidores da chuva, pois aquellas inscripções se acham sempre em paragens proximas d'agua ou de algum logar, onde é provavel que ella se encontre, quando não é muito rigoroso o verão; que, finalmente, a agua esteja nesses logares, por ser ahi que viviam naturalmente os primitivos habitantes do paiz. —INDUSTRIA E COMMERCIO. A villa conta seis magnificos cortumes, geralmente bem reputados pela excellencia dos productos. Os indios fabricam balaios, esteiras, cordas, chapéos e outros objectos da palha do catolé e das fibras do caroá. Possue um commercio regular, officinas de calçado de sellins, de ferreiro, serrarias e olarias. — DISTANCIAS E VIAS DE COMMUNICAÇÃO. Dista da capital 364 kils. ao SO. sendo a viagem feita pela E. de F. Sul de Pernambuco, a partir da estação de Garanhuns, que lhe demora 101 kils. Fica a 200 kils. do littoral.

AGUAS CLARAS Riacho do Estado de Pernambuco; nasce na serra das Russas e correndo pelo mun. de Gravatá vai desaguar no rio Ipojuca.

AGUAS CLARAS. Riacho do Estado de Pernambuco, no mun. da Gamellcira.

AGUAS CLARAS. Dist. do mun. do Bom Fim, em Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Passou a denominar-se D. Silverio pela Lei Municipal n. 72 de 27 de julho de 1901.

AGUAS DAS PALMEIRAS. Log. do Estado do Paraná, no mun. de Thomazina.

AGUAS MORNAS. Pov. do Estado de Santa Catharina, no mun. da Palhoça; com escola.

AGUAS MORNAS. Log. do Estado do R. G. do Sul, a 24 kils. ao SO. da cidade da Cachoeira. Existe ahi um cemiterio, onde jazem os restos mortaes de um punhado de valentes *farrapos* de 1835. O cemiterio está situado á margem dir. de uma sanga, que vai desaguar no rio Jacuhy, e á esq. da estrada que vai ao Botucarahy.

AGUA SUJA. Bairro do Estado de São Paulo, no mun. de São Pedro do Turvo, com uma esc. mixta creada pela Lei n. 643 de 7 de agosto de 1899.

AGUA TORTA. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do rio Capibaribe-mirim. Tem 40 kils. de curso e desagua no logar Gamelleira. Recebe o Itambé.

AGUAS VIRTUOSAS. Dist. de Minas. Accrescente-se no fim: Foi elevado a mun. pela Lei n. 319 de 16 de Setembro de 1901 que o constituiu com os dists. de Aguas Virtuosas, como séde, de Lambary e de Conceição do Rio Verde, aquelles desmembrados do mun. da Campanha e este do de Baependy.

AGUA VERMELHA. Riacho do Estado de Pernambuco; nasce na serra do Canivete do mun. de Canhotinho, nas divisas de Pernambuco com Alagôas, atravessa o ramal da E. de F. de Glycerio á União no kil. 7, indo desaguar no rio Canhoto.

AGUDA. Bairro no dist. de Santa Rita da Extrema; no Estado de Minas Geraes.

AGUDO. Corredeira no rio Mogy-guassú, abaixo da foz do rio Pardo; no Estado de São Paulo. E' a segunda corredeira abaixo da cachoeira São Bartholomeu.

AGUDOS (Ramal dos). A 1° de julho de 1899 foi inaugurado o trafego do primeiro trecho, na extensão de 32 kils; desse ramal, que parte de Dous Corregos e desenvolve-se pela serra do Banharão, tendo por objectivo a região dos Agudos, á margem esq. do rio Tieté; no Estado de São Paulo. Foram então inauguradas as estações de Saldanha Marinho, Capim Fino, Falcão Filho e Campos Salles. Esse ramal fica na secção do Rio Claro.

AGUEDA. Igarapé do Estado do Pará, desagua no Gurupy, abaixo de Vizeu (Dr. G. Dodt). Não deve ser considerado como affl. do Gurupy, mas sim como um braço lateral cheio de agua salgada pelo fluxo e refluxo da maré.

AGULHA. Serra do Estado da Bahia, no mun. de Queimadas.

AGULHÃO. Riacho do Estado de Pernambuco; nasce na garganta do Paquevira do mun. de Canhotinho e desagua no rio Canhoto, na altura do kil. 5 do ramal da E. de F. de Pernambuco a Alagôas.

AI. Adj., contracção *aiba* e por corrupção *aiva*, que alguns escrevem *ahyba* ou *ahyva*, usado como suffixo para significar — ruim, máo, agro, azedo, insignificante, imprestavel. Como substantivo designa a *preguiça* animal da familia dos *Bradypodas*, isto é, o *Bradypus tridactylus*, o mais commum na America do Sul. Segundo Tschudi a denominação *Ai* procede do grito do animal que articula um *a* fechado muito prolongado, seguido de um *i* curto e aspirado. (Dr. Theodoro Sampaio).

AI. Adj. equivalente a *aim*, suff., crespo, enrolado, rugoso, aspero, murcho; aguçado, cortante. (Dr. Theodoro Sampaio).

ÃI. Pronunciado *de*, equivalente á *anha*, suffixo, aguçado, pontudo, em gancho, encurvado (Dr. Theodoro Sampaio).

AIBA. Vide *Ai*, adjectivo.

AIERA. Composto de *ai-uêra*, preguiça ladina ou esperta, é a mesma *irára* ou papamel (*Galictis barbara*) (Dr. Theodoro Sampaio).

AIMIRIM. Composto de *ai-mirim*, preguiça pequena (*Bradypus didactylus*). Dr. Theodoro Sampaio.

AIPIM. Rio da Bahia, no mun. do Campo Formoso. Accrescente-se no fim: Desagua no Itapecurú. Recebe o Agua Branca.

AIPIXUNA. Composto de *ai-pixuna*, a preguiça escura (*Bradypus torquatus*). Dr. Theodoro Sampaio.

AJUÁ. Serra do Estado de São Paulo, entre Juquery e a Capital.

AJUDANTE. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. da margem esq. do rio Amaragy, no mun. deste nome.

AJUDANTE. Corrego do Estado de São Paulo; desagua na margem dir. do rio Tieté, proximo ao salto de Itu e abaixo da foz do rio Jundiahy.

AJURA. Substantivo o pescoço, o collo, o gargalo (Dr. Theodoro Sampaio).

AJURÚ. Composto de *ajur-ũ*, pescoço escuro, nome de uma casta de papagaios (*Psittacus*); altera-se ás vezes para *agerú* e *gerú* (Dr. Theodoro Sampaio). Macedo Soares interpretou *a*, gente; *jurú*, boca, boca de gente ou fala de gente.

AJURUJUBA. Compõe-se de *ajurú-yuba*, o papagaio amarello. Segundo os viajantes antigos, assim se appellidavam entre o gentio os francezes e allemães por trazerem barbas ruivas, isto é, *a-ju-rú-yuba*, litteralmente, gente de boca amarella ou de barba ruiva (Dr. Theodoro Sampaio. *Obr. cit.*)

ALAGADIÇO. Arraial do termo de Itabaiana, no Estado de Sergipe. (*Almanak Sergipano.* 1901).

ALAGADIÇO. Corrego do Estado de Goyaz, affl. do rio Canna-brava, no mun. do Peixe. Reune-se com o corrego Ferrugem.

ALAGADO. Log. do Estado de Pernambuco, no dist: de São Caetano da Raposa.

ALAGADO PATOS. Log. do Estado do Paraná, no mun. de Imbituva.

ALAGADOS. Arraial do Estado de Sergipe, no termo de Pacatuba (*Almanak Sergipano.* 1901).

ALAGÔA. Corrego do Estado de São Paulo, banha o mun. de Monte Alto e desagua no ribeirão São Domingos, affl. do rio Turvo.

ALAGÔA. Rio de São Paulo. Accrescente-se no fim: O Dr. J. Mendes, em seu *Dicc.*, diz: "Rio pequeno que, originado de pequenas cachoeiras, nos contrafortes da serra maritima, forma-se de todas essas aguas nas varzea, e, desde logo, abre-se em lagôa, para depois estreitar-se até tres metros e assim desaguar no oceano, na praia *Ytá-cuá;* mun. de Ubatuba. *Alagôa* parece, portanto, a traducção do nome tupi; e nada mais. O rio, com effeito, é somente a propria lagôa. Com o nome *Lagôa*, e nas mesmas condições physicas deste rio, ha outro no mun. de Caraguatatuba. O nome tupi é desconhecido".

ALAGÔA DA PEDRA. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Bom Conselho.

ALAGÔA DE BAIXO. Villa de Pernambuco. Accrescente-se no fim: O Sr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, no seu *Dicc.* assim descreve essa villa: "HISTORICO. Primitivamente, a actual villa de Alagôa de Baixo foi uma fazenda de criação pertencente a Antão Alves de Souza, que a houve por compra de um terreno de sesmaria, em 1872. Nessa fazenda, junto de sua residencia (cujo edificio serve hoje de Paço Municipal) elle erigiu uma capella sob a invocação de N. S. da Conceição, em 1810, a qual, depois de concluida, o edificador concedeu meia legua quadrada de terreno para patrimonio. Pouco a pouco, pessôas da familia de Antão e, mais tarde outras vindas de logares differentes, iniciaram o povoamento do local. Foi erecta freg. pela Lei Prov. n. 93 de 4 de maio de 1842; incorporada ao termo de Cimbres e com. do Brejo pela de n. 111 de 2 de março de 1843; transferida sua séde para a capella filial de Giritacó pela de n. 444 de 2 de junho de 1858, sendo restaurada pela de n. 639 de 3 de junho de 1865; elevada á villa pela de n. 1.093 de 24 de maio de 1873, foi installada em 29 de Abril de 1878. Em 1881 teve fôro civil. Por Acto do Governador do Estado de 10 de junho de 1890, foi separada da com. de Cimbres e classificada com. de 1ª entr., sendo provida por Dec. n. 578 de 18 de junho de 1890, e tendo como seu primeiro juiz de direito, que a installou, o Dr. Alvaro Barbalho Uchôa Cavalcanti. Em virtude do art. 87 da Constituição do Estado e Lei n. 52 de 3 de agosto de 1892, constituiu-se mun. autonomo em 23 de junho de 1893. — ORIGEM DE SUA DENOMINAÇÃO. Outr'ora existiu junto á villa uma lagôa e a um kil. acima desta, outra que ainda existe, ambas formadas pelo rio Moxotó e á margem dir. do mesmo, as quaes, por sua situação, se conheciam por *Lagôa de Baixo e de Cima*, ou, usando da protese, *alagôa* de baixo, modo de dizer muito commum na voz popular. Neste facto assentava o nome da fazenda que constituiu, mais tarde, um nucleo de população —POSIÇÃO ASTRONOMICA. Fica situada a 5°42'15" de Lat. S. e a 8° 20' de Long. E. do Rio.—DIMENSÕES DO TERRITORIO. De nascente a poente 84 kils. e de N. a S. 72. — ASPECTO E NATUREZA DO SOLO. O solo é formado pela desaggregação de rochas (saibro), bastante pedregosa e cheio, aqui e alli, de blocos de granito; é ondulado de diversas elevações e mais erguido na parte septentrional do mun. — CLIMA E SALUBRIDADE. Clima ameno, secco; temperatura branda, cuja média observada tem sido 25°, sendo raro ver-se, na epocha mais quente, o thermometro accusar 34°. E' geralmente salubre o mun. —LIMITES. Ao N. com o mun. de Afogados de Ingazeira pela serra Jabitacá e o logar Queimadas, e com o de Flores pela serra do Prateado; ao O. com o ultimo mun. pelas serras da Torre, das Letras, Sitio e Brejinho; ao S. com o mun. de Tacaratù pela separação das aguas que correm para o rio Moxotó, e com o de Buique, desde o logar Poço da Cruz á foz do riacho do Mel, no rio Moxotó, e por elle acima até á fazenda Itapecurú, e com o de Cimbres pela separação das aguas dos rios Ypanema e Moxotó; a E. com o mun. de Cimbres pelo sitio Cacimbinha; e ao NE. pelas serras Itapecurú e do Páu d'Arco e com o Estado do Parahyba pela separação das aguas dos rios Moxotó e Parahyba do Norte daquelle Estado. — DIVISÃO. O territorio contem uma freg., cujo orago é N. S. da Conceição; e dous dists.; o da villa e o de Quitémbú. — POPULAÇÃO. A pop. total é estimada em 9.000 habs. — TOPOGRAPHIA. A villa, situada a 580m de altura sobre o nivel do mar, á margem esq. do rio Moxotó, sobre uma elevação, compõe-se de uma só rua, na direcção N E. a O., larga, contendo 90 casas construida de tijolos e cobertas de telhas e abrigando uma pop. de 500 habs; pouco mais ou menos. Além da séde, existem no mun. as povs, de Quitimbú, Cupety, Samambaia e Geritacó. — OROGRAPHIA. As principaes serras do mun. são: a de Jabitacá, que se ramifica pelo mun. de Ingazeira com o nome de Carapuça e outros; do Prateado, da Torre, das Lettras, do Brejinho, nos limites com o mun. de Flôres; do *Itapicurú* e do Páu d'Arco, nas divisas com o mun. de Cimbres e outras menos importantes. — HYDROGRAPHIA. O principal rio do mun. é o Moxotó, que nasce na serra de Jabitacá; são, porem, de pouca importancia os demais que tem como affls. o do Mel, o Pinta, o da Custodia e o Barriguda. — PRODUCÇÕES. O terreno produz, em tempos regulares cereaes; mandioca, algodão, fumo, milho, feijão, etc. E' optimo para a criação do gado e possue mais de 150 fazendas de criar. Exporta grande quantidade de bois, cavallos, burros, cabras, carneiros, etc. —CURIOSIDADES. Em algumas serras do mun., entre as quaes as de Jabitacá e da Velha Chica, existem hyerogliphos, inscripções, caracteres cuneiformes, gravados e pintados com tinta indelevel, cuja origem é inteiramente desconhecida. —VIAS DE COMMUNICAÇÃO. A villa fica a 110 kils. da cidade da Pesqueira, a 280 ao S. O. do Brejo da Madre de Deus e a 486 ao O. do Recife, para onde a viagem é feita ou pela via-ferrea Sul de Pernambuco, estação de Garanhuns; ou pela do Limoeiro, estação do mesmo nome, da qual dista 403 kils.; ou ainda pela Central, estação de S. Caetano, da qual fica a 323 kils."

ALAGÔA DOS CAVALLOS. Pov. do Estado de Pernambuco, no mun. do Exú, com uma capellinha dedicada a N. S. da Conceição.

ALAGÔA GRANDE. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. da Leopoldina. Compõe-se de algumas fazendas de criação.

ALAGÔA GRANDE. No Parahyba do Norte. Accrescente-se no fim: Foi restaurada com. pela Lei n. 21 A de 25 de novembro de 1901.

ALAGOINHA. Log. do mun. do Buique, no Estado de Pernambuco, proximo da serra de D. Josepha e vai divisar com o Estado das Alagôas. Tambem escrevem *Lagoinha*.

ALAGOINHAS. Cidade da Bahia. Accrescente-se no fim: Ao *Jornal do Commercio* de 16 de agosto de 1902 enviei a seguinte noticia:

« Com destino á cidade de Alagoinhas, embarquei na estação da Calçada, no trem da E. de F. da Bahia ao S. Francisco.

Passei pelas estações da Plataforma, defronte de Itapagipe; Pery-Pery, bem povoada, com uma capella e as officinas da estrada; Olaria, á margem da bahia; Aratú, na bella bahia do seu nome; Mapelle, Agua Comprida, donde parte a E. de F. Centro Oeste, que vai para o arraial de Candeias, tão celebre pelas suas romarias e pela sua fonte miraculosa; Muritiba, regularmente povoada, com commercio de carvão, ces-

tinhos e chapéos de palha; Parafuso, Camassary, com abundante plantação de coqueiros; Feira Velha, com commercio de carvão, dormentes e madeiras para construcção de embarcações; Matta de S. João, na decadente villa do seu nome; Pitanga (1), á margem do rio do mesmo nome; Pojuca (pantano podre, estagnado), á margem esq. do rio do seu nome, com a residencia e onde falleceu o Conselheiro Saraiva; Fabrica Central, com uma importante usina de canna, pertencente a uma sociedade anonyma constituida por lavradores da localidade; S. Thiago (parada); Catú (bom), á margem dir. do rio do mesmo nome; Pau Lavrado (parada); Sitio Novo, com uma capella de S. José, e Alagoinhas.

A mais importante destas estações, excluindo Alagoinhas, pareceu-me ser a de Pojuca, em um dist. riquissimo; muito commercial, com uns 6.000 habs., matriz da invocação de Sant'Anna, dous trapiches de fumo, predios de gosto moderno e na villa do seu nome, que fica á margem dir. do rio Catú, affl. do Pojuca. Ao contrario do que me informáram na Bahia e do que escreveram os Srs. Durval Vieira de Aguiar e Dr. Francisco Vianna, a cidade de Alagoinhas causou-me a melhor impressão e auguro-lhe um lugar saliente entre as primeiras cidades do Estado.

Extensissima, muito maior que Santo Amaro, Alagoinhas está situada sobre um sólo pouco elevado, com suaves inclinações para os lados, a 138 metros de altura, cortada pelo rio Catú, a 122 kils. distante (pela estrada de ferro) da Capital e cercada pelos altos denominados da Monguba, do Jacaré, do Capinan, do Azevedo ou Panagil e diversos outros sem denominação especial.

Offerece soberbos pontos de vista a quem se colloca nos seus pontos mais elevados, principalmente no alto do Capinan, unico ponto donde pude observar a cidade.

A parte da cidade que fica á esq., isto é a E. forma uma pequena e disfarçada elevação até á distancia de 530 metros da pov. donde segue outra elevação menos povoada que liga a nova pov. com a de Alagoinhas Velha, e de cuja elevação avista-se, sem nenhum embaraço o horizonte na circumferencia de muitos kils. de distancia, por ser campina rasa coberta de verdejante alecrim e outros arbustos aromaticos.

A pov., a O. do lado direito do rio, está edificada desde a nascente do corrego Feiticeira até quatro kils. de distancia á margem da E. de F. da antiga Companhia Ingleza.

Suas ruas são bastante largas, muito tortuosas e pouco rectas, apenas uma (a da Camara) calçada, as demais sem calçamento e arenosas, algum tanto limpas, e com passeios largos, cimentados e em rampa para darem facil escoamento ás aguas pluviaes. São principaes as ruas Rodrigues Lima, Conselheiro Moura, Visconde de S. Lourenço, Vinte e Quatro de Maio e Conselheiro Luiz Vianna, todas com placas indicativas dos nomes por que são conhecidas.

Tem praças e largos bastante vastos, bonitos, ainda que carecedores de nivelamento. Entre elles devo salientar: a praça do Commercio, arborisada com tamarindeiros e onde tem lugar as feiras; a da Republica, que é a maior, com um cruzeiro no centro e os alicerces da matriz, que se projectou construir; a do Mercado, os largos da Federação, do Capinam, do Bonfim e da Camara, estes dous separados pelo Catú, que ahi é canalisado e tem sobre si uma ponte de alvenaria.

Os predios, em numero de 2.300 são na sua generalidade terreos, alinhados em certas ruas, sem alinhamento em outras, muitos de feição moderna e outros muito velhos e damnificados. São todos numerados.

Para o oriente da cidade fica o suburbio de Alagoinhas Velha, primitivo assento da cidade, collocado em lugar pouco elevado, separado de Alagoinhas Nova por uma depressão, por onde corre o riacho da Fonte dos Padres, que, oriundo da lagôa do mesmo nome, vai desaguar na margem esq. do Rio Catú.

Este suburbio apresenta suas casas quasi todas arruinadas e muitas deshabitadas. Tem, além da matriz, uma capella em construcção e uma fabrica de polvora movida pela agua represada da lagôa da Fonte das Pedras.

A cidade não tem agua canalisada, nem esgoto. A pop. se abastece com a agua do riacho Saguim, affl. do rio Aramary e de diversas fontes situadas nas margens do rio Catú. E' illuminada a kerozene.

(1) A menos de um kilometro dessa estação, parte um ramal ferreo que vae á uzina Pitanga, propriedade do Barão de Assú da Torre.

Nella publicam-se tres jornaes: o *Alagoinhense* que conta nove annos de existencia, o *Popular*, com sete e o *Rebate*, de recente publicação.

O commercio da cidade, que já foi um dos mais importantes do Estado, acha-se hoje graças á crise que flagella todo o paiz, paralysado e desanimado. E' representado por 160 casas de diversos generos de negocio, quatro fabricas de sabão, diversas de sellins, sete alambiques de distillar cachaça, nove trapiches de fumo, uma fabrica de licores e uma serraria a vapor.

Tem a cidade quatro pharmacias, quatro medicos, duas philarmonicas, uma sociedade beneficente e 18.000 habs.

Entre os edificios da cidade sobresahe a Camara Municipal, que não encontra rival em todo o Estado.

Inferior ao da Capital pela fachada, é-lhe superior pelas accommodações internas e pelo luxo com que estão montadas as suas salas, principalmente os salões do Jury e do Conselho Municipal.

Está pessimamente collocada em frente a uma baixada que fica completamente alagada por occasião das chuvas.

Tem quatro faces e divide-se em tres corpos, dous mais baixos nas extremidades e um de sobrado no centro.

As duas faces principaes guardam a maior symetria, tem 16 janellas nos corpos lateraes, seis no segundo pavimento e quatro e duas portas no primeiro pavimento do corpo central. Na face voltada para o largo da Camara fica um bonito jardim.

Em um dos corpos extremos funcciona o *Forum* e no outro o salão das sessões do Conselho, as secretarias da Intendencia e do Conselho e os gabinetes do Intendente e do Conselho. O salão das sessões apresenta o aspecto dos salões nobres. Tem bonitos reposteiros e cortinas é todo pintado a oleo. No tecto figuram as armas da Republica e nas paredes os retratos do Marechal Floriano, do Marechal Deodoro, dos Drs. Campos Salles e Prudente de Moraes, do Commendador Moreira Rego, fundador da cidade; dos Drs. José Gonçalves, Rodrigues Lima, Luiz Vianna, Severino Vieria e Satyro Dias, do Marechal Bittencourt e do Coronel Ignacio Bastos, actual intendente, offerecido pelos empregados da municipalidade.

O *Forum* tem na entrada a sala de audiencias, pintada a oleo, tendo no alto da porta central, que dá para o Tribunal do Jury a phrase: *Suum unique tribuere*, e nas paredes diversos medalhões com uma balança, um livro atravessado por uma penna e os dizeres, *Honeste vivere* e *Alterum non lædere*.

O salão do jury está decorado com luxo: tem no tecto o emblema da Justiça e na parede o retrato do Dr. Ezequiel de Souza Pondé.

A este salão seguem-se a sala das testemunhas e a do Juiz de Direito, esta com uma mobilia feita com madeira páo-pedra, da serra da Itiuba.

No pavimento terreo, abaixo do *Forum*, fica a cadeia.

No primeiro pavimento do corpo central funcciona a Recebedoria Municipal, e junto a ella fica a entrada para o segundo pavimento, onde existem duas grandes salas, uma destinada á bibliotheca e outra á escola complementar.

A Matriz fica situada na praça do Bomfim e muito proxima do rio Catú, em cuja margem dir. se ergue.

E' um templo muito modesto. Sua fachada tem alguma cousa de gothico. Tem uma só torre.

Tem a capella-mór com um altar de Santo Antonio e dous pulpitos. E' formada por quatro grandes arcadas, que a separam de dous corredores lateraes.

No corpo da egreja ficam dous altares: o do Sagrado Coração de Jesus e o de Nossa Senhora da Conceição e entre elles a sepultura do Commendador José Moreira de Carvalho Rego.

O Mercado fica na praça do seu nome. Está em reparos de embellezamento, asseio e confortabilidade. E' espaçoso e solidamente construido e tem a fórma de um quadrilatero.

Na parte occidental da cidade e della distante um kil. fica o hospital de variolosos.

A cidade tem, além de quatro collegios particulares, mais seis escs. municipaes e duas estaduaes.

Nella termina a E. de F. da Bahia a Alagoinhas e começam o ramal do Timbó e o Prolongamento que vai de Alagoinhas ao Joaseiro.

O mun. confina com Entre-Rios, Inhambupe, Serrinha, Irará, Santo Amaro, Catú e Matta de S. João.

Comprehende os seguintes dists.: Cidade, Alagoinhas Velha, Riacho da Guia, Araçás, Igreja Nova e Olhos d'agua; e os povoados Mangalô, Aramary e Sauhype.

Os rios que atravessam o mun. são: o Catú, que mana da serra chamada Chã, a 15 kils. ao N. da cidade, caminha de norte para o sul, banha a cidade, segue acompanhando a E. de F. da antiga Companhia Ingleza ao arraial do Sitio Novo, estação da mesma estrada, dahi á pov. da villa do Catú, outra estação, e desta a desaguar no rio Pojuca, no arraial e estação deste nome. Não é navegavel e tem como principal trib. o Aramary, que nasce ao pé da serra deste nome; corre de norte a sul, banha o arraial do Aramary e desagua a tres kils. da cidade com um curso de 22 kils. e recebendo o Prata, o Adão e o Saguim. A oeste da cidade corre o rio Camorogy, affl. do Pojuca; o Quiricó Grande, o Quiricosinho, o Piabas, o Pitanga, o Una, egualmente tribs. do Pojuca; o *Subahuma*, trib. do oceano e o Sauhype, affl. do Subahuma.

Entre o S. e o O. da cidade, a quatro kils. de distancia, existe a montanha denominada *Mangalô* ou *Mangalou*, além do rio Aramary e com frente para a cidade. Ao N. existe um pequeno morro isolado e denominado serra da Ladeira. Ao NO. a grande serra denominada da Chã, donde nasce o já citado rio Catú e outros regatos de somenos importancia.

Em frente a esta serra a denominada Jococa, que offerece uma bonita paizagem. A O. destas, isolada, a serra do Aramary, donde nasce o rio deste nome no dist. dos Olhos d'Agua, e na mesma direcção de O., no dito dist., está a serra denominada dos Frades, porque no seu cume e em torno existem pedras pretas em fórma de pyramides, que representam frades em pé e ajoelhados. A E., na distancia de oito kils., existe isolada a serra da Fortaleza, e na distancia de 18 kils. a serra Maria de Brito. Da cidade é tambem avistada a serra do Nivel, situada á margem dir. do rio Aramary.

As lagôas mais importantes que se encontram no mun. são: a Liberta, Feiticeira, Espuma, Engenho Velho, Baixão, Sauhype, Ema, da Mata, Fonte dos Padres e Cavada.

A lavoura principal consiste em fumo, mandioca e cereaes.

O nome de Alagoinhas teve sua origem de alguns pequenos lagos que existiam nas cabeceiras do riacho que depois tomou o nome de Fonte dos Padres; junto a esses lagos, na margem da estrada-geral do Piauhy para a Bahia, os comboios costumavam fazer descanso e apacentavam as boiadas, e por cuja demora alguns moradores das margens do rio Catú traziam seus generos, vendiam aos boiadeiros ou trocavam por bois a que denominavam *cachangos*. Ahi levantaram pequenas casinhas sortidas com diversos generos, constituindo uma especie de arraial, onde ergueram uma capellinha, com o orago de Santo Antonio, sob a direcção do Padre Manoel Carvalho da Cunha.

Neste interim appareceu um padre mineiro, José Rodrigues Pontes, que, por sua vida licenciosa, dirigiu-se a Roma afim de penitenciar-se, e a Portugal para egualmente obter o perdão dos seus crimes na parte judiciaria.

Em fins de 1813 para 1814 o Padre Pontes, já absolvido, conseguiu de Maria I elevar a capella de Alagoinhas á categoria de freg. por Alvará de 7 de Novembro de 1816, e elle vigario della até 1832, quando falleceu. Foi elevada á villa pela Lei Prov. n. 442 de 16 de Junho de 1852, e installada a 2 de Julho de 1853.

Chegando em 1863 a E. de F. ao lugar onde completavam os 132 kils., ahi fixou-se a estação terminal a O. e a dous kils. de Alagoinhas.

Pela affluencia de grande numero de trabalhadores foram alli levantadas diversas casinhas e para alli foi transferida a grande feira que havia em Alagoinhas aos sabbados. Desde então, como era natural, para a nova pov. affluiram muitos commerciantes, que começaram a edificar suas habitações, tomando o lugar, dentro em pouco tempo, notavel incremento.

Passando-se assim a villa de Alagoinhas para nova pov. ficou a freg. desamparada, pelo que a Lei n. 1.135 de 28 de Maio de 1871 passou sua séde para a capella da Igreja Nova, e a de n. 1.248 de 28 de Julho de 1872 creou uma nova freg. no logar da nova villa, restituindo, entretanto, a Lei de 12 de Agosto de 1881 a Alagoinhas Velha sua antiga freg.

Finalmente a Lei de 7 de Junho de 1880 elevou Alagôinhas á categoria de cidade.

Foi fundador da nova cidade o benemerito Commendador José Maria de Carvalho Rego, que edificou a Matriz, e, como Presidente da Camara, o Mercado e o edificio Municipal, que foi concluido pelo actual intendente.

ALAGOINHAS AO JOAZEIRO. Ao *Jornal do Commercio* de 25 de Julho de 1902 dirigi a seguinte communicação.

« Estava eu em Alagoinhas escrevendo as minhas impressões sobre esta cidade, quando tive a honra de receber a visita do Dr. Miguel de Teive e Argollo, que acabava de chegar da cidade da Bahia.

Já conhecia o Dr. Argollo de longa data, quando elle concorria com sua proficiencia de engenheiro emerito para enriquecer o meu Diccionario Geographico do Brasil com preciosas informações.

Em conversa, declarei a S. S. que pretendia de Alagoinhas voltar á cidade do Salvador.

Disse-me, porém, esse illustre engenheiro ser da maior conveniencia para o meu Diccionario que eu fosse até o rio S. Francisco.

Acquiesci promptamente.

No dia seguinte (16 de Junho), ao chegar á estação para tomar o trem, que ia partir ás 7 horas da manhã, ja encontrei na estação o Dr. Argollo que aguardava a minha chegada para recommendar-me ao chefe de trem e facilitar-me todos os meios de um facil embarque.

Deixei a estação de Alagoinhas, distante 122^{k},424m da capital, na altitude de 137^{m},500 e situada á pequena distancia da margem dir. do rio Catú, affl. do Pojuca.

Passei pelas estações de *Aramary*, no valle do rio do mesmo nome, trib. do Catú, a 180^{m},410 de altitude, no kil. 13,721 (de Alagoinhas), com as officinas da estrada e uma capellinha da invocação do Senhor Deus Menino; do *Entroncamento* (1) no kil. 42,070 e na altitude de 350^{m},230, em uma linda explanada; *Agua Fria*, no kil. 65,920 e na altitude de 322^{m},810, a dous kil. da antiga villa, hoje simples pov. do mesmo nome, com excellente clima e um trapiche de fumo; *Lamarão*, no kil. 85,411 e na altitude de 291^{m},143, perto de um pequeno pov. que exporta em limitada escala fumo e generos alimenticios, e *Serrinha* no kil. 110,581 e a 364^{m},960 de altitude.

Nesta estação o trem demora-se 30 minutos para que os passageiros possam almoçar.

Serrinha, como seu nome indica, fica a uns 400 metros da estação, em uma pequena collina de fraca elevação e donde se goza de um horizonte vasto e cheio de accidentes physicos da maior belleza.

Possue umas 4.000 almas, uma matriz da invocação de Santa Anna com quatro altares, construida em 1793, uma capella particular de Nossa Senhora do Amparo, um edificio regular da Intendencia, construido pelo Coronel Mariano Ribeiro, inacabado, tendo no pavimento terreo a cadêa, uma unica praça quadrada, a do Dr. Manoel Victorino, irregularmente arborisada e coberta de matto, e umas seis ruas.

A cidade, apezar de ter combustores, não é illuminada; é abastecida de agua de má qualidade, toda de açudes.

Tem uma fabrica de sabão, duas escs. regidas por professoras, uma philarmonica e um cemiterio desaceiado. Não possue um só medico, um só advogado, e nem uma *loja de barbeiro*.

O clima é magnifico.

Corre-lhe aos fundos o rio Mangueira.

O mun. conta tres povs.: Lamarão, Manga e Pedras.

A lavoura consiste em fumo, milho, feijão, mandioca, algodão, batata ingleza, pinhas e fructas de conde. Sua exportação de ovos e aves domesticas é consideravel.

Faz commercio com Tucano e Riachão de Jacuhype e é procurada por aquelles que, para recuperar a saúde, vão ás caldas do Cipó, que ficam na margem esq. do Itapecurú a 84 kils. da cidade.

Serrinha acha-se collocada sobre o planalto de um pequeno serro situado entre duas serras.

---

(1) Acham-se assentados os trilhos do ramal da Feira, em uma extensão de tres kils.

A seis kils. desta estação acha-se assentada, sobre o riacho Cattete uma bomba de dupla expansão, deitando agua para o Entroncamento de uma altura de 100 metros. A canalisação é feita em tubos de ferro zincado de seis pollegadas de diametro.

Seu aspecto offerece lindos panoramas em torno, divisando-se as cordilheiras do Tanquinho, Santa Barbara, etc., e uma grande extensão de taboleiro, que se estende até á base da serra do Irará.

Além destas serras destacam-se da cidade, em uma extensão de dous kils.; por terreno plano, um serro chamado do Fundo; e na distancia de 12 kils., approximadamente dous altos morros muito semelhantes, denominados Dous Irmãos, em redor dos quaes existem algumas fazendas de cultura e criação. As duas serras que ladeam o serro, sobre o qual está plantada a cidade, estendem-se de léste para oéste, tendo a primeira (da direita), chamada do Cruzeiro, a extensão de 12 kils., e a segunda, demoninada do Sitio, a extensão de 24. Dentre estas serras, distingue-se, na distancia de 14 kils., a oéste, a grande serra de S. Caetano, onde outr'ora se homisiou o celebre facinora José Joaquim de Almeida, por alcunha José Joaquim de S. Caetano.

Possue a localidade tres grandes açudes, dos quaes um a léste e dous a oéste da cidade.

Deve sua origem a uma fazenda de criar, havida por compra ao primeiro Conde da Ponte. Seu proprietario, Bernardo Ferreira da Silva, portuguez, dividiu as terras da fazenda por seus filhos e com estes deu inicio á povoação.

Foi Serrinha uma capella filial da freg. de S. João da antiga villa da Agua Fria. Creada parochia pelo art. 10 da Lei n. 67 de 4 de Junho de 1838; elevada á villa pela de n. 1.600 de 13 de Junho de 1876, installada em 11 de Janeiro de 1877, e á categoria de cidade pelo Decreto de 30 de Junho de 1891.

Continuando a minha viagem, passsei pelas estações da *Salgada* (2), no kil. 146,861 en a altitude de 403m,185, que exporta algum fumo, algodão e cereaes e serve ao districto de Coité; *Santa Luzia* no kil. 180,568 e na altitude de 362m,402 em logar plano, a uns tres a quatro kils. do morro do Lopes (3) com umas 200 casas, entre as quaes duas realmente bonitas; grande exportadora de algodão, pelles e couros brutos, sola do paiz e cereaes; e *Queimadas*, no kil. 226,950 e na altitude de 275m,331, onde pernoitei.

Por todos os logares por onde andei, encontrei os melhores commodos nos hoteis, as melhores iguarias ás refeições, tudo a expensas do Dr. Argollo, que havia telegraphado para toda a parte recommendando que se me désse a mais fidalga hospedagem.

No intuito de procurar a margem do rio, a pov. de Queimadas ficou pessimamente situada em uma baixada ou bacia, ficando em parte inundada nas cheias do Itapecurú-assú, que, reunindo suas aguas ás do riacho Gregorio, transforma-a em uma ilha.

E' cercada por taboleiros ou altos e fica á margem dir. do rio Itapecurú-assú (4) na Lat. sul de 10,56, 35 e 3° 34,47, de Long. léste do Rio de Janeiro.

Tem um feio aspecto. Possue duas grandes praças, entre as quaes a do Mercado, onde se faz a feira aos sabbados, umas seis a oito ruas, umas 300 casas, duas capellas, a da Conceição e a de São José, e a matriz de Santo Antonio, longe da pov., no Alto da Egreja.

Para ella convergem os productos da Jacobina e Monte Santo. Seus habs. dedicam-se quasi que exclusivamente á industria pastoril.

O mun. é percorrido pelas serras do Tigre, Caracuanha, Poço, Agulha, Bananas e da Volta, defronte das minas de ouro da Conceição, a 42 kils. distante da séde. Nelle ficam os morros do Caetano e do Lopes, este a um kil. do arraial de Santa Luzia.

Fertilisam seu territorio os rios Itapecurú-mirim, Itapecurú-assú, Jacuricy, affl. da margem esq., rio d'Agua, da dir., riacho do Encantado, da esq., riacho do Monteiro, pela esq. e rio do Peixe, da dir., todos do Itapecurú, e o Riachão, affl. da dir. do rio do Peixe.

Comprehende os seguintes povs.: Buxo, Jacuricy, Rei d'Agua, Areia Grossa, Bebedouro, Roncador e Rodeador.

A renda do mun. orça por nove contos e é o unico que ainda cobra imposto de importação.

Desta villa partiram para Monte Santo e dahi para Canudos as forças que foram combater Antonio Conselheiro.

Corre em Queimadas o seguinte facto, que me parece interessante:

Em 1717, ou antes, foi parte dos terrenos da localidade vendida ao sargento-mór Thomé Pereira Pinto, da Cachoeira, por Isabel Maria Quedes de Brito e parte doada a Santo Antonio, que deu o nome á capella, que então existia, porque Antonio era o nome do esposo e do pai de D. Izabel.

Santo Antonio ficou assim proprietario de terras e senhor de diversos escravos.

Aconteceu que um dos escravos de Santo Antonio assassinára um individuo e como, pelas leis que então vigoravam, era o senhor responsavel pelo crime dos escravos, foi Santo Antonio processado e levado para a Feira de Santa Anna, amarrado na cangalha de um animal. Ahi chegado foi julgado e absolvido.

Enfureceu-se o povo com esta decisão: os bens do Santo foram levados á praça e arrematados por diversos cidadãos, voltando depois disso o Santo á sua antiga residencia.

Não paráram, porém, ahi as vicissitudes do Santo. Ha uns 4 annos foi elle roubado da egreja e transportado dentro de uma caixa, envolto em capim, para a cidade da Bahia, onde foi casualmente encontrado por um sacerdote, que o fez regressar de novo para sua egreja, já todo mutilado, sem pernas, nem braços.

Concertado, foi elle collocado no altar-mór da matriz, onde se conserva, recebendo as orações dos fieis e casando as moças que a elle recorrem.

Ha em Queimadas, junto ao rio Itapecurú-assú, um grande penhasco de fórma algum tanto bizarra.

Foi essa pov. creada villa pela Lei n. 2.454 de 20 de Junho de 1884 e Decr. de 8 de Julho de 1890.

No dia seguinte, pelas 8 horas da manhã, tomei o trem em direcção a Joazeiro.

Deixando a estação de Queimadas, a estrada atravessa na villa o rio Itapecurú-assú por meio de uma ponte de ferro de 50 metros de vão e inicia o seu percurso pelo trecho mais extenso de toda a linha, pois tem até Itiuba 43 kils. Vê-se á dir. a antiga estação de Jacuricy (5) e, do lado opposto, o açude de Cacimbinhas.

No kil. 264 a estrada passa por uma garganta da elevada serra da Itiuba.

Esta serra começa no municipio de Queimadas e vai morrer no rio S. Francisco. Apesar de pedregosa, apresenta muitas plantações de café e cereaes. Ha nella um pico bastante elevado, a que denominei Argollo, com uma serie de pedras superpostas, acamadas umas sobre outras e com uma, cujo centro de gravidade como que está a escapar-se, parecendo querer despenhar-se sobre as encostas.

Pouco adiante desse magestoso accidente physico fica a estação da *Itiuba*, no kil. 269.266 e na altitude de 376m261 em uma bacia formada por diversos contrafortes da serra e grande exportadora de algum café, cereaes, redes, chapéos de palha, requeijões e das afamadas mangas da Itiuba, notaveis pelo seu tamanho e sabor. Distante uns 240 metros fica o arrsial com uma capella de Nossa Senhora da Conceição. Ahi residiu o padre Severo, possuidor de grande numero de escravos, entre os quaes tive occasião de ver um, que me disseram ter mais de 120 annos de idade.

Chamava-se Rangel o infeliz. E' acaboclado, já curvado, muito tremulo, desmemoriado e arrastando-se com difficuldade. Reside, não como Diogenes, dentro de uma pipa, mas em uma palhoça com dous metros de largura e dous de comprido, coberta de palha de carnahuba e sem paredes. Quando as chuvas alagam o terreno ou o vento arranca a fragil cobertura da triste vivenda, lá se vai o pobre velhinho, arrimado no seu bastão, repousar o corpo no frio lagedo da estação.

---

(2) A cinco kils. desta estação, no kil 142 fica o açude da Extrema, de barragem curva, feito pela estrada.

(3) São tres pedras superpostas, duas lateraes e uma no meio e no alto e entre ellas uma especie de gruta, que já comportou uma mesa com 50 pessoas.

A distancia desse morro vê-se, do lado opposto, o morro da Lage, que tem a fórma conica, e em cujo cimo, meio escalvado, mão piedosa plantou uma Cruz.

(4) Composto de *itapê-curú*, lage fragmentada, pedra miuda, seixos, calháos. Pode ainda ser corrupção de *itá-pucú-r-ú*, rio da pedra comprida, ou melhor da penha longa, rio dos lageados, extensos (Dr. Th. Sampaio.)

(5) No kil. 245, em Jacuricy, foi erguida uma pyramide de cantaria para commemorar o embarque do aerolitho do Bendegó vindo de Monte Santo; e entre os kils 255 e 256 fica o açude de Cacimbas de barragem preta com pedra de duas côres.

Beijei-lhe as mãos.

Depois de Itiúba a estrada percorre um trecho, que é o segundo em extensão, pois tem 41 kils: atravessa o Itapicurú-mirim, onde ha uma repreza, passa pela antiga estação da Tiririca, hoje abandonada, e chega á estação de *Cariacá*, no kil. 310,273 e na altitude de 450m,116.

Desta ultima estação a estrada dirige-se para a de *Villa Nova*, na cidade do Bomfim, no kil. 321,993 e na altitude de 548m,936.

De Villa Nova a estrada passa a ponte do Carrapichel com 30 metros de vão e o pov. deste nome, sem escola nem capella com umas 500 almas e situado na estrada de rodagem que vai para o Joazeiro, chegando pouco depois á estação de *Catuny* (agua boa).

Esta estação fica no kil. 335 e na altitude de 596m,520. Dista da pov. do Brejo uns 600 metros e exporta algum café, cereaes e fructas, principalmente laran'as e bananas.

A 800 metros distantes da linha fica uma repreza de alvenaria, alimentada pelo riacho do Brejo, affl. do Itapicurú-mirim.

A' direita da estação, na margem da estrada de rodagem que vai para o Joazeiro fica o pov. da Estiva, com uns 200 habs; e pouco acima, á esq. da estrada de ferro e á dir. da de rodagem, o pov. dos Olhos d'Agua.

Pouco adeante a linha passa pelo pontilhão da Aroeira, o mais alto da estrada, sobre o riacho do mesmo nome, affl. do Itapecurú-mirim, no ponto em que a estrada descreve uma grande curva, que tem a semelhança de um S.

Segue-se a estação do *Jaguarary* (composto de *yaguara r-y*, no rio da onça), no kil. 348,760 e na altitude 664m490. Exporta fumo, cereaes e algum café; junto a ella fica o pov. do mesmo nome, nas fraldas da serra da Jacobina, com umas 400 casas, escola mixta, um cemiterio dentro do pov. e uns 800 habs.

Perto passa-lhe o riacho Aroeira.

Entre esta estação e a immediata de Itúmirim, a estrada passa pelo seu ponto mais elevado, que fica no kil. 355,993 e na altitude de 683m,300, e que é conhecido por Tanque do Paulista ou Tanque de Terra.

Constitue elle o *divort um aquarum* das aguas que vertem para o S. Francisco e das que vertem para o Itapecurú.

Segue-se a estação de *Itú-mirim* (composto de *Ytú*, tombo, quéda d'agua, salto, catadupa, e *mirim*, pequeno) no kil. 356,320 e na altitude de 665m,220, a 300 metros do pov. de seu nome, exportadora dos mesmos productos que a estação precedente.

O pov. desenvolve-se por uma grande extensão, fica ao sopé da serra da Jacobina e é abastecido de agua pelo açude da Cachoeirinha, cavado numa garganta da mesma serra e que é a obra de arte mais importante da estrada.

Além de Itú-mirim o terreno torna-se arido e só é regado pelas chuvas das trovoadas, pois que as de inverno vão sómente pouco além daquella localidade. Elle é, não obstante, utilisado na criação de gado vaccum e parece possivel que esse terreno seja adaptado ao cultivo da vinha, por ter base calcarea,

Segue-se a estação de *Angico*, que fica em terreno arido improductivo, no kil. 383,140 e na altitude de 489m060. Tem um poço de agua mineral alcalina, muito aproveitavel nas molestias syphiliticas e um tanque (da Raposa) alimentado pelo rio Poço Comprido.

A 48 kils. de distancia ficam as ricas minas de cobre da Carahyba, pertencentes ao Dr. José Gonçalves da Silva, que está em negociações com um syndicato inglez pela quantia de dous mil contos.

Nesta estação tive o immenso prazer de ser apresentado ao Dr. Antonio Prado Valladares, laureado nos seis annos da Escola de Medicina da Bahia e cujo retrato orna o Pantheon da mesma escola.

O jovem e distincto facultativo foi readquirir forças, algum tanto enfraquecidas no seu longo tirocinio academico nesse lugar, tão afamado pela salubridade do seu clima.

Entre Itú-mirim e Angico a estrada deixa á dir. a serra do Riachinho, pedregosa e coberta de mandacarús, e a do Curralinho, constituida por pedra branca, e atravessa os rios Cacimba Doce e Poço Comprido, este com duas pontes que são vencidas pela estrada de ferro uma entre Itú-mirim e Angico e outra entre Angico e Jurema.

Além da estação de Angico, no kil. 389, começa uma tangente de pouco mais de 62 kils. que vai á estação do Piranga. Essa tangente é a maior do Brasil e uma das maiores do mundo.

Segue-se a estação da Jurema, no kil. 413,553 e na altitude de 433m,600, com o poço das Balas, da profundidade de 14 metros, e um tanque que está abandonado, porque o riacho Jurema, que o alimentava, secca, tendo agua sómente na occasião das chuvas.

Nella embarca algum gado.

Desde antes de Jurema até tres kils. depois de Carnahyba o terreno é abundante de pedra calcarea, da qual fabrica-se cal de primeira qualidade, e entre Jurema e Carnahyba a estrada atravessa o riacho Toirão ou Tourão sobre tres pontes de ferro, das quaes a ultima sem gradeamento.

Segue-se a estação de *Carnahyba* (de *caraná-yba*, palmeira do genero *Copernicia cerifera*) no kil. 430,870 e na altitude de 411 metros e que exporta cal em pequena quantidade.

Esta estação é a mais bonita da estrada depois da do Joaseiro. E' de alvenaria de pedra calcarea.

A talvez dous kils. da estação fica uma jazida extensissima de pedra marmore, infelizmente inexplorada.

Segue-se a estação do *Pitanga* (vermelho, rubro, corado, ruivo) no kil. 449,910 e na altitude de 371m,050, com um abrigo para o material rodante, um moinho de vento e diversos edificios em construcção.

Finalmente, *Joaseiro*, na margem dir. do S. Francisco, no kil. 452,310 e na altitude de 372m,050.

São arrendatarios dessa estrada o Dr. Miguel de Teive e Argollo o Coronel Anysio Pinto Cardoso e o Commendador José Gonçalves de Oliveira Reis.

Nesta minha viagem colhi alguns termos, que offereço aos lexicographos.

Xixilado, sem vergonha, descarado; pessoa desgostosa. Café muito ralo é xixilado.

Tulejar, vagar sem destino.

Pé leve, sujeito reles, que não tem domicilio certo.

Pichéo ou *pixeu*, orgão genital das mulheres.

Manga, pasto cercado que guarda o gado.

Manguara, bastão onde se arrima um velho.

Inzoneiro, mentiroso, supersticioso.

Faisqueira, copula.

Fóba, medroso, preguiçoso, sem tino.

Desempambado, positivo, que usa de franqueza.

Estalecido, puxado do peito; asthmatico.

Catrumano, talvez corrupção de quadrumano, tabaréo.

Jequé, telegraphista, jumento.

Lebréa, especie de gaióa.

Bruega, chuva fina.

Pai d'Egua, cobertor.

Dar de corpo, defecár, evacuar.

Cabuleté, moleque, gente sem importancia, canalha. E' o mesmo que cafageste.

Bargado, sujeito que compra fiado e não paga.

Gongo, vara com um ferro curvo na ponta, por meio da qual os vareiros os barqueiros agarram-se aos ramos das arvores, sitas ás margens do rio.

Ponta d'agua, grandes correntezas que existem nas voltas dos rios.

ALAHÉ. Arraial do termo de Itaporanga, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*, 1901).

ALAMBARY. Curato do mun. do Bananal em São Paulo. Accrescente-se no fim: A estação da E. de F. mais proxima é a do Formoso, da linha de Suruby á Bocaina, que dista 12 kils. A Lei n. 112 de 1º de outubro de 1892 revogou o Dec. n. 169 de 15 de maio de 1891, que criou o dist. de paz deste nome. Foi criado districto de subdelegacia por Acto de 25 de fevereiro de 1880, que incorporou-lhe os seguintes: Doce, Capitão Mór, Alambary e Cachambú.

ALAMBARY. Morro de S. Paulo. Accrescente-se no fim: O Dr. J. Mendes em seu *Dicc.*, diz: ALAMBARY. Morro no municipio de Iporanga famoso pela gruta com dous ou mais compartimentos, um dos quaes extenso, com stalagmites e stalactites. Esta gruta é atravessada por um ribeirão, que traz tambem o nome *Alambary*; mas é o nome só da gruta, reflectindo sobre o morro e o ribeirão, certamente por não ter a tradição conservado os nomes destes.

Alambary, com referencia á gruta, é corrupção de *Rũ-mb-a-ro-á-ai*, « desordem interior e juntamente agua a cahir. De *rũ*, « revolução ou desordem interior », *mb*, particula para ligar *rũ*, que tem na pronuncia o som nasal, ao verbo *aá*, « cahir », com a intercalação de *ro* para exprimir a simultaneidade da ação do verbo, formando *a-ro-á*, « cahir juntamente », e *ai*, « aguacento, o que lenteja ou reçuma agua ». Por contracção, *Rũ-mb-a-r'-á-'i*.

Allusivo á desordem emmaranhada no interior do monte com precipicios; desordem produzida pela agua cahida de cima e filtrada, formando as stalagmites e as stalactites.

Esta gruta é a denominada *Lapa de Santo Antonio*, cuja descripção vou pedir ao conselheiro Martin Francisco Ribeiro de Andrade, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo, no anno de 1805*. Escreveu elle: « Continuei a minha digressão pelo ribeirão de Yporanga ácima até chegar á gruta stalactitica, denominada *Lapa de Santo Antonio*, que fica á direita (deve ser *esquerda*, por isso que o viajante considerava *direita* ou *esquerda*, comforme subia ou descia o rio) no ribeirão do *Sumidouro*, o qual corre de um monte tambem á direita, onde sómente existem restos de antigas lavras. Não só nesta gruta, mas tambem em todos os morros á esquerda, e mesmo em suas faldas, se acham bancos de pedra calcarea secundaria, cortados por veios de spatho calcareos, dos quaes no tempo das grandes chuvas se destacam porções, que vêm entulhar então os ribeirões. Esta gruta tem quasi a direcção de oesnoroéste sudoéste; por baixo della corre o dito ribeirão do *Sumidouro* (*), cujas aguas são frigissimas, *minando os ditos bancos calcareos*, e *alguma agua que transuda por elles*, e que fórma as bellas stalactites, attendiveis por sua brancura, pureza, esplendor, e fractura spathica. Na parte superior da entrada vê-se como dous óculos de egreja, e logo no principio, um côro rendado, e ornado de uma série de pyramides stalactiticas: do lado esquerdo faz a lapa como um sacco, e do direito, mais para o interior, columnas entrecortadas, e outras porções de avelhantados edificios, sobre os quaes obrou a mão inexoravel do tempo. Do lado esquerdo, em cima, ha pequenas grutas ou reconcavos, e em baixo furnas. »

De outra descripção publicada vou transcrever os seguintes trechos,

« Na caverna do morro do *Alambary* ha um grande salão, com cerca de 40 metros de altura, e um outro compartimento, no qual existe um poço. As columnas apresentam o aspecto de imagens em charóla n'uma procissão. O sólo é formado de grossas pedras. O ribeirão *Alambary*, que desce de um dos morros do municipio, depois de caminhar cerca de 200 metros, some-se e vem reapparecer nesta caverna ».

O dr. Carlos Rath assim a descreve: « Esta gruta acha-se entre as pedras de cal, formando, na bocca da gruta, uma muralha preta de 612 pés. . . A gruta tem a largura de 130 palmos e fórma um vão, com a profundidade de 80 palmos. . . A altura da gruta póde ter 60 a 80 palmos, e é inteiramente ornada de stalactites e stalagmites. Estas stalactites e stalagmites formam, as vezes, figuras mui pittorescas, que ficam penduradas nas abobadas... O canal, donde sahe a agua, fórma no fundo muitas cascatas. . . e depois de ter corrido ¾ de legua, toma o nome de *Funil* ou *Sumidouro*, porque a agua sóme-se entre um buraco, tambem nas mesmas pedras de cal, e apparece na gruta de *Santo Antonio*, outra vez, para unir-se pouco distante com o rio de *Yporanga*. Para chegar a este rio, e á gruta de *Santo Antonio*, é preciso passar-se por um logar onde corre o rio entre rochedos de cal mui altos, empinados e lisos, que quasi não dão espaço para passagem de uma cabra. . . Esta cal preta fórma uma collina, que se estende para nordeste algumas oito leguas. . . »

O nome *Lambary*, como fonte de agua medicinal é *H-ambaraá-i* « agua de doença »: contrahido em *H-a-mbar''-i*. (Vide o nome (*Lambary*).

« Alambary (Theodoro Sampaio, *obr.* cit.) corrupção de *araberi*, *arabé-r-i* báratinha, peixinho: altera-se as vezes para *lambary*, *aramary*, *aramery*, *aramaré* ».

(*) Corruptéla de *Cu-mĩ-ndú-ri*, «escondidos em altos e baixos e fazendo estrondo » De *çu*, «altos e baixos », *mĩ*, «esconder-se, occultar, sumir-se » *ndú*, «estrondo estrepito», *ri*, posposição, significando, neste caso, «com ». Em verdade, *Sumidouro* em portuguez, corresponde mesmo á aquella palavra em tupy.

ALAMBIQUE. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha o mun. do Rio Branco e desagua no Rio Piedade.

ALAVANCAS. Ribeirão do Estado de Matto Grosso, no mun. de Miranda.

ALAZÃO. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Salgueiro, no dist. deste nome.

ALBANO (Santo). Corrego do Estado de Minas Geraes, affl. do ribeirão Formoso, que o é do rio Pomba; no mun. deste nome.

ALBERTO DE ABREU. Nucleo colonial do Estado do Paraná, proximo á villa da União da Victoria, á cujo mun. pertence. Está dividido (1901) em 88 lotes, povoados por cerca de 500 polacos.

ALBINO. Barra no littoral do Estado da Bahia, entre Cannavieiras e a barra do rio Poxim e proxima da barra da Boa Ventura.

ALBINOS. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. de Floriano Peixoto e mun. de Bom Fim.

ALCANTARA. Cidade do Maranhão. Accrescente- se no fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira, em seus *Fragmentos para a Chorogr. do Maranhão*, 1901, diz: « *Alcantara*, antiga Tapuy-tapera, fica bellamente situada em uma collina de 60 pés de altura, na entrada da bahia de S. Marcos, que a separa da capital que lhe fica fronteira, á distancia de 20 kils.; tem excellente porto, entre a ponta da Lage e a de Tetahira, á entrada do igarapé Jacaré. Foi uma cidade muito bem edificada, notando-se ainda hoje entre os seus edificios, pela maior parte em ruinas, o Convento e Egreja do Carmo, a Egreja do Desterro e a do Rozario. Perto e em magnifica posição para a defeza do porto, fica a pequena ilha do Livramento, onde demora a ermida de N. S. do Livramento, cuja festa é a mais popular de Alcantara. O porto é illuminado por um pharól de luz fixa e branca, situado a S. E. da cidade, defronte da ilha do Livramento e sobranceiro á ponta da Lage. Tendo clima ameno e possuindo logares apropriados para banhos de mar, como a praia do Jacaré, parece que seria mais frequentada pelos habitantes da capital; si melhores fossem os meios de communicação. Até o meiado do seculo passado os muns. de Pinheiro, S. Bento, S. Vicente Férrer e Cajapió faziam por meio della o commercio de seus productos com a praça da capital, o que concorreu muito para seu engrandecimento e prosperidade. Com o desenvolvimento da navegação, cada um desses muns. passou a se corresponder directamente com a capital. Desde então começou a sua decadencia, apresentando actualmente muitos templos e sobrados em ruinas, assim como consideravel diminuição de sua população. Possue importantes e numerosas salinas ao longo da costa, constituindo a exportação do sal sua principal riqueza. Calcula-se a sua pop. em 3.000 habs. Foi o berço do naturalista Frei Custodio Alves Serrão, dos distinctos politicos Joaquim Franco de Sá, Antonio Pedro da Costa Ferreira, Philippe Franco de Sá e Augusto Olympio Gomes de Castro, do conceituado clinico Dr. José da Silva Maia e do poeta A. J. Franco de Sá». O Sr. José Ribeiro do Amaral, em seu trabalho *O Estado do Maranhão em 1896*, diz: « *Alcantara* cidade das mais antigas do Estado, elevada á esta categoria, juntamente com Caxias, pela Lei Prov. n. 24 de 5 de julho de 1836, edificada em terreno elevado e ladeirento, na lat. de 2°18' S. e long. em arco de 1°9' e em tempo $0^h4^m11^s$ W., ao rumo de NO. em frente e á distancia de 9 milhas da capital, da qual está separada pela bahia de S. Marcos. Esta cidade, que, na época do descobrimento se chamava Tapuy-tapera ou Aldeia dos Americanos, e que teve por seu primeiro donatario a Jeronymo de Albuquerque de Mello Maranhão, verdadeiro conquistador e restaurador desta capitania, foi, a 22 de dezembro de 1648, creada villa pelo donatario da capitania de Cuman, o desembargador Antonio Coelho de Carvalho, segundo refere o coronel Lago na sua *Estatistica Historica e Geographica do Maranhão*, sendo a doação extinta por virtude da Carta Regia de 1° de Junho de 1754. Do termo da junta das missões de 16 de setembro de 1748, se collige que ahi existia uma aldeia de indios da tribu, cujo

nome se perdeu, bem como outra no ponto do Marudá. Esta villa diz ainda o coronel Lago... (Vide Alcantara no I Vol.)... Quão mudada não está a Alcantara de hoje da rica, populosa e florescente cidade de outros tempos! Situada em um dos logares mais bellos do Estado, não só por estar edificada sobre uma collina, que domina vistas mui agradaveis e pittorescas, como portes elegantes e soberbas casas de sobrado, que chegavam a rivalisar com as da capital, hoje, inteiramente decadente, apresenta o triste espectaculo de uma cidade quasi abandonada, com as casas desertas e as ruas nuas de viandantes, notando-se-lhe alguma vida e animação apenas nos dias festivos. Tem a actual cidade de Alcantara 18 ruas, quatro travessas e duas praças — do Jacaré e da Matriz — com 276 casas de telha, das quaes 30 de sobrado e 146 de palha, todas habitadas, á excepção de dous sobrados arruinados; diversas casas de negocios de seccos e molhados, denominadas armarinhos ou tavernas, algumas de fazendas em pequena escala, uma pharmacia, duas padarias e uma pequena refinação. Não se encontram na cidade officinas, mas artistas ou officiaes, que trabalham em suas proprias casas, sendo 12 de alfaiate, 15 de sapateiro, cinco de barbeiro, oito de carpina, dous de marceneiro, tres de ferreiro, quatro de ouriveis, seis de carpinteiro, tres de funileiro e um de tanoeiro. Possuia esta cidade, em outros, tempos, sete templos, todos do culto catholico, sendo que de alguns delles, como o do Carmo, dizia-se que rivalisava si não excedia, em riqueza e belleza de architectura, ao de egual nome desta capital. Com a decadencia que invadiu esta cidade, começaram por sua vez os templos a desmoronar-se. O de *Santa Quiteria* acha-se fechado desde 7 de outubro de 1852, por Portaria de egual data de D. Manoel Joaquim da Silveira, então bispo desta diocese, que ahi achando-se pos-lhe o interdicto; os de *S. Francisco* e das *Mercês*, totalmente arruinados e por isso de ha muito abandonados; a *Matriz* que já não funcciona por encontrar-se em grande estado de ruinas; o *Carmo*, que serve de Matriz, apezar de estar um pouco arruinado; o *Rosario* e o *Desterro* em bom estado. Tem um cemiterio, murado, pertencente á Irmandade de S. Benedicto. Sua pop. ainda hoje não é inferior a 4.000 habs. e de toda a com. deve oscillar entre 25 a 30.000 almas. São seus principaes generos de producção, farinha, milho, tapioca, carrapato, arroz, feijão, favas, gergilim, assucar e algodão em mui diminuta escala, avultando mais os dous primeiros. A lavoura da canna, pode-se dizer, acha-se hoje extincta, contando-se apenas no districto de Alcantara tres engenhos a vapor, que estão parados, e dous pequenos, um á agua e outro a bois e que trabalham irregularmente. A do algodão, parece tambem que quasi desappareceu de todo, datando este desanimo de epocha anterior a 1859, pois o pouco, que então se colhia, era consumido nos mesmos estabelecimentos ruraes em redes, saccos, roupas de escravos, etc. A do assuccar, em 1860, era avaliada em 20.000 arrobas; a da farinha em 22.000 alqueires e a do arroz em 1.500 alqueires. Actualmente constitue a sua principal producção e riqueza — o sal —, cuja colheita annual pode ser computada em 100.000 alqueires ou sejam cinco milhões de litros, contando-se ao todo 125 salinas, das quaes 95 de propriedade da Companhia *Salineira Alcantarense* e as restantes de diversos proprietarios. A navegação entre esta cidade e a capital, além de vapores em dias incertos, é feita diariamente por seis barcos ou canôas grandes e quatro pequenas». Ao mun. pertencem as tres pequenas ilhas do Livramento, do Cajual e Quindiua.

ALDÊA. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do ribeirão da Fartura, trib. do rio Itararé.

ALDÊA. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha o mun. do Rio Branco e desagua no rio Piedade.

ALDÊA VELHA. Serra do Estado de Pernambuco, ao poente da cidade da Pesqueira e encravada no mun. de Cimbres. Fica proxima do pov. Olho d'Agua dos Bredos.

ALDÊA VELHA. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do rio Ipojuca.

ALDÊA VELHA. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. da margem dir. do Capibaribe, no mun. do Brejo da Madre de Deus.

ALECRIM. Com este nome dá o *Almanak Sergipano* (1901) noticia de dous arraiaes nos termos do Riachuelo e Pacatuba.

ALECRIM. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. do Rio Preto e mun. de Diamantina.

ALEGRE. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. de Guarehy, á margem dir. do ribeirão da Arêa Branca, trib. do rio Guarehy.

ALEGRE. Corrego do Estado de S. Paulo, no mun. de S. Carlos do Pinhal. Vai até o ribeirão do Quilombo.

ALEGRE. Corrego do Estado de Minas Geraes, affl. da margem dir. do rio Ubá, no mun. deste nome.

ALEGRE. Villa do E. Santo. Accrescente-se no fim: Devia ter por padroeira N. S. da Conceição, mas o poder ecclesiastico deu-lhe N. S. da Penha, no acto em que a instituiu canonicamente, acto este que foi confirmado pela Lei n. 7 de 4 de novembro de 1869. Fica á margem esq. do rio Alegre e á dir. do ribeirão da Conceição, em logar ventilado e salubre. O pov. tem a forma de um triangulo, correndo de leste para oeste. A NO., em uma pittoresca collina, dominando todas as casas, se acha a matriz.

ALEGRIAS. Log. do Estado da Bahia, no termo de Ilhéos.

ALEIJADA. Arrabalde da cidade do Bom Fim, no Estado da Bahia.

ALEIXO. Corrego do Estado de Matto Grosso, no dist. de Brotas.

ALEIXOS. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. de S. José da Lagôa e mun. de Itabira.

ALEXANDRES. Bairro da cidade do Bom Fim, no Estado da Bahia.

ALFENAS. Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. de Ubá.

ALFERES MAGALHÃES. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de S. Fideles.

ALFREDO MAIA. Parada do trecho da E. de F. Melhoramentos do Brasil; o qual vai da estação da Mangueira á Ilha das Moças. Fica na rua Figueira de Mello.

ALGODÃO MANSO. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Taquaretinga.

ALGODÕES. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. da Leopoldina. Compõe-se de tres fazendas de criação.

ALLELUIA. Ribeirão do Estado da Bahia, no termo de Ilhéos.

ALLIANÇA. Log. do Estado do Amazonas, no mun. de Canutama.

ALLIANÇA. Pov. de Pernambuco. Accrescente-se no fim: Fica á margem esq. do Serigy e possue uma capellinha consagrada á N. S. das Dôres. A' pequena distancia (tres kils.), a via-ferrea Limoeiro, no ramal de Timbauba, kil 97,244^{m} da estação do Brum, tem uma estação com o nome de Alliança aberta ao trafego em 1887 e situada a 68^{m} de altitude.

ALMAS. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. da Leopoldina.

ALMAS. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. da margem esq. do rio Terra Nova, no dist. do Salgueiro.

ALMAS. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Corumbatehy; no mun. de S. João de Rio Claro.

ALMAS. Villa da Bahia Accrescente-se no fim: Tomou o nome de Jacaracy pela Lei n. 464 de 10 de agosto de 1902.

ALMEIDA. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. do Triumpho.

ALMEIDAS Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

ALPES. Estação do Ramal-ferreo Campineiro, no mun. de Campinas e dist. dos Souzas; no Estado de S. Paulo.

ALTA MIRA. Com este nome elevou a Lei n. 348 de 8 de maio de 1900 á categoria de villa a pov. do Sacco; no Estado da Bahia. A pov. do Sacco pertenceu ao mun. do Conde. No novo mun. foi criado fôro civil e conselho de jurados pelo Dec. n. 754 de 21 de maio de 1900.

ALTER DO CHÃO. Parochia do Pará. Accrescente-se no fim: Foi elevada á villa pela Lei n. 687 de 23 de março de 1900.

ALTINHO. Villa de Pernambuco, Accrescente-se no fim: Foi elevada á cidade pela Lei n. 400 de 27 de junho de 1899.

ALTIVO. Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. do Rio Branco.

ALTO ARAGUARY. Subprefeitura do mun. do Amapá; no Estado do Pará.

ALTO BONITO. Serra do Estado do Maranhão, no mun. do Pinheiro.

ALTO DA BRANQUINHA. Log. do Estado do R. S. do Sul, no mun. de Viamão, com escola.

ALTO DA ESTAÇÃO. Log. no mun. da Franca e Estado de S. Paulo; com uma esc. creada pela Lei n. 599 de 2 de maio de 1899.

ALTO DAS CARNEIRAS. Log. do Estado do Maranhão, na villa de S. Bento.

ALTO DO ARAÇÁ. Serra situada ao S. da pov. de Cimbres, antiga séde do mun. do mesmo nome; no Estado de Pernambuco.

ALTO DO AZEVEDO. Morro do Estado da Bahia. na cidade de Alagoinhas. E' tambem denominado Alto do Panagil.

ALTO DO CANGALHEIRO. Bairro da cidade de Barbacena e Estado de Minas Geraes. E' tambem denominado Santo Antonio.

ALTO DO CAPINAN. Morro do Estado da Bahia, na cidade de Alagoinhas. Delle goza-se de uma explendida vista.

ALTO DO CEMITERIO. Arrabalde da cidade do Bom Fim, no Estado da Bahia.

ALTO DO JACUTINGA. Bairro da cidade de Maceió; no Estado das Alagôas.

ALTO MARACASSUMÉ. Pov. da Estado do Maranhão, no mun. de Tury-assú, á margem esq. do rio do mesmo nome. Tem estação telegraphica.

ALTO MIRA. Pov. do Estado do Pará, na com. de Porto de Moz. Ahi a Lei n. 672 de 2 de maio de 1900 criou o dist. judiciario do Alto Xingú.

ALTO PARNAHYBA. Villa do Maranhão. Acrescente-se no fim: Fica cerca de 12 kils. acima da foz do rio Medonho e a 24 abaixo da foz do Parnahibinha, defronte de Santa Philomena, no Piauhy, de que é separada pelo rio Parnahyba. Seu porto já tem sido visitado por pequenos vapores da companhia Piauhyense, porém as viagens regulares se fazem somente até ao porto Barão de Grajahú, que lhe fica 900 kils. á jusante. E' a villa mais meridional do Estado, a mais proxima da nascente do rio Parnahyba. Sua principal riqueza consiste na criação de gado e producção de cereaes. Foi começada a edificar em fins de 1873 pelo Tenente Candido Lustosa de Brito e seu genro o Coronel Antonio Luiz do Amaral Brito.

ALTO RIO DOCE. Cidade de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Este mun., que dista da capital do Estado 18 leguas, tem uma superficie de 28 leguas quadradas. Limita a E, com o mun. do Piranga, isto é, o dist. de Dores do Turvo com o da Conceição do Turvo, o de S. Caetano do Chopotó com o do Piranga e Braz Pires, tendo por demarcações o rio Turvo, o ribeirão S. Lourenço e a serra do Geraldo. A N-E limita-se com Oliveira do Piranga pelo morro Queima Roupa; ao N. com o Lamim pelo morro do Souza; a N-O com Capella Nova das Dores de Queluz pelo rio Ponte Alta; a O. com Remedios e S. Domingos de Monte Alegre pelas Brejaubas e Cannas; a SO. com Mello de Barbacena e Mercês do Pomba pelo ribeirão do Mello e pelas serras dos Carvalhos, Crioulo e S. Domingos; ao S. com Santo Antonio dos Silveiras pela serra de S. Miguel; a S E. com os dists. de Ubá e Tocantins de Ubá pelas serras do Bom Jardim e Beija Flor. — O mun. é em geral montanhoso, existindo, porém, no centro uma vasta bácia talvez de 120 kils., onde elevam-se alguns montes, ramificações da Mantiqueira, estando em um delles a cidade, que é perfeitamente avistada das serras Mutuca, a 24 kils de distancia, Samambaia a 18 e do Carandahy a 30. E' o mun. em grande parte cercado pelas ramificações da Mantiqueira, que toma os nomes de Mutuca, Crioulo, Carvalho, S. Domingos, Mello, Larangeiras, Escadinha, S. Manoel, Beija-Flor, Queima-Roupa e Morro Grande. Regam o mun. os rios Chopotó, Brejaubas, Mutuca, Turvo, Espera além de outros. Produz com abundancia canna, milho, feijão, arroz, mandioca, batatas, café, fumo e algodão. Ha criação de gado. — A industria consiste na fabricação de vinagre, aguardente, queijos, mantciga, foices, enxadas, sellins, tijolos, telhas, velas de cera, excellente doces, fumo, etc. Tambem fabricam requeijões, vinhos de laranja e de outros frutos. — A pop. do dist. da cidade é de 6.500 habs. e a do mun. de 24.000. Escriptura de doação para Patrimonio que faz o Alf. José Alves Maciel Pereira, e como procurador de sua mulher, á Capella de S. José do Chopotó, freguezia de Guara-Piranga.

Saibam quanto este publico instrumento de escriptura de doação de seres de raiz para Patrimonio ou como em direito melhor nome e lugar haja, virem que, sendo no anno do nascimento de N. S. Jesus Christo, de mil sete centos e sesenta e quatro, aos cinco dias do mez de maio do dito anno, n'esta Leal cidade de Marianna e no meu cartorio appareceo presente o outorgante Alferes José Alves Maciel, morador no Chopotó, freguezia de Guara Piranga, e termo d'esta cidade e reconhecido de mim tabellião de que dou fé; e por elle me foi dito, em presença das testemunhas adiante nomeadas e assignadas, que elle e sua mulher Vicensa Maria d'Oliveira, eram senhores e possuidores de uma sesmaria de terras de plantas, em que moram no rio Chopotó, acima da dita freguezia do Piranga e chamado sitio de S. José que parte por uma cauda com terras de Manoel Gomes Campos, e por outra com José da Rocha e Souza e com quem mais deva e haja de partir e confrontar, e das terras da referida sesmaria já tinham elle outorgante e a dita sua mulher, feito doação para patrimonio da Capella de S. José, no sitio d'elles sobreditos, digo no sitio sobredito d'elles outorgantes, d'onde se acha situado no anno de mil sete centos e sessenta e quatro por escripto particular das terras do alto de hum morro seco, onde se acha formada a dita capella, cujas terras da dita doação fazem a divisa seguinte: — pela estrada acima para a parte da dita capella fazendo divisa a mesma estrada todas aquellas terras que pertencem a elles outorgantes para a parte do poente que estiverem dentro do quadro da dita sesmaria, e seguindo a estrada acima até o primeiro lagrimal que se acha findo o dito morro, e para a parte do Norte descendo o mesmo morro, no principio d'uma chapada, e serve a referida estrada de divisa, e para a parte do poente serve de divisa o corrego dá aguada d'elles outorgantes, cujas terras aqui demarcadas disseram elles outorgantes que muito

de suas livres vontades e sem constrangimento de pessoa alguma, de novamente em virtude d'este instrumento, e na melhor forma de Direito, fazia doação das referidas terras demarcadas para patrimonio da dita Capella de S. José e nesta lhe dam elle outorgante e sua mulher todo o direito, acção, dominio e senhorio que nas ditas terras tinhão para o dito effeito das quaes poderão tomar posse quem fôr *administrador* da mesma Capella e que, nas ditas terras doadas, reservam elles doadores duzentos palmos em fronteira, e quinhentos de fundo adonde muito lhes parecer e quizerem, e que não se poderá descortinar o referido corrego da dita aguada d'elles outorgantes atté suas cabeceiras, e no caso que pelo tempo futuro se estabeleça naquella paragem das terras doadas — arraial — não poderam ter os moradores do mesmo — *porcos* nem *vacas* soltas por não deficarem e prejudicar a fazenda d'elles doantes e que outro sim pessoas poderam fazer casas algumas nas ditas terras doadas sem preceder licença do administrador, e como encargo de fora para a dita capella e que se obrigavam elles doantes a fazer bôa esta doação a todo tempo tivesse de qualquer embaraço e o não reclamal-o. E o theor da procuraçam da dita doante é o seguinte: — Pela prezente e huma por mim somente assignada, constituo e faço meu procurador a meu marido José Alves Maciel, para que em meu nome como se presente estivesse em pessoa, possa fazer doação das terras de nosso casal que bem lhe parecer, para patrimonio da capella do Patriarcha S. José do Chopotó d'esta freguezia de Guara — Piranga, celebrando por isso escriptura publica e assignará n'ella, para este effeito lhe concedo todos os poderes que em direito lhe são conferidos e tudo feito e obrado pelo dito meu marido, hei por firme e valioso. Chopotó acima vinte e oito de Abril de mil sette sentos e sessenta e quatro. Reconheço o assignal da Procuraçam supra ser feito por mão de Vicencia Maria de Oliveira, em razão de ter conhecimento de seu signal em fé do que fiz a presente que assigno em publico e raso. — Marianna, cinco de Maio de mil sete centos e sessenta e quatro (estava o signal publico) Em testemunho de verdade Joaquim José d'Oliveira. Não se continha mais na dita procuraçam a qual entreguei e arecebeo o dito procurador depois de aqui copiada de que dou fé. Em fé e testemunho de verdade assim o disse e outorgou o dito outorgante por si e sua mulher pedio e acceitou a mim tabellião que n'esta nota lhe lançasse, estipulasse e acceitasse este instrumento o qual eu como pessoa publica estipulante e n'esta nota lhe lançasse, estipulasse e acceitasse em nome d'elles outorgantes e de quem mais ausente tocar possa o Direito d'ella, sendo testemunhas presentes Luiz Caetano de Magalhães e Antonio da Silva Lima, moradores n'esta cidade que reconheço pelos proprios e dou fé que assignaram com elle outorgante, depois de lhe ser lida por mim tabellião que disse estava na fórma que havia declarado. Eu Joaquim José d'Oliveira, tabellião que a escrevi. José Alves Maciel, Luiz Caetano de Magalhães, Antonio da Silva Lima. Nada mais se continha em a dita escriptura inserta em meu livro de notas que bem e fielmente por pessoa de minha confiança fiz passar a presente certidam que vae na verdade sem aviso que duvida faça pelo ler e assigual-a que me reporto em mão e poder e cartorio. Dada e passada n'esta leal cidade de Marianna, ao primeiro dia de Junho do anno do N. de N. Senhor J. Christo de 1837, anno decimo sexto da Independencia do Imperio do Brasil. Eu, Manoel Basilio do Espirito Santo, tabellião que a subscrevi, conferi e assigno. *Manoel Basilio do Espirito Santo.* E' este o teor da escriptura, u a copia tir i d'uns autos d'uma acção tocada em 1837 fornecidos pelo 1º tabellião desta cidade. Major Mariano Luiz da Silva — Confere ».

ALVARENGAS. Ribeirão do Estado de S. Paulo, banha o mun. de S. Bernardo e desagua na margem dir. do rio Grande ou Jurubatuba. Recebe o ribeirão das Lavras.

AMAMBAHY. Interpretação incerta, talvez vocabulo equivalente á *ambahyba* ou *embayba*; *embay*, arvore oca, muito conhecida (*Cecropia*); Matto Grosso, Paraguay. (Dr. Thedoro Sampaio)

AMANAÇÁI. Palavra composta de *amanda-çái*, o que se espalha envolvendo ou revoando; especie de abelha, vulgo, *mandaçaia*. (Dr. Theodoro Sampaio. *Obr*, cit.)

AMANAÇÚ. Composto de *amana-açú*, chuva copiosa, tempestade, nuvem pejada (Dr. Theodoro Sampaio).

AMANAJÓ'. Composto de *amana-yó*, o que vem ou procede da chuva ou das nuvens; Pará, Amazonas (Dr. Theodoro Sampaio).

AMANARY. Composto de *amana-r-y*, a agua da chuva (Dr. Theodoro Sampaio).

AMANAYARA. Composto de *amana-yara*, o senhor das nuvem, o manda-chuva (Dr. Theodoro Sampaio).

AMANEUM. Igarapé do Estado de Amazonas, affl, do paraná-miry do Curary, no mun. da Capital.

AMANTIQUIRA. Nome primitivo da serra da Mantiqueira; composto de *amã-tykir*, a chuva gotteja ou cahe aos pingos, allusão á constancia das nuvens chuvosas sobre o dorso dessa cordilheira. Couto Magalhães interpretava, *má-mbaê*, cousa; *tykir*, que verte, que mina, isto é, a *vertente* ou a Serra das vertentes, pelas muitas que ha nas encostas daquelles montes. (Dr. Theodoro Sampaio. *Obr.* cit.)

AMAPÁ. Pov. do Estado do Pará, no territorio do Aricary, á margem do rio Amapá Pequeno. Orago Espirito Santo. A. Lei n. 798 de 22 de outubro de 1901 criou o mun. de Amapá, comprehendendo a região que fica ao sul do rio Mayacaré até suas nascentes e dahi uma linha parallela até encontrar o rio Araguary. A Lei n. 820 de 14 de outubro de 1902 incorporou o mun. de Montenegro ao de Amapá, constituindo um só mun. com o nome de Montenegro. A villa do Amapá tornou-se pela mesma Lei séde da com. de Aricary. *Amapá* é o nome de uma arvore que cresce nas margens do Amazonas. E Goeldi, nas suas *Excavações Archeologicas* de 1895, diz que *Amapá* é um aterro sepulchral, e que o vocabulo pode proceder de *mbapá*, defuncto.

AMAPÁ PEQUENO. Rio do Estado do Pará, affl. da margem dir. do Amapá Grande.

AMARAES. Ribeirão do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Atibaia e desagua na margem dir. do rio deste nome.

AMARAGY. Riacho de Pernambuco. Accrescente-se no fim: Nasce ao N. da villa de seu nome, no logar Macacos, e depois de banha-la passa no pov. S. José da Demarcação. São seus affls. pela margem dir. os riachos: Entre Montes, Floresta, Riachão do Norte, Papagaio, Guarany, Riachão, Raiz e Caxias; e pela margem esq. Cumbe, Amorinha, Pedras, Palmares, Garra, Tapuia, Beija-Flor e Ajudante, todos no mun. do seu nome. No mun. da Gamelleira, recebe os riachos S. Gregorio, Ribeirão e outros menos importantes.

AMARO (Santo). Pov. do Estado do Paraná, no mun. do Tibagy, com escola.

AMARO. Log. do Estado de Pernambuco, a 27 kils. de Buique, á margem do rio Ipanema, com uma feira.

AMARO. Lagôa do Estado de Minas Geraes, nas divisas do mun. de Tres Corações do Rio Verde.

AMARO (Santo). Pov. do Estado de Santa Catharina, no mun. da Palhoça; com duas escolas.

AMARO (Santo). Cidade da Bahia. Accrescente-se no fim: Ao *jornal do Commercio* de 31 de agosto de 1902 dirigi a seguinte noticia.

« Na minha viagem á cidade da Cachoeira descreverei a costa da Bahia desde a capital até a foz do rio Paraguassú, nesta viagem descreverei desde a ilha dos Frades até o logar Conde, ponto terminal da navegação para Santo Amaro.

O vapor passa entre as ilhas dos Frades e Madre de Deus, aquella com cêrca de 12 kils. de circumsferencia, com as capellas de N. S. do Loreto e de N. S. de Guadelupe, uma fabrica de cal e diversas habitações; esta, antigamente Cururupeba, séde da freg. do seu nome bem

povoada e pertencente outr'ora aos jesuitas. Em seguida encontra-se a ilha do Bom Jesus, defronte da Madre de Deus, com uma capella do Menino Deus, e proximas as ilhas da Maria Guarda e das Vaccas.

Vê-se, á dir. a fazenda Santo Estevão, propriedade do Dr. Luiz Vianna e á distancia, á esq. a ilha de Santo Antonio, com as ruinas de uma egreja.

Passa-se depois pelas ilhas do Capeta, defronte da ilha das Vaccas, Bimbarra, Grande e Pequena, defronte da entrada do rio Acupe, Fontes defronte da foz do Pará-mirim, Cajahiba foz do rio Marapê e villa de S. Francisco, onde o vapor atraca a uma ponte da Companhia Bahiana.

A villa de S. Francisco é tristissima, feia e muito decadente. Vi apenas nella a mole ennegrecida de um convento, a matriz, a Casa da Camara, a cadêa e umas cem casas pela encosta da montanha.

Depois de deixar na villa quatro frades, alguns passageiros e diversas cargas, o vapor entrou pela bocca do rio Sergipe do Conde, a qual fica situada entre a ponte da Cajahiba e aquella villa.

Antes, porém, vê-se, de um lado, o engenho S. José, vivenda velha, mas nobre, com a capella em frente; e do outro lado a ilha da Cajahiba, o engenho, residencia, relembrando ainda o antigo fausto. Pertenceu ao Barão deste nome, preterita gloria da Bahia, titular e soldado que conquistou os bordados de General na campanha da Independencia e nas guerras do Sul. Morrendo, legou o engenho a seu filho Alexandre Gomes de Argollo Ferrão, que foi assassinado pelos proprios escravos em 1877.

O rio Sergipe do Conde não offerece em seu percurso encanto algum. E' monotono, estreito, muito sinuoso, apresentando apenas as duas ilhas da Pinheira e da Pioca e, em sua margem esq. a pov. de S. Bento das Lages, com o importante edificio da Escola Agricola, o Mosteiro dos Benedictinos de Brotas, velho e triste, e o engenho do Visconde de S. Lourenço.

Na foz do rio Petinga pára o vapor. Ahi fica a estação do Conde, com a importante usina desse nome.

Tomei um *bond* de uma confortabilidade sublinhada, que após um percurso de uns dous kils, através de continuos e vastos mangues, conduzio-me á cidade.

Nessa extensão vê-se, á esq. as ruinas da egreja do Partido, velho templo interdicto ha quasi um seculo, por ter sido alli assassinado um padre, officiando o Santo Sacrificio e no momento em que levantava a Sagrada Particula. Do templo só resta o frontespicio com as negras torres.

Fica Santo Amaro assentada em terreno plano, atravessada pelo rio Subahé, que tem em sua margem esq. os morros denominados Calolé, Alto do Recreio e um outro, das Virgens, pertencente ao engenho Papagaio; e na direita o Alto de S. João, o Alto do Cemiterio, morros do Engenho, de S. Bento e da Capella do Partido.

Entre os morros das Virgens e o de S. João ha um córte por onde passa uma rua com uma linha de trilhos, que vai á ponte do Cirigy-mirim (rio dos ciris pequenos), dando transito para a estrada do Jericó. Essa rua, com quatro a cinco kils. de extensão, possue uns 200 predios insignificantes.

Na cidade faz juncção, na ponte do Cirigy-mirim, o rio deste nome com o Subahé.

A cidade, maior que a da Cachoeira, apresenta no seu todo um aspecto que não desagrada; nos seus detalhes, porém, apresenta muita cousa que deve desapparecer. Sua entrada é detestavel.

Está muito descurada; praças e ruas cobertas de matto, onde fossam porcos, esgaravatam gallinhas e pastam burros e bois.

O rio Subahé tem as aguas denegridas, pelo accumulo dos detrictos dos alambiques e das casas particulares, o que occasiona, principalmente á noite, um cheiro nauseabundo. Suas margens estão a reclamar sérias e urgentes providencias do Intendente Municipal, pela immundicie que apresentam.

A cidade divide-se em duas fregs.: a do Rosario e da Purificação. Esta, mais bonita do que aquella, tem algumas ruas bastante largas, calçadas, com passeios extensos e não cimentados e sem placas indicativas dos nomes que possuem. São transversaes a estas ruas beccos muito estreitos.

Os predios, em numero de 2.223 (sómente os que pagam decima) são na sua maioria terreos, antigos e velhos, tem alguns sobrados bonitos.

A cidade tem 20.000 habs.

Publicam-se nella dous jornaes: *O Popular*, que conta 34 annos de existencia, e o *O Pharol*, recem apparecido.

Possue duas grandes praças, algum tanto regulares e com dous elegantes chafarizes no centro: a do Rosario e a da Purificação.

A cidade e o mun. possuem 23 alambiques e sete usinas de assucar: Alliança, Bom Successo, Itapitinguy, Passagem, Malembá, Terra Nova, S. Bento, S. Carlos e Santa Catharina.

Ha na cidade duas pharmacias, dous hoteis, duas fabricas de sabão, duas de vinagre, duas de fundição de bronze, tres typographias, dous trapiches de fumo e 110 casas de negocios de miudezas, fazendas e molhados.

A matriz da Purificação é um templo vasto, de aspecto imponente e situado na praça do seu nome.

Tem na frente duas torres, um nicho com a imagem de Nossa Senhora, cinco janellas, tres portas e um grande adro cercado por um gradil de ferro.

A capella-mór tem seis tribunas, seis paineis e um altar dourado com um nicho e nelle N. S. da Purificação, ladeada por S. João e S. Pedro. Na banqueta ficam os quatro Evangelistas. Foi restaurada em 1892.

Encostados ao arco cruzeiro ficam dous altares: o do lado da Epistola com a Senhora da Purificação, os Sagrados Corações de Jesus e de Maria e aos lados S. Miguel e S. Caetano; e o do lado do Evangelho com a Senhora Santa Anna, a Senhora Menina, S. José e o Senhor Deus Menino e aos lados S. Vicente de Paulo e Santo Ignacio.

Ha duas capellas fundas: a do lado do Evangelho com a Senhora das Dores e o Senhor do Bomfim; e a do lado da Epistola com Santo Antonio, Nossa Senhora do Carmo, S. Francisco, S. Diogo e S. Bento.

Do lado do Evangelho, entre o arco cruzeiro e uma das sacristias fica a capella do Santissimo Sacramento, com o frontal, banqueta e castiçaes de prata; e do lado opposto a capella dos Santos Innocentes com diversos ossarios.

Dos lados da capella-mór ficam duas sacristias: a da Fabrica e a do Santissimo Sacramento, esta com os sete Passos e um altar com a imagem do Senhor Morto, na urna; e aquella com um arcaz, um bem trabalhado nicho com o Senhor Crucificado, quatro paineis e um esguicho de marmore.

Abaixo do côro fica um altar com a imagem de Nossa Senhora da Annunciação, um painel representando o baptismo de Jesus e a pia baptismal de marmore. Ahi foi baptisado o Conselheiro Saraiva.

No corpo da egreja ha oito tribunas, dois pulpitos, 16 paineis e seis confissionarios. Amparam o côro duas columnas inteiriças de marmore com ricos lavôres e tendo em baixo duas pias.

Nas naves do corpo da egreja, das capellas fundas e nas sacristias encontram-se bonitos paineis.

Do lado esquerdo da egreja vê-se um Passo com um altar de N. S. das Dôres.

Não se sabe qual foi o fundador dessa egreja. E' corrente a versão de que havendo nessa cidade uma capellinha sob a invocação de N. S. da Purificação e que tendo uma princeza de Portugal feito um voto de edificar nas possessões desse Reino uma egreja á mesma Virgem, para tal fim enviou uma embarcação, com carregamento de pedra marmore.

Tendo esta embarcação soffrido um temporal, que obrigou-a a arribar á Bahia, mandou o Governador de então solicitar daquella Princeza para que realizasse o seu voto construindo ou edificando a capella, que já existia sob aquella invocação, no que foi attendido.

Segundo uma nota encontrada nessa matriz, foi ella edificada em 1700. No sabbado 18 de outubro do mesmo anno, dia de S. Lucas Evangelista, foi cantada a primeira missa, sendo Arcebispo D. Sebastião Monteiro da Vide, que organisou a constituição do Arcebispado.

São filiaes dessa matriz as capellas do Bomfim, Amparo e do Recolhimento dos Humildes.

Esta ultima, na margem dir. do Subahé, foi edificada em 1805, pelo Padre Ignacio dos Santos Araujo, que annexou-lhe uma modesta habitação para algumas senhoras de reconhecida honestidade.

A matriz do Rosario foi edificada em 1784. Tem a capella-mór com quatro tribunas e um altar de N. S. do Rozario.

No corpo da egreja ha oito tribunas, dous pulpitos, dous confissionarios, um côro e quatro altares, dous do lado

do Evangelho um com o Senhor do Bomfim e N. S. das Dores. e outro com Sant'Anna, e dous do lado da Epistola, um com S. Benedicto e Santa Ephigenia e outro com o Sagrado Coração de Jesus.

Tem duas sacristias.

E' filial a essa matriz a Capella de Santa Luzia, a mais antiga de cidade, pois foi construida em 1667.

O Hospital de Misericordia fundado em 1778, fica situado ao lado esquerdo da matriz da Purificação. E' um bom edicifio.

Tem sete janellas no segundo pavimento e seis e a porta de entrada no primeiro.

A' dir. do vestibulo fica a sala de consultas e á esq. a sala de operações.

Para o interior notam-se, á esq.; as enfermarias de S. Vicente, S. José e S. Lazaro para homens; e á dir. a de Santa Cecilia (para parturientes), Santa Rita e Santa Thereza para mulheres.

Nos fundos ficam a cozinha, lavanderia, sala de autopsias o necroterio.

A frente do segundo pavimento é occupada pela capella, sacristia e sala das sessões, com 14 retratos, seguindo-se á esq. a enfermaria S. Joaquim para homens, e á dir. a Santa Hercilia e Sant'Anna para mulheres.

A Camara Municipal fica situada em um vasto e solido predio na praça da Purificação, em frente á matriz. Tem sete janellas de frente e uma torre no centro.

No pavimento inferior, na frente, estão alojados o quartel e a cadeia; e nos fundos o Mercado de cereaes.

No pavimento superior acham-se o salão do Jury, a sala de audiencias, a secretaria e o salão das sessões do Conselho, com um bello quadro da Conceição de Murillo e os retratos de Pedro I e Pedro II.

A Camara guarda com grande zelo uma gloriosa reliquia historica. E' a bandeira que guiou aos campos da pugna o valoroso corpo 26° de voluntarios da patria, antigo 24° da Guarda Nacional. Está o glorioso pavilhão, com vestigios dos prelios sangrentos em que o batalhão tomou parte, guardado dentro de uma caixa, onde se acham inscriptas patrioticas quadras do Dr. Arnaldo Ernesto Vieira.

Dessas quadras destacaremos as duas finaes:

Os meus dourados festões,
Pelas metralhas rasgados,
Como cirios, lá deixei,
Aos manes dos meus soldados.

Quantos feitos gloriosos,
Naquelles combates vi!
Mas o genio das victorias,
Foi o Barão de Sergy.

A cidade possue ainda um theatro denominado S. Pedro, pequeno mas bem decorado.

O municipio confina com Cachoeira, Feira de Sant' Anna, S. Francisco, Catú, Alagoinhas, Coração de Maria e Irará.

Comprehende os dists. da Purificação, Rozario, Oliveira dos Campinhos, Sant'Anna de Lustosa, Nossa Senhora da Ajuda do Bom Jardim, S. Pedro do Rio Fundo e S. Domingos da Saubara, e os povs: Conceição da Baixa do Jacuhype (antigamente Birimbáo), Lapa e S. Francisco, no dist. de Oliveira; Burassica, no de Lustosa; Picado e Jacú no do Bom Jardim; Amparo, S. Bento de Inhatá, Terra Nova e Jacuhype, no Rio Fundo; Pavão, Acupe, Itapema, Cabuçu, Bom Jesus dos Pobres, Matapoeira, Araripe (no nascer dos rios), Ala-mão (parte pertencente á Cachoeira), no dist. da Saubara.

A serra mais importante que percorre o mun. é a de Murucú.

Os rios principaes que atravessam o mun. são: o Cirigy que nasce na montanha da Pedra; o Perauna ou Parauna (rio Negro) e o Subahé que nasce perto da pov. do Limoeiro, a 12 kils da Feira de Sant'Anna; estes tres rios formam o Subahé, que depois de receber o Cirigy-mirim, o Corcunda, o Traripe e o Petinga, vai desaguar no mar, com o nome de Sergipe do Conde, por duas boccas, das quaes a principal é por onde entram os vapores da Companhia Bahiana; o rio da Saubara, o Jacuhype, o Açú (calor, quentura) que, atravessando o pov. Pavão toma este nome, que perde ao atravessar o pov. do Acupe.

O mun. exporta assucar, mel, aguardente e fumo, sendo principal producto o assucar.

A cidade tem duas escolas estaduaes, sete municipaes e quatro collegios particulares, sendo dous para cada sexo.

Em 5 de Janeiro de 1727 foi Santo Amaro elevada a categoria de villa por Vasco Fernandes Cezar de Menezes, 4° Vice-Rei do Brazil; e pela Lei Provincial n. 43 de 13 de março de 1837 á cidade.

Da cidade parte a E. de F. do mesmo nome, autorisada pela Lei Prov. n. 1.812, de 11 de julho de 1878. Seu percurso é de 36 kils. Conta seis estações: Santo Amaro, Pilar, Traripe, no valle do rio do mesmo nome, distante seis kils do ponto da partida; Jacuhype, situada no valle desse rio, a 15 kils; Terra-Nova no valle do rio Pojuca, a 25 e meio; e Jacú.

A estrada tem quatro pontes de ferro: a do rio Traripe com 27 metros de vão (ponte tubular); a do rio Macaco com 14 metros de vão; a do rio Jacuhype com 27 metros de vão (ponte tubular); e a do rio Pojuca, tambem tubular, com 43 metros de vão.

A bitola é de um metro.

Tem dous ramaes: um de um kil. para a usina da Passagem, e outro de onze kils. para a usina Alliança.

Está projectado o prolongamento do tronco até Alagoinhas.

Tomei o trem e dirigi-me á Distillaria Modelo, a maior do Brasil e talvez da America do Sul.

Assombra pelos seus poderosos machinismos. Dispõe de dous tanques de 500 mil litros, cada um, e de oito dornas, assentadas em estrados de cimento, comportando cada uma 90 mil litros. Na entrada, em frente, vê-se o motor da força de 20 cavallos, que acciona as bombas d'agua destinadas á resfriação e lagavem; á esquerda, uma columna Savalle que distilla 8.500 litros, de vinho por hora; no segundo andar encontram-se o Eprouvette sobre columnas de ferro, onde corre a aguardente, e o contador automatico; no terceiro andar o refrigerante de mel, o deposito de vinhos fermentados, um resfriador e um apparelho de levantar o mel, e, separados por uma parede, tres melachores para agitar o mel; no quarto pavimento é o refrigerante dos vapores alcoolicos.

As caldeiras são duas do fabricante Fourcy.

Todo o serviço está distribuido em 12 casas, comprehendendo escriptorio, serraria e tanoaria. O fermento com que se trabalha é produzido na usina.

Dahi a um kil. e 860 metros fica a estação do Pilar, onde houve o engenho deste nome e que é o ponto do embarque dos assucares daquella parte do Reconcavo.

Destinava ir visitar a Fabrica Central do Rio Fundo, Sentindo-me febril, tive de regressar a Santo Amaro e dahi para a cidade do Salvador.

Neste mun. nasceu o Dr. Theodoro Sampaio, actualmente residente em S. Paulo e uma das mais pujantes organisações cerebraes que conheço. »

AMATARY. Sub-prefeitura creada na com. de Itacoatiara do Estado do Amazonas pelo Dec. n. 578 de 5 de junho de 1902. Limita-se com o rio Preto, furo do Bôto e paraná do Arauató.

AMBAIBA. Corr. de *embá-yba*, arvore ôca (*Cecropia*): altera-se as vezes em *embaúba, imbaúba, embaú* (Dr. T. Sampaio.)

AMBAITINGA. Composto de *embá-yba-tinga*, contr. *embay-tinga*, a embaúba branca (Dr. T. Sampaio.)

AMBROZIO (Santo). E' assim denominado tambem o cabo Cassiporé, no territorio do Aricary e Estado do Pará.

AMBÚ. S., o fructo do umbuseiro; diz-se communmente *umbú* ou *imbú* (*Ipondias tuberosa*). Dr. T. Sampaio.

AMENDOIM. Log. do Estado da Bahia, no termo de Itaberaba.

AMENDOIM. Corrego do Estado de Minas Geraes, affl. do rio Manso, que o é do Jequitinhonha.

AMERICO BRAZILIENSE. Estação em S. Paulo. Accrescente-se no fim: Fica no kil. 139 do Rio Claro e no

mun. de Araraquara. Está situada no meio de vastos cafesaes, com quatro machinas de beneficiar café, sendo duas na estação, com umas cem casas e uma fabrica de cerveja.

AMOIPIRAS. Nome de uma tribu selvagem das margens do rio S. Francisco. Esta palavra, segundo o Dr. Theodoro Sampaio (*Obr.* cit.) compõe-se de *amô-i-pira*, o que fica da outra banda ou margem, o visinho.

AMORA. Riacho de Pernambuco. Accrescente-se no fim: Desagua no rio Ipojuca.

AMOREIRAS. Pov. da Bahia. Accrescente-se no fim: Ha ahi uma enseada do mesmo nome.

AMPARO. Log. do Estado do Paraná, no mun. da Lapa.

ANACÉS. Nome de uma tribu selvagem do Brasil « *Anacés*, diz o Dr. Theodoro Sampaio, é composto de *anâcê*, parente chegado, consaguineo ».

ANAÇUTIUA. Igarapés (2) affls. do rio Gurupy. Desaguam pelo lado do Maranhão (Dr. G. Dodt *Relatorio*).

ANAGÊ. Substantivo, o gavião; altera-se em *nagé*:. Vide Nagé.

ANAJATUBA. Composto de *anajá-tyba*, palmas de inajás, isto é da palmeira inajá (*Maximilianæ*) ou cenajá.

ANAJATUBA. Villa do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira, em seus *Fragmentos para a Chrorographia do Maranhão* (1901). diz: « *Anajatuba*, a SO. da capital, está situada em terreno arenoso e alto relativamente aos campos que, baixos e alagados durante o inverno, a cercam. Serve-lhe de porto, a 24 kils de distancia, a pov. Porto da Gabarra, que se acha situada no estuario do rio Mearim. E' fertil em peixe, quer dos lagos, quer do salgado e tem grande plantação de fumo; porém, sua principal riqueza consiste na criação e exportação de gado vaccum, com que concorre para o abastecimento do mercado da capital. » O Sr. José Ribeiro do Amaral, em seu trabalho o *Estado do Maranhão* em 1896, diz: « *Anajatuba*, villa, a 2° 51' » de lat. S. e a 1°30' de long. O., assentada em terreno elevado e arenoso, á beira do bellissimo campo de Santa Maria, de 18 kils. de extensão, com quatro ruas, quatro travessas, todas de 12 metros de largura, uma praça de 66 metros em quadro, 18 casas de telha, 33 de palha e oito de negocio de seccos e molhados... A sua pop. é de 308 almas e a de todo o termo de 6.170... Este termo goza de um clima aprazivel e suave; é fertil em cereaes, mas os seus habs. entregam-se de preferencia ao cultivo do fumo, que produz annualmente de 43 a 45.000 kilgs. Possue lagos muito piscosos, que dão peixe em todas as estações, tornando-se, sobre todos, notavel o *Assutinga*, com mais de seis kils de extensão. Seus campos são abundantes de aves aquaticas e seu solo de uma fertilidade espantosa, prestando-se para todos os generos de cultura. Tem criação de gado vaccum, em larga escala, regulando a sua producção annual de 2.800 a 3.000 bezerros. Encontram-se, tambem, no termo alguns engenhos de serra para descaroçar algodão, um engenho a vapor e diversas engenhocas de ferro para moagem da canna e fabrico de assucar e aguardente ». Comprehende os seguintes povs.: Bacabal, Olho d'Agua, Picada, Matta e Porto da Gabarra.

ANANAN. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Jundiahy-mirim; no mun. de Jundiahy.

ANASSÚ. Lago do Estado do Amazonas, no mun. de Itacoatiara.

ANCIÃO. Morro no mun. de Casa Branca, no Estado de S. Paulo.

ANCIÃO. Cabeceira do ribeirão Tambahú; no mun. de Casa Branca e Estado de S. Paulo.

ANDARAHY. Rio dos morcegos. Corrupção de *andira-y*.

ANDARAQUÁRA. Morro no mun. de Nazareth e Estado de S. Paulo.

ANDARAQUÁRA. Rio affl. do Atibaia, quando ainda Atibainha, pela margem dir.; no mun. de Nazareth e Estado de S. Paulo.

ANDAYÁ GRANDE (Santo Antonio de). Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. de Sant'Anna do Paranahyba.

ANDES. Estação da E. de F. Paulista; no Estado de S. Paulo; na secção Rio Claro, entre as estações de Tayuva e Bebedouro.

ANDIROBA. Corrupção de *nhandi-iroba*, oleo amargo, fructo de que se extrahe esse oleo. (Dr. Theodoro Sampaio).

ANDIROBA. Log. do Estado do Maranhão, na ilha de S. Luiz.

ANDIROBAL. Rio do Estado do Maranhão, affl. da margem esq. do Pindaré. Suas margens são ricas de seringa.

ANDRADAS. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

ANDRADE. Ilheos no Estado de Santa Catharina, na vasta curva da costa marcada pela ponta do Pesqueiro Fundo ao S. e o pontal do Furadinho ao N.

ANDRÊ. Arroio do Estado do Paraná, no mun. de Jaguaryahiva.

ANDREQUICÊ. Corrupção de *andira-kicé*, faca de morcego, especie de graminea: Alagôas, Minas Geraes (Dr. Theodoro Sampaio).

ANDREQUICÊ. Corrego do Estado de Minas Geraes, entre os muns. de Santo Antonio do Machado e Alfenas. Desagua no rio do Machado.

ANDREZA. Rio do Estado do Maranhão; desagua na bahia da Tutoya. E' tambem denominado Commum.

ANGA. A alma, a sombra, o vulto, o espirito. Vide *An*.

ANGÁ. Contracção *angaba*, visão, apparição, phantasma, assombração; tambem designa a arvore commummente conhecida por *ingá* (*Inga dulcis*). (Dr. Theodoro Sampaio).

ANGAIBA. Composto de *anga-aiba*, alma infeliz ou damnada, visão má; tambem pode ser corrupção de *ingá-yba*, arvore de ingá ou ingazeiro (Dr. Theodoro Sampaio).

ANGATURAMA. Composto de *anga-turama*, a vinda da sombra ou do espirito, bom presagio (Dr. Theodoro Sampaio) Vide *Gaturamo*. Barboza Rodrigues traduz: bondade, virtude, alma bôa, justa.

ANGELICA (Santa). Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha o mun. do Bom Jardim e desagua no ribeirão S. José, trib. do rio Grande.

ANGELIM. Log. do Estado do Maranhão, no ilha de S. Luiz.

ANGELIM. Rio do Estado do Maranhão, na ilha de S. Luiz. Conflue com o Anil e recebe os riachos Mucuruna e Ingahura.

ANGELIM. Rio do Estado de Pernambuco, affl. do Capiberibe-mirim.

ANGICAL. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. do Brejo, a 60 kils. de distancia, á margem dir. do rio Preto.

ANGICO. Morro do Estado de S. Paulo, entre os muns. de Guaratinguetá e de Cunha.

ANGICOS. Estação da E. de F. de Alagoinhas ao Joazeiro, na Bahia. Em logar de Angicos leia-se Angico. Substitua-se — entre as estações de Umburanas e Olhos d'Agua — por entre as estações de Itúmirim e Jurema e accrescente-se no fim: — no kil. 505. 564 distante da cidade da Bahia e no kil. 383, 140 distante de Alagoinhas, na altitude de 489m, 060. Fica em terreno arido e improductivo. Tem um poço d'agua mineral alcalina, muito aproveitavel nas molestias syphiliticas, e um tanque (da Raposa) alimentado pelo rio Poço Comprido. A 48 kils. de distancia ficam as minas de cobre da Carahyba. Além da estação, no kil. 389, começa uma tangente de pouco mais de 62 kils.

ANGOERA. Composto de *ang-oêra*, alma passada, o espectro, a alma do outro mundo (Dr. Theodoro Sampaio).

ANGOERABA. (Substantivo) A assombração, a visão, o apparecimento de espectros (Dr. Theodoro Sampaio).

ANGOLÁ. Riacho do Estado da Bahia, banha o mun. do Catú e desagua no rio deste nome.

ANGOLA. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do corrego dos Pintos, que o é do ribeirão da Onça; no mun. de Monte Alto.

ANGRA. Praia no littoral do Estado do Rio de Janeiro. Vê-se no continente a E — W com a ponta N E. da ilha de Cabo Frio.

ANGÚ. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. de Cimbres, proxima da serra do Jacara á, lado occidental desta. D'ahi nasce o rio Canhoto, um dos primeiros affls. do Capibaribe, o qual, dividindo o mun. de Cimbres do do Brejo, na fazenda do Canhoto, encontra com o Capibaribe, que vem, com egual extensão, mais de cima, da lagôa da Estaca (Sebastião Galvão. *Dicc.* cit.).

ANGÚ DURO. Log. do Estado de Minas Geraes, no dist. de S. João da Chapada e mun. de Diamantina.

ANHÃ. (Substantivo) Composto de *an-nham*, genio ou espirito que vaga, que corre, genio malfazejo, o diabo; altera-se ás vezes o vocabulo em *inham*. Hans Staden escreveu *Ingange*, que se deve pronunciar *Inhang* e Lery *Aignan*, que se deve pronunciar *Enhan* (Dr. Theodoro Sampaio).

ANHANGA. (Substantivo) O mesmo que *anhã*. Gonçalves Dias escreveu *anhangá*, talvez por necessidade do verso (Dr. Theodoro Sampaio).

ANHANGABA. (Substantivo) A diabrura, o maleficio, a acção do diabo, o feitiço. (Dr. Theodoro Sampaio).

ANHANGABAHÚ. Rio de S. Paulo. Accrescente-se no fim: « *Anhangabaú*, ou, segundo outros, *Anhanga-y* (dizem os que seguem a regra de Martius e de outros estrangeiros que por aqui andaram). Significa na opinião desses e de outros — rio onde habita o mau espirito —. Mas, é inexacta a explicação. E o nome corrupto é mesmo *Anhangabaú*. Esta palavra é corruptela de *Y-nhã-ng-ába-aú* — quasi nenhuma correnteza. De *y*, relativo, *nhã*, correr; *ng*, intercalação por ser nasal o som de *nhã*, e para ligal-o a *ába*, para exprimir o modo ou a acção; *aú* ou *áub*, particula ou posposição para exprimir defeito na acção ou no modo. Alguns chronistas escreveram *Anhangabahy*; mas é a mesma corruptela de *Anhangabaú*, variando somente no modo de pronunciar o *y* final. Em um documento do mosteiro de S. Bento foi escripto em 1600, *Anhangovahy*. *Y-nhã-ng-ab'-aú* é, portanto, o verdadeiro nome destes cursos d'agua. A mudança para *Anhang-aú* proveiu da crendice de ser o diabo, *anhang*, transformado em phantasma; *aú*, quem murmurava naquellas aguas, então correndo na solidão entre basta floresta » (Dr. J. Mendes. *Dicc.* cit. « *Anhangabahú*, corrupção de *anhangaba-y*, rio ou ribeiro do maleficio, da diabrura ou do feitiço » (Dr. T. Sampaio. *Obr.* cit).

ANHANGAHY. Vocabulo tupi composto de *anhanga-y*, que significa, segundo o Dr. Theodoro Sampaio, rio do diabo ou agua do máo espirito.

ANHANGOARA. Ribeirão de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Esta palavra, segundo o Dr. J. Mendes é corruptela de *Y-nhã-guára*, corredor. Allusivo a ser muito corrente. Este rio é aurifero, si bem que não tanto que compense a despeza da mineração, segundo o affirmou o conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805*. Elle escreveu *Nhanguara*, e assim certamente o ouviu dos moradores naquella região. Tambem já li *Nhungára*. « *Anhanguara*, corrupção de *anhan-coára* ou *anhan-quara*, a morada ou esconderijo do diabo » (Dr. Theodoro Sampaio. *Obr.* cit.)

ANHANGOERA. Vocabulo tupi composto de *anhangoêra*, que significa, segundo o Dr. Theodoro Sampaio, o diabo velho, o genio manhoso e velhaco. Appellido de Bartholomeu Bueno da Silva, o descobridor de Goyaz.

ANHANGOERA. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Grande; no mun. do Carmo.

ANHANGAQUIABO. Corrupção de *anhanga-kiaba*, pente do diabo, semente aspera com aspecto de pente, alojada n'uma fava ou bainha; *anang-kibaba*. Rubim, *anhanga-kiaobo*, pente de phantasma, pente de macaco. Vide Mart. (Dr. Theodoro Sampaio).

ANHANRUPIÁ. Composto de *anhã-rupiá*, raça ou descendencia do diabo (Dr. Theodoro Sampaio).

ANHAÚ. Corruptela de *anhâ-ú ou anhâ-y*, rio ou agua do diabo, o mesmo que *anhangahú*. (Dr. Theodoro Sampaio).

ANHEMBY. Composto de *anhambu-y*, rio das perdizes. — Referem os chronistas e viajantes antigos que o gentio denominava *Anhemby* ao rio que banha esta capital e traz hoje o nome de Tietê. De facto, examinando-se velhos documentos, se verifica que aquelle nome não só era o que commummente se dava ao rio historico que foi em outro tempo a vereda dos *bandeirantes* e conquistadores de sertões, como que a graphia do vocabulo, com pequenas variantes, se conservou quasi intacta. No mappa dos jesuitas de 1639 lê-se *Anyembi* e nos outros mappas da mesma procedencia, de 1722, e 1723 *Anembi*. No mappa de d'Anville, publicado em 1734, conserva-se a graphia dos jesuitas, *Anyembi* ou *Anhembi*, mas já na edição de 1748 se lê, *Anhambi* ou Tietê. No celebre mappa das Cortes, de 1749, lê-se *Anhambú* ou Tietê, mas no mappa hespanhol de 1760 volta-se á graphia *Anhembi*, escrevendo-se *Anembi* na edição de 1768. No mapa geographico de Silveira Peixoto, de 1768, o primeiro em que vem figurados os rios entre o Tietê e o Paranapanema com os nomes *Anembi-miri* e *Pirocaba*, lê-se *Anembi-guaçú*. No de Olmedilla, de 1775, o vocabulo conserva a primitiva graphia dos jesuitas, *Anemby*, ao passo que no de D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão se escreve *Niembi*; Glimmer, no seu *Roteiro* de 1602, escreveu *Anhembi* e João de Laet *Iniambi*. A graphia, portanto, mais antiga e mais corrente é pois *Anhembi*, que se deve adoptar como a mais correcta, e podendo-se identificar com a palavra *Inhamby*, ás vezes pronunciada *Inhambú* com a qual se designa a perdiz, ave gallinacea outr'ora abundante nos campos de Piratininga ou de cima da Serra. Portanto a denominação antiga, dada pelos primeiros colonos portuguezes de *Rio Grande de Anhemby* se pode traduzir — *Rio Grande das Perdizes*. (Dr. Theodoro Sampaio. *O Tupi na geographia nacional*).

ANHUMAS. Corrupção de *nhã-um* com a apposição do artigo portuguez *a*, significa — *ave preta* —; em alguns logares se diz: *inhuma*, *inhaum*, *inhauma*, *anhyma* (*Palamedea casnuta*), ave armada de um corno movel e ponteagudo sobre a cabeça e que vive nas regiões pantanosas do interior do Brasil (Dr. Theodoro Sampaio).

ANHUMAS. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Aricanduva; no mun. da capital.

ANHUMAS. Corrego do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Lençóes e desagua no rio Batalha.

ANHUMAS. Ribeirão de S. Paulo, affl. do Atibaia. Nos Accrescimos e Correcções do II Vol. accrescente-se no fim: Na *Carta de Atibaia* do Sr. Orville Derby vem figurado

esse ribeirão como affl. da margem dir. do Cachoeira, e este trib. do Atibaia.

ANICUNS. Corrego do Estado de Goyaz, no mun. do Curralinho. Reune-se com o corrego Salobro.

ANINGAL. Rio affl. do Gurupy. Desagua do lado do Pará. (Dr. G. Dodt. *Relat.*)

ANINGAL. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Chaves. E' um braço do igarapé Jacaré, que o é do igarapé Mangue, affl. do rio Goiabal.

ANINGAL. Lago no mun. de Afuá e Estado do Pará.

ANINGAS. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. de Itambé.

ANJO. Serra do Estado da Bahia, no mun. do Bom Fim.

ANNA (Sant'). Log. no mun. de Tury-assú e Estado do Maranhão. Ha um outro pov. do mesmo nome no dist. de S. João de Côrtes e mun. de Alcantara.

ANNA (Sant'). Log. do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Valença, com uma esc. municipal.

ANNA (Sant'). Bairro do mun. e com. de Batataes, no Estado de S. Paulo; com uma esc. mixta creada pela Lei n. 598 de 2 de maio de 1899.

ANNA (Santa). Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. do Rio Preto e mun. de Diamantina.

ANNA (Sant'). Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, no Estado da Bahia. Fica no rio daquelle nome e a 47 kils. distante do Joazeiro.

ANNA (Sant'). Serra do Estado de S. Paulo, nas divisas do dist. de Jaguary, pertencente á com. e mun. de Xiririca. Fica proximo das serras S. Pedro e Registro.

ANNA (Sant'). Ilha do Estado do Pará; no mun. da Cachoeira, na foz do rio Arary.

ANNA (Sant'). Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Cimbres e desagua na margem dir. do rio Ipojuca.

ANNA (Sant'). Rio do Estado de Minas Geraes, nasce com o nome de Funil, toma depois o de Sant'Anna com que vai desaguar no rio Preto, recebendo proximo á foz o Conceição. Banha o mun. do Rio Preto.

ANNA (Sant'). Corrego do Estado de Minas Geraes, affl. do rio Formoso, que o é do rio Pomba; no mun. deste nome.

ANNA (Sant'). Rio do Estado de Minas Geraes, banha o mun. do Pomba e desagua no rio Paciencia, trib. do Pomba.

ANNA (Sant'). Rio do Estado de Minas Geraes, affl. do S. Manoel, que o é do Pomba; no mun. deste nome.

ANNA BEZERRA. Ilha do Estado de Pernambuco, no rio Capibaribe, entre os dists. de Boa Vista, Afogados e S. José.

ANNAPOLIS. Estação da Companhia Paulista, na villa do mesmo nome e Estado de S. Paulo.

ANNA POUPINO. Nome de uma varzea situada na capital do Estado do Matto-Grosso. Ahi foi inaugurada em 1901 uma linha de tiro.

ANNA VELHA (Sant'). Coxilha no Estado de R. G. do Sul. E' uma ramificação da coxilha do Pai Passo para a barra do arroio Guarapuitan no passo de Sant'Anna Velha.

ANNA VELHA (Sant'). Arroio do Estado do Rio Grande do Sul, banha o mun. de Uruguayana e desagua no rio Uruguay. E' tambem denominado *Guarapuytan*.

ANNITA GARIBALDI. Colonia do Estado de Santa Catharina, em Campo Bello, mun. de Lages.

ANTÃ. Adj., suff., forte, duro, rijo. Vide *Atá*; altera-se conforme o thema em *atá*, *cantã*, *tantan* e *tá* (Dr. Theodoro Sampaio).

ANTÃ. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Chaves. E' um braço do igarapé S. José, que o é do rio Goiabal.

ANTA. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha o mun. de Santo Antonio de Padua e desagua na margem dir. do rio Pomba. Nasce na fazenda Porto Alegre.

ANTAS. Serra do Estado de Pernambuco, proxima da cidade de Garanhuns, ao S. desta.

ANTAS. Rio do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Lençóes e desagua no rio deste nome.

ANTAS. Rio do Estado do Paraná, affl. do Imbituva. Recebe o Floriano de Moura.

ANTAS DE CRUCIUMA. Log. do Estado de Santa Catharina, no mun, de Araranguá; com escola.

ANTINHA. Log. do Estado de Minas Geraes, no mun. de Araxá.

ANTONICO. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Flores e desagua no rio Pajehú.

ANTONIO (Santo). Pov. do Estado do Amazonas, á margem esq. do rio Solimões, poucas centenas de metros abaixo da foz do rio Içá. Foi ahi creada uma estação fiscal pela Lei n. 319 de 17 de setembro de 1900. Devia esse logar chamar-se S. Fernando, que foi seu nome primitivo, em memoria do Governador e Capitão General do Estado, Fernando da Costa de Ataide Teive, que o mandou fundar em 1778 com indios descidos do Tonati.

ANTONIO (Santo). Arraial do Estado de Sergipe, no termo de Itaporanga (*Almanack Sergipano* 1901).

ANTONIO (Santo). Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. do Rio Preto e mun. de Diamantina.

ANTONIO (Santo). Bairro do Estado de Minas Geraes, na cidade do Rio Branco.

ANTONIO (Santo). Colonia do Estado do Paraná, no dist. de Fernandes Pinheiro e mun. de Imbituva. Foi fundada em julho de 1901 em terras do Major Antonio Alves Pires, no logar denominado Paiol Velho, seis kils. ao sul da estação da E. de F. com a qual é ligada por uma estrada de tropas, que, atravessando a colonia, vai do pov. Assunguy em direcção á S. João do Triumpho. A elevação media da colonia acima do nivel do mar é de 750 metros.

ANTONIO (Santo). Gruta ou lapa pouco abaixo das cabeceiras do ribeirão Iporanga; no Estado de S. Paulo. Eis como a descreveu o conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada, no seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo*, no anno de 1805: «Continuei a minha digressão pelo ribeirão de Yporanga, acima até chegar á gruta stalactitica denominada *Lapa de Santo Antonio*, que fica á dir., no ribeirão do Sumidouro, o qual corre de um monte tambem á dir. onde somente existem restos de antigas lavras. Não só nesta gruta, mas tambem em todos os morros á esq., e mesmo em suas fraldas, se acham bancos de pedra calcarea secundaria, cortados por veios de spatho calcareos, dos quaes no tempo das grandes chuvas se destacam porções, que vem entulhar então os ribeirões. No veio da agua, porém, só se observa a formação pondinguica, que assenta sobre uma argila schistosa, chamada pelos praticos do paiz *piçarra folhada*. Esta gruta tem quasi a direcção do oesnoroeste sudoeste; por baixo della corre o dito ribeirão Sumidouro, cujas aguas são frigidissimas, minando os ditos bancos calcareos, e alguma agua que transuda por elles e que forma as bellas stalactites, attendiveis pela sua brancura, pureza, es-

plendor e fractura spathica. Na parte superior da entrada ve-se como dous oculos de Egreja, e logo no principio um côro rendado e ornado de uma serie de pyramides stalactîticas; do lado esq. faz a lapa como um sacco, e do dir., mais para o interior, columnas entrecortadas, e outras porções como de avelhantados edificios, sobre os quaes entrou a mão inexoravel do voluvel tempo. Do lado esq., em cima, ha pequenas grutas ou reconcavos, retiro de infelizes, e, em baixo, furnas, a onde talvez vem acoutar-se fracos animaes perseguidos de féras. Emfim, aqui tudo é magestoso, tudo é grande ».

ANTONIO (Santo). Morro na villa de Itaocara e Estado do Rio de Janeiro. Ahi fica o cemiterio.

ANTONIO (Santo). Morro do Estado de S. Paulo, no mun. de S. Roque.

ANTONIO (Santo). Ponta no littoral do Estado da Bahia, proxima á da Corôa Vermelha, e a 20′ da foz do rio Belmonte ou Jequitinhonha.

ANTONIO (Santo). Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha a villa de Itaocara e desagua na margem dir. do rio Parahyba do Sul.

ANTONIO (Santo). Rio affl. da mar em esq. do Parahybuna; no mun. deste nome.

ANTONIO (Santo). Ribeirão do Estado de Minas Geraes; nasce na fazenda do seu nome, desce a O. recebendo o Cancellinha, banha o dist. de Santa Quiteria com o nome de Philippão, ao qual reune-se o ribeirão da Prata, de cuja foz toma o nome de Ribeirão Grande. Com este nome recebe os corregos da Raiz, do Açude, das Aboboras e da Serra Negra, e tomando finalmente o nome de Cachoeira lança-se no Paraopeba nos Corrêas.

ANTONIO (Santo). Ribeirão affl. do rio Claro; no mun. da Capital da Estado de Goyaz.

ANTONIO ALVES. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. de Atibaia, a margem esq. do rio deste nome, abaixo do ribeirão Caetetuba.

ANTONIO CANDIDO. Nucleo colonial do Estado do Paraná, proximo á villa União da Victoria. Tem 109 lotes e é habitado (1901) por cerca de 500 polacos.

ANTONIO DE PADUA (Santo). De Itaocara dirigi-me para a cidade de Santo Antonio de Padua.

Ao chegar á estação de Portella, no kilometro 77 e á margem dir. do rio Parahyba do Sul, apeei-me do trem para tomar uma barca, que me transportou á outra margem do rio, onde fica a estação dos Tres Irmãos, assim denominada de tres pedras que demoram a dous kilometros de distancia.

Em Tres Irmãos tomei o trem que me conduziu a Padua.

A estrada que margêa dahi o rio Parahyba, deixa-o proximo á estação de Funil, para margear o rio Pomba, que caminha em direcção á sua foz, que se acha no municipio do Cambucy, na fazenda dos Quarteis.

Passei pelas estações de Vieira Braga, no kilometro 185 (de Imbetiba); Funil, no kilometro 194 e assim denominada de um rodomoinho ahi formado pelo rio Pomba; Aperibé, no kilometro 196; Balthazar, no kilometro 205 e á margem direita do rio Pomba e finalmente Padua no kilometro 215 e situada á margem direita do mesmo rio.

Desembarcando do trem, dirigi-me para a cidade de Santo Antonio de Padua, que fica na margem opposta do rio, atravessando uma extensa ponte de madeira de 190 metros.

E' desolador o aspecto que apresenta essa cidade, que pela sua feliz posição topographica merecia um presente melhor.

Com ruas de largura regular, quasi rectas, com praças vastas, á margem esquerda do poetico rio Pomba, que, bastante largo ahi, ostenta duas verdejantes ilhas, *Aracy* (a mãi do dia, a aurora), a maior, e *Ceci* (meu pezar, minha dôr, meu sofrer), e quebra a monotonia da cidade com o ruido de sua bella cascata Itaipava; Padua, que podia ser uma das mais bellas cidades do Estado, apresenta-se abatida e como que envergonhada pelo abandono em que a deixam os poderes municipaes.

Suas ruas e praças, privadas de calçamento, sujas, cobertas de relva, onde pastam cabritos e porcos; sem placas com as respectivas denominações; seus predios terreos, velhos e quasi todos esburacados e sem numeração; sem um edificio notavel; com uma população pouco amiga do trabalho e que, educada na ociosidade, pratica os mais hediondos crimes; tal foi o aspecto com que Padua se me apresentou e que confrangeu a alma e golpeou cruelmente o meu coração de brasileiro.

Padua dista 118 kilometros de Campos, 69 de S. Fidelis, 43 de Cambucy e 392 de Nitherohy.

Está assente em terreno plano, tendo a éste e a nordeste os morros de Santo Antonio, Cemiterio e Grota do Miranda.

Possue as praças Visconde de Figueira e Pereira Lima, esta antes denominada da Revolta, por ter nella se reunido o povo para depor o Governador Portella; o largo Xavier e as ruas dos Leites, Ollivier, Conselheiro Paulino, Miranda, Silva Jardim, Paulo Torres, Gavião Peixoto, Martinho Campos, Dr. Ferreira da Luz, Quinze de Novembro e da Estação.

Tem 194 predios e uma população de 1.200 almas.

A cidade possue agua canalisada para seis chafarizes e poucas casas particulares. Vem da fazenda de S. José, a tres kils. da cidade e á margem esquerda do rio Pomba.

O commercio é insignificante. Ha 26 casas de fazendas e molhados, duas pharmacias, dous hoteis, cinco padarias, dous acougues, duas lojas de barbeiro, uma officina de sapateiro, uma de marceneiro, um dentista, duas alfaiatarias, uma casa com dous bilhares, duas officinas de caldeireiro e funileiro, uma colchoaria, um engenho central de beneficiar café, duas fabricas de aguardente e uma de assucar.

Tem mais a cidade tres medicos, seis advogados, sendo dous formados e quatro provisionados; duas sociedades musicaes (Recreio Familiar e Lyra de Arion), e uma loja maçonica, Fraternidade Paduense, que occupa um predio, o melhor da cidade, mais ainda não concluido.

Os edificios da cidade são: a Matriz, a Casa da Camara, a Cadeia e dous cemiterios, um dos quaes trancado.

A Matriz é um templo pauperrimo.

E' baixa, não tem torres e acha-se situada na praça Pereira Lima. Seu interior é modestissimo. Tem o altar mór com Santo Antonio no throno, abaixo S. Sebastião, e aos lados, sobre duas peanhas, o Sagrado Coração de Jesus e S. Felix. No corpo da egreja ha dous altares encostados ao arco cruzeiro, o do lado do Evangelho com S. Roque e o do lado da Epistola com Santa Luzia, tem o pulpito, a pia baptismal e o côro sem harmonium.

Aos lados da capella-mór ficam a capella do Santissimo Sacramento e a Sacristia.

Foi construida por Francisco Thomaz Leite Ribeiro e Placido Antonio de Barros. Em 24 de Novembro de 1824, pelo bispo D. José Joaquim da Silva Coutinho, foi provida em curato; em 1812 foi elevada á freg. e pela Lei Prov. n. 296, de 1 de junho de 1843, reelevada á mesma categoria.

Segundo Balthazar Lisbôa (*Annaes do Rio de Janeiro*, Tomo VII, capitulo III, pagina 341), na margem meridional do rio Parahyba, distante seis leguas da confluencia do rio Pomba, levantou no principio do seculo XIX o padre Antonio Martins Vieira uma capella consagrada a Santo Antonio de Padua, reunindo em torno da mesma muitas familias de indios Coroados, que, tendo sido pacificados pelo provincial dos Capuchos Portuguezes, Frei Fernando de Santo Antonio, haviam, comtudo, tornado para as mattas.

Em principio a cidade teve dous padroeiros: S. Felix e Santo Antonio.

Ainda hoje se vê, atravessando o centro da cidade, um lacrimal, conhecido por S. Felix, que separava o patrimonio dos dous Santos. Construiu-se uma capellinha junto á margem direita do rio Pomba e proximo a um cemiterio, que existiu onde hoje se ergue a cadêa. Com o tempo desmoronou-se a capella e a imagem de S. Felix foi transportada para a matriz, ficando a cidade com um unico orago, Santo Antonio, porque dizia o povo — *que a gente de S. Felix era muito feia, e a gente de Santo Antonio, o casamenteiro, muito mais bonita.*

Os edificios da Camara e Cadêa foram doados pelo Visconde da Silva Figueira, Capitão Augusto Ollivier, que depositaram vinte e oito contos para instalação da Villa.

A Camara funcciona em um grande predio assobradado na esquina da praça Visconde de Figueira com a rua Dr. Ferreira da Luz. Dispõe de um salão para as sessões da Camara e do Jury, bem ornado, tendo á cabeceira do presidente, a consoladora imagem do Divino Redemptor Crucificado, os retratos do Marechal Floriano e do Dr. Benjamin Constant e duas tribunas; uma sala com uma insignificante Bibliotheca, a secretaria, a procuradoria e outras dependencias. Na Camara ha uma caixa denominada Silva Jardim, destinada a receber offertas pecuniarias, que são convertidas em premios destinados aos alumnos que mais se distinguirem nas escolas municipaes e estadoaes. Esses premios consistem em duas moedas de ouro com a inscripção de Silva Jardim e Tiradentes, e outras de prata com os nomes dos benemeritos da Republica, e são distribuidos em sessão solemne da Camara.

A cadeia está situada á margem do rio. E' pequena para conter o grande numero de criminosos que infestam o municipio.

Na longa lista de criminosos, julgados pelo jury local, figuram não poucos paduanos e muitos mineiros, que fogem para ahi acossados pela policia do seu Estado.

Entretanto, não é sómente o roubo o movel dos crimes que ahi se praticam, tambem as lutas politicas muito concorrem para avolumar a estatistica criminal.

Registro apenas os factos, sem fazer apreciações sobre elles, o que destoaria da minha missão, unicamente geographica.

O mun. confina com os de Cambucy, Itaperuna, Itaocara e Cantagallo, pelo rio Parahyba, Palma, Leopoldina (pela serra dos Manos) e S. José de Além Parahyba, pelo rio Pirapetinga.

Comprehende os seguintes dists: Cidade, Miracema, Santa Cruz de Monte Alegre ou Ibitinema, Marangatu, antigamente Divino e antes Sapecado, Aperibé, cujo povoado teve o nome de Chave do Faria, e Sant'Anna do Ibitiguassú, cujo povoado teve o nome de Santa Anna do Serrote.

Além dos povs., sédes dos districtos, tem o dist. da cidade o pov. na estação do Balthazar e o da Chave do Campello. Em Miracema, os povs. das Flores e das Arêas; no dist. de Santa Cruz, o de Paraokena; no dist. de Aperibé, o de Aperibé Velho, antigamente Pito Acceso, e Santo Antonio do Retiro; e no dist. de Ibitiguassú, o de Monte Alegre, mais importante que o da séde do dist.

Entre as serras que percorrem o mun. notarei a dos Bastos e Santa Cruz, á esq. do rio Pomba; a dos Suissos, á dir.; a das Frecheiras e Botija, nas divisas com Cambucy.

Ha diversas ilhas no rio Pomba: a Aracy e a Ceci, que ficam defronte da cidade; a da Fortaleza, nas proximidades da estação de Balthazar, com 30 alqueires; e a dos Ferreiros, perto da estação de Paraokena, com quatro alqueires.

Entre os rios que regam o mun. notarei os corregos denominados Lambary e Suisso, que desaguam na margem dir. do rio Pomba; o Braço Forte, que tem o nome de Veado ao desaguar pela mesma margem; dos Leites, que nasce na serra das Freicheiras e desagua na margem esq.; os ribeirões dos Ourives, affl. da margem esq.; o do Bonito, que nasce no dist. de S. José de Ubá e desagua á esq.; o Bom Jardim, tambem conhecido por Eva; o Anta, que nasce na fazenda de Porto Alegre, estação de Paraokena, e afflue á dir.; o da Divisa, que nasce nas cabeceiras da fazenda Monte Alegre e desagua á dir.; o Santo Antonio, que banha o dist. de Miracema e desagua á esq., tendo antes recebido o Sobreiro e o corrego Razo; o Barro Branco e o Cabiuna.

O primeiro jornal que se publicou em Padua foi o *Paduense*, depois o *Correio de Padua* e actualmente a *Gazeta de Padua*, que conta dous annos de existencia.

A lavoura consiste em café, canna, fumo e cereaes.

Ha ouro no Marangatú, na serra do Capitão Ollivier e plombagina, no dist. de Padua, lugar denominado Bonito.

Santo Antonio de Padua foi incorporada no mun. de S. Fidelis pelo art. II da Lei Prov. n. 503, de 19 de abril de 1850. Elevada á categoria de villa pela Lei Prov. n. 2.597, de 2 de Janeiro de 1882; a de cidade pelo Dec. n. 17, de 27 de Dezembro de 1889, e creada com. pelo Dec. n. 16, de 27 destes ultimos mez e anno.

De Padua dirigi-me a visitar o dist. de Miracema, ponto terminal da linha. A primeira estação que se passa, dahi a 10 kils., é a de Paraokena, na margem esq. do Pomba, proxima á confluencia de Santo Antonio, com uma capella de Sant'Anna no alto de um pequeno morro, uma escola municipal, um hotel, seis casas de negocio e 50 casas particulares. E' della que parte o ramal de Paraokena que vai a Cysneiros, no Estado de Minas. Ha ahi uma barca que transporta passageiros de uma á outra margem do rio Pomba.

Depois de Paraokena cheguei á estação de Miracema.

Fiquei surpreso ao ver o progresso, a grande extensão e o desenvolvimento desse dist., que é muito superior á cidade de Padua. Jámais suppuz encontrar nos confins do Estado um logar, que, em tão poucos annos, apresente a vitalidade, o florescimento que apresenta Miracema.

Situado em terreno na mór parte plano, banhado pelo ribeirão Santo Antonio, que vai morrer no rio Pomba, formando durante seu trajecto interessantes quedas, occupando uma grande área toda coberta de casas, com commercio animadissimo, differentes usinas e fabricas, com bonita matriz, 460 predios, muitos de gosto moderno e uma pop. de 2.500 habs., está Miracema nas condições de ser elevada a mun. autonomo, mormente achando-se na fronteira do Estado, um territorio contestado pelo Estado de Minas Geraes.

A sua lavoura de café é opulenta, tendo exportado de Junho de 1900 a 1901 pouco mais de 400,000 arrobas.

Tem agua canalisada para cinco chafarizes. Suas ruas não são bem alinhadas, algumas carecem de nivelamento e não são calçadas.

A matriz fica na encosta do morro do Cemiterio. E' um templo alto e muito asseiado. Tem na frente duas torres, um mostrador, dous nichos, uma rosacea e a porta de entrada com duas janellas, uma de cada lado.

O interior é despido de decoração, singelo, mas bonito. Tem o altar-mór com Santo Antonio no throno e abaixo o Santissimo Coração de Jesus. No corpo da egreja ficam dous altares: o do lado do Evangelho com a imagem de N. S. da Conceição e o do lado da Epistola com S. José.

A antiga matriz está hoje transformada em capella do Rosario. Dizem que em um dos esteios della, que era de braúna, rebentou um broto, que com o andar dos tempos cresceu muito e que o povo, tomando esse facto, todo natural, como miraculoso, deu á pov. o nome de Santo Antonio dos Brotos.

No dist. imprimem-se dous jornaes: a *Trombeta* e o *Miracemensé*.

Tem tres pharmacias, dous medicos, tres hoteis, quatro alfaiates, tres barbeiros, cinco selleiros, cinco sapateiros, tres marceneiros, duas typographias, dous dentistas, dous bilhares, duas colchoarias, cinco caldeireiros, cinco padarias, tres ferreiros e serralheiros, dous relojoeiros, dous retratistas e 40 casas de fazendas e molhados.

Predomina no commercio o elemento turco.

A instrucção é dada em duas escolas publicas, uma para cada sexo, e em um collegio particular.

Possue ainda uma loja maçonica, duas sociedades musicaes, um theatrinho Quinze de Novembro, tres engenhos centraes de beneficiar café e uma fabrica de cortumes.

A pop. de todo o dist. é de 12.000 habs. e a renda de 25 contos.

Funccionam no dist. 40 combustores de illuminação publica.

Exporta café, milho, madeiras, aves, toucinho, ipecacuanha, fumo, aguardente e algum algodão.

Tem uma praça, que é denominada D. Ermelinda, um largo, que é o da Matriz, e as ruas: Manoel Felisberto, Padilha, Dr. Monteiro, Tostes, Padeiros, Bastos, Coronel José Carlos Moreira, Marechal Floriano e poucas outras, todas ellas extensas.

O Dr. Ferreira da Luz procurou traduzir em linguagem tupy a phrase *páo que brota* por Miracema de *ybira*, páo, madeira, e *cema*, brotar, nascer.

Essa etymologia, em tupy do norte, é perfeita: em tupy do sul, porém, seria *ybiracema*, de *ybira*, equivalente de *mira*, páo e *cem*, que é o mesmo verbo intransitivo *cema*. E', pois, uma simples questão de orthographia.

ANTONIO DO MADEIRA (Santo). Parochia do Estado de Matto Grosso, no mun. deste nome. Foi creada em 1902.

Fica nos limites desse Estado com o do Amazonas.

ANTONIO E ALMAS. Parochia do Maranhão. Accrescente-se no fim: Tem sua séde no pov. Cabeceiras do Itapetininga, a 90 kils. de Alcantara. Em 1896 compunha-se de tres ruas, uma praça, sete casas de telha, 36 de palha e seis

pequenas casas de negocios. Sua producção consiste em farinha, milho, arroz, carrapato, gergelim, assucar e aguardente; tinha quatro engenhos de moer canna. E' banhada pelos rios Pericuman, Itapitininga, Raymundoçú, e Perizes. Tem uma pop. de 6.000 habs. Comprehende os povs. Raymundoçú e Macapá.

ANTONIO ESTEVES. Rio do Maranhão. Accrescente-se no fim: Percorre a ilha de São Luiz com os nomes de Maiobinha, Saramanta, Genipapeiro, Paciencia, Capueira e Mocajutuba.

ANTONIO JOSÉ. Ribeirão do Estado de S. Paulo affl. da margem esq. do Capivary, trib. do rio Jacú, que o é do Santo Ignacio a este do Paranapanema.

ANTONIO OLYNTHO. Dist. policial creado no termo, da Lapa, Estado do Paraná, pelo Dec. n. 248 de 3 de Julho, de 1902. Comprehende o territorio entre os rios Passa Dous Iguassú e Negro até á confluencia do rio da Varzea e deste seguindo em linha recta até ás nascentes do referido rio Passa Dous.

ANTONIO OLYNTHO. Colonia do Paraná. Accrescente-se no fim: Fica á margem dir. do rio Negro, no logar denominado — Agua Amarella —, distante 54 kils. da séde do mun. Conta 341 lotes, occupados (1901) por cerca de 1.800 polacos. E' um nucleo prospero, dispondo de esc., egreja e diversos estabelecimentos commerciaes. Abrange a área de 3.500 hectares.

ANTONIO PEDRO. Cachoeira no rio Pomba, a um kil. abaixo da estação deste nome; no Estado de Minas Geraes.

ANTONIO PRADO. Nucleo colonial do R. G. do Sul. Accrescente-se no fim: Foi por Dec. n. 220 de 11 de feverciro de 1899 elevado á villa. Tem por divisas ao N. o mun. da Vaccaria (4º dist. municipal), ao S. e L. o rio das Antas, desde a barra do rio da Prata até á do S. Marcos; e a O. os rios da Prata e Turvo. Foi installado a 25 de Março de 1899.

ANTONIO REBOUÇAS. Estação da E. de F. de S. Paulo ao Rio Grande; no Estado do Paraná.

ANTUNES. Pov. do Estado das Alagôas, no mun. de Maragogy.

ANZÓES. Corrego. do Estado de Minas Geraes, affl. do rio Formoso, que o é do Pomba; no mun. deste nome.

APARA. Igarapé affl. do rio Gurupy. Desagua do lado do Maranhão.

APÊ. (Substantivo) O caminho, a vereda, o trilho. Vide *pé* (Dr. Theodoro Sampaio.)

APEAÇABA. Composto de *apê-açaba*, a sahida do caminho, onde vem ter o caminho, o porto; altera-se não raro em *apeaçá, peaçá, beaçá, mbeaçá, mbeaçába, peaçaba* (Dr. Theodoro Sampaio).

APEAÇÚ. Composto de *apê-açú*, caminho largo, grande, estrada. (Dr. Theodoro Sampaio).

APEHÚ. Pov. do Pará. Accrescente-se no fim: Foi elevada á villa pela Lei n. 646 de 6 de Junho 1899.

APEREÁ. Subs., animal roedor, vulgo preá, (*Cavia Apereá*); composto de *apê-reá*, mora no caminho. (Dr. T. Sampaio.)

APEREATUBA. Corr. *apereá-tyba*, preás em abundancia; S. Paulo (Dr. T. Sampaio).

APETEUA. Riacho do Estado do Pará, no mun. de Marapanim.

APEÚ. Villa do Estado do Pará, creada pela Lei n. 646 de 6 de Junho de 1899. O territorio da circunscripção dessa villa comprehende toda a zona entre os rios Apeú e Cara parú, inclusive a pov. Americano e Ferreira Penna.

APEÚ. DE DENTRO. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Tury-Assú. Ha um outro pov. no mesmo mun. denominado Apeú de Fóra.

APIÁ. Contr. *apiaba*, subs., o homem, o macho dos animaes; adj. o circumciso; adj. *a-piá*, manchado, pintado, marcado; subs. *apiab*, cabeça arredondada, a glande, o castão (Baptista Caetano).

APIABA. Subs., o macho dos animaes, o homem, o varão; tupi-guarany *apiá*; tupi-amazonas *apgaua, apigaua* (Dr. T. Sampaio).

APIAÇABA. Nome do porto do caminho primitivo do Piratinim para a costa maritima e vice-versa; no Estado de S. Paulo. Este nome é mencionado no titulo de sesmaria de Ruy Pinto, de 10 de Fevereiro de 1533: «...as terras do Porto das Almadias, onde desembarcam quando vão para Piratinim, quando vão desta ilha de S. Vicente, que se chama *Apiaçaba*, que agora novamente chama-se o Porto de Santa Cruz...» Esta palavra é corruptela de *Y-pia-çába*, logar do apartamento do caminho.

APIAHY. Composto de *apiá-y*, rio dos homens ou dos machos. Antigamente se escrevia *Piahy*, composto de *piá-y*, rio do menino ou do captivo; S. Paulo (Dr. T. Sampaio).

APICHAIM. (Adjectivo) Crespo, encaracolado, encarapinhado, rugoso. Ao N. do Brasil se costuma dizer — cabello pichaim (Dr. Theodoro Sampaio).

APICÚ. Corrupção de *apê-cú*, trilha ou vereda longa (Dr. Theodoro Sampaio).

APIGAUA. (Substantivo) O macho, o varão. Vide *Apiaba*.

APIPUCOS. Corruptela de *apê-puc*, o caminho se divide ou se parte, a encruzilhada; pode ser tambem corrupção de *apê-pucú*, caminho ou vereda longa; Pernambuco (Dr. Theodoro Sampaio). Segundo o padre Montoya Apipucos significa cabeça larga, de *api*, cabeça; e *pucú*, larga.

APIPUCOS. Pov. de Pernambuco. Accrescente-se no fim: Dista 8k. 777 metros da cidade do Recife. E' banhada pelo rio Capibaribe, assentada em terreno desegual. Tem uma capella de N. S. das Dôres. Seu nome provem do engenho, que ahi existiu e pertenceu a D. Branca Dias, victima do Tribunal do Santo Officio, pelo crime de judaismo. Em 30 de novembro de 1848 houve, nesse logar, um tiroteio entre as forças legaes e os revoltosos praieiros, morrendo destes 20 e sendo feridos 115 e da parte das forças do governo 15 mortos e 35 feridos. E' um aprazivel arrabalde do Recife, com excellente casaria, clima ameno e agradavel e bastante procurado, principalmente na estação calmosa e pelas festas do Natal.

APIQUE. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. do Limoeiro, a uns 18 kils. a O. da cidade deste nome (S. V. Galvão *Dicc.* cit).

APOLINARIA. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. de Cimbres.

APORÁ. Corr. *a-porá*, elevação ou altura bonita, designando algum serro ou montanha destacada; Bahia, Pernambuco (Dr. Theodoro Sampaio).

APOTERIBÚ. Corr. *apitera-ibú*, fonte ou manancial do meio; pode ser ainda *potyra-ibú*, que hoje se pronuncia *Potribú*, arroio ou fonte das flores; S. Paulo (Dr. Theodoro Sampaio).

APPARECIDA. Dist. de paz e de sub-delegacia no mun. e com. de S. Manoel e Estado de S. Paulo.

APPARECIDA (N. S. da). Bairro no dist. de Santa Rita da Extrema; no Estado de Minas Geraes.

APPARECIDA. Pov. de S. Paulo, no mun. de Jaboticabal. Linha primeira, depois de — no mun. de — leia-se — de Monte Alto e com. de —. Accrescente-se no fim: A estação da E. F. mais proxima é a de Jaboticabal, da linha Paulista, que dista 36 kilometros.

APPARECIDA DE CAMPO ALEGRE. Dist. de sub-delegacia, no mun. e com. de Santa Cruz do Rio Pardo e Estado de S. Paulo.

APPARIÇÃO. Serrote no mun. de Caconde e Estado de S. Paulo.

APPENINOS. Bairro no mun. da Capital do Estado de S. Paulo; com escola.

APUAVA. Corr. *apôaba* por *apôara*, soltador, brigador diz-se do cavallo alçado ou bravo; Paraná (Dr. Theodoro Sampaio).

APUCARANA. Serra do Paraná. Accrescente-se no fim: No *Itinerario* publicado na *Rev. do Inst. Hist.* X. 1853, primeira parte, 1848, lê-se: «Esta serra em cima é um taboleiro de trezentos e tantos passos de comprido e quasi outros tantos de largura; tem pouca vegetação, e aqui e alli se veem grandes e isoladas pedras de todos os tamanhos e fórmas... Que lindo e magestoso quadro! O mais bello céo do universo brilhava sobre nossas cabeças, e estendidos como um mappa a nossos pés; viamos rolar caudalosos rios, atravessando as mais pittorescas e magnificas florestas do Brasil; — perto de nós, concavidades soturnas e montanhas atiradas sobre montanhas mostravam que alguma *erupção vulcanica* tivera logar alli; e, no meio de todo este cháos, a Apucarana lavantava sua alta e descalvada cabeça, olhando com tranquillidade as formas phantasticas que as convulsões da natureza tinham accumulado em derredor de si. E é difficil chegar ao seu cume, defendido por enrugados e escarpados rochedos, cobertos de musgo tão macio como velludo, e matizado de mil côres brilhantes. » Segundo Martius, em seu *Gloss. ling. bras.* Apucarana significa — morro em que se minera á mão —. Segundo o Dr. J. Mendes é essa palavra corrupção de *Opoca-rũ-ne*, eruptivo, vulcanico; de *opog*, estalar arrebentado, mudado o *g* em *ca* (breve) para formar infinito; *rũ*, revolução interior; *ne* (breve), posposição para exprimir certeza. Allusivo a ter sido vulcão esse morro. Segundo o Dr. Theodoro Sampaio «*Apucarana* é corrupção de *apó-carã*, de *apó*, fazer, actuar, obrar; *carã*, em circulo, ao redor, ir em roda; portanto, o que actua ao redor ou faz volta; alludindo ás montanhas, é como se dissesse que — fazem circuito, ou rodeiam o horizonte; Paraná ». Martius diz: «*Apocaraná, apucaraná*, de *pó*, mão; *caranhá*, arranchar. »

AQUIRA. Corr. *akyra*, adj. verde; tupi-guarani *aquir*, adj. tenro, brando, molle; subs. grão, granulo de fructo (Dr. Theodoro Sampaio).

AQUIRAZ. Corr. *akyr á, akyr = akyra*, verde, *á = ar* nascer, surgir; o que nasce verde, o renovo, o broto, ou, como se diz vulgarmente — *as brotas*; Ceará (Dr. Theodoro Sampaio).

AQUIRY. Rio verde, corrupção de *akir-y*.

ARA. Suff. o agente, aquelle que faz ou actua; altera-se as vezes em *ar;* subs. fazedor, possuidor, senhor; subs. o tempo, o dia, a hora, a occasião, a vez, o momento; serve de pref. e suff. (Dr. Theodoro Sampaio).

ARÁ. Subs. nome generico para as aves da familia dos papagaios (*Psittacidæ*) (Dr. Theodoro Sampaio).

ARABERY. Composto de *arabê-r-y*, rio das baratas; corr. *araberi*, a baratinha, o peixinho d'agua doce conhecido por lambary ou alambary (*Chalceus nematurus*) Dr. T. Sampaio.

ARAÇÁ. Serra do Estado de Pernambuco, situada ao S. da pov. de Cimbres, antiga séde do mun. deste nome. Ainda ha no mesmo Estado uma serra com identica denominação na parte meridional do mun. da Victoria.

ARAÇÁ. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. de Guarehy, á margem dir. do rio deste nome, perto do morro Sarandy.

ARAÇÁ. Ponta no mun. de S. Sebastião, dominando a entrada sul do canal; no Estado de S. Paulo. Ahi os portuguezes construiram um forte, que não mais existe.

ARAÇAGY. Log. do Estado do Maranhão, na ilha de S. Luiz.

ARACAHYRUSINHO. Igarapé do Estado do Pará, affl. do rio Aracahyrú, no mun. de S. Sebastião da Bôa Vista.

ARAÇAIBA. Corrupção de *aracá-iba*, arvore do araçá, araçazeiro; (*Psidium*); corrupção de *araçá-aiba*, araçá ruim, ou imprestavel (Dr. Theodoro Sampaio).

ARACAJÚ. Composto de *ar-acayú*, cresce ou nasce o cajueiro; apanhar ou colher cajú; corrupção de *ara-acayú*, cajú do tempo ou da estação; corrupção de *ará-acayú*, cajueiro dos papagaios — (Dr. Theodoro Sampaio). «*Aracajú* composto de *ar*, nascer; *cajú*, arvore » (Martius).

ARACAMBÚ. Corrupção de *ibirá-camby*, forquilha de pau, cruzetas de pau, gancho. (M. Soares).

ARACANGA. Corrupção de *ibirá-canga*, pau longo, ou largo, cacete, porrete empregado para matar o peixe colhido a anzol (M. Soares).

ARACARÉ. Arraial no termo de Villa Nova do Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

ARAÇARIGUAMA. Composto de *araçari-guama*, o bando de araçaris ou tucanos; a ninhada de araçaris; S. Paulo (Dr. T. Sampaio). Segundo Martius essa palavra significa — sitio onde se reunem araçaris para comerem. «*Araçariguama*, diz o Dr. J. M. de Almeida, é corruptela de *Ar-açaî-guâá-mo*. cahe e immediatamente se esparze fazendo lago. De *ar*, cahir, *açaî*, espalhar-se, esparzir-se, derramar-se, estender-se, alargar-se; *ri*, posposição para exprimir a acção sucessiva ou immediata do verbo anterior; *guâá*, fazer bojo, enseada, lago, com o suffixo *mó* (breve) para formar gerundio, visto que o nome, ou palavra inteira, ficou nasalisado por effeito do verbo *açaî*, cuja pronuncia é nasal.

ARAÇÁS. Pov. no mun. de Alagoinhas do Estado da Bahia. Junto á ella corre o rio Quiricó.

ARAÇATUBA. Corrupção de *araçá-tyba*, onde abundam araçás; diz-se outras vezes *araçatiba* (Dr. Theodoro Sampaio). Tratando de uma corredeira no rio Tieté, diz o Dr. João Mendes de Almeida em seu *Dicc.* «*Araçatuba* corruptela de *Harú-haçá-tu-bo*, por contracção *Har'-haçá-ty-bo*, logar de arrecifes e de impedimento atravessado. De *harú*, atravessar; *ty*, ponta, arrecife; *bo*, (breve), para exprimir logar. O *y* tem som guttural. O nome *Har'-haçá-ty-bo* é allusivo a uma muralha atravessada, deixando apenas um canal estreito, eriçado de pedras, pelo qual as aguas correm impetuosas. » Tratando de um morro e de um ribeiro, do mesmo nome, situados no mun. de Cananéa, diz ainda o Dr. João Mendes: «*Araçatuba* corruptela de *Ar-aoce-ty-bo*, ponta alto-rematada. De *ar*, rematado; *aocê*, sobrepujar, ser alto; *ty*, ponta; com a particula *bo* (breve) para exprimir o modo de estar. Allusivo a ser um promontorio, cuja ponta é rematada muito alto... *Araçatuba*, nome do ribeiro é *Ar-açâi-tûi-bae*, o que faz bojo e esparze aos lados. De *ar*, lado; *açâi*, esparzir; *tui*, fazer bojo, com o suffixo *bae* (breve) para formar supino. Allusivo ao fluxo e refluxo da maré, produzindo na enchente a repreza de suas aguas. Ao mesmo tempo, o indigena poderia ter querido assignalar a região como — abundante de araçás. De *araçá*, fructa da familia das myrtaceas; *tib-a*, logar natural com referencia a *araçá*, que antecede e é o genitivo do nome. Os indigenas sabiam fazer este jogo linguistico de nomes com som identico, mas com significados diversos, para logares em uma mesma região ». Em uma descripção de uma viagem em 1792 li *Ararituva*. Tambem já li *Araçauba*.

ARAÇATUBALSINHO. Lago do Estado do Amazonas, no mun. de Urucará.

ARAÇAUBATUBA. Corr. *araçá-yba-tyba*, araçaseiros em abundancia, arvoredo de araçás; Santa Catharina (Dr. T. Sampaio).

ARAÇAUVA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, banha o mun. de S. Bernardo e desagua na margem dir. do rio Grande ou Jurubatuba. Tambem escrevem *Aracauba*.

ARAÇASEIRO. Serra do Estado do Paraná, no mun. de Bocayuva.

ARACÊ. Composto de *ara-cê*, o dia desponta ou sahe, a alvorada, a aurora (Dr. T. Sampaio).

ARAÇOAHY. Palavra tupi corrupção de *araçoyá-y*, rio do chapéo ou do cocar de plumas. Vide *Arassuahy*.

ARAÇOIABA. Segundo o Eng. Daniel Pedro Müller, o nome *Araçoiaba* significa coberta do sol. Segundo o Dr. Paulino Nogueira, em seu *Voc. indig.* é essa palavra derivada de *ara*, ave; *coi*, fallar e a desinencia *aba*, significando o logar em que a cousa se faz; onde as aves gorgeiam. «*Araçoyaba*, diz o Dr. Theodoro Sampaio, é composto de *ara-açoyaba*, cobertura, ou anteparo do tempo, o chapéo; ao monte isolado no meio de uma planicie, aos cabeços arredondados dava-se o nome *araçoyaba*. » «Já escrevi, diz o Dr. J. M. de Almeida, que o nome verdadeiro desse morro de ferro era *A'ra-ci-aba*, significando — cabellos do sol —; os indigenas denominavam o sol *ara-ci*, mãe do dia, de *ara*, dia; *ci*, mãe. Sem duvida, brilhando aos raios do sol aquellas montanhas de ferro e de outros mineraes, *A'ra-ci-ába* correspondia perfeitamente á denominação. Por egual, ou pelo mesmo motivo, os indigenas denominam *Gu-ára-ci-aba*, o beija-flor. Mas tambem não é verdadeira esta versão. O nome verdadeiro é *Biro-açú-eii-ába*, como está escripto nos documentos antigos. Por contracção *Bi-r'-açú-eii-ába*. De *bi*, pegar-se; *ro*, particula copulativa, exprimindo simultaneidade; *açú*, altos e baixos; *eii*, muitos; *ába*, verbal designativo, neste caso, de logar ou região. E' portanto *Bi-r'-açú-eii-ába*, região de muitos altos e baixos, pegando-se uns aos outros ». Em alguns documentos antigos este nome é escripto *Hybiraçoiaba e Biraçoyaba*.

ARACY. Vocabulo tupi composto de *ara-cy*, a mãe do dia, a aurora. Outros escrevem *araci* de *ara* dia, e *ci*, mãe.

ARAEZ. Nome de uma tribu selvagem de Goyaz. «Esta palavra, diz o Dr. T. Sampaio, é corrupção de *ará-aê*, o amigo dos papagaios, affeiçoado a estas aves. »

ARAGUÁ. Composto de *ará-guá*, valle ou baixada dos papagaios (Dr. Theodoro Sampaio).

ARAGUARY. Composto de *araguá-r-y*, rio do valle ou baixada dos papagaios (Dr. T. Sampaio).

ARAGUAY. Rio do valle dos papagaios; composto de *araguá-y*. *Araguaya* é composto de *araguay*.

ARAGUAYA. Estação da E. de F. Sul do E. Santo; no Estado deste nome. Foi inaugurada a 15 de março de 1902.

ARAGUAYA. Parochia creada no pov. do Registro do Araguaya, no Estado de Matto Grosso pelo art. III da Lei n. 211 de 10 de maio de 1899.

ARAMARY. Subs., o mesmo que *arabery*, baratinha, peixinho, vulgo *lambary*, ou *alambary*; altera-se ás vezes em *alambaré* ou *lambaré* (*Cha'ceus*) Dr. T. Sampaio.

ARAMUCÚ. Corr. *ara-mbcú*, dia comprido ou longo (Dr. T. Sampaio).

ARANAIJA. Rio do Estado do Pará, no mun. da Capital.

ARANHAS. Pov. do Estado de Santa Catharina, a pouco mais de 12 kils. do dist. da Lagôa, junto ao morro das Flechas, que forma a ponta do mesmo nome. Para E., em frente á ponta, na distancia de uma milha mais ou menos vê-se o pequeno grupo de ilhotas das Aranhas, que deu o nome ao logar. Cultura de mandioca e de amendoim.

ARANHAS. Salto no rio Paranapanema. Accrescente-se no fim: Fica acima da villa de S. Sebastião do Tijuco Preto, entre os muns. deste nome e o de Santa Barbara do Rio Pardo. «*Aranhas*, diz o Dr. João Mendes de Almeida, corruptela de *Ar-ã-ña*, queda a pique e corredeira. De *ar*, cahir; *ã*, em pé, a pique; *nã*, carreira, correnteza. Allusivo á corredeira e ao grande salto, tendo passado as aguas por um estreito canal, de cinco metros de largura mais ou menos, formado por altas massas de rochas sobrepostas e cahindo de uma altura de tres a quatro metros, com enorme rumor que se prolonga e se ouve á grandes distancias. Desde a parte superior, alguns querem que haja tres principaes quedas, alem de outras menores, intervalladas por bacias em que as aguas formam remanso. A de cima, porém, é antes uma cachoeira entre ilhotas e extensos rochedos do que propriamente um salto. A segunda é mais uma corredeira entre altos rochedos, precipitando-se ahi as aguas com grande fragor. A ultima já está descripta. »

ARAPANEMA. Composto de *ara-panema*, dia ruim, aziago. (Dr. T. Sampaio).

ARAPAPUCÚ. Rio do Estado do Pará, banha o mun. de Melgaço e desagua no Laguna.

ARAPEHY. Corr. *arabé-y*, rio das baratas; composto de *ará-pe-y*, rio da vereda dos papagaios (Dr. T. Sampaio).

ARAPIRANGA. Composto de *ára-piranga*, clarão ou dia vermelho, barras do dia, arrebol (Dr. Theodoro Sampaio).

ARAPIRANGA. Igarapé do Estado do Pará, affl. do rio Bujarú, no mun. de S. Domingos da Bôa Vista.

ARAPONGA. Composto de *ará-ponga*, papagaio que sôa, papagaio estridente; passaro *ferrador* ou martello. (*Chasmarhynchus nudicollis*); altera-se ás vezes em *Uraponga* e *Guiraponga* (Dr. T. Sampaio).

ARAPUÁ. Corr. *ira-apuá*, mel redondo, ou ninho redondo de abelhas (Dr. T. Sampaio).

ARAPUCA. Corr. *arapug*, prender batendo (Macedo Soares); antigamente se dizia *guirapuca*, composto de *guirá*, passaro; *puc*, bater, partir, isto é, a armadilha que bate passaro, ou o colhe; em outros logares diz-se *urupuca*, composto de *urú*, cesto; *puc*, bater; cahir com estrepito, isto é, cesto que desaba (Dr. T. Sampaio).

ARAPUCA. Riacho do Estado do Ceará; entre Icó e Jaguaribe-mirim.

ARAQUÁ. Serra do Estado de S. Paulo, á margem dir. do rio Tieté, entre os muns. de S. João do Rio Claro, Brotas, Dous Corregos e Jahú. E' tambem conhecida por Aracoára, e assim encontra-se escripto em documentos antigos. Nos ultimos tempos corromperam-lhe o nome em Araraquara. «*Araquá* ou *Aracoara*, diz o Dr. João Mendes de Almeida, significando *buraco do mundo*, de *ára*, mundo, *quá* ou *quara*, buraco, exprimiria bem o pensamento do indigena, ao ver essa serra frequentemente envolta em exhalações, e afigurando-se-lhe que em cima da montanha haveria algum grande buraco, por onde sahiam essas nuvens ou vapores. *Araquiá*, denominam assim essas exhalações os indigenas do rio Amazonas: *ara*, mundo; *quiá*, sujidade; sujidade do mundo. Em um documento de 1788, o nome *Aracoara* está escripto como significando *morada do dia*, de *ara*, dia, *coára*, buraco, morada. Entenderiam os indigenas, navegando o rio Tieté, a ser exacta esta versão, que, nascendo o sol por detraz da cordilheira, alli morava o dia. Mas tudo isto é imaginativo; nem tem razão de ser. O verdadeiro nome é *Araquai*, aberta, torneada, com cinturas. Allusivo aos picos e suas fórmas, e ás abertas entre esses picos. A serra e seus

morros offerecem realmente esse aspecto; e, quando o sol illumina os serros, mostra nestes, mesmos de longe, os picos torneados e com cinturas. » «*Araquã*, substantivo, ave conhecida (*Penelope Araquan*). » Dr. Theodoro Sampaio.

ARAQUARA. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do rio Serinhaem. Esta palavra é composta de *ará-quara*, paradeiro ou esconderijo dos papagaios.

ARARA. (Substantivo) Augmentativo de *ará*, nome. applicado aos papagaios grandes (*Psittacus Macrocereus*) Dr. Theodoro Sampaio.

ARARÁ. (Substantivo) O mesmo que *irará*, nome de uma formiga alada. V. Mart.; Bahia (Dr. Theodoro Sampaio).

ARARA. Rio do Estado do Amazonas, affl. do Uniny, no rio Negro.

ARARA. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Ingazeira e desagua no rio Pajehú.

ARARA. Corrego do Estado de Matto Grosso, no mun. de Miranda.

ARARA. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. de Cimbres.

ARARACANGA. Composto de *arara-acanga*, a cabeça d'arara. (Dr. Theodoro Sampaio).

ARARAHIM. Ilha do Estado do Pará, no mun. de Cametá, defronte do igarapé Acajuhy.

ARARAMÁ. Rio do Estado do Pará, no mun. do Affuá.

ARARANGABA. Composto de *ara-rangaba*, signal, medida de tempo, o relogio; no tupi do Amazonas *ara-rangaua* (Dr. Theodoro Sampaio).

ARARANGUÁ. Composto de *arára-anguá*, rufo ou rumor dos papagaios; Santa Catharina (Dr. Theodoro Sampaio).

ARARAPIRA. Composto de *arara-pyra*, couro ou pelle d'arara; S. Paulo (Dr. Theodoro Sampaio).

ARARAQUARA, Estação da E. de F. Paulista, na cidade do mesmo nome; no Estado de S. Paulo. Foi inaugurada a 18 de Janeiro de 1885. Dessa estação parte egualmente a E. de F. de Araraquara a Ribeirãosinho. Essa palavra significa, refugio ou viveiro das araras. De *arara=quara*.

ARARAQUARA A RIBEIRÃOSINHO. E. de F. do Estado de S. Paulo. Tem as seguintes estações: Araraquara, Cruzes, Itaquerê, Santa Josepha, Mattão, Dobrada, Santa Ernestina, Poço Fundo e Ribeirãosinho. A posição é a seguinte: Cruzes a 13k165; Itaquerê a 25k386; Santa Josepha, a 31k925; Mattão a 41k017;. Dobrada a 53k930; Santa Ernestina, a 63k378; Poço Fundo, a 71k860; e Ribeirãosinho, a 82k280.

ARARAS. Cordilheira de pouca elevação que se estende pelo mun. do Granito do Estado de Pernambuco.

ARARAS. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Corumbatahy, no mun. do Rio Claro.

ARARAY. Composto de *arara-y*, rio das araras; corrupção de *arara-i*, arara pequenina, ararasinha (Dr. Theodoro Sampaio).

ARARIPE. Villa do Ceará. Accrescente-se no fim: Foi supprimida a villa pela Lei n. 523 de 19 de Julho de 1899:

ARARIPE. Corrupção de *ara-r-y-pe*, ara = ar, nascer, surgir, *y*, agua, rio, *pé*, posposição equivalente a *em o* ou *no;* portanto, *no nascer dos rios;* é o mesmo que — *Serra das nascentes* ou das *cabeceiras* (Dr. Theodoro Sampaio).

ARARITAGUABA. Composto de *arara-itaguaba;* de *arara* ave conhecida *itaguaba* ou *itá-guaba*, comida de pedra, de argilla dura, isto é, barranco argilloso, cuja terra serve de comida, é, emfim o que commummente se chama *barreira*; portanto *barreiro das araras;* S. Paulo; nome antigo da cidade de Porto Feliz. Vide *Itaguaba* (Dr. Theodoro Sampaio).

ARARUAMA. Composto de *arara-uama*, bando ou ninhada de araras e tambem ceva das araras (Dr. Theodoro Sampaio).

ARARUAMA. Composto de *arara-uama*, bando ou ninhada de araras (Dr. T. Sampaio). *Araruama* ou *Iriruama*, de *ami*, espremer; *ira*, mel. (Martius).

ARARY. Rio do Estado do Maranhão, affl. do Turyassú. Banha a pov. de Jamary. (Dr. J. J. Ferreira).

ARARY. Vide *Araray*.

ARARY. Villa do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira, *obr.* cit., diz: «*Arary*, de aspecto pittoresco, á margem dir. do rio Mearim, está situada em terreno plano e massapé, 42 kils. á montante da foz do Pindaré, que é importante affl. da margem esq. daquelle rio. E' rodeada de campos de criar, extremada pelos igarapés Ubatuba e Arary, e cortada pelo igarapé Nema, que vindo do lago da Morte a divide em dous bairros ligados por uma ponte e se lança no rio Mearim. O lago da Morte, que é bastante piscoso, fica a tres kils. da villa e o igarapé Araryassú, a 36, atravessando este em seu percurso uberrimos campos. Tem grande criação de gado e exporta para a capital carne secca de excellente qualidade, peixe salgado, cereaes, oleos, couros, taboado e fructas. E' séde do mun. e do termo do mesmo nome, que pertence á com. do Baixo Mearim. Na villa do Arary, bem como na da Victoria, se observa o interessante e curioso phenomeno da *Pororoca*, que se forma no banco de Tijucupaua, situado na foz do rio Mearim. Este banco, que se estende quasi transversalmente á foz do rio, a modo de uma barragem natural, que fica inteiramente á descoberto por occasião do refluxo da maré, represa as aguas da enchente até que attinjam á altura e volume sufficientes para vencer a corrente do rio, o que se dá no fim de tres horas; então ellas se levantam, formam tres a quatro ordens de ondas enormes, chamadas *cavalleiros*, que as precedem e se precipitam pelo rio acima, a muitas leguas de distancia, quer no Mearim, quer no Pindaré, e com tanta velocidade e impeto que enchem em tres horas os logares de que as aguas haviam vasado em nove! Observa-se a pororoca no verão e no inverno; é mais forte nas syzygias. Para evitar os perigos que causam ás embarcações, tomam os navegantes varias precauções. » O Snr. José Ribeiro do Amaral *obr.* cit., diz: «*Arary*. Situada em uma posição encantadora, á margem dir. do Mearim, a 12 kils. da Victoria e na Lat. de 3° 14′ S. e Long de 1°16′ W., a actual villa de Arary, em 1803, não passava de uma pobre pov. com tres casas apenas. Em 1820, contava já 22 e duas capellas: uma da Senhora da Graça e outra do Senhor dos Afflictos. Em 1856, formava um curato com 130 casas, sendo 40 cobertas de telha; 1.086 habs., uma capella linda e decente e oito lojas ou quitandas. Pela Lei Prov. n. 465 de 24 de Maio de 1858 foi elevada á freg. sob a invocação de N. S. da Graça. Presentemente, consta de uma rua que se prolonga em grande parte pela margem do rio, e que é cortada pelo igarapé Nema, formando dous bairros, ligados por uma ponte. Tem uma bôa Egreja Matriz, 26 casas de negocio diversos, uma padaria, seis officinas de sapateiro, tres de alfaiate, quatro de carpina, dous de calafate e uma de ferreiro. A tres kils. do Arary, á margem dir. do rio, encontra-se o logar denominado *Sitio Velho*, assim chamado por ter alli sido primitivamente a séde da freg.; d'ahi a seis kils., á esq., o *Bom Fim*, onde houve uma capella pertencente á Ordem do Carmo. » Comprehende o pov. Barreiro.

ARASSUAHY. Vide *Araçoahy*.

ARASSUAHY. Dist. de Minas. Accrescente-se no fim: O Sr. J. Augusto Neves, em sua *Chorogr. do Mun. de Diamantina*, diz: «A séde deste dist. dista 72 kils. de Diamantina e está collocada no planalto de um campo vasto, circumdado de extensas planicies, bellas collinas, amenos regatos e pequenos bosques, á margem dir. do rio Arassuahy. Pelos

colonos foi edificada a Egreja de N. S. das Mercês, que, a 20 de Dezembro de 1896, foi devorada por terrivel incendio que a reduziu a cinzas, salvando-se apenas a importante imagem do Senhor da Bôa Morte, obra de um pobre operario sem instrucção, alem disso aleijado e que trabalhava com uma pequena faca amarrada no punho. A' subscripção e esmolas os habs. da referida localidade construiram outro templo. O arraial tem mais a capella de N. S. do Rosario. O dist. é aurifero e ainda hoje se conhecem nelle os vestigios das lavras do tempo da extracção. Seu clima é geralmente saudavel e são excellentes as suas terras de cultura, sendo maior a extensão de capueiras, catingas virgens e cerrados que a dos campos. Suas mattas tem bôas madeiras de construcção e marcenaria. O principal ramo da lavoura do dist. é a cultura de cereaes, plantando-se relativamente ao consumo pouco café e fumo. Cria-se com especialidade gado vaccum, cavallar, muar, lanigero e suino, não tendo melhorado as raças por falta de cruzamento e da introducção de bons reproductores. Entre os filhos do dist. já fallecidos, destaca-se como distinctissimo o padre Rolim, um dos celebres conjurados da Inconfidencia mineira, nascido na fazenda do Sobrado e fallecido em Diamantina. »

ARATACA. Composto de *ara-tac*, colher batendo com estrepito, apanhar desabando sobre; armadilha usada para as aves, ou caça meuda (Dr. Theodoro Sampaio).

ARATACA. Pequena praia entre a ponta de Rita Maria e a do Estreito, onde se acha o forte de Sant'Anna; no Estado de Santa Catharina. Tem 200 metros de extensão mais ou menos, talhada em fórma de alfange e pautando, com a sua barra de areias claras, a verde collina tapizada de gramma que se eleva pouco e pouco até o morro do Cemiterio. «E' um sitio quasi deshabitado, diz o Sr. Virgilio Varzea, mas de uma disposição geologica tão caprichosa e artistica, assim encravado como está nesse sopé recurvo de outeiro, no agrupamento pittoresco de rochas que o fecham pelo S. e na placidez espelhada de suas aguas, que dir-se-hia nelle pairar como a espiritualidade de um desses recolhimentos marinhos, onde uma inexplicavel poesia mysteriosa, nascida da propria solidão e do vago, empresta ás cousas um aspecto e uma expressão ideal! Esse encanto da Arataca prende sobretudo aos marujos ; e disso tivemos uma prova inequivoca, quando, uma vez, já ha annos, no Desterro, referindo-nos á belleza natural da Arataca, ouvimos do illustre almirante Saldanha da Gama, as seguintes expontaneas e expressiva palavras: « Não sei que sympathia me arrebata por essa pequena praia. Tenho já viajado grande parte do globo, mas é alli que desejo acabar os meus dias. E para alli virei viver, certamente, apenas me reformar. Para mim não ha outro logar, em todo o mundo, mais propicio á meditação e ao repouso de um homem encanecido na labuta do mar... »

ARATANHA. Serra do Ceará. Accrescente-se no fim: O Sr. Barboza Rodrigues diz: «*Aratanha* composto de *ará-tanha*, bico de papagaio ».

ARATICUM. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de Itaporanga (*Almanak Sergipano* 1901).

ARATÚ. (Substantivo) Especie de carangueijo (*Grapsus*) Dr. Theodoro Sampaio.

ARATÚ. Dist. policial criado no Estado da Bahia pelo Dec. de 16 de Março de 1900. Foi desmembrado do dist. de Paripe.

ARATURÉ. Composto de *aratú-ré*, variedade de aratú (Dr. Theodoro Sampaio).

ARAUBA. Igarapé do Estado do Pará, no mun. da Vigia.

ARAUNA. Composto de *ará-una*, papagaio escuro, quasi negro, especie de arara azul (Dr. Theodoro Sampaio).

ARAXÁ. Accrescente-se no fim: Os Drs. Couto Magalhães e M. Soares dizem: «*Araxá*, composto de *ara-chá*, ver o dia, avistar o sol, alludindo a ser o *araxá* um planalto ou chapadão no mais alto de um systema montanhoso, onde se está em posição de ser o primeiro a ver e o ultimo a deixar de ver os raios do sol. »

ARAYOSES. Villa do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira, *obr.* cit., diz: «*Arayoses*, situada á margem esq. do rio Santa Rosa, que é uma bifurcação occidental do Parnahyba, dista 90 kils. da foz deste rio e fica tres kils. á jusante do rio Magú ou João Peres, que nasce no logar Montevedy, forma o lago Magú e se lança no mesmo Santa Rosa. E' extraordinaria a quantidade de peixe que ha no rio Magú, durante o mez de maio; mais de 400 pessôas ahi se occupam da pesca, sem diminuir, pelo menos sensivelmente, a sua riqueza piscosa. Esta villa exporta arroz, farinha, rapadura, aguardente e assucar. » O Sr. José Ribeiro do Amaral, *obr.* cit., diz: «Tira este mun. o nome de uma tribu que alli tinha a sua aldeia, e em que existiam tambem indios Aranhys, como consta do termo da junta das missões de 6 de Agosto de 1747. *Arayoses*, villa, a 3°10′ de lat. S. com tres ruas, duas travessas, cinco beccos, uma praça em frente á Matriz, 22 casas cobertas de telha, 72 de palha; Egreja Matriz de pedra e cal e coberta de telha; duas capellas, uma das quaes na pov. das Carnahubeiras e a outra no logar Cannabrava; tres cemiterios; cinco casas commerciaes de seccos e molhados. Tem uma pop. de 800 almas. Entre os seus principaes generos de producção, contam-se: farinha, milho, arroz, feijão, assucar, aguardente, rapadura, algodão, bananas, côco da praia, cera de carnahuba e jussara, os quaes dão não só para o consumo como ainda para serem exportados em grande quantidade. Para a lavoura da canna possue o mun. 15 engenhos de ferro, dos quaes cinco situados na ilha das Batatas, e 12 de madeira, tangidos todos por animaes. O territorio deste mun. é feracissimo para todo o genero de cultura. Ha aqui duas especies de lavoura: a das *mattas*, a que vulgarmente chamam *catingas*, que ainda hoje é a lavoura commum do Estado; e a das *vasantes*, que são umas pequenas lavouras, feitas nas margens dos rios, que inundam com os fluxos e refluxos do mar. A canna e o arroz dão nas vasantes até á 5ª folha, bem como fumo, bananas, ananazes, melancias, excellentes melões e a mandioca, que no curto espaço de seis mezes está madura e deve ser arrancada por via das enchentes do Parnahyba, que transborda e alaga kils. com suas abundantes aguas, de onde resulta a fertilidade das suas margens. As sezões predominam de junho a agosto; a doença, porém, que mais invade Arayoses é a febre catharral. Tem criação de gado vaccum, cavallar e muar. Para a criação do primeiro possue 44 fazendas com 9.000 cabeças, que produzem, termo médio, 500 bezerros; e para a do segundo, cerca de 1.500 cabeças, cuja producção pode ser avaliada em 150 crias. E' este mun, banhado pelos rios Parnahyba, Tutoya, Pará-mirim, e Magú... Entre muitas lagôas existe a de João Pires, que é vasta e feracissima em peixe. Suas ilhas principaes são: S. Paulo, Mariquita, Poções, Santa Cruz, Batatas, das Eguas, Manguinhos, Cardozo, Guerindó, Canarias, Potros, Barracôa, Sobradinho, Cajú, S. Bernardo, Cravatá e Carrapatinho, algumas das quaes são banhadas pelas aguas salgadas, sendo que nellas existem muitas situações de gado vaccum, cavallar, muar e lanigero. As banhadas pela agua dôce não só criam bem todos os animaes domesticos, como se prestam muito bem para a lavoura, contando-se já nellas muitos estabelecimentos deste genero. A pop. deste termo, segundo o ultimo recenseamento, é de 10.000 almas. Entre as diversas povs. do mun. conta-se a de Carnahubeiras, com uma esc. mixta, uma capella de telha, cemiterio, e grande numero de moradores. »

ARCHANJO. Serra da Estado da Bahia, no dist. da Saúde e mun. da Jacobina.

ARÊA. E. de F. do Estado da Bahia. O primeiro trecho entre S. Miguel e Nova Lage, tem de extensão 18 kils. e foi inaugurado em 18 de novembro de 1901. Entronca-se com a *Tram Road de Nazareth*. O percurso total até Arêa é de 58 kils., passando pela villa de Jequiriçá (kil. 44).

ARÊA BRANCA. Com este nome dá o *Almanak Sergipano* (1901) noticia de dous arraiaes nos termos de Santa Luzia e Riachuelo.

AREADO. Rio do Estado de S. Paulo, no mun. de Xiririca. E' um braço do rio Batatal.

AREAL. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Bezerros.

AREÃO. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim (Inf. loc.)

ARÊA PRETA. Riacho insignificante do Estado da Bahia, banha a pov. de Ondina e desagua na bahia do Salvador.

ARÊAS. Pov. do Estado de Pernambuco, no dist. da Paz dos Afogados com uma estação da E. de F. Central entre as estações Recife e Tigipió.

ARÊAS. Bairro do Estado de S. Paulo, no mun. da Fartura.

ARÊAS. Bairro do mun. do Bebedouro, no Estado de S. Paulo; com uma esc. creada pela Lei n. 601 de 4 de maio de 1899.

ARÊAS. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do ribeirão da Fartura, trib. do Itararé.

ARÊAS. Corrego do Estado de Goyaz, affl. do rio Manoel Alves, em S. José do Duro.

ARÊAS. Rio do Estado de Matto Grosso, affl. do rio Paraguay, no mun. do Diamantino.

ARIAHÚ. Igarapé do Estado do Amazonas, affl. da margem esq. do rio Negro, nas divisas do dist. de Tauapessassú.

ARICANGA ou GUARICANGA. Palma conhecida tambem por *airi, ayri*, ou *hayri*, como escreveu Thevet *Astrocariam Ayri* — V. Mart.), São Paulo (Dr. Theodoro Sampaio).

ARICANDUVA. Corrupção de *arican-dyba*, palmar de airis ou aricangas; aricangas em abundancia; S. Paulo (Dr. Theodoro Sampaio).

ARICORY. Nome primitivo de Ouricory; no Estado de Pernambuco.

ARIRIAIA. Corrupção de *airi-aia*, palma airi de bôa qualidade; pode ser corrupção de *riry-aia*, que se traduz — ostra de bôa qualidade —; S. Paulo (Dr. Theodoro Sampaio).

ARIUAUA. Rio do Estado do Pará, na ilha da Caviana, com. de Chaves.

ARMAÇÃO. Pov. do Estado de Santa Catharina, no mun. de Itajahy, com escola.

ARMAÇÃO. Bahia no littoral do Estado do Rio de Janeiro. Logo depois de montado o cabo dos Buzios escontra-se nessa bahia um ancoradouro abrigado do S. E. em seis a oito braças d'agua, fundo lama. Na parte E. dessa bahia vê-se a ilha Branca.

ARMADA. Rio do Estado da Bahia, passa por Ilhéos e desagua na lagôa Itahype.

AROEIRA. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do rio Pajehú, no mun. de Ingazeira.

AROEIRA. Rio da Bahia. Accrescente-se no fim: Vai para o Itapecurú-mirim. A linha do Prolongamento da E. de F. da Bahia ao S. Francisco passa por um pontilhão existente nesse riacho, no ponto em que a estrada descreve uma grande curva, que tem a semelhança de um S. Esse pontilhão é o mais alto da estrada.

AROUCA. Bairro do Estado de S. Paulo, no mun. de Santa Cruz da Conceição; com uma esc. mixta, creada pela Lei n. 643 de 7 de agosto de 1899.

AROUCA. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. a cidade do Bom Fim.

AROUCA. Um dos formadores do rio do Roque, affl. da margem esq. do Mogy-guassú; no Estado de S. Paulo. Recebe o ribeirão da Serrinha.

AROUCA. Corrego do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

AROXY. Serra do Estado do Pará, a O. da do Ererê. Tem a mesma orientação geral e os mesmos caracteres topographicos e geologicos que esta ultima serra. E' um pouco mais baixa que o Ererê. Um dos caracteres mais notaveis que ella apresenta é uma larga facha de cactus que se estendem desde baixo até em cima, na encosta meridional. Logo a O. da serra de Aroxy e cerca de um kil. de distancia existe uma serrinha chamada do Maxirá.

ARRAIAL (S. João do). Villa do Ceará. Accrescente-se no fim: Foi restaurada villa pela Lei n. 526 de 28 de Julho de 1899, que deu-lhe a denominação de S. João de Urubúretama.

ARRAIAL. Villa e mun. do Estado do Ceará. Accrescente-se no fim: Foi supprimido o mun. pela Lei n. 453 de 22 de Agosto de 1898, e restaurado com o nome de S. João de Urubúretama pela de n. 526 de 28 de Julho de 1899.

ARREGALADO. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do rio Iguarassú, no mun. deste nome.

ARREPENDIDO. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de S. Fidelis.

ARRODEIO. Lagôa do Estado do Maranhão, nos arredores da pov. de Santa Quiteria.

ARROIO DAS MARRECAS. Log. do Estado do Paraná, no mun. de Serro Azul.

ARROJADO. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do rio Correntes, no mun. deste nome.

ARROMBADOS. Log. de Pernambuco. Accrescente-se no fim: Hoje se denomina Duarte Coelho, em honra do fundador da antiga capital de Pernambuco. Tem uma estação da ferro-via do Recife a Olinda e Beberibe no kil. 6,998 m. E' um pov. crescido e tem uma capella dedicada a N. S. dos Navegantes, erecta em 1842. Em 1645 tinha esse logar a denominação de *Mazombos*.

ARROZAL. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Breves.

ARROZAL. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, nasce na Fazenda Santa Cruz e desagua na margem esq. do rio Parahyba do Sul 300 braças acima da estação do Commercio.

ARRUDA. Pov. do Estado de Matto Grosso, no dist. do Rozario, com escola.

ARRUDAS. Corrego de Minas Geraes, entre Mercês e Pomba. Accrescente-se no fim: Desagua no rio Pomba.

ARÚ. (Substantivo) Nome de um sapo ou rã que coaxa nas lagôas, parecendo motejar ou escarnecer, donde lhe vem o appellido de *arú*. Vide *Guarú* (Dr. Theodoro Sampaio).

ARUAN. (Adjectivo) Quieto, pacifico, bem parecido, sympathico; nome de uma tribu da ilha Marajó; Pará (Dr. Theodoro Sampaio).

ARUCAUÁ. Rio do Estado do Pará, reune-se com o Caripy e o Uaçá e juntos vão desaguar no oceano junto á foz do Oyapock e do cabo Orange. Regam todos o territorio do Aricary. (*Carta* do territorio do Aricary de José Lobo Pessanha. Pará, — Agosto. — 1901).

ARUJÁ. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do Bacuruvú; no mun. de Mogy das Cruzes. «Arujá, diz o Dr. T. Sampaio, corrupção de *arú-yá*, o sapo ou rã se cria ou surge, o viveiro das rãs; é o mesmo que guarujá. »

Segundo Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, no seu *Gloss.* o nome *Arujá*, significa morada de sapos. «*Arujá*, diz o Dr. João Mendes de Almeida, corruptela de *Arú-yáû*, lamascento, limoso. De *arú*, ter alguma cousa em si, exprimindo a qualidade do objecto; *yáû*, limo, lama, sarro, folhagem secca e detritos vegetaes. Tambem pode provir de *Aroyâ*, pegal-o pegando-se com elle, o nome *Arujá* é o verbo *ayá*, pegar, com a intercalação de *ro* para significar acção commum de dous ou mais. Allusivo a reunirem-se, mesmo na pov., duas cabeceiras que formam o Bacuruvú-mirim. »

ARYGBOIA. Appelido do chefe *temiminó*, que auxiliou os portuguezes na conquista do Rio de Janeiro e se chamou Martim Affonso «*Arygboia*, diz o Dr. Theodoro Sampaio, compõe-se de *ar-yg-boy*, cobra que nasce ou se cria n'agua; é uma serpente aquatica, esverdeada e de cabeça escura. » Esse fiel alliado de Estacio de Sá nada tem de commum com o celebre Tebiriçá, fallecido a 25 de dezembro de 1562, Ambos receberam, na occasião do baptismo, os appelidos de Martim Affonso de Souza, em honra do primeiro donatario da capitania de S. Vicente.

ASSACOERA. Rio do Estado de S. Paulo; nasce na serra Mongaguá, e desagua no rio S. Vicente pela margem dir.; no mun. de S. Vicente. Vide *Assaquera*.

ASSACÚ ou UASSACÚ. De *uá*, fructa; *assy*, doença; *uu*, comer; fructa que produz doença (Hura-crepitans. L.) Familia das euphorbiaceas.

ASSAHI. Corrupção de *ia-çai*, fructo que chora, reçuma ou deita agua, allusão ao côco da palmeira. *Euterpe oleracea*. Vide Martius e M. Soares.

ASSAQUERA. Corrupção de *aça-quera*, a travessia de outr'ora onde vinha cruzar o caminho velho, o porto de outro tempo; S. Paulo. (Dr. Theodoro Sampaio). Segundo Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, em seu *Gloss.* cit. o nome *Assacoera*, significa volta do rio. « *Assacoera*, diz o Dr. João Mendes de Almeida é corrupção de *Ie-aciá-cuêra*, cortado. De *aciá*, cortar, precedido do recirpoco *ie* para exprimir a acção do agente sobre si mesmo e levado ao preterito pelo accrescimo *cuêra*. »

ASSARÉ. Vocabulo tupi corrupção de *açá-ré*, travesssia differente, atalho. Ceará.

ASSENÇO. Arraial no termo de N. S. das Dores, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

ASSÚ. (Adjectivo) Grande, consideravel. Vide *Açú*.

ASSÚ. Arraial no termo do Lagarto do Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

ASSUNGUY. Corrupção de *ayû-cui-y*, rio das arêas de ouro; S. Paulo, Paraná; pode ser tambem corrupção de *a-çugui-y*, sendo *a* prefixo que dá á dicção o caracter de adjectivo; *çugui*, azul; *y*, rio; portanto rio azulado ou de aguas aniladas. (Dr. Theodoro Sampaio). Segundo Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, em seu *Gloss. de palavras indigenas*, o nome *Assunguy* significa rio de agua azulada. « *Assunguy*, diz o Dr. João Mendes de Almeida, é corruptela de *Açoi-gui*, encoberto. De *açoi*, tapar; *gui*, parte inferior, baixo. Allusivo a correrem suas aguas por baixo dos rochedos, ficando encobertas ou tapadas em varios logares. » Martim Francisco, o velho, escreveu *Assoungui*.

ASSUNGUY. Rio de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Este rio precipita-se da serra em varios saltos, com grande estrepito; e sua queda das serranias é de mais de 300 metros. Sobretudo, no tempo das chuvas, o rumor de suas aguas é ouvido na distancia de leguas. E' de uma correnteza extraordinaria; e essa rapidez, em uns logares com quedas entre frestas e canaes abertos nos rochedos, tem sido calculada de mais de 30 metros em 15 segundos. O conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela Provincia de S. Paulo, no anno de 1805*, referindo-se a este ribeirão, escreveu. « Entrei, emfim, á esq. do rio de *Assoungui*. Passadas tres ou quatro voltas vae ter-se ao primeiro salto; o rio *minando as tivasias que entre si deixa a rocha granitica*, corre por diversas apertadas boccas, fazendo grande ruido;... a rocha acha-se em parte furada pelo continuo embate das aguas... Decorrendo as margens até perto do segundo salto, observei o seguinte: corregos nascentes dos morros, que demoram nestas alturas; os mesmos blocos da rocha granitica já mencionada; e, nas fraldas de um tezo sobranceiro ao rio, pedaços de um barco muito ochraceo e talcoso, já com a natureza fissil dos schistos. »

ASSUNGUYSINHO. Pov. do Estado do Paraná; no mun. da Palmeira.

ASSURUÁ. Si for tupi, pode ser corrupção de *a-çurú-uá* que quer dizer, cume, dorso escorregadio; Bahia (Dr. Theodoro Sampaio).

ATÁ. (Verbo) Andar, passeiar, vagar. (Dr. Theodoro Samapio).

ATÃ. (Adjectivo) Duro, rijo, firme (Dr. Theodoro Sampaio).

ATALAIA. Pov. do termo de S. Christovão, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

ATALHO. Pov. do Estado de Pernambuco, no mun. de Tacaratú, á margem do rio S. Francisco, com uma capellinha dedicada a S. Pedro. Defronte desse pov. fica a cachoeira Pedro Dias. E' tambem denominado *Varzea Redonda*.

ATALHO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. do rio das Pedras, que o é do Pardo e este do Paranapanema.

ATALIBA NOGUEIRA. Estação da linha Mogyana, no mun. de Itapira do Estado de S. Paulo.

ATAPÚ. Compõe-se de *atã-pú*, forte soar, resoar; resonante; é o nome de uma buzina dos jangadeiros do Norte, feita de um buzio grande ou caramujo; ás vezes se diz: *guatampú* ou *guatambú*; Ceará, Maranhão (Dr. Theodoro Sampaio).

ATARAÚ. Corrupção de *atá-raú*, bravo atôa, enfurecido sem razão. M. Soares tráduziu: *atá*, fogo; *raú* atôa, sem razão, isto é, furor ; Ceará (Dr. Theodoro Sampaio).

ATERRADO. Bairro do mun. de Santo Amaro e Estado de S. Paulo.

ATIBAIA. Antigamente *Tybaia*. Cazal escreveu *Thibaia*. O Dr. Theodoro Sampaio diz: «*Atibaia* composto de *Ty-b-aia*, corrente ou caudal saudavel, de bôa qualidade; é mais provavel a corrupção *Tybaia*, de *ty* curso d'agua, caudal; *bai*, ruim, máu » Segundo Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, em seu *Gloss.* cit. o nome é *Tibaya* e significa rio da feitoria. «*Atibaia*, diz o Dr. J. Mendes de Almeida, corruptela de *Tipai*, rio alagado. Por isso os antigos diziam *Tibaia* e não *Atibaia*. De *ti*, rio; *pá*, aphéreses de *inpá*, lagôa, alagadiço; *i*, posposição significando — em —. Allusivo a correr em varzeas extensas, por entre alagadiços. »

ATOLADEIRA. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. de Panellas.

ATRAZ DA SERRA. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. de Bom Fim.

ATTA ou fructa de Conde, Pinha. No Rio de Janeiro é conhecido pelo segundo nome, no Ceará pelo primeiro, e em Pernambuco pelo ultimo. E' a *Anona muricata*. L. «Dão tambem, diz o Sr. Barboza Rodrigues (*Rev. do Inst. Hist.* Tomo XLIV) o nome de *atta* e *fructa de conde* á Anona *obtusiflora*, Tuss., que é das Antilhas e acclimada no Brasil; assim como tambem á Anona *squamosa*, L., que é da mesma procedencia. A Anona *muricata* é da Jamaica. Foi introduzida na prov. do Pará, em 1750, por Manoel da Motta de Siqueira, que depois edificou o forte de Santarem, sendo seu primeiro commandante. São arvores de mediana grandeza e que no norte crescem e fructificam muito . » O fructo é muito saboroso; a semente, porém, nociva.

ATUÁ. (Substantivo) A cerviz, o cogote, o pescoço (Dr. Theodoro Samapio.)

ATUAHÚ. Cachoeira no rio Tieté, junto á foz do ribeirão do seu nome; no mun. do Salto de Itú. Tambem escrevem *Atuaú*.

ATUAY. Corrego do Estado de S. Paulo; desagua no rio Tieté pela margem dir. proximo á cachoeira do seu nome. «*Atuahy*, diz o Dr. Theodoro Sampaio, compõe-se de *atuá-y*, rio do cogote.» «Atuahy, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Itú-aî-i*, salto. e successivos arrecifes. De *itú*, salto, queda d'agua, pronunciado o *i* inicial com o som de *a* fechado; *aî*, cousas salientes, altos, e baixos; *i*, posposição de perseverança. Por causa daquella pronuncia do *i* inicial, alguns dizem *Atú-ãi-i*».

ATUCATINIQUI. Rio do Estado do Amazonas, affl. do Pauhiny. Não será o mesmo que Atucatiny? Encontrei tambem escripto Atucatiquiny.

ATUCATINY. Rio do Estado do Amazonas, no mun. da Labrea.

ATUCHY. Compõe-se de *atuc-gy*, rio curto, breve (Dr. Theodoro Sampaio). «*Atuchy*, diz o Dr. João Mendes, deve ser escripto *Itú-qui*, saltinho. De *itú*, salto, queda d'agua, pronunciado por alguns o *i* inicial como *a* fechado; *qui*, pouco, pequeno. Por causa da pronuncia sobredita, alguns dizem *Atú-qui*.» Encontrei tambem escripto *Atuaqui* e *Atuxi*.

ATURIATEUA. Igarapé do Estado do Pará, banha o mun. de Maracanan (Cintra) e desagua no Beritateua, affl. do rio Caripy.

ATURIATUBA. Igarapé do Estado do Pará, na ilha Gurupá e mun. de Mazagão. Vai para o Amazonas.

ATYRA. (Substantivo) O mesmo que *ytyra*, altura, elevação, montão, cabeço, comoro; altera-se este vocabulo muitas vezes em *uityra*, *uitêra*, *tyra*, *tyr*, *tri*, *tra*, *tura*, *tur* (Dr. Theodoro Sampaio).

AUÁ-ASSÚ. Igarapé e lago do Estado do Amazonas, no mun. de Itacoatiara. Tambem escrevem *Auassú*.

AURÁ. Rio do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira (*obr.* cit.) diz: «Ao N. d'aquelles campos (dos Perys) nasce e corre para E. o rio Aurá, que se reune ao rio Pery-assú, cuja nascente fica perto de Bacurituba, formando um só rio que, depois de um curso avaliado em 90 kils., se lança na bahia de S. Marcos, por duas boccas: uma, entre a ilha das Pacas e a ponta de Itauna, extremidade meridional da ilha Cajual, formando o volume de suas aguas uma corrente, que se prolonga á distancia, conhecida, pelos que ahi navegam, com o nome de *Correnteza do Aurá;* a outra, entre a ponta de Uribuoca, extremidade septentrional da ilha Cajual, e a ponta de Pedras na costa de Alcantara. Desde a ponta de Itauna até á segunda emboccadura, o rio Aurá corre com o nome de Cujupe e recebe varios igarapés, entre os quaes o Girijó.»

AUTAZ. Sub-prefeitura creada na com. de Itacoatiara do Estado do Amazonas pelo Dec. n. 578 de 5 de Junho de de 1902. Limita-se pelo paraná do Madeirinha, lago Crimiry e a bocca do Jumas no rio Mamory.

AVACUCAIA. Cachoeira no rio Tieté, em S. Paulo. Accrescente-se no fim: O Dr. J. M. de Almeida, em seu *Dicc.*, diz: «*Avacucaya*, corruptela de *Há-cûe-quái*, talhado e com garganta. De *há*, talhar, cortar, tronchar; *cûe*, particula do preterito, com referencia do verbo *há*, que a antecede; *quái*, estreitar, fazer garganta ou cintura. Allusivo a ter ahi o rio um degráo de pedra, sobre o qual montam as aguas para precipitarem-se por um canal ou garganta com o desnivelamento de 0m,50 por 150 metros.»

AVAHY. Vocabulo tupi corruptela de *abá-y*, rio da gente; pode ser ainda *aba-y*, rio dos cabellos; Paraguay (Dr. Theodoro Sampaio).

AVANHANDAVA-ASSÚ. Salto no rio Tieté, em S. Paulo. Accrescente-se no fim: Precedendo esse salto, o rio Tieté tem uma extensão de cerca de 152 kils., a começar da corredeira Escaramuça, abaixo da foz do rio Jacarépepira-guaçú; e ahi nessa extensão é pouco corrente, parecendo rio morto. Abaixo desse mesmo salto, o rio Tieté, em extensão de mais de cem kils. espraia-se, tornando-se pouco profundo e apresentando muitos baixos e cachoeiras. Segundo o Dr. Theodoro Sampaio (*O tupi na geographia nacional.* S. Paulo. 1901) *Avanhandava* é corrupção de *abánhandaba*, a corrida da gente, o logar onde a gente anda ás carreiras para evitar perigos da navegação. Segundo Martius, em seu *Gloss.*, esse nome significa «logar em que apparecem fantasmas». «*Avanhandava*, diz o Dr. João Mendes de Almeida, é corruptela de *Ayê-anhã-d'-aba*, logar de correnteza excessivamente veloz. De *ayê*, para exprimir o superlativo da acção do verbo, ao qual é preposto *anhã*, correr, correnteza, velocidade; *daba*, o mesmo que *aba*, recebendo o *d* por causa do som nasal de *anhã*, e exprimindo neste caso o logar.» Nas *Noticias Praticas* do capitão J. A. Cabral Camillo, sobre as viagens ás minas de Cuyabá, no anno de 1727, o nome desse salto está escripto — *Panhandabá* —, que «é um despenhadeiro bastantemente alto, nelle se varam as canôas por terra pela parte direita, e com ellas as cargas em distancia de um quarto de legua, pouco mais ou menos».

AVARÉ. Morro granitico e muito elevado, no mun. do seu nome e Estado de S. Paulo. Esta palavra é corruptela de *A-bir-é*, isolado e altissimo. Allusivo a estar isolado no campo e ser muito alto.

AVARÉMANDUAVA. Cachoeira no rio Tieté. Accrescente-se no fim: O capitão J. A. Cabral Camillo, nas *Noticias Praticas* sobre a viagem ás minas de Cuyabá, em 1727, descendo o rio Tieté, desde Porto Feliz, escreveu por informação o seguinte: «... um salto *Abarémanduaba*, por cahir nelle o veneravel padre José de Anchieta e ser achado dos indios debaixo d'agua, rezando no Breviario». E outros tem repetido esta explicação do nome. «Alem de ser duvidoso que por lá andasse aquelle apóstolo da gentilidade brazilica, é certo, diz o Dr. João Mendes de Almeida (*obr.* cit) que o nome tem applicação verdadeira na lingua tupi. *Avarémanduava*, corrupção de *I-yerê-mã-ná-o-a-bo*, cahe do alto e faz rodomoinho, de *i*, agua, com pronuncia de *a* fechado; *yerê*, torcer, dar volta; *mã*, enfeixar, reunir estreitamente; retorcer; *ná*, intercalação por causa do som nasal de *mã*, que é ligado a *o-á-bo* verbal derivado de *á*, cahir do alto, precedido do reciproco *o* e seguido de *bo* (breve) para exprimir o modo de estar. Allusivo a formar o rio ahi um canal de cerca de cinco metros, rompendo o paredão de pedra que o atravessa nesse logar; com corredeira, queda e rodomoinho na extensão de mais de 50 metros. A parte do paredão, correspondente ao canal referido, soffreu destruição, para facilitar a navegação de um vapor do Engenho Central de canna. Ha dous canaes menores no mesmo paredão.» Acima da cidade de Porto Feliz, ha outra cachoeira menor com o nome de *Avarémanduava-mirim*. Forma-a um dique, que, represando as aguas, forçou a abertura de um canal estreito para seu escoamento em rodomoinho. Já li o nome *Araranhanduba* tambem dado a esta cachoeira. O Dr. Theodoro Sampaio escreve *Abarémanduava* e diz ser essa palavra composta de *abaré-manduaba*, a lembrança, memoria ou recordação do padre.

AVECUIA. Cachoeira no rio Tieté proximo á foz do ribeirão do seu nome; no Estado de S. Paulo. Segundo o systema dos indigenas, embora soando quasi identicamente os nomes do ribeirão e da cachoeira, a significação de um e de outra é muito diversa. «*Avecuia*, com referencia ao ribeirão, é, diz o Dr. João Mendes de Almeida, corruptela de *Y-yê-cui*, o que se deixa cahir. De *y* relativo com a pronuncia de *a* fechado; *yê*, nota de reciproco para exprimir a acção da pessoa ou da cousa sobre si mesma; *cui*, cahir, cahir-se. A particula *yê* não é, neste caso, precisamente nota de reciproco; é mais uma nota de passivo, segundo a lição do padre A. R. de Montoya, em sua *Arte de la lengua guarany*, e a do padre Luiz Figueira, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*. Allusivo ás quedas que este ribeirão dá, descendo dos montes; prestando-se o terreno, em outras di-

recções, a curso menos accidentado. — Mas, com referencia á cachoeira, *Avecuia* é corruptela de *Y-yê-quá*, esquinado. De *y*, relativo; *yê*, nota de passivo; *quá*, esquinar-se, fazer ponta aguda. Com effeito, a cachoeira é ahi formada por um penedo, de fórma esquinada, que se prolonga de outro quadrangular. Já tem sido feitos trabalhos para a destruição da esquina. Pelo systema de Martius, o nome *Avecuia* significaria — sitio em que abundam cuias; dizendo provir da *cuieté*, conhecida na sciencia por *Crescentia injete*, da familia das Bignoniaceas, e cujo fructo, dividido ao meio, fornece vasilha que suppre o prato, a malga, a tigela, o copo, etc., e que é feita das duas metades concavas, depois de extrahida a polpa interior: é a *cuya*. Mas aberto somente junto ao pedunculo, e tambem extrahida aquella polpa, forma a *cuyambuca*, para guardar ou conduzir liquidos, por si só, ou envolvida em uma rede de fibras : de *cuya*, vasilha; *mbuca*, verbal derivado do verbo *púg*, furar, arrebentar, mudado o *g* em *ca* (breve), para formar supino, significando cuya furada. E incorrectamente muitos escrevem e dizem *cumbuca*. Alem de fornecer o vasilhame já referido, a polpa interior tem applicação medicinal, como anti-tetanico e spasmodico, na hernia e na morphéa. Emfim, é conhecida a industria de cuias lindamente pintadas, com cores fixas, pelos indigenas do valle do rio Amazonas. Mas, *Avecuia* nada tem com essa arvore nem com o seu fructo. E' simplesmente *Y-yê-quá*. »

AVECUIA. Rio de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Recebe o Engordador, o Grammadinha, e o da Gramada.

AVENCA. Morro no mun. de Cananéa; no Estado de S. Paulo. «*Avenca*, diz o Dr. J. M. Almeida, corrupção de *Aye-ẽ-qua*, muito oco e tramado. De *ayé*, muito, excessivo; *ẽ*, concavo, ôco; *quá* com pronuncia breve, trama, tramado. Allusivo a ser muito gretado; mostrando que poderá ter no interior cavernas com stalagmites e stalactites. Neste morro passa um ribeirão, cuja agua torna-se morna: é o *I-tacú-roiçai*, agua que deixa de ser fria para ser morna. De *i* agua; *tacú*, calor; *roi*, frio; *çai*, cessar. Isto é agua quente, por cessação do frio. Allusivo ao facto de só receber quentura quando atravessa o morro Avenca ».

AVENIDA PAULISTA. Dist no mun, da capital do Estado de S. Paulo, creado pelo Dec. de 11 de Maio de 1899.

AVEREHY. Volta do rio Parahyba, em frente a cidade de Jacarehy; no Estado de S. Paulo. «*Averehy*, diz o Dr. João Mendes de Almeida, corruptela de *I-yeré-ei*, contrahido em *I-yeré-ei*, volta desnecessaria do rio. De *I*, rio, agua; *yeré*, volta; *ei* inutil, ocioso, sem necessidade, sem fim algum, sem causa, de caçoada. O *i* inicial sôa como *a* fechado. Allusivo a uma volta inutil do rio nesse logar. Alguns dizem *Avarehy*, e explicam que significa—agua do padre—, *abaré-i*, por ter-se ahi afogado um jesuita! Mas é uma estulticia. Neste logar já houve trabalho do homem para endireitar o rio; mas a natureza não é de facil correção e as grandes enchentes deixam ver isso ». Vide *Avarehy*.

AVÔ. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de S. Fidelis.

AXIAHÚ. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Almeirim.

AXUHY. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Miritiba, sobre o igarapé do seu nome. Está situada nas divisas desse mun. com o de Icatú.

AXUHY. Igarapé do Estado do Maranhão, banha o mun. de Miritiba e desagua na bahia de Mucanindiba, defronte da ilha desse nome.

AYACÁ. (Substantivo) O cesto, receptaculo feito de cannas; vulgo *jacá* (Dr Theodoro Sampaio).

AYMBERÉ. Tupi-guarani, *amberé*, a lagartixa (Dr. Theodoro Sampaio).

AYRES. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Bezerros.

AYRÕES Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. de S. José do Barroso e mun. do Rio Branco; com uma esc. municipal.

AYROSA GALVÃO. Estação da E. de F. Paulista, no Estado de S. Paulo; no Ramal dos Agudos, entre as estações de Iguatemy e Pederneiras.

AYTINGA. Composto de *ai-tinga*, a preguiça branca; S. Paulo (Dr. Theodoro Sampaio).

AYURÚ. Vide *Ajurú*.

AZEITE. Rio de S. Paulo, affl. do rio do Peixe. Accrescente-se no fim: o Dr. J. Mendes de Almeida, em seu *Dicc. cit.*, diz: « Affl. do Itariri pela margem esq.; no mun de Iguape. Este rio Azeite, antes de desaguar no Itariri recebe o Guanhan; e ambos formam o Itariri, que desagua no rio S. Lourenço ».

AZEVUM. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Cimbres.

AZUL. Serra do Estado de Pernambuco, ao S. do mun. de Bezerros.

AZULÃO. Riacho do Estado da Bahia, no mun de Alagoinhas. Vai para o Subahuma.

B

BACABA. Igarapé do Estado do Pará, na ilha Caviana e mun. de Chaves.

BACABAL. Rio do Estado do Pará, affl. do Japerica, entre Bragança e Sailnas.

BACABEIRA. Igarapé do Estado do Pará, no 2° dist. do mun. de Breves.

BACAETAVA. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Sorocaba, no mun. de Campo Largo de Sorocaba. Tambem é denominado Taboão. "*Bacaetava*, diz o Dr. Theodoro Sampaio, corrupção de *Yba-caitaba*, a queimada das arvores, a *queimada* como vulgarmente se diz". « *Bacaetaba*, diz o Dr. João Mendes de Almeida, corruptela de *Báquâ-itá-âba*, corre em declive e aos degráos ; de *báquâ*, correr; *itá*, estante, armação, pilar, cousa que em outra se estriba, com o suffixo *âba*, para exprimir modo de correr. Comquanto *itá* seja substantivo ficou neste caso como parte do verbo *baquâ*. Os degráos são formados de schistos horizontaes ».

BACANGA. Corrupção de *ibá-canga*, o caroço do fructo; Maranhão (Dr. Theodoro Sampaio).

BACANGUINHA. Igarapé do Estado do Maranhão, affl. do rio Gurupy. Não é propriamente um affl. mas sim um braço lateral cheio de agua salgada pelo fluxo e refluxo da maré (Dr. G. Dodt).

BACORINHO. Log. do Estado da Bahia, no termo de Belmonte.

BACUBADÁ. Rio do Estado do Amazonas, no mun. de Urucará.

BACURUVÚ. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Tieté ; nos muns., de Conceição dos Guarulhos e de Mogy das Cruzes. Recebe o Cachimbo e o Arujá ou Arú-yaú. « *Bacuruvú*, diz o Dr. João Mendes de Almeida, corrupção de *Baquâ-ro-yû*, muito corrente e com alagadiços. De *baquâ*, corrente, velocidade, força, porfia; *ro*, intercalação para exprimir simultaneidade ; *yû*, alagadiço, banhado, lagôa. Allusivo a ser muito corrente este ribeirão; produzindo, não obstante, muitos banhados em suas margens ».

BACURY. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Cururupú. Ha dous outros logs. do mesmo nome, nos muns. de Tury-assú e Itapecurú-mirim.

BACURY. Serrote do Estado de S. Paulo, no mun. de Piracicaba. « *Bacury*, diz o Dr. J. M. de Almeida, é corruptela de *Mbo-aquir-ii*; frouxo com resvaladouros. De *mbo*, particula activa; *aquir*, afrouxar, ser frouxo; *ii*, resvalar. Por contracção *Mb'-aquir-ii*. Allusivo a esboroar-se de alto a baixo, formando resvaladouros ».

BACURY. Grande lagôa á margem do ribeirão das Palmeiras; no mun. de E. Santo dos Barretos do Estado de S. Paulo. « *Bacury*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Mbo-quér-ii*, suja por ser sem correnteza. De *mbo*, particula activa; *quér*, dormir, repousar, não mover-se; *ii*, suja, manchada. Allusivo a ter quasi paradas as suas aguas, com lodo ao fundo, e com limo á superficie. Nada tem, portanto, este nome com a excellente fructa que abunda no interior dos Estados do Maranhão e do Piauhy. »

BACURY. Log. do Pará, no mun. de Chaves. Accrescente-se no fim: Para ahi a Lei n. 785 de 10 de outubro de 1901 auctorisou a mudança da séde do mun. de Chaves.

BACURY. Cachoeira no rio Tiété, em S. Paulo. Accrescente-se no fim: O Dr. João Mendes de Almeida, em seu *Dicc.*, diz: «Corredeiras no rio Tiété, precedentes á cachoeira *Itupirú*. São duas: a *guaçú* e a *mirim*. *Bacury*, corruptela de *Mbo-curi*, que faz pressa. De *mbo*, particula activa; *curi*, apressar, pressa. Allusivo á grande correnteza das aguas nesses logares. Alguns escrevem *Vacury*; mas é erro. Li em uma Carta geographica da prov. de S. Paulo, impressa pela Companhia Mogyana, os nomes *Vacurytuba* e *Vacurytuba-mirim*. O *tuba* foi enxertado á martello ».

BACURY-PANÃ. Pov. do Estado de Maranhão, no mun. de Cururupú.

BACURY-PANÃ. Rio do Maranhão. Accrescente-se no fim: Desagua na costa, defronte da ilha de S. João e cerca de 30 kils. abaixo da pov. do Bacury.

BADAJOZ. Pov. do Estado de Sergipe, no mun. de Japaratuba.

BAÊ. Corrupção de *mbaê*, a cousa, o objecto, o haver; altera-se muitas vezes na composição dos vocabulos em *mãé*, *baé*, *mã*, *bá*. (Dr. Theodoro Sampaio).

BAEPENDY. Corrupção de *mbaê-pindi*, cousa aberta, limpa, ou simplesmente *a aberta*, *o limpo*, allusão a um campo ou clareira na matta marginal do rio deste nome, facilitando a passagem do caminho aberto pelos Paulistas, descobridores das Minas Geraes. Nos antigos documentos e roteiros se lê *Maependi*; Minas Geraes. (Dr. Theodoro Sampaio. *O Tupy na geographia nacional*. S. Paulo. 1901).

BAGÉ. Vocabulo tupi corruptela de *pagé*, que significa o feiticeiro, o santão do gentio. E' empregado no R. G. do Sul.

BAGÉ. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Aboboras, que o é do Medéa (Sebastião de Vasconcellos Galvão *Dicc. de Pernambuco*.)

BAGRE. Rio do Estado do Pará; no mun. de Amapá.

BAGUASSÚ. Estação da linha paulista, no mun. de Pirassununga e Estado de S. Paulo,

BAHIA. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da cidade do Bom Fim.

BAHIA DA RABECA. Log. no mun. de Matto Grosso e Estado deste nome.

BAHIÚA. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Almeirim. Vai para o rio Jary pela margem esquerda.

BAHÚ. Pico enorme na estremidade dos denominados Campos do Jordão, na serra da Mantiqueira e contraforte Soares; no mun. de S. Bento do Sapucahy e Estado de S. Paulo. Este pico é geralmente conhecido por Pedra do Bahú, por ter no cimo uma pedra de enorme dimensão

BAHUSINHO. Dist. de Matto Grosso. Accrescente-se no fim: A Lei n. 210 de 10 de Maio de 1899, em seu art. I, transferiu a séde da freg. do Bahusinho para o pov. do Senhor Bom Jesus do Sucuriú com a denominação de Mello Taques; e no art. II incorporou-a ao mun. do Coxim.

BAIRRO-ALTO. Dist. de paz e de sub-delegacia no mun. da Natividade e com.de S. Luiz, no Estado de S. Paulo. A estação mais proxima é a de Taubaté, na E. de F. Central do Brazil, que dista 30 kils.

BAIRRO INDUSTRIAL. Log. do Estado de Sergipe, no mun. de Aracajú.

BAIRRO VERMELHO. Pov. do Estado de Sergipe, no mun. de Aracajú. Ha um outro log. do mesmo nome no mun. de Gararú (*Almanak Sergipano*. 1901).

BAIXA. Ilha do Estado do Pará, no mun. de Bragança. Essa ilha com as do Meio e Sororoca ficam situadas nos campos de Quatipurú, entre os igarapés Pery e Tamatá.

BAIXA DA JABOTICABA. Log. do Estado da Bahia, no termo de Itaberaba.

BAIXA DAS FRUCTAS. Log. do Estado da Bahia, no termo de Itaberaba.

BAIXA GRANDE. Villa da Bahia. Accrescente-se no fim: A Villa está collocada entre dous pequenos morros e a 430 metros de altitude. Compõe-se de duas ruas e uma grande praça, em cujo centro ergue-se a matriz.

BAIXA-GRANDE. Recife no Estado de E. Santo. Accrescente-se no fim: O Capitão tenente Viriato Hall. (*Rev. Marítima*; Julho de 1902) diz: « Entre 50° e 60° NE. do pharol (de Santa Luzia) a 1' de distancia existe o recife denominado da Mula ou Baixa Grande que não arrebenta. E' marcado em seu cabeço por um cylindro visivel a 5' com uma cor preta, de um vapor que alli naufragou. A Baixa Grande é balisada ao N. por uma boia conica preta e ao S. por uma tambem conica vermelha. A orla exterior desta Baixa, que tem muito fundo em redor, vai até 1 ¼ de milha do morro do pharol. A 52° NW. do cylindro, que marca esta Baixa, acha-se na distancia de meia milha um pequeno lageado agudo, com duas braças d'agua na baixa-mar, balisada ao S. por uma boia conica encarnada e branca. Esse lageado chama-se Baixinho e raras vezes quebra ».

BALAIO. Morro do Estado de S. Paulo, á margem dir. do rio Corumbatahy.

BALAUSTRE. Morro mais elevado da ilha de Itaparica, no Estado da Bahia. Ahi, segundo reza a tradição foi a necropole dos indios.

BALÊA. Arraial do Estado de Sergipe, no termo de Itaporanga (*Almanak Sergipano*. 1901).

BALSAMO. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. de Nioac.

BAMBA. Palavra kichua, o mesmo que *pampa*, campo, planicie.

BAMBÁ. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha mun. da Diamantina e desagua no Guinda.

BAMBÚ. Arraial do Estado de Sergipe, no termo de Simão Dias (*Almanak Sergipano*. 1901).

BAMBUHY. Palavra hybrida e relativamente moderna; compõe-se de *bambú-y*, rio dos bambús: Minas, Rio de Janeiro. (D. Theodoro Sampaio).

BAMBÚS. Log. do Estado da Bahia, na com. de Belmonte.

BANABUIHÚ. Se for tupy é corrupção de *paná-puyú*, brejo ou pantanal das borboletas. Vide *paná*, *puyú*. (Dr. Theodoro Sampaio).

BANANAL. Morro na serra Cantareira; no Estado de S. Paulo.

BANANAL. Serra do Estado de S. Paulo, no mun. de Xiririca, nas divisas do dist. do Jaguary.

BANANAL. Riacho do Estado do Ceará, affl. do rio Mundahú.

BANANAL. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Itapanhaú; no mun. de Santos.

BANANAL. Corregò do Estado de S. Paulo; desagua na margem dir. do rio Tieté, perto do Porto do Japy.

BANANAL. Corredeira no rio Ribeira de Iguape, no mun. de Xiririca e Estado de S. Paulo. Fica entre montes lateraes, que formam ilhas e paredões; ao mesmo tempo que as aguas descem em forte declive.

BANANAL. A cidade do Bananal fica situada em uma baixada, cercada de morros sem denominação, á margem dir. do rio Bananal e atravessada pelo corrego Lava-pés, affl. daquelle rio.

Comprehendendo os arrabaldes da Bôa Vista, na entrada da cidade, com uma capella de Santa Cruz, e Bôa Morte á margem esquerda do rio, communicando-se com a cidade por uma ponte de madeira de 18 metros de extensão, na base de morros e com uma capella.

O terreno da cidade offerece fraco declive para o rio o que facilita o escoamento das aguas pluviaes.

Propriamente a cidade tem quatro praças, entre as quaes a do Coronel Pedro Ramos, antigamente da Matriz, arborisada com palmeiras reaes, com bonitos sobrados, um chafariz no centro, a Matriz e o Grupo Escolar; e a da Republica, arborisada com amendoeiras, com um posto metereologico, mantido pelo Estado, o edificio da Camara e a egreja do Rosario.

Tem cinco ruas e diversas travessas que vão ter ao rio.

São todas calçadas com pedra commum e tem passeio de lagedo. A principal é a do Commendador Manoel de Aguiar; as outras são denominadas: Benjamin Constant, Prudente de Moraes, Visconde do Rio Branco e Visconde de Aguiar Toledo.

A cidade é illuminada á kerosene e abastecida de bôa agua, que é captada de tres fontes para duas caixas situadas em uma e outra margem do rio. Parte da cidade tem exgotos.

Os predios, em numero de 263 são de gosto antigo.

Tem 2.800 habitantes.

O commercio é pouco animado. Ha na cidade duas pharmacias, duas padarias, um unico açougue, um hotel, quatro sapatarias, um bilhar, dous barbeiros, uma unica loja de fazendas, 14 casas de molhados e diversos outros estabelecimentos com pequenos negocios.

Tem uma loja maçonica, Caridade e Luz, e duas philarmonicas: S. Francisco e Floriano Peixoto.

Publicam-se na cidade dous jornaes: o *Bananal* e *O Pindorama*.

A Matriz tem tres janellas, a porta de entrada e um relogio do lado do Evangelho; não possue torres. Na frente levanta-se um pequeno Cruzeiro.

Seu interior é vasto, as naves bastante elevadas e os altares de gosto e com alguma obra de talha.

No corpo da egreja notam-se: um grande côro com um harmonium, quatro tribunas, dous pulpitos, dous confissionarios e seis altares: os do lado da Epistola com S. Luciano, N. S. das Dores e S. João Baptista; e os do lado do Evangelho com S. Francisco de Paula, S. José e S. Manoel. Na capella mór ha duas tribunas e um altar com a imagem do Senhor Bom Jesus do Livramento, padoeiro, no throno e aos lados, em nichos, o Sagrado Coração de Jesus, N. S. da Conceição, Santo Antonio e S. Sebastião.

Do lado do Evangelho fica a bonita capella do Santissimo Sacramento, de fórma oval com um pequeno côro, diversos paineis e os 12 apostolos, e do lado da Epistolar, sacristia com um altar de Santa Rita de Cassia.

Em um dos consistorios ficam tres grandes armarios tendo em cima as imagens do Senhor dos Passos, do Senhor Crucificado e de S. Luiz Gonzaga.

Além da matriz, possue, mais a cidade, as egrejas do Rosario, com duas torres, e a Bôa Morte e as Capellas de Santa Cruz e da Santa Casa.

O Hospital da Misericordia está situado na entrada da cidade, na rua Benjamin Constant; tem um só pavimento, duas enfermarias e duas capellas, a de Nosso Senhor do Soccorro e a de Santa Izabel. Na sala das sessões encontram-se os retratos do fundador Tenente José Ferreira Gonçalves, dos bemfeitores D. Maria Joaquina de Almeida e Antonio Luiz de Almeida, um quadro com o Senhor na columna e os bustos em gesso do Commendador Manoel de Aguiar Vallim e de D. Maria Joaquina de Almeida. Nos fundos do hospital fica, inconvenientemente situado, um cemiterio com bonitos mausoléos, entre os quaes o que se ergue sobre a sepultura do Conselheiro Pedro Luiz Soares de Souza.

A Camara Municipal é um bom edificio. No pavimento terreo funcciona a cadêa e no superior o Jury e a Camara. Na sala das sessões desta ultima acham-se os retratos do Marechal Floriano e dos Drs. Bernardino de Campos e João Alves Rubião Junior.

O Grupo Escolar não tem a imponencia de muitos outros que se encontram disseminados pelas cidades do Estado de S. Paulo; occupa, todavia, um predio de sobrado, grande, muito limpo e bem montado interiormente. E' dirigido pelo intelligente normalista complementar Izaltino de Mello.

A cidade possue ainda um theatro, Santa Cecilia, com duas ordens de camarotes, galeria e platéa para 100 espectadores.

Bananal está em profunda decadencia, é hoje uma cidade triste e quasi sem animação. Entretanto foi em tempos, que não vão longe, uma das cidades mais prosperas do Estado, o que é attestado pelos muitos e bons predios, hoje fechados, mas que conservam no seu interior a mais rica ornamentação demonstrando assim a sua opulencia passada.

Goza de um clima purissimo. Das muitas cidades que tenho percorrido, é Bananal a que apresenta maior numero de crianças, todas fortes e com as faces rosadas. Os casos de longevidade são muito communs.

E' ligada á estação da Saudade, na Central do Brazil, por uma Estrada de Ferro, de bitola de um metro e cujo trafego foi inaugurado até Bananal a 1 de Janeiro de 1889.

Tem quatro pontes, uma sobre o ribeirão de Bocaina e tres sobre o rio Bananal; e duas estações entre os seus pontos extremos: Rialto e Tres Barras.

Sua construcção foi auctorisada por Dec. n. 7.698 de 3 de Maio de 1880, concedendo o Governo Imperial privilegio por 50 annos e a zona de 15 kilometros para cada lado do eixo da linha.

O municipio confina com o de Barreiros, em S. Paulo, e com os da Barra Mansa, S. João Marcos e Rio Claro, Rezende e Angra dos Reis no Estado do Rio de Janeiro.

Não possue serra alguma notavel além da que o separa do mun. de Angra dos Reis, em toda a extensão do mun., a Oeste, a qual toma diversos nomes segundo as estradas que a atravessam ou pontos a que se dirigem, e assim sendo a mesma e unica serra é conhecida pelas denominações de serra do Ramos, do Ariró, do Retiro, da Carioca e do Pouso Secco.

E' regado pelos rios Bananal, Pirapetinga, Tres Barras, Turvo, Resgate, Manso, Gloria, Divisa, Doce, Agua Comprida, Carioca, Alambary, Cachocirinha, Capitão-Mór e diversos corregos.

Possue a lagôa Preta, na fazenda do Bom Successo, no districto de Alambary.

Comprehende os seguintes bairros: Carioca, Cachambú, Cachoeirinha, com um capella de Santa Cruz, Barril de Baixo, com uma capella de Santo Antonio, Cascata, Laranjeiras, Rio Manso, Rancho Grande, Matto Dentro, Agua Comprida, Turvo, Retiro, Pirapetinga, Bôa Morte e Bôa Vista.

A lavoura consiste em café, canna e cereaes. Ha alguma criação de gado.

Entre as curiosidades naturaes do mun. nota-se uma gruta conhecida pelo nome de Dona Isabel e descripta pelo

Dr. J. J. de Carvalho, em carta dirigida ao finado Dr. Ferreira de Araujo em 1887, e, com autorisação deste cavalheiro transcripta no meu *Diccionario Geographico*.

Essa gruta fica no dist. de Santo Antonio do Alambary, bairro do Capitão-mór em terras que pertenceram ao Tenente-Coronel José Ramos da Silva Sobrinho. Descobriu-a um humilde caçador desse sitio de nome Francisco Benedicto Ribeiro.

Uma outra curiosidade digna de nota é a cascata do morro da Cascata, que fica a cavalleiro do rio Capitão-mór. A queda é da altura de 70 metros pelo menos e em tres lances, tendo o médio, o mais bonito e mais volumoso, uns 35 metros. Ahi são novelos de alvissima espuma rolando por entre uma nuvem de vapor aquoso. A alta rocha, da qual se despenha audaciosamente o Capitão-mór, é ainda banhada por uns tres fios, fechando o leito da cascata. Em baixo volumosos caixões de agua precipitam-se em direcções diversas, esbatendo-se as aguas, que correm precipites pelo alveo pedregoso, tornando o rio sempre encachoeirado.

A 20 metros distante da base da cascata ha uma ilha verdejante e pedregosa.

Pouco distante desta depara-se a segunda cascata denominada do Faustino. E' um pouco mais alta do que a antecedentes; é apenas uma fita de agua.

Depois, e tambem á pequena distancia, encontra-se a primeira cascata formada pelas aguas do rio do Moinho. E' tambem mais alta que a do Capitão-mór, menos bella que esta e mais bonita que a do Faustino.

A quéda é mais volumosa e caprichosa e ha, sobretudo, um pequeno trecho em zig-zag que é de agradavel perspectiva.

Bananal, tendo sido fundada entre os annos de 1783 e 1785, foi elevada á freguezia pelo alvará de 26 de Janeiro de 1811, cuja capella, então em começo, sob a invocação do Senhor Bom Jesus do Livramento, ficou sendo a matriz com o mesmo orago.

A freg., que pertencia á então villa de Lorena, pela creação da villa de Arêas lhe foi annexada até que pelo Dec. de 10 de Julho de 1832 foi elevada á villa, em cuja categoria foi installada em 17 março do anno seguinte.

Crescendo em população e riqueza foi, pela Lei Prov. n. 17 de 3 de Abril de 1849, elevada a cidade, dando-se a sua installação no dia 7 de Setembro do mesmo anno.

E' com., creada pela Lei Prov. n. 16 de 30 de Março de 1858.

Azevedo Marques, em seus *Apontamentos da Provincia de S. Paulo*, diz: « Em 1783 João Barbosa de Camargo e sua mulher Maria Ribeiro de Jesus fundáram a primeira capella que alli houve, dedicada ao Senhor Bom Jesus do Livramento, dotando-a, por escriptura de 10 de Fevereiro de 1785, com meia legua de terra em quadra para patrimonio; dahi data a origem da povoação que só no principio do presente seculo começou a desenvolver-se pelos esforços de Antonio Barbosa da Silva e outros descendentes daquelles instituidores, que ahi comprando uma porção de terra foram cedendo as necessarias para edificações. Foi André Lopes, cunhado de Barbosa, quem forneceu o terreno para outra capella sob a mesma invocação, a qual serve hoje de matriz. »

No Bananal nasceram, entre outros, os Drs. Campos da Paz, já fallecido, e José Luiz de Almeida Nogueira, actualmente Senador Estadual.

BANANAS. Serra do Estado da Bahia, no mun. de Queimadas.

BANCO. Pequeno rio do Estado de Minas Geraes, affl. dir. do rio Ubá.

BANDEIRA. Bairro da cidade do Bom Fim, no Estado da Bahia.

BANDEIRAS. Serra do Estado de Pernambuco, entre Salgueiro e Cabrobó.

BANDEIRINHA. Serra do Estado de Minas Geraes, no dist. da cidade da Diamantina.

BANGÚ. Serrote no mun. do Cunha e Estado de São Paulo. Pertence á serra maritima. « *Bangú*, diz o Dr. João Mendes de Almeida, pronuncia conseguida de *Bang-ii*, alcantilado e torcido. De *bang*, torcido, torto; *ii*, resvalar ou resvaladouro ».

BANGUÊ. Riacho do Estado do Maranhão, banha a villa da Tutoya e desagua no rio deste nome.

BANHARÃO. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Tieté; no mun. de S. Manoel do Paraiso. "*Banharão*, diz o Dr. Theodoro Sampaio, corrupção de *mbaê-nharon*, cousa brava ou bicho bravo, feroz". "*Banharão*, diz o Dr. João Mendes de Almeida, corrupção de *Mbo-anhã-rã*, que se põe a correr. De *mbo*, particula para tornar activo o verbo neutro *anhã*, correr, com o accrescimo do *rõ* o mesmo que *rũ*, pôr, pôr-se. Por contracção *Mb'-anhã-rõ*".

BANQUETE. Rio do Estado do Rio de Janeiro, banha o mun. do Bom Jardim e desagua no rio Grande. Recebe o corrego do Rosario.

BAPTISTADA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Tijuco Preto, que o é do Piraúcaba. Banha o pov. do seu nome.

BAQUIPE. Era assim denominado o rio Ceará-mirim, no Estado do R. G. do Norte, no tempo de Gabriel Soares. Os portuguezes o denominavam — rio pequeno — e no mappa attribuido a Pero Coelho figura com o nome de Comaputú-merim.

BARACÉA. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Una, no mun. de Taubaté. Este nome é, porém, só nas cabeceiras; porque de certo ponto em deante o nome é Itahim. Na legislação estadoal encontrei escripto *Boracéa*. "*Baracéa*, diz o Dr. Theodoro Sampaio, corrupção de *baracé* ou *poracé*, composto de *porá-acê*, moradores sahem ou se reunem, ajuntamento de povo, o festim, a dança, os folguedos; nome antigo de uma localidade em S. Paulo". "*Baracéa*, diz o Dr. João Mendes de Almeida, corrupção de *Mbaraá-ateỹ* contrahido em *Mbaraá'-teỹ*, frouxo e sezonatico. De *mbaraá*, febre; *ateỹ*, frouxo. Esta palavra *ateỹ* tem pronuncia guttural. Allusivo a derramar-se em alagadiços limosos, produzindo febre palustre".

BARAHUNAS. Ribeirão do Estado de Minas Geraes, banha o mun. de Cataguazes e desagua no rio Pomba.

BARÃO. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Monte Negro.

BARÃO. Ribeirão do Estado do Rio de Janeiro, affl. do Pedra Rasa, que o é do Pedra Lisa, e este do rio Preto; no mun. de Campos.

BARÃO DE GRAJAHÚ. Pov. do Maranhão. Accrescente-se no fim: Fica á margem esq. do rio Parnahyba, 80 kils. á montante da villa de S. Francisco, e defronte de Colonia, no Piauhy. Até ahi vão regularmente os vapores da linha fluvial piauhyense. Foi fundada um 1884 por Antonio Emiliano de Almeida Braga, que, nessa epocha, como inspector do Thezouro e em commissão fiscalisadora das collectorias, ahi estabeleceu um posto fiscal, com o nome de Barão de Grajahú, em homenagem ao então presidente da provincia, Dr. Carlos Fernandes Ribeiro, que tinha esse titulo.

BARATI. Corrupção do *parati* ou melhor *pirati* composto de *pirá*, peixe, *ti* = *tinga*, branco. Hans Staden escreveu *bratti*; entrando na composição de vocabulos como thema, altera-se muitas vezes em *barti*, *berti*. (Dr. Theodoro Sampaio).

BARAUNA. Corrupção de *ibira-una*, alterado em *ibera-una*, *beraúna*, *baraúna*, *brauna*, madeira preta (*Melano xylon Braúna*); Rio de Janeiro, Bahia. (Dr. Theodoro Sampaio).

BARBACENA. Situada na projecção ou continuidade do planalto da serra da Mantiqueira, descambando para

dous lados, norte e sudoeste, e offerecendo em seu centro uma depressão por onde passa a Estrada de Ferro Central do Brazil, que corta o rio das Mortes.

A' distancia da cidade, para oeste, avista-se a serra de S. José, em cuja base fica a cidade de Tiradentes, em um dos extremos a cidade de Prados e no outro a povoação de Aguas Santas.

A localidade é totalmente constituida por uma successão de morros, entre os quaes o monte Mario, de cujo cimo se avista, até 108 kilometros de distancia, o Cruz das Almas, o Jacob, quasi tão alto como o primeiro, o da Caveira o do Sanatorio, onde morou Joaquim Silverio, e o Cangalheiro; é regada por insignificantes corregos, entre os quaes o da Fonte da Benta ou Bôa Fé, o da Cachoeira do Alvaro, o do Netto, o do Mattinho, o do Casado e o da Caveira.

Está a 1.160 metros (no largo da Intendencia) sobre o nivel do mar, a 378 kilometros da Capital Federal e a 21° 13'32",5 de latitude meridional e 0°2'24",1 de longitude occidental do meridiano do Rio de Janeiro.

Uma parte da actual cidade, edificada no dorso dos morros e margens dos corregos, tem pequena declividade; o que não acontece com a outra parte, edificada nas encostas, onde encontra-se a declividade maxima de 15%.

A Estrada de Ferro divide a cidade em duas partes: uma a léste prolongando-se para nordeste e outra parta oeste.

Na primeira, que se póde chamar *cidade nova*, ficam os morros da Cruz das Almas, o do Gymnasio, com o estabelecimento deste nome, o do Sanatorio, o do Jogo da Bola, com a importante e bella chacara do Sr. Rodolpho Abreu e a capellinha da Gloria; na segunda, a cidade, collocada em um alto não completamente visivel, e a encosta da montanha rasgada por uma serie de beccos que vêm morrer na parte baixa.

Vista á distancia ou da Estrada de Ferro, a parte mais bonita da cidade é a voltada para o norte. Com effeito, vê-se em uma grande extensão, a cidade descendo, em fraco declive, com ligeiras ondulações e apresentando á vista do observador o bello e magestoso edificio do Collegio da Immaculada Conceição, o hospital Santo Antonio, o bonito predio que pertenceu ao cidadão Michel, hoje no mais deploravel abandono, e uma serie de pobres casinhas, habitadas pela população menos abastada.

Gostei immensamente da cidade de Barbacena, achei-a lindissima e deplorei o grave erro dos legisladores do Estado em não a terem escolhido para capital.

Vista da estação da Estrada de Ferro, não se faz uma idéa certa da belleza da cidade, que apresenta de seu cimo os mais encantadores panoramas para qualquer lado que a vista se volte.

Cercada de graciosas montanhas, umas altas, outras baixas, todas ostentando em seus cimos e encostas uma vegetação que toma a côr do céo e rasgando-se para dar passagem aos rios que a Providencia, com uma generosidade sem igual, fez serpentear por entre as terras, fertilisando-as, com um clima adoravel que restitue as forças alquebradas a tantos seres que precisam restaura-las, com uma população generosa e excessivamente bôa, Barbacena offerece, a quem a procura uma residencia feliz e tranquilla, sem os sobressaltos das familias do Rio de Janeiro que receiam a todo o momento perder algum ente querido.

Senti-me em Barbacena como se estivesse no seio da minha familia. Recebido de braços abertos por toda a população, agazalhado com a maior fidalguia e com o maior carinho, deixei a custo a cidade, da qual me afastei confiando-lhe grande parte do meu coração.

Barbacena de hoje não é a mesma de outros tempos não muito remotos. Até ha pouco percorria-se as ruas, que tinham então o aspecto das ruas de uma necropole. Hoje já se nota um certo movimento na cidade, — as moças já chegam ás janellas e percorrem as ruas, mostrando uma jovialidade que até então não era conhecida.

São vivas, intelligentes e formosas as barbacenenses. Na Escola Normal e nos Asylos, que visitei, tive occasião de observar que todas as moças dispunham em alto grão destes predicados.

A população da cidade tem uma existencia verdadeiramente patriarchal. As lutas politicas, que tanto dividem os cidadãos, os delictos, ainda os mais leves, são cousas que a cidade desconhece.

Parece que Deus guia o povo dessa cidade com o seu olhar compassivo. Que assim seja para todo o sempre, tal é a supplica que dirijo a Deus. A cidade tem poucas ruas planas, rectas e calçadas, e muitas tortuosas e sem calçamento, quasi todas com passeios largos e perfeitamente cimentados, e iluminadas a kerosene. A rua principal da cidade é a Quinze de Novembro, antigamente do Rosario, cujo calçamento não é bom, mas larga, arborisada, com bons predios, e o hotel Martinelli, do cidadão Francisco Mascucei. Não deixam de ser importantes as ruas Lima Duarte, Vigario Brito, antiga Senhor dos Passos, Tiradentes, Olyntho Magalhães, antiga S. Vicente; José Bonifacio, antiga Boa Morte, com a igreja desta invocação e as residencias dos Drs. Bias Fortes e Carlos Martins Ferreira; General Camara, Barão do Triumpho, General Osorio, Saldanha Marinho, Sete de Setembro, antiga Providencia, Martinho Campos e Benjamin Constant.

Dentre as avenidas salientam-se pela sua belleza as denominadas Marechal Floriano, José Maximo e Antonio Armond, ficando nesta o Collegio da Immaculada Conceição.

Suas praças são de extensão regular, relevando mencionar a da Intendencia, antigamente largo da Camara, como a Igreja matriz, a Camara Municipal, o Asylo Maria Rosa, a Escola Normal, os bellos predios do Visconde do Carandahy e da familia do General Marques de Sá, a modesta habitação do virtuoso e venerando padre Corrêa de Almeida, illustre poeta satyrico ,e um bonito jardim, todo gradeado de ferro, com muitas arvores de ornamentação, um lago com repuxo no centro, um elegante coreto e um pequeno chalet, onde se encontram á venda bebidas, charutos, etc.

São tambem dignas de menção as praças Pedro Teixeira, Inconfidencia, antigamente largo do Rosario, Marechal Deodoro, antigo largo de S. Vicente, Boa Morte, Costituinte, antigamente largo de S. Francisco, Hermilio Alves, Corrêa de Almeida, antigamente largo da União, Dr. Caldas, Dr. Jardim, Antonio Armond, Bispo Viçoso e Visconde de Prados, uma das mais importantes e bonitas da cidade, toda arborisada e na qual eleva-se uma columna de uns 20 metros de altura, sobre a qual ergue-se a estatua da Liberdade, erecta em grande parte a esforços dos antigos escravos libertados pela lei de 13 de Maio de 1888. Todo feito de tijolos tem este singelo monumento diversas inscripções na base da columna.

Nesta praça, e a um dos lados do monumento, fica a casa onde residiu o Conde de Prados e onde hospedou-se o finado Imperador quando visitou a cidade.

Ao todo tem Barbacena 17 praças, 7 avenidas, 65 ruas e 39 travessas, beccos e passagens.

Tem predios em numero de 1.051 (sómente os que pagam decima urbana), que são na sua generalidade de gosto antigo, notando-se já muitos bonitos e de construcção moderna.

Notei alguma decadencia no commercio da cidade, que já foi mais animado do que é hoje.

Tem ainda 109 casas commerciaes, assim discriminadas: quatro hoteis, quatro fabricas de fumo, uma de cerveja, quatro padarias, quatro pharmacias, cinco ceramicas, duas refinações, duas typographias, uma photographia, dous cortumes, tres tinturarias, dous joalheiros, seis açougues tres latoeiros, cinco marcenarias, sete alfaiatarias, cinco barbeiros, quatro ferreiros, 16 selleiros e sapateiros, duas relojoarias e cinco dentistas.

Possue ainda a cidade dous engenheiros, seis medicos, seis advogados e dous solicitadores; as sociedades musicaes Corrêa de Almeida e Inspiração da Boa Vista, a loja maçonica Regeneração Barbacena, as sociedades de beneficencia Victor Emmanoel II, Confraria S. Vicente de Paulo e Damas de Caridade, e o Club dos Spleeneticos, importante associação frequentada por distinctos cidadãos, aos quaes o club proporciona a leitura de jornaes, diversos jogos licitos e *soirées* dansantes.

A cidade é abastecida de agua oriunda dos lugares Pinheiro Grosso, Demetrio e Cruz das Almas; não é abundante e não tem as qualidades hygienicas precisas. O Presidente da Camara envida todos os esforços para reparar taes inconvenientes, que muito em breve desapparecerão.

O clima da cidade é, como dissemos, saluberrimo. As duas estações, verão e inverno, são perfeitamente definidas;

a primeira de Novembro a Abril, com as suas chuvas periodicas, acompanhadas de descargas electricas, lavando a atmosphera e sobrecarregado-a de ozona; a segunda, que vai de Maio a Outubro, com os seus longos mezes de céo puro e diaphano, sol radiante e de uma incomparavel frescura.

No verão o thermometro ascende a 22° c. ou 25° c. de maxima, durante o dia, attingindo por excepção 28° c. ou 29° c. para baixar de 16°, 17° ou 18°,c. de minima á noite.

No inverno a temperatura maxima oscilla entre 18° e 20° c. de dia e uma minima de 10° a 12° c. á noite, descendo nas noites de geada, exactamente quando o céo é mais puro e a atmosphera mais calma, a 2° e 3° c., acima de zero, pela madrugada.

Em 1901 houve na cidade 348 nascimentos e 219 obitos.

As molestias mais communs são as do apparelho gastrico intestinal.

A tuberculose pulmonar concorre para avolumar o obituario. Todos os casos fataes se dão em individuos vindos de fóra da cidade, e já no ultimo periodo da molestia.

A população da cidade é de nove mil habitantes.

Os bairros da cidade são: Santo Antonio (Alto Cangalheiro), corrego das Pombas, Grogotó, Carapuças, Cruz das Almas, Caheté, Colonia Rodrigo Silva e Campante.

As estações da Estrada de Ferro, pertencentes ao municipio são: a de *João Ayres*, no kilometro 352, da linha do centro, distante 26k,600m de Barbacena e na altura de 1.115 metros sobre o nivel do mar, servindo especialmente aos districtos de Santa Rita e Bias Fortes, além de alguns povoados e muitas fazendas que a cercam; exporta queijos, toucinhos, madeiras, etc.; a do *Sitio*, distante 364 kilometros do Rio de Janeiro e 14 de Barbacena, a 1.039 metros acima do nivel do mar, é o ponto de entroncamento da Estrada de Ferro Oeste de Minas e serve aos districtos de Bias Fortes, Santa Rita de Ibitipoca, S. Sebastião do Torres, etc., tem uma capella, dous hoteis e algumas casas de construcção moderna; exporta gado vaccum, fumo, milho, queijos, cigarros, etc.; a do *Registro*, distante 369 killometros da Capital Federal e nove de Barbacena, a 1.039 metros de altitude, serve em parte aos districtos de Bias Fortes, de S. Sebastião do Torres e da cidade, bem como á colonia Rodrigo Silva; exporta tijolos, telhas, queijos, madeira, cigarros, etc.; a de *Barbacena* a 378 kilometros e alguns metros distante do Rio de Janeiro e na altitude de 1.120 metros, segundo uns e 1.133 metros segundo outros; serve, além do districto da cidade, aos de Remedios, S. Sebastião do Torres, Santa Barbara do Tugurio, S. José do Chopotó, etc.; exporta batatas, cigarros, toucinho, productos ceramicos, queijos, etc.; a do *Sanatorio*, distante 38 kilometros do Rio de Janeiro e Dôres de Barbacena, a 1.114 metros sobre o nivel do mar, serve especialmente ás seguintes localidades: Mercês do Pomba, Alto Rio Doce (cidade), Santa Barbara do Tugurio, Remedios, Chopotó, Espera e parte da cidade de Barbacena; exporta tijolos, telhas, manilhas, etc. (da Empreza Ceramica), fumo, sola (dos cortumes da cidade), etc.; a de *Alfredo Vasconcellos* a 390 kilometros do Rio de Janeiro e a 12 de Barbacena; a de *Ressaquinha*, a 403 kilometros do Rio de Janeiro e a 25 de Barbacena, a 1.104 metros sobre o nivel do mar; serve ao districto do seu nome, ao dos Remedios, assim como a parte da cidade do Alto Rio Doce; exporta queijos, toucinho, milho, aguardente e lenha; a de *Hermillo Alves*, a 411 kilometros do Rio de Janeiro e a 1.147 metros sobre o nivel do mar; a do *Carandahy*, a 420 kilometros distante da Capital Federal e 42 de Barbacena e a 1.057 metros de altitude; serve especialmente aos districtos de Carandahy, Lagoa Dourada, Capella Nova, Espera, etc.; exporta queijos, toucinho, milho, polvilho, aguardente e com especialidade, cal; a de *Taipas*, a 425 kilometros distante do Rio de Janeiro e 47 de Barbacena, a 1.106 metros de altitude; a da *Pedra do Sino*, situada no kilometro 430 e a 56 de Barbacena, com a altura de 1.062 metros; exporta cal, aguardente e cascas de barbatimão.

Na cidade publicam-se dous jornaes: *A Lavoura* e a *Cidade de Barbacena*, ambos com cinco annos de existencia.

Matriz — E' um templo grande, situado em um dos pontos mais elevados da cidade, com a frente voltada para o norte e para o jardim publico. Precede-o um vasto adro.

Tem na frente duas torres, quatro janellas e a porta principal, sobre a qual vê-se em um nicho a imagem de Nossa Senhora da Piedade. Na torre do lado da Epistola acha-se um relogio que serve de regulador publico, doado pelo finado D. Pedro II, e em cuja circumferencia ha a seguinte inscripção da lavra do padre Corrêa de Almeida; — *Hora sonans hic admonet urbem munera* — Petri, 1883

Seu interior é muito singelo; não tem tribunas.

Possue tres altares ao lado do Evangelho; um com Santo Antonio e Santa Rita, outro com Santa Barbara e S. Vicente de Paula; e outro com S. Sebastião; e tres do lado da Epistola: um com Santa Cecilia e Nossa Senhora do Sagrado Coração; outro com S. José e Nossa Senhora do Carmo, e outro com S. José e Nossa Senhora da Conceição.

Tem dous pulpitos, os 14 quadros da Via Sacra, o côro, com um harmonium, a pia baptismal e do lado direito, de quem entra na egreja, um monumento de marmore que guarda os ultimos restos do Barão de Pitanguy, Marcellino José Ferreira Armond.

Na capella-mór ha um altar com a Senhora da Piedade, padroeira, o Divino Espirito Santo, S. Sebastião, o Sagrado Coração de Jesus, o Senhor do Bomfim e o Sacrario; e aos lados, em dous nichos, Nossa Senhora do Rosario e S. Vicente Ferrer. Ha ahi quatro paineis riquissimos.

Do lado do Evangelho ficam as capellas do Santissimo Sacramento e de Nossa Senhora das Dôres; nesta acham-se as sepulturas dos Monsenhores José Augusto Ferreira da Silva, fallecido a 31 de Março de 1898, e José Maria Ferreira Velho, fallecido a 2 de Maio do mesmo anno.

Do lado da Epistola ficam a capella do Senhor dos Passos e a sacristia com a gruta de Nossa Senhora de Lourdes.

Egreja da Boa Morte — Está situada em um dos pontos mais elevados da cidade, offerecendo para qualquer dos lados bonitos pontos de vista.

E' precedida por um vasto adro, que está muito descurado.

Sua fachada apresenta mais imponencia que a da matriz; tem ella duas torres, quatro janellas e a porta de entrada, acima da qual lê-se a data 1815.

Seu interior, muito inferior ao da matriz, não se recommenda senão pelo arco-cruzeiro, tribunas, portas e pulpitos, que são todos de pedra-sabão, que tiveram o máo gosto de pintar.

Tem a capella-mór, com a imagem de Nossa Nenhora da Gloria ou da Ascenção, o Sacrario e na urna Nossa Senhora morta. Ladeam o altar as imagens de S. Sebastião e S. Jeronymo.

Tem seis tribunas fingidas.

No corpo da egreja ha dous altares, o do lado do Evangelho com Sant'Anna e o do lado da Epistola com a Senhora do Parto, tem dous pulpitos, quatro tribunas, sendo duas fingidas e o côro com um harmonium. Do lado do Evangelho fica a sacristia com um altar e nelle a imagem de Nosso Senhor Jesus Christo Crucificado

Por trás da egreja fica o cemiterio com uma capellinha e bonitos mausoléos, entre os quaes os dos Drs. Hyppolito Dornellas de Albuquerque, Joviano Rodrigues Moraes Jardim e do Senador Carlos Ferreira Alves.

Tem mais a cidade as capellas do Rosario, São Francisco de Paula, N. S. da Gloria, S. Sebastião e N. S. do Carmo.

Hospital de Santo Antonio — Santa Casa de Misericordia. Fundado a 20 de Julho de 1852 pela Confraria de Misericordia de Barbacena e installado a 1 de Janeiro de 1858, é uma instituição devida a Antonio José Ferreira Armond (fallecido a 10 de Janeiro de 1852), tendo sido mantido durante largo tempo pela illustre familia deste benemerito cidadão.

Situado no extremo norte da cidade e nos fundos do collegio da Irmandade da Conceição, este edificio, com 33 metros de frente, consta de dous pavimentos, tendo sete janellas no segundo pavimento e cinco e duas portas no primeiro. Neste pavimento, acima das duas portas e da janella central, lê-se: M. G. T. *fecit* — *C. M. F. A. direvit* — *MDCCCLV*.

No pavimento terreo nota-se a sala da administração com seis quadros a oleo com os retratos do fundador e bemfeitores e mais seis com retratos, entre os quaes os do Conde de Prados e Dr. Lima Duarte, e uma peanha sobre a qual ergue-se a estatua da Caridade; laboratorio e pharmacia, onde são aviadas innumeras receitas para os pobres da ci-

dade; gabinete do medico; sala do banco, refeitorio das irmãos, sala de operações, enfermaria S. Vicente de Paulo para mulheres, despensa, cozinha e outros compartimentos.

No segundo pavimento ficam tres enfermarias para homens dedicadas a Santo Antonio e uma particular, intitulada D. Honorina Martins, para pensionistas e installada a expensas do Dr. Carlos Martins Ferreira, em memoria á sua consorte.

Para os fundos estende-se um vasto terreno, todo aproveitado na plantação de hortaliça e uvas.

Ao lado esquerdo ficam o necroterio e um pequeno cemiterio, e ao lado direito a capella, em cujo frontespicio lê-se:

PAUPERIS INFIRMI SIT IN OU ANTONIUS ARMOND,
ET PIUS, ET MAGNUS UIR PATER EGREGIUS
ANTONIUS
JOSEPHUS FERRARIA ARMOND
HUJUS MONUMENTI PIETATIS FUNDATOR
IN PAROCHIA BARBACENENSI BAPTISATUS
DIE UNDECIMO MARTII
MDCCXCVIII
DEO REDIDIT SPIRITUM
DECIMO JANUARII
MDCCCLII

A capella tem um altar com um bonito quadro de Santo Antonio e as imagens do Coração de Maria, S. Vicente de Paulo, o Menino Jesus de Praga e Santo Antonio, e o Sacrario. Sobre duas credencias ficam as imagens de S. Sebastião e S. José. Tem duas tribunas, os 14 quadros da Via Sacra, um pulpito volante, um confessionario e o côro com um harmonium.

A Santa Casa é dirigida pelas piedosas filhas de S. Vicente de Paulo.

CAMARA MUNICIPAL. — Eis um edificio que faz honra a cidade e um dos mais bonitos e luxuosos que tenho visto no Estado de Minas.

Está situado no largo da Intendencia com frente para o Jardim Publico. Tem dous pavimentos. No alto do edificio vê-se dentro de um triangulo um braço, relembrando esta parte do corpo de Tiradentes, o qual foi collocado em um poste de madeira nessa cidade, nas proximidades da Igreja do Rosario.

No primeiro pavimento funcionam a bibliotheca, as repartições forenses e a Collectoria Estadoal; no segundo notam-se a sala das sessões, bem ornada, tendo á cabeceira da mesa do Presidente, sob um docel, o retrato do Marechal Floriano, ladeado pelos retratos do Visconde de Carandahy e Dr. Bias Fortes; a sala das commissões, com os retratos do Conde de Prados e de Pedro Teixeira, um dos revolucionarios de 1842; gabinete do Presidente com os retratos dos Generaes Deodoro e Floriano, Drs. Prudente de Moraes e Campos Salles; a secretaria, a Directoria de Fazenda, o Archivo e a Portaria.

O symbolo municipal consiste em um globo azul-celeste, allegorico á immensidade, sobre campo branco recamado de estrellas em numero de 14, representando os 14 districtos de que se compõe o municipio. De um triangulo equilatero collocado no globo e tendo no centro um braço nú, com o dedo da respectiva mão apontando para o futuro, allegorico ao braço do martyr Tiradentes. Finalmente de uma fita azul-celeste collocada sob o globo, contendo o seguinte dizer em lettras brancas: — Municipio de Barbacena — as côres branca e azul-celeste representam a paz e a candidez.

Este symbolo foi ideado pelo Director da Camara Municipal da cidade, Hermenegildo Rodrigues Valle.

A receita da Camara até fins de Outubro do corrente anno importou em 115,938$213 e a despeza em 103:298$. Tem a Camara um saldo de 100:000$000, que foi empregado em apolices do Estado, do juro de 5 %.

Mirem-se neste espelho quasi todas as Camaras municipaes da Republica e principalmente a Intendencia do Districto Federal.

E' Presidente da Camara Municipal o honradissimo e illustrado Dr. Henrique Augusto de Oliveira Diniz.

ESCOLA NORMAL. — Está situada na praça principal da cidade, em lugar accessivel aos alumnos que a frequentam. Occupa um predio de um só pavimento, bastante elevado sobre o solo. Dispõe de vastas salas de aula, sala do director, bibliotheca, salão nobre e diversos outros compartimentos, todos banhados de abundante luz e recebendo o ar puro e constantemente renovado.

Na sala da bibliotheca notava-se uma collecão de retratos de celebridades estrangeiras e os do Padre Corrêa de Almeida, Pedro II, Tiradentes, Benjamin Constant e Deodoro.

No salão nobre encontram-se os retratos de todos os professores antigos e actuaes, os dos alumnos diplomados pela mesma Escola, do Dr. Bias Fortes, que foi quem assignou a lei municipal que creou essa instituição, dos chefes executivos Coronel Maximo de Magalhães e Dr. Henrique Diniz, do Dr. Campos Salles e Marechaes Floriano e Deodoro.

Na sala em que se acha alojado o gabinete de physica morreu D. Antonio de Macedo Costa, Arcebispo da Bahia.

Foi essa Escola creada pela lei municipal n. 20, de 17 de Janeiro de 1893, obtendo as prerogativas de que gozam as do Estado pelo decreto n. 836, de 9 de Julho de 1895.

Nessa Escola esteve reunido o Congresso Estadoal em sessão extraordinaria e ahi decretou a mudança da séde da capital para Bello Horizonte.

Annexas á Escola Normal e fazendo parte do plano de estudos desse estabelecimento, funccionam duas escolas de instrucção primaria, uma para o sexo feminino e outra para o sexo masculino, em cada uma das quaes é ministrada a instrucção primaria a 30 alumnos.

ASYLO MARIA ROSA — Este asylo collocado sob a protecção dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria foi fundado pela Baroneza de Maria Rosa, coadjuvada pelo Monsenhor José Maria Ferreira Velho (já falecidos) e entregue ás Irmãs de Caridade de S. Vicente de Paula, com o fim especial de recolher orphãs desamparadas. Foi inaugurado a 3 de Maio de 1887.

A primeira superiora foi a Irmã Philomena Deyglua, fallecida a 23 de Setembro de 1897 e substituida a 2 de Novembro do mesmo anno pela actual superiora e Irmã Celeste Josephina Dupire.

O Asylo começou com quatro Irmãs, devendo manter 12 orphãs a escolha dos fundadores, até que a Irmã superiora julgasse opportuno augmentar o numero.

O predio comprado pela fundadora custou 20:000$. Além desse importante donativo, aquella benemerita senhora deu ainda para patrimonio do Asylo 50:000$ em apolices da divida publica de 5 %.

A pedido do Provedor da Santa Casa, Dr. Virgilio de Mello Franco, as Irmãs do Asylo passaram para o hospital (á espera das irmãs destinadas a essa casa) no dia 10 de Julho de 1887 e ahi permaneceram até 8 de Maio 1888, quando a irmã Paula Boisseau assumiu o cargo de superiora da Santa Casa de Misericordia.

Voltaram para o Asylo quatro irmãs e 16 asyladas.

A 15 de Outubro de 1888 Monsenhor José Maria abriu o Externato de Nossa Senhora do Rosario, annexo ao Asylo, porém mantido exclusivamente com o modico rendimento de algumas mensalidades e auxilio de uma pessoa, cujo nome sempre desejou que ficasse occulto. Este Externato conta actualmente 140 alumnas.

A 1 de Setembro de 1891 falleceu a fundadora e, por testamento, legou ás orphãs a roupa e mais objectos do seu uso e os remanescentes de sua fortuna. Recebeu então o o Asylo mais 16 apolices de 1:000$, duas de 400$, o predio mobilado (em parte), sito á rua do Rosario, e mais 22:000$, pouco mais ou menos, que ficaram em poder do Sr. Coronel Luiz Braga, cunhado da legataria.

Tendo fallecido Monsenhor José Maria a 22 de Maio de 1898, a Irmã Josephina Dupire, actual superiora, julgou mais conveniente converter em apolices os 22.000$ supracitados. Sendo a transacção feita em época favoravel foi o capital augmentado de 3:000$000.

O mesmo Monsenhor legou em testamento ao Asylo o predio quasi annexo ao mesmo, tendo o Sr. Miguel Lopes pouco tempo antes feito o mesmo relativamente ao predio sito á esquina da rua da Bôa Vista.

Em 1887, por occasião da fundação do Asylo, o Monsenhor José Maria entregou á Irmã Philomena a quantia de 8:000$ para a compra de moveis, utensilios, etc., necessarios ao Asylo, como tambem para as primeiras despezas das Irmãs, taes como passagens, transporte de bagagens, etc.

Para a installação da capella, acquisição de imagens, paramentos e alfaias concorreram a fundadora e uma pessoa incognita.

Seria grave injustiça esquecer o nome de um dos grandes protectores do Asylo, o venerando Monsenhor José Augusto Ferreira da Silva, vigario de Barbacena, a quem a idade avançada não impedio que andasse de sacola em punho a a esmolar, não só pela cidade como pelos logares visinhos, em beneficio do Asylo.

Tem ainda esse estabelecimento de caridade a seu cargo o Externato S. Luiz, para meninos o qual tem matriculados 77 alumnos.

O Asylo conta actualmente seis Irmãs e 54 asyladas.

Além da sua renda propria, recebe o Asylo do Governo estadoal a subvenção de dous contos de réis.

Está o Asylo situado em um predio assobradado, na praça da Intendencia e a um dos lados da Matriz.

No vestibulo encontram-se dous armarios com trabalhos das asyladas, um quadro com o retrato da fundadora, um outro com os nomes dos bemfeitores, mais quatro religiosos do Sagrado Coração de Jesus, do Sagrado Coração de Maria, de Nossa Senhora de Lourdes e de Nossa Senhora das Dôres e um cofre com a imagem de Santo Antonio e destinado a receber esmolas para o pão, que é distribuido aos pobres.

A capella é modesta, mas decente.

Tem um altar e nelle o Sacrario ladeado por dous anjos em adoração, as imagens do Sagrado Coração de Jesus, S. Vicente de Paulo aos pés, Nossa Senhora Apparecida e S. José aos lados.

Ao vestibulo seguem-se a sala de visitas com dous quadros religiosos e os retratos dos Monsenhores José Augusto e José Maria Ferreira Velho; um compartimento occupado pelas Irmãs, sala de aulas, uma outra de trabalhos de flores e de costura, dormitorio, e diversos outros commodos.

As asyladas,além da instrucção que recebem occupam-se em trabalhos compativeis com o seu sexo, na lavagem de roupa, e na fabricação de sapatos, etc.; tudo isto ensinado com o carinho maternal, que tanto distingue as Irmãs de Caridade.

Collegio da Immaculada Conceição—Casa S. Miguel — A Irmã Paula é uma benemerita da instrucção e da caridade. Com seus recursos particulares levantou um predio magestoso, que se vê na avenida Armond e na frente da Santa Casa da Misericordia, onde installou o importante collegio da Immaculada Conceição, que ella dirige proficientemente.

E' um serviço de tal relevancia prestado a cidade de Barbacena, que provocou as sympathias e a veneração do povo, que idolatra tão piedosa Irmã.

Compõe-se a fachada de tão soberbo edificio de tres corpos, dous reintrantes e um saliente central. Este ultimo é encimado pela estatua de S. Miguel.

Dispõe de vastos commodos, todos arejados meticulosamente asseiados e offerecendo lindos pontos de vista.

No primeiro pavimento, notam-se o parlatorio, salas de aulas das menores, um pequeno theatro, refeitorio, commodo das Irmãs, gabinete de physica e capella com duas primorosas imagens dos Sagrados Corações de Jesus e de Maria; no segundo diversas salas de aulas, rouparia, dormitorio, lavatorio e outros compartimentos.

O Collegio conta actualmente 53 alumnas, foi fundado em 1895 e funccionou a principio em parte do edificio do hospital.

O atual edificio foi construido em 1900.

Gymnasio Mineiro — No predio, em que funcciona actualmente esse importante instituto de ensino, funccionaram antigamente os collegios Providencia e Abilio.

Perfeitamente localisado, longe do borborinho da cidade, em um predio de vastas proporções, no meio de um extenso terreno, com um pessoal docente distictissimo, é o Gymnasio Mineiro um estabelecimento que honra o Estado de Minas.

Logo á entrada encontra-se a sala de recepção, de cujas paredes pendem os retratos de Gambetta, Victor Hugo, Pasteur, Carnot, Thiers, Luthero, Calvino, Moliére, Guttenberg e Colombo.

A' esquerda desta sala ficam a Secretaria e a Bibliotheca com 4.000 volumes de obras principalmente didacticas, e para o interior a sala da congregação com os retratos do Dr. Virgilio de Mello Franco, 1º Reitor, Dr. Bias Fortes, Dr. Augusto de Avelino Lima, 2º Reitor; Campos Salles, Prudente de Moraes e Benjamim Constant; duas salas de estudo, oito salas para aulas, entre as quaes uma de desenho e outra de sciencias naturaes, com um laboratorio annexo; uma capella com a imagem de S. José e dous vastos dormitorios.

No pavimento terreo ficam o refeitorio, a cozinha e outras dependencias.

Fóra do predio existem dous extensos galpões para recreio dos alumnos durante a chuva, tanque para natação, etc.

Em um predio separado, mas communicando-se com o Collegio, fica a residencia do Reitor que é o illustrado Dr. Antonio José da Cunha. O estabelecimento será provido do material escolar indispensavel ao ensino, dispondo de quadros muraes, cartas geographicas, globos terrestre e celeste, mappas em profusão, simples e em relevo, trabalhos de Vidal Lablache, solidos de madeira, etc. A classe de desenho está igualmente bem montada, possuindo uma rica collecção de peças de gesso da casa Delagrave, albuns, estampas e séries de modelos da *E'cole de la Martiniere de Lion.*

O Gymnasio Mineiro, creado pelo decreto n. 260, de 1 de Dezembro de 1890, mantido pela lei n. 41, de 3 de Agosto de 1892, modelado pelo Gymnasio Nacional e a este equiparado para todos os effeitos pelo decreto federal n. 806, de 20 de Abril de 1892; tem por fim proporcionar á mocidade a instrucção secundaria e fundamental, necessaria e sufficiente, tanto para a matricula nos cursos superiores da Republica, como em geral para o bom desempenho dos deveres do cidadão na vida social.

O curso integral é de seis annos, constando das seguintes disciplinas: portuguez, francez, inglez, latim, grego, allemão, mathematica, astronomia, physica, chimica, historia natural, geographia, historia do Brasil, historia universal, logica, litteratura nacional, desenho, gymnastica, esgrima e evoluções militares.

As aulas abrem-se a 1 de Setembro e encerram-se a 15 de Maio.

Ao alumno approvado nos exames prestados no fim do curso integral, é conferido o titulo de — Bacharel em Sciencias e Letras, exigido para a matricula nos cursos superiores da Republica.

Até 1902 concluiram o curso nesse internato 19 alumnos.

Tem actualmente matriculados 74 alumnos.

O pessoal consta de um Reitor, um Secretario, Blibiothecario, 13 lentes, dous Professores, dous Inspectores de alumnos, um economo, dous conservadores de gabinete e um porteiro.

Sanatorio — Foi inaugurado em 9 de Março de 1889 e está situado em uma pequena collina a poucas dezenas de metros da estação do mesmo nome e no extremo norte da cidade.

Infelizmente está fechado, privando assim a muitos doentes e *veranistas* de, no clima de Barbacena, buscarem o restabelecimento da saúde e evitarem a canicula do Rio de Janeiro.

Em um predio que se communica com o Sanatorio por um viaducto, por baixo do qual passa a Estrada de Ferro, do Governo Estadoal projectou estabelecer o Instituto Profissional. Não tendo sido esse predio aproveitado para esse fim, consta-me que o Governo pretende estabelecer nelle um manicomio.

A cadeia — E' um edificio grande, mas desasseiado e sem as necessarias condições hygienicas. E' encimado pela estatua da Justiça. Tem no primeiro pavimento sete prisões. No segundo funcciona o Jury.

Existe nella um preso condemnado a oito annos por ter deshonrado a propria filha.

A chacara do Coronel Rodolpho de Abreu possue um elegante *chalet*, de estylo suisso, coberto de lousa preta. Situada no antigo morro do Jogo da Bola, no centro de um vasto terreno de 20.000 metros quadrados, que é avistado de qualquer ponto da cidade.

O panorama que dessa encantadora situação se observa é lindissimo, porque abrange um raio de mais de dez leguas de extensão, avistando-se até as serras de S. José da Ibitipoca.

Outr'ora inteiramente agreste está hoje transformado esse terreno em um bello pomar de fructas européas e nacionaes, que alli estão attestando perfeita acclimação, demonstrando que Barbacena poderia ser um centro productor im-

portante, capaz de rivalizar com o Rio da Prata, mandando ao nosso mercado todas as fructas que da Republica Platina e da Europa importamos.

Vi nessa esplendida chacara inumeros pés de ameixeiras pretas, rainha Claudio, ameixas do Japão, maçãs, peras, pecegueiros, cerejeiras, oliveiras, marmeleiros do Brasil e do Japão, videiras e uma grande variedade de diversas outras fructas.

Como nas Republicas Platinas e na America do Norte, especialmente a California, Minas Geraes podia abastecer os mercados nacionaes, tornando-se a *pomologia* um dos ramos mais rendosos da agricultura nacional a exemplo daquelles paizes.

Na California ha fazendeiros de fructas mais importantes do que os mais importantes fazendeiros de café, entre nós; ha quem tenha ahi colheitas de mais de cem mil dollares, só de fructas.!

Mas, entre nós o transporte da Central é o maior impecilho as esse tentamen. Além de carissimos os fretes de plantas vivas, transportam-nas em carros fechados, verdadeiras estufas, que levam seis a oito dias da Capital a Barbacena, chegando muitas plantas sentidas ou mortas.

Annexo á sua propriedade tem o Coronel Rodolpho um sitio, com cerca de 16 alqueires, onde vi muito gado de raça, bella plantação de canna e outras culturas, como a batata ingleza, que em Barbacena dá excellentemente e já constitue genero de regular e crescente exportação.

As propriedades do Coronel Rodolpho de Abreu attestam o que valem a força de vontade e o desejo de ser util á sua terra, dando o exemplo fecundo do trabaho e do amor ao progresso agricola, afastando-se da rotina, demonstrando que o Brasil agricola não póde, nem deve continuar só a ser o paiz do café.

Industria. — No municipio de Barbacena, além da industria agricola e da pastoril, que constituem as fontes principaes de riqueza do mesmo, existem diversas outras industrias, algumas antigas e outras nascentes.

A do fumo e de seus preparados, a da ceramica e a da fabricação da cal, predominante no districto de Carandahy, posto que algum tanto enfraquecidas, hão de ainda constituir fonte importante da fortuna particular logo que a crise, que nos assoberba, cesse, e os impostos excessivos que sobre ellas pesam sejam alliviados.

Como industrias nascentes, e de grande futuro, não só para o municipio, como para o Estado e a União, ha a dos lacticinios e a da sericultura.

Existem já diversas fabricas de manteiga, principalmente nos districtos do Bias Fortes e da União, onde a industria pastoril está muito desenvolvida.

A sericultura vai em progresso, principalmente na colonia Rodrigo Silva.

Nucleo Colonial Rodrigo Silva — Inaugurado a 14 de Abril de 1888 pelo então Ministro da Agricultura, Conselheiro Rodrigo Augusto da Silva, e situado nos suburbios de Barbacena, compõe-se este nucleo de 237 lotes ruraes e 41 urbanos, com a área total de 41.616.091, ^{m2}20. Destes lotes estão occupados 226, sendo 19 por titulos definitivos e 207 por titulos provisorios.

Conta uma população de 1.025 italianos, 265 brazileiros, 15 russos, 9 allemães e 26 austriacos, perfazendo um total de 1.340 almas.

Empregam-se no plantio do milho, feijão, batatas, mandioca, hortaliças, arvores fructiferas, etc., de que abastecem a cidade. Criam aves domesticas, gado cavallar, vaccum e suino.

A producção durante o anno de 1901 foi de 191:405$000.

O valor das propriedades existentes, casas, animaes, vehiculos, engenhos, sobe á importancia de 461:629$000.

Funccionam duas escolas, uma mixta (brasileira) e outra regida por professor italiano, ambas frequentadas por 123 alumnos. Com séde na colonia ha uma Sociedade Beneficente Internacional Bias Fortes.

Projecta-se a construcção de duas capellas: uma no Registro e outra em Ponte Nova.

Já monta a 48.500 o numero de videiras existentes na colonia, fabricando-se já excellente vinho.

Vai tendo regular desenvolvimento a pomicultura, existindo já 2.300 pés de laranjeiras e mais de 8.000 de arvores fructiferas de differentes qualidades.

A industria sericola na colonia já transpoz o periodo embryonario das tentativas, produzindo actualmente resultados animadores.

Existem plantados no nucleo mais ou menos 200 mil pés de amoreiras, dos quaes grande parte em pleno desenvolvimento.

O Governo auctorisou ao Director a adquirir uma machina de fiação, a qual brevemente estará installada.

A producção em 1901 foi superior a 500 kilos de casulos.

Está sendo preparada a antiga chacara do Dr. Penna, no referido nucleo, para receber novos machinismos que o Governo var adoptar a essa importante industria.

Da municipalidade de Barbacena tem tambem merecido esta industria valiosos auxilios, graças ao patriotismo do Dr. Henrique Diniz, chefe executivo.

A colonia divide-se em tres partes: Registro, Lavrinhas e Ponte Nova.

Percorrendo os diversos lotes della, notei muitas casas, cobertas de telha, grandes platações de milho, batatas doce e ingleza, amoreiras, videiras, pecegueiros, diversas outras arvores fructiferas e abundante hortaliça.

Notei mais que os colonos, sem excepção de um só, mostravam-se satisfeitos, consagrando grande amor á terra, que tanto custou-lhes a cultivar.

E' digno de notar a ordem e a harmonia que reina entre os colonos. Não ha noticia de um só delicto que perturbasse a paz publica. Cada um colono concentra toda a sua actividade ao lote que lhe deram para cultivar, sem prejudicar os direitos do seu vizinho.

E' director do nucleo o Sr. Amilcar Savassi, espirito culto, muito trabalhador e muito amigo do Brasil.

Todos os domingos os habitantes da colonia vão á cidade para assistir á missa na igreja do Rosario. E' um espectaculo edificante vê-los percorrer a cidade, uns vendendo productos de sua lavoura, outros vendendo leite, todos fortes, musculosos, com rostos sanguineos, modestamente vestidos, e todos alegres e satisfeitissimos.

Barbacena offerece então o aspecto de uma cidade européa.

Historico — Por provisão de 19 de Novembro de 1743 do Bispo D. Frei João da Cruz foi auctorisada a erecção da matriz de Barbacena, que então estava no Registro Velho, *em uma chapada no alto e meio de um campo livre de pensão e foro e proximo da fazenda chamada Caveira de Estevão Reis Motta e José Pinto dos Reis.*

No mappa estatistico apresentado á Camara Ecclesiastica de Marianna a 20 de Março de 1834 lê-se « *Freguezia da Borda do Campo* » Esta freguezia dedicada á Nossa Senhora da Piedade, foi erigida primeiramente em uma capella dedicada á Nossa Senhora com aquella invocação pelo 1º Bispo de Marianna no anno de 1750, passando depois para o arraial da villa na Igreja Nova.

No anno de 1752 obteve confirmação régia e natureza de collativa.

Nas notas enviadas para o *Almanack da Provincia de Minas Geraes de 1870* pelo Dr. Ricardo Antonio de Lima lê-se que a freguezia de Barbacena (Igreja Nova da Borda do Campo) foi creada pela Carta Régia de 3 de Novembro de 1750.

O Sr. José Pedro Xavier da Veiga, nas suas *Ephemerides Mineiras* dá esta ultima data.

No meu *Diccionario Geographico do Brasil* dou a data de 16 de Janeiro de 1752.

Antigamente arraial da Igreja Nova e freguezia da Borda do Campo ou Campolide, foi erecta em villa, em 14 de Agosto de 1791 pelo Visconde de Barbacena, que deu-lhe o nome do seu titulo.

Pela Carta Imperial de 17 de Março de 1823 teve o qualificativo de *nobre e leal.* Foi elevada á categoria de cidade pela Lei Provincial n. 163, de 9 de Março de 1840.

Foi em Barbacena que teve lugar o primeiro pronunciamento da revolução de 1842, no dia 10 de Junho.

Limites — A cidade confronta com os districtos de Ilhéos, Ibertioga, Bias Fortes, Ressaquinha, Mello do Desterro e S. Sebastião dos Torres.

Districtos — Os de que se compõe o municipio são: Cidade, Santa Barbara do Tugurio, Desterro do Mello, S. José de Ilhéos, Sant'Anna do Carandahy, S. Sebastião dos Torres, antigamente Borda do Campo, Bias Fortes, antigamente Curral Novo, Nossa Senhora das Dores dos Remedios, Santa Rita da Ibitipoca, Santa Anna do Livramento, União, antigamente São José do Quilombo, Santo Antonio da Ibertioga.

S. José da Ressaquinha, antigamente Ribeirão Alberto Dias, e S. Domingos do Monte Alegre.

Distancias — As distancias da cidade ás sédes dos districtos são: Ressaquinha, pela Estrada de Ferro Central do Brasil 24 kilometros; Carandahy pela mesma estrada 42; Bias Fortes pela mesma estrada 15; Ilhéos 18, União 54, Ibitipoca 48, Ibertioga 30, Livramento 48, Remedios 16, Mello do Desterro 30, Tugurio 32, Torres 18 e Monte Alegre 42.

Rios — No municipio tem origem os rios: das Mortes, tributario do Grande; o Paraopeba, tributario do S. Francisco; o Chopotó, origem do Doce; o Pomba, tributario do Parahyba do Sul, e diversos outros.

Cachoeira do Urubú — O Sr. Francisco Hermenegildo Rodrigues Valle mimoseou-me com o seguinte artigo, publicado em 31 de Janeiro de 1885 na *Gazeta de Barbacena*, descrevendo a cachoeira do Urubú, uma das bellezas natureas de Barbacena: « Distante de Barbacena, cinco milhas mais ou menos, deslisando por sobre uma enorme lage, cercada de verdes campinas, matizadas pelas mais variegadas e odorificas flores agrestes, o ribeirão do Gallego, deixando de mansamente correr por entre as varzeas e pinheiraes, em procura do rio das Mortes, para com elle confundir suas crystallinas aguas, offerece ao admirador um dos mais encantadores espectaculos da natureza.

Como brilhantes saltitando em todos os sentidos, sobre um branco lençol de espumas, desce o ribeirão em uma extensão approximada de um hectometro. Aqui, como tapetes, o verde musgo humedecido pelo continuo aspargir das aguas; alli, a aguinha que se furta da corrente, e vem formar poços, onde boiam roxas petalas de quaresma; acolá, as borboletas que atravessam por cima da brilhante corrente precipitadas, com seu vôo irregular, á mercê do vento, para beijar as flores oppostas ás que beijavam!

Os raios do sol nas aguas, reflectindo nos montes fronteiros, tornam ainda mais alegre a esplendida cascata.

A final a agua que deslisa pela lage, repartida em tres cascatas, chega a um grande poço; uma dellas, desapparecendo em um sumidouro, para surgir na margem do poço, dá passagem para uma lage de circumferencia de oito metros mais ou menos, cercada d'agua e de muralhas naturaes.

Immenso é o prazer que ahi se sente, já pela sombra, já pela frescura devida ás vibrações que, ao cahir, produz a agua nas camadas do ar.

Pouco distante dessa cachoeira, ha umas velhas lavras e uns restos de casa, onde dizem ter funccionado uma fabrica de chapéos. Existem tambem duas lagôas: a menor é cercada de montes de cascalho lavrado, o que faz crêr ter sido uma mina aurifera. Acredita-se que ahi foi assassinado o dono dessas lavras, por uma sua escrava, que se atirou na agua, fingindo afogar-se. O senhor, que não queria perde-la, tentou salva-la, mas ella o afogou.

Não se sabe porque esse lugar chama-se — Urubú. Antigamente o chamavam — Roda, talvez por ser uma bacia, que indica ter-se dado ahi uma grande depressão do terreno. »

BARBADOS. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. do Rio Preto e mun. de Diamantina.

BARBARA (Santa). Nucleo colonial do Estado do Paraná, no mun. de Palmeira, a 15 kils. Contem 135 lotes occupados por polacos, italianos, hespanhóes e brazileiros. E' o mais importante do mun. Tem uma capella.

BARBARA (Santa). Log. do Estado de Minas Geraes, no dist. do Sacramento e mun. do Manhuassú.

BARBARA (Santa). Riacho do Estado do Maranhão, no mun. do Pinheiro (José Ribeiro do Amaral. *O Estado do Maranhão em 1896.*)

BARBARA (Santa). Corrego do Estado de S. Paulo, no mun. do Patrocinio do Sapucahy, nas divisas do dist. de Ityrapuan. Reune-se com os corregos Capanema e dos Mellos.

BARBARA (Santa). No supp. do II vol. Rio de S. Paulo, no mun. de Batataes. Accrescente-se no fim: Desagua na margem dir. do rio Pardo.

BARBOSAS. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. de S. Vicente.

BARCELLOS. Estação da E de F. Campista, no Estado do Rio de Janeiro, com uma importante usina.

BARGADO. Sujeito que compra a credito e não paga. Termo usado no sertão da Bahia.

BARIGUY DE CIMA. No 1º vol. mencionamos o bairro do Bariguy, no Estado do Paraná. Ha dous povs. Bariguy de Cima e Bariguy de Baixo. O 1º dista 9 kils. da capital, fica á margem da estrada de Matto Grosso, tem um engenho de beneficiar herva matte e uma esc.; o 2º dista 15 kils. da capital, é servido pela estrada de rodagem da Lapa e pela E. de F. do Paraná, que ahi tem uma estação; tem um engenho de beneficiar herva-matte.

BARIRIÚ. Corrupção de *mbariri-y*, rio ou agua das corredeiras. (Dr. Theodoro Sampaio).

BARIRY. Corrupção de *mbaê-riri*, cousa que corre, flue, se agita, ferve ou palpita : é como se dissesse o fervedouro, nome applicado ás corredeiras ou rapidos dos rios brasileiros ; S. Paulo... Aos accidentes do leito do rio, affectando o curso das aguas, como por exemplo: ao salto ou cataracta se denominava Ytú; á cachoeira com agua impetuosa *Itupeva* ou *Ycirica* e, dada a especial pronuncia do primeiro *C*, que é antes chiado, se formou a variante *Yxirica*, de que procede *Yxiririca* ou *Xiririca*, por apherese do *Y* inicial; aos rapidos e correntesas *Pyryrica* ou *Pyryri* de que provem *Byryri* ou *Burury* e ainda *Bariry*; aos recifes e travessões, provocando sensivel desnivelamento da corrente *Itaipaba*, ou, como hoje se diz, *Itaipava*; aos redomoinhos ou remansos *Yerê*; á confluencia dos rios *Yecêaba*; á fóz ou bocca do rio *Ymbiaçá* ou *Imbiaçába*; ao porto ou desembarcadouro. *Peaçá*; ao rio grande, ou trecho largo do mesmo rio, *Yrietê*. (Dr. Theodoro Sampaio. *O tupi na geographia nacional*).

BARQUEÇABA. E' corrupção de *Mbaraa-que-çaba*, repouso de enfermos. De *mbaraá*, enfermidade, enfermo, *quêr*, repousar, dormir, socegar, mudado o *r* em *çaba* para formar participio, segundo a lição do padre Luiz Figueira em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*, para os verbos acabados em *r*. Allusivo a ser essa praia um logar muito apropriado para o curativo de enfermidades, que depende de banhos de mar; e, sem duvida, foi assim denominada por ser preferivel a outras praias nessa costa. (Dr. João Mendes).

BARRA. Pov. no dist. de Guaratiba e Districto Federal.

BARRA. Bairro do mun. de Sorocaba; no Estado de S. Paulo; com uma esc. creada pela Lei n. 643 de 7 de Agosto de 1899.

BARRA. Pov. do Estado de Santa Catharina, no mun. de Camboriú; com escola.

BARRA. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da cidade do Bom Fim.

BARRA. Morro do Estado de S. Paulo, na entrada da barra de Santos, na ilha de Santo Amaro.

BARRA. Riacho do Estado do Ceará, nas divisas do mun. de S. Benedicto.

BARRA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. do rio Sorocabussú.

BARRA. Corrego do Estado de S. Paulo; desagua na margem dir. do rio Corumbatahy proximo á estação do Bebedouro.

BARRA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. do rio Mogy-guassú. Recebe o Pantano reunido ao Serrado.

BARRA BONITA. Log. do Estado da Bahia, no mun. do Mundo Novo.

BARRA BONITA. Bairro do mun. de S. Manoel do Paraiso e Estado de S. Paulo; com uma esc. mixta, criada pela Lei n. 657 de 28 de agosto de 1899.

BARRACÃO. Arraial do Estado de Sergipe, no termo do Riachuelo (*Almanack Sergipano* 1901).

BARRA DE AGUA BRANCA. Log. do Estado da Bahia, no termo de Itaberaba.

BARRA DE S. BENTO. Ribeirão do Estado de Minas Geraes, banha o mun. da Leopoldina e desagua no rio Pardo.

BARRA DE S. PEDRO. Pov. do Estado de Pernambuco, a 35 kils. de Ouricory, com uma capella de N. S. da Conceição.

BARRA DO CHATA. Pov. do Estado de Pernambuco, no mun. do Altinho, com uma capella de N. S. da Conceição. Fabricam-se ahi rêdes de dormir e artigos para cavallos.

BARRA DO CIGANO. Log. no dist. do Mestre d'Armas, no Estado de Goyaz.

BARRA DO FORMIGUEIRO. Log. do Estado da Bahia, no mun. de Itaberaba.

BARRA DO LIBERAL. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Cimbres, a 30 kils. ao nascente da cidade da Pesqueira.

BARRA DO OURO. Log. do Estado do R. G. do Sul' no mun. da Conceição do Arroio; com escola.

BARRA DO PARACATÚ. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, na fóz do rio Paracatú e Estado de Minas Geraes. Fica no rio S. Francisco, a 1.233 kils. distante do Joaseiro e entre as estações da Extrema e S. Romão.

BARRA DO PARAGUASSÚ. Pov. da Bahia. Accrescente-se no fim: Está situada á direita da fóz do rio Paraguassú, em aprazivel situação; coberta de coqueiros, com uma capella de N. S. da Bôa Esperança e defronte de Bom Jesus dos Pobres.

BARRA DO PAREDÃO. Pov. do Estado do Rio de Janeiro, no mun. do Sumidouro, com escola.

BARRA DO PUTINGA. Pov. do Estado do Paraná, no mun. de S. João do Triumpho, na fóz do rio de Putinga, á marg. dir. do Iguassú.

BARRA DO QUARAHY. Pov. do Estado do Rio G. do Sul, no 2º dist. administrativo do mun. de Uruguayana, situada em campos dos herdeiros de Israel Cardoso, com o Saladeiro Quarahy e uma estação da E. de F. Está em communicações constantes com as Republicas Oriental e Argentina. E' bom não confundir esse pov. com a cidade do Quarahy e distante da Barra 120 kils.

BARRA DO QUARAHY. Estação da E. de F. Brasil, Great Southern, no Estado do Rio Grande do Sul, na altitude de 52,^{m}96.

BARRA DO RIO FORMOSO. Pov. do Estado de Pernambuco, na margem meridional do rio Formoso, com um bonito aspecto. Na margem opposta do rio ergue-se, sobre um outeiro, uma capella dedicada a N. S. de Guadelupe. A cambôa do *Ariquindá* separa essa pov. do logar. Reducto, celebre na historia pernambucana pelo forte construido em 1632, do qual seu comandante, intimado na madrugada de 7 de fevereiro de 1633, pelos hollandezes, em numero de 500, dirigidos pelo major Schkoppe, para se render, respondeu que se defenderia até á morte. De vinte homens, que compunham a guarnição, quatro vezes assaltada, e que outras tantas corajosamente rebateu o inimigo, 19 jaziam estendidos no chão, quando os hollandezes, tendo perdido 80 homens, resolveram se apoderar, pela quinta vez do reducto, que elles observavam já nenhuma resistencia opporia. Os vencedores, ao entrarem no forte, encontraram, ao lado de 19 bravos, o commandante Pedro de Albuquerque, agonisante, com duas feridas feitas por um mosquetaço e uma chuçada, tendo-se salvado á nado, com tres feridas, o vigesimo delles, Jeronymo de Albuquerque. Os hollandezes então, pasmos de tamanho heroismo, retiraram, dentre os mortos, Pedro de Albuquerque quasi exanime, e, prestando-lhe á tempo o soccorro neccessario salvaram-lhe a vida. O Visconde de Porto Seguro compara este facto ao feito heroico do Passo das Thermopylas. E' tambem denominada Praia dos Carneiros. Vide *Rio Formoso.*

BARRA DO S. JOÃO. Cidade do Rio de Janeiro. Accrescente-se no fim: Foi transferida a séde do mun. para Indaiassú pela Lei n. 502 de 9 de dezembro de 1901.

BARRA DO SERINHAEM. Pov. de Pernambuco. Accrescente-se no fim: Fica situada na margem meridional e na foz do rio do seu nome, cerca de tres milhas da ilha de Santo Aleixo. Tem uma egreja da invocação de Sant'Anna

BARRA FEIA. Pov. do Estado do Paraná, no mun. de S. João do Triumpho, á margem do rio Iguassú, distante 10 kils. da séde da colonia Eufrosina.

BARRA FRANCA. Ilha do Estado do Pará, no dist. de Guajará-miry e mun. da capital, proxima da ilha Paulo da Cunha.

BARRA GRANDE. Corrego do Estado de S. Paulo, no mun. do Patrocinio do Sapucahy, nas divisas do dist. de Ityrapuan. Reune-se ao corrego dos Mellos.

BARRA GRANDE. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do ribeirão da Fartura, trib. do Itararé (Inf. loc.).

BARRA GRANDE. Rio S. Paulo. Em logar de desaguar no rio Novo, leia-se: desagua na margem esq. do rio dos Veados.

BARRA MANSA. Bairro do mun. do Jahú; no Estado de S. Paulo; com duas escs. creadas pela Lei n. 748 de 18 de novembro de 1900.

BARRA MANSA. Cidade do Rio de Janeiro. Accrescente-se no fim: Ao *Jornal do Commercio* enviei a seguinte noticia. Esta cidade fica situada em um terreno plano, excepto para o sul, em que vai alteando-se até encontrar a montanha. Descança á margem dir. do rio Parahyba do Sul entre o ribeirão Barra Mansa e o rio Bananal e é atravessada pelos corregos do Buraco Quente e Cotiuaba e pelas estradas de ferro Central do Brasil, Oeste de Minas e Bananalense, que parte da estação da Saudade, suburbio da cidade. Alem da rua principal, que é a Joaquim Leite e que percorre toda a cidade, conta mais algumas menores, taes como a da Misericordia, á beira-rio, a Dr. Andrade Figueira, Flores, Amaral, S. Sebastião e poucas outras. Todas ellas são calçadas e illuminadas á kerosene. A cidade é abastetecida de agua, cujas caixas ficam situadas; uma no morro que fica por traz da Matriz, e outra no morro da Figueira á cavalleiro do cemiterio. A cidade é pequena, de bonita topographia e algum tanto animada. Tem 640 predios e uma população de 4.500 habitantes. Possue uma fabrica de cerveja, uma de sabão, uma olaria, uma machina de beneficiar café, um alambique e 78 casas commerciaes. Seus edificios são: a Matriz, as capellas da Conceição da Apparecida, de S. Benedicto e a de Santa Cruz, a Casa da Camara, o Grupo Escolar Honorato de Carvalho, a Casa da Misericordia, a cadeia e as estações das estradas de ferro. A Matriz fica situada na praça do seu nome; tem na frente duas torres, tres janellas, uma porta de entrada em cujo alto lê-se a data 1839 e um relogio do lado da Epistola. No corpo da egreja ha cinco altares, dous do lado do Evangelho com as imagens de N. S. da Conceição e N. S. das Dores com o Senhor morto, e tres do lado da Epistola com as imagens de N. S. da Abbadia, S. José e S. Benedicto. Ficam ahi ainda dous pulpitos, quatro tribunas, um confissionario, o côro com um harmonium

e os quatorze quadros da Via Sacra. Na capella-mór ha quatro tribunas e um altar com S. Sebastião, padroeiro da cidade, ladeado por dous nichos, nos quaes se acham o Sagrado Coração de Jesus e Santo Antonio. Do lado da Epistola fica a Sacristia com um arcaz e sobre elle algumas imagens. Nos fundos da egreja, no logar das antigas catacumbas reside o Vigario. As capellas da Conceição Apparecida e S. Benedicto ficam, uma defronte da outra, na rua da Conceição. A capella da Apparecida foi erecta pelo Dr. Joaquim de Oliveira Machado, cumprindo uma promessa feita perante o Sanctuario da Apparecida, em S. Paulo. Alem destas duas capellas possue mais a cidade a de Santa Cruz, a da Casa de Misericordia e a do cemiterio; ha ainda um templo methodista. Na mesma praça da Matriz ergue-se o predio em que funcciona o Grupo Escolar Honorato de Carvalho, com cinco salas de aulas denominadas Ponce de Leon, Quintino Bocayuva, Martins Junior, Paranhos da Silva e Alberto Torres; o gabinete do director, a sala da congregação e outras dependencias. As salas de aulas estão bem montadas, possuem magnificos bancos carteiras, mappas geographicos, anatomicos e de ensino intuitivo, globos, etc. Notei a falta bastante sensivel de apparelhos para gymnastica, que tanto concorrem para a robustez physica dos alumnos. Ha no Grupo matriculado 250 estudantes de ambos os sexos. A Camara funcciona em edificio proprio, inaugurado em 1861. Fica situada entre o rio Parahyba e o jardim municipal. Compõe-se de dous pavimentos; no inferior funccionam a secretaria, o archivo, a procuradoria municipal, as collectorias estadoal e federal e a bibliotheca; no superior fica um vasto salão, onde funccionam a Camara, a Assembléa Municipal, onde dão audiencia os juizes e onde se celebram as sessões do jury. Ornam as paredes os retratos do Marechal Floriano, do Dr. Porciuncula e do Commendador Joaquim Leite Ribeiro de Almeida. A Casa de Misericordia fica pouco distante do centro da cidade, á margem dir. do rio Parahyba. E' um edificio muito modesto, porem limpo e onde os doentes recebem o maior conforto, graças aos distinctos clinicos que humanitariamente desempenham seus deveres profissionaes. Tem, alem de enfermarias para homens e mulheres, uma bem montada pharmacia, dispensa, banheiros, necroterio e uma capellinha. Mantem-se tão pia instituição com grandes difficuldades. O Estado subsidia-a, mas ella não recebe, desde algum tempo, o auxilio que lhe tem sido votado. A cadeia é um edificio grande, mas acaçapado. Tem 16 prisões situadas abaixo do nivel da rua, o que as torna muito humidas, occasionando o desenvolvimento do beri-beri, que tantas vidas tem ceifado. O cemiterio fica bem localisado, em um dos extremos da cidade e á margem da E. de F. Central. Possue a cidade um bonito jardim, que é um dos mais bonitos do Estado e que foi delineado por Augusto Garnier. Occupa uma área de dez mil metros quadrados e está situado entre o edificio da Camara e o leito da E. de F. Oeste. A cidade tem diversas sociedades beneficentes entre as quaes a União Beneficente. Tem ainda uma loja maçonica, que mantem uma esc. nocturna gratuita. Está em construcção uma ponte de ferro sobre o rio Parahyba, na estrada do Passa Vinte, pouco abaixo da ponte da E. de F. Oeste. O mun. tem seis dists.: o da cidade, que abrange as estações de Jorge Rademaker, Volta Redonda e Saudade; o da Divisa, onde fica a casa em que falleceu o Marechal Floriano; o curato do Divino Espirito Santo, por onde passa a E. de F. Bananalense e com a estação do Rialto; as fregs. do Amparo, Quatis e S. Joaquim. Os dous ultimos, bem como o primeiro, são percorridos pela E. de F. Oeste. A lavoura do mun. consiste em café, canna e cereaes. E' o mun. bem regado. Entre os muitos rios que o percorrem merecem citação especial o Parahyba, Barra Mansa, Bananal, Preto, que limita com o Estado de Minas, o Turvo com seu affl. da dir. o rio das Pedras, que por sua vez recebe o ribeirão Vermelho; o da Pacca com seu affl. S. Domingos, que corta a pov. do Falcão, actualmente ponto terminal da E. de F. Oeste; o ribeirão do Brandão, que passa perto da estação da Volta Redonda; o Alagoinha, que divide o mun. com o de Rezende; o Bocaina, affl. do Bananal; e o Patriarcha, affl. do rio Preto. Publicam-se na cidade dous jornaes: a *Luta* e o *Barra Mansa*.

BARRANCA PELLADA. Peninsula formada pelo arroio Salso ou Riacho e o rio Uruguay, na barra d'aquelle, na cidade de Uruguayana e Estado do R. G. do Sul. É de curta extensão.

BARRANCO PRETO. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. de Nioac.

BARRANCO VERMELHO. Corrego do Estado de S. Paulo, banha a com. de Pirajú e desagua no ribeirão da Bôa Vista do Pinhal, affl. do rio Paranapanema.

BARRA NOVA. Arraial no termo de Villa Nova do Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

BARRA NOVA. Ponta que termina ao N. da praia do Pontal, no mun. de Cabo Frio e Estado do Rio de Janeiro. E' a pique, isto é, tem muita agua até junto della, e aberta para SW. Vê-se nella uma quebrada que forma a barra, com 30 metros de largura e 11 a 13 pés d'agua, conforme a maré. Essa ponta fica a l' a W N W da ilha do Papagaio e nella, junto da duna de arêa clara, vê-se um forte com tres canhões velhos, hoje transformado em Lazareto.

BARRA PRETA. Log. do Estado do Paraná, no mun. de Ponta Grossa.

BARRA SECCA. Bairro do Estado de S. Paulo, no mun. da Fartura.

BARRA VELHA. Log. do Estado da Bahia, no termo de Canavieiras.

BARREIRA. Log. do Estado de Pernambuco, no dist. de Beberibe e mun. de Olinda.

BARREIRA. Ilha no mun. de Cururupú e Estado do Maranhão, no rio Bacurypanan.

BARREIRA DO ARAGUAYA. Sub-prefeitura creada no mun. e com. de Baião, no Estado do Pará pelo Dec. n. 1.127 de 11 de março de 1902.

BARREIRAS. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, no Estado da Bahia. Fica no rio Grande, a 789 kils. distante do Joaseiro.

BARREIRAS. Villa da Bahia. Accrescente-se no fim: Foi elevada á cidade pela Lei n. 449 de 19 de maio de 1902.

BARREIRINHAS. Villa do Maranhão. Accrescente-se no fim: o Sr. José Ribeiro do Amaral, *obr.* cit., diz: « *Barreirinhas*, villa, em deliciosa situação á margem dir. do rio Preguiças, a 30 kils. da sua foz, a 180 de S. Bernardo, a 84 da villa da Tutoya, a 180 da cidade do Brejo e a 108 da Miritiba. Tem cinco ruas, cinco beccos, duas travessas e uma praça; com 44 casas de telha, 75 de palha e nove de negocio de seccos e molhados. Não possue Egreja Matriz: os actos religiosos são celebrados em duas capellas que ahi existem. A pop. da villa é de 1.000 habs. e a do termo de 8.000. Os seus principaes generos de producção consistem: em arroz, milho, farinha, avultando mais este ultimo. Tem criação de gado vaccum, cavallar, lanigero, caprino e suino, contando-se cerca de 200 criadores no mun., e sendo a criação avaliada de tres a quatro mil cabeças, que produzem annualmente, termo medio, de mil a mil e quinhentos bezerros. Regado por grande numero de rios, dentre os quaes se destacam o Preguiças e seus affls.: o Sacco, S. Raymundo e Guaribas, cujas margens feracissimas são banhadas de 15 em 15 dias pelas aguas que transbordam; abundante de peixe e criando com facilidade o gado, é este mun. d'aquelles de que mais se deve esperar de todo o Estado, faltando-lhe apenas braços para o trabalho, os quaes irão sendo attrahidos naturalmente pela facilidade da vida e riqueza do solo. Existem ainda neste termo os seguintes povs. *Morro Alto*, a 36 kils. *S. Domingos* a tres, e *Mandacassú* a 24 ».

BARREIRINHO. Corrego do Estado de Goyaz, affl. do ribeirão Gonçalves, no mun. de Sant'Anna de Antas.

BARREIRO. Morro do Estado de Minas Geraes, na cidade do Rio Branco. Era denominado morro da Forca.

BARREIRO. Corrego do Estado de S. Paulo, no mun. de Avaré e desagua no rio dos Veados.

BARREIRO. Bairro do Estado de Minas Geraes, no dist. de Santa Rita da Extrema.

BARREIRO. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. de Atibaia, proximo da serra Itapetinga e dos ribeirões dos Porcos e do Onofre.

BARREIRO. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Sapucahy, no mun. de Santo Antonio da Alegria.

BARREIRO. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Tieté; no mun. do Parnahyba.

BARREIRO. Corrego do Estado de Goyaz. banha o dist. de S. José de Mossamedes e desagua no ribeirão S. Manoel.

BARREIRO DE CIMA. Rio do Estado de Matto Grosso, no dist. da Chapada e mun. da capital.

BARREIROS. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Muaná.

BARREIROS. Dist. creado pelo Dec. n. 68 de 1º de julho de 1901 no termo de Cannavieiras do Estado da Bahia.

BARRICA. Serra do Estado de Pernambuco, situada na freg. e mun. do Limoeiro, junto á cidade deste nome e um prolongamento da serra da Raposa e da do Urubú. Tem a altura, approximadamente, de uns 500m, acima do nivel do solo. Fica quasi despida de folhagens, ás vezes mesmo inteiramente núa, na epocha do verão; mas, em voltando o inverno, transforma-se, as arvores revestem-se de folhas e entre aquellas, esparsas e tão escassas mesmo, surgem, em profusão, arbustos que, enchendo a face da serra, dá-lhe, de longe, o aspecto das que são coroadas de mattas. Em seu cimo, de uma pedra que alli existe, o observador, espraiando a vista ao longo do horisonte que se descortina em frente de seu olhar, encanta-se na contemplação de ridente quadro, do esplendido panorama, que é a compensação do cansaço e fadiga com que se chega a transpor-lhe o fastigio. Asseveram existir nessa serra, como na sua visinha (a da Raposa) bastante ferro e crystal de rocha, havendo-se encontrado na base da mesma o ultimo desses metaes. O nome de *Barrica* lhe vem do facto de ter o Engenheiro das obras publicas L. L. Vothier, em 1843, sentado nella uma barrica, fazendo elle estudos geographicos da antiga provincia (Sebastião de Vasconcellos Galvão. *Dicc. Chor. Hist. e Est. de Pernambuco.* Recife 1897).

BARRIGA CHEIA. Ilha no mun. de Cururupú do Estado do Maranhão, no rio do Cocal.

BARRIGUDA. Log. do Estado do Maranhão, no mun. de Itapecurú-mirim.

BARRIGUDA. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Alagôa de Baixo.

BARRINHO. Bairro do mun. de Mogy-mirim, no Estado de S. Paulo; com uma esc. mixta, creada pela Lei n. 657 de 28 de agosto de 1899.

BARRO BRANCO. Ribeirão do Estado de Minas Geraes, banha a colonia Nova Baden e desagua no ribeirão do Mello.

BARRO BRANCO. Rio do Estado de Goyaz, banha o mun. de Jatahy e desagua no rio Doce.

BARROCA. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. do Granito.

BARROCÃO. Bairro do Estado de S. Paulo, no mun. da Fartura.

BARROSO. Serra do Estado de Pernambuco, nas divisas dos muns. de Bôa Vista e Cabrobó. D'ella dizem nascer o riacho Carahybas.

BARRO VERMELHO. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do ribeirão Atuahú; no mun. do Salto de Itú.

BARTHOLOMEU. Log. do Estado de Pernambuco, no dist. da Tamarineira.

BARTHOLOMEU. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Agua Fria, trib. do rio Beberibe.

BARTHOLOMEU. Riacho de Pernambuco. Accrescente-se no fim: Nasce de uns montes ao N. da Casa Amarella, dist. do Poço da Panella, corre na direcção de E. até á altura do logar Cruz das Almas, e d'ahi, mudando a direcção para o N., vai despejar no riacho Agua Fria, affl. do rio Beberibe.

BARTYRA. Corrupção de *botyra* ou *ybotyra*, a flôr; é usado como nome de mulher: quer a tradição que fosse esse o nome da mulher de João Ramalho e filha do principal Tibiriçá. (Dr. Theodoro Sampaio).

BARUERY. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Capivary, entre os muns. de Capivary, Monte Mór e Porto Feliz. « *Baruery* ou *Boruery*, corruptela de *Mború-yerê-i*, o que lento volteia incessantemente. De *mború*, lento, manso, pouco corrente; *yerê*, voltear, *i* posposição para indicar perseverança com referencia a *yerê*. Por contracção *Mború-yer-i*. » (Dr. J. Mendes). Vide *Bariry*.

BASSORÓCA. Logares em Sorocaba, Mogy-mirim, Casa Branca e em outros pontos do Estado de S. Paulo, que se mostram rasgados pelas chuvas. « *Bassoróca*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Mbaê-çoroga*, cousa rasgada, rasgaduras. De *mbaê*, cousa; *çoróg*, rasgar, com o suffixo *ca* (breve) para formar supino » Vide *Bossoroca* e *Botoroca*. A Bassoróca de Mogy-mirim, segundo a descripção feita, em 1886, por um periodico local — « está a cerca de tres kils. do centro da cidade; é uma escavação caprichosa, que occupa talvez dous hectares de área, principiando com a profundidade de oito metros mais ou menos e continuando sempre mais profunda para os lados do campo de Belem, até manifestar-se como um abysmo... O interior da Bassoróca é um labyrintho, composto de cavernas, grutas mais ou menos extensas e corredores invios, formados pela filtração e quéda lenta das aguas... O solo, que parece ter sido rasgado pelas chuvas ou enxurradas, é todo arenoso; mas, de espaço a espaço, apresenta alguma vegetação, detritos de plantas, argilas de diversas côres e pedras pequenas de formas exquisitas... Aqui e alli apparecem concreções, em forma de pyramides irregulares ou de estalagmites, proximas a diversas vertentes, que vão constituir um regato crystallino, serpenteando por meio das grutas— ». Ha quem escreva tambem *Buçoroca*.

BASSUHY. Corrupção de *yba-açú-y*, rio da arvore grande ou do pau grande; Rio de Janeiro (Dr. Theodoro Sampaio).

BASTOS. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Santo Antonio de Padua.

BATAINHO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. do Taiassupeva, que o é do rio Tieté; no mun. de Mogy das Cruzes.

BATALHA. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do Paranapanema, no mun. de Campos Novos.

BATALHA. Villa do Piauhy. Accrescente-se no fim: Passou a denominar-se Campos Salles pela Lei n. 197 de 23 de junho de 1899.

BATARIA. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Tapacurá, que o é do rio Capibaribe.

BATATEIRA. Pov. e serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Amaragy.

BATEDOR. Rio de S. Paulo, affl. do Passa Vinte. Accrescente-se no fim: Nasce na serra da Mantiqueira e á pequena distancia da nascente é cheio de pedras até desaguar. Seu nome é allusivo ao facto de descerem suas aguas de encontro á pedras volumosas fazendo ruido e estrondo. Alguns entendem que o Passa Vinte é que é seu affl. O logar em que se encontram as aguas de ambos é denominado Entre-Rios. Seu curso é de pouco mais de seis kils., de poucas voltas e com quatro a cinco cachoeiras. Pouco abaixo da sua nascente tem dous metros de largura e meio metro de profundidade; na foz tres e meio de largura e um de profundidade. E' perigosissimo nas cheias. Ha quem o considere como affl. do Bregetuba. « *Batedor*, diz o Dr. João Mendes, é corrupção de *Mbã-tecó*, bater, dar golpes com estrondo. De *pã* que por não ter palavra antecedente muda o *p* em *mb*, bater, dar golpes com estrondo, *tecó*, acção, potencia, modo. »

BATE ESTACAS. Log. do Estado da Bahia, no dist. da Plataforma.

BATERIA. No mun. de Taquaretinga, Estado de Pernambuco, um pouco acima e a O. do pov. Couro d'Anta. E' um logar historico, onde, por sua situação apertada parece uma trincheira, sendo para o lado do rio Capibaribe uma barreira precipitada, de mais de quatro metros de altura, feita de pedras mal collocadas, em distancia superior a 20 metros; e para o lado da estrada, uma serrota ingreme, quasi inaccessivel, em que, correndo-lhe em frente um riacho, forma uma especie de praça. Ahi, em 1824, os revoltosos, sob o commando de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, que iam em demanda do interior da Parahyba, se fortificaram, fazendo fogo sobre a tropa do governo nesse terrivel logar, onde mal se accomodavam dous soldados no leito da estrada, e fizeram estrepito tal que os soldados, attonitos e perturbados, precipitavam-se, uns para a barrreira e outros cahiam feridos no caminho, dando assim tempo aos revoltosos de ganharem terreno; de modo que, quando a força sahiu do estado de torpôr em que ficou, e se poz em ordem, já não havia mais ninguem alli, além da mesma tropa. Então o commandante della, com o desapontamento produzido pelo facto, mandou abocar as peças para as casas avistadas daquelle ponto, chegando mesmo a derrubar algumas (Sebastião de Vasconcellos Galvão *Dicc.* cit.).

BATOQUE. Igarapé do Estado do Maranhão, affl. do Tapuio, que o é do Jacaré, e este do Peritoró. Banha o mun. de Itapecurú-mirim.

BATOVY. Vocabulo tupí, empregado no R. G. do Sul, corrupção de *ybá-toby*, alteração de *ba-tovy*, rio da canna verde.

BATUÈRA. Corrupção de *abati-oera*, milho que foi, sabugo. (Dr. Theodoro Sampaio).

BATUQUÈ. Corrupção de *ubatuba-quêra*, alterado em *ubatú-quer*, *batuqué*, antigo cannavial bravo; nome de uma ilha do rio Madeira: Amazonas (Dr. Theodoro Sampaio).

BATURITÉ. Corrupção de *ybytyra-etê*, alterado de *ubutur-etê*, *butur-êtê*, montanha verdadeira, a serra por excellencia. Vide *ybytyra*.

BAUNILHA. Serra do Estado do E. Santo, entre Pau Gigante e Linhares.

BAURÚ. Cachoeira em S. Paulo. Accrescente-se no fim: O Dr. João Mendes diz: « *Baurú* corruptela de *Mbaî-yû-rũ*, dependurado, com gargantas e rodomoinhos. De *mbaî* o mesmo que *pâî*, dependurar, *yû*, cousa estreitada, garganta, *rũ*, revolver. Allusivo a serem as cachoeiras, assim como o ribeirão, em forte declive; estreitando-se em alguns logares as margens e fazendo rodomoinhos as aguas. » « *Baurú*, diz o Dr. Theodoro Sampaio, corrupção de *upaú-r-ú* ou antes *upaú-r-y*, rio da lagôa ou dos banhados. »

BAYÔA. Lago do Estado do Amazonas, no dist. de Manicoré. Desagua no rio deste nome.

BEATAS. Morro do Estado de Minas Geraes, na cidade do Rio Preto.

BEBÊ. (Verbo intransitivo) Voar, pairar; (adjectivo), volante, voador, pairante; tupi-guarani *bêbê;* tupi do Amazonas *uêuê*. (Dr. Theodoro Sampaio).

BEBEDO. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Goitá; no mun. deste nome.

BEBEDOR. Pov. no mun. de Petrolina do Estado de Pernambuco. Ha ahi um riacho do mesmo nome.

BEBEDOURO. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. de Sant'Anna do Paranahyba.

BEBEDOURO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Capitinga, que é trib. do Itupeva e este do Mogy-guassú.

BEBEDOURO. Ribeirão do Estado de Minas Geraes, nas divisas do mun. de Patos com os dists. de S. Francisco das Chagas e Carmo do Paranahyba. Vai para o rio São Bento.

BEBERIBE. Nome indigena que significa, diz o Dr. G. Studart (*Rev. do Ceara*) logar onde cresce a canna, de *viba*, canna; e *pype*, logar onde. O Padre Montoya diz exprimir — voar em bando — composto de *bebê*, voar, pairar, e *ribe*, em companhia, em bando, junto com. « *Bibiribe*, diz o Dr. Thdeodoro Sampaio, corrupção de *bibiry-pe* composto de *bibi-r-y-pe*, no rio do vae-e-vem; pode ser ainda corrupção de *pipiri-y-pe* por *piripiri-y-pe*, no rio dos juncos, ou do juncal ».

BEBERIBE. Rio de Pernambuco. Accrescenta-se no fim: O Sr. S. V. Galvão assim descreve esse rio: « Nasce no logar Cabeça de Cavallo, mun. de S. Lourenço, de uns montes pedregosos e cheios de mattos donde, as aguas vertendo, elle forma um tijuco; correndo d'ahi, sinuoso sempre, vai ao logar Cova da Onça, em que, alargando seu leito, desce banhando os povs. de seu nome, Porto da Madeira, Coqueiro, sitios dos Craveiros, do Fundão, do Peixinho, até á pov. de Duarte Coelho, bairro da cidade de Olinda, desse logar, seguindo de N. para o S., ao longo do isthmo de Olinda e entre os bairros do Recife e Santo Amaro das Salinas, encontra-se com o Capibaribe, indo juntos passar por baixo das pontes Buarque de Macedo e Sete de Setembro, em meio dos bairros de Santo Antonio e Recife, e derramar no oceano. Em seu curso, que poderá ser avaliado em 38 kils. recebe os seguintes affls.: riachos das Coelhas, do Condego, Morno, Lava-tripas e Agua Fria. Sobre elle ha as seguintes pontes: a da pov. do Beberibe, a do Porto da Madeira, a da Estrada Nova do Beberibe e a de Duarte Coelho. »

BEBUI. (Adjectivo) Leve, leviano, ligeiro, veloz, fluctuante, boiante. (Dr. Theodoro Sampaio).

BECCO. Log. do Estado do E. Santo, no mun. da cidade deste nome.

BEIJA-FLÔR. Serra do Estado do Ceará, nas divisas do mun. de Uruburetama.

BEIJA-FLÔR. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Amaragy e desagua na margem esq. do rio deste nome.

BEIRA DO RIO UTINGA. Log. do Estado da Bahia, na com. do Mundo Novo.

BEJÚ. Corredeira no rio Tieté, em seguida á de Pirapora-mirim; no Estado de S. Paulo. E' tambem conhecida por *Boyuiquara* ou apenas por *Bojuy*. « *Bejú* ou *Bojuy* corrupção de *Mbo-yũ* ou *Mbo-yu-i*, que faz garganta, em toda a extensão. *De Mbo*, particula para tornar activo o verbo, *yũ*, estreitar, fazer garganta, *i* posposisão de perseverança. O accrescimo *quãra*, corruptela de *guãra* é sem valor algum; fixa apenas o modo ou a forma por que o rio ahi se estreita; com referencia a *yũ* ». (Dr. João Mendes *Dicc. Geogr.*) « *Beijú*, corrupção de *mbeijú*, enroscado, enrolado, bolo de mandioca torrado » (Dr. Theodoro Sampaio. *O Tupy na geographia nacional.*)

BELEM. Pov. do Estado de Pernambuco, no dist. da Graça, mun. do Recife. E' cortada pela via-ferrea urbana do Recife á Olinda, ficando sua estação distante da central da rua da Aurora 3k, 196m. E' mais conhecida pelo nome de *Encruzilhada*. Existe no logar uma capellinha dedicada á N. S. da Conceição, fundada em 1764, por Ignacio Ribeiro de Mello. No chão e sobre o ladrilho do corredor dessa capella, em 2 de fevereiro de 1849, até o dia 3, quando foi conduzido para o Recife em uma rede, esteve 24 horas depositado o cadaver do Desembargador Joaquim Nunes Machado, victima da revolução praieira, atravessado por uma bala, no combate da Soledade, do mesmo dia 2 de fevereiro. Em 1874, no dia anniversario da sua morte, para assignalar o sitio em que jazeu seu corpo inanimado, foi collocada uma lapide commemorativa com a seguinte inscripção que alli ainda se lê:

JOAQUIM NUNES MACHADO

NO CHÃO QUE DEFRONTA COM ESTA LAPIDA
FOI DEPOSITADO
AOS 2 DE FEVEREIRO DE 1849
O CADAVER DO GRANDE PERNAMBUCANO
QUE NÃO POUDE TER SEPULTURA
POR MÃO AMIGA
E NO DIA SEGUINTE VIOLENTADAS AS PORTAS
DESTA CAPELLA
FOI CONDUZIDO COMO TROPHEO DE VICTORIA
PARA A CIDADE DO RECIFE
E, DEPOIS DE OSTENTOSA VICTORIA
ENTREGUE AOS RELIGIOSOS FRANCISCANOS
ADMIRADORES DO GRANDE CIDADÃO
COLOCARAM ESTA LAPIDA
AOS 2 DE FEVEREIRO DE 1874

—

HONRA AO HEROICO PERNAMBUCANO

BELEM DE MARIA. Pov. do Estado de Pernambuco, conhecida tambem pelo nome de Capueiras. Pertence ao mun. do Bonito e dista desta cidade cerca de 36 kils. E' banhada pelos riachos dos Gatos e Sueiras e possue uma capella de N. S. das Dôres. E' uma das povs. mais antigas do mun., fica collocada entre serras e está hoje decadente. Ficá a 22 kls. da estação de Catende, na E. de F. Sul de Pernambuco.

BELEMSINHO. Bairro do Estado de S. Paulo, nº mun. da capital. Foi elevado á dist. de paz pela Lei n. 623 de 26 de junho de 1899. Pertenceu ao dist. do Braz. Por suas divisas correm o rio Tieté, riachos, Cavandoca e Allemão e rio das Pedras.

BELFORT ROXO. Passou assim a denominar-se a estação da E. de F. do Rio do Ouro; no Estado do Rio de Janeiro.

BELLA. Ilha no rio Oyapock e Estado do Pará. Ao S.450 da ponta dessa ilha existe a pedra da Balêa que descobre na baixa-mar, formando desde a Balêa até á mesma ponta uma restinga de pedras, que não descobrem.

BELLA JOANNA. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de S. Fidelis.

BELLA JOANNA. Rio do Estado do Rio de Janeiro; nasce no mun. de S. Fidelis e vai desaguar no Rio Preto no mun. de Campos. E' formado pelos corregos Manoel Lopes e João Magro. Recebe pela esquerda o Vallão do Jacques e pela direita o Vallão do Cavouqueiro.

BELLA VISTA. Log. do Estado do Paraná, no mun. de Imbituva. Ahi acha-se um nucleo colonial.

BELLA VISTA. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Barreiros e desagua no Carassú.

BELLA VISTA. Log. de Matto Grosso, no mun. de Nioac. Accrescente-se no fim: Foi elevada á parochia pela Lei n. 255 de 10 de abril de 1900.

BELLA VISTA DE PALMAS. Villa do Estado do Paraná, creada pela Lei de 28 de junho de 1892.

BELLO HORIZONTE. No dia 16 de setembro embarquei, na Capital Federal, no nocturno mineiro, que sahe da estação Central, ás 5 horas da tarde. A's 6 horas da manhã do dia seguinte cheguei á estação de Lafayette, onde a estrada quebra a bitola. Ahi me passei para um outro trem de bitola estreita, e após 6 horas de viagem desembarquei na bella estação de Minas na cidade, de Bello Horizonte.

Ao enfrentar com a nova capital do rico Estado senti uma impressão suggestiva, encantadora e admirei a coragem, o arrojo e o patriotismo com que o povo mineiro transformou, em tão pouco tempo, um pobre e abandonado arraial na seductora e opulenta cidade que se desdobrava ás minhas vistas.

Contempla-se a cidade por completo, aberta em fórma de assetinado leque, com as cumiadas dos seus soberbos edificios voltadas para o céo; com as suas avenidas e ruas rectas, largas e ensombradas por viçosas arvores plantadas com a maior symetria e arte; com o seu soberbo e vasto parque coroado de luxuriante vegetação e com lagos poeticos e repuxos encantadores; com o ribeirão Tiradentes serpenteando por toda a cidade em curvas caprichosas e deslisando dolentemente suas aguas em suave e melancolico gemido como que sobre ellas esvoaçasse o espirito do immortal Inconfidente, e sobre esse panorama lindissimo a cupola dos céos de um azul sem nuvens e o astro rei, empunhando o sceptro do nosso systema planetario e dardejando suas beneficas palhetas de luz.

Podem os mineiros apresentar, desvanecidos e orgulhosos, sua soberba e moderna capital ao extrangeiro mais exigente. Podem os mineiros certificar-se de que possuem uma capital que é a primeira cidade do Brazil, pela arte e regularidade com que foi edificada.

Muito tem contribuido para o augmento e aformoseamento da cidade a infatigavel actividade, o capricho e o gosto artistico do illustrado, honrado e patriotico prefeito, o dr. Bernardo Pinto Monteiro, que ama a sua terra como si ella fôra metade de seu coração.

A cidade de Bello Horizonte fica situada no planalto central do Brazil, cercada a E. e S. pela serra do Curral, atravessada pelo ribeirão Tiradentes (outr'ora, Arrudas) e pelos corregos do Silviano (outr'ora do Leitão) e do Bernardo Monteiro (outr'ora Acaba Mundo); em um terreno algum tanto accidentado, cheio de ondulações, entre as quaes as denominadas: da praça da Liberdade, Alto da Favella, Lagoinha e Cruzeiro; a 605 kilometros da Capital Federal e a 15 da estação General Carneiro; a 920 metros acima do nivel do mar (na praça da Liberdade); aos 19°55'22" de latitude meridional e a 1°10'6" de longitude occidental do meridiano do Rio de Janeiro, e ligada ás cidades do Rio de Janeiro e de S. Paulo pela Estrada de Ferro Central do Brasil.

A zona urbana é limitada pela avenida Dezesete de Dezembro, ao S; pela avenida Christovam Colombo, a O; pelo canal de Tiradentes, ao N; e pela avenida Araguaya, a E.

A area já edificada, na parte urbana, occupa uma superficie de 378 hectares excluido o parque, sendo ella destinada para uma população de 30.000 habitantes. O projecto geral é destinado para uma população de 200.000 habitantes. Desses 378 hectares, são do dominio particular 171 e logradouro publico 207.

Todas as zonas suburbanas e a maioria das de sitio, onde se acham localisadas as colonias Carlos Prates, Corrego da Matta, Adalberto Ferraz, Affonso Penna e Bias Fortes são já bastante populosas, notando-se naquellas grande numero de chacaras. Actualmente existem 1.553 casas na zona urbana

Com a nova divisão districtal passam a pertencer á cidade diversos districtos, elevando-se a sua população para mais de 20 mil habitantes.

A cidade é dividida em tres zonas: urbana, sub-urbana e colonial ou de sitios. Estas zonas são divididas em secções, estas em quarteirões, e estes, por sua vez, em lotes. Os quarteirões da área urbana tem 120 metros de face e os lotes destes quarteirões medem 600m2,00 approximadamente, sendo tres os seus typos: os de 10 metros de frente, por 60 metros de fundo, os de 15×40 e os de 20×30; são perfeitamente regulares. Existem tambem lotes triangulares.

Os das zonas suburbana e colonial, prestam-se perfeitamente á chacaras. Separa a zona urbana da suburbana a grande avenida Dezesete de Dezembro (de Contorno).

Nas adjacencias da cidade existem grandes nucleos populosos, taes como: Lagoinha, Calafate, Pampulha, Cardos Pastinho, Menezes, Bom Successo e outros. Nos pequen

montes e valles circumvizinhos existem nucleos egualmente populosos, tambem na sua maioria, formados de casas de construcção ligeira e grosseira, denominadas *cafúas*, cujos moradores, na mór parte, são operarios. O principal desses nucleos é o do Barro Preto.

Tem o districto da cidade presentemente 3.000 casas em todas as zonas; 30 advogados, 9 medicos, 25 engenheiros, 10 pharmacias, 6 hoteis, 5 hospedarias, 7 modistas, 8 casas de pensão, 2 armadores, 2 agencias de bilhetes de loteria, 2 agencias de seguros de vida, 1 banco, 4 armarinhos, 27 açougues, 15 alfaiates, 21 barbeiros, 9 bombeiros hydraulicos, 3 salões de bilhares, 62 botequins, 1 casa de penhores, 6 charutarias, 3 chapelleiros, 4 confeitarias, 3 colchoeiros, 11 carpintarias, 8 dentistas, 27 casas de fazendas, 6 casas de ferragens, 101 casas de generos alimenticios, 5 de ourives, 2 de louça, 1 de moveis, 7 de materiaes de construcção, 3 de materiaes de illuminação electrica, 10 ferrarias, 16 padarias, 36 sapatarias, 2 tinturarias, 3 serrarias a vapor, 6 typographias, 4 refinações de assucar, 2 papelarias e livrarias, 3 photographos, 7 relojoeiros, 5 estabelecimentos de papeis pintados, 1 marmorista, 8 marcenerias, 30 olarias, 1 fundição, 3 fabricas de macarrão, 2 de cerveja, 1 de sabonetes, 3 de sabão, e outras casas de diversos ramos de commercio.

As ruas e as avenidas são perfeitamente rectas, encontrando-se em angulos rectos com as avenidas a 45 gráos.

A avenida Affonso Penna tem 50 metros de largura e 3.300 metros de extensão, com dous renques de palmeiras no centro, dous renques de *ficus Benjamin* e dos lados dos passeios (que têm tres metros de largura) dous renques de magnolias. Tem duas filas de lampadas electricas. Nella se projecta a construcção de uma igreja matriz monumental e de uma methodista, do theatro, do palacio do Congresso e a estação dos bonds. Nella ficam a destribuidora de electricidade e os bellos predios do cidadãos Romano e Vianna e de Francisco Soucasaux, onde actualmente funcciona o Congresso.

A avenida Liberdade, com 35 metros de largura, 4 renques de arvores, sendo 2 de dilennias e 2 de grevilhas e passeios de 2m,50.

Nella ficam as residencias dos Secretarios do Estado e os bonitos predios dos drs. Affonso Penna e Francisco Veiga e os dos cidadãos Tricoli e Raymundo de Paula Dias.

A Avenida Amazonas com a capella do Rosario (matriz da freguezia de S. José); a Alvares Cabral, a Paraopeba com a Imprensa Official e o Grande Hotel (na esquina da rua Bahia); a Floriano Peixoto, antigamente Brazil, com 2.500 metros de extensão, indo do Palacio ao Quartel de Policia; nella ficam a capella de Santa Ephygenia, em construcção, a linha de tiro da Brigada Policial e a entrada para o palacio da Exposição Permanente, em construcção, e situado entre as avenidas Parahybuna, Carandahy e do Parque; as do Parauna, de Christovam Colombo, Mantiqueira, Tocantins, Araguaya, Parahybuna, com o canal central destinado á recepção das aguas do corrego Bernardo Monteiro; a do Commercio, que vae da praça da Estação á praça Quatorze de Fevereiro ou do Mercado, com o grande Hotel Antunes; a Carandahy com a capella do Sagrado Coração de Jesus. *Dentre as avenidas suburbanas destacam-se a Itajubá, Pouso Alegre, Diamantina, Januaria, Rio Preto, Grão Mogol, Chumbo, Ouro, Palmyra* e outras. *Todos essas avenidas tem 35 metros de largura.*

As ruas têm 20 metros de largura, passeios de dous metros e dous renques de arvores a dous metros de distancia dos passeios. No centro de quasi todas ellas passam collectores de exgottos e a 4m,50 dos alinhamentos os encanamentos de agua, que são de ferro coaltarisado e chumbo. São principaes as ruas Bahia, com o edificio do Gymnasio Mineiro e os palacetes dos drs. Padua Rezende e Antonio Olyntho; a dos Caetés, de grande movimento commercial; a Sergipe, com o novo Almoxarifado da Prefeitura, a do Espirito Santo e a dos Aymorés, com as igrejas de Nossa Senhora de Lourdes e Nossa Senhora da Bôa Viagem, antiga matriz do Curral d'El-Rei.

Grande é o numero de praças, sendo mais importante a da Liberdade, com 322 metros de comprimento e 150 de largura, calçada a parallelepipedos em uma faixa central, arborisada e profusamente illuminada por diversas lampadas electricas com intensidade de mil velas cada uma. Nella ficam o palacio presidencial e as secretarias do Interior, Agricultura, Finanças e da Policia.

As demais praças tem os nomes de Republica, onde ficam os edificios do Senado e da Faculdade Livre de Direito; Benjamin Constant, onde fica o Forum; Quinze de Novembro, onde fica a Santa Casa de Misericordia; a Quatorze de Fevereiro, com o Mercado; a da Estação, com a estação da Estrada de Ferro, o bello palacete da Condessa de Santa Marinha e as officinas e serraria pertencentes á mesma viuva; a José Bonifacio; Bello Horizonte, com o quartel policial; a Doze de Outubro, Tiradentes, Vinte e um de Abril, Alexandre Stockler, Scte de Setembro, Cruzeiro, Treze de Maio, Quatorze de Julho, Quinze de Junho, a Quatorze de Setembro e Marechal Deodoro.

Descreverei agora os edificios da cidade, começando pelas igrejas.

Capella de Nossa Senhora do Rosario. — E' um pequeno templo de estylo gothico. Sua fachada compõe-se da porta de entrada com dois nichos dos lados e em cima um artistico baixo relevo feito de cimento, representando Nossa Senhora do Rosario, cercada de anjos e tendo aos pés dois anjos em adoração.

Logo á entrada vê-se um bonito tapa-vento e uma escada em caracól, que conduz ao côro.

No corpo da capella rasgam-se quatro janellas de cada lado; ahi se acham os 14 quadros da Via-Sacra, e o côro com um harmonium. Tem apenas o altar-mór com as imagens do Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora do Rosario, S. José e S. Affonso.

Em dois nichos aos lados, encontram-se as pequenas imagens de S. Bento e Santa Ephigenia. Nos fundos fica a sacristia.

Essa capella custou ao Estado 64:755$815 e está confiada aos padres redemptoristas.

Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem. — E' um templo antiquissimo; foi a matriz da antiga freguezia do Curral d'El-Rey.

Sua fachada é baixa e de feio aspecto. Tem a porta da entrada encimada por duas janellas e aos lados as torres.

Entre o tapa-vento e a porta da entrada fica a pia baptismal.

No corpo da egreja acham-se alguns quadros da Via-Sacra, duas tribunas, dois pulpitos, o côro com um harmonium e quatro altares; os do lado do Evangelho, um com o Senhor dos Passos, Nossa Senhora das Dores, S. João Evangelista, Santa Maria Magdalena, S. João Baptista, S. José, S. Francisco de Assis, S. Sebastião e na urna o Senhor Morto; em outro, Nossa Senhora do Rosario. Nos do lado da Epistola, um com S. Miguel, Santa Quiteria, S. Domingos de Gusmão e Nossa Senhora das Mercês; em outro, Nossa Senhora da Conceição, Santa Luzia e Santa Barbara. Todos os altares foram dourados em agosto de 1808.

Na capella-mór ha um altar com as imagens de Nossa Senhora da Boa Viagem, padroeira, e de Nossa Senhora da Conceição e em dois nichos lateraes Santo Antonio e S. João Nepomuceno.

Ahi ficam ainda quadros da Via Sacra e dois paineis com a Annunciação e o Casamento de Nossa Senhora. Nas duas portas que dão accesso para o throno lê-se a data — 1788. Nas naves, que são de estylo barroco, tanto do corpo da egreja como do altar-mór, ha pinturas bastante antigas.

Do lado da Epistola fica a capella de Santissimo Sacramento com as imagens do Sagrado Coração de Jesus, no centro, as de Nossa Senhora de Lourdes e S. José, aos lados.

Do lado do Evangelho fica a sacristia com um arcaz e sobre elle um nicho com o Senhor Ressuscitado, um lavabo de pedra sabão com a data — 1793 — e um retrato do Bispo D. Viçoso.

Além dessas egrejas estão em construcção as capellas de Sagrado Coração de Jesus, de Nossa Senhora de Lourdes e de Santa Ephigenia.

Palacio Presidencial. — Está construido na eminencia de uma collina, cujo cume foi aplainado, surgindo a vasta praça da Liberdade, onde se assentou a primeira pedra desse edificio a 7 de Setembro de 1895.

A sua fachada é bonita, posto que baixa; os seus lados, porém, mediocres. Não tem a compostura severa dos palacios.

E' elle composto de dous pavimentos e tem a fachada de cantaria lavrada, encimada por um busto da Liberdade, tambem de cantaria.

O primeiro pavimento abrange o perystillo, o vestibulo e o corpo da guarda; o segundo, o salão de honra (na frente),

salão de jantar, bibliotheca, salas de despacho, commodos particulares do presidente e os terraços em fórma de torreões redondos, com o raio de tres e meio metros, circulados por sete janellas guarnecidas de columnas jonicas (fantasia) e o tecto em fórma de metade de um espheroide com pinturas decorativas á oleo. Occupa uma superficie de 1.898 metros quadrados, tendo 36,50 metros de frente, 52 de fundo e 20,50 de altura.

A escadaria de marmore que dá accesso para o segundo pavimento é trabalho de grande gosto artistico.

O vão desta escada é bellamente decorado, tendo no tecto allegorias á Liberdade, á Ordem, á Fraternidade e ao Progresso, e nas paredes e frisa da cimalha, bonitas obras de estuque. No fundo vê-se uma bonita vidraça com *vitraux*, encimada por um escudo, sobre o qual lê-se o lemma dos inconfidentes: *Libertas quæ sera tamen*. O systema Joly foi o adoptado nessa escada, sendo seus corrimões uma artistica obra em ferro com florões e seus degraos de marmore branco.

O salão de jantar é decorado no estylo Luiz XV e guarnecido de grandes pilastras com pintura imitando marmore, com capiteis e bases de bronze dourado. Na frisa da cimalha estão allegorias á Saudação, á Fortuna á Esperança e ao Trabalho.

O salão-bibliotheca e as duas salas lateraes são decorados no estylo Renaissance e o dormitorio no de Luiz XV.

O salão de honra é acanhado, mas bem decorado no estylo Luiz XVI. Tem na ranca do tecto quatro quadros pintados a oleo e no rectangulo central um quadro pintado pelo artista Belmiro. Nas paredes lateraes ficam quatro espelhos e duas portas que dão communicação para duas salas, que se communicam por sua vez com os torreões.

Secretaria do interior. — E' um bello edificio, perfeitamente localisado na praça da Liberdade.

Seu conjuncto é simples, mas bonito. O perystillo, no primeiro pavimento, levantado em columnas doricas de marmore sanguineo, tirado da pedreira do Acaba Mundo; e no segundo de columnas corynthias.

O terceiro pavimento fica em terraço aberto, sem columnas, encimado por uma cupola de ferro, revestida de estuque de ½ de esphera, decorada a oleo azul celeste, tendo no centro, vestindo o vão, um busto em gesso da Republica. Sua decoração interna é simples. O tecto do salão nobre é uma obra artistica de grande merito, assim tambem o assoalho que é de mosaico de madeira embutida. Neste salão está collocado o quadro — A aurora de 15 de Novembro — do pintor mineiro Belmiro de Almeida.

Pareceram-me demasiadas as columnas que se erguem nos vãos das escadas, pois além de lhes tirarem toda a belleza, escurecem o edificio.

Tem este edificio tres pavimentos, medindo 42 metros quadrados de frente ,26 de fundo e 22^{m2},50 de altura, occupando uma superficie de 1.092 metros quadrados. Seu custo foi de 896:934$935.

Secretaria das Finanças. — E' um edificio egualmente bonito, situado na praça da Liberdade e ao lado da Secretaria do Interior.

A fachada apresenta na parte inferior um estylo dorico e na parte superior um estylo corynthio. Compõe-se de tres corpos, um reentrante, que é o central, e dous salientes aos lados. O corpo central tem tres andares: no andar terreo tem tres portas de dous metros de largura, e nos dous superiores cinco janellas. Os corpos lateraes têm duas janellas em cada andar, tendo as do primeiro pavimento dous metros de largura; são coroados por tympanos triangulares.

Communicam-se os tres pavimentos por uma bella escadaria de systema Joly.

Occupa o edificio uma superficie de 730 metros quadrados, tendo 32^{m2},25 de frente, 22^{m2},65 de fundos e 19 metros de altura. Custou este edificio 753:073$738.

Secretaria da Agricultura.— Tambem edificada na citada praça, em frente á Secretaria das Finanças e com a fachada voltada para o poente, é um edificio grandioso e o mais bonito da cidade. E' de estylo toscano.

Compõe-se a sua fachada de tres corpos, dous salientes e um reentrante todos de tres andares. No primeiro pavimento, em cada corpo lateral, tem duas janellas; pelo corpo central um portão de ferro, largo, ladeado por duas portas, tambem de ferro, mas estreitas: no segundo pavimento, nos corpos lateraes, duas janellas e no corpo central cinco; no terceiro pavimento, uma janella nos corpos lateraes e cinco no central, No frontão dos corpos lateraes lcem-se em relevo as iniciaes S. A.

No primeiro pavimento funcciona a Prefeitura; no segundo a Secretaria da Agricultura, e no terceiro a repartição de Terras e Colonisação. Communicam-se os diversos andares por meio de uma escadaria de ferro com degráos de carvalho, a qual se divide em quatro lances, sendo dous singelos e dous duplos.

As salas são pintadas á oleo e os tectos são de papelão comprimido. Este edificio tem as mesmas dimensões do das Finanças, tendo importado em 733:212$542 a sua construcção.

Secretaria da Policia. — Funcciona em um bello predio, posto que baixo e estreito, em frente ao palacio do presidente. Compõe-se de dous pavimentos: no primeiro ficam a sala do commandante da guarda, o dormitorio das praças e um xadrez; no segundo, em salas acanhadas, a secretaria e o gabinete do chefe de policia, onde se encontram os retratos do Marechal Deodoro e dos drs. Silviano Brandão e Bias Fortes.

Nos fundos levanta-se um outro predio terreo, onde funccionam a primeira delegacia, o archivo e o gabinete do medico.

Mede de frente 20^{m},70 e dos lados 10^{m},50 tendo 13^{m},50 de altura. Custou 40:000$000.

Faculdade Livre de Direito.— Fica situada entre a rua dos Guajajaras e as avenidas Liberdade e Alvares Cabral, e é um dos edificios de mais bella perspectiva da capital, pela sua esplendida colocação, sendo visto a grande distancia. Tem cinco frentes, 12,^{m2}80 de altura e é cercado por um jardim fechado por um gradil de ferro. Sua entrada principal é pela praça da Republica. Dá-lhe accesso uma escada de cantaria lavrada. Compõe-se de dous pavimentos, encontrando-se no primeiro seis salões para aulas, portaria e sala de chapéos; e no segundo o gabinete do director, a secretaria, a bibliotheca com mil volumes, o vestiario ou sala das becas; e dous salões do gráo e da Congregação, este com o retrato do dr. Affonso Penna.

Todas as salas de aulas têm bancos e uma tribuna; na sala de medicina ha um manequim e diversos quadros anatomicos.

Imprensa Official.— Está situada na avenida Paraopeba, em um grande edificio sem estylo e baixo. Compõe-se de dous pavimentos: no primeiro fica a porta de entrada e duas janellas largas de cada lado; no segundo tres janellas egualmente largas. Nas extremidades do primeiro pavimento vêm-se as armas do Estado em cimento e no frontão do segundo pavimento as armas da Republica e em cima o distico *Imprensa Official*.

Tem gabinete do director, com o retrato do Marechal Floriano, duas grandes salas de composição, sala de revisão, sala de impressão e no segundo pavimento dos fundos sala de pautação e encadernação.

Dispõe de tres machinas de impressão: viuva Alauzet, de um cylindro; Marinoni de dous cylindros; e de rotação (Marinoni), com quatro cylindros, sendo dous fixos e dous de madeira; e um motor da força de cinco cavallos.

Na officina de pautação encontra-se uma machina de pautar com rodinhas, uma outra machina de pautar com pennas, uma de Karl-Krause para cortar etiquetas, rotulos e envolucros (enveloppes); uma outra de aparar e uma prensa de bom tamanho. Na officina de encadernação existem uma machina de aparar, uma de costurar arame, um facão de de cortar papelão, uma machina de picotar e uma prensa.

Está projectada uma officina de fundição.

Nas suas officinas é impresso o *Minas Geraes*, que conta 10 annos de existencia, tendo o primeiro numero apparecido em 21 de abril de 1892. O edificio custou ao Estado: 290:691$383.

Forum. — Está situado em um quarteirão formado pelas ruas Pernambuco, Parahyba, Tymburas e avenida Carandahy, fazendo frente para a praça Benjamin Constant.

Occupa um vasto predio de dois andares, com 3 portas e 16 janellas no primeiro pavimento e 19 janellas no segundo.

No primeiro pavimento funccionam o juiz da primeira instancia, tribunaes do jury e correccional e escrivães; no segundo o Tribunal da Relação, a secretaria do Tribunal, a bibliotheca e o cartorio dos escrivães de appellação.

A sála do Tribunal da Relação é bem ornada. A' cabeceira do presidente vê-se um bello quadro do artista Petit, representando a Justiça. O custo deste predio foi de 292:108$933.

Senado.— Funcciona em um predio estadoal de dois andares, situado na avenida Paraopeba, esquina da rua Bahia. No segundo pavimento ficam as salas de sessões das commissões, archivo e secretaria; no primeiro a Junta Commercial.

Camara dos Deputados.— Funcciona na rua Bahia, esquina da dos Tupys, em um predio alugado.

Quartel Policial.— Fica situado na praça Bello Horizonte. Inferior ao de S. Paulo, é muito superior ao da Capital Federal.

Está perfeitamente localizado, em logar descampado, muito varrido pelos ventos e com todas as condições hygienicas.

A fachada principal mede 112,m50 de comprimento. Compõe-se de cinco corpos; um central de 28 metros de comprimento e 15 de altura, dois lateraes mais baixos e dois torreões nas extremidades.

No pavimento terreo alojam-se, á esquerda, o esquadrão de cavallaria, e a direita a 1ª companhia de infantaria do 1º batalhão, no centro o estado-maior, o corpo da guarda, e o xadrez de um lado, a solitaria e a arrecadação do arreiamento do outro.

No pavimento superior, na frente, a sala do commandante da Brigada e a secretaria; nos fundos o gabinete e a secretaria do commando, sala da ordem e a arrecadação do quartel-mestre, tudo do 1º batalhão.

No lado direito acham-se alojadas duas companhias e a banda de musica, esta no torreão. O lado esquerdo ainda está por concluir.

Parallelamente ao flanco da direita e perpendicular á frente corre uma outra ala, onde estão alojadas tres companhias com suas respectivas reservas. Desta ultima ala segue-se uma outra, formando com a primeira um angulo, onde se acham a cosinha e a dispensa, com 20 metros por 7,m50, e um vasto refeitorio de 32 metros por 7m,50.

Aos fundos fica a secretaria, de 16 metros para 60 metros de comprimento, com o solo todo calçado a parallelepipedos e baias com bellos cavallos mineiros.

E'irreprehensivel o asseio que se nota em todo o quartel e a perfeita ordem e disciplina das praças, graças ao commandante da Brigada, o intemerato republicano coronel Alfredo Vicente Martins.

Proximo ao quartel e junto á egreja de Santa Ephigenia está em adeantada construcção uma linha de tiro reduzido de 300 metros de extensão e 10 metros de largura. O custo do quartel foi de 757:261$172.

Nos arredores foi reservada pelo Prefeito uma grande area de terreno que só pode ser habitada por soldados.

Capella de Santa Ephigenia — Proximo ao quartel e fazendo frente para a avenida Floriano Peixoto ergue-se a capella de Santa Ephigenia. E' de estylo gothico e tem 24 metros de comprimento ,nove metros e 65 centimetros de largura e 19 metros e 85 centimetros de altura. Possue um unico altar com as imagens de Santa Ephigenia com um metro e 10 centimetros de altura, Nossa Senhora do Rosario e S. Benedicto com 50 centimetros.

Mercado.— Acha-se situado na praça Quatorze de Fevereiro. E' de fórma rectangular, todo de ferro com columnas repousadas em cantaria.

No lado posterior existe um pavilhão central, quadrangular, com columnas, tendo uma area total de cem metros quadrados, completamente abertos. Esse pavilhão é destinado ao commercio dos tropeiros, que fazem seus negocios separados dos demais mercadores.

O edificio tem uma frente de quarenta e dous metros quadrados de comprimento por quatro metros quadrados de largura e duas alas lateraes, que medem 21 metros de comprimento por quatro metros quadrados, cada uma.

O frontispicio é embellesado por dous torreões de 13 metros quadrados de altura, por quatro metros quadrados, de comprimento e quatro de largura, collocados nas duas extremidades.

O portão principal, que mede quatro metros quadrados, de largura, está collocado na parte central.

As frentes e as duas alas lateraes são divididas em 48 pequenos commodos de $2^{m2} \times 2^{m2}$ subdivididos entre si até á altura de um metro por chapas de ferro e dahi para cima com grades. Todos esses commodos são munidos de portas para o exterior.

Em toda a largura desses compartimentos, para o lado externo, existem grades de ferro, entreliças, que podem abrir ou fechar á vontade, sendo elles destinados a diversos ramos de commercio a varejo, tendo uma mesa e varias pratileiras.

O edificio é coberto de zinco e circumdado por um passeio de dous metros de largura, protegido pelas saliências do telhado; o chão é cimentado.

Tem 16 metros quadrados os dous compartimentos correspondentes aos torreões, empregando-se nelles o mesmo systema de grades.

No seu genero é o unico em toda a Republica.

O seu custo foi de 190:938$917.

O movimento de generos entrados e sahidos no mercado de janeiro a junho de 1901 importou em 309:593$000.

Externato do Gymnasio Mineiro.— Funcciona em um predio mal situado nos fundos da Secretaria do Interior, ao lado do Laboratorio de analyses, e com frente para a rua da Bahia. Esse predio destinava-se á Imprensa Official do Estado.

Mede 78 metros de frente e compõe-se de cinco corpos, um central saliente, dous reentrantes lateraes e dous torreões nas extremidades.

Tem dous pavimentos: No primeiro pavimento ha seis espaçosas salas de aulas; no sengundo o Pantheon (no torreão do sul), duas salas, onde funccionam aulas de sciencias naturaes, um salão de 33 metros de comprimento, que serve de arrecadação, a secretaria, o gabinete de director e a bibliotheca, com 4.000 volumes: os tres ultimos no torreão do norte.

Causou-me a melhor impressão a visita que fiz a esse estabelecimento, pelo asseio, disciplina e rigor pedagogico que encontrei nas suas diversas aulas.

O Gymnasio foi trasladado de Ouro Preto em março de 1899

Santa Casa de Misericordia.— Está situada na praça Quinze de Novembro.

Está apenas começada, mas, concluida, será um edificio que fará honra á cidade.

A entrada está collocada em um edificio original, em que se acham as curvas do gothico com as linhas horizontaes do grego e os arcos romanos, dando ao seu conjuncto um aspecto imponente que muito enaltece o architecto Piffer.

O grande portão é apoiado em duas columnas bysantinas.

A porta principal é de cedro e canella, onde se notam bellas obras de talha.

O ornato é todo de cimento. No frontão vê-se a estatua da Caridade de 1m,60 de altura, e abaixo o symbolo do Monte Carmelo, pois o hospital tem como padroeira Nossa Senhora do Monte do Carmo. No alto da porta da entrada lê-se — Santa-Casa.

A entrada é de cantaria de pedra com patamares tambem de cantaria.

A frente do terreno, em que está o edifidio tem 120 metros e é fechada por balaustradas polychromicas.

Ao lado se acham, em planos differentes formando as alas do edificio, as enfermarias vastas de 8×30 internamente bem arejadas, com seus tectos curvos, com grandes janellas com bandeiras de vidro, que giram em torno de um eixo.

Uma destas enfermarias se acha prompta e funccionando como enfermaria da Brigada Policial e tem o nome de — Emygdio Germano — justa homenagem ao caritativo e incansavel provedor de tão pia instituição.

O edificio central é de sobrado e tem um grande portão, onde vão ser alojados o laboratorio chimico, deposito e quartos para o pessoal que alli estiver de serviço. Na entrada acham-se a espaçosa sala de banco, pharmacia, sala de consultas, gabinetes dos medicos e sala de operações; na parte superior, a secretaria e gabinete do provedor, grande salão de honra e dous quartos para doentes pensionistas.

O tecto do salão de honra é curvo e vae receber ricos ornatos de madeira e papelão.

A escadaria, em construcção, é de peroba em dous lances convergentes para um unico depois de um pequeno patamar.

As primeiras enfermarias provisorias são barracões de ferro e lona de 5×12, tendo capacidade para 18 leitos. Ha um para homens, um para mulheres, um para maternidade, um completamente isolado para tuberculosos, dous menores para a administração e sala de operações e um de telhas e tijolos para cozinha, refeitorio, banheiros e dispensa. Esses barracões são os que se usam nos hospitaes de campanha do exercito allemão, de onde vieram por encommenda.

Ha 50 camas articuladas de ferro e engenhosas no seu systema, que é o mesmo usado no exercito allemão, facilitando o seu transporte para ser feita a limpeza diaria.

Os novos edificios estão sendo construidos de accordo com o que ha de mais moderno em hospitaes. Bem ventilados, magnifica installação sanitaria e sobre solo estanque.

Cemiterio. — Fica, cerca de tres kilometros do centro commercial, em uma elevação.

Abrange uma area de 171.400 metros quadrados, dos quaes apenas 10.000 são convenientemente tratados, cortados de ruas de quatro metros de largura onde se acham as covas. No centro da area actualmente occupada eleva-se o Necroterio, edificio simples, mas de apurado gosto architectonico.

Guarda os ultimos despojos dos drs. Matta Machado e Kubitschek, do desembargador Prestes Pimentel, do Coronel Mariano de Abreu e do saudosissimo poeta Arthur Lobo.

Estação de M.nas. — Construida em um terreno suavemente inclinado, á margem esquerda do ribeirão Tiradentes, no limite da area destinada á cidade, no fundo de uma bella praça de 200×220 metros, é um bonito edificio.

E' composta de dous pavimentos e uma torre de 23 metros de altura, da qual se gosa de um esplendido panorama. Nesta torre está collocado um mostrador que mede 58 metros de frente e 16 de altura.

Na frente ha entradas lateraes, em rampas macadamisadas para carros, sob um portico.

A *gare* é extensa. Ao seu lado está o grande armazem com uma area de 580 metros quadrados. O serviço de recepção e entregas de cargas é feito completamente independente do da estação, havendo plata-fórmas para entrada (de um lado) e sahida (do outro) das cargas.

Parque. — Lindissimo, é um dos primeiros da Republica, occupa uma area de 572.400 metros quadrados, da qual sómente está beneficiada uma parte, onde existem diversos grupos de arvores já bem desenvolvidas e em sua superficie tres lagos e tres grandes repuxos. E' de fórma quadrangular e contornado por quatro grandes avenidas. Tem desveladamente cuidado, um viveiro, que fornece arvores para a cidade. O prefeito pensa estabelecer ahi uma secção zoologica.

Matadouro. — Afastado cerca de tres kilometros da cidade, com uma baixada disfarçada, enfrentando quasi com o Quartel da Brigada Policial, occupa uma area de 500 mil metros quadrados, cercado de arame farpado. Fica á margem direita do ribeirão Tiradentes, que o separa do leito da Estrada de Ferro Central do Brazil.

Compõe-se de um galpão, tendo na parte superior uma sala para a residencia dos empregados e na inferior commodos para guardar arreios e todo o material rodante da Prefeitura. Seguem-se depois a casa do administrador, um espaçoso curral e duas cocheiras.

Separadas desse galpão, ficam duas casas para familias de trabalhadores, e dous curraes, um destinado á prisão de animaes sem dono, encontrados na via publica, e outro onde descança o gado destinado ao estilete do magarefe e com uma grande coberta, onde o gado se recolhe para evitar as ardencia do sol. O gado, condemnado á morte, entra por um cercado para uma prancha sobre a qual elle cahe sem vida. Esta prancha move-se sobre rodilhas até um grande telheiro, onde o animal é esquartejado.

Contiguo a este telheiro ha outros para porcos e carneiros.

Os telheiros da matança tem o solo todo cimentado e um declive para regos, para onde desce o sangue e por onde corre agua com abundancia.

O lugar do Matadouro é todo plantado de eucaliptus, cazuarinas e diversas outras arvores.

E' irreprehensivel o asseio que ahi se nota, bastando dizer-se que os urubús não esvoaçam ao redor por não encontrarem detritos com que se possam alimentar.

Palacio da Exposição Permanente — Com o patriotico intuito de collecionar as innumeras riquesas do opulento Estado e desdobral-as á vista indagadora do extrangeiro que visitar a Capital, ideou o dr. Bernardo Monteiro, actual prefeito, um grandioso edificio que está sendo construido na praça do Progresso.

Para realização desse *desideratum* appellou o prefeito para as municipalidades do Estado, que pressurosas tem trazido o seu contingente para a realização de tão alevantado *tentamen*.

E' esse um assignalado serviço que, reunido a muitos outros que já tem prestado, dão ao dr. Bernardo Monteiro jús á gratidão eterna do seus comprovincianos.

O vasto edificio occupa em toda a sua extensão as faces do quarteirão 47 da 6ª secção urbana, que olham para as avenidas Carandahy e Parahybuna.

E' assentado sobre uma plataforma de quatro metros e meio de largura.

As fachadas nas referidas avenidas têm cem metros de extensão cada uma, distribuidos pelos diversos corpos; nos extremos ha dous pavilhões octogonaes circumscriptos em um circulo de cinco metros de diametro; um pavilhão central rectangular e dous outros intermedios egualmente rectangulares.

Além dessas duas fachadas, tem a da entrada principal, que faz tôpo á avenida do parque, no chanfrado do quarteirão. Esta compõe-se dos pavilhões dos extremos das grandes fachadas, formando com um pavilhão de maiores dimensões uma fachada de 16 metros.

O corpo geral das grandes fachadas é symetricamente guarnecido por pilares agrupados e janellas emmolduradas e conjugadas duas a duas.

A largura normal em todo o edificio é de 14 ½ metros, a area coberta é em seu total de 3.200 metros quadrados sem os segundos pavimentos dos pavilhões.

A altura do edificio é de oito metros em seu corpo geral e nos pavilhões de 15, sem contar nessas alturas as cupolas e os telhados.

O estylo é o que se emprega em construcções industriaes, sendo, porém, observadas as proporções do dorico no corpo geral e primeiros pavimentos dos pavilhões e o corynthio nos segundos pavimentos dos mesmos pavilhões.

Bibliotheca da Prefeitura — Está situada na rua da Bahia, proximo ao theatro provisorio Soucasaux.

Conta 4.000 volumes de obras escolhidas e um rico museu mineralogico.

Edificios Projectados — Estão projectados: uma monumental matriz, o palacio do Congresso, o polytheama, a egreja methodista, o edificio da sociedade Italiana de Beneficiencia e Mutuo Soccorro, a enfermaria Ferreira de Araujo, para tuberculosos e a capella de Santo Antonio, no alto da estação, á rua Januaria.

Entre os edificios prestes a concluir-se notam-se as capellas do Sagrado Coração de Jesus, de Nossa Senhora de Lourdes e de Santa Ephigenia e o palacio da Exposição Permanente.

Predios Particulares. — Dentre muitos predios de gosto que possue a cidade, destacam-se o palacete Santa Marinha, o hotel Antunes e o Grande Hotel, situado na rua da Bahia, esquina da avenida Paraopeba. Tem 18 metros de altura, fachadas de 40 metros; é de dois andares e dispõe de 52 quartos em cada ala e quatro salões.

Emplacamento da Cidade. — Brevemente inaugurar-se-ha a numeração das casas e a nomenclatura das ruas por meio de placas de ferro esmaltado.

O systema de numeração das casas é original, invenção do fallecido engenheiro dr. Manoel Machado Nunes Penna. Consiste em dar-se ao numero da casa a quantidade exacta de metros em que o eixo da porta se acha do principio da rua. Esse systema consta-nos ser o primeiro empregado no mundo, apresentando as vantagens não só de dar immediatamente as distancias relativas, como tambem de tornar-se immutavel a numeração adoptada.

Calçamento e Arborisação. — Acha-se já calçado um grande trecho da cidade com alvenaria de pedra e *macadam*. O centro da praça da Liberdade é calçado a parallelepipedos e junto da Secretaria da Agricultura a polyedros. Os passeios são de dous metros de largura, os das avenidas de 2m,50 e os da avenida Affonso Penna de tres metros. São construidos de alvenaria, pedra plastica, cimento e ladrilhos e guarnecidos de meios fios de alvenaria.

A cidade está quasi toda arborisada, guardando as arvores uma distancia de dez metros umas das outras. As ruas, avenidas e praças têm dous, quatro e seis renques de arvores.

Serviços de aguas. — A cidade é uma das mais bem abastecidas do Brasil. Os estudos para a captação e distribuição são devidos á competencia profissional do engenheiro Francisco de Paula Bicalho.

Foram estudados diversos mananciaes, que asseguram um farto abastecimento a uma cidade de 200 mil almas:

destes, porém, foram captados sómente os denominados Phelippe dos Santos (Serra) e Cercadinho, bastantes para o abastecimento de 30 mil habitantes á razão de 400 litros para cada um em 24 horas.

O Cercadinho, o mais importante dos dous, tem a sua captação na cota 968.500 metros e vem ter ao reservatorio da cidade por uma linha dupla de conductos forçados, atravessando um tunnel de 402 metros; até este ponto as linhas são de 0,40 de diametro e dahi ao reservatorio de 1,35, com a extensão total de 4.110 metros. Este reservatorio, que não está ainda concluido, terá a superficie livre de suas aguas na cota 938 e terá a capacidade de 15 milhões de litros.

As aguas entrarão neste reservatorio depois de despenhárem-se de uma cascata de cerca de 14 metros de altura, que tem por fim arejal-as. Por falta da conclusão deste reservatorio, as aguas deste manancial passam directamente por um outro de quebra-carga, situado em ponto mais baixo da cidade. A linha adductora é provida, nas proximidades da repreza, de uma caixa de areia de grande capacidade, onde se obtem a perfeita decantação das aguas.

O outro manancial captado é o Phelippe dos Santos (Serra).

Está captado na cota 987 e da repreza, passando tambem por uma caixa de areia de grandes proporções, onde são expurgadas das areias e materias pesadas, vem ter ao reservatorio por uma linha 0,30 de diametro com a extensão de 1.300 metros; este reservatorio de accumulação e de distribuição está situado em uma collina que fica além do morro do Cruzeiro.

Muito menor que o Cercadinho, tem o Phelippe dos Santos a capacidade de 2.600.000 litros e as suas aguas na cota 984.000 metros.

Este reservatorio é destinado ao abastecimento dos bairros suburbanos mais altos da cidade e da zona urbana constituida pela setima secção.

Attendendo á diversidade de altitudes em varios pontos da cidade, foi ella dividida em quatro zonas para o calculo da rede da distribuição, sendo esta servida, alem disto, por duas caixas de quebra-carga uma situada no morro do Cruzeiro e outra nas proximidades da praça da Liberdade, com a capacidade de 1.100.000 litros.

Convenientemente calculada a rede, a agua é muito regular e abundantemente distribuida em torneiras livres.

Esta liberdade no consumo produz grandes desperdicios e a Prefeitura procura por cobro a tão grande inconveniente, que, a nosso ver, só será sanado por meio dos hydrometros.

E' de cerca de 13.092.200 litros por 24 horas ou 545.712 litros por hora, na media, devendo ser ainda maior este ultimo algarismo nas horas de maior consumo. Ora, os reservatorios actuaes — o do Phelippe dos Santos (Serra) e a caixa da praça da Liberdade — têm os dous a capacidade total de 3.000.000 de litros, de onde se conclue que uma chuva prolongada que produza grandes enxurradas, por espaço de seis horas, durante o dia, occasionará falta dagua para o abastecimento.

Evitados os desperdicios com uma regular distribuição da agua, a população não soffrerá.

Exgottos.— Projectada tambem pelo illustre engenheiro Bicalho, tem essa cidade uma magnifica rede de exgottos do systema *tout á l'égout*, já servindo toda a parte urbana habitada e cujo maior emissario, de secção oval, tem de altura $2^m,07$ e de abertura $1^m,60$.

Todos os grandes collectores são de fórma oval, até um metro de abertura, de fórma circular de um metro de diametro até 0,60 e são construidos de alvenaria de tijolo requeimado e revestidos com argamassa de cimento.

Abaixo do diametro de 0,60 são empregadas manilhas de grés vidrado, de optima qualidade, fornecidas pela fabrica do dr. João Pinheiro, em Caethé, não sendo adoptado nas vias publicas diametro inferior a 0,20.

A rede é abundantemente provida de poços de visita (*regards*) e de ventilação de modo que o arejamento tem logar com grande franqueza e abundancia. Não são empregados os filtros de carvão, aliás hoje condemnados, e nenhum desprendimento de gazes se percebe pelo olfato nas vias publicas, graças á sua ventilação e irreprehensivel limpeza. Conta grande numero de caixas automaticas de lavagem e muitas outras estão sendo montadas.

As installações domiciliarias são feitas com o maior escrupulo e obedecem ás modernas prescripções da hygiene, sendo todos os apparelhos munidos de siphões ventiladores. Os *water closets* são dos mais aperfeiçoados e abundantemente servidos d'agua.

A respeito de exgottos, Bello Horizonte não receia o confronto com qualquer outra cidade da Republica.

Illuminação.— O systema electrico é o adoptado.

A força motriz é fornecida pela cachoeira do Freitas, que tem a queda de 36 metros.

A agua é levada á turbina por meio de uma calha e por um encanamento de aço de $1^m,000$ de diametro e 412 metros de comprimento.

As machinas empregadas para a producção da corrente são dous dynamos de corrente alternativa, biphasicos, conjugados directamente á duas turbinas Victor, que produzem a força de 450 cavallos cada um. Os dynamos são da companhia Westinghause, do typo mais moderno, debitando 300 *kilo-watts* cada um.

A corrente na sua origem tem 400 *wolts* e 375 *ampers*, e é elevada a 4.000 *wolts* e com esta tensão é transportada á cidade por tres conductores de cobre com o diametro de $0^m,008$ sobre postes de ferro com seis kilometros de extensão, que é a distancia entre o Freitas, onde se acha a usina, e a estação distribuidora.

A chegada da corrente a esta estação, a tensão é descida a 2.000 *wolts* e a illuminação é feita em series de 20 lampadas distribuidas por quatro *circuitos*, sendo dous publicos e dous particulares.

A energia particular e dos edificios publicos é fornecida a 100 *wolts*, o que se consegue empregando transformadores para cada installação.

A illuminação publica é feita por meio de lampadas incandescentes, que tem a força illuminante de 32 velas, e são em numero de 600, distantes umas das outras 35 metros.

Os fios são supportados por 1. 000 postes de ferro, com cruzetas de madeira e isoladores de vidros com tres saiotes.

A illuminação dos edificios publicos é feita por lampadas com intensidade de 16 e 32 velas, a da praça da Liberdade com as de 1.000 e 32 velas e a dos predios particulares com as de 6,10, 16, 24 e 32 velas. As lampadas tem entre si a distancia de 35 metros.

A estação distribuidora está situada no centro da cidade entre as avenidas Carandahy e Affonso Penna, com frente para a praça Benjamin Constant e nas proximidades do Forum, tendo nos fundos o posto de Bombeiros.

Nella se acham installados os apparelhos de distribuição, que são os mais modernos e aperfeiçoados.

Locomoção. — A locomoção facil, rapida e por preços modicos tem sido uma das preoccupações do actual prefeito. Os bonds são um elemento de progresso para uma cidade, principalmente para Bello Horizonte, cuja extensão é assás consideravel.

Acceita como melhor a tracção electrica, estão feitos estudos nas cachoeiras do Tiradentes, que ficam abaixo da actual usina, para a producção da força necessaria á tracção de bonds na cidade, devendo o restante da energia electrica ser empregado no desenvolvimento da illuminação e fornecimento de força a pequenas industrias.

Em diversos trechos das ruas e avenidas já se acham assentes trilhos, e é de esperar que dentro em breve sobre elles corram os vehiculos americanos, dando á cidade a animação dos grandes centros populosos.

População.— A população da cidade nas zonas urbana, suburbana e colonial é de 12.464 habitantes. Ha 3.000 italianos.

Nascimentos e Obitos.— Durante o anno de 1900 nasceram 515 individuos, dos quaes 262 eram do sexo masculino e 253 do feminino; morreram 367, dos quaes 210 eram do sexo masculino e 157 do feminino, 59 casados ,17 viuvos e 291 solteiros.

Durante o 1º semestre do anno corrente (1901), nasceram 245, dos quaes 123 eram do sexo masculino e 122 do feminino; morreram 160, dos quaes 94 eram do sexo masculino e 66 do feminino. 122 solteiros, 26 casados, 8 viuvos e 4 de idades ignoradas.

Cumpre notar que no numero dos fallecidos estão incluidos os *nati-morti*.

Instrucção.— Além da Faculdade Livre de Direito e do Externato do Gymnasio Mineiro, conta a cidade oito escolas publicas de instrucção primaria e os collegios particulares: Esternato Infantil, Collegio da Immaculada,

Collegio do Santissimo Coração de Maria, Collegio Schimidt e Collegio Silva.

Associações.— Na cidade funccionam a Sociedade de Medicina, Cirurgia e Pharmacia, a Sociedade Litteraria Bello Horizonte, o Apostolado do Santissimo Coração de Jesus, a Conferencia de Nossa Senhora da Bôa Viagem, a Conferencia de S. José aggregada á Sociedade de S. Vicente de Paulo, o Club Floriano Peixoto, que tem por fim elevar a memoria dos benemeritos da Patria, principalmente a do Marechal Floriano Peixoto, e commemorar as principaes datas nacionaes, o Club das Violetas, o Club Rose, o Club Carnavalesco Diabos de Luneta, a Corporação Musical Lyra Mineira, e as lojas maçonicas Roma Segunda, Deus, Humanidade e Luz, e Bello Horizonte.

Esta ultima funcciona em edificio proprio na rua Rio de Janeiro, esquina da rua Goytacazes. Não está concluido ainda, tendo apenas o grande salão de honra com 14 mesaninos dos dous lados entremeiados de columnas de estylo corynthio e de capiteis dourados.

O tecto é recamado de estrellas e na frisa da cimalha observam-se os emblemas maçonicos pintados a oleo. A fachada está em adeantada construcção. E' illuminada á luz electrica.

Projecta a loja estabelecer nos fundos um Lyceo de Artes e Officios com aulas nocturnas.

Entre as sociedades beneficentes, notam-se a Sociedade Humanitaria da cidade de Minas e a Italiana de Beneficencia Mutuo Soccorro.

Clima.— E' temperado. No verão o thermometro nunca attingiu a 30° e no inverno jamais desceu 3° acima de zero, mesmo nos lugares baixos.

Não ha molestias endemicas. Nos arredores da cidade não ha um só pantano.

Lavoura.— E' a cidade cercada por tres zonas: a mineral, agricola e pastoril.

No districto da cidade ha differentes fazendas de café, canna e criação.

E' abundante a cultura de fructas.

Pontes.— Dá ingresso á Capital a ponte David Campista, sendo tambem digna de menção a denominada Artistica, na avenida Tocantins, ao lado do parque: ambas são sobre o ribeirão Tiradentes.

Sobre o canal que atravessa as avenidas Affonso Penna e Parahybuna existem outras, assim como sobre diversos corregos que cortam a cidade, muitas, porem de pouca importancia. Ao todo ha 25 pontes.

Bairros e Povoados. — Na parte suburbana encontram-se os bairros: Lagoinha, Menezes, Cardoso, Alto da Favella, Serra, Mangabeira, Christopolis (antigo Acaba Mundo), Pinto, Barro Preto e Carapuça.

Na parte colonial encontram-se as colonias: Corrego da Matta, Bias Fortes, Adalberto Ferraz, Affonso Penna e Carlos Prates, com cerca de 400 familias localizadas, compostas de italianos, hespanhoes, portuguezes e nacionaes.

Na parte dos sitios, além de numerosas fazendas, notam-se as seguintes povoações: Calafate, Bom Successo, Mergulhão, Pião, Bento Pires, Pampulha, Onça, General Carneiro, e Piteiras.

Das fazendas destacaremos duas pertencentes a Prefeitura: a do Cercadinho, com 100 alqueires de terras proprias para a cultura e criação, distante da cidade cinco kilometros e actualmente arrendada, e a do Barreiros. Esta ultima dista 15 kilometros da Capital e está situada na fralda de um morro, na assentada de um contraforte da serra do Curral. Tem 500 alqueires de 100 braças por 50.

O seu nome de Barreiros provém da enorme quantidade de salitreiras nella existentes, e que lhe redobram a importancia.

E' banhada pelo rio das Posses, corregos Antonio Francisco e Clemente, tributarios do Tiradentes.

Nella fica invernado o gado durante um mez e depois desse praso, e após um exame escrupuloso, é então confiado ao Matadouro, afim de ser abatido. Desta arte a cidade é sempre provida de excellente carne.

Além de boas pastagens, tem a fazenda crescida plantação de café e roças de milho.

Limites do Municipio.— Vão da serra do Curral, seguindo o alto da Mutuca, descendo a serra do José Vieira e vertentes do Jatobá, espigão da Pantana, e por este espigão até o alto do Riacho e o espigão da Agua Branca comprehendendo as fazendas dos Carneiros, João Gomes, Campos, Bento Pires Velho, pelo ribeirão da Pampulha abaixo ao rio das Velhas, inclusive a fazenda do Capitão Eduardo, e pelo rio das Velhas acima até General Carneiro e dahi ao espigão dos Pagareis, por este acima até Bernardo Pereira e serra do Taquaril e seguindo por esta até a do Curral, onde começaram as divisas, ficando dentro do municipio todas as suas vertentes.

Prefeitos.— Dr. Adalberto Ferraz, nomeado por decreto de 1 de janeiro de 1898; dr. Francisco Salles, nomeado por decreto de 1 de fevereiro de 1899.

Exerceram interinamente este cargo por algum tempo os drs. Americo Werneck e Wenceslao Braz.

Por decreto de 12 de Setembro de 1899 foi nomeado o Dr. Bernardo Pinto Monteiro.

Datas Historicas.— A commissão constructora da nova capital foi creada em 14 de fevereiro de 1894 e iniciou os seus trabalhos no dia 1 de março do mesmo anno.

Em 4 de novembro de 1895 foi expedido o primeiro alvará para construcção de predio particular.

Em 7 de setembro de 1895 foram assentadas as pedras fundamentaes dos edificios publicos e iniciada a construcção dos mesmos.

A lei n. 3, de 17 de dezembro de 1893, auctorisou a transferencia da Capital de Ouro Preto para Bello Horizonte.

A cidade foi installada officialmente a 12 de dezembro de 1897, data em que nella se installou o Governo.

A Prefeitura da cidade foi creada em 29 de Dezembro de 1897.

A commissão constructora foi extincta em 8 de janeiro de 1898.

Por occasião da creação da nova capital, recebeu esta denominação de cidade de Minas.

A lei n. 302, de 1 de julho de 1901, deu-lhe, porém, a denominação de Bello Horizonte, o que só se tornou effectivo, segundo preceitua a Constituição do Estado, em 11 de agosto proximo findo.

Imprensa. — Os primeiros jornaes que appareceram na cidade foram: a *Capital* redigido pelo coronel Francisco Bressane, actual director do *Minas Geraes*; *o Bello Horizonte* redigido pelo Padre Francisco Martins Dias. Seguiram-se depois: o *Diario de Minas*, fundado por Mendes Pimentel e Sabino Barroso e actualmente redigido por Lindolpho Azevedo e Assis das Chagas; o *Jornal do Povo*, que cessou a publicação; a *Tribuna Catholica*, orgão official do Bispado de Marianna; o *Norte*, orgão dos academicos; o *Commercio de Minas*, orgão da Associação Commercial de Minas; a *Revista*, da Faculdade Livre de Direito; o *Forum*, revista de jurisprudencia, dirigido pelos drs. Theophilo Ribeiro e Franzen.

Publica-se tambem o *Minas Geraes*, orgão official do Estado.

Custo da Capital.— Com a construcção da nova capital inclusive o ramal ferreo de Bello Horizonte, gastou-se 33.073:000$, sendo dinheiro sahido do thesouro do Estado 29.536:000$135 e renda arrecadada pela commissão constructora com a venda de terrenos 3.537:000$269. Da quantia total se deve abater 2.800:000$, importancia porque o Estado vendeu á União o ramal ferreo, e 2.000:000$, importancia despendida com as casas de funccionarios, que se acham hypothecadas ao Estado.

Industrias.— O prefeito, dr. Bernardo Monteiro, tem se preoccupado seriamente em crear a industria na cidade, pelo que dá terreno gratis e força motriz electrica áquelles que nella pretendam estabelecer industrias de certa ordem.

Considerações Finaes.— Bello Horizonte não apresenta a monotonia das cidades de planicie: o accidentado de seu solo dá-lhe uma certa graça e encanto, permittindo á vista gosar de variados e lindos panoramas.

Para quem sobe aos seus pontos elevados o espectaculo é egual ao que teria o observador que se collocasse á beira-mar ou no alto de uma collina, e contemplasse o oceano revolto, com suas vagas aureoladas de branca espuma e espaçadas por valles não profundos.

Com effeito, as ondulações do terreno, formando especies de pequenas coxilhas com bellos predios erguidos em seus pouco elevados cimos, cortadas por largas e rectas ruas, ensombradas de arvores corpulentas e copadas, fazem com que Bello Horizonte se apresente garrida e feiticeira, e convide a quem a visita a fixar nella residencia.

Bello Horizonte! despeço-me de ti com o coração dilacerado pela mais cruciente saudade.

Quantas vezes nessas tardes encantadoras, que só tu as tens, sentado á minha mesa de trabalho, minhas vistas espraiando-se pelos teus horizontes quasi sem fim, com tuas montanhas enlaçadas por uma cinta de tenue nevoa, não se me affigurava contemplar a formação de um desses lagos fantasticos com as aguas alvas e tranquillas!

Quantas vezes, á noite, eu não suppunha ver nas estrellas que recamam teu lindo céo, a imagem de meu querido filho, aos quinze annos roubado á vida.

Bello Horizonte! vou deixar-te.

Antes de partir, uma supplica tenho a fazer-te:

Guarda no sacrario da tua alma a lembrança do meu estremecido amigo Bernardo Monteiro que te ama como um filho ama sua idolatrada mãe!

Bello Horizonte: Adeus!

BELLO MONTE Arraial do termo de Porto da Folha, no Estado de Sergipe. (*Almanak Sergipano*. 1901).

BELLO MONTE. Log. do Estado da Bahia, no dist. de Plataforma.

BELLO SUL. Log. do Estado do E. Santo, no mun. de Cariacica.

BELMONTE. Barra na Bahia. Accrescente-se no fim: O capitão-tenente Viriato Hall (*Rev. Maritima Braz.* Anno XXII, n. 3), diz: « A barra deste rio (Belmonte) é facil de conhecer-se pelo pharol que nella existe, pela vista da cidade e pela cor amarellacia das aguas. que vai a muitas milhas da costa. Os bancos da foz deste rio, que arrebentam, vão 3° fóra. Neste logar acha-se numa torre de ferro de esteios de rosca, systema Mitchell, construido na foz e margem dir. do rio, um pharol, cujo plano focal tem 35 metros de altura, exhibindo uma luz de lampejos brancos de 10 em 10 segundos, visiveis a 18° com tempo claro. Na barra do rio Belmonte ha apenas de seis a sete pés de agua com maré cheia, sendo o canal da entrada muito sinuoso e só proprio para barcaças ou navios de muito pequeno porte. Marcando-se o pharol a W— está-se livre dos bancos da barra do rio e pode-se arribar e navegar bem perto de terra, porquanto a costa deste ponto até Cannavieiras é limpa e funda. »

BEMFICA. Log. do Estado do E. Santo, no mun. de Muniz Freire.

BEMFICA. Bairro da cidade do Rio Preto; no Estado de Minas Geraes.

BEMFICA. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha a cidade de Vallença e desagua no rio Larangeiras, affl. do rio das Flores.

BENEDICTO (S.). Pov. do Estado do Maranhão, á margem dir. do rio Preto, á jusante de sua confluencia com o Mucambo, no mun. da Vargem Grande.

BENEDICTO (S.). Pov. do Estado do Maranhão, no mun. do Baixo Mearim, á margem esq. do rio Grajahú, com uma capellinha no logar Santarem, uma esc. e seis casas de negocio.

BENEDICTO (S.). Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Indayassú.

BENEDICTO (S.). Rio do Estado do Maranhão, banha o mun. de Cururupú e lança-se no rio deste nome, no logar Cambôa.

BENEVIDES. Pov. do Pará. Accrescente-se no fim: Foi elevada á villa pela Lei. n. 646 de 6 de Junho de 1899.

BENGALAS. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. do Limoeiro.

BENJAMIN CONSTANT. A Lei do Estado do Amazonas, n. 191 de 29 de Janeiro de 1898 creou com esse nome um mun. em Remate de Malles. A Lei. n. 328 de 4 de Fevereiro de 1901 revogou essa disposição.

BENJAMIN CONSTANT. Salto no rio S. Lourenço; no Estado de Matto Grosso.

BENTA COTA. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da Piedade dos Geraes e mun. do Bom Fim (Inf. loc):

BENTO. Corrego do Estado de S. Paulo, banha o mun. do Capão Bonito do Paranapanema e desagua no rio dos Pinheiros.

BENTO (S.). Log. do Estado de Pernambuco, no mun. da Floresta.

BENTO (S.). Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de Soccorro. Ha um outro arraial do mesmo nome no mun. do Buquim (*Almanak Sergipano*. 1901).

BENTO (S.). Igarapé do Estado do Amazonas; no mun. da Bôa Vista do Rio Branco. Vai para o Uraricoera.

BENTO DA COSTA. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. de Santa Quiteria.

BENTO DOS PERIZES (S.). Villa do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira (*obr* cit.) diz: « *S. Bento* ou *S. Bento dos Perys* e não dos Perizes, porque na lingua tupy, segundo refere o Dr. Cezar Marques, *pery* e não *periz* significa *junco de campo*, vegetação que deu nome ao logar, fica situada á borda occidental dos Campos dos Perys, que se estendem, occupando uma área avaliada em mais de 72 kils. de comprimento com uma largura media de 18; para o N. até ao pov. Macapá, para o NO. até ao de Palmeiras, para E. até ao de Bacurituba, para N.E. até a Jacioca do Tubarão, em Alcantara, para SE. até á villa do Cajapió e para o S., passando por São Vicente Ferrer, até onde começam os campos de Vianna... Antigamente o porto de S. Bento ficava no Pery-assú, no logar denominado Porto das Saudades, perto de Bacurituba e a mais de 18 kils. da villa, porém, com a abertura da valla, cessou de todo o transito por esse porto, visto ser ella mais profunda, menos tortuosa e chegar até mais perto da villa. A valla é um canal de 6 kils. de extensão, que leva as aguas do Pery-assú, pouco á montante de sua confluencia com o Aurá, até á lagôa que dista da villa 18 kils. Os vapores ficam na bocca da valla, onde ha armazens para deposito de cargas, porém, algumas vezes, no inverno, os de menor calado da linha fluvial vão até á villa. Afim de que fique bem conhecida a situação de S. Bento, é preciso descrever, segundo o aspecto com que se nos apresentam, no verão e no inverno, os campos que a rodeiam. No verão, desprotegidos como são elles de arvoredo e expostos á acção dos raios solares, ficam seccos, tendo apenas, de longe em longe, alguma lagôa; apresentam uma superficie irregular, escura, consistente, cheia de torroadas e cobertas, aqui e alli, de junco secco, tornando-se-lhes desta forma a travessia, a certas horas do dia, bastante incommoda. No inverno, os mesmos campos, que se estendem em torno da villa, excepto por um lado, se transformam em extenso lago, banhando-a de modo que parece estar situada em uma peninsula. A vegetação florida, que nelles se observa, nesta estação, excedendo sempre ao nivel das aguas, offerece á vista a curiosa paizagem de um jardim, fluctuando no meio de um lago por onde então se faz a aprazivel navegação da valla para a villa. Esta transformação annual da-lhe um aspecto singular e bellissimo. O clima ameno e saudavel de que é dotada, assim como a profusão e excellencia do leite e carne, a torna muito frequentada pelos convalescentes e affectados de molestias broncho-pulmonares. E' abastecida de ccreaes e tem desenvolvida a criação de gado vaccum e suino. Cercam as suas lagôas, abundantes em peixe, infinidade de aves aquaticas, cujas pennas são exportadas para a capital. As rêdes e os queijos de S. Bento são muito conhecidos e procurados. Calcula-se a sua pop. em 8.000 habs. Entre os campos de S. Bento e a bahia de S. Marcos, fica a salina geral, grande riqueza natural, não explorada, tendo de N. a S. uma extensão avaliada em 36 kils. Neste mun. nas-

ceram Monsenhor Luiz Raymundo da Silva Brito, actual bispo de Olinda, afamado orador sagrado, que em S. Bento e Caxias prestou relevantes serviços ao ensino e á religião; e o professor Philippe Benicio de Oliveira Condurú, que planeou e executou a abertura da valla que, em justa homenagem á sua pessôa, se denomina *Valla Condurú* ».

BENTO QUIRINO. Estação da E. de F. Mogyana, no Estado de S. Paulo, no kil. 264, entre as estações de S. Simão e Chanaan. Foi aberta ao trafego a 1º de Novembro de 1902.

BENTOS. Corrego do Estado de Minas Geraes, entre o dist. da cidade de Monte Santo e o da cidade do Jacuhy.

BERA'. Corrupção de *berab*, resplandecer, brilhar, reluzir; adj. resplandecente, brilhante, reluzente; alt. *verava*, *verá*, *virá*, *birá*. (Dr. Theodoro Sampaio.)

BERGUIGÃO. Ilha de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Desta ilha são extrahidas cascas de marisco para o fabrico de cal. Os donos das canôas as approximam; e encostando-as á ilha, escavam esta sobre ellas, sem desembarque, por muito difficil. « *Berguigão*, diz o Dr. João Mendes, corrupção de *Mbiri-gui-guiã-mo*, empinada e mais pequena. De *mbiri*, pouco, pequeno, *gui*, partícula para comparação, *guiã-mo*, supino de *ã*, empinar, levantar-se, estar em pé ».

BERLENGAS. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de Maroim (*Almanak Sergipano*. 1901).

BERLINK. Pov. e ponta do Estado da Bahia, na ilha de Itaparica.

BERNARDES. Pov. no mun. do Bom Fim e Estado de Minas Geraes. (Inf. loc.)

BERNARDES. Corrego do Estado de Minas Geraes, affl. da margem dir. do rio Ubá, no mun. deste nome.

BERNARDINA (D.) Nome local da serra da Jacobina, no dist. da Saúde e Estado da Bahia.

BERNARDO (S.). Villa do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Janesn Ferreira (*obr.* cit) diz: « S. Bernardo a 18 kils. do rio Parnahyba, a 96 da villa da Tutoya e a 120 de Barreirinhas, está á margem dir. do rio Burity, que lhe corre ao N. e desagua no Parnahyba, entre os logares Bocca da Barra e Bebedouro, depois de ter atravessado as lagôas Bacury e Santo Agostinho, tendo esta cerca de 30 kils. de comprimento... Nos arredores da villa encontram-se alguns morros, sendo principal o de S. Philippe, em cuja base foi erecta a Egreja Matriz de S. Bernardo. Parece que a margem da lagôa Santo Agostinho devia ser o ponto de escolha para a séde da villa, visto como até ahi é o rio capaz de ser navegavel por pequenos vapores. Desde o tempo dos jesuitas se estabeleceu nas margens desta lagôa a criação de gado. Os principaes generos de producção de S. Bernardo são cereaes e fumo, exportados para a cidade do Parnahyba, por intermedio do logar Cajueiro, que lhe serve de porto, a margem do rio Parnahyba e defronte de Porto Alegre, no Piauhy ».

BERNARDO DAS RUSSAS (S.). Cidade do Ceará. Accrescente-se no fim: De uma *Noticia das Freguezias do Ceará visitadas pelo Padre José de Almeida Machado nos annos de 1805 e 1806 extrahida d'um livro de Devassas que serviu na Visita* extractamos sobre esta freg. o seguinte: « A villa de S. Bernardo das Russas está situada em pouca distancia do Rio Jaguaribe; é Curato encommendado eregido a muitos annos em Curato amovivel pois consta do Livro da Fabrica que por ordem de Sua Magestade o Doutor Sindicante Antonio Soares Reimão lhe concedeu meia legua de terras para sua fundação o qual Ministro viera a Pernambuco no anno de 1713 sindicar sobre os levantes daquella Praça. Esta freg. tem por Orago N. S. do Rozario e nella ha as Igrejas seguintes: A Matriz fundada na villa de S. Bernardo de que he Orago N. S. do Rozario; a Capella de N. S. das Brotas no Taboleiro da Arêa distante da Matriz 8 leguas; a de S. João Baptista distante da Matriz 10 leguas; a de N. S. do Livramento distante da Matriz 13 leguas. »

BERNARDO MONTEIRO. Passou assim a denominar-se o corrego do Acaba Mundo, na capital do Estado, de Minas Geraes. Foi assim denominado em honra do Dr. Bernardo Pinto Monteiro, illustre Prefeito da cidade de Bello Horizonte.

BERTIOGA. Canal ou rio de S. Paulo. Alem do que se acha nos *Accrescimos* e *Correcções* do II Vol. accrescente-se mais: O Dr. João Mendes, no seu *Dicc. Geogr.* diz: « Frei Gaspar da Madre de Deus, nas *Memorias para a historia da Capitania de S. Vicente*, entendeu que Bertioga era corrupção de *Buriqui-oca*, casa de macacos buriquis. Por bôa, já acceitei, na obra *Algumas Notas Genealogicas*, essa extranha versão. Posteriormente, porém, verificando o modo por que escreveu esse nome o conhecido Hans Staden, muito attento ao som das palavras que ouvia aos indigenas quando serviu de artilheiro na fortaleza daquelle logar, reconheci immediatamente o erro de Frei Gaspar da Madre de Deus, ainda que Hans Staden escrevera, tambem corruptamente *Bri-ok-oka*. O nome poderia ser *Ibi-ri-og-óca*, furo ou cáva por acção exterior contra a terra. De *ibi*, terra, *ri*, posposição significando neste caso contra, *óg-óca*, verbal derivado de *óg*, saccar, arrancar, fender, furar, com a repetição desse verbo em supino, *óca* mudado o *g* em *ca* (breve). A repetição dos verbos e nomes, na lingua tupi, alem de dar maior graça e elegancia, exprime a frequencia da acção do verbo ou nome repetido; acção superlativa, ou acção successiva. Mas, melhor examinando o caso, é *Mbiri-og-óca*, furo pequeno: de *mbiri*, pouco, pequeno, *og-óca*, verbal derivado de *og* e repetido como acima ficou dito. E, de facto, o furo propriamente tal, alem de pouco extenso, é estreito ». « *Bertioga*, diz, o Dr. Theodoro Sampaio, corrupção de *parati-oca* alterado em *barati-oga*, *berti-oga*, casa, refugio ou paradeiro das tainhas; nome de um canal que separa a ilha de Santo Amaro do continente; S. Paulo. — Conhecemos pelo nome de *Bertioga* o canal historico entre a ilha de Santo Amaro e a terra firme, que tão importante papel representou na incipiente colonisação da capitania de S. Vicente. E' incontestavelmente o nome *Bertioga* um vocabulo tupi alterado pela dicção portugueza. Os mais antigos escriptores e chronistas o attestam. Magalhães de Gandavo, no seu *Tractado da Terra do Brasil* (1576) escreveu *Britioga*. O padre Pero Rodrigues, contemporaneo de Gandavo, na sua biographia de Anchieta, ainda inedita, escreveu *Britioga*. Simão de Vasconcellos, na *Vida do Padre Joseph de Anchieta*, escrevia ora *Beritioga*, ora *Piritioga*. João de Laet, que se apoiou nos escriptos de Hans Staden e de Fernam Cardim, escreveu *Britioca*. Entretanto, nas varias edições da obra de Staden se lê *Brikioka* ou *Brickioka* graphia adoptada pelo autor das *Memorias para a historia da Capitania de S. Vicente*, o qual, aliás, assevera ter encontrado em velhos documentos o nome *Buriquioca*, applicado antes a um monte fronteiro á barra do canal do que ao proprio canal e significando *casa de macacos buriquis*. Erronea, porém, me parece a interpretação do auctor das *Memorias*, que, de certo, conhecia a obra de Staden, onde colheu o nome *Brikioka*, como colheu *Iwawasuppe*, por elle transformados, no cadinho da interpretação, em *Buriquioca* e *Enguaguaçú*. Que o nome *Brikioka*, como se lê em Hans Staden, é um erro de copia ou de composição dos editores da obra do mallogrado aventureiro, se verifica da graphia seguida por João Laet, que, ou teve bases para rejeitar ou corrigir esse erro, ou colheu o vocabulo de algum exemplar mais correcto. Seja como fôr, porém, o facto é que em nenhum roteiro, chronica ou historia de fonte portugueza se encontra jamais *Briquioca*, mas sim *Britioca*, *Bartioga*, *Bertioga*, etc. Essa é, portanto, a graphia primitiva e mais proxima da verdadeira, como passamos a demonstrar. As varias graphias: *Britioca*, *Beritioga*, *Piritioga*, *Bartioga* e *Bertioga* encerram todas um mesmo thema alterado de diversas formas, e uma mesma desinencia commum, representados no vocabulo *Pirati-oca*, que quer dizer — *refugio ou paradeiro das tainhas*. — Do thema — *Pirati* — facil é explicar-se como podiam ter vindo — *Piriti* — e as formas *Briti*, *Beriti*, *Barti* e *Berti* pelo abrandamento da consoante inicial e pela queda ou troca das vozes breves ou mudas. No mesmo Hans Staden se lê o

nome *Bratti* como applicado pelo gentio ao pescado que os portuguezes chamam tainha. Portanto, *Bratioca* ou *Bertioga* tem a mesma traducção, porque, constituidos dos mesmos elementos agglutinados: *Brati* ou *Berti*, tainha; *oca* ou *oga*, casa, refugio, paradeiro. A caracteristica do local outr'ora, como hoje, confirma a interpretação. O canal da Bertioga sempre foi muito piscoso, e as tainhas ahi se encontravam em grandes cardumes. Hans Staden refere que esse peixe costuma em certa epoca do anno deixar o mar e procurar os canaes ou esteiros para a desova em sitio mais repousado. Por esse motivo as pescarias eram importantes na Bertioga, cuja posse os selvagens disputavam e os colonos portuguezes desde logo comprehenderam a necessidade de defender. O capitão *Burton*, que visitou essa região, theatro das proezas e desditas de Staden, verificou, em 1865, a abundancia desse peixe não só nas visinhanças da Bertioga como em toda a costa para alem de Ubatuba e Paraty, cidade esta cuja denominação procede exactamente de ser esse pescado abundantissimo nas suas aguas. Como se vê, a interpretação do vocabulo, apoiando-se nas investigações historicas que lhe restituiram a graphia primitiva e verdadeira e tornaram possivel a traducção pela analyse dos elementos agglutinados, se confirma inteiramente pela caracteristica local ».

BESTA. Riacho do Estado de Pernambuco; nasce na serra do Urubú, banha o mun. do Limoeiro e desagua no rio Capibaribe. E' tambem denominado *Correinha*.

BESTAS. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Bom Conselho.

BETARY. Corrupção de *betara-y*, rio das betaras ou bataras, ave do sul do Brasil (*Thamnophilus stagurus* Lich.), S. Paulo; pode ser tambem corr. *mbtara-y*, rio do ornato ou do enfeite (Dr. Theodoro Sampaio).

BETUM. Corr. *petym*, o tabaco, o fumo (*Nicotiana* T.) Dr. Theodoro Sampaio.

BETURY. Riacho do Estado de Pernambuco; nasce na serra das Duas Pedras, mun. do Brejo, e, correndo de N. para o S, divide o pov. de Bello Jardim em dous bairros e vai desaguar no rio Ipojuca pela margem septentrional. *Betury* é corr. de *bi*, raspado, liso e *tury*, vir, chegar.

BEXIGA. Corrego do Estado de Minas Geraes, affl. do rio Manso, que o é do Jequitinhonha.

BEZERRO. Riacho do Estado de Pernambuco, corre pelo mun. de Cimbres e desagua no rio Ipojuca.

BEZERRO QUEIMADO. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. da margem dir. do rio Ipojuca; no mun. de Cimbres.

BEZOURO. Serra do Estado de Pernambuco, a cinco kils. a O. da cidade do Bonito. Occupa uma área de 400 metros pouco mais ou menos e tem 808 metros de altura sobre o nivel do mar.

BIAÇÁ. Corr. *mbeaçába*, alt. *beaçába*, *beaçá*, *biaçá*; composto de *mbê*=*pê*, caminho, trilho, vereda, *açaba*=*açá*, atravessar, cortar, cruzar, sahir, isto é, onde o caminho atravessa ou cruza um rio ou esteiro, o porto; altera-se muitas vezes em *embiaçá*, *imbiaçaba*. (Dr. Theodoro Sampaio).

BIAS FORTES. Nucleo colonial na cidade de Bello Horizonte, capital do Estado de Minas Geraes. Tem a área de 237hects.8760, divididos em 61 lotes, dos quaes se acham (1901) occupados 32 por 177 individuos. A área já cultivada é de 78 hectares. Seu grande desenvolvimento resulta do facto de ser a maior parte dos colonos antigos moradores do logar. Situado em um dos logares mais favoraveis pela abundancia d'agua e pela fertilidade do terreno, presta-se grande parte deste nucleo á cultura de cereaes, de forragens e de fumo. Possue uma fabrica de cerveja, uma de aguas gazosas e uma padaria.

BIAS FORTES. Log. do Estado de Minas Geraes, no mun. de Theophilo Ottoni.

BIBOCA. Corrupção de *yby-boc*, alt. *bi-boc*, terra, chão fendido ou rasgado (M. Soares). « Emprega-se tambem, diz o Dr. Theodoro Sampaio, no sentido figurado, como significando *casinha de palha*, *casebre barreado*, neste caso, porem, o vocabulo *biboca* é composto de *yby-b-oca* se traduzirá *casa de terra* ou *de barro* ».

BICA. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Panellas, a E. desta villa. Prolonga-se ao S. com o nome de Bôa Vista e a E. com o de Sacco das Cobras.

BICHO. Ribeirão do Estado de Minas Geraes, affl. do rio Pinho, no mun. de Palmyra.

BICHORÓ. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Aguapehu, no mun. de Itanhaem. Esta palavra é corruptela de *Mbo-çorog*, rasgados; de *mbo*, particula activa, e *çorog*, rasgar. Allusivo a correrem suas aguas entre morros e sob pedras, perfurando a serra.

BICHOS. Ilha no rio Oyapock, no Estado do Pará. Tem cinco milhas de comprimento.

BICUDA. Morro do Estado da Bahia, no mun. de Minas do Rio de Contas. Faz parte da serra das Almas.

BIFURCAÇÃO. Log. do Estado da Bahia, no termo de Geremoabo.

BIGORNA. Log. do Estado de Matto Grosso, no dist. da Chapada.

BIONÈ. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. do Limoeiro, junto á pov. Pedra Tapada. Tem a altura provavel de uns 400 metros sobre o nivel do solo. (*Dicc.* de S. V. Galvão).

BIQUINHA. Bairro da cidade de Palmyra; no Estado de Minas Geraes.

BIRIBA. Corrupção de *mbirib*, curto, breve, alludindo a um pau que serve de cacete ou porrete. Em Alagôas diz-se *imbiriba*. No R. G. do Sul é appellido dos moradores de serra acima e dos paulistas synonimo de matuto e desconfiado; designa tambem uma arvore (Dr. Theodoro Sampaio).

BIRIBA. Arraial do Estado de Sergipe, no termo de Pacatuba (*Almanak Sergipano*. 1901).

BIRIBA-TEUA. Igarapé do Estado do Pará, banha o mun. de Maracanan (Cintra) e desagua no rio Caripy. Recebe o Aturiateua.

BIRIRÁ ou BIRIÇÁ. Morro ou pico da cordilheira, cujo espigão é o divisor entre as bacias dos rios Jaguary e Atibaia; no mun. de Bragança e Estado de S. Paulo. *Biriçá*, erecto e de muita altura; de *bir*, levantar, alçar, e *içá*, pilar, estatura, altura, alem de outras significações, para exprimir bem a forma e a altitude do pico.

BIRITIBA. Pequeno corrego, dando o nome a um bairro, no mun. de Mogy das Cruzes e Estado de São Paulo. « Esta palavra, diz o Dr. João Mendes (*Dicc.* cit.) é corruptela de *Mbiri-iti-bae*, pequenino, e sujo de hervas e plantas aquaticas. De *mbiri*, pouco, pequeno, *iti-bae*, de *iti* ser sujo de hervas e plantas com o suffixo *bae* (breve) para formar participio. Por contracção *Mbiri-ti-bae*. »

BIRITINGA. Corr. *piri-tinga*, junco branco; Bahia (Dr. Theodoro Sampaio).

BISPO. Cachoeira no rio Tieté, no mun. do Salto de Itú, entre a foz do corrego Ajudante e a do rio Burú.

BISSAUA. Ilha do Estado do Maranhão, na bahia de Mangunsa e mun. de Cururupú.

BITTA. Pov. do Estado de Sergipe, no mun. do Soccorro.

BITTENCOURT. Pov. do Estado das Alagôas, no mun. de Atalaia.

BITÚ. Corr. *ybytú*, o vento, o sopro, a aragem; alt. *botú*, *butú* e *bitú* quando entra na composição de outros vocabulos. (Dr. Theodoro Sampaio).

BITUMIRIM. Log. do Estado do Paraná, no mun. de Ipiranga, á margem do rio do mesmo nome.

BOA. Corr. *mboy*, alt. *boy*, a cobra, a serpente, o ophidio: é especialmente usado para designar a giboia (*Boa constrictor*) Dr. T. Sampaio.

BOA ESPERANÇA. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. do Pirauba do mun. do Pomba; com uma esc. municipal.

BOA ESPERANÇA. Serra do Estado do Paraná, no mun. de Jaguaryahiva.

BOA ESPERANÇA. Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

BOA ESPERANÇA. Arroio do Estado do Paraná, no mun. de Jaguaryahiva.

BOA ESPERANÇA. Mun. de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Foi desmembrado da com. de Araraquara e incorporado á do Ribeirão Bonito pela Lei n. 739 de 10 de novembro de 1900.

BOA-FÈ. Corrego do Estado de Minas Geraes, na cidade de Barbacena. E' tambem denominado Fonte da Benta.

BOA MENTE. Pov. do Estado do Rio de Janeiro, no mun. do Sumidouro; com escola.

BOA MORTE. Arrabalde da cidade do Bananal, no Estado de S. Paulo, á margem esq. do rio Bananal, com uma capella.

BOA MORTE. Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

BOA MORTE. Ribeirão do Estado de S. Paulo, banha o dist. de Nazareth e desagua na margem esq. do rio Atibainha.

BOAPABA. Corr. *ybyapaba;* alt. *ubuapaba*, *buapaba*, *boapaba* (Dr. T. Sampaio). Vide *Ibiapaba*.

BOASECA. Ribeirão que desagua no mar de Aririaia; no Estado de S. Paulo.

BOASSARA. Bairro no dist. de N. S do O', mun. da capital do Estado de S. Paulo.

BOASSÚ. Corr. *mboy-açú*, serpente, cobra grande; Rio de Janeiro (Dr. T. Sampaio).

BOAVA. Corr. *mboaba*, alt. *emboaba*, *imboaba*, *emboava*, accommodado, acostumado, habituado, angariado, ligado por amizade. Seria o vocabulo primitivo empregado pelos gentios para designar o europêo, que se fixava entre elles, se alliava com elles em familia como aconteceu com João Ramalho, com o Caramurú e outros? Será simples corruptela de *amoaba*, que se traduz: — o de fóra, o de longe, o de outra terra, emfim, o forasteiro, o estrangeiro? (Dr. T. Sampaio).

BOAVA. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. do Rio Abaixo.

BOA VENTURA. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Correntes.

BOA VENTURA. Barra no littoral do Estado da Bahia, entre Cannavieiras e a barra do rio Poxim, proxima da barra de Albino.

BOA VISTA. Pov. do Estado de Pernambuco, no mun. de Serinhaem; com uma capella dedicada a N. S. dos Prazeres.

BOA VISTA. Passou assim a denominar-se o logar Praia do Sacco, no mun. da Estancia e Estado de Sergipe, pela Lei n. 266 de 2 de dezembro de 1897.

BOA VISTA. Com este nome dá o *Almanak Sergipano* (1901) noticia de mais dous arraiaes nos termos de Siriry e N. S. das Dôres.

BOA VISTA. Log. do Estado da Bahia, na com. de Belmonte. Ha um outro log. do mesmo nome na com. de Ilhéos.

BOA VISTA. Log. do Estado do Rio de Janeiro, no 6º dist. do mun. de Macahé, com uma esc. municipal.

BOA VISTA. Suburbio na cidade do Bananal do Estado de S. Paulo, na entrada da cidade, com uma capellinha de Santa Cruz.

BOA VISTA. Bairro do mun. de Queluz e Estado de S. Paulo; com duas escs., creadas pela Lei n. 821 de 5 de agosto de 1902.

BOA VISTA. Bairro do Estado de S. Paulo, no mun. da Fartura.

BOA VISTA. Log. do Estado do Paraná, no mun. de S. João do Triumpho.

BOA VISTA. Log. do Estado do Paraná, no mun. da Palmeira.

BOA VISTA. Bairro do dist. de Santa Rita da Extrema; no Estado de Minas Geraes.

BOA VISTA. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. do Bonito, a 5 kils. ao N. da cidade. Tem uma elevação de 880^{m} e a extensão de 2.400^{m}., de área occupada. (Inf. loc.)

BOA VISTA. Serra do Estado de Pernambuco, junto á cidade de Garanhuns e pela qual passa a estrada do Brejão.

BOA VISTA. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Panellas, ao S.; e em prolongamento da serra da Bica.

BOA VISTA. Morro do Estado de Minas Geraes, no dist. de Mercês do Pomba.

BOA VISTA. Morro do Estado de Minas Geraes, cerca a séde do dist. do Recreio do mun. da Leopoldina.

BOA VISTA. Ilha do Estado da Bahia, no rio Paraguassú, entre a foz e o dist. de S. Roque. E' tambem denominada Maximo.

BOA VISTA. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, affl. da margem dir. do rio Parahyba, junto á estação do seu nome. A E. de F. Leopoldina atravessa-o na foz.

BOA VISTA. Corrego do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Batataes e desagua no ribeirão Sant'Anna, trib. do rio Pardo.

BOA VISTA. Villa do Paraná. Em logar de villa leia-se — cidade — e accrescente-se no fim: Foi elevada á cidade pela Lei n. 256 de 24 de dezembro de 1897.

BOA VISTA. Parochia da cidade do Recife, em Pernambuco. Accrescente-se no fim: O Sr. Sebastião Vasconcellos Galvão, em seu *Dicc.* cit., assim descreve essa parochia: « Forma o terceiro bairro, fica comprehendida toda no perimetro urbano e está situada em terreno continental. — Historico. Em 1641 Mauricio de Nassau fez levantar um edificio de grandes proporções, junto ao logar em que, presentemente, (no bairro de Santo Antonio) existe a Casa de

Detenção, onde então haviam algumas casinhas, o qual denominavam Bôa Vista, e enfrentava uma ponte que ia ter á pequena praça da Ponte Velha e que cortava o raio de leste daquella Casa. Desde essa data, e por causa do bello panorama que se descortinava aos olhos daquelles que o contemplavam do edificio hollandez, foi aquelle logar denominado, e egualmente mais paragens adjacentes *Bôa Vista*, nome que ainda perdura. Nesse tempo, o terreno que actualmente se conhece por freg. da Bôa Vista formava, em grande extensão, um paúl tendo apenas, mandado construir pelo mesmo principe Mauricio um pequeno cáes que attingia ao sitio em que elle havia determinado fazer a ponte que prendia o bairro de Santo Antonio ao da Bôa Vista, local ainda hoje nomeado Ponte Velha, e por onde começava a estrada que ia para o interior do Estado. A parte que comprehende a actual rua da Conceição, era um sitio, com 400 pés de coqueiros e um sobrado de propriedade do Capitão Philippe Santiago de Oliveira e sua mulher D. Lourença Maciel d'Andrade, vendido por aquelles proprietarios, pela quantia de 497$, ao Governador Christovão de Barros Rego, em 21 de agosto de 1683. Deste facto se originava chamar-se *Conceição dos Coqueiros* a capellinha dessa invocação, que ha poucos annos existiu no logar em que se ergue a de Santa Cecilia, actualmente em construcção. No tempo do Governador Henrique Luiz Ferreira Freire foi feito, na região occupada pela rua, presentemente da Imperatriz, um grande aterro, tomando o nome de *Aterro da Bôa Vista*, recebendo nova forma a ponte então existente, tendo ordenado aquelle governador a construcção de uma outra no sitio da actual, e inutilizando-se a levantada no tempo dos hollandezes. O espaço, que hoje comprehende as ruas do Visconde do Rio Branco (Aurora), da Saudade, Sete de Setembro (ant. becco dos Ferreiros), da União e do Conde da Bôa Vista (a parte simplesmente da outr'ora rua Formosa), era chamada o *Casimiro*, e toda aquella área formava um lamaçal intransitavel. Nas mesmas condições estava o bairro de Santo Amaro ou *Cidade Nova*, que é o 2º dist. policial da freg. e se denominou *Carreira de Mucambos*, e mais tarde *Santo Amarinho*. A Bôa Vista foi desmembrada da Sé de Olinda, de que era curato, por provisão do Governador do Bispado, o penitenciario da Sé, Manoel Vieira de Lemos Sampaio, datada de janeiro de 1805, a qual creou-a freg., confirmando esse Acto a Carta Regia de 21 de maio do mesmo anno. Teve como seu primeiro parocho o Padre Gabriel Soares Bittencourt. Na historia patria essa freg. contem as seguintes referencias: — Em 23 da abril de 1817 o governo republicano passou os cofres, as munições, a secretaria para o palacio da Soledade. Em 26, nesse palacio, houve uma reunião em que o Conselheiro do governo republicano, Dr. Manoel José Pereira Caldas, fez as pessôas presentes jurarem defender a patria. Em 21 de julho de 1821, João de Souto Maior disparou um tiro no governador Luiz do Rego Barreto, quando este, á noite, passava pela ponte da Bôa Vista, entre dous amigos, com suas ordenanças, indo para sua residencia no Mondego. Em 16 de setembro de 1824 foi esse bairro atacado pelos revolucionarios, havendo ahi um combate que se estendeu pela Soledade, rua da Gloria (hoje Visconde de Albuquerque), Corredor do Bispo (Dião Faria) até o Pateo de Santa Cruz. Em 16 de setembro de 1831, alguns cidadãos reunidos á um pequeno numero de tropas milicianas, accommetteram neste bairro (e no do Recife) aos cidadãos rebellados de toda a tropa do Recife, que se tinha amotinado, na manhã de 15, arrombando ella á golpes de machado as portas das lojas e dos armazens de generos, e roubando o encontrado. Taes cidadãos mataram 300 desses soldados prendendo 800 que foram mandados para Fernando de Noronha. Em 1849 na revolução *praieira*, no dia 2 de fevereiro, os rebeldes, atacando o Recife, são derrotados; e na Soledade, depois de muitas horas de mortifero combate "quando entraram as linhas da cidade, cahe, e foi o primeiro signal da derrota, atravessado por uma bala, *vendo fugir-lhe a vida e com ella a imagem da patria*, o desembargador deputado Joaquim Nunes Machado, alma dessa revolução, *a cabeça e o verbo della*, assim como Pedro Ivo, o heróe que o poeta Alvares de Azevedo celebrou em patrioticas estrophes, era o braço e a espada daquella tremenda luta, o qual viu-se obrigado a refugiar-se nas mattas d'Agua Preta de onde, diz o Dr. Aprigio Guimarães *só o arranca mais tarde o respeito de filho*. Illudiram o velho pai do batalhador liberal, e a piedade filial alcançou de Pedro Ivo a entrega da espada que á força nunca lhe teriam tomado". Nasceram nessa freg. os seguintes illustres pernambucanos: Dr. Antonio de Andrade Lima, virtuoso sacerdote, talento superior e distincto cultor das bellas lettras, da litteratura e da poesia, bem como um grande jurisprudente. O padre João Baptista da Fonseca, nascido em 1790 e fallecido em 1831, um dos martyres da revolução de 1817, orador fogoso que animava as massas, um poeta de merecimento e um publicista de valor. E o Conde de Irajá, D. Manoel do Monte Rodriges de Araujo, virtuosissimo bispo do Rio de Janeiro, fallecido a 11 de junho de 1863. — Limites. Confina ao N. com o mun. de Olinda e com a freg. da Graça; a E. com as fregs. da Graça e Afogados; ao S. com a de Afogados; a S E. com o de S. José; e a E. com as de Santo Antonio e S. Pedro Gonçalves... Extensão. De E. á O. tem esta freg. tres kils. (da ponte da Bôa Vista á ponte da Magdalena), a de S. á N. (do logar Coelhos á ponte de Tacaruna) uns tres Kils. tambem approximadamente.— Aspecto. A perspectiva dessa freg., que contem os bairros de Santo Amaro e Bôa Vista propriamente dicto, é muito divêrsa da de S. Frei Pedro Gonçalves, de Santo Antonio e S. José; offerece mais encanto em tudo, por suas casas mais desafogadas, melhor architectadas, pelo alargamento e traçado regular de suas ruas, pela ventilação mais livre e saudavel. — População. Em 31 de dezembro de 1895 continha essa freg., sujeitos ao imposto da decima urbana, 3.346 predios, não contando o numero avultadissimo de 2000 seguramente de habitações de palha, de pau a pique (vulgo *Taponas*) e de táboas, disseminadas, principalmente, pelo bairro de Santo Amaro. Pelo que se pode presumir a pop. em 15.000 habs. — Topographia. Está situada em terreno plano e firme, banhada pelo Capibaribe ao oeste, sul e leste, sobre o qual, dando-lhe communicação com outras fregs., existem as pontes da Magdalena, da Bôa Vista, da via-ferrea do Caxangá e a de Santa Izabel. Em dezembro de 1895 tinha esta freg. 54 ruas, 49 travessas e sete praças ou largos. Menos commercial que as fregs. de Santo Antonio e Recife tem todavia muitos estabelecimentos montados com certo luxo, principalmente na rua da Imperatriz. Possue bonitas ruas, asseiadas, de aspecto alegre e plantadas de arvores, como a do Visconde do Rio Branco (ant. da Aurora), que é bastante extensa, bem arejada, com bons edificios particulares e á borda do rio Capibaribe, onde em todo comprimento existe um longo cáes. E' atravessada por tres linhas de bond: da Magdalena, Fernandes Vieira e Santo Amaro, sem incluir as circulares que fazem um trajecto continuo e circular entre as pontes de Santa Izabel e da Bôa Vista. Nessa freg. notam-se os seguintes edificios: *Camara dos Deputados* (ant. Assembléa Provincial), elegante palacio, com seu formoso zimborio, todo circumdado por um gradil de ferro, á rua Visconde do Rio Branco. Foi assentada a pedra fundamental para sua construcção em 2 de dezembro de 1870 e terminado em 20 de janeiro de 1876. *Instituto Benjamin Constant e Escola Normal*, funccionam juntamente onde foi o antigo Gymnasio Pernambucano. E' um vasto estabelecimento situado ao lado N. da Camara dos Deputados. A pedra fundamental foi lançada em 1855, começando a funccionar em 1868, tendo custado 310:000$. *Sociedade Propagadora da Instrucção Publica*. Destinada a preparar alumnas mestras para o magisterio primario, foi installada em 7 de setembro de 1879. *Estação da via-ferrea de Olinda*. Fronteira á ponte de Santa Izabel, foi aberta definitivamente ao serviço em 1873. *Quartel do 14º Batalhão de infantaria*. A' rua do Hospicio, onde em 1735 fundou-se o hospicio de S. João Baptista, dos frades leigos de S. Francisco, em beneficio dos logares santos de Jerusalem, de que proveio o nome áquella rua; é grande e de vistosa fachada, reconstruido de 1883 a 1887. *Palacio da Soledade*. Erigido pelo 7º bispo da diocese D. Frei Luiz de Santa Thereza, começou em 1739 e terminou em 1764 no governo de D. Francisco Xavier de Aranha. *Collegio de São José*. Dirigido pelas irmans de Santa Dorothéa, foi instituido em 1867 pelo bispo D. Manoel de Medeiros; fica junto á Egreja de N. S. da Soledade. *Hospital Militar*. Collocado entre as ruas Gervasio Pires, Riachuelo e a linha ferrea de Olinda, foi inaugurado em 25 de março de 1855. *Hospital Pedro II*. Assentado no lado meridional da freg., no logar denominado Coelhos, á margem do Capibaribe e fronteiro á freguezia de S. José. Foi primitivamente estabelecido, com a denominação de — Hospital para os pobres da Ribeira—, por Francisco de Souza Rego, entre os annos de 1802 á 1804 na rua Nova, predios reunidos sob os ns. 96 e 97 (hoje Barão da Victoria n. 57) se

evidenciando isto das escripturas passadas em 20 de novembro de 1802, pelo tabellião Francisco Gomes da Fonseca e em 31 de março de 1804, pelo tabellião José Bernardino Lima Gondim (*Rel. da Santa Casa de Mis.* de 1879, pag. 118). Da data de sua fundação até 1820 foi administrado por seu instituidor; e dahi até 5 de abril de 1827 por João do Rego Falcão. De 1º de outubro de 1828, já com a denominação de S. Pedro de Alcantara e reunido com o Hospital dos Lazaros, formando uma só administração, até 7 de julho de 1832 teve por administradores, primeiramente Joaquim José Mendes, e depois Vicente Ferreira dos Guimarães Peixoto. Em 8 desse mesmo mez e anno passou a ser administrado pela commissão nomeada pelo Governo, em virtude da Lei de 13 de outubro de 1831, e foi transferido para o hospital do Paraizo, e alli fundidos ambos em um só, permaneceu até o 1º de julho de 1833, quando foi removido para o hospital militar extincto, no convento do Carmo, que o governo cedera para tal fim, á pedido da admnistração. Pela Lei de 29 de abril de 1837, foi o Governo auctorizado a transferir o hospital para outro local, restituindo o edificio do convento aos religiosos; e em 14 de março de 1846 teve effeito essa transferencia para um predio no logar Coelhos, que foi arrendado e aonde se conservou até 9 de março de 1861. Em 25 de março de 1847 foram lançados os fundamentos do actual edificio, que se denominou —Hospital Pedro II—. Em 10 de março de 1861 começou a funccionar o hospital no novo edificio, já em parte construido, ficando na antiga casa somente os loucos... *Hospital de Santa Agueda.* Collocado na travessa de João de Barros, no sitio que foi dos herdeiros do Brigadeiro Joaquim Bernardo de Figueiredo, foi sua creação auctorisada pela Lei Prov. n. 1.390 de 2 de maio de 1879 e inaugurado em 23 de novembro de 1884. Destina-se ao tratamento da variola e de outras molestias contagiosas. E' mantido pela Santa Casa de Misericordia. *Hospital Portuguez de Beneficencia.* Situado no logar denominado Cajueiro proximo á Magdalena, foi installado em 16 de setembro de 1855. Tem como padroeiro S. João de Deus. *Hospital dos Lazaros.* Em Santo Amaro das Salinas, fundado nos annos de 1713 a 1714 pelo padre Antonio Manoel, escrivão do visitador Padre mestre-escola João Maximo de Oliveira. Trouxe aquelle padre da pov. de N. S. do O' alguns pobres lazaros, que vagando a esmo pelo campo, os encontrara, recolhendo-os occultamente, a principio, em sua habitação, e depois em uma casa, que lhe deram nesta freg., na qual com esmolas e muito esforço os localizou publicamente, erigindo ao pé desse asylo um oratorio com a imagem, em painel, de N. S. da Soledade. O doador do terreno, acima referido, foi o capitão do regimento de linha do Recife, Eusebio de Oliveira Monteiro, e o local da casa o mesmo em que hoje está o collegio de S. José das irmans de Santa Dorothéa, communicando-se aquella com a egreja da Soledade por uma janella, donde os enfermos assistiam a todos os actos religiosos, e pela qual o sacerdote lhes ministrava o Sacramento da Communhão. Depois, o bispo D Luiz de Santa Thereza, emprehendendo a fundação do convento das freiras Ursulinas, tratou de obter o hospital, para realizar seu desejo, obrigando-se a construir outro mais commodo e apropriado. Começou o bispo as obras do recolhimento e, não tratando da construcção promettida do hospital, o governador Capitão General Luiz Diogo Lobo da Silva representou ao governo da metropole para que não consentisse prosseguir tal construcção, sem ser levado a effeito a do hospital, terminando essa questão, segundo dizem, pela doação feita de uma casa para os enfermos pelo mestre de campo Bento Corrêa de Sá. Em fins de Janeiro de 1761, o hospital deixou de ser no edificio da Soledade, pela installação das Ursulinas alli, crendo-se que a mudança fôra para o sitio em que está presentemente. Nesse anno, tendo passado o hospital a ser administrado por seculares, em consequencia do disputado litigio, cahiu em decadencia pela falta de zelo e dedicação com que anteriormente fôra dirigido. Era então Governador D. Thomaz José de Mello e desse aniquilamento em que jazia tão pia instituição, resolveu restabelecel-a, e reerguem-a, mandando concluir em 1789, o edifio existente, dando para sua manutenção o producto de certas multas creadas por elle, e nomeando thesoureiro, para arrecadação das rendas e applicação das despezas, a Domingos Affonso Ferreira. O retrato desse Governador existe no hospital como homenagem aos serviços que prestou de restaurador e bemfeitor. O hospital dos Lazaros, ao lado do poente da estrada de Luiz do Rego, na proximidade da ponte de Tacaruna, limita, pelo sul, com o sitio do Asylo de Mendicidade. A frente, que fica retirada 70m,00 da dita estrada, mede 35m,20 de extensão 5m,72 de elevação, sendo 4m, 40 da fachada propriamente dita, 1m,32 da sapata sobre a qual pousa todo o edificio, que é de um só pavimento... *Asylo de Mendicidade.* Fica situado á margem septentrional da estrada Luiz do Rego em Santa Amaro das Salinas e junto do Hospital dos Lazaros. Destinado a receber os mendigos que vagavam pela cidade, foi installado, primitivamente, em uma das enfermarias do Hospital Pedro II, por occasião da primeira visita que a Pernambuco fizeram os finados Imperadores no dia 23 de dezembro de 1859. Em favor deste estabelecimento, em 1868, a Lei Prov. de 17 de julho creou o imposto de 3% addiccional a toda a renda da ex-provincia *que não tivesse applicação especial para a manutenção de um Asylo de Mendicidade.* A Lei n. 832 de 22 de maio do mesmo anno determinou que o producto desse imposto fosse applicado á edificação ou preparo de um edificio em que se installasse o Asylo, e assim o vice-presidente em exercicio, Dr. Manoel do Nascimento Machado Portella, em 22 de outubro de 1869, comprou ao Commendador Antonio Gomes Netto, um sitio de terras com casa de vivenda, em Santo Amaro das Salinas, pela quantia de 25 contos, para onde foi transferido o Asylo de Mendicidade, em 25 de março de 1870. Augmentando o numero de mendigos e arruinando-se bastante a casa do estabelecimento, foi reconhecida a necessidade da construcção de outro edificio e lançada a primeira pedra em 25 de dezembro de 1872... Actualmente é dirigido por irmans de Caridade. Teve como seu capellão, o Dr. Geronymo Thomé da Silva, actual arcebispo da Bahia, que deixou o cargo ao ser nomeado Bispo do Pará.— *Jardim da Praça Maciel Pinheiro* (ant. Conde d'Eu). Foi assentada a primeira pedra em 12 de abril de 1872 e entregue ao publico em 7 de setembro de 1876. *Cemiterio Publico de Santo Amaro,* com uma capella e nella a imagem do Senhor Bom Jesus da Redempção. Guarda os restos do Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, Dr. Antonio Peregrino Maciel Monteiro (2º Barão de Itamaracá), Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa, monsenhor Francisco Muniz Tavares, autor da obra *Revolução de 1817,* fallecido em 1875, Dr. Joaquim Villela de Castro Tavares, jurisconsulto e autor das *Instituições de Direito Ecclesiatico,* fallecido em 1858; Capitão de fragata Manoel Antonio Vital de Oliveira, bravo da guerra do Paraguay, morto no combate de Curupaity em 1867 e autor do *Roteiro da Costa do Brasil,* além de diversos outros homens notaveis.— *Cemiterio dos Inglezes.* Edificado no bairro de Santo Antonio, ao N. do Cemiterio Publico e á margem da estrada de Luiz do Rego, passando-lhe junto a linha ferrea ingleza de Limoeiro. Foi aberto em 1852. Ahi repousam os restos mortaes do general José Ignacio de Abreu Lima, em cujo tumulo lê-se o seguinte epitaphio:

AQUI JAZ
O CIDADÃO BRASILEIRO
GENERAL
JOSÊ IGNACIO D'ABREU E LIMA
PROPUGNADOR ESFORÇADO
DA LIBERDADE DE CONSCIENCIA
FALLECEU EM 8 DE MARÇO DE 1869
FOI-LHE NEGAGA SEPULTURA
NO CEMITERIO PUBLICO
PELO BISPO
DOM FRANCISCO CARDOSO AYRES
LEMBRANÇAS
DE SEUS PARENTES

EGREJAS. A freg. da Bôa Vista contem os seguintes templos: *Matriz.* Collocada entre a rua da Imperatriz, Praça Maciel Pinheiro e em frente á entrada para a rua do Hospicio, está em pessima situação. E' um templo sumptuoso, com bella fachada de cantaria e foi concluido e solemnemente entregue ao culto religioso em 4 de maio de 1784. Nesta egreja, ao lado esq. da capella-mór, jaz sepultado o 15º Bispo da Diocesse D. Frei Thomaz de Noronha e Brito, fallecido em 9 de junho de 1847. Tambem descançam nesse templo, em jazigo, os restos mortaes de Felippe Nery Ferreira, um dos patriotas revolucionarios de 1817, e os do Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães. Funccionam nesta matriz as irmandades do SS. da Bôa Vista e a das Almas.

Santa Cruz, no largo do mesmo nome, foi erecta em 1711, tendo exercicio nella a Confraria do Senhor Bom Jesus da Via Sacra, instituida pelo Breve Pontificio, de Clemente XII, em 1732, e a Irmandade de Sant'Anna. *S. Gonçalo*, á rua de seu nome, construida em 1712, pelo Padre Antonio Pedro de Alcantara. *Gloria*. Templo e recolhimento de freiras, sob essa mesma invocação, situado no centro da rua Visconde de Albuquerque. Foi sagrado, em 1791, pelo Deão Manoel de Araujo Carvalho Gondim. Havendo sido esbulhadas do sitio Paraizo, nos Afogados, grande numero de religiososas, que alli viviam em communidade, o Padre Antonio da Cunha Pereira, em seu sitio, denominado da Gloria, lhes deu abrigo, sendo o respectivo Alvará de transmutação concedido, em 12 de maio de 1758, pelo Diocesano D. Francisco Xavier d'Aranha. Mas assim protegidas das intemperies, essas almas devotadas ao culto de Deus, não ficaram livres das garras da fome; e luctavam, debatiam-se nas vascas desse horror, quando um homem caridoso, que disto soube, o Deão Manoel de Araujo, sacerdote de preclaras virtudes, do patrimonio que herdara de seus progenitores, fez-lhes doação para que se instituissem em formal recolhimento. Elle mesmo iniciou a fundação, auxiliando-o nesse emprehendimento seu irmão o Padre Francisco de Araujo Gondim. Por morte do Deão, o que deu-se em 7 de dezembro de 1799, tendo sido sob sua protecção e iniciativa que construiu-se a Egreja, todos os bens delle, por testamento, ficaram para essa pia instituição, que conservou-se debaixo da direcção e regimen de seus fundadores até o anno de 1798, quando recebeu os estatutos dados pelo Bispo D. José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho. Os restos mortaes do Deão Manoel de Araujo jazem inhumados na capella-mór da Egreja . *Soledade*, situada no largo, que tem egual denominação, foi iniciada pelo Padre Antonio Manoel Felix que, obtendo por escriptura publica, lavrada a 4 de maio de 1714, a doação de um sitio que lhe fizera o capitão do Regimento da linha do Recife, Euzebio de Oliveira Monteiro e sua mulher D. Maria da Cunha Fonseca, para a fundação de uma capella e hospital de pobres *lazarinos*, com a declaração de ficar sem valor a escriptura de doação si não fossem cumpridos seus desejos, deu começo a seu intento com o auxilio de donativos de materiaes e de dinheiro e com licença do cabido. A primeira pedra, para a construcção da Egreja foi lançada em 28 de setembro de 1716, proseguindo as obras vagarosamente até 1718, quando a morte colheu o zeloso fundador que já cuidava de, logo após a conclusão do templo, edificar o hospital. Succedendo-lhe os padres Manoel Maximo, seu amigo e por elle criado, e João Moreira, foram terminadas as obras da Egreja e de suas dependencias para pousada dos padres seus administradores, collocando-se no altar-mór a imagem da Virgem da Soledade que deixara o Padre Antonio Manoel, e começaram os trabalhos da creação do hospital. Em 1845 e depois em 1871, foi reconstruida. *Conceição dos Coqueiros*, na rua da Conceição. Sua fundação é devida a Christovão do Rego Barros, que nella foi sepultado. *Rozario*, em frente á rua a que dá o nome. Foi sagrada em 1810. Nella estão os despojos do grande patriota de 1817, Gervasio Pires Ferreira. *Santo Amaro das Salinas*, no bairro do mesmo nome, ao lado oriental da estrada Luiz do Rego. Foi fundada em 1681, conforme se verifica de uma inscripção na parte posterior do arco da capella mór. *Piedade*, sita na rua do Capitão Lima, do mesmo bairo de Santo Amaro. Foi fundada por José Gonçalves Ferreira Costa em 1871. *Capella do Asylo da Mendicidade*, começada em 1880 e sagrada em 28 de julho de 1893; é da invocação de Santo Antonio. *Pontes*. A da Bôa Vista, entre as ruas da Imperatriz e do Barão da Victoria, começada a construcção em 1873 e entregue ao publico em 2 de dezembro de 1876; a de Santa Izabel, entre a rua da Aurora e a praça da Republica, aberta em 1863; a da via-ferrea do Caxangá, com passeios lateraes que dão transito á pé: todas essas ficam entre os bairros da Bôa Vista e Santo Antonio; a da Madgalena, na extrema occidental da freg., liga esta á de Afogados; a da Tacaruna, na estrada de Olinda e nos limites desse mun. com o do Recife; as do Hospicio, do Star, do Maduro, da estrada do Cemiterio, em Santo Amaro, e a do Paysandú, na estrada da Madaglena. *Passeios Publicos*. O jardim da praça Maciel Pinheiro, cuja primeira pedra foi assentada em 12 de abril de 1872 e aberto ao publico em 7 de setembro de 1876; e o Treze de Maio, cuja pedra fundamental foi lançada em 13 de maio de 1889. *Estradas de Ferro*. A linha do Recife á Varzea e Dous Irmãos, inaugurada em 5 de janeiro de 1866 e com a extensão de 25 kils. e 820 ms., tem na freg. as seguintes estações: Rua Formosa, Officinas, Soledade e Caminho Novo; e a do Recife a Olinda e Beberibe, inaugurada em 24 de julho de 1869 e cuja estação inicial é na rua da Aurora ».

BOA VISTA DA PASSAGEM. Arraial do Estado de Sergipe, no termo da Capella (*Almanak Sergipano*. 1901).

BOA VISTA DO CHUÊ. Séde de um dos dists. judiciarios do termo de Teffé; no Estado do Amazonas.

BOA VISTA DO PINHAL. Ribeirão do Estado de S. Paulo, banha a com. de Pirajú e desagua no rio Paranapanema. Recebe o corrego do Barranco Vermelho.

BOCA CALADA. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. de S. Gonçalo da Ponte e mun. do Bom Fim.

BOCA DA MATTA. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Codó. Ha outro log. do mesmo nome no mun. de Itapecurú-mirim.

BOCA DO CIPÓ. Log. do Estado da Bahia, na com. de Cannavieiras.

BOCA DO COPÊA. Log. do Estado do Amazonas, no mun. de Coary; com uma esc. mixta creada pelo Dec. n. 533 de 5 de novembro de 1901.

BOCA DO FURINHO. Log. do Estado do Pará, á margem esq. do rio Taiassuhy, mun. de Almeirim.

BOCA FUNDA. Rio do Estado do Maranhão, affl. do Gurupy. (Dr. G. Dodt).

BOCAINA. Serra no mun. do Jahú e Estado de S. Paulo.

BOCAITARA. Rio do Paraná. Em logar de Bocaitara leia-se Bacaitara.

BOCAMA. Cachoeira ultima no rio Itararé-guassú. affl. do Paranapanema pela margem esq.; no Estado de São Paulo. *Bocama* corruptela de *Pocá-mo* ou *Mbocá-mo*, torcida, De *pocá*, torcer, quebrar a fila com o suffixo *mo* (breve) para formar supino. (Dr. J. Mendes. *Dicc.* cit.)

BOCAYUVAL. Corrego do Estado de Matto Grosso, no mun. de Miranda.

BOCÓ. Morro no mun. de Itapetininga e Estado de S. Paulo. Esta palavra parece ser corruptela de *Mbo-cóg*. contraforte, arrimo, sustentaculo.

BOCÚ ou BUCÚ. Serra do Estado de Pernambuco, no Pov. de Alagoinhas. Tem 18 kils. de extensão. Em um dos contrafortes dessa serra existe uma enorme pedra, denominada pelos naturaes — *Pedra Furada* —, pelo furo consideravel que ella apresenta em uma altura de 3.100 pés sobre a planicie, formando assim um tunnel de 3.500 pés de diametro, 1.750 de raio, medindo toda a circumferencia 10.500 pés de comprimento. A área da circumferencia de tal pedra tunnel, dizem, alojaria um numero extraordinario de pessôas. Nas fachadas lateraes desta gigantesca pedra se encontram diversos animaes desenhados, dizem os habitantes que pelos hollandezes. *Bucú*, significa segundo Martius, longa.

BODE. Arraial do termo de Itaporanga, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano* 1901).

BODE. Serrote do Estado de Pernambuco, ao N. do pov. de Cimbres, primitiva séde do mun. deste nome.

BODE. Riacho do Estado de Pernambuco; corre no mun. da Floresta para o rio Pajehú. (S. V. Galvão, *Dicc.* cit.) Será differente de um outro por nós mencionado como affl. do rio S. Francisco?

BODOCÓ. Dist. policial do mun. do Granito, no Estado de Pernambuco.

BODOQUEIRA. Morro do Estado de Matto Grosso, no mun. de Corumbá.

BOEIRAS. Riacho do Estado de Pernambuco; nasce na serra das Russas e correndo de O. para E., busca o mun. da Victoria, atravessando a estrada de rodagem, na parte comprehendida entre esta cidade e o pov. S. João dos Pombos. (S. V. Galvão. *Dicc.* cit.).

BOERAREMA. Log do Estado da Bahia, no termo de Ilhéos, sobre o rio Sant'Anna.

BOGUASSÚ. Log. no mun. de Paranaguá e Estado do Paraná.

BOGUASSÚ. Pov. do Estado do Paraná, no mun. de Guaratuba, distante 32 kils. da séde do mun.; com escola.

BOI. Riacho do Estado de Pernambuco; nasce no logar Sitio dos Côcos, no mun. do Limoeiro e desagua na margem dir. do rio Capibaribe.

BOI. Rio do Estado da Bahia, banha o mun. de Cannavieiras e desagua no oceano proximo ao rio do Jacaré.

BOIÃO. Ilha no mun. de Cururupú e Estado do Maranhão.

BOI-COARA. Rio do Estado de S. Paulo, affl. do Ribeira de Iguape; no mun. de Iguape. Esta palavra é corruptela de *Mbo-quãr-a*, esburacado. De *mbo*, particula activa, *quar* buraco, fojo, poço, com o accrescimo de *a* (breve) por acabar em consoante. Allusivo a ter poços e peráos no leito.

BOIM. Corr. *mboim*, missangas, contas de vidro; Pará; o vocabulo pode ser porem de procedencia portugueza como se verifica do nome *Villaboim* (Dr. T. Sampaio).

BOIPEBA. Corr. *mboy-peba*, cobra chata (Anchieta); cobra venenosa (Dr. T. Sampaio).

BOIQUISSABA. Corr. *mboy-kiçaba*, ninho ou dormida de cobras (Dr. T. Sampaio).

BOIROIÇANGA. Corr. *mboy-iroiçang*, cobra fria. (Anchieta).

BOIS. Serra do Estado de Pernambuco, ao N. da cidade de Taquaretinga. Dão-lhe uma elevação de 400 metros acima do solo.

BOIS. Rio do Estado de Matto Grosso, affl. do rio Verde, no mun. de Sant'Anna do Paranahyba.

BOISSININGA. Corr. *mboy-cyninga*, cobra resonante, cobra chocalhante, a cascavel; altera-se não raro para *boici nunga* e *boiçununga* (Anchieta).

BOISSUCANGA. Ribeirão de S. Paulo. Accrescente-se no fim: O Dr. J. Mendes diz: « *Boissucanga*, nada tem com cobras e muito menos com as cabeças desses reptis. E' sim corrupção de *I-mbiaçá-cang-a*, rio cuja bocca é enxuta. De *i-mbiaçá*, barra ou bocca do rio, *cang*, enxuto, secco, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. Allusivo a espalharem-se suas aguas na praia, não tendo por isso foz ». « *Boissucanga*, diz o Dr. Theodoro Sampaio é corrupção de *mboy-oçú-a-canga*, a cabeça da serpente. »

BOITATÁ. Corr. *mboy-tatá*, fogo de cobra, ou fogo em forma de cobra, que outros traduzem: cobra de fogo; é a exhalação das materias putridas do cemiterio, fogo-fatuo. (Theodoro Sampaio). Couto Magalhães diz, que é um genio da mythologia indigena que protege os campos contra quem os incendeia, representado por uma serpente de fogo que reside n'agua, allusão, de certo, ao gaz inflammado dos pantanos. Anchieta explicou como corrupção de *mbaê-tatá*, isto é, cousa que é toda fogo.

BOITUVA. ou mais acertadamente *Boituba*. Serrote baixo, ou, antes, planura que se estende entre os rios Tieté e Sorocaba, até a affluencia deste naquelle; nos muns. de Porto Feliz e Tieté do Estado de S. Paulo. « Esta palavra, diz o Dr. J. Mendes, nada tem com cobras, como alguns suppôem, julgando ver nesse nome *mboi-tyba*, que significaria abundancia de cobras. *Boituba* é corruptela de *Mboi-tu-bo*, cortado a golpes. De *mboi*, cortar, despegar, apartar, despedaçar, *tú-bo*, verbal derivado de *tú* golpear, golpe com o suffixo *bo* (breve) para formar supino ». Com effeito, é essa uma extensa que os affluentes dos rios Tieté e Sorocaba cortam em sulcos mais ou menos fundos, algumas dezenas de metros abaixo do nivel geral das terras. No *Esboço geologico da região comprehendida entre os rios Sorocaba e Tieté*, pela Commissão Geographica e Geologica da Provincia de S. Paulo lê-se: « Na faixa comprehendida entre a cidade de Porto Feliz e as estações de Cerqueira Cezar e Boituva, uma grande mancha de terra roxa cobre estes grés e forma uma *extensa chapada cortada por pequenos valles e de altitude media de 600 metros* ».

BOJAGUA. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. de Nioac.

BOJUHY. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. do Diamantino.

BOLANDEIRA. Log. do Estado de Sergipe, no mun. do Soccorro. Ha um outro log. do mesmo nome no mun. do Riachão.

BOLANDEIRA. Log. do Estado da Bahia, no termo de Belmonte.

BOLANDY. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. de Bom Conselho.

BOLENA. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. de Silves.

BOM CONSELHO. Villa de Pernambuco. Em logar de villa leia-se cidade. Accrescente-se no fim: Foi elevada á categoria de cidade pela Lei n. 309 de 6 de junho de 1898.

BOM FIM. Log. do Estado do Maranhão, no mun. de Itapecurú-mirim.

BOM FIM. Passou assim o denominar-se o logar Samba, no mun. do Riachão do Estado de Sergipe pela Lei n. 266 de 2 de dezembro de 1897.

BOM FIM. Quarteirão incorporado ao dist. do Japi, no mun. de Jundiahy e Estado de S. Paulo, por Acto de 5 de Maio de 1891.

BOM FIM. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. do Rio Preto e mun. de Diamantina.

BOM FIM. Ribeirão do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Jaboticabal e desagua no rio Mogy-guassú.

BOM FIM. Ribeirão do Estado de Minas Geraes, affl. do Lontra, que o é do rio Pomba; no mun. deste nome.

BOM FIM. Cidade do Estado da Bahia. Accrescente-se no fim: Ao Jornal do Commercio enviei a seguinte descripção:

« Regressando da cidade do Joazeiro, parei na estação de Villa Nova, no kilometro 321.993 de Alagoinhas ou 411.117 da cidade da Bahia e a 518^{m},936 de altitude. A estação fica na cidade do Bomfim.

Vista da estação, a cidade apresenta uma das mais bellas e encantadoras paizagens que tenho comtemplado.

Está situada na serra da Saúde, que vem em suaves declives morrer nas partes mais baixas da cidade.

Da estação desce-se para uma bacia ou valle, onde se construiram as primeiras habitações. Propriamente a cidade está construida em uma ramificação que a serra deita para sudeste.

E' cercada pelos morros denominados: Engenho Velho, Grunga, Maravilha, Cruzeiro, Gado Bravo e Mocó e

banhada pelos riachos Grunga e Maravilha. Na sexta-feira da Paixão costuma o povo fazer uma romaria ao morro do Cruzeiro.

Suas ruas são sujas, umas bastante largas, outras estreitas, muito poucas rectas, a mór parte sinuosas, com beccos estreitissimos e quasi todas sem calçamento e sem passeios cimentados. São em numero superior a 20, entre as quaes notam-se a Barão de Cotegipe, Rio Branco, Conselheiro Franco, Fernandes da Cunha, Pedro Mariani, com o bello predio do cidadão Simão Esteves; Duarte, Salomão, Caminho da Fonte, que termina no tanque municipal, Cemiterio e outras.

Seus predios, em numero de 1.500, são na sua maioria antigos e terreos. Ha alguns bonitos e muitos feitos a *supapo*.

Suas praças principaes são: a Benjamim Constant, com a fórma de um quadrado, bastante vasta, muito descurada, e com bons predios, entre os quaes o lindissimo chalet do cidadão Manoel Góes; a Felix Angelim, outr'ora Dr. José Gonçalves, tambem vasta de fórma rectangular, arborisada, suavemente inclinada, com diversas casas commerciaes, uma pequena capella do Cruzeiro consagrada a Nossa Senhora da Conceição e um grande Cruzeiro na frente: é nella onde se effectuam as feiras aos sabbados; a Praça da Matriz, com a egreja matriz, o Paço Municipal e o bello predio do Coronel Francisco José de Freitas; a do Chafariz ou da Feira Velha, com um bonito chafariz, construido em 1892, e a estação da estrada de ferro; a Coronel Tamarindo, onde existe, em fórma de torreão japonez, um reservatorio, que abastece de agua o chafariz e a estrada de ferro; e a do Theatro, pequena, de fórma triangular, onde existe o theatro em construcção.

A cidade conta poucos edificios publicos, apenas a Matriz, a Casa do Conselho e a Estação da Estrada de Ferro do Prolongamento.

Tem dous medicos, duas pharmacias, cinco engenheiros, seis advogados formados e um provisionado, duas philarmonicas, a 25 de Janeiro e a União e Recreio, dous hoteis, um açougue municipal, 55 casas commerciaes e uma typographia, onde se imprime o periodico *O Futuro*, devendo apparecer brevemente um outro, *A Cidade do Bomfim*.

A pop. da cidade é de 12.000 habs. e a do mun. de 30.000.

Infelizmente a cidade não tem hospital de caridade, não tem agua canalisada, nem esgotos e não é illuminada.

A população abastece-se de agua no unico chafariz, que tem a cidade, pagando todas as vezes que vai buscar o precioso liquido vinte réis.

A Camara tem seis contos de réis para illuminação; no entretanto a pop. nas noites em que não ha luar, serve-se de lanternas ou transita em plena escuridão pelas ruas da cidade, dando encontrões uns nos outros, escorregando aqui e alli e encontrando sómente as suas residencias pelo longa pratica que têm de nellas penetrarem.

A cidade tem evoluido naturalmente, não pelo esforço dos seus habitantes, que são muitos inertes, sem iniciativa e sem o menor estimulo de progresso. E' assim que o Dr. Costa Pinto ha mais de 12 annos alenta a humanitaria idéa da fundação de um hospital. Pois bem, tem distribuido listas para angariar donativos, e até hoje nem um real recolheu para tal fim.

Vê-se que na cidade se desconhece completamente o altruismo.

Ha na cidade um cemiterio, com uma capellinha, o qual, apezar de sua boa posição, exige comtudo a construcção de um novo, por já se achar hoje quasi encravado na cidade.

O clima da cidade é temperado, subindo o thermometro, no verão, a 31° á sombra, e no inverno a 22°.

Nas mudanças de estações, as molestias reinantes são, na passagem do inverno para o verão, das vias respiratorias, taes como: bronchites, pneumonias, pleuro-pneumonias e pleurizias; na passagem do verão para o inverno as febres, que tem assumido, por diversas vezes, o caracter grave das febres remittentes biliosas, tendo grassado, uma só vez, em 1888 com caracter epidemico e chegando a tomar um caracter thyphico.

No quadro nosologico encontram-se frequentemente as conjunctivites granulosas, devido ao uso da celebre planta *umbú*, na passagem do inverno para o verão.

Ha ainda muita syphilis, que se manifesta em todos os periodos da molestia.

A matriz é um templo mediocre e tem duas torres, cinco janellas, tres portas e um grande Cruzeiro na frente.

Tem a capella-mór com um altar, cujo throno é occupado pelo Senhor do Bomfim. Na nave, que é muito baixa, ha um painel com Jesus Christo Crucificado.

No corpo da egreja ha dous altares, o do lado do Evangelho com as imagens de Nossa Senhora da Conceição, do Sagrado Coração de Jesus de Santa Anna, S. José, e o do lado da Epistola com as de Nossa Senhora do Rosario, S. Miguel, Santo Antonio e S. Joaquim; tem um só pulpito e o côro com um harmonium; não tem tribunas e o fôrro é de telha vã.

Do lado direito fica uma capellinha de Nossa Senhora das Dôres, e do lado opposto a sacristia.

O edificio da Camara Municipal é solido, bem situado e composto de dous pavimentos.

Não consegui penetrar nelle, por encontral-o fechado, no sabbado.

Não puz os olhos em cima, nem do intendente nem do secretario.

Eis por que a cidade está carecendo de asseio, de illuminação, offerecendo um verdadeiro contraste com a esplendida natureza que a cerca.

Os arrabaldes da cidade são: Aleijada, Pernambuquinho, Buriá, Maravilha, Abarracamento, Cumbe, Engenho Velho, Alexandres, Alto do Cemiterio e Bandeira.

Em uma explanada, que fica em frente á estação, fica um reservatorio a 3.250 metros distante da cidade e 4.000 metros de sua nascente. Compõe-se de uma bôa e solida caixa d'agua de alvenaria de pedra com argamassa de cimento. Della vai agua para um reservatorio em frente da estação de Villa Nova, por meio de tubos de ferro, sendo a differença do nivel entre a caixa d'agua e o reservatorio de 20 metros. No reservatorio existem dous tubos de sahidas, um para uma caixa de ferro, onde se abastecem os trens, e outro para um chafariz onde se abastece a pop. da cidade.

Esta obra foi construida em 1892 pela Administração da Estrada.

Na cidade funccionam duas escolas estadoaes e quatro municipaes.

O mun. limita-se, ao N. com o de Capim Grosso, á E. com os de Monte Santo e Queimadas, ao S. com o de Campo Formoso e a O. com o mun. deste nome e o de Jacobina.

Divide-se em tres dists., tendo as seguintes povs: Catuny, Jaguarary, Itú-mirim e Angico, que são estações da estrada de ferro no caminho de Joazeiro, Cariacá e Tiririca, estações da mesma estrada no caminho de Quéimadas; Carrapichel, Estiva, Catuabas, Canôa, Cachoeirinha, Umburanas, Santa Rosa, Varzinha e Missão do Sahy, que foi a séde da antiga villa da Jacobina, hoje com as ruinas de um antigo convento e uma escola mixta.

Regam o mun. os rios Poço Comprido e Poção, na bacia do S. Francisco, o Itapecurú-mirim, que recebe o Combucas, Catuny, Brejo, Cachoeira, e Engenho Velho.

O Grunga, o Mocó (bicho que róe, animal roedor, *Cavia rupestris*) e o Maravilha, cabeceiras do Cariacá, que entra no Itapecurú-mirim 42 kils. distante da cidade do Bomfim ao nascente; o Coité (vaso real, verdadeiro, capaz), que entra no Cariacá. (1)

As serras do mun. são ramificações das serras da Fumaça e dos Milagres. Estas serras tomam os nomes de Saúde, Grunga, Gado Bravo, Mocó, Anjo, Boqueirão, Umburanas, e Engenho Velho. A serra da Itiuba tambem atravessa o mun.

Cultivam-se em grande escala café, fumo, canna de assucar, arroz, milho, feijão, mandioca, fructas da zona tropical, hortaliça, batata doce, ricinos branco e vermelho. Inicia-se com vantagem a cultura de batatas dos Andes, impropriamente chamada batata ingleza e que é conhecida em Minas pelo nome de batatinha.

Na zona pastoril do mun. cria-se gado vaccum, cavallar, lanigero, caprino e suino, havendo já ensaios de melhoramento de raças, iniciado pelos Drs. Teive e Argollo e José Gonçalves.

Ha grandes extracção de hervas medicinaes, fibras textis e de mel de abelhas.

Fabricam-se: aguardente de canna, rapaduras, farinha de mandioca, velas de composição, rêdes, chales de algodão,

---

(1) O Missão nasce neste municipio no Brejo do Telles e com o nome de Puba vai desaguar no Agua Branca, tributario do Aipim, que o é do Itapecurú, ou municipio do Campo Formoso.

chapeus de palha e couro, arreios, carne de sol, doces e muitos outros productos.

A industria ceramica, comquanto imperfeita na fabricação de vasilhames de louça, é entretanto boa no tocante a materiaes de construcção, como tilojos, telhas, ladrilhos, etc.

Possue o mun. minas de cobre, manganez, ferro, mercurio, chumbo, alumen e ouro. Encontram-se tambem diamantes e outras pedras preciosas, principalmente nas serras do Grunga, do Mocó, do Boqueirão e do Gado Bravo. Ha ainda marmores, pedras calcareas e tabatinga de diversas côres.

Exporta café, tabaco, cereaes, batatas, carne de sol, requeijões, aguardente, rapaduras, farinha de mandioca, sabão, resinas, oleos, hervas medicinaes, gado em pé e diversos outros productos.

A actual cidade do Bomfim foi em 1795 elevada a julgado pelo Ouvidor Geral Florencio José de Moraes e por carta de D. Fernando José de Portugal, elevada a villa. Foi installada em 1 de Outubro de 1779. Freg. collada por Alvará de 12 de Dezembro de 1812. Termo separado de Jacobina em 1855. Com. pela Lei n. 1.727, de 21 de Abril de 1877, sendo installada em 20 de março de 1878. Elevada a cidade pelo Lei n. 2.499 de 28 de Maio de 1885, foi installada em 7 de Janeiro de 1887.

Teve por alguns dias de 1890, o nome de Cidade da Revolução.

A declinação media local da agulha magnetica é egual a 6°NO.

BOM GALLOPE. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Viamão; com escola.

BOM GOSTO. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Agua Preta, proximo da estação de Cuyambuca da E. de F. S. Francisco.

BOM GOSTO. Log. do Estado de Minas Geraes, no mun. de Grão Mogol.

BOM GOSTO. Ilha do Estado do Maranhão, no mun. de Cururupú, entre a foz do rio Urú e a do rio Tury-assú.

BOM JARDIM. Log. do Estado do Maranhão, no mun. de Itapecucú-mirim.

BOM JARDIM. Pov. do Estado de Pernambuco, no mun. do Exú, com uma capella de N. S. da Conceição.

BOM JARDIM. Log. do Estado da Bahia, no mun. de Cannavieiras, á margem do rio Pardo.

BOM JARDIM. Pov. do Estado da Bahia, na ilha de Itaparica.

BOM JARDIM. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Pomba.

BOM JARDIM. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

BOM JARDIM. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco; no Estado da Bahia. Fica naquelle rio entre as estações do Riacho de Canôas e da Extrema do Urubú, e a 602 kils. da cidade do Joaseiro.

BOM JARDIM. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. do Sumidouro.

BOM JARDIM. Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. do Pomba.

BOM JARDIM. Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. de Guanhães.

BOM JARDIM. Ribeirão do Estado do Rio de Janeiro, banha o mun. de Santo Antonio de Padua e desagua na margem dir. do Pomba. E' tambem conhecido por Eva.

BOM JARDIM. Nascente d'agua no serrote divisorio das aguas do rio Tieté com seu affl. Cabuçú, no mun. de Conceição dos Guarulhos e Estado de S. Paulo.

BOM JARDIM. Arroio do Estado do Paraná, no mun. de Jaguaryahiva.

BOM JARDIM. No dia 18 de janeiro de 1902 tomei em Sant' Anna do Maruhy o trem de passeio da estrada de ferro da Leopoldina, em direcção á aprazivel cidade de Nova Friburgo.

Dpois de passar por S. Gonçalo, Porto das Caixas, Sant'Anna de Japuhyba e Cachoeiras, cheguei áquella cidade ás 7 horas da noite.

Em Cachoeiras vi o cemiterio que guarda os ultimos despojos do meu amigo Dr. Aristides da Silveira Lobo; fallecido em uma situação, que, proximo á estação, possue o Dr. Demosthenes Lobo.

Pernoitei em Nova Friburgo e no dia 19 dirigi-me para Bom Jardim. Depois de passar pelas estações de Conselheiro Paulino e Rio Grande e parada do Banquete, cheguei a Bom Jardim á 1 hora da tarde.

Da estação do Rio Grande á villa do Bom Jardim a natureza do terreno muda de aspecto. Vêm-se bonitas e novas lavouras de café e muitas plantações de milho, o que demonstra a uberdade do solo. A estrada vai sempre margeando o rio Grande, que corre sobre um leito empedrado, formando lindas quédas de agua.

Nessa villa tive a enorme satisfação de abraçar o meu antigo discipulo Luiz Corrêa da Rocha Sobrinho, que obrigou-me a deixar o hotel e offereceu-me em sua casa a mais fidalga hospedagem. A poetica vivenda desse meu amigo fica ao lado de uma importante usina de beneficiar café, distante um kilometro da povoação, junto á confluencia do ribeirão Floresta com o rio Grande, e a uns 200 metros da mais importante cachoeira formada por este ultimo rio.

A villa do Bom Jardim está a 480 metros de altitude e fica em uma profunda baixada, cercada pelos morros das Aguas Claras, da Caixa d'Agua e do Bom Jardim, banhada pelo ribeirão Floresta, que nasce na fazenda de Luiz Monnerat, a 138 kils. da estação de Sant'Anna do Maruhy e 28 de Friburgo.

A pov. é muito nova, mas já apresenta um certo progresso.

Conta apenas cinco ruas, uma avenida e uma praça. Tem 114 predios, na sua generalidade terreos, salientando-se, porém, o palacete do commerciante Alfredo Friedman. As ruas não são calçadas e são illuminadas a kerosene.

Tem cinco medicos, uma pharmacia, um hotel, duas casa com bilhares, dous açougues, tres padarias, tres alfaiatarias, tres sapatarias e 12 casas de fazendas e molhados.

A população da villa é de 600 habs. mais ou menos.

Os edificios publicos são a Matriz e a Casa da Camara.

A Matriz é modesta no exterior; não tem torres. O interior, porém, é alegre e excita pela sua simplicidade a meditação dos fieis.

Tem o altar-mór com a imagem de N. S. da Conceição, Padroeira, e mais dous lateraes, com o Sagrado Coração de Jesus e N. S. do Rosario. Aos lados do altar-mór acham-se, em dous nichos, Santo Antonio e S. José; e no altar de N. S. do Rosario as imagens de S. Benedicto e S. Sebastião. Possue ainda o côro com um harmonium, um pulpito volante e a pia baptismal.

A Camara funcciona em um predio, baixo na frente e assobradado nos fundos. Tem a sala de sessões da Camara e do Jury, uma pequena bibliotheca e a secretaria. E' illuminado a gaz acetyleno.

Possue mais o predio em que funcciona o *Club Dramatico Bom Jardinense*, modesto ponto de recreio para os habitantes. Tem uma sala de espectaculo, com scenarios e platéa: esta contém 20 bancos para cinco pessoas cada um. O panno de bocca representa a ilha Fiscal, situada na bahia Guanabara.

Na villa imprime-se o *Bom Jardinense*, em cuja typographia existe um prelo de 1822, no qual, disseram-me, imprimio-se o 1° numero do *Jornal do Commercio*.

Ha em todo o mun. quatro usinas de beneficiar café, além de diversos engenhos nas fazendas.

A mais bem montada é a do Sr. Rocha Sobrinho, distante um kil. da villa. Dispõe de catadores, burnidores, des-

cascadores e separadores, todos movidos por um motor hydraulico da força de 16 cavallos. Annexas á usina existem uma officina de carpintaria, e uma outra de ferraria para attender aos reparos dos machinismos. Possue ainda uma montagem para torração de café, com os apparelhos mais modernos, que permittem a producção de 80 arrobas diarias.

A usina é illuminada a gaz acetyleno, cujos apparelhos foram fabricados na usina pelo seu proprietario.

A villa é abastecida de excellente agua, oriunda da serra de Santa Thereza e na distancia de oito kils. E' toda canalisada em tubos de ferro para todas as casas particulares e alimenta um unico chafariz, situado na praça Dez de Dezembro.

Ha em todo o mun. quatro escs. estadoaes, sendo duas na séde da villa e duas no segundo dist. A municipalidade mantem seis escs., todas do sexo masculino: na Penna, Barra Alegre, Rio Grande, Capivary, S. José do Ribeirão e Itaoca.

O mun. limita-se com Friburgo, Cantagallo, Duas Barras, S. Francisco de Paula e Macahé.

A lavoura unica e exclusiva é a do café, cuja producção ascende a 80.000 saccas annualmente, com tendencia para augmentar pois a lavoura é nova.

A exportação em 1901 foi de 63.400 saccas.

As fazendas mais importantes do mun. são a do Jequitibá, Santa Barbara, Rancharia, Aguas Claras, Corrego Sem Ponte, S. João, São Mathias, Goiabal, Rio Grande, Monte Verde, Triumpho, Penna, Manhã, Santo Antonio e Bom Jardim.

As serras mais importantes do mun. são: a de Macabú, nas divisas com S. Francisco de Paula, Macahé, Portão, Santa Rosa, Zig-Zag, Santa Thereza e Nascentes. Na serra Santa Thereza ha uma enorme pedra da qual despenha-se a cascata do mesmo nome.

E' o mun. bem regado; dentre seus numerosos rios destacarei os seguintes: o Grande, que atravessa todo o mun., recebendo nelle o Banquete, o S. José (que atravessa a pov. do S. José do Ribeirão e recebe o S. Domingos e Almas, o Bussinger, Maxambomba, Ocirema, Jaracatiá, Santa Angelica, Laranjal e Amparo), o Santo Antonio (que atravessa a pov. da Barra Alegre e desagua no logar denominado Barra Grande e recebe os corregos da Onça e da Lage), o Santa Cruz, o Santa Thereza, o Floresta, o das Aguas Claras e o do Soccorro. Vai reunir-se ao rio Negro na fazenda da Barra, dous kils. acima do dist. da Conceição da Ponta Nova, formando o Dous Rios, trib. do Parahyba. O Flores, affl. do Bengalas, nos limites do mun.,; o Rosario, affl. do Banquete, o Macuquinho, que desagua no Negro no dist. do Macuco com este nome; e o Capitão, affl. do S. Domingos e Almas.

Tem o mun. a lagôa do Rosario, sobre a pedra do mesmo nome; e a gruta Mão de Luva, gruta subterranea sobre o rio S. José na confluencia com o rio Grande.

E' assim chamada por nella ter-se occultado o primeiro explorador de ouro nessas paragens.

O mun. comprehende os dists. da villa e de S. José do Ribeirão, e os povs. denominados: Barra Alegre, Banquete (estação), Chave do Jequitibá (parada), Amparo, Ponte Berçot, Holophote, Penna, Capivary e Itaoca.

O dist. de S. José do Ribeirão foi elevado a villa pelo Dec. de 6 de julho de 1891, rebaixado dessa categoria pelo Dec. de 28 de maio de 1892 e restaurado pelo de 17 de dezembro do mesmo anno que mudou-lhe a séde para Bom Jardim.

Foi installado o mun. a 5 de março de 1893.

BOM JARDIM DO GENIPAPO. Log. do Estado da Bahia, na com. do Mundo Novo.

BOM JEJUM. Arraial do Estado de Pernambuco, a nove kls. da cidade do Limoeiro, a cujo mun. pertence.

BOM JESUS. Log. todo povoado, na praia e na parte S. da ilha de Itamaracá, onde existe uma Egreja da invocação do Menino Jesus; no Estado de Pernambuco. De longe offerece ao observador uma bella vista, de arvoredos sempre verdes, enchendo toda a extensão da costa immenso coqueiral. Essa pov. é grande mas desalinhada e toma, conforme a situação, diversos outros nomes como: S. Paulo, Rio do Ambre e Santa Cruz. Tambem o denominam *Bom Jesus da Praia.* (S. V. Galvão. *Dicc.*)

BOM JESUS. Arraial do Estado da Bahia, proximo á cidade do Urubú, com uma capella sob a invocação de N. S. da Guia, construida por Cypriano Mariano de Araujo. Fica na margem dir. do rio S. Francisco.

BOM JESUS. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Flores, com regular elevação. E' notavel por conter varios mineraes. Nella se encontra uma jazida de giz de varias côres.

BOM JESUS. Vallão trib. da margem dir. do rio Parahyba do Sul; no mun. de S. Fidelis e Estado do Rio de Janeiro.

BOM JESUS. Arraial fundado por Mathias de Albuquerque, em Pernambuco. Accrescente-se no fim: Fica no dist. da Varzea, a seis kils. distante da cidade do Recife, no sitio chamado Retiro. Ahi, em 1646, foi erguida uma fortaleza que serviu de principal baluarte da insurreição pernambucana, contra o dominio hollandez, da qual se conservam ainda de pé tres bastiões, duas escarpas bem pronunciadas, a do sul e a de leste, o largo fosso que a circumdava; se observa tambem o antigo leito do Capibaribe, com as aguas do qual se enchiam os fossos; juntamente mal tapada, bem no centro da quadra, a funda cacimba de agua potavel; e finalmente, ao longe uma crescida orla de matto, por onde era o fosso exterior, que guardava e abrigava a pov. á sombra da fortaleza. Para assignalar a topographia do logar onde existiu a fortaleza do *Novo Arraial do Bom Jesus,* o Instituto Archeologico, em 1867, precedendo a nomeação de uma commissão que estudasse com segurança o local onde foi situado aquelle arraial, mandou erigir alli uma columna de tijolo com a seguinte inscripção:—*Aqui se levantou, em 1646, a fortaleza do Novo Arraial do Bom Jesus. Em 1867, o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano verificou o logar, com toda authenticidade e mandou levantar esta memoria. O presente honra e glorifica aos benemeritos do passado*—. Desta forma se chegou á evidencia que o autor das *Memorias Historicas de Pernambuco,* J. B. Fernandes Gama enganou-se quando localisou o arraial e a fortaleza do Bom Jesus a duas e meia leguas do Recife, em Tigipió, no logar Gargantão, dependencia do sitio Cavalheiro; entretanto que o autor do *Castrioto Luzitano,* Frei Raphael de Jesus, cuja obra foi publicada em 1679, isto é, 33 annos depois, assignala um ponto na planicie da Varzea, a seis kils. do Recife, sendo a indicação desse escriptor accorde com o que achou a commissão (Vide *Rev. do Inst. Arch.* n. 14 pags. 91 a 101).

BOM JESUS. Ilha na bahia do Rio de Janeiro. Accrescente-se no fim: A ilha, que estende-se de E. a O. tem de comprimento pouco mais de tres kils. e foi primitivamente de propriedade de D. Ignez de Andrade, nora do Capitão Francisco Telles Barreto, que a doou, em 1705, aos religiosos franciscanos, afim de ahi estabelecerem um hospital para convalescentes, dos mesmos religiosos, e na construcção da Egreja e dos edificios annexos trabalharam muitos religiosos, que eram artistas. Antes de ser o Asylo de Invalidos estabelecido na ilha passou o convento por diversas phases. Em 1824 os frades cederam o convento para Hospital da Marinha de Guerra; em 1830 passou a servir de Hospital dos Lazaros; em 1850 foi Hospital dos atacados de febre amarella, tendo-se construido na base da escadaria que conduz á Egreja um pequeno cemiterio; em 1852 fundou-se ahi um pequeno recolhimento e casa de educação das Irmans do Santissimo Coração de Maria, estabelecimento que pouco durou, por terem fallecido irmans e frades e outras pessoas que foram sepultadas no já alludido cemiterio, no qual existiu em tempo um grande cruzeiro de pedra. Em 1853 foi Hospedaria de Immigrantes; em 1855 serviu de hospital de cholericos, continuando, depois da epidemia, em Hospedaria de Immigrantes; em 1865 foi quartel dos diversos corpos de voluntarios da Patria em transito para a guerra do Paraguay; e em 1866 serviu de Hospital de Marinha. Em 1867 passaram os invalidos do exercito, que se achavam na fortaleza de S. João, para o edificio do convento, onde tambem se alojavam as praças que vinham do norte com destino á guerra. Em 15 de outubro de 1868, depois de terminadas as obras para adaptação do Asylo foram os Invalidos da Patria, que estavam na Armação, transferidos

para o novo Asylo nessa ilha. A Ordem Franciscana cedeu para o estabelecimento do Asylo o pequeno convento ahi existente, mediante 60 apolices de um conto de reis cada uma, ficando, porem a Egreja e uma das cellas do convento sob immediata disposição da Ordem. A ilha foi comprada a Alexandre Wagner pela quantia de 97:000$000. Foi o Asylo dos Invalidos da Patria fundado no Rio de Janeiro em 25 de fevereiro de 1865 e inaugurado nessa ilha em 29 de julho de 1868. Por occasião da inauguração do Asylo publicou o *Jornal do Commercio* a seguinte noticia.

« O antigo convento da Ilha do Bom Jesus está completamente transformado. A egreja, restaurada, apresenta um lindo aspecto, já pela sua situação no alto da eminencia em que foi construida, já pela singeleza interna de sua decoração.

Aos lados do corpo da egreja, tanto no primeiro como no segundo pavimento, ha vastissimos dormitorios, destinados sómente a este fim, e não á persistencia diaria dos invalidos, como succede nas companhias ou dormitorios dos quarteis, que são o unico abrigo dos soldados. Existem ao fundo, convenientemente construidas, as latrinas, quer de um quer de outro pavimento.

A cozinha, despensa e accomodações annexas estão de certo modo isoladas, mas com perfeito nexo com os dormitorios do grande edificio do refeitorio, cuja grandeza, de 221 palmos de fundo e 45 de largo, permitte que se accomodem á mesa em um só pavimento todos os invalidos.

O segundo pavimento deste edificio, meio chalet, é destinado a sala de recreio e descanso dos invalidos, sendo o terceiro pavimento morada do Commandante.

Esta grande peça do Asylo, avarandada na frente, lembrará sempre pela sua decoração externa aos nobres soldados que alli têm de entrar muitas vezes os mais queridos nomes dos seus chefes, soldados como elles e amigos seus, porque a gloria que os ennobrece é tambem obra de seus feitos e valentia.

Sobre a porta da entrada, que fica ao centro do edificio, aberta em marmore, lê-se a seguinte inscripção:

« *D. Pedro II, Imperador do Brasil e Perpetuo Defensor, mandou erigir este Asylo para os bravos que ficarão mutilados na defesa da Patria. 1868.* »

A' direita da inscripção, em outra pedra marmore, vê-se gravado em um brazão o memoravel *29 de julho de 1868*, dia da inauguração, e á esquerda em posição áquella está uma pedra em branco, na qual se ha de gravar a data do dia em que a nação, volvendo ao seio da paz, houver terminado esta guerra a que fomos provocados pelo Governo do Paraguay.

No segundo pavimento, sobre as vergas das tres janellas da frente, ha tres escudos, tambem de marmore, com as seguintes inscripções — no do centro *Marquez de Caxias*, no da direita *General Polydoro* e no da esquerda *Visconde de Herval.*

Sobre as janellas do terceiro pavimento gravárão-se em identicos escudos, no centro, *Conde de Porto Alegre*, á direita *Barão do Triumpho* e á esquerda *General Argolo.*

No ponto mais elevado da eminencia, em que está assentado o Asylo, construio-se uma caixa d'agua de recepção e distribuição, a qual, alimentada por um encanamento submarinho, o primeiro talvez que se faz na America, derivado da Caixa de S. Christovão, e submergido da Ponta do Cajú até a ilha, fornecerá agua sufficiente a todas as necessidades do estabelecimento.

Ao desembarcar-se na ilha, está a 180 palmos distante do futuro cáes um vasto edificio de dous pavimentos, levemente assobradado, tendo 260 palmos de frente e 80 palmos de fundo, de onde partem duas alas que se alinhão pelo lado do edificio em uma extensão de 60 palmos de comprido e 45 de largo.

A direita desta grande habitação está designada, no pavimento inferior, para as irmãs de Caridade, tendo em cima a enfermaria bem ventilada, que é um grandissimo salão com capacidade para 60 leitos, pelo menos. Ha annexos, salas de banho, latrinas, etc. Na ala da direita está a cozinha das irmãs de Caridade, suas dependencias e bem assim a sua capella particular.

A esquerda é reservada para a Secretaria, arrecadação, Casa da Ordem, Estado-Maior, Botica, tendo tambem embaixo uma cozinha e refeitorio para os officiais invalidos, cujos aposentos são no pavimento superior.

A' entrada, sobre o patamar da escada principal, está em uma pedra a seguinte legenda: « *No reinado do Sr. Dom Pedro II, sendo Ministro da Guerra o Conselheiro João Lustosa da Cunha Paranaguá, erigio-se este edificio — 1868* ».

Ao fundo desta casa e a conveniente distancia ha um gazometro, assentado pelo Sr. Dutton, e que dará luz para todos edificios, perfeitamente illuminados.

Todos os edificios serão guardados por *pára-raios*, que por falta de tempo não foram assentados, mas que estão promptos. »

BOM NOME. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do rio Ipojuca, no mun. de Cimbres.

BOM RETIRO. Arroio do Estado do Paraná, no mun. de Jaguaryahiva.

BOM SUCCESSO. Log. do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Valença, na estrada que vai do Desengano á Barra do Pirahy.

BOM SUCCESSO. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Flores e desagua no rio Pajehú. Recebe o riacho Cannabrava.

BOM VIVER. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. do Pinheiro, á beira dos campos da Chapada, a seis kils. (José Ribeiro do Amaral. *O Estado do Maranhão em 1896*).

BONINA. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. do Granito.

BONITINHO. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Anajás. Vae para o rio Guajará.

BONITO. Morro do Estado da Bahia, no mun. de Minas do Rio de Contas. Faz parte da serra das Almas

BONITO. Riacho do Estado da Bahia, no mun. de Minas do Rio de Contas.

BONITO. Rio do Estado de S. Paulo, banha o mun do Rio Bonito e desagua na margem esq. do rio do Peixe

BONITO. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Grande ou Jurubatuba.

BONITO. Arroio do Estado do R. G. do Sul, affl. do Grande, que o é do rio Cahy. A' margem dir. desse arroio fica a linha Araripe.

BOPY. Morro no dist. de N. S. do O', no mun. da capital do Estado de S. Paulo. Esta palavra é corruptéla de *Bi-pi*, erecto e torneado; De *bi*, levantar, alçar, *pi* tornear E' da mesma fórma do morro Jaraguá; porem é muito menor que este.

BOQUEIRÃO. Assim se denomina no mun. da Muribeca e Estado de Pernambuco, a uma faixa de terra firme, contendo 100 passos de largura, estreita na entrada, entre a tremedal de uma lagôa e o sopé de um dos montes Guararapes, que olha para o lado oriental. E' um local memoravel na luta hollandeza, um ante-mural inexpugnavel onde os aguerridos generaes do exercito libertador acamparam suas tropas, e ao qual Roberto Southey, em sua *Historia do Brasil*, comparou ao passo das Thermopylas. O Visconde de Porto Seguro, em sua *Historia Geral do Brasil*; Fr. Raphael de Jesus, autor do *Castrioto Lusitano*, impresso em 1679; o Conde de Erecura, na obra *Portugal Restaurado*, escripta em 1750, todos fallam no Boqueirão e o descrevem. Esse logar, em 1859, quando D. Pedro II visitou pela primeira vez o Estado, foi tambem honrado com a presença do monarcha. A respeito dessa paragem existe ainda publicada uma *Memoria*, escripta pelo archeologo pernambucano, o Padre Lino do Monte Carmello Luna, na *Rev. do Inst. Arch. Pernambucano* n.15 de 1867.

BOQUEIRÃO. Log. do Estado do Maranhão, no mun. de Itapecurú-mirim.

BOQUEIRÃO. Pov. do Estado de Pernambuco, no mun. de Cabrobó.

BOQUEIRÃO. Log. do Estado de Matto Grosso, no dist. da Chapada e mun. da Capital, cortado pela linha telegraphica.

BOQUEIRÃO. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, no Estado da Bahia. Fica no rio Grande, a 545 kils. distante do Joazeiro, entre as estações do Desterro e da Conceição.

BOQUEIRÃO. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Bezerros, proxima das da Maravilha, Jaboticaba, Jurubeba e Mondé.

BOQUEIRÃO. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Panellas e proxima das da Saccada e Bica.

BOQUEIRÃO GRANDE. Canal que separa o recife dos Alagados ou das Alagadas do recife de Itacepanema; no Estado da Bahia. Tem ¾ de milha de largura e 6 braças de fundo.

BOQUEIRÃO PEQUENO. Canal que separa os dous recifes dos Alagados ou das Alagadas, na costa do Estado da Bahia. E' muito estreito e tem sete braças de fundo.

BOQUIRA ou BUQUIRA. Serra do Estado de São Paulo, entre o mun. do seu nome e o de Caçapava. Nella ha minas de ferro. Ha uma outra serra do mesmo nome, no mun. de Nazareth. Ambas são ramificações da Mantiqueira.

BORBOREMA. Corr. *por-póra-êyma*, sem moradores, sem habitantes, o deserto, o sertão; R. G. do Norte e Parahyba (Dr. T. Sampaio).

BORÉ ou BURÉ. Corr. *mbyré*, alt. *byré*, *buré*, o soprado, o que se sopra, gaita do gentio (Dr. T. Sampaio).

BOREHY. Dist. creado no mun. de Lençóes do Estado de de S. Paulo pelo Dec. de 26 de Março de 1899.

BORNELAS. Pequeno rio do Estado de Santa Catharina; desagua no riacho de Itacoroby ou Sacco Grande.

BORORÉ. Bairro do mun. de Santo Amaro e Estado de S. Paulo.

BORORÓ. Rio do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Santo Amaro e desagua na margem esq. do rio Grande ou Jurubatuba.

BORRALHOS. Pov. do Estado do Pará, no mun. da Vigia, na bahia do Sol. Foi elevada á pov. pela Lei n. 645 de 6 de junho de 1899.

BOSQUE. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Pardo, no mun. de Botucatú. E' tambem denominado Corujinha.

BOSSARAHY. Corr. *mboçarai-y*, rio dos cuidados; Rio de Janeiro (Dr. T. Sampaio).

BOSSOROCA. São terrenos rasgados pelas chuvas. « *Bossoroca*, diz o Dr. T. Sampaio, corr. *yby-çoroc*, alt. *ubuçoroc*, *bu-çoroc*, terra rasgada ou fendida, rasgão no solo; S. Paulo » Vide *Botoroca* e *Bassoroca*.

BOTAFOGO. Bairro do dist. do Recreio, no mun. da Leopoldina e Estado de Minas Geraes.

BOTELHO. Serra do Districto Federal, no dist. de Guaratiba.

BOTEQUIM. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. da Villa Christina (*Almanack Sergipano*. 1901).

BOTIJA. Log. do Districto Federal, no Engenho de Dentro.

BOTIJA. Serra do Estado do Rio de Janeiro, nas divisas de Santo Antonio de Padua e Cambuçy.

BOTINHA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, desagua na margem dir. do rio Tieté pouco acima da foz do Baquirivúguassú.

BOTOROCA. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do Irii-rii-piranga, tambem denominado S. Vicente, e que fórma o escoante occidental do lagamar de Santos. « *Botoroca*, corruptela de *Mboçoroca*, o que rasga. De *çorog*, rasgar, precedido da particula *mbo* para tornar activo o verbo e mudado o *g* em *ca* (breve) por acabar em consoante. Allusivo a correr entre terra rasgada. Com effeito este ribeirão nasce na serra Mongaguá, e suas aguas descem entre barrancas. Ha alguns logares na provincia com o nome de *Bossoroca*: ainda é semelhante explicação. São terrenos rasgados pelas chuvas. Não se confunda com *Moaça-r-ogca*, dobrar corda, ennovelar. » (Dr. J. Mendes. *Dicc.* cit.). O Dr. Theodoro Sampaio (*O tupi na geographia nacional*, diz « *Botoroca*, corrupção de *ybytú-roca*, alteração de *ubutú-roca butur-oca*, casa do vento, bocaina. » Recebe os rios Branco e Preto.

BOTUCAVARÚ. Morro no mun. do Parnahyba do Estado de S. Paulo. Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, em seu *Glossario de palavras indigenas* escreveu que Botucavarú significa logar de folguedo. « Esta palavra, diz o Dr. J. Mendes, corrupção de *Mbitú-caí-harú*, evaporação que queima e faz damno. De *mbitú*, o mesmo que *pitú*, bafo, evaporação, *caí*, queimar, queimadura, *harú*, damnoso, malefico. Allusivo a fazer nesse morro um calor tal que produz enfermidades. Certamente o morro é mineral ». O Dr. Teodoro Sampaio (*O tupi na geographia nacional*—1901). diz: « *Botucavarú* corr. *ybytá-cabarú*, o cavallo das nuvens, monte elevado, onde as nuvens pousam. »

BOTUJURÚ. Morro entre os muns. de Jundiahy, Itatiba e Atibaia, no Estado de S. Paulo. « Esta palavra, diz o Dr. J. Mendes, corrupção de *Mbitú-yu-rú*, o que tem evaporação morna. De *mbitú*, o mesmo que *pitú*, bafo, calor de fogo, evaporação; *yú*, morno; *rú*, ter. Allusivo ao facto de sahir do interior do morro um calor morno » « *Botujurú*, diz o Dr. Theodoro Sampaio (*O tupi na geographia nacional*. S. Paulo. 1901) corrupção *ybytú-yurú*, a bocca do vento, garganta ou quebrada por onde sopra o vento ».

BOTUROCA. Vide Botoroca.

BOTUVERA'. Serrote no mun. de Itapecerica do Estado de S. Paulo. « Esta palavra, diz o Dr. J. Mendes, corruptela de *Ibiti-berá*, serra resplandecente. De *ibiti*, serra, *berá*, resplandecer, resplendor. Allusivo a que, sendo escalvada, mostra o brilho de micaschistos que, com outros granitos; a compõem ».

BOYINQUARA. E' a mesma cachoeira no rio Tieté, que alguns corruptamente denominam *Bejú* e *Bojuy*; no Estade de S. Paulo.

BRAÇO. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. da Victoria e desagua no Tapacurá, affl. do rio Capibaribe.

BRAÇO FORTE. Ribeirão do Estado do Rio de Janeiro, banha o mun. de Santo Antonio de Padua e desagua no rio Pomba com o nome de Veado.

BRAÇO GRANDE. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Chaves e ilha Caviana. Desagua no rio Bumituba.

BRANCA. Serra do Estado do Maranhão, no mun. de Grajahú.

BRANDÃO. Corrego do Estado de Minas Geraes, nas divisas do mun. de Entre Rios.

BRASILEIRA. Ilha na foz do rio Quarahy, mun. de Uruguayana e Estado do R. G. do Sul.

BRASILIA. Assim denomina-se a villa de Contendas no Estado de Minas Geraes.

BRAVO. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Flores. E' pedregosa, pouco alta e possue mattas agrestes.

BRAZ (S.). Morro e log. do Estado da Bahia, no dist. da Plataforma; com uma capella.

BREJAL CANELLÃO. Pov. do Estado do Paraná no mun. de Assunguy de Cima, á margem da estrada do Assunguy.

BREJÃO (Santo Antonio do). Pov. do Estado do Maranhão, no mun. do Mirador, a E. da villa, da qual dista 30 kils. Fica na estrada que se dirige da pov. Alegre, no termo de Pastos Bons, para o logar Sitio do Meio, no de Mirador.

BREJÃO. Pov. do Estado de Pernambuco, no mun, de Garanhuns, ao S. desta cidade, da qual dista 10 kils. á margem da estrada que vai á Bom Conselho. Tem uma capella de Santa Cruz, pelo que muitos a chamam Brejão de Santa Cruz.

BREJINHO. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. do Altinho. Tem a extensão, N. S., de nove kils. e a elevação de 900 metros. E' tambem denominada *Taboca*.

BREJINHO. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Flores.

BREJINHO. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. da Pedra. Faz parte da cordilheira que vem do mun. de Cimbres com os nomes de Gamelleira, Guerra, Mocó e Jardim.

BREJINHO. Serra do Estado de Minas Geraes, nas divisas de Tres Corações do Rio Verde.

BREJINHO. Riacho do Estado de Pernambuco; nasce na serra da Baixa Verde, no mun. do Triumpho, e corre para o rio Pajehú.

BREJINHO. Riacho do Estado da Bahia, banha o mun. do Catú e desagua no rio deste nome.

BREJINHO. Corrego do Estado de Minas Geraes, entre os muns. de Alfenas e Santo Antonio do Machado. Vai para o ribeirão dos Porcos.

BREJINHO. Serrote na pov. de Jatobá, em Pernambuco. Accrescente-se no fim: O Sr. S. V. Galvão, em seu *Dicc.*, diz ser essa serra tambem denominada Juliana e correr formando uma cordilheira, com a denominação de serras do Furado, do Porteirão, de Tacaratusinho, do Tacaicó, do Bruno, do Cabembe, onde o rio Moxotó a interrompe, no logar Cruz, continuando depois pelo mun. de Paulo Affonso, que pertence ao Estado das Alagôas.

BREJINHO. Riacho de Pernambuco, affl. do Capibaribe. Accrescente-se no fim: O Snr. S. V. Galvão, em seu *Dicc.* diz que esse riacho corre no mun. do Brejo da Madre de Deus para o Tabocas, que é affl. do rio Capibaribe.

BREJINHO DA SERRA. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Tacaratú, proxima ao logar Brejinho de Fóra.

BREJO. Pov. do Estado de Sergipe, no mun. de Villa Nova (*Almanak Sergipano*. 1901).

BREJO. Riacho do Estado da Bahia, affl. do rio Itapecurú-mirim. Alimenta uma represa que fica a 800 metros da linha ferrea do Prolongamento da E. de F. da Bahia ao S. Francisco.

BREJO BERIBA. Log. do termo de Belmonte; no Estado da Bahia.

BREJO DA CACHOEIRA. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. do Altinho. Possue grandes pedreiras, algumas capueiras. Nella cultivam mandioca, milho, feijão etc. Sua direcção é de N. a S. com uns sete kils. de comprimento, tendo, presumidamente, a altura de uns 500 metros sobre o nivel da planicie.

BREJO DA PALMEIRA. Log. do Estado de Pernambuco, ao S. do dist. de S. Caetano da Raposa.

BREJO DAS FLORES. Log. de Pernambuco. Accrescente-se no fim: Ahi existe uma fonte perenne e abundante da qual, principalmente, se abastece toda a pop. de Garanhuns. O Dr. J. M. da Silva Coutinho, em seus *Estudos da E. de F. de Una a Bôa Vista*, pag. 14 diz: « Estas fontes são perennes, abundantes e as mais puras que se encontram na prov., sendo entre todas afamada a dos Cajueiros, junto á villa de Garanhuns. » O Sr. S. V. Galvão diz: « Junto da cidade de Garanhuns, na escarpa meridional do planalto. E' uma varzea donde se formam, de numerosos olhos d'agua, as vertentes do rio Mandahú. »

BREJO DE BAIXO. Log. do Estado da Bahia, no termo de Geremoabo.

BREJO DO BURACO. Serra do Estado de Pernambuco, no dist. de S. Caetano da Raposa e mun. de Caruarú.

BREJO DO CALDEIRÃO. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Cimbres.

BREJO DOS MACACOS. Pov. do Estado de Pernambuco, no dist. do Poço da Panella, a 13 kils. distante da cidade do Recife. Proximo desse logar fica a estação da via-ferrea do Limoeiro, denominada Macacos, que está á 50^{m} de altitude.

BREJO LIMPO. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do ribeirão do Rozario, no mun. de Nuporanga.

BREJOS. Lagôa no mun. de Bom Conselho e Estado de Pernambuco.

BRITO MUTTÁ. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Tury-assú.

BRODOWSKI. Dist. creado pela Lei n. 830 de 2 de Setembro de 1902; no Estado de S. Paulo. Vide Engenheiro Brodowski.

BROTAS. Parochia de Matto Grosso. Accrescente-se no fim: Foi incorporada ao mun. da capital pela Lei n. 211 de 1º de maio de 1899 e de novo ao mun. do Livramento pela de n. 229 de 8 de março de 1900.

BRUEGA. Nome empregado no sertão do Estado da Bahia para designar a chuva fina.

BRUM. Estação inicial da E. de F. do Recife ao Limoeiro e Timbahuba, devendo seu nome á proximidade de sua situação da fortaleza do Brum. Abriu-se ao trafego a 26 de Outubro de 1881.

BRUMADO. Log. no Estado do Paraná, no mun. de Votuverava.

BRUMADO. Corredeira no rio Mogy-guassú, no Estado de S. Paulo. E' muito perigosa embora não o pareça.

BRUMSINHO. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. do Recife e desagua no Capibaribe.

BRUNO. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Tacaratú, ao SO. de Jatobá.

BRUSIUS. Log. do Estado do R. G. do Sul, na linha dos Dous Irmãos, no mun. de S. Leopoldo.

BU. Corr. *yby*, alt. *ubú-bú*, a terra, o chão, o solo. Nome de uma tribu selvagem na Bahia (Dr. T. Sampaio). Segundo Martius *Bú* ou *Obú* é vocabulo tupi e significa folha.

BÚ. Riacho do Estado de Pernambuco, corre no mun. de Goyanna, onde recebe o Itapirema.

BUCUITUBA. Corr. *ybicui-tyba*, alt. *ubucui-tuba*, arêas em abundancia, areal (Dr. T. Sampaio).

BUENOS. Bairro do mun. de Areias, no Estado de S. Paulo; com escola.

BUENOS AYRES. Pov. do Estado de Pernambuco, no dist. da Vicencia, com uma capella de N. Senhora do Bom Conselho. E' tambem denominada *Jacú*.

BUENOS AYRES. Log. no mun. da Palma do Estado de Goyaz.

BUFÃO. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de S. Fidelis.

BUFÃO. Rio do Estado do Rio de Janeiro, banha o mun. de S. Fidelis e desagua na margem dir. do rio do Collegio.

BUGARIM. Enseada na peninsula de Itapagipe; no Estado da Bahia, entre a enseada do Poço e a ponta da Penha.

BUGIO. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do ribeirão da Fartura, trib. do Itararé.

BUGIO. Ribeirão de S. Paulo, no mun. do Cunha. Accrescente-se no fim: Desagua na margem dir. do rio Jacuhy, trib. do Parahytinga. Em seu curso recebe as aguas de dous mananciaes, no logar Jardim, nascidos de duas grutas; de outros quatro, nas terras do sitio Cachoeira; de mais dous, no sitio denominado Bugio; de um no sitio Pedreira; e finalmente, de mais dous, já quasi á sua foz. No *Carrasquinho* tem elle a sua origem principal. Seu curso é de seis kils. Apenas tem tres pequenas cachoeiras. « Esta palavra, diz o Dr. J. Mendes, corruptela de *Mbo-îigi*, apertado. De *mbo*, particula activa, *îigi*, apertado, duro. Por contracção *Mb'-îigi*. O primeiro *î* tem som guttural. Allusivo a correr entre montes. »

BUGIOS. Cachoeira no rio Paranapanema. Mais abaixo desta cachoeira, quatro kils. mais ou menos, ha outra cachoeira do mesmo nome.

BUGRE. Ribeirão do Estado do Paraná, banha o mun. do Itararé e desagua no ribeirão do Meio.

BUGRE MORTO. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. do Passo Fundo.

BUGY. Arraial no termo de Pacatuba, no Estado de Sergipe. (*Almanak Sergipano* 1901).

BUIAIARA. Log. do Estado do E. Santo, no mun. de Vianna.

BUJARY. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. da Gamelleira e desagua no rio Serinhaem.

BUJURÚ. Corr. *yby-yurú*, alt. *ubú-jurú*, bocca ou buraco do chão. (Dr. T. Sampaio).

BULCÃO. Riacho do Estado da Bahia, desagua no mar proximo ao pov. da Encarnação de Pirajuhia.

BUMITUBA. Rio e furo do Estado do Pará, no mun. de Chaves e ilha Caviana. Recebe o igarapé Braço Grande. Encontrei tambem escripto *Bunatuba*.

BUPEVA. Corr. *yby-peba*, alt. *ubú-peba*, terra plana, chã, planicie (Dr. T. Sampaio).

BUQUI-RA ou BOQUIRA. Corr. *yby-quir*, alt. *ubu-quir*, *bu-quir*, terra banhada ou regada, terra onde chove; S. Paulo (Dr. T. Sampaio). O Dr. J. Mendes faz distincção entre o nome do rio e o das serras. Assim diz elle: « *Buquira*, nome do rio é corruptela de *Bi-gui-rõ*, de alto a baixo; de *bi*, alto; *gui*, baixo, logar inferior; *rõ*, pôr-se. *Buquira*, nome das serras é corruptela de *Mbo-yi-guir-a*, contrahido em *Mb'-yi-guir-a*, ôco em baixo; de *mbo*, particula activa; *yi*, ôco; *guir*, em baixo, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. »

BURÁ. Pov. ao Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim. (Inf. loc.).

BURACÃO. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. do Rosario; com uma esc. publ. creada pela Lei n. 303 de 15 de março de 1902.

BURACÃO. Corrego do Estado de Minas Geraes, na com. de Uberabinha.

BURACO. Serra do Estado de Pernambuco. Uma das que formam a cordilheira da Borburema. Fica entre esse Estado e o do Parahyba, correpondendo, no nosso territorio, á região que pertence ao mun. do Bonito (S. V. Galvão *Dicc.*, cit.)

BURACO. Serra do Estado de Pernambuco, situada ao N. da cidade de Garanhuns. E' um ramo da cordilheira dos Garanhuns, que mais ao N. toma o nome de serra da Palmeira, segue variando de denominação pelo mun. da Pedra, pelo de Cimbres, etc.; e ao O. de Jussara, Fó;os, Catimbáo, Gigante, etc.; ao S. do Cavalheiro (S. V. Galvão. *Dicc.* cit.).

BURGOS. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Garanhuns. Nella se encontra abundancia de chrystaes de rocha e de pedras calcareas, existindo tambem o marmore.

BURGOS. Enseada e morro do Estado da Bahia, na ilha de Itaparica.

BURIÁ. Arrabalde da cidade do Bom Fim, no Estado da Bahia.

BURICICA ou BURACICA. Corr. *ibyra-cica*, alt. *buracica* resina de páo; nome de um *Laurinea* de que na Bahia, se fabricavam cestas para trabalhar o assucar. Vide Mart. (Dr. T. Sampaio).

BURITY. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de S. Bernardo.

BURITY. Pequeno pov. do Estado da Bahia, a 12 kils. do Riachão de Utinga e a 610 metros de altitude. E' banhado pelos rios Morro Pellado, Riachão e Baixa Funda. A industria principal é o fabrico da canna de assucar. Dista seis kils. do arraial da Palha.

BURITY. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha a com. de Uberabinha e desagua no rio das Velhas. Recebe o Tamanduá.

BURITY. Villa do Maranhão. Accrescente-se no fim: Fica a 15 kils. da margem esq. do rio Parnahyba, no sopé de uma extensa chapada, denominada Espingarda, e é passagem da estrada que vai de Caxias ao Brejo. Exporta algodão, cereaes e fumo pela pov. do Mucambinho, que lhe serve de porto no rio Parnahyba: E' tambem conhecida por Burity de Ignacia Vaz. Esta palavra é corrupção de *mbiriti* nome da palmeira (*Mauritia vinifera*. von Martius); alterado de *miriti*, *muriti*.

BURITY. Rio do Maranhão. Accrescente-se no fim: Recebe o Santa Helena e o Gengibre. Outros o dão desaguando no Parnahyba.

BURITY BRABO. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Picos, a 72 ou 80 kils. da cidade. E' passagem da estrada de Picos a Caxias. Produz algodão, milho, arroz, farinha e rapaduras. A criação de gado vaccum e cavallar é bem regular.

BURITY DO PRATA. Log. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Prata.

BURITY GRANDE. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha o mun. da Diamantina e desagua na margem esq. do Imbaiassaia, affl. do Jequitahy.

BURITY NOVATO. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Passagem Franca, a 48 kils. da villa. E' central. Por essa pov. passa a estrada que vai á villa de S. Francisco, de que dista 72 kils.

BURITY-PUCÚ. Rio do Estado do Maranhão, affl. da margem dir. do Pindaré. Suas margens são ricas de seringa. Informam-nos haver nellas egualmente asphalto e outras materias betuminosas.

BURURY. Vide *Bariry*.

BURYS DE BAIXO. Log. do Estado da Bahia, no termo de Cannavieiras.

BUSSINGER. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, affl. do ribeirão S. José; no mun. do Bom Jardim.

BUTANTAN. Corr. *yby-tantan*, alt. *ubú-tantan*, *butantan*, terra firme, dura, teza; S. Paulo (Dr. T. Sampaio).

BUTUÁ. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

BUTUCOARA. Corr. *ybytú-coara*, buraco, quebrada, bocaina do vento; S. Paulo (Dr. T. Sampaio).

BUTURUNA. Corr. *ybytyr-una;* alt. *ubutur-una*, *buturuna*, monte negro, montanha escura, serra negra; S. Paulo, Minas. (Dr. T. Sampaio).

BUTURUSSÚ. Serra no mun. de Itanhaem; no Estado de S. Paulo.

BUXODÔ. Riacho do Estado de Pernambuco, nasce na serra de Ororobá e despeja no Frexeiras, depois de pequeno curso. (S. V. Calvão. *Dicc.*, cit.).

BUXOGODÔ. Riacho do Estado de Pernambuco, nasce no sitio Mascarenhas, mun. de Cimbres, e correndo ao S. da pov. deste nome, depois de receber o denominado Riachinho, despeja no Frexeiras, affl. do rio Ipanema (S. V. Galvão. *Dicc.*, cit.).

C

CAÁ. (Substantivo) A folha da planta; a planta, a herva, o vegetal; a arvore, o matto, o monte; o mate (*Ilex paraguayensis*): alterado como radical de muitos nomes em *ca*. (Dr. Theodoro Sampaio).

CAACUPÊ. Composto de *caá-cupê*, atrás da matta; Paraguay. (Dr. Theodoro Sampaio).

CAAETÁ. Composto de *caa-etá*, as mattas, as arvores, as folhas. (Dr. Theodoro Sampaio).

CAAGUAÇÚ. Composto de *caá-guaçú*, matto grande, matta virgem; S. Paulo, Paraguay. (Dr. Theodoro Sampaio) Vide *Caguassú*.

CAAGUAÇÚ. Rio do Estado de S. Paulo, affl. do Jundiuvira, trib. do Tieté (*Carta* de Orville Derby). Nesta *Carta* lê-se *Caaguassú*. N'uma inf. que recebemos desse Estado lê-se *Guanguassú*. Na legislação provincial lê-se *Caguassú*. Recebe o corrego S. Jeronymo.

CAAZAPÁ. No tupi-guarani *caá-zapá*, equivalente a *caá-çapaba* no tupi da costa, clareira da matta, travessia ou vereda da matta; Paraguay, Argentina. (Dr. T. Sampaio).

CABA. (Substantivo) A vespa, o maribondo, o que fere e pica; suffixo de muitos vocabulos compostos, assim como é thema de muitos outros; tupi-guarany *caba*, tupi do Amazonas *caua*. (Dr. Theodoro Sampaio).

CABACEIRO. Log. do Districto Federal, no dist. da Guaratiba.

CABAÇO. Rio do Estado do Pará, no mun. de Afuá. Vai para o rio Urucú.

CABAÇOS. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Ribeira de Iguape, no mun. de Xiririca. Em frente á foz deste rio ha uma pequena ilha, que tem hoje o mesmo nome de Cabaços.

CABEÇA. Arraial do Estado de Sergipe, no termo de Villa Nova. (*Almanak Sergipano*. 1901).

CABEÇADAS. Ribeirão do Estado de Minas Geraes, affl. do Turvo Limpo, entre S. José do Barroso e Conceição do Turvo.

CABEÇA DE NEGRO. Usina no mun. de Amaragy do Estado de Pernambuco, com uma capella consagrada a N. S. do Rosario.

CABEÇA DE NEGRO. Serra do Estado da Bahia, á margem esq. do rio Paraguassú, defronte da serra do Taporandê.

CABEÇA DE NEGRO. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. de Itambé, em terras do Engenho Laços.

CABEÇA DE VACCA. Arroio do Estado de S. Paulo, no mun. de Brotas, nas divisas do dist. de Campo Alegre.

CABEÇA DE VACCA. Arroio do Estado de S. Paulo, nas divisas do dist. de Campo Alegre do mun. de Brotas.

CABECEIRA DO JEQUIÁ. Log. do Districto Federal, na ilha do Governador.

CABECEIRAS DO SUCURIHÚ. Log. no dist. da Fortaleza e mun. de Salinas; no Estado de Minas Geraes.

CABELLEIRA. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. do Altinho. Ha ainda no mun. um riacho do mesmo nome.

CABELLEIRA. Log. de Pernambuco. Accrescente-se no fim: Fica á margem dir. do rio Serinhaem e tem uma capella consagrada a S. Sebastião.

CABELLO AMARRADO. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. de Cimbres.

CABEMBE. Serra do Estado de Pernambuco. Fica ao S. do mun. de Tacaratú, e com outras forma um cordão, sob varios nomes, como sejam: da Juliana, Brejinho da Serra Furada, Porteirão, Tacaratuzinho, Tacaico, Bruno, etc.; sendo interrompida a cordilheira, no log. Cruz, pelo rio Moxotó, continuando depois pelo Estado das Alagôas (Sebastião de Vasconcellos Galvão. *Dicc. Chorogr. Hist. e estat.* de Pernambuco. 1897).

CABIUNA. Corrupção de *caá-piuna*, folha ou madeira escura, jacarandá. (Dr. Theodoro Sampaio.)

CABO. Cidade de Pernambuco. Accrescente-se no fim: O Sr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, em seu *Dicc.* cit. diz: «Mun. e freg., cujo orago é Santo Antonio, tendo como séde um e outra a cidade de Santo Agostinho do Cabo. — HISTORIA. O povoamento regular da séde do mun. vem de 1618. Antes dessa epocha compunha-se de algumas casas esparsas e edificadas distantes umas das outras. Então, accor-

daram os habitantes dessa paragem em ser erigida nella uma capellinha consagrada á Santo Antonio, o que levaram a effeito no referido anno, collocando-a no alto da collina, no mesmo sitio em que está a actual Matriz, onde, até ha pouco tempo se lia aquella data. E d'ahi, para ficarem perto da missa, que um capellão celebrava aos domingos, e bem assim para gozarem de outros actos religiosos que necessitassem, muitas pessôas foram construindo casas naquelle ponto, alinhadamente, chegando, dentro em pouco, a ser o nucleo de pop. bem crescido. Em 1621, por petição, dirigiram-se os moradores da pov. de Santo Antonio (nesse tempo assim chamada) ao Bispo do Brazil D. Marcos Teixeira, solicitando a creação de uma parochia; e elle, por Provisão de 9 de setembro de 1622, deferindo-lhes o requerimento, na mesma Provisão nomeou o Padre Matheus de Sousa Uchôa (que era o capellão) como primeiro vigario da nova freg., o qual serviu até 1641, quando falleceu, sendo substituido pelo Padre Belchior Manoel Garrido. Daqui se infere não haver exatidão na informação que a este respeito nos ministra o *Relat.* do Ministro do Imperio, em 1872, dando o Alvará de 19 de setembro de 1777 como o acto da creação. Que antes daquelle tempo já o Cabo era freg., muitos documentos de fé nos attestam e alguns nos levam mesmo á certeza de que, quando se deu a invasão hollandeza, já essa freg. existia. Taes documentos a que alludimos de preferencia são: Provisões, Cartas Regias, Alvarás, copias de certidões de baptismo, extrahidas dos livros da parochia e manuscriptos originaes que existem recolhidos á Bibliotheca Publica do Estado e ao Instituto Archeologico, alem das muitas referencias que a historia patria faz á freg. de Santo Antonio do Cabo, antes de 1777. De 1636 a 1640 vimos assentos de baptismo que dão o Padre Matheus de Souza Uchôa como vigario da freg. de Santo Antonio do Cabo, e bem assim, de 1645, do mesmo modo attestando ser nesse tempo vigario da freg. de Santo Antonio do Cabo o Padre Belchior Manoel Garrido. Em 1671, em abaixo assignados, os moradores da freg. de Santo Antonio do Cabo pedem reparos e que seja augmentada a Matriz de Santo Antonio do Cabo. No anno de 1744 uma Provisão nomeia vigario da freg. de Santo Antonio do Cabo ao Padre Joaquim Mendes da Silva; em 1770 uma Provisão tambem nomeia vigario da mesma freg. ao Padre Antonio Armando Henrique. Em vista do que fica dicto, acceitamos como a verdadeira epocha da creação da parochia a dos dados que nos chegaram ás mãos, e já atraz deixamos conhecidos, os quaes procedem do finado vigario do Cabo, Padre Luiz José Pereira de Queiroz, encontrados por elle em uma *Memoria* em manuscripto que fazia parte do archivo da Irmandade do Santissimo Sacramento da mesma Matriz. Foi creada villa por Alvará de 27 de julho de 1811 e Provisão Regia de 15 de fevereiro de 1812, sendo installada pelo então ouvidor-geral e corregedor da com. do Recife, Desembargador da Casa de Supplicação, Dr. Clemente Ferreira França, em data de 18 de junho do mesmo anno. A Lei Prov. n. 86 de maio de 1840 erigiu esta villa em com., dando-a por séde desta e sendo seu primeiro juiz de direito o Dr. Firmino Pereira Monteiro. Transferida para a pov. de N. S. do Ó pela Lei Prov. n. 152 de 30 de março de 1849, voltou para a primitiva séde pela de n. 236 de 22 de maio de 1849. Teve a categoria de cidade pela Lei Prov. n. 1.269 de 9 de julho de 1877, que mudou-lhe a denominação para Santo Agostinho do Cabo. Foi com. de 1ª entr., classificada pelo Dec. n. 687 de 26 de julho de 1850 e de 2ª entr. pelo de n. 5.139 de 13 de novembro de 1872. Em virtude da Constituição Estadoal e da Lei n. 52 de 3 de agosto de 1893 (organica dos muns.) constituiu-se mun. autonomo em 8 de fevereiro de 1893. Entre os filhos ilustres do mun. do Cabo contam-se os seguintes: Dr. José Antonio de Figueiredo, professor distincto que foi da Faculdade de Direito, jornalista e um talento brilhante; Francisco Paes Barreto, marquez do Recife; Damião Alves, heróe de 6 de março de 1817 e um dos martyres dessa revolução; Philippe Paes Barreto, martyr de 1710; Francisco da Rocha Paes Barreto, Antonio do Monte Oliveira, ambos martyres de 1817; Antonio Bezera Calvacante de 1710; o Padre Dr. Nicolau Pires Loureiro, formado em canones, o qual foi Deão da Sé de Olinda, Vigario Geral e Visitador do Bispado; em 1710 na causa da nobreza contra os mascates foi um dos mais fortes propugnadores de tal causa; morreu como carmelita em 1º de maio de 1734; o Padre Dr. Luiz de Barros Rego, que foi um sacerdote de reconhecida illustração, tendo occupado o cargo de Provisor do Bispado; e os padres Agostinho de Castro e Domingos Vieira, sacerdotes de grandes virtudes. — POSIÇÃO ASTRONOMICA. Está a 8°15′ de Lat. S. e 8°7′ de Long. E. do Rio de Janeiro. — ASPECTO PHYSICO. O terreno, com excepção da parte da costa e proximidades desta, é, no geral, ondulado, argiloso, de massapê, proprio para o cultivo da canna; e de grande fertilidade. — EXTENSÃO DO TERRITORIO. O mun. do Cabo tem cerca de 30 kils. de E. a O. e uns 24 kils. de N. a S. — DIVISÕES. Consta de uma só freg., Santo Antonio do Cabo, e de dous dists. municipaes. —POPULAÇÃO. A pop. total do mun. consta de 30.000 habs., comprehendendo a séde uns 6.000. — LIMITES. Ao N. confina com o mun. de Muribeca pela Barra das Jangadas, Ponte dos Carvalhos e rio Quionge; ao NO. com o mun. de Jaboatão pelas terras dos engenhos Contra-açude, Cajabuçusinho, Gurjaú de Cima e Gurjaú de Baixo; ao O. e S. com o mun. da Escada pelas terras dos engenhos Noruega, Arandú, Arimuna, S. Manoel e Manassú; ao S. com o mun. de Ipojuca pelo rio Tabatinga e barra do Suape; e a E. com o oceano. — TOPOGRAPHIA. A cidade fica ao S. da do Recife, á margem dir. do rio Pirapama, em terreno elevado, e atravessada pela E. de F. do Recife ao S. Francisco, extendendo-se a pov. pela encosta do morro, que a contorneia e pelo cimo delle. Possue a Egreja Matriz, primitivamente construida em 1618, augmentada em 1671 e reconstruida em 1876, collocada na parte alta da cidade, em bella posição; a Egreja de Santo Amaro, concluida em 1822, e em frente á Matriz; a do Rozario, pequena capella; a do Livramento, terminada em 1875; o cemiterio publico, ao poente, e nas immediações da cidade, no alto de um outeiro, murado, com 102ᵐ de frente e 48ᵐ de fundo, inaugurado em 1856; o Paço Municipal, proprio do Estado, reparado em 1854, mal construido e acanhado, funccionando no pavimento terreo a cadeia; estabelecimentos commerciaes e industriaes; escs. publs. de instrucção primaria; bibliotheca do Gremio Litterario; um theatrinho mantido pela sociedade particular Recreio Dramatico Santo Agostinho; agencia do correio; officinas e escriptorios da E. de F. S. Francisco, etc. Continha, em 1892, no perimetro da cidade, 696 fógos e em 1895, cincoenta e seis estabelecimentos commerciaes e uma pharmacia. — POVOADOS. *Ponte dos Carvalhos*, a 10 kils. ao N. da séde, situada em uma planicie entre os rios Jaboatão e Pirapama; é de má edificação; *Nazareth*, á beira-mar, no cabeço do cabo Santo Agostinho, em posição muito pittoresca e muito preconisada pela sua salubridade; *Paiva*, no littoral e a 15 kils. ao S. do cabo; *Gaibú*, tambem á borda do mar, á egual distancia da séde, com uma fortaleza; *Suape*, ao S.. — CAPELLAS: A de N. S. de Nazareth, situada no cimo do cabo, foi de um antigo mosteiro da ordem carmelitana, do qual hoje apenas restam vestigios; as de São José e S. Gonçalo (arruinada) na pov. de Paiva; a de N. S. do Bom Conselho, no pov. Ponte dos Carvalhos; e a de Sant'Anna nas proximidades desse mesmo pov. Nos engenhos existem: a de S. Matheus no Massangana; a de Santo Antonio no de Cajabussú; a de Jesus, Maria e José no de Arariba ;as de S. José, nos de Buranhaem e da Ilha; a de Jesus, Maria e José, no do Engenho Novo; a de N. S. dos Prazeres no do Jardim; a de Santo Ignacio de Loyola, no de Santo Ignacio; a de S. Braz no engenho do mesmo nome; a de Santo Antonio, no do Engenho Velho, cuja imagem (diz Jaboatão no *Orbe Serafico* parte 2º, pag. 462, edicç. do Inst. Hist. Braz.) foi achada em um alto, ao poente do mesmo engenho, suppondo-se então que fôra de algum devoto que, temendo ser atacado pelo gentio, a trouxe de casa comsigo, á fim de evitar o ataque, não tendo ido ver a dita imagem até o instante em que foi encontrada. — OROGRAPHIA. O territorio do mun. é accidentado de morros em diversas direcções, não tendo elles denominação conhecida. Entretanto mencionaremos a serra do Pavão e a das Cabeçadas, esta ao poente. — HYDROGRAPHIA. Os rios que banham o mun. são: o Pirapama, que corre na direcção de SO. á E., nascendo no mun. da Victoria e desaguando na Barra das Jangadas; o Suape, o Tatuoca, o Merepe, o Giqui e o Jaboatão. São affls. do Pirapama no mun. os riachos Arariba, Cajabussú, Utinga e outros. — COMMERCIO, INDUSTRIA E AGRICULTURA. Não ha genero especial de commercio; a principal, senão exclusiva industria, é a do fabrico de assucar e a principal cultura é a da canna. Ha os seguintes engenhos ou fabricas de assucar, de maiores e menores proporções: Algodoaes, Arariba de Baixo e de Cima, Arariba da Pedra, Arassuagy, Boa Vista, Bom Jesus, Barbalho, Bom

Jardim, Bom Tom, Brilhante, Buranhaem, Cedro, Castello, Cajabussú, Cajabussuzinho, Coimbra, Cidade de Pariz, Estivas, Guerra, Garapú, Ilha, Ilha das Cobras, Jurissaca, Jussara, Jardim, Massangana, Mulinote, Mussuassuzinho, Matapagype, Mattas, Matto Grosso, Monte, Mundo Novo, Mupam, Engenho Novo, Olinda, Pavão, Pirapama, Pitimbú, Pantorra, Pau Santo, Pimenta, Potosi, Pimentel, Providencia, Ronca, Retiro, Roças Velhas, Rozario, Santa Fé, Sant'Anna, Santa Rosa, Santa Amelia, S. João, Santo Ignacio, S. Pedro, S. Braz, Santa Rita, Sicupema, Serra, Serraria, Setubal, Sacambú, Sebastopol, Siberia, Tabatinga, Tiriry, Trapiche, Tabugy de Baixo e de Cima, Universo, Utinga de Cima, Engenho Velho, Villa Real, e as Usinas Maria das Mêrces, Santo Ignacio e a restilação Barra. — PRODUCÇÕES. Alem da canna de assucar, produz os cereaes, como o milho, feijão, mandioca e outros, sendo muito reduzida a plantação daquelles visto como a cultura especial da zona é a canna de assucar. — VIAS DE COMMUNICAÇÃO. Os meios de viação no mun., afóra a parte de territorio servida pela E. de F. e pela de rodagem, que vai sómente até ás immediações do engenho Penderama, são em geral os de transporte por animaes, por caminhos difficeis, ás vezes de tractos impossiveis durante a estação invernosa. — MINERAES. Não ha no mun. conhecida mineira alguma; apenas suspeita-se da exitencia, em Nazareth, de uma de ferro; mas tanto alli como no engenho Ilha existem ricas pedreiras e dessas tem sahido as pedras de quasi todo o calçamento da cidade do Recife. Em Nazareth encontram-se fontes de agua mineral. — DISTANCIAS. A cidade dista do Recife, pela estrada de rodagem, 30 kils. e pela E. de F. 31; do littoral 15, da Escada 30 e de Ipojuca 13. »

CABOCLO. Serra do Estado do Maranhão, no mun. de Grajahú.

CABOCLO. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Ouricury.

CABORÉ. Log. do Estado da Bahia, no termo do Pombal.

CABORGE. Monte de pouca elevação, no mun. de Bom Conselho do Estado de Pernambuco, entre os do Taboleiro e Calumbi.

CABRAL DE CIMA. Log. do Estado de Goyaz, no mun. da Palma, na margem esq. do rio Maranhão.

CABRAS. Morro no mun. de S. Vicente do Estado de S. Paulo.

CABRAS. Morro no mun. de Atibaia do Estado de S. Paulo.

CABRAS. Ilha pequena, no oceano; no mun. de Ubatuba; no Estado de S. Paulo.

CABRAS. Ilha pequena, no oceano, no mun. de S. Sebastião, ao S.; no Estado de S. Paulo.

CABRAS. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Afuá.

CABREUVA. Corrupção de *caburé-yba*, arvore ou pau de coruja (*Myro-spermum*); S. Paulo. (Dr. Theodoro Sampaio).

CABREUVA. Bairro do mun. de Campinas e Estado de S. Paulo; com uma esc. mixta, creada pela Lei. n. 643 de 7 de agosto de 1889.

CABRITA. Com este nome dá o *Almanak Sergipano* (1901) noticia de dous arraiaes, um no termo do Soccorro e outro no da Cappella.

CABRITO. Log. do Estado da Bahia, no dist. de Plataforma, defronte do log. S. João; com uma fabrica de cortume.

CABROBÓ. Vocabulo indigena. Segundo Martius significa — arvore ou matto de urubús, de *caa* arvore ou matto, e *orobó* urubú. Segundo Braz da Costa Rubim parece antes vir de *capro* negro, escuro, e *boi* cobra, logar de cobras negras, dando-se a corrupção de Caprobó por Cabrobó. Parecem-nos muito forçadas essas duas etymologias.

CABROBÓ. Villa de Pernambuco. Em logar de villa leia-se cidade. Accrescente-se no fim: Foi elevada á cidade pela Lei n. 252 de 30 de junho de 1897.

CABUÇÚ. Composto de *caba-uçú*, o vespão, o maribondo; uma especie de abelhas. (Dr. Theodoro Sampaio). Segundo outros é derivado de *cabucé* abelha, e *ú* preta.

CABUCÚ. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Guapira. Nasce nos montes denominados Perucaia e corre entre os muns. de S. Paulo e Conceição dos Guarulhos. «Depois da sua confluencia com o Tremembó, este toma o nome de Guapira.» (Inf. loc.).

CABUCÚ DE BAIXO. Log. do Districto Federal, no dist. da Guaratiba.

CABUIS. Log. do Districto Federal, no dist. da Guaratiba.

CABULETÉ. Moleque, gente sem importancia, canalha; é o mesmo que cafageste. Termo usado no sertão da Bahia.

CAÇADA. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Afuá.

CAÇAPAVA. Corrupção de *caá-çapaba*, clareira da matta, aberta, travessia ou vereda na matta; S. Paulo, Minas, R. G. do Sul. (Dr. Theodoro Sampaio).

CAÇAQUERA. Vocabulo composto de *caáça-quéra*, cercado velho, malhada velha. (Dr. Theodoro Sampaio).

CAÇATUBA. Riacho de Pernambuco. Accrescente-se no fim: Nasce na lagôa da Extrema, limite dos muns. de Bezerros e Limoeiro, corre por este mun. e desagua no logar Barra, acima do Poço do Pau, a seis Kils. do pov. Pedra Tapada e a 18 da cidade do Limoeiro.

CACÁU. Ribeirão do Estado do Maranhão, banha o mun. da Imperatriz e desagua na margem dir. do rio Tocantins.

CACÃU. Rio do Maranhão. Accrescente-se no fim: Vai para o Tocantins. O Sr. Parsonadas de Carvalho diz nascer esse rio na serra do Corrente, com este nome. "Estes campos do Cacáo, diz o Sr. Parsonadas, recommendaveis pela superior pastagem para o gado e pela fertilidade da terra que só tem rival na do Pindaré e Buriticupú, são ladeados pela matta que, destacando-se da serra do Corrente dilata-se para SO. até á riba do Tocantins, abaixo da villa da Imperatriz, assentada na encosta desta. Nas varzeas e lagôas, que seccam no verão, deixando boa pastagem, abunda o muricy que em Cametá, é empregado na feitura de doces."

CACEREBÚ. Corrupção de *caá-cérib-ú*, rio ou agua das palmas de espinho; Rio de Janeiro. (Dr. Theodoro Sampaio).

CACHAMBÚ. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

CACHAMBÚ. Estação da E. de F. de S. Paulo ao Rio. Grande; no Estado do Paraná, entre Pirahy e Castro.

CACHAMBÚ. Dist. de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Foi elevado a mun. pela Lei n. 319 de 16 de Setembro de 1901, que o constituiu com os dists. de Caxambú e Soledade, accrescido este com o territorio desmembrado do mun. da Christina comprehendido dentro das seguintes divisas: começa na margem dir. do rio Verde, na divisa com o mun. de Pouso Alto, distante um kil. da Estação de Soledade, da E. de F. Minas e Rio até alcançar o ribeirão do Taboão, e por este abaixo até a ponte de ferro da E. de F. Sapucahy, no kil. 12 do ramal de Caxambú e seguindo a referida

estrada de ferro até o kil. 10, ahi atravessa o corrego das Posses e estrada que vae ao Paiol e corrego que vem do mesmo e segue em rumo ao espigão que está em frente e por este até ao alto da serra e por esta até ao alto do Maribondo, descendo á dir. pelo espigão que devide as aguas da fazenda de Joaquim Marcellino, seguindo o referido espigão até ao rio Verde, por este acima até em frente as officinas da Companhia E. de F. Sapucahy no kil. 1 desta estrada, transpondo a linha pelo espigão do morro que divide a pov. da Soledade da fazenda d. Maria Francisca, seguindo sempre o espigão até o rio Verde um kil. acima da estação da Soledade onde tiveram começo estas divisas.

CACHAMBÚ. Log. de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Esta palavra é corruptela de *Catã-mbú*, golfa e ferve. De *catã*, golfar, fazer torvellinhos, menear-se; *mbú* o mesmo que *pú*, ferver, mudado o *p* em *mb*, por causa do som nasal de *catã*. Allusivo a golfar da terra a fonte, fazendo bulhões ou uma como fervura. Em tupi a palavra *camambú*, significa bolha; e com referencia á agua, é a bolha que o liquido faz como a ferver.

CACHAMBÚ. Rio de S. Paulo, no mun. de Jundiahy. Accrescente-se no fim: — e o ribeirão da Ermida. Desagua na margem esq. do rio Jundiahy-assú.

CACHEMIRA. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Taquaretinga.

CACHIMBO. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do Bacuruvú; no mun. da Conceição dos Guarulhos.

CACHIMBOS. Log. do Maranhão. Accrescente-se no fim: São dous povs. separados por pequena distancia. *Cachimbos dos Berredos* e *Cachimbos dos Mottas*, este, onde está a esc. publ., fica á margem esq. do rio Itapecurú; aquelle á jusante do primeiro, sobre o mesmo rio, porem na margem dir. A pov. Cachimbos, cujo nome de um riacho assim chamado, é passagem da estrada do fio telegraphico. Está á montante da cidade da qual dista cerca de 48 kils., e á jusante da foz do rio Peritoró e serve de divisa entre os muns. de Coroatá e do Itapecurú-mirim. Foi o berço de José Candido de Moraes e Silva, redactor do Pharol Maranhense.

CACHIMBÚ. Morro entre os muns. de Atibaia e de Itatiba; no Estado de S. Paulo.

CACHOEIRA. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Morros, sobre o rio Munim á montante da villa, da qual dista 30 kils. Nesse trecho do rio para a Cachoeira Grande, que dá o nome á pov.

CACHOEIRA. Arraial do Estado de Sergipe, no termo de Itaporanga. (*Almanak Sergipano*. 1901)

CACHOEIRA. Bairro no dist. de Santa Rita da Extrema; no Estado de S. Paulo.

CACHOEIRA. Arraial do Estado de Goyaz, no mun. da capital. A Lei municipal n. 87 de 9 de abril de 1901 creou ahi um districto.

CACHOEIRA. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. do Bom Jardim; na linha divisoria desse Estado com o do Parahyba.

CACHOEIRA. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Petrolina.

CACHOEIRA. Morro no mun. de Palmyra; no Estado de Minas Geraes.

CACHOEIRA. Morro do Estado de Minas Geraes, no mun. do Pomba.

CACHOEIRA. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Genipapinho, trib. do Ipanema, no mun. de Cimbres. Recebe o Maniçoba.

CACHOEIRA. Corrego do Estado de S. Paulo, no mun. de Santa Rita do Paraiso. Vai para o ribeirão da Ponte Nova.

CACHOEIRA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Guarehy, proximo á foz do Corrente.

CACHOEIRA. Corrego do Estado de S. Paulo. affl. do Engordador, trib. do ribeirão Cabuçú mais tarde Guapira, trib. do rio Tieté.

CACHOEIRA. Ribeirão affl. da margem dir. do rio Piracicaba; no Estado de São Paulo.

CACHOEIRA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Paratahy ou Paratehy, trib. do Jaguary, que o é do Parahyba do Sul.

CACHOEIRA. Corrego do Estado de S. Paulo, banha o mun. do Parnahyba e desagua na margem esq. do rio Tieté.

CACHOEIRA. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do Tremembé; no mun. de S. Paulo.

CACHOEIRA. Rio do Estado de S. Paulo, no mun. de Cananéa. Desagua no mar de Aririaia.

CACHOEIRA. Rio do Estado de S. Paulo, affl, da margem esq. do Atibaia, no mun. de Itatiba. Desde este ribeirão eleva-se em amphitheatro a collina, sobre a qual está assentada a cidade de Itatiba. (Dr. J. Mendes. *Dicc.* cit.)

CACHOEIRA. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Turvo, no mun. de Barretos. A' margem deste ribeirão ha uma lagôa com o mesmo nome.

CACHOEIRA. Ribeirão do Estado de Minas Geraes, affl. do rio Paraopeba, no mun. de Sabará. Vide Antonio (Santo). Tres kils. acima de sua foz, no Cortado, despenha-se em catadupas sobre rochedos, em cuja base reunem-se cardumes de mandins e dourados.

CACHOEIRA. Esta cidade fica na margem esquerda do rio Paraguassú, defronte de S. Felix, á qual é ligada pela ponte de ferro D. Pedro II.

Divide-se em duas partes, uma plana á beira-rio e outra em ladeiras, encostadas aos morros que ficam do outro lado. Seus pontos extremos são o morro do Capueirussú, á direita, e o do Caquende, á esquerda. Banha-a o rio Paraguassú e os riachos Caquende, ao sul, Pitanga e Tres Riachos, ao norte. E' cercada pelos morros Caquende, Pastoradouro, Mangabeiras, Falleira e Capueirussú.

E' uma cidade grande, decadente e velha, sem arruamento regular, sem agua canalisada, sem esgotos e illuminada a kerozene.

A rua que corre ao longo do cáes é em um trecho immunda, sem calçamento, cheia de depressões, que estão sendo entulhadas com lixo. As demais ruas são, na sua maior parte, muito abauladas, escorregadias, calçadas com umas pedras impossiveis, sem passeios cimentados; umas (muito poucas) largas e rectas, outras estreitas e tortuosas, com beccos estreitissimos, e todas ellas com placas indicativas das denominações por que são conhecidas. A rua mais commercial da cidade é a Treze de Maio, outr'ora rua de Baixo.

Tem alguns largos, mais ou menos extensos, sendo principaes o dos Arcos, plantado de tamarindeiros, o da Acclamação, muito irregular, calçado, coberto de matto, com o velho e estragado edificio da Camara Municipal, o da Regeneração, igualmente irregular, sem calçamento, muito descurado, com um chafariz encimado pela corôa imperial, a Santa Casa e uma igreja ao lado, e o Maciel, arborisado, atravessado pelo riacho Pitanga e com a capella dos Remedios.

Os predios, em numero de 1893, são, na sua quasi generalidade, velhos, sem gosto esthetico, uns de sobrado, outros terreos, e numerados.

Os predios mais bonitos da cidade são os do Dr. Leopoldo de Almeida Boaventura e Genesio de Souza Pitanga,

na rua Ruy Barbosa, do Commendador José Joaquim Vieira Lopes e da viuva Silva Pimentel, na rua Formosa, e do tenente-coronel Verissimo Antonio de Faria, na Pitanga.

Ao longo da frente da cidade, deste a ponte de ferro até pouco além da estação da Companhia Bahiana, estende-se um longo cáes com forte muralha de pedra, onde atracam as embarcações.

Na cidade publicam-se dous jornaes: *A Ordem*, que conta 33 annos de existencia, e *A Cachoeira*, este official.

Possue, além da matriz, bastante damnificada, mais as igrejas e capellas da Ordem Terceira do Carmo, em reconstrucção, com alguma architectura antiga, e a bella imagem do Senhor dos Passos, do Carmo, a melhor das igrejas, dos Remedios, do Amparo, da Ajuda, da Santa Casa, do Rosario, da Conceição dos Pobres, no Caquende, e de Nossa Senhora do Monte, em elevada posição, junto ao rio.

O edificio da Camara Municipal é velho e muito estragado. Os baixos são occupados pela cadêa. No pavimento superior ficam a secretaria e archivo, a sala das sessões do Conselho, com o retrato do Marechal Floriano, e a sala do Jury.

A Santa Casa foi fundada entre os annos de 1729 a 1734 por Antonio Machado de Nossa Senhora de Belém, que administrou-a até 1756, entregando nessa data aos frades de S. João de Deus, em cuja ordem professou. Esses religiosos deram ao estabelecimento a invocação de S. João de Deus.

Tem 12 janellas de frente no segundo pavimento e onze janellas e a porta da entrada no primeiro.

No segundo pavimento ficam a sala do banco, os gabinetes do medico e do provedor, as enfermarias S. Raphael e S. João de Deus, ambas para homens, e Santa Isabel para mulheres.

No pavimento terreo ficam a sala mortuaria, a pharmacia, a cozinha, a despensa e outros compartimentos.

Em um pateo interior levanta-se uma columna encimada pela estatua da Caridade. Nas quatro faces da base desta columna lê-se:

«*A' memoria de Fr. Antonio Machado de Nossa Senhora de Belém, fundador deste hospital — Quem dá aos pobres empresta a Deus — Fazei o bem, não repares a quem. — 1729 a 1734.* »

Nos fundos da igreja fica a secretaria com os retratos do Dr. Aristides Milton, Commendador Manoel Galdino de Assis, João Amaro Lopes, Commendador Rodrigo José Ramos, Commendador Pedro Rodrigues Bandeira e Coronel José Ruy Dias d' Affonseca.

A igreja é muito pobre; tem tres altares.

A Santa Casa é um edificio modesto; os tectos das enfermarias não são forrados e os leitos dos doentes por demais singelos.

O melhor edificio da cidade é a estação da estrada de ferro, situada em um dos extremos e no começo da ponte Pedro II. No alto da fachada lê-se: «*Anno MDCCCLXXXIV Central Bahia Railway.* »

A soberba e monumental ponte de ferro méde 355^{m},64 de comprimento, 9^{m},13 de largura, dividida em quatro vãos de 91^{m},41 cada um, formados por quatro enormes pilares.

Ha no perimetro da cidade 171 casas de negocio, inclusive tres fabricas de charutos, seis escolas publicas e duas serrarias.

Tem quatro cemiterios; entre os quaes o da ordem terceira.

Comprehende os suburbios: Capoeirussú e Tororó, este a dous kilometros e onde está montada a fabrica de tecidos S. Carlos.

A população da cidade é calculada em 18 a 20.000 habitantes.

O clima é muito quente.

A lavoura do municipio consiste em fumo, cereaes, algum café e canna de Assucar.

Comprehende os districtos de Iguape, Santo Estevão do Jacuhype (no rio dos jacús) Conceição da Feira e Belém.

De 1611 a 1621 as margens do Paraguassú estavam incultas e só por ellas desciam os indios das tribus Tapuias, Tupinambás e Tayayazes, que assaltavam os moradores civilisados na parte mais proxima do littoral.

Sendo governador o Capitão-General D. Jeronymo de Athayde, Conde de Atouguia, enviou em 1654 o Capitão Gaspar Rodrigues Adorno (1) em exploração contra os mesmos indios, recebendo em recompensa dos seus arriscados trabalhos quatro leguas de terra em uma e outra margem do rio, comprehendendo os ribeiros Caquende e Pitanga.

Vindo o Capitão Adorno fixar sua residencia, já encontrou alguns moradores disseminados de um e outro lado do ribeiro Caquende.

Reconstruiu em 1673, de uma ermida que era, a capella de Nossa Senhora do Rosario, que serviu de matriz, e actualmente é dedicada á Nossa Senhora da Ajuda.

Desenvolvendo-se com o andar dos tempos, foi a pov. creada freg. pelo Arcebispo D. João Franco de Oliveira em 1696, com a invocação de N. S. do Rosario. Em 7 de Janeiro de 1698 foi elevada á categoria de villa pelo Governador da Bahia D. João de Lencastre com a denominação de villa de Nossa Senhora do Rosario da Cachoeira. Sua primeira camara tomou posse em 24 do mesmo mez e anno. Pela Lei Prov. n. 43 de 13 de Março de 1837 foi elevada á cidade com o titulo de *Heroica*.

E' séde de comarca.

A data mais gloriosa para os cachoeiranos é a de 25 de Junho de 1822, quando a camara, o povo e a tropa, reunidos acclamaram o principe D. Pedro regente e defensor perpetuo do Brasil, primeiro passo para a independencia de nossa patria, e tanto mais notavel quando uma escuna de guerra portugueza, mandada pelo General Madeira, commandante das forças lusitanas na capital, pretendeu impedir aquella manifestação metralhando durante todo o dia as casas, e, á noite, principalmente aquellas que tinham posto luminarias, festejando o advento da liberdade.

Os cachoeiranos fizeram prodigios de valor e logo após a referida acclamação, nomeou-se a *junta de defesa*.

No emtanto, depois de ininterrupto tiroteio de quatro dias, a escuna portugueza, levantando ferros, tentou fugir, mas foi abordada por destemidos Cachoeiranos, que apossando-se della, recolheram á cadêa a respectiva guarnição.

Seguidamente foi resolvido installar-se um *governo provisorio*, que promovesse a expulsão das tropas portuguezas, que operavam na Capital. A este governo provisorio succedeu uma *junta*, creada pela Carta Imperial de 5 de Dezembro de 1822, e que serviu até 2 de Julho de 1823, quando foram repellidas da Capital as tropas portuguezas.

O Visconde de Jequitinhonha, então Montezuma, veio ao Rio de Janeiro por terra para levar a Pedro I os documentos de sua acclamação, commissionado pela Camara da Cachoeira. Voltou por mar, desembarcando em Camamú, com as tropas que o Imperador mandára para auxiliar os patriotas.

A Cachoeira, em todos os momentos augustiosos para a Patria, tem sabido cumprir com o seu dever. Assim é que concorreu para suffocar os revolucionarios de 1837, que tinham feito a *sabinada*, como tambem numerosos contingentes para a guerra do Paraguay.

Os allemães, que residem na cidade, fazem monopolio de todo o fumo, que produz o municipio e os que com elle confinam, e o exportam para Bremen e Hamburgo.

Na manhã de minha partida para a cidade do Salvador, percorrendo o largo em que fica a Camara Municipal, deparei com um predio que chamou minha attenção, pela sua antiguidade, solidez e pela porta de entrada toda almofadada e cheia de relevos. E' o predio em que funcciona a repartição telegraphica.

Penetrando nelle vi as paredes de grande espessura, o tecto da sala da frente com bonitos paineis em numero de nove, magistralmente pintados e bem conservados; e na sala de visitas, immediata, mais nove paines, sendo um maior representando Paraguassú.

Disseram-me ter nessa casa residido o antigo Capitão-mór.

Tive occasião de egualmente visitar a fabrica de charutos de Pook & C., que occupa um grande predio, onde hospedaram-se o Imperador e sua familia, em sua viagem a esse Estado.

A fabrica trabalha com 50 a 60 operarios.

---

(1) Ha quem diga que Adorno foi encarregado dessa expedição pelo Conde do Castello Melhor em 1648 e que finalizou-a em 1654.

As outras fabricas de charutos da cidade são a de Jezler Hoening, que funcciona na Pitanga, e a de Zacharias Mílhazes.

Na Cachoeira nasceu o grande jurisconsulto Teixeira de Freitas.

Reservei para o final deste artigo a menção do importante edificio elevado pelo povo cachoeirano á Caridade: é o *Asylo Filhas de Anna.*

Foi fundado pelo illustre cidadão Antonio Carlos da Trindade Mello no dia 27 de Setembro de 1891, com o fim de agasalhar orphãs e crianças desamparadas; tem actualmente 16 asyladas. Mantem-se á expensa de uma subvenção de 4:000$ concedida pelo Governo Estadoal, de 400$ dados pela Intendencia e dos juros da quantia de 38:000$, unico patrimonio do asylo. Funcciona em predio proprio.

A receita durante a anno de 1900 foi de 9:378$310 e a despeza de 10:113$230, resultando um *deficit* de 734$920.

Para fiscalisação e manutenção do asylo ha uma sociedade denominada *Mães Protectoras.*

Se os *deficits* não desapparecerem, é muito provavel que o asylo fique impossibilitado de preencher os seus elevados fins e tenha de cerrar as portas á orphandade.

Peço a Deus que isso não aconteça. Da piedade do povo cachoeirano espero que auxilios não faltem a uma instituição, que tem sua base na terra e que se prolonga até o céo.

A cidade possue outras instituições beneficentes entre as quaes uma loja maçonica (Caridade e Segredo) e a denominada Monte Pio dos Artistas Cachoeiranos.

CACHOEIRA ALTA. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no. mun. de S. Fidelis.

CACHOEIRA ALTA. Corrego do Estado do E. Santo, no mun. de Affonso Claudio.

CACHOEIRA DAS PEDRINHAS. Log. do Estado de Pernambuco, á margem do rio S. Francisco, entre os denominados Barauna e Pedrinhas, no mun. de Petrolina.

CACHOEIRA DE SANTA RITA. Log. do Estado de Goyaz, no mun. do Curralinho.

CACHOEIRA DO ALVARO. Ribeirão do Estado de Minas Geraes, na cidade de Barbacena. Vai para o rio das Mortes. Recebe diversos corregos que banham aquella cidade.

CACHOEIRA DO BARROS. Morro no mun. de Palmyra e Estado de Minas Geraes.

CACHOEIRA DO PINHEIRINHO. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. do Lageado.

CACHOEIRA DOS ANTUNES. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

CACHOEIRA DO SOBRADINHO. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Petrolina, á margem do rio S. Francisco.

CACHOEIRA GRANDE. Pov. do Estado de Pernambuco, no mun. do Altinho, á pequena distancia do rio Una. Tem uma capellinha de N. S. da Conceição.

CACHOEIRA GRANDE. Pov. do Maranhão. Em logar de mun. de Codó leia-se mun. de Icatú. Accrescente-se no fim: Fica a 36 kils. da villa e tem uns 200 habs.

CACHOEIRÃO. Ribeirão do Estado de Matto Grosso, no mun. de Miranda.

CACHOEIRA SECCA. Corrego do Estado do Paraná, affl. do rio Assunguy, trib. do Serra Negra; no mun. de Guarakinava.

CACHOEIRA VELHA. Nome de um engenho, no mun. de Serinhaem do Estado de Pernambuco, com uma capella do Senhor Bom Jesus. "Em 17 de novembro de 1848 houve ahi um combate entre os revoltosos do partido praieiro e as forças do governo, havendo da parte destas dous officiaes feridos, 23 praças mortas e 64 feridas; sendo do lado das da revolta 150 feridos e 50 mortos." (*Chron. da Reb. Praieira* por J. M. F. de Mello).

CACHOEIRINHA. Arraial do Estado de Sergipe, no termo de Itaporanga. (*Almanak Sergipano.* 1901).

CACHOEIRINHA. Riacho do Estado de Pernambuco; nasce na serra de S. José, no mun. do Buique, e corre para o mun. da Pedra, onde desagua no Ipanema.

CACHOEIRINHA. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Atibainha; no mun. de Nazareth. Recebe o Tabaquiara.

CACHOEIRINHA. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do ribeirão do Lageado, trib. do rio Grande; no mun. de Santa Rita do Paraiso.

CACHOEIRINHA. Corrego do Estado de S. Paulo, banha o mun. do Rio Claro e desagua na margem dir. do rio deste nome, affl. do Corumbatahy.

CACHOEIRINHA DO TAQUARAL. Log. do Estado do E. Santo, no mun. de Santa Cruz.

CACHORRO. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. de Brotas, nas divisas do dist. de Campo Alegre.

CACHORRO. Serra de Pernambuco. Accrescente-se no fim: E' muito curiosa pela fórma que tem, apresentando formidavel base composta de uma pedra que parece dous hombros, tendo, um muitos metros de elevação, um pico isolado e nú, de figura conica, o qual de muito longe se divisa. E' inaccessivel seu cimo. No lado oriental ella é quasi perpendicular e no occidental o declive é menos pronunciado. Em sua encosta, lados do nascente e do poente, existem duas fontes.

CACIMBA. Arraial no termo do Lagarto do Estado de Sergipe. (*Almanak Sergipano.* 1901).

CACIMBA. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Flores. Affirmam haver nella cobre.

CACIMBA DE S. GONÇALO. Log. do Estado de Pernambuco, entre os muns. do Limoeiro e Caruarú.

CACIMBA DOCE. Rio do Estado da Bahia, atravessado pelo Prolongamento da E. de F. da Bahia ao S. Francisco. Pertence á bacia deste ultimo rio.

CACIMBA DOS NEGROS. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Aguas Bellas, nas divisas desse Estado com o das Alagôas.

CACIMBA NOVA. Riacho do Estado de Pernambuco; nasce no logar Minador, na serra do Araripe, e corre para o mun. da Leopoldina. (S. V. Galvão. *Dicc.* cit.).

CAÇUNUNGA. Corrupção de *caba-cynynga*, alt. *cacununga*, vespa zumbidoura. (Dr. Theodoro Sampaio). Vide *Caba.*

CADEADO. Serra do Estado do R. G. do Sul, no mun. da Cruz Alta.

CAETÂ. Estação da E. de F. Campista, no Estado do Rio de Janeiro, no mun. de S. João da Barra; com uma fabrica de manteiga. Esta palavra é corrupção de *caa-etá*, que significa, segundo o Dr. T. Sampaio, as folhas, as plantas, as mattas.

CAETANO. Lagôa no mun. de Bom Conselho e Estado de Pernambuco.

CAETANO (S.). Pov. do Estado de Pernambuco, no mun. de Caruarú.

CAETANO JOSÉ. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da cidade do Bom Fim.

CAETÉ. Vocabulo indigena que significa, segundo Montoya — *monte verdadeiro de páos grossos*; segundo Saint Hilaire — *montanha coberta de grossas arvores*; e segundo o Dr. Theodoro Sampaio é corrupção de *caá-êtê*, matta real ou verdadeira, matto virgem.

CAETÉ. Bairro da cidade de Barbacena, no Estado de Minas Geraes.

CAETEGUA'. Valle ou baixada da matta virgem; corrupção de *caá-êtê-guá*. Vide *Guá*.

CAETETÊ. Corrupção de *caaetê-tê*, augm. de *caaetê*, mattão, grandes mattas. (Dr. Theodoro Sampaio).

CAETETÚ. Arraial do Estado de Sergipe, no termo do Lagarto (*Almanak Sergipano*. 1901).

CAETETÚ. Furo do Estado do Pará, no mun. de Afuá. Vai para o rio Sant'Anna.

CAETETÚ. Corrego do Estado de Minas Geraes; desagua no rio Arassuahy, cerca de tres kils. defronte da foz do corrego Barboza.

CAETETUBA. Ribeirão do Estado de S. Paulo banha o mun. de Atibaia e desagua na margem dir. do rio deste nome abaixo do ribeirão da Folha Larga.

CAFUNDÓ. Bairro do mun. de Santa Barbara do Rio Pardo; no Estado de S. Paulo, com uma esc. mixta, creada pela Lei n. 732 de 26 de outubro de 1900.

CAFUNDÓ. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Pardo; no mun. de S. José do Rio Pardo. ,'Esta palavra, diz o Dr. J. Mendes, é corrupção de *Quai-yi-nd-og*, talhado e em concavidades tapadas. De *quai*, cortar, talhar; *yi*, concavidade, oco, abertura natural; *nd*, intercalação nasal; *og*, tapar. O *yi* tem som guttural".

CAGUASSÚ ou CAAGUASSÚ. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do iJundiahy, entre os muns. deste nome e de Cabreuva. Ha ah tambem um morro com este nome.

CAGUASSÚ. Uma das cabeceiras do ribeirão Jundiovira, pela margem dir., no mun. de Jundiahy e Estado de S. Paulo, "*Cuaguassú*, com referencia a curso d'agua, é corruptela de *Quã-quã-çú*, poços ou fojos, com altos e baixos. De *quã*, poço, fojo; *çú*, altos e baixos. *Quã*, repetido, é para assignalar a frequencia, successivamente ou em muitos logares, segundo a lição do padre A. R. Montoya em sua *Arte de la lengua guarani*. Allusivo aos peráus nesses ribeirões". (Dr. J. Mendes. *Dicc.* cit.)

CAHETE'. Nome de uma tribu selvagem da Capitania de Pernambuco. "Esta palavra, diz o Dr. Theodoro Sampaio, é corrupção de *caá-êtê*, matta virgem, matto verdadeiro."

CAHY. Corrupção de *caá-y*, rio da matta; subst. *cai*, especie de simio, muito vergonhoso e timido (*Cebus Azaræ*); R. G. do Sul (Dr. Theodoro Sampaio).

CAHY. Quarteirão incorporado ao dist. do Japi, no mun. do Jundiahy e Estado de S. Paulo, por Acto de 5 de Maio de 1891.

CAHY. Rio do Estado de S. Paulo, affl. do ribeiro Cururú ou Pinhal e este do Tieté pela margem dir.; entre os muns. de Cabreuva e de Jundiahy. Esta palavra é corruptela de *Ca-i*, constantemente quebrado. De *ca*, quebrar, abrir; *i*, posposição para exprimir perseverança no facto. Allusivo a alargar-se em muitos logares, derramando suas aguas pelas margens.

CAHYPE. Log. no termo de S. Christovão, do Estado de Sergipe.

CAHYPE. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Cimbres e desagua no rio Ipojuca.

CAIACANGA-ASSU'. Pov. do Estado de Santa Catharina, no mun. da capital. E' celebre pelas suas melancias.

CAIANNA. Log. do mun. de Bezerros e Estado de Pernambuco.

CAIASSICA. Log. no mun. de Santos do Estado de S. Paulo, nas cabeceiras do rio Itapanhaú. E' esta palavra corruptela de *Caa-ci-ca*, morros pegados. De *caá*, morro; *ci*, pegar, com o suffixo *ca* (breve) para formar supino.

CAIAUCOENA. Log. no mun. de Tury-assú, no Estado do Maranhão. Encontra-se tambem escripto *Caiancoena*.

CAIBOATE'. Log. do mun. de Uruguayana, no Estado do R. G. do Sul; com uma esc. municipal.

CAIBOATE'. Arroio do Estado de R. G. do Sul, banha o mun. de Uruguayana e desagua no rio Quarahy. Nasce na coxilha de Sant'Anna. Outros escrevem *Caguaté*.

CAIÇARA. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Grajahú.

CAIÇARA. Pequeno e insignificante pov. do mun. de Granito e Estado de Pernambuco.

CAIÇARA. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Pannellas e desagua no rio deste nome, affl. do Pirangy.

CAIÇARA. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. da Victoria. Ahi existem tres pedras de curiosa configuração, nas quaes veem-se inscripções indecifraveis, ignorando-se até hoje a quem attribuil-as.

CAIONGO. Log. e serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Muribeca.

CAIPE. Corr. *caá-y-pe*, no rio da matta; Bahia (Dr. T. Sampaio). Vide *Cahype*.

CAIPIRA. Composto de *cai-pira*, a queimada, o que anda em queimadas; pode ser ainda *cai-pir*, o vergonhoso, o timido, o acanhado. Vide Cai. *Pir* é um suffixo para formar adjectivos; S. Paulo, Paraná, Minas. (Dr. T. Sampaio).

CAIPORA. O que mora, habita ou frequenta a matta; genio da mythologia selvagem; corrupção de *caá-y-póra*.

CAIPORA. Outeiro do Estado da Bahia, na ilha de Itaparica.

CAIPORA. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Ouricory e desagua no rio da Garça.

CAIRUÇÚ. Composto de *cai-r-uçú*, queimada grande; Rio de Janeiro (Dr. T. Sampaio).

CAIUBÁ ou CAIOBÁ. Morro elevado que marca a extremidade da maior das ramificações da serra Itatins, a qual se desdobra para SO.; no Estado de S. Paulo. E' fronteiro ao canal na margem esq. do rio Ribeira de Iguape, formando cabo na foz do rio Guaratuba ou Brejaituba. Esta palavra significa monte aberto; de *caá*, monte; e *hobá*, aberto. Exactamente este morro é isolado e portanto aberto de todos os lados.

CAIXETAS. Serra do Estado de Minas Geraes, nas divisas do mun. de Entre Rios.

CAJÁ. Riacho do Estado de Pernambuco, no mun. da Victoria. Corre para o riacho Tapacurá, affl. do Capibaribe.

CAJAIBA. Corr. *acayá-yba*, a cajazeira, a arvore da cajá (*Ipondias brasiliensis*), Bahia. (Dr. T. Sampaio). Vide *Acayá*.

CAJANGÁ. Bairro do Estado de Minas Geraes, no dist. de Mercês do Pomba, á margem do rio Paciencia.

CAJAPIÓ. Villa do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira, *obr.* cit., diz: "*Cajapió*, a SE. da villa de S. Vicente Ferrer e de S. Bento, das quaes é separada pelos *Campos dos Perys*, está sobre o igarapé do seu nome, trib. da margem esq. do estuario do Mearim ou extremidade meridional da bahia de S. Marcos. Defronte da foz do igarapé, fica a ilha dos Carangueijos, cuja extremidade S. divide a foz do Mearim em dous braços. O porto está á margem do referido igarapé, sendo que os vapores da linha fluvial chegam somente até o logar denominado *Porto dos Frades*, que dista tres kils. da villa, subindo, porém, as pequenas embarcações até perto della, si bem que, em 1898, os vapores tivessem feito algumas viagens até ao porto de Jassucaua, que fica mais proximo, apenas a 330 metros de distancia. A seis kils., na costa da bahia de S. Marcos, acha-se a praia de Itapeua, procurada por causa de seus banhos salgados. Cajapió, tem clima ameno e saudavel e possue campos apropriados para a criação de gado, no que consiste a sua principal riqueza. E' séde do mun. do mesmo nome e pertence á com. de S. Bento". Houve ahi, ha muitos annos, uma fazenda pertencente a Ordem Mercenaria, sendo ainda hoje o porto conhecido por Porto dos Frades. Comprehende o pov. Bacurituba.

CAJARANA. Corr. *acayá-rana*, cajazeira falsa, tirando á cajá (*Cabralea Cangerana* Vell.); alt. geralmente para *Cangerana*. (Dr. T. Sampaio).

CAJÚ. Arraial do Estado de Sergipe, no termo de Itaporanga (*Almanak Sergipano*. 1901)

CAJÚ. Vertente do ribeirão Itaim, no mun. do Parnahyba e Estado de S. Paulo. Nasce junto ao morro Jaraguá-mirim; e, quando engrossa e começa a queda, toma o nome de Itaim.

CAJUAES. Igarapé no mun. da capital do Estado do Amazonas.

CAJUAL. Pov. do Estado do Maranhão, no mun, de Tury-assú.

CAJUAL. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Agua Preta.

CAJUAL. Ilha na bahia do mesmo nome, mun. de Cururupú e Estado do Maranhão. Ha uma outra ilha do mesmo nome no mun. de Alcantara.

CAJUALSINHO. Ilha no rio deste nome, mun. de Cururupú e Estado do Maranhão. (José Ribeiro do Amaral, *obr.* cit.).

CAJUAPARA. Pov. á margem dir. do rio Gurupy. Abaixo della entra naquelle rio o Panema.

CAJUEIRO. Igarapé affl. do rio Gurupy. Desagua do lado Maranhão. (Dr. G. Dodt.)

CAJUEIRO. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Pau d'Alho e desagua na margem dir. do rio Capibaribe.

CAJUEIRO VERMELHO. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Itambé e desagua no riacho Dous Páus.

CAJURÚ. A bocca da matta; corrupção de *caá-yurú*.

CAJURÚ (Carmo do). Dist. de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Foi desmembrado do mun. do Pará e incorporado ao de Itauna pela Lei n. 319 de 16 de Setembro de 1901.

CALAFATE. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. da Escada e desagua no rio Ipojuca.

CALÇÃO. Corrego do Estado de Minas Geraes, affl. do rio Itinga.

CALDAS. Arraial no termo de Pacatuba do Estado de Sergipe. (*Almanak Sergipano*. 1901).

CALDEIRÃO. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Bom Conselho.

CALDEIRÃO. Riacho do Estado do Ceará, affl. do rio Cariú, no mun. de Cariry.

CALEMBE. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Carassú, que o é do rio Una.

CALHÃO. Log. do Estado do Maranhão, na ilha de S. Luiz.

CALIFORNIA. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no dist. da cidade de S. Fidelis.

CALISTO. Igarapé do Estado do Pará, no mun. do Bagre. Vai para o rio Jurupary.

CALOLÉ. Morro na cidade de Santo Amaro, no Estado da Bahia.

CALSOENE. Sub-prefeitura creada pelo Dec. n. 1.062 de 7 de agosto de 1901 no dist. de Cassiporé do territorio de Aricary; no Estado do Pará.

CALUMBI. Monte de pequena elevação e pouca extensão, junto do qual e o do Taboleiro fica situada a cidade do Bom Conselho; no Estado de Pernambuco.

CAMADO. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. de Teffé.

CAMAMÚ. Composto de *cama-mú*, peitos juntos, elevações visinhas, cabeços proximos, ou figuradamente — os dous irmãos; Bahia. (Dr. T. Sampaio).

CAMANAHÚ. Rio do feijão; corrupção de *comaná-y*; Pará.

CAMANDOCAIA. Corr. *camondó-cái*, queimada para caçar, fogo posto no campo, envolvendo parte delle a que os selvagens punham cerco, matando a páo a onça que tentava escapar do incendio; S. Paulo. (Dr. T. Sampaio).

CAMAPUAM. Composto de *cama-puan*, peitos redondos, proeminencias arredondadas em forma de peito; Matto Grosso, Minas. (Dr. T. Sampaio).

CAMAQUAM. Composto de *cama-aquã*, peito agudo, elevação ponteaguda ou alongada; R. G. do Sul. (Dr. T. Sampaio).

CAMARAGIBE. Rio do camará; corruptela de *camará-g-y-pe*; Pernambuco, Alagôas. Camará ou Cambará é um arbusto conhecido (*Lantana* L.).

CAMARAGIBE. Villa operaria fundada pelo Dr. Carlos Alberto de Menezes no mun. de S. Lourenço da Matta do Estado de Pernambuco, perto da estação da linha ferrea do Limoeiro, de seu nome, entre esta e a de Macacos. Ahi existe uma bem montada fabrica de tecidos.

CAMARAGIBE. Estação da via-ferrea do Recife a Limoeiro e Timbaúba, no kil. 18,376^{m} da inicial do Brum, no Recife; no Estado de Pernambuco. Foi aberta ao trafego em 26 de outubro de 1881. Fica entre as de Macacos e S. Lourenço e tem o local a altitude de 43,^{m}0.

CAMARÃO. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Carassú que o é do rio Una.

CAMARATUBA. Arraial do termo do Soccorro, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901). *Camaratuba* ou *Camaratiba*, composto de *camará-tyba* ou *tuba*, camarás em abundancia.

CAMARATUBA. Serra do Estado de Pernambuco, ao NE. da cidade do Bonito, em territorio deste mun. Tem uma área de 2.400^{m} e a elevação de 800^{m} de altitude.

CAMARATUBA. Serra do Estado de Pernambuco, nos limites do Bebedouro com o dist. do Altinho, mun. deste nome.

CAMAYANÉ. Rio do Estado do Pará, no mun. de Afuá.

CAMBAHUBA. Ribeirão de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Desagua no ribeirão das Cruzes, affl. da margem esq. do rio Mogy-guassú. Tambem escrevem *Cambahúva*.

CAMBAHUBAS. Log. do Estado de Minas Geraes, no mun. de Araguary.

CAMBAIUVOCA. Morro no mun. de Jaboticabal do Estado de S. Paulo. Ha no mesmo mun. uma cachoeira do mesmo nome no rio Tieté, abaixo da foz do rio dos Porcos.

CAMBANZÉ. Arraial do termo de Pacatuba, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

CAMBARÁ (alagadiço pestilento). Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do ribeirão Paraty; no mun. de Jacarehy. Hoje tem o nome de Remedios, por causa da Capella que existe em suas cabeceiras.

CAMBAROPY. Rio que, nascendo na serra Aririaia, corre no mun. de Cananéa, e desagua no mar conhecido tambem por Aririaia, no Estado de S. Paulo. Segundo Martius, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, este nome significa peixe de escamas. *Cambaropy* corrupção de *Camambú-rupi*, com bolhas. De *camambú*, empôla, bolha; *rupi*, posposição significando — com. Allusivo ao facto de fazerem bolhas em empôlas as aguas deste rio, certamente por serem mineraes. (Dr. J. Mendes. *Dicc.* cit.).

CAMBICHA ou CAMBIXA (forqueado). Rio affl. do Una da Aldêa, no mun. de Iguape e Estado de S. Paulo.

CAMBOATÁ. Corr. *caá-mboatá*, o que anda ou caminha no matto; peixe que caminha em secco (Dr. T. Sampaio). Macedo Soares nterpretou: *cá=car*, escáma; *mbo*, que faz; *atá*, andar.

CAMBORY. Pequeno ribeirão que nasce na serra Maritima e que desagua no canal da Bertioga; no mun. de Santos e Estado de S. Paulo.

CAMBORY. Pequeno ribeirão que nasce na serra Maritima e desagua no oceano; no mun. de S. Sebastião do Estado de S. Paulo.

CAMBRIUVA. Log. no mun. de Castro e Estado do Paraná.

CAMBUÇÁ. Rio do Estado de S. Paulo, affl. do ribeirão Anna da Costa, no mun. de Iguape. *Cambuçá* corruptela de *Gu-ambii-çai*, ambas as margens estendidas. De *gu*, reciproco; *ambii*, lado; *çai*, estender, esparzir. Allusivo a ter baixas as margens; de sorte que com as chuvas as aguas se espargem. Por isso, é mais uma larga corrente do que propriamente um ribeirão (Dr. J. Mendes).

CAMBUCY. Antiga villa do Estado do Rio de Janeiro, á margem esq. do rio Parahyba do Sul, atravessada pela E. de F. Leopoldina, que ahi tem uma estação, em logar plano, cercada de montanhas, na margem opposta do rio. E' banhada pelo corrego Vallão Dantas, nome primitivo da pov. Tem matriz e dous engenhos de beneficiar café. Importante lavoura de café. Foi transferida a séde do seu mun. para o dist. de Monte Verde pela Lei n. 591 de 2 de Janeiro de 1903.

CAMBUCY. Corrego do Estado de S. Paulo, no mun. da capital. Desagua no rio Tamanduatihy, pela margem esq. em seguida ao morro do seu nome. Esta palavra é corrupção de *cambú-chi*, vaso d'agua, pote, cantaro, tina (Baptista Caetano); alterada em *camucy*, *camucim*, *camutim*, *camoti*.

CAMBUHY. Morro no mun. de Araraquara do Estado de S. Paulo.

CAMBUQUIRA. Corr. *caá-ambikira*, brotos de herva, grelos, folhas tenras. (Dr. Theodoro Sampaio).

CAMBURIÚ. Corr. *camby-ri-y*, rio onde corre leite; rio de leite; corr. *camuri-ú*, rio do roballo (Dr. Theodoro Sampaio).

CAMELEÃO. Ilha na bahia de Cassacoeira, mun. de Cururupú e Estado do Maranhão.

CAMELLA. Pov. do Estado de Pernambuco, situado a 27 kils. distante de Ipojuca, com uma capella de Santo Antonio.

CAMETÁ. Corr. *cama-etá*, os peitos; as elevações, proeminencias; pode ser corrupção de *cametara* (cã-metara), ornato da cabeça, o cocar; Pará; (Dr. T. Sampaio).

CA-ME-VOU-SINHO. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. do Bonito e corre para o rio Serinhaem.

CAMILLA. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do rio Capibaribe.

CAMILLINHO. Pov. no dist. de Gouvêa, mun. de Diamantina e Estado de Minas Geraes; banhada pelo corrego Sepultura. Tem commercio animado.

CAMINHO NOVO. Designação de uma das estações da E. de F. do Recife á Varzea e Dous Irmãos, no dist. da Bôa Vista. Fica a 1.745^{m} da estação inicial da rua do Sol; no Estado de Pernambuco.

CAMISA. Log. do Estado de Matto Grosso, á margem esq. do rio Paraguay. E' habitado pelos Cadiuéos.

CAMORIM. Rio do Estado do Amazonas, no mun. de Codajás.

CAMORIM. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de S. Lourenço e desagua no Capibaribe.

CAMPANTE. Bairro na cidade de Barbacena e Estado de Minas Geraes.

CAMPECHE. Ilha de Santa Catharina. Accrescente-se no fim: Fica quasi em frente ao Pontal de leste, pequeno cabo que separa a praia do Campeche da praia da Armação da Lagoinha. Com uma milha de extensão por um terço de largura, alongada e correndo na direcção de S E., esta ilha apresenta uma reentrancia a O. abrigada dos ventos do largo, reentrancia que offerece um pequeno mas excellente ancoradouro aos navios de porte commum. Todo o seu littoral é bastante piscoso e visitado no inverno pelas canôas de pescaria da Armação e logarejos proximos. Montuosa em certos pontos, tem a culminal-a a elevação chamada o morro do Norte (85^{m}.0) na extremidade septentrional, e possue cerrado arvoredo nessa parte. Na sua costa occidental existe a praia da Enseada, que é a mais consideravel e que contorna por um lado o seu principal surgidouro; algumas outras menores estendem-se para o N. e para o S., separadas a espaços por curtas pontas de rocha. O ancoradouro é seguro em geral, menos com o norte duro e o noroeste; e a paisagem que o cerca impressiona agradavelmente com os seus breves trechos de prado, as suas moitas de arbustos e as suas collinas, cintadas pela alvura das praias. Este aspecto pittoresco da ilha e a facilidade de desembarque

levaram o finado D. Pedro II e sua esposa a percorrel-a, em ligeira excursão, em outubro de 1845, quando esses augustos viajantes, de passagem para o R. G. do Sul, se demoraram alguns dias na capital catharinense.

CAMPESTRE. Arraial do termo do Riachão, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

CAMPESTRE. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da cidade do Bom Fim.

CAMPESTRE. Serra do Estado de S. Paulo, no mun. do Patrocinio do Sapucahy.

CAMPESTRE. Morro do Estado de Minas Geraes, no mun. de Palmyra.

CAMPINA. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. do Sumidouro.

CAMPINA. Corrego do Estado de Pernambuco, affl. do rio Araripe, no mun. de Iguarassú.

CAMPINA DOS ESTEIOS. Log. do Estado do Paraná, no mun. do Rio Negro.

CAMPINA DO TABORDA. Log. historico do Estado de Pernambuco onde foram assignados os artigos da capitulação hollandeza, em 26 de janeiro de 1654, cuja situação, segundo as *Memorias* do Marquez de Bastos e outros historiadores, fôra no espaço actualmente comprehendido no dist. de S. José da cidade do Recife — pelas ruas Marcilio Dias, Largo do Mercado, rua de S. José de Riba-Mar e outras, que ficam em frente e ao N. da fortaleza das Cinco Pontas. Affirmam uns que aquelle nome provinha de ter morado nesse bairro, um pescador chamado Manoel Taborda, e outros, porque taes terrenos pertenciam ao capitão Antonio Gomes Taborda, proprietario e senhor de engenho, o qual commandou uma das companhias de emboscadas na batalha da Casa Forte, onde soffreu ferimentos. (Sebastião Vasconcellos Galvão *Dicc.* cit.).

CAMPINA DO TAVARES. Pov. do Estado do Paraná, no mun. de Bocayuva.

CAMPINAS. De Jundiahy tomei a estrada de ferro Paulista, que tem começo nessa cidade, e dirigi-me para Campinas.

Com a bitola de 1m,60 a estrada passa pelas estações de Sant'Anna, Corrupira, Louveira (de onde parte a estrada de ferro Itatibense), Rocinha, com algumas casas, Vallinhos, bem habitada e com uma egreja, Samambaia e Campinas.

Quando desembarquei na elegante estação da Paulista senti logo que penetrava em uma grande cidade, de muita vida e enorme movimento commercial.

Não enganei-me na minha previsão.

E' Campinas uma grande cidade e talvez a segunda do Estado de S. Paulo. Chamam-lhe, e com razão, *Princeza do Oeste*.

Fica situada a NO da capital do Estado, na base de uma collina muito suave, sobre terreno que fórma uma bacia que vai se alteando para os lados, apresentando á vista a fórma circular, circumdada pelos bairros de Guanabara, Bomfim, Ponte Preta, Campinas Velha e Taquaral. Vista á distancia, tem o aspecto de um amphitheatro. E' atravessada pelos corregos do Tanquinho e do Serafim, que reunem-se no bairro de Guanabara formando o Anhumas.

Suas ruas, em numero de 51, são pela mór parte bastante extensas, rectas, pouco largas, em ladeira, extremamente aceiadas, muitas calçadas a parallelepipedos, outras a macadam, e com passeios cimentados. São mais importantes as Barão de Jaguara, Andrade Neves, Francisco Glycerio, Treze de Maio, Dr. Campos Salles, Ferreira Penteado, Regente Feijó, General Osorio e Dr. Quirino.

Tem magnificos predios, luxuosos e de construcção moderna, sobresahindo entre tantos o do Barão de Ataliba Nogueira, o do Barão de Anhumas, o de D. Maria Brandini, onde funcciona a Intendencia, o do Barão de Ibitinga, o de Estanisláo Penteado e o do Barão de Itapura.

Inclusive os bairros Fundão, Guanabara, Bomfim, Botafogo e Taquaral, a cidade conta 4.050 predios.

E' servida por um systema de canalisação de agua e de esgotos perfeitissimo, não deixando nada a desejar; e por diversas linhas de bonds que vão da estação para o Gazometro, Jardim Publico, Aquidaban, Lyceu, Hyppodromo e Botafogo.

As ruas são illuminadas por 1.060 combustores de gaz carbonico, medeiando entre um e outro uma distancia de 25 á 30 metros, o que dá á cidade um aspecto feerico á noite, ainda que seja algum tanto dispendiosa a illuminação.

Tem bellos e espaçosos largos, entre os quaes os denominados:

Visconde de Indaiatuba atravessado pelas ruas Barão de Jaguara, General Osorio e Francisco Glycerio. Nelle tem começo a rua Dr. Campos Salles.

Possue a egreja do Rosario, os bonitos predios da Notre Dame de Paris, da Casa Colombo e dos Srs. Silva Guimarães e Commendador José Pereira de Andrade.

No seu centro ergue-se um elegante e bem tratado jardim, todo cercado por grossos varões de ferro, tendo um bonito e artistico repuxo rodeado por quatro grandes lampeões com tres braços cada um. E' percorrido por bonds.

José Bonifacio, arborisado e percorrido por bonds. São transversaes ou nelle começam as ruas Francisco Glycerio, Regente Feijó, Conceição, Dr. Costa Aguiar e Treze de Maio.

Nelle ficam a Matriz nova e os bellos predios do Sr. Estanisláo Ferreira, Camargo Andrade e dos herdeiros de Carlos Egydio de Souza Aranha, onde hospedou-se o finado Imperador em Outubro de 1886.

Bento Quirino, de fórma angular, percorrido por bonds. E' arborisado, tendo no meio um chafariz e um pavilhão. Nelle fica a Matriz velha. Ahi levantou-se o pelourinho e edificou-se a cadeia, que foi demolida ha poucos annos.

Na casa fundada por Bento Quirino dos Santos ha uma placa de marmore com os seguintes dizeres em relevo: — *Gratidão eterna do povo campineiro á casa Santos, Irmão & Nogueira pelos relevantes e inolvidaveis serviços a elle prestados durante a epidemia de 1889.*

Carlos Gomes, em uma baixada, tendo plantadas cazuarinas e palmeiras reaes. Ahi ficam o Mercado e o Desinfectorio.

Riachuelo, em lugar elevado, com a egreja de S. Benedicto, o Grupo Escolar Jorge Tibiriçá e o Circolo Italiani Uniti.

Imprensa Fluminense, á cavalleiro da cidade, do lado de leste. Tem o jardim publico, bem tratado, com uma bonita gruta, a torre Eiffel e quatro pavilhões, sendo um destinado a coreto para a musica.

15 de Novembro, no bairro de Santa Cruz, todo plantado de *flamboyants*. Nelle fica a capella de Santa Cruz.

Pará, ao lado da rua Barão de Jaguara com o predio do Barão de Anhumas.

Floriano Peixoto, ao lado da estação da estrada de ferro Paulista, com o bello predio do Sr. Roque de Marco e o estabelecimento de machinas para a lavoura de Lidgerwood.

Nelle começam ou tem seu termo, a larga rua Andrade Neves e a muito concorrida rua Treza de Maio. Além desses largos, possue mais a cidade os de Luiz de Camões, com o hospital da Beneficencia Portugueza; da Cadeia com o bello edificio da cadeia; Theatro, com o theatro S. Carlos; Ramos de Azevedo, Correia de Mello e Liberdade. Os edificios publicos da cidade são:

Camara Municipal. — Funcciona na rua Barão de Jaguara, em um bonito predio alugado, onde estão todas as repartições municipaes e onde dão audiencias os juizes de direito.

Na sala das sessões acham-se os retratos do Marechal Floriano, Dr. Bernardino de Campos, Dr. Antonio Alvares Lobo, primeiro intendente depois da proclamação da Republica, e José Paulino Nogueira, presidente da Camara por occasião da epidemia de 1889.

Cadeia.— Edificio moderno e de muito gosto e perfeitamente situado.

Compõe-se de tres corpos: o central, saliente, com tres janellas de saccada, no segundo pavimento e a porta de entrada e duas janellas gradeadas de ferro no primeiro, e dous lateraes, reintrantes, com uma janella em cada pavimento.

No pavimento terreo está alojada a cadeia e no superior funcciona o jury.

Interiormente o edificio é bem dividido, sendo vastas as salas, sobresahindo entre estas a do jury, cujo tecto é todo de madeira.

Matriz Nova.— A Matriz é um grande templo, cujo exterior não condiz com a magnificencia do seu interior. A fachada é de estylo pesado e carece de elegancia. Tem a invocação de N. S. da Conceição e foi inaugurada em 8 de Dezembro de 1883, tendo sido começada a construir em 1807.

Acha-se situada no largo José Bonifacio, na parte mais central da cidade, occupando uma área rectangular de 2.073 metros quadrados. A enorme molle eleva-se de muito ás mais altas construcções que a cercam.

O plano terreo da construcção é distribuido do seguinte modo: portico de 27ms,30 de comprimento por 3ms.70 de largura dizendo para a grande nave; grande nave longitudinal com 36 ms. de comprimento por 13ms,50 de largura e nave transversal com 28 ms. de comprimento sobre 8 ms. de largura; duas capellas lateraes e ao fundo a capella-mór, contando o edificio 12 grandes salas destinadas á sacristia, consistorio e outros misteres do culto.

A parte anterior do edificio com fundo de 43ms,50 eleva-se 21ms.50 acima do sólo e comporta dous andares, o primeiro ao nivel dos pulpitos, contendo quatro salas, e o segundo oito com janellas-tribunas sobre a grande nave.

O frontespicio com 50 ms. de altura, em fórma de torre assyria, é composta de tres corpos sobrepostos e decorado em estylo classico. O primeiro, de ordem jonica, tem saliente a parte central coroada por um frontão.

Dão ingresso no templo tres largas aberturas, e sobre ellas reina uma galeria de quadros ornados de archirelevos em cimento. O segundo corpo, de ordem corynthia, comporta o mostrador de um grande relogio, flanqueado por duas largas janellas em arcada, sendo occupado por plataformas de passeio o espaço que medeia entre este corpo e os angulos do edificio. O terceiro corpo assenta em base quadrada, tendo sobre a frente uma janella flanqueada por espaçosos passeios. Sobre este corpo eleva-se a pyramide de coroamento do edificio.

Toda a construcção é de alvenaria de pedra ordinaria, sendo de cimento as molduras, os capiteis, ornatos, etc.

O embasamento, o largo adro e a escadaria são de excellente cantaria azul. A decoração interior nos altares e capellas é de rara sumptuosidade.

A esculptura é profusa e trabalhada com esmero. Todos os relevos são executados em cedro vermelho, cujo tom é admiravelmente realçado pelo fundo branco do marmore.

Nos principaes altares a disposição adoptada foi a de um perystillo semicircular coroado de ricas cupolas.

Ornam a nave oito pares de pilastras corynthias com rico entablamento. As abobadas são cylindricas, salvo no cruzamento das naves, onde se eleva um zimborio espherico.

A principal nave, como as capellas, são ornamentadas por magnificos relevos.

O edificio é banhado de abundante luz por meio de lunetas abertas ácima do entablamento geral.

Na grande nave e capellas acham-se dispostas 300 cadeiras genuflexorias estofadas em marroquim preto.

Além do altar-mór, com a imagem de N. S. da Conceição, ha mais no corpo da egreja seis altares: do Coração de Jesus, do Bom Jesus de Pirapora, de S. José, de Sant'anna e S. Joaquim, de N. S. das Dôres e de N. S. do Carmo; e duas capellas fundas do Sacramento e do Senhor dos Passos.

Este monumento do espirito religioso da população de Campinas foi erguido á custa de donativos particulares e com o producto de um imposto municipal, que, especialmente destinado a esse fim, produziu avultada quantia.

Matriz Velha.— A *Matriz Velha*, séde da parochia de Santa Cruz, fica no largo Bento Quirino, dando fundos para a rua Barreto Leme, nome do fundador de Campinas.

E' um templo modesto no seu interior; sua fachada é baixa e não obedece á ordem alguma e architectura. Está, porém, bastante asseiado e cuidadosamente tratado pelo distincto vigario Manoel Ribas de Avila.

Tem na frente cinco janellas, a porta de entrada e duas lateraes, que são fingidas. Não tem torres.

Possue o altar-mór com a imagem de N. S. do Carmo, no centro, e S. Sebastião e Santa Rita aos lados. Ha nesta parte da egreja tres tribunas lateraes.

No corpo da egreja, cuja nave é elevada, ficam dous altares acostados ao arco cruzeiro, o do lado da Epistola com a imagem de N. S. das Dôres, e o do lado do Evangelho com a do Coração de Jesus. Ha nessa parte dous pulpitos e 14 quadros da via sacra, sendo sete de cada lado.

A' esquerda da capella mór fica a capella do Sacramento, com o Senhor Bom Jesus no centro, e S. Benedicto e S. João aos lados.

Na entrada da egreja, em um corredor, ha uma bonita capella com uma rica imagem de N. S. dos Remedios com o Menino Jesus junto aos seios, e em frente a sacristia.

Na parte superior desse corredor existe um outro altar com um quadro, representando N. S. do Bom Conselho.

Egreja do Rosario.— E' um templo velho, sem gosto artistico e carecendo de serios concertos.

Tem cinco janellas e tres portas na frente. Não tem torres.

Tem, além do altar-mór com a imagem de N. S. do Rosario, mais dous altares, um com S. Manoel e outro com a imagem de N. S. do Terço e a capella do Sacramento.

Fica situada no largo Visconde de Indaiatuba e em frente á um bonito jardim.

Egreja de S. Benedicto.— E' um templo velho, pequeno e já estragado pelo tempo.

Tem uma janella grande, acima da porta da entrada, e mais duas menores aos lados. Tem tres altares.

A' respeito dessa egreja refere a tradição o seguinte: O africano Tito, ha mais de 30 annos que foi escravo da viuva do capitão-mór Floriano de Camargo e Andrade, tentou levantar uma capella em louvor do santo da sua devoção, S. Benedicto. Havia proximo á antiga estrada de Itatiba, e ao bairro de Campinas Velha um terreno em parte occupado por um cemiterio e em parte por um pequeno edificio conhecido por jazigo do conego Melchior, que fôra construido pelo conego da Sé de S. Paulo, padre Melchior Fernandes Nunes de Camargo, para nelle serem sepultados elle e seus parentes mais proximos, e aquelles que em numero limitado, tivessem quem pela sepultura pagasse ao parocho uma dobla, que deveria ser applicada á esmola de missas por alma dos captivos. Isto deu a idéa de ser aquelle local escolhido para a nova capella.

Requerendo a Camara Municipal, concedeu ella mais algum terreno annexo.

Mestre Tito, abonado por attestados da Camara, solicitou e obteve Provisão, auctorisando-o a levar a effeito a projectada construcção.

Egreja de Santa Cruz.— Pobre, modesto e antigo templo. Sua frente reconstruida ha pouco tempo, tem decente aspecto. Possue tres janellas, tres portas e dous nichos sem imagens. Tem um só altar com uma grande cruz no centro e aos lados N. S. da Conceição, S. João, S. Manuel e S. Sebastião.

Egreja Presbyteriana. — Austero e silencioso templo situado á rua General Carneiro. No triangulo da sua fachada lê-se 1878.

Santa Casa de Misericordia. — Esta humanitaria instituição, dirigida pelas irmãs de S. José, situada em logar elevado, á cavalleiro da cidade, no meio de vasto terreno e entre as ruas Padre Vieira, Barreto Leme, Irmã Seraphina e Antonio Cesarino.

Compõe-se de quatro corpos, dous reintrantes e dous salientes, tendo uma capella no centro. No lado esquerdo fica o Asylo das Orphãs e do lado direito o hospital.

Este está perfeitamente montado; possue cinco enfermarias, sendo duas para homens, (uma de cirurgia e outra de medicina), uma para mulheres e uma para crianças, além de um pavilhão de isolamento. Tem uma boa pharmacia e uma sala de operações com todos os instrumentos cirurgicos.

Todas as enfermarias tem 100 leitos.

O hospital foi inaugurado a 15 de Agosto de 1876 e apresentou de 1º de Julho de 1897 a 31 de Maio de 1898 um movimento de 745 enfermos, sendo pobres 694 e pensionistas 51.

O Governo estadoal concorre para o hospital com a quantia de 40:000$000.

A parte destinada para o Asylo de Orphãs e onde funcciona um externato, mantido pela Santa Casa, tem no pavimento inferior, além do refeitorio, espaçosas salas para aulas das meninas externas e uma outra para as orphãs, e no pavimento superior a rouparia e os dormitorios.

O Asylo conta entre asyladas e externas o numero avultado de 470 meninas. Foi fundado a 15 de Agosto de 1890 e para sua manutenção concorrem os cofres estadoaes com a quantia de 18:000$ annualmente.

Na frente do edificio ,no pavimento superior, fica a sala das sessões da Irmandade, com os retratos do bispo do Ceará,

de Antonio Francisco Guimarães (o Bahia), do Barão de Monte-Mór, do Barão de Atibaia, de Diogo B. dos Santos Prado, de D. Maria F. de Abreu Soares, de José Egydio de Souza Aranha, de José Fernandes, de Victorino Pinto Nunes, de Francisco Bueno de Lacerda, de Bento Quirino dos Santos, do Visconde de S. Valentim (medico) e do Dr. Francisco Pereira Lima.

Guardo a melhor impressão da visita que fiz a esse Asylo. Além da boa ordem e extraordinario asseio que notei em suas dependencias, observei que as orphãs estavam bem vestidas, bem nutridas e mostravam-se alegres e satisfeitas.

A capella da Boa-Morte, construida á expensas do finado Barão de Monte-Mór, lavrador do municipio, é um bonito templo. Tem na fachada as estatuas da Fé, da Esperança e da Caridade.

A capella-mór tem na parte superior duas cupolas, contiguas uma á outra. Possue um altar todo de marmore, tendo no centro um painel, representando N. S. da Assumpção, e aos lados o Coração de Jesus, N. S. das Dores, S. Pedro, S. José, S. Roque e S. Joaquim. Ha ainda uma urna com a imagem de N. S. da Boa-Morte.

O corpo da egreja apresenta a nave abobadada. Tem duas galerias e duas tribunas corridas, amparadas por quatro columnas. Não possue altares, tendo apenas no arco-cruzeiro as estatuas de S. Vicente de Paulo e Santa Isabel.

Em frente á capella e no meio de um grande pateo fica o busto do fundador cercado por um gradil de ferro. No pedestal, em que descança o busto lê-se: «*Em homenagem ao Exmo. Rvdm. Sr. D. Joaquim José Vieira, bispo do Ceará e fundador do Hospital e Asylo de Orphãs da Santa Casa da Misericordia de Campinas offerece o povo agradecido. 1883* ».

Hospital de Isolamento. — Fica situado no Fundão, a uns 500 metros do cemiterio. Compõe-se de tres grandes pavilhões de madeira, onde se acham alojadas a casa do medico, do zelador, a pharmacia e a estufa de desinfecção. Está todo murado e tem o seu serviço especial de agua e esgotos.

Hospital de Morpheticos. — Acha-se situado a um kilometro da cidade, no lugar denominado Piçarrão, na contravertente de um dos morros, que formam a bacia em que está situada a cidade e proximo ao matadouro.

Occupa um predio, sem gosto, mas com accommodações necessarias.

Tem uma capella com a imagem de S. Lazaro e 26 enfermos.

Sociedade portugueza de Beneficencia. — A Sociedade Portugueza de Beneficencia, fundada em 20 de Julho de 1873, fica situada no largo Luiz de Camões, ao lado do bello predio do Sr. Antonio Corrêa Barboza e dando fundos para a cadeia.

Compõe-se de tres corpos: um central, baixo, e dous lateraes mais elevados. No primeiro ha 10 janellas e a porta de entrada, tendo acima as armas portuguezas e um relogio; nos segundos seis janellas em cada um dos dous pavimentos, sendo tres de grades de ferro. No pavimento inferior ficam a capella, com um altar de S. Francisco Xavier; a sala das sessões com oito retratos, entre os quaes o do Sr. Francisco Gonçalves Ferreira Novo, iniciador da associação; a bibliotheca, o refeitorio, a sala de operações, a pharmacia, a cozinha e quatro salas de doentes.

Na parte superior dos corpos lateraes ha duas grandes salas em cada um.

Em uma casa separada, nos fundos do hospital, fica a enfermaria para os epidemicos.

Do lado esquerdo do edificio ficam tres banheiros, uma sala de duchas e um bom necroterio com mesa, chão e escada, tudo de marmore.

Precede o edificio um bem cultivado jardim.

Abre o livro dos visitantes dessa casa pia a assignatura de D. Pedro II. Alem desses edificios possue mais a cidade um hospital de variolosos, situado em logar elevado e sobre um morro despido de vegetação, e as seguintes associações: Artistica e Beneficente, Beneficente dos Empregados da Companhia Mogyana, que funcciona no edificio da mesma Companhia e conta mais de mil socios, e a Sociedade S. Vicente de Paulo constituida por uns 40 socios e destinada a soccorrer aos pobres, dando-lhes alimento, vestuario, medico e botica, e fazendo-lhes o enterro; está dividida em duas secções, funccionando uma na parochia de Santa Cruz e outra na parochia da Conceição, reunindo-se os associados nos consistorios das duas egrejas semanalmente; e duas lojas maçonicas, das quaes a mais antiga, a Loja Independencia, situada á sua Dr. Campos Salles e fundada em 1867:

Gymnasio. — Occupa um grande predio todo construido de tijolos, tendo na frente um jardim e aos lados e aos fundos um vasto terreno todo plantado. Fica no bairro de Botafogo, á rua Culto á Sciencia.

Compõe-se de um corpo central com sete janellas no segundo pavimento e 6 e a porta de entrada no primeiro; e mais dous alpendres lateraes, um destinado ás aulas de physica e chimica e outro a exercicios de esgrima e gymnastica:

O interior é constituido, no pavimento inferior, por quatro salas de aulas bem montadas e com uma tribuna, donde prelecciona o lente; e no superior pela sala da congregação, gabinete do director e secretaria.

Na sala da congregação pendem das paredes os retratos dos Marechaes Floriano e Deodoro, Drs. Campo Salles, Bernardino de Campos, Antonio Dino Bueno, Mario Bulcão e Prudente de Moraes; e na secretaria os do Visconde de Indaiatuba e Jorge Krug, antigos fundadores do collegio Culto á Sciencia.

As aulas de physica e chimica estão desprovidas de laboratorios, o que é uma lacuna sensivel.

Não tem bibliotheca.

O pessoal docente é habilitadissimo.

O Gymnasio funcciona no predio do antigo collegio Culto á Sicencia, tendo soffrido importantes modificações para adaptal-o ao fim a que se destina.

Achei o edificio mal situado, distante do centro da cidade, em uma rua estreita e enterrado, pois fica abaixo do nivel da rua.

Grupo escolar Jorge Tibiriçá. — Está situado no largo do Riachuelo. Occupa um bonito predio no meio de um terreno, todo cercado de arame, e não ajardinado. Tem, alem do corpo central com seis janellas em cada um dos dous pavimentos, mais dous lateraes reintrantes com duas janellas no sobrado e uma porta de entrada no pavimento terreo.

Acheio-o excessivamente pequeno.

Circolo Italiani Uniti. — Está situado no largo do Riachuelo. Occupa um vistoso predio assobradado com tres janellas de cada lado e um corpo central, onde se vê as armas da Italia e os bustos de Miguel Angelo Buonaroti e de Dante Alighieri.

Tem uma sala de aulas e uma outra de sessões com diversos retratos, entre os quaes o de José Garibaldi, rainha Margarida, Humberto e Victor Emmanuel.

Lyceu. — O Lyceu de Artes e Officios de N. S. Auxiliadora, foi fundado por D. João B. Correia Nery, bispo do Estado do Espirito Santo, e por D. Maria Umbelina Alves Couto e é dirigido pela Sociedade Salesiana. Está situado no planalto da aprazivel collina do Guanabara, no bairro deste nome, donde se goza de um explendido panorama, avistando-se a cidade por inteiro.

O edificio, que é de colossaes proporções e solidamente construido, está ainda por acabar.

A parte ja prompta compõe-se do corpo central, um lateral á esquerda com tres andares, e um á direita com o pavimento terreo.

O corpo central, de estylo romano, compõe-se, alem do pavimento terreo, de mais tres andares. No ultimo andar, no frontão, vê-se a imagem de N. S. Auxiliadora, em um nicho, e abaixo um relogio.

Nos corpos lateraes ha treze janellas em cada um dos tres andares, que são sustentados por vinte e quatro grossas columnas de ferro fundido, pesando cada uma setenta e cinco arrobas.

Dispõe actualmente o Lyceu de quatro salas de aulas, de um salão de estudo, que abrange toda a ala do edificio, de dous refeitorios, de dous extensos dormitorios e de quatro officinas, alfaiataria, sapataria, carpintaria e typographia.

Tem uma capella provisoria com dous altares, de N. S. Auxiliadora e Coração de Jesus, e mais as imagens de Santa Clara e Santo Antonio.

Mantem-se o Lyceu com difficuldade e só por um esforço herculeo e uma rara tenacidade, conseguiu o bispo do Espirito Santo contruir o edificio actual, que depois de concluido, será um monumento.

O terreno, sobre que elle assenta, foi doado pelos benemeritos cidadãos Barão Geraldo de Rezende e Francisco Bueno de Miranda.

A pedra fundamental foi lançada a 9 de Outubro de 1892.

Alem desses estabelecimentos, possue mais a cidade a escola Correia de Mello, nocturna e diurna, a escola Ferreira Penteado, diurna, a escola mantida desde 1874 pela Loja Independencia, diurna e nocturna, e a Sociedade Allemã de Instrucção e Leitura.

A Bibliotheca Municipal funcciona no predio da escola Correia de Mello e conta 2.620 volumes.

MERCADO. — Fica situado no largo Carlos Gomes. E' um pequeno barracão, aberto dos lados, com quatro entradas e um chafariz no centro.

Antigamente estava situado no predio onde funcciona actualmente o Desinfectorio.

MATADOURO. — Acha-se situado a um kilometro da cidade no logar denominado Piçarrão.

E' um bom edificio.

Compõe-se de dous pavilhões, um destinado a escriptorio e outro a deposito do material necessario ao serviço. Ha, além disso, a secção da matança do gado e outros pavimentos para a salga, deposito de porcos e outros misteres.

A agua que serve para a lavagem vem de uma vertente de um morro, que fica junto ao Cortume.

THEATRO S. CARLOS. — Fica no largo do Theatro com a frente voltada para os fundos da matriz da Conceição.

Tem cinco janellas no segundo pavimento e tres portas e duas janellas no primeiro.

Seu interior está bem ornado.

HOSPEDARIA DE IMMIGRANTES. — E' um bello predio, pertencente ao Governo Estadoal.

Está em criminoso abandono.

DESINFECTORIO CENTRAL. — Poucos tem visto internamente o edificio do antigo *Mercado Grande*, depois das reformas alli executadas para a sua adaptação a desinfectorio.

Esse proprio municipal foi cedido ao Estado em 1896, soffrendo logo modificações consideraveis, como era de mister.

As obras realizadas então modificaram-no por completo, dando-lhe certa esthetica e as necessarias condições hygienicas.

Deve-se isso aos conhecimentos technicos e á boa vontade da Commissão Sanitaria, e ao engenheiro da Camara o Dr. Saturnino de Brito.

Hoje, consta elle de um amplo corpo central, com duas alas dotadas de seis compartimentos cada uma.

O corpo central está dividido em duas secções: uma, onde se acham as estrebarias, com doze baias para os animaes do serviço, sempre promptos e arreiados; outra que serve de deposito dos carros de medicos, do pessoal inferior e material de transporte de doentes, de conducção de cadaveres, de apparelhos locomoveis, etc.

Na ala direita ha uma sala para desinfectadores, que nella pernoitam de promptidão, serviço de telephone, deposito de drogas e utensilios.

Na ala esquerda acham-se installados o escriptorio, rouparia, banheiro, camara de gaz sulphuroso a que são submettidos os objectos a desinfectar e que não podem soffrer a acção do calor, estufa fixa, carvoeira e gerador de vapor.

A estufa, systema Herscher, engastada em uma parede de tijolos, que a divide em duas partes, tem duas portas, abrindo cada uma dellas para salas especiaes, sem nenhum ponto de contacto — a de recepção dos objectos a desinfectar e a dos objectos já desinfectados.

O serviço é dirigido através de um oculo envidraçado.

A' estufa está adaptado um seccador dispositivo, simples e moderno, que traz uma economia de 17 minutos ganhos em cada desinfecção, pelo menos, para o enxugo das roupas, trabalho em que agora se gasta apenas tres ou quatro minutos, ao passo que outr'ora era feito em 20 minutos.

Cada uma das alas acima descriptas conta os bicos de gaz precisos, sendo providas de *water-closets* e mictorios.

O pateo em frente é todo calçado á parallelepipedos, com gradil á volta, tendo um portão em cada extremidade para entrada e sahida de vehiculos.

No centro do mesmo existe um tanque cimentado, com agua corrente, para bebedouro dos animaes.

O pessoal é composto de:

1 encarregado, 11 desinfectadores, 1 foguista, 1 machinista e 7 cocheiros.

Estão organisadas cinco turmas, das quaes quatro sahem diariamente para o serviço de desinfecção dos apparelhos e installações sanitarias dos domicilios, ficando a restante para attender a qualquer requisição urgente.

Foram ultimamente ahi installados um incinerador systema Geuestc e Herscher para o fim de destruir os objectos imprestaveis infeccionados e abandonados pelos respectivos donos.

Attendendo ás antigas condições hygienicas dessa cidade, reveladas annualmente pela epidemia de febre amarella, desde a hecatombe de 1889, o Governo estadoal, em virtude de disposição da Lei n. 432 de 3 de Agosto de 1896, sobre o serviço sanitario, resolveu manter nessa cidade uma Commissão Sanitaria, á qual compete: quaesquer providencias de natureza aggressiva ou defensiva, como as que tenham por fim a instituição de rigorosa vigilancia sanitaria, serviço hospitalar, isolamento e deinfecção.

Desde Agosto de 1896 trabalha ahi a Commissão Sanitaria do Estado, composta de quatro medicos, sendo actualmente chefiada pelo Dr. Theodoro Bayma, medico notavel pela aptidão e dedicação ao serviço.

INSTITUTO AGRONOMICO. — A estação Agronomica de Campinas foi creada em 1887 por acto do Ministerio da Agricultura e organizada definitivamente pelo Decr. n. 1.012 de 14 de Novembro de 1890.

Actualmente o estabelecimento pertence ao Estado de S. Paulo, ao qual foi transferido pelo Decr. n. 707 de 8 de Janeiro de 1892.

Escolhido o local em um campo quasi esteril, no bairro do Guanabara, construiu-se um edificio proprio, rodeado por um terreno com cerca de 22000 metros quadrados de superficie.

Em Janeiro de 1889 começou a funccionar o laboratorio de analyses chimicas e pouco depois foram inaugurados o serviço meteorologico e as experiencias de cultura.

Em Abril de 1890, sob a direcção do illustrado engenheiro Dr. Uchôa Cavalcanti, concluiu-se a installação do campo de experiencias e adquiriu-se mais outro terreno, no bairro do Taquaral, para servir de campo de demonstração.

Actualmente compõe-se o Instituto do seguinte: Dous laboratorios de analyses chimicas, onde se estuda toda a sorte de substancias que interessam á lavoura; um gabinete de pathologia vegetal, que serve ao exame das pragas que infestam as plantas cultivadas; um observatorio meteorologico dotado de varios instrumentos para o estudo da climatologia e da temperatura do solo; uma pequena bibliotheca dotada dos periodicos publicados em varios paizes estrangeiros sobre a agricultura; um pequeno museu agricola ainda muito rudimentar; uma vasta estufa envidraçada ($10^m \times 6^m \times 4^m$) e varios apparelhos para estudos experimentaes de estrumação (cylindros de Wasner vasos em estaleiro, caixas de Déhérain, etc.); campo de experiencias no Guanabara (área de 70.000 metros quadrados), com viveiros, sementeiras, canteiros isolados, etc.; ahi acham-se estabelecidos actualmente uma numerosa collecção de variedades de canna de assucar, pequenos cafezaes de diversas edades e especies (Bourbon, Nacional, Amarello, Maragogipe e outras), profusa collecção de videiras americanas e européas plantadas segundo varios systemas; canteiros com diversas qualidades de trigo, muitos arbustos ornamentaes e plantas floraes, algumas gramineas forrageiras,um pomar com boas arvores fructiferas, caixa d'agua collocada bastante alto para que a irrigação de todo o terreno se possa fazer por simples tubos munidos de torneiras, uma pequena collecção de orchideas nacionaes, etc.

Compõe-se mais o Instituto de um deposito de adubos chimicos contendo grande variedade de ingredientes, de uma estrumeira para aproveitamento das varreduras da cocheira e do jardim, feita segundo os preceitos ditados pela sciencia e pela pratica; um campo de demonstração no Taquaral, contendo mais de dous mil cafeeiros de 3 annos e meio de edade (variedades de Bourbon); um campo de demonstração e posto zootechnico em Santa Elisa, que é um terreno de 121 hectares (50 alqueires) com aguada, pasto, mattos, etc., havendo na parte cultivada plantações de canna, café, capim favorito, extenso viveiro com mudas de cafeeiros, etc.

O Instituto tem publicado volumosos relatorios annuaes e distribue mensalmente um *Boletim*, que relata os trabalhos proprios e divulga conhecimentos uteis á lavoura.

Funcciona em um bonito predio de gosto moderno.

OFFICINAS DA COMPANHIA MOGYANA. — A Companhia Mogyana dispõe de tres bem montadas officinas, para conservação e reparação de seu material rodante e de tracção, separadas umas das outras pela distancia de trezentos kilometros, approximadamente.

A principal officina acha-se situada em Campinas, ponto inicial da linha Mogyana. Sem pretenção e sem luxo algum nos edificios, é no emtanto essa, uma das mais completas officinas que existem no Brazil actualmente; e de tal modo apparelhada que tem construido todos os carros e vagões da Companhia nestes ultimos annos, podendo mesmo fazer locomotivas, se não fosse todo estrangeiro o material necessario para esse fim e mais elevados os salarios dos operarios no Brazil, de maneira a se tornarem nullas as vantagens que pudessem advir desse serviço.

Entretanto existe actualmente em Campinas uma locomotiva que está sendo quasi toda construida nessa importante officina, tendo apenas caldeira e cylindros vindos da America do Norte.

Segue-se em importancia a officina do Ribeirão Preto, onde tambem se encontra tudo o que é necessario para os importantes serviços que são alli executados.

Em terceiro logar vem a officina de Uberaba, que sendo embora construida com todo o capricho e elegancia, é muito menor que as outras, não comportando para concerto, mais de tres locomotivas de cada vez.

OFFICINA DE CAMPINAS— A officina de Campinas e suas dependencias, occupa a área de trinta e um mil metros quadrados, das quaes dez mil e novecentos e vinte e seis, são cobertos pelos seus diversos edificios.

Essa officina está dividida em duas secções principaes, cabendo a conservação, reparação e reforma das locomotivas a uma, e dos carros e vagões a outra.

A fundição, commum ás duas secções, tem um notavel desenvolvimento, quer encarado pela grande massa de ferro e bronze que funde annualmente, quer pelas obras de muito peso e de difficil modelagem e moldagem que produz. Cylindros e rodas de locomotivas, bem como as demais peças das machinas, carros e vagões, são alli fundidas com toda a perfeição. Dentre as obras mais importantes sahidas da fundição, destaca-se, pela sua cuidadosa e artistica execução, o monumento commemorativo do 25° anniversario da inauguração dos trabalhos technicos na linha Mogyana, que já foi largamente descripto nas columnas do *Jornal do Commercio* quando inaugurado.

Secção de Locomotivas. — A primeira secção da officina de Campinas abrange quatro subdivisões a saber:

1ª *Officina de ajustagem.* — Esta officina situada ao lado direito do edificio principal das officinas, occupa uma área de seiscentos e trinta e oito metros quadrados. Sendo acanhada essa área para o grande movimento actual desta officina, nota-se um cuidadoso aproveitamento de espaço para localisar todas as machinas, ferramentas de que hoje dispõe e que são:

26 Tornos para tornear metaes.
3 Tornos para tornear rodas de locomotivas.
4 Tornos para tornear rodas de carros e vagões.
1 Torno de mesa horizontal.
2 Plainas de mesa para metaes.
4 Plainas duplas de cabeça para metaes.
1 Plaina vertical.
6 Machinas para furar.
2 Machinas de tarracha.
3 Machinas de esmerilar.
1 Machina para quadrantes.
1 Machina para serrar trilhos de aço.
2 Machinas de fraiser.
1 Tesoura com puncção.
1 Prensa hydraulica para eixar rodas.

2ª. *Officina de ferreiros.* — Junto á officina de ajustagem acha-se perfeitamente montada a officina de ferreiros, com uma área de quatrocentos e setenta e tres metros quadrados, e dispondo de:

1 Martinete a vapor.
2 Guindastes pequenos.
20 Forjas completas.
1 Forno para temperar mollas, etc.
1 Forno para colllocação de aros nas rodas.
2 Guindastes para collocação de aros nas rodas.

3ª. *Officina de montagem.* — Em continuação ás duas officinas já mencionadas, está collocada a officina de montagem, que occupa a area de mil e quatrocentos e oitenta e quatro metros quadrados e tem capacidade para comportar dez locomotivas em concerto.

Duas placas rotatorias facilitam a entrada e sahida das locomotivas, que se faz sem difficuldade, apezar de ainda não ter um carretão para esse fim.

Essa officina dispõe das bancadas necessarias para o serviço e de 102 tornos para ajustadores.

4ª *Officina de caldeireiro.* — A officina de caldeireiros como as demais, está montada de modo a satisfazer completamente a todas as exigencias do serviço, nessa parte delicada da locomotiva — a caldeira.

Agora mesmo, se acha na officina, a caldeira de uma locomotiva grande de pasageiros, em que foi substituida a fornalha de cobre primitiva por outra de aço (fire box steel) feita toda na mesma officina, sendo um trabalho importante e perfeitamente bem executado.

Essa officina dispõe de:

1 Guindaste para suspender caldeiras.
1 Possante tesoura com puncção.
2 Machinas para eurvar chapas.
1 Dita para cortar trilhos a frio.
3 Desempenos.
6 Forjas fixas e portateis.
1 Prensa hydraulica para experimentar caldeiras a frio.

Adjacentes ás officinas de ajustagem e montagem existe um vasto deposito de locomotivas, com as respectivas vallas para limpeza das machinas, muito ar e muita luz.

Tem esse deposito, a área coberta de mil quinhentos e doze metros quadrados, comportando 22 locomotivas folgadamente.

Secção de carros e vagões. — Como já ficou acima mencionado, a segunda secção, quasi que completamente independente da primeira, está apparelhada para a construcção do material rodante da Companhia, para o qual já tem contribuido com 94 carros para trens de passageiros e 410 vagões para mercadorias.

Estão tambem a seu cargo, diversos serviços necessarios para as demais repartições da Companhia, bem como a construcção de mobilia para os escriptorios e estações.

Esta secção subdivide-se por sua vez em tres partes, sendo:

1ª. *Serraria e carpintaria.* — Incluindo a parte reservada ao concerto e montagem dos carros, occupa essa officina a área de mil setecentos e dezeseis metros quadrados e para julgar-se de seu valor mechanico, basta attender para as seguintes machinas-ferramentas de que dispõe:

1 Serra vertical para desdobrar toradas.
1 Serra vertical franceza pequena.
3 Serras circulares.
2 Serras de fita.
3 Machinas de aplainar madeira.
2 Machinas de espigar.
2 Carpinteiros universaes.
2 Tornos para madeira.
2 Machinas para furar madeira.
3 Machinas para furar metaes.
3 Machinas de esmeril para ferramentas e serras.
1 Machina para abrir dentes em serras.
1 Machina de tarracha.
1 Machina para tornear bronzes de carros e vagões (6 de cada vez).

2ª. *Officina de ferreiros.* — A officina de ferreiros desta secção, como a da primeira, está perfeitamente montada constando de:

1 Martinete a vapor.
8 Forjas completas para ferreiros.
1 Forno para temperar mollas.
1 Ventilador para as forjas.

3ª. *Officina de pintura.* — Tem espaço para abrigar nove carros de passageiros, dispondo de uma área de mil se-

tecentos e dez metros quadrados; e acha-se situada aos fundos das officinas, completamente isolada das mesmas, de modo a evitar o pó, que tanto prejudica os trabalhos de verniz.

Possue essa officina, dous bons moinhos para tinta e todos os arranjos necessarios para os serviços a seu cargo.

Fundição. — Commum ás duas secções, como já ficou dito anteriormente, está no emtanto a cargo da primeira. A fundição acha-se estabelecida em um edificio especial e destacado do edificio principal das officinas para o lado direito, tendo a área de quatrocentos e sessenta metros quadrados, exclusive um terreno adjacente em que são depositadas as caixas de fundição, ferramentas, etc. Segundo a maior dimensão do edificio, corre um guincho carretão (travelling crane) para mover os moldes das peças mais importantes e conduzir os grandes baldes de ferro em estado de fusão aos pontos necessarios.

Esta parte da officina cujo desenvolvimento se accentua cada dia, vai ser em breve ampliada de modo a mais facilmente vencer, as sempre crescentes exigencias do serviço.

Ao lado da fundição tem os modeladores a sua officina, com tudo de que carecem para o respectivo mister; e em continuação está o archivo de modelos, onde se acham estes cuidadosamente separados, arrumados e numerados de modo a serem encontrados com facilidade quando necessarios.

Actualmente a fundição dispõe de:

1 Forno para fundir ferro (capacidade 3 tons.)
1 Forno para fundir ferro (capacidade 5 tons)
2 Fornos para fundir bronze.
2 Fornos para fundir bronze (em montagem).
1 Ventilador para os fornos.
1 "Travelling Crane" para 3 toneladas
1 Moinho grande para areia.

Quatro motores a vapor situados em partes convenienientes, dão movimento a todas as machinas das officinas.

A frente das officinas e em um edificio independente, com a área de cento e oitenta metros quadrados, estão installados os escriptorios da Locomoção e do Almoxarifado e marginando a linha da Companhia Paulista, estão construidos os extensos armazens do Almoxarifado, officina e escriptorio do Telegrapho.

GAZOMETRO. — Fica na rua Dr. Quirino canto da do Major Solon.

Possue duas caldeiras que movem os motores fixos e dous motores fixos para puxar o gaz para os purificadores, donde sahe para tres balões, sendo dous pequenos e um grande. Tem mais cinco fornos com seis retortas cada um, sete resfriadores, quatro lavadores e dous purificadores. Em uma casinha ficam o relogio, que marca o gaz fabricado, dous governadores de abrir o gaz para a illuminação publica, dous reguladores de pressão e um photometro para verificar a intensidade da luz. Na frente desta casinha lê-se sobre uma placa de marmore o seguinte:

COMPANHIA DE GAZ

Gerente, Joaquim Quirino dos Santos

Constructo anno Domini 1875

Tem a Companhia ainda officinas de ferreiro e outras e um deposito de madeiras.

CAIXA D'AGUA. — Está situada na Ponte Preta, em logar elevado. Contém um grande reservatorio de distribuição com a capacidade de 3 milhões e duzentos mil litros. A agua vem da Rocinha, na distancia de 18 kilometros dos rios Iguatemy e Bom Jardim, onde se executaram obras d'arte de grande importancia sob a direcção do Dr. Salles de Oliveira, actual presidente da Companhia Mogyana. O manancial é abundantissimo, podendo fornecer em 24 horas mais de 20 milhões de litros d'agua.

ESCRIPTORIO CENTRAL DA MOGYANA. — Está situado na rua Visconde do Rio Branco em um bello edificio, posto que algum tanto enterrado, estendendo-se da esquina da rua General Ozorio até á esquina da do Dr. Campos Salles.

Compõe-se de dous corpos: o pavilhão da esquina da rua General Ozorio, primitivamente feito, e o prolongamento em frente á rua Visconde do Rio Branco, ambos com dous pavimentos.

No pavimento superior estão installadas as repartições da directoria e o escriptorio technico da via permanente, no inferior funccionam a Inspectoria geral do trafego, as repartições do chefe do trafego, a contadoria e a pagadoria.

A fachada e o salão nobre da Directoria são de estylo composito.

Na sala da Directoria acham-se os retratos do Barão de Ataliba, um dos fundadores da Mogyana, e do Visconde do Parnahyba, seu primeiro presidente e incorporador.

As officinas, que são monumentaes, acham-se situadas em um chapadão junto á estação da Companhia Paulista.

ESTAÇÃO DA COMPANHIA PAULISTA. — A primeira estação do Brazil. Occupa um vasto e vistoso edificio á praça Floriano Peixoto.

Compõe-se do edificio principal encimado por uma torre com um relogio e tres mostradores.

Dispõe de uma comprida e larga plataforma para embarque e desembarque de passageiros, funccionando na parte superior a administração do trafego e o telegrapho. Tem um excellente restaurante.

Dispõe mais de quatro armazens, para a baldeação da Mogyana, para exportação, para importação e para inflamaveis.

Possue ainda uma vasta rotunda para guardar as machinas, além de uma casa para deposito de carros e machinas.

E' illuminada á luz electrica.

CEMITERIO. — A morada dos mortos fica no Fundão, a uns 5k,500 do centro da cidade. Entra-se para ella por uma rua margeada de bambús, que balouçando as hastes, agitadas pelo vento, produzem um farfalhar triste e melancolico.

Dentre tantas sepulturas e ricos mausoléos que possue destacaremos os seguintes:

A de Maria, filha do Dr. Salvador Penteado; a de Maria, filha de Alfredo Francisco de Andrade; a de João Antonio Bierrenbach; a de Francisco Gomes Pinto; a de Joaqim Bueno; a da familia Souza Aranha; a do Dr. Ricardo Cumbleton Daunt, sobre a qual lê-se: *A gratidão do povo ao apostolo da sciencia, ao cidadão exemplar, ao christão sem medo e sem mancha, erigiu este monumento de perpetua saudade;* as capellas da familia Ferreira Penteado, onde repousa Carlos Gomes; a do Barão de Atibaia; a de José Paulino Nogueira e a de Bento Quirino dos Santos.

Um tumulo despertou minha attenção pela originalidade do mausoléo que ostenta, e que consiste em um obelisco de granito e marmore. E' o tumulo de John James Ross e José Sims.

NOTICIA HISTORICA. — Foi em seu principio um *pouso* onde paravam os intrepidos paulistas, quando accommettiam os invios confins de Minas e Goyaz.

Com o transcorrer dos tempos alguns taubateanos estabeleceram-se em torno do bosque chamado Matto Grosso e formaram um nucleo, cuja origem remonta ao anno de 1739, sendo o terreno para logradouro dos moradores doado por Francisco Barreto Leme.

Augmentando a população sentiu-se necessidade de uma capella, pois a matriz mais proxima era a de Jundiahy. Nesse sentido requereram licença, que lhes foi concedida pelo bispo D. Fr. Manoel da Ressurreição para a factura de uma capella interina, emquanto se concluia melhor templo. Erecta a capella, foi nomeado parocho Fr. Antonio de Padua, religioso da ordem dos menores de S. Francisco, que benzeu a modesta ermida, passando a celebrar nella a primeira missa á 17 de Julho de 1773.

Installada a freguezia de N. S. da Conceição de Campinas, tratou o povo de agenciar os meios de erguer um templo melhor e, á custa de esmolas, foi concluida em 1781 a matriz, que substituiu a capellinha provisoria.

A 25 de Julho Fr. José do Monte Carmello e Siqueira, que então era o parocho, benzeu-a e a 26 fez trasladar a imagem da padroeira para ella, celebrando na mesma occasião a primeira missa.

Rapido foi o progresso da povoação; de todos os pontos, ainda os mais remotos de S Paulo, foram affluindo immigrantes que augmentaram-lhe a população.

Em 1797, sendo governador e capitão-general de S. Paulo Antonio Manoel de Mello e Castro Mendonça, foi Campinas, por Provisão de 4 e Ordem de 16 de Novembro, graduada com os fóros de villa, mas com a denominação de *S. Carlos*,

em honra de D. Carlota Joaquina, esposa D. João VI. tendo lugar a installação a 14 de Dezembro. (1)

Em 1842 foi elevada á cidade pela Lei Provincial n. 5 de 5 de Fevereiro, que restituiu-lhe a primitiva denominação de Campinas.

Sua parochia foi pela Lei Provincial n. 85 de 18 de Abril de 1870, devidida em duas: a do lado do norte teve a denominação de parochia de Santa Cruz e por séde a Matriz velha, e a do sul, parochia N. S. da Conceição e por séde a Matriz nova.

Foi creada comarca pela Lei Provincial n. 11 de 17 de Julho de 1852 Augusto de Saint Hilaire em sua *Voyage dans les provinces de Saint Paul et de Sainte Catherine*, diz.:

«Campinas deve sua origem á fabricação de assucar. Durante muito tempo acreditou-se que as terras pretas dos arredores de Itú eram, de toda essa parte da provincia as unicas proprias para a cultura da canna; entretanto, apezar desse preconceito, algumas pessoas experimentaram, em 1770, plantar essa gramínea nos terrenos de um rôxo pronunciado, que dependem do actual termo de Campinas; o successo coroou o seu trabalho, sendo desde logo seu exemplo seguido por outros lavradores.

«Construiu-se, sob a invocação de N. S. da Conceição uma egreja, cuja primeira missa foi celebrada em 1776; um arraial se formou e foi *Campinas*; logo a egreja da Conceição tornou-se parochial; emfim em 1797 o capitão-general Antonio Manoel de Mello Castro Mendonça erigiu em villa e em cabeça de *termo*, com o nome de S. Carlos, a nova povoação, que até então pertencia ao termo de Jundiahy. Em uma extensão de cerca de sete leguas, o termo de Campinas comprehendia, em 1819, cerca de 6,000 individuos e em 1838 contava-se 6,689 habitantes, além de 3,917 escravos... E' de toda a provincia de São Paulo o termo que mais assucar produz. »

LIMITES. — O municipio confina com os de Santa Barbara, Limeira, Jundiahy, Itatiba, Mogy-mirim, Amparo e Pedreiras.

ASPECTO. — O territorio é pouco montanhoso, comquanto irregular; os accidentes do terreno são frequentes, mas pouco sensiveis.

Extensas plantações de café cobrem o sólo; não obstante ainda ha mattas virgens, se bem que afastadas do centro populoso.

Possue o municipio excellentes campos para pastagens.

MORROS E RIOS. — Não ha serras nem morros dignos de menção. Os que existem não têm denominação especial, achando-se cobertos de lindos cafezaes.

Regam o territorio diversos rios entre os quaes o Atibaia, o Jaguary, o Capivary-mirim, o Cabras, o Anhumas, o Quilombo e o Pinheiros.

O Atibaia fórma com o Jaguary, o Piracicaba. Recebe o Salgado, Anhumas, Cabras, Fundo, Lageado, Folha Larga, Maracanã, Cacú, Indios, Capella, Julião, Laranja Azeda, Domingues, Toledo, Tres Encruzilhadas, Amaral, Cachoeiras e Pedras. E' de leito pedregoso; tem o curso eriçado de pedras e rochas que embaraçam a navegação. Caudaloso nas enchentes, é entretanto transposto a vau no tempo secco em diversos pontos.

Em seu curso no municipio de Campinas tem os saltos denominados Salto Grande e Saltinho nas divisas com a Limeira. Fórma-se de dous galhos principaes: o Cachoeira e o Atibainha, ambos descendo das immediações do morro Sellado, a léste do morro do Lopo, separados por um alto espigão intercurrente e se reunem 8 kils. da cidade de Atibaia e em frente da ponta norte da serra Itapetinga.

O Jaguary nasce em Minas Geraes ao sul da serra do Campo, corre na direcção do norte-sul, no Estado de S. Paulo, reune-se ao Camandocaia para depois com o Atibaia formar o rio Piracicaba affluente do Tieté. E' atravessado pela estrada de ferro Mogyana. Recebe, entre muitos outros, o Moraes, o Jacarehy, o Anhumas e o Canivete.

CLIMA. — O clima é geral ameno, mas o da cidade é irregular e menos salubre pela sua collocação. Fóra da cidade, porém, o ar é puro e agradavel.

Ultimamente tem sido flagellada pela febre amarella.

LAVOURA. — O principal producto da lavoura é o café, cuja exportação annual é calculada em mais de um milhão e meio de arrobas: a canna de assucar e cereaes são cultivados em menor escala.

Os principaes fazendeiros do municipio que colhem mais de 10 mil arrobas são: D. Anna de Arruda Camargo Andrade, Arthur Furtado de Albuquerque Cavalcanti, Antonio Americo de Camargo Andrade, Arthur Leite de Barros, D. Anna Joaquina do Prado Aranha, Baroneza da Limeira, Baroneza de Anhumas, Bicudo & Branco, Bueno e Barboza, Dr. Carlos Norberto de Souza Aranha, Carlos Ferreira & Irmãos, Candido Alvaro & Irmãos, Companhia Rural do Brazil, Domingos Leite Penteado, Estanislau Ferreira de Camargo Andrade, Eloy Pompeu de Camargo, Francisco da Rocha Leite Penteado, D. Isulina Barboza Aranha, José Francisco Aranha, José Egydio de Queiroz Aranha, Joaquim Aranha & Irmãos, Joaquim Egydio de Souza Aranha, Joaquim Teixeira Nogueira de Almeida, Luiz de Campos Salles, D. Maria Augusta de Mendonça Doque, Manoel de Moraes, Queiroz & Aranha, Souza Camargo & Penteado, Viuva Coutinho & Filhos, Viuva Pompeu & Filhos e Viscondessa de Indaiatuba.

INDUSTRIA — Não é a cidade de Campinas uma cidade industrial, entretanto contam-se algumas fabricas importantes taes como a de machinas para a lavoura de Lidgerwood e da Companhia Mac Hardy, a da fundição da Viuva Faber e as serrarias de Barreto Leme e da Viuva Krug.

Possue mais 25 olarias, 20 fabricas de cerveja, uma de fogos, uma de gelo, um cortume, uma fabrica de sabão, cinco de massas, uma de chapéus e 2 officinas de carros.

---

1) *Portaria.* — Attendendo a justa representação que me fizeram os moradores da freguezia das Campinas, termo da Villa de Jundiahy, para que a mesma freguezia fosse creada, e erecta Villa, allegando por fundamento haver nella 2.107 pessoas, como fizeram certo pela attestação do seu respectivo parocho, entre os quaes se contavam mais de 60 homens bons, capazes de occupar os empregos publicos da Camara, e como taes se viam obrigados a ir servir a referida Villa de Junhdiahy de oito , dez, doze e quatrorze leguas de distancia, o que lhes causava maior vexame e prejuizo, por deixarem ao desamparo as suas casas, familias, lavouras de assucar, em que a maior parte delles se occupam, tendo em consideração a verdade do exposto, e a que a erecçam da mesma freguezia em Villa é em tudo conforme as regias instrucções de 26 de Janeiro de 1705, e outras ordens posteriormente dirigidas aos governadores e capitães-generaes desta Capitania: Hey por bem ordenar no Real nome de Sua Magestade, e por serviço da mesma Senhora ao Doutor Ouvidor geral desta cidade e Comarca, Caetano Luiz de Barros Monteiro, que passando em continente a mencionada freguezia das Campinas para erigir a sua povoação em Villa, cuja se denominará — Villa de S. Carlos — levantando ahi Pelourinho e assignando-lhe, termo de que mandará lavrar auto, o que será remettido as Camaras Confinantes para nellas ficar registrado. E demarcará tambem logo lugar e terreno para os Paços do Conselho e Cadeia, procedendo a eleiçam dos juizes vereadores e mais officiaes da Camara que bão de servir por confirmaçam minha, o primeiro anno que terá principio em Janeiro de 1798. — S. Paulo, á 16 de Novembro de 1797. — *Antonio Manoel de Mello Castro e Mendonça.*

Auto de Erecçam. Anno do Nascimento de N. S. J. C. de 1797, aos 14 dias do mez de Dezembro do dito anno nesta povoaçam das Campinas, Comarca da cidade de S. Paulo aonde foi vindo o Doutor Ouvidor geral e Corregedor da mesma Comarca, Caetano Luiz de Barros Monteiro, commigo Escrivão de seu cargo adiante nomeado para effeito de erigir em Villa esta povoaçam, em consequencia da Portaria do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Governador e Capitão-General desta Capitania Antonio Manoel de Mello Castro e Medonça, datada em 16 de Novembro do corrente anno retro transcripta e sendo ahi com assistencia do Juiz Presidente e mais officiaes da Camara de N. S. do Desterro de Jundiahy, Nobreza e Povo desta mesma povoaçam, mandou o dito Ministro apregoar em altas vozes pelo Porteiro, Salvador Vieira da Maya que se erigia esta povoaçam em Villa com a denominaçam de — Villa de S. Carlos — o que sendo satisfeito pelo dito Porteiro, houve elle dito Ministro por erecta em Villa com a denominaçam de — Villa de S. Carlos — pelos fundamentos expendidos na referida Portaria, de que para constar mandou levantar este auto de Ereçam que, assignou com o Juiz President e officiaes da Camara da Villa de Jundiahy, Nobreza e mais Povo que, presente se achavam e eu Vicente Ferreira e Almeida, Escrivam da Ouvidoria geral e Correção, o escrevi. (Seguem-se as assignaturas).

Termo de levantamento do Pelourinho e demarcação para os Paços do Conselho e Cadeia. — E logo no mesmo dia, mez e anno, no auto de Erecçam retro declarado nesta Villa de S. Carlos, aonde se achava o Doutor Ouvidor geral e Corregedor da Comarca, Caetano Luiz de Barros Monteiro commigo Escrivão de seu cargo ao diante nomeado e sendo ahi presentes os moradores desta e os officiaes da Camara da Villa de Jundiahy: foi escolhido um terreno livre e desembaraçado de todas as partes que se acha em distancia bastante da Igreja Matriz e fronteiro a mesma por parecer o melhor para nelle se levantar Pelourinho e depois de apregoado pelo Porteiro em alta voz, que se levantava o Pelourinho para signal de jurisdicçam, mandou o dito Ministro levantar, o qual é de um páu de Cabreuva oitavado. E ahi defronte do dito Pelourinho se escolheu lugar para os Paços do Conselho e Cadeia, fincando-se tres estacas em signal de onde ba de principiar a obra e seguir para a parte da Igreja, ficando de ambos os lados desembaraçado de cada lado 40 palmos para passagem e sahida do Pateo da Matriz e Praça do Pelourinho, e para constar mandou o dito Ministro, lavrar este Termo de levantamento do Pelourinho e demarcaçam do terreno para os Paços do Conselho e Cadeia o qual assignou com o Juiz Presidente e officiaes da Camara da Villa de Jundiahy e mais pessoas que presentes se achavam e eu Vicente Ferreira e Almeida, Escrivam da Ouvidoria geral e Correição o escrevi.

COMMERCIO. — O commercio da cidade é importante e florescente.

Ha em todo municipio: 468 armazens de molhados, 80 botequins, 73 lojas de fazendas, 45 açougues, 27 restaurants, 20 lojas de calçado, 16 barbearias, 13 latoeiros, 12 alfaiatarias, 16 padarias, 11 pharmacias, 10 sapatarias, 8 casas de loterias, 7 gabinetes dentarios, 3 charutarias, 9 joalheiros, 2 confeitarias, 4 depositos de madeira, 1 casa de concertar instrumentos, 3 casas de cambio, 6 selleiros, 2 casas de pianos 3 photographias, 11 lojas de ferragens, 2 vidraceiros, 2 armadores, 1 florista, 1 deposito de carvão, 5 agencias de bancos, 6 typographias, 9 armarinhos, 2 depositos de lenha, 2 marcenarias, 9 casas de moveis, 10 ferrarias, 4 armeiros, 1 serralheiro, 4 serrarias, 5 hoteis, 5 bilhares, 4 refinações de assucar, 2 colchoeiros, 2 marmoristas, 3 relojoeiros, 7 lojas de chapéus, 4 de roupa feita, 1 retratista á oleo, 2 cocheiras de aluguel, 2 tanoarias, 3 casas de pasto, 1 caldeireiro, 2 livrarias, 2 lojas de louça e 9 cafés.

SOCIEDADES RECREATIVAS.— Além de um Hyppodromo, tem mais a cidade o Club Campineiro, o Club Semanal, o mais antigo, e o Gremio Commercial.

POPULAÇÃO. — A população da cidade é de 25 a 30.000 habitantes e a do municipio de 90.000.

ESTRADAS DE FERRO. — A Mogyana, que tem na cidade seu ponto inicial, a Paulista, o Ramal Ferreo Campineiro e a Carril Funilense.

Ao municipio pertencem as estações de Vallinhos, Boa Vista, Rebouças, Santa Barbara, Guanabara, Anhumas, Tanquinho, Carlos Gomes, Souza, Arraial dos Souzas, Joaquim Egydio, Cabras e Pedras.

IMPRENSA. — Imprimem-se na cidade os jornaes: *Diario de Campinas*, que conta 24 annos de existencia, *Correio de Campinas*, que conta 14, e *Cidade de Campinas*.

Publicou-se tambem a *Gazeta de Campinas*, fundada pelo Dr. Quirino dos Santos.

CAMPINEIROS ILLUSTRES. — Em Campinas nasceram Carlos Gomes, o Dr. Campos Salles, o general Francisco Glycerio, o Dr. Francisco Quirino dos Santos, e o Bispo D. João Nery.

BAIRROS. — Os bairros da cidade são: Guanabara, Taquaral, Botafogo, Santa Cruz, Bomfim, Ponte Preta e Fundão; e os do municipio: Souzas, Vallinhos, Rebouças, Capivary, Vira Copos, Atibaia, Terra Preta, Friburgo, Arrozaes, Canelleiras, Ponte Alta, Descampados e Campo Redondo.

No municipio fica ainda o nucleo Campos Salles.

CAMPINAS DE S. SEBASTIÃO. Dist. do Estado de Minas Geraes, no mun. da Diamantina, a 66 kils. desta cidade, situada em uma planice, á margem esq. do ribeirão Pindahybas, de que já teve o nome. E' filial á freg. do Rio Preto. Tem uma capella e duas eses. estadoaes. As terras do dist. prestam-se para todas as lavouras, produzindo tudo admiravelmente; são optimas para criação. O principal ramo da lavoura é a cultura de cereaes. Possue muitas riquezas mineraes e abundancia d'agua. Vide *Pindahybas*.

CAMPINHO. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da cidade do Bom Fim.

CAMPO. Igarapé do Estado do Pará, affl. do rio Gurupy. Não é propriamente um affl., mas um braço lateral cheio de agua salgada pelo fluxo e refluxo da maré (Dr. G Dodt.)

CAMPO ALEGRE. Log. do Estado da Bahia, no mun. do Mundo Novo.

CAMPO ALEGRE. Dist. creado no mun. de Brotas e Estado de S. Paulo pelo Dec. de 20 de Março de 1899, com uma estação de estrada de ferro.

CAMPO ALEGRE. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

CAMPO ALEGRE. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. de Santa Quitéria.

CAMPO ALEGRE. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. de Nioac; á margem do rio Negro.

CAMPO CELESTE. Pov. do mun. do Bom Fim, no Estado de Minas Geraes.

CAMPO DA GLORIA. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. da Cruz Alta.

CAMPO DA GRAMMA. Log.do Districto Federal, no dist. de Guaratiba.

CAMPO DAS PEDRAS. Log. do Estado da Bahia, no mun. de Cannavieiras.

CAMPO DO ERARIO. No Estado de Pernambuco, dist. de Santo Antonio e mun. da capital. Ahi, em 21 de março de 1817, depois de solemne *Te-Deum*, na Matriz de Santo Antonio, em acção de graças pelo feliz exito da revolução e benção das novas bandeiras, fez-se um pavilhão provisorio, tendo no centro um altar. Orou por essa occasião o Deão da cathedral Bernardo Luiz Ferreira Portugal. «Nesse logar ainda, em 5 de julho do mesmo anno, é enforcado Antonio Henriques Rabello que — na presença da commissão militar que votara sua immolação — não mudou de côr, não defendeu-se, glorificou-se de seus feitos, confessou claramente seus principios e desafiou a morte. Sua intrepidez espantou os juizes, sua constancia e serenidade no cadafalso enternceu o proprio algoz, preto encanecido no ludibrioso officio; a calma não o abandonou, e, antes de estreitar a corda ao pescoço, perdoando a seus inimigos, abraçando amorosamente o carrasco e voltando-se para a multidão, bradou pela ultima vez — *Viva a Patria* ! — Sua cabeça mutilada foi exposta na ponte do Recife, onde foi consumida pelo tempo. — Em 10 do referido mez outras tres vitimas foram conduzidas ao mesmo supplicio: o vigario de Itamaracá Pedro de Souza Tenorio, José de Barros Lima, mais conhecido por *Leão Coroado* e Domingos Theotonio Jorge. Este, sahindo da cadeia, vestido de alva, acompanhado do sacerdote exhortante da Irmandade da Misericordia (como soia fazer-se então em semelhante ceremonia), chegando ao campo, subiu impavido ao patibulo, pronunciando estas dolorosas palavras: « *Meus patricios* ! *A morte não me altera, aterra-me o juizo da posteridade. Eu deixo um filho em tenra edade, elle é vosso; não o abandoneis, ensinae-lhe o caminho da virtude e da honra* » Ia continuar a fallar, quando o carrasco o suffocou. Depois de mortos, suas cabeças e mãos, decepadas, foram distribuidas por varios logares, suspensos em altos postes e patentes ao publico até o estado de putrefacção. — Em 21, são executados o tenente coronel Francisco José da Silveira, o coronel Amaro Gomes Coutinho e o joven tenente José Peregrino Xavier de Carvalho. Todos elles se portaram como verdadeiros patriotas, em seus ultimos momentos; tiveram a cabeça e as mãos cortadas, sendo remettidas para a Parahyba, afim de serem alli erguidas em postes e consumidas pelo tempo, e os troncos arrastados á cauda de cavallo para o cemiterio da Matriz de Santo Antonio. O primeiro era natural de Minas, o segundo e terceiro da Parahyba. O ultimo dos padecentes contava apenas 20 annos. E finalmente, sentenças semelhantes as primeiras, lavradas pela commissão militar composta de Bernardo Teixeira Coutinho Alvares de Carvalho, presidente, João Ozorio Castro de Souza Falcão, escrivão, José Gonçalves Marques, relator, e José Caetano de Paiva Ferreira, assessor, fizeram ainda cessar de viver o padre Antonio Pereira de Albuquerque e Ignacio Leopoldo de Albuquerque Maranhão, membros do governo republicano da Parahyba. A morte do padre Antonio Pereira teve circumstancias que deixaram consternados todos os espectadores; sua falla á multidão foi cheia de energia, sua despedida maviosa, enternecidos o perdão que pediu para seu irmão, accusando elle a si proprio de ter sido quem o desencaminhara e, principalmente, quando disse: *Muitas cousas mais tinha para dizer; esta corda, porém, me vai suffocando...*

O algoz começava a garroteal-o... A sentença foi executada em todas as suas partes, o cadaver foi despedaçado, mãos e cabeça foram para os logares marcados, o tronco foi arrastado á cauda de um cavallo para o cemiterio da Egreja Matriz de Santo Antonio (*Martyres Pernambucanos* do Padre J. D. Martins e *Hist. da Revolução de Pernambuco* em 1817 pelo Monsenhor F. M. Tavares). Seu primitivo nome foi *Campo do Palacio Velho*, por causa do primeiro palacio alli edificado por Mauricio de Nassau; depois deno-

minou-se *Campo do Erario*; porque arruinado, no tempo do governador Manoel da Cunha Menezes (1774 a 1778), por este foi mandado construir, junto ao referido palacio, o antigo erario; depois *Campo da Honra*, pelos patriotas de 1817, por terem para alli marchado Domingos Theotonio Jorge e Pedro da Silva Pedroso, com a força de linha de que dispunham, afim de desalojar o marechal José Roberto que, nesse logar, estava com os milicianos, guardando o erario, sendo o intento d'elles conseguido sem derramamento de sangue. Nessa epocha ainda chamou-se *Campo do Patriotismo* e posteriormente *Largo do Palacio, Campo das Princezas e Praça da Republica*. Alem do palacio do Governo do Estado, reconstruido em 1841, ficam nessa praça o theatro Santa Izabel, um dos melhores do Brasil, que, inaugurado em 18 de maio de 1850, incendiou-se em 19 de setembro de 1869, e, reconstruido, foi reaberto em 16 de dezembro de 1876; a Bibliotheca Publica, creada pela Lei Prov. n. 293 de 5 de maio de 1852; a Municipalidade; o Senado; e a Escola de Engenharia, inaugurada em 6 de março de 1896. O centro do largo é occupado por um jardim entregue ao publico em 19 de outubro de 1872. A E. de F. do Recife á Varzea e Dous Irmãos, tem ahi sua primeira estação, a 200 m. distante da rua do Sol.

CAMPO DO GORDURA. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. de Itabira, sobre o rio Tanque.

CAMPO DO JANUARIO. Log. do Estado do E. Santo, no dist. de Queimado.

CAMPO DO SACCO. Log. do Districto Federal, no dist. da Guaratiba.

CAMPO DOS FERNANDES. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da cidade do Bom Fim.

CAMPO DOS FERNANDES. Corrego do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

CAMPO GRANDE. Arraial do Estado de Sergipe, no termo de N. S. das Dores (*Almanack Sergipano*. 1901).

CAMPO GRANDE. Estação da E. de F. de Olinda a Beberibe, no Estado de Pernambuco, no kil. 4,691m, entre as estações denominadas Feitosa e Salgadinho. Perto fica-lhe o Hyppodromo, cuja entrada é fronteira á estação Feitosa.

CAMPO GRANDE. Estação da E. de F. do Limoeiro, entre a da cidade deste nome e a da Lagôa do Carro; no Estado de Pernambuco. Fica no kil. 73.580m da inicial do Brum e a 150m de altitude. Foi aberta ao trafego em 20 de fevereiro de 1882.

CAMPO GRANDE. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. de Silves.

CAMPO GRANDE (Carmo do). Dist. de Minas. Accrescente-se no fim: Tornou-se séde do mun. da Villa de Campos Geraes pela Lei n. 319 de 16 de Setembro de 1901, que o desmembrou do mun. de Tres Pontas.

CAMPO LARGO. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, na villa do seu nome e Estado da Bahia. Fica no rio Grande, a 670 kils distante do Joaseiro e entre as estações de Poço Redondo e Porteiras.

CAMPO LARGO. Rio do Estado de S. Paulo, banha a villa do seu nome e desagua no rio Atibaia. Recebe o Maracanan.

CAMPO LIMPO. Corrego do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Araras e dasagua na margem dir. do ribeirão Cerrado.

CAMPO REDONDO. Bairro no mun. do Parahybuna do Estado de S. Paulo, com uma esc. preliminar, creada pela Lei n. 800 de 7 de outubro de 1901.

CAMPO REDONDO. Pov. do Estado do Paraná, no mun. de Araucaria.

CAMPO REDONDO. Corrego do Estado de S. Paulo. Vai para o ribeirão Cabuçú, mais tarde Guapira, affl. do Tieté.

CAMPO RIBEIRO. Log. do Estado do E. Santo, no mun. de Santa Leopoldina.

CAMPOS. Log. do mun. de Quipapá do Estado de Pernambuco.

CAMPOS. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Chaves. E' um braço do igarapé S. José, que o é do rio Goiabal.

CAMPOS. Rio do Estado do Maranhão, banha a pov. do Jardim de Maracassumé e mun do Tury-assú e desagua no rio S. José.

CAMPOS. Serrota do Estado de Pernambuco, no mun. de Cabrobó

CAMPOS DA ARARA. Log. do Estado da Bahia, no mun. de Cannavieiras.

CAMPOS DA CAPELLINHA. Log. no 2º dist. do mun. da Cachoeira; no Estado do R. G. do Sul.

CAMPOS DA SAPUCAIA. Log. do Estado de Pernambuco, no dist. de Gravatá.

CAMPOS DE NOSSA SENHORA. Arraial no termo de Santa Luzia e Estado de Sergipe.

CAMPOS DE S. JOÃO. Log. no Districto Federal, no dist. da Guaratiba.

CAMPOS DOS MACACOS. Log. do Estado de Pernambuco, no dist. de Gravatá.

CAMPOS GERAES. Mun. creado no Estado de Minas Geraes pela Lei n. 319 de 16 de Setembro de 1901, que o constituiu com os dists. do Carmo do Campo Grande e Corrego do Ouro, desmembrados do mun. de Tres Pontas, e do dist do Espirito Santo dos Coqueiros, desmembrado do mun. de Dores da Bôa Esperança, sendo a séde no Carmo.

CAMPOS SALLES. Passou assim a denominar-se a villa da Batalha, no Estado do Piauhy, pela Lei n. 197 de 23 de junho de 1899.

CAMPOS SALLES. Villa e mun. do Estado do Ceará, creada pela Lei n. 530 de 29 de julho de 1899 na pov. de Nova Roma. O seu territorio foi constituido com o da villa do Araripe, supprimida pela Lei n. 523 de 19 de julho daquelle anno.

CAMPOS SALLES. Colonia do Estado do Amazonas; com duas escs. creadas pelo Dec. n. 535 de 6 de dezembro de 1901.

CAMPOS SALLES. Estação da E. de F. Paulista, no Estado de S. Paulo, no ramal de Dous Corregos a Agudos. Foi inaugurada a 1º de julho de 1899. Fica entre as estações de Falcão Filho e Iguatemy.

CAMPO VERDE. Dist. do mun. de Barreiros; no Estado de Pernambuco.

CAMPO VERDE. Corrego do Estado de Goyaz, affl. do ribeirão das Arêas, no mun. do Rio Bonito.

CAMUTÁ. Corr. *caá-mutá*, escada de páo ou de matto (Dr. T. Sampaio).

CAMUTANGA. Vocabulo tupi que significa, segundo Martius, papagaio de varias cores (*Psittacus Versicolor*).

CAMUTANGA. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Agua Torta, no mun. de Itambé.

CAMUTENGUE. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Carassú, que o é do rio Una; no mun. de Barreiros (Inf. loc.).

CANABATY. Rio do Estado do Pará, rega o territorio do Aricary e desagua na margem esq. do rio Calsoene. (*Carta* do territorio do Aricary de José Lobo Pessanha. Pará — Agosto — 1901).

CANAL TORTO. Estação da E. de F. de S. Miguel á Arêa, no termo de Jequiriçá e Estado da Bahia.

CANARATIUA. Log. do Estado do Maranhão, no dist. de S. João de Côrtes e mun. de Alcantara.

CANASTRÃO. Rio do Estado do Paraná, affl. do Itapirapuan.

CANCELLA. Arraial do Estado de Sergipe, no termo de Santo Amaro (*Almanak Sergipano*. 1901).

CANCELLINHA. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha o dist. de Santa Quiteria e desagua no ribeirão Santo Antonio.

CANDÊAS. Pequeno pov. do Estado de Pernambuco, a beira-mar, no mun. de Muribeca, ao S. da cidade do Recife e a quatro milhas do pov. Boa Viagem e a menos de milha do denominado Venda Grande. Possue uma capella de N. S. das Candêas, que, do alto-mar, pela sua collocação, fica bem visivel. Vide *Candêas* (pontal).

CANDÊAS. Pov. do Estado de Sergipe, no mun. de Itabaiana.

CANDIDO DE ABREU. Nucleo colonial do Estado do Paraná, no mun. de Paranaguá. E' habitado por brazileiros e polacos.

CANDINHO. Largo entre a ilha de Santo Amaro, o rio da Bertioga e o continente de Santos. Nelle fica a ilha Guaniqué e desagua o rio Cabucú. (Folha de S. Paulo da Commissão Geogr. e Geol.).

CANDIRÚ. Subs., peixe d'agua doce, pequenino e que tem o habito de itroduzir-se nas cavidades e aberturas do corpo humano com violencia e rapidez, abrindo depois as barbatanas, o que torna dolorosa e difficil a extracção; é commum na bacia do Amazonas (*Cetopsis Candirú*) Dr. Theodoro Sanpaio.

CANDONGAS. Rio do Estado de Minas Geraes, affl. da margem esq. do rio Pomba; no mun. deste nome.

CANECO. Riacho do Estado de Pernambuco, rega o mun. do Cabo e desagua no rio Gurjahú, affl. do Pirapama.

CANELLEIRA. Log. do Estado do R. G. do Sul, no 1° dist. do mun. de Villa Rica.

CANENGA. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do rio Ipojuca, no mun. deste nome.

CANGA. Pov. do Estado de Matto Grosso, no mun. de Poconé, com escola.

CANGA-BOI. Log. do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Macahé.

CANGAGUÁ. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Tieté, no mun. de Mogy das Cruzes. Esta palavra é corruptela de *Cang-aguáa*, enseadas seccas. De *cang*, secca, enxuta; e *aguáa*, enseada, varzea. Allusivo a serem enxutas as varzeas marginaes. Este ribeirão tem a particularidade de nascer em uma lagôa, no alto da serra *Itapeti*, a qual só tem agua no tempo das chuvas, e por isso é tambem denominada *Cang-aguáa*, lagôa secca.

CANGAHÚ. Nome de um engenho situado no mun. de Nazareth do Estado de Pernambuco, proximo da linha ferrea do Limoeiro, ramal de Timbauba. *Cangahú* significa, segundo Montoya — quebrar osso queimado — de *canga*, quebra osso e *hu*, queimado, ennegrecido pelo fôgo. Vide *Canga*.

CANGALHA. Pov. do Estado de Pernambuco, no mun. de S. José do Egypto. E' pequeno e decadente.

CANGALHA. Morro do Estado de Minas Geraes, no mun. do Pomba.

CANGALHEIRO. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da cidade do Bom-Fim.

CANGALHEIRO. Morro do Estado de Minas Geraes, na cidade de Barbacena.

CANGICA (corrupção de *cangi-ica*, fraco, debil, de pouca força.). Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Jundiahy; no mun. de Atibaia, proximo ao arraial da Terra Preta.

CANGUERA. Caveira, craneo; corrupção de *acangoera*.

CANGULO. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Indayassú.

CANGUSSÚ. Corr. *acang-uçú*, cabeça grande; adj. cabeçudo, a; nome applicado á uma onça (Dr. T. Sampaio).

CANHA. Log. do Estado do Paraná, no mun. de Assunguy.

CANHA. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Atibaia, quando tem o nome de Atibainha; no mun. de Nazareth. E' mais conhecido pelo nome de Cachoeirinha.

CANHA (corruptela de *Canhỹ*, o sumido.). Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Parahyba; entre os muns. de Taubaté e Caçapava. (Dr. J. Mendes, *Dicc.* cit.).

CANHANGA. Corr. *caá-nhanga*, planta viva, animada, odorifera (*Myristica macrophylla*), Amazonas. (Dr. T. Sampaio.).

CANHÃO-ARY. Riacho do Estado do R. G. do Norte, affl. do rio Jundiahy.

CANHEM. Rio do Estado da Bahia, no mun. do Campo Formoso. Vai para o rio das Pedras, trib. do Itapecurú-assú.

CANHOBA. Dist. do termo de Propriá do Estado de Sergipe.

CANHOTO. Riacho do Estado de Pernambuco, nasce na lagôa do Angú, na fralda meridional da serra do Jacarará, correndo de N. a S. e limitando os muns. do Brejo e Cimbres, vai derramar no rio Capibaribe, do qual é um dos primeiros affls., tendo sido muitas vezes confundido com o proprio rio Capibaribe, nas suas vertentes. (Sebastião de Vasconcellos Galvão *Dicc.* cit.).

CANHOTO. Rio de Pernambuco e Alagôas. Accrescente-se no fim: — e em Pernambuco o Joaquim Pedro, Inhumas, Januario, Agulhão, Agua Vermelha, Moças e Timbó.

CANINANA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. do Capivary-mirim, trib. do Capivary e este do rio Tieté.

CANINDÉ. Corrupção de *cani-ndê*, anegrado, retincto, tisnado, escuro; nome de uma especie de arara (*Psittacus Arauna*. L.) alt. *calindé*. *canendé*, *caninê*, (Dr. Theodoro Sampaio).

CANITAR. Vide *Acangatara*.

CANIVETE. Serra do Estado de Pernambuco; nas divisas meridionaes do mun. de Canhotinho, separando esse Estado do das Alagôas.

CANJANGAS. Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. do Rio Branco.

CANNABRAVA. Com esse nome dá noticia o *Almanak Sergipano* (1901) de dous arraiaes nos termos de Maroim e Riachuelo.

CANNABRAVA. Morro do Estado da Bahia, no mun. de Minas do Rio de Contas. Faz parte da serra das Almas.

CANNABRAVA. Riacho do Estado de Pernambuco; nasce na serra da Baixa Verde, mun. do Triumpho, e desagua no riacho do Bom Successo, affl. do rio Pajehú.

CANNAFISTULA. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. do Bom Jardim, com uma capella de N. S. do Amparo.

CANOARÚ. Rio do Estado do Amazonas, no mun. de Codajaz.

CANNASVIEIRAS. Dist. de Santa Catharina. Accrescente-se no fim: O Sr. Virgilio Varzea, no seu trabalho *Santa Catharina*,1900, diz: « Afreg. de Canavieiras, celebre na historia catharinense e desde os primeiros tempos, por seu fundo e magnifico ancoradouro, onde tocaram todos ou quasi todos os navegantes que iam para o Prata e para o Mar-do-Sul, na época das famosas descobertas maritimas nesta parte occidental do Atlantico como no Oceano Indico e na vastidão do Pacifico; celebre pela victoria do velho Monteiro sobre o corsario Lewis; celebre ainda pelo desembarque dos 10.000 homens de Zeballos na tomada da ilha em 1777; a freg. de Canavieiras é uma das mais bellas e pittorescas de Santa Catharina. Estendendo-se da Ponta Grossa á Ponta das Canas e formando duas immensas praias, com uma pequena de permeio, entre a ponta do Vianna e a de S. Francisco (mais conhecida no local pela ponta das Pedras), onde se ergue a egrejinha parochial — este sitio é sobre modo encantador, em virtude de seu golpe de vista, que abrange muitas milhas de costa no continente em frente e todo o maravilhoso panorama marinho da entrada do norte, povoada de ilhotes e ilhas, entre os quaes se destacam, em suave colorido, o Arvoredo e a Deserta, a Galé e os Macucos, a ilhota dos Francezes e Anhato-mirim. Na séde da freg., que occupa o largo perimetro do cabeço onde se eleva a egreja, a 100m0 de altura, ha uma praça de forma rectangular como poucos sitios possuem, não só pelas construcções como pela bella paizagem, pois se domina d'ahi as duas vastas praias mencionadas e os amplos campos de Canavieiras, que se desenrolam em planuras successivas, extremando ao norte com a Cachoeira, o Bom Jesus e as Areias, e ao sul com os altos da Ponta-grossa e os morros dos Ratones, nas voltas espelhadas do rio. Os predios ahi são todos de pedra e cal e envidraçados, destacando-se em meio delles, além da casa do *Imperio* destinada ás festas do Espirito-Santo, a vivenda do Pinheiro (conhecido e abastado chefe conservador de outros tempos na localidade) e a de Manoel Moreira da Silva, uma das glorias da nossa marinha de guerra, notavel na navegação e nos combates pela sua coragem e sangue frio, que lhe valeram na celebre batalha naval da Laguna (1), durante a occupação desta cidade pelas forças dos *Farrapos*, o encargo importante, mas arriscado, de ser o primeiro a investir á entrada, estreitissima e perfeitamente artilhada pelo inimigo; e no Rio Grande do Sul como commandante da barra, o appellido bem significativo de *Manoel Diabo*, pelas proezas alli feitas contra o mar, de salvar embarcações e vidas nas maiores borrascas (2). Do alto da egreja partem duas estradas principaes, percorrendo a freg. de extremo a extremo: uma é a da rua Velha, que se estende para o norte junto á falda dos Morretes, descrevendo uma curva de cerca de legua e meia, e indo bifurcar-se na das duas Varzeas, Bom Jesus e Cachoeira; a outra é a da praia de S. Francisco, que segue pela ladeira do Pinheiro para o Vianna e a Ponta-grossa. Ao longo da primeira acha-se a maior parte das habitações do sitio, sendo a outra parte pelo alto da praia de S. Francisco, Caminho do Joaquim Pedreiro, Caminho do Campo, Caminho Novo e Venda do Areias. O ultimo dos logares tomou o nome de um velho portuguez que ahi residio muitos annos, com uma dessas casas de negocio da roça, onde se vende toda especie de artigos e generos. Proximo ao Porto do Rio — um dos braços maiores em que se divide o Ratones logo acima da foz, e que atravessa os campos da rua Velha depois de banhar, ainda em corrego, os montes da Cachoeira, onde tem as nascentes — esse armazem commercial attrahia os roceiros que vinham da freg. e arraiaes visinhos vender ahi mesmo, ou fazer embarcar para a cidade, as suas mercadorias. Havia então certo numero de canôas de voga de 4 e 6 remos, da lotação de 100 a 200 alqueires — pertencentes na maior parte ao velho Areias — singrando constantemente abarrotadas de carga, entre a Capital e Canavieiras. Mas, ha 15 annos para cá, depois que o antigo negociante transferiu a residencia para Santo Antonio, onde falleceu tempos depois, esse ponto entrou a decahir, ao extremo do pequeno movimento fluvial que tinha desapparecer quasi todo, limitando-se ao de uma ou outra canôa de vendeiro d'ahi que vai fazer sortimento á cidade, uma vez por mez. No Porto do Rio existe uma larga ponte de madeira por onde passa a estrada geral. Até essa altura o rio é accessivel, com maré de enchente, a botes e canôas de voga que podem carregar francamente. D'ahi para cima até ao Rancho do Justino, só navegam embarcações de pequeno porte, porque ha pouco fundo e amplitude. A' communicação com a Capital, por via maritima, é mais commum por este porto que pela enseada — o primeiro torna a viagem mais curta e segura, visto o rio desaguar em Sambaqui, poupando um quarto de distancia e já ao abrigo da barra; ao passo que a ultima a difficulta, pela espera de monção e a longa volta da Ponta-grossa e Pontal, alem da arriscada travessia em mar grosso. As terras de Canavieiras são uberrimas, e nellas se cultivam a mandioca, a canna, o feijão, o milho, o algodão, a videira e o café, que, insignificante ha vinte annos, constitue hoje a sua principal producção. Pena é que a vinha, que ahi dá admiravelmente, não seja plantada em grande escala para a fabricação do vinho. E não nos referimos á uva americana, de geral e facil cultivo, mas á excellente uva branca, moscatel e outras, de que vimos magnificos specimens. A pesca ahi é muito farta tambem e de todas as fregs. da ilha esta é, por sem duvida, a que possue maior numero de rêdes. Os habs. são tão bons lavradores como marinheiros: tem um physico robusto, um caracter decidido e valente. Arrostar o mar em todo o tempo, superpondo-se ao perigo, é cousa que lhes anda no sangue e nos nervos. Cantam sobre as ondas revoltas, como em meio ás culturas tranquillas onde não ha nada a temer ! »

CANÔAS. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Parahyba, entre os muns. de Bocaina, Silveira e Arêas.

CANÔAS. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Mogy-guassú; no mun. deste nome.

CANÔAS. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. do rio Grande; no mun. de Santa Rita do Paraiso. Recebe o corrego da Onça.

CANÔAS (Santa Barbara das). Dist. de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Foi desmembrado do mun. de Muzambinho, passando a ser a séde da villa de Guaranesia pela Lei n. 319 de 16 de Setembro de 1901.

CANTAGALLO. Log. no mun. de Itapecurú-mirim do Estado do Maranhão.

CANTAGALLO. Log. do Estado da Bahia, á margem do corrego do seu nome, no mun. de Cannavieiras.

---

(1) V. Almeida Coelho, *Memoria Historica*, cap. VIII, § 2º pags. 152 e 155; e M. Pinto Bravo, *Curso de Historia Naval*. lic. XX, pags. 333 e 335.

(2). Existe ainda hoje no Rio Grande um rebocador empregado na praticagem da barra que conserva a legendaria alcunha do bravo marinheiro.

CANTAGALLO. Nucleo colonial do Estado do Paraná, no mun. da Palmeira, a 20 kils. E' dividido em 27 lotes occupados por polacos e brazileiros.

CANTAGALLO. Morro na ilha do Governador situada na bahia do Rio de Janeiro, na fazenda dos frades de S. Bento.

CANTAGALLO. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha o mun. de Diamantina e desagua no ribeirão do Inferno, trib. do rio Jequitinhonha.

CANTAGALLO. Deixando a villa do Bomjardim dirigi-me para a cidade de Cantagallo, onde cheguei depois de passar pelas estações de Monnerat e de Cordeiros.

Logo que desembarquei senti uma impressão desagradavel, que não se modificou ao penetrar no interior da cidade.

Está Cantagallo situada em uma garganta comprimida entre os morros denominados Pasto do Rei, Batalha, Boa Vista, Fundão e Lavrinhas, a 400 e poucos metros de altitude. E' banhada pelos corregos e ribeirões do Pasto do Rei, de S. Pedro e das Lavrinhas.

Dista 58 kilometros de Friburgo, 58 de Itaocara, 167 de Sant'Anna do Maruhy e 7 de Cordeiro.

E' uma cidade, cuja situação foi pessimamente escohida. Não tem horizontes. Para qualquer lado que a vista se volte depára com um morro.

Não me pareceu tão decadente como me haviam dito. Notei nella mais vida, mais animação que em muitas outras cidades do Rio de Janeiro.

Seus predios, em numero de 315, são na sua generalidade antigos e muitos carecendo de pintura exteriormente. São ligados uns aos outros, não mediando entre elles um jardim, o que daria á cidade um aspecto muito differente do que apresenta. Para todos ha agua encanada.

Na estação denominada Gavião, distante um e meio kilometro da cidade e que conta para mais de 20 predios, nota-se o sumptuoso palacete do Conde de Nova Friburgo, cuja construcção foi iniciada por seu finado pai, o Barão do mesmo titulo.

Tem as ruas denominadas: Rosario, Uruguayana, Voluntarios da Patria, Souza Gomes, Municipal, Palmeiras, Boa Vista, Sete de Setembro, Benjamin Constant, (antigamente Direita e depois Princeza Imperial), Mão de Luva e Sant'Anna; estas tres calçadas. Dellas a mais extensa é a de Sant'Anna, onde ficam o theatro, a loja maçonica Confraternidade Beneficente, fundada em 1 de Março de 1865, e o predio n. 7, o mais antigo da cidade, onde residiu o capitão mór e onde se reunira a primeira Camara. Todas têm passeios lageados.

Tem ainda dous beccos o da Cadêa e o de Carvalho; e as praças: Quinze de Novembro com a Matriz, o Forum e um bonito jardim todo gradeado de ferro, com quatro portões; a Deodoro da Fonseca (antigamente Municipal), a Miguel de Carvalho e a Barão de Cantagallo. Todas as ruas e praças são illuminadas a kerosene.

O commercio é algum tanto animado; representam-no tres pharmacias, dous hoteis, um relojoeiro, quatro padarias, dous bilhares, quatro barbeiros, cinco botequins, tres açougues, quatro marcenarias, seis sapatarias, quatro alfaiatarias, 26 casas de fazendas e molhados, duas fabricas de cerveja e uma de aguas gazosas. Tem duas usinas de beneficiar café, uma na cidade, quasi defronte da estação da estrada de ferro, e outra a kilometro e meio, na fazenda da Batalha.

Ha na cidade seis advogados e tres medicos. Imprime-se nella o *Correio de Cantagallo*, que conta 31 annos de existencia.

A população da cidade é de pouco menos de 2.000 habitantes.

A cidade é abastecida de boa agua, que vem encanada da fazenda da Batalha, lugar denominado Cambucá, a tres kilometros de distancia, e servida por uma rêde de esgotos, cujas descargas se fazem para o rio Lavrinhas. Ha ahi, na margem do rio, uma usina de desinfecção.

Os edificios publicos ahi existentes são: a Matriz, a Casa da Camara, o Forum, o Lazareto e a Cadêa. Ha tambem uma Casa de Caridade, pouco distante da cidade, fundada em 1875 pela loja maçonica Confraternidade Benificente, com o patrimonio de 35 apolices da divida publica de um conto de réis; acha-se fechada por lhe faltarem os auxilios, que lhe eram prestados pelos governos estadoal e municipal.

A Matriz é um templo espaçoso e situado na praça 15 de Novembro e defronte do jardim. Sua fachada não tem estylo. Tem uma torre com tres sinos e um relogio. Seu interior é singelo; as naves são elevadas e é banhada de abundante luz, o que lhe dá um alegre aspecto.

Tem a capella-mór um altar, em cujo throno vê-se a imagem de Nossa Senhora do Livramento, S. Benedicto e Santo Antonio e o Sacrario. Tem seis tribunas, uma lampada de prata, seis quadros da Via-Sacra e duas portas, uma que dá para a Capella do Sagrado Coração de Jesus e outra para a Sacristia.

No corpo da igreja ficam dous altares lateraes, um com a imagem de Nossa Senhora das Dores, e outro com a de Nossa Senhora do Rosario. Ha ahi oito quadros da Via Sacra, um pulpito, a pia baptismal e uma escada em caracol, que conduz ao côro, onde se acha um harmonium:

Do lado do Evangelho fica a Capélla do Sagrado Coração de Jesus, com um altar e um confissionario e do lado da Epistola a sacristia.

E' padroeiro da cidade o Santissimo Sacramento.

A Camara Municipal funcciona na rua Benjamin Constant, em um predio sem estylo, reconstruido em 1882. No pavimento superior encontram-se as salas da secretaria e do archivo e a das sessões com os retratos dos Srs. Porciuncula e Miguel de Carvalho e do Coronel Luiz Vieira de Carvalho, e no andar terreo a sala da procuradoria e a em que está alojada a Bibliotheca da Camara, com perto de 2.000 volumes.

O Forum funcciona em um predio assobradado, na praça Quinze de Nobembro. Tem na frente seis janellas com grades de ferro, duas de peitoril e a porta de entrada. O interior é despido de qualquer ornamentação.

Possue além de dous cartorios, as salas das audiencias, do partidor e distribuidor, do juiz de direito e o salão das sessões do jury, com suas dependencias: sala secreta e das testemunhas.

A Cadeia é grande, segura e hygienica, possue seis compartimentos, banheiro, agua e esgoto. A cidade tem dous cemiterios; um no centro da cidade, proximo á praça Marechal Deodoro e onde não se fazem mais enterramentos, e outro distante da cidade, e bastante descurado.

O mun. contém seis districtos, o da cidade, Santa Rita da Floresta, Cordeiro, Macuco, Santa Rita do Rio Negro e S. Sebstião do Parahyba e os povs. denominados Penna (parte), Maravilha, Taquara, Agua Quente, á margem esquerda do rio Negro, e Porto do Marinho, á margem direita do Parahyba.

O mun. limita-se com Duas Barras, Carmo, Bom Jardim, Itaocara, S. Francisco de Paula, S. Sebastião do Alto e Estado de Minas pelo rio Parahyba.

As estações da estrada de ferro a elle pertencentes são: Cordeiro, Cantagallo, Gavião, Santa Rita, Boa Sorte e Macuco.

A lavoura consiste em café, canna, fumo, milho e feijão, não tendo produzido resultado a cultura do algodão. Os districtos mais cafeeiros são os da cidade, Floresta, Cordeiros e Santa Rita.

A exportação do café em todo o mun. ascende a 600.000 arrobas annualmente.

A cultura do fumo e a criação do gado florescem nos districtos de Macuco e Santa Rita do Rio Negro.

Ha neste ultimo uma fabrica de gelo e de leite congelado.

Dos districtos do mun. é mais importante o de Cordeiro, atravessado pelo rio Macuco. Tem 268 predios, uma população de 1.600 almas; 34 casas de fazendas e molhados, dous hoteis, duas pharmacias, duas agencias de loterias, dous bilhares, dous barbeiros, tres alfaiates, seis botequins, tres sapateiros, dous funileiros, dous armadores e uma typographia, onde se imprime a *Gazeta de Cordeiro* que está no quinto anno.

Tem mais tres usinas de beneficiar café, um theatrinho; tres medicos.

O territorio desse mun. foi explorado na segunda metade do seculo 18° por um celebre contrabandista de ouro, Mão de Luva.

Tendo atravessado o Parahyba, no lugar actualmente denominado Porto Velho do Cunha, veio Mão de Luva, á frente de um bando, estabelecer-se no lugar onde é hoje a cidade de Cantagallo.

Divulgada a noticia da descoberta das minas de Cantagallo, tomou o Governo providencias para capturar os con-

trabandistas, Mão de Luva e um tal Mauricio, que tambem havia se estabelecido nesses lugares.

Foi *Mão de Luva* capturado pela traição de um dos seus companheiros e sentenciado com muitos destes, no Juizo da Intendencia Geral do Ouro do Rio de Janeiro.

Refere a tradicção que, já perdida as esperanças de accrtarem com o asylo dos contrabandistas, estavam os soldados dispostos a regressar, desistindo da empreza, quando ouviram cantar um gallo, que lhes revelou o procurado sitio, resultando desse facto o nome dado ao lugar.

Depois da prisão de *Mão de Luva*, estabeleceu o Governo uma lavra de mineração, sob a direcção de um superintendente.

Foi este o primeiro estabelecimento de Cantagallo e o começo de sua fundação.

A superintendencia foi extincta no começo do seculo passado por verificar-se que a renda das minas era inferior ás despezas com o seu custeio.

Pelo Bando de 18 de Outubro de 1786 facultou o Vice-Rei Luiz de Vasconcellos as terras de Cantagallo aos colonos, que nellas quizesem estabelecer-se, o que determinou uma corrente de immigração, que muito concorreu para o desenvolvimento da povoação.

Foi Cantagallo creado parochia pelo Alvará de 9 de Outubro de 1806; villa pelo Alvará de 9 de Março de 1814 e cidade pela Lei Provincial n. 965 de 2 de Outubro de 1857

CANTANHEDES. Log. do Maranhão. Accrescente-se. no fim: Fica á margem esq. do rio Itapecurú, 12 kils. á jusante da pov. Cachimbos. E' o berço do Dr. Antonio Henriques Leal, medico e litterato.

CANTINHO. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Cimbres.

CANTO DE BAIXO. Log. no mun. da capital do Estado de Santa Catharina; com escola.

CANTO ESCURO. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. do Limoeiro.

CANTOS Bairro no dist. de Santa Rita da Extrema; no Estado de Minas Geraes.

CANUDO. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. da Floresta e desagua no rio Pajehú.

CANUDOS. Corrego do Estado de S. Paulo, banha o mun. do Capão Bonito do Paranapanema e desagua no rio S. José.

CANZANZA. Riacho do Estado de Pernambuco, no mun. de Jaboatão, em terras do engenho do seu nome, e, seguindo para o do Cabo, desagua no Gurjaú, affl. do Pirapama. (S. Vasconcellos. *Dicc.* cit.).

CAOCA. Ilha do Estado do Maranhão, no littoral do mun. de Cururupú, entre a foz do rio Urú e a do rio Turyassú.

CAPANEMA. Corr. *caá-panema*, folha, herva ou matta ruim, imprestavel, folha fetida ou mal cheirosa; Bahia, Rio, Minas, (Dr. T. Sampaio).

CAPANEMA. Corrego do Estado de S. Paulo, no mun. do Patrocinio do Sapucahy, nas divisas do dist. de Ityrapuan. Reune-se com o Santa Barbara.

CAPÃO. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

CAPÃO. Lagôa do Estado de S. Paulo, no mun. do E Santo da Bôa Vista.

CAPÃO. Acrescente-se no fim: O Dr. Theodoro Sampaio, diz: « CAPÃO, *caá-pãun*, ilhade matto no meio do campo, retalho ou nesga de matto: o matto que cresce ilhado no meio do campo denominava-se *caapãu*, ilha de matto, de que procede o vocabulo *capão*, hoje geralmente adoptado no Brasil para significar essa fórma de vegetação. Algumas vezes se diz tambem *capuão*, mas já derivado de outro vocabulo tupi *caá-apoan*, matto redondo, e podendo significar um *oasis*. »

CAPÃO D'AMORA. Log. do Estado do Paraná, proximo ao Batel, distante quatro kils. da capital.

CAPÃO DO MANOEL MACHADO. Log. do Estado do R. G. do Sul, no dist. de Sant'Anna do Rio dos Sinos.

CAPÃO GRANDE. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. do rio das Pedras, que o é do Pardo e este do Paranapanema.

CAPÃO RICO. Bairro do Estado de S. Paulo, no mun. de Santa Barbara do Rio Pardo; com uma esc. mixta, creada pela Lei n. 732 de 26 de outubro de 1900.

CAPÃO RICO. Log. do Estado de Minas Geraes, no dist. de Santo Antonio da Lagôa e mun. do Curvello.

CAPARA. Corr. *yg-apara*, agua ou canal torto, rio curvo; S. Paulo. (Dr. T. Sampaio.)

CAPEBA. Riacho do Estado do Ceará, affl. do Juá

CAPELLA. Igarapé do Estado do Pará, banha o mun. de Chaves e desagua no rio Goiabal.

CAPELLA DA BELLA VISTA DO JUQUIÁ. Bairro no mun. de Itapecerica; no Estado de S. Paulo.

CAPELLA DO PARTIDO. Morro do Estado da Bahia, na cidade de Santo Amaro, com as ruinas de uma capella, da qual restam de pé somente as duas torres.

CAPELLA DOS PERDÕES. Bairro do mun. de Nazareth do Estado de S. Paulo, com escola.

CAPELLA NOVA DO BETIM. Dist. de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Foi desmembrado do mun. de Sabará e annexado ao de Santa Quiteria pela Lei n. 319 de 16 de setembro de 1901.

CAPELLA VELHA. Rio do Estado de Minas Geraes; forma com o Piedade, que se reunem na cidade do Rio Branco, o Chopotó, trib. do Pomba. Recebe o Quebra-caco, Inhambú, Paiol e José Joaquim.

CAPELLINHA. Log. do Estado do Rio de Janeiro, no 3° dist. do mun. de Macahé, com uma esc. municipal.

CAPELLO DO FREI AMARO. Grande elevação da serra da Ranhosa, no dist. de Santa Quiteria e Estado de Minas Geraes. Tem uns 2.000 metros de altura. E' assim denominado porque ahi residiu o Frade desse nome, o primeiro preceptor do Visconde do Caeté, José Teixeira da Fonseca Vasconcellos.

CAPIBARIBE. E' vocabulo tupi e significa — logar de capivaras ou capibaras — de *capibara*, porco selvagem e *yby* ou *ipe* logar. *Locus animalis Capivara* (Dr. Martius. *Glossaria.*) *Capiberibe.* corr., *caapiuar-y-pe*; alt. *capibar-y-be*, rio das capivaras. Vide *Capivary*. Pernambuco. (Dr. T. Sampaio.)

CAPIBERIBE. Rio de Pernambuco. Accrescente-se no fim: O Sr. Sebastião Vasconcellos Galvão, no seu *Dicc. Chorogr. Hist.* e *Est. de Pernambuco*, descrevendo essse rio, diz: « *Capibaribe.* Rio. Nasce na lagôa da Estaca, entre as serras do Acahy e do Jacarará, em teritorio do mun. de Cimbres, tendo suas vertentes cercadas de carahybeiras, as quaes, desde ahi, até muito alem do seu encontro com o rio Canhoto (um dos seus principaes affls., conhecido por tal nome pelos moradores de sua ribeira, e cuja nascença é na lagôa do Angú, não tendo arvores nas margens, e formando até esse ponto um curso de igual extensão do d'aquelle de que é trib.), continuam bordando-lhes as ribanceiras. D'ahi corre em um leito de rochas, na direcção O. para N E., formando grandes meandros e, com a extensão, approximada

mente, de 490 kils., banha no mun. de Taquaretinga (margem esq.) as povs. — de Poço Fundo, Santa Cruz, Torres, Capado e Topada; no do Brejo (margem dir.) a pov. do Couro d'Anta; no do Bom Jardim (margem esq.) os logarejos Chéos e Salgadinho; no do Limoeiro os povs. de S. Vicente da Pedra Tapada (margem esq.), Pedra Tapada (margem dir.) e a cidade do Limoeiro (margem esq.); no do Pau d'Alho a pov. do Rosarinho e a cidade do E. Santo; no de S. Lourenço os logares Santa Rita, Tiuma (que são estações da via ferrea do Limoeiro) e a villa de S. Lourenço da Matta; e no do Recife desde o engenho S. Cosme, ponto escolhido para seu desvio, banha as povs. da Varzea, Ambolê, Caxangá, Apipucos, Monteiro, Poço, Casa Forte, Sant'Anna, Ponte do Uchôa, Torre, Capunga, o bairro da Magdalena, onde, pouco abaixo da ponte deste nome, bifurca-se em dous braços: um ao sul e á dir., que vai passar por baixo das pontes do pov. Afogados, as quaes servem á estrada geral do centro do Estado, e dos caminhos de ferro do S. Francisco e Central de Pernambuco; depois, confundindo sua foz com a do rio Tigipió, recurva-se para seguir a direcção do Recife e lançar suas aguas em um largo braço de mar comprehendido entre as ilhas de Santo Antonio e do Nogueira, e outro, ou o braço dos Coelhos, corre, banhando os muros do Hospital Pedro II, onde começa, ao O. e á esq., o bairro da Boa Vista, e partindo d'ahi separa este da ilha de Santo Antonio, segue entre dous caes verticaes continuos, distantes um do outro uns 150 metros approximadamente, passa por baixo das pontes da Bôa Vista, da E. de F. da Varzea e Dous Irmãos, e da de Santa Izabel, contorna a ponta de Santo Antonio, mistura suas aguas com as do Beberibe, que vem do N., separa depois o bairro do Recife do de Santo Antonio, passa por baixo das pontes Buarque de Macedo e Sete de Setembro e forma, a partir d'ahi, um porto destinado ao serviço da Alfandega. Depois, na ponta S. do bairro do Recife, tem logar a juncção com o braço do mar, já descripto, que recebe as aguas do braço dir.; começando ahi a parte principal do porto do Mosqueiro, comprehendido entre o recife natural e o caes do bairro do Recife, até o forte e barra do Picão. Após sua bifurcação, divide o Capibaribe a cidade do Recife em tres bairros, formando algumas ilhas, d'entre ellas a de Santo Antonio, principal, outr'ora cidade Mauricia, a de Joanna Bezerra, etc. E' navegavel, no tempo do verão, até 12 kils. acima da sua foz, por botes e canoas; no tempo do inverno, porem, as chuvas concorrem para augmentar-lhe o volume, tornando-se caudaloso e determinando grandes damnos por occasião de suas enchentes, tanto nas estradas publicas e pontes, como nas propriedades particulares. As cheias, que mais estragos tem causado e de que se tem conhecimento são as dos annos de 1842, 1854, 1866, 1869, 1894 e a de 21 e 22 de junho de 1897; esta, sobre ser extraordinariamente grande, inundando tudo que ficava situado em suas margens, occasionou varias mortes e grandes e incalculaveis prejuizos. Em seu curso recebe muitos affls., enumerando como mais notaveis os seguintes riachos: no mun. do Brejo, o Canhoto, Aldeia Velha, Carapotós, Mandasaia, Tabocas, Eguas ou Bataria, Doce, Salobro, Madre de Deus; no de Taquaretinga (margem esq.), Arroz, Topada, Açudinho, Macena, Queimadas, Cumbe, Gravatasinho, Mellodença, Direito, Esquerdo, Contendas, Salgado, S. José, Pacheco; no do Bom Jardim: Cahe-ahi, Freitas, Chéos, Salgadinho, Manso, ribeiro Grande, Taiepe (margem esq.); no do Limoeiro: Gangorra, Mary, Carrapixo, Muruabeba, Figueira, Jatobá, Cassatuba, Boi, Batatan, Mandioca, Escuro, Poço da Vacca, Fernandes, ribeiro Fundo, Cotunguba (margem dir.) Aparo, Espinho Preto, Magro, Mel, Duas Pedras, Pirauhyra, Quebra Bunda, Lama, Besta ou Correinha, Salobro, Perua Choca, Boi Secco, Lagartixa (margem esq.); no do Pau d'Alho; Cumbe, Potribú, Currahy, Goitá, Mussurepe (divisas com S. Lourenço), Camilla, Cajueiro, Ipojuca; no de S. Lourenço, Massiape, Massiapinho, Tapacurá, Tapesserica, Caiará, Cachaça, Dindi, Agua Fria, Timbi, Camorim, Camaragibe; e no do Recife, finalmente, Brumsinho, Cordeiro e Parnamirim. Existem sobre este rio as pontes: do *Tahy-ba*, na cidade do E. Santo do Pau d'Alho, cuja superstructura do systema *treilles*, o pavimento de madeira, repousando sobre pilares de bases solidas, com a extensão de 113m,0, foi orçada sua construcção em 138:555$000, sendo iniciada em 18 de maio de 1872 e concluida e entregue ao transito em 1876; a de *S. João*, na estrada de rodagem e proxima á bocca da matta deste nome, no mun. de S. Lourenço; a do *Caxangá*, que sendo, primitivamente, de arame e pensil, a grande enchente do rio, em 1869, carregou-a, fazendo-se então em substituição a actual, que é de ferro, com lastro de madeira; a da *Magdalena;* a do *Lasserre;* a da *Boa Vista*, entre as ruas Barão da Victoria e Imperatriz, dos bairros de Santo Antonio e Boa Vista da cidade do Recife; foi inaugurada em 2 de dezembro de 1876; a da via-ferrea da Varzea e Dous Irmãos; a de *Santa Izabel*, na parte septentrional dos mesmos bairros; a *Buarque de Macedo*, começada em 1881 e concluida em 1889; e finalmente a do *Recife* ou *Sete de Setembro*, ambas entre os bairros de Santo Antonio e de Pedro Gonçalves, na confluencia do rio Capibaribe e Beberibe, toda de ferro e entregue ao publico em 1865 »

CAPIM. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Quipapá.

CAPIM-ASSÚ. Pov. do Estado do Maranhão, a O. de S. Vicente Ferrer, e della distante seis kils.

CAPIM BRANCO. Log. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Sacramento.

CAPIM BRANCO. Pov. do Estado de Matto Grosso, a 158 kils. da capital, com 250 habs. Data de 1840. Seu pequeno desenvolvimento nasceu da construcção, ou melhor, dos trabalhos preliminares da linha telegraphica que por ahi transitou estabelecendo sua primeira estação, inaugurada em 31 de Dezembro de 1891 e que tomou o nome de Capim Branco, que trocou mais tarde pelo de Coronel Ponce. E' banhada pelo rio S. Lourenço e corrego do Capim Branco.

CAPIM BRANCO. Corrego do Estado de Matto Grosso banha a pov. do seu nome e desagua no rio S. Lourenço.

CAPIM DE BURRO. Log. a tres kils. da villa de Santo Antonio de Gilbués; no Estado do Piauhy.

CAPIM FINO. Bairro do mun. do Jahú; no Estado de S. Paulo; com duas escs. creadas pela Lei. n. 748 de 13 de novembro de 1900. E' tambem denominado Villa Ribeiro.

CAPIM FINO. Estação da E. de F. Paulista, na secção do rio Claro, no ramal dos Agudos. Foi inaugurada em 1° de julho de 1899.

CAPIM FINO. Corrego do Estado de S. Paulo; desagua no ribeirão da Serrinha, trib. do Arouca, que o é do Roque e este do Mogy-guassú.

CAPINZAL. Ilha do Estado do Pará, no mun. de Chaves. O furo Grande separa-a da ilha nova dos Carneiros.

CAPIRÚ. Rio do Estado do Paraná, affl. do Tacaniça.

CAPISSURÁ. Riacho do Estado de Pernambuco, no mun. de Itambé. E tambem denominado *Lages*.

CAPITÃO. Log. do Estado do E. Santo, no mun. de Linhares.

CAPITÃO. Ribeirão do Rio de Janeiro. Linhas 2 e 3. Em logar de — deste nome affl. do rio Grande — leia-se — S. Domingos e Almas, trib. do S. José, que o é do rio Grande.

CAPITÃO AGOSTINHO. Lagôa do Estado de Matto Grosso, no mun. da Capital.

CAPITÃO-MÓR. Serra do Estado de S. Paulo, no mun. de Bragança.

CAPITINGA. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Itupeva, trib. do Mogy-guassú. Recebe o Lageado e o Bebedouro.

CAPIVARA. Log. do Estado de Goyaz, no mun. de Antas, na estrada que vai para Campinas.

CAPIVARA. Paraná e lago do Estado do Amazonas, no mun. de Itacoatiara.

CAPIVARA. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. da margem dir. do rio Una; no mun. do Bonito.

CAPIVARY. Log. do Estado da Bahia, na cidade de S. Felix.

CAPIVARY. Pov. no mun. de Tibagy do Estado do Paraná, á margem esq. do rio do seu nome.

CAPIVARY. Rio do Estado de S. Paulo, no mun. de S. Bernardo. Vai para o rio Pequeno, trib. do Jurubatuba. Recebe o ribeirão do Poço.

CAPIVARY. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Pomba. Esta palavra é composta de *capiuar-y*, rio das capivaras.

CAPIVARY. Corrego do Estado de Minas Geraes, affl. do rio Formoso, que o é do Pomba; no mun. deste nome.

CAPIXABA. Log. no Estado de Sergipe, no termo de Maroim. (*Almanak Sergipano*. 1901).

CAPUAMA. Composto de *caá-puama*, matto levantado ou revolvido (Dr. Theodoro Sampaio).

CAPUÃO. Composto de *caá-apuã*, matto redondo ou ilhado (Dr. T. Sampaio).

CAPUAVA. Composto de *caá-apoaba*, morada do matto (Dr. Theodoro Sampaio). Vide *Capuaba*.

CAPUEIRA. Arraial no termo de Pacatuba e Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

CAPUEIRA. Accrescente-se no fim: O Dr. Theodoro Sampaio diz: « CAPUEIRA corrupção de *caá-poéra*, matto extincto, matta cortada ou destruida; costuma-se confundir com *copueira* composto de *cô-poéra*, roça extincta, roça velha, abandonada e já invadida pelo matto. Substantivo, uma especie de perdiz (*Perdix dentata* Temm.).

CAPUEIRA DOS CARNEIROS. Ribeirão do Estado de Minas Geraes; banha o mun. de Palmyra e desagua no rio Pinho ou Piau

CAPUEIRA GRANDE. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Tury-assú, a 18 kils. da costa, nas cabeceiras do rio S. João.

CAPUEIRA GRANDE. Corrego do Estado de Minas Geraes, entre Ayuruoca e Turvo. Vai para o ribeirão da Boa Vista.

CAPUEIRAS. Log. do Estado do R. G. do Sul, no 1º dist. do mun. de Gravatahy.

CAPUEIRAS. Morros no mun. de Apiahy do Estado de S. Paulo. Ahi nasce o Taquary affl. do Ribeira de Iguape.

CAPUEIRINHA. Rio do Estado de Minas Geraes, banha o mun. do Rio Branco e desagua no Chopotó, trib. do Pomba.

CAPUEIRUSSÚ. Morro na cidade da Cachoeira, no Estado da Bahia.

CAPUTERA. Corr. *caá-apytêra*, o meio da matta; S. Paulo (Dr. T. Sampaio). Corr. de *caá-apitêr-a*, meio do monte. De *caá*, monte; *apitêr*, centro, meio, com o complemento do *a* por acabar em consoante, segundo a lição do padre A. R. de Montoya em sua *Arte de la lengua guarani* (Dr. J. M. de Almeida).

CAPUTYRA. Corr. *caá-potyra*, a flôr da matta (Dr. T. Sampaio).

CAPUVA. Corr. *caá-puba*, herva podre, páo molle, sem resistencia (Dr. T. Sampaio).

CAQUEIRA. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Tury-assú.

CAQUEIRA. Rio do Maranhão. Accrescente-se no fim: e desagua na margem dir. do Maracassumé.

CAQUENDE. Morro na cidade da Cachoeira, no Estado da Bahia.

CAQUETÁ. Ilha no mun. de Santarem e Estado do Pará.

CARÁ. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Afuá.

CARABEIRO DO ESPIRITO SANTO. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Tacaratú.

CARAÇA. Assim denominam os indigenas uma especie de samambaia, que se cria em terras porosas e seccas, e cujos ramos ou hastes brotam de um bulho. Parece que tem na sciencia o nome *Polypodium-incannem*, da familia das Cryptogamicas. E' o feto macho do Brasil.

CARAÇA. Cachoeira no rio Ribeira de Iguape; no mun. de Apiahy e Estado de S. Paulo. « *Caraça*, diz o Dr. J. M. de Almeida, é corruptela de *Qûára-áocè* por contracção *Qûár'-áocè*, muito esburacado. De *qûára*, buraco, fojo, poço, cova; *áocè*, para exprimir superlativo. Allusivo a ter muitos poços e buracos, de sorte que as aguas rodomoinham successivamente ».

CARACARÁ. Corr. *carãe-carãe*, o arranhador, o arranha-arranha (*Polyborus vulgaris* Vieill); alt. *carcará*; Ceará e Norte do Brasil (Dr. T. Sampaio).

CARACITUBA (muito cortado, segundo Montoya). Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Amaragy e desagua no rio Ipojuca.

CARACOL. Pov. do Estado de Matto Grosso, no mun. de Miranda.

CARACOL. Serra do Estado de Matto Grosso, no mun. de Miranda.

CARACOL. Ribeirão do Estado de S. Paulo; desagua na margem dir. do rio Tieté, quasi defronte do bairro de Pirapora, pertencente ao mun. do Parnahyba.

CARAGUÁ. Subs., especie de bromelia cujas folhas dão fibras para trançar e para corda; alt. *carauá*, *crauá* no Norte do Brasil; corr. *cará-uá*, talo ou nervura farpada, ou armada de espinhos (Dr. T. Sampaio).

CARAGUATÁ. Planta conhecida na sciencia por *Tillandsia usneoides*, da familia das Bromeliaceas, que dá uma especie de pinhas e fornece á industria textil longos e fortes filamentos. A pinha possue tres qualidades apreciaveis, a côr; o cheiro e o sabor. « *Caraguatá*, diz o Dr. T. Sampaio, é composta de *carauá-tá*, o carauá rijo, duro; alt. *caravatá*, *carauatá*, *croatá*, *crauatá*, *gravatá*. » Vide *Caraguá*.

CARAGUATATUBA. Mun. de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Comprehende os bairros: Tabatinga, Massaguassú, Martim de Sá e Tinga. Esta palavra é composta de *caraguatá-tyba*, e significa gravatás em abundancia.

CARAHÁ. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Santo Antonio; com escola.

CARAHÁ. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de S. Francisco de Paula de Cima da Serra; com escola.

CARAHÁ. Rio affl. da margem dir. do Sorocaba, no mun. da Piedade do Estado de S. Paulo. Nasce na serra S. Francisco, ao sul.

CARAHIPE. Corr. *caray-pe*, no sagrado, no santo *cará-y-pe*, no rio do cará (Dr. T. Sampaio).

CARAHÚ (o que tem escama negra ou casca, segundo Montoya. É nome de peixe). Riacho no mun. de Iguarassú do Estado de Pernambuco. Recebe o Vinagre.

CARAHÚ. Rio do Estado de S. Paulo, banha o mun. de S. Vicente e desagua no rio Piassabussú.

CARAHUSINHO. Riacho do Estado de Pernambuco, no dist. de N. S. do Ó. do mun. de Goyanna.

CARAHIBAS. Pov. do Estado de Sergipe, no mun. de Simão Dias.

CARAHYBAS. Com este nome dá o *Almanak Sergipano* (1901) noticia de dous arraiaes nos termos de Santo Amaro e Lagarto.

CARAJÁ. Corr. *carayá*, mono grande, simio de grande estatura. O gentio costumava appellidar de *carayá* aos seus visinhos desaffectos. O gentio deste nome em Goyaz é assim appellidado pelos seus contrarios (Dr. T. Sampaio).

CARAJAUNA. Morro entre os rios Garaú e Una do Prelado, ao S. da serra Itatins; no Estado de S. Paulo. Esta palavra é corrupção de *Caa-ra-aú*, morro desegual e incommodo. Vide *Guarahú* e *Garaú*.

CARAMANDÚ. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. do Sumidouro. E' uma ramificação da serra do P ião

CARAMBEHY. Estação da E. de F. de S. Paulo ao Rio Grande; no Estado do Paraná.

CARAMBY (corrupção de *Caré-mbi*, tortuosa e funda). Corredeira no rio Tieté, entre o salto de Itú e a cidade de Porto Feliz; no Estado de S. Paulo.

CARAMEMOAM. Composto, segundo o Dr. Theodoro Sampaio, de *carame-moam*, pipa em pé, tonnel posto em pé, erguido. Lery dá *caramemô* com a significação de pipa, tonnel, carcassa de tatú.

CARAMOCOARA. Ilha em frente á foz do rio Cubatão; no Estado de S. Paulo. Foi mencionada na carta de sesmaria de Pero de Goés, de 10 de Outubro de 1532.

CARAMURÚ. Appellido de Diogo Alvares entre os Tupinambás da Bahia. Os primeiros historiadores ou chronistas deram-lhe por significado — *dragão sahido do mar* ou *homen de fogo*. « Si o appellido barbaro não está alterado, diz o Dr. Theodoro Sampaio, é o mesmo que *moréa*, especie de cobra marinha (*Lepidosiren paradoxa*); si, porém, está corrupto, pode vir de *caray-murú*, que se traduz — *o homem branco molhado* — ou figuradamente o naufrago, o branco que deu á costa ». Vide *Caray e Carahyba*.

CARAMUSSA. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Apiahy; no mun. de Itapeva da Faxina.

CARANÁ. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Affuá. Vai para o rio Medonho. Caraná ou carandá, escamoso cascudo; nome da palmeira *Copernicia cerifera*.

CARANDAHY. Pode ser, segundo o Dr. Theodoro Sampaio, corrupção de *carandá-yba* ou *caraná-yba* a palmeira carnahuba; ou corrupção de *carandá-y*, rio das carnahubas. Segundo Baptista Caetano pode ser a bica, cano, calha.

CARANEMA. Rio affl. do Iperó pela margem esq. no mun. de Campo Largo de Sorocaba. Segundo o Dr. J. Mendes é essa palavra corruptela de *Quar-a-nēma*, rodomoinhos. Allusivo a abrirem-se em seu leito fojos, revolvendo-se ahi as aguas em rodopio. A formação do terreno nessa região é a causa desse facto.

CARANGOLA. Bairro da cidade do Mar d'Hespanha; no Estado de Minas Geraes. E' separado da cidade pelo ribeirão S. João.

CARANGOLA. Bairro do Estado de Minas Geraes, no dist. de Mercês do Pomba.

CARANGUEJO. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. do Bonito. Tem a altitude de 600 metros. E' digna de nota, nessa serra, a exquisita fórma que têm, dando-lhe a semelhança da fachada de um palacio, com janellas e varandas.

CARANGUEJO. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. do Bom Conselho, nos limites desse Estado com o das Alagôas.

CARANGUEJOS. Ilha do Estado do Maranhão, de. fronte da pov. do Porto do Gabarra, pertencente ao mun. de Anajatuba. Sua extremidade meridional divide a foz do Mearim em dous braços.

CARÃO. Lagôa do Estado de Pernambuco, marginal ao rio Ipojuca, no mun. do Brejo da Madre de Deus.

CARAPAUTUBA. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do Parahyba, no mun. de Pindamonhangaba. Nasce na serra Quebra Cangalha e desce em cachoeira.

CARAPEBA. Morro cujo alto serve de divisa entre os muns. de Taubaté e S. Luiz do Parahytinga; no Estado de S. Paulo. Deste morro nasce um ribeirão, que por corruptela é denominado Guarapeba. O Dr. J. Mendes escreve *Carapeva* e diz ser essa palavra corruptela de *Carápe-bae*, curto e chato. De *cará*, curto; *pe-bae*, verbal derivado de *pe*, achatar-se, ser chato, com o suffixo *bae* (breve) para formar participio. Vide *Acarapeba*.

CARAPUÇAS. Bairro na cidade de Barbacena e Estado de Minas Geraes.

CARASSÚ. Riacho do Estado de Pernambuco; nasce no engenho Duas Barras, mun. de Barreiros, toma depois o nome de Cariman e vai desaguar no rio Una, dentro da cidade de Barreiros formando a ilha do Jardim. Recebe o Bella Vista, o das Pedras, o Jussara, Nambú, Paccas, Jaguaraba, Camarão, Calembe, Camutengu, Santo Estevão, Tapirassá e Roncador. Servem as aguas desse riacho de motor de diversos engenhos; utilisando-se dellas tambem a usina Carassú.

CARASSUIPE. Subdelegacia da delegacia do mun. de Agua Preta, no Estado de Pernambuco.

CARA SUJA. Vide *Casa Suja*.

CARATUBA. Pov. do Estado do Paraná, no mun. de Campo Largo, tambem escrevem *Caratuva*.

CARAUATÁ. Vide *Caraguatá*.

CARDOSO. Riacho do Estado da Bahia, affl. do Mariquita, que o é do rio das Pedras, e este do Itapecurú; no dist. da Saude.

CARDOSO. Rio do Estado de Minas Geraes, banha o mun. de Bello Horizonte e desagua no Tiradentes outr'ora Arrudas.

CARDOSOS. Bairro no dist. de Santa Rita da Extrema; no Estado de Minas Geraes.

CARECA. Morro do Estado do Rio de Janeiro, na cidade de S. Fidelis.

CARIAS. Morro do Estado de Minas Geraes, na cidade do Mar d'Hespanha. Ahi fica a Caixa d'Agua.

CARIBOCA. Tirado ou descedente do branco, do europêo; composto de *cari-boc*. No norte do Brasil se diz *curiboca*. Vide *Cariboca* no Vol. I.

CARIBY. Rio do Estado do Amazonas, no mun. de Urucará.

CARICÊ. Vocabulo indigena, significando, segundo Montoya, vontade de ter sêde; de *car*, desejo, vontade, impulso para alguma cousa; e *icê*, ter sêde.

CARIJÓ. Corr. *Cari-yó*, descendente, o tirado dos *carahybas*; tem o mesmo significado de *cariboca*; mistura de branco, pedrez. (Dr. T. Sampaio).

CARIJÓ. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha o mun. do Pomba e desagua no rio S. Manoel.

CARIMAN. Vocabulo tupi que significa — massa da mandioca puba. E' substantivo.

CARINHANHA. Corr. *cari-nhenhê*, o cari ronca, sitio onde esse peixe faz ruido; Bahia (Dr. Theodoro Sampaio).

CARINHANHA. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, na villa do seu nome; no Estado da Bahia. Fica naquelle rio, a 886 kils. distante do Joaseiro e entre as estações da Lapa e Malhada.

CARIOCA. Accrescente-se no fim: O Dr. Theodoro Sampaio diz: « *Carioca* o mesmo que *carió*, ou *cari-yó*, *cariboc*, *cari-uoc*, descendente do branco, procedente do europêo, o mixtiço de procedencia do branco. Vide *Carijó*. Pode tambem ser *cari-oca*, a casa do branco ou do europêo. ».

CARIOS. Corr. *cariós* ou *caryós*, graphia usada pelos autores hespanhóes para o nome da tribu tupi-guarani que dominava na costa do Brasil de Cananéa para o sul, por outros chamados *indios dos Patos*, ou simplesmente *indios Patos* (Dr. T. Sampaio).

CARIPY. Rio do Estado do Pará, reune-se com o Arucauá e o Uaçá e juntos vão desaguar no oceano junto á foz do Oyapock e do cabo de Orange. Regam todos o territorio do Aricary. (*Carta* do territorio do Aricary de José Lobo Pessanha Pará. — Agosto — 1901).

CARIRA. Pov. do Estado de Sergipe, no mun. de S. Paulo.

CARIRY. Taciturno, silencioso, calado. E' adjectivo e corrupção de *kiriri*.

CARIRYSINHO. Pequeno pov. do Estado de Pernambuco, no mun. do Granito, á margem do riacho do seu nome; com uma capellinha.

CARIRYSINHO. Riacho do Estado de Pernambuco; nasce na serra do Araripe, banha o pov. do seu nome e, depois de reunido ao Genipapo, vai desaguar no Pau Grande, no logar Sitio.

CARLOS PRATES. Colonia nos suburbios da cidade de Bello Horizonte, capital do Estado de Minas Geraes. E' composta de 377 individuos. Nella cultivam-se cereaes, mandioca, batatas, videiras, hortaliças e capim Angola. Têm uma área de 266hects. 90.70 dividida em 154 lotes, cada um com a pequena área de 20.000m2.

CARMO. Estação terminal da E. de F. do Recife á Olinda, nesta cidade, á beira do mar e a 8.820ms distante da rua Aurora, na cidade do Recife; no Estado de Pernambuco

CARMO. Cidade do Rio de Janeiro. Accrescente-se no fim: Ao *Jornal do Commercio* enviei a seguinte communicação: Regressando da Villa do Sumidouro, desembarquei na estação do Bacellar, antigamente do Carmo. Tomei um troly, que conduzio-me á cidade do Carmo, distante dous kils. da margem dir. do rio Paquequer e da estação d'aquelle nome. O aspecto da cidade impressionou-me bem: é pequena, mas bem delineada. Situada sobre uma chapada, a cidade offerece longinquos horizontes compostos de montes e serras e é varrida pelos ventos em todas as direcções. Está a 373 metros de altura e é circulada pelo rio Paquequer e pelos ribeirões Gloria, Astréa e Emboque ou Santo Antonio, tribs. daquelle rio. Dista de Nyterõi 240 kils. e da villa do Sumidouro 18. Seus predios, em numero de 225, são quasi todos terreos, antigos e sem gosto. Suas ruas são rectas, curtas, muito pouco planas, a mór parte em ladeira suave, com largura regular, cortando-se perpendicularmente, sem calçamento, com passeios de pedra inteiriça e illuminadas á kerosene. Tem quatro praças, sendo tres bastante grandes: a Isabel, a Pereira Lima e a da Bôa Vista. A mais importante, bem tratada e bonita é a Isabel, toda cercada de palmeiras reaes e a egreja Matriz. O primeiro edificio da cidade é a Matriz. E' um bello templo, perfeitamente situado e de bonito exterior. Tem no alto uma Cruz, abaixo d'esta um relogio e nas duas extremidades as estatuas de Santo Elias e Santo Eliseu. A torre fica nos fundos. Cerca-a um espaçoso adro com um gradil de ferro. Seu interior, se não apresenta ricas obras de talha, recommenda-se pela simplicidade e pelo asseio. Tem o altar-mór com a Senhora do Carmo e aos lados dous nichos com S. Benedicto e S. Sebastião. No corpo da egreja ficam o côro, dous pulpitos e dous altares lateraes com as imagens do Sagrado Coração de Jesus e de N. S. da Conceição. Tem nas paredes 14 explendidos quadros da Via Sacra. Ao lado direito fica a Sacristia tendo em um nicho a imagem de N. S. do Rozario e á esquerda o consistorio das Irmandades. Nos fundos fica o cemiterio da Irmandade do Carmo, o qual está trancado. No fim da rua do Senhor dos Passos ergue-se, em um alto, a graciosa capella dos Passos, com a frente voltada para a cidade. Está sendo construida em substituição a uma outra, bastante arruinada e que fica-lhe nas proximidades. A casa da Camara está localisada na praça Pereira Lima. E' um edificio terreo, sem gosto e sem ornamentação interna. Parece mais uma casa particular do que um edificio publico. A cadeia fica na praça da Bôa Vista; é um edificio baixo, mas elegante. Tem seis prisões limpas e bem ventiladas. O Club de instrucção gratuita funcciona em um chalet na rua Martinho Campos. Mantem aulas nocturnas de primeiras lettras e é sustentado pelo povo. A caixa d'Agua fica a 700 metros distante da cidade, no morro do seu nome. Distribue agua para 97 penas e 15 chafarizes. Não possue a cidade uma só frabrica. O commercio é representado por 152 casas de diversos generos de negocio. A pop. da cidade é de 1.600 habitantes. Percorrem o mun. as serras do Quilombo, nas divisas com Cantagallo, e Prata. E' regado pelos rios Paquequer, que recebe o Gloria e o Emboque, que recebe o Astréa. O Parahyba faz a divisa com o Estado de Minas. Ficam ainda no mun. e no dist. do Corrego da Prata as ilhas dos Pombos e dos Coelhos. O mun., alem do dist. da cidade, comprehende mais os denominados Porto Velho e Corrego da Prata. Pertencem-lhe as estações do Paquequer, Bacellar e S. Francisco. A lavoura é a do café, cultivando-se tambem canna e cereaes. O clima da cidade é salubre; existem nella apenas um medico e uma pharmacia. Publica-se ahi um periodico denominado *Qninze de Novembro*. O mun. confina com Sapucaia, Sumidouro, Duas Barras, Cantagallo e com o Estado de Minas.

CARMO DA FRANCA. Mun. de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Passou a denominar-se Ituverava pela Lei n. 664 de 6 de setembro de 1899.

CARMO DO RIO VERDE. Dist. de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Foi elevado á villa com o nome de Silvestre Ferraz pela Lei n. 319 de 16 de setembro de 1901.

CARNAHYBA. Arraial do termo do Riachão, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

CARNAHYBA. No Supplemento do II Vol. Estação do Prolongamento da E. de F. da Bahia ao S. Francisco. Accrescente-se no fim: Fica no kil. 553.294 distante da cidade da Bahia e no kil. 430.870 de Alagoinhas, na altituda de 411m000; entre as estações de Jurema e Piranga. E' a estação mais bonita da estrada, depois da do Joaseiro, toda de alvenaria de pedra calcarea. A talvez dous kils. fica uma jazida extensissima de pedra marmore.

CARNEIROS. Ilha nova do Estado do Pará, no mun. de Chaves. E' separada da ilha S. Thomé por um pequeno mupeua e da ilha Capinzal pelo furo Grande.

CARNEIROS. Corredeira no rio Itapetininga, no mun. deste nome e Estado de S. Paulo, na estrada da Faxina.

CAROÇO. Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. de Cataguazes.

CAROLINA. Ilha no rio Oyapock e Estado do Pará.

CAROLINA. Cidade do Maranhão. Accrescente-se nº fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira, em seus *Fragmentos para a Chorographia do Maranhão*, diz: « *Carolina*, na extremidade occidental do Estado, á margem dir. do caudaloso Tocantins, que a separa de Goyaz, está situada a 18 kils. a baixo da foz do affl. Manoel Alves Grande. Possue uma Egreja, o edificio da Intendencia Municipal, construido exclusivamente para esse fim e conta quatro escs., mantidas pelo Estado. Será de grande desenvolvimento, quando uma linha ferrea facilitar sua communicação com a capital, de que dista 1.122 kils., pois tendo ella muito desenvolvida a criação de gado vaccum, si tal comunicação existisse, só a exportação de carne secca e de couros seria uma fonte de grande renda; hoje ahi, por causa da difficuldade de transporte, uma sacca de sal quasi pelo preço de um boi. O engenheiro Le Cocq., a quem sigo nesta descripção, em seu folheto a cerca da E. de F. de Carolina á Barra do Corda, diz que, com o barateamento do sal, uma nova industria ahi appareceria referindo-se ás xarqueadas com que Carolina e circumvisinhanças poderiam abastecer os mercados do N. do Brazil. Tem approximadamente uma pop. de 3.000 habs ». O Sr. José Ribeiro do Amaral, em seu trabalho *O Estado do Maranhão em 1896*, diz: « *Carolina*, cidade, aos 7º 15 de lat. S. e na long. em arco de 4º14′ e em tempo 0h16m56s W.; assentada em logar alto, saudavel e aprazivel, á margem do magestoso rio Tocantins. Fundada em 1810 sob o nome de arraial ou pov. de S. Pedro de Alcantara, por Francisco José Pinto de Magalhães, que no anno antecedente havia conseguido chamar á paz duas aldeias de indios Macamecrans, que ahi existiam; conta actualmente esta cidade oito ruas, tres travessas, cinco beccos e tres praças, com 186 casas de telha e 198 de palha, 18 de negocio de seccos e molhados, uma pharmacia e seis officiaes de sapateiro, tres de carpina, dous de funileiro, um de ferreiro e tres de ourives. Tem uma Egreja, que é a Matriz, muito antiga e de pessima construcção, coberta de telha, e um cemiterio edificado dentro da cidade e á beira do Tocantins, pertencente á Irmandade do SS. Sacramento, extincta em 1890, e que se acha hoje desmoronado e cheio de matto, devido ao condemnavel abandono em que o deixou cahir a Camara Municipal. Os principaes e quasi unicos generos de producção de toda a com. são: mandioca, arroz e milho que é plantado com mais largueza e dá á farta. Cultiva-se tambem a canna de assucar, mas em pequena escala; e quanto ao algodão só dá para o consumo. O terreno é fertilissimo para todo o genero de cultura, sobretudo para o algodão e o café, mas quasi que todos se entregam exclusivamente á criação de gado, especialmente do vaccum e cavallar, que constituem a principal riqueza da localidade, podendo-se affirmar da Carolina que é a com. criadora por excellencia de todo o Estado. Possue tambem, em grande abundancia, riquissimas mattas com madeiras de construcção, taes como: pau brasil, condurú de sangue, angico e muitas outras, que, por falta de vias de communicação deixam de ser exploradas. A seis kils. da cidade, rio abaixo, no ribeirão Urupuchete, consta existir uma mina de ouro sem que, entretanto, se saiba ainda o logar. A exportação da com. fazia-se até 1887 pelo rio Tocantins, em canoas, que, passando por Porto Franco, iam ter á capital do Pará. Os perigos, porém, as demoras e despezas de uma navegação feita em rio, com trechos semeados de cachoeiras e tropeços de toda a natureza, fizeram com que nestes ultimos annos a Carolina abandonasse o transporte fluvial enviando seus productos á Bárra do Corda, ao Grajahú e Caxias, no costado de muares, voltando os cargueiros com o sal e alguns outros artigos indispensaveis á vida.

Os comboios só viajam em tempo de secca, fazendo-se a viagem redonda entre a Barra e Carolina, geralmente em 30 dias, quando pelo Tocantins consumiam-se ás vezes 12 mezes, e, não raro, com risco da propria vida... E' séde da freg. de S. Pedro de Alcantara e tem uma pop. de cerca de 2.000 almas, sendo a da com. approximadamente de 9.000 »

CARQUEJA. Morro no mun. de Palmyra e Estado de Minas Geraes.

CARRANCAS. Dist: de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Foi transferido do mun. do Turvo para o de Lavras pela Lei n. 319 de 16 de setembro de 1901.

CARRAPATINHO Ilha no mun. de Arayoses; no Estado do Maranhão.

CARRAPATO. Serra do Estado de Pernambuco, no dist. de Taquaretinga. Tem uma elevação media de uns 400 metros sobre o nivel do solo.

CARRAPATO. Rio do Estado do Maranhão. Vai para o lago Taquaretinga.

CARRAPICHEL. Log. da Bahia, no mun. de Bom Fim. Accrescente-se no fim: O pov. não tem capella, conta uns 500 habs. e está situado na estrada de rodagem que vai para o Joazeiro. Pouco acima acha-se a estação de Catuny:

CARRAPICHO. Log. do Estado de Minas Geraes, no dist. de Maravilhas e mun. de Pitanguy.

CARREIRO. Log. do Estado do Paraná, no num. de Morretes.

CARRO VELHO. Riacho do Estado da Bahia, no dist. de Salinas da Margarida e logar Porto da Telha. E' um braço do Salgado ao qual vão ter as aguas nas grandes enxurradas. Ha sobre elle uma ponte de ferro. Separa as salinas da Margarida das do Porto da Telha.

CARUARÚ. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. do Limoeiro, a 12 kils. a E. desta cidade. Ahi o rio Capibaribe tem um poço. Fica a uns dous kils. da estação de Campo Grande.

CARUARÚ. Estação da E. de F. Central, junto á cidade do seu nome, no Estado de Pernambuco; entre as de Gonçalves Ferreira e S. Caetano. Foi aberta ao trafego em 2 de dezembro de 1895.

CARUARÚ. Cidade de Pernambuco. Accrescente-se no fim: O Sr. Sebastião Vasconcellos Galvão, em seu *Dicc. Chorogr. Hist. e Est. de Pernambuco* (Recife. 1897) diz: « *Caruarú*. Cidade séde do mun. do mesmo nome e da freg. de N. S. das Dores de Caruarú. HISTORIA. No principio do seculo passado, segundo conta a tradição local, era o sitio da actual cidade de Caruarú uma grande fazenda de gado. Então appareceu ahi uma molestia, cujos symptomas eram — diarrhea abundante, fraqueza e paralysia das pernas e a morte, por fim, dos animaes vaccuns, acommettendo, primeiramente, aos bezerros e depois ao gado grande, dizimando aquelle mal, totalmente, a fazenda que, desde logo e por isso, foi abandonada por seu proprietario. Os habs. das cercanias, indigenas em grande numero, assignalavam d'ahi por diante, aquelle sitio com a denominação de Caruarú. Aquelle nome teria alguma relação com o facto acontecido? Sobre esse assumpto não temos fundamento seguro para uma asseveração, pois aqui se trata de uma narração que a simples noticia oral, e nada mais, nos trouxe até hoje. Entretanto *Caruarú*, que é voc. tupy, composto de *caruara*, quebranto causado pelo feitiço, especie de paralysia que ataca as pernas do gado vaccum, diarrhea que mata outros animaes recemnascidos, e *u*, verbo significando comer, devorar; o nome *Caruarú* que exprime — destruido pela diarrhea — por essa analogia, que em si contem, ao fato alludido, nos induz a crer na tradicção corrente. Mas nada impediu que, posteriormente, na mesma localidade da fazenda se fundasse uma pov.; e em 1794, por documentos escriptos, que comprovam, se sabe que já existia, possuindo

crescido numero de casas e conhecida com a mesma denominação actual. Fez parte primitivamente da freg. de Santo Antão da Victoria; dividida esta em duas e creada a de Bezerros, passou a pertencer-lhe. Desmembrado, em virtude da Lei Prov. n. 65 de 12 de maio de 1839, o territorio de Bezerros, que constituiu a freg. do Bonito ficou fazendo parte desta. Creando a Lei. Prov. n. 133 de 2 de maio de 1844 a freg. de S. Caetano da Rapoza, continuou a fazer parte da com. do Bonito, mas desligada desta freg. para pertencer á de S. Caetano. Finalmente, a Lei Prov. n. 212 de 16 de agosto de 1848 transferiu a séde da freg. de S. Caetano para a pov: de Caruarú, dividindo a com. do Bonito em dous muns., elevou-a á villa, sendo installada em 16 de setembro de 1849 a primeira Camara Muncipal. A Lei. Prov. n. 416 de 18 de maio de 1857 elevou-a á cidade. Creada com. pela Lei n. 720 de 20 de maio de 1867 e classificada de primeira entr. pelos Dec. n. 3. 978 de 12 de outubro do mesmo anno, e de segunda pelo Dec. n. 5. 139 de 13 de novembro de 1872; installada em 1867. Em virtude da Lei Estadoal n. 52 (organica dos muns.), constituiu-se mun. autonomo em 1 de março de 1893. . . POSIÇÃO ASTRONOMICA. Está a 8° 12′ e 15″ de lat. S. e a 7° 7′ 25″ de long. oriental do Rio de Janeiro. LIMITES. Confina ao N. com o mun. do Brejo da Madre de Deus, nos logares Onça, Raiz e Tacaité; a L. com o mun. do Limoeiro, desde a foz do riacho das Eguas, no logar Bataria, seguindo por elle acima até á fazenda do Vigario e desta ao pé da serra dos Côcos; com o mun. de Bezerros, no logar Poção, e com o do Bonito, desde a barra do riacho Pau Santo, no rio Ipojuca, até ás nascentes do mesmo riacho; ao S. com o mun. do Altinho pelo brejo do Buraco, ponta da serra dos Laços, serra do mesmo nome, da Quiteria até o pico da serra do Jardim; e ao O. com o mun. de S. Bento, nos logares Mulungú e Garrote. EXTENSÃO. Tem de N. a S. uns 60 kils. e de O. a L. uns 80. CLIMA E SALUBRIDADE. O clima é frio e secco e a salubridade geralmente bôa, com excepção da cidade, onde, as vezes, reinam febres de máo caracter, sendo attribuido o mal do açude feito sobre o rio Ipojuca, pois no verão, quando o rio deixa de correr e as aguas ficam estagnadas, é justamente a epocha de taes manifestações de insalubridade. ASPECTO DA NATUREZA. O solo do mun. é geralmente plano; insignificantes serras e ligeiras ondulações do terreno apenas se veem alli, de longe em longe. Naquella zona já não se encontram as mattas frondosas de outras regiões do Estado; é a vegetação aparada, baixa, descoberta e cortada, a que chamamos *capueiras*, o que domina nessas paragens. Comtudo, no inverno, essa natureza é encantadora, ao fitar-se-lhe as arvores todas revestidas de uma folhagem esmeraldina, e, onde ellas são mais escassas, ainda mirar-se esses tapetes de relva que chamam o pasto, contraste singular do verão, em que contrista fitar esse mesmo campo extenso e as arvores nuas de folhas, tudo adusto, e, muitas vezes, semelhando os vestigios da destruição de um grande incendio. Rios e riachos correntes em uma estação, na outra ficam inteiramente seccos, em pura areia, e agua só apparece se cavando aquella. Tal é, em geral, o aspecto da natureza de nossos sertões. DIVISÃO. O mun. contem duas parochias, a de N. S. das Dores de Caruarú e de S. Caetano da Raposa. Administrativamente contem tres dists., o da cidade, o de S. Caetano e o de Carapotós. POPULAÇÃO. Consta a pop. do mun. de umas 20.000 almas, sendo 14.000 na parochia de N. S. das Dores e 6.000 na de S. Caetano da Raposa. A cidade poderá ter umas 5.000 almas. TOPOGRAPHIA. A cidade está situada á margem esq. do rio Ipojuca, a 557m. de altura sobre o nivel do mar, em terreno quasi plano. Tem uma perspectiva agradavel, boa edificação e possue tres templos: a Matriz, edificada em 1816 pelo missionario Fr. Eusebio de Salles, a Egreja da Conceição, esta e aquella collocadas em bellas praças, e a do Rozario, ainda em construção; dous cemiterios, cada um com capella, uma dedicada a S. Roque e outra a S. Miguel; a cadeia, o predio da Municipalidade, o açougue publico, um pequeno deposito de polvora, um edificio escolar e outro em construcção destinado a servir de casa de caridade. Essa cidade contem, no perimetro em que se cobra a decima urbana 600 casas approximadamente, sendo dentre ellas, 15 de sobrado. POVOADOS. *S. Caetano da Raposa*, a 30 kils. ao O. de Caruarú, á margem do Ipojuca e em terreno desegual; *Carapotós*, com capella da invocação de N. S. da Conceição e uma feira; *Pitombeiras*, com uma feira; *Cedro*, a dous kils. a E. da Cidade; *Sitio* a O.; e *Jacaré*, á margem do Ipojuca e a 15 kils. a E. OROGRAPHIA. Junto á cidade, do lado O., existe, isolado na planice, um serrote denominado Caruarú. As principaes serras do mun. são: a do *Jacaré*, das *Emburanas*, das *Torres*, curiosa pela configuração semelhante á duas torres, a da *Malhada da Pedra*, formando uma cadeia com a direcção de L. a N.; a de S. *Francisco*, *Terra Vermelha*, *Cavallos*, *Pellada*, formando outra cadeia lado do S.; a da *Onça*, a do *Tacaité*, ao O., e a da *Raposa*, junto á pov. de S. Caetano. HYDROGRAPHIA. O rio *Ipojuca* rega o mun. na direcção O. a NE., banhando os logares: Taquara, Mouro, Sitio, S. Caetano, Caruarú, Cedro, Jacaré e Emburana, conservando agua no inverno, e seccando, inteiramente, no verão. São affls. delle no mun. os riachos, Mocós, Salgado, Azevem. Jacaré, Pororoca e Pau Santo. COMMERCIO E AGRICULTURA, O commercio de Caruarú entretem duas feiras, uma no sabbado, abundando em generos de todas as especies e outra de gado vaccum, na terça-feira, em transito para a cidade da Victoria. Em dezembro de 1895 existiam na cidade de Caruarú quatro padarias, uma loja de ferragens, 13 estabelecimentos de molhados e 11 de varios generos. Os principaes productos do commercio local são: algodão, milho, feijão, mandioca, caroços de algodão, fumo, bagos de mamona, queijos, sola e courinhos, que são exportados para a capital. Na zona brejosa do mun. ha muitas engenhocas de fabricar rapadura, alguns engenhos de assucar e, ultimamente, se tem cultivado bastante a plantação do café, havendo já milhares de pés dessa planta em estado de fructificação. VIAS DE COMMUNICAÇÃO E DISTANCIAS. Os meios de transporte do mun. são: para a capital, a via-ferrea, e para os demais pontos do Estado a conducção é feita á cavallo. Demora da capital 138 kils., 60 do Bonito, 27 de Bezerros, 108 do Limoeiro, 88 da Victoria, 120 de Palmares, 108 de Canhotinho, 70 de S. Bento, 36 do Altinho e 64 do Brejo da Madre de Deus ».

CARURÚ. Folha ou herva grossa, inchada, aquosa, folha mucilaginosa (Baptista Caetano). Pode ser tambem corrupção de *caá-rerú*, prato de herva ou de folhas (Dr. Theodoro Sampaio).

CARUTAPERA. Rio do Estado do Maranhão, affl. do Gurupy.

CARUTAPERA. Villa do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira, em seus *Fragmentos para a Chorogr. do Maranhão*, diz: « Está situada sobre um estreito ou braço do rio Gurupy, que se estende para leste, communicando-o com a bahia de Iriry-Mirim, egualmente chamada bahia da Praia Velha, onde vai terminar, já dividido em dous outros braços: o Sapeca e o Laranjal. Este estreito ou braço do Gurupy é tambem conhecido com o nome de rio de Carutapera. Ao contrario do que geralmente se vê nos mappas, esta villa não fica precisamente sobre a margem dir. do rio Gurupy, da qual dista 24 kils., nem defronte de Viseu, como se lê em muitos livros, o qual se acha situado á margem esq. do rio Gurupy, no Estado do Pará, pois que Viseu se encontra 13 kils. á montante do logar em que começa o já mencionado estreito ou braço que vem banhar Carutapera. Seu porto é frequentado pelos vapores que fazem a navegação costeira entre o Pará e o Maranhão. Os que vem do Pará entram pela bahia de Gurupy; os que seguem do Maranhão tomam a de Iriry-Mirim. Exporta cereaes, fumo, peixe e camarão; tem criação de gado de todas as especies e está cultivando o plantio do café que nella vai prosperando ». Tinha, em 1896, cinco ruas, seis travessas, uma praça, 49 casas de telhas, 63 de palha, quatro casas de negocio e uma padaria. Entre as povs. pertencentes ao mun. notam-se: Colonia Militar ou Curato de S. Pedro do Gurupy, Maracaquera, Coimbra, Porco Magro, S. Lourenço, Peritiua, Axixá, Iriry-assú, Iriry-mirim, Pindobal, Igarapé-assú e Retiro.

CARVALHO. Ilha e Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. de Itacoatiara.

CARVÃO. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Indayassú.

CARVÃO. Ilha do Estado de Santa Catharina, em frente ao morro do Venceslau. E' occupada desde muito por depositos de carvão mineral, donde a origem do seu nome presente. E' tambem denominada ilha dos Ratos.

CASADO. Corrego do Estado de Minas Geraes, na cidade de Barbacena.

CASAL. Lagôa do Estado do Maranhão, parte pertence ao mun. da Passagem Franca, e parte ao de Picos. E' de grande extensão e cortada pelo riacho Balseiro. Ahi fazem-se as grandes salgas de peixe em certas epochas do anno.

CASA NOVA. Pov. do Estado de Pernambuco, no mun. da Bôa Vista, á margem do riacho Jacaré.

CASA NOVA. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, na villa de seu nome e Estado da Bahia. Fica no rio d'aquelle nome, a 75 kils. distante do Joaseiro e entre as estações de Sant'Anna e Santa Sé.

CASA SUJA. Ilha no rio do Cocal mun. de Cururupú e Estado do Maranhão. O Sr. José Ribeiro do Amaral, que della faz menção em seu trabalho *O Estado do Maranhão em 1896*, escreve na pag. 124 Casa Suja e na pag. 125 Cara Suja.

CASA VELHA. Igarapé no mun. da capital do Estado do Pará.

CASCATA. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Pelotas.

CASCAVEL. Estação de Pernambuco. Acrescente-se no fim: Ficava no kil. 70,205^{m} da inicial do Recife e a 366^{m} de altitude. Foi supprimida depois da abertura da denominada *Russinha* um pouco antes della.

CASSACOEIRA. Ilha do Estado do Maranhão, no littoral do mun. de Cururupú, entre a foz. do rio Urú e a do rio Tury-assú.

CASSANDOCA. Logar elevado e chato á margem esq. do ribeirão Tatuapé, desde as cabeceiras deste; no mun. da Capital do Estado de S. Paulo. Ahi existem capões de matto e campo. Esta palavra é corruptela de *Caá-çandog-ca*, morro com pedaços de campo.

CASSAQUERA. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Tamanduátehy; no mun. de S. Bernardo. Esta palavra é corruptela de *Gu-áçai-quer-a*, esparzido e parado.

CASSATUBA. Riacho do Estado de Pernambuco, nasce na lagôa da Extrema, nos limites dos muns. de Bezerros e Limoeiro, e, correndo por este ultimo mun., desemboca no logar Barra, acima do Poço do Páu, no rio Capibaribe.

CASSIPORÉ. Dist. no territorio de Aricary, no Estado do Pará. Divide-se em quatro sub-prefeituras: Cunany, Calsoene, Cassiporé e Oyapock.

CASSIPORÉ. Cabo do Estado do Pará, no territorio de Aricary, junto a foz do rio do seu nome. E' tambem denominado Santo Ambrozio.

CASSIRIAU. Igarapé affl. do rio Purús, no mun. de Floriano Peixoto do Estado do Amazonas.

CASSONUNGA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Piahy, que o é do Tremenbé; no mun. da capital. Esta palavra é corruptela de *Haçá-nong-a*, impedimento atravessado. De *haçá*, atravessar; *nong*, impedir com *a* (breve) por acabar em consoante, segundo a lição do padre A. R. de Montoya em sua *Arte de la lengua guarani*. A palavra Cassonunga ou Cassununga tambem pode ser corruptela de *çá-çunũ -nga*, vespa ruidosa. Em certas estações do anno emigram, como gafanhotos, de um logar para outro; e, em seu trajecto fazem tal rumor, que os praticos tratam de arredar-se desse rumo, afim de não serem mordidos.— Com o mesmo nome ha uma pedra no rio Parahyba, na volta que faz em frente á cidade de Jacarehy. Tambem dizem *Vassonunga*.

CASTANHAL. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Tury-assú.

CASTANHAL. Pov. do Pará. Accrescente-se no fim: Foi creada villa pela Lei n. 646 de 6 de junho de 1899 e installada em 15 de agosto de 1901.

CASTELHANOS. Bairro do mun. de Villa Bella; no Estado de S. Paulo; com duas eses. creadas pela Lei n. 732 de 26 de outubro de 1900.

CASTELLO. Morro na cidade do Pomba e Estado de Minas Geraes. No seu cimo ergue-se o cemiterio.

CASTRO. Pov. no termo de Santa Luzia do Estado de Sergipe.

CASTRO. Estação da E. de E. de S. Paulo ao Rio Grande; no Estado do Paraná, entre Cachambú e Tronco.

CASTRO ALVES. Passou assim a denominar-se a cidade do Curralinho; no Estado da Bahia pela Lei n. 360 de 25 de julho de 1900.

CATAÇABA. Riacho do Estado da Bahia, no dist. de Itapoan.

CATAGUAZES. Corr. *caá-atã-guá*, valle ou baixada de matto rijo ou aspero; *caá-êté-guá*, valle da matta virgem, ou valle das mattas. Os primeiros sertanistas, que entraram em Minas Geraes depois de 1687, descobriram no valle do rio Doce, entre os indios que denominaram *Cataguazes*, as primeiras amostras de ouro. A região ficou, por isso, denominada Minas dos Cataguazes. O nome *Cataguazes*, porém, designando uma tribu selvagem, procede sem duvida do caracter da região por ella habitada, região coberta de matta (*caeté*) e dentro de um amplissimo valle (*guá*) Dr. Theodoro Sampaio.

CATAGUAZES. Corrego do Estado de Minas Geraes, affl. do rio Camapuan.

CATAIBÚ. Morro no mun. do Jundiahy; no Estado de S. Paulo. Vide *Caxaibú*.

CATANDUVA. Corr. *caa-tã-dyba*, mattagal aspero, rijo, matto carrasquento em terra de inferior qualidade; S. Paulo (Dr. T. Sampaio).

CATANUMI. Morro granitico á margem esq. do rio Juquery; entre os muns. de S. Paulo e do Parnahyba; no Estado de S. Paulo.

CATAS ALTAS. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha o mun. do Abaeté e desagua no rio Sucuriú.

CÁ-TE-ESPERO. Log. do Estado do Amazonas, no mun. de S. Paulo de Olivença.

CATENDE. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Jaboatão, á margem da linha ferrea Central e proximo da estação Morenos. Tem uma capella da invocação de Santo Agostinho. *Catende*, significa, segundo Martius, matto baboso, de *caá*, matto; e *tendy*, babôso, salivar.

CATEPA. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. de Miranda.

CATÊTE. Corr. *tatetú* ou antes *tãytetú*, composto de *tãy=tanha* dente *titú* aguçado, ponteagudo; diz-se mais commumente *catetú* ou *caitetú* (Dr. Theodoro Sampaio).

CATETÉ. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. da barra do Corda, 24 kils. á montante da cidade, á margem dir. do rio Mearim (Dr. Justo J. Ferreira. *Obr.* cit.).

CATHARINA. Igarapé affl. do rio Gurupy. Desagua pelo lado do Maranhão. (Dr. G. Dodt *Relatorio*).

CATIGUÁ (corrupetela de *Hati-guá*, manchado de sedimentos). Ribeiro proximo á cidade de Santo Antonio da Cachoeira, no Estado de S. Paulo.

CATIMBÁO. Vocabulo typy que significa, segundo Martius, *sarro de cachimbo.*

CATINGA REDONDA. Arraial do termo de Itabaiana, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano* 1901).

CATINGA SECCA. Morro do Estado da Bahia, no mun. de Minas do Rio de Contas. Faz parte da Serra das Almas.

CATIOCA. Cachoeira no Ribeirão Itahim, abaixo da denominada Itambé; no mun. do Cunha e Estado de S. Paulo. « Esta palavra, diz o Dr. J. Mendes, é corruptela de *Qûa-ti-yuî-og-ca*, espumosa, e poço. De *qûa*, poço; *ti-yuî-og*, espumar, com o suffixo *ca* (breve) para formar supino. Allusivo a formarem as aguas ahi muita espuma; e a existir, logo abaixo da cachoeira, um poço ». E' conhecida pelo nome de Guedes. O nome Catioca é trazido indebitamente por uma extenção do ribeirão.

CATITA. Arraial do termo do Lagarto, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano.* 1901).

CATIUAUA. Rio do Estado do Maranhão, banha o mun. de Guimarães e lança-se na costa.

CATOLÊ. Vocabulo que não parece da lingua tupy e que só se encontra no sertão; designa uma palmeira (*Atalea humilis*); *catulé, caculé, cacolé* (Dr. Theodoro Sampaio).

CATOLÉ. Serra do Estado de Pernambuco, ao S. da villa de Belmonte, em cujo mun. está encravada. Tem uma área de de 36 kils. e a altura de 200 metros. No cimo della ha uma parte denominada Pedra Bonita celebre por um caso de fanatismo, occorrido nos annos de 1836, 1837 e 1838 por um estupido embusteiro.

CATONIO. Pov. de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: E' banhada pelo corrego Gamelleira. Tambem escrevem *Cattoni.*

CATRUMANO. Nome com que no Estado da Bahia designam o tabaréo. Talvez seja corrupção de quadrumano.

CATÚ. (Adjectivo) Bom, bonito, conveniente; adverbio, bem, bastante (Dr. Theodoro Sampaio).

CATUAMA. Composto de *catú-ama*, o que está bem firme; o que é bastante elevado. (Dr. Theodoro Sampaio). E' vocabulo tupy e significa, segundo Martius, *lugar muito bom.* No guarany existe tambem a mesma palavra e então quer dizer, segundo Montoya, logar de muita chuva, de *catú*, bastante, muito; e *ama*, chuva.

CATUEIROS. Ponta na Costa do Estado da Bahia. depois de Viçosa. Junto della sahe para o N. um banco, A ella segue-se o pontal do sul de Caravellas.

CATUMBY. Tremedal á margem esq. do rio Tieté, no dist. do Braz e mun. da capital do Estado de S. Paulo. « Esta palavra, diz o Dr. J. Mendes, é corruptela de *Catu-húú-ybỹi*, contrahido em *Cat'-húú-ybỹi*, muito fundo atoleiro. De *catú* para exprimir excesso; *húú*, lameiro, lodo, detritos; *ybỹi*, concavo, ôco, seio. O som da pronuncia é guttural. Allusivo a existir ahi um brejo, em forma concava, e muito fundo de lameiro ». « *Catumby*, diz o Dr. Theodoro Sampaio, corrrupção de *caá-t-omby* ou *caá-t-oby*, folha verde, matto verde; o anil; alt. *calumby, carumby* ».

CATUNY (agua bôa). Rio do Estado da Bahia, affl. do Itapecurú-mirim, no mun. do Bom Fim.

CATUNY (agua bôa). Estação do Prolongamento da E. de F. da Bahia ao S. Francisco. Accrescente-se no fim: Fica a 335k,030 distante de Alagoinhas e a 457k,454 da Bahia, na altitude de 596m,520. Dista da pov. do Brejo uns 600 metros. Exporta algum café, cereaes e fructas, principalmente laranjas e bananas. O pov. tem 500 almas.

CATUPÉ Morro do Estado de S. Paulo, na ilha de S. Vicente.

CAUCAIA Serra entre os muns. de Cotia e de Una; no Estado de S. Paulo, nas cabeceiras do rio Sorocá-mirim.

CAUCAIA Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. do Vargem Grande, trib. do Sorocá-mirim.

CAUEIRA Serra do Estado de Pernambuco, corre nos limites dos muns. do Bom Jardim e Timbauba.

CAUVI (lagôa ruim). Pequena lagôa á margem do ribeirão Anna da Costa, no mun. de Iguape e Estado de S. Paulo.

CAUVÚ Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do ribeirão Cabuçú, no dist. de N. S. do O'.

CAVACO Serrania que, com diversos nomes, estende pelos muns. de Garanhuns, S. Bento e Conceição da Pedra; no Estado de Pernambuco.

CAVACUDOS Ribeirão do Estado de Minas Geraes affl. da margem dir. do Pomba; no mun. deste nome.

CAVA DE PEDRA Riacho do Estado de Pernambuco affl. da margem esq. do Brigida.

CAVADO. Morro do Districto Federal, no dist. de Guaratiba.

CAVADO. Morro do Estado de de S. Paulo, entre os muns. de Sorocaba e Piedade.

CAVALLEIRO. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Correntes. Ahi nasce o rio deste nome, que vai desaguar no rio Mandahú, e, ainda em posições diversas os riachos Cocal, da Palha, Palmeiras, Mandahú-mirim, Caranguejo, Cassambinha e Jundiá, que buscam o Estado de Alagôas. O Monsenhor Dr. Manoel da Costa Honorato, em seu *Dicc. Topogr.* diz: « Até o seculo passado conservou o nome de Mãe d'Agua, mas foi trocado este pelo de Cavalleiro, porque os habs. deste tempo diziam que nas noites de luar, viam um cavalleiro no cume da serra. Sobre esta serra ha umas trezentas braças quadradas sem um só arbusto. Nota-se ainda ahi um subterraneo, com entrada franca, similhante a uma porta, cuja profundidade é um abysmo insondavel. Ainda se conserva quasi toda coberta de mattas virgens e madeiras de construcção. »

CAVALLO. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. do Granito.

CAVALLO. Corrego do Estado de Minas Geraes, affl. do ribeirão dos Patos, que o é do rio S. Francisco; entre os muns. da Formiga e de Piumhy.

CAVALLO. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. da Gloria de Goitá, ao lado da estrada que vai da cidade do Limoeiro á daquelle nome e a uns seis kils. do pov. Duarte Dias.

CAVARÚ. Corr. do portuguez cavallo que o gentio pronunciou *cabarú* (Dr. T. Sampaio).

CAVARÚ-CANGUERA. A caveira do cavallo.

CAVEIRA. Log. no mun. de Prados e Estado de Minas Geraes.

CAVEIRA. Corrego do Estado de S. Paulo, no mun. de Batataes.

CAVEIRA. Corrego do Estado de Minas Geraes, na cidade de Barbacena.

CAVERÁ. Corr. *caá-berà*, folha brilhante ou luzidia, qualidade inferior de matte; R. G. do Sul (Dr. Theodoro Sampaio).

CAVETÁ. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Jundiahy-mirim; no mun. de Jundiahy e Estado de S. Paulo. Já li *Icavetá*. *Cavetá* é corruptela de *caba-etá*, as vespas.

CAVOCA. Serra altissima de mais de mil metros acima do nivel do mar, servindo de divisa dos Estados de S. Paulo e Paraná.

CAVOUCO. Riacho do Estado de Pernambuco, nasce e corre no mun. da Varzea, indo desaguar no rio Capibaribe pela margem dir. proximo do logar Cordeiro. Outros o denominam Cavaco (*Carta da cidade do Recife e seus arrabaldes, em* 1874).

CAXAIBÚ. Morro entre os muns. de Jundiahy e de Itatiba; no Estado de S. Paulo. Alguns dizem *Cataibú* e *Cachambú*. Esta palavra é corruptela de *Caa-çai-ibiy*, monte baixo e esparramado. De *caá*, monte; *çai*, esparzir, estender esparramar; *ibiy*, baixo.

CAXIAS. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. da margem dir. do rio Amaragy, no mun. deste nome.

CAXIAS. Cidade do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira, em seus *Fragmentos para a Chorographia do Maranhão* (1901) diz: « Caxias, out'rora S. José das Aldeias Altas, segunda cidade do Estado, situada á margem dir. do rio Itapecurú, 108 kils. á montante da cidade do Codó, fica ao S. da capital, de que dista 480 kils. Dominando-a, estende-se a S. E. o historico morro das Tabocas ou do Alecrim, sobre o qual, em uma pequena explanada, se vê um quartel com grandes accommodações. O riacho S. José, que banha os seus suburbios, se lança na margem dir. do Itapecurú, 12 kils. á jusante da cidade. E' ponto de partida da linha ferrea que, atravessando a zona intermediaria do Itapecurú e Parnahyba, tem seu ponto terminal na villa de Flores, situada á margem esq. do Parnahyba e fronteira á Therezina, capital do Estado do Piauhy. É cidade commercial, industriosa e populosa. Seu commercio se faz com grande parte do sertão do Estado, com o Piauhy e ainda com Goyaz. Possue diversos templos catholicos, estação telegraphica, tres fabricas de fiação e tecidos de algodão, o paço municipal, theatro, quartel, agua potavel canalisada e uma magnifica ponte sobre o Itapecurú, que a liga ao bairro fronteiro, chamado *Tresidella*, nome indigena que parece significar — *do outro lado* — , ou, segundo Gonçalves Dias, é corruptela de *treze aldeias*, onde ficam uma egreja, uma esc., uma das fabricas de tecidos e o aprazivel riacho Sanharó, que desagua no rio Itapecurú defronte da estação da E. de Ferro. E' actualmente ponto terminal da navegação a vapor no rio Itapecurú. Publicam-se nella tres jornaes. Calcula-se a pop. em 10.000 habs. Foi sitiada e tomada pelos rebeldes, na revolta de 1839, denominada Balaiada. E' o berço de Gonçalves Dias, Coelho Netto, Dr. Raymundo Teixeira Mendes, Dr. Cezar Augusto Marques, Dr. Frederico José Correá e do poeta Theophilo Dias ». O Sr. José Ribeiro, do Amaral, em seu trabalho *O Estado do Maranhão em 1896*, diz: « *Caxias*, cidade a 4°50' de lat. S. e long. em arco de 0°31' e em tempo $0^h2^m4^s$ W, á margem dir. do rio Itapecurú, ligada telegraphicamente á Capital Federal e por uma E. de F. á villa das Flores, antiga S. José das Cajaseiras, fronteira á Therezina. Pela sua posição geographica que a torna o emporio do commercio do alto sertão, bem como dos Estados do Piauhy e Goyaz, pela sua riqueza, movimento commercial, e industrial, população e adiantamento em todos os ramos da actividade humana, occupa incontestavelmente o primeiro logar depois da capital. E' com. de um só termo; comprehende tres dists. de paz e está ecclesiasticamente dividida em tres fregs. : de N. S. da Conceição e S. José, com a Egreja deste nome, que é a mais antiga da cidade, e a de N. S. dos Remedios, que é filial; a de S. Benedicto, com a Egreja deste nome, que serve de Matriz do 2° dist. e a filial de N. S. do Rosario; e a de N. S. de Nazareth da Tresidella, tendo por Matriz a Egreja da Tresidella. Conta actualmente 746 casas cobertas de telha, e grande numero de palha nos seus arredores, bem como 41 ruas, 12 beccos e oito largos, não incluindo o 3° dist. (Tresidella) com tres ruas e um largo. Sua pop. segundo os melhores calculos, é avaliada em 8.000 habs. Pelo que diz respeito ao commercio e ás artes tem a cidade 57 lojas e 16 quitandas, alem de infinidade de pequenas vendas: dous hoteis, quatro fabricas de charutos, duas de cigarros, cinco funilarias, duas lojas de caldeireiro, cinco ferrarias, duas fabricas de descaroçar algodão, sendo uma á vapor, duas tanoarias, duas padarias, duas salgadeiras, cinco olarias grandes e tres menores, dous cortumes de pelles, diversos talhos de carne verde, varias lojas de alfaiates, de ourives, de sapateiros, de selleiros, duas bandas de musica, alem de outra na Villa Industrial. Possue duas typographias, donde saem á luz dous jornaes: o *Jornal de Caxias e a Gazeta Caxiense*, publicando-se, aquelle, uma, e este duas vezes por semana. Tem tres medicos, duas pharmacias, seis escs. de instr. prim., mantidas pelo Estado, sendo quatro para o sexo masculino e duas para o feminino, além de um não pequeno numero de aulas particulares. Seus edificios publicos mais importantes são: o *Paço da Intendencia Municipal*, no largo da Independencia (ou da Carolina), com accommodações necessarias para funccionarem, ao mesmo tempo, esta corporação e o tribunal do jury; é vasto, elevado e de solida construcção. *A Cadeia*, contigua ao Paço Municipal, construida de pedra e cal, mas de proporções acanhadas e sem as condições hygienicas indispensaveis em estabelecimentos desse genero. *O Quartel Militar*, vasto edificio, construido de taipa em 1841, e em grande parte reconstruido, ha poucos annos. Jaz na explanada do morro do Alecrim, onde em 1823 capitularam as forças portuguezas ao mando do major João José da Cunha Fidié, que nelle se haviam fortificado contra as tropas expedicionarias, vindas do Piauhy e Ceará, para proclamarem a independencia nesta parte do territorio maranhense. D'ahi descortina-se quasi toda a cidade e seria o mais aprazivel logar, si não fosse a falta absoluta de agua, que ahi se nota. Entretanto, com pouco dispendio, pode ser construido vasto açude entre o immenso canal natural, que existe á pequena distancia, ao nascente, onde encontra-se abundante pedreira, que facilita a construcção dessa obra. Acha-se, actualmente, abandonado esse importante edificio, que está condemnado a desapparecer pelo desmoronamento. Uma casa, que serve de *Mercado*, onde funccionam sete açougues de carne verde, além dos que se acham em diversos pontos da cidade, edificio antigo, doado ao mun., e que não se presta ao fim a que tem sido applicado. Situado no largo da Conceição, não condiz com os melhoramentos da cidade. O *Matadouro* situado em um local proximo á rua S. Pedro, contem quatro divisões, construidas de madeira de lei; mas que tem de ser transferido do logar por passar muito perto a linha ferrea. O *Theatro* em um excellente predio, em construcção muito adiantada, na rua Aarão Reis, e que, depois de concluido, terá as commodidades precisas ao fim a que é destinado, podendo conter de 500 a 600 expectadores; pertence á uma sociedade denominada Phenix Dramatica. O *Deposito da Polvora* occupa um edificio perto de uma olaria, pertencente á uma casa commercial da capital, que percebe 500 rs. por cada barril de polvora ali depositado. Foi construido pelo fallecido Tenente-coronel Clementino José Ribeiro, e, expirado o praso de 30 annos da concessão que teve, deve passar para a Camara do mun. Nella funccionam as seguintes companhias: *Prosperidade Caxiense*, com o capital de 80 contos; construiu uma ponte de madeira sobre o rio Itapecurú, no Porto Grande, ligando os tres districtos da cidade, obra essa que, findo o prazo de 50 annos, tem de passar para o dominio da municipalidade. *Industrial Caxiense*, com o capital de 400 contos, a primeira fabrica de tecidos de algodão, que se construiu no Estado, então prov. do Maranhão. Funcciona em um vasto edificio construido de pedra e cal, o primeiro raio, e o outro, que foi para augmento da fabrica, de tijolos cosidos. Iniciados os trabalhos com 50 teares e os competentes apparelhos, fabricados nos Estados Unidos, tiveram tal acceitação os productos della (domesticos), que tornou-se de necessidade o augmento da fabrica para poder satisfazer os innumeros pedidos feitos, até de outros Estados. Tem actualmente 125 teares, numero que será elevado a 150, si bem que mais de metade não funccione ainda. *Usina Agricola Caxiense* com o capital de 40 contos. Fabrica de farinha a vapor no logar Commum, pouco acima da Industrial Caxiense, em local aprazivel. Funccionou durante algum tempo, mas teve de suspender os trabalhos por não corresponder totalmente aos fins da sua creação. *Companhia União Caxiense* com o capital de 850 contos. Fabrica de tecidos de corres, ponco abaixo da Industrial Caxiense. *Companhia das Aguas de Caxias* com o capital de 80 contos.

Fornece agua do riacho Ponte por meio de encanamentos. Existem mais na cidade as seguintes associações: Phenix Dramatica, Sociedade Mutuo Auxilio dos Artistas Caxienses, Club Patriotico dos Artistas Caxienses, Sociedade Beneficente dos Caixeiros; e as Irmandades de N. S. da Conceição, de S. Vicente de Paula, do SS. Sacramento do 2º dist., de N. S. do Rozario e de Santo Elesbão. Tem dous cemiterios: o dos Remedios, no morro da Januaria, e o de S. Benedicto. — O local, em que hoje acha-se situada esta bella e florescente cidade, foi, primitivamente, um aggregado de aldeias dos indios Timbyras e Gamellas, os quaes, perseguidos pelos portuguezes, que os procuravam reduzir á escravidão e vendel-os mais tarde em S. Luiz, acolhiam-se ás florestas, abandonando suas primeiras habitações. Occupadas pelos portuguezes as aldeias abandonadas, estabeleceram-se nellas no começo do seculo 18º e edificaram uma egreja a N. S. da Conceição, dando á nova pov. o nome de *Aldeias Altas*, naturalmente em contraposição ás primeiras já estabelecidas no Baixo Itapecurú. Algum tempo depois creou-se ahi uma justiça presidial, sendo afinal, por Alvará de 31 de outubro de 1811, lhe conferido o titulo e prerogativas de villa. Creada com as solemnidades do costume aos 24 de janeiro de 1812, foi egualmente constituido seu governo municipal. Para esta nova camara entraram promiscuamente os europêos com os brazileiros. Tomou então esta villa o nome de *Caxias das Aldeias Altas;* teve por dotação legua e meia quadradas de terra e houve por dist., em conformidade do Alvará de sua creação, os tres presidios de Aldeias Altas, Pastos Bons e S. Bernardo, tendo mais, como freg., seu vigario, seu capitão-mor e um official de linha que commandava 40 homens para socêgo d'aquelle turbulento sertão, como diz Gayozo. Creada villa a 24 de janeiro de 1821, foi dividida nas fregs. de N. S. da Conceição e de S. Benedicto pela Lei Prov. n. 13 de 8 de maio de 1835, e elevada á categoria de cidade por Lei de 5 julho de 1836. Entre os acontecimentos mais notaveis de que tem sido theatro esta cidade, destacam-se: O enthusiasmo e valor com que as tropas independentes, mal armadas, sem disciplina, e commandadas apenas por um militar, o bravo Salvador, e por Alecrim, denodado cabo, não affeito ás lides da guerra, atacaram no morro das Tabocas as tropas regulares de Fidié, militar valente e dedicado de coração á causa da metrople. Apezar da posição desvantajosa dos independentes e da mortandade espantosa feita em suas fileiras, levaram de vencida aos defensores do absolutismo. O poeta Gonçalves Dias immortalisou esse logar em uma bella poesia — *O morro do Alecrim* — que fez substituir o antigo nome de Tabocas por este. Em 1832, Antonio João Damasceno marchou contra Caxias e foi destroçado antes de alli chegar. A 28 de novembro de 1837 foi barbaramente assassinado, ás 9 horas da noite, o estimado e popular Raymundo Teixeira Mendes, facto este que sensibilisou a toda a prov. e excitou immensa indignação contra os façanhudos e barbaros *condotieri*, que então dominavam aquella localidade. Ao receber-se nesta capital tão triste nova, o nosso illustre J. F. Lisbôa abandonou o logar de secretario da presidencia para lançar-se de novo no jornalismo e creou a *Chronica*, um dos jornaes mais bem escriptos que por ventura se tenha publicado no Brasil. D'entre tantos acontecimentos, porem, nenhum ha, cuja memoria se conserve ainda tão viva e indelevel no espirito do povo caxiense como o da *Balaiada*. Situada no centro da Prov. do Maranhão, de cuja capital apenas dista cerca de 480 kils., á margem dir. do Itapecurú, principal emporio de todo o commercio do alto sertão e da prov. do Piauhy, que lhe fica limitrophe, rica, populosa, e então mui florescente, devia Caxias naturalmente attrahir as vistas e desafiar a cobiça daquelles bandos de salteadores, avidos de sangue e de riquezas. Senhores de quasi todo o territorio da prov. comprehendido entre os rios Parnahyba e Itapecurú, onde livremente exerciam suas correrias e devastações, conhecedores da fraqueza do governo, que quasi se limitava á medidas de pura defensiva, enriquecidos de todos os elementos com que se faz a guerra, depois de haverem feito juncção de todas as suas forças na villa do Brejo, pozeram-se finalmente em marcha os rebeldes a 7 de maio com direcção á Caxias, a cujas portas apresentaram-se a 24 do mesmo mez. A' despeito de todos os avisos da imprensa, que não cessava de chamar a attenção e as vistas do governo para esta cidade, achava-se ella no mais completo abandono quanto á meios de defesa, e entregue unicamente aos seus proprios recursos. Em meiados de abril de 1839, quando teve logar o revez da expedição de Pedro Alexandrino, havia apenas naquella cidade uns 40 paisanos armados; depois com a noticia deste doloroso successo, que tristemente echoara pelo interior da prov. foi que se começou a reunir mais alguma força, de sorte que descendo o Tenente-Coronel Severino Dias Carneiro com cerca de 300 homens para bater os revoltosos do Coroatá, ou outros quaesquer, que encontrasse em caminho, teve ordem de contramarchar, a menos de meia viagem, e de vir postar-se no Limoeiro para garantir a cidade, á vista das noticias aterradoras recebidas pelo prefeito e por outras pessoas de importancia, visto que eram estas as unicas forças com que contavam para sua defeza. Foi só em principios de maio, depois de instantes e positivas ordens da capital, que decidio-se o Coronel João Paulo Dias Carneiro a requisitar soccorros ao prefeito de Pastos Bons e ao presidente do Piauhy, soccorros estes que, como é de ver, só bem tarde poderiam chegar. Postada a força no Limoeiro, lá foram ter Raymundo da Cruz e Silva e outros, e resolveram o Coronel Severiano a abandonar aquella posição e recolher-se á cidade, desobedecendo assim ás ordens do prefeito. Ordenou-lhe este ainda que fosse occupar o ponto denominado Burity do Meio, mas foi novamente desobedecido. Marchavam as cousas por esta forma no meio da maior balburdia e confusão; o prefeito a ser contrariado e desobedecido em todos os planos que dava para a defeza da cidade, quando no dia 22 de maio soube-se da approximação do inimigo. No dia 23 saindo uma forte partida commandada pelo Tenente João Paulo de Miranda para reconhecel-o, e dando no logar denominado Raiz com um piquete rebelde, que fugiu logo aos primeiros tiros, voltou para a cidade dando vivas, dizendo que tinham morto o Getirana. Entretanto, no dia 24 ás 10 horas da noite, sem que as forças da cidade o presentissem, foi ella effectivamente cercada, occupando Getirana o ponto da Olaria; S. J. Teixeira e o Ruivo, o do Atoleiro; Balaio o do Pão d'Agua; Mulungueta o da Pedreira; e Silveira o da Barra de S. José: Foram os rebeldes encontrar a cidade totalmente indefesa, sem que tivessem os seus habs. ao menos o cuidado de levantar trincheiras ou quaesquer outras fortificações; por sua parte o governo nem siquer dinheiro mandava para pagamento da tropa, vendo-se o prefeito, Coronel João Paulo, forçado a obter algum por emprestimo, á vista de autorisações que lhe vieram da capital. No dia 25, foi o Getirana batido e desalojado do ponto que occupava; mas nem trataram de perseguir o inimigo, que fugia em completa debandada; nem procuraram fortificar o ponto abandonado, o que deu logar a que elle viesse de novo occupar a mesma posição no dia 26. No dia 27, chegaram ainda, Violete, que occupou o ponto da Tresidella; Moura, que foi unir-se ao do Atoleiro; e Coque, que occupou o de S. José. E como si não bastassem tantos e tão copiosos soccorros, que quasi diariamente recebiam os rebeldes, e que mais e mais lhes vinham engrossar as fileiras e augmentar a audacia, appareceu-lhes ainda Livio Lopes Castello Branco e Silva, á testa de uma força de 600 homens, e Millone, que trouxe uns 300 a 400 de Pastos Bons. Era Livio Lopes natural de Campos Maior, na prov. do Piauhy. Homem abastado, intelligente, activo e bastante popular, mas de um espirito irrequieto, dizem, que fôra impellido para a revolta por um fim nobre e justo — o de retirar de Caxias, que sabia já achar-se ameaçada pelos rebeldes, uma irmã e duas cunhadas que lá residiam. Chegando as portas da cidade e encontrando-a sitiada por tropas mui numerosas, julgou de bom aviso não recuar; fez causa commum com os rebeldes e conseguio assumir o commando geral de todas as forças. Emquanto soccorros tão repetidos e tão poderosos affluiam aos rebeldes de todas as partes, Caxias apenas recebia o do Prefeito de Pastos Bons, que, sahindo de sua com. com cerca de 300 homens, vio-se abandonado de quasi todos durante a viagem, e só conseguio entrar na cidade com uns 50 ou 60 que lhe ficaram fieis. Uma columna expedicionaria, ao mando do Tenente coronel João Raymundo Carneiro Junqueira e do bravo major Falcão, que se organisara e sahira em direcção á Caxias, teve de retroceder em poucos dias, por ordem do governo, para o Itapecurú-mirim, donde havia partido. Abandonada por esta forma a segunda capital da prov.; reduzida aos seus proprios recursos, cansada de esperar por soccorros, que nunca lhe chegavam, ainda assim sustentaram-se os seus bravos habs., durante o longo periodo de 38 dias, empen-

hando-se em uma serie de combates parciaes, em que colheram alguns momentaneos triumphos, quasi sem resultados. « A divisão entre os legalistas, disse-o um escriptor contemporaneo, começou lógo nos primeiros dias. Alli, como em toda a parte, em eguaes circunstancias, os *ultras* entendiam que fóra de sua lei não havia salvação, e não contentes com isso pretendiam que fossem prezos, e não sabemos si mais, todos os que lhes aprazia chamar suspeitos, e entre os quaes havia alguns, que com as armas na mão repelliam o inimigo. O prefeito coronel João Paulo oppoz-lhes, porém, tão firme e constante resistencia que por fim mereceu tambem as honras da suspeição. Os animos se foram exacerbando de dia em dia. Estas divisões, a fome, a pouca esperança de soccorros, foram a pouco e pouco desalentando os mais resolutos. O numero dos defensores da legalidade ia mingoando. Em muitos combates, contudo, os nossos levavam a melhoria » Nestas condições impossivel era aos sitiados sustentarem-se por mais tempo. Nos ultimos dias, no dia 24 de junho, quando reconheceram todos, que, sem esperança de soccorro algum, não havia vantagem em prolongar-se a resistencia por mais tempo, officiou aos chefes rebeldes o prefeito, coronel João Paulo, pedindo-lhes um salvo-conducto para uma deputação, que com elles iria ter e entraria em negociações sobre a entrega da cidade. Desta ardua e espinhosa missão foram incumbidos, entre outros, os Drs. Francisco de Mello Coutinho de Vilhena e Antonio M. Fernandes Junior, que voltaram sem poder chegar a um accordo. No dia 26, foi ainda á Tresidella a mesma commissão, sem que obtivesse melhor resultado; no dia 27 não a deixaram mais voltar. No dia 28, officiaram os chefes rebeldes ao prefeito, propondo uma capitulação vergonhosa e dura que foi regeitada: Uma finta de 80 % sobre o capital nos bens dos adoptivos e a entrega de oito individuos que elles depois designariam. A 30, pela manhã, apresentou o prefeito algumas modificações á estas condições, mas não mereceram as honras de uma resposta. Á vista da attitude arrogante dos rebeldes, reconhecendo que nada mais havia a esperar de quem assim procedia, dissolveu-se nessa mesma noite a força legal, procurando cada qual na fuga, a segurança de sua vida, pessôa e bens. No dia seguinte, 1° de julho, pela manhã, entraram os rebeldes na cidade sem encontrar a menor resistencia. No meio dos maiores desastres e mais fundas desditas com que, ha sete mezes, era quasi que quotidianamente flagelada a prov., nenhum, póde-se dizer, emocionou tão vivamente o espirito publico e ferio-o tão dolorosamente, como o da perda da opulenta Caxias e do saque e massacre de seus habs. Em Janeiro de 1840, foi definitivamente restaurada pelas forças legaes, commandadas pelo Coronel, mais tarde Marechal, Francisco Sergio de Oliveira, depois de por duas vezes ter cahido em poder dos rebeldes... A população de toda a com. é geralmente computada em 30.000 almas. Produz algodão, assucar, aguardente, farinha, milho, feijão arroz, e tem criação em pequena escala. Exporta para a capital e outros Estados os productos das suas fabricas de fiação e de tecidos ». Comprehende as seguintes povs. Tresidella, Villa Industrial, Engenho d'Agua, Alto da Cruz, Lagôa do Pindoba, Pindoba e Poraquê.

CAYAPÓ. Nome de uma tribu selvagem do Brasil. Esta palavra é corrupção de *cai-apó*, o que queima ou faz queimadas.

CAYARY. Vocabulo composto de *acaya-r-y*, rio do cajú.

CAYRÚ. Junto á matta, á entrada da matta; composto de *caá-yrú*; Bahia.

CAYUBI. Composto de *caá-y-uby* ou *caá-oby*, a folha verde ou azul, o anil ; é o mesmo que *Catumby* (Dr. Theodoro Sampaio).

CEARÁ. Com a graphia actual é *cê-ará*, canta ou fala o papagaio, que Alencar traduziu livremente — *canto da jandaia* — Com a graphia primitiva dos primeiros chronistas e historiadores que era *Syará* ou *Ciará* (*Cü-ará*) designa simplesmente uma casta de papagaios pelo gentio denominados *Cü*.

CEARÁ. Arrabalde da Villa de Cururupú; no Estado do Maranhão.

CECÊ. Composto de *ce-cê*, meu ser, minha pessôa; meu desejo, minha vontade (D. Theodoro Sampaio).

CECI. Composto de *ce-ci* ou *ce-aci*, meu pezar, minha dor, meu soffrer ; *ce-ci*, minha mãe, minha origem. (Dr. Theodoro Sampaio).

CEÇARY. Composto de *ceçá-r-y*, agua dos olhos, a lagrima; *ce-eçary*, minhas lagrimas (Dr. Theodoro Sampaio).

CECILIA (Santa). Dist. de paz creado no mun. da capital do Estado de São Paulo pela Lei n. 622 de 26 de junho de 1899.

CECILIA (Santa). Pov. do Estado de Santa Catharina, no mun. de Curytibanos.

CECILIA (Santa). Nucleo colonial do Estado do Paraná, no mun. da Palmeira, a 15 kils. E' povoada por italianos.

CECY. Ilha no rio Pomba, defronte da cidade de Santo Antonio de Padua; no Estado do Rio de Janeiro.

CEDRO. Pov. do Estado de Pernambuco, no mun. de Caruarú, a dous kils. a E. desta cidade, á margem esq. do rio Ipojuca.

CEDRO. Corrego do Estado de Minas Geraes, affl. do rio S. João, nas divisas do dist. da cidade de Passos e o do Bom Jesus da Penha.

CEDRO OUCO. Log. do Estado da Bahia, no termo de Cannavieiras.

CELSO. Lago do Estado do Pará, no mun. de Amapá.

CEMITERIO. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. da Cotia, á margem dir. do rio deste nome.

CEMITERIO. Igarapé do Estado do Pará, affl. do rio Arrosal, na ilha Caviana e mun. de Chaves.

CEMITERIO. Corrego do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Araras e desagua na margem dir. do ribeirão Cerrado

CEMITERIO. Passo no arroio Touro-Passo e Estado do R. G. do Sul.

CEREMONIA. Corrego de S. Paulo. Accrescente-se no fim : O Dr. J. Mendes, que escreve *Ceromonia* o faz affluir para a margem dir. do ribeirão dos Veados. *Ceromonia*, diz o Dr. J. Mendes, corrupção de *Terõ-monà* sinuoso e turvo. De *terõ*, torcido, torto, *monà*, mesclar, borrar, turvar. O *t* é mudado em *c*, formando *Cerõ-monà* pela necessidade do relativo »

CERQUEIRA CEZAR. Dist. de paz creado no mun. de Avaré do Estado de S. Paulo pela Lei n. 615 de 6 de junho de 1899. Comprehende os dists. policiaes do Cerqueira Cezar e Macuco. Vide Cerqueira Cezar (estação).

CERQUILHO. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Tieté; no mun. deste nome.

CERRADINHO. Pov. do Estado do Paraná, no mun. de Ponta Grossa ; com uma esc. creada pela. Lei n. 251 de 11 de dezembro de 1897.

CERRADINHO. Corrego do Estado de Goyaz, no mun. do Curralinho

CERRADO. Pov. do Estado do Paraná, no mun. de Ponta Grossa.

CERRADO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, une-se com o Pantano, e juntos vão desaguar no ribeirão da Barra, affl. do rio Mogy-guassú. Recebe pela margem esq. o corrego do Pica-páu e pela dir. os corregos do Cemiterio, do Tanque Furado, do Engenho Velho, do Xadrez e do Campo Limpo. (*Folha do Rio Claro da Commissão Geogr. e Geol. de S. Paulo*).

CERRADOR. Arroio do Estado do R. G. do Sul, banha o mun. de Uruguayana e desagua no rio Uruguay.

CERVO. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Grande; no mun. de Santa Rita do Paraiso.

CHACARA. Bairro da cidade do Rio Branco, no Estado de Minas Geraes.

CHÃ DO BEBEDOURO. Pov. do Estado das Alagôas, no mun. de Maceió.

CHAFARIZ. Corrego do Estado de Minas Geraes, no dist. de Congonhas do Campo.

CHANGUÁ. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. do Rio Formoso.

CHAPÉO. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de S. Francisco de Paula de Cima da Serra.

CHAPÉO. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Buique. E' formada de gres. Tem o aspecto de um pico isolado.

CHAPÉO. Morro do Estado de S. Paulo, á margem esq. do rio Ribeira de Iguape.

CHAPÉO. Pico elevado da serra da Fartura; no Estado de S. Paulo.

CHAPÉO PEQUENO. Morro do Estado de Minas Geraes, entre os dists. de Ibertioga e Piedade do Rio Grande.

CHARETA. Pequeno monte no mun. de Palmares do Estado de Pernambuco.

CHARNECA. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da cidade do Bom Fim.

CHATA. Pov. do Estado de Pernambuco, no mun. do Altinho, á margem do riacho do seu nome, com uma capellinha de S. Francisco

CHAVE DO JEQUITIBÁ. Log. do Estado do Rio de Janeiro, no mun. do Bom Jardim.

CHAVELHA. Morro do Estado de Minas Geraes, no mun. da Palmyra.

CHAVES. Cidade do Pará. Accrescente-se no fim: A Lei n. 785 de 10 de outubro de 1901 autorizou a mudança da séde do mun. para o logar Bacury.

CHICO BARCELLOS. Arroio do Estado do R. G. do Sul, affl. do rio Guahyba, nos limites do mun. da capital.

CHICO DE PAIVA. Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. do Rio Branco.

CHICO NONATO. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. de Silves.

CHIMDUBA. Arraial no termo de Itaporanga, no Estado de Sergipe. (*Almanak Sergipano* 1901).

CHIQUE-CHIQUE. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, na villa do mesmo nome; no Estado da Bahia. Fica naquelle rio, a 359 kils. distante do Joaseiro e entre as estações de Pilão Arcado e Barra.

CHIQUE-CHIQUE Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Itambé.

CHIQUEIRO. Serra e morro do Estado de S. Paulo, no mun. de Itapecerica, proximo da serra de Itatuba.

CHITA. Corrego do Estado de Matto Grosso, no dist. da Chapada e mun. da capital. Corre proximo ao corrego da Lage.

CHOPOTÓ. Rio do Estado de Minas Geraes, affl. do Pomba. Accrescente-se no fim: E' formado pelos rio Piedade e Capella Vélha, que se reunem na cidade do Rio Branco.

CHORA MENINO. Log. do Estado de Pernambuco. Accrescente-se no fim: Existe ahi uma capellinha particular da invocação de S. João e a da Sacra Familia, fundada em 1755 por Antonio Maria dos Anjos, reconstruida em 1884 e inaugurada em 1888. O nome *Chora Menino* é posterior ao tempo em que foi erguida a capella, pois, até então era conhecido o logar por sitio do Mondego. Ha uma lenda sobre o nome desse logar: Diz a lenda que, depois do saque da tropa insubordinada que guarnecia o Recife, na revolta de 1831, conhecida por *Setembrisada*, em que os soldados e varios individuos a elles associados, tudo saqueavam, commettendo toda a sorte de atrocidades; e sendo ahi sepultado grande numero de victimas fallecidas, os que transitavam alta noite por essa paragem, ouviam sempre um *choro de menino*. Esse log. fica na estrada que se dirige para a Passagem da Magdalena e por onde passa a linha de bonds, que tem este nome.

CHORORÓ. Riacho do Estado do Rio de Janeiro; desagua na margem esq. do rio Parahyba, na estação do Commercio.

CHRISTOPOLIS. Passou assim a denominar-se o bairro do Acaba-Mundo na capital do Estado de Minas Geraes.

CHRISTOVÃO. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Tury-assú.

CHRISTOVÃO. Riacho do Estado de Pernambuco; faz barra no rio Pajehú. Recebe o Terra Nova.

CHUÉ. (Adjectivo) Tardo, vagaroso, manso, quieto; (substantivo) a tartaruga (Dr. Theodoro Sampaio).

CHUY. Arroio manso; corrupção de *chué-y*.

CICATANDEUA. Pov. do Estado do Pará, á margem do lago S José, no mun. de Obidos. Foi elevada á pov. pela Lei n. 687 de 23 de março de 1900.

CIGANO. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Buique e corre para o Ipanema.

CIGANO. Riacho do Estado de Pernambuco, no mun. de Cabrobó. Vai para o rio S. Francisco.

CIMA DA SERRA (S. Francisco de Paula de). Antiga villa do R. G. do Sul. Accrescente-se no fim: Foi de novo elevada á villa pelo Dec. n. 563 de 23 de dezembro de 1902. Installada a 7 de Janeiro de 1903.

CINCHO. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. de Cimbres.

CINCO PONTAS. Praça, na cidade do Recife, dist. de S. José; Estado de Pernambuco. E' celebre por ter sido nella o seguintes martyres da revolução denominada *Confederação do Equador*: No dia 13 de janeiro de 1825 o grande patriota Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, atado á um poste de forca, por não haver carrasco, que se prestasse a executal-o. No dia 10 foi lida á Frei Caneca a sentença que o condemnava á morte. Elle a ouvio resignado. Transcrevemos aqui a Acta, que diz respeito ao preclaro sacerdote, como um precioso documento historico: « Aos 20 dias de Dezembro de 1824, primeira sessão desta commissão militar, achando-se reunidos todos os membros della, e havendo-se já em sessão preparatoria mandado avisar os réos que tem de ser processados, determinou o presidente della que viessem a perguntas, as quaes foram feitas pelo official interrogante coronel Conde de Escragnolle, sendo o 1º delles o réo Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, o qual foi interrogado da maneira que se segue; do que fiz este termo, eu Thomaz Xavier Garcia de Almeida, juiz relator, o escrevi: *Interrogatorio do réo Frei Joaquim do Amor Divino Caneca*. Foi perguntado como era seu nome, naturalidade, estado e

edade. Respondeu que se chamava Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, natural desta cidade do Recife, estado religioso carmelita turonense, edade de 45 annos e 5 mezes. — Foi perguntado se sabia ou suspeitava a causa de sua prisão. Respondeu que fôra preso por se achar na divisão das tropas que daqui marcharam para o interior da prov., na occasião em que entrara o exercito imperial. — Foi perguntado si nunca propagara, ou publicara idéas ou escriptos subservivos da bôa ordem. Respondeu que fôra redactor do periodico *Typhis*, no qual se contem as idéas que elle propagara, as quaes eram as mesmas que havia lido em outros periodicos mesmo na côrte; e que não havendo nunca sido chamado a jurados se regulava pela lei que então existia sobre casos de liberdade de imprensa, dirigindo-se sempre ao ministerio todas as vezes que atacava os desmandos publicos. — Foi perguntado, si nos ditos seus escriptos não havia disseminado idéas tendentes a promover a desunião das provs., e atacar a integridade do imperio, quando taes principios se não achavam estampados em algum periodico da côrte. Respondeu que lhe parecia que nenhumas idéas desta natureza elle tinha manifestado em seus escriptos; e si alguma proposição existir donde isso se possa colligir, só á elle mesmo compete interpretal-a. — Foi-lhe perguntado, si não havia concorrido directa ou indirectamente para a eleição e conservação na presidencia da prov. de Manuel de Carvalho Paes de Andrade, contra as expressas ordens de S. M. Imperial. Respondeu que não interviera para sua eleição, porquanto esta fôra feita pelos eleitores da parochia; e quanto á sua conservação, sendo chamado para um conselho, como membro do corpo litterario, ahi emittira seu voto, o qual corre impresso, e a elle se reporta, conforme nelle se contem. — Foi perguntado si não havia cooperado de alguma sorte para o plano da Conferação do Equador, proclamada por Manuel de Carvalho, e que ia arrancar pelos fundamentos a integridade do imperio brazileiro. Respondeu que nunca tivera idéa, nem nunca ouvira fallar de semelhante Confederação, senão quando chegava ao sertão, onde vio algumas proclamações de Filgueiras a este respeito; e tão somente fallou em seu periodico da união de algumas provs. do norte para o fim de se opporem á invasão da expedição portugueza, que S. M. Imperial havia annunciado na occasião de mandar retirar o bloqueio, recommendando-nos que nos defendessemos della. — Foi instado, si dizendo elle que não havia nada cooperado para o plano da Confederação do Equador, como é que havia publicado em os ns... de seu *Typhis* algumas bases que pareciam ter applicação á aquella forma de governo republicano. Respondeu que sim; publicara essas bazes, mas que alem de ser um papel, que lhe foi dado pelo mesmo Manoel de Carvalho para o publicar, não o fez com alguma intenção determinada, mas sim como maximas geraes para qualquer Governo que se quizesse constituir. — Foi perguntado si havia contribuido para se não acceitar o projecto de constituição offerecido por S. M. Imperial aos povos desta prov. Respondeu que sendo chamado pela Camara para dar seu parecer sobre esta materia, seu voto foi que se não aceitasse tal projecto; referindo-se em tudo mais ao dito seu voto, que consta de diversos livros da Camara, ou que corre impresso. — Foi perguntado si trabalhou de alguma sorte para que se atacasse e fizesse resistencia ao exercito cooperador da bôa ordem. Respondeu que, quando ainda estavam em Barra Grande as tropas do morgado, sendo chamado a conselho para deliberar, si devia ou não atacar aquellas tropas, dera, elle réo, seu voto para que se atacasse, e isto pela razão de ter officiado o major Pitanga, dizendo que o morgado fizera uma proclamação em que dava vivas á união da familia portugueza. — Foi perguntado se havia dado algum passo para que se fizesse resistencia ás tropas de S. M. Imperial, com a chegada das quaes havia cessado o pretesto de se atacar a divisão da Barra Grande. Respondeu que nenhum facto praticou donde se pudesse isto deduzir. — Foi perguntado si elle não se tinha incorporado com a força rebelde que se oppoz á entrada do exercito cooperador; e si não havia acompanhado até o ponto de ser subjugado pela tropa expedicionaria, commandada pelo major Lamenha, e pelo qual fôra remettido preso. Respondeu que sim, havia acompanhado a dita tropa; mas, que os motivos que tivera para isto, os queria dar por escripto, pois que faziam objecto da sua defeza, que apresentaria em 24 horas. — Foi perguntado si não tinha elle praticado algum facto, pelo qual se possa colligir alguma intenção, de sua parte, de se oppor á entrada da expedição da Côrte, como é que andava, e de então para cá, sem habito, e vestido de jaqueta de guerrilha. Respondeu que não andou com jaqueta de guerrilha, mas sim com jaqueta de chita, que trazia por baixo do habito, o qual havia tirado na marcha do Cabo para o Recife, e se perdera por ir na garupa de um cavallo que desappareceu. — Foi finalmente perguntado si tinha alguma cousa mais que allegar e dizer em sua defeza. Respondeu que nada mais tinha que dizer, visto que lhe era permittido dar sua defeza por escripto; mas que, como se achava succumbido pela natureza do tribunal, e tambem pela qualidade dos juizes, que eram militares, talvez sem os necessarios conhecimentos das leis juridicas, requeria que lhe fosse facultado consultar com um lettrado, no formular de sua mesma defeza, que o coadjuvasse nella: e assim deu a commissão por acabadas as perguntas, as quaes, sendo lidas ao réo, achou estarem comforme ao que tinha respondido; pelo que assignou com o coronel interrogante e eu, Thomaz Xavier Garcia d'Almeida, juiz relator, o escrevi — *Conde de Escragnolle*, coronel interrogante. — *Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca.* » De 26 de Dezembro por deante, depois de haver respondido á commissão, foi Fr. Caneca retirado da prisão e mudado para um outro commodo, onde ficou incommunicavel, até 10 de janeiro subsequente, dia em que ouvio serenamente a leitura de sua sentença de morte. Transferido para o oratorio, onde esteve durante tres dias, findos os quaes confessou-se, recebeu o Sagrado Viatico na manhã de 12 e na manhã do dia seguinte encaminhou-se para o patibulo. No referido dia 12, o cabido, *séde vacante*, paramentado e de cruz alçada e acompanhado dos religiosos de diversas ordens existentes então no Estado, dirigiu-se á commissão militar para pedir-lhe que demorasse a execução, até a resposta de uma supplica que iam dirigir ao Imperador. Não foram admittidos á presença, e a commissão militar mandou despedir a todos na porta de fóra do palacio, por Salvador José Maciel, arguindo este asperamente ao cabido e religiosos, por se atreverem a obrar de semelhante modo. E o Imperador, a quem isso foi participado, por Aviso de 7 de fevereiro de 1825, assignado pelo ministro Clemente Ferreira França, mandou declarar á mencionada commissão que approvava seu procedimento sobre a *louca* e *incurial* pretenção do cabido e clero do Recife no retardamento da execução de Fr. Caneca. Deu-se ainda no sobredito dia 12, um acontecimento notavel na cadeia. Tendo sido sorteado um preso, o pardo Agostinho Vieira, para servir de carrasco, elle resistiu com a maior coragem ao barbaro castigo que lhe infligiram por não se querer prestar a tal serviço. Na manhã de 13 de janeiro de 1825, as embocaduras de certas ruas da cidade foram occupadas pela tropa, com receio de alguma sublevação do povo. Antes da execução teve logar a tristissima ceremonia da degradação de suas ordens sacras, á porta principal da egreja de N. S. do Terço; formando a tropa em um grande circulo se mandou afastar do logar da scena o algoz, ajundante, meirinhos, ficando o padecente, ao qual o principal dos padres, o que presidia o acto, convidou a aproximar-se do altar, um altar portatil completamente paramentado, e alli de antemão erguido e ornado. Revestiram-no com todas as alfaias proprias para celebrar missa, e, depois de assim ataviado de pé, collocados dous padres, cada um com um missal no topo do altar, começou o acto solemne. O padre que ficava em um dos topos, abrio o livro e leu, por pouco tempo respondendo em leitura o outro; e á certo signal feito pelo primeiro, o outro sacerdote, que estava junto da victima, despio-lhe a casula, aspergindo-a antes. Depois de outra leitura e egual resposta e aspersão, tirou-se a estola; em seguida e com identica formalidade o manipulo; em seguida o singulo, após a alva, depois ainda, e por forma egual, o amicto, pondo remate, finalmente, o despimento do habito. Ficou o martyr, depois d'isso, de camisa e calça de ganga: estava feita a desautoração das ordens para poder ser enforcado. Neste ponto do ceremonial, postos de pé os sacerdotes que liam, rodearam o padecente e lhe applicaram com as mãos alguns signaes na corôa, acompanhados tambem de aspersão; e por ultimo o entregaram a um meirinho, que o vestio de novo, com a alva branca dos condemnados. Findo o acto, marchou o prestito até o largo destinado, subindo o glorioso martyr os degráos da forca. Dous homens pretos, que antes haviam sido na cadeia postos á ferros, para deste modo cederem em ser algozes do patriota, sendo levados para junto da forca e d'ahi tocados á couce de armas e espaldeirados, mesmo assim recusaram-se a obedecer á intimação. Então a commissão militar, que havia permanecido em sessão permanente, avisada deste embaraço,

sem fazer alteração alguma na sentença, ordenou verbalmente o fuzilamento do destimido revolucionario. Elle mesmo teve a coragem de ensinar ao alcaide o melhor meio de atal-o á columna, em que ia ser o alvo dos fuzis. O crioulo João da Costa Palma, sendo um dos soldados da patrulha sacrificadora e que bem conhecia a victima, em meio do caminho foi derrubado por uma syncope. Immediatamente que o heroi cahio e expirou, a tropa numerosa que cercava a forca, com o mais selvagem e provocante escarneo, acclamava: *Viva S. M. Imperial! Viva a Constituição! Viva a Independencia do Brasil!* E em seguida se cantava, acompanhado da musica militar, o hymno brasileiro. Depois, o cadaver da victima, lançado em desprezivel esquife, por quatro calcetas, foi atirado junto á porta da egreja de seu convento, sendo recolhido e mandado sepultar em uma das catacumbas da Ordem. — A certidão de sua execução é do thêor seguinte: « Certifico que o réo Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca foi conduzido ao logar da forca das Cinco Pontas, e ahi, pelas 9 horas da manhã, padeceu morte natural, em cumprimento da sentença da commissão militar, que o julgou; depois de ser desautorado das ordens, na egreja do Terço, na forma dos Sagrados Canones; sendo atado á uma das columnas da referida forca, foi fuzilado, de ordem do Exm. Sr. General e mais membros da dita commissão, visto não poder ser enforcado pela desobediencia dos carrascos; o que de tudo dou fé, sendo este acto presidido pelo vereador mais velho do senado desta cidade, o Dr. Antonio José Alves Ferreira, arvorado em juiz de fóra. Recife de Pernambuco, 13 de janeiro de 1825. O escrivão do crime da Relação *Miguel Archanjo Posthumo do Nascimento* » (1) Seguio-se a esta execução a do capitão de guerrilha Lazaro de Souza Fontes, a 20 do mesmo mez; e a 3 de fevereiro seguinte realizou-se a de Antonio Macario de Moraes: estes dous foram enforcados. Em 21 de março sobe á forca o major Agostinho Bezerra Cavalcante e Souza, digno emulo do heroico Henrique Dias e, como elle, bravo e de côr preta. Os negociantes da cidade do Recife solicitaram de Pedro I o perdão desse valoroso pernambucano; mas, surdo ao generoso impulso do commercio, o imperador não só negou o perdão, como mandou censurar a commissão por ter feito chegar á sua presença opedido de perdão.

Chegando ao pé da forca, subiu com intrepidez a fatal escada, e com voz firme assim fallou ao povo:—« *Meus irmãos e camaradas. Não penseis que me horroriza subir a este logar, pois que minha consciencia não me accusa. Nenhum crime commetti contra a Divindade. Como cidadão cumpri meus deveres; como catholico romano desempenhei os deveres de minha religião; e como soldado defendi minha patria, sacrifiquei-me por ella pretendendo libertal-a de um tyranno que, insensivelmente, a vai reduzindo á mais horrivel escravidão. Fazer bem a meus semelhantes era a minha gloria; emquanto pude fazer o bem nunca fiz o mal* » E concluindo disse ainda: « *Peço tres Ave Marias, á Sagrada Paixão de Nosso Senhor Jesus Jesus Chrito para que receba minha alma no paraizo, outra pelos martyres da Patria e a ultima pelos nossos inimigos* » E empós essa tocante e patriotica allocução atirou-se elle mesmo pela escada abaixo e asphixiou-se. No dia 12 de abril foram ainda passados pelas armas ao pé da forca os tenentes Nicoláo Martins Pereira e Antonio do Monte, e o americano James Heide Rodgers; e a 19 de maio Francisco Antonio Fragozo. Sobre os martyres dessa revolução consulte-se: *Noticia Biographica* de Fr. J. A. D. Caneca pelo commendador A. J. de Mello; *Idéa Republicana* do major J. D. Codeceira; *Revolução de 1824* pelo Desembargador A. A. de Luna Freire, publicada na *Rev. do Inst. Arch. Pernambucano.* n. 47; alem de outros trabalhos.

CIPÓ. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. do Riachão (*Almanak Sergipano*). 1901.

CIPÓ. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do Paranapanema. « Cipó, saltos pegados. De *ci*, junta de duas ou mais cousas, pegar, unir, achegar: *e pó*, salto. Nada tem com o vegetal sarmentoso de caule longo e flexivel, *cỹ-pó*, vara lisa ; de *cỹ*, liso ; *pó*, vara, pau, fio. Cipó é allusivo a cahirem da serra as aguas de queda em queda, formando como uma escadaria » (Dr. J. Mendes).

CIPÓ. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Mboy-guassú ou Guarapiranga, entre a foz do Vermelho, e a do ribeirão Grande.

CIPÓ. Accrescente-se no fim : O Dr. Theodoro Sampaio diz: « *Sipó*, corrupção de *cî-pó*; de *cî* pegar, prender; e *pó*, fibra, tendão, corda; *cipó* a fibra que agarra ou se prende ; nome commum no tupy para todas as plantas sarmentosas ou trepadeiras. *Cipó* corrupção de *i-ci-pó*, fibra ou filamento que se pega ás arvores, liana, nome generico das plantas sarmentosas; alt. *sipó, cepó* ».

CIPOADA. Morro, servindo de centro, nas divisas entre os muns. de Serra Negra, Amparo, Soccorro e Itatiba ; no Estado de S. Paulo. « Esta palavra diz o Dr. J. Mendes, é corrupção de *Cỹ-puá-bo*, resvaladio em redor. De *cỹ*, resvalar, ser liso, ser escorregadio ; *puá*, ser redondo, fazer circulo ; *bó* (breve) para exprimir o modo de ser ou de estar, significando, com *puá* em redor. Allusivo a ser alcantilado em toda a circumferencia. »

CIPOTUBA. Composto de *cipó-tyba*, cipoal ou trançado de cipós.

CIRIBA (corrupetela de *ciri-bae*, apartada, separada). Nome tupy da ilha de S. Sebastião, no Estado de S. Paulo, como consta de um documento de 1602.

CLARO. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Pardo; no mun. de Santa Barbara do Rio Pardo.

CLARO. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do Atibaia; no mun. de Nazareth. E' mais conhecido pelo nome de ribeirão da Casa da Telha.

CLARO. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio do Peixe; no mun. do Rio Bonito.

CLARO. (No Supplemento do II Vol.). Rio de S. Paulo, affl. do Parahyba. Accrescente-se no fim: — pela margem esq. Offerece uma curiosidade natural nas proximidades de suas cabeceiras, na serra da Mantiqueira. E' uma gruta de mais de cincoenta metros de extensão, com divisões.

CLEMENTE. Rio do Estado de Minas Geraes, no mun. do Rio Branco. Accrescente-se no fim : Desagua no Chopotó, affl. do Pomba.

CÔ. (Substantivo) A roça, a colheita, a plantação, a limpa (Dr. Theodoro Sampaio).

COARACY. Composto de *coára-ci*, a mãe do mundo, o sol, o astro do dia; *co-ara-ci*, a mãe deste mundo (Baptista Caetano).

COARACYABA. Corrupção de *coaraci-aba*, os cabellos do sol, os cabellos ruivos, ou louros. Como nome de mulher deve corresponder a Flavia, Laura. Costuma-se a escrever geralmente *Guaraciaba*.

COARY. Corrupção de *coára-y*, rio do furo, do braço ou canal; rio da cova; Amazonas (Dr. Theodoro Sampaio).

COATINGA (lama esbranquiçada). Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. do Taiaçupeva, que o é do Tieté ; entre os muns. de Mogy das Cruzes, Santa Branca e Jacaréhy. Segundo fui informado esse ribeirão tem no leito um barro branco, molle emquanto humido, que endurece logo depois de extrahido, tomando em pouco tempo a consistencia da pedra.

COBIÇADO. Morro do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Petropolis, nos limites com Magé. E' bastante alto.

COBÓ. Serra no mun. da capital do Estado de Goyaz.

(1) Nasceu Fr. Joaquim do Amor Divino Rabello (por antonomasia *Caneca*) em Julho de 1779, era natural da freg. de S. Fr. Pedro Gonçalves do Recife e filho de Domingos da Silva Rabello (conhecido pelo *Caneca* por ser tanoeiro) e de Francisa Alexandrina de Siqueira.

ÇOBOYGUARA. Composto de *çaboy-guara*, o morador d'além, da outra banda, o estrangeiro. (Dr. Theodoro Sampaio).

COBRA D'AGUA. Arraial do Estado de Sergipe, no termo de Pacatuba (*Almanak Sergipano*. 1901).

COBRE. Rio do Estado da Bahia, no dist. de Plataforma. Desagua na enseada de Itapagype. Forma a cachoeira S. Bartholomeu.

COCAES. Serra do Estado de S. Paulo, no mun. de S. Carlos do Pinhal. E' cortada por um ribeirão formando um salto.

COCAES. Serra do Estado de S. Paulo, no mun. de Itatiba, entre os rios Atibaia e Capivary. E' tambem denominada *Mombugea* (furado de um lado a outro). E' cortada por dous ribeirões, cujas nascentes se contrapõem e quasi se encontram. Sua altitude é de mais de 950 metros.

COCAIA. Rio do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Santo Amaro e desagua na margem esq. do rio Grande ou Jurubatuba.

COCAL. Pov. do Estado de S. Catharina, no mun. de Tubarão; com escola.

COCAL. Nome de um engenho situado no mun. do Rio Formoso do Estado de Pernambuco. Na revolução de 1848 esse engenho foi uma das estancias da força legal, sob o commando do coronel Paulo de Amorim Salgado, que, em 26 de Novembro daquelle anno, seguiu pelo N. do rio Una, tiroteando aqui e alli, onde, nos logares mais estreitos do rio descobria os revoltosos que seguiam pela estrada acima.

COCAL. Riacho do Estado de Pernambuco; nasce na serra do Cavalheiro, mun. de Correntes, e corre para o rio Mandahú.

COCHA. Vocabulo da lingua kichaua significando lagôa, pantanal, brejo. *Caballo choca*, lagôa do cavallo; *Cochabamba*, campo da lagôa; Peru', Bolivia (Dr. Theodoro Sampaio).

COCÓ. Serra do Estado de Penambuco, no mun. do Limoeiro.

COCOERA (corruptela de *Cucui-uera*, cahido). Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Tieté; no mun. de Mogy das Cruzes. E' assim denominado por nascer e logo depois cahir do monte e dahi seguir até desaguar.

CÔCOS. Serra do Estado de Pernambuco, situada nas divisas dos muns. do Bonito e Amaragy. E' bastante elevada. Ao longe esta serra produz a illusão optica de um grande palacio, com numerosas janellas e varandas.

CÔCOS. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. do Limoeiro, junto á pov. de S. Vicente da Pedra Tapada. Seu nome provem de grande numero da palmeira, denominada Catolé, que alli existe. Ha serras de igual nome nos muns. do Exú e do Limoeiro.

CÔCOS. Ribeirão do Estado de S. Paulo, no mun. de S. Manoel.

COÇÚ'. Composto de *cô-oçú*, roça grande, limpa grande; S. Paulo. Vide *Cô* (Dr. Theodoro Sampaio).

CODÓ. Cidade do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira, no seu trabalho *Fragmentos para a Chorographia do Maranhão*, diz: « *Codó* a 372 kils. da capital, está situada a margem esq. do rio Itapecurú, á montante da cidade de Itapecurú-mirim, proxima do rio que lhe dá o nome, affl. da mesma margem daquelle rio: Divide-se em dous bairros denominados: Cidade Alta e Cidade Baixa ou Nova. Possue uma egreja, uma typographia, onde se publica um jornal, uma estação telegraphica, uma fabrica de fiação e tecidos de algodão e tres escs. mantidas pelo Estado. No ponto de desembarque se encontram uma rampa de pedra, bem regular mandada construir pela Companhia Manufactureira do Codó, auxiliada pela Intendencia; e um cáes feito pela Companhia de Melhoramentos do Maranhão, afim de completar os trabalhos que ahi realisou no intuito de melhorar a navegação do rio Itapecurú. Exporta algodão, excellente e afamado fumo, cereas e em tecidos de algodão — panno domestico e riscado. Calcula-se o sua pop. em 6.000 habs. Neste mun. nasceu o Conselheiro Antonio de Almeida e Oliveira, autor de varias obras de direito e do livro *O Ensino Publico*. » O Sr. José Ribeiro do Amaral, em seu trabalho *O Estado do Maranhão em 1896*, diz :« Codó cidade á margem esq. do Itapecurú e a 1.800 metros do riacho, que lhe deu o nome, 360 kils. a SE. da capital, a 4° 25'20'' de lat. S. e O° 35'15'' de long. W. Depois de Caxias, é incontestavelmente o Codó o centro mais populoso e de maior importancia e movimento commercial e agricola de toda a ribeira do Itapecurú, sobre tudo depois que ahi tiveram começo os trabalhos para a construcção da fabrica da Companhia Manufactureira e Agricola; em 1891. A actual cidade de Codó está dividida em duas partes ou bairros, inteiramentes distinctos: Cidade Alta e Cidade Baixa. A primeira, a mais antiga, conhecida por Villa Baixa, consta de 13 ruas, tres praças, 30 a 40 casas commerciaes de seccos e molhados, e diversos estabelecimentos de artes e officios mechanicos. Tem uma bôa Egreja Matriz, um cemiterio murado com capella, pertencente á Irmandade de N. S. da Conceição, um trapiche ou armazem, de boas proporções e talvez o melhor da Companhia de Navegação a Vapor do Maranhão, duas cadeiras de inst. prim., uma esc. do sexo feminino, mantida pela Municipalidade. Tem mais uma agencia do correio, uma estação telegraphica e agencias das duas Companhias de Vapores do Estado. *Cidade Alta*. Com a construcção da fabrica da Companhia Manufactureira e Agricola do Maranhão, no planalto do bairro de Santa Philomena, distante um kil., pouco mais ou menos, da Cidade Baixa, deu-se principio em 1892, á edificação da *Cidade Alta*, que actualmente conta mais de 20 casas de telhas, 50 de palhas, cerca de dez casas diversas de negocios, uma capella sob a invocação de S. Sebastião, uma esc. mixta, uma praça de 300×200 metros, quatro ruas de 25 metros de largura cada uma, um boulevard de 40 metros e uma avenida de 30 metros. A fabrica, cujas dimensões são de 105×75 metros, tem 154 teares montados, uma tinturaria e uma boa officina de reparação. Possue o Codó uma typographia, donde sahe á luz um jornal — *O Monitor Codoense* —. A pop. da cidade é geralmente estimada em 4 a 5.000 habs. » Comprehende as povs.: Tresidella, Colonia Petropolis, Santa Philomena ou Mattões do Caboclo, Frecheiras, Monte Alegre, Lagôa dos Patos, Bocca da Matta, Jatobá e Lagôa dos Ferreiros. E' o territorio da com. de grande fertilidade para todo o genero de cultura, sobresahindo a do algodão. Produz tambem milho, arroz, farinha, borracha de mangabeira, carrapáto, gergilim, feijão e fumo; o assucar e a aguardente são para o consumo. Grande criação de gado: Consta existirem minas de ferro, turfa e carvão de pedra.

COELHAS. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do rio Beberibe.

COÉRA. (Adjectivo) Velho, extincto, passado, antigo, o que já foi. Vide *çuera*, *quera*, *quer*, *cué*, *goéra*, *boéra*, *moéra* *poéra* (Dr. Theodoro Sampaio).

COERANA. Corrupção de *cui-rana*, pimenta falsa, fructa que imita a pimenta; Bahia (Dr. Theodoro Sampaio).

COIMBRA. Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. do Rio Branco.

COITÉ (corrupção de *cui-etê* vaso real, verdadeiro, capaz. Theodoro Sampaio. *obr.* cit.). Log. do Estado da Bahia, no termo de Conquista.

COITÉ. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Goitá.

COITÉ. Villa do Ceará. Accrescente-se no fim: Foi supprimido o mun. pela lei n. 550 de 25 de Agosto de 1899.

COITINHO. Log. do Estado do E. Santo, no mun. de Guarapary.

COITOS. Rio do Estado de Minas Geraes, affl. do Chopotó, que o é do Pomba; no mun. do Rio Branco. Nasce com o nome de S. Francisco e recebe os corregos das Pedras e Fazendinha.

COIVARA. Corrupção de *cô-uara*, limpa da roça, queimada para roça; roça ou cultura que se prepara; leito ou assento de roça. Vide *Cô*. (Dr. Theodoro Sampaio).

COLACHAR. Lago do Estado do Pará, no mun. de Amapá, na sub-prefeitura do Lago Redondo.

COLLEGIO. Bairro do mun. de Araçariguama, no Estado de S. Paulo; com escola.

COLLEGIO. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de S. Fidelis

COLLEGIO. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. de Mogy das Cruzes. E' tambem denominado Suindara.

COLLEGIO. Morro na cidade do Mar d'Hespanha, no Estado de Minas Geraes.

COLLEGIO. Rio do Rio de Janeiro, affl. do Parahyba. Accrescente-se no fim: Recebe pela dir.: o Flores, Bufão, Brasil, Pitanga e União; e pela esq. o Tapera.

COLONIA. Estação da E. de F. Sul de Pernambuco, no kil. 33,568 de Palmares, a 189m. de altitude, situada junto do estabelecimento colonial, hoje *Escola Industrial Frei Caneca*; mas primitivamente fundado com a denominação de Colonia Isabel. Nas immediações ha uma pequena pov., cuja existencia data do tempo da inauguração da estação em 1884.

COLONIA AMELIA. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Tury-assú, a 36 kils. distante da cidade, proximo do rio Caqueira. Em 1896 contava quatro ruas, cinco travessas, duas praças (S. Luiz e Desterro), duas casas cobertas de telha, 121 de palha, sete casas de negocio de seccos e molhados, uma capella do Senhor do Bomfim, duas escs. e 788 habs. Sua lavoura consiste em farinha de mandioca, arroz, milho, feijão, algodão e tabaco. Foi fundada em 1878 na administração do Dr. Graciliano Aristides do Prado Pimentel, com cearenses acossados pela secca.

COLONIA GURUPY. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Carutapera, á margem dir. do rio Gurupy, á jusante da foz do rio Gurupy-mirim, que pertence ao Estado do Pará. E' situada em uma região extremamente fertil e rica em terrenos auriferos, sendo seus principaes productos oleo de copahyba e de andiroba, aguardente, cereaes, fumo, cacáu e café. Perto della acham-se minas auriferas.

COLONIA MINEIRA. Dist. policial creado no termo de Thomazina do Estado do Paraná, pelo Dec. n. 25 de 7 de Novembro de 1899.

COLONIA PETROPOLIS. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Codó, a seis kils. da cidade, sobre o rio deste nome.

COLUMBY. Log. no dist. de N. S. da Conceição de Flores; no Estado de Pernambuco.

COLUMINJUBA. Corrupção de *curumi-yuba*, o menino de ouro; nome de uma serra no Ceará (Dr. Theodoro Sampaio).

COMANDÁ. (Substantivo) O feijão, o legume, a fava (Dr. Thedoro Sampaio).

COMANDATUBA. Composto de *comandá-tyba*, feijoal, feijão em abundancia; Bahia (Dr. Theodoro Sampaio).

COMAPUTÚ-MEIRIM. No mappa attribuido a Pero Coelho figura com esse nome o rio Ceará-mirim, do Estado do R. G. do Norte. Vide *Baquipe*.

COMBIQUE. Log. do Estado do Maranhão, na ilha de S Luiz.

COMBUCAS. Rio do Estado da Bahia, affl. do Itapecurú-mirim, no mun. de Bomfim.

COMMENDADOR MARTINS LAGE. Estação da E de F. Campista no Estado do Rio de Janeiro, entre Floresta e Thomaz Coelho.

COMMERCIO. Log. do Estado do R. G. do Sul, no 3º dist. do mun. de Villa Rica:

COMMUM. Rio do Estado do Maranhão; desagua na bahia da Tutoya. E' tambem denominado Andreza.

COMPRIDA. Ilha no rio Oyapock e Estado do Pará.

COMPRIDA. Ilha de S. Paulo: Accrescente-se no fim: O Conselheiro Martim Francisco em seu trabalho citado diz: « Sahi da villa de Iguape para a de Cananéa em canôa, pelo braço de mar (Mar Pequeno) formado pela terra firme e pela lingua de terra, ou ilha, que decorre desde a barra do norte de Iguape até Cananéa: esta ilha estende-se até doze leguas (segundo julgo) e vem fazer o pontal da villa de Cananéa com o morro, por detraz do qual fica a villa deste nome. » Em toda a estensão desta ilha é notada uma agglutinação de cascas de um animaculo de côr parda escura, originado na fermentação dos detritos vegetaes, superpostos ás areias. As marés grandes a alagam em sua maior parte. E não é sadia. Seus habs. em geral, vivem empalemados.

COMPRIDO. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Tamandoatehy; no mun. da capital.

COMPRIDO. Rio no mun. de Ubatuba em S. Paulo. Accrescente-se no fim: A' respeito desse rio obtive as seguintes informações: « E' formado de cachoeiras, que nascem na serra, e corre veloz entre e sobre pedras. Mais abaixo deram-lhe o nome de Rio Grande, por ser navegavel por canôas; e mesmo outr'ora entraram em seu leito pequenas embarcações de coberta; arrancada, porém, uma pedra que existia no meio da barra, conservando-lhe sempre a profundidade pelo movimento de rodomoinhos, as areias começaram a agglomerar-se ahi, impedindo a entrada de taes embarcações no rio ».

COMUNATY. Corrupção de *comaná-tim*, feijão branco; Alagôas (Dr. Theodoro Sampaio). Segundo Martius significa alma de gado.

COMUNATY. Serra do Estado de Pernambuco. Accrescente-se no fim: Fica na distancia de seis kils. de Aguas Bellas, tendo a altitude de 726m,0, e occupando um perimetro de 72 kils. Constitue, pela sua frescura e uberdade, um oasis em meio do sertão. Ahi as fontes são perennes e brotam em diversos pontos; a folhagem das arvores é sempre verde como sóe acontecer na zona da matta. Nella produz e fructifica com vantagem o cafeeiro, a canna de assucar, a laranjeira, o tabaco, o milho, o feijão e outras plantas do paiz.

CONCEIÇÃO. Arraial do Estado de Sergipe, no termo do Lagarto. (*Almanak Sergipano*. 1901).

CONCEIÇÃO. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, no Estado da Bahia. Fica no rio Grande, a 565 kils. do Joaseiro, entre as estações do Boqueirão e Macambira.

CONCEIÇÃO. Morro e bairro do dist. do Recreio, no mun. da Leopoldina e Estado de Minas Geraes.

CONCEIÇÃO. Furo do Estado do Pará, no mun. de Chaves.

CONCEIÇÃO DAS CREOULAS. Dist. policial do Estado de Pernambuco, no mun. de Cabrobó, banhado pelos riachos Ouricury e Conceição.

CONCEIÇÃO DO RAYMUNDO. Séde de um dos dists. judiciarios do termo de Teffé; no Estado do Amazonas.

CONCHAS. Bahia no littoral do Estado da Bahia. Nella desagua o rio Mugiquissaba.

CONCHAS. Dist. de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Foi desmembrado do mun. do Tieté e annexado ao de Pereiras pela Lei n. 681 de 14 de setembro de 1899.

CONCORDIA. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Guimarães, 51 kils. distante da villa. Não tem importancia.

CONDAPUHY. Corr. *cundá-puy-y*, rio torto e profundo. (Dr. T. Sampaio). *Condapuhy*, corruptela de *Cundá-poi*, sinuoso e estreito. De *cundá*, retorcido, enroscado, cheio de voltas e revoltas; *poi*, estreito, adelgaçado (Dr. J. M. de Almeida).

CONDEGO. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do rio Beberibe.

CONDEUBA. Vide *Caranahyba*.

CONGONHA. Corr. *congõi*, o que sustenta, a herva mate (Baptista Caetano).

CONGONHAS. Cachoeira no rio Tieté, proximo á foz do rio Jacaré-pepira-assú; no Estado de S. Paulo. « *Congonhas*, diz o Dr. J. Mendes, corruptela de *Gu-ong-ong-a*, muitos impedimentos. De *gu*, reciproco; *ong*, impedir, repetido para exprimir superlativo, com o accrescimo de *a*, por acabar em consoante ».

CONGONHAS DO CAMPO. Dist. de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Ao *Jornal do Commercio* enviei a seguinte noticia: Em romaria piedosa ao Sanctuario de Congonhas do Campo, parti desta Capital, no nocturno de Minas, a 6 do corrente e ás 8½ horas da manhã seguinte cheguei á estação do Jubileu, situada entre Gagé e Congonhas. Ahi tomei o trem do Sanctuario, que depois de um percurso de mais de nove kils. conduzio-me ao arraial de Congonhas. Apenas desembarquei dirigi-me ao Sanctuario e prosternado aos pés do Senhor Bom Jesus, encaminhei a Deus fervorosas preces. No dia seguinte confessei-me e por accasião da missa, a que assisti, recebi a sagrada communhão. Fiz distribuir, em memoria do meu idolatrado filho, pão a 50 pobres. O arraial, visto á distancia, offerece uma topographia bonita e tem uma certa poesia que encanta. Situado em duas lombadas de uma serra, que vai expirar no rio Maranhão, é o arraial dividido por um rio em duas partes, uma onde ficam a Matriz e a capella de N. S. do Rozario, que pertence ao mun. de Ouro Preto; e outra onde ficam o Sanctuario e a capella de S. José, que pertence ao mun. de Queluz. A parte, em que fica o Sanctuario, tem jurisdicção ecclesiastica propria, independente da freg. A parte, em que fica situada a Matriz, isto é, á margem dir. do rio, é cercada pelas serras denominadas do Pires, Engenho, Ouro Branco, e mais distantes as denominadas Bôa Morte e Camapuan. Differentes rios regam a freg., taes como o Santo Antonio, Bananal, Casa Branca e Rodeio ou Soledade, todos desaguando no rio Maranhão. Encontram-se ainda nella as lagôas de Congonhas, da Cóta, do Malta, Comprida, de Dentro, do Inhame e da Fazenda do Meio. Toda a freg. é muito rica em mineraes, principalmente ouro, manganez e ferro, que é inexgotavel. As principaes minas de ouro em exploração são as do Morro das Almas, Goiabeiras, Veieiro e Fazenda do Engenho. O arraial é tristissimo, á excepção da epocha do jubilêo. Com casas muito velhas e ennegrecidas, sempre fechadas; com duas ruas pessimamente calçadas; sem a menor industria, sem commercio, com uma pop. pouco affeita ao trabalho, o arraial offerece ás vistas do observador um aspecto que contrista. O Sanctuario do Bom Jesus é um templo velho, feio e sem a menor architectura. Fica em um dos pontos mais elevados do arraial, no Alto do Jatobá ou Alto do Maranhão, com a frente voltada para NE. Tem de fronte um jardim, onde se acham os seis Passos, trabalho do Alejadinho. Precede-o um vasto adro com as estatuas dos Apostolos, muito grosseiras e que estão em desproporção, pela sua altura, com o adro; são obras do mesmo Aleijadinho. A egreja tem na frente duas torres, encimadas por duas cruzes e dous anjos sobre um globo, duas janellas, um relogio e um mostrador. Ao lado direito da porta da entrada os peregrinos de Juiz de Fóra collocaram uma Cruz de marmore com a seguinte inscripção: « *Homenagem do Commercio Catholico de Juiz de Fóra. Anno 1900-1901 Jesus Christo Deus Homo. Vivit Imperat Regnat* ». Logo á entrada encontram-se duas pias de agua benta, a pia baptismal, um tapa-vento, dous confissionarios e differentes paineis sobre assumptos religiosos e pintados de 1772 a 1777. No côro ficam um orgão e outros paineis, pintados na mesma data. No corpo da egreja encontram-se dous pulpitos, feitos em 1763, e dous altares, o do lado do Evangelho com S. Francisco de Paula e o do lado da Epistola com Santo Antonio. Ornam as paredes bonitos retabulos e os quadros da Via Sacra. Na capella-mór existe um altar, todo de marmore, com o Senhor Crucificado no throno, abaixo Maria Santissima, Santa Anna e quatro anjos. Ladeam o altar-mór Santa Veronica, Santo Longuinho, Santa Luzia e Santo Antonio. No frontal apresenta-se á adoração dos fieis o esquife do Senhor. Ornam as paredes da capella-mór diversos retabulos representando a paixão de Nosso Senhor Jesus Christo. No corpo da egreja e sob o arco-cruzeiro ficam diversas sepulturas. Nos fundos do altar-mór fica a Sacristia com um arcaz sobre o qual está collocado um oratorio com o Senhor Crucificado, tendo aos lados duas custodias com o Santo Lenho; um *lavabo* e cinco paineis com assumptos sacros. No tecto encontram-se os retratos dos Bispos da diocese e do Papa Pio VI. Ao lado direito da egreja fica a capella do Sagrado Coração de Jesus, com um altar e nelle o Sagrado Coração de Nosso Senhor Jesus Christo, tendo aos lados N. S. de Lourdes e S. José; e a capella dos milagres com as imagens grosseiras do Senhor Bom Jesus, do Senhor do Triumpho e de S. Vicente de Paulo. Nesta capella encontram-se centenas de milagres, alguns de 1761, 1763 e 1778. Atraz da egreja fica o collegio do Bom Jesus, que é um pardieiro, e ao lado esquerdo a casa dos romeiros com uns cem quartos immundos. Não se sabe ao certo a data em que começou no arraial a devoção do Senhor Bom Jesus; sendo certo que em 1757 Feliciano Mendes foi curado por um milagre de grave enfermidade, pelo que consagrou-se ao serviço do Senhor Bom Jesus. Por despacho de D. Frei Manoel da Cruz, de 1757, foi autorisada a construcção da actual egreja. A licença para o jubilêo foi concedida em 1792; a principio para dous jubilêos, um a 3 de maio e outro a 14 de setembro. Actualmente ha apenas um, que começa a 8 e termina a 14 de setembro. O collegio do Bom Jesus affigurou-se-me peior que uma senzala das antigas fazendas. Foi fundado e entregue aos padres lazaristas em 1827. Actualmente é dirigido pelos Maristas, trazidos de França pelo bispo D. Silverio. A Matriz fica situada em logar elevado, com a frente voltada para o Santuario. Precede-a um adro, que serve de cemiterio. Tem na frente duas torres, duas janellas e a porta de entrada, encimada por um medalhão com a corôa imperial. O interior é despido de ornatos; os altares são sem gosto e muito pobres. Tem o altar-mór com a imagem de N. S. da Conceição no throno, e abaixo Santo Antonio e o Sagrado Coração de Jesus. Ladeiam o altar-mór dous nichos com Santa Barbara e S. Jeronymo. No corpo da egreja ha quatro altares: o do Senhor dos Passos, o de N. S. das Dores, o de N. S. do Carmo e o de Sant'Anna; tem dous pulpitos. A capella de S. José é um modesto templo situado na rua que conduz ao Sanctuario. Tem tres altares: o de S. José, o de Santa Quiteria e o do Senhor dos Passos; possue um só pulpito. A frente compõe-se de duas torres, duas janellas e a porta de entrada. A' direita levanta-se um grande cruzeiro. A capella de N. S. do Rosario fica do lado esquerdo e pouco distante da Matriz, em um dos pontos mais elevados do arraial. Tem dous altares: o de N. S. do Rosario e o das Mercês.

CONQUISTA. Morro do Estado de S. Paulo, na margem dir. do rio Guarehy.

CONQUISTA. Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

CONQUISTA. Dist. de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Foi desmembrado do mun. de Bom Fim e annexado ao de Itauna pela Lei n. 319 de 16 de Setembro de 1901.

CONSELHO. Tendo sido o Governador-Geral D. Diogo de Mendonça Furtado preso e conduzido para Hollanda e estando os hollandezes senhores da capital da Bahia, reu-

nio-se no Rio Vermelho, no monte situado na costa da pov. da Mariquita, um conselho, composto do auditor-geral Antonio de Mesquita e Oliveira, Coronel Lourenço Cavalcante de Albuquerque e de João de Barros Cardozo, todos portuguezes, afim de reunirem gente para atacar os hollandezes no Dique, que lhes servia de defeza, fortificando-se primeiramente os portuguezes no referido monte, que desde então ficou conhecido por *Monte do Conselho*.

CONSOLAÇÃO. Bairro do mun. de Taubaté e Estado de S. Paulo, com escola.

CONSOLO. Log. do mun. de Agua Preta do Estado de Pernambuco.

CONSOLO. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. do Limoeiro, ao S. e a seis kils. da cidade deste nome e do lado da margem dir. do rio Capibaribe.

CONSUL ITALIANO. Ilha do Estado do R. G. do Sul, no rio Guahyba.

CONTAGEM. Corrego do Estado de Goyaz, affl. do rio Arraial Velho, trib. do rio Maranhão.

CONTAGEM. Dist. do Estado de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Foi desmembrado do mun. de Sabará e annexado ao de Santa Quiteria pela Lei. n. 319 de 16 de setembro de 1901.

CONTENDAS. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Topada, que o é do Capibaribe; no mun. de Taquaretinga.

CONTRA AÇUDE. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Gurjaú, que o é do rio Pirapama; no mun. de Jaboatão.

CONTRA--MARÉ. Paraná-miry do Estado do Pará, na subprefeitura de Itanduba e mun. de Cametá.

CONVENTO. Um dos extremos da cidade de S. João da Barra, no Estado do Rio de Janeiro. E' assim denominada porque as familias que ahi residiam não chegavam á janella e pouco sahiam á rua.

CONVENTO. Bairro do mun. de Mogy das Cruzes e Estado de S. Paulo.

ÇOÓ. Subs., o animal, a caça, o bicho, a carne: Notavel é aqui a semelhança com o grego *zoó*, que tem o mesmo significado (Dr. T. Sampaio).

COQUEIRO. Com este nome dá noticia o *Almanak Sergipano* (1901) de tres arraiaes nos termos do Lagarto, Itaporanga e Riachão.

COQUEIRO. Log. do Estado da Bahia, no termo de Belmonte, nos riachos Passuhy e Pezo.

COQUEIRO. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Buique. Dão-lhe 920 ^{ms}. de altitude. « Fica ao NO. da séde, terminando repentinamente a E. em um paredão vertical de 220 ^{ms}. de altura e mais 30 kils. de comprimento, em toda sua extensão.

COQUEIRO DE ESPINHOS. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. do Rio Manso e mun. do Bom Fim.

COQUEIROS. Log. na cidade de S. João da Barra, no Estado do Rio de Janeiro. Ahi ficam dous cemiterios, um municipal e outro da Irmandade do Santissimo Sacramento.

COQUEIROS. Bairro do Estado de Minas Geraes, no dist. do Carmo da Escaramuça.

COQUEIROS. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Pardo; no mun. de Batataes.

COQUEIROS. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Piracicaba.

COQUEIROS (Santa Rita de Cassia dos). Bairro do mun. de Cajurú, em S. Paulo. Accrescente-se no fim: Foi elevado a dist. de paz pela Lei n. 680 de 14 de setembro de 1899.

COQUEIROS (E. Santo dos). Dist. de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Foi desmembrado do mun. de Dôres da Bôa Esperança e annexado ao mun. de Campos Geraes pela Lei n. 319 de 16 de Setembro de 1901.

CORACY-PARANÁ. Igarapé do Estado do Pará, affl. do Gurupy (Dr. G. Dodt. *Relatorio*). Vide *Coroacy-paraná*.

CORALINA. Serra do Estado de Pernambuco, ao N. da Villa de S. Bento.

CORAPINA. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. de Itacoatiara.

CORAÚ. Dous morros pertencentes á serra Cubatão; no mun. de S. Vicente e Estado de S. Paulo. Esta palavra é corruptela de *Coi-raú*, duvidosamente pegados. Allusivo a serem levantados tão juntos, um ao outro, que ha duvida se são pegados.

CORCOVADO. Morro no mun. da Natividade e Estado de S. Paulo.

CORCUNDA. Riacho do Estado da Bahia, banha a cidade de Santo Amaro, e desagua no rio Subahé.

CORCURANAS. Log. do Estado de Pernambuco, entre os montes Guararapes e o mun. da Muribeca.

CORDÃO. Cachoeira, com salto, no rio Mogy-guassú e Estado de S. Paulo.

CORDEIRO. Estação da E. de F. do Recife á Varzea e Dous Irmãos, no dist. da Varzea, Estado de Pernambuco, entre as estações do Zumby e Iputinga, distante da inicial do Recife 5,500^{m}.

CORDEIRO. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. do Recife e desagua no Capibaribe.

CORDEIRO. Pequeno rio que desagua na margem dir. do Sabauna; no mun. de Cananéa e Estado de S. Paulo.

CORDEIRO. Rio do Estado de Pernambuco, affl. do Ipanema. Accrescente-se no fim: Nasce na serra do Papagaio e banha a pov. de Santo Antonio do Tará. Recebe entre outros, o riacho da Lage.

CORDEIROS. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. de S. Gonçalo da Ponte e mun. do Bom Fim.

CORDEIROS. Bairro do mun. da Limeira em S. Paulo. Accrescente-se no fim: Foi elevado a dist. de paz pela Lei n. 645 de 7 de agosto de 1899.

CORISCO VELHO. Corredeira no rio Paranapanema, acima da foz do rio Guarehy; no Estado de S. Paulo.

CORIXO DA BOCAINA. Log. do Estado de Matto Grosso, no dist. de Corumbá.

CÔRO. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. do Limoeiro.

CORÔA ALTA. Ilhote de areia no littoral do Estado da Bahia, no centro do recife Itassepanema. Sempre fica fóra d'agua.

CORÔA DO CAPIM. Log. do Estado da Bahia, no termo de Belmonte.

CORONEL CARNEIRO. Rio do Estado do Paraná, affl. da margem esq. do Serra Negra.

CORONEL CUNHA. Vallão affl. esq. do rio Paraiyba, no mun. de S. Fidelis e Estado do Rio de Janeiro.

CORONEL ORLANDO. Estação do E. de F. Mogyana, no kil. 57 do Tronco. Foi aberta ao trafego a 25 de Dezembro de 1901.

CORONEL PONCE. Dist. do mun. da capital do Estado de Matto Grosso.

CORONHA. Arraial do termo de Gararú, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano.* 1901).

CORRÊA. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. de Mogy das Cruzes.

CORRÊA. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. de Itacoatiara.

CORRÊA. Ribeiro do Estado de Pernambuco, desagua no rio Cotunguba, affl. do Capibaribe.

CORRÊA. Corrego do Estado de S. Paulo, no mun. de Lençóes. Vai para o rio deste nome.

CORRÊAS. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

CORREDEIRA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. do rio Feio.

CORREDEIRAS. Bairro do Estado de S. Paulo, no mun. da Fartura.

CORREDOR. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Perová, trib. do Tieté.

CORREGO ALEGRE. Log. no dist. da cidade de Ubá; no Estado de Minas Geraes.

CORREGO DA LUZ. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Indayassú.

CORREGO DA MACHINA. Log. do Estado do E. Santo, no mun. de Alfredo Chaves.

CORREGO DA MATTA. Nucleo colonial na cidade de Bello Horizonte, capital do Estado de Minas Geraes. Contem 144hects. 8200 de terreno, divididos em 75 lotes, dos quaes 71 occupados. Tem uma pop. de 187 almas (1901).

CORREGO DAS POMBAS. Bairro na cidade de Barbacena, no Estado de Minas Geraes.

CORREGO DO CORREDOR. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Cabrobó.

CORREGO DO MARIANO. Log. do Estado de Minas Geraes, no dist. da cidade de Caratinga.

CORREGO DO OURO. Dist. do Estado de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Foi desmembrado do mun. de Tres Pontas e incorporado ao mun. de Campos Geraes pela Lei n. 319 de 16 de Setembro de 1901.

CORREGO DOS DOUS IRMÃOS. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. da Capital, banhado pelo rio Cuyabá e ribeirão Acorisal.

CORREGO DOS FRANÇAS. Log. do Estado de Minas Geraes, no dist. de Baraunas e mun. de Guanhães.

CORREGO DO VEREMOS. Log. do Estado da Bahia, no mun. de Belmonte.

CORREGO GRANDE. Pov. do Estado de Santa Catharina, no mun. da Capital. E' ainda mais rareado que o do Pantanal ficando suas habitações suspensas quais todas a encostas e socalcos de morros, cortadas de fios de agua numerosos e de uma cachoeira; a 400 metros mais ou menos de altura e que nasce no contraforte do morro do Padre Doutor. As culturas ahi compõe-se de cafezaes e cannaviaes. Os engenhos são numerosos, fabricando-se nelles assucar, melado e cachaça.

CORREGO SECCO. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

CORRENTE. Serra do Estado do Maranhão, entre o campo marginal do Pindaré e a matta do Gurupy. Della nasce o rio Corrente, depois Cacáo, affl. do Tocantins.

CORRENTE. Rio do Estado do Paraná, affl. do Putinga.

CORRENTE. Rio no mun. de Araraquara em S. Paulo. Accrescente-se no fim: Desagua pela margem esq. no Jacaré-pepira-assú.

CORRENTINHO. Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. de Guanhães.

CORRIOLA. Rio do Estado do Paraná, banha o mun. do Serro Azul e desagua no Assunguy.

CORRIOLINHA. Dist. policial do termo de Serro Azul, no Estado do Paraná.

CORTA-PÉ. Lagôa do Estado de Matto Grosso, no mun. de Corumbá.

CORTIÇO. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Chaves. Vai para o rio Arrozal.

CORTUME. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Gravatá e desagua no rio Ipojuca.

CORUJA. Rio affl. do Assunguy em S. Paulo. Accrescente-se no fim: O Conselheiro Martim Francisco, em seu trabalho citado, escreveu: « No ribeirão das Corujas, cuja natureza geognostica parecia prometter ouro grosso de manchas, que eu mandei correr até á serra, *onde desapparece mettendo-se debaixo della por entre rochedos*, e que eu mandei socavar, nada apresentou na batêa; somente achei nas suas margens pedras espalhadas de um verdadeiro silex amarello escuro, e entre a brecha já dita, maus crystaes de rocha. » Segundo outros, esse ribeirão, em tempo secco, é muito insignificante; porém, com qualquer chuva, enche-se o leito de quatro braças de largura, alaga toda a visinhança e dá nado. Da mesma maneira baixa com rapidez. Nasce de um morro agudo na Serra Negra.

CORUJINHA. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Pardo, no mun. de Botucatú. E' tambem denominado *Bosque*.

CORUMBÁ. Composto de *curú-mbá*, seixos esparsos. cascalho raso; *corumbá*, *corumbé*, *carumbé*, a tartaruga; o cesto redondo e chato; Goyaz, Matto-Grosso (Dr. Theodoro Sampaio).

CORUMBÁ. Villa de Goyaz. Accrescente-se no fim Foi elevada á cidade pela Lei n. 237 de 9 de Julho de 1902

COSME. Ribeirão do Estado de S. Paulo, no mun. do Capão Bonito do Paranapanema, nas divisas do dist. da Capella de Bôa Vista.

COSTA DO PAU D'ARCO. Arraial do termo de Itaporanga, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano.* 1901).

COSTÃO DE PERNAMBUCO. Serra no mun. de Itanhaen proxima do littoral; no Estado de S. Paulo.

COSTAS. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da cidade de Bom Fim. Do mesmo mun. nos informam haver um outro pov. de nome identico no dist. de Sant' Anna do Paraopeba.

COSTEIRA DO RIBEIRÃO. Log. do Estado de Santa Catharina, no mun. da capital; com escola.

COTEGIPE Corrupção de *acuti-gy-pe*, no rio da cutia; Bahia; corrupção de *coti-gy-pe*, no rio torto ou sinuoso (Dr. Theodoro Sampaio).

COTICAHEN. (corruptela de *Coti-caren*, voltas tortas). Canal no mun. de Cananéa e Estado de S. Paulo. E' assim denominado pelo facto de ser visto o mesmo lugar muitas vezes, por causa das voltas e tortuosidades do canal.

COTIJUBA. Corr. *acuti-yuba*, a cutia fulva; Pará (Dr. Theodoro Sampaio).

COTINDIBA. Corr. *cotî-dyba*, voltas ou sinuosidades em abundancia; nome de um rio de Sergipe notavel pelas muitas tortuosidades do seu canal de entrada (Dr. Theodoro Sampaio). Gabriel Soares escreveu *Cotigipe*. Hoje se diz *Cotinguiba*.

COTUNDUBA. Corr. *cotî-dyba*, muitas voltas, vagas ou vae-e-vens em abundancia; nome de uma das ilhas á entrada da bahia Rio de Janeiro, alludindo ás difficuldades do accesso da dita ilha. Vide *Cotindiba* (Dr. Theodoro Sampaio).

COUROS. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Pirapitinguy; no mun. de Mogy-mirim.

COUROS. Ribeirão de S. Paulo, no mun. da capital. Linhas 2 em logar de —no rio dos Pinheiros — na margem esq. do Tamandoatehy, reunido ao ribeirão dos Meninos.

COUTOS. Passo no arroio Imbahá e Estado do R. G. do Sul.

COUVES. Duas ilhas situadas a E. da bahia de Ubatuba; no Estado de S. Paulo.

COVA DA DEFUNTA. Serra do Estado de Pernambuco, no dist. do Bonito.

COVA DA PEDRA. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. do Granito e desagua no Brigida.

COVALSINHO. Log. do Estado de Paraná, no mun. de Imbituva. Ahi acha-se um nucleo colonial, distante 30 kils. da villa e proximo á estação do Iraty da E. de F. de S. Paulo ao Rio Grande. Seus habs. são polacos.

COXILHA DOS LOUCOS. Bairro do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Uruguayana.

COXINGÓ. Serra do Estado de Pernambuco, nos muns. de Cimbres e Conceição da Pedra.

COXINGÓ. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Cimbres e desagua na margem esq. do rio Ipojuca.

COXOS. Corrego do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Lençóes e vai para o rio deste nome.

CRAJAUNA. Corr. *carayá-una*, o mono preto; nome de um monte á margem do rio Una de Iguape; S. Paulo (Dr. Theodoro Sampaio).

CRAUNA. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de N. S. das Dores (*Almanak Sergipano*. 1901).

CRAVASSÚ. Corr. *carauá-açú*, gravatás grandes; Bahia (Dr. Theodoro Sampaio).

CRAVATÁ. Ilha no mun. de Arayoses do Estado do Maranhão.

CRESCENDUBA. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do Itapetininga; serve de divisa aos muns. de Sarapuhy e Itapetininga.

CRESCIUMA. Log. do Estado de Minas Geraes, no mun. de S. Manoel.

CRESCIUMA. Estação do Ramal de Santa Rita do Paraizo; no Estado de S. Paulo. Foi inaugurada em 1º de Junho de 1900. Fica no kil. 19.

CRICARÉ. Corr. *cari-caré*, o cary torto, o peixe roncador e cascudo (*Rhinelepis aspera*. Spix); Bahia, Espirito Santo. Foi o nome primitivo do rio S. Matheus (Dr. Theodoro Sampaio).

CRIMIRY. Lago do Estado do Amazonas, na com. de Itacoatiara nos limites da sub-prefeitura do Autaz.

CRIOULAS. Arraial no termo de Itaporanga do Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

CRUCIFIXO. Log. do Estado do E. Santo, no mun. de Guarapary, com uma capella que tem por orago o Senhor Morto.

CRUEIRA. Serra do Estado do Maranhão, no mun. de Grajahú.

CRUMAHY. Rio do Estado de S. Paulo, na ilha de Santo Amaro. Desagua no rio da Bertioga.

CRUMARIM. Serra entre os dists. de Guaratiba e Campo Grande, no Districto Federal.

CRUVINAS. Lagôa do Estado do Maranhão, no mun. do Brejo.

CRUZ. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. da Pedra. Faz parte da cordilheira, que, partindo de Cimbres com o nome de Ororubá, vai depois tomando as denominações de Gamelleira, Jardim, Paxinanam, Macacos, Lages, etc.

CRUZ. Morro do Districto Federal, na ilha de Paquetá.

CRUZ. Ilha do Estado de Pernambuco, no rio S. Francisco, entre Petrolina e Boa Vista.

CRUZ. Lagôa no mun. de Granito do Estado de Pernambuco.

CRUZ. Corredeira no rio Tieté; no Estado de S. Paulo.

CRUZ. Passo no rio Quarahym e Estado do R. G. do Sul. Estabelece communicação entre o mun. de Uruguayana e a Republica do Uruguay.

CRUZ (Santa). Log. do Estado do Maranhão, no mun. de Tury-assú.

CRUZ (Santa). Pov. no mun. da Victoria do Baixo Mearim, á margem esq. do rio Mearim e a montante da villa. Dista seis kils. da pov. da Lapella.

CRUZ (Santa). Bairro da cidade do Penedo; no Estado das Alagôas.

CRUZ (Santa). Arraial do Estado de Sergipe, no termo do Soccorro (*Almanak Sergipano*. 1901).

CRUZ (Santa). Bairro no mun. de Belem do Descalvado; no Estado de S. Paulo; com duas escs. creadas pela Lei n. 706 de 23 de Agosto de 1900.

CRUZ (Santa). Nucleo colonial do Estado do Paraná, a 12 kils. da cidade de Paranaguá. Conta 48 lotes com a área total de 768 hectares. E' povoado por italianos e brazileiros.

CRUZ (Santa). Log. do Estado do R. G. do Sul, no 1º dist. do mun. de Gravatahy; com escola.

CRUZ (Santa). Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. do Rio Preto e mun. de Diamantina.

CRUZ (Santa). Log. e corrego do Estado de Matto Grosso, no dist. de Miranda, proximo ao rio Perdido.

CRUZ (Santa). Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Santo Antonio de Padua.

CRUZ (Santa). Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha o mun. do Bom Jardim e desagua na margem dir. do rio Grande.

CRUZ DA MATTA. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Agua Preta.

CRUZ DAS ALMAS. Morro do Estado de Minas Geraes, no mun. do Pomba.

CRUZ DAS ALMAS. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. do Buique e desagua no rio Ipanema. Recebe o riacho do Queimado.

CRUZ DAS ARÊAS (Santa). Dist. do mun. de Jacuhy, no Estado de Minas Geraes. Foi desmembrado do mun. de S. Sebastião do Paraizo pela Lei n. 319 de 16 de setembro de 1901.

CRUZ DE S. MIGUEL. Pov. do Estado de Pernambuco, no mun. de S. Miguel, com uma capella.

CRUZ DO NORTE (Santa). Log. do Estado do E. Santo, no mun. de Moniz Freire.

CRUZ DO PARAIZO (Santa). Dist. creado pelo Dec. de 20 de janeiro de 1899 na com. de Pirajú e Estado de S. Paulo.

CRUZ DO SEABRA (Santa). Log. de Sergipe. Em logar de Seabra leia-se *Siebra*.

CRUZ DO VALERIO. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Petrolina.

CRUZEIRO. Morro do Estado da Bahia, na cidade do Bom Fim. Na sexta-feira da Paixão costumam fazer uma romaria a esse morro.

CRUZEIRO. Morro em cuja encosta está assente a cidade de Palmyra; no Estado de Minas Geraes.

CRUZEIRO. Morro do Estado de Minas Geraes, na cidade de Bello Horizonte, com a caixa d'agua e um grande cruzeiro.

CRUZEIRO. Villa de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Foi sua séde transferida para a estação do mesmo nome pela Lei n. 789 de 2 de outubro de 1901.

CRUZES. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do Tieté; no mun. de Araraquara. Atravessa a lagôa Bacury.

CRUZ PEQUENA. Bairro do mun. de Pindamonhangaba e Estado de S. Paulo; com uma esc. mixta, creada pela Lei n. 643 de 7 de agosto de 1899.

CRUZ PRETA. Bairro no mun. do Parnahyba do Estado de S. Paulo.

CRYSTAES. Estação da E. de F. Mogyana, na linha do Rio Grande, no kil. 438.

CRYSTAES. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Paranapanema; no mun. de Santa Cruz do Rio Pardo.

CRYSTAES. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Juquery, entre os muns. de S. Paulo e Jundiahy.

CRYSTAES. Ribeirão do Estado de S. Paulo. Vai para o Rio Pirapitinguy, affl. do Tieté.

CRYSTAES. Corredeiras no rio Paranapanema, abaixo do Salto Grande, depois que o rio faz uma pequena volta para o sul. E' uma serie de cachoeiras esse trecho do rio Paranapanema, mais de cinco kils. Além do canal muito sinuoso, a velocidade das aguas é o seu principal caracteristico; em uma dessas cachoeiras as aguas são muito agitadas, de sorte que, mesmo pelo canal mais largo, a passagem é perigosa. Na ultima, formada lateralmente por paredes graniticas, as aguas entram e correm com maior impetuosidade, em forte declive. Julgo util transcrever um trecho do *Resumo do itinerario de uma viagem exploradora emprehendida por ordem do Barão de Antonina*: « Entramos no Paranapanema, que corre com 60 braças de largura de ONO., por baixios e corredeiras até o morro dos Monos, onde pousamos com uma e meia leguas de marcha da foz do Itararé e rumo de NNO. A's sete horas da manhã (dia seguinte) seguimos entre serranias por fortes corredeiras, que findam em curto canal de 10 a 12 braças de largura, com duas ilhotas em sua desembocadura, donde o rio voltêa para NNO. por baixios e corredeiras até a cachoeira do *Crystal*, onde conduzimos á mão as canôas vazias, e pousamos com duas leguas e meia de marcha a rumo geral de ONO. ».

CRYSTALLINA. Pequena lagôa do Estado da Bahia, no dist. do Riacho da Guia, termo de Alagoinhas. Dizem-na encantada e a consideram perigosa por ter desapparecido nella, ha muitos annos, uma mulher.

CUANGUERY. Log. do Estado de Santa Catharina, no mun. de Imaruhy; com escola.

CUBAS. Ribeirão do Estado de S. Paulo; desagua na margem dir. do rio Tieté, entre os rios Guapyra e Baquirivú.

CUBATÃO. Serra do Estado de S. Paulo, no mun. de Monte Alto e com. de Jaboticabal.

CUBATÃO. Serra do Estado de S. Paulo, no mun. de Cajurú.

CUBATÃO. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Ribeira de Iguape; no mun. de Xiririca.

CUBATÃO. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do Sorocaba; no mun. deste nome.

CUBICULO. Log. do Estado da Bahia, no mun. de Cannavieiras. E' tambem denominado Porto Alegre.

CUBO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, nas divisas do dist. de Brodowski.

CUCANHA. Ribeirão no mun. de Caraguatatuba do Estado de S. Paulo. Desagua no oceano. Cucanha é corruptela de *Cũi-canhy*, cahe e some-se. Allusivo a sumir-se sob pedras e penhascos quando cahe da serra; reapparecendo depois.

CUI. Subs., a farinha, o pó, a pocira; alt. *cuy* e *uy* (Dr. Theodoro Sampaio).

CUITY. Rio do Estado do Amazonas, no mun. da Labrea.

CUMARÚ. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. do Bom Jardim, com uma fabrica de descaroçar algodão. Esta palavra, segundo Montoya, significa *alimento indigesto*, de *cuma*, alimento, e *ru*, indigesto.

CUMARÚ. Rio do Estado do Pará, no mun. de Vigia. Reune-se com o rio Ubituba no dist. de Porto Salvo.

CUMBE. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de Itaporanga (*Almanak Sergipano*, 1901). Este vocabulo, segundo Montoya, significa amordaçar, pôr freio.

CUMBE. Bairro da cidade do Bom Fim, no Estado da Bahia

CUMBE. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Amaragy. Esta palavra significa, segundo Montoya, amordaçar, pôr freio.

CUMBE. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Amaragy e desagua na margem esq. do rio deste nome.

CUMBE. Riacho do Estado de Pernambuco; nasce na serra do Gavião. ao N. da pov. de Alagoinhas e della distante seis kils. (mun. de Cimbres) e desagua no rio Ipanema após um curso calculado em 24 kils.

CUNANY. Sub-prefeitura creada pelo Dec. n. 1.062 de 7 de agosto de 1901 no dist. de Cassiporé do territorio de Aricary; no Estado do Pará.

CUNANY. Rio do Estado do Pará, banha a pov. de Santa Maria de Cunany e desagua no oceano. Rega o territorio do Aricary. (*Carta* do territorio do Aricary de José Lobo Pessanha. Pará. — Agosto — 1901). Vide *Coanany*.

CUNHÃ. Subs., a mulher, a femea dos animaes; suff. para indicar o sexo feminino dos substantivos, como: *yaguaracunhã*, a cadella, *suacú-cunhã*, a veada (Dr. Theodoro Sampaio).

CUNHAMBEBE. Nome de um principal dos Tamoyos ao tempo de Nobrega e Anchieta. Hans Staden, que o conheceu, escrevia Konyan-Bebe. Lery escreveu Konian-Bebe. Os portuguezes escreveram Cunhambebe. « *Cunhambebe*, diz o Dr. Theodoro Sampaio, é composto de *cunhã*, mulher; *beba* ou *peba*, baixa, chata, rasteira, gorda; corrupção de *cunhã-bêbo*, ficando mulher, parecido com mulher ».

CUNHÃ-MOÇÚ. Iguarapé affl. do rio Gurupy. Desagua do lado do Maranhão. (Dr. G. Dodt. *Relat.*).

CUNHAPIRÚ. Composto de *cunhã-pirú*, mulher magra, secca; pode ser ainda: o passo, o vão, o secco da mulher, logar do leito do rio dando passagem a váu; R. G. do Sul (Dr. Theodoro Sampaio).

CUNHAS. Pov. do Estado de Santa Catharina, no mun. de Itajahy, com. escola.

CUNHAÚ. Corrupção de *cunhã-y*, rio das mulheres ou das femeas. (Dr. Theodoro Sampaio). *Cunhary*, composto de *cunhã-r-y*, tem a mesma significação.

CUPECÊ. Bairro do mun. de Santo Amaro; no Estado de S. Paulo. Tambem escrevem *Cupencê*. « *Cupecê*, diz o Dr. Theodoro Sampaio, é composto de *cú-pecê*, lingua partida, campo partido; corrupção de *co-pecê*, a roça dividida ou partida.

CUPETY. Pov. do Estado de Pernambuco, á margem do riacho do seu nome no mun. de Alagôa de Baixo, com uma capella.

CUPIOBA. Composto de *cupi-ob*, o formigueiro que alastra, logar coberto de formigas ou cupim; Bahia (Dr. Theodoro Sampaio).

CURAÇÁ. Corrupção de *corá-açá*, travessia de cercados, de curraes. E' palavra de origem duvidosa; Bahia (Dr. Theodoro Sampaio).

CURICOARA. Log. do Estado do Pará, na subprefeitura de Urixiacá e com. de Santarem.

CURIMATAHY. Dist. do Estado de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Consta que a Egreja Matriz foi edificada de 1760 a 1770. O clima é geralmente saudavel. A quatro kils. do arraial ha excellentes minas de salitre inexploradas e muita pedra de ferro. Suas terras são bôas para cultura e produzem em abundancia cereaes. Ha poucas mattas virgens, existindo muitas capueiras.

CURITYBA. Vocabulo composto de *curi-tyba*, e que significa pinhal, matta de pinheiros, pinhões em abundancia. Tambem dizem *Curitiba* e *Curituba*.

CURITYBA. Pov. do Estado de Sergipe, no mun. de Porto da Folha.

CURRAL. Um dos extremos da cidade de S. João da Barra, no Estado do Rio de Janeiro, á margem dir. do rio Parahyba. Ahi fica o matadouro.

CURRAL DE ARROIOS. Arroio do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Santa Victoria do Palmar.

CURRAL DE PEDRAS. Serra do Estado da Bahia, no mun. de Chique-Chique.

CURRAL DOS BOIS. Riacho do Estado de Pernambuco; nasce no mun. de Cimbres e depois de pequeno curso desagua no rio Ipojuca.

CURRAL GRANDE. Log. do Estado do Pará; na sub-prefeitura de Urixiacá, com. de Santarem.

CURRAL GRANDE. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do ribeirão dos Meninos, trib. do Tamamdoatehy; no mun. da capital.

CURRALINHO. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. do Brejo da Madre de Deus, entre os povs. Bello Jardim, do qual dista 18 kils., e S. Caetano da Raposa. Ahi passa a estrada Central de Pernambuco, que tem uma estação no local, aberta ao trafego em 25 de dezembro de 1896 com o nome de Antonio Olyntho.

CURRALINHO. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de Pacatuba. (*Almanak Sergipano*. 1901).

CURRALINHO. Serra do Estado da Bahia, á margem do Prolongamento da E. de F. da Bahia ao S. Francisco, entre as estações de Itú-mirim e Angico. E' constituida por pedra branca.

CURRALINHO. Villa do Maranhão. Accrescente-se no fim: Fica situada a 2 kils. da margem esq. do rio Parnahyba, a NE. e a 114 kils. de Caxias. Exporta algodão e fumo. Comprehende o pov. Boqueirão.

CURRALINHO. Cidade da Bahia. Accrescente-se no fim: Passou a denominar-se Castro Alves pela Lei n. 360 de 25 de julho de 1900.

CURRUBIXATIBA. Arraial do Estado da Bahia, no mun. do Prado, á margem esq. do riacho do seu nome, em frente do mar, em uma planicie que se prolonga até uma distancia de cerca de 400 metros para o interior. Foi um aldeamento de indios.

CURSAHY. Vocabulo guarany que significa; segundo Montoya, *consumido de chorar* — de *cur*, consumir; e *sahy*, lagrima, pranto. Vide *Crussahy*.

CURUAHY. Pov. do Pará. Accrescente-se no fim: Foi elevada á villa pela Lei n. 687 de 23 de março de 1900.

CURUARY. Villa do Estado do Pará, creada pela Lei n. 687 de 23 de março de 1900. Era um pov. do mun. de Alenquer.

CURUARY. Rio do Estado do Pará, no mun. de Affuá,

CURUÇÁ. Região em que foi situada, á margem esq. do rio Tieté, a pov., que é hoje a cidade do Tieté, e cujo nome anterior era *Pirapora de Curuçá*; no Estado de S. Paulo. « *Curuçá*, diz o Dr. Theodoro Sampaio, é corrupção do portuguez *cruz*, que no tupi-guarany se pronuncia *curuzú*; S. Paulo, Rio de Janeiro ».

CURUÇÁ. Riacho do Estado do Maranhão, corre ao SO. da villa do Paço e desagua na margem esq. do Cururuca.

CURUCUTÚ. Especie de coruja parda com duas pennas na cabeça simulando chifres.

CURUCUTÚ. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. do Taquacetuba, que o é do rio Grande ou Jurubatuba.

CURUMITÁ. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. de Teffé.

CURUPÁ. Corrupção de *corupá*, logar da roça ou da plantação, sitio de cultura; alt. *Gurupá*; Pará (Dr. Theodoro Sampaio).

CURUPACÊ. Composto de *curupá-cê*, logar da roça elevado, saliente, bonito; S. Paulo. (Dr. Theodoro Sampaio).

CURUPACHY. Rio do Estado do Pará, no mun. de Affuá.

CURUPAITY. Dizem significar esta palavra lagarto de palmeira, de *curú*, lagarto e *paity*, palmeiral.

CURUPIRA. Genio da mythologia selvagem que presidia os sonhos e os pesadellos. « *Curupira*, diz o Dr. Theodoro Sampaio, é composto de *curú-pira*, o sarnento, o coberto de feridas. »

CURUPIRA. Morro á margem dir. do ribeirão Cachoeirinha; no mun. de Nazareth e Estado de S. Paulo.

CURUPIRA. Morro do Estado de S. Paulo, proximo ao pico Jaragua; no mun. da Capital do Estado de S. Paulo. Ahi houve antigamente exploração de lavras auriferas.

CURUPIRA. Rio do Estado do Maranhão, banha o mun. de Cururupú e lança-se no Toma-juçara.

CURUPIRA. Rio do Estado de Matto Grosso, affl. do Pary, que o é do Paraguay. Tambem escrevem *Currupira*.

CURUPITA. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Affuá. Vai para o rio Sant'Anna.

CURURIPE. Corrupção de *curú-r-y-pe*, no rio dos seixos, no rio dos calháos; Alagôas. Si o vocabulo é corrupto deve ser escripto com a graphia *Cururuipe* de que usou Frei Vicente do Salvador, na sua *Historia do Brasil*, sendo então composto de *cururú-y-pe* e se traduz — *no rio dos sapos* —; nome do rio em cuja barra foi morto e devorado pelos Cahetés o primeiro bispo do Brasil, D. Pedro Fernandes Sardinha, assim como outros naufragos como elle nas costas das Alagôas. (Dr. Theodoro Sampaio).

CURURÚ (Substantivo). O roncador, o que ronca, o sapo grande (*Pipa Cururú*) Pará (Dr. Theodoro Sampaio).

CURURÚ. Quarteirão incorporado ao dist. do Japy, no mun. de Jundiahy e Estado de S. Paulo, por Acto de 5 de maio de 1891.

CURURÚ. Morro pertencente á serra do Japy; no mun. de Cabreuva e Estado de S. Paulo.

CURURUHY. Riacho do Estado do Pará, no mun. de Marapanim.

CURURUPEBA. Composto de *cururú-peba*, o sapo chato, ou esparralhado, o cururú meúdo. Appellido de um principal do gentio da Bahia (Dr. Theodoro Sampaio).

CURURUPÚ. Villa do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira (*obr.* cit.) diz: « Cururupú ou S. João do Cururupú acha-se á margem esq. do rio do mesmo nome, que se lança na bahia Cabello de Velha, cuja entrada está entre o promontorio de Caoca, a E., e a ilha Mangunça, a O. Fica em terreno ligeiramente accidentado, possue muitos edificios de bôa construcção, alguns sobrados, como o da Intendencia Municipal, e duas egrejas, uma na praça da Matriz, e outra no arrabalde Ceará. Outr'ora florescente, está presentemente em decadencia... Na bahia de Mangunça, a bordo do vapor S. Luiz, nasceu em 1861, o poeta Dr. Raymundo Corrêa ».

CURURUPÚ DO MOTTA. Pov. do Estado do Maranhão, 12 kils. á jusante da villa de Cururupú, á margem esq. do rio deste nome.

CURUZÚ. E' o vocabulo *cruz* pronunciado á moda guarani. (Dr. Theodoro Sampaio).

CURVELLO. Corrego do Estado de S. Paulo, no mun. do Ribeirão Preto. Vai para o rio deste nome.

CURYQUETHÊ. Rio do Estado do Amazonas, banha o mun. da Labrea e desagua no rio Ituxy.

CUSCUZEIRO. Pedra notavel á margem do rio Pinheirinho; no mun. de Santo Antonio da Alegria e Estado de S. Paulo.

CUSTODIA. Riacho do Estado de Pernambuco, nasce no mun. de Alagôa de Baixo e desagua no rio Moxotó.

CUYABÁ. Composto de *cuy-abá*, gente forte, valente, esforçada. Nome de uma tribu selvagem encontrada nas margens do affl. do rio S. Lourenço que tem essa denominação; Matto Grosso (Dr. Theodoro Sampaio).

CUYABÁ. Bairro do mun. de Nazareth do Estado de S. Paulo; com escola.

CUYABÁ. Ribeirão do Estado de S. Paulo; reune-se com o ribeirão da Estrada e juntos vão desaguar na margem esq. do rio Atibainha; no dist. de Nazareth.

CUYETÊ. Composto de *cui-êtê*, vaso verdadeiro, real (Dr. Theodoro Sampaio).

CYRILLO. Igarapé do Estado do Pará, no mun. do Curralinho.

CYRINÊO. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. de Guarehy, entre os rios Capivary e Guarehy.

CYRINO. Corrego do Estado de S. Paulo, nas divisas do dist. de Cascavel pertencente á com. de S. João da Bôa Vista.

D

DAMASO. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. de Itacoatiara.

DANTAS. Serra do Estado do Ceará, nas divisas da villa de Grossos.

DANTAS. Morro do Estado do Rio de Janeiro, na cidade de S. Fidelis.

DANTAS. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. de Panellas.

DAR DE CORPO. Defecar, evacuar. Termo usado no sertão da Bahia.

DEFUNTA. Serra do Estado de Pernambuco, a E. da cidade do Bonito, com a altitude de 800 metros e occupando uma área de 1.200m. E' tambem denominada Queimada.

DEFUNTO. Igarapé do Estado do Pará, no mun. do Curralinho. Nasce no rio Mapuá.

DEMETRIO. Salto no rio S. Lourenço; no Estado de Matto Grosso.

DEMETRIO RIBEIRO. Pov. do Estado do E. Santo, no mun. do Pau Gigante.

DENDÊ. Log. do Estado da Bahia, no dist. de Salinas. da Margarida, pertencente ao mun. de Itaparica.

DENDÊ. Log. do Estado da Bahia, na cidade de S. Felix.

DENTRO. Riacho do Estado de Pernambuco, no mun. de Palmares, em territorio da abandonada colonia Soccorro.

DENTRO. Lagôa do Estado de Pernambuco, no dist. do Bebedouro.

DERRADEIRO POUZO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, no mun. do E. Santo da Boa Vista.

DESCALVADO. Morro do Estado de Minas Geraes, nas divisas dos muns. de Ayuruoca e Turvo.

DESCAMPADO. Dist. policial do mun. de Bocayuva; no Estado do Paraná.

DESCAROÇADOR. Ribeirão de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Na *Folha do Rio Claro da Commissão Geogr. e Geol. de S. Paulo*, é mencionado esse ribeirão desaguando na margem esq. do rio do Roque, trib. do Mogy-guassú, e recebendo os corregos da Graminha e de S. Joaquim.

DESEMBARGADOR FURTADO. Estação da E. de F. da Companhia Mogyana, no kil. 25 do Tronco.

DESEMPAMBADO. Positivo, que usa de franqueza. Termo usado no sertão da Bahia.

DESENGANO. Log. do Estado do E. Santo, no mun. do Rio Pardo.

DESERTO. Arraial do Estado de Sergipe, no termo de Simão Dias (*Almanack Sergipano*. 1901).

DESIDERIOS. Bairro do Estado de Minas Geraes, no dist. de Santa Rita da Extrema.

DESORDEM. Serra do Estado do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Sr. Parsonadas de Carvalho, em uma *Conferencia* realisada na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro em 24 de dezembro de 1901, diz: "O nome Desordem dado á serra que se altêa entre a nascente primordial do rio Pindaré e as vertentes do rio Sant'Anna, affl. do Grajahú, é a eternisação da lembrança do grande destroço que a pop. primitiva infligiu na conquistadora no verão de 1813, quando esta tentava se apoderar dos campos marginaes do Pindaré".

DESTERRO. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, no Estado da Bahia. Fica no rio Grande, a 479 kils. distante do Joaseiro.

DESTERRO. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Cimbres.

DESTERRO. Riacho do Estado de Pernambuco, no mun. de Itambé. Sobre elle existe uma ponte.

DESTERRO. Cascata no mun. do Cunha e Estado de S. Paulo. E' extensa; sua queda é vertical, de 25 a 30 metros, formando uma bacia, onde cahem as aguas. E' formada pelo rio Jacuhy e dista da cidade do Cunha cerca de 18 kils.

DIABINHO. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. de S. Philippe.

DIAMANTININHO Ribeirão do Estado de Matto Grosso, banha o mun. da capital e desagua no rio Araguaya.

DIAMANTINO. Pov. no mun. de Tury-assú do Estado do Maranhão, com uma escola, a NO. e a 39 kils. da cidade, entre os rios Diamantino affl. do S. José do Igarapé-assú, e o Estandarte, que desagua na bahia de Carará.

DIAMANTINO. Rio do Estado do Maranhão, banha o mun. de Tury-assú e desagua no S. José do Igarapé-assú, trib. da bahia Mutuoca.

DIAS. Corrego do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Nuporanga e desagua no ribeirão dos Agudos.

DINHEIRO. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Cimbres. E' curiosa pelo facto de que, batendo-se com qualquer instrumento rijo n'uma pedra que nella ha, quadrada e grande, chamada do dinheiro, donde deriva a denominação da serra, produz tal pedra uma vibração similhante ao soar de um sino.

DIREITO. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Topada, no mun. de Taquaretinga.

DISTOQUE. Log. do Estado da Bahia, no termo do Morro do Chapéo.

DIVINO. Bairro da cidade do Rio Preto; no Estado de Minas Geraes; com uma capella do Divino Espirito Santo.

DIVISA. Igarapé do Estado do Pará; no mun. de Afuá.

DIVISA. Corrego do Estado de S. Paulo, atravessa a villa da Fartura. E' assim denominado por separar a Villa Nova da Velha. Vai para o rio Fartura.

DIVISÃO. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Garanhuns, ao N. da cidade deste nome e a 30 kils. ao S. da villa de S. Bento.

DÓ. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Gurjaú, no mun. do Cabo.

DOBRADA. Estação da E. de F. de Araraquara, no ramal do Ribeirãosinho, no Estado de S. Paulo. Agencia do Correio. Fica no kil. 53.930, entre as estações do Mattão e Santa Ernestina.

DOCE. Morro á margem esq. do rio Juquery; no mun. deste nome e Estado de S. Paulo.

DOCE. Riacho do Estado de Pernambuco; nasce na serra da Costella, mun. do Brejo, e corre para o rio Capibaribe.

DOCE. Riacho entre os Estados da Bahia e do E. Santo: Serve de limite sul do mun. de S. José de Porto Alegre de accordo com a Carta Regia de 3 de março de 1755.

DOCE. Rio affl. do rio Turvo e este do Bananal; no mun. deste nome e Estado de S. Paulo. E' pequeno. E' tambem conhecido por Piracema e Manso.

DOMINGOS. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. da capital.

DOMINGOS (S.). Pov. do Estado do Maranhão, a tres kils. da villa do Barreirinhas.

DOMINGOS (S.). Log. do Estado do E. Santo, no mun. de Affonso Claudio.

DOMINGOS (S.). Morro do Estado da Bahia, no mun. de Minas do Rio de Contas. Faz parte da serra das Almas.

DOMINGOS (S.). Rio do Estado da Bahia, no mun. de Jusseape.

DOMINGOS. (S.). Ribeirão do Estado de Minas Geraes, banha o dist. de Mercês do Pomba e desagua no rio d'este nome no logar Rancho do Barão.

DOMINGOS DOS MARTINS (S.). Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. de Arcos e mun. da Formiga; com uma esc. municipal.

DOMINGOS E ALMAS (S.). Ribeirão do Estado do Rio de Janeiro, banha o mun. do Bom Jardim e desagua no S. José, trib. do rio Grande. Recebe o Capitão.

DOMINGUINHO. Corrego do Estado de S. Paulo, no mun. do Capão Bonito do Paranapanema.

DONA MARIANNA. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. do Sumidouro.

DORES. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. do Triumpho.

DORONDONGOS. Serra do Estado de Pernambuco, nos limites do mun. do Bom Jardim com o Estado da Parahyba.

DOURADO. Cachoeira no rio Paranapanema, anterior á das Aranhas; no Estado de S. Paulo.

DOURADOS. Parochia do Estado de Matto Grosso, no mun. de Corumbá. Tem sua séde na pov. do Amolar. Foi creada em 1902 pelo Dec. n. 327 de 8 de abril.

DOURADOS. Grande salto no rio Paranapanema, logo abaixo da foz do rio Pardo. Tem innumeras grêtas na grande muralha, de uma a outra margem do canal, pelas quaes irrompem jorros d'agua ou simples fios de escuma, conforme o maior ou menor diametro das grêtas e orificios, formando da altura de mais de nove metros o grande salto com estrondo. Este salto é no canal á esq. da Ilha Grande, com um e meio kil. de comprimento. Pelo lado dir. da mesma ilha, ha o Canal Paulista, em cuja bocca superior existe uma cachoeira, terminando na inferior egualmente por um grande salto, tambem perigoso. No tempo das chuvas o Salto Grande não apresenta o mesmo aspecto acima descripto; as aguas precipitam-se de cima da muralha, formando lençol. Abaixo deste Salto Grande, as aguas precipitadas formam bacia e redomoinho, e depois entram em estreitissimo canal, entre altas penedias, para juntarem-se com as do Canal Paulista, no extremo da ilha.

DOURADOS (S. João Baptista dos). Mun. de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Foi desmembrado da com. de Brotas e incorporado á do Ribeirão Bonito pela Lei n. 633 de 18 de julho de 1899.

DOUS CORREGOS. Mun. de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Foi elevado á cidade pela Lei municipal de 10 de outubro de 1898.

DOUS GIRÃOS. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Timbauba.

DOUS IRMÃOS. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Panellas, proximo á serra dos Patos.

DOUS IRMÃOS. Serra. Uma das da cordilheira que separa o Estado do Piauhy do de Pernambuco, comprehendida nos limites occidentaes dos muns. de Petrolina e Ouricury. Presume-se que o nome de Dous Irmãos com que conhecem aquella serra, é uma referencia aos dous irmãos, Domingos Affonso Manfresne e Julio Affonso Serra, portuguezes, fundadores do Piauhy, os quaes, conquistadores de dilatadissimo territorio, onde foram estabelecendo fazendas de criação, tantas chegaram a possuir que só Domingos Manfresne, por sua morte legou aos padres jezuitas, sob a condição de empregarem os rendimentos dellas em dotar donzellas e soccorrer viuvas desvalidas. Ignora-se si os jezuitas com os rendimentos que lhes foram legados cumpriram a vontade do testador. — O autor da *Selecta Brasiliense*, J. M. P. de Vasconcellos, na pag. 307 do Vol. II, descreve uma interessante curiosidade existente no massiço dessa serra: "Figure-se uma montanha de 300 metros somente de altura, porém, cortada a pique por uma de uma corrente que muge estrepitosamente; depois, tudo ao redor, uma terrivel solidão, bosques, areias, massas de pedra calcinada, escalvada e ennegrecida pelo fogo dos vulcões estinctos. Trepa-se á esta montanha por uma fenda natural, praticavel até para bestas cavallares, chegando-se á altura de 200 metros, ahi para-se, porque é uma plataforma, de largura somente de uma dezena de pés, donde se descobre, mais de cem metros abaixo, a copa vicejante das arvores gigantescas de uma floresta virgem, em que se ouve ainda, como um ruido longinquo e confuso, o rugido da torrente. Naquella plataforma, á direita, ha uma abertura estreita por onde se entra em vasta gruta, escavada na rocha viva e tapetada de algumas plantas trepadeiras, por entre as quaes se ouvem correr os lagartos. No fundo, isto é, a 20 passos da primeira entrada, ve-se uma outra porta natural, dando accesso para uma immensa gruta, que tem 15 passos de largura media, e pelo menos 160 de uma extremidade á outra. As paredes, á direita e á esquerda, estão forradas de craneos humanos, canellas, cabeças de animaes, pelles de feras, flechas, plumas e massas. São indubitavelmente trophéos dos guerreiros indios, cujos tumulos alli estão alinhados nos dous lados desde a entrada. Cousa singular são estes tumulos, porque constam simplesmente de grandes vasos de terra endurecida ao sol, sobre os quaes se assentam enormes e pesados tampos da mesma terra assim cosida, revestida de pelles cortidas. Ahi repousam os guerreiros indios, acocorados com a cabeça encostada ás mãos, e os cotovellos descançados sobre os joelhos, e com as suas armas e joias postas ao lado. Contaram-se (em 1858) vinte e tres cadaveres, e a maior parte em perfeito estado de conservação. Tentou-se tirar de dentro daquelles vasos, mas desfizeram-se logo em pó, e só ficou nas mãos de curiosos visitantes uma pelle negra e dura, semelhante a pergaminho ennegrecido ao fogo. Todos tinham bem conservados os dentes, e alvos como o mais brunido marfim; os cabellos, porém, tinham-se desprendido dos craneos e encontravam-se mechas delles, ou pegadas ás costas das mumias, ou cahidas no fundo dos vazos. Na extremidade da galeria havia mais sete vazos, semelhantes em tudo aos primeiros, mas com a tampa no chão, junto delles, esperavam de certo cada um, ha longo annos, o seu cadaver que nunca chegou. O gargalo desses vasos está adornado com um collar de contas encarnadas, misturadas com outras pretas e brancas. De certo suppriria elle as inscripções, e tinha por fim perpetuar a memoria do defunto. A que data podem remontar esses tumulos? A que povo se deverá attribuil-os?".

DOUS IRMÃOS. Serrota do Estado de Pernambuco, no mun. da Bôa Vista. Tambem é conhecida por Morro da Bôa Vista.

DOUS IRMÃOS. Rio do Estado de Goyaz, banha o dist. do Rio do Peixe e desagua no Santa Thereza.

DOUS IRMÃOS. Log. do Estado de Pernambuco. Accrescente-se no fim: Descrevendo essa localidade, diz o Sr. S. V. Galvão, em seu *Dicc.*,: "Pov. pequeno na freg. do Poço da Panella, no qual está a 10^k, 400^m a estação terminal da linha principal, ou do centro, da via-ferrea denominada — do Recife á Varzea e Dous Irmãos —. A Companhia do Beberibe, concessionaria do abastecimento d'agua á cidade do Recife, ahi tem seu estabelecimento principal. Em 30 de novembro de 1848, o 6º batalhão de caçadores, sob o commando do major João Guilherme Bruce repellio nesse logar, no engenho Dous Irmãos, uma força liberal. O nome Dous Irmãos provém do engenho, que pertenceu aos irmãos *Tonéo* Lins Caldas e *Coló* Lins Caldas. »

DOUS MOIRÕES. Log. do Estado de Minas Geraes, no mun. de Bom Fim.

DOUS PAUS. Riacho do Estado de Pernambuco, no mun. de Itambé. Recebe o riacho Cajueiro Vermelho.

DUARTE COELHO. Bairro da cidade de Olinda, no Estado de Pernambuco, situado em terreno plano. E' mais conhecido pelo nome de Arrombados. Tem umas 150 casas, uma capella de N. S. das Necessidades e uma estação da via-ferrea do Recife a Olinda, no kil. 7.811^m da da rua da Aurora (na cidade do Recife), entre as estações do Salgadinho e Piza, a 813 metros da do Varadouro e a $1,745^m$ da do Carmo. Em 1645 era conhecido por *Carreira de Mazombos*. Passa-lhe perto o rio Beberibe.

DUARTE DIAS. Pov. do Estado de Pernambuco. Accrescente-se no fim.: Está situada em terreno plano, contendo umas 80 casas, uns 500 habs. uma capella de Santo Antonio dos Milagres e uma pequena feira aos domingos. Foi fundada por Antonio Duarte Dias, em 1855, pouco mais ou menos. Esse homem, voltando de Fernando de Noronha, onde tinha ido cumprir sentença, estabeleceu-se no log. com uma taverna, em torno da qual se installaram parentes e conhecidos, que deram origem ao pov.

DUAS BACIAS. Lago do Estado do Pará, no mun. de Amapá, na sub-prefeitura do Lago Redondo.

DUAS BARRAS. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. do Rio Preto e mun. de Diamantina.

DUAS BARRAS. Rio do Estado da Bahia, no mun. de Jusseape.

DUAS BOCCAS. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Affuá.

DUAS BOCCAS. Lago do Estado do Pará, no territorio de Aricary. No meio delle ha uma ilha, onde habitam alguns pescadores e agricultores. Dous furos ou canaes por onde perennemente correm aguas, que dão passagem a canôas, o põe em communicação com outros lagos e estes com o mar; um, á esq., vai ter ao lago Cajubim, deste ao Redondo e deste ao da Amapá, recebendo em seu percurso os igarapés Itambal, Fuchal e do Campo. O outro furo, o da dir., conduz ao lago do Rei. A extensão desse lago é de algumas leguas, e sua profundidade de muitas dezenas de metros. Em meio delle ha ilhas cobertas de luxuriosa vegetação. Foi explorado pelos jesuitas, que nelle fundaram estabelecimentos de pesca, dos quaes ha vestigios.

DUAS ILHAS. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Breves, proximo da ilha Mututy.

DUAS PEDRAS. Riacho do Estado de Pernambuco; nasce no mun. de Cimbres e correndo para o do Brejo desagua na margem esq. do rio Capibaribe. Convem não confundir esse riacho com outro de egual nome.

DUAS SERRAS. Riacho do Estado de Pernambuco, no mun. de Cimbres. Desagua na margem esq. do rio Ipojuca.

DUMBÁ. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da Vargem Alegre do mun. do Bom Fim.

DUMBÁ. Corrego do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

DURADEIRA. Log. do Estado de Pernambuco, no dist. de Belmonte.

E

EÇÁ. Subs., o olho, os olhos; *eçaá* o globo ocular (Dr. Theodoro Sampaio).

EÇARUNA. Composto de *eçá-r-una*, os olhos negros (Dr. Theodoro Sampaio).

EGREJA. Morro do Estado de Minas Geraes, na séde do dist. do Recreio do mun. da Leopoldina; com uma capella do Menino Deus e um grande Cruzeiro.

EGREJA. Igarapé do Estado do Pará, banha o mun. de Affuá e desagua no rio Iriricana.

EGREJA VELHA. Barancas altas á margem dir. do rio Paranapanema, entre as cachoeiras Itaipava e Aparado; no Estado de S. Paulo. Ahi o rio se estreita, ficando com a largura somente de 25 metros. São de barro amarellado, cortadas quasi a prumo, deixando ver listas verticaes de oxydo de ferro, produzidas pela acção das aguas do monte. A mais elevada é de cerca de 25 metros de altura.

EGREJINHA. Rio do Estado do Paraná, no mun. de Guarapuava. Vai para o Cavenoso, trib. do Iguassú. Recebe o arroio do Pontão.

EGUAS. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do rio Una, no mun. de S. Bento.

ELEUTERIO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, rega o mun. de Porto Feliz e desagua na margem dir. do rio Tieté.

EMA. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Tacaratú.

EMBAHÚ. Corr. *embá-yba*, alt. *embá-uba*, *embá-ú*, a arvore ouca, páo vasado ou ouco (*Cecropia*). Dr. Theodoro Sampaio.

EMBAUBA. Corrupção de *embá-yba*. Vide Embahú.

EMBERY. Contraforte da serra da Mantiqueira; no mun. de S. Bento do Sapucahy-mirim; no Estado de S. Paulo.

EMBERY. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Sapucahy-mirim; no estado de S. Paulo.

EMBIACICA. (corruptela de *Ibi-aci-ca*, terra fragosa). Morro no dist. de N. S. da Penha de França; no mun. da capital do Estado de S. Paulo.

EMBIRA. Corr. *mbir*, pelle ou casca de arvore (Dr. Theodoro Sampaio).

EMBIRUÇÚ. Composto de *mbir-uçú*, casca grossa ou espessa.

EMBIRUSSÚ. (No Supplemento do III Vol.). Corrego do Estado de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Banha o mun. de S. João da Boa Vista e desagua na margem esq. do rio Jaguary.

EMBITUBA. Corr. *imbê-tyba*, imbés ou guaimbés em abundancia (*Phylodrendon imbé*), Dr. Theodoro Sampaio.

EMBÓ. Corrupção de *yembó*, filete d'agua, lagrimal, arroio; alt. *iembú*, *embú*.

EMIGDIA. Rio do Estado de S. Paulo, no mun. de S. Vicente. Desagua no rio Piassabussú.

EMINENCIA. Morro do Estado da Bahia, na ilha de Itaparica.

ENCADEADOS. Corrego do Estado de Minas Geraes, entre os dists. de S. José do Barroso (mun. do Rio Branco) e da Conceição do Turvo (mun. do Piranga). Tem uma linda cachoeira.

ENCANTADO. Riacho do Estado da Bahia, banha o mun. de Queimadas e desagua na margem esq. do rio Itapecurú.

ENCARDIDURA. Corrego do Estado de Minas Geraes; banha a cidade de Ouro Preto e desagua na margem esq. do rio Funil.

ENCONHA. Corr. *ecônha*, adj. quieto, tranquillo, socegado; nome de um rio que desce da serra dos Orgãos; Rio de Janeiro (Dr. Theodoro Sampaio). O rio é mais conhecido por *Iconha*.

ENCRUZILHADA. Pequeno pov. do Estado de Pernambuco, no mun. de Itambé.

ENCRUZILHADA. Log. no dist. da Graça, no Estado de Pernambuco. Accrescente-se no fim: Contém duas estações da E. de F. de Olinda a Beberibe e da do Recife ao Limoeiro. Esta fica a tres kils. e 150 metros da estação inicial do Brum e a 12m de altitude; aquella dista da da rua Aurora tres kils. e 196 metros. E' local aprazivel e bem povoado e tem no logar Belem uma capellinha.

ENGAGUAÇÚ. Corrupção de *yguá-guaçú*, bahia grande, lagamar grande (Herbert Smith).

ENGARGADO. Log. do Estado do Pará, no mun. de Portel, á margem dir. do rio Anapú.

ENGENHEIRO PONTES. Estação da E. de F. da Arêa; no Estado da Bahia. Foi assim denominada em honra do distincto profissional Dr. Frederico Ferreira Pontes, director da construcção da mesma estrada. Denominava-se Toca. Foi inaugurada a 18 de novembro de 1901.

ENGENHEIRO REEVE. Estação da E. de F. Sul do E. Santo, no Estado deste nome. Foi inaugurada a 15 de março de 1902.

ENGENHO. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da cidade do Bom Fim. Do mesmo mun. nos informam haver um outro pov. de nome identico no dist. de Sant'Anna do Paraopeba.

ENGENHO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Atibainha. Sua foz fica perto da do ribeirão do Moinho.

ENGENHOCA. Log. do Districto Federal, no dist. de Guaratiba.

ENGENHOCA. Bairro do Estado de Minas Geraes, no dist. de Santa Rita da Extrema.

ENGENHO CENTRAL. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Monção.

ENGENHO D'AGUA. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do ribeirão dos Sete Fogões, que o é do rio Tieté.

ENGENHO D'AGUA. Vallão affl. do rio Parahyba, no mun. de Cambucy e Estado do Rio de Janeiro.

ENGENHO D'AGUA. Pov. do Estado do Maranhão. Accrescente-se no fim: Fica a 36 kils. de Caxias, atravessada pela linha ferrea que desta cidade vai á Flores, sobre o Riachão, affl. da margem esq. do Parnahyba. Tem um importante estabelecimento productor de assucar. Dispõe de uma linha ferrea de 15 kils. que facilita sua communicação com os cannaviaes.

ENGENHO DE SERRA. Corrego do Estado de Minas Geraes, nas divisas do mun. de Tres Corações do Rio Verde. Reune-se ao corrego da Bôa Vista.

ENGENHO VELHO. Log. no mun. de Tury-assú do Estado do Maranhão.

ENGENHO VELHO. Arrabalde da cidade do Bom Fim, no Estado da Bahia.

ENGENHO VELHO. Corrego do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Araras e desagua na margem dir. do ribeirão Cerrado.

ENGORDADOR. Corrego do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Porto Feliz e desagua na margem esq. do rio Avecuia, trib. do Tieté.

ENGORDADOR. Corrego do Estado de S. Paulo, entre a Capital e Conceição dos Guarulhos. Vai para o ribeirão Cabuçú affl. do Guapira, Recebe o Simão e o Cachoeira.

ENHAPUPÊ. Corr. *nhã-pupê*, especie de perdiz, maior do que a européa e de bico comprido (*Crypturus*); alt. *napopé*. (Dr. Theodoro Sampaio).

ENSEADA. Log. do Estado da Bahia, á dir. do rio Paraguassú, entre a barra deste rio e o dist. de S. Roque.

ENSEADA. Igarapé do Estado do Pará, na com. de Afuá e mun. de Anajás. Vai para o rio Guajará.

ENSEADA DAS ORPHANS. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de S. Bento.

ENTRE MONTES. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. da margem dir. do rio Amaragy.

ENTRE RIOS. Nucleo colonial do Estado do Paraná, a tres kils. de Porto de Cima; com 45 lotes.

ENTRE RIOS. Estação da E. de F. de S. Paulo ao Rio Grande, na villa do mesmo nome e Estado do Paraná.

ENTRE RIOS. Villa do Ceará. Accrescente-se no fim: Foi incorporada á com. do Sobral pela Lei n. 654 de 22 de agosto de 1901.

ENTRE SERRAS. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. da Floresta e desagua no rio Pajehú.

ENTRONCAMENTO. Log. no dist. da Graça, mun. da Capital do Estado de Pernambuco. E' assim denominado por ser o cruzamento das tres linhas que constituem a E. de F. do Recife á Varzea e Dous Irmãos.

ENTUPIDO. Bairro do mun. de Queluz e Estado de S. Paulo, com escola.

EPHIGENIA (Santa). Morro na cidade do Mar d'Hespanha; no Estado de Minas Geraes. Era antigamente denominado Santa Cruz ou Cruzeiro. Nelle ergue-se a capella de Santa Ephigenia e um grande Cruzeiro.

EPIACABA. Part. *epiac-aba*, a vista, a observação, o logar de ver. (Dr. Theodoro Sampaio).

EPIAPORANGA. Composto de *epiá-poranga*, bella vista bôa vista (Dr. Theodoro Sampaio).

ERA. Vide *Coéra*.

ERIRY. Corr. *y-riri*, agua corrente, rio corrente; Santa Catharina (Dr. Theodoro Sampaio).

ERMIDA. Log. do Estado do Paraná, no mun. de Votuverava.

ERMIDA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, banha o mun. do Jundiahy e desagua no Cachambú, affl. do Jundiahy-assú.

ERNESTINA (Santa). Estação da E. de F. de Araraquara, no Estado de S. Paulo, no kil. 63, 378, entre as estações da Dobrada e Poço Fundo.

ERNESTO MACHADO. Estação da E. de F. Leopoldina, no mun. de S. Fidelis e Estado do Rio de Janeiro, no kil. 132.

ESCADINHA. Log. no mun. de Belmonte do Estado de Pernambuco.

ESCARAMUÇA. Grande corredeira no rio Mogy-Guassú, antes da confluencia do rio Pardo; no Estado de S. Paulo. Tem a extensão de mais de 800 metros, com a differença de nivel de cerca de dous metros, e é descida em menos de sete minutos.

ESCONDIDA. Lagôa no mun. de Taquarctinga do Estado de Pernambuco.

ESCURA. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Itaocara.

ESCURA. Serra do Estado do Rio de Janeiro. Em logar de mun. das Neves, leia-se mun. de Macahé.

ESCURA. Lagôa do Estado da Bahia, no mun. de Alagoinhas.

ESCUTADOR. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. de Monte-mór.

ESFOLA MACACO (Vallão do). Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha o mun. de S. Fidelis e desagua na margem esq. do rio Parahyba do Sul.

ESGARAVATANA. Canudo de 10 a 12 palmos de comprimento com que o selvagem sopra uma pequena setta

envenenada e mettida no interior. Diz o Dr. Theodoro Sampaio ser essa palavra corrupção de *grapá-tan*, arco rijo ou duro, isto é, direito.

ESPADUADA. Log. do Estado da Bahia, no termo de Geremoabo.

ESPALHADO. Corrego do Estado de Minas Geraes, na com. do Bom Fim.

ESPELHO. Serra junto á cidade do Brejo; no Estado de Pernambuco. E' mais conhecida por serra da Prata.

ESPERA. Corrego do Estado de Minas Geraes, no mun. de Theophilo Ottoni.

ESPERANÇA. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de S. Fidelis.

ESPERANÇA. Corrego do Estado do E. Santo, affl. do rio Pau Gigante.

ESPIGÃO DO INGUSAL. Log. do Estado do Paraná, no mun. de Tibagy.

ESPINHEIRO. Arrabalde da cidade do Recife, no dist. da Graça e Estado de Pernambuco. E' servido pelas estradas de ferro urbanas, do Recife á Olinda e do Recife á Varzea, no ramal do Arraial. Na primeira dessas linhas a estação fica entre a do Entroncamento e dos Afflictos, kil. 2,925m da estação inicial no Recife; e na segunda, entre as de João de Barros e Encruzilhada de Belem, no kil. 2,608m da estação da rua da Aurora no Recife. Demora da cidade uns 15 minutos de viagem em qualquer dos trens.

ESPINHO. Serra do Estado de Minas Geraes, nas divisas do mun. de Tres Corações do Rio Verde.

ESPINHO PRETO. Arraial do Estado de Pernambuco, á margem esq. do rio Capibaribe, 14 kils. distante da cidade do Limoeiro.

ESPIRITO SANTO. Villa e mun. do Estado do Parahyba do Norte, creada pela Lei n. 40 de 7 de março de 1896, que transferio para ella a séde do mun. de Pedras do Fogo. A Lei n. 50 de 3 de agosto de 1896 marcou-lhe as divisas com o termo da capital.

ESPIRITO SANTO. Pov. do Estado de Pernambuco, no mun. de Tacaratú, á margem esq. do rio Moxotó, com uma capella de Santo Antonio. Foi fundada pelo proprietario do terreno em que está situada Cyrillo do Espirito Santo, de quem procede o nome porque é conhecida.

ESPIRITO SANTO. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Taquaretinga, entre as do Pendurão e Jacarará.

ESPIRITO SANTO. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Ingazeira e desagua no rio Pajehú.

ESPIRITO SANTO. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Gravatá e desagua no rio Ipojuca.

ESPIRITO' SANTO. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. de Ouricury.

ESPIRITO SANTO. Cidade do Estado do E. Santo. Accrescente-se no fim: Ao *Jornal do Commercio* enviei a seguinte communicação: Desembarcando na cidade da Victoria, foi meu primeiro cuidado ir cumprimentar a primeira auctoridade ecclesiastica do Estado. Dirigindo-me ao Palacio Episcopal soube que o Revmo. Bispo, D. Nery, achava-se no convento da Penha, onde havia estabelecido o Seminario maior. Na manhã do dia seguinte tomei um bote e, apoz um percurso de 40 minutos pela bahia, cheguei a uma pequena enseada, onde fica a triste cidade do E. Santo, antiga Villa Velha, tendo á direita a magestosa pedra da Penha, cujo cimo é aureolado pela alva e graciosa egreja da Mãe do Redemptor, com uma opala engastada no aro de um annel esverdiado. No sopé da abrupta penedia encontra-se uma gruta onde residio Fr. Pallacios. Na parte superior desse rustico monumento lê-se a seguinte inscripção: «*Ecce petri Pallacios arcta habitatis prima qui Dominum a rupe vexit ad ista loca Mirum! cœnobium construxit vertice rupis quo tandem Dominæ transtulit effigiem quam magnes meritis vita decessit onustus jam promissa bonis præmia cœlitum habet. Obiit an. 1575. Jacet in conv. S. Franc. Victoriæ.* ».Tinha trazido Fr. Pallacios um painel de N. S. da Pena, que a principio foi collocado na gruta, transferindo-o depois para um pavilhão, que ainda existe nas proximidades. Ahi celebrava o pio religioso ladainhas, que eram acompanhadas pela pop. de Villa Velha. Observou, porém, Pallacios que o painel por vezes desapparecia do logar em que tinha sido collocado, para ir asylar-se no alto da penedia entre duas palmeiras. Vendo que era impossivel construir uma egreja no local desejado por Maria Santissima, construio Pallacios uma ermida na base da penedia, que elle consagrou mais tarde a S. Francisco de Assis, e ahi habitou em piedoso recolhimento. Com tempo e com grande difficuldade construio depois Pallacios uma pequena ermida no logar em que se acha a capella-mór da actual egreja e para ella transferio o santo painel. Estavam assim cumpridos os desejos de Maria Santissima. Entretanto Pallacios não abandonou a modesta ermida que consagrara a S. Francisco. Nella habitou e nella entregou a alma ao Creador. É tradição que o santo varão fora encontrado sem vida de joelhos e com as mãos erguidas para o Céo. Seu cadaver foi sepultado na egreja da Penha, donde em 1609 foi transladado para o convento de S. Francisco por Fr. Antonio da Estrella. O Bispo D. Nery conseguio reunir os fragmentos da pedra tumular de Fr. Pallacios. Por elles se vê que a inscripção é totalmente differente da que tem sido dada por todos os escriptores, que têm descripto essa egreja. A inscripção authentica é a seguinte: «*Sepultura do V. S. Pedro nado em Rio Seco. O Qual edificou esta ermida de N. S. da Pena. Morto obrou dita Senhora por elle muitos milagres. Faleceu em era de 1575* ». No alto do portão onde começa a ladeira, que dá accesso para a egreja, se lê a data 1774. A ladeira é ingreme, extensa, toda macadamisada, tendo aos lados um muro baixo de pedra. No fim della e proximo á egreja vê-se a *casa do banquete*, que se começou a edificar em 1652 e que ainda está por concluir, e as ruinas da senzala dos antigos escravos. Na portaria do convento fica um altar ornado com o historico e milagroso painel de N. S. da Pena. No tecto lê-se: «*Illos tuos misericordiæ oculos ad nos converti* ». Chegando ao convento fiz-me annunciar ao Sr. Bispo, que não se demorou, recebendo-me com alegria e estreitando-me em seus braços. De joelhos beijei-lhe as mãos. E' impossivel imaginar-se um Prelado mais bondoso e gentil, intelligente e illustrado do que o actual Bispo do E. Santo; S. Exa. captivou-me e fortaleceu ainda mais minhas crenças religiosas. Acompanhado por S. Exa. Revma. percorri a egreja e o covento, recebendo todas as informações que solicitava. A egreja é pequena. Tem a capella-mór com um altar de marmore de Lisbôa, em cujo camarim se vê a linda e milagrosa imagem de N. S.da Penha, ladeada por Santo Antonio e S. Francisco de Assis. Tem duas tribunas fingidas, em cima uma cupola e quatro quadros ovaes representando a egreja, antes, durante e depois da reconstrucção. No corpo da egreja ha dous altares, o do lado do Evangelho com o Senhor Bom Jesus da Canna Verde, e o do lado da Epistola com Sant'Anna, um pulpito, tres tribunas fingidas e o côro com um harmonium e quatro cadeiras choraes, que serviam para os officios religiosos dos Franciscanos. Do lado do Evangelho fica uma capella funda com a Imagem de N. S. das Dôres, tendo á direita o Senhor dos Passos. Nos fundos do côro existe um pateo, donde se goza de um panorama lindissimo, avistando-se uma serie de montanhas, que se estendem pelo littoral do Estado, o oceano e parte da cidade do E. Santo. O altar-mór e o presbyterio são de marmore de Lisbôa e o pavimento do corpo da egreja de mosaico. Nos fundos do altar-mór fica a Sacristia com um arcaz, um oratorio com o Senhor Crucificado, o purificatorio e um armario, onde se guardam os vasos sagrados. Ao lado direito da Sacristia ha um pequeno adro assente sobre a declividade da penedia, cuja construcção attesta o arrojo dos homens daquelle tempo; e ao lado esquerdo um grande corredor com uma multiplicidade de milagres attribuidos á Maria Santissima. Junto á egreja fica o convento, que se prolonga sobre o declive da penedia. Tem o antigo refei-

torio dos frades e doze cellas, duas das quaes estão transformadas em capella do painel. Aportou Fr. Pallacios a Villa Velha em 1558. Em 1667 concertou-se a capella-mór e edificou-se o corpo da egreja e pouco depois de 1652 foi edificado o convento por Fr. Sebastião do Espirito Santo. Depois de prostrar-me aos pés da gloriosa Imagem de N. S. da Penha e de confiar-lhe a alma de meu neto, retirei-me saudoso daquelle feliz e tranquillo retiro, osculando mais uma vez as mãos do illustre Prelado, a quem, em bôa hora, foi confiada a salvação das almas da pop. espirito-santense ». Foi elevada á categoria de cidade pela Lei n. 212 de 30 de novembro de 1896.

ESPRAIADINHO. Ribeirão do Estado de S. Paulo; desagua na margem esq. do rio Santo Ignacio, quasi defronte da foz do Lageado.

ESPRAIADO. Log. do Estado de Santa Catharina, no mun. de Garopaba.

ESPRAIADO. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Juquery; no mun. deste nome.

ESPRAIADO. Lageado do Estado do Paraná, no mun. de Guarapuava. Vai para o rio Campo Real (?).

ESTACA. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. de Cimbres, perto da serra do Acahy. «Della, diz o Sr. S. V. Galvão, nasce o rio Capibaribe que muito se tem dito vir da lagôa do Angú, donde se origina o Canhoto, confundido constantemente com o Capibaribe ».

ESTAÇÃO DE JUNDIAHY. Dist. de sub-delegacia, no mun. de Jundiahy e Estado de S. Paulo. Foi creado pelo Acto de 15 de junho de 1891.

ESTACIOS. Pov. do Estado do Paraná, no mun. de União da Victoria.

ESTALECIDO. Puxado do peito, asthmatico. Termo usado no sertão da Bahia.

ESTALEIRO Pov. do Estado do Maranhão, no mun. do Mirador, distante 30 kils. de Pastos Bons e Mirador. E' central e sem importancia.

ESTALEIRO. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. de S. Vicente. E' tambem denominado *Andaraquara.*

ESTANCIA. Log. do Estado de Pernambuco, no dist. da Graça e mun. da capital, com uma capellinha de N. S. da Assumpção, edificada por Henrique Dias em acção de graças pela victoria de 15 de agosto de 1648. Chamava-se nesse tempo, sitio de João Velho Barreto, recebendo o nome de Estancia em virtude de ser ahi a *estancia* do alojamento de suas tropas. Tem mais uma capella, inaugurada em 1895, e o collegio de S. Vicente de Paula.

ESTANDARTE. Pov. no mun. de Tury-assú, no Estado do Maranhão.

ESTANDARTE. Rio do Estado do Maranhão, banha o mun. de Tury-assú e desagua na bahia Carará.

ESTAQUEADEIRO. Arroio do Estado do R. G. do Sul, banha o mun. de Uruguayana e desagua no rio Uruguay.

ESTEVAM. Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. de Ubá.

ESTEVÃO (Santo). Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Carassú, que o é do rio Una; no mun. de Barreiros.

ESTEVÃO (Santo). Cachoeira no rio Grande ou Paraná; no Estado de S. Paulo.

ESTIVA. Bairro do mun. de Bôa Esperança, no Estado de S. Paulo; com uma esc. creada pela Lei n. 810 de 18 de outubro de 1901.

ESTIVA. Serra do Estado do Maranhão, entre os muns. da Passagem Franca e S. João dos Patos. Encontram-se nella em abundancia diversas madeiras de construcção, como: o cedro, a aroeira, o jatobá, o pau d'arco e outros.

ESTIVA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, banha o mun. de S. Bernardo e desagua na margem dir. do rio Grande ou Jurubatuba, proximo da estação do Rio Grande.

ESTOQUE. Lagôa no mun. do Granito do Estado de Pernambuco.

ESTRADA. Ribeirão do Estado de S. Paulo; reune-se com o ribeirão Cuyabá e juntos vão desaguar na margem esq. do rio Atibainha.

ESTRADA NOVA. Log. do Estado de Pernambuco, no dist. da Graça, onde a via-ferrea do Recife a Olinda e Bebcribe (ramal deste nome) tem uma estação no kil. 4.578m do Recife, entre as da Encruzilhada e Agua Fria.

ESTRELLA. Log. no mun. do Serro Azul do Estado do Paraná.

ESTRELLA DO SUL. Log. do Estado do E. Santo, no mun. de Affonso Claudio.

EUDOXIA (Santa). Dist. creado no mun. de S. Carlos do Pinhal do Estado de S. Paulo pelo Dec. de 6 de Março de 1899.

EUFRASIO CORRÊA. Nucleo colonial do Estado do Paraná, no mun. de Bocayuva. Dista dous kils. da séde do mun. Abrange uma área de 127 hectares e é dividido em 32 lotes occupados (1901) por cerca de 180 italianos e brazileiros.

EUFROSINA. (Rio Claro). Nucleo colonial do Estado do Paraná, no mun. de S. João do Triumpho, á margem dir. do rio Claro, affl. da margem dir. do rio Iguassú. Abrange uma área de 25.000 hectares e contém 1,334 lotes, que são habitados por cerca de 6.000 polacos e brazileiros.

EUGENIO. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. de Manacapurú.

EUGENIO (Santo). Pov. no mun. de S. Bernardo e Estado do Maranhão.

EUGENIO DE MELLO. Estação da E. de F. Central do Brazil, no mun. de S. José dos Campos e Estado de S. Paulo, com uma esc. creada pela Lei n. 643 de 7 de agosto de 1899.

EUIRATIBA. Corr. *ibyra-tyba*, arvoredo, arvores em abundancia; Amazonas (Dr. Theodoro Sampaio).

EULALIA (Santa). Corrego do Estado do E. Santo, no mun. do Pau Gigante.

EUZEBIO. Bairro do mun. do Parahybuna, no Estado de S. Paulo; com escola.

EUZEBIO. Igarapé do Estado do Pará, affl. da margem esq. do rio Aporema.

EVA. E' assim tambem conhecido o ribeirão do Bom Jardim, trib. do Pomba; no mun. de Santo Antonio de Padua do Estado do Rio de Janeiro.

EVANGELISTAS. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha o mun. de Ouro Preto e desagua no ribeirão do Carmo.

EXTREMA. Bairro do Estado de Minas Geraes, no dist. de Santa Rita da Extrema.

EXTREMA. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, no arraial do seu nome e Estado de Minas Geraes. Fica naquelle rio, a 1.282 kils. distante do Joaseiro (Bahia) e entre as estações do Guaicuhy e Barra do Paracatú.

EXTREMA (Santa Rita da). Dist. de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Foi elevado á categoria de mun. pela Lei n. 319 de 16 de setembro de 1901.

EXTREMA DO URUBÚ. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco; no Estado da Bahia. Fica naquelle rio, a 642 kils. do Joaseiro e entre as estações do Bom Jardim e Urubú.

EXÚ. Corrupção de *eichú* ou *eira-chú*, abelha negra, que faz um ninho rugoso, aspero; nome de uma villa de Pernambuco (Dr. Theodoro Sampaio).

F

FABRE. Morro do Estado do Rio de Janeiro, na cidade de S. Fidelis. Ahi fica o cemiterio.

FÁCUNDO. Riacho do Estado do Ceará; entre Assaré e Araripe.

FAGUNDES. Bairro da cidade de Palmyra; no Estado de Minas Geraes.

FAGUNDES. Riacho do Estado de Pernambuco, no mun. de Flores.

FAISCA. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha a colonia Francisco Salles e corre para o rio Sapucahy-mirim.

FAISQUEIRA. Copula. Termo usado no sertão da Bahia.

FAIXA. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha a colonia Francisco Salles e desagua no rio Sapucahy-mirim.

FALCÃO. Ponta no Estado de Santa Catharina, quasi defronte dos tres ilhotes denominados Moleques do Sul.

FALCÃO FILHO. Estação da E. de F. Paulista, no Estado de S. Paulo, no ram al de Dous Corregos a Agudos. Foi inaugurada em 1º de julho de 1899.

FALLEIRÁ. Morro na cidade da Cachoeira, no Estado da Bahia.

FARINHA. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Tacaratú.

FARTURÁ. Serra do Estado de S. Paulo, no mun. do Parahybuna.

FÁRTURA. Rio do Estado de S. Paulo, banha a villa do seu nome e desagua na margem dir. do rio Itararé. Tem um percurso de 55 kils. e recebe pela margem dir. os corregos: Grande, Jacintho, Lageado, Veado e Areal e pela esq. o Bugio, Aldêa e Barra Grande.

FARTURA. Lagôa do Estado do Maranhão, no mun. do Brejo.

FARTURA. Villa do Estado de S. Paulo. Accrescente-se no fim: A villa está á margem esq. do rio Fartura, trib. do Itararé, e estende-se ao longo do mesmo em uma extensão de dous kils. E' collocada na encosta de uma collina e atravessada pelo regato da Divisa, que corre de S. a N. desaguando no Fartura. Dista 30 kils. de Pirajú, 56 de Itaporanga e 10 do rio Itararé. Tem 365 casas, quasi todas terreas ou assobradadas, destacando-se o Paço Municipal de construcção solida e elegante edificado na parte mais elevada da villa. Orago N. S. das Dores. O mun. é coberto de uma vegetação frondosa e luxuriante; circundado pela serra da Fartura de SE. a O. Suas terras, de excepcional uberdade, prestam-se á cultura de cereaes, canna de assucar, algodão, fumo e café, sendo esta ultima a predominante. Conta (1902) cinco machinas de beneficiar café e duas serrarias, todas movidas a vapor e diversos engenhos de canna movidos a agua e a animaes. Possue os seguintes bairros: Jacutinga, Paiol, Veado, Pinheirinho, Arêas, Jararaca, Barrocão, Corredeiras, Barra Secca, Bôa Vista, Mirante, Monjolinho e Tubuna. Foi desmembrado da com. de S. João Baptista do Rio Verde e annexado á de Pirajú pela Lei n. 648 de 7 de agosto de 1899.

FARTURA. Serra de S. Paulo, no mun. de S. João Baptista do Rio Verde. Accrescente-se no fim: Fica entre os rios Paranapanema e Itararé e é tambem conhecida por serra do *Barão de Antonina*. Sobre esta serra, cuja altitude é superior a 800 metros e fórma como uma ilha no meio da vasta planicie dos campos, existiu a aldêa dos Cahiuás, já cathechisados; e para o lado do rio Verde ha uma grande lagôa e mais adeante desta o *Salto da Aldêa*, imponente queda d'agua. A aldêa foi transferida para outra serra entre os rios Itararé e Verde. Conta alguns picos elevados, notadamente o do Chapéo. Fica hoje no mun. da Fartura.

FARTURÁ. Ribeirão do Estado de S. Paulo. Em logar de na parochia do seu nome, leia-se no mun. de S. João Baptista do Rio Verde e accrescente-se no fim: No mappa de O' Leary, vem esse rio mencionado como affl. do Itararé pela margem esq.

FAÚLA. Mentiroso, contador de historias. Termo usado na cidade da Feira de Sant'Anna, no Estado da Bahia.

FAVEIRO. Estação da E. de F. Mogyana, no kil. 219 do Tronco. Foi aberta ao trafego no dia 1º de outubro de 1901.

FAXINAL. Bairro no mun. do Bom Successo; no Estado de S. Paulo com duas escs., creadas pela Lei n. 643 de 7 de agosto de 1899.

FAXINAL. Ribeirão do Estado de S. Paulo; vai para o ribeirão dos Pilões, e este para o rio dos Moinhos, e este para o rio Tieté.

FAXINAL DO RAMIRES. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de S. João Baptista do Camaquan, com escola.

FAZENDA. Pov. do Estado das Alagôas, no mun. de Atalaia.

FAZENDA. Ribeirão do Estado de S. Paulo; desagua na margem esq. do rio Jacú, affl. do Santo Ignacio, defronte da foz do Jacusinho.

FAZENDA. Pequeno rio do Estado de S. Paulo, no mun. de Ubatuba. Desagua na enseada Pecinguaba.

FAZENDA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Guarehy, trib. do Paranapanema.

FAZENDA DA OLARIA. Log. do Estado de Minas Geraes, no dist. da cidade de Ubá.

FAZENDA GRANDE. Arraial do termo do Lagarto, no Estado de Sergipe. (*Almanak Sergipano*. 1901).

FAZENDA NOVA. Pov. do Estado de Sergipe, no mun. de Pacatuba.

FAZENDA S. BORJA. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de S. Leopoldo, com escola.

FAZENDA VELHA. Bairro no dist. de Santa Rita da Extrema do Estado de Minas Geraes.

FAZENDA VELHA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. do rio Sorocá-mirim.

FAZENDA VELHA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Santa Isabel e desagua na margem esq. do rio Jaguary, trib. do Parahyba do Sul.

FAZENDINHA. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. da Vargem Grande.

FAZENDINHA. Pov. do termo da Capella, no Estado de Sergipe. Com o mesmo nome dá o *Almanak Sergipano* (1901) noticia de dous arraiaes, nos termos de Pacatuba e Lagarto.

FAZENDINHA. Serra que circula o bairro da Tresidella, pertencente ao mun. de Grajahú e Estado do Maranhão. Della brota uma vertente de agua limpida e pura, de que se abastecem os moradores do bairro.

FAZENDINHA. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha o mun. do Rio Branco e desagua no rio dos Coitos, trib. do Chopotó.

FÉ (Santa). Log. do Estado do Ceará, na ribeira do Palhano, na com. de S. Bernardo de Russas.

FÉ (Santa). Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. de Corumbá, na margem esq. do rio Paraguay.

FEDE. Corrego do Estado de Goyaz, no mun. do Peixe. Vai para o rio Cannabrava.

FEIA. Lagôa do Estado de S. Paulo, no mun. do Espirito Santo da Boa Vista, á margem do rio Paranapanema.

FEIJÃO. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. da margem esq. do riacho Quipapasinho ou Panellas, no mun. deste nome.

FEIRA DE SANT'ANNA. Deixando a ponte da Companhia Bahiana em direcção á cidade da Cachoeira, passei, pelo lado direito, pelas pontas de Monte Serrate e da Penha, na peninsula de Itapagipe, povs. de Plataforma, Itacaranha, Pery-Pery, Olaria, Nossa Senhora do O', S. Thomé do Paripe, ilha da Maré, Nossa Senhora das Candeias, Madre de Deus do Boqueirão, ilha dos Frades, pov. de Guadelupe na ponta de Nossa Senhora, na ilha desse nome, ilha das Vaccas, ilha das Fontes, onde houve um lazareto, villa de S. Francisco, ilhas Cajahyba e Grande, estrada para a pov. do Acupe, rio S. Gonçalo, Dous Ilhotes, Itapemba, Saubara, Cabuçú (o vespão, o maribondo) e Bom Jesus dos Pobres; e do lado esq. a ilha de Itaparica, a ilha do Medo ou do Meio, ponta do Dourado, Porto da Telha, Salinas da Margarida, Conceição, Cayrú, ponta da Barra e rio Paraguassú (rio grande).

A barra do Paraguassú é larga e dista da cidade do Salvador 21 milhas. Em sua margem esq. fica Bom Jesus dos Pobres, pertencente ao dist. de Saubara, e á dir. a pov. da Barra do Paraguasssú.

Esta pov. fica situada em aprazivel situação, coberta de coqueiros, com uma capella de N. S. da Boa Esperança e uma fabrica de cal.

Subindo-se o Paraguassú encontra-se, pela magem esq., a pov. de Matapoeira, Araripe, foz do rio Iauna, ilha da Boa Vista ou do Maximo; á dir. a pov. da Ensoada, a foz do rio Batatan, oiteiro do Periquito, pov. de S. Roque que fica na foz do rio Batatan, com uma capella; serra de Taporandé, cujo cimo tem a fórma de uma sella de vaqueiro (duas elevações aos lados e uma depressão no centro); á esq. e defronte desta ultima serra a da Cabeça de Negro; á dir. a pov. do Allemão ou Ala-mão, e defronte do Fortinho; as ilhas dos Francezes e dos Coelhos; á dir. a fazenda do Engenho Novo; á esq. a de S. Francisco com uma capella; ponta do Ferreiro á dir.; ilha do Ratão; foz do rio Capanema, á direita.

Por este rio entra o vapor que vai até Maragogipe, onde deixa passageiros e cargas.

A cidade de Maragogipe está situada parte em uma collina e parte em logar plano: é cercada de mangues e apicuns. Fica sobre a margem esq. do rio, no ponto em que este se alarga para fazer um grande e magestoso largo, chamado Largo do Paraguassú.

E' regularmente edificada; tem umas 14 ruas, além de outras de menor importancia, e seis praças.

Possue casa da Camara, boa matriz da invocação de S. Bartholomeu, as capellas de S. Pedro, de N. S. de Nazareth e a de N. S. da Lapa, pertencente ao Hospital de Caridade e situada na encosta da montanha.

A industria da cidade constitue na fabricação de charutos, sabão, velas, cal e aguardente.

Nella nasceu D. Antonio de Macedo Costa.

Regressando, para outra vez singrar pelo rio Paraguassú, encontra-se a pov. de S. Francisco, na bacia de Iguape, com um convento, antigo noviciado dos jesuitas, principiado em 4 de fevereiro de 1658; ilha do Capim, povoada por pescadores; a pov. de S. Thiago do Iguape, á esq., occulta pela bacia do Iguape, com uma egreja e uma usina de assucar; os engenhos Brandão, Calembá, Ponta da Praia, Embiara, Guahyba, Guahybinha; ilha das Garças, no meio da bacia de Iguape; ponta do Souza, á dir., engenho da Ponta á esq.; pov. de Nagé, á dir. com uma egreja de N. S. do Livramento e uma fabrica de charutos; em seguida a pov. de Coqueiros com duas egrejas, ilha da Victoria; ilha do Capivary, abaixo da foz do rio do seu nome, e a Pedra da Bacia, na entrada da cidade da Cachoeira.

Desembarcando nesta cidade, tomei aposentos no hotel *Carvalho Verdadeiro* e no dia seguinte dirigi-me para a cidade da Feira de Sant'Anna, tomando o trem da Bahia Railway.

A estrada atravessa tres pontes, sendo menor a sobre o riacho Pitanga, e um pequeno tunnel, antes de chegar ao arraial de Belém, onde fica a primeira estação.

Esse arraial goza de um excellente clima e tem uma fonte denominada Fonte dos Padres, construcção dos jesuitas. Possuio em tempos idos um seminario, do qual apenas resta a egreja, bastante arruinada, porém de grande importancia, porque nella se acham os tumulos de um dos arcebispos da Bahia e do Padre Alexandre de Gusmão. A ossada desse illustre sacerdote, que rejeitou a dignidade de Principe romano para não perder a nacionalidade, foi encontrada em uma caixa de madeira com relevos dourados e forrada de velludo, a qual se conserva ainda na sacristia da mesma egreja.

Depois de Belém a estrada passa pelas estações da Serra, Conceição, Pinheiro, Cruz, donde parte o sub-ramal com tres kils. para S. Gonçalo dos Campos, Jacaré, Magalhães, Tapera e Feira de Sant'Anna.

A cidade da Feira está situada em um bello e extenso planalto, a 238 metros de altitude, e tem a extensão de dous e meio kils. e a largura de 600 a 800 metros.

Dista 45 kils. da Cachoeira, 72 de Maragogipe, 60 de Santo Amaro, 42 da Purificação dos Campos (Irará), 90 de Camisão e 84 de Riachão de Jacuhype.

E' a mais linda cidade da Bahia, mas triste e quasi sem animação. Goza de um excellente clima, respirando-se nella um ar purissimo.

Infelizmente faltam-lhe agua e esgotos.

Suas ruas principaes correm na direcção do N. a S., tendo como transversaes beccos estreitos. São notaveis: a do Senhor dos Passos e em seguimento Barão de Cotegipe, a Manoel Victorino e em seguimento General Ozorio, a Conselheiro Franco (antiga Direita) e em seguimento Remedios e a Vinte e Quatro de Maio (antiga Aurora). São calçadas as do Senhor dos Passos, Barão de Cotegipe, General Ozorio, Conselheiro Franco e Remedios. São bastantes largas a Manoel Victorino, com 30 metros, arborizada, a do Senhor dos Passos e Barão de Cotegipe.

A principal dellas, pela sua belleza, é a do Senhor dos Passos, com 23 metros de largura, recta, com passeios largos e cimentados e com predios, uns terreos e outros assobradados, perfeitamente alinhados, de construcção moderna; os terreos são de uma só altura.

Tem as praças Quinze de Novembro, a L. da estação, a da Matriz, a do Padre Ovidio, a do Commercio, a de João Pedreira, a do Dr. Remedios Monteiro, com o edificio da cadêa, a do General Argollo, vulgarmente campo do Fumo e a do General Camara, antiga campo do Gado, e o largo dos Remedios. São calçadas e arborizadas as do Commercio, João Pedreira e Remedios.

A praça General Camara é, a nosso ver, a mais importante da cidade, já pela sua extensão, já pelo bonito panorama que della se goza; desdobrando-se á pequena distancia a elevada serra do Tanquinho, a de S. José e os morros Muguzá ou Poções, Retiro, Bom Despacho, Pedra de Agua e outros sem denominação. Foi nella que se ergueu a forca onde expirou o celebre Lucas, famigerado assassino e salteador dos sertões bahianos. Este logar ficou assignalado por uma

cruz, que ainda hoje se levanta defronte do hotel Brazil, onde me hospedei.

Nas noites que passei na cidade da Feira, costumava assentar-me junto a esse santo madeiro. Ninguem me espreitava a não serem as estrellas que brilhavam no céo. Quantas vezes se me afigurava ver o meigo Jesus pregado á essa Cruz, que é para mim um santelmo da esperança e o unico consolo que encontro para as amarguras da vida. Interrogava-o sobre o meu amado filho, morto aos 15 annos. O meu querido Redemptor silenciava á minha interrogação. Sua divina cabeça pendida para o lado, seus olhos cerrados pela morte, seus braços estendidos como que querendo abraçar-me. De seu corpo jorrava copioso sangue das feridas que seus verdugos lhe haviam feito.

De repente a visão dissipava-se e eu despedia-me da Cruz, depois de collar a seus pés os labios e humedecel-os com o abundante pranto da humildade e do amor.

As feiras, as principaes do Brazil, effectuam-se ás segundas-feiras, affluindo a ellas concurrentes de toda a parte, que expõem á venda publica animaes de varias especies, couros e seus preparados, cereaes, *butecos*, cassuás, aves, fructas e uma infinidade de outros productos. Os objectos são expostos ao ar livre, em quasi todas as praças.

Na cidade publicam-se dous jornaes: *O Promissor*, fundado em 15 de Outubro de 1896 e *O Progresso*, em 2 de junho de 1900. O primeiro é dirigido pelo Dr. Demetrio Ignacio Pires de Araujo e possue uma typographia perfeitamente montada.

Os arrabaldes da cidade são: Olhos d'Agua, Almirante Barroso, tambem conhecido pelo nome de rua do A B C, Sobradinho e Nagé.

Os edificios da cidade são:

A matriz, que fica situada na praça do seu nome, com a frente voltada para o N. e os fundos para a estação da estrada de ferro, na entrada da cidade. Tem na frente tres janellas, com dous sinos aos lados e tres portas. Precede-a um adro, cercado por um gradil de ferro.

Seu interior é simples e despido de ornamentação. Os altares são separados do corpo da egreja por meio de columnas. Tem sete altares, inclusive o altar-mór, onde se acha Sant' Anna, padroeira.

Os outros altares são consagrados ao Sagrado Coração de Jesus, N. S. do Carmo, S. José, S. Miguel, N. S. do Sagrado Coração e N. S. das Victorias.

Tem dous pulpitos, fixos ás columnas; os 14 quadros da Via-Sacra e o côro com um *harmonium*.

Do lado do Evangelho fica a capella do Santissimo Sacramento, com o Sacrario e as imagens do Senhor dos Passos e N. S. das Dores. Em frente a esta capella encontra-se a sepultura do Padre Ovidio.

A sacristia fica nos fundos do altar-mór.

Ao lado da matriz, na praça Padre Ovidio, levanta-se a estatua em bronze deste benemerito sacerdote.

Representa ella a figura do Padre Ovidio de pé, olhando para a Matriz, tendo um livro de orações (breviario) em uma das mãos, emquanto que com a outra afaga uma orphã, cujas mãos se estendem supplices para o céo.

Na base lêm-se as seguintes inscripções: Na face de léste: *O Asylo de N. S. de Lourdes ao seu fundador e bemfeitor o Padre Ovidio Alves de S. Boaventura*; na do sul, *Nascido a 25 de julho de 1842. Fallecido a Março de 1886*; na de oeste, *Levanta este modesto monumento á sua abençoada memoria*; e na do norte, *Transiit benefaciendo, 25 de Março de 1892*. Deve-se o monumento a J. M. de Sampaio.

Além da matriz, ha na cidade a capella dos Remedios, no largo do seu nome, e a do Senhor dos Passos, na rua deste nome, em reconstrucção.

No alto do Gonçalo, ou alto do Cruzeiro, suburbio da da cidade, ergue-se um grande Cruzeiro com 85 palmos de altura e levantado pelos missionarios lazaristas em Janeiro de 1901.

O asylo de N. S. de Lourdes fica situado na rua Direita, em um modesto predio de dous pavimentos: o superior com seis janellas de frente e o inferior com cinco e a porta de entrada.

No pavimento terreo ficam o parlatorio, o refeitorio, duas aulas, sendo uma de primeiras lettras e outra de costuras e prendas, a cozinha, despensa, o recreio e um pequeno jardim. No pavimento superior ficam tres dormitorios.

Junto ao Asylo e do lado do N. acha-se a capella com o altar-mór, no qual se encontram as imagens de N. S. de Lourdes e do Sagrado Coração de Jesus, e aos lados, em dous nichos, S. José e N. S. das Graças. Tem mais dous altares lateraes, um com Santa Anna e outro com S. Vicente de Paulo.

E' o Asylo dirigido por senhoras piedosas, á frente das quaes se acha como Directora a irmã do fundador.

Foi fundado pelo Padre Ovidio em 25 de Março de 1879.

Agazalha actualmente 25 orphãs, que estendem as mãos á caridade de todos os christãos, de quem unicamente esperam todo o auxilio e protecção.

A Santa Casa de Misericoridia fica situada em um vistoso palacete, assobradado, na rua da Misericordia. Tem noves janellas de frente e a um dos lados seis e a porta de entrada.

Compõe-se da portaria, de uma sala da secretaria, uma de operações, uma capella com a imagem de N. S. da Soledade, duas enfermarias, da Piedade e de Sant'Anna, uma para homens e outra para mulheres, e de um salão nobre com seis retratos, entre os quaes um de D. Pedro II.

No pavimento terreo ficam duas enfermarias, S. João e S. José, uma para homens e outra para mulheres, despensa, cozinha e outras dependencias.

A Camara Municipal funcciona em um bom predio, situado na praça João Pedreira. No pavimento inferior ficam dous cartorios e a bibliotheca, fundada em 1890; e no superior a sala do jury, a thesouraria, a secretaria e o salão das sessões do Conselho Municipal, bem ornamentado, com os retratos dos Barões de Cotegipe e Pereira Franco.

Além destes edificios, conta a cidade uma boa cadeia, um excellente matadouro, que se recommenda pelo asseio, a estação da estrada de ferro e um theatrinho, Sant'Anna, situado na rua Conselheiro Franco, com duas ordens de camarotes, a primeira com 14 e a segunda com 15, e uma platéa para 250 espectadores.

Conta diversas sociedades, entre as quaes duas de musica, a 25 de Março e Victoria, e o Centro Operario.

Tem 1.418 predios, que pagam decima, e uma população de 10.000 habitantes.

A agua de que se serve a cidade é muito pesada e má, é colhida em diversas fontes, entre as quaes as do Vallado, Olhos de Agua e Nação.

Tem a cidade seis medicos, um advogado formado e um provisionado, quatro pharmacias, dous hoteis, tres fabricas de sabão, sendo uma a vapor, uma de farello, um alambique a vapor e diversas casas de negocio.

O mun. limita-se com os de Santo Amaro, Coração de Maria, Irará, Serrinha, Riachão do Jacuhype, Camisão, Cachoeira e S. Gonçalo dos Campos; e comprehende os seguintes districtos: Cidade, Bomfim, Almas, Bom Despacho, Tanquinho, Santa Barbara, S. Vicente, S. José de Itaporarocas, Remedios da Gamelleira, Humildes, Limoeiro, Capella do Sacco e Fortaleza.

A lavoura do mun. consiste em fumo, mandioca e cereaes. A cultura do café é insignificante. Ha alguma criação de gado.

O clima da cidade é excellente; a temperatura é de 17° centrigados no inverno e de 30° a maxima no verão. Com estas duas temperaturas extremas póde-se bem considerar a Feira apropriada a uma residencia fixa de verão e de inverno.

Na cidade é muito usual uma palavra, que jámais encontrei nos diccionarios. E' a palavra *faúla*, empregada como synonimo de mentiroso, contador de historias.

Em conclusão. A cidade da Feira é a mais linda das cidades que percorri no Estado da Bahia. A não ser a falta de agua, que só póde ser canalisada de algumas leguas de distancia, e a falta de esgotos, eu lembraria que para ella fosse transferida a capital do Estado.

FEIRA VELHA. Pov. no mun. de Itambé do Estado de Pernambuco.

FEITAL. Morro entre os muns. de Una e Cotia; no Estado de S. Paulo. E' mais conhecido por Morro Grande.

FEITAL. Morro no mun. de S. Roque; no Estado de S. Paulo.

FEITICEIRO. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Capibaribe.

FEITOSA. Log. no dist. da Graça, em Pernambuco. Accrescente-se no fim: Fica á margem da E. de F. de Olinda, entre as estações do Campo Grande e Encruzilhada, onde perto existe uma estação da mesma estrada, sob o nome de Hypodromo, no kil. 4,691^{m} da inicial do Recife, a 730^{m} da Encruzilhada e a 765^{m} da do Campo Grande. O nome Feitosa deriva-se do facto de ter tido o Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa um sitio naquelle logar.

FELICIA. Log. do Estado do Paraná, no mun. da União da Victoria.

FELICIANO. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. do Limoeiro.

FELIX (S.). É uma pequena cidade, que, vista de longe, offerece uma perspectiva mais pittoresca que Cachoeira, que lhe fica defronte; de perto, porém, é destituida de belleza.

Está encurralada entre a serra da Muritiba (moscas em abundancia) e a margem dir. do rio Paraguassú; tem um kil. de comprimento sobre 300 metros de largura e estende-se, parte, por terreno plano, que fórma o littoral, parte em terreno de declive e parte pelas encostas dos morros denominados S. Pedro Velho, Fumal, Barbosa, hoje Simas, e outros sem denominação.

Suas ruas são sinuosas, com excepção da Manoel Victorino, que é quasi recta; todas calçadas com pedra commum, estreitas, não muito limpas, com passeios, alguns cimentados, e illuminadas a kerozone. A rua mais importante é a que percorre o littoral, bastante larga, quasi recta, arborizada e com um caes, que se prolonga desde a ponte Pedro II até ás immediações das officinas da estrada de ferro. Possue esse caes pontes de desembarque e, em frente á praça Maciel, a estatua da Republica, inaugurada a 5 de maio de 1896.

Seus predios são quasi todos novos, 624 terreos, 69 de sobrado, e numerados.

E' abastecida de agua, que não me pareceu boa.

Tem cinco fabricas de charutos, das quaes são mais importantes as de G. Dannemann e Luiz Krueder a « *Utilidade* » de Costa Ferreira & Penna e a de Rodemburg & C., 16 armazens de fumo, uma fabrica de cerveja, cinco de sabão, uma de cortume, tres olarias, uma serraria, tres pharmacias, um hotel e 38 casas de differentes negocios. Ha na cidade tres medicos, tres advogados, quatro escolas, sendo duas municipaes e duas estaduaes, e um collegio americano.

Das fabricas de charutos, a mais importante e talvez a primeira do Brazil é a Dannemann & C. A fabrica fôra situada no interior da cidade e os armazens no littoral.

Tive occasião de percorrer a fabrica, que dispõe de uns 200 operarios. Foi agradabilissima a impressão que recebi, vendo homens, mulheres e creanças, todos occupados, uns na separação e escolha do fumo, outros na manipulação de charutos de marcas diversas, outros na fabricação de caixas, outros finalmente, em diversos outros misteres, que dão á fabrica a imponencia das grandes officinas de trabalho.

O pessoal occupado na fabrica e nos armazens ascende á cifra de 400 operarios.

Exporta para todo o Brazil e para Hamburgo (Allemanha), onde fica o deposito de exportação para todos os paizes do mundo.

A firma social Dannemann & C. tem, além dessa fabrica, mais duas em Muritiba, uma em Maragogipe, que é importantissima e uma em Nagé (o gavião).

A fabrica « *Utilidade* », de Costa Ferreira & Penna, occupa um vasto predio terreo á rua Dannemann, com 26 janellas de frente, tem 300 operarios. Exporta para o Rio de Janeiro, diversos Estados da Republica e para Lisboa.

A de B. Rodemburg & C. tem 150 operarios e exporta fumo para Hamburgo e charutos para a Inglaterra.

A população da cidade é de 6.000 almas.

Todas as quartas-feiras e sabbados ha, na praça Maciel, uma pequena feira, onde são expostos, além de outros productos, milho, feijão e principalmente farinha.

A cidade possue duas egrejas: a matriz, que fica em frente á ponte de ferro e ao nascente e cujo orago é o Senhor Menino Deus, e a capella de Nossa Senhora do Rosario, na praça da Acclamação.

A Camara Municipal, inaugurada em 20 de dezembro de 1890, funcciona em um predio de quatro faces, sendo a principal voltada para o lado do norte. Em baixo está alojada a cadeia e no pavimento superior a Secretaria da Intendencia, a sala das audiencias e a sala do Conselho e do Jury com os retratos do Marechal Floriano, do General Deodoro, do Dr. Prudente de Moraes, de Benjamin Constant, dos Drs. Manoel Victorino, Salvador José Pinto e do Sr. Geraldo Dannemann, o bemfeitor da cidade.

Em uma taboleta existente entre o primeiro e o segundo lanços da escada, lê-se «*Edificio Municipal, obra autorizada pelos membros da primeira Intendencia, Geraldo Dannemann, Dr. Salvador Pinto, Dr. Ignacio Tosta, Themistocles R. Passos, Antonio Guimarães e Souza, Arthur Furtado de Sima, Clementino P. Fraga.* ».

Em dous escudos que ha aos lados destes nomes, lê-se, em um: «*Creada villa em 20 de dezembro de 1889 pelo governador Manoel Victorino Pereira* »; e no outro: «*Elevada a cidade em 25 de outubro de 1890 pelo governador conselheiro Dr. Virgilio Damasio.* ».

A cidade conta mais, um banheiro publico e um bom mercado.

O edificio da estação da estrada de ferro, situado na praça Paraguassú, compõe-se de tres corpos, os dous lateraes baixos e o central mais elevado e encimado por um torreão com um relogio.

A ala dir. é occupada pela Administração e Secretaria; a da esq. pela Locomoção e Via permanente, e o sobrado pela Contadoria. Em frente á bilheteria ha um escudo com a inscripção seguinte: «*Brazilian Central Bahia Railway. Inaugurada no dia 23 de dezembro de 1881 pelo Exm. Sr. Conselheiro João Lustosa da Cunha Paranaguá, presidente da provincia da Bahia. Hugh Wilson, empreiteiro.* ».

O *hangar* tem duas plataformas lateraes, cobertas de telha sobre travejamento de madeira.

Pouco além da estação central ficam os armazens e em nivel inferior, as officinas e o almoxarifado.

A linha ferrea parte de S. Felix e vai até Bandeira de Mello com um percurso de 254 kils., havendo um ramal de Queimadinhas a Machado Portella, com a extensão de 14 kilometros.

A administração ingleza nessa estrada não foi muito zelosa na conservação do material.

O edificio meio arruinado, os carros estragados, as locomotivas e os trilhos carecendo de varios concertos e estes de immediata substituição, o almoxarifado desprovido, eis o estado em que os actuaes arrendatarios receberam a estrada.

A todo esse descalabro tem acudido com a sua proficiencia de profissional distincto o illustre Dr. Alencar Lima.

A cidade comprehende os seguintes logarejos: Salvavidas, Capivary, Dendé, Mata Moleque, Mangueira da Volta e Outeiro.

O mun. confina com Cruz das Almas, Maragogipe, Castro Alves (antiga Curralinho) e Cachoeira. Comprehende os districtos da cidade: Muritiba, no alto da serra, S. José do Aporá, Cabeças e Outeiro Redondo, e os seguintes povoados: Jordão, Manguinhos, Capivary, Varre Estrada e Laranjeiras.

A lavoura consiste em fumo, mandioca, cereaes e canna; algum café. A criação de gado é pequena.

Ha dous meios de transporte de S. Felix para a cidade da Cachoeira ou pela ponte Pedro II, na qual se paga 60 réis, ou por meio de canôas, pagando-se 100 réis.

O clima da cidade é muito quente.

Publica-se nella o jornal *A Patria*, que conta 12 annos de existencia.

E' séde de comarca.

FERNANDES. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. do Limoeiro e desagua na margem dir. do rio Capibaribe.

FERNANDES PINHEIRO. Estação da E. de F. de S. Paulo ao Rio Grande no pov. Imbituvinha, mun. de Imbituva do Estado do Paraná.

FERRÃO. Riacho do Estado do Ceará, nas divisas do mun. de Uruburetama.

FERRÃO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Sorocaba.

FERRAZ SALLES. Estação da E. de F. do Dourado, no Estado de S. Paulo, entre Ribeirão Bonito e Dourado.

FERREIRAS. Bairro do mun. do Capão Bonito do Paranapanema, no Estado de S. Paulo; com uma esc. creada pela Lei n. 657 de 28 de agosto de 1899.

FERREIROS. Ilha no rio Pomba, perto da estação de Pardo Kena; no mun. de Santo Antonio de Padua.

FERREIROS. Riacho do Estado de Pernambuco, nasce no logar Sete Cabeças e desagua, após sete kils. de curso, no Agua Torta, affl. do Capibaribe-mirim. E' conhecido tambem por Camutanga.

FERREIROS. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha o mun. de Diamantina e desagua no rio de Santa Maria, affl. do Jequitinhonha.

FERRUGEM. Corrego do Estado de Goyaz, affl. do Alagadiço, que o é do rio Cannabrava, no mun. do Peixe.

FIDELIS. Riacho do Estado do Ceará, entre Assaré e Araripe.

FIDELIS (S.). Log. no mun. de Tury-assú do Estado do Maranhão.

FIDELIS (S.). Deixando Miracema ás quatro horas e 50 minutos da madrugada segui em direcção a S. Fidelis.

Passei pelas estações de Paraokena, Padua, Balthazar, Aperibê, Funil, Vieira Braga, Tres Irmãos, Cambucy, Pureza, á margem esq. do Parahyba, entre os kils. 163 e 164, com uma usina de assucar na outra margem do rio e S. Fidelis.

Para chegar á esta ultima estação, a Leopoldina passa da margem esq. do rio para a dir., atravessando uma ponte de ferro de 480 metros de extensão.

Cambucy (1) é a villa primitivamente chamada Vallão Dantas, nella demorei-me apenas horas. Está situada á margem esq. do rio Parahyba, em logar plano, cercada de montanhas na margem opposta do rio e atravessada pelo corrego Vallão Dantas.

Tem casa da camara, que é um predio insignificante, matriz em construcção e dous engenhos de beneficiar café.

A lavoura é riquissima e a exportação de café consideravel.

S. Fidelis estende-se pela margem dir. do rio Parahyba, em logar plano, atravessada pelos vallões S. Fidelis, da Esperança e da Catharina; cercada pelos morros denominados Dantas, Mathias, Careca, Barreiro e Fabre, onde está o cemiterio; defronte do dist. de Ipuca, que fica na margem opposta do rio, a 49 kils. distante de Campos, 146 de Imbetiba, 26 de Cambucy e 323 de Nitheroy, é percorrida pela Estrada de Ferro Leopoldina.

Foi felicissimo o local escolhido para edificação da cidade, que produz no espirito do visitante a mais agradavel impressão.

Quem se colloca á beira-rio e contempla o panorama encantador, que se desdobra, fica extasiado. Com effeito, o rio Parahyba, bastante largo, osculando a frente da cidade para depois, em caprichosas curvas, seguir seu fadario em busca do tumulo, que proximo, o espera; ao longe montanhas da côr do céo, parecendo pela distancia, envoltas em um grande manto de relva; e a pov. de Ipuca com suas casas disseminadas e a sua poetica e alva capella erguendo-se silenciosa e isolada no cimo de um monte e banhada pela luz da lua, que lhe prateia a cruz, em pleno plenilunio.

Suas ruas são, no geral, bastante largas, rectas, perpendiculares umas ás outras, algumas calçadas e arborisadas, quasi todas com passeios de pedra e illuminadas a kerozene.

A de maior movimento commercial é a Alberto Torres, antiga do Café e 1° de Março. As outras são denominadas: Coronel Silva, antiga Gambôa, Pereira Pinto, Rosario, Frei Angelo, Frei Victorio, Dr. José Francisco, antiga Alexandrina, Sete de Setembro, antiga Flores, Marechal Deodoro, Guaracyaba, Major Vicente, Sacramento, Coronel Cunha, antiga Municipal, Voluntarios da Patria, S. Fidelis, Formosa, além de outras.

Tem duas praças: a de S. Fidelis, onde se acha a matriz, e a Quinze de Novembro, antiga Pedro II, onde se acha a egreja do Rosario.

Seus predios, em numero de 527, são, em geral, de feio aspecto, alguns muito velhos, quasi todos terreos. São numerados.

O predio mais bonito da cidade é a Casa de Oração, templo protestante.

O commercio é pouco animado.

E' elle representado por duas usinas de beneficiar café, 55 casas de fazendas e molhados, tres padarias, tres pharmacias, um bilhar, quatro barbeiros, uma officina de marceneiro, um photographo, uma typographia, um relojoeiro, tres alfaiatarias, dous selleiros, tres sapatarias, dous hoteis, dous dentistas, quatro officinas de ferreiro, quatro de latoeiro, dous açogues e uma olaria.

Existem mais na cidade quatro advogados, tres medicos, dous collegios particulares, uma loja maçonica, Auxilio á Virtude, e duas sociedades musicaes, a Euterpe e a Phil' Orphenica.

A Matriz é um templo vasto e pelas suas proporções o primeiro do Estado. Foi construida pelos religiosos barbadinhos Frei Victorio de Cambiasca e Frei Angelo Maria de Lucca, mandados pelo Vice-Rei Luiz de Vasconcellos e Souza para christianisar os indios Coroados, que tinham ido de Santo Antonio de Guarulhos, onde primeiro se haviam aldeiado, para aquelle ponto do dist. então de Campos dos Goytacazes, que se chamava nesse tempo *Gambôa* e é hoje a cidade de S. Fidelis.

Tem a fórma de uma cruz e é de estylo florentino. Não está concluida, tendo seus fundadores tomado para modelo a Basilica de S. Pedro em Roma.

Além desses dous apostolos da propagação da fé, deve-se mencionar o nome de um terceiro, que trabalhou na mesma via com igual fervor religioso: é o de Frei Thomaz Civittá Castello, fallecido a 16 de Abril de 1828, tendo sido precedido no tumulo por Frei Angelo, fallecido a 26 de maio de 1811 e por Frei Victorio, fallecido a 1 de Setembro de 1815.

A pedra fundamental foi lançada a 8 de Setembro de 1799; foi benta e disse-se nella a primeira missa em 23 de Abril de 1809.

E' coroada por um zimborio, encimado por um lanternim.

O adro, os fundos e os lados estão muito descorados, cobertos de capim.

O rebouco das paredes está cahindo, pondo a descoberto os tijolos com que a edificaram. Tem duas entradas, uma pela frente e outra pelo lado direito.

No alto do tympano ergue-se a estatua de S. Fidelis.

Seu interior nada tem de notavel, as paredes sem decoração, os altares mediocres e as imagens grosseiras.

Tem o altar do Santissimo Sacramento com o Sacrario e a imagem de S. Fidelis. Aos fundos fica um painel representando o supplicio de S. Fidelis com a seguinte inscripção:

D. O. M.
DIVI FIDELIS MART
TEMPLUM
ANNO. DOM. 1799 DIE 8 SEPTEMBRIO
IMPOSITIONE PRIMARII LAPEDIS
INCŒPTUM
AN. DOM. 1809 DIE 23 APRIL
ABSOLUTUM
EFFUSIMAS INTER EXULTATIONES
SOLUTUM BENEDICTIONE.

O resto está quasi apagado, destacando-se uma ou outra lettra.

(1) *Cambucy* é corrupção de *cambú-chi* e significa, segundo Baptista Caetano, vaso d'agua, pote, cantaro, tina.

Tem mais cinco altares, um de N. S. das Dores e nas paredes lateraes dous nichos com Santa Clara e Santa Apollonia, e os outros com o Senhor dos Passos, Santa Rita, S. Benedicto e Santa Cecilia. Tem um pulpito volante e o coro com um *harmonium*.

Debaixo do zimborio ha quatro paineis antiquissimos e em quatro nichos as estatuas dos Evangelistas.

Em frente ao altar de N. S. das Dores ha no soalho uma lapide com a seguinte inscripção: *Tributo de gratidão á memoria dos Revdms. Frei Victorio de Cambiasca e Frei Angelo de Lucca fundadores do templo e de Frei Thomaz de Castello e Frei João de Lucca, seus substitutos. Modesta lembrança do Conego vigario J. P. Jorge Guaracyaba e de seus parachianos 1878.*

Ao lado do altar de N. S. das Dores fica a sacristia com um arcaz e os retratos de Leão XIII, Frei Angelo de Lucca, Frei Victorio de Cambiasca, Padre Guaracyaba e do Padre Joaquim da Crùz Paula.

Além da matriz possue ainda a egreja do Rosario, em ruinas, e na Villa da Penha uma capella em construcção.

A Camara celebra as suas sessões em um predio, cujo pavimento terreo é occupado pela cadeia. A secretaria, a procuradoria e a bibliotheca funccionam em edificios differentes.

A pop. da cidade é de 3.600 habitantes.

Não tem esgotos, nem agua canalisada, utilizando-se, a pop. da agua do rio Parahyba.

O mun. confina com Cambucy, Campos e Santa Maria Magdalena.

Comprehende os dist. da cidade, Ipuca (corrupção de *y-pug*, agua arrebenta ou estoura), Timbó, Colonia e Ponte Nova, e as estações da Pureza, S. Fidelis e Ernesto Machado.

A lavoura consiste em café, canna e cereaes. Possue uma mina de plumbagina, na fazenda de S. Benedicto, na serra do Collegio.

Entre as serras que percorrem o mun., notam-se: a do Collegio, Palmital, Alferes Magalhães, Juramento, Esperança, Peito de Moça, Bufão, Mocotó, Paraizo, Ribeirão das Flores, Bella Joanna, California, Cachoeira Alta, Arrependido, Avó, Sapateiro, Marianas e Monte Alegre.

Entre os rios notam-se: o Parahyba (composto de *pará-ahyba*, rio ruim, imprestavel ou innavegavel), o Dous Rios, o Grande; o Negro; o do Collegio, affl. do Parahyba, o qual recebe, pela margem dir.; o Flores, o Buffão, Brazil, Pitanga e União, e pela esq.; o Trapiá ou Trapuá (corrupção de *ityrapoã*, cabeço ou outeiro redondo), o Bella-joanna, tributario do rio Preto, formado pelos corregos Manoel Lopes e João Magro e recebendo o vallão do Jacques pela esq.; e o vallão do Cavoqueiro pela dir.; e o vallão dos Porcos, affl. do rio Grande, o vallão do Caburaca e o vallão dos Veados, affl. do Dous Rios.

O Parahyba recebe pela esq. os vallões seguintes: do Macaco, que banha o dist. de Ipuca, Timbó, Grumarim, Esfola Macaco, Salto, Coronel Cunha, Laranjeiras e Vieira; e pela dir. o Quilombinho, o Bom Jesus e o Vargem Grande.

Sobre a fundação desta cidade colhemos o seguinte: em 1799 foi fundada uma aldêa de indios Coroados no logar conhecido pelo nome de *Gamboa*, á margem meridional do rio Parahyba, 60 kils. distante da cidade de S. Salvador de Campos.

Apezar de haver nas immediações uma capella consagrada a S. Fidelis de Sigmaringa trataram os Capuchinhos, ajudados pelos indios, de erguer um templo mais decente.

Em 1779 começaram os intrepidos missionarios a fundação do novo templo, lançando-lhe a primeira pedra no dia 8 de Setembro, e, após muita perseverança e sacrificios, conseguiram completal-o em 23 de Abril de 1809.

Foi essa capella erecta em 1812, em Curato, sendo o seu primeiro cura Frei Victorio de Cambriasca.

Separada a aldêa, pela Revolução de 3 de Fevereiro de 1824, do dist. de Campos e annexada ao de Cantagallo, foi de novo pelo decreto do mez de Novembro do anno seguinte, reunida a seu antigo districto e pela Lei Provincial n. 177, de 2 de Abril de 1840 foi elevada á categoria de freguezia.

O art. 1º da Lei Provincial n. 503, de 19 de Abril de 1850, elevou-a á villa, sendo installada em 5 de Março de 1855. Finalmente, a Lei Provincial n. 1.533, de 3 de Dezembro de 1870 deu-lhe as honras de cidade.

FIGUEIRA. Log. do Districto Federal, no dist. de Guaratiba.

FIGUEIRA. Dist. de paz, creado no mun. de Dous Corregos do Estado de S. Paulo pela Lei n. 621 de 21 de junho de 1899. Por suas divisas correm o corrego do Tijuco Preto e ribeirão da Figueira.

FIGUEIRA. Log. do Estado do Paraná, no mun. do Serro Azul.

FIGUEIRA. Serra nos muns. de Jahú e Dous Corregos; no Estado de S. Paulo.

FIGUEIRA. Corredeira no rio Mogy-guassú e Estado de S. Paulo. O rio estreita-se ahi, fazendo uma volta entre montes, com canal apertado, por onde as aguas correm com grande velocidade.

FISCHERS. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. do rio S. Lourenço, que o é do Juquiá (Carta de Orville Derby).

FLECHAL. Log. do Estado do Pará, na sub-prefeitura de Urixiacá e com. de Santarem.

FLECHAS. Morro do Estado de Santa Catharina, na pov. das Aranhas. Tem 220^{m},0.

FLORENTINA. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da cidade do Bom Fim.

FLORENTINA. Corrego do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

FLÔRES. Ilha do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Porto Alegre.

FLÔRES. Riacho do Estado da Bahia, banha o mun. de Alagoinhas e desagua no rio Aramary. Nasce na fazenda Coqueiro de Cima.

FLÔRES. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, affl. da margem dir. do rio do Collegio; no mun. de S. Fidelis.

FLÔRES. Villa do Estado do Maranhão. Accrescente-se no fim: Fica a margem esq. do Rio Parnahyba, defronte de Therezina, capital do Piauhy. E' o ponto terminal da E. de F. de Caxias a Flores.

FLÔRES NOVAS. Pov. do Estado do Ceará, no mun. da Cachoeira.

FLORESTA (S. João da). Passou assim a denominar-se pela Lei n. 756, de 17 de novembro de 1900, o dist. de paz e policial de S. João e S. Domingos, no mun. de Lençóes e Estado de S. Paulo.

FLORESTA. Arrabalde da villa de Cambucy, no Estado do Rio de Janeiro, á margem esq. do rio Parahyba do Sul.

FLORESTA. Log. do Estado do Paraná, no mun. do Rio Negro.

FLORESTA. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. da capital, com escola.

FLORESTA. Estação da E. de F. Campista, no Estado do Rio de Janeiro, entre Commendador Martins Lage e Barcellos.

FLORESTA. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. da margem dir. do rio Amaragy.

FLORESTA. Rio do Estado do Rio de Janeiro; nasce nas vertentes da fazenda de Luiz Monnerat, banha a villa do Bom Jardim e desagua na margem esq. do rio Grande em terras de uma usina de beneficiar café.

FLORESTA. Cachoeira no rio Kagado, dist. da cidade do Mar d'Hespanha; no Estado de Minas Geraes.

FLORESTA DOS LEÕES. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. do Pau d'Alho, a 60 kils. da capital, com clima saluberrimo. Denominava-se antigamente Chã do Carpina. Fica sobre um planalto de 191m de altitude, no kil. 59,875m da via-ferrea do Limoeiro.

FLORIANO DE MOURA. Arroio do Estado do Paraná, banha o mun. de Imbituva e desagua no rio das Antas, affl. do Imbituva.

FLORIANO PEIXOTO. Dist. de paz creado na pov. denominada Dias do mun. de Bom Fim e Estado de Minas Geraes, pela Lei Municipal n. 74 de 8 de agosto de 1901.

FLORIANOPOLIS. Cidade capital de Santa Catharina. Accrescente-se no fim. O Sr. Virgilio Varzea, em seu trabalho *Santa Catharina* (1900), diz: «Florianopolis (Desterro), capital do Estado, é uma cidade pittoresca e agreste, collocada bem ao centro da costa occidental da ilha, ao fundo da bahia do sul, em uma especie de peninsula que forma uma das pontas do Estreito, por onde de certo, em remotissimas epochas geologicas, a ilha se ligava á terra firme. Com as suas casas risonhas e brancas, a antiga povoaçãosinha de Velho Monteiro, dir-se-ha talhada para um grande destino, pois se assemelha, por sua situação, como por uma occurencia de origem, á mais celebre cidade do mundo, á Roma, a velha Babylonia latina, porque á maneira de Roma, foi regada com sangue ao nascer e assenta sobre sete collinas... E Florianopolis não é para os catharinenses senão uma outra Roma. . . mas uma Roma pequenina e maritima. Vista do mar, a cidade não impressiona bem aos que a visitam pela primeira vez, apezar do seu encanto paysagista, porquanto uma parte de sua frente, do lado do norte, onde corre o caes da Figueira, compõe-se ainda de casinhas antigas, com os fundos voltados para fóra, exhibindo quintalejos murados ou de taboas e ripas, com uma multidão de embarcações miudas em roda, como botes, batelões e canoas, puxados em terra ou em fabrico, para o serviço de seus habs., que são em totalidade maritimos, pois a Figueira foi e é, nas ruas mais proximas ao mar, o bairro dos embarcadiços. Quem passa por ahi sente, desde o morro do Wenceslão até ao canto da rua Alvaro de Carvalho (antiga da Palma) um cheiro hygienico e sadio a pixe, a verniz coltar, a alcatrão, a estopa, a mialhar, a ferro *patent*, a lona nova e a cabo de cairo ou linho, tudo isso que lembra navio e mar, e que nos dá uma vaga saudade das viagens longinquas, em que esse aroma saudavel se nos apega ás narinas, acompanhando-nos ainda, em terra, por dias e dias. O mesmo se nota nos predios ao longo do outro cáes (o principal da cidade) e que formam a ala sul das ruas Altino Corrêa e João Pinto, desde o canto da Palma ao elegante edificio gothico da Capitania. Estes, porem, tem a attenuante de uma fachada para o mar e serem altos e limpos, posto que de construcção antiga, como de resto a capital em geral, com excepção de algumas ruas e arrabaldes.

Este defeito, que de certo modo compromette a esthetica da cidade no seu primeiro aspecto impressivo, tem origem na maneira como foi ella edificada de seus principios, pois que partindo do alto onde está a matriz para a beira-mar, as casas todas estenderam-se marcando o templo por frente, e isto até quási aos ultimos tempos da monarchia, em que a Camara Municipal abrindo a rua da Liberdade (que corre ao longo do cáes desde o largo Quinze de Novembro á Santa Barbara) entrou a intervir, prohibindo as construcções nesse sentido. As casas, que escaparam a uma tal ordem de cousas, foram as do Menino Deus, no largo Treze de Maio, cuja frontaria é toda voltada para o mar, desde a Ponte do Vinagre até á Toca, onde infelizmente começam de novo os muros e os quintalejos de taboas e ripas, desdobrándo-se até á Prainha. A Toca é um logar meio pedregoso e empinado, pois levanta-se da base de rocha da ladeira dos Passos ao morro da Bôa Vista. As suas casinhas são encarapitadas umas sobre outras, apertando-se como um rebanho de cabras alvas, o que lhes dá um ar de presepe antigo, e, como a Figueira, é um bairro maritimo, mas de outro genero, porque nelle só se accommodam os pescadores e redes, que lanceam alli mesmo, nos baixios da bahia. As principaes ruas, de Florianopolis são em geral rectas, planas e bem calçadas. Quatro dellas representam o centro commercial, a *city* — como diriamos si se tratasse de uma grande capital — e são as denominadas Altino Corrêa (que é a mais importante), João Pinto, Trajano e Republica. Na primeira destas acha-se situada a grande casa commercial do Carl Hœpcke & C., a mais notavel do Estado, que é um deposito completo de toda a sorte de generos e artigos, importados directamente das principaes praças da Europa e conduzidos por uma frota de navios a vapor e a vela, em continuas viagens transatlanticas entre aquellas cidades e Santa Catharina. Esta casa joga com cerca de tres mil contos de capital e abastece de tudo, não só o commercio catharinense, em totalidade, como a muitas cidades do Paraná, para onde faz grandes vendas annuaes. Outra casa do mesmo genero, mas em menores proporções, é a de Ernesto Wahl & C., tambem importadora. As demais lojas negociam a retalho. Ha, porém, em grande numero, armazens de commissão e consignação, recebendo artigos industriaes de Joinville e Blumenau, e exportando farinha de mandioca para os Estados do Norte, bem como amendoim, couros, café, ovos, melado e banana, em avultados carregamentos, para diversos portos da União e para o Rio da Prata. No transporte da banana para Montevidéo e Buenos Ayres, além dos paquetes do Lloyd Brazileiro, que levam ininterruptamente para esses destinos o convez e a tolda apinhados de cachos, embarcados aos milhares, ha tres vapores de grande arqueação, que fazem durante o inverno tres ou quatro viagens mensaes. O commercio da capital é o mais movimentado do Estado, quanto á importação; quanto á exportação, porém, sobreexcedem-no, e muito o da Laguna, Itajahy, Blumenau, Joinville e S. Francisco. Por este lado, em virtude de sua situação na ilha, Florianopolis está fatalmente condemnada a ficar para traz, tanto como em outros ramos da economia social, pois é sabido que só prosperam amplamente as capitaes que occupam o centro de suas regiões. Em futuro proximo a capital terá forçosamente de ser deslocada para qualquer ponto do continente, talvez para o mun. de S. Francisco, talvez para Lages. A mudança para este ultimo local foi, por vezes, debatida nas assembléas provinciaes do velho e novo regimen, e na imprensa. Mas a excellente idéa não logrou até hoje mais do que ficar em projectos de lei que não têm sido cumpridos, devido em parte ao atrazo de muitos e, por outro lado, á má orientação administrativa e a mesquinhas rivalidades. Si em ambos esses regimens tivesse havido já uma politica previdente e sensata ao lado de uma administração criteriosa e intelligente, bem auxiliada por todos, certamente que Santa Catharina, mudada a sua capital, encontrar-se-hia actualmente em um pé de progresso invejavel, porquanto essa idéa da mudança da capital é cousa antiquissima e que salta aos olhos de todos como uma necessidade.

E tanto assim é, que já em 1748, ha mais de seculo e meio, um de seus governadores, Manoel Escudeiro Ferreira de Souza, homem intelligente e de grande tino administrativo, examinando as causas porque o Desterro (então villa) não prosperava, quando outros pontos do continente se desenvolviam de modo consideravel, posto que de fundação posterior, como a Laguna e outros — concebeu, com admiravel previsão do futuro, o plano de mudar a capital para a terra-fime, plano que propoz immediatamente ao governo portuguez, mas que teve o desgosto de ver rejeitado, a pretexto, segundo se allegava, de que a villa já possuia casa do governador, igrejas e armazens-reaes, quando semelhantes edificios não passavam de simples casinholas de paredes de páo e barro, conforme se vê do trecho seguinte, extractado á *Memoria Historica* de Almeida Coelho:

"O governador Manoel Escudeiro Ferreira de Souza, reconhecendo improprio o lugar em que estava situada a villa, e a inconveniencia de continuar ahi a séde ou capital da provincia, tentou mudal-a para sitio mais azado na terra-firme, e por isso deixou de proseguir nas obras que tinham sido determinadas pela provisão de 17 de Julho de 1748 e representou á Côrte: foi-lhe porém respondido em provisão do Conselho Ultramarino de 1753 que ouvido o procurador da Corôa e Fazenda, e o ex-governador José da Silva Paes, convinha não fazer-se a mudança projectada, por haver já na villa casa de residencia do governador, igrejas e armazens-reaes. Esta resposta, desgostando sobremaneira ao governador, resfriou o seu zelo e interesse pelo augmento e prosperidade do povo, e conservou-se quasi em inacção até dar-se-lhe

successor. Cumpre reflectir que o capricho mais que a conveniencia publica dictou as informações que deram causa ás deliberações da Côrte de que temos tratado: basearam-se estas em haver já na villa casa de residencia do governador, igreja e armazens-reaes; quando é certo que a residencia do governador a esse tempo era uma pequena casa, cujo pé direito não excedia a 12 palmos, que servia igualmente de provedoria, e que, como para memoria, ainda em 1802 ou 1803 existia contigua á esquina do palacio actual, vindo a ser demolida nesse anno pelo governador Joaquim Xavier Curado; a igreja não passava então de uma palhoça, cujas paredes em 1763 eram de páo-a-pique barreadas, sendo no tempo do governador D. José de Mello Manoel que se principiou a construir a existente: o mesmo acontecia quanto a armazens-reaes, que ainda em 1802 existia na praça, immediata á praia uma palhoça que servia de quartel a gente da marinha. Tal era a verdade com que se informava ao soberano sobre os negocios mais importantes do Estado! »

E assim, por más informações, indifferença ou ignorancia do governo da metropole, a capital de Santa Cathatina deixou de ser transferida, então, e com a maior opportunidade, para um ponto qualquer do continente.

As praças ou largos de Florianopolis são em pequeno numero, mas apresentam aspecto agradavel e pittoresco, por serem em geral planos, com bella arborisação ornamental. Tres delles, porém, merecem particular menção — o Quinze de Novembro, que está situado no coração da capital, estendendo-se desde o alto da Matriz até ao principal cáes de desembarque, onde se achava o edificio do mercado velho, hoje demolido; o da Praia de Fóra, e o Treze de Maio, todos dando frente para o mar.

O primeiro e o do General Osorio (tambem conhecido por Campo do Manejo) são os mais vastos de todos. O Quinze de Novembro, com um jardim ao centro, mas um jardim magnifico e moderno, todo gradeado em redor e onde se erguem uma pequena cascata, um interessante chalet chinez, grandes *corbeilles* de arbustos, massiços de flores e tufos delicados de grama, abrindo-se em tonalidades de colorido que vão desde o verde-escuro dos pinheiros á doçura do verde-outonal — é um lugar aprazibilissimo e não tem rival em nenhuma das nossas cidades maritimas, a contar da Capital Federal para o sul. Excellente ponto de attracção e recreio, é o passeio publico das familias desterrenses, que nelle se reunem aos domingos de tarde, em grupos graciosos e alegres, com crianças em volta, arejando e expandindo-se em curtos mas continuados passeios pelas áleas, ao som de uma ou mais musicas militares, tocando peças escolhidas, nos corêtos, entre arvores. E é ahi, nessas tardes, que se póde admirar á toda luz certas physionomias encantadoras de moças, de uma formosura casta e simples, dessas que honram ainda a tradição conhecida em todo o Brazil de que Florianopolis, ou melhor, Santa Catharina, é "a terra das moças bonitas".

Tal affirmação é verdadeira, não na generalidade que se lhe dá, mas de modo relativo. No emtanto, a moça da capital, como a das outras cidades catharinenses, não passa em regra de um typo já um pouco modificado nas suas linhas plasticas, porquanto verdadeiras bellezas, em nossa opinião, quer na corpulencia, quer na harmonia doce e seraphica dos traços physionomicos, se encontram com maior frequencia, e em toda a plenitude de encantos, nas freguezias e arraiaes interiores, pelas roças, pelos sitios.

E isto se explica naturalmente, pela saude e liberdade do campo, onde o clima é sempre doce, o ar sempre puro e desenervante, e onde a vida corre despreoccupada e feliz, quasi sem impressões desagradaveis ou oppressões moraes, que tanto affectam a existencia nos meios populosos, em que ha grande concurrencia e é mais dolorosa á lucta pela vida; e explica-se ainda pela conservação integral do primitivo typo açoriano que ahi ficou victorioso, typo que, segundo viajantes e escriptores, é dos mais bellos da raça portugueza, pois foi refinado pela plastica admiravel de portuguezes, hollandezes e hespanhoes, que colonizaram tambem essas ilhas.

Em apoio desta asserção, consignamos aqui o que diz a tal respeito o medico portuguez Dr. Accurcio Ramos, á pag. 194 do seu interessante livro o *Archipelago dos Açores*, publicado em 1871:

«As mulheres geralmente são altas, elegantes e formosas. São variados os typos, variadas as beldades, mas sempre typos agradaveis, sempre beldades sympathicas. Apparecem com mais frequencia lindos olhos castanhos, ornando alvos rostos levemente rosados, com que singularmente contrastam os cabellos negros e finos; mas tambem não é rara a formosa mulher de cabellos louros, olhos azues e collo de alabastro, junto da viva e seductora morena, cujo olhar fascinador attrahe e captiva. Não abundam tanto, mas não escasseam inteiramente, os rostos pallidos, dessa pallides viçosa e encantadora que as damas geralmente ambicionam, brilhando nellas, debaixo de negras sobrancelhas, uns olhos, negros, humidos, luminosos e inspiradores, e pendendo-lhes aos lados fartas e negras tranças, como aquellas de que um distincto poeta disse estavam prisioneiros os mais appetecidos amores ».

E' este typo que predomina na capital e demais cidades catharinenses, á excepção, é obvio, dos centros de origem allemã, a que já nos referimos.

No largo Quinze de Novembro estão situados, além da matriz, o Palacio do Governo, a Secretaria, a Prefeitura de Policia, a Directoria da Instrucção Publica, a Inspectoria de Hygiene, a Repartição das Terras, Colonisação e Obras Publicas, o Juizo Federal, a Administração dos Correios, a Caixa Economica e a Superintendencia Municipal, no meio dos melhores edificios particulares que ornam a capital, porquanto são elles, na sua maior parte, de sobrado e de construcção moderna ou recentemente reformada.

O Palacio, que era um vasto casarão antigo, de fórma ancestral e pesada, com grossas paredes de fortaleza e largas janellas espaçadas, acha-se hoje completamente transformado num interessante edificio de estylo corinthio, modificado pela ornamentação moderna das melhores construcções actuaes do Rio de Janeiro. Todo de platibandas, tem a culminal-o aos cantos estatuas symbolicas, isoladas ou em grupos, entre as quaes se destacam, na fachada da frente, á direita, a figura de Mercurio, representando o commercio; á esquerda á de Amphitrite, synthetisando a feição maritima do Estado. Bem ao centro, e em elevação saliente, vêem-se as armas do Estado — uma estrella, coroada no alto pelo gorro phrygio, com uma grande aguia de envergadura aberta a desprender vôo, levando nas garras uma chave abraçada a uma ancora e no peito a data em que alli se deu a proclamação da Republica — 17 DE NOVEMBRO DE 1889 — havendo a contornar a estrella um ramo de trigo e um ramo de café, atados em baixo por um laço em cujas pontas esvoaçantes se lê — ESTADO DE SANTA CATHARINA. A ESTRELLA representa a circumscripção estadual, uma das vinte da Federação Brasileira; a AGUIA a força moral, intellectual e physica do povo; a CHAVE a sentenciosa classificação politico-geographica de Abreu Lima — *A ilha de Santa Catharina é a chave do Brazil meridional*; A ANCORA o genio maritimo catharinense; O CAFÉ e O TRIGO a futura riqueza agricola do Estado. Collocado ao lado direito do largo, á esquina da rua Tenente Silveira, o Palacio fórma, com a Capitania do Porto, o Palacete do Congresso, a Alfandega, o Quartel do Exercito, o Quartel do Corpo de Segurança, o Hospital de Caridade, o Hospital Militar, o Hospital de Marinha, o Novo Mercado, o Palacete da Superintendencia Municipal e o Gymnasio Catharinense, o grupo dos mais bellos edificios publicos de Florianopolis.

O segundo largo é o denominado Lauro Müller, no porto da Praia de Fóra, bem na batente do mar, em frente á rua Esteves Junior, chamada outr'ora Formosa. Posto que pequeno, é esse sitio um dos mais pittorescos da cidade, não só pelo bairro onde se acha, como pelo seu elegante jardim, de estreitas ruas areadas e minusculos canteiros verdejantes. Cercado de um gradil em rectangulo, como o do largo Quinze de Novembro, torna-se, como este, aos domingos e feriados, um bello ponto de distracção.

O outro largo, conhecido por Treze de Maio, occupa toda a área que vai da ladeira do Menino Deus á Ponte do Vinagre. Não é ajardinado como os outros mas abre sobre a linha do cáes chamado do Menino Deus, de onde se gosa magnifica vista de mar.

Em templos, Florianopolis não possue nem um que se notabilise pela sua architectura ou dimensões, mas entre os que ahi existem mencionaremos como os principaes — a Matriz, cuja situação já conhecemos, alta igreja de duas torres, semelhante a do Sacramento na Capital Federal, tendo á porta principal e aos lados um amplo adro, e descendo em vasta escadaria de dous lanços sobre a praça Quinze de Novembro, o de S. Francisco de Assis encravado na

rua Marechal Deodoro, esquinando com a da Republica (antiga Senado), tendo as mesmas proporções mais ou menos do primeiro e encimado de duas torres; o do Rosario, menor um pouco que os dous citados, de uma torre só e cercado de pequeno adro balaustrado, erguendo-se num viso de collina de onde se avista quasi toda a cidade e o panorama encantador da bahia do sul, desde o Estreito até Naufragados; e as tres capellas, simples e pequeninas como capellas de roça — de S. Sebastião, dos Passos e do Parto, collocadas, a primeira, no largo do mesmo nome á Praia de Fóra, e as outras nos dous extremos da cidade, uma na ladeira dos Passos e a ultima ao fim da rua Altino Corrêa, proxima á collina da Vista Alegre.

O cemiterio era e é ainda hoje a unica impressão desagradavel que recebem os que visitam o Desterro, especialmente quando entram pelo norte, pois o primeiro ponto da cidade a se avistar dahi é justamente esse alto de outeiro, em cuja base uma fita de mar se interpõe, separando a ilha da terra-firme. Os antigos fazendo desse lugar, tão bonito pela sua vista e paizagem, a necropole da capital, não previam o ar funebre e sinistro que lhe iam dar, e, o que é peior, ignoravam os graves perigos a que expunham a cidade, com os miasmas que sobre ella se espalhariam de certo, durante o verão, quadra em que sopram seguidamente os ventos do quadrante do norte, onde está esse local. E é tão resaltante ahi a permanencia desse cemiterio, abrindo um véo negro de crépe sobre toda a cidade, que o Dr. Gama Rosa, distincto homem de sciencia e um dos mais illustres presidentes que teve Santa Catharina em épocas passadas, tratando da salubridade publica, no *Relatorio* que apresentou á Assembléa Legislativa em 5 de fevereiro de 1884, disse com a mais alta competencia de hygienista:

«Entre as causas de insalubridade figura tambem o cemiterio publico, que, segundo se affirma, com os ventos do Norte, lança sobre a cidade miasmas e gazes deleterios. E' possivel que assim seja. Sobre o que porém não resta duvida, é achar-se o cemiterio collocado de modo muito inconveniente para o bom aspecto da cidade, produzindo aquella paizagem funeraria a mais desfavoravel impressão no espirito de todos que aportam á capital. Se não é, portanto, em nome da hygiene, é com certeza em nome da esthetica que conviria remover o alludido cemiterio ».

No emtanto é para lamentar que tal idéa permaneça até hoje sem realisação pratica, não obstante os esforços do eminente Dr. Gama Rosa e de alguns governadores que ultimamente a tiveram em mira, continuando o mencionado cemiterio a empestar e a enfeiar a formosa collina onde o collocaram, ha seculos, os nossos antepassados.

O movimento industrial de Florianopolis é pouco apreciavel e pequeno, comparado ao de Joinville e Blumenau, que são os dous grandes emporios do commercio e industria catharinenses, como veremos mais tarde. Entretanto, presentemente, esse movimento tem tomado certo impulso, com a fundação de novas officinas e fabricas.

Assim é que já se contam ahi — uma fundição de pontas de Pariz, empregando grande numero de operarios, pertencente á casa Carl Hœpcke & C.; duas fabricas de preparar peixe em lata; tres de cerveja, salientando-se entre ellas a de Daniel Krapp e a de Antonio Freyesleben, que exportam o seu producto para as circumvisinhanças e localidades do sul do Estado; uma de sabão e velas; officinas de carpinteiro, marcineiro, tanoeiro, funileiro e torneiro, capazes de fornecer, nesse genero, obras delicadas e artisticas; uma fabrica de massas alimenticias; duas grandes refinações; um engenho a vapor para pilar arroz e café; engenhos de preparar farinha de mandioca e assucar (communs e muito numerosos em todos os sitios do continente e da ilha); e outros e outros de menor importancia, que seria ocioso enumerar.

A industria, porém, mais interessante, curiosa e esthetica de Florianopolis, e talvez a menos rendosa pela sua estreiteza, é a das flores artificiaes, que têm uma grande procura da parte dos estrangeiros e passageiros dos vapores que alli tocam nas suas constantes viagens entre a Capital Federal e os portos do sul da Republica até ao Rio da Prata. Esses trabalhos delicados são feitos a mão e por moças, constando em geral de pequenas peças de ornamentação para o interior de gabinetes, salas e musêus de familia. Na sua confecção, são empregadas pennas de pato, pelle de ovo, palha commum de gigo, escamas de toda a ordem, canutilho, arame e pequenas conchas ou busios das bellas praias de mar grosso da ilha ou da terra-firme, preparados convenientemente pela propria florista, do modo o mais simples e rudimentar possivel.

Com semelhantes insignificantissimas cousas, a moça catharinense faz brotar de seus dedos industriosos uma porção de objectos adoraveis, como leitozinhos de noivado, com seu cortinado de pennas alvissimas, terminando por um laço de fita, porta-joias de feitios originaes, caixas de costura, vasos, cestas, bahúsinhos de segredo, pastas, bolsas, ramos, *bouquets* de baile e de nupcias, grinaldas, corôas, fructas, brinquedos; objectos, emfim, de mil variados contornos e côres, que são o encanto de quem os vê e os quer adquirir.

E é grato observar, quando se passa por qualquer rua do Desterro, ás janellas de certas casas, onde se expõem ao sol, fincados em pequenos tóros de pita, para seccar a tinta com que foram tingidos, a gomma com que foram collados ou a pedra hume diluida em que foram immersos, objectosinhos soltos, que vão formar mais tarde, num *ensemble* gracioso, aquelles formosos *bibelots* artisticos.

Entre essas emeritas floristas são conhecidas lá, e até mesmo em outros pontos da Republica, como as mais habeis e perfeitas no seu trabalho, as senhoras Silveiras que com isso fizeram a sua celebridade.

A capital catharinense é talvez um pouco triste, para os que estão acostumados nas cidades movimentadas e ruidosas, onde a vida nas ruas, nos cafés, nas *brasseries* e theatros, constitue, durante o dia e a noite até altas horas, perenne diversão publica, saturando a atmosphera em volta de alvoroço e alegria. Com uma pequena população que não passa de 15.000 almas, disseminada em grande parte por arrabaldes longinquos, com casas commerciaes, officinas e fabricas quasi todas accumuladas em um ponto determinado e central, ella só apresenta movimento e bulicio do alvorecer ao meio-dia, hora em que as ruas do commercio (Altino Corrêa e João Pinto principlamente) e a praça Quinze de Novembro na parte do cáes, transbordam de povo, em uma affluencia continua, sobrelevada duas vezes por semana pela feira dos allemães e nacionaes, acudindo á cidade com seus generos e mercadorias, trazidos das colonias e sitios proximos do continente e da ilha.

A' tarde o aspecto é mais triste; e á noite com a falta de illuminação a electricidade ou a gaz (o que é incomprehensivel, hoje, em um centro que tanto tem progredido ultimamente), reina certa melancolia, particularmente se o rebojo do sul bate a cidade, embocando furioso nas ruas e uivando em rajadas.

Commummente as diversões no Desterro não vão além das *partidas* dançantes em clubs e casas de familia, e a ausencia de outros quaesquer divertimentos é de tal ordem que semelhantes reuniões se repetem frequentmente duas, tres e mais vezes por semana. Mas essas reuniões ou *partidas* são em geral agradaveis, pela simplicidade, harmonia e trato familiar que invariavelmente as caracterisam. A tal respeito é de justiça mencionar aqui, d'entre as distinctas associações desterrenses, o Club Doze de Agosto que conta cerca de 30 annos de existencia, o Club Germania, tambem de fundação antiga e o Club Dezeseis de Abril. Estas aggremiações compõem-se do que Florianopolis tem de mais selecto e elevado, e dão festas dançantes e sessões de jogos de salão para familias, que são o que ha de mais apreciavel e digno.

Pena é, no emtanto, que não exista actualmente no Desterro um club de concertos como outr'ora houve o denominado Quatro de Março, que teve nome em Santa Catharina e para o qual Gothschalk, o celebre pianista americano, escolheu dous pianos de primeira ordem, encommendados a um fabricante de Nova-York que era seu admirador e amigo. Esses pianos vieram, e foi ao som de suas notas que, em noites inolvidaveis para os catharinenses, nos salões illuminados do club, cantaram e gorgearam durante algumas horas, arrebatando o auditorio, esses gloriosos rouxinóes do palco lyrico que se chamaram Herminia Borghmamo e Tamberlick.

A vida intima na capital, como em todo o Estado, é simples e sóbria, affectuosa até ás ingenuidades dos mais doces carinhos. Quem entra pela primeira vez em uma casa de familia (isto da mais modesta á mais rica), seja brazileiro ou estrangeiro, é recebido com tal bondade e franqueza, com tal doçura e sympathia, que, á segunda ou terceira visita — salvo raras excepções — é tratado como um intimo,

A hospedagem ao forasteiro póde dizer-se que é alli primitiva e biblica. O catharinense, geralmente, pela sua alma expansiva e boa, depois de algumas palavras com um extranho qualquer, faz-se logo seu amigo, e, habitualmente imprevidente e desprevenido, condul-o para o lar, apresentando-o á familia e dando-lhe ás vezes cama e mesa, como a um velho amigo. Na roça, então, esses factos são mais communs e continuos.

A convivencia social no Desterro é, pela sua affabilidade, um desdobramento da vida em familia. N'um baile, em clubs ou em casas particulares, como no theatro, em representações publicas e outras, ha sempre a mesma affectuosidade e lhaneza das assembléas intimas. Quanto a trajes e ostentações, em poucos lugares do Brazil haverá maior simplicidade e modestia, sem deixar de existir comtudo graciosidade e chiquismo, o que é facil de comprehender em uma terra de moças bonitas.

E' verdade que uma ou outra familia opulenta procura exhibir-se em passeios e festas com sedas e joias (o que é natural nos ricos); porém essas, como é intuitivo, são ahi rarissimas.

Por todas essas qualidades e pelo bem-estar, conforto e facilidade de vida, é a capital catharinense um dos pontos mais habitaveis e preciosos da União, o que a torna, com o bello clima que possue, um verdadeiro PARAISO TERREAL DO BRASIL, como disse Pompêo na sua estimada *Geographia*.

CURIOSIDADES

1 — MONUMENTO AOS MORTOS DO PARAGUAY

Entre os usos e costumes e entre os lugares, templos e monumentos existentes na capital catharinense, resaltam, pela sua permanencia no espirito popular, pela chronica interessante, tradição poetica, originalidade ou grandeza de panorama e bellezas naturaes, bem como pelos fins humanitarios e nobres a que se propõem — o monumento commemorativo dos mortos da campanha do Paraguay, a capella e hospital do Menino Deus, o morro do Antão ou do Páo da Bandeira, a romaria da Trindade, a festa do Espirito-Santo e a Procissão de Passos.

Occupando-nos destas curiosidades, a todos os respeitos dignas da mais ampla menção, porque exprimem não sómente certos pontos da evolução social catharinense, mas o estado intimo e psychologico da alma collectiva do povo, suas virtudes e sobrevivencias atavicas modificadas embora pelo meio, o tempo e a civilisação — procuraremos assignalal-as com inteira justeza e verdade, tanto quanto nos permittirem os documentos e narrações historicas, nas épocas passadas, e o nosso exame e impressões pessoaes, nos tempos que nos são contemporaneos.

A idéa de erigir-se um monumento publico, signifivativo da gratidão, affecto e veneração do povo catharinense á memoria de seus queridos irmãos mortos gloriosamente nos campos do Paraguay em defesa da Patria, foi inspirada pelo distincto jurisconsulto Dr. João Thomé da Silva, nos ultimos mezes de sua presidencia em Santa Catharina. Esse illustre administrador, um dos mais notaveis que conheceu a Provincia, e, sem duvida, o que mais se empenhou até então pelo engrandecimento material e moral desse torrão precioso, mas constantemente esquecido e humilhado muitas vezes pela politica tortuosa e dissolvente do Imperio, que só olhava para as grandes Provincias que mais concorriam para o orçamento da receita geral; esse illustre administrador, dizemos, esforçou-se quanto poude para que seu projecto fosse levado a effeito com a maior brevidade, fazendo com que a Assembléa Provincial votasse uma verba para esse fim e promovendo ao mesmo tempo subscripções publicas, bazares, festas e representações theatraes, cujos resultados se arrecadassem com segurança até preencherem a somma necessaria á construcção do monumento.

Sem perda de tempo, portanto, e com aquelle *entrain* e dedicação que todos lhe conhecemos, e dos quaes já tinha resultado a construcção dos principaes edificios publicos do Desterro, como a Alfandega, o Theatro, o Quartel de Policia, a Capitania e outros de menor importancia — atirou-se á obra o Dr. João Thomé, mandando levantar pelo engenheiro Schlappal uma planta do monumento, planta que o integro profissional confeccionou com alguma originalidade e gosto artistico, mas que infelizmente não foi completamente observada na execução do trabalho, pela exiguidade da quantia para esse fim angariada. Apresentado o desenho, que esteve exposto ao publico durante muitos dias e que representava uma columna (cremos que de ordem toscana), faceada no plintho e com 20 metros de altura, mais ou menos, — o presidente ordenou a construcção, mandando erguer os primeiros alicerces no centro do largo do Palacio (actualmente Quinze de Novembro), lugar que fôra julgado, depois dos necessarios estudos, como o mais conveniente e apropriado.

Mal se achava construido o pedestal, foi o Dr. João Thomé chamado á Côrte, ficando assim interrompidas as obras, que só tiveram proseguimento algum tempo depois, na administração Taunay, que, luctando com as maiores difficuldades pecuniarias, e não podendo por isso realizar o primitivo plano, resolveu concluil-as, completando o plintho começado e rematando-o como uma «pilha de bombas de morteiro de 32 centimetros, terminada por uma chamma de bomba, que parece explodir no ar.» (1)

Assim, o monumento, que era para ter 20 metros de altura, ficou reduzido a pouco mais de metade, deixando ver infelizmente, pelo seu aspecto total, o estado de uma construcção imperfeita e inacabada. Não obstante, tal qual se acha, honra os esforços e sacrificios dos que se empenharam para leval-o a cabo; e se não representa uma obra rica e sumptuosa, por sua architectura e proporções, despertando a admiração dos forasteiros, significa, entretanto, e com simplicidade, um preito de eternecida saudade e affecto do povo catharinense á memoria sagrada de seus mortos queridos, daquelles que com a maior abnegação e heroismo souberam dar a vida pela gloria da Patria.

A altura total do monumento, da base ao apice, é de $10^{m},88$, tendo as quatro faces do pedestal ornadas a linhas singelas e merlões, em cada uma das quaes se vê uma pedra de marmore vermelho, veiado de branco de $2^{m},0$ de compriprimento por $1^{m},0$ de largura (2). A face de léste contém a seguinte inscripção, gravada a letras douradas:

INITIO BELLI
ADVERSUS PARAGUAYENSES EGREGIE DIMICATI
IMPERIUM EX IMPROVISO NEFARIE AGGRESSOS
BRASILIENSIS CONFESTIM SURREXERAT GENS OMNIS
IMPERATOR
EXERCITUSQUE ET CLASSIS NEC NON CIVES
PLURIMI SEORSIM SPONTE SUA
PLACIDIS EX OFFICIIS AD MILITIŒ CASUS ADACTI
NOBILISSIMI TIRONIS
QUUMQUE PERACTO QUINQUENNIO VIS ILLA
LŒSAM ULTRA PATRIAM
ADEPTA VICTORIA PACEM STATUISSET
QUANTO SOCIIS ŒQUITATIVAM IPSIQUI HOSTI
TANTO BRASILLIEA DECORAM
TUNC MONUMENTUM HOCCE VOTIVUM
DICAVERUNT CATHARINENSES
EXIGUUM QUIDEM CONFESSI EXIGUO PRO ŒRARIO
JURE TAMEN RATI
VIRTUTE PARTAM PROEMII MODESTIA
HAUD MINUI GLORIAM

Na face de oeste, vêm-se as seguintes palavras:

ESTE MONUMENTO
FOI ERIGIDO
PELO PATRIOTISMO DOS CATHARINENSES
EM COMMEMORAÇÃO DA GLORIOSA
CAMPANHA DO PARAGUAY
NA QUAL MUITOS FILHOS DESTA PROVINCIA
PAGARAM AO BRASIL
O TRIBUTO DA VIDA

---

(1) Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay, *Relatorio* com que passou a seu successor a presidencia de Santa Catharina, em 2 de janeiro de 1877-pag. 50.

(2) Relatorio citado, pag. 50.

REINANDO
O IMPERADOR D. PEDRO II,
FOI COMEÇADO NA PRESIDENCIA DO
EXM. DOUTOR JOÃO THOMÉ DA SILVA E CONCLUIDO NA DO
EXM. DOUTOR ALFREDO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY
NO ANNO DE
1876.

Na face do norte, depois de algumas palavras latinas, estão lançados, em ordem hierarchica, os nomes dos officiaes catharinenses que pereceram no Paraguay;

QUI
PRO PATRIA VITA DEFUNCTI JACENT
LACRIMABILES CIVIBUS

Marechal de Campo Guilherme Xavier de Souza.
Brigadeiro Jacintho Machado de Bittencourt.
Coronel Fernando Machado de Souza.
» Manoel José Machado da Costa Junior.
Major João Antonio Cardoso.
» Joaquim Cardoso da Costa.
» Francisco Cardoso da Costa.
» Joaquim Luiz de Azevedo.
» Leopoldino Machado de Lemos.
Capitão José Maria Garcez.
» Miguel A. Barbalho Picanço.
» Pedro José Soares.
» João Firmiano dos Santos.
» Francisco Duarte Souza Benevides.
» Eduardo Honorio V. de Aguiar.
» João Caetano Pereira.
Tenente Amaro Antonio Vieira.
» João José Ferreira.
» Delfino José de Gouvêa.
» Ernesto Silveira da Veiga.
» Antonio Ferreira de Noronha.
» Frederico José Wickenhagen.
» Bernardino Vieira Rabello.
Alferes Alfredo Minelvino Noronha.
» Candido Francisco da Costa.
» Domingos Velloso de Oliveira.

No lado do sul, continuando a inscripção precedente, acham-se mais os nomes seguintes, após esta commovente sentença:

ABENÇOADA PATRIA QUE SE NÃO ESQUECE DE SEUS FILHOS!

Alferes Damasio L. P. de Mendonça.
» Theophilo Francisco da S. Vieira.
» Candido Joaquim da Silva.
» Francisco J. Ferreira de Figueiredo.
» Patricio Sepulveda Ewerard.
» Rodolpho Cavalcanti do Livramento.
» João Manoel Stuart.
» Jesuino de Sant'Anna Carpes.
» Francisco Luiz de Bittencourt.
» João Baptista Becker.
» Francisco Maria de Assis.
» Silvano Alves de Souza.
» José da Silva Bastos.
» Jacintho Corrêa de Mello.
» João Nepomuceno Maia.
» Manoel de Jesus Costa Pereira.
» João Antonio da Rosa.

MARINHA

1º Tenente Alvaro Augusto de Carvalho.
» José Ignacio da Silveira.
» Domingos Moreira da Silva.
» João José Cóutinho.
2º Tenente João da Silva Fernandes Vieira.
» José Francisco Alves Serpa.
» Feliciano Nunes Ayres.

O Dr. Escragnolle Taunay, ao terminar a parte do seu relatorio que se refere á inauguração do monumento, exprime-se do seguinte modo, á pag. 53 desse documento;

«Ficaram perpetuados, pois, neste singelo e pobre monumento, os nomes de todos os officiaes mortos naquella campanha, em numero de 50, o que mostra pela proporção com os soldados, quão mortifera foi ella, principalmente para esta Provincia.

Assim ficou terminado o monumento, que tem indubitavelmente cunho severo e militar, como convinha ao nobre pensamento que buscára representar... »

Perfeitamente. Pena é, entretanto, que as administrações republicanas não tenham podido até hoje completar o monumento, de accordo com o projecto approvado ha tempos no Congresso Estadual e onde se contém a idéa de tornar mais alta a Columna, collocando-se no cimo a estatua do legendario Coronel Fernando Machado, morto em Itororó a 6 de dezembro de 1868.(1)

2 — CAPELLA DO MENINO DEUS

A capella do Menino Deus fica no alto de um outeiro de que é padrasto o morro do Páo da Bandeira, em cuja base de rocha começa a chamada Ladeira dos Passos, onde tambem, conforme vimos, assentam as primeiras casas da Tóca, que, encabritadas em bando sobre as pedras, vão terminar á Boa-Vista, junto ao Hospital Militar.

Dahi, dessa pequena eminencia, distante do mar apenas braças, goza-se uma paizagem e marinha apreciaveis: a um lado, as duas curvas do porto, especie de dous crescentes enormes, unidos a um dos extremos, na altura da ponta de Santa-Barbara, onde existio outr'ora o forte do mesmo nome e existe hoje o edificio da Capitania e suas dependencias; a casaria da cidade, estadeando-se dessa linha para terra num amplissimo relêvo de telhados vermelhos, entrecortados aqui e alli de pannos brancos de paredes e muros, massiços coloridos de jardins e pomares, na ondulação de suas sete collinas, que vão morrer longe, para o norte, á garganta do Estreito, emmoldurando num recorte de verduras, de tons multiplos e soberbos, as aguas da outra bahia; as innumeras embarcações miudas do trafego, as grandes de cabotagem e de longo-curso, riscando com os triangulos

(1) Tres dias depois da publicação desta parte do nosso livro sm o *Jornal do Commercio*, fomos agradavelments surprehendidos com uma interessantissima carta do iliustre Sr. Visconde de Taunay, dirigida á Redacção daquella folha e inserta em seu numero de 6 de junho de 1897. Calando as expressões generosas e delicadas, que só pessoalmente nos dizem respeito, transcrevemol-a aqui:

"O Sr. Virgilio Varzea, nos seus artigos sobre Santa Catharina, refere com minucia tudo quanto diz respeito ao monumento da praça do Palacio, começado pelo saudoso presidente Dr. João Thomé da Silva e mais ou menos concluido a esforços meus, quando, em 1 76, administrei aquella então provincia.

Na integra transcreveu o escriptor catharinense as inscripções que compuz e mandei gravar nas pedras marmore das quatro faces do embasamento. Valeu-me a principal, posta em purissimo latim pelo meu sempre lembrado pai, Barão de Taunay, uma homenagem qus sinceraments então me penhorou e hoje sou levado a relembrar com verdadeira emoção.

Dias após a inauguração do monumento commemorativo, recebi em palacio a visita do respeitabilissimo e tão popular padre Leite e do professor Branco. "Bem sabe, disse-me o primeiro, que não somos frequentadores desta casa. Não pudemos, porém, eu e meu cunhado, deixar de vir felicital-o, e calorosamente, pelas palavras que mandou gravar naquellas taboas votivas. Acabamos de lêl-as com as lagrimas nos olhos". O bom do velho, latinista de força e mais que isto, autoridade em linguas mortas, sem excepção do hebraico antigo, mostrava-se enthusiasmado com o latim que apreciara deliciado. Dei-lhe a conhecer a origem de onde proviera. "E' uma inscripção, concluiu elle, digna, pela fórma e pelo fundo, de ser copiada e guardada por quantos viajantes sahem por esta cidade do Desterro".

Não dei á terminação do monumento caracter definitivo e creio que á necessidade da sua transformação posterior alludi no meu relatorio, que não tenho agora a mão para consultar. Fiz na occasião, o que me era possivel fazer, não só para impedir a ruina total do que achei construido como para desatravancar o centro da praça de feios andaimes e montes de páos e pedras, conforme lá se viam por mais de quatro annos. Foi ao meu empenho ajudado pelo inclyto duque de Caxias, presidente do conselho de ministros, que, pelo seu ministerio da guerra, mandou fornecer-me com presteza tudo quanto delle requisitei em bombas, peças, correntes e mais accessorios.

Bastante tempo depois, procurei fazer com que se substituisse aquella desgraciosa pilha de balas e, achando-me na Europa indaguei de uma casa de Strasburgo, qual o preço de uma estatua de bronze de Santa Catharina, de que vi bello modelo, e com altura correspondente á base da praça do Desterro. Fallaram-se em 35 contos de réis, tudo acabado, isto em 1879. Escrevi para a provincia; mas as respostas não foram animadoras — e até hoje o monumento está como o deixei, havendo felizmente escapado á tentativa de vandalica e ingrata destruição. Quando não seja outro o motivo, deve amparal-o sempre a simples relação dos officiaes do exercito e da armada, filhos de Santa Catharina, que morreram com honra nos campos do Paraguay em prol da gloria do Brazil."

brancos das velas ou com as altas mastreações encruzadas, o espelho das aguas em calma ou em novellos bravios de vagas, quando sopra o vento sul. Para a outra banda, em frente, a costa da terra firme: os Coqueiros, com as suas casinhas e ranchos pousados em praias alvas e em cabos pittorescos, á sombra de laranjaes ou entre grupos de palmeiras; S. José, uma enseada remançosa ao sul, como um ninho littoral, agasalhador e tranquillo para essas frotas de lanchas que juncam a Praia Comprida; as pequenas ilhas frondentes surgindo tumidas do mar, á maneira de zimborios de hervagens; e os humbraes da Barra do Sul, abertos e livres aos transeuntes do Atlantico, embora, ás vezes, sob o pampeiro inclemente, rondados, fóra, pelos vagalhões indomaveis, leões d'agua furiosos na sua juba de espuma. . . .

Essa capella, um dos monumentos mais antigos do Desterro, foi um dos pontos, depois da Matriz, por onde a cidade começou de edificar-se, porquanto foi em volta della e como uma radiação do seu todo, que surgiram as primitivas casinhas do Menino Deus, do Areião para cima, e as da Tóca á Prainha.

Como era natural, nessa época de fervor e beatério mystico, reflectido ainda que brandamente de Portugal, abysmado então na loucura e no delirio fradesco (1), as povoações no Brazil costumavam ser construidas, primeiro, em redor dos templos ou collegios de jesuitas, vivendo os habitantes do que dahi lhes vinha, pois a maquia da Companhia em toda a parte era grande e avultadas as esmolas que os beatos tiravam, vagando de sitio em sitio.

Eis a razão desse agrupamento denso de casas em torno á capella do Menino Deus, cuja fundação se deve ao béaterio, mas ao beatério puro e nobilissimo, que, bem differente do da metropole, foi bastante edificante para os catharinenses, porque delle resultaram proveitos e beneficios de tal ordem que se concretisaram depois na mais bella instituição de caridade, que ainda hoje possue o Desterro.

Narremos rapidamente essa historia, cuja contextura luminosa envolve um perfil feminino, alma sinceramente religiosa e feita só de virtudes, que tudo no mundo abandonou por amor ao proximo e ás cousas divinas. Referimo-nos a essa candida physionomia de mulher que faz o encanto das chronicas catharinenses e das emocionaes tradições paulistas, passando poeticamente, através da nossa admiração intima, no seu habito de burel negro, o rosto branco de monja mediéva, com a imagem do Menino Deus apertada ao coração, um rosario de camandulas pendendo á roda da cinta e os pés descalços e nús empoados pelos grandes camminhos, que percorreu, incançavel, illuminada pelo seu destino.

Joanna de Gusmão — tal é o nome dessa creatura bemdita — fôra um desses espiritos delicados, que, vencendo as violencias do temperamento, soubera recolher-se a uma vida de pureza absoluta, dedicando-se totalmente á Crença e á Fé, e á missão, nobre entre todas, da misericordia e piedade pelos infelizes. Nascida em Santos, dessa forte raça paulista que havia dado os "bandeirantes" e o primeiro povoador de Santa Catharina (Velho Monteiro, o heróe obscuro e humilde), descendente de uma das mais illustres familias d'alli — a do cirurgião-mór Francisco Lourenço, que dera a Portugal os celebres irmãos Bartholomeu e Alexandre de Gusmão, aquelle o primeiro que descobriu o aerostato, de cuja idéa se apossaram mais tarde os Montgolfier apresentando-a como sua; e este o maior dos estadistas portuguezes do seculo XVIII, não fallando em Pombal; — nascida em Santos, essa insigne dama, ao perder seu marido, na cidade de Paranaguá onde moravam, por um voto sagrado que tinham feito ambos numa igreja em Iguape, resolvera conservar-se em perpetua viuvez, apezar de moça ainda, e, tomando um habito de burel negro, sahio a fazer "vida santa", perigrinando por terra e a pé para o sul até ao Desterro, onde se fixou com o pensamento de erigir uma capella ao Menino Deus, o que conseguio, com o auxilio de esmolas, em 1762 (2).

O outeiro escolhido para o pequeno templo era propriedade do catharinense André Vieira da Rosa, que ahi medindo dez braças quadradas de terra dellas fizera doação á D. Joanna (16 de março de 1762), a qual immediatamente deu principio ás obras (2 de maio do referido anno), mandando construir ao mesmo tempo, á pequena distancia e no seio da matta virgem, uma rude choupana, que passou a habitar em companhia de uma outra beata muito virtuosa, D. Jacintha Clara, que se lhe juntara em uma de suas romagens ao Rio de Janeiro ou á Cisplatina.

De volta da ultima peregrinação ao Rio, sentindo-se adoentada, recolheu-se de vez ao seu ermo, com a mencionada companheira e uma outra senhora que se lhe associara igualmente: e como era intelligente e illustrada, votou-se completamente ao sacerdocio de ensinar meninas, para o que ampliou a sua casinha, onde, desde então até a sua morte, gerações e gerações de moças se educaram e instruiram.

Em 1777, quando os hespanhoes tomaram Santa Catharina, conta a tradição que D. Pedro Zeballos, general em chefe dessas forças, durante o tempo que nella se demorou, ia constantemente, ás tardes, apreciar a palestra da illustre matrona, sob cujo tecto se abrigaram a principio muitas familias, temerosas do desmando inimigo. Graças á ella, porém, aquelle general não consentio no menor desacato a ninguem até a sua partida para o Prata, data em que a metropole voltou á posse da ilha. Affirma-se tambem que o governador portuguez Veiga Cabral, na sua administração, não « dispensou domingo nem dia santo que não fosse gozar a conversação da *virtuosa e sábia mulher*, como elle a chamava ». (1)

Na sua capella e no lar, ora em rezas ferventes diante do altar do Menino Deus a cujo culto particularmente se devotava, ora ensinando as crianças, ora acudindo á pobreza necessitada e afflicta, mesmo com os maiores sacrificios — os annos lentos corriam, colmando-a das bençãos do povo, que a tratava de "santa", e nevando-a com os jasmins da velhice.

«Nessa nobre missão consumio o resto de seus dias, disse um distincto escriptor (2), vindo a morrer aos 92 annos de idade, em 16 de novembro de 1780, sendo pranteada pela população inteira do Desterro, onde se lhe fizeram pomposas exequias ».

Morta Joanna de Gusmão, a capella passou á D. Jacintha Clara, que lhe sobrevivêra, e por fallecimento desta foi entregue judicialmente á Irmandade dos Passos, em cumprimento á ordem do Vice-Rei do Estado, de 19 de outubro de 1781.

3 — HOSPITAL DE CARIDADE

A piedosa obra de Joanna de Gusmão — a igrejinha do Menino Deus — contava já seis annos de existencia, quando a Irmandade dos Passos resolveu transferir-se para ella, deixando a Matriz onde tinha seu consistorio em 1768. A razão desta transferencia fôra a necessidade de accommodar em capella propria a Imagem do Senhor dos Passos, que dera origem á constituição dessa confraria, ao ser deixada no Desterro, em 1764, pelo capitão do navio de vela que a conduzia para uma das cidades do Rio-Grande-do-Sul, onde ia ser venerada, lugar a que não chegou, entretanto, "por vontade divina", segundo as palavras devotas e simples daquelle marujo, que tres vezes investio, com o Senhor, á barra daquella Provincia, tendo tres vezes tambem o repellido ameaçadoramente as vagas bravas de lá. Sábiamente, então, depois de lutar assim contra os temporaes, que por pouco lhe não arrebataram o Santo, a propria vida e a de seus camaradas — pois o barco arribara tres vezes á Santa Catharina quasi a sossobrar — o crente e rude marinheiro resolveu desembarcar alli mesmo a Imagem, voltando logo á Bahia de onde havia primeiro zarpado.

Installada a Irmandade em seu novo local, obtida a provisão do bispado e o consentimento da illustre Senhora, começaram as obras da pequena capella e sua sacristia que ficaram sendo parte do edificio geral. Prosperando a instituição, com o augmento do numero de irmãos que dia a dia

(1) Oliveira Martins, *Historia de Portugal*, vol II; Livro sexto. caps. I — IV.

(2) *Breve noticia sobre a imagem do Senhor Bom Jesus dos Passos* (folheto anonymo), pag. 24; Rio de Janeiro, 1897.

(1) Almeida Coelho, *Memoria Historica*, nota ás pags. 102 e 103.

(2) Felix Ferreira, *Noções da vida domestica*, pag. 214, 2ª edição; Rio de Janeiro.

se lhe incorporavam, em breve o provedor e mesarios, vendo a necessidade de uma Casa de Misericordia de que já se resentia a cidade, deliberaram humanitariamente, de accordo com toda a corporação, instituir uma verba em favor dos enfermos indigentes, soccorrendo-os com remedios e dietas em suas casas, emquanto se não fundasse o hospital que projectavam, e fornecendo ao mesmo tempo mortalha e sepultura aos que fallecessem a cujo enterro compareceria tambem a Irmandade (1). Esta nova funcção da benemerita confraria foi exercida activa e cuidadosamente com o titulo de *Caridade dos Pobres* de 1782 (data da resolução da Mesa) a 1 de janeiro de 1789, anno em que os doentes foram recolhidos ao Hospital de Caridade (2), fundado em o mesmo local, e em continuação á igreja e capella citadas, pelo celebre Irmão Joaquim, o São Francisco de Assis catharinense, cujo venerando perfil vamos aqui esboçar.

O Irmão Joaquim ou Irmão Livramento (conforme o cognome que adoptara quando se dedicara ao culto particular da Senhora do Livramento, á qual o pai tinha levantado um oratorio em sua residencia porque era uma devoção de familia), o Irmão Livramento, dizemos, era, como D. Joanna de Gusmão, uma dessas organisações exclusivamente talhadas (talvez por degenerescencia physiologica, como quer Lombroso em seus admiraveis trabalhos) (3) para a pratica constante do humanitarismo e das acções cultuaes. Concorreram para isso, não só as qualidades hereditarias de raça, como a educação do tempo e seu coração puro e bom, constitucionalmente altruista, e o exemplo das continuas lições de caridade e virtude, aprendidas com a "Santa do Menino Deus", em cuja intimidade viveu alguns annos. Depois o facto de ter nascido em sexta-feira de Paixão, e justamente á hora em que defronte á sua casa passava o caixão do Senhor Morto (4), na procissão do Enterro, de certo lhe impressionou o espirito na idade da puericia, quando lh'o contou sua mãi, fazendo-o julgar-se, talvez, assignalado por Deus para o cumprimento de algum sublime mandato. Ora, semelhante impressão, unida á tendencia poderosa do seu temperamento de mystico para as cousas do rito catholico, devia dar, como deu, a grande força intima, feita de abnegação, generosidade, amor, humildade e sacrificios, que foi a victoria e a santificação de toda a sua vida.

Nascido numa atmosphera de igreja, cheirando a incenso e a cêra, embalado desde o collo entre litanias, com o sangue preparado para nelle fructificar fartamente a semente da Crença e da Fé — o menino entrou a crescer como em um noviciado. E era tal a predestinação que, embora na escola, entre companheiros de varios matizes, inclinados, como em geral as crianças, á toda a sorte de jogos e de correrias, vivia elle, á maneira de um pequenino sacerdote, indo ou vindo da escola para a casa e desta para as igrejas, no maior recolhimento, sem attender ás occurrencias da rua, pensando unicamente nos Santos e agarrado com os livros. No lar, os seus brinquedos de menino eram os mais caracteristicos: armar pequeninos oratorios, imitar certos actos do culto, entoar sagrados canticos ou hymnos. (5) E tudo isto sósinho, sem companhia, "arrebatado e esquecido do mundo" como disse Oliveira Paiva em seu brilhante escripto.

Intelligente e estudioso, de um proceder immaculado, como era natural em uma alma de lyrio, nos exames ou lições sobreexcedia sempre a todos os condiscipulos. Por isso, aos doze annos, feitos os estudos necessarios para entrar no commercio, carreira a que o pai o destinara, este, para que o rapaz "se iniciasse", collocou-o de caixeiro em sua propria lojinha (6).

Dahi mesmo, porém, aos dias santos e domingos, o menino corria ao templo a tomar parte nas solennidades festivas, e isto com redobrada dedicação e fervor, pois não podia mais ser frequente como tanto queria. Ao lado desta religiosidade profunda outra cousa crescia em sua alma, e com maior impeto: um tal sentimento de franqueza e caridade que ia até ao extremo de despir a propria roupa para dal-a a um mendigo! (1) Por este e outros actos que se foram seguindo, é que se viu o primeiro alvorecer dessa aurora de altruismo que o ia illuminando, e que o elevaria depois á apotheose immortal de um S. Francisco de Assis ou de um S. Vicente de Paula.

Ante tamanha inclinação para a vida mystica o pai, o sargento-mór Thomaz Francisco da Costa, alma igualmente religiosa, deu-lhe plena liberdade, aconselhando-o a tomar ordens, que o menino recusou "julgando-se dellas indigno e levando a sua humildade ao ponto de servir de sacristão na capella do Menino Deus, occupando-se diariamente, e desde o alvorecer, em varrel-a e preparar os altares (2)". De então em diante — teria dezesseis annos — consagrou-se inteiramente á missão da caridade, exercendo-a com tanto ardor e devotamento que, se os queremos comparar, só encontramos iguaes na alma sublime daquelles apostolos do bem, Assis e S. Vicente.

Assim, nas horas vagas dos misteres divinos, vivia em peregrinações piedosas pelas casas dos pobres, a repartir com elles as moedas dos seus ganhos e as que angariava esmolando, matando-lhes a fome, suavisando-lhes as necessidades, ao mesmo tempo que, se alguns gemiam no leito, acercava-se a consolal-os, fornecendo-lhes remedios e dietas, tratando-os — carinhoso enfermeiro — sem os abandonar, um instante, quer de dia, quer em vigilias, á noite. Procurava, com extrema dedicação, amparar as crianças desvalidas — abandonados ou orphãos — guiando-as nos primeiros passos, encaminhando-as para a pureza e o dever, educando-as.

Nesta pratica de virtudes, concebeu a idéa grandiosa da fundação de uma casa de caridade, o que conseguiu depois de difficuldades sem numero e de uma luta incessante, percorrendo, a pé e sósinho, todas as freguezias e cidades do sul do Brazil, quer as da sua Provincia, quer as do Rio-Grande; e isto por trilhas invias e desertas, assaltado pelos selvagens e bandidos, que o maltratavam e saqueavam ás vezes, apezar de seu velho burel de Franciscano e das insignias do Sacramento que trazia ao peito — um calix coroado por uma hostia de ouro — dando-lhe o ar venerando e triste de um romeiro mediévo correndo as aldêas da Europa, a cabacinha d'agua amarrada ao cajado, uma sacola na mão.

Com o resultado desta primeira peregrinação — que durou de um a dous annos — voltou ao Desterro e fundou o Hospital de Caridade de que nos occupamos e no qual se installou, como vimos, a instituição da *Caridade dos pobres*, creada pela Irmandade dos Passos, ficando, entretanto, elle proprio a dirigir o estabelecimento, como principal enfermeiro. "Mas reconhecendo dentro em pouco, diz o arcipreste Oliveira Paiva, a necessidade de um patrimonio para fazer face á despeza do seu hospital, resolveu impetral-o da rainha" (Art. cit. — *O Irmão Joaquim*).

Neste intuito embarcou para Lisbôa em 1791, conseguindo de D. Maria I, por decreto de 29 de novembro do mesmo anno, uma pensão de trezentos mil reis annuaes; após o que regressou, muito satisfeito, á Santa Catharina, onde permaneceu até 1796, data em que vendo o seu hospicio bem dirigido e zelado pela confraria a que o entregara e obedecendo á sua idéa de caridade, ampliada agora pelo successo, seguio para a Bahia, em cuja capital erigio logo, e por meio de esmolas, um asylo de orphãos que tomou o seu nome, chamando-se Asylo S. Joaquim e o qual constitue ainda hoje um dos melhores estabelecimentos de ensino á infancia desvalida, naquelle Estado.

E' então que sua gloria verdadeiramente começa, dando-lhe legitima celebridade em nossa Patria e elevando-o á toda a altura desses eminentissimos vultos do altruismo religioso que tanto temos citado. Sim, porque dahi para vante a vida do Irmão Livramento é em tudo comparavel á desses heroes do christianismo medieval, não só amparando a pobreza e minorando-lhe os males, ao passo que engrandece

---

(1) *Breve noticia sobre a Imagem do Senhor dos Passos, de Santa Catharina*, pag. 5.

(2) Ibid., pag. 6.

(3) *L'homme criminel e L'homme de genie*, Pariz, 1889.

(4) *Breve noticia*, etc., pag. 7.

(5) Arcipreste Oliveira Paiva. *O Irmão Joaquim*, artigo inserto no *Almanak Catharinense* de 1896, pags. 37-45.

(6) Oliveira Paiva, artigo citado.

(1) Ibid.

(2) *Breve noticia*, etc., pag. 9.

o culto catholico, como educando as crianças desvalidas com a fundação por toda a parte de institutos de ensino sagrado, como o attestam eloquentemente as obras que edificou, após aquellas, nas antigas provincias do Rio e S. Paulo, duas dessas obras ainda hoje existentes no ultimo destes Estados, os importantes seminarios de Itú e Sant'Anna. E' lamentavel que o Asylo de Orphãos de Jacuecanga (na bahia de Angra dos Reis) onde se educaram tantos meninos desamparados, não fosse igualmente conservado até hoje, achando-se, como se acha, na mais triste ruina, quando, entretanto, o velho sacerdote do Bem tanto por elle trabalhara, morrendo pelo seu engrandecimento na viagem (a ultima que fizera) emprehendida á Roma.

Nesses lugares, particularmente em Jacuecanga, a sua personalidade, á maneira da de S. Francisco de Assis e S. Vicente, illumina-se de um mysterioso clarão de heroismo lendario. E, ao sabel-o cruzando, dia e noite, outr'ora, em pequena canôa, com dois tripolantes audazes, as ondas bravas da costeira, pelo *Mar dos Afogados*, (1) — ora a velejar ao sol, na collecta de esmolas para o seu Asylo, ora levando remedios e soccorros aos doentes moribundos, sob o tufão infernal, fachos accesos á prôa, ao som de hymnos e psalmos, acompanhado por uma multidão de fieis que o olhavam da praia ao verem o fragil casco sacudido pelo mar; — ao sabel-o cruzando assim essas vagas, a nossa imaginação evóca de repente certos quadros da vida ascetica banhados de uma luz phantastica, como o que representa S. Francisco de Paula atravessando, á noite, por um motivo divino, um archote em chammas na mão, o habito revolto á rajada do vento alpino, os bosques densos da Calabria, tão transfigurado e solenne, nessa santa romagem, que os salteadores mais terriveis nem ousavam de leve impedir-lhe o caminho, estatelados e mudos á sombra dos pinheiraes.

De 1796 a 1826 sua actividade de apostolo do Altruismo não conhece esmorecimento ou descanço, locomovendo-se incessantemente, de um para outro lado, entre os tres grandes estabelecimentos amados, onde passa mezes e mezes repartidamente, olhando e fiscalisando tudo, provendo a todas as necessidades. Tão largo periodo de acção ininterrupta, em que não poupava esforços e sacrificios (depois do que tanto fizera em sua terra natal e na Bahia) devia forçosamente extenual-o, o que se deu em principios de 1826, época em que se lhe aggravaram os ataques epilepticos de que soffria desde moço.

Apezar da doença não descurava um momento do bem-estar de seus «filhos », conforme o seu modo de tratar aos orphãos que educava (2), e querendo garantir o asylo de Jacuecanga contra qualquer eventualidade futura, agora que se sentia findar, embarcou para Lisboa, a empenhar-se para deixar essa instituição sob o patrimonio dos Padres da Congregação e Missão de S. Vicente de Paula. Alli, porém, nada poude arranjar; e, comquanto já muitissimo abatido, tomou passagem para Roma, a entender-se directamente com o Papa. Lograria de certo o seu fim, se a epilepsia, já chegada ao extremo, não o obrigasse a parar em Marselha, de onde tencionava voltar para a Patria quando foi victimado.

Morto em 1829 contava 68 annos de idade, pois nascera a 20 de março de 1761. Amado e venerado por todos, sua memoria será sempre immortal em todo o Brazil como em seu torrão natal, onde ergue alto o seu nome, em meio á gratidão catharinense, esse monumento imperecivel que se chama o Hospital de Caridade.

4 — O MORRO DO PÁO DA BANDEIRA

O morro do Páo da Bandeira, mais conhecido outr'ora por morro do Antão, teve esse nome em virtude do posto semaphorico que foi collocado em seu ponto mais culminante por um antigo governador, para transmittir á cidade, por meio do codigo de signaes, a communicação dos navios de todas as procedencias que demandassem o porto, quer á barra do sul, quer á do norte. Este posto dá aviso das embarcações ainda no alto mar, pois corresponde-se por meio dos galhardetes convencionaes das entradas de portos com os dous postos estabelecidos á bocca daquellas barras — um na ilha e forte de Santa Cruz, outro na ilha e forte da barra do sul junto á ponta dos Naufragados. Estas ilhotas são as sentinelas avançadas das duas bahias, que o Estreito divide com seus pequenos cabos, estendidos a um e outro lado como dous dedos gigantes de terra que se quizessem tocar, e apenas separados por uma passagem de aguas de 317,m0.

Ascende-se ao pequeno terrapleno do posto pela rua da Tronqueira, que sae da do Coronel Fernando Machado (antiga do Vigario) na direcção de léste até encontrar a falda do morro, onde começa o caminho empinado, que collêa espalda acima galgando o cume e atravessando, em ziguezague descendente, até sahir num dos extremos da estrada da Carvoeira, proximo á freguezia da Trindade. E' quasi no cimo da encosta que, por um estreito atalho sinuoso, se vai ter a esse pequeno descampado entre arvores, onde numa casinha de pedra e cal habita o guarda ou signaleiro, dispondo essa habitação de um terreiro cercado de um grosso muro de pedra para a banda da cidade, onde se ergue o alto mastro inteiriço, cruzado de uma verga no alto, em que se fazem os signaes. Este mastro é avistado de todos os pontos do Desterro e dos arraiaes e frequezias em roda, como o Sacco dos Limões, Pantanal, Traz-do-Morro, Itacoroby, Santo Antonio, e bem assim de todas as povoações littoraes do continente, desde os Coqueiros ás Caieiras, pela disposição da costa, na bahia do norte, e pela situação do proprio monte, que se levanta na ilha em absoluta solução de continuidade com os outros, devido á extensa planura que o cerca. Isto se verifica, observando-se uma carta nautica ou geographica da ilha, como a de que nos servimos neste escripto para assegurar a verdade (1).

O «caminho do morro », conforme denominam essa estrada do Páo da Bandeira, é a passagem mais curta entre a capital e a freguezia da Trindade, por isso a mais frequentada por aquelles que têm affazeres e negocios nas duas localidades. Os outros pontos de communicação são consideravelmente mais longos e importam no contornamento do monte pelo arrabalde da Pedra-grande ou pelo Sacco dos Limões, fazendo-se uma volta a pé ou a cavallo de mais de uma hora.

A notabilidade do Páo da Bandeira consiste na perspectiva admiravel que se gosa de seus visos ou culminancias que occupam uma área de mais de uma legua, com uma altitude de 450 metros acima do nivel do mar, e de onde se domina um panorama geral de doze a quinze leguas em torno. Desse observatorio natural, comquanto não seja o ponto mais alto da ilha, pois o morro do Ribeirão o sobreexcede (600 metros), se alcança e descobre, á vista nua, todo o bordado caprichoso dos promontorios e praias da velha *Yjuriré-mirim* dos selvagens. Dahi o ponto de attracção que é verdadeiramente esse lugar para os habitantes do Desterro, e mais ainda para os estrangeiros ahi domiciliados ou de passagem, que excursionam alegremente, aos domingos, em ranchos palreiros de homens, moças e crianças, pelas suas cumiadas.

No meio desses grupos felizes, em toilettes campestres a côres claras, com seus guarda-sóes e sombrinhas de seda alva, pondo uma nota esthetica de luxo e civilisação por entre o verde das mattas—muitas vezes nos encontrámos nós, de binoculo na mão para os recantos longinquos onde a vista não detalha, a olhar delongadamente campinas e montes, rios e trechos de mar, desdobrando-se infindavelmente á retina, num encanto tropical.

Mal se deixa a ultima casa da Tronqueira o campo da visão se começa de ampliar pouco e pouco, sensacionando-nos com a mais doce impressão d'alma, na ascensão que se accentua igualmente, enchendo-nos o peito da frescura de um oxigenio suave e que não tem as impurezas das ruas baixas da cidade, surgindo então gradualmente nos seus monticulos grupados, em que se pintam, reluzindo ao sol, placas brancas de parede, entre um como mar de telhados, feito de immoveis vagalhões côr de almagre, aqui e além recortado por

(1) Segundo informações do nosso illustre amigo senador Dr. Lopes Trovão, os pescadores e canoeiros de Angra assim denominam uma parte das aguas dessa bahia, proxima á costeira, assignalada desde muito por constantes naufragios de canôas.

(2) Breve noticia, etc. pag. 14.

(1) *A chart of the Coast of Brazil, etc.*, pelo barão de Roussin e capitão Barral; publicada por Charles Wilson (late J. W. Norie & Wilson); Londres, 1854.

tufos coloridos de flores, massiços tenros de arbustos e altos, densos pomares. E logo a peninsula do Desterro contorna-se toda nas aguas, como um gigantesco relêvo de lá num campo azul de talagarça, tecido pela Natureza em accumulações seculares. Apparece em seguida a orla rendada do continente, perdendo-se ao sul e ao norte em uma nevoa azulada, alargando-se para o centro em planos e planos de outeiros e cerros altos, desde o morro dos Ganchos (560m,0) ao Cambirella, manchados singularmente de corregos e cachoeiras que brilham á luz como prata. Junto ás faldas desses morros, estendem-se as praias alvas, interpostas, cá e lá, entre os cabeços e pontas cahindo a pique no mar. E alastrando-se em frente, qual largo vello anilado ondulando brandamente ao sopro dos ventos de calma, as ondas das duas bahias, cinturadas pelo Estreito e as barras, que a dividem em dous ovaes grandiosos, de um feitio irregular, lembrando com estranheza, assim visados de cima, os vidros de uns oculos immensos talhados no aro das praias.

Depois, sobre o terrapleno, todos os pontos distantes da ilha entram em destaque geral: é para o norte o Moquem, o terceiro morro insular em extensão e altura, separando as campinas do Ratones do valle do Itacoroby onde corre o Amorim, meandroso e curto riacho que nasce dos lados de léste nas montanhas da lagôa e vem lançar-se no mar quasi defronte aos Guarazes; são as collinas da Varzea cortando para o Inglez, o Bom Jesus, a Cachoeira e o Rapa, e dividindo o Campo da Corôa das planices de Cannavieiras que vão morrer sobre a praia, uma das mais vastas e pittorescas da ilha e de todo o Estado; são os cerros do Rio Vermelho unindo-se aos da Capivara e contornando a Varzea-grande, onde terminam em collinas, em rechãs e em chapadas, vestidos profusamente de florestas seculares; é o costão dos Inglezes, das Aranhas, da Lagôa, intumecidos de cômoros de uma alvura immaculada, partindo da Ponta das Canas até a Ponta do Retiro coroada de rochas altas; é ainda o cimo do Ribeirão, interpondo-se um pouco á vista e occultando Naufragados, mas deixando ver vagamente, pelo lado de suéste, a Armação da Lagoinha, com um brilho de aguas dormentes, o morro verde do Falcão, a Enseada do Pantano, as ilhas dos Tres Irmãos, os tres Moleques do Sul e a ponta alta dos Frades. Em volta disto, todo um bando magnifico de pequenas ilhas poeticas, esparsas n'agua como cestas de hervagens boiantes — umas enfileiradas na costa, outras em torno aos cabos ou pontas, em grupos, isoladas ou aos pares. E quer a oeste, quer a léste, o ondular do oceano, manso e meigo nos dous golfos, mas rugidor e colerico nas amplidões do Atlantico. . .

Por este valor de sitio portentoso abrindo para uma natureza de supremos encantos, o morro do Páo da Bandeira deve attrahir a curiosidade de todos que visitam o Desterro, como acontece com os que alli nascem e vivem que não se cançam jámais de o admirar e percorrer, de vez em quando, em pequenas excursões. E a isso convidam instantemente a facilidade e a rapidez da ascensão, que se faz suavemente a pé numa hora mais ou menos, apezar do caminho não ser quasi cuidado nem passar sempre, em todo o seu curso, pelos melhores locaes.

Data de tempos coloniaes, póde dizer-se, a celebridade desse monte como o melhor ponto de vista para se observar e gozar o panorama da ilha — tanto que muitos dos viajantes que em outras épocas passaram por Santa Catharina, delle fizeram menção em seus livros, como os illustres publicistas allemães Chamisso e Gerstacker, os francezes Leonce Aubé, Van-Lede, Saint-Hilaire, e modernamente, além de muitos outros igualmente estrangeiros, o explorador portuguez Lopes Mendes que em seus escriptos publicou varios *croquis* do Estado, o insigne paizagista Schuartzer, o anthropologo portuguez Coutinho, que andou pelo Brazil estudando os sambaquis ou *kjökkenmöddings* (1), e diversos outros viajantes.

E o tenente-coronel de engenheiros Paulo de Brito a quem já nos referimos, e que occupou o cargo de ajudante de ordens do governo dessa então Capitania, desde 1797 até 1810, refere-se assim ao morro do Páo da Bandeira, ás pags. 39-40 da sua já mencionada *Memoria Politica:*

« . . . A villa é dominada pela parte de léste do morro do Antão: do alto do qual se goza uma variedade de golpes de vista sublimes e encantadores; a bahia que separa a ilha da terra firme, e que o Estreito divide em duas partes; o numero de pequenas ilhas dispersas por ambas ellas; a variedade de pequenas enseadas, a multiplicidade de praias e pontas salientes do seu contorno, a diversidade de côres verdes com que na estação propria se reveste o terreno cultivado á beira-mar em razão das plantações de differentes qualidades, os montes e valles, cultivados uns e cobertos de viçosas mattas outros; esta variedade de objectos que se succedem uns aos outros, torna aquelles sitios sobremaneira apraziveis aos olhos, e offerece assumpto para sérias meditações ao espirito do observador philosopho! » E, proseguindo, accrescenta: « Se á ilha de Santa Catharina se tivesse dado a attenção politica que merece, e se tivessem aproveitado, devidamente as vantagens que ella offerece, combinando o util com o agradavel, sem duvida seria ella hoje o Paraiso do Brazil; e tambem o viria a ser, se por desgraça nossa tão vantajosa situação se cedesse ao governo inglez, como elle o pretendeu, se é verdade o que constou a este respeito; se assim foi que mais é necessario para provar a sua importancia, e o cuidado que com ella deve haver! »

Nesse tempo, como affirma o escriptor, ainda a metropole continuava a tratar com desleixo e indifferença, como desde a nossa descoberta, aquella parte preciosa do sólo brazileiro. E quem o declara é um funccionario e patriota portuguez!

Isso não nos surprehende, comtudo, attendendo ao que já disse com o mais alto saber Oliveira Martins na *Historia de Portugal* e no *Brazil e as Colonias Portuguezas*, referindo-se aos desacertos de toda a ordem praticados pelo governo da metropole na administração de suas possessões e especialmente na do nosso paiz, desde o seu descobrimento até a Independencia. O que, porém, nos admira é que esse desleixo e indifferença continuassem depois, no primeiro e segundo reinados de nossa vida social autonoma, ao ponto de Santa Catharina jazer quasi esquecida e abandonada pelo governo geral até a proclamação da Republlica, em que novos horizontes se lhe abriram dando-lhe o desenvolvimento em que se acha actualmente.

Paulo de Brito dá a entender tambem, no ultimo trecho transcripto, que já naquelle tempo se fallava em «ceder» Santa Catharina aos inglezes. Em nossa infancia semelhante boato corria ainda na Provincia, assustando o povo ingenuo, sobretudo quando occorria uma dessas «pendencias diplomaticas» tão frequentes sempre entre nós e aquella nação, como ainda ha pouco se viu com a celebre questão da Trindade.

O que diz Paulo de Brito é absolutamente verdadeiro, pois assim o affirma Oliveira Martins, á pagina 99 do ultimo daquelles livros citados: «Em 1815, em Vienna, a Inglaterra, não satisfeita ainda, reclamava para si, além da Madeira, a ilha de Santa Catharina no Brazil. . . »

Fechando o parenthese a que nos obrigaram os mencionados trechos, volvamos ainda, e para terminar, ao morro do Páo da Bandeira.

Admirado por todos como lugar de recreio, elle o não é menos como utilidade para o Desterro e seus habitantes, pois que jorram de seus flancos innumeras e crystallinas nascentes, abastecendo de agua potavel uma grande parte da cidade, onde não existe ainda systema algum de canalisação, possuindo entretanto um sólo apropriado, com altos magnificos para vastos reservatorios e bem assim mananciaes inexgotaveis nos proximos montes do continente.

5 — ROMARIA DA TRINDADE

A romaria da Trindade, festa que não esmorece nunca no espirito dos habitantes do Desterro, lembra em seu aspecto de conjuncto a romaria da Penha na Capital Federal.

Todos os annos, quinze dias antes da festividade, já a capital catharinense começa de se movimentar, e as lojas de fazendas e os armarinhos, como os armazens de molhados, recebem então uma affluencia de freguezes matutos que vêm de toda a parte em redor e que, de par com o povo da cidade, dão uma animação viva e fóra do commum ás ruas e praças commerciaes. E' uma verdadeira influencia, que se faz sentir até no recesso dos lares, onde o trabalho dos preparativos para a romagem traz as donas de casas e as filhas

(1) Vocabulo dinamarquez que significa "restos de cozinha".

em alegre actividade compartilhada vivamente pelas crianças e criados, antegostando desde logo os prazeres daquelle dia de expansão e folguedo geral.

Pelos negocios, repartições publicas e mesmo no transito das ruas não se ouve fallar em outra cousa durante a quinzena festiva. Chefes de familia, rapazes solteiros, burocratas ou empregados no commercio, através de suas occupações e deveres, combinam prazenteiramente entre si os meios e modos mais suaves e commodos de realizar a excursão, fixando hora e dia da partida, ponto de reunião para a ida e para a volta, bem como a maneira de effectuarem a marcha, se em grupos a pé ou em carroças e carros ou em grandes cavalgatas.

Já a esse tempo, nas cocheiras que alugam animaes e vehiculos, boleeiros, moços de cavallariça e demais pessoal se occupam, com desusada faina, em reparar e envernizar velhas traquitanas abandonadas, concertar arreios e petrechos que não tinham mais serventia, cosicar corrêas, sellas e cabeçadas, estufar e recobrir almofadas já rôtas, repregar lanças e molas, endireitar cupolas e guarda-lamas, limpar e polir metaes. . .Pelo Corpo de Segurança, cuja cavalhada estropiada e magra tem uma grande procura nessa occasião, os guardas que não estão de serviço na vespera e no dia da festa — preparam tambem para alugar os cavallos que possuem, já de antemão encommendados pelos romeiros, mas que estes, enganados na preterição da affluencia, são obrigados a disputar, muitas vezes, á ultima hora, por preços extraordinarios.

Capitalistas, negociantes abastados e outros, que vivem ás suas chacaras com a familia, retirados ha muito da vida activa, seguidos da criadagem percorrem, solicitos, suas pequenas cavallariças situadas ao fundo dos parques, a escolher, entre as velhas caleches atiradas ao canto as que estão ainda em condições de servir para a romaria adorada. Toda a população desterrense, emfim, gente do povo, burguezes e classe alta, agita-se continuamente nessas duas semanas para ir assistir, conforme póde, á festança da Trindade. No dia aprazado, então, essa agitação chega ao auge. E é certamente encantador acompanhar o movimento desse alegre povo do Sul, tão caracteristicamente latino no seu genio folgazão e ruidoso, no espirito de amar a boa luz de ouro do sol e as doçuras sem iguaes da Natureza, na intima psychologia invejavel de trocar os seus sorrisos, os seus olhares e amores, na communhão do mesmo sentimento, e gozar venturosamente, ao menos uma vez no anno, as delicias de uma folgança geral ao ar livre!

A festa que se realiza na freguezia de Traz-do-Morro, a uma legua da capital, no dia da Santissima Trindade, começa, póde dizer-se, na vespera á tarde, em que os pretos e pretas, moços ou velhos, com grandes taboleiros rasos ou altas caixas de vidros, atopetados de frutas e doces, despegam a um e um de varios pontos da cidade e, reunindo-se em bandos como formigas carregadoras, juncam os caminhos na direcção daquella freguezia, pelo Páo da Bandeira, pelo Sacco dos Limões e pela Pedra-grande. Estes primeiros grupos são seguidos por outros, compostos na maior parte de individuos negociantes nas antigas casinhas de pasto do Mercado Velho, que vão armar suas barracas de comida no largo da Trindade, bem em frente a igrejinha. E até a meia-noite rodam carroças e passam cargueiros, abarrotados de generos e bebidas que uma multidão de muitas mil almas vai devorar, no outro dia, numa alegria aldeã, a sorrir e a palrar expansivamente, á sombra do panno branco das tendas, ou em pleno sol resplandecente, em meio á praça apinhada.

Ao fulgir da estrella d'alva são as primeiras cavalgatas romeiras que desfilam em trotes e galopes curtos pelas ruas da cidade, e em largadas e disparadas frementes nos arrabaldes longinquos. A' frente de certas casas, então, para o Matto-Grosso, a Praia de Fóra e as Olarias, vêm-se ir chegando aos portões muitas carroças enfeitadas, com o estrado forrado de esteiras de junco e o alto dos fueiros coberto de largas colchas de chita, correndo na fórma horizontal de toldos ou como o sobre-céo abobadado das velhas camas de casal. E as familias mais modestas embarcam, sob a vaga claridade da manhã, numa algazarra adoravel de crianças e moças, algazarra secundada festivalmente pelo cantar das ramagens, em volta, enxameadas de passarinhos.

Esta partida de cavalleiros e carroças entra a coalhar as estradas, fazendo a volta de S. Luiz ou do Zé Mendes (1) segundo o ponto de onde sae cada grupo ou familia. Cresce então, e se accentua, com os rosados da luz no firmamento azulado, a alacridade do dia que vai tocar á effervescencia suprema na praça cheia da Trindade, quando a festa começa num repique vivo de sino que vibra alegre no ar.

A esse tempo, nas casas commerciaes, abertas até ás 10 horas, aperta-se ainda em borborinho a freguezia retardataria, que deixa tudo para o ultimo momento. E é ahi unicamente o lugar onde a cidade parece viver, nessa manhã, porque as demais ruas e sitios ficam desde cedo vasios, as casas cerradas e desertas, num abandono melancolico e numa longa paz.

No meio desse pequeno movimento, que se limita a bem dizer ás ruas Altino Corrêa e João Pinto, não cessam de cruzar, a cavallo, os romeiros escoteiros que vão deixando o trabalho.

Fechado o commercio, principia o desfilar dos caixeiros e outros empregados nos seus animaes de aluguel, alguns, por um requinte de *chic* campeiro, envergando vistosos « pallas » rio-grandenses de listas e altas botas de montar; outros, e na maior parte, nos seus trajes de domingo.

Já pelos bairros opulentos, dos chalets e vivendas de luxo, soltam-se os carros novos ou recentemente arranjados carregados de familias. São moças vestidas de claro, morenas ou louras, de largos chapéos elegantes, que ostentam nas mãos emluvadas as umbellas coloridas, cujos discos de seda ou de renda avultam graciosamente no ar, acima da cupola arriada dos carros, como grandes flores estranhas; são matronas esbeltas e gordas, ainda bem conservadas, com amplas frontes respeitaveis e os cabellos alvejados dos annos; são velhos fortes e rubros, de suissas ou cara toda rapada, como sacerdotes do lar, preoccupados com o bem-estar da esposa e dos filhos, num cuidado paternal e constante; são, emfim, os meninos mais taludos, de collarinho branco de volta e meias até aos joelhos, collocados á boléa ou entre as amas allemãs ou mestiças, que levam os bêbés de collo e as crianças de poucos annos. . .

Ao lado desses vehiculos bem postos, familias humildes e pobres caminhando a pé, acompanhadas de rapazes e homens, todos em suas vestes de festa, rindo alegres em seu bando. De trecho em trecho, cá e lá, grupos de cavalleiros, sobresahindo a todos com seus bustos destacantes, a sacudirem-se, nas galopadas e trotes, sobre os sellins ringidores. E pelas estradas em torno, na direcção da Trindade, filas infindas de povo, colleando nas planicies e morros, sob o resplendor do sol, formando no alto ricamente como um velario dourado.

O largo da freguezia, onde muitos roceiros das Tres Pontes, de Itacoroby, do Pantanal, do Sacco dos Limões e do Corrego-grande passaram a noite em roda das fogueiras de tóros, que ficam a illuminar a igrejinha e o cruzeiro com as suas chammas de ouro depois do «terço » da vespera; o largo da freguezia, ao alvorecer, apparece completamente mudado, na sua ornamentação campestre e florida, onde sobresahe uma larga avenida de içáras delgadas e de bellos pennachos verdes, unidas umas ás outras por longas cordas de folhas de crótons — a grande cruz negra do adro, abrindo piedosamente para o céo da manhã festiva os seus braços cheios de flores; as gyrandolas de foguetes e os tres páos de bombas desenhando-se tristemente no ar á maneira de forcas estranhas ou de antigos instrumentos de supplicio, que rebentarão mais tarde, na apotheose final da festa, em estrondos de alegria; a casinha acapellada do *Imperio* dentro da qual se hão de leiloar depois as «promessas » sagradas de massas e cêras, vasadas em fórmas symbolicas de pernas, mãos, braços e corações; e, finalmente, o renque curvo das barracas de panno, onde alguns bebedores matinaes abancam já, á primeira algazarra do dia.

E dessa hora em diante a affluencia se manifesta ahi em jorros seguidos de gente a cavallo, em carros ou nas carroças toldadas de chita, que vão se accumulando aos extremos da praça, debaixo da ramagem das laranjeiras ou dos cafesaes em volta, mesmo á embocadura da principal estrada

(1) Este caminho era outr'ora intransitavel a vehiculos pelas suas ingremes ladeiras e falta de amplitude sufficiente; hoje, porém, constitue uma das melhores estradas de rodagem de ao pé da capital, podendo-se por elle dar volta completa ao morro do Páo da Bandeira pelo Sacco dos Limões e Trindade.

que vai ter á cidade, sitio onde o largo se desafoga deitando caminhos para varios lugares, tanto como para o extremo contrario, onde se bifurcam as trilhas do Páo da Bandeira, da Carvoeira e do Pantanal. Pelas 11 horas já a praça está cheia, mas de toda a parte o povo afflue ainda, em preamares continuas. E o seu aspecto, então, no estrepito immenso dos corpos que serpenteam aqui e além em cordões, em meio da massa espessa do resto da multidão, pasmada religiosamente para o cruzeiro e o templo, sob o sol a que impressões occasionaes emprestam um raro esplendor, nesse dia; o seu aspecto, então, dir-se-hia o de uma dessas priscas e extraordinarias reuniões, que, por um motivo divino, se faziam outr'ora, na antiguidade remota, e por um appello prophetico, numa planicie da Biblia...

Ao começar a festa o largo inteiro regorgita e o transito entre o povo torna-se de mais em mais difficil, aggravando-se vivamente quando é mister abrir alas para dar passagem á *Bandeira*, aos *foliões* e ao prestito do Divino.

A cerimonia, na igreja, consta de uma missa cantada pelo vigario da freguezia, com assistencia do *Imperador* e seu sequito, que presenciam o acto junto ao altar-mór, sentados em altas cadeiras de estofo carmezim, acompanhados por uma parte da multidão — em geral habitantes do lugar — que atopeta a igreja desde o amanhecer, para poder assistir ao officio sagrado.

Emquanto isto se passa, o grosso dos romeiros, cá fôra, á luz viva do Azul, ora entretem-se em comezainas e libações continuas dentro das barracas apinhadas, ora a passear alegremente, em grandes grupos risonhos de um para outro lado, entre a gente roceira que estaciona defronte á igreja, num murmurio surdo de rezas, ou que se empôita commodamente, fatigada do calor e da viagem, á sombra de arvores frondentes.

A's duas horas mais ou menos, terminada a festa ao espoucar dos foguetes e bombas, os devotos que estão na igreja se escoam todos para a rua, no couce do cortejo divino formado pela irmandade do Espirito-Santo, que traja opa escarlate de seda ou panninho, e á frente da qual marcha o *Imperador*, um menino de quinze annos, de meias até o joelhos e calções brancos de setim, com a casaca verde-escura atravessada por uma faixa vermelha, o sceptro e demais insignias, seguido pelo *Pagem-Espadim*, bem como por um ancião respeitavel que traz segura nas mãos uma salva reluzente, contendo a corôa de prata.

A multidão matuta abre filas immediatamente, aos empuxões terriveis, tendo diante de si as matronas e mocinhas, que em ditinhos discretos arregalam olhos de admiração para «o menino coroado» e seus guardas, e para o *Alferes-da-bandeira*, passando teso e garboso, sob a *pomba* gloriosa, que alça o seu vôo de alvura no alto do monte de fitas, tremendo á aragem do norte sobre o pavilhão côr de vinho. E todos seguem o cortejo até á casa do *Imperio*, onde o *Imperador* toma o throno cercado da comitiva, e onde irrompe desde logo o leilão de massas e fructas, a grandes berros roucos.

O povo da cidade, quasi indifferente a isso, delicia-se a gozar a paizagem e o tumulto do largo apinhado, onde ha um colorido tão variado de vestes que faz lembrar vagamente uma festa ou uma feira em Marrocos, dessas de que nos falla De Amicis.

A's quatro horas mais ou menos, sob o dourado frio do sol desfallecendo em seu brilho, é o espectaculo pittoresco da volta á capital pelo caminho da Pedra-grande, por onde recolhem os romeiros, formando em sua maior parte um immenso prestito desengonçado, que é um mixto de caras tostadas, empoadas e abatidas, do meio das quaes resaltam, aqui e alli, rostos tumidos e vermelhos de populares ébrios, dançando e gritando, a cavallo ou a pé, numa alegria grotesca, entre os grupos do caminho.

Os que não tomaram parte na festa, e que se reuniram nesse bairro pelas casas amigas, para assistir á desfilada, gozam alegremente, debruçados das janellas e cercas, e nos caramanchões dos jardins, essas scenas curiosas que faz sempre a multidão, numa inconsciencia e simpleza, ao voltar das romarias.

E ao passo que isto se dá, no largo da freguezia, já quasi deserto e vasio, a *Bandeira do Divino*, com o seu cortejo luzido e os ultimos devotos fieis, deixa a casinha do *Imperio* e vai enthusiasticamente saudar o novo *Imperador*, por entre a cantiga dos *foliões* e o rufar incançavel e alacre do velho tambor festivo...

6 — FESTA DO ESPIRITO-SANTO

A festa do Espirito-Santo é commum em quasi todas as freguezias da ilha e do continente, onde tivemos occasião de observal-a durante alguns annos. Em todas ellas segue-se o cerimonial da do Desterro, que é, por sua vez, guardadas as devidas proporções, igual ás que se celebravam, em outros tempos, no Rio Bonito e demais lugares, na então provincia do Rio de Janeiro, e de que nos falla Mello Moraes Filho em seu livro — *Festas e tradições populares do Brazil.*

Transportada para Santa Catharina pelos colonos açorianos, essa festa tradicional não perdeu ahi nenhum de seus traços caracteristicos e ilhéos, pois que foi mais ou menos conservada até hoje com as praticas religiosas e muitos dos usos e costumes do simples e alegre povo do archipelago portuguez, onde ella é ainda executada, todos os annos, com o maior enthusiasmo e fervor.

Tratando dessa solennidade, Mello Moraes Filho não nos explica na obra citada, a sua verdadeira origem, limitando-se a tal respeito a assignalar o apparecimento della pela primeira vez em Portugal, neste pequeno trecho: «Referem antigos chronistas que as festas do Divino foram instituidas em Portugal pela rainha Santa Isabel, e escriptores do seculo XVI as descrevem, bem como Heitor Mendes Pinto na sua *Imagem da vida Christã.*»

E', mais ou menos, o que tambem nos expõe esta nota do livro de Accurcio Ramos — *Noticia do archipelago dos Açores*, na passagem em que o auctor estuda a adaptação da festa do Espirito-Santo entre os ceremoniaes religiosos do seu paiz: «Esta solennidade foi estabelecida em Portugal pela rainha Santa Isabel, mulher de D. Diniz, na villa de Alemquer, e dalli passou para os paços de Cintra, até que se alargou a todas as povoações, como se póde ver nas chronicas de Frei Manoel da Esperança e D. Fernando Corrêa de Lacerda, bispo do Porto. (Nota 3ª do Sr. Theophilo Braga ao *Cancioneiro Açoriano* do Sr. Dr. João Teixeira Soares).»

Sabemos, entretanto, por essa mesma *Noticia*, que o Sr. José Torres nos artigos que publicou sob o titulo *Fastos Açorianos* (*Panoramas*, tomo 13º), occupando-se da festa do Divino, define-lhe cabalmente as origens historicas nas linhas que trasladamos para aqui:

«Fomes apertadas nos Estados allemães determinaram um dos imperadores da dynastia Othon, a lançar os fundamentos desta instituição, como banco formado de esmolas para acudir a pobres nos annos de penuria. Da divindade que invocavam, do imperante que tomara a iniciativa nasceram os festejos religiosos, que a confraria imperial votava ao culto do Espirito-Santo nesta quadra do anno, devoção e costume que de lá se propagou pelos Estados da Europa christã, cujos reis marcharam á frente da obra a seu modo civilisadora e humanitaria, até que o povo lhes foi *usurpar* o privilegio e se apoderou da instituição pia...»

O escriptor portuguez, usando do vocabulo *usurpar*, parece indignar-se com o ter a instituição cahido nas mãos do povo, e tanto que diz precedentemente: «Ninguem como o povo é depositario de melhores cousas, assim como ninguem mais propenso a viciar ou desvirtuar muitas, que em seus primordios eram excellentes. Não ha instituto que não tenda a ser corrompido pelo abuso. Assim foram as irmandades ditas do Espirito-Santo, e os festejos publicos que promovem, logo que passaram ao dominio popular».

Não achamos razão para semelhante juizo, que além de preconceituoso é injusto, porquanto é verdade indiscutivel que só tem duração e valor aquillo que o povo consagra e ama, sejam instituições religiosas, sejam instituições seculares ou de outra qualquer ordem. E é devido a esta lei sociologica que a festa do Espirito-Santo, como as demais festas tradicionaes, ainda hoje tem lugar entre muitas nações européas, e especialmente entre o povo portuguez e o nosso. Se ha, algumas vezes, intuitos pouco sérios nas instituições religiosas, como irmandades e outras, ha-os, tambem, em maior numero, e por via de regra, alevantados e nobres. Depois, bastava a festa do Divino ter o caracter, que tem, de uma *kermesse* publica, onde o povo se vai expandir e alegrar, uma vez por anno, para ser da maior utilidade e merecer sympathias geraes. Isto sem fallar na primitiva feição pia e altruista, que ainda mantém a festividade nas freguezias ruraes do continente portuguez e suas ilhas, como

affirma Accurcio Ramos ás paginas 199-200 do seu mencionado livro: «Na dominga do Espirito-Santo, nas freguezias ruraes e na da Trindade nas cidades, os imperios estão vistosamente adornados e distribuem-se de manhã, depois da cerimonia religiosa da coroação do imperador e da benção do pão, abundantes esmolas aos pobres da localidade. . . » A mesma cousa se faz nas freguezias catharinenses, como por exemplo em Canavieiras, onde desde seus principios é de uso o *Imperador* mandar carnear na vespera da festa uma ou mais rêzes, cujos talhos são distribuidos, de envolta com esmolas em dinheiro, pelos pobres do lugar. Apenas nas cidades é que a instituição de Otton-o-Grande e Santa Isabel perdeu esse caracter para se tornar exclusivamente num divertimento publico.

Tal se dá no Desterro, onde o principal da festa é a grande barraca que a irmandade do Espirito-Santo manda erigir, todos os annos, em um recanto do vasto adro da matriz, junto á capella das Dôres, que faz parte do edificio geral da igreja.

Essa barraca é destinada ao leilão das «promessas » ou offertas que recebe o Divino durante os tres dias seguidos de festividade. Armada sobre altas columnas de madeira, pintada e coberta com um amplo velario de lona, divide-se ella em dous grandes compartimentos de chão, em que se erguem amplas archibancadas, separadas ao centro por um largo corredor de entrada que finda á porta principal do *Imperio*, com passagens a um e outro lado, ao pé do gradil da frente, de um metro de altura e todo de sarrafos cruzados. Parallelo a esse corredor ha dois outros, mais estreitos e assoalhados, repartidos por uma grade e destinados ao transito privativo dos leiloeiros, quando estes em funcção. Emfeitada com bandeiras, e toda ornada de *giornos* para a illuminação da noite, apresenta, a proporções enormes, o aspecto risonho dos coretos que se fazem em toda a parte por occasião de festas publicas.

Chegado o domingo do Espirito-Santo, que dias antes trouxera a população em movimento anormal pelo commercio e os lares, a festa começa pela cerimonia da coroação e a benção dos pães, que são reservados para se darem, como retribuição, aos que trazem offerendas. Em seguida, o «menino coroado » passa ao *Imperio*, onde, de sceptro na mão para o beijo dos «fieis », toma assento no seu throno, colocado ao pé do altar recoberto de velludo vermelho e cheio de flores, sobre o qual se vê o symbolo sagrado do calix de ouro, encimado pela hostia e a Pomba Divina, ao lado da grande corôa de prata repousando em uma salva.

Ahi se conserva o *Imperador* até á tarde, hora em que, acompanhado por numerosa comitiva, tendo á frente a bandeira do Divino, e puxado por uma banda de musica, se recolhe á casa para o banquete festivo, voltando pelas avemarias, quando a immensa barraca de lona principia a rutilar toda accesa, enchendo-se a pouco e pouco de familias que chegam de toda a parte. Já no vasto adro illuminado entra a apinhar-se igualmente uma multidão de homens e rapazes, de envolta com o povilêo. E pelas sete horas da noite uma parte da cidade regorgita alegremente alli, desde o ambito estreito do *Imperio*, pela barraca e o atrio, até aos recantos da praça Quinze de Novembro.

Sob o vasto toldo de lona, ondulando á aragem de inverno, vêm-se então, a uma e outra banda, graciosamente alinhados nas bancadas debaixo da luz dos *giornos*, os perfis morenos e bellos das moças catharinenses envoltas em grossos casacos de frio ou em chales claros de baile, contornando-lhes a cabeça á maneira de mantilhas, o que lembra uma festa campestre num suburbio de Sevilha.

Os rapazes, em suas vestes de domingo, as algibeiras recheadas pelo accumulo de mezes de economia para os *piques* e *repiques* dos lanços, cocam risonhamente as raparigas amadas, repletando o amplo corredor principal, a esfervilharem zumbidoramente de encontro ás grades em rodas, que estalam e rangem continuamente, ao embate da cheia humana nos finos sarrafos de pinho. Muitos grupos, de entre elles, entretem-se no ensaio dos primeiros *psiuhs*! e *trotes* aos retardatarios que chegam, a alguns matutos ou desconhecidos, que, ignorantes das praxes em voga, tentam atravessar entre a bancada das damas ou aboletar-se ahi em algum lugarzinho vazio. E á medida que a multidão se condensa, como um immenso montão de formigas, a algazarra augmenta, em gritos, vaias e tac-tacs de bengala contra as grades e columnas, a clamar pelo leilão que demora, como nos theatros quando o panno se retarda em subir. De vez em quando, então, vozes propositalmente esganiçadas e agudas, flammejando um alegre debique, vibram muito alto no ar, chamando os velhos leiloiros conhecidos:

— O' Feçanha! ó Sanches! Venham de lá com isso!. . .

E o chamamento repete-se, amiuda-se e sibila, até que á porta larga do *Imperio* illuminada vivamente pelas velas numerosas do altar lá no fundo, duas opas apparecem, em duas manchas sanguineas: são o Frederico Feçanha e o Zé Maria Sanches, duas figuras obrigadas da festa e quasi tradicionaes alli, pois ha mais de quarenta annos, e ainda actualmente, servem e amam o Divino!

E começa o leilão. Novo fluxo de homens, jorrando do adro transbordante, enche ainda a barraca apertando-se no largo corredor onde rebentam pequenas altercações, que esmorecem immediatamente sob os *chuts* que se erguem reclamando ordem. Uma patrulha policial, das que rondam o ajuntamento, assoma e se posta á entrada com os seus guardas de olhar indagante, o sabre a reluzir á cintura. No longo gradeado da frente, o povo extravasando da praça, debruça-se para dentro, numa linha de bustos que se sobrepõem uns aos outros, soffrego por assistir a balburdia dos lanços. E o resto da mole humana ondula e freme por detraz, disputando as frestas do gradil, em continuos empurrões.

Depois a algazarra geral abranda um pouco recahindo num vago rumor de ondas ao longe: e as figuras escarlartes dos leiloeiros, pairando mais alto que as outras, entram a mover-se de um lado para outro nos estreitos corredores defronte á bancada das moças. Cada uma dellas então, um braço no ar, onde se ostenta uma salva com massas ou fructas, joga olhares em redor, soltando alegre um pregão:

— Quinhentos réis pelas massas!... E ouvindo um lanço, e mais um, e outro, e outro: — 600 réis. . . 800 réis. . . 1000 reis. . . Mil réis me dão!. . .

E passam e repassam seguidamente, trocando de corredores, volteando entre os rapazes, a mostrarem-lhes as salvas, encarecendo o valor dos objectos, apregoando-os num augmento gradativo dos lanços, até os entregarem ao arrematante que mais deu, o qual os remette de presente, pelo mesmo leiloeiro, a uma senhorita ou matrona de suas relações.

O leilão desdobra-se num enthusiasmo crescente, dando uma febre de arrematação a todos, com o delirio dos *piques* e *repiques*, que levam tudo a exaggeros, ao ponto de pequenos *bibelots* sem arte e *caixinhas-de-segredos* chegarem a preços exorbitantes. Mas a alegria é perenne, na algazarra dos rapazes, crianças e moças, alli reunidos, sob as luzes da *kermesse*, como em uma festa do lar, nessa familiaridade catharinense que tanto impressiona e encanta.

Os leiloeiros circulam incessantemente, desbastando o grande monte de «promessas » que se accumulam no *Imperio* sobre uma mesa redonda que os irmãos do Espirito-Santo fiscalisam com solicitude constante. E o pregão, já meio rouco, domina d'alto a colmêa humana, echoando até aos ultimos cantos do adro, onde a molecagem da cidade, escorraçada pelos guardas rondantes, corre e salta endiabrada dando vivas ao Divino.

De vez em quando, por entre a variedade dos objectos da hasta, surge um lote hilariante: um casal de gallinhas, de marrecos ou de ganços; algum coelho enfeitado, um grande polichinello de massa, ou uma longa cana cayana com as espadanas em fitas. . .

Acclamações e risadas de troça acolhem-no então num motim. E os rapazes, de pandega, atiram-se ao lote com offertas enormes, combinados aos grupos para o arrematar e mandal-o depois de presente a algum conhecido, que muitas vezes não suspeita da graça e que quando dá por si tem em frente o leiloeiro que lhe faz entrega do *mimo*.

Enfiada e surpreza, a "victima" recusa o presente, allegando que ha engano, numa atrapalhação de palavras, abafadas desde logo por um tumulto de risadas e gritos:

— Péga! Pega, maganão...

E todos acompanham a brincadeira, até as proprias moças, que se agitam nas bancadas cobrindo o "pobre" de risos. . .

Pela meia noite, mais ou menos, com a retirada do *Imperador* e seu sequito, a festa termina, esvasiando-se a barraca numa alegre debandada, em que se ouvem ainda as ultimas gargalhadas festivas.

A' outra noite, e pela mesma hora, o povo se reune de novo, e assim por tres dias, findos os quaes tem logar um

bello fogo de vista, composto invariavelmente das velhas peças conhecidas: um navio dando combate a duas fortalezas, o amolador, o casal de walsistas e o antigo e velado painel transparente, onde, no fim de tudo, por uma mutação repentina, surge o symbolo do Divino numa aureola flammejante.

7 — PROCISSÃO DOS PASSOS

Entre as solennidades religiosas que se fazem no Desterro desde muitos annos occupa o primeiro logar a chamada Procissão de Passos, que pelo seu valor, significação e magnificencia se destaca consideravelmente em meio a todas as outras. Esse acto, que commemora para o mundo catholico uma parte da grande passagem tragica do Calvario, assume alli annualmente as proporções de um grande acontecimento, pois abala até ás regiões mais longinquas a população do Estado, que acode á pequena capital carregada de "promessas" e offertas consagradas á Imagem do Senhor.

E nisso está uma das feições mais intimas da alma catharinense, cujo filão de ternura mystica e velha poesia lendaria, vindo de remota origem celtica, a torna em mais de uma de suas manifestações caracteristicas semelhante por vezes a essa bella raça bretã, que deu os primeiros navegadores do Atlantico e do mundo, e esses inspirados sacerdotes druidas que amavam os animaes e as paizagens numa vaga sentimentalidade pantheistica pela Natureza, celebrando as orações cultuaes á luz de prata da lua, sobre o pulpito dos *menhires*, alinhados pelas praias na espuma branca das ondas gemendo em marulhos tristes; ou que, de foice de ouro na mão, sacrificavam ao seu deus, junto aos troncos dos velhos carvalhos gaulezes cobertos da flor do *gui*. Esse antigo e doce atavismo, onde viçou para logo a flor divina da crença christã, recebeu-o o barriga-verde pelo sangue portuguez primitivo, foi conservado nos ilhéos açorianos pelo meio proprio que achara e transportado depois para o littoral catharinense, onde melhor se encontrou, porque essa costa recortada, querida de um mar ora manso, ora agitado e bravio, lembra de perto a Bretanha, principalmente no inverno quando a envolve a bruma fria.

E esta similitude notou-a M. Auguste de Saint-Hilaire, ao pisar pela primeira vez as plagas catharinenses na ilha de S. Francisco, numa manhã de nevoa maritima: «... Eu me lembrava, pensando na França, que sobre as costas da Bretanha tudo concorre para dar á paizagem um aspecto melancolico: rochedos acinzentados e nús, um céo pallido e nublado, uma vegetação rachitica. Não se póde dizer que a natureza seja risonha no littoral do Brazil. As florestas sombrias que cobrem as montanhas *têm alguma cousa de ossianico...* (*Voyage dans l'interieur du Brésil* — 4ª parte, tomo II — pag. 267).

Perfeitamente. Nessas palavras do illustre viajante, que propositalmente gryphámos, se acha bem assignalada a caracteristica das costas de Santa Catharina no inverno.

De quantas festas religiosas se effectuam no Estado é a Procissão de Passos a que mais prende e impressiona o espirito popular. Revalida esta verdade o que se lê á pag. 3, do folheto ja conhecido — *Breve noticia sobre o Senhor dos Passos*:

« Extraordinario é o culto que se lhe consagra. Nos dias de tribulação, nas horas de tristeza, nos terriveis momentos de desalento da alma, todos para elle recorrem, todos vão implorar-lhe remedio para seus males, depondo esmolas e offerendas a seus pés. De outros Estados não é raro virem devotos trazer-lhe suas promessas, sendo algumas de grande valor, por haverem alcançado o que lhe tinham pedido em suas orações. Uma viagem que se emprehenda, um passeio que se projecte para fóra do Estado não se realiza sem primeiramente subir-se aquella ladeira para oscular-lhe os pés e pedir-lhe a sua protecção. De todos os actos religiosos que se celebram nesta capital, e em todo o Estado mesmo, é, sem duvida alguma, a trasladação da Imagem do Senhor Jesus dos Passos o mais imponente e edificante... »

O ceremonial começa pela trasladação a que se refere o folheto, a qual tem logar sabbado de Passos, á noite, em que a respectiva irmandade, collocada a Imagem sobre um andor ornado de ramos de cedro verde e encerrada em uma especie de biombo oitavado de damasco vermelho — a conduz da sua capella do Menino Deus á Matriz da cidade, para o gyro procissional no outro dia. Ha cincoenta e tres annos já que essa imagem veneravel é assim carregada pelas ruas e praças principaes do Desterro, pois a sua primeira procissão realizou-se alli em 1847.

Verdadeiramente grandioso, esse prestito cultual impressiona vivamente aos que o vêem, tanto na trasladação como no seu gyro diurno no domingo de Passos. O seu aspecto de detalhe e conjuncto é de tal ordem respeitavel e augusto, que ainda os espiritos mais elevados e cultos experimentam no intimo um sentimento de humildade e pequenez, ante a imagem d'Aquelle que, pelo seu genio e virtudes, está mais alto que os homens.

Sabbado de Passos, desde meia tarde entram a affluir para os lados do Menino Deus, através de todas as ruas da cidade, os penitentes que têm de acompanhar o andor com "promessas". E ás ave-marias já a ladeira de rocha onde se ergue a capella, branquejando lá em cima ao lado do grande portão do pateo principal do Hospital de Caridade, que se exhibe ao fundo no seu enorme edificio de amplas janellas correndo ao rez-do-chão e no sobrado; ás aves-marias, repetimos, já a ladeira sinuosa e murada, bem como o pequeno adro no alto, regorgitam cheios de immensa multidão.

Pelas sete horas, organizado o prestito, dispostas as irmandades e os anjos em duas alas com grandes tochas accesas, logo após ao *Guião* que deitado e ferrado nos seus braços em cruz é carregado por seis irmãos, em seguida á banda de musica rompendo o caminho com uma marcha funebre — a descida começa, com o apparecimento do andor onde a Imagem de Jesus vem encerrada no seu biombo oitavado de damasco vermelho, que altas lanternas circulam, fazendo-o destacar num fulgor.

Accumulam-se após as "promessas", constando de velas de cêra, que senhoras carregam em profundo recolhimento, todas vestidas de preto, com chales da mesma cor pela cabeça e os hombros, á moda judaica, de sorte que seus rostos expressivos, ás vezes em lagrimas, na impressão de um pezar mystico ou de lembrados soffrimentos extinctos, revestem á luz viva das velas o aspecto meigo e doloroso que tem os das Santas e o da Virgem, nos agiologios antigos. Em meio as senhoras, destacam-se grupos de homens, na maioria roceiros, com grossos feixes de velas de libra e de duas libras cada uma, alvejando-lhes, apagados, sob os braços vergados ao peso. D'entre elles um ou outro se nota, em votos de sacrificio, arrastando-se de joelhos, numa andadura penosa, os pés nús sobre o chão, com cilicios sobre as carnes, grandes pedras á cabeça.

Ao longo das alas de anjos segurando as fitas do andor, e ao longo das filas de tochas e dos archotes de breu ardendo em chammas fumarentas, duas torrentes de gente, mulheres e homens, com crianças pela mão e ao collo, afogando-se, apertando-se contra a parede das casas pelas ruas estreitas, e só desaffrontando-se, no trajecto, duas vezes apenas — uma no largo Treze de Maio, logo depois da ladeira; outra defronte á Matriz, onde o senhor se recolhe, no largo Quinze de Novembro.

Emquanto o sequito caminha buscando o templo da praça, quem fica no alto do adro ou em qualquer das eminencias vizinhas — o morro do Hospital de Marinha, o da Bôa Vista, etc. — goza a impressão extraordinaria de sentir sob a vista como uma flammante serpente monstruosa, arrastando-se phantasticamente lá em baixo, nas suas escamas de fogo.

Chegado o prestito á Matriz, na qual se agglomera o povo depois de entrar o andor para a entrega das "promessas" e as orações habituaes, retirando pela meia noite — o senhor é collocado junto ao altar-mór, onde uma guarda de irmãos e devotos, de tochas accesas, se posta alternadamente, num velorio piedoso, que dura até ao outro dia á hora da procissão. E assim termina a festividade no sabbado de Passos.

Domingo, pelas tres horas, começa o acto solenne do gyro pela cidade, após a organização do grande acompanhamento na praça Quize de Novembro, do lado do palacio do governo, onde formam desde cedo todas as confrarias do Desterro que tomam parte no sequito — a do Sacramento, a do Espirito-Santo, a das Almas, a de S. Francisco de Assis, a do Parto, a de S. Sebastião, a do Rosario e a de S. Benedicto, as duas ultimas compostas em geral de mestiços e pretos. Preparado tudo, debaixo da direcção do juiz da festa, dos mordomos e irmãos dos Passos, movendo-se em activi-

dade incessante, a procissão entra a caminhar lentamente e na melhor ordem, num silencio profundo, só dominado pelo compasso triste das musicas tocando uma marcha funebre.

São dignas de nota a disposição e pompa enorme do cortejo, que evoca essas procissões de *triumpho* (*triumphalis*) que se faziam outr'ora, na antiguidade remota, em Roma, quando os Consules volviam victoriosos de bater o inimigo, acto que se estabeleceu, pela primeira vez, durante a Republica para apotheosar Paulo Emilio, ao voltar glorioso de Pydna. E o que são, em verdade, as procissões religiosas, senão uma transformação desses cortejos de triumpho quando Roma se converteu ao christianismo? A differença, porém, é que naquellas procissões eram levados em triumphos generaes ou Cesares victoriosos, e nestas são carregados Jesus e os Santos do catholicismo. Mas como Roma, no Imperio, esposando o Christianismo o consagrou, adoptando-o como religião do Estado com Constantino-o-Grande (edicto de Milão, em 313) depois da celebre apparição que o convertera, em a noite em que marchava contra Maxencio, tyranno romano e massacrador dos christãos; apparição que constara de uma grande cruz de fogo cercada destas palavras luminosas — HOC SIGNO VINCES, *com este signal vencerás*, — toda a disposição e pompa do antigo *triumpho* passaram a fazer parte dos prestitos ainda romanos, mas já inteiramente differentes, pois tinham tomado uma feição de verdadeiras procissões como as de que nos occupamos. Dahi, como da parte que tiveram os romanos no Crime do Calvario quando dominavam a Judéa, provieram tambem essas insignias, como o *Guião* e outras, na procissão de Passos, e os centuriões e demais personagens romanos, na do Enterro, pela Semana Santa.

Mas observemos o desfilar do prestito, que desce ao longo do Palacio e toma a rua da Republica, uma das maiores da cidade.

A' frente das musicas e da primeira irmandade da marcha, entre o grupo de populares sobraçando grandes molhos de archotes para as luzes da noite, descobertos á romana como todos que os seguem — vê-se o arauto ou *buzina*, como o chama o povo, com uma toga de purpura e um grande porta-voz dourado, apregoando o trajecto, apregoando o supplicio de Jesus, ás esquinas das ruas. Depois, uma outra confraria, batendo com as tochas no chão, á maneira dos soldados dos Cesares batendo com os côtos das lanças. Em seguida o *Guião* (o estandarte romano), todo de damasco roxo, estaiado adiante e atraz por longos cordões de seda que quatro irmãos-ministros seguram aos extremos, muito alto na vara negra e em cruz rematando em tres rutilas maçanetas douradas, o panno largo e custoso enfunado pelo vento como um redondo de galé antiga, cahindo em pontas esguias orladas de franjas de ouro, com grossas borlas riquissimas e o poderoso lemma romano reluzindo ao centro nestas iniciaes expressivas de pujança e dominio — S. P. Q. R., SENATUS POPULUSQUE ROMANUS: *O Senado e o Povo romano*. Depois o *Pallio* de brocado, crivado de passamanes, abrindo-se sobre as varas prateadas suspensas em mãos devotas, em protecção ao Santissimo, que o vigario conduz em contricção intima seguido de dous padres ao lado, sob pesadas casulas. Logo após o alto andor de cedros verdes, onde se ergue a Imagem (1) representando Christo cahido sob o peso da cruz no trajecto da Amargura: a face augusta tão dolorosamente expressiva, sob o suor e as gottas de sangue que lhe escorrem da fronte coroada de espinhos, que a gente sente ao contemplal-a um pesar inexprimivel, como se assistisse, em verdade, ao martyrio do Nazareno, cumprindo a Sentença Iniqua. Depois ainda, as "promessas" e toda uma cohorte de *anjos e virgens*, carregando nas mãos os objectos do Supplicio Divino, por entre a multidão geral dos fieis que se póde avaliar em dez mil.

Ao sahir a Matriz, quasi á rua Tenente Silveira, o andor faz alto por instantes, enfrentando o Senhor com um registo representando uma das varias *estações* da Via-Sacra, registo que se exhibe numa especie de oratorio das dimensões de uma porta, todo illuminado a grandes velas de cêra e ornado de flores. Igual parada faz tambem diante dos seis outros *passos*, distribuidos no trajecto pela ordem seguinte: — o 2º á rua Trajano, o 3º em frente á egreja de S. Francisco, o 4º á rua João Pinto, o 5º á rua Tiradentes, o 6º no largo Treze de Maio e o 7º ao lado da entrada da capella do Menino Deus.

Mas a procissão adeanta-se e aperta-se caminhando sempre por entre as casas, cujas janellas regorgitam de familias, debruçadas respeitosamente sobre as grandes colchas de damasco de seda pendendo ás sacadas, onde predomina o escalarte, o amarello cor de ouro e o alvadio, á maneira ainda da antiga Roma nos seus dias festivos. As outras ruas em que passa o cortejo mantem-se igualmente enfeitadas, o chão afofado de folhagens e flores, que, trituradas pelos pés, saturam o ambiente de aromas, onde sobresahe o effluvio do alecrim e do mangericão. A' cada esquina o povo que não póde tomar parte no sequito, se accumula densamente, ajoelhando-se em massa quando surge o Santissimo.

Chegando á rua Generalissimo Deodoro, num pequeno largo em frente á egreja de S. Francisco, tem logar o encontro de Jesus com a virgem Maria, cuja imagem, conduzida por uma outra rua sobre um pequeno andor enfeitado, representa a Mãe-Dolorosa, com o seu manto azul cheio de estrellas, uma espada sobre o coração, o rosto em dolora suprema, os olhos afogados em pranto. As duas Imagens enfrentam-se numa recordação commovente da passada scena christã, a que o colossal ajuntamento de povo, em attitude contricta, dá uma impressão poderosa de mesticia solenne. E começa o chamado "sermão do encontro", que dura em geral meia hora, na vibração convulsionada desse sublime e tragico episodio do *Novo-Testamento*. Depois a imagem da Senhora se incorpora ao prestito e a marcha prosegue, lenta e triste pela tarde...

Ao chegar á rua Altino Corrêa (antiga do Principe), na altura da de Jeronymo Coelho, de onde a primeira se estende para a praça em toda a largura do caes principal da cidade — o espectaculo é extraordinario e unico talvez no Brazil.

Uma multidão de embarcações miudas, como canôas de remo-de-pá e de vóga, batelões, botes e lanchas, vindas de todos os sitios maritimos do continente e da ilha, coálham a bahia, entre a linha do littoral e o cordão afastado dos grandes navios, que põem ao longe, no horizonte, com a cordoalha alterosa, como um estranho tecido de renda sobre os cascos quasi unidos, no ancoradouro sereno todo espelhado em anil. Dessas embarcações pequeninas, mudadas em lar ao momento, pois transbordam de familias, physionomias de todas as idades, desde a criança de collo até ao ancião secular, umas pallidas de doenças, outras rubras de saude — debruçam-se anciosamente da borda, acompanhando sofregamente com os olhos a Imagem adorada. E á proporção que o prestito avança, sempre diante do mar, ellas vogam para vante, seguindo-o na sua immensa flotilha.

Mas a procissão se occulta um instante na rua do João Pinto, indo reapparecer outra vez, e plenamente, no largo Treze de Maio, para onde singra a esquadra de canôas e lanchas, numa marcha rapidissima, estatelando-se de novo, em veneração devota, ante o cortejo que passa, os rostos embevecidos...

Já então o sol dourado da tarde tem rolado no occidente numa aureola esvaida de brilhos, e o primeiro encinzado de sombras vem descendo lentamente, precursando a noite triste. Accendem-se então pelo prestisto as velas, tochas e archotes, como as altas lanternas de vidro que vão guardando o andor. E a monstruosa serpente de fogo, que alli passara na vespera, resurge, phantastica, magnificente e brilhante na noite, subindo a ladeira de rocha. No cimo do adro, já a capella destaca, a larga porta descerrada, o frontão branquejando ás luminarias que o cobrem, a alta cruz da cornija flammejando de luzes. E por detrás, illuminada tambem, numa linha de lampeões contornando as janellas, a mole enorme do Hospital de Caridade, aberta no céo escuro.

A procissão pouco e pouco vai galgando a ladeira, e penetra a nave rútila pela porta principal onde o prestito se estrangula, repartindo-se para um e outro lado, pelo portão do Hospital e pela sacristia.

Dentro, no pequeno templo, onde já descança a Imagem e se adensam os penitentes numa ultima oração mystica — vê-se, levantado bem ao fundo, uma especie de Calvario, em cujo viso nú e escuro se perfilam tres cruzes: a do centro, e mais alta, tendo pregado em seus braços e haste o corpo

(1) Esta Imagem, verdadeiro primor de esculptura, foi feita na Capital da Bahia por um velho artista brazileiro e filho daquelle Estado, cujo nome se ignora, isto em 1763, sendo no anno seguinte transportada para Santa Catharina, conforme já vimos.

placido de Jesus, escorrendo sangue da fronte, dos pés roxos e dos pulsos; as outras, mais baixas que aquella, são as dos dous Ladrões, cujos corpos, grossos e toscos, parecem estorcer-se de dor, em terriveis convulsões. . .

Depois do "sermão do calvario" com que finda toda a festa, tem logar a visitação do Hospisal de Caridade, cujos bellos salões e vastas enfermarias são franqueadas ao povo. Como esta instituição, são tambem percorridos o Hospital de Marinha e o do Exercito, que ficam muito perto dalli, este ultimo um dos maiores e melhores edificios publicos que possue o Desterro.

Durante essa longa visita, as senhoras e os homens distribuem abundantes esmolas aos doentes, que se sentem por instantes cercados, nessa noite de Passos, do geral afago e consolo do sentimento publico.

FÓBA. Medroso, preguiçoso, sem tino. Termo usado no sertão da Bahia.

FOGE. Log. do Estado de Goyaz, no dist. do Peixe.

FOGES. Bairro nos dist. de Santa Rita da Extrema; no Estado de Minas Geraes.

FÓJOS. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Indaiassú.

FOLHA LARGA. Ribeirão do Estado da Bahia, no termo da Conquista.

FOME. Corrego do Estado de Minas Geraes, affl. do rio Manso, que o é do Jequitinhonha. Forma uma cachoeira.

FONSECA. Log. do Estado de Minas Geraes, no mun. de Marianna.

FONTANA. Morro do Estado de S. Paulo, na cidade de Santos.

FONTE DA BENTA. Corrego do Estado de Minas Geraes, na cidade de Barbacena. E' tambem denominado Boa Fé.

FONTE DOS PADRES. Riacho do Estado da Bahia, entre a cidade de Alagoinhas e Alagoinha Velha. Nasce na lagôa do seu nome e desagua no rio Catú. E' na lagôa onde se abastece grande parte da pop. da cidade.

FORCA. Morro na cidade do Mar d'Hespanha; no Estado de Minas Geraes. Em sua base levantou-se outr'ora a forca onde foram justiçados infelizes escravos. Denomina-se tambem S. José, porque ahi projectou-se erguer uma capella da invocação deste santo.

FORCA. Morro do Estado de Minas Geraes, na cidade da Leopoldina.

FORMIGA. Log. do Estado da Bahia, no termo de Camamú.

FORMIGA. Bairro da cidade do Rio Preto; no Estado de Minas Geraes.

FORMIGA. Morro do Estado de Minas Geraes, na cidade do Rio Preto.

FORMIGA. Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. de Ubá. No alto dessa serra existe a lagôa denominada Tanque Grande.

FORMIGA. Ribeirão do Estado de Minas Geraes, banha o mun. de Palmyra e desagua no rio Pinho ou Piau.

FORMIGAS. Pov. do Estado do Paraná, no mun. de União da Victoria, á margem dir. do rio Iguassú.

FORQUILHA. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. do Carmo da Matta e mun. de Oliveira.

FORQUILHA. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. do Rio Preto e mun. de Diamantina.

FORQUILHA. Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. do Rio Branco.

FORTALEZA. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. do Pinheiro, no centro, a 24 kils.

FORTALEZA. Ilha no rio Pomba, nas proximidades da estação do Balthazar; no mun. de Santo Antonio de Padua. Tem 30 alqueires.

FORTALEZA. Ilha do Estado de Santa Catharina; forma com a ponta dos Naufragados o canal propriamente chamado a barra do sul. Deve seu nome ao forte que foi nella construido em 1740 pelo brigadeiro José da Silva Paes, então governador de Santa Catharina.

FORTALEZA. Igarapé affl. do rio Gurupy. Desagua do lado do Maranhão (Dr. G. Dodt).

FRADE. Bairro do Estado de S. Paulo, no mun. de Villa Bella; com duas escs. creadas pela Lei n. 732 de 26 de outubro de 1900.

FRADE. Ilha no porto da Victoria, capital do Estado do E. Santo. Fica para o N. da ilha do Boi.

FRADE LEOPARDO. Morro na entrada do porto da Victoria; no Estado do E. Santo; com 400 metros de altura. Tem a forma de uma banana. E' a melhor marca para conhecer-se do largo o porto da Victoria.

FRAGOSO. Log. no dist. da Graça e mun. do Recife do Estado de Pernambuco.

FRAGOSO. Log. do Districto Federal, no dist. de Guaratiba.

FRAGOSO. Usina do mun. de Olinda; no Estado de Pernambuco. O projecto da E. de F. do Recife a Itambé consigna ahi uma estação no kil. 12,130 do Recife entre as estações de Olinda e Paulista.

FRANCELINA. Corrego do Estado de S. Paulo, na com. de Jaboticabal. Une-se ao corrego do Côco.

FRANCEZ. Pov. do Estado das Alagôas, no mun. deste nome.

FRANCISCA (Dª.). Ilhota do Estado de Santa Catharina, defronte ao porto do Ribeirão e proxima á ilha do Ribeirão.

FRANCISCO (S.). Arraial do Estado de Sergipe, no mun. do Soccorro (*Almanak Sergipano*. 1901).

FRANCISCO (S.). Log. no dist. da cidade do Rio Branco e Estado de Minas Geraes; com escola.

FRANCISCO (S.). Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco; no Estado de Minas Geraes. Fica n'aquelle rio a 1.140 kils. distante do Joaseiro e entre as estações de Pedras da Maria da Cruz e S. Romão.

FRANCISCO (S.). Morro do Estado de Minas Geraes, no dist. de Mercês do Pomba. Ahi fica o cemiterio da localidade.

FRANCISCO (S.). Lagôa do Estado de Pernambuco, no dist. de Alagoinhas.

FRANCISCO DE BORJA (S.). Uma das circunscripções em que se divide o 2º dist. da com. de S. Miguel do Guamá; no Estado do Pará.

FRANCISCO DE PAULA. Bairro do mun. de Queluz e Estado de S. Paulo; com duas escs. creadas pela Lei n. 821 de 5 de agosto de 1902.

FRANCISCO SALLES. Colonia do Estado de Minas Geraes, á margem esq. do rio Sapucahy-mirim, cerca de quatro kils. distante da cidade de Pouso Alegre. Banham-na os corregos Pecegueiro, Taboão, Faisca, Tijuco Preto, Crystal e do Peixe. Conta a colonia (1901) 50 lotes ruraes com uma area de 582 hectares. Ha, além destes, 36 lotes pequenos destinados á cultura do arroz e situados na vargem marginal do rio; tem uma área total de 38 hectares. Com uma área de 12 hectares reservou-se um terreno destinado a campo pratico, onde se devem fazer experiencias sobre a cultura da videira, do trigo, do linho, etc. Destinados ao fucturo povoamento da colonia ha 95 lotes urbanos com uma área total de 31 hectares. Mais ou menos parallela ao rio, ha uma faixa de terreno que é toda vargem, em muitos pontos inundavel, em outros, porém, só alagadiço com as cheias exaggeradas: a altitude desta vargem é de 800 metros. Em seguida vem morros com declive ora fortes, ora suaves, cobertos de capueiras em grande parte. Nestas capueiras encontram-se bôas madeiras de construcção, taes como peroba, jacarandá, ipê, varias canellas, sucupira, pereira, folhalarga, guatambú e outras. O serrote d'onde nascem os principaes corregos que banham a colonia e que representa a parte mais elevada desta, é formado por granito de mica preta, não porphyroide, bastante duro; é em muitos pontos cortado por pequenas veias de quartzo e feldspatho onde este ultimo se acha em massas ás vezes bem grandes. Estas veias não tem uma direcção regular, e a massa de granito as apresenta em todos os sentidos. Os terrenos mais proximos do rio são constituidos pelo gneiss de mica preta, de grãos pequenos. Tanto o gneiss como o granito apresentam um tom cinzento-esbranquiçado e são pedras de construcção de excellente qualidade. Assim, as terras da colonia provêm da decomposição dessas duas rochas, ricas em principios fertilisantes. A vargem presta-se ao plantio do arroz; e as terras dos morros prestam-se á cultura do milho, do feijão, da mandioca, etc. Nas partes proximas ao fundo do valle a encosta é geralmente bastante suave de modo a poder permittir o trabalho com o arado e outras machinas agricolas. Ahi poderão ser cultivadas com grande vantagem a batata, o trigo, o linho, a cevada, a aveia e tantas outras plantas. Afim de facilitar ao colono meios de preparo do arroz para a venda no mercado, está sendo montada na colonia uma machina para beneficiar esse cereal. O clima é bastante salubre. Foi creada pelo Dec. n. 1.229 de 14 de dezembro de 1898.

FRECHAL. Rio do Estado do Pará, no mun. do Amapá. Banha a sub-prefeitura do Lago Redondo.

FRECHAL. Igarapé do Estado do Pará, na ilha Gurupá e mun. de Mazagão. Vai para o rio Amazonas.

FRECHEIRAS. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Codó, a 60 kils. ao S. (José Ribeiro do Amaral, *O Estado do Maranhão em 1896*).

FRECHEIRAS. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Cimbres, ao S. e na fralda da serra Ororubá; com uma feira.

FRECHEIRAS. Riacho do Estado de Pernambuco; nasce no mun. de Cimbres, na serra de Ororubá e desagua no rio Ipanema. Recebe o Buxodó.

FREIRE. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de S. José do Egypto.

FREI SERAFIM. Porto no rio Parnahyba, no mun. da Capital do Estado do Piauhy.

FREITAS. Riacho do Estado de Pernambuco, nasce no dist. do Surubim, mun. do Bom Conselho, e desagua na margem esq. do rio Capibaribe.

FRIO. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Bom Conselho. Consta haver nella minas de ferro e cobre.

FRIO. Corrego do Estado de S. Paulo, banha o mun. do Salto de Itú e desagua na margem esq. do rio Tieté, proximo a cachoeira do Bispo.

FRUCTUOSO. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha a colonia Francisco Salles e desagua no rio Sapucahy-mirim.

FULLA. Log. do Estado do Paraná, no mun. de S. José dos Pinhaes.

FUMAÇA. Serra do Estado da Bahia, no mun. do Bom Fim.

FUMO. Morro do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

FUMOS. Bairro no dist. de Santa Rita da Extrema; no Estado de Minas Geraes.

FUNDÃO. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Olinda, a cinco kils. desta cidade, á margem da linha-ferrea do Recife a Olinda e Beberibe (na secção deste nome). Tem no kil. 5.982^{m} uma estação entre as do Porto da Madeira e Agua Fria.

FUNDÃO. Arraial no termo do Riachuelo do Estado de Sergipe. (*Almanak Sergipano*. 1901).

FUNDÃO. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da cidade do Bom Fim. Do mesmo mun. nos dão noticia de um outro pov. de nome identico no dist. da Vargem Alegre.

FUNDÃO. Log. do Estado de Goyaz, no dist. de Anicuns.

FUNDÃO. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. da margem dir. do rio Ipojuca.

FUNDIÇÃO. Arraial no termo de Aracajú do Estado de Sergipe. (*Almanak Sergipano*. 1901).

FUNDO. Riacho do Estado de Pernambuco, nasce nas Berlengas, na serra do Araripe, mun. de Ouricory, e correndo para o mun. de Leopoldina ahi faz barra.

FUNIL. Pontal no Estado de Pernambuco; a tres milhas para o S. da ponta de Pedras, na Lat. S. de 7°37'50" e Long. E. de 8°19'12" do Rio de Janeiro. Existe ahi um outeiro que vai rampando até ao mar, cuja forma é quasi conica no centro. Da extrema deste morro, a pouco mais de milha ao S., está o pontal do Fortinho.

FUNIL. Corrego do Estado de Minas Geraes, no mun. de Theophilo Ottoni.

FURADINHA. Serra do Estado do Parahyba do Norte, ns divisas do dist. d'Agua Branca.

FURADINHO. Pontal no Estado de Santa Catharina, proximo ao sacco do Ribeirão e á ilha do Largo.

FURADO. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Tacaratú, ao SE. de Jatobá.

FURADO DAS PEDRAS. Log. do Estado da Bahia, á margem dir. do canal Poassú ou Pau-assú, no mun. de Cannavieiras.

FURA OLHO. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. de Santa Cruz de D. Silverio e mun. do Bom Fim.

FURNAS. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do Jaguary, trib. do Juquery, que o é da margem dir. do rio Tieté.

FURNAS. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Jundiahy-assú. E' tambem denominado Itauna.

FURNAS. Corrego do Estado de Minas Geraes, entre os muns. de Alfenas e Santo Antonio do Machado. Vai para o ribeirão dos Porcos.

FURO. Pov. no mun. de S. Bernardo e Estado do Maranhão.

FURO. Igarapé do Estado do Maranhão, na ilha de S. Luiz. E' assim denominado porque, entre elle e o igarapé do Arapapahy, cuja foz está no estreito do Coqueiro, se pretendeu estabelecer o canal geralmente conhecido pelo nome de — Canal do Arapapahy —, que teria por fim, ligando a cabeceira do rio Bacanga ao estreito do Coqueiro, na bahia de S. Marcos, evitar a navegação pelo Boqueirão. Infelizmente, depois de grandes sommas ahi consumidas, ficou abandonada essa grande obra.

FURQUIM. Corrego do Estado de S. Paulo, no mun. de Batataes. Accrescente-se no fim: Outros o mencionam desaguando no ribeirão das Maleitas, affl. do rio Pardo.

FURTADO. Rio do Estado do Pará, na com. de Cametá.

FURTADO. Log. do Estado da Bahia, no termo de Belmonte.

G

GADO DOS FERROS. Rio do Estado do Ceará, nas divisas do mun. de Silva Jardim.

GAGO. Morro do Estado da Bahia, na ilha de Itaparica. O rio desagua na bahia de Todos os Santos.

GAICÁ. Porto ao S. da cidade de S. Sebastião, no Estado de S. Paulo, 8,3 kils. de distancia. Dahi o nome dado á fazenda do convento do Carmo, nesse logar, hoje em abandono. « Essa palavra, diz o Dr. J. Mendes, corruptela de *Iga-ycá*, quebra canôa. De *igá*, canôa; *cá*, quebrar, precedido de *y* relativo. Allusivo a bater ahi muito forte o mar, atirando as canôas sobre as pedras ».

GAIO CAHIDO. Arroio do Estado do Paraná, no mun. de Jaguaryahiva.

GAIOVIRA. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do ribeirão Figueira; no mun. de Campos Novos do Paranápanema. « Esta palavra, diz o Dr. J. Mendes, é corruptela de *Quai-o-bira*, cingido e levantado de ambos os lados. De *quai*, cingido; *o*, reciproco, para exprimir o plural e communicação relativamente ao verbo *bir*, levantar, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. Allusivo a correr entre paredões altos ».

GALÊ. Ilha do Estado de Santa Catharina. Accrescente-se no fim: Tem uma milha de extensão. Seu nome provém do contorno geral que ella apresenta, vista de certa parte do mar, contorno que se assemelha vagamente ao do casco de uma dessas antigas embarcações.

GALEGO. Porto no rio Fundo, no Estado de Sergipe, entre Estancia e Itaporanga.

GALHEIRO. Rio do Estado de Minas Geraes, affl. do Inhacica Grande, trib. do Jequitinhonha.

GALLINHEIRO. Pequeno pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. de Diamantina.

GALRÃO. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Iguassú. Prende-se as serras da Bôa Vista e Mantiqueira.

GALVÃO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Toledos, trib. do Piracicaba.

GAMA. Rio do Estado do Maranhão, banha o mun. do Pinheiro e desagua na margem esq. do Pericuman. Banha o pov. do seu nome.

GAMBÁ. Composto de *guá-ambá*, seio ouco, o sacco vasio, nome de um marsupio que guarda os filhos em um sacco que tem na barriga. (*Didelphis*). Dr. Theodoro Sampaio.

GAMBÁ. Serrote do Estado de S. Paulo, no mun. de Jaboticabal. Tem encostas alcantiladas, fazendo ponta no cimo. E' mais conhecido por Monte Alto.

GAMBÁ. Corrego do Estado da Bahia, na cidade de Minas do Rio de Contas.

GAMBÔA. Arrabalde da villa de Cambucy, no Estado do Rio de Janeiro, á margem esq. do rio Parahyba.

GAMELLAS. Arraial do termo de Pacatuba, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

GAMELLAS. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. de D. Silverio e mun. do Bom Fim.

GAMELLEIRA. Pov. do Estado de Pernambuco, no 2º dist. de S. José.

GAMELLEIRA. Riacho do Estado da Bahia, no mun. de Minas do Rio de Contas.

GAMELLEIRA. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha o mun. da Diamantina e dasagua na margem dir. do Imbaiassaia, affl. do Jequitahy.

GAMELLEIRA. Villa do Estado de Pernambuco. Em logar de villa leia-se cidade. Accrescente-se no fim: Comprehende os povs.; Ribeirão, S. José da Extrema, Lobo, Duas Barras, Bom Successo, todos com capellas, e Ilha das Flores. Foi elevada á cidade pela lei n. 153 de 9 de abril de 1896.

GAMELLEIRA. Pov. de Pernambuco, no mun. de Buique. Accrescente-se no fim: Foi elevada á villa pela Lei n. 318 de 28 de junho de 1898.

GAMELLINHA. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do Jacuné, que o é do rio Aricanduva; no mun. da Capital.

GAMELLO. Monte no Estado do E. Santo, entre o mar e a serra dos Aymorés. E' isolado. Serve de marca para indicar a barra de Santa Cruz, perto da qual se acha.

GANDÚ. Pov. no termo de Itabaiana, no Estado de Sergipe.

GANGÃO. Log. do Estado do Maranhão, na ilha de S. Luiz.

GANGORRA. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Cimbres e desagua na margem esq. do rio Ipojuca.

GANGORRA. Riacho do Estado de Pernambuco. Accrescente-se no fim: Desagua na margem dir. do rio Capibaribe.

GANGORRAS. Corrego do Estado de Minas Geraes, affl. do rio Manso, que o é do Jequitinhonha.

GANSOS. Lago do Estado do Pará, no territorio de Aricary, entre o lago do Rei ao sul e o lago Amapá ao norte.

GAPIRA. Corrupção de *yg-apira*, cabeceiras d'agua, nascentes, vertentes. (Dr. Theodoro Sampaio).

GARAÇÚ Corrupção de *igara-açú*, canôa grande, barco; Pernambuco (Dr. Theodoro Sampaio).

GARANHUNS. Corrupção de *guira nhũ*, os passaros pretos (Dr. Theodoro Sampaio).

GARAÚ. Morro do Estado de S. Paulo, entre os rios Garaú e Una do Prelado; no mun. de Itanhaem. (Vide *Carajauna*). *Garaú* é o nome que o Dr. M. F. R. de Andrada, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela prov. de S. Paulo em 1805*, dá a este morro. Azevedo Marques, em seus *Apontamentos* dá o nome de *Jaguary*. O padre Ayres de Casal, em sua *Chorogr. Bras.* assim tambem o denomina; mas é confusão.

O Dr. M. Francisco dá o nome *Garaú*, não só ao morro, como tambem a um rio: « . . . em todo este rio nada vi digno de observar-se, á excepção de uma *araranha*, especie de lontra de rio, maior que o *vivia*, a qual julgo será a *mustela lutris brasiliensis* de Linnêo; e *jacarés*, de onde se deriva o nome do rio (*Lacerta Alligator*). Chegado ao porto, subi o morro de Garaú. . . . ». « *Garaú*, nome do monte, é, diz o Dr. J. Mendes, corruptela de *Qûára-aú*, esburacado em excesso até o ponto de encommodar. De *qûár*, buraco, bojo, com o accresscimo de *a* (breve) por acabar em consoante, *aú* particula para exprimir defeito, encommodo, ou má vontade na acção. Por contracção *Qûár'-aú*. Allusivo a ser um morro de penedias, com arvores enormes e corpulentas, cujas raizes se estendem á superficie, tornando desegual o solo. O caminho é por cima desse morro; e, pois, o travessio torna-se encommodo. Sua base é de pedras nuas. Quanto ao rio, *Garaú* é corruptela de *Qua-ára-aú*, contrahido em *Qu'-ar'-aú*, mau corredor. De *quã*, passar, correr; *ára* verbal de participio, para exprimir a actividade do verbo; *aú* particula para exprimir defeito, encommodo, ou má vontade na acção. Allusivo a ser pouco corrente (Vide *Guarahy*). Tambem o indigena quereria por ventura assignalar ahi a existencia de animal devorador, fazendo assim o costumado jogo linguistico; e com effeito, *garaú* é o mesmo *guara-ú*, participio presente de *aú* comer, repetindo no final o *ú*, para maior energia na acção — devorador —. Allusivo aos Jacarés que ahi abundam. Ha tambem tres pequenas ilhas em frente á foz deste rio, com o nome *Garaú* corruptela de *Guará-aú*, contrahido em *Guar'-aú*, sem prestimo. De *guara*, para exprimir utilidade; *aú* ficção, burla, phantasia; importando as duas palavras o significado — ficção de utilidade — ».

GARAYUVA. Pedra superposta ao morro Lopo, no mun. de Santo Antonio da Cachoeira e Estado de S. Paulo. A altitude até á pedra é 1.655 metros. Muitas leguas em redor não existe pico tão elevado. E' formado de granito com grandes crystaes de feldspatho, alinhados segundo o grande eixo. Na base do morro o aspecto gneissico domina, segundo se lê em um trabalho da commissão Geographica e Geologica da Prov. de S. Paulo (1889). « Esta palavra, diz o Dr. João Mendes, é corruptela de *Gu-ári-yúb-a*, superposta ao longo.'De *gu*, reciproco; *ari*, em cima, sobre; *yub*, estar, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. » Não é, pois, propriamente um nome, como em geral o suppõem, mais uma descripção do modo de estar na pedra.

GARÇAS. Igarapé no mun. da Capital do Estado do Amazonas.

GARCIA. Ilhota do Estado de Santa Catharina, defronte ao porto do Ribeirão e proxima da ilha D. Francisca.

GARCIA. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. de Cimbres.

GARCIA. Rio de S. Paulo, no mun. do Parnahyba. Accrescente-se no fim: Desagua na margem dir. do Tieté.

GARGANTA DO RIO DOCE. Morro no mun. de Palmyra e Estado de Minas Geraes.

GARGANTA DO ROBALLO. Serra do Estado do E. Santo, entre Anchieta e Guarapary.

GARIMPO DAS CANÔAS. Dist. do Estado de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Foi desmembrado do mun. de S. Sebastião do Paraiso e annexado ao mun. de Santa Rita de Cassia.

GAROPABA. Corruptela de *igara-paba*, porto, surgidouro da canôa ou barco.

GARRA. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. da margem esq. do rio Amaragy.

GATO. Morro no mun. do Serro Azul, na estrada que vai para Jaguarahyva; no Estado do Paraná.

GATO. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. de Itacoatiara.

GATURAMO. Vide *Angaturama*.

GAVIÃO. Serra do Estado de Pernambuco, no dist. de Alagoinhas.

GAVIÃO. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o pov. de Alagoinhas e corre para o Ipanema.

GENERAL CARNEIRO. Nucleo colonial do Estado do Paraná, no mun. da União da Victoria, a 36 kils. da séde do mun., nas margens do rio Jangada. Compõe-se de 177 lotes occupados por cerca de 900 polacos.

GENERAL OZORIO. Pov. do Estado do R. G. do Sul; no mun. do Lageado. Denominava-se *Mussum*.

GENGIBRE. Arraial no termo de Aracajú, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

GENGIBRE. Rio do Estado do Maranhão, banha o mun. do Brejo e desagua no Burity.

GENIPABÚ. Corruptela de *yanipab-ú*, rio dos genipapos; Pernambuco. (Dr. Theodoro Sampaio.)

GENIPAPEIRO. Log. do Estado do Maranhão, na ilha de S. Luiz.

GENIPAPO. Corruptela de *yanipaba* ou *nhandipab*, fructo de esfregar ou que serve para pintar (Baptista Caetano). (*Genipa Brasiliensis*. Martius).

GENIPAPO. Log. do Estado da Bahia, na com. do Mundo Novo.

GENIPARANA. Log. do Estado do Maranhão, na ilha de S. Luiz.

GENOFRE (S.). Rio do Estado do Rio de Janeiro, banha o mun. de Cantagallo e desagua no rio Quilombo.

GENTIO. Com este nome dá o *Almanak de Sergipe* (1901) noticia de dous arraiaes nos termos de Maroim e Siriry.

GENTIOS. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. de Floriano Peixoto e mun. do Bom Fim (Inf. loc.).

GEREMA. Vide Jurema (*Acacia Jurema*. Martius).

GEREMIAS. Log. do Estado do Paraná, no mun. de Paranaguá.

GEREMOABO. Corrupção de *gerumû-oabo*, aboboras que nascem, plantação de aboboras, *vasante* das aboboras; Bahia (Dr. Theodoro Sampaio).

GERIBÁ. Corruptela de *yarîbá*, o que tem fructo de cacho ou em penca; alt. *jiribá*; *jirivá*, nome de uma palmeira commum em S. Paulo (Dr. Theodoro Sampaio).

GERIBATUBA. Corrupção de *yaribá-tyba*, palmar de gerivás; S. Paulo (Dr. Theodoro Sampaio).

GERIVÁ. Estação da E. de F. Mogyana, no kil. 15 do Ramal de Caldas. Foi aberta ao trafego no dia 1° de outubro de 1901.

GERÚ. Vide Agerú ou *Ajurú*.

GÊS. Nome de uma nação tapuya nos sertões do Maranhão e de Goyaz, tambem appellidada *Cran*; não é tupi.

GETAHY. Vide *Jatahy*.

GETIMANA. Pov. do Estado de Sergipe, no mun. de Aracajú.

GIBOIA. Corrupção de *yiboy* ou *yiboi*, composto de *yi-boi*, cobra d'agua; no tupi-guarani *curiyú* (Baptista Caetano).

GIBOIA. Villa da Bahia. Accrescente-se no fim. Passou a denominar-se Monte Cruzeiro pela Lei n. 321 de 1º de agosto de 1889.

GINEPABÚ. Vide *Genipabú*.

GIPAUBA, Igarapé do Estado do Pará, no mun. da Vigia.

GIPUVURA. Morro no mun. de Iguapé do Estado de S. Paulo. Dizem que é o mesmo que tem o nome de *Guaviruúva*.

GIRIJÓ. Igarapé do Estado do Maranhão, banha o mun. de S. Bento e desagua no rio Aurá.

GOÁ. Cousa redonda, concavo, seio, sacco, baixada, depressão entre montanhas, valle, bacia, bahia; alt. *guá* (Dr. Theodoro Sampaio).

GODINHO. Pov. do Estado do Minas Geraes, no dist. da Piedade dos Geraes e mun. do Bom Fim.

GODINHO. Corrego do Estado de Minas Geraes, affl. do rio Formoso, que o é do Pomba; no mun. deste nome.

GODOY. Bairro do dist. de Santa Rita da Extrema no Estado de Minas Geraes.

GOIABAL. Ribeirão do Estado de S. Paulo, nas divisas do dist. de Campo Alegre do mun. de Brotas. Reune-se com o corrego do Barreiro.

GONÇALO (S.). Log. no mun. de Uruguayana do Estado do R. G. do Sul; com uma esc. municipal.

GONÇALVES. Ribeirão do Estado de Goyaz, no mun. de Antas. Recebe os corregos Barreirinho e Taboca.

GONGO. Chamam assim os barqueiros do rio S. Francisco a umas varas com um ferro curvo na ponta, com as quaes se agarram aos ramos das arvores, nas cheias dos rios. Além dos gongos, ha outras varas com um ferro na ponta, do feitio de forquilha ou *pé de cabra*, com que elles se firmam nos ramos mais finos das arvores.

GORDO. Arrabalde da cidade do Pomba; no Estado de Minas Geraes. Foi outr'ora uma aldeia de indios, cujo cacique se chamava Pendy.

GORDO. Morro do Estado de Minas Geraes. Cerca a cidade do Pomba.

GORUTUBA. Corrupção de *curú-tyba*, seixal, pedregal; corrupção *cory-tyba*, pinhal; Minas Geraes (Dr. Theodoro Sampaio).

GOUVÊA. Morro do Estado de Minas Geraes, no mun. do Pomba.

GOYÁ. Corruptela de *guayá*, composto de *guay-yá*, individuo egual, gente semelhante, da mesma raça (Dr. Theodoro Sampaio). Os documentos antigos falam em *Guayás* e *Guayazes*.

GOYANA. Ant. *Gucena* como o escreveu, na sua *Hist. do Brazil* de 1827, Frei Vicente do Salvador; mas deve ser antes *Guayaná*, composto de *Guá-yái*, porto, ancoradouro do valle ou da bahia; nome de uma cidade de Pernambuco, antigo porto até onde chegavam as sumacas que lhe subiam o rio com a maré (Dr. Theodoro Sampaio).

GOYTACAZ. Corruptela de *guay-atacara*, alt. *guay-atacá*, gente ou povo corredor, veloz; o andarilho, o andejo, ou nomada; Rio de Janeiro (Dr. Theodoro Sampaio).

GOYTARACA. Nome de um trecho da serra dos Aymorés; no Estado da Bahia. « *Goytaraca*, diz o Dr. Theodoro Sampaio, corruptela de *guay-taraca*, o que muda de côr, cousa ou objecto cambiante ».

GRAÇA DE DEUS. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Codó, a O. da cidade, da qual dista 72 kils.

GRAJAHÚ. Corruptela de *carayá-hú* ou *carayá-y*, rio dos monos carajás; ant. *guajahú* corruptela de *guayá-ú*, rio dos carangueijos; Maranhão (Dr. Theodoro Sampaio.).

GRAJAHÚ. Cidade do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira, em seu trabalho *Fragmentos para a Chorographia do Maranhão*, diz: « *Grajahú*, antiga villa da Chapada, situada á margem dir. do rio do mesmo nome, importante affl. da margem esq. do Mearim, gosa de clima ameno e saudavel. Divide-se em tres bairros: o Alto, o Baixo e o da Tresidella, este situado no lado opposto do rio. A suas communicações com a capital, de que dista 822 kils., são feitas com demora, por intermedio da Barra do Corda e da Victoria do Baixo Mearim, com que se communica por meio de canôas. » « Seria uma cidade de grande importancia, si houvesse facilidade de transporte e de communicação com a capital, o que permittiria a exploração de suas immensas riquezas vegetaes e mineraes. » E' um logar de grande criação de gado vaccum e cavallar, exporta couros, oleo de copahiba, borracha de mangabeira e resinas. Calcula-se a sua pop. em 5.000 habs. Parece-me que ainda carece de rigor scientifico o que se tem escripto sobre a origem do rio Grajahú, por não ser completo o estudo da situação e direcção das montanhas que ficam a O. e S. do rio Mearim. A opinião geralmente acceita é esta: o rio Grajahú nasce cerca de 120 kils. ao N. do Riachão e a O. do rio Mearim, e corre a principio de SO. a NE., por entre a serra do Negro e da Cinta ». O Sr. José Ribeiro do Amaral, em seu trabalho *O Estado do Maranhão em 1896*, diz: « Cidade (antiga villa da Chapada), a 7°20' de lat. S. e a 1°47' de long. O., assentada em uma bella planicie, que domina o rio do mesmo nome, que corre a SO. e O. Porto de uma fazenda denominada Chapada, pertencente a Manoel Valentim Fernandes, foi a fundação e conservação deste primitivo estabelecimento uma das maiores conquistas da civilisação sobre os indigenas, nos sertões do Maranhão. Foi o alferes de milicias, Antonio Francisco dos Reis, em companhia de pessoas de sua familia, habitantes todos da alta ribeira do Grajahú, o primeiro que, navegando este rio e por elle descendo a 11 de março de 1811, em pequenos barcos, que para esse fim fabricara, depois de repetidas viagens aqui veio estabelecer-se, convidado talvez pelos lucros que deveria ter percebido das suas diligencias. E para que com mais facilidade, ou como lhe conviesse, se podessem continuar em qualquer tempo essas viagens, povoaram elle e outros o mesmo porto da Chapada, na ribanceira leste do dito rio, fabricando casas para vivenda e depositos para o sal e generos, de que já ali vinham prover-se com muito prazer e commodo os moradores das outras ribeiras vizinhas, chegando ao numero de 40 as pessoas que no dito porto logo áquelle primeiro passo se propuzeram a habitar. Ciosos os indios *Timbyras Picobgés*, nação estabelecida da outra parte do mesmo rio, dos progressos da nova pov., que os assombrava e impedia de fazerem no interior do paiz as suas correrias costumadas, resolveram livrar-se della, e o fizeram, diz Paula Ribeiro, queimando, vivas, 38 pessoas dentro das suas mesmas habitações, a que barbaramente pozeram fogo, bem como ás mesmas embarcações abicadas na praia, levando o sal e generos que puderam, e lançando o resto ao rio ou ao mesmo fogo, deixando somente naquelle logar, para signal de que já um dia fora povoado, umas ossadas esparsas por meio das ruinas solitarias. Desta carnagem, succedida em 1814, escaparam, vivas, uma menina, que os selvagens levaram captiva, e cinco ou seis pessoas, que, por felicidade sua, andavam fóra da pov. na occasião do desastre. Tambem alli pereceram alguns dos moradores das outras ribeiras vizinhas, que descuidadamente tinham vindo áquella comprar o sal e outros generos precisos ao maneio das familias. No anno de 1816, tentaram novamente aquelles moradores restabelecer um porto publico na mesma alta ribeira do Grajahú, a que chamaram — S. Paulo do Norte —; mas havendo-se-lhes muito friamente assistido com um pequeno destacamento de tropas, sem qualquer outra especie de soccorro, e tendo posteriormente sido retirado este mesmo destacamento, foi a pov. abandonada. Nova expedição composta de 40 soldados, enviada da capital, teve ainda logar no anno de 1817, tão mal delineada, porém, que ao partir

da Victoria para cima já não havia mantimento para mais de seis dias. — Em 1856, continha já a Chapada 79 casas, sendo seis cobertas de telha, 341 habs., dos quaes 18 escravos, existindo mais, na margem esq., 11 casas com 79 habs. No ponto em que está collocada a cidade, o rio é vadeavel no tempo da secca, mas uma noite de chuva é bastante, ás vezes, para dar-lhe a profundidade de quatro metros. A cidade está dividida em tres bairros: *alto*, *baixo* e o da *Tresidella*, do lado opposto do rio. No primeiro, contam-se tres praças; a da Matriz, que fica em frente ao quartel e cadeia, e uma outra por detraz destes; diversas ruas circulando estas praças e duas travessas. Deste bairro descem quatro ruas em direcção ao rio, denominadas: Cajueiro, Porto Grande, Aldeinha e Canto da Madeira, sendo principaes as duas primeiras, com duas travessas. Além destas ruas, tem mais as do Paço e Tarrafa, com muitas casas sem alinhamento, e cerca de 17 beccos. O bairro da Tresidella consta apenas de uma rua, que se estende do rio até a serra da Fazendinha, que circula o referido bairro; existindo, além dessa rua, diversas casas dispersas. Conta a cidade, actualmente, 185 casas de telha, 232 de palha, 38 de negocio de seccos e molhados, 27 tavernas, em que se vendem generos do paiz, tres ourives, tres ferreiros, tres barbeiros, tres fogueteiros, tres calafates, quatro alfaiates, 12 sapateiros, cinco carpinteiros, 10 carpinas, quatro marceneiros, onze pedreiros, uma pharmacia e sete açougues. Sua Egreja Matriz, de adobos, sobre alicerces de pedra e cal, é coberta de telha e acha-se situada no Bairro Alto; havendo além della uma boa capella na Tresidella... A pop. da cidade é de 3.500 a 4.000 almas e a da com. de 15 a 16.000. Em 1860 era de 6.000. Esta com. é essencialmente criadora, consistindo a sua principal riqueza na criação de gado vaccum, cavallar e muar, que exporta, bem como couros, espichados, seccos e salgados, sola e oleo de copahyba, borracha de mangabeira, cumarú, resinas diversas e pennas de ema. Não se pode calcular ao certo a força da sua producção que, presentemente, deve ser muito avultada. Em 1863 era de 18.000 alqueires de farinha, 4.000 de arroz, 4.500 de milho, 50 arrobas de fumo e 15 pipas de aguardente; e possuia 91 fazendas de gado com 18.000 cabeças, colhendo annualmente 4.500 bezerros. E' o seu territorio, de longa data, conhecido como um dos mais ricos do Estado em mineraes de toda a sorte. O Commendador A. C. da Cruz Machado, no seu minucioso *Relatorio* (1856), referindo-se a este facto, assim se exprime: « Quanta á exploração de outros mineraes, tenho a informar que o Dr. Oscar Henning e o Coronel Mollara, engenheiros que, por conta da Companhia Mineração Maranhense, se dirigiram á chapada, observaram nessa localidade particulas de excellente *cobre*, mas pareceu-lhes a quantidade muito insignificante para que podesse animar a mesma Companhia a emprehender sua mineração, ou a empregar grandes fundos para descobrir alguma jazida, cuja existencia, segundo elles, é duvidosa. Identicas informações á respeito das minas de cobre me foram transmittidas da Chapada pelo engenheiro da prov., Henrique de Saint'Amand, incumbido pela presidencia da exploração do rio Mearim. Depois de proceder ao exame do terreno, que lhe foi indicado, como sendo o das minas, e que fica a SO. da villa na distancia de 20', á margem do Grajahú, descobrio elle alguns pedaços de cobre, em verdade de qualidade superior, porém, em pequena quantidade. Os moradores da Chapada e seus arredores têm para si que existem minas de *zinco*, de *platina*, de *arsenico*, e mesmo de *prata* no mun. Quanto á existencia de *perits arsenicos*, não resta a menor duvida, que é real, e os ha em abundancia, a oito e nove leguas distantes da Chapada, segundo informações dos engenheiros Henning e Mollara. Encontram-se ainda nas margens do rio Grajahú, seis leguas abaixo da cidade, pedras de alva e linda côr, que apresentam todos os caracteres de gesso. Uma amostra dellas, d'aqui remettida pelo presidente de então ao ministerio dos negocios do Imperio, foi submettida á analyse, declarando o director do Museu Nacional, que esta substancia pertencia á variedade, que pela sua textura tem o nome de *gesso fibroso*, variedade que mais commumente se encontra no terreno secundario superior; e como desde os terrenos mais antigos até o fim da epoca terciaria se encontre o gesso, uma vez que existem depositos consideraveis nesse ponto das margens do Grajahú, é mui provavel que ahi se achem as variedades crystallinas da mesma substancia, taes como, gesso lenticular, cylindroide, laminas, etc. que são empregadas pelos modeladores ». Além do que fica dito, relativamente á existencia de minas de cobre, facto este attestado por todos os moradores da cidade do Grajahú, temos ainda a accrescentar o seguinte: O major do exercito José Lourenço da Silva Milanez, que ahi foi, em 1890, no governo do Dr. José Thomaz da Porciuncula, como delegado de policia e commandante do destacamento, asseverou-nos a existencia de *ocre* de diversas cores, e *pedra hume*, de que trouxe algumas amostras para a capital, de volta da sua commissão. Agora mesmo, informações de pessoas fidedignas dão-nos noticia de existir na Serra da Cinta uma grande mina de chumbo, bem como minas de ferro, enxofre e outros mineraes. O territorio desta com. é geralmente accidentado. Banhado em toda sua extensão por dous grandes rios, o Mearim e o Grajahú, tendo aquelle por affl. principal o Capim ou Corda, e este o Santa Anna, além de grande numero de ribeirões; bordado pelas serras Negra, da Cinta, Desordem, Pedra Furada, Crueira, Branca e do Caboclo, dispõe, em sua maioria de campos proprios de criar, sendo além disso de uma fertilidade espantosa para toda a sorte de cultura, sobretudo á margem dos rios e ribeirões. O clima varia conforme as estações, mais vezes quente do que frio; é geralmente saudavel. Nas ruas extremas existem ainda grandes florestas, mais vulgarmente conhecidas por *mattos geraes*, as quaes vão confinar ao N. com as coms. de Monção e Baixo Mearim, e ao S. com as da Carolina e Imperatriz. Nellas habitam os indios em grandes malocas; faceis em removerem os seus aldeiamentos, não se lhes pode com certeza determinar o numero, calculando-se, porém, que representam elles uma pop. de 8 a 10.000 almas, muitos dos quaes já se acham domesticados.... ».

GRAMACIÓ. Ant. *caramaciò*, o *caramaci-ó*, isto é, *carama*, redondo em roda; *aci* ou *aciá*, cortar, cercear, aparar; *o* ou *og*, casa cabana; portanto, cabana aparada em roda; R. G. do Norte (Dr. Theodoro Sampaio).

GRAMAME. Ant. *guiramame*, composto de *guirá*, passaro, ave; *mama*, cerco ou rodeio; portanto, rodeio ou cerco dos passaros. Em alguns documentos antigos se lê *aramama*, Varnhagem; Parahyba do Norte (Dr. Theodoro Sampaio).

GRAMMA. Morro do Estado de Minas Geraes, na cidade do Rio Preto.

GRAMMA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, reune-se com o Ingá e juntos vão desaguar no Pirahy, trib. do Jundiahy, no mun. de Itú.

GRAMMA. Riacho do Estado de Minas Geraes, nasce no morro do seu nome, atravessa a cidade do Rio Preto e desagua na margem esq. do rio deste nome.

GRAMMADA. Corrego do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Porto Feliz e desagua na margem dir. do ribeirão Avecuia, affl. do rio Tieté.

GRAMMADINHO. Corrego do Estado de S. Paulo, banha. o mun. de Porto Feliz e desagua no ribeirão Avecuia, affl. do rio Tieté.

GRAMMADO QUEIMADO. Log. do Estado do Paraná, no mun. da Palmeira.

GRAMMINHA. Estação da E. de F. Paulista, no Estado de S. Paulo, na secção Rio Claro, entre Jaboticabal e Ibitivama.

GRAMMINHA. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. de S. Luiz do Parahytinga.

GRAMMINHA. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do ribeirão Descaroçador.

GRANDE. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. de S. José dos Campos.

GRANDE. Morro do Estado de S. Paulo, entre os muns. de Nazareth, Conceição dos Guarulhos e de Mogy das Cruzes.

GRANDE. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. de Annapolis.

GRANDE. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. da Cotia, á margem esq. do rio deste nome.

GRANDE. Morro do Estado de Minas Geraes, no mun. do Pomba.

GRANDE. Igarapé do Estado do Pará, affl. do rio Goiabal, na ilha Caviana.

GRANDE. Igarapé do Estado do Pará, banha o mun. de Affuá e desagua no rio Cajuná.

GRANDE. Igarapé do Estado do Maranhão, banha o mun. de Itapecurú-mirim e lança-se no rio Mearim.

GRANDE. Corrego do Estado do E. Santo, em Santa Joanna, mun. de Affonso Claudio.

GRANDE. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Guarehy. Ha dous affls. do rio Guarehy com o mesmo nome.

GRANDE. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Lageado, trib. do Santo Ignacio. Recebe o Posse.

GRANDE. Corrego do Estado de S. Paulo, banha o mun. da Fartura e desagua na margem dir. do rio deste nome.

GRANDE. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Mboy-guassú ou Guarapiranga, abaixo da foz do Cipó.

GRANDE. Ribeirão do Estado de Minas Geraes, no dist. de Santa Quiteria. E' o nome que toma o Philippão quando se lhe reune o Prata. Vai desaguar no rio Paraopeba com o nome de Cachoeira. Recebe os corregos da Raiz e do Açude.

GRANDE (Rio). Corrego do Estado de Minas Geraes, no mun. de Diamantina. Nasce na serra do seu nome, proximo á estrada que segue para o arraial do Mendanha, banhando Diamantina a N E. e seguindo na direcção do S. até a sua foz no Pururuca, onde é conhecido pelo nome de Richier, tendo ainda anteriormente, logo abaixo do bairro do Rio Grande, a denominação de Moinho.

GRANDE. Lagôa no mun. de Minas do Rio de Contas e Estado da Bahia.

GRANDE. Rio do Estado do Maranhão. Accrescente-se no fim: o Dr. Justo Jansen Ferreira (*obr.* cit.) diz receber esse rio as denominações de Engenho, logar onde nasce, S. João, Pindahy, depois da confluencia com o rio das Mercês, Riosinho e Cururuca. Confundindo as suas aguas com as do rio Antonio Esteves, formam ambos o igarapé da Villa, que desagua ao N. da bahia de S. José por entre Panaquatira e a ilha de Curupú. « Querem algumas pessôas que a verdadeira origem do rio Grande seja o das Mercês, cuja confluencia com o S. João se dá no logar Pindahy, considerando este como affl. daquelle. Talvez concorra muito para essa opinião o facto de ter seccado, nestes ultimos verões, o rio S. João, o que é devido, em grande parte, á irreflectida e condemnavel destruição das mattas, que o cercavam ».

GRANDE. Rio do Estado do Rio de Janeiro. Accrescente-se no fim: Banha a mais o mun. de Bom Jardim. E' atravessado pela E. de F. Leopoldina sobre uma ponte de 21m50 de vão. Sua juncção com o rio Negro tem logar na fazenda da Barra, dous kils. acima do dist. da Conceição da Ponte Nova. Além dos affls., acima citados, recebe mais o Macapá, o Banquete, o S. José, o Santa Cruz, o Santa Thereza, o Aguas Claras, o Soccorro e o Macuco. Tem uma linda cachoeira na fazenda Rio Grande.

GRANDE DO AREALZINHO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, limita o mun. do E. Santo da Boa Vista com o de Guarehy e desagua no rio deste nome.

GRAPECICA. Corrupção de *guara-pecica*, composto de *guára-ibira*, madeira, *pecica* de casca lisa; madeira propria para marceneria; Santa Catharina (Dr. Theodoro Sampaio).

GRAPUETAN. Corruptela de *guirá-puitan*, passaros vermelhos; nome de localidade no R. G. do Sul. (Dr. Theodoro Sampaio).

GRAÚNA. Corrupção de *guirá-una*, passaro preto. (Dr. Theodoro Sampaio).

GRAVATÁ. Vide *Carauatá*.

GRAVATÁ. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Agua Preta.

GRAVATÁ. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Cimbres e desagua na margem dir. do rio Ipojuca.

GRAVATÁ. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de Pacatuba. (*Almanak Sergipano.* 1901).

GRAVATÁ. Log. do Estado de Santa Catharina, no mun. do Tubarão; com escola.

GRAVATAHY. Corrupção de *carauatá-y*, rio dos gravatás; R. G. do Sul. (Dr. Theodoro Sampaio).

GRAVATASINHO. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Taquaretinga e desagua na margem esq. do rio Capibaribe.

GRAVY. Morros que servem de divisa aos muns. de Itapyra e Mogy-mirim; no Estado de S. Paulo.

GREGORIO (S.). Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Gamelleira e desagua no rio Amaragy.

GROAHYRAS. Corrupção de *guá-y-rá*, agua que tomba ou cahe do valle, agua que sahe da baixada (Padre Cazal).

GROSSOS. Pov. do mun. de Aracaty no Estado do Ceará. Accrescente-se no fim: Foi elevada á villa pela Lei n. 639 de 19 de julho de 1901.

GROTA. Do mun. do Bom Fim, no Estado de Minas Geraes, nos fazem menção de tres povs. com esse nome: um no dist. da Bôa Morte, outro no dist. de Sant'Anna do Paraopeba e outro no dist. de Floriano Peixoto.

GROTA FUNDA. Serra do Districto Federal, no dist. de Guaratiba.

GROTÃO. Log. do Estado de Minas Geraes, no mun. de Piumhy.

GROTINHA. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha o dist. do Recreio do mun. da Leopoldina e desagua no corrego das Laranjeiras, affl. do ribeirão dos Monos, que o é do rio Pomba.

GRUMARIM. Vallão affl. da margem esq. do rio Parahyba; no mun. de S. Fidelis e Estado do Rio de Janeiro.

GRUNGA. Serra do Estado da Bahia, na cidade do Bom Fim.

GRUPIARA. Vide *Guapiara*.

GRUTA DO MONGE. Furna de pedras, no caminho do littoral de leste da ilha do Arvoredo; no Estado de Santa Catharina. "Algumas palavras sobre a Gruta do Monge. Este nome provém de a haver habitado, ha muitos annos, e durante mezes, contam, um homem que derrepente apparecera na ilha e que se dizia "andava fazendo vida santa". Segundo a narração corrente dos habitantes de Canavieiras

e da Ponta das Canas, que tiveram occasião de vel-o, era elle um venerando ancião de alta estatura, vestido com um burel remendado e de longas barbas brancas. Souberam da sua presença alli por uma fogueira que viam arder todas as noites naquella parte da ilha, ao tempo só frequentada por pescadores. Curiosos de verificarem o que seria, muitos roceiros abastados, como os tripolantes das lanchas e canôas de pesca, abordaram o Arvoredo de dia, e, entrando a percorrel-o no local em que o fogo era visto, encontraram o monge, que os recebeu com affabilidade e carinho. Além das rezas que ensinava, o homem dava remedios para certas molestias e sabia curar por benzeduras. Os roceiros, como é natural, o ficaram desde logo adorando. E, dentro em pouco, uma peregrinação de doentes e devotos, que eram conduzidos em pequenas frótas de canôas e lanchas, se estabeleceu entre todos os povoados do littoral proximo e a ilha. Presentes de toda ordem, generos e dinheiro choviam na Gruta do Monge, levados de toda a parte por essas populações dadivosas e ingenuas. E quando um como vago culto pelo ermitão parecia querer afflorar nessas almas puras e simples, elle, que era já para muitos, *o virtuoso e o santo*, deixou o ilhote e sumiu-se... Será tambem uma lenda esta historia que ouvimos, tal qual ahi fica, da bocca de alguns velhos lavradores daquelles sitios..." (Virgilio Varzea. *Santa Catharina*).

GUABIROBA. Corr. *guab-iroba*, comida, aliás fructa de comer amarga (*Abbevillea maschalantha*); alt. *guabiraba*, *guabirava* (Dr. Theodoro Sampaio).

GUABIROBAS. Ribeirão do Estado de S. Paulo, no mun. do Cunha. Accrescente-se no fim: Desagua na margem esq. do Parahytinga. No logar da reunião de suas cabeceiras ha um salto, cuja altura é de 60 metros, mais ou menos. Dahi em diante tem o nome de Serra.

GUABIROTUBA. Corr. *guabiró-tyba*, guabirobal, ou guabirobas em abundancia; S. Paulo (Dr. T. Sampaio). Vide *Guavirotuba*.

GUABIRÚ. Subs., o rato; *Mus tectorum* (Dr. T. Sampaio).

GUABIRUBA DO NORTE. Pov. do Estado de Santa Catharina, no mun. de Brusque; com escola.

GUABIRUTUBA. Corr. *guabirú-tyba*, a ratana, ratos em abundancia (Dr. T. Sampaio).

GUACENDUBA. Corr. *guacem-dyba*, composto de *guacem*, ou *guacim*, ou *guaxima*, planta malvacea de fibra muito resistente (*Urena lobata*); *dyba* ou *tyba*, em abundancia; alt. *guaxuma*, *guachuma*, *guachima*, *guachem*; Maranhão (Casal).

GUACUMAN. Composto de *guá-cumã*, baga ou vagem redonda; especie de palmeira anã das margens do rio Pardo; Matto Grosso (Casal).

GUACUNDUVA. Morro elevado na serra Itatins; no mun. de Itanhaen do Estado de S. Paulo. O Dr. Carlos Rath escreveu *Quacunduca*, orthographia que me parece errada. "*Guacunduva*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Gu-acú-ndu-bae*, quente e ruidoso. De *gu*, reciproco; *acú*, quente; *ndu*, ruido, estrondo, estrepito, com a particula *bae* (breve), para formar participio".

GUACURY. Composto de *guá-curi*, pinha redonda, fructo redondo; palmeira abundante nas margens do rio Coxim em Matto Grosso (Casal).

GUACURYTÚ. Cachoeira no rio Tieté, acima da Itúpirú, no Estado de S. Paulo. Ha duas, *uçú* e *mirim*, interpondo-se entre ellas quatro com outras denominações.

GUACURYÚ. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Iperó; no mun. de Campo Largo de Sorocaba. « *Guacuriú*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Quâ-cury-ú*, põe-se a correr velozmente. De *quâ* infinitivo de *aquâ*, correr; *cury*, presteza, pressa; *ú*, estar, por-se etc. Tambem o *ú* póde exprimir a maior energia na acção. » Nasce em uma lagôa; e, depois de formar, em seu curso, outras lagôas e charcos, deslisa-se veloz.

GUAHIBE. Corr. de *guá-y-pé*, no rio ou esteiro da bahia, no canal da bahia; S. Paulo (Dr. T. Sampaio).

GUAIAHÓ. Nome da ilha de S. Vicente, no Estado de S. Paulo, como se vê da carta de sesmaria de Pedro de Góes de 10 de outubro de 1532. Nesse documento está escripto *Gohayó*.

GUAICUHY. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, no Estado de Minas Geraes. Fica naquelle rio, a 1.341 kils. distante do Joaseiro (Estado da Bahia) e entre as estações da Extrema e de Pirapora.

GUAIPACARÉ. Nome tupi da pov. que é hoje cidade de Lorena; no Estado de S. Paulo.

GUAJARÁ. Composto de *guá-yará*, bahia ou bacia que reune, que recolhe, logar de confluencia; Pará (Dr. T. Sampaio).

GUAJARÁ. Igarapé do Estado do Pará, affl. da margem esq. do rio Gurupy. (Dr. G. Dodt).

GUAJEHY. Vocabulo empregado, principalmente, no R. G. do Norte e que significa rio dos carangueijos. E' corrupção de *guayá-y*.

GUAJIRÚ. Corr. *guá-gy-r-ú*, agua da lagôa; R. G. do Norte (Dr. T. Sampaio.)

GUAJURUTIUA. Ilha do Estado do Maranhão, no littoral do mun. de Cururupú, entre a foz do rio Urú e a do rio Tury-assú.

GUAJUVIRA. Pov. do Estado do Paraná, no mun. de Araucaria.

GUAMÁ. Corr. *guá-amã*, valle ou baixada que envolve, reune ou cerca; Pará (Dr. T. Sampaio).

GUAMICANGA. Corruptela de *Gu-amī-cá-nga*, aperta e abre. De *gu*, reciproco; *amī*, apertar, espremer, ordenhar; *cá*, quebrar, abrir, fazendo supino com *nga*, por estar sob a influencia e ferido da pronuncia nasal de *amī*, conforme a lição do padre Montoya (Dr. J. M. de Almeida. *Dicc.* cit.).

GUAMIRANGA. Morro elevado á margem dir. do rio Ribeira de Iguapé; no mun. de Iguape e Estado de S. Paulo. E granitico, de mistura com gneiss. « *Guamiranga*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Gu-amī-nga* ou *Gu-apī-ra-gna*, pellado e desatado. De *gu*, reciproco; *amī*, o mesmo que *apī*, ser pellado; *ra*, ser desatado, descosido, fazendo supino com *nga*, por estar sob a influencia e ferido da pronuncia nasal de *apī*, conforme a lição do padre Montoya. Allusivo a não ter vegetação e a ser derrocado. »

GUAMIUM. Corruptela de *Gu-amī-i*, perseverantemente apertado. De *gu*, reciproco; *amī*, apertar, espremer, ordenhar; *i*, posposição de perseverança com a pronuncia guttural, mixta com a nasal por causa de *amī*, que nasalisa o nome inteiro (Dr. J. M de Almeida. *Dicc.* cit.).

GUANABARA. Antigamente *guanabará*; o mesmo que *guanapará*, composto de *guanã*, a baixada grande, a bahia; *pará*, rio, barra, foz; portanto *guanapará*, barra da bahia; Rio de Janeiro. João de Lery, que foi um dos povoadores da *França Antarctica*, do famoso Villegaignon, datava de suas cartas de *Rivière de Guonabara*, e foi o primeiro que nos transmittiu essa denominação dada ao logar pelos tupis, e que hoje erroneamente se pronuncia Guanabára, com o accento tonico na penultima syllaba, quando devia estar na ultima, respeitando-se a prosodia franceza. De facto *Guanabara*, ou mais correctamente *Guanabará* não é senão o composto de dous vocabulos tupis: *Guanã-bará*, que é o mesmo *Guanãpará*, tendo-se-lhe abrandado *a p* para *b*, por estar precedido de uma syllaba nasal. O vocabulo *Guanã* ou *Goá-nã*, significa bacia ampla, enorme, e tambem bahia, e, portanto *Guanã-*

Pará quer dizer: rio da bahia ou barra da bahia » (Dr. Theodoro Sampaio). O Dr. João Mendes de Almeida diz: « *Guanabára*, corruptela de *Guaá-anã-mb-ár-a*, enseada muito grande. De *guaá*, enseada; *anã*, grande, grossa; *mb*, intercalação nasal para ligar *anã* a *ar*, muito, com o accrescimo de *a* (breve) por acabar em consoante. Por contracção *Guâá'-nã-mb-ar-a* ».

GUANANAN. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio S. Lourenço, no mun. de Iguape. « *Guananan*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Gu-anã-nã*, muito corrente. De *gu*, reciproco; *anã*, correr, repetido para exprimir superlativo. Allusivo á sua extraordinaria correnteza ».

GUANGUASSÚ. Rio do Estado de S. Paulo, affl. do Jundiuvira. Accrescente-se no fim: No *Mappa* do Sr. Orville Derby lê-se Caguassú.

GUAPACARÉ. Corrupção de *guâ-upá-caré*, lagôa torta ou braço do rio da baixada (Padre Casal).

GUAPE. Composto de *guá-pe*, no valle, na baixada, na bahia. Vide *Goá* (Dr. Theodoro Sampaio).

GUAPÉ. Composto de *guá-apé*, caminho do valle; corrupção de *guá-peba*, disco achatado, redondo e chato; alt. *agua-pé* (*Nymphéa*) Dr. Theodoro Sampaio.

GUAPEVA. Corruptela de *Gu-apé-bo*, á superficie, isto é, raso. De *gu*, reciproco; *apé*, chato, plano, á superficie; *bo*, para exprimir o modo de estar, segundo a lição do padre Montoya (Dr. J. M. de Almeida. *Dicc.* cit.).

GUAPIARA. Composto de *gua-upiara*, o cascalho da baixada; nome com que se designa um cascalho diamantino; alt. *gupiara*, *grupiara* (Dr. Theodoro Sampaio). A respeito dos rios do Estado de S. Paulo, diz o Sr. Dr. J. M. de Almeida: « Não se trata de *Igapiára*, corruptela de *Y-ypó-yâr-a* colher á mão. De *y*, para exprimir que o facto é praticado ao acaso; *y*, relativo somente para *pó*, mão; *yâr*, colher, apanhar, pegar, com o accrescimo de *a* , por acabar em consoante, segundo a lição dos grammaticos. Os indigenas, assim dispondo, querem exprimir o acto de apanhar á mão o peixe em pouca agua, decantando o banhado; e este verbo está admittido na lingua portugueza, *gapiar* ou menos incorrecto, *gapuiar*, significando pescar ao acaso, á aventura. O modo de decantar o banhado é simples: fazem-se elevações rectas de tijuco, sustentadas por páus cravados no meio, de modo a separar a parte do banhado, onde tem de ser feita a pesca; e depois decanta-se a maior porção de agua que for possivel; accumulados no fundo os peixes, facil é agarral-os á mão; e, se ha muita agua, é applicado o *timbó*, para que subam á tona. *Guapiára* é participio do verbo *api*, torcer, ladear, precedido de *gú*, reciproco, e seguido de *ára*. E, portanto, *Guapiara* significa — o que se torce — ».

GUAPIASSÚ. Corr. *guapé-açú*, aguapé grande; corr. *guapy-açú*, cabeceira grande; Rio de Janeiro. Vide *Guapira*. (Dr. Theodoro Sampaio).

GUAPIMIRIM. Composto de *guapé-mirim;* aguapé pequeno; corr. *guapy-mirim*, cabeceira pequena; Rio de Janeiro (Dr. Theodoro Sampaio).

GUAPIRA. Composto de *guá-apira*, começo do valle, as cabeceiras, as nascentes; alt. *guapyra*; *guapy*, *gapira* (Dr. Theodoro Sampaio).

GUAPIRA. Nome que traz um serrote, ramificação da serra Cantareira; na com. da capital do Estado de S. Paulo. "*Guapira*, com referencia ao serrote, diz o Dr. J. M. de Almeida, significa cortado. De *gu*, reciproco; *á*, cortar; *pira*, verbal para formar participio passivo. Allusivo a fazer ahi uma depressão ou *aberta* tão funda que semelha um corte".

GUAPIRA. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do Tieté, na com. da capital. Recebe o Tremembé. O Sr. Orville Derby, na *Folha de Atibaia*, diz ser esse rio tambem chamado Cabuçú de Cima. Informações particulares nos mencionam o Cabuçú como affl. do Guapira e entrar neste ultimo o Engordador. "*Guapira*, nome do rio, é, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptella de *Gu-âá-pira*, alagado. De *gu*, reciproco; *áá*, alagar, espraiar em lagôa, encharcar; *pira*, particula de participio passivo. O *gu*, reciproco, é para exprimir que o alagamento é pelas duas margens. Allusivo ás varzeas que o ladeam".

GUAPITUBA. Rio affl. da margem esq. do Tamanduatehy; no mun. de S. Bernardo do Estado de S. Paulo. Era á margem dir. deste ribeirão a villa de S. André, fundada por João Ramalho e creada officialmente em 8 de setembro de 1553.

GUAPIÚ. Corruptela de *Guâá-ipiyûg*, varzeas podres. De *guâá*, enseada, varzea; *ipiyûg*, podre, apodrecido (Dr. J. M. de Almeida. *Dicc.* cit.).

GUAPORÉ. Composto de *guá-yapó-ré*, valle dos banhados ao longo, isto é, rio dos banhados marginaes, que este é o caracter deste grande affl. do Mamoré (Casal). Pode ser corrupção de *ygapó-ré*, banhados distinctos, separados, ao lado (Dr. Theodoro Sampaio).

GUAPURÁ. Dous morros no mun. de Itanhaem; no Estado de S. Paulo. São ramificações da serra Maritima. Ha o guassú e o mirim. "*Guapurá*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Gu-api-rá*, desatado na ponta. De *gu*, reciproco; *api*, ponta, principio ou fim de alguma cousa; *rá*, desatar. Allusivo ao derrocamento no cimo destes morros".

GUARÁ. Subs. ave, passaro, o que se eleva ou vôa; alt. *guará*, *uirá*, *urá*, *oirá*, *huirá* (Dr. Theodoro Sampaio).

GUARÁ. Sanga do Estado do R. G. do Sul, nas divisas do mun. da capital. Desagua no arroio Araçá, trib. do rio Guahyba. Esta palavra significa garça vermelha (*Ibis rubra*).

GUARACAHÚ. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Baquirivú-guassú, trib. do Tieté.

GUARACIABA. Corr. *coaracy-aba*, os cabellos do sol, os cabellos da côr da luz do sol, ruivos, louros. Como nome de mulher pode corresponder á Flavia, Laura (Dr. Theodoro Sampaio).

GUARAHÚ. Corr. *guirá-y*, rio dos passaros (Dr. T. Sampaio). Corruptela de *Quâ-ára-aú* por contracção *Qu'-ar'-aú*, máu corredor. De *quâ-ára*, participio do verbo *aquâ*, correr; *aú*, particula para exprimir defeito ou má vontade na acção (Dr. J. M. de Almeida. *Dicc.* cit.)

GUARAHÚ. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do Jacupiranga; no mun. de Iguape. E' antes um braço do que um affl. desse rio.

GUARAHÚ. Regato do Estado de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Desagua na margem esq. do rio Tieté. Recebe o Taboão e o Cangica.

GUARAHÚ. Corrego no mun. da capital de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Desagua na margem dir. do Tremembé.

GUARAHUNA e GUARAHUNINHA. Nucleos coloniaes do Estado do Paraná, no mun. de Entre Rios, distantes 18 kils. da villa deste nome, situados entre os rios Imbituva, Tibagy, Almas e Guarahuna. Comtém 59 lotes occupados por cerca de 400 polacos e russos e abrangem uma área de 5.546 hectares. Seus habs. dedicam-se principalmente á criação de gado.

GUARAIPÓ. Pov. do Estado do Paraná, no mun. do Serro Azul. Tambem escrevem *Guaraypó*.

GUARAJUBA. Bairro do dist. de Santa Rita da Extrema; no Estado de Minas Geraes.

GUARAMAMA. Vide *Gramame*.

GUARAMAR. Rio do Estado de S. Paulo, no mun. de S. Vicente. Desagua no rio Piassabuçú.

GUARAMATAHY. Vide *Corimatahy.*

GUARAMIRANGA. Villa do Estado do Ceará. Accresente-se no fim: Foi supprimido o mun. pela Lei n. 550 de 25 de agosto de 1899.

GUARANÁ. Subs., *guá-raná*, parecido com o côco, semelhante ao coquilho (*Paulinia sorbilis*, Mrt.). Dr. Theodoro Sampaio.

GUARANESIA. Villa e mun. do Estado de Minas Geraes, creado pela Lei n. 319 de 16 de Setembro de 1901, que o constituiu com os dists. de Santa Barbara das Canôas e S. Pedro da União, este desmembrado do mun. de Jacuhy e aquelle do de Muzambinho, ficando a séde em Santa Barbara das Canôas, que passou a denominar-se Villa Guaranesia

GUARANI. Corr. *guarini*, o guerreiro, o que guerreia ou lucta (Dr. Theodoro Sampaio).

GUARANY. Estação da E. de F. Paulista, no ramal do Rincão; no Estado de S. Paulo. Foi inaugurada em 29 de dezembro de 1901.

GUARANY. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. da margem dir. do rio Amaragy.

GUARANY. Corrego do Estado de S. Paulo. Vai para o Tremembé, affl. do rio Guapira, que o é do Tieté.

GUARAPARÉ. Nome de uma tribu selvagem do Estado de Matto Grosso (Casal). Esta palavra é corrupção de *guarapá-ré*, arcos differentes, arcos de outra forma (Dr. Theodoro Sampaio).

GUARAPARI. Corr. *guará-pari*, o cercado dos passaros; corr. *guara-parî* ou *parim*, os passaros mancos (Dr. T. Sampaio). No Estado do E. Santo escrevem *Guarapary.*

GUARAPÉS. Corruptela de *Gu-ar-a-pé*, sinuoso e raso. De *gu*, reciproco; *ar*, ladear, com o accrescimo de *a* (breve) por acabar em consoante e ter de ligar a *pé*, chato, plano, á superficie (Dr. J. M. de Almeida. *Dicc.* cit.).

GUARAPÉS. Ribeirão do Estado de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Desagua na margem dir. do Bacuruvú.

GUARAPEVA. Corruptela de *Cará-pé-bae*, veloz e raso. De *cará*, pressa, destreza; *pé*, chato, plano, á superficie; *bae* (breve) para formar participio, significando — o que é — (Dr. J. M. de Almeida. *Dicc.* cit.).

GUARAPEVA. Ribeirão do Estado de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Desagua na margem dir. do rio Parahytinga.

GUARAPINUMÃ. Nome da entrada para o porto de Santos; no Estado de S. Paulo. "Quando não tinha maior conhecimento do systema das denominações em tupi, escrevi, diz o Dr. J. M. de Almeida, que *Guarapinumã* era corrupção de *Guirá-pixuna*, passaros noctivagos, que ahi abundariam e ainda abundam. Hoje, porém, tornou-se-me manifesto o erro daquella explicação. *Guarapinumã* é corruptela de *Guâá-ri-pé-nẽmã*, caminho de voltas e revoltas para a enseada. De *guâá*, enseada; *ri*, exprimindo communicação; *pé*, caminho; *nẽmã*, voltas e revoltas. Allusivo a ser de muitas voltas e revoltas o canal".

GUARAPIRANGA. Log. do Estado do Maranhão, na ilha de S. Luiz.

GUARAPIRANGA. Antiga aldêa de Guayanazes, nas immediações do local em que é a actual cidade de S. Paulo, parecendo que era para os lados do mun. de Santo Amaro, pois que o rio Mboy-guassú é tambem conhecido por Guarapiranga. "Esse nome, diz o Dr. J. M. de Almeida, é corruptela de *Gu-iri-apir-ã-nga*, cabeceiras empinadas. De *gu*, reciproco; *iri*, rio; *apir*, principio, formando *iri-apir*, cabeceira de rio; *ã*, empinar, com o suffixo *nga* (breve) para formar supino". *Guarapiranga*, segundo Martius, significa — guará vermelho.

GUARAPIRANGA. Rio do Estado de S. Paulo. Linhas 2 em logar de — Jurubatuba — leia-se Grande. Accrescente-se no fim: Na *Carta* de Orville Derby figura esse rio tambem com a denominação de Mboy-guassú.

GUARAPÓ. Corruptela de *Quâr-apó*, saltos e póços. De *quâr*, poço, bojo, buraco; *apó*, saltar (Dr. J. M. de Almeida. *Dicc.* cit.).

GUARAPOCAIA. Corruptela de *Quâr-a-pógca-ayè*, contrahido em *Quâr-a-pogc'-ayè*, arremesso e muito estrondo. De *quâr-a*, aremesso, golpe; *póg*, estrondar, levado ao supino pelo accrescimo de *ca* (breve); *ayè*, muito. Allusivo á constante e forte arrebentação de ondas nessa praia. (Dr. J. M. de Almeida. *Dicc. Geogr. da Prov. de S. Paulo;* obra posthuma. 1902).

GUARAPUAVA. Corr. *guará-puaba*, *guará* = *guirá* passaros; *puaba* ou *mbuaba*, rumor, barulho, ruido; portanto *guirapuaba*, o rumor dos passaros, o canto dos aves; Paraná. (Dr. Theodoro Sampaio).

GUARAQUISSAVA. Ninho dos passaros, ou dormida das aves. Compõe-se de *guará-kicuba* ou *guira-kicaba*. No Estado dizem *Guarakessava.*

GUARARÁ. Subs., o tambor usado pelo gentio. Tambem significa o manhoso, o investigador (Baptista Caetano).

GUARARÂ. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Tamanduatehy; no mun. de S. Bernardo. "*Guarará*, diz o Dr. J. M. de Almeida, torcido e ladeador. De *gu*, reciproco, para exprimir successão do facto; *á*, torcer. Allusivo a ser muito sinuoso".

GUARARAPES. Corr. *guarará-pe*, nos tambores, Pernambuco (Dr. T. Sampaio).

GUARARARÚ. Morro notavel na cordilheira que, de N. a S., divide em duas vertentes a ilha de Santo Amaro, no mun. de Santos e Estado de S. Paulo. Ha tambem um pequeno rio que nasce nesse morro e desagua no canal da Bertioga. « *Guarararú*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Quar-a-rirú*, tem buracos. De *quar-a*, buraco, bojo, poço; *rirú*, para exprimir ter, conter. O *i* de *rirú* tem som guttural; e para uns sôa como *a*, para outros como *u*. Allusivo, quanto ao morro, a ter em baixo, cavernas e no alto buracos; e, quanto ao rio, a ter peráus ». Vide *Guararuhú.*

GUARAREMA. Composto de *guara-rema*, *guara* ou *ibira* ou *imira*, o pau, a madeira; *rema*, fetido, que exhala mau cheiro; nome do pau d'alho (*Seguiera floribunda*). Dr. T. Sampaio. *Guararema*, corruptela de *Gu-ar-ar-'e-ma*, de queda em queda ao sahir. De *gu*, reciproco; *ar*, cahir, repetido para exprimir a successão do facto; *hẽ*, sahida, com a apheresis do *h* por ser antecedido de uma consoante, e tomando a forma de gerundio, pelo accrescimo do suffixo *ma* (breve), para significar — ao sahir — .Allusivo a ter ingreme o leito, com um pequeno salto e cachoeiras, ao fazer barra no rio Parahyba (Dr. J. M. de Almeida. *Dicc. Geogr. da Prov. de S. Paulo.* 1902).

GUARARUHÚ. E' o mesmo morro, na ilha de Santo Amaro já retro descripto sob o nome *Guarararú*; no mun. de Santos. Antigas chronicas o nomeiam *Guararuhú*; e isso não destôa do outro nome *Guarararú*, exprimindo um volcão apagado ou extincto, desde longas eras. *Guararuhú* o mesmo que *Guará-rũ-hú*, revolvido interiormente como que arquejando por vomitar. De *guará*, revolver; *rũ*, revolução, interior; *hú*, arquejar por vomitar. Mas hoje é conhecido por *Guarararú* (Dr. J. M. de Almeida. *Dicc.* cit.).

GUARATAN. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Itapetininga; no mun. deste nome. O Dr. J. Mendes diz: « *Gu-ar-atã*, ambas as margens a prumo. De *gu*, reciproco; *ar*, lado, ladear; *atã*, erecto e teso. Esta palavra *atã* é apocope de *tatã*. Nada tem este nome com a arvore *guaratan*, podendo, entretanto, abundar em suas margens ».

GUARATIBA. Corr. *guará-tyba*, os guarás em abundancia; pode ser corrupção de *guirá-tyba*, a passarada, as aves em abundancia (Dr. T. Sampaio). Guaratuba tem os mesmos significados.

GUARATIMBÓ. Composto de *guará-timbú* ou *ibira-timbó*, timbó arborescente, arvore a cujas cascas se attribue os mesmos effeitos do timbó. Rio de Janeiro (Dr. T. Sampaio).

GUARATINGUETÁ. As garças, as aves brancas. Vocabulo composto de *guaratinga-etá*.

GUARATUBA. Pequeno rio do Estado de São Paulo; nasce no morro Caiobá e desagua no Ribeira de Iguape, formando na foz uma lagôa; no mun. de Iguape. A respeito do significado desta palavra, diz o Dr. J. M. de Almeida: « Segundo Martius e outros deturpadores da lingua tupi, *Guaratuba* significaria — abundancia de guará — ». Mas o indigena era muito intelligente para que cogitasse disso. *Guaratuba*, corruptela de *Gu-ar-aty-bae*, erectas ambas as margens. De *gu*, reciproco, para exprimir as duas margens; *ar*, lado; *aty*, levantado, erecto, a prumo, em montão; *bae* (breve) para formar participio. O som do *y* é guttural. Allusivo a correr entre barrancas erectas. ». Vide *Guaratiba*.

GUARDA. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. de Cimbres.

GUAREHY. Corr. *guara-y* ou *guirá-y*, o rio dos passaros; S. Paulo (Dr. T. Sampaio). *Guarehy*, corruptela de *Gu-aré-i*, tardo perseverantemente. De *gu*, reciproco; *aré*, ser tardo, vagaroso, lento; *i*, posposição para exprimir perseverança (Dr. J. M. de Almeida. *Dicc. Geogr. da Prov. de S. Paulo*, obra posthuma, 1902). Segundo Martius essa palavra significa — rio de guarás.

GUAREHY. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do Capivary; no mun. deste nome.

GUAREHY. Ribeirão do Estado de S. Paulo, nasce na face SE. da serra Itatim e desagua no oceano, no mun. de Itanhaem. Tambem escrevem *Guarahy* e *Guarahú*.

GUARIBA. Accrescente-se no fim: Baptista Caetano diz: « Corrupção de *guahur-ib*, o chefe ou principal dos berradores ou cantores ». Nome de um simio uivador (*Mycetes*).

GUARIBAS. Pequeno pov. no mun. de Itapecurúmirim do Estado do Maranhão.

GUARIBAS. Rio do Estado do Maranhão, banha o mun. de Barreirinhas e desagua no rio Preguiças.

GUARIPOCABA. O Dr. J. Mendes, diz: « *Gu-ári-pó-quâ-bae*, de que *Guaripocaba* é corruptela, significa — o que é atado de alto a baixo. De *gu*, reciproco; *ári*, sobre, cima; *pó*, saltar, empregado, porém, para formar a locução ou adverbio *gu-ári-pó*, de alto a baixo; *quâ*, atar, cingir, com a particula *bae* (breve), para formar participio, significando — o que é ».

GUARIPÚ. Rio affl. da margem esq. do Sapucahy; no mun. de Batataes e Estado de S. Paulo. « *Gu-ari-pú*, ruidoso de alto a baixo. De *gu-ari*, de alto a baixo; *pú*, ruido. Allusivo a fazerem barulho as suas aguas, quando descem do monte, de salto em salto, de cachoeira em cachoeira » (Dr. J. Mendes. *Dicc.* cit.).

GUARIROBA. Morro do Estado de Goyaz, no dist. de S. José de Mossamedes.

GUARITA. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. do Rio Claro, nas divisas do dist. do Passa Cinco.

GUARÚ. Corr. *arú*, nome de um sapo ou rã cujo coaxar nas lagôas imita o escarneo ou motejo (arú); o escarninho, o motejador (Dr. T. Sampaio).

GUARUJÁ. Corr. *guarú-yá*, o guarú ou o sapo se cria ou cresce, o viveiro das rãs; é o mesmo *aruyá*; S. Paulo (Dr. T. Sampaio). *Guarujá* corruptela de *Gu-ár-yyâ*, abertura de um do outro lado. De *gu*, reciproco; *ár*, ladear; *yâ*, abrir, gretar, rachar, precedido de *y*, relativo. Os verbos *ár* e *yâ*, estando no infinitivo sem caso, significam a acção geral, lado e abertura. Allusivo a existir ahi, em um morro, que se prolonga até o mar, uma especie de gruta, communicada para ambos os lados. O morro é denominado *Ytapú*. De *ytá*, pedra, morro; *pug*, arrebentar, significando morro arrebentado ou furado, allusivo á gruta (Dr. J. M. de Almeida. *Dicc. Geogr. da Prov. de S. Paulo*, obra posthuma, 1902).

GUARULHOS. Corr. *guarú* ou *arú*, o escarninho, o motejador, o zombeteiro (Casal). Nome de uma tribu selvagem do Rio de Janeiro e de S. Paulo. O Dr. J. Mendes de Almeida, tratando da villa da Conceição dos Guarulhos, diz: « Foi ahi um aldeamento de indigenas, trazidos para aquelle lugar em 1560, depois da derrota que soffreram em Piratininga (S. Paulo). Por isso foram desde então conhecidos por *Gu-arú-bo*, trazidos. De *gu*, reciproco; *arú*, trazer; *bo* (breve), para formar supino e ao mesmo tempo exprimir o modo de estar. Não eram, pois, indigenas cuja nação se denominaria *Guarulhos*; nem em tupi ha a lettra *l* e muito menos *lh* ».

GUASSAHY. Campo extenso nos muns. de Cotia e de S. Roque, no Estado de S. Paulo. «*Guassuhy*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Gu-açâî-iî*, esparzido e duro. De *gu*, reciproco; *açâî*, esparzir, estender; *ii*, duro, rijo, apertado. Allusivo a ser um vastissimo campo secco e duro ». Tambem é conhecido por Vargem Grande.

GUATAPARÁ. Estação da E. de F. Paulista, no ramal do Rincão, no Estado de S. Paulo. Foi inaugurada em 29 de dezembro de 1901.

GUATAPARÁ. Rio do Estado de S. Paulo affl. da margem dir. do Mogy-guassú, no mun. de Ribeirão Preto. Guatapará é a denominação de um pequeno veado que habita os cerrados de beira-campo. «Mas o nome desse ribeirão, diz o Dr. J. Mendes, nada tem com o veado. *Guatapará* é corruptela de *Gu-ytapá-rá*, dique granitico levantado de uma a outra margem. De *gu*, reciproco, para exprimir o facto em relação ás duas margens, *ytapá*, que alguns dizem corruptamente *itaipava*, logar de pedra; *rá*, levantado. Allusivo a ser encachoeirado e com saltos. »

GUATEMY. Corruptela de *Gu-ateỹ-ma-i*, contrahido em *Gu-ateỹ-m'-i*, perseverantemente frouxo. De *gu*, reciproco, *ateỹ*, ser frouxo, com o suffixo *ma* (breve) para formar supino; *i*, posposição de perseverança. Dr. J. M. de Almeida. *Dicc. Geogr. da Prov. de S. Paulo*, obra posthuma, 1902).

GUATINGA. Grande varzea no continente do Estado de S. Paulo, banhada pela maré, por detraz da ilha Guaniquê, no mun. de Santos. Ha um serrote do mesmo nome que forma o fundo desta varzea. Vide *Quatinga* e *Coatinga*. «*Guatinga*, nome da varzea, diz o Dr. J. M. de Almeida, é corruptela de *Guâá-ty-nga*, enseada atada. De *guâá*, enseada; *ty*, atar com o suffixo *nga* (breve), para formar supino. Allusivo a ser como um sacco. *Guatinga*, nome do serrote, é corruptela de *Gu-haty-nga*, pontuda; supino de *haty*, ter ponta ».

GUATINGA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. do Taiaçupeva, entre os muns. de Mogy das Cruzes, Santa Branca e Jacarehy. Com o mesmo nome ha umas lagôas nos muns. de Jacarehy e de Lorena.

GUATÓ. Nome de uma tribu selvagem de Matto Grosso, muito preguiçosa (Casal). Esta palavra é composta de *guatá-ó*. o que não gosta de andar, o que supprime o andar.

GUAVIRUTUBA. Morro do Estado de S. Paulo, á margem esq. do corrego do seu nome, a O. da serra Itaberaba, entre os muns. de Nazareth, Mogy das Cruzes e Conceição dos Guarulhos. «*Guavirutuba*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Gu- abir-yty-bo*, de ponta elevada. De *gu*, reciproco; *abir*, elevar, levantar, alçar; *yty*, ponta; *bo* (breve) correspondendo ao *gu* reciproco, para exprimir o modo de estar. Allusivo a ser grosso na base, tendo porém no cimo uma ponta que se afina e se eleva ».

GUAVIRUTUBA. Rio do Estado de S. Paulo, affl. do Tapera Grande, este do Pinheiros e este do Juquery.

GUAVIRUTUBA. Ribeirão do Estado de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Desagua na margem esq. do rio Atibaia. Esta palavra, segundo alguns, significa abundancia de guariroba ou guabiroba. O Dr. J. M. de Almeida, que escreve *Guavirotuba*, diz: «Nada tem o nome deste ribeirão com a palmeira, cujo palmito é amargo, nem com a saborosa fructa guabiroba. *Guavirotuba* é simplesmente corruptela de *Gu-abirú-tuî-bae*, o que reflue formando em si mesmo barriga. De *gu*, reciproco; *abirú*, barriga, recheio; *tuî*, refluir; *bae* (breve), particula de participio. O *b* foi mudado em *v* pelos portuguezes, por vicio de pronuncia. Allusivo a ter o leito mais baixo do que o nivel das aguas do rio Atibaia nas enchentes deste, de sorte que suas aguas encontram resistencia, e refluem, alargando-lhe as margens. »

GUAVIRUUVA. Morro no mun. de Iguape do Estado de S. Paulo. « *Guaviruuva*, diz o Dr. J. M. de Almeida, é corruptela de *Gu-abirû-ii-bo*, barrigudo e resvaladiço. De *gu*, reciproco, correspondendo a *bo* (breve) final, para exprimir o modo de estar ou a qualidade; *abirû*, ter barriga, inchar; *ii*, resvalar, ser limoso, sujo. O primeiro *i* de *ii* tem som guttural. Allusivo a ser grosso, e escorregadio por causa do limo. Este morro é tambem conhecido pelo nome *Gipuvuva*, corruptela de *Cỹ-pi-ii-ró*, tão liso que se põe escorregadio. De *cỹ*, liso; *pi*, pé; *ii* resvalar; *ró*, particula que significa — por-se, tornar-se —, exprimindo tambem a qualidade da cousa. Os indigenas eram engenhosos nas denominações; e, sempre que na mesma região podiam empregar nomes cujo som fosse identico ou quasi identico, embora com significações diversas, preferiam taes nomes. »

GUAVIRUUVA. Rio affl. da margem dir. do Piroupava; no mun. de Iguape e Estado de S. Paulo. « *Guaviruuva*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Gu-abirû-ii-bo*, cabelludo e sujo. De *gu*, reciproco, correspondente ao *bo* (breve) final para exprimir o modo de estar; *abirû*, ter cabello, cabelludo; *ii*, ser sujo, limoso, resvaladiço. O primeiro *i* de *ii* tem som guttural segundo a regra do padre Montoya. Allusivo a ser entupido de *capim-guassú*, cujas pontas apparecem sobre a agua; e a ter fundo charcoso. E' considerado *rio morto*.

GUAXATUBA. Serra do Estado de S. Paulo, no mun. de Cabreuva. Estende-se pela margem dir. do rio Tieté. « *Guaxatuba*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Gu-achỹ-ty-bae*, ponteagudo e liso. De *gu*, reciproco; *achỹ*, ser liso, resvaladio; *ty*, apontar, ter ponta, levado ao participio pelo accrescimo de *bae* (breve) exprimindo — o que —: Guttural o *y* ». Seu pico tem 965 metros de altura.

GUAXIMIM. Corr. *guára-chinî*, alt. *gua-chinî*, cão pullador ou saltitante (*Galictis vitata*), vulgo, o cachorrinho do matto (Dr. T. Sampaio).

GUAXINDIBA. Vide *Guacenduba*.

GUAXINDUBA. Morro entre os muns. de Jundiahy e de Parnahyba; no Estado de S. Paulo. « *Guaxinduba*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Gu-achỹ-nd-ii-bo*, sujo e resvaladiço. De *gu*, reciproco; *achỹ*, resvallar, escorregar; *nd*, intercalação por causa do som nazal de *achỹ*; *ii*, sujo; *bo* (breve), para exprimir o modo de ser, qualidade, condição. O *ii* tem som guttural. Allusivo a ser limoso e lamacento, e, portanto, escorregadio ». Ha quem escreva *Guaxanduva* e *Caxinduva*. Vide *Guaxanduva*.

GUAXINDUBA. Ribeirão do Estado de S. Paulo; nasce no serrote Fartura e, reunido ao do Machado, vão desaguar no rio do Peixe pela margem dir.; no mun. de S. José dos Campos. Tem tres quedas de 5 a 6 metros de altura cada uma. « *Guaxinduba*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Gu-achỹ-ndu-bo*, deslisa-se aos saltos. De *gú*, reciproco; *achỹ*, o mesmo que *cỹ*, deslisar, resvalar, escorregar; *ndú*, o mesmo que *tú*, saltos, mudado o *t* em *nd*, por causa do som nasal de *achỹ*, com o suffixo *bo*, para exprimir o modo de estar. Allusivo ás lindas cascatas e quedas d'agua que esses ribeirões fazem ao cahir das serras em que nascem ».

GUAXINDUBA. Ribeirão do Estado de S. Paulo; nasce na serra do Japy, e desagua no ribeirão Cururú; nos muns. de Cabreuva e de Itú. Tem uma linda cascata.

GUAXINGÚ. Cachoeira no rio Sorocaba; no mun. de Tatuhy e Estado de S. Paulo. « *Guaxingú*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Gu- atĩ-ng-ii*, atalho em resvaladouro. De *gu*, reciproco, para exprimir de uma á outra margem; *atĩ*, atalhar, rodear; *ng*, intercalação nasal; *ii*, resvalar. Allusivo a ser ahi um dique com tão forte desnivelamento, que, para muitos, é mais um salto do que uma cachoeira ».

GUAXINGÚ. Lagôa, em um campo, entre os muns. de Campo Largo e de Sorocaba; no Estado de S. Paulo.

GUAXO. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Pardo; entre os muns. de Santa Barbara e Santa Cruz do Rio Pardo. « *Guaxo*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Gu-áchy*, resvaladio. De *gu*, reciproco; *achy*, escorregadio, resvaladio, lubrico. O *y* é guttural e breve. Allusivo a ter lodo e limo no leito ».

GUÁYA. Adj. no tp. c. domesticado, manso, cultivado (Dr. T. Sampaio).

GUAYÁ, *guayab*, agglomerado de sementes, nome do *psidium* no tupi; alt. *goiaba*, *goyaba*, *goiava*, s., o carangueijo do genero *Guaiœ* e *Carcini*, vulgo *guajá* (Dr. T. Sampaio).

GUAYAMUM. Composto de *guayã-mû*, o carangueijo negro, escuro ou azulado. Vide *Guayá* (Dr. T. Sampaio). Assim denominava-se a uma malta de capoeiras existentes no Rio de Janeiro.

GUAYANAZ. Corr. *guayanã*, como escreveu Anchieta; composto de *guay-anam*, individuo parente, povo da mesma raça; tratamento de certo dos tupis do littoral para com os do campo de Piratininga; S. Paulo (Dr. T. Sampaio).

GUAYAUNA. Rio do Estado de São Paulo. Linhas duas em lugar de Jacaré—leia-se Jacuné.

GUAYAZ. Corrupção de *guaỹ-á*, individuo egual, gente semelhante, parecida, povo da mesma raça; nome de uma nação selvagem do Araguaya, chamada pelos sertanistas *Guayá*, que se alterou depois para *Goyaz*.

GUAYBÊ ou GUAIMBÊ. Nome da ilha á que os portuguezes deram o nome de Santo Amaro, a NNO. da de S. Vicente, no mun. de Santos e Estado de S. Paulo. Tem a extensão de 30 kils. e 20 na maior largura, mais ou menos. Foi doada pelo rei de Portugal a Pero Lopes de Souza em 1534. « Nada tem o nome desta ilha, diz o Dr. J. M. de Almeida, com *quaî-îmbé*, por contracção *quaî-'mbé*, cipó de amarrar. De *quaî*, cingir, amarrar, atar; *imbé*, cipó, arbusto da familia das *Aroideas*, conhecido na sciencia por *Arum*. O padre A. R. de Montoya, em seu *Tesoro de la lengua guaraní*, escreveu *Guembé*. Bem examinado o caso, verifiquei que esse nome é corruptela de *Quaî-ĩ-mb-é*, separada por ter sido cortada. De *quaî*, cortar, com *ĩ* por accrescimo, para exprimir neste verbo a causa; *mb*, intercalação nasal da pronuncia de *quaî-ĩ*, segundo a regra ensinada pelo padre A. R. de Montoya é — á parte separada. Allusivo a ter sido cortado do continente este pedaço de terra, que forma a ilha. »

GUAYCANANS. Nome de uma tribu selvagem do Estado do R. G. do Sul. "Composto de *guay-aca-nã*, individuo de cabeça grande, de cranco espesso" (Dr. T. Sampaio).

GUAYCUHY. Composto de *guay-cui-y*, rio das velhas (Casal), mais propriamente se diria no tupi *guaimi-y*, para

significar — rio das velhas —; entretanto *guay-cui* se traduz: individuo duradouro, gente que perdura e, portanto, velha (Dr. T. Sampaio).

GUAYCURÚ. Composto de *guay-curú*, individuo sarnento, cheio de feridas ou pustulas, o perebento; nome ou appellido de uma nação selvagem das margens do Paraguay em Matto Grosso. O appellido é deprimente e applicado pelos seus contrarios, porque o seu nome nacional é *Yoage*, e entre os portuguezes e brasileiros — *Cavalleiros*. (Dr. T. Sampaio).

GUAYNUMBI. Composto de *guay-n-omby*, individuo verde, aquelle que é de cor verde ou azul; nome de um beija-flor (*Trochilidæ*). Dr. Theodoro Sampaio.

GUAYOVIRA. Estação no Ramal de Santa Rita do Paraiso; no Estado de S. Paulo. Foi inaugurada em 1º de Junho de 1900. Fica no kil. 40.

GUAYRÁ. Composto de *guay-rá*, aquelle que cahe, o que tomba, a cataracta; nome do grande salto do Paraná, tambem conhecido pelo salto das Sete Quedas; pode ser ainda corruptela de *guá-y-rá*, agua que sahe do valle, ou que se despeja do concavo, do socavão (Dr. Theodoro Sampaio). *Guayra*, nome attribuido a um grande salto no rio Paraná. Digo attribuido porque Guayra é corruptela de *Gu-hair-a*, signal de limites, raia. De *gu*, reciproco; *hair* com o accrescimo de *a* (breve) por acabar em consoante, limitar, raiar, raia. As reducções de indigenas, formadas no seculo XVII pelos padres da Companhia de Jesus, e destruidas pelos Paulistas em 1628-1634, trazem mal esse nome; salvo para assignalar que haviam sido estabelecidas dentro dos limites do dominio de Portugal, desde a margem dir. e quasi á foz do rio Piquiri. O rio Paraná logo que, aguas abaixo, é deixada a ilha das Sete Quedas, forma o salto, por estreitar ahi seu leito a serra Maracajú, atravez da qual se despenha immediatamente em sete quedas. Alguns tem escripto *Guayrá*. Eu mesmo, em minha obra *Algumas Notas Genealogicas*, não podendo explicar tal nome como de reducções ou aldeiamentos, soccorri-me ao *Guára*, morador, escrevendo ainda erradamente *Goára*. Desproposito somente justificavel pela ignorancia da lingua tupi, então que tal escrevi. (Dr. J. M. de Almeida. *Dicc.* cit.)

GUAYRÚ. Serra do Estado da Bahia, nas divisas do dist. da Tapera.

GUAYUNA. No Suppl. do 3º vol. Em lugar de Gayuna, leia-se Guayauna e accrescente-se no fim: Pertence ao dist. da Penha de França do mun. da capital.

GUEDES. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da cidade do Bom Fim.

GUERERÊ. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Iguarassú.

GUERINDÓ. Ilha no mun. de Arayoses, do Estado do Maranhão.

GUIA. Parochia do Estado de Matto Grosso. Accrescente-se no fim: Foi incorporada ao mun. da capital pela Lei n. 211 de 1º de maio de 1899 e de novo ao mun. do Livramento pela Lei n. 229 de 8 de março de 1900.

GUILHERME. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Goitá.

GUIMARÃES Arraial do termo de Estancia, no Estado de Sergipe. (*Almanak Sergipano*. 1901).

GUIMARÃES. Estação do ramal ferreo Dumont; no Estado de S. Paulo.

GUIMARÃES. Villa do Estado do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. J. Jansen Ferreira (*obr.* cit.) diz: "*Guimarães*, antiga fazenda Guarapiranga, situada sobre a borda septemtrional da bahia de Cuman, em que se lança o rio Pericuman, fica a 98 kils. e a NO. da Capital. Tem porto maritimo frequentado pelos vapores costeiros e possue alguns predios regulares. Seu mun. conta muitos engenhos de assucar. Exporta, principalmente, assucar, aguardente, cereaes, peixe e camarão, com que contribue para o abastecimento dos mercados da capital e do Pará. Calcula-se a sua pop. em 3.000 habs. Perto fica o lugar Cuman, com praias excellentes para banhos de mar, ao longo da bahia do mesmo nome, em cuja entrada se acha a ilha Coroa dos Ovos. Na costa e a SE. desta bahia, vê-se o morro de Itacolumim, onde se ergue um pharol, cujos raios luminosos attingem o logar, em que se submergio, em 1864, nos baixos dos Atins, situados defronte da ponta do mesmo nome, na entrada septemtrional da bahia de Cuman, a barca *Ville de Boulogne*, que foi o leito de agonia do inolvidavel Gonçalves Dias. Pode-se comparar este pharol a uma lampada sagrada, illuminando o tumulo do grande poeta. Guimarães é o berço do senador João Pedro Dias Vieira e do General Francisco Manoel da Cunha Junior, que prestou relevantes serviços na guerra do Paraguay.

GUIRAPONGA. Composto de *guirá-ponga*, passaro martellante, ou sonante. Vide *Araponga* (Dr. Theodoro Sampaio).

GUIRRA. Rio do Estado de S. Paulo. Accrescente-se no fim: O Dr. João Mendes o menciona como affl. da margem dir. e diz: "*Guirra*, corrupção de *Gui-îî-ra*, resvalar, resvaladiço; intercalação em *gûira*, a parte inferior, o baixo, o fundo. Allusivo a ter no leito pedras tão lisas e cobertas de limo que é difficil andar ahi sem resvalar."

GULOSO. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Amaragy.

GUPIARA. Morro do Estado de Minas Geraes, no perimetro da cidade da Diamantina. E' aurifero e diamantino; composto de terras saibrosas, cretaceas e argillosas, de envolta com fragmentos de mica e quartzo de forma angular e que fornece excellentes mananciaes de pura agua potavel a diversas casas edificadas nas suas fraldas. Vide *Guapiara*.

GURÚ-MIRIM. Serra do Estado de Minas Geraes, entre Tres Corações e Baependy.

GURUPÁ. Composto de *curupá*, ou *cô-rupá*, o logar da roça, sitio de plantação ou cultura, Pará (Dr. Theodoro Sampaio).

GURUPY. Corruptela de *gorú=corúp-y*, rio das roças (Dr. Theodoro Sampaio).

GURUPY. Serra nas divisas dos Estados do Maranhão e do Pará. E' porção occidental da serra da Desordem, que separa as vertentes do Gurupy das do Tocantins; seguindo para o norte as do Gurupy das do Pindaré; e, continuando mais adiante com o nome de serra de Tiracambú, as vertentes do mesmo rio Gurupy das do Tury-assú. (Dr. Justo Jansen Ferreira. *Obr.* cit).

GURUPY. Rio entre o Pará e o Maranhão. Accrescente-se no fim: No jornal *O Paiz* do Maranhão, nos ns. 54 e 55 de 1873, vem publicado o seguinte *Relatorio*, que sobre este rio escreveu o Dr. Gustavo L. G. Dodt: "*As cabeceiras*. Na base septemtrional da serra, conhecida pelo nome de — Serra do Gurupy —, que parece ser um braço ou prolongamento da — Serra da Desordem —, parallela ao Tocantins, nasce um numero consideravel de pequenos riachos ou igarapés, só conhecidos dos indios que habitam as mattas daquelles sertões. Todos elles se reunem em tres braços principaes, sendo mais meridional o *Cajú-apara* e o mais septemtrional o Ytinga ou rio Branco. Entre elles, porém, mais ao lado do N., fica o Tucumandiua que depois se constitue trib. do Ytinga. Formando-se estes tres braços principaes de muitos igarapés pequenos, torna-se, até certo ponto, difficil a determinação do lugar onde nascem. Considerando-se, porém, que as ultimas veias d'agua são muito insignificantes e approximadas umas ás outras, de sorte que o terreno occupado por todas se torna muito limitado, e como uma differença de um ou dous kils. nada influe em um terreno tão vasto e inculto, podemos ter como muito approximadas, se não exactas, as posições seguintes: a nascença do Cajú-

apara 5°9' S.; 4°46' O.; a do Tucumandiua 4°40' S.; 6°2'O; a do Ytinga 4°16'S.; 5°42'O. Desses pontos para baixo correm os tres riachos no meio de jussaraes immensos., recebendo de um e outro lado pequenos tribs. que os fazem engrossar insensivelmente de tal maneira, que o Ytinga depois de ter recebido o Tucumandiua em 4°26'10" S. e 5°18'30" O., tem 16^{m} de largura e 0^{m},5 a 1^{m},0 de profundidade. O Cajú-apara adquire as mesmas dimensões já no lugar denominado — Repartimento — em 4°40'20"S. e 4°57'0"O. Todas essas veias d'agua accumuladas, de um lado no Cajú-apara, do outro no Ytinga, reunem-se no lugar denominado Cajú-apara em 4°17'4" S. e 5°9'10" O. para formarem o Gurupy. Ellas são naturalmente innavegaveis ou ao menos só navegaveis por canôas feitas da casca do jutahy ou jatobá, que actualmente são alli os unicos vehiculos para transporte de cargas. Mas essa mesma navegação de canôas pequenas é extremamente difficultosa por causa das muitas madeiras, que obstruem em toda a parte os canaes e sobre as quaes muitas vezes vão arrastadas as canôas. O fundo um pouco flexivel das canôas feitas da casca do jutahy presta-se a esta manobra melhor do que as de madeira, e além disso demandam aquellas menos agua. Estas vantagens, reunidas ás de ser sua construcção mais facil e seu custo menor, fazem que sejam ellas preferidas ás de madeira, si bem que não durem tanto e offereçam maior risco, pois basta romper-se um dos cipós com que são amarradas para que se afundem.— *Curso do Gurupy do Cajú-apara até á barra do Gurupy-mirim.* O Gurupy, formado pela confluencia do Cajú-apara e Ytinga começa seu curso com uma largura de 20^{m} e uma profundidade variavel de 1^{m} a 2^{m}. Pouco augmenta elle estas dimensões antes de receber as aguas do Gurupy-mirim, apezar de receber nesta extensão como tribs. do lado do Maranhão o Cajueiro, Guarimandiua, Apara, Apuy, Puranga e Panema; e do lado do Pará o Surubyjú; e de um e outro lado alguns outros riachos menores: Como todos os rios pequenos procura o Gurupy nesta extensão seu caminho em mil voltas caprichosas que augmentam a distancia em linha recta, entre os dous pontos extremos de 97^{m},5 a 190^{m}, portanto a mais do dobro. Estas voltas, em grande parte apertadissimas, são um obstaculo extraordinario á navegação. — *Curso do Gurupy, da barra do Gurupy-mirim até ás Pedras de Amolar.* Só depois de ter recebido em 3° 32' 44" S. e 4° 45' 30" O. as aguas do Gurupy-mirim, que vem do lado do Pará, começa o Gurupy a merecer o nome de rio, tendo sido até esse lugar pouco mais do que um riacho. Sua largura eleva-se logo ao dobro da que tem mais acima, isto é, de 40^{m} attinge nesta secção a 80^{m}. Sua profundidade, porém, não augmenta, antes diminue. Em muitos lugares chega ella em verdade a ser de 3^{m} e 4^{m}, mas em muitos outros fica reduzida a 0^{m},6. As curvas deixam de ser tão apertadas, como na secção superior, todavia são ellas ainda consideraveis e augmentam a distancia, que é, em linha recta de 170^{m} a 304^{m}. As accumulações de madeira ainda continuam, não são, porém, já tão numerosas, nem tão consideraveis. Para tornar esta secção navegavel, ao menos na epocha das cheias, isto é, de dezembro a maio, bastaria a remoção das coivaras que nella se formam. O rio recebe nesta secção como tribs. do lado do Maranhão o Boca Funda, Itaquatiua, Traquatiua, Cunhã-moçú, Araparytiua, Açú, Jararaca e alguns riachos menores; do lado do Pará, o Pimental, Aningal, Uraim e alguns riachos menores. De todos estes confluentes é, porém, o Uraim o unico importante que pode ser navegado em não pequena distancia por canôas de 1.000 a 1.500 kilogrammos de porte. O mesmo acontece a respeito do Gurupy-mirim. — *Curso do Gurupy de Pedras de Amolar á povoação do Gurupy.* Esta secção do rio, que começa em 2° 30' 0" S. e 3° 49' 0" O. vae até 1° 35' 30" S. e 3° 3' 0" O., e tem 132 kils. de extensão em linha recta, que as voltas do rio augmentam a 228,5 kils., é a mais importante de todas, pois ella abrange a zona das cachoeiras, que tornam o rio innavegavel com excepção das aguas. Excluindo-se as menores, que são consideradas como baixos, contam-se 18 cachoeiras distinctas, que se repartem, todavia, com muita desegualdade sobre esta zona. Logo no principio acham-se sete, tão proximas umas das outras que formam um grupo separado; o mesmo acontece em baixo com outras sete. Das quatro restantes, acham-se duas destacadas no meio entre esses dous grupos, e, das outras duas, uma á pouca distancia abaixo do grupo inferior, e a outra separada desta por uma distancia consideravel no fim desta mesma secção. As partes do rio, que ficam entre os dous grupos principaes, e as cachoeiras destacadas entre ellas, bem como as que ficam entre as que compõem os grupos, são em muitos logares tão cheias de pedras isoladas, de baixos e corredeiras, que por si sós difficultariam a navegação, si não ficassem despercebidas em vista dos perigos e das difficuldades que se apresentam nas mesmas cachoeiras. E estas são, em verdade, consideraveis. As canôas que navegam alli são arrastadas por espias de pedra, aproveitando-se dos remansos, que se formam no lado de baixo das pedras maiores para segurar a canôa, emquanto a parte da tripolação que trabalha na espia ganha uma outra pedra onde possa firmar o pé para puxar a canôa um pouco mais adiante. Ao mesmo tempo devem, pelo menos, duas pessôas sustentar a canôa, por meio de varas compridas, afim de conservar-se sempre no fio d'agua, pois, si ficar atravessada, ou si partir-se a espia, pode contar-se com toda a certeza que se alaga, ou despedaça-se nas pedras mais em baixo. Si desta forma a subida é arriscada e trabalhosa, é a descida ainda mais perigosa e exige o maior cuidado para poder vencer-se esta zona sem desastre. Mas, não ha anno, em que estes não se deem. Desde o lugar denominado Pedras de Amolar começa uma serie de pedras isoladas que formam, em 2,5 kils. de distancia, uma cachoeira pequena denominada *Baixo da Mucura-aia.* Desta para baixo continuam as pedras isoladas, ora augmentando, ora diminuindo seu numero em uma extensão de 5 kils., onde o rio começa a dividir-se, no meio de numerosas ilhotas de pedra, em muitos braços pequenos, que, ora unindo-se, ora apartando-se, correm em leitos eriçados de pedras e formam no principio a cachoeira de *Moção-açú;* 5,0 kils. mais adiante a da *Lavadeira;* 1,0 kil. mais adiante a da *Magdalena;* 1,0 kil. adiante a do *Jacaré-canga,* e mais 1 kil. adiante a do *Tapiú-açú.* Abaixo desta, e tendo passado com mais 1,5 kil. o baixo da barra do *Gurupy-una,* encontra-se 3,5 kils. distante deste baixo, a cachoeira do *Canindé-açú,* e a 4 kils. mais adiante a do *Canindé-mirim,* que é a ultima do primeiro grupo, que contém na cachoeira *Tapiú-açú* a mais perigosa e consideravel de todas. Podendo-se avaliar a queda, termo medio, de cada uma das outras mencionadas em 1,5^{m} parece que a desta importa em 3^{m} a 4^{m}, e só pode ser vencida pelas canôas passando-as pelos canaes lateraes. Abaixo da cachoeira do Canindé-mirim apresenta o rio uma extensão de 21 kils., quasi toda livre de perigo, apparecendo aqui e acolá umas pedras isoladas até á cachoeira do *Muriá-jupema,* que não é muito consideravel. Abaixo desta segue, na distancia de 27 kils., a da *Tauary-uira,* que tambem é pequena, e 28 kils. abaixo desta começa o segundo grupo com a da *Itapeua,* a que segue em 3 kils. de distancia a de *Tucunaré-quara;* 6 kils. mais abaixo a do *Tamauary,* depois com 11 kils. de distancia a de *Bacury-uira,* e com mais 1 kil. de distancia a de *Panellas,* a que se emenda na distancia de 1 kil. a do *Maguarisinho,* e com mais 2 kils. de distancia a de *Cicatan-minhangaua.* Os intervallos entre estas sete cachoeiras são mais ou menos eriçados de pedras, de forma que as tres ultimas cachoeiras parecem formar uma só. Abaixo destes grupos de cachoeiras encontra-se ainda, na distancia de 12 kils. o secco da *Jutahy-sica;* 7 kils. abaixo deste o do *Cacoal* e 15 kils. mais abaixo o da barra do Gurupysinho. Depois segue uma extensão de 65 kils., apenas interrompida pelo baixo do *Taquandiua,* na distancia de 30 kils., para encontrar-se a ultima cachoeira de *Santo Antonio,* 2,5 kils. acima da pov. do Gurupy, que é a mais insignificante de todas, pois, estendendo a maré sua acção ainda mais acima della, encontra-se alli, ao menos nas horas da enchente, agua morta, de sorte que não ha perigo algum na sua passagem. Pelo que fica exposto comprehende-se que toda esta secção do rio é completamente innavegavel. Só durante o inverno, quando as aguas são muito altas, ficam as cachoeiras de tal forma cobertas que não ha mais perigo na sua passagem. O rio, augmentando paulatinamente sua largura de 30^{m} a 250^{m}, recebe nesta secção, como tribs. do lado do Maranhão, além de diversos riachos sem nome: o Gurupy-una, Paratiua, Tucunaré-quara, Anaçutiua, Catharina; do lado do Pará o Coracy-paraná, Tapaiuna-quara, Guajará, Gurupysinho, Sampaio, Taquandiua e outros riachos sem nome. Os mais importantes d'entre estes são: o Gurupy-una, Coracy-paraná e Sampaio. Nesta secção e 56 kils. acima da pov. do Gurupy acha-se, do lado do Maranhão, a situação da antiga colonia militar de S. Pedro de Alcantara.— *Curso do Gurupy, da povoação do Gurupy até sua barra.* Nesta ultima secção adquire o rio proporções

mais consideraveis; sua largura augmenta de 20m a 2 kils. e a profundidade é tal que os vapores da linha costeira podem sem inconveniente algum, ir ao menos até á villa de Vizeu, que se acha distante da barra 25 kils. As curvas, que augmentam tão consideravelmente as distancias mais acima, ficam nesta secção sem grande influencia, de modo que a distancia em linha recta de 68 kils. só cresce a 93,5 kils. O rio forma quatro ilhas menores, achando-se a de Sumauma 5,15 kils. abaixo da pov. de Gurupy, a da Uaijara 64,5 kils. e a do Caranguejo 72 kils. abaixo. Em frente da ilha da Uaijara e na margem esq. do rio está collocada a villa de Vizeu. Logo abaixo da ilha do Caranguejo, acha-se um lugar onde o canal, comquanto fundo, é muito estreito, de sorte que nas aguas baixas das marés vivas a passagem dos vapores se torna um pouco difficil e estes ás vezes alli encalham. Na margem dir., 12 kils. acima da barra, aparta-se um braço, que communica mais em cima por meio de um canal natural com o rio Carutapera. Os confluentes do rio nesta secção são, do lado do Maranhão: Uruna, Tarandiua, S. Lourenço, Anaçutiua; e do lado do Pará: Uiratiua, Manaó, Traquatiua, Juquerytiua, Tapuytiua, Piritiua, Matauna e alguns riachos menores em ambos os lados. Além d'estes, encontram-se, abaixo de Vizeu, no lado do Pará, os igarapés da Agueda, do Campo e Sumauma; e no lado do Maranhão os de Timbotiua, Carutápera e Bacanguinha. Estes, porém, não podem ser considerados como verdadeiros confluentes, pois são braços lateraes, cheios de agua salgada pelo fluxo e refluxo das marés. A barra, que se acha em 1°4' S. e 3°3' O. é franca para navios de mais de 400 toneladas de porte, apezar de que se estendem de um e outro lado bancos de areia e um baixo de pedra muito para dentro do mar. Este ultimo, porém, é muito bem balisado pela Pedra Grande, rochedo isolado de 100m de comprimento por 60m de altura sobre o mar, e que dista da barra 9 kils.— *Descripção do terreno que percorre o rio Gurupy.* Como já vimos, nascem as veias d'agua, que formam as cabeceiras do Gurupy, ao pé da serra do Gurupy, no meio de jussaraes immensos e correm no meio delles por muitas leguas. Estes jussaraes formam planicies alagadiças, e, onde seu terreno é arenoso, não deixam elles de formar atoleiros cobertos de uma camada espessa de folhas e troncos meio apodrecidos, de sorte que todo esse terreno forma uma esponja immensa, que no inverno se embebe de agua e só mui lentamente as deixa escoar. Nestes pantanaes, além das jussareiras, apenas vegetam algumas isoladas sapuycaranas, guananins da vargem e outras arvores semelhantes. Raras vezes approxima-se a terra firme á margem do rio na forma de uma barreira mais elevada; onde, porém, isto acontece, é o terreno fertilissimo, coberto de mattas virgens, que abundam de excellentes madeiras. Na proximidade do logar denominado Cajú-apara, apparecem algumas vargens, pela mór parte do anno cobertas de agua, e formando nessa epocha lagos, que se cobrem de capim e aningaes, quando as aguas cessam. Desse logar para baixo desapparecem os jussaraes e o aspecto do terreno não muda até perto da barra, onde, pela influencia da agua salgada das marés, a vegetação adquire um caracter completamente differente. Nessa grande extensão, porém, são as margens cobertas de mattas virgens. Durante a épocha das aguas baixas corre o rio entre barreiras de 4m a 8m de altura; quando elle, porém, enche, ficam estas transbordadas pelas aguas, pois, durante as enchentes, cresce o rio ordinariamente por 8m a 10m e muitas vezes chegam as aguas a 12m e 15m mais do que na estação secca. Aquellas barreiras são ao mesmo tempo aterros estreitos na beira do rio, formados pelo mesmo rio, pois, descendo as aguas carregadas de arêa e outros sedimentos, ficam estes suspensos pela velocidade, até que, transbordando o rio por um e outro lado, perde a agua sua velocidade logo que entra pelas ramadas das arvores e arbustos das margens, deixando, portanto, cahir aquelles sedimentos que se accumularam no curso dos seculos e formaram aquelles aterros. Por isso encontram-se quasi em toda a extensão do rio estes aterros mais elevados na beira, e atraz delles uma baixa que se enche no inverno de agua e forma deste modo lagos immensos, que conservam a agua e deixam-na escoar-se lentamente, como acontece nos terrenos esponjosos dos jussaraes. Estas duas circumstancias fazem que as enchentes deste rio se conservem por mais tempo e com mais regularidade do que em muitos outros dos nossos rios, onde ellas passam rapidamente; mas fazem tambem que se encontrem na beira do rio tantos bamburaes quasi impenetraveis, approximando-se tambem em toda essa zona o terreno não inundado no inverno só em raros pontos á beira do rio. Todavia, reconhece-se pelo viço da vegetação a fertilidade do terreno. A experiencia confirma plenamente este juizo, e como se encontram em toda parte terrenos em circumstancias differentes, na beira do rio, alagados e frescos, um pouco mais afastado delle, enxutos, tanto arenosos como barrentos, pode-se dizer com toda a certeza que, nas margens do Gurupy se pode quasi em toda a parte encontrar terrenos adequados á lavoura que se escolher » — O café dá com abundancia e de boa qualidade, como affirmam o Dr. Dodt nas poucas plantações que encontrou em Vizeu, na pov. do Gurupy, na colonia Militar de S. Pedro de Alcantara e em alguns outros sitios abaixo desse lugar. O mesmo succede com o cacaoeiro. Da mesma forma é o fumo cultivado pelos indios Tembés nas margens do Urain, encontrando-se ás vezes ahi do de superior qualidade. Milho, arroz, e mandioca, bem como batatas, cará, e outras raizes tuberculosas produz o terreno em abundancia e ás vezes de tamanho extraordinario. Suas mattas abundam em excellentes madeiras para diversos misteres.

GURUPYSINHO. Igarapé do Estado do Pará, affl. da margem esq. do rio Gurupy (Dr. G. Dodt.).

GURUTUBA. Corrupção de *côrú-tyba*, muitas plantações ou culturas, roças em abundancias; pode ser tambem corruptela de *cori-tyba*. Vide *Gorutuba* (Dr. Theodoro Sampaio).

GUTERRES. Pov. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Uruguayana, com uma escola municipal fundada em 2 de Dezembro de 1895.

GUTERRES. Arroio do Estado do R. G. do Sul, banha o mun. de Uruguayana e desagua no rio Uruguay.

GUYRICENA. Dist. da cidade do Rio Branco; no Estado de Minas Geraes.

GYBA. Log. do Estado do Amazonas, no mun. de Urucurituba.

H

HANSA. Dist. policial creado na com. de Joinville do Estado de Santa Catharina por Acto de 25 de agosto de 1899.

HEDYCHIREM. Parada na E. de F. União Valenciana, no Estado do Rio de Janeiro, entre as estações de Quirino e Esteves.

HELENA (Santa). Villa do Estado do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira (*Obr. cit.*) diz: "*Santa Helena* situada sobre uma linda e extensa planicie, á margem dir. do rio Tury-assú, 90 kils. a SO. de Guimarães e 108 á montante da cidade do Tury-assú. Seus habs. dedicam-se á criação de gado, ao fabrico do assucar e ao plantio do milho e arroz. Seus productos são exportados para a cidade do Tury-assú, por meio de pequenas embarcações. A 6 kils. e a SE. desta villa começam os campos da Chapada, que nunca ficam alagados, ao contrario de outros que lhe estão proximos. Occupam uma área avaliada em 54 kils. de comprimento e 30 de largura, na qual se encontra a maior parte do gado". O Sr. José Ribeiro do Amaral, em seu trabalho *O Estado do Maranhão em 1896*, diz: *Santa Helena*, villa, á margem dir. do rio Tury-assú, que ahi tem 132 metros de largura e fundo variavel entre 1m,32 e 1m,76 e fica 7m,48 sobre a vasante do mesmo rio. Esta villa, que a principio era aldeia de indios do Laranjal, para ahi trasladados por ordem do governador D. Fernando Antonio de Noronha, constava, em 1820, segundo o engenheiro Lago, de um quadrado de 40 braças, com pequenas choupanas de palha, tendo em um dos lados a capella, tambem coberta de palha, com 28 fógos e cerca de 150 almas. Hoje tem Santa Helena sete ruas, cinco travessas, duas praças, 40 casas de telha, 77 de palha, seis de negocio de seccos e molhados, cinco

officinas de carpina, duas de pedreiro, seis de sapateiro, seis de alfaiate e duas de ferreiro. Possue bôa Matriz, coberta de telha... A sua pop. é de 312 habs. e a do mun. de 5 a 6.000 approximadamente. Produz farinha, milho, algodão e assucar, e tem criação de gado vaccum e cavallar em larga escala. A seis kils. da villa, no lugar denominado Bom Jardim, começam os afamados campos da Chapada, que terminam a 15° NE. da ponta chamada Sant'Anna... »

HENRIQUES. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. do Brumado do Paraopeba e mun. do Bom Fim.

HERVÃO. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Bragança. Vai para o rio Quatipurú.

HIBAPAÁRA. Log. á margem dir. do rio Sarapuhy, no Estado de S. Paulo, mencionado em um documento de 14 de julho de 1601 como tapera. "*Hibapaára*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Ib-apá-á*, ramo torcido e quebrado. De *ib*, arvore; *apá*, torcer, torcido; *á*, quebrar. Allusivo ao costume que os indigenas tem assignalar, por meio de ramos torcidos e quebrados, a rota que seguem nas mattas, e mesmo nos campos, quando ha arvores para isso; afim de que outros os possam seguir ou elles possam voltar ao mesmo logar de onde sahiram". Vide *Poá*.

HICATÚ. Corrupção de *y-catú*, agua bôa, rio bom, accessivel. Vide *Icatú*.

HILARIO. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. de Xiririca, nas divisas do dist. do Jaguary.

HOLOPHOTE. Pov. do Estado do Rio de Janeiro, no mun. do Bom Jardim.

HUMAYTÁ. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Mirador.

HY. O mesmo que *y*, agua, rio, fonte; alterado em *hi*, *yg*, *yp*, *hú*, *ú*, *gy* (Dr. T. Sampaio).

HYASSÚ. Corrupção d *y-açú*, agua grande, lagôa grande; Bahia.

I

IAPARYARA. Composto de *yapara-yara*, o senhor do arco, o archeiro (Dr. Theodoro Sampaio).

IAPEYÚ. Corrupção de *yapó-yú*, estagnado, brejo, pantanal, no tupi guarany. No tupi da costa corresponde á *ypoyuca*, alt. *ipojuca*, *pojuca* (Dr. Theodoro Sampaio).

IARIQUÊ. Rio do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Mogy das Cruzes e desagua na margem dir. do Tieté. "*Iariquê*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Yariiquê*, entrada larga. De *yari*, largo; *iquê*, entrada. Allusivo a alargar-se em sua foz".

IBA. Corrupção de *yba* (substantivo), arvore (Dr. Theodoro Sampaio).

IBÁ. Corrupção de *ybá*, composto de *yb-á*, o que nasce da arvore, o fructo (Dr. Theodoro Sampaio).

IBAÉ. Composto de *ybá-ê*, fructo doce (Dr. Theodoro Sampaio).

IBATÉ (alto). Dist. creado na com. de S. Carlos do Pinhal do Estado de S. Paulo, pela Lei n. 727 de 24 de outubro de 1900.

IBÉRA. Corrupção de *y-uéra*, o rio velho, o leito primitivo; nome de uma grande lagôa, á margem esq. do rio Paraná; Republica Argentina (Dr. Theodoro Sampaio).

IBI. Corrupção de *yby* (substantivo), a terra, o solo, o chão; alt. *ubú*, *bú*, *bó* (Dr. Theodoro Sampaio).

IBIACICA. Significa terra cortada De *ibi*, terra; *aci*, cortar com o suffixo *ca* (breve), para formar supino. Allusivo aos córtes feitos pelas chuvas. Nos terrenos baixos e alagadiços esses córtes, alargando-se, são denominados *çang-a*, esparzido, no infinitivo com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante (Dr. J. M. de Almeida, *Dicc. Geogr. da Prov. de S. Paulo*, obra posthuma, 1902).

IBIAPABA. Corrupção de *ybyá-paba*, terra erguida e aparada, terra a pique ou a prumo, terra talhada, escarpada, alcantilada, planalto, chapada. Vide *Ibyá*; Ceará, Piauhy (Dr. Theodoro Sampaio).

IBIAPINA. Corrupção de *yby-apina*, terra calva ou pellada, despida de vegetação; Ceará (Dr. Theodoro Sampaio).

IBIBOBOCA. Significa terra rachada em mais de um lugar, gretada, ou mesmo simplesmente porósa, por isso que *bóg* está repetido, exprimindo plural. De *ibi*, terra; *bóg*, rachar, fender, gretar, levado ao supino pelo accrescimo de *ca* (breve) formando *bógca*, ou simplesmente *bóca*, na repetição. Os indigenas denominavam e ainda denominam *ibibobóg*, ou mesmo *ibiboboca*, uma cobra que não mata ou não venenosa, de que ha varias especies notaveis pela belleza de suas escamas. Quem affirma que tal cobra não mata é o padre A. R. de Montoya em seu *Tesoro de la lengua guarani*, onde, com referencia á palavra *mboî*, menciona varias qualidades deste reptil, e seus verdadeiros nomes em tupi. Mas o nome destes bairros da prov. nada tem com a cobra *Ibiboboca*, segundo deixei acima explicado (Dr. J. M. de Almeida, *obr.* cit.).

IBIBOCA. Corrupção de *yby-boca*, furo do chão, buraco, grota; alt. *biboca*, *bicoca* (Dr. Theodoro Sampaio). Vide *Ibiboboca*.

IBICABA. Corruptela de *Ibi-quâ-ába*, por contracção; *Ibi-quâ'-ba*, logar de buracos, socavões, fójos. De *ibi*, terra; *quâ*, buraco, socavão, fojo; *ába*, particula para exprimir logar (Dr. J. M. de Almeida, *obr.* cit.).

IBICUI. Corrupção de *yby-cui*, terra fina, arêa, pó (Dr. Theodoro Sampaio).

IBICUY. Corrupção de *ybycui-y*, rio da arêa (Dr. Theodoro Sampaio).

IBIRÁ (Substantivo). Pau, arvore, madeira, vara, viga, tôro, tronco: alt. *imirá*, *myrá*, *byrá*, *mará*, *guará*, *guirá*, *burá*, *uará*, *vará* (Dr. Theodoro Sampaio).

IBIRAPITANGA. Composto de *ibirá-pitanga*, pau vermelho, pau-brasil (*Caesalpinia echinata* L.), alt. *ibirapiranga*, *ibirapitã*, *ibirá-puitan*, *imirapitan* (Dr. Theodoro Sampaio).

IBIRAPOERA. Aldeamento indigena no logar que é hoje villa de Santo Amaro; no Estado de S. Paulo. Foi fundado em 1560, pouco mais ou menos pelo padre José de Anchieta. "*Ibirapoera*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Ibirá-puêra*, pau podre. De *ibirá*, arvore, pau, madeira; *puêra*, o mesmo que *cuêrá*, particula de preterito. A traducção litteral é — o que foi arvore, o que foi pau, o que foi madeira. Allusivo a existir então nessa região muito pau podre, proprio para lenha".

IBIRUSSÚ. Corrupção de *ibirá-uçú*, madeiro grande, pau grande (Dr. Theodoro Sampaio).

IBITINGA. Terra branca; corruptela de *yby-tinga* (Dr. T. Sampaio). *Ibitinga*, terra fumacenta. De *ibi*, terra; *tî*, fumo, vapor, com o suffixo *nga* (breve), para formar supino (Dr. J. M. de Almeida, *obr.* cit.).

IBITINGA. Serrote no mun. de Araraquara e Estado de S. Paulo.

IBITIPOCA. Ant. *ybytupoca*, composto de *yby-tú-poca*, rompe nuvem.

IBITIRIPOCA. Corr. *ybytyra-poca*, montanha partida ou fendida, morro que se abre ou que arrebenta, vulcão (Dr. T. Sampaio).

IBITIROY. Corr. *ybytyr-roi*, serro frio, montanha fria; Minas Geraes. Vide *Ybytyra* (Dr. T. Sampaio).

IBITIVAMA. Estação da E. de F. Paulista; no Estado de S. Paulo, na secção do Rio Claro; entre as estações da Graminha e de Tayuva.

IBITÚ. Corr. *ybytú*, o vento, o ar agitado, sopro ou effluvio da terra; alt. *butú*, *botú*, *bitú*; subs. a nuvem, o ar, o clima (Dr. T. Sampaio).

IBITURUNA. Morro no mun. do Parnahyba, no Estado de S. Paulo. E' fronteiro aos contrafortes orientaes da serra de S. Francisco. Passa por ser aurifero. Vide *Boturuna*.

IBÓ. Corr. *yembó*, o regato, o arroio, o riacho; corr. *ybú*, fonte, manancial, nascente; farpa, estillete, chuço (Dr. T. Sampaio).

IBOTIM. Corr. *yboty*, tupi-guarani, a flôr (Dr. T. Sampaio).

IBOTIRAMA. Composto de *yboty-rama*, região ou paiz das flores (Dr. T. Sampaio).

IBUPETUBA. Corr. *ybypé-tyba*, planicies em abundancia, planuras successivas; Paraná (Dr. T. Sampaio).

IBYÁ. Corr. *yby-á*, terra erguida, terra que se levanta, terra em pé, região alcantilada ou talhada a prumo (Dr. T. Sampaio).

IBYTYGUAY. Composto de *ybytir-guá*, depressão dos montes, baixada, entre morros, valle. Vide *Goá*, *Guá* (Dr. T. Sampaio).

IBYTYRUÇÚ. Composto de *ybytyr-uçú*, serra grande, montanha, cordilheira; alt. *buturuçú* (Dr. T. Sampaio).

IÇÁ. Subs., tronco d'arvore, moirão, esteio; donde *caaiçá*, troncos d'arvore, estacas, tranqueiras; nome de um dos affls. do Amazonas; s. olho d'agua, fonte, nascente; formiga grande e alada que os selvagens comiam (Dr. T. Sampaio).

ICANGA. Composto de *y-acanga*, cabeça d'agua, o principio do rio, o regato, o corrego, o arroio (Dr. T. Sampaio).

ICANHEMA. Corruptela de *Ycaẽ-ma*, secco, enxuto. De *y*, relativo; *caẽ-m*, seccar, enxugar, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante; ou *caẽ-mo*, em supino (Dr. J. M. de Almeida. *Dicc.* cit.).

ICAPARA. Corrupção de *yg-apára*, agua, rio ou canal curvo, torto (Dr. Theodoro Sampaio). *Icapara*, corruptela de *Y-guáâ-apá-ára* por contracção *Y-guáâ-'pa'- ra*, enseada tortuosa. De *y*, relativo; *guáâ*, enseada; *apá*, ser torto, torcer, entortar, voltear, levado ao participio pelo accrescimo do verbal *ára* (D. J. M. de Almeida).

IÇARA. Corrego affl. do rio Guararema pela margem dir., no mun. de Guararema e Estado de S. Paulo. Tambem escrevem *Içá*.

ICARAHY. Corrupção de *acará-y*, rio dos acarás; corrupção de *y-carahy*, agua santa (Dr. Theodoro Sampaio).

ICATÚ. Villa do Estado do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira, *obr.* cit., diz: "*Icatú*, nome indigena que significa *aguas claras*, está á margem dir. do rio Munim, que se lança ao S. da bahia de S. José, cinco kils. abaixo da villa. Exporta cereaes, especialmente farinha, madeiras, tiquira, e sabão, producto sobre que refere o *Almanack* de 1861, editado por Bellarmino de Mattos, o seguinte: "Nas margens do rio Munim e de seus affls., e nos grandes pantanos, vegeta espontaneamente a andyrobeira; no tempo proprio, parte da pop. emprega-se na apanha das sementes, que produzem oleo em abundancia, com que se fabrica o sabão conhecido por *sabão da terra* ou de *andyroba*". A seu porto vão os vapores da linha fluvial. E' uma das mais antigas villas do Estado e foi theatro de varios factos historicos. Calcula-se a sua pop. em mil habs. O Sr. José Ribeiro do Amaral, *obr.* cit., diz: "*Icatú*, villa á margem dir. do rio Munim e a seis kils. de distancia da sua foz, com 25 casas de telha, 47 cobertas de palha, onze casas commerciaes bem sortidas e uma pop. de 800 almas. Tem Egreja Matriz, coberta de telha e bem construida; dous cemiterios, sendo um municipal e outro religioso, este com capella. Resente-se a villa, além de outras cousas, da falta quasi absoluta da carne verde, que ahi apparece mui raras vezes. O alimento principal é o peixe, e esse mesmo nem sempre farta á pop. A escassez da carne verde é geralmente attribuida á pobreza de campos apropriados, não só para a cria do gado, como tambem para as soltas, de modo que a criação é inteiramente nulla. A 600 metros de distancia está o pov. de Baiacuhy com 400 almas e a 18 kils. o logar das Areias, justamente celebre pela victoria das forças legaes contra os rebeldes em 9 de agosto de 1839. Divide-se o mun. em dous dists. O primeiro comprehende: 1º. *Villa*, séde da com. e da freg. de N. S. da Conceição do Icatú; 2º. *Ribeira*, pov. a 12 kils. da villa, com quatro casas de telha, 30 de palha, duas casas commerciaes e uma pop. de 300 almas; 3º. *Jussatuba*, pov. a 18 kils. da villa, com duas casas de telha, 30 de palha, uma capellinha, duas casas de negocio e cerca de 200 almas; 4º. *Tatuaba*, pov. a 24 kils. da villa, com tres casas de telha, 30 de palha, uma esc., cinco casas de negocio importantes e 300 almas; 5º. *Salgado*, pov. a 30 kils. da villa, com tres casas de telha, 30 de palha, uma de commercio e 200 almas. O segundo dist. comprehende: 1º. *Bocca do Rio*, pov. á margem esq. do Munim-mirim, a seis kils. da villa, com 10 casas de telha, 20 de palha, uma capella sob a invocação de N. S. da Luz, duas casas de negocio e 180 almas; 2º. *Santa Rosa*, pov. sem importancia, a 12 kils. da villa; 3º. *Sapucaia*, pov. de pequena importancia, a 12 kils. da villa; 4º. *Axixá*, pov. á margem esq. do rio Munim e a 15 kils. da villa, com 13 casas de telha, 30 de palha, uma capella, uma esc. publ., cinco casas de commercio e cerca de 300 almas; 5º. *Cachoeira Grande*, pov. a 36 kils. da villa, com seis casas de telha, 15 de palha, duas de commercio e 200 almas; 6º. *Morros*, pov. a mais importante do mun., á margem dir. do Munim e a 18 kils. da villa, com 25 casas de telha, 35 de palha, uma capella, uma esc. publ. e 14 casas de commercio. Os principaes generos de producção do mun. são: farinha, sabão, tiquira, arroz e milho, sendo que, o que avulta mais, é a farinha, cuja cultura constitue quasi que toda a riqueza do mun. e abastece em grande parte o mercado da capital, calculando-se a sua producção actual em 50.000 alqueires; a tiquira, producto alcoolico da mandioca, cuja producção é calculada em 120.000 litros; o sabão em 10.000 pães; o arroz em 4.000 alqueires e o milho em 2.000 ditos. . . Possue o mun. diversas fabricas, a saber: 12 de sabão e 8 de cal; e as seguintes vias de communicação: uma estrada para a com. do Brejo; uma para a do Iguará, sendo a conducção feita em costado de animaes. Tambem o rio Iguará e seus affls. são navegaveis até á villa da Manga do Iguará, onde chega o vapor, e até á Ponte Nova por pequenas embarcações. A exportação é feita para a capital por 10 barcos de vela e outras pequenas embarcações, além dos vapores das duas companhias do Estado. Banham o mun. os seguintes rios: Iguará, com seus affls. Mocambo Preto, Pirangi, Una e Munim. O rio Munim é navegavel até o Munim-mirim; o Preto até Ponte Nova; e o Iguará até á Chapadinha. A pop. de toda a com. é avaliada em 19.000 habs. dos quaes 12.000 pertencem ao mun. de Icatú e 7.000 ao da Miritiba. Notavel, por mais de um titulo, quer sob o regimem colonial, quer nos tempos que se seguiram á independencia, desperta naturalmente curiosidade e interesse o estudo do territorio desta com., especialmente da villa e seus arredores, pela multiplicidade de factos, que ahi tiveram logar em diversas épochas, alguns delles bem importantes, e que constituem ainda as melhores paginas da historia do Maranhão. As primeiras missões da capitania, segundo se infere dos annaes historicos do Maranhão, foram estabelecidas nas margens do rio Munim e terras adjacentes, provavelmente nas vizinhanças do sitio em que a expedição de Jeronymo de Albuquerque havia

levantado, com a invocação de Santa Maria, um forte do qual não restam vestigios, onde os portuguezes depois edificaram a primeira pov. da capitania, que, no anno de 1668, mereceu ser elevada á categoria de villa. Alguns dos governadores ahi residiram por mero recreio e a camara alcançou delles não poucos privilegios. O patrimonio da Camara consiste ainda hoje em tres leguas quadradas de terras, que lhe foram concedidas pelos governadores capitães-generaes do Estado do Maranhão, Francisco Pedro de Mendonça Gurjão e Francisco Xavier de Mendonça Furtado, sendo estas doações confirmadas pelas Cartas Regias de 1750, 1753 e 1755 e Provisão de 1757... A 30 kils. pouco mais ou menos de distancia da villa, pela costa abaixo, teve logar a 19 de novembro de 1614, o combate entre os francezes e seus alliados, os Tupinambás, commandados por La Ravardière, e os portuguezes sob o commando de Jeronymo de Albuquerque e Diogo de Campos, ficando estes ultimos victoriosos. Esta batalha foi chamada de *Guaxenduba*, do nome que então tinha, ou a bahia que hoje se chama *S. José*, ou aquella localidade, onde os portuguezes haviam construido um forte, que denominaram Santa Maria, designação que ainda o sitio conserva. No principio do seculo 18º, foi esta villa devastada pelos indios Cahicahizes, que o mesmo fizeram em todos os estabelecimentos que se achavam nas margens do rio Munim, para se vingarem do rapto de muitos dos seus, feito pelos Portuguezes para os reduzirem a escravidão. Em 1839, foi ainda o territorio desta com. invadido pela revolta que então assolava a prov., tornando-se theatro de graves e importantes acontecimentos. No dia 9 de julho desse anno foi acommettida a villa por uma horda de 500 a 600 rebeldes, os quaes só não se apossaram della, devido á disciplina das minguadas forças legaes, e, mais que tudo, á coragem e bravura do alferes Antonio de Sampaio, o qual, mais tarde, já no posto de brigadeiro, veio a perecer gloriosamente de ferimentos recebidos na Campanha do Paraguay, na memoravel batalha de Tuyuty, a 24 de maio de 1866. Mas não podiam continuar as cousas por esta forma; baldos de recursos, ver-se-iam forçados a capitular os bravos, mas poucos defensores da legalidade, si não lhes acudissem com algum soccorro. O presidente, que, tanto como o povo, temia a tomada da cidade de S. Luiz, vendo tão perto o perigo, resolveu-se a fazer um esforço, e acompanhado do coronel Francisco Sergio de Oliveira, nomeado commandante em chefe das forças, que operavam na prov.; do tenente-coronel Isidoro Jansen Pereira, com todo o seu batalhão de guardas nacionaes, forte de 300 praças, de 70 homens de primeira linha, sob o commando do tenente ajudante João Paulo de Miranda, e do corpo de paisanos voluntarios (batalhão Pedro II), poz-se em marcha no dia 6 de agosto ás 4 horas da manhã para Guarapiranga, onde embarcou, achando-se no dia seguinte todos em Villa Velha, a 18 kils. de Icatú. No dia 9 teve lugar o celebre combate das *Areias*, em que o major Feliciano Antonio Falcão conseguio desalojar os rebeldes das trincheiras, que occupavam, firmando dessa data em diante os creditos de que sempre gozou como militar valente e disciplinador. »

ICERICA. Composto de *y-cerica*, agua veloz, rio ligeiro; o rapido, a corredeira (Dr. T. Sampaio).

ICÓ. Log. do Estado do Amazonas, no mun. da Labrea.

ICONHA. Rio do Estado de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Nasce no morro Ararapira e desagua na bahia Trapandé. « *Iconha*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Iquê-o-ã* contrahido em *Iqu'-o-ã*, lados empinados. De *iquê*, lado, costa; *o*, reciproco, p ra exprimir as duas margens; *ã*, empinar ».

ICUHY. Lago do Estado do Amazonas, no mun. de Itacoatiara.

ICURÊ. Subs., nome de uma variedade de anta ou *tapir* no tupi guarani (*Tapirus americanus*); alt. *iguré* (Dr. T. Sampaio).

IDALINA (Santa). Ribeirão do Estado de S. Paulo, vai para o rio Capivary e este para o Tieté.

IEMBÓ. Corr. *yembó*; agua em filete, fio d'agua, regato, corrego; alt. *yembú*, *ybó* (Dr. T. Sampaio).

IGAÇABA. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do ribeirão do Bom Jesus, no mun. de Santa Rita do Paraiso.

IGAÇATYRA. Composto de *ygaçá-atyra*, outeiro ou morro dos potes, monte das urnas (Dr. T. Sampaio).

IGAPIRA. Composto de *yg-apira*, cabeceira d'agua, a parte mais elevada do rio, origem do rio (Dr. T. Sampaio).

IGARA. Composto de *yg-ára*, sobre a agua, o que domina a agua, o que sobrenada; a canôa, o barco.

IGARAÇÚ. Composto de *ygara-açú*, barco grande, navio, barca.

IGARAPABA. Composto de *ygara-paba*, termo ou assento da canôa, o porto (Dr. T. Sampaio).

IGARAPÉ-ASSÚ. Log. do Estado do Maranhão, no mun. de Carutapera.

IGARAPÉ-ASSÚ. Ilha no rio Anajatuba, mun. de Cururupú e Estado do Maranhão.

IGARAPÉ-GRANDE. Log. do Estado do Maranhão, no mun. de Tury-assú.

IGARATINGA. Composto de *ygara-tinga*, o branco da canôa, a vela, o panno de navegar (Dr. T. Sampaio).

IGATIMI. Vide *Iguatemy*.

IGNACINHO. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do rio Verde, que o é do Ipanema e este do Sorocaba.

IGNACIO. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Affuá.

IGOAGUAÇÚ. Composto de *yguá-guaçú*, bahia fluvial grande, estuario amplo, lagamar grande e tambem barra grande; S. Paulo (Dr. T. Sampaio).

IGRAMIRIM. Corr. *ygara-mirim*, a canoinha, o barco pequeno (Dr. Theodoro Sampaio).

IGRAPEUNA. Corr. *ygarapé-una*, esteiro escuro, canal ou braço de aguas escuras (Dr. T. Sampaio).

IGUÁ. Rio do Estado de S. Paulo, no mun. de S. Vicente. Desagua no Piassabussú. Esta palavra é composta de *y-guá* e significa seio d'agua, bacia fluvial, bahia, lagamar. Vide *yguape*.

IGUAHIBA. Rio do Estado do Maranhão, na ilha de S. Luiz. E' um braço do Mocajutuba.

IGUAPE. Composto de *yguá-pe*, no lagamar, na bahia fluvial; S. Paulo, Bahia (Dr. T. Sampaio). Não tem tal nome a minima referencia á *Ig-uápê*, significando— *rio de uápê* —, de *ig*, rio; *uápê*, arbusto aquatico, cujas folhas redondas sobrenadam nos rios, ribeiros e lagôas, e cujas flores são brancas, tocadas de vermelho ou de roxo. Naquella região deve existir este arbusto; mas, disso o indigena não cogitou para denominar aquella região do littoral. Muito menos procede a significação que de *Iguape* deu Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, em seu *Glossario de palavras indigenas*, dizendo ser — logar alagadiço — ! Aquella região littoral era denominada *Y-guáá-i-pe*, na enseada. De *y*, relativo; *guáá*, enseada, barra; *i*, posposição que, para explicar partes de sitio ou logar, e significando — em — deve ser sempre acompanhada de *pe* (breve), segundo o ensina o padre A. R. de Montoya, em sua *Arte de la lengua guarani*. Allusivo a ter sido situada a pov. ou aldêa, primitivamente, mesmo em frente á barra *Y-guáá-'pá'-ra*; sendo transferida posteriormente para o local actual, segundo consta do livro do tombo da camara municipal (D. J. M. de Almeida. *Diec. Geogr. da Prov. de S. Paulo*, obra posthuma, 1902).

IGUAPE. Cidade do Estado de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Eis as impressões que recebi desta cidade, quando nella estive em agosto de 1901. — A cidade, distante

cerca de 15 horas de navegação de Santos, é antiga, mas bonita e limpa. O desembarque effectua-se por meio de uma escada de pedras lavradas que faz parte de um cáes de aterro firmado por enormes paredes parallelas, de alvenaria, e junto ao qual se balançam suavemente nas aguas do Mar Pequeno, canôas e hiates carregados uns e descarregados outros. A cidade tem 2.171 habs. e possue 122 predios, muitos dos quaes assobradados, de solida construcção, datando alguns do anno de 1625. Suas casas são, na mór parte, pintadas a cal branca, com barras de côres, o que dá á cidade um bonito aspecto. Tem quatro praças, 19 ruas e quatro travessas. O numero das casas commerciaes é de 83 na cidade e de 142 no municipio. Na praça da Matriz, fazendo frente para um pequeno, mas bonito jardim, está a Matriz, um bello e magnifico templo de vastas dimensões e grande solidez. Possue duas torres bastante elevadas, com campanarios e revestidas de azulejos. O interior da Egreja, que é de aspecto grandioso e severo, tem vastissima nave, ladeada por duas outras. Sua ornamentação é simples e austera, notando-se poucas alfayas no altar mór. Está sob a invocação do Senhor Bom Jesus, cuja milagrosa imagem foi encontrada em 1647 por dous indios na praia da Juréa, junto ao ribeirão Possa-una, e transladada para essa cidade. Na cidade existem ainda as Egrejas de N. S. do Rosario e S. Benedicto e no mun. quatro Egrejas e duas Capellas. O grupo Escolar situado na rua Direita foi fundado em 1891: o predio por elle occupado é dos maiores da cidade, não dispondo todavia das accommodações necessarias ao fim a que se destina. No que diz respeito a sociedades tem Iguape o *Club Recreativo Iguapense*, a Loja Maçonica Cap:. de Iguape, um Gabinete de Leitura, fundado em 1847, contando a sua bibliotheca mais de 2.300 volumes, o Grupo dos Assustados e uma banda de musica sob o titulo de Euterpe Paulista. Na rua 15 de Novembro, esquina do largo do Rozario, está situado o edificio da cadeia, de bôa e solida construcção. No rez do chão, além do corpo da guarda, que occupa duas salas, vimos tres prisões, espaçosas e bem ventilladas, e a solitaria. No sobrado ficam o salão do jury, sala secreta, sala de audiencias, archivo e outras dependencias. A Camara Municipal funcciona em grande predio alugado e sito na rua Direita.

A Santa Casa de Misericordia *Feliz Lembrança* está situada no largo da Misericordia.

Esta casa de caridade foi edificada por meio de subscripção popular e auxilio do governo, por iniciativa do Sr. Joaquim José de Oliveira, que em sessão Maçonica da "Loja Feliz Lembrança", propoz no dia 18 de setembro de 1869 a sua construcção.

O edificio, que só ficou concluido em 24 de Junho de 1875, é de fórma quadrilonga com 17,60 metros de frente por 18,70 metros de fundos, dividido no centro por um largo corredor. Ao lado esquerdo do vestibulo ha um consistorio e uma capella consagrada á S. João Baptista, e no lado direito do mesmo vestibulo ha a pharmacia e consultorio.

Ha duas enfermarias vastas e com boa disposição de ar e luz, tendo leitos de ferro com estrado de arame, quartos para enfermeiros, quartos para pensionistas, refeitorios, cosinha e dispensa.

Ao fundo do edificio ha um grande terreno que faz frente para o morro, sendo o logar muito saudavel.

Tem agua encanada; mas notamos a falta de latrinas e banheiros.

Em todas as dependencias desta casa pia, que relevantes serviços tem prestado ás classes desfavorecidas da fortuna, nota-se rigoroso asseio, o que é de justiça louvar.

Publicam-se na cidade 3 semanarios:

A Comarca de Iguape, A Epocha e *A Muca*, e um jornal mensal *A Euterpe.*

Não ha mercado, nem matadouro; existe um theatro, mas de minima importancia.

A illuminação da cidade, é feita a kerozene, accendendo-se os lampeões mesmo quando ha lua, o que não acontece em muitas cidades do interior do Estado que temos percorrido.

Ha agua encanada e de excellente qualidade e que vem da *Fonte do Senhor*, a 1 e ½ kilometros de distancia, da cidade; não existe rêde de esgôtos.

O clima, tanto da cidade como do municipio, é saudavel.

O movimento do registro civil, no anno findo (1890), foi o seguinte:

Nascimentos, 158; casamentos, 53; obitos, 153.

Em ponto extremo da rua da Palha, está situado o cemiterio municipal.

Ao centro do cemiterio, em frente ao portão de ferro da entrada, ha uma pequena capella, muito simples.

Como principaes arrabaldes da cidade, contam-se a *Fonte da Saudade* e a *Fonte do Senhor.*

A primeira está situada em um logar muito pittoresco. De um paredão construido na encosta de um morro, entre duas enormes pedras, coroadas de frondosas arvores, jorra um tenue fio de crystallina agua.

Junto á fonte alguns toscos bancos de madeira em supporte de alvenaria.

Diz a lenda popular, que esta agua tem a singular virtude de prender em Iguape... *quem vem de outro horizonte, e bebe da torrente crystallina.*

A fonte do Senhor, a ½ kilometro da cidade, é um logar tambem muito aprazivel e pittoresco.

Situada na encosta do morro, vê-se um bello jardim, muito bem tratado e coberto de luxuriante vegetação.

Por entre os canteiros de flores, correm mananciaes de agua limpida e crystallina.

A' entrada do portão que dá accesso ao jardim, vê-se á esquerda um monumento de fórma hemispherica, tendo no alto, uma cruz de ferro. Este monumento mais conhecido por *Casinha do Senhor*, tem uma porta, que dá entrada para o seu pavimento interno, que se acha em plano inferior, vendo-se no fundo uma lage, que, segundo se affirma, *tem a faculdade de crescer.*

Relativamente a esta pedra, o revmo. padre João Crysostomo Salgado de Oliveira Bueno escreveu no livro do *Tombo* da Egreja, no anno de 1827, o seguinte:

« Ha húa fonte, chamada com grande alegria a Fonte do Senhor, na visinhança de um monte, sobranceiro a esta villa, onde a dita Imagem do Senhor Bom Jesus, antes de ser collocada nesta Egreja, foi posta sobre húa pedra, para se lavar do salitre do Mar; esta pedra tem crescido prodigiosamente e faz já uma grandeza consideravel, apezar da immensidade de pedaços ou lascas, que della se leva quasi diariamente, e se conserva em húa casa de abobada redonda feita de pedra e cal, em cujo frontispicio da porta se vê o distico seguinte:

« *Intus aqua dulces, vivoque sedilia saxo. In quo est locus — que mala nostra lavat.*

Esta casa é a segunda que se tem feito, por haver cahido a primeira em razão do crescimento da pedra.

Não se deve admirar ficar á dita pedra tão retirada da estrada, pois que o caminho que nesse tempo conduzia ao Porto da Ribeira, passava por alli; e ao depois, admirando-se o crescimento da mencionada pedra, se deseio tambem hum pouco espaço o alvêo do Rio, ou Fonte, para se levantar a casa, que se conserva sempre feixada; mas que se manda abrir e se permittir a quem a quer ir vêr. »

Até hoje são tiradas grande numero de lascas desta pedra pelos romeiros que visitam a cidade de Iguape e é de admirar que ainda exista semelhante lage.

Constam aqui diversas experiencias feitas, para averiguar a exactidão do crescimento da pedra, dentre as quaes citamos a seguinte:

« Uma lasca foi collocada entre dois vidros concavos de relogio, sendo as extremidades destes lacrados de modo a conserval-os em contacto um com o outro. No fim de alguns mezes um dos vidros achava-se trincado e pouco tempo depois sahiram alguns pedaços de vidro do seu logar, parecendo ter sido quebrado, e levantados os pedaços por uma força qualquer exercida dentro da concavidade formada pelos dois vidros. »

Será isto o crescimento da pedra ou a contracção do vidro?

Que nos digam os entendidos alguma cousa a respeito.

A titulo de curiosidade, vamos offerecer ainda aos nossos leitores uma interessante nota sobre as virtudes do Bom Jesus de Iguape.

Na tarde do dia 6 de agosto de cada anno, que é quando se solennisa a festa do milagroso padroeiro desta cidade, encontra-se na egreja grande numero de potes cheios de agua.

Depois de terem sido lavados os pés da imagem do Senhor Bom Jesus, procede-se á benção da agua contida nos potes, sendo então esta distribuida em pequenas quantidades aos fieis alli reunidos.

Geralmente a dita agua é tirada da fonte ao pé do morro, porém, muitas vezes é tambem tirada dos chafarizes existentes proximo á egreja.

E' notavel que a agua, distribuida na egreja e posta em garrafas, conserva-se crystallina, sem o menor sedimento ou parecença de ter-se alterado, durante grande numero de annos, emquanto que, a agua tirada da fonte, sendo posta directamente numa garrafa, em pouco tempo acha-se com sedimento e vae pouco a pouco perdendo o seu estado crystallino.

O mun. que conta 19.000 habs., comprehende os dists. de Jacupiranga ou Bacujurú, o de Santo Antonio do Juquiá e o da Prainha. A industria local compõe-se de olarias e caieiras, sendo a cal extrahida dos sambaquis, que em grande numero existem no orla do mar. Distante 23 kils. de Iguape existe o porto de Sabauma, que é o entreposto da colonia de Pariquera-assú, cuja séde dista 19 kils. daquelle porto. A palavra Iguape, segundo o Dr. Theodoro Sampaio, é composta de *Yguá-pe*, no lagamar, na bahia fluvial.

Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, em seu *Glossario*, diz que Iguape significa lugar alagadiço. Acerca da cidade de Iguape, então ainda villa, o conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805*, escreveu: « A villa de Iguape está situada em uma planicie, que é continuação das margens da *Ribeira* ao sul, e está nas margens do chamado *Mar Pequeno*, que é como um braço de mar de outra barra que tem a villa mais ao sul: esta é muito baixa, de maneira que não pódem entrar embarcações, e mesmo a da *Ribeira* não admitte embarcações grandes carregadas; e é pena, porque as difficuldades são na entrada, e no restante da *Ribeira* ha bom fundo para toda a casta de embarcações. Agora projectam encanar a *Ribeira* com o *Mar pequeno*, afim de transportar os *arrozes* até o porto da villa: temo somente que a *pouca queda das aguas* não frustre esta pretenção, visto a *pequena differença de nivel*... Antigamente trabalhavam muito na construcção de embarcações, ramo que tem diminuido, talvez pela nenhuma bondade das madeiras ».

A cidade de Iguape é notavel pela romaria ao Senhor Bom Jesus, no mez de Agosto de cada anno. Eis como o conselheiro Martim Francisco, em seu *Diario* já citado, descreveu a origem desta devoção: « Fui ver uma pequena casa de banhos, onde se lavou o Senhor Bom Jesus, imagem muito milagrosa, no geral entender da plebe, para cuja festa concorre immensidade de povo da capitania e de fóra a cumprir promessas, ou a pedir o sare de diversas enfermidades que padece... A dita casa é de figura octaedrica, e sobre as oito faces assenta como um hemispherio: ella está proxima a um morro, que fica detraz da villa: delle correm por muitas barrocas regatos de boa agua...: á superficie deste morro observam-se blócos de uma rocha granitica, algum já decomposto... Fui correr a continuação dos morros, que ficam por detraz da villa e se prolongam até a barra, e nelles não achei novidade alguma: sempre as grandes massas da mencionada rocha granitica, desarrumadas. Esta rocha forma pelo seu desarrumamento barrocas a cada passo, por onde correm regatos e cachoeiras abundantes em aguas, das quaes tem a gente do paiz sabido tirar proveito, estabelecendo engenhos d'agua de pilar arroz. »

Segundo consta do livro do tombo da matriz velha de Iguape, o reverendo Christovão da Costa e Oliveira, vigario da vara daquella comarca, em visita por ordem do bispo diocesano, ahi escreveu em 22 de Outubro de 1730, as tradições populares acerca desta Imagem, as quaes, sem as palavras e narrações inuteis, são: « Que, em 1647, dois indios boçaes acharam, rolando com as ondas, na praia de *Una*, junto ao rio chamado *Pussaúna* um vulto, e, tirando-o, o levaram para o limite da mesma praia, onde, em cóva, o puzeram de pé com o rosto para o nascente, e assim o deixaram com um caixão que divisaram ser de cêra do reino e umas botijas de azeite doce; que, voltando depois ao mesmo logar, notaram que o dito vulto estava com o rosto para o poente, e não acharam vestigios de que pessoa humana o pudesse virar; que, sabido o caso por visinhos, estes resolveram tirar a Imagem e conduzil-a ao ponto mais alto do monte *Juréa*, de onde Jorge Serrano e sua mulher Anna de Góes, seu filho Jorge Serrano e sua cunhada Cecilia de Góes, revesando-se, a transportaram até a barra do rio chamado *Ribeira de Iguape*, onde foram os moradores daquella villa buscar a Santa Imagem, e, trazendo-a com muito acatamento, a puzeram no rio a que chamam hoje, com muito grande alegria, a *Fonte do Senhor*, para lhe tirar o salitre e ser encarnada de novo... e, conseguindo o ornato, a collocaram n'esta Igreja da Senhora das Neves, em que está, aos 2 de Novembro de 1647, conforme assento de um curioso, tirado de outro mais antigo; que tambem era tradição que a Santa Imagem do Senhor Bom Jesus vinha do reino de Portugal, embarcada para Pernambuco, e que, encontrando o navio outro de inimigos infieis, lançaram os do navio portuguez a Santa Imagem ao mar para não ser tomada... »

Este documento foi transcripto integralmente por Azevedo Marques, nos *Apontamentos Historicos, Geographicos, Biographicos, Estatisticos e Noticiosos da Provincia de S. Paulo*, com referencia ao nome *Iguape*.

O projecto do canal, a que o conselheiro Martim Francisco se referiu, no trecho transcripto, foi realizado; e, no extremo do canal aberto, com cerca de tres kilometros de extensão, foi formada uma povoação, ora denominada *Porto da Ribeira*.

IGUARAHY. Rio do bebedor, composto de *yguara-y*; Matto Grosso.

IGUARASSÚ ou IGUARAÇÚ. Canôa grande, barco de alto bordo, navio; é corruptela de *ygara-açú*. Vide *Igaraçú*.« A antiquissima villa pernambucana de Iguarassú, diz o Dr. Theodoro Sampaio, tem o seu nome, aliás, *Igara-açú*, pelo facto de ser o porto, desde os primeiros annos da colonia, visitado por barcos que o attingiam com o concurso da maré ». Hans Staden que o visitou e o ajudou a defender contra os Potiguaras, em 1548, denominou-o *Garassú*, corruptela de Igaraçú.

IGUASSÚ. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do Tamanduatehy; no mun. da capital. E' tambem denominado do Oratorio.

IGUATEMY. Estação da E. de F. Paulista; no Estado de S. Paulo, no Ramal dos Agudos, entre Campos Salles e Ayrosa Galvão.

IGUATEMY. Serrote entre os muns. de Jundiahy e Itatiba; no Estado de S. Paulo. O Dr. J. Mendes escreve *Guatemy*.

IGUATEMY. Ribeirão no mun. da Capital do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do ribeirão Toucinho, que o é da margem esq. do rio Tremembé. Verte da serra da Cantareira e constitue um dos mananciaes derivados para o abastecimento de agua á cidade de S. Paulo. « *Iguatemy*, diz o Dr. João Mendes de Almeida, é corruptela de *Igaû-ateỹ-ma-i*, por contracção *Igaû-ateỹ-m'i*, perseverantemente frouxo e lamacento. De *igaû*, lama, residuos de aguas, detritos, sujeira; *ateỹ*, ser frouxo, levado ao supino pelo suffixo *ma* (breve); *i*, posposição de perseverança. Allusivo a ser muito lento em seu curso, ou pouco corrente, e a ser sujo de lama e de detritos em seu leito ». O Dr. T. Sampaio escreve *Igatimi* e diz ser essa palavra composta de *yg-atimi* e significar rio que volteia, que dá voltas, rio sinuoso; alt. *yguatemy, guatemy, gatemim*.

IGUATEMY. Rio no mun. de Campinas e Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Atibaia. Junta-se ao Jardim.

IGUATINGA. Enseada no mun. de Iguape, no Estado de S. Paulo. E' tambem conhecida por lagôa dos Patos. Fica á margem dir. do rio Ribeira de Iguape, proximo ao morro Caiobá. « *Iguatinga*, diz o Dr. J. M. de Almeida, é corruptela de *I-guaá-ty-nga*, enseada de rio, presa. De *i*, rio; *guaá*, enseada; *ty*, atar, prender, com o suffixo *nga* (breve) para formar supino. Allusivo a ser uma enseada, por ter communicação com o rio Ribeira de Iguape por um canal; mas deve ser tida por uma lagôa, por isso que é quasi fechada, sendo paradas as aguas, com lodo e capim ».

IGUREHY. Composto de *yguré-y*, rio das antas. Vide *Icuré*. Varnhagen traduzio nas notas ao Roteiro de Gabriel Soares (*y-gu-rey*) rio da sêde ou sem agua.

IJIQUIQUÁ. Arroio do Estado do R. G. do Sul, banha o mun. de Uruguayana e desagua no Ibirocay. Nelle ha um passo do mesmo nome. Tambem escrevem *Igiquiquá*.

ILHA. Bairro no mun. de Batataes e Estado de S. Paulo; com uma esc. mixta, creada pela Lei n. 706, de 23 de agosto de 1900.

ILHA. Bairro no dist. de Santa Rita da Extrema e Estado de Minas Geraes.

ILHA DAS PEÇAS. Pov. do Estado do Paraná, no mun. de Guarakessava, na ilha do mesmo nome, com escola.

ILHA DO BENITO. Log. do Estado do Paraná, no mun. de Guarakessava.

ILHA DO SAL. Arraial no termo de Villa Nova do Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*, 1901).

ILHA DO VEIGA. Arraial do termo de S. Christovão do Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

ILHA GRANDE. Arraial do termo de S. Christovão, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

ILHA GRANDE. Log. do Estado da Bahia, no termo de Belmonte.

ILHA PEQUENA. Arraial no termo de S. Christovão do Estado de Sergipe. (*Almanak Sergipano*. 1901).

ILHÉOS. Morro do Estado do R. G. do Sul, entre Taquara e Santo Antonio da Patrulha.

ILHOTA. Pov. do Estado de Santa Catharina, no mun. de Itajahy; com escola.

IMBAHÁ. Arroio do R. G. do Sul. Accrescente-se no fim: Nelle ha os passos denominados: dos Coutos e o do Imbahá, abaixo daquelle. Vide *Imbajá*.

IMBAIÁ. Enseada ou sacco na ilha de S. Sebastião, no mun. de Villa Bella e Estado de S. Paulo. O nome vulgar é Sacco do Imbaiá. Esta palavra é corruptela de *Y-mbaê-á*, colhedor de cousas. De *y*, relativo; *mbaê*, cousa; *á*, colher. O padre A. R. de Montoya escreveu *Mbaiá*. Os ramos, com que atalham os rios e as enseadas para a pescaria, são *caambaiá*. Portanto o nome *Imbaiá* é allusivo ao facto de prestar-se a esse modo de pescar.

IMBANHY. E' o mesmo rio Embahú, affl. da margem esq. do Parahyba, no mun. do Cruzeiro e Estado de S. Paulo.

IMBASSAHY. Corr. *mbeacá-y*, barra do rio, ou antes, foz ou boca do rio; Bahia (Dr. T. Sampaio).

IMBAUBA. Vide *Ambaiba*.

IMBÊ. Composto de *ym-mbé*, planta que se arrasta, planta rasteira, trepadeira (*Philodendron imbé*); no tupi-guarani, *guembé*, *guaimbé* (Dr. T. Sampaio).

IMBÊ. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Cimbres e desagua na margem esq. do rio Ipojuca.

IMBIAÇÁ. Corr. *y-mbê-açá*, leito d'agua que atravessa, curso d'agua que corta, confluencia, foz, barra, boca de rio, porto (Dr. T. Sampaio).

IMBIAÇABA. Corr. *y-mbê-açaba*, cruzamento do leito d'agua, confluencia, barra, foz, o mesmo que *imbiaçá*; corr. *mbê-açaba*, a sahida do caminho, o porto (Dr. T. Sampaio).

IMBIASSAPE. Corr. *imbeaçá-pe*, na barra, na confluencia ou na foz (Hans Staden); corr. *mbeaçá-pe*, no porto (Dr. T. Sampaio).

IMBIRA. Corr. *imbir*, pelle d'arvore, casca, entrecasca, alburno; vulgo *imbira* (Baptista Caetano).

IMBIRUSSÚ. A imbira grande, o entrecasco grosso; composto de *imbir-uçú*.

IMBITUBA. Log. do Estado de Santa Catharina, no mun. da Laguna; com escola.

IMBOASSÚ. Pontal ao N. do Estado de Pernambuco e proximo á ponta do Funil.

IMBOGUASSÚ. Rio do Estado de S. Paulo, banha o mun. de S. Vicente e desagua no littoral.

IMBÚ. Vide *Ambú*.

IMBUHY. Corr. *imbú-y*, rio do imbú; corr. *mboi-y*, rio da cobra; pode ser ainda *ybú-y*, agua da fonte ou do manancial; Rio de Janeiro (Dr. T. Sampaio).

IMBURANA. Serra nas divisas do Estado de Pernambuco com o do Parahyba. E' uma das que se comprehendem na cordilheira da Borburema na parte relativa ao mun. de Taquaretinga.

IMBURANAS. Log. do Estado de Pernambuco, á margem esq. do rio Ipojuca, no mun. de Caruarú.

INAJÁ. Nome da palmeira *Maximiliana* (Mart). Vide *Anajá*.

INAJÁ-TUBA. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. de Silves.

INCERICA. Log. do Estado do E. Santo, no mun. de Guarapary.

INCHÚ. Corr. *échú* = *eichú*, composto de *ei-chú*; *ei* = *eir*, s., mel, calda de assucar, a abelha; *chú*, rugoso, aspero; ninho d'abelha rugoso, aspero; alt. *exú*, *eixú*, *enchú* (Dr. T. Sampaio).

INCHUI. Corr. *eichú-î*, abelha miuda, casa d'abelha pequena (Dr. T. Sampaio).

INDAIÁ. Corredeira no rio Mogy-guassú e Estado de S. Paulo. « *Indaiá*; altos e baixos, e torcida. De *i*, ter em si; *nd*, intercalação para ligar o verbo a *ai*, saliencias; *á*, torcer. Allusivo a ter saliencias e a fazer curva ». (Dr. J. M. de Almeida, *Dicc.* cit.).

INDAIÁ. Ribeirão de S. Paulo, affl. do Parahytinga. Accrescente-se no fim: Desagua pela margem esq. « *Indaiá*, diz o Dr. J. M. de Almeida, é contracção de *I-nd-ai-á*, altos e baixos e arrecifes. De *i*, ter em si; *nd*, intercalação por ser nasal o verbo anterior, e para ligal-o á *ai*, saliencia; *á*, cabeça, pedaços pequenos de qualquer cousa. Allusivo a cachoeiras e pontas de pedra no leito ». « *Idaiá*, antigo *Inayá*, a palmeira (*Attalea compta*) ». Dr. Theodoro Sampaio.

INDAIASSÚ. Pov. do Rio de Janeiro. Accrescente-se no fim: Tornou-se séde do mun. da Barra do S. João pela Lei n. 502 de 9 de dezembro de 1901. O mun. tomou o nome de Indaiassú pela Lei n. 516 de 17 de dezembro de 1901.

INDAIATUBA. Rio do Estado de S. Paulo, banha o bairro do seu nome e desagua na margem dir. do rio Sorocaba.

INDAIAUBA. Rio do Estado de S. Paulo, banha o mun. de S. Vicente e desagua no Piassabussú.

INDAIAUBA. Praia na ilha de S. Sebastião, mun. de Villa Bella e Estado de S. Paulo. « *Indaiuba*, corruptela de *I-nd-aiuá-ii-bae*, escorregadio por ter limo. De *i*, ter em si; *nd*, intercalação para ligar aquelle verbo a *aiuá*, limo; *ii*, resvalar, escorregar, com a particula *bae* (breve), para formar participio, significando — o que — » (Dr. J. M. de Almeida.) « *Indaiatuba*, corr. *indayá-tyba*, palmeiras indaiás em abundancia, palmar de indaiás » (Dr. T. Sampaio). A respeito do nome da villa de Indaiatuba, diz o Dr. João Mendes: « O nome provém da abundancia da palmeira pequena

indaiá. Indaiatuba corruptela de *Indaiá-tib-a*, lugar de indaiá ».

INDEPENDENCIA. Log. do Estado do E. Santo, no mun. de Guarapary.

INDEPENDENCIA. Ribeirão do Estado do Rio de Janeiro, nasce na serra do Mundo Novo, banha o mun. de Santa Thereza e vai desaguar no rio Preto na fazenda do seu nome.

INDIANA. Log. do Estado da Bahia, no termo do Monte Cruzeiro.

INDUÁ. Corr. *indoá*, s., o pilão; no tupi guarani *anguá*. Com o vocabulo *anguá* confundio Frei Gaspar da Madre de Deus o nome *yguá*, traduzindo *yguáguaçú-pé*, na bahia grande ou barra grande por *anguaguaçú-pé*, no pilão grande, com o que comparou o feitio da ilha de S. Vicente, observada do alto do Cubatão (Dr. T. Sampaio). Vide *Engaguassú*.

INFERNINHOS. Pov. do Estado de Santa Catharina, no mun. de Biguassú; com escola.

INFERNO. Igarapé do Estado do Pará, na com. de Mazagão. Vai para o rio Jaburú.

INFERNO. Ribeirão de Minas Geraes, no mun. de Diamantina. Accrescente-se no fim: O Sr. J. Augusto Neves, em sua *Chorogr. do Mun. de Diamantina*, diz: « O ribeirão do Inferno, que nasce nas Porteiras ou serra do Dumbá (ou Dumbar) no dist. de Dattas, com o nome de Gramichá; pouco abaixo recebe o corrego Cantagallo, tomando d'ahi em diante o nome de Canudos; passando pelo Bananal, no logar denominado Mutuca, recebe o corrego dos Ferreiros ou das Lages, e depois o corrego Canudinhos ou Natureza, e d'ahi segue com o nome de ribeirão do Inferno até a sua foz no Jequitinhonha, no pov. da Itaipaba do dist. do Currallinho deste mun. Recebe o ribeirão Ajunta-Ajunta, o corrego Curralinho e outros riachos de nenhuma importancia. Ha uma ponte de madeira sobre elle, a sete kils. mais ou menos de Diamantina, no logarejo conhecido geralmente pelo nome de Ribeirão ».

INGÁ. Ribeirão do Estado de S. Paulo, reune-se com o Gramma e juntos vão desaguar no Pirahy, trib. do Jundiahy, proximo ao Salto de Itú.

INGAHURA. Riacho do Estado do Maranhão, banha o mun. da capital e desagua no rio Angelim.

INGLEZ. Ilha no mun. de Cururupú e Estado do Maranhão.

INGLEZES. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha a villa de Santa Thereza de Valença e desagua no ribeirão Manuel Pereira, affl. do rio Preto.

INHACICA PEQUENO. Rio do Estado de Minas Geraes, nasce na serra do Arrenegado, banha o mun. de Diamantina e desagua no Jequitinhonha.

INHAHY. Rio do Estado de Minas Geraes; nasce nos campos de S. Domingos, com o nome desse santo, passa a tres kils. do pov. de Inhahy e desagua no rio Caeté-mirim.

INHAHY. Dist. de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: A séde desse dist. acha-se situada entre o rio Caeté-mirim e o ribeiro Inhahy distante 45 kils. de Diamantina. Tem uma Egreja de Sant'Anna. O dist., banhado pelo Jequitinhonha, que lhe serve de divisa, possue boas terras para cultura e criação. Tem a mangabeira e muitas plantas medicamentosas. O principal ramo da lavoura e da industria consta na cultura de cereaes, criação de gado e mineração.

INHAMBÚ ou *inambú* = *ynambú*. Composto de *y-nam-bú*, o que corre surdindo, ou emergindo, ou o que levanta o vôo rumorejando, a perdiz; corr. *y-am-bur*, o que se levanta a prumo (Baptista Caetano); alt. *nambú*, *enambú* (*Crypturus*).

INHAMBÚ. Rio do Estado de Minas Geraes, banha o mun. do Rio Branco e desagua no Capella Velha.

INHAMBUHY. Corr. *inambú-y*, rio das perdizes; alt. *inhamby* (Dr. T. Sampaio).

INHAMBUI. Perdiz pequena, a codorniz, ou codorna (*Crypturos maculosus*, Temm.). Composto de *inambú-i*.

INHAMBUPE. Composto de *inhambú-pé*, nas perdizes; Bahia.

INHAME. Corrego do Estado de S. Paulo, no mun. de Santa Rita do Paraiso. Vai para o corrego da Cachoeira, e este para o ribeirão da Ponte Nova.

INHAMUNS. Corr. *inhamú* ou *inhambú*, as perdizes; Ceará (Dr. T. Sampaio).

INHANGAPY DO TOCANTINS. Villa do Estado do Pará, creada pela Lei n. 687 de 23 de março de 1900. Era uma pov. do mun. de Cametá.

INHAUBA. Lago do Estado do Maranhão, no mun. de Vianna.

INHAUMA. Vide *Anhuma*.

INHEMBY. Composto de *y-nhembi*, rio abaixo, ao correr do rio (Montoya).

INHOAHYBA. Serra de S. Paulo. Accrescente-se no fim: O Dr. João Mendes de Almeida, em seu *Dicc.* cit., diz: « Alguns a suppõem prolongamento da serra de S. Francisco; mas é de formação diversa. *Inhoahyba*, corruptela de *Y-nhõ-aib-a*, malmente isolado. De *y*, relativo; *nhõ*, só, isolado; *aib-a* malmente, imperfeitamente. Allusivo a ser realmente uma serra diversa da S. Francisco; e, não obstante, parecer que é prolongamento desta. Esta serra se compõe de um mineral micacio e unctuoso, em quartzito; ao passo que a serra S. Francisco é um massiço granitico, como bem o diz seu nome, completamente corrompido ». Vide *Francisco* (*S*).

INHOMIRIM. Corrupção de *nhũ-mirim*, campinho.

INHUMA. Vide *Anhuma*.

INHUMAS. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Canhotinho.

INHUMAS. Ribeirão do Estado do Maranhão, affl. do rio Corrente. A' sua margem dir. fica a pov. da Passagem Franca.

INI. Subs., a rede, a maca, o fio, a linha (Dr. T. Sampaio).

INIPUCÚ. Rio do Estado do Pará, affl. da margem esq. do rio Jary.

INNUH. Ilha no rio Pomba, defronte da cidade de Santo Antonio de Padua; no Estado do Rio de Janeiro.

INSONO. Rio do Estado do Maranhão; nasce no mun. do Codó, separa o mun. de Pedreiras do de S. Luiz Gonzaga, e desagua na margem dir. do rio Mearim.

INTANS. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. de Cimbres.

INVERNO. Igarapé do Estado do Pará, na ilha Caviana e mun. de Chaves.

INZONEIRO. Mentiroso, supersticioso. Termo usado no sertão da Bahia.

IPANÉ. Pov. do Estado do R. G. do Sul, no 4º dist. administrativo do mun. de Uruguayana. Tem um regular numero de choupanas proximas ao banhado de Ipané, que desagua no Ibirocay. Posto que tambem o denominem Capella de Ipané, não tem capella.

IPANÉ. Arroio do Estado do R. G. do Sul, banha o mun. de Uruguayana e desemboca no Ibirocay.

IPANEMA. O Dr. J. M. de Almeida diz: « *Ipanema*, rio esteril, ou sem prestimo. De *i*, agua, rio; *panẽ*, ser esteril, sem prestimo, com o suffixo *ma* ou *mo* (breve), para formar supino. Segundo o padre A. R. de Montoya, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, *I-panẽ* significa rio sem peixe. E este significado o deu Martius em seu *Gloss. Ling. Bras.*, e, pois, esta vez acertou. Com effeito, a proximidade das minas de ferro deve determinar naturalmente a esterilidade desse curso d'agua. » O Dr. Theodoro Sampaio diz: « *Ipanema*, corrupção de *y-panema*, agua ruim, imprestavel. »

IPANEMA. Arraial do termo de Itaporanga, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

IPANEMA. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. de Silves.

IPATINGA por outra *I-pá-ty-nga* significa logar d'agua; *pá*, o mesmo que *pába*, logar; *ty*, atar, prender, com o suffixo *nga* (breve), para formar supino. Não é *iûpá*, logar de agua podre (Dr. J. M. de Almeida).

IPAÚ. Rio do Estado do Pará. Accrescente-se no fim: O Snr. Parsonadas de Carvalho, em uma conferencia feita no Gremio Paraense e publicada no « Jornal do Commercio » de 3 de dezembro de 1901, assim se expressa a respeito desse rio: « Circumscrevendo-me ao territorio do Pará resta-me dar-vos noticia de um rio que não vejo representado em nenhum mappa — é o *Ipahú*. Na altura da ilha Jutahy, no Tocantins, ha um furo por onde passei ao rio Tacaruá, affl. da margem esq., que lança suas aguas na enseada abaixo da mencionada ilha, na qual existe uma pequena pov. denominada *Joanna Peres*, logar onde os vapores do Pará recebem não pequenas cargas de castanhas. Antes de chegar ao Tocantins o Tacaruá entra no Ipahú, rio maior que elle e de muito maior curso. Subi pelo Ipahú até onde este rio se divide, bifurcando-se. Desce de terrenos altos, cobertos de castanhaes e, nessa altura, abre para o Tocantins o braço que acabo de mencionar, emquanto o outro, correndo a NO e engrossado pelo Igarapé Grande, que vem do centro, da mesma matta, toma em baixo, no seu curso inferior, o nome de Jacundá. Vereis nos mappas o Jacundá, talvez o Igarapé Grande como sua parte superior, mas não o Ipahú. »

IPÉ ARCADO. Log. do Estado de Goyaz, no mun. de Catalão, sobre o rio Parnahyba. Ha ahi uma ponte.

IPERÓ. Rio de S. Paulo. Accrescente-se no fim: O Dr. J. M. de Almeida, em seu *Dicc.* cit., tratando desse rio diz: « Affl. do rio Sarapuhy pela margem dir.; no mun. de Campo Largo de Sorocaba. *Iperó*, corruptela de *I-pi-rõ*, rio de fundo revolto. De *i*, rio; *pi*, centro; *rõ*, revolver. De um rio fundo, dizem os indigenas *ipiguaçú*. A principio suppuz fosse corruptela de *I-pa-rá*, rio de fundo não liso. De *i*, rio; *pi*, centro; *rá*, não liso, não igual, com altos e baixos. E então tive occasião de verificar que a palavra *peráu*, como designativa de buraco no fundo dos rios e das lagôas, é de origem tupi: e não vem de *perrau* em francez, como o escreveu Moraes, em seu *Dicc. da lingua portugueza*. Em todo o caso, quer seja *I-pi-rõ*, quer fosse *I-pi-rá*, o nome exprimiria o mesmo facto; porque os *peráus* são a causa do fundo revolto, formando ahi as aguas rodomoinhos. Com effeito, a zona em que tem seu curso este ribeirão é a de terrenos cuja formação geologica é grez, schistos e calcareos silicosos carboniferos; e as aguas, correndo sobre terrenos dessa natureza, abrem cavidades, que são os taes *peráus*, e sobre essas cavidades as mesmas aguas se revolvem em rodomoinho ».

IPEROYG. Corr. *ypirú-yg*, rio do tubarão; S. Paulo (Dr. T. Sampaio).

IPIRANGA. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Itapecurú-mirim, no centro das mattas do seu nome, com 126 casas de palha, dispersas em completo desalinho e uma pop. de 970 habs. Tem seis casas de negocio de seccos e molhados, uma engenhoca para a moagem de canna e fabrico de assucar e aguardente. Produz algodão em larga escala. Dista 36 kils. da séde do termo.

IPIRANGA. Nucleo colonial do Estado do Paraná, distante 6 kils. da cidade de Antonina. E' dividido em nove lotes occupados por italianos e brazileiros.

IPIRANGA. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Tieté; no mun. de Mogy das Cruzes. E' um pequeno corrego. « *Ipiranga*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela ou antes contracção de *Y-pi-rá-ã-nga*, leito desigual e empinado. De *y*, relativo; *pi*, centro, fundo; *rá*, desigual, não nivelado; *ã*, empinar, com o suffixo *nga* (breve), para formar supino. O padre A. R. Montoya, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, dá *guiama* como suffixo deste verbo. Erro. Nada tem, portanto, este ribeirão com *agua vermelha* ou *rio vermelho*. O indigena não teria commettido este não senso ». Pedro Taques, na *Nobiliarchia Paulistana*, referindo-se a documentos antigos, denomina *Itypiranga* o affl. do ribeirão Tamanduatehy. No auto da medição da meia legua para o Rocio da cidade de S. Paulo, lavrado a 27 de julho de 1769, encontra-se escripto *Opiranga*.

IPIRANGA. Rio do Estado de S. Paulo, nasce na serra do Mar, banha o mun. de Caraguatatuba e desagua no oceano.

IPIRANGA. Rio do Estado de S. Paulo, nasce na serra do Mar, banha o mun. de Ubatuba e desagua no oceano. E' mais conhecido pelo nome de Ipiranguinha.

IPITANGAS. Lagôa do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Saquarema.

IPITUNA. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Itaocara.

IPOCHIVAS. Corr. *y-pochi*, aquelle que é máo ou bravo; o indio não submettido (Pinto Junior).

IPOJUCA. Corrupção de *yapó-yuc*, estagnado, podre, banhado de aguas putridas; alt. *pojuca*, Pernambuco (Dr. T. Sampaio).

IPOJUCA. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. do Pau d'Alho e desagua no rio Capibaribe.

IPOJUCA. Villa de Pernambuco. Em logar de villa leia-se cidade. Accrescente-se no fim: Foi elevada á categoria de cidade pela Lei n. 173 de 6 de junho de 1896.

IPORANGA. O Dr. J. M. de Almeida, em seu *Dicc.*, diz: « *Iporanga* significaria — rio formoso — De *i*, rio, agua; *porang*, formoso, ornado, agradavel, com o accrescimo do *a* (breve), por acabar em consoante. Mas não se trata de *I-porang-a*, rio formoso; sim de *Y-por-a-ã-nga*, empinado e com saltos. De *y*, relativo; *por-a*, salto, queda; *ã*, empinar, com o suffixo *nga* (breve), para formar supino. Contrahido em *Y-por'-ã-nga*. O padre A. R. de Montoya, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, dá por supino deste verbo *guiama*. E' manifesto erro: isso poderá ser tudo menos supino. Allusivo a descer em forte declive, como que empinado, formando saltos, cascatas, cachoeiras. Corre mesmo entre rochedos calcareos mui altos, empinados e lisos. Um rio, assim descendo, deve ser realmente formoso; mas disto o indigena não cogitou ».

IPOTINGA. Log. do Estado de Pernambuco, no dist. da Varzea.

IPOTINGA. Bairro do mun. de Sorocaba, no Estado de S. Paulo; com uma esc. creada pela Lei n. 643 de 7 de agosto de 1899.

IPÚ. Composto de *y-pú*, agua surge ou ferve; manancial, olho d'agua, fonte, minadouro.

IPUCA. Corrupção de *y-pug*, agua arrebenta, ou estoura, agua quebra (Dr. T. Sampaio).

IPUEIRA. Accrescente-se no fim: O Dr. Theodoro Sampaio diz: « *Ipueira*, corrupção de *y-poera*, agua que foi, curso d'agua extincto, braço ou canal de rio que não corre, sacco, bahia fluvial ». Vide *Poéra*.

IQUIRY. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. de Floriano Peixoto.

IRA. Corr. *eira* = *eir*, s., o mel, a abelha; composto de *e-ir*, doce desprende-se, doce sahe (Baptista Caetano).

IRACÊ. Contr. *iracema*, composto de *ira-acema*, a sahida, o fluxo do mel, a doçura (Dr. T. Sampaio).

IRACEMA. Composto de *ira-acema*, o fluxo do mel, a sahida do mel. Como nome de mulher é synonimo de *meliflua, doce*; corresponde á *Dulce, Melina, Dulcifera* (Dr. T. Sampaio).

IRAHY. Composto de *ira-y*, rio do mel.

IRAJÁ. O mel brota; a meleira; corrupção de *ira-yá*.

IRAJASSÊ. Composto de *ira-yacê*, a sêde do mel (Dr. T. Sampaio).

IRAMAIA. Composto de *ira-maia*, a mãe do mel, a que gera o mel, a abelha (Dr. T. Sampaio).

IRANY. Rio do Estado do Paraná, banha o mun. de Palmas e desagua no rio Uruguay (Goyo-En).

IRAPIRANGA. Mel vermelho; composto de *ira-piranga*.

IRAPUÃ. Corr. *ira-apoã*, mel redondo, ou ninho de abelhas arredondado; corr. *ira-puã*, abelha levantada, ou que faz ninho no alto (Baptista Caetano).

IRÁRA. Composto de *ira-ra*, o que colhe mel, o lambemel, o papa-mel (*Galictis barbara*). Dr. T. Sampaio.

IRARÁ. A formiga alada. Vide *Arará*.

IRARIBÁ. Uma das cachoeiras que formam o rio Brejahimirinduba, no mun. de Ubatuba e Estado de S. Paulo. Além dessa cachoeira, ha as de nome Prata e Piabas. Esta palavra é corruptela de *Ar-arib'-á*, cortado de alto a baixo. De *ar*, cahir, abaixo; *aribo*, de alto (composto de *ari*, sobre, em cima, alto; e *bo* breve), para exprimir o modo de estar); *á* ou *há*, cortar, talhar. Allusivo a formar um desnivelamento quasi a pique, produzindo grande estrondo a queda das aguas.

IRATIM. Estação da E. de F. de S. Paulo ao Rio Grande, no pov. de Iratim, mun. de Imbituva e Estado do Paraná. Tambem escrevem *Iraty*.

IRECÊ. Composto de *y-recê*, pela agua, pela corrente, á mercê das aguas, á tôa; abandonada; é usado como nome de mulher (Dr. T. Sampaio).

IRIETÊ. Composto de *y-ri-etê*, agua que corre direito, trecho do rio largo e rectilineo, o estirão (Dr. T. Sampaio).

IRIGUASSÚ ou *Irii-guaçú*, rio que inunda. De *irii*, rio que baixa; *guaçú*, largo, grande (Dr. J. Mendes de Almeida. *Dicc.* cit.).

IRINY-ASSÚ. Log. no mun. de Carutapera e Estado do Maranhão. Ha um outro logar no mesmo mun. denominado Iriny-mirim (José Ribeiro do Amaral. *Obr.* cit.). Não será *Iriry-assú* ?

IRIRI ou **RIRI.** Subs., a ostra.

IRIRIAIA. Serra, lagôa, ribeirão, braço de mar; nos muns. de Iguape e Cananéa; no Estado de S. Paulo. Vide *Aririaia*.

IRIRIBÚ. Assim escreve o Dr. João Mendes o nome da serra *Iririú* do mun. de Cananéa; no Estado de S. Paulo. « *Iriribú*, diz o referido Dr.: corruptela de *Yryr-ibiy*, baixa e successivamente cortada. De *yr*, cortar, repetido para exprimir a successão ou a continuidade do facto; *ibiy*, baixa, pequena *O iy* tem som guttural. Allusivo a ser escalvada; e, por baixa· muito diversa das outras montanhas proximas. Tambem, dizem no logar *Yr-yr-iỹ* ».

IRIRIPIRANGA. E' o nome tupi do rio Casqueiro; no mun. de Santos e Estado de S. Paulo. A' margem daquelle rio ou braço de mar, os indigenas formavam aldeia nas estações proprias, em que desciam a serra Paranapiacaba, para fazerem as provisões de mariscos e de peixes. E essa aldeia tirava do rio o nome. « *Iriripiranga*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Irú-ri-pirã-nga*, dous juntos, avermelhados. De *irú*, companheiros; *ri*, posposição para significar simultaneidade, juncção; *pirã*, ser vermelho, avermelhar, colorado como sangue, com o accrescimo *nga* (breve), para formar supino. Não é, portanto — vespa vermelha —, como o pretendeu Martius em seu *Gloss. Ling. Bras.*; mas — ostra vermelha —, ou porque as duas conchas sejam avermelhadas ou porque o marisco produza a famosa tinta *purpura* ».

IROHY. Agua fria; composto de *y-roy*.

IRUÇÚ. Corr. *ira-chú*, o mesmo que *eichú*, *inchú* (Dr. Theodoro Sampaio).

IRUMOGUARA. Composto de *irumo-guara*, morador junto, companheiro, socio, collega (Dr. T. Sampaio).

ISABEL (Santa). Pequeno pov. do mun. de Itapecurúmirim; no Estado do Maranhão.

ISABEL (Santa). Arraial do termo de Villa Nova, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

ISABEL (Santa). Pov. do Pará. Accrescente-se no fim: Foi elevada á villa pela Lei n. 646 de 6 de junho de 1899.

ISABEL DIAS. Riacho do Estado de Pernambuco, rega o mun. de Cimbres e desagua no rio Ipanema. Nasce na serra Ororobá. No mesmo mun. ha uma lagôa de nome identico.

ITÁ. Serrote á margem esq. do rio Ribeira de Iguape, ramificação da serra do Mar; no Estado de S. Paulo. « *Itá*, corruptela de *Hetá*, aparado. Allusivo a ser achatado no cimo. Apenas mostra um morro com ponta, vulgarmente denominado Pico; mas é separado do serrote, e é de terra, sem pedras. Deste serrote para o lado do rio Ribeira de Iguape, nasce o ribeirão Itá, cujo nome anda trocado por *Etá*. Os indigenas usavam dar a varios logares, na mesma região, nomes quasi identicos no som, significando, porém, diversamente. Assim o serrote é *Hetá* e não *Itá*; o ribeirão, ao contrario, é *Ytá* e não *Etá*. Na corrupção têm sido trocados. Vide *Etá* » (Dr. J. Mendes). « *Itá*, diz o Dr. Theodoro Sampaio, composto de *y-tá*, o que é duro, a pedra, o penedo, a rocha, o rochedo, o seixo, o metal, o ferro; o barro duro, a argilla estratificada; alt. *tá* ».

ITABAGUARA. Bairro do mun. do Piquete em S. Paulo. Em lugar de Itabaguara leia-se Itabaquara.

ITABAIANA. Antigamente *Tabayan* ou *tabanga*, composto de *taba-y-an* ou *taba-anga*, a morada das almas (Dr. Theodoro Sampaio).

ITABAPOANA. Ant. *Cabapoama*, composto de *cabapoama*, as vespas assanhadas ou levantadas (Dr. Theodoro Sampaio).

ITABAQUARA. Rio do Estado de S. Paulo, nasce na serra da Mantiqueira, corre entre os muns. de Lorena e Cruzeiro e desagua na margem esq. do Embahú. Esta palavra é corruptela de *Hetá-ba-quara*, muito corrente. De *hetá*, muito; e *baquara*, corredor, corrente. Allusivo a ser veloz em seu curso.

ITABÉ. Dist. creado pela Lei n. 727 de 24 de outubro de 1900 na com. de S. Carlos do Pinhal; no Estado de S. Paulo. E' constituido pelo territorio do dist. de S. João da Lagôa.

ITABERABA. Composto de *itá-beraba*, pedra que resplandece, pedra reluzente, crystal (Dr. Theodoro Sampaio). « *Itaberaba*, corruptela de *Ytá-berá-bae*, pedra que brilha: De *ytá*, pedra, penha; *berá*, brilhar, resplandecer; com *bae*

(breve), para formar participio, significando — o que — ». Escrevem tambem *Itaverava* e *Ituverava* (Dr. J. M. de Almeida). Isto quanto á serra; quanto ao rio affl. do Bacuruvú, diz o Dr. João Mendes: « *Itaberaba*, corruptela de *Itá-abi-rá-bae*, contrahido em *Itá-'bi-rá-bae*, desigual, desnivellado, formando degráus. De *itá*, estante, degráu; *abi*, desigual; *rá*, sem nivel; *bae* (breve), para formar participio. Allusivo a ser successivamente encachoeirado, com degráus ».

ITABERABAETÊ. Composto de *itaberaba-êtê*, crystal verdadeiro, a pedra reluzente legitima, o diamante (Dr. Theodoro Sampaio).

ITABIRA. Composto de *itá-bir*, pedra que se levanta, serro empinado; Minas Geraes; corr. *tabira*, a anta (Dr. T. Sampaio).

ITABIRITO. Rocha siliciosa, quartzito ferruginoso, abundante no Brasil central; o nome procede de *Itabira* (Dr. T. Sampaio).

ITABOCA. Corr. *itá-boc*, pedra furada ou arrebentada, pedra solapada (Dr. T. Sampaio).

ITABOCA. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Breves; proximo da ilha Mututy.

ITABORAHY. Composto de *itá-porc-y*, rio do salto de pedra; Rio de Janeiro (Dr. T. Sampaio).

ITABUBUI. Composto de *itá-bubui*, a pedra que fluctua, a pedra pomes (Dr. T. Sampaio).

ITACARAMBI. Composto de *itá-carambi*, pedra redondinha, ou meuda, pedra ou penedo curto (Dr. T. Sampaio).

ITACAYÚ GRANDE. Log. do Estado de Matto Grosso, em Santa Rita do Araguaya, 2° dist. da capital.

ITACEPANEMA. Recife ao N. da bahia de Santa Cruz; no Estado da Bahia; a S E. da ponta de Santo Antonio. Tem meia milha de largura. Descobre quasi todo com a maré baixa, e mais ou menos em seu centro vê-se um ilhote de areia, que sempre fica fóra d'agua, chamado Corôa Alta. Tambem escrevem *Itassepanema*. Para o N. deste recife fica o de Araripe. E' separado do recife das Alagadas por um canal de ¾ de milha de largura e 6 braças de fundo chamado Boqueirão Grande.

ITACHAMA. Composto de *itá-chama*, cadeia de ferro, corrente (Dr. Theodoro Sampaio).

ITACOATIARA. Pedra pintada ou coberta de inscripções; de *itá-coatiara*.

ITACOERA. Assim escreve o Dr. João Mendes de Almeida o nome do rio Itaquera, affl. da margem esq. do Tieté; no Estado de S. Paulo. « *Itacoera*, diz o referido Dr. Mendes, não é buraco de pedra como o escreveu Fr. Francisco dos Prazeres Maranhão, em seu *Glossario*. Para significar buraco de pedra deveria ser *Ytá-quára*. *Itacoera*, corruptela de *Ytá-iquê-rù*, margens graniticas. De *ytá*, pedra; *iquê*, lado, costado; *rù*, companheiro, para assignalar referencia aos dous lados, ou ás duas margens. Allusivo a correr entre morros graniticos. Seu leito é formado de lages. Alguns pronunciam *Itá-kér-a;* mas é a mesma cousa. Os indigenas do rio Amazonas e as nações que delles provieram não usam muito do *u* em seguida ao *g* ou ao *q*. Tenho, porém, minhas duvidas si *Itacoera* é o nome desse curso d'agua. Considerado relativo o *y* inicial, resta *Tacûéra*, aldêa que existiu: de *tab-a*, aldêa; *cûéra* particula de preterito. A palavra *tab-a*, em certas composições, prende sempre a ultima syllaba. Os indigenas do norte do Brasil usavam e usam *tapera* ou *tapéra*, o mesmo que *tab'-uéra* ou contracção de *ta-pûéra*, pois que *pûéra* é tambem particula de preterito, mudado o *c* de *cûéra* em *p*. Sem duvida, nesse lugar existiu alguma aldêa; e então a palavra *Y-tacûéra* foi applicada ao ribeirão ».

ITACOLOMY. Morro granitico, no mun. de S. Roque e Estado de S. Paulo. « Esta palavra devia ser *Y-taquâ-a-ro-mĩ*, pontas que se occultam umas ás outras. De *y*, relativo; *taquâ*, pontas; *amĩ*, esconder, occultar, com a intercalação de *ro*, para exprimir reciprocidade. Por contracção *Y-taqu'-a-ro-mi*. Allusivo a ter varios picos, occultando-se uns aos outros, nas montanhas » (Dr. J. Mendes de Almeida). « *Itaculumim*, diz o Dr. T. Sampaio, corr. de *itá-curumim*, o menino de pedra, o filho da pedra, ou a pedra e seu filho; allusão a ser o pico, que tem esse nome, formado de um grande bloco rochoso, tendo ao lado um outro muito menor, como se foram mãe e filho ».

ITACOLUMÉ. E' o outro nome dado ao Iguatemy (Vide esse nome). « *Itacolumé*, corruptela de *I-tacu-roi-imé*, contrahido em *I-tacú-roi-'mé*, agua nem quente nem fria. De *î*, agua; *tacú*, quente; *roi*, frio; *imé*, negação » (Dr. João Mendes de Almeida).

ITACOROBY. Arroio do Estado do R. G. do Sul, banha o mun. de S. Borja e desagua no rio Camaquan. Tambem escrevem *Itacuruby*.

ITACUÁ. Praia no mun. de Ubatuba e Estado de S. Paulo. *Ytá-cuá*, cintura de pedra. De *ytá*, pedra; *cuá*, cintura, meio entre os extremos. Allusivo a estar esta grande pedra no meio da praia, como que cinturando-a. Tambem escrevem *Itaquá*.

ITACURAÇÁ. Campos e terras, no mun. do Cunha e Estado de S. Paulo. « *Itacuraçá*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Ytá-curú-açái* por contracção *Ytá-cur'-açái*, pedregal esparzido. De *ytá-curú*, pedregal; *açái*, estender, esparzir ».

ITACURUBA. Composto de *itá-curuba*, fragmentos de pedra, pedrinhas, cascalho; alt. *itacurú* (Dr. T. Sampaio).

ITACURUSSÁ. Lagôa na ilha Cardoso, mun. de Cananéa e Estado de S. Paulo. « Esta palavra é corruptela de *I-tacú-roi-çáî*, agua quente, no verão. De *i*, agua; *tacú*, quente; *roi*, frio; *çáî*, cessar; sendo que *roi-çáî*, significa cessação do frio ou verão. Com effeito, a agua desta lagôa, um pouco turva, é tepida durante o verão. Alguns a consideram rio, porque, em certas occasiões, rompe os comoros de areia e faz barra para o oceano; e, então, esvasia-se tanto, que os pescadores apanham á mão os peixes, quasi em secco » (Dr. J. M. de Almeida). « *Itacuruçá*, diz o Dr. T. Sampaio, é composto de *itá-curuçá*, a cruz de pedra ou de ferro ».

ITACURUTIBA. Planalto além do ribeirão Tatuapé, ao lado da margem dir. deste; no mun. da capital do Estado de S. Paulo. E' no caminho da Penha de Franca. Divide as aguas dos ribeirões Tatuapé e Aricanduva. « *Ytá-curú-tib-a*, cascalhal. De *ytá-curú*, cascalho; *tib*, logar das cousas por natureza, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. Allusivo a ser alli deposito natural de cascalho » (Dr. J. M. de Almeida).

ITACYRA. Subs., a enxada.

ITAEM. Composto de *itá-em*, pedra hume (Dr. T. Sampaio).

ITAETÊ. Composto de *itá-etê*, ferro verdadeiro, o aço (Dr. T. Sampaio).

ITAGUABA. Composto de *itá-guaba*, a comida de pedra ou de barro, isto é, a pedra ou barro que serve de comida aos animaes; é o que o vulgo denomina *barreiro*, ponto da margem do rio onde os animaes vem lamber a terra salgada ou salitrada. Vide *Guaba* (Dr. T. Sampaio).

ITAGUAÇABA ou TACASAVA. De *itagua*, *tayua*, barro vermelho; *çaba*, cavado (Martius). « *Itaguaçaba*, corruptela de *Ytá-qûa-çaba*, pedra furada. De *ytá*, pedra; *qûa*, o mesmo que *quar*, ter buraco, mudado o *r* final em *ç*, conforme a licção do padre Luiz Figueira (*obr.* cit.)... » (Dr. J. M. de Almeida).

ITAGUAHY. Ant. *Taguahy*, composto de *taquá-y*, rio do tauá; pode ser ainda *itá-guá-y*, rio do valle das pedras; pode tambem ser *itá-aguá*, chocalho de ferro; como pode

ser *itaguá-y*, de que *itaguá* é a contracção de *itaguaba*, barreiro, e, portanto, *itaguá-y*, rio dos barreiros; Rio de Janeiro. (Dr. T. Sampaio). Segundo Martius significa — agua de barro vermelho.

ITAGUAPUÁ. Pedras ou penhascos empinados, entre a estação do Lageado e a pov. denominada Baruel; no mun. de Mogy das Cruzes e Estado de S. Paulo. Esta palavra é corruptela de *Ytá-áqûá-puã*, penhasco empinado. De *ytá-áqûá*, penhasco; *puã*, empinar, levantar. Com effeito, ha nesta região muitas pedras grandes, levantadas ou empinadas.

ITAGUASSÚ (pedra grande). Ribeirão do Estado de S. Paulo. affl. da margem dir. do Poti; no mun. de Mogy das Cruzes.

ITAHI. Rio do Estado do Pará, banha o territorio do Aricary e desagua na margem dir. do rio Amapary ou Mapary, trib. do Araguary. Tambem escrevem *Itahy*.

ITAHIM. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do ribeirão Juquery-mirim, trib. do rio Juquery, que o é do Tieté.

ITAHIM. Rio do Estado de S. Paulo, banha o mun. do Parnahyba e desagua na margem esq. do Tieté.

ITAHIM. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Guayó, trib. do Tieté; no mun. de Mogy das Cruzes.

ITAHIM. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Juquery; no mun. do Parnahyba. Em seu principio tem o nome de Cajú. Recebe o Paiol Velho.

ITAHIM. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do ribeirão Jacurú; no mun. de S. Paulo (Dr. João Mendes).

ITAHIM. Corrego do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Mogy das Cruzes e desagua no ribeirão Taiassupeva-mirim, só ou reunido ao Itrapuá.

ITAHIM-MIRIM. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Itahim-guassú, trib. do Tieté; no mun. do Salto de Itú. « A palavra *Itahim*, diz o Dr. Theodoro Sampaio, é corrupção de *itá-im*, a pedra pequena, a pedrinha, conchinha; corr. *itá-ib*, torre, campanario, columna de pedra ».

ITAHYPE. No rio das pedras; de *itá-y-pe*.

ITAIASSUPEBA ou **ITAYASSUPEVA.** Nome tambem dado pelos indigenas ao morro Caguassú, proximo á cidade de S. Paulo; no Estado deste nome. « *Itayassupeva*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Ytá-uaçú-pe-bae*, chapada, chapadão. De *ytá*, pedra, penha; *uaçú*, grande, formando uma só palavra — *ytá-uaçú* ou *itá-guaçú* — penhasco, penha alta; *pê*, ser chato, com a particula *bae* (breve), para formar participio e significando — o que— ». O Dr. Theodoro Sampaio escreve *Tayaçupeba*.

ITAICY (pedra despedaçada). Morro pedregoso que força o rio Jundiahy a mudar bruscamente de direcção; entre os muns. de Jundiahy e Indaiatuba, no Estado de S. Paulo. « *Itaicy*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Ytá-y-ci*, penha despedaçada. De *ytá*, pedra, penha, morro granitico; *y*, particula que precedida do verbo neutro significa — se —; *ci*, despedaçar, fazer pedaços; isto é, penha que se despedaçou, com referencia á acção propria da cousa ».

ITAIMBÊ. Composto de *itá-aimbê*, pedra aspera, penedo afiado, cortante, ponteagudo (Dr. T. Sampaio).

ITAIOBAIA. Morro do Estado do E. Santo, entre Anchieta e Guarapary.

ITAIPAVA. Corredeira no rio Paranapanema, logo abaixo do salto Ytapucú; no Estado de S. Paulo (Vide *Itapucú*, salto). E' esta palavra corruptela de *Ytá-peba*, logar de pedras, arrecifes, baixios. Ha ahi entre os arrecifes um canal unico, estreito e ingreme, com correnteza violenta. A descida é perigosa; e a subida é impossivel para canôas carregadas.

ITAIPAVA. Pequena corredeira formada pelo rio Pomba em frente á cidade de Santo Antonio de Padua.

ITAIPAVA. Accrescente-se no fim: O Dr. Theodoro Sampaio, no seu trabalho — *O tupi na geographia nacional* —, diz: « *Itaipava* compõe-se de *itá-ipaba*, elevação de pedra, travessão rochoso, recife, dique através da corrente do rio ». Vide *Bariry*.

ITAIPÊ. Logares nas serras em que ha planos superpostos, uns aos outros até o cume, formando como escadaria em amphitheatro. A serra do Mar é assim em varios logares. *Itá-ipê*, muitos planos apoiados uns sobre outros. De *itá*, armação, estantes, pilares, em geral o que se apoia em outros; e *ipê*, muitos.

ITAIPÚ. Ponta granitica que fecha a barra grande de Santos e de S. Vicente, pelo lado do S.; no Estado de S. Paulo. « *Itaipú*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Ytá-apiy*, ponta de pedra. De *ytá*, pedra; *apiy*, soando; *apú*, ponta, ponteagudo ». Na mesma barra de Santos ha um morro denominado *Itaipú*.

ITAITUBA. Lagôa no mun. de Iguape do Estado de S. Paulo. E' a margem esq. do rio Ribeira de Iguape. « *Itaituba*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Ytá-tib-a*, logar de conchas. De *ytá*, concha; *tib*, para exprimir logar peculiar de cousas com o accrescimo de *a* (breve). O *i* tem som guttural. Mas *ytá* neste nome não é qualquer concha; é a grande, com a côr e o brilho da madriperola. Serve de colher; por isso os indigenas, ao verem a colher, disseram logo *ytá*. Com effeito, nessa lagôa abundam as conchas grandes e brilhantes ».

ITAITUBA. Villa do Pará. Em logar de villa leia-se cidade e accrescente-se no fim: Foi elevada á cidade pela Lei n. 684 de 23 de março de 1900.

ITAJUBÁ. Não se trata de *ytá-yû-hob-á*, pedra amarella que dá folhas e grãos, ou simplesmente *ytá-yú*, pedra amarella, como os indigenas nomeiam o ouro. De *ytá*, pedra; *yû*, ser amarello; *hob*, folhas; *a*, grão, cousa corporea, pedaço de metal, fructo, cabeça, inchação. Por contracção *Ytá-yû-'ob-á*. *Itajubá*, nome do affl. do rio Una d'Aldêa é corruptela de *Ytá-iupá*, pedras e lagôas. De *ytá*, pedra; *iupá*, lagôa. Allusivo a ter muitas pedras no leito, e a formar lagôa em varios logares. Corre em terreno charcoso; mas é veloz na correnteza (Dr. J. M. de Almeida. *Dicc.* cit.).

ITAJUBÁ. Rio do Estado de Santa Catharina, na estrada entre Paraty e Itajahy.

ITAJUBÁ. Rio de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Desagua pela margem esq. "Não se trata de *ytá-yû-hob-á*, pedra amarella que dá folhas e grãos, ou simplesmente *ytá-yû*, pedra amarella, como os indigenas nomeiam o ouro. De *ytá*, pedra; *yû*, ser amarello; *hob*, folha; *á*, grão, cousa corporea, pedaço de metal, fructo, cabeça, inchação. Por contracção *Ytá-yû-'ob-á*. *Itajubá*, nome deste affl. do rio Una da Aldêa, é corruptela de *Ytá-iupá*, pedras e lagôas. De *ytá*, pedra; e *iupá*, lagôa. Allusivo a ter muitas pedras no leito, e a formar lagôas em varios logares. Corre em terreno charcoso; mas é veloz na correnteza" (Dr. J. M. de Almeida). "*Itajubá*, composto de *itá-yubai*, metal muito amarello; o ouro; corrupção de *ita-gybá*, braço de ferro" (Dr. T. Sampaio).

ITAKY. Geralmente escripto *itaquy*, composto de *itá-ky*, pedra aguçada, ou afiada, pedra de amolar machado (Dr. T. Sampaio).

ITAMARACÁ. Composto de *itá-maracá*, maracá ou chocalho de metal, o sino, a campa; Pernambuco (Dr. T. Sampaio).

ITAMARATY. Ilha do Estado do Pará, no mun. de Affuá, no rio Amazonas.

ITAMARATY. Este vocabulo significa pedra branca ou alva. E' corrupção de *itá-marôti.*

ITAMBAL. Igarapé do Estado do Pará, no territorio de Aricary. Desagua no furo que do lago das Duas Boccas vai ao lago Amapá.

ITAMBÉ. Morros da serra Matto Grasso; no mun. de Batataes do Estado de S. Paulo. "*Itambé,* diz o Dr. João Mendes, corruptela de *Ytá-mb-ẽ,* penha ôca. De *ytá,* pedra, penha; *mb,* intercalação nasal; e *ẽ,* ôco, concavo. Allusivo a terem grutas e cavernas". Vide *Itaimbé.*

ITAMBÉ. Cascata lindissima, no mun. do Cunha e Estado de S. Paulo. Fica a tres e meia leguas da cidade. E' em linha recta, em degráus ou pequenos saltos, na extensão de 200 metros mais ou menos. O ultimo salto tem a altura de mais ou menos 50 metros. Do primeiro ao nivel do ultimo a altura é de 250 metros. O ribeirão que a forma traz o mesmo nome. "*Itambé,* diz o Dr. João Mendes, corruptela de *Hetá-am-pé,* mudado o *p* em *b* por causa do som nasal de *am,* formando, por contracção, *Het'-am-bé,* muitos degráus. De *hetá,* muitos; *am,* em pé, erecto, perpendicular; *pé,* esquina de pedra, de madeira, etc." A respeito do morro, diz ainda o referido Dr. João Mendes: "*Itambé,* corruptela de *Ytá-mb-ẽ,* penha ôca. De *ytá,* pedra, penha; *mb,* intercalação nasal; *ẽ,* ôco, concavo. Allusivo a ter grutas e cavernas". Vide *Itaimbé.*

ITAMBÚ. Vocabulo tupi, composto de *itá-ambú,* que significa pedra sonora.

ITAMEMBECA. Composto de *itá-membeca,* pedra ou metal molle, chumbo (Dr. T. Sampaio).

ITAMETARA. Composto de *itá-metára,* ornato de pedra ou de metal, batoque de pedra (Dr. T. Sampaio).

ITAMIRINDYBA. Composto de *itá-mirim-dyba,* cascalheira, seixal, pedrinhas em abundancia (Dr. T. Sampaio). No Estado de Minas Geraes diz-se *Itamarandiba.*

ITAMOMBUCA. Contracção de *Ytá-mombugca,* pedra furada de ambos os lados. De *ytá,* pedra; *mombugca,* furar de um ao outro lado, perfurar, com o accrescimo de *ca* (breve), para formar supino (Dr. J. M. de Almeida. *Dicc.* cit.).

ITAMUMBUCA. Rio de S. Paulo. Accrescente-se no fim: "*Itamombuca,* diz o Dr. J. M. de Almeida, contracção de *Ytá-mo-mbugca,* pedra furada de ambos os lados. De *ytá,* pedra; *mombugca,* furar de um ao outro lado, perfurar, com o accrescimo de *ca* (breve), para formar supino. Allusivo a formar sua foz, furando uma penedia" A praia ahi tem o mesmo nome.

ITANDUBA. Ilha do Estado do Pará, no mun. de Cametá.

ITANGUÁ. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Parahyba; no mun. de Mogy das Cruzes. "*Ytá-anguá,* diz o Dr. João Mendes, por contracção *Ytá-nguá,* pedra cavada. De *ytá,* pedra, *anguá,* cousa cavada, á semelhança de pilão, almofariz, morteiro. Allusivo a terem no leito pedras cavadas, formando poços ou caldeirões".

ITANGUÁ-MIRIM. Rio do Estado de S. Paulo, affl. do Itanguá, que o é do Sorocaba.

ITANHAEM. Vide Accrescimos e Correcções no IV Vol.

ITANHAEN. Rio e cachoeira de S. Paulo. Accrescente-se no fim: O Dr. João Mendes de Almeida, descrevendo o rio, diz: "*Itanhaen,* segundo Martius, em seu *Gloss. Ling. Bras.,* significa bacia de pedra, ou pedra que sôa! Outros querem dar por origem ao nome Itanhaen, o morro sobre o qual foi edificado n'aquella região o convento da Ordem Franciscana; porque *ytá,* pedra, morro; *nhaen,* concavo. A verdade, porém, é outra. *Itanhaen,* corruptela de *Ytã-nhã-ẽ-î,* conchas amontoadas á foz. De *ytá,* conchas; *ñã* ou *nhã,* aggregar, juntar, agglomerar, reunir, amontoar; *hẽ* o mesmo que *cẽ,* sahida, e com referencia a cursos d'agua, foz; *i,* posposição significando — em —. Allusivo aos baixios de conchas e comoros de areias movediças que se formam á sua foz, permittindo que a penetrem somente pequenas canôas. O celebre chronista franciscano, frei Antonio de Santa Maria Jaboatam, em seu *Novo Orbe Serafico Brasilico,* escreveu *Itanhaem,* certamente com mais correcção do que os que escrevem *Itanhaen.* O som de *Ytá-nhan-hẽ-î* é mesmo *Itanhaem.*" A respeito da cachoeira diz: "*Itanhaen,* corruptela de *Etá-nhaen,* muitos canaes. De *etá* ou *hetá,* muitos; *nhaen* ou *ñaẽ,* concavidade, canal. Allusivo a dar varias passagens por entre as rochas eruptivas que a formam" "*Itanhaem,* diz o Dr. Theodoro Sampaio, composto de *ita-nhaê,* bacia de pedra, vaso de metal, panella de ferro".

ITANIMBÓ. Composto de *itá-nimbó,* fio de ferro ou de metal, arame (Dr. T. Sampaio).

ITANS. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Vianna, á margem do lago do seu nome, a 18 kils. a E. de Vianna, com sete casas de telha, 80 de palha, uma capella de S. Sebastião e 800 habs.

ITAOBIM. Pedra verde, esmeralda; composto de *itá-obi.*

ITAÓCA. Morros, onde nasce o rio Pirapora, á cuja margem está situada a villa da Piedade, no mun. de Una do Estado de S. Paulo. Estes morros trazem o nome de *Casa de pedras,* por conterem grutas ou cavernas, algumas das quaes tem espaço para abrigar cem a tresentas pessoas. Ha ahi *aguas virtuosas.* "Não se trata da *itá-óca,* casa de pedra, diz o Dr. J. M. de Almeida. *Itaóca,* nome desses morros, é corruptela de *Ytá-óó quã,* pedras enormes. De *Ytá,* pedra; *óó,* grande, grosso, enorme; *quã,* particula do plural, pronunciado breve e corrido. Allusivo á formação desses morros por enormes rochedos". "*Itaoca,* diz o Dr. T. Sampaio, composto de *itá-oca,* casa de pedra, caverna, furna, lapa".

ITAOCARA. Composto de *itá-ocara,* terreiro ou praça calçada de pedra (Dr. T. Sampaio).

ITAOCARA. De Cantagallo dirigi-me para a villa de Itaocara. Passei pelas estações do Gavião, de Santa Rita no kilometro 26 (de Cordeiro), á margem do rio de seu nome, affluente do rio Negro; Boa Sorte, no kilometro 36; Laranjeiras, no kilometro 51, á margem do Ribeirão das Arêas, affluente do rio Parahyba; Batatal, no kilometro 58, e Itaocara no kilometro 66.

E' Itaocara uma pequena villa, cuja topographia é bonita. Assentada em um terreno quasi plano com uma fraca elevação para o centro, onde fica a praça Quinze de Novembro, á margem direita do rio Parahyba do Sul, que ahi fórma as ilhas do Rosario, do Santissimo Sacramento e Municipal (antigamente das Bananeiras); volteada a sul, éste e oeste pelos morros Santo Antonio, Pedro Bonnard e S. João; atravessada pelos corregos Vallão de S. João e Santo Antonio, ambos affluentes do Parahyba, em frente á enorme pedra que lhe deu o antigo nome de Aldêa da Pedra; e atravessada pela Estrada de Ferro Leopoldina, que nella tem uma estação.

A pedra, que deu o nome a antiga povoação, fica na margem esquerda do rio Parahyba, em territorio pertencente ao municipio de Santo Antonio de Padua, e tem a configuração de um animal deitado com a cabeça erguida e o dorso empinado ao nivel da cabeça.

As ruas da villa, em numero de oito, são denominadas: Dr. Porciuncula, Marechal Floriano, S. José, Municipal, Santo Antonio, Silva Jardim, Dr. Sebastião Barroso e Dr. Mauricio de Abreu.

Dellas são bastante largas as duas primeiras, as outras estreitas e a do Dr. Sebastião Barroso estreitissima. Todas ellas sem calçamento, excepto parte da rua S. José, com passeios de pedra e illuminadas a kerozene.

Tem duas praças: a Quinze de Novembro, vasta, alta e muito regular, com a Matriz; e a Marechal Deodoro, onde se acham a capellinha de Santo Antonio, construida em 1883, e o edificio da estação da estrada de ferro.

Os predios, em numero de 213, são quasi todos velhos, terreos e muitos damnificados.

A população, em numero de 1.200 almas, é pouco amiga do trabalho, e, em consequencia da ociosidade em que vive, entrega-se á pratica dos mais graves delictos.

A villa não tem esgotos, nem agua canalisada, utilisando-se a população da pessima agua do rio Parahyba.

O commercio é insignificante. E' representado por duas pharmacias, quatro padarias, tres alfaiatarias, cinco sapatarias, dous hoteis, um bilhar, dous barbeiros e dezesete casas de fazendas e molhados. Ha ainda uma usina de beneficiar café.

Não tem um só edificio importante.

A Camara funcciona em uma casa terrea, na rua Santo Antonio, em um dos extremos da villa.

Tem além da sala de sessões do jury, a sala de sessões da Camara, com o retrato do Dr. Portella, e a exactoria. Está pessimamente situada, estendendo-se nos fundos da casa o vallão S. João, cujas aguas tocam as paredes do predio.

A Matriz é um templo pauperrimo. Fica situada na praça Quinze de Novembro, no ponto mais elevado da villa e com a frente voltada para o oriente. Tem apenas o altar-mór, em cujo throno se vê S. José de Leonissa, abaixo S. Sebastião, Santa Cecilia, Nossa Senhora do Rosario e S. Fidelis, e dos lados S. Benedicto e Santo Antonio. No corpo da igreja ha dous altares, apenas começados, com o Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores.

Do livro do Tombo da parochia copiei esses dous documentos, que me parecem importantes. Vão com a orthographia do original:

"Frei Thomas da Cidade de Castella miscionario Italiano veio para esta Freguezia de S. José da Lionessa no anno de 1806. No mesmo anno Frei Thomas foi no Rio de Janeiro pedir proteção ao Exmo. Snr. D. Marcos, Conde de arcos, Vice-Rey, para vistuario para os indios, ferramentas e algum dinheiro para fazer a egreja e Casas para morar, o que tudo lhe foi Concedido".

"José, Bispo do Rio de Janeiro. Provisam em que V. E. Rma. Ha por bem prover a nova Parochiallidade da Aldeia de S. José de Leonessa das margens direita do Rio-Parahiba com os Parochos o Reverendo Pe. Fr. Thomaz de Castello, Riligioso Capuchinho, e Antonio Martins Vieira Presbitero secular por tempo de tres annos e o mais que nella se declara. P.ª V. E. Rma. ver e assignar. Registrada no Livro competente da Vara a f. 11. Cantagallo, 30 de Novembro de 1812. Fernandes José Florido da cidade de Castella."

Possue mais a villa a cadêa, á margem do rio Parahyba, um lazareto, na ilha Municipal, matadouro, a menos de um kilometro da povoação, e cemiterio, no morro de Santo Antonio, á margem da estrada que segue para o Vallão da Onça.

O municipio limita-se com Padua, S. Fidelis, Cambucy, Cantagallo e S. Sebastião do Alto.

Comprehende os districtos da villa, Estrada Nova e Tres Irmãos e as seguintes estações: Laranjeiras, Batatal, Itaocara, Portella, Tres Irmãos (do lado esquerdo do Parahyba) e Vieira Braga.

E' percorrido pelas seguintes serras: das Pias, Vermelha, Escura, Ipituna, além de outras, e banhado pelos rios Parahyba, Negro, Dous Rios, Arêas, Agua Preta, Papagaio e Santo Antonio.

Os terrenos do municipio são, em geral, de grande uberdade. A parte elevada, mais ou menos montanhosa, é constituida de terra massapé roxa, propria para café, e a parte plana, de terreno de alluvião, muito proprio para cultura de cereaes.

Continúa o municipio a produzir bastante café, depois de ter desapparecido uma celebre praga que durante alguns annos assolou aquella região, como outras do norte do Estado, e que quasi arrastou ao desanimo os cultivadores da famosa rubiacea.

A cultura da canna, que veio em parte substituir a do café praguejado e que prosperou extraordinariamente, tende a diminuir um pouco em consequencia do baixo preço a que obrigaram os productos de tão preciosa graminea.

Comtudo ha ainda plantações mais que sufficientes para a producção do assucar, rapaduras e aguardente para o consumo local e mesmo para supprir os municipios vizinhos.

Alguns lavradores enviam a canna á grande usina *Engenho Central Rio Negro*, situada na fazenda das Laranjeiras e pertencente ao municipio.

Produz o municipio abundantemente milho, feijão, arroz, mandioca, batatas e outros generos da pequena lavoura; havendo quasi sempre superabundancia de mantimentos, que os habitantes exportam e aproveitam para a engorda de suinos e criação de aves, de que fazem grande commercio.

Ainda no anno proximo passado (1901) foi enorme a exportação de milho.

Existem muitas caieras, que produzem cal superior para exportação, extrahida de jazidas de calcareo existentes na cordilheira que divide as aguas que vertem para os rios Parahyba e Negro, a começar de Santa Rita de Cantagallo, passando pelas Pias, Serra Vermelha, Vallão da Onça até á margem direita do rio Parahyba

Além das escolas estaduaes, a Camara mantém escolas em Laranjeiras, Batatal, Estrada Nova, Portella, Vallão dos Porcos e Vallão de Cayacá.

Sobre sua fundação sabe-se do seguinte: Depois de varias tentativas para o estabelecimento de uma aldeia de indios Purys, marcou D. Marcos de Noronha, Conde de Arcos, nas margens fertilissimas e amenas do Parahyba, perto da confluencia do rio Pomba, o local para o estabelecimento da aldeia, sob a denominação de S. José de D. Marcos (Monsenhor Pizarro, *Memorias Historicas*, tomo V, cap. II, pag. 229).

Bastante contribuiu para o estabelecimento dessa aldeia o capuchinho italiano Frei Thomaz de Civitá Castillo, a quem a portaria de 24 de fevereiro de 1808 encarregou da parochiação dos indios, sendo a capella que ergueu erecta em curato em visita episcopal de 21 de novembro de 1812 sob a invocação de S. José de Leonissa da Aldeia da Pedra e elle nomeado primeiro cura (Monsenhor Pizarro).

A lei provincial n. 500 de 21 de março de 1850 elevou-a a parochia com o nome de Leonissa.

Foi elevada á categoria de villa com o nome de Itaocara pelo decreto n. 140 de 28 de outubro de 1890, do Governador Dr. Portella.

Itaocara é, segundo o Dr. Theodoro Sampaio (*O Tupi na Geographia Nacional*. S. Paulo, 1901), composto de *itá-ocara* e significa — terreiro ou praça calçada de pedra. Outros dizem significar Itaocara *Aldeia da Pedra*.

ITAPACOROYA. Corr. *itapê-corõi*, lage que emerge, rochedo que surge; abrolhos; nome de uma enseada em Santa Catharina (Dr. T. Sampaio). Alt. *itapacoroy*.

ITAPAGYPE. Arrabalde da capital do Estado da Bahia. Em julho de 1902 assim descrevi-o pelo jornal *A Tribuna:*

Desde muito que eu sentia desejos de visitar Itapagype, povoação que fica por detrás da ponta de Monte Serrate para quem entra na bahia do Salvador.

No dia 21 de maio tomei na estação do Elevador o bond electrico, que após um percurso de 9.732 metros conduziu-me ao logar denominado Roma.

Nessa extensão vi as igrejas do Pilar e da Santissima Trindade, a Casa Pia S. Joaquim, a igreja dos Mares, o bello predio do commendador Manuel José Bastos, talvez o melhor da cidade, o gazometro, uma fabrica de tecidos, a fundição da Jequitiaia, a estação da estrada de ferro, a fabrica de cigarros de Leite & Alves e uma fabrica de pregos.

Em Roma ficam a estação e usina dos bonds electricos e uma fabrica de phosphoros. E' tambem ahi que começam as estradas da Arêa e Ramos de Queiroz e onde a linha de bonds se bifurca em linha da Boa Viagem e linha de Dendezeiros, correndo separadas até á Baixa do Bomfim, onde tornam a reunir-se.

Tomei a linha de Dendezeiros, deixando na entrada da Boa Viagem o predio do barão de Geremoabo, uma fabrica de calçado e defronte o hippodromo S. Salvador.

A rua, por onde corre o bond de Dendezeiros, termina na Baixa do Bomfim, em cujo alto ficam a poetica capella d'esta invocação, o hospital portuguez e o collegio orphanologico de Jesus, Maria, José.

Neste ponto, tem seu inicio o suburbio de Itapagype.

Passei pela rua Travassos, largo do Papagaio, rua Dous de Julho, largo da Madragôa, rua do Rosario, com a capella deste nome, Porto dos Tainheiros, praça Visconde do Rio Branco, onde houve um forte, avenida Dr. Freire de Carvalho Filho, com uma capellinha do antigo engenho de Itapagype, uma fabrica de tecidos, chegando finalmente á matriz da Penha.

Esta igreja, com a face voltada para o norte, fica na ponta do seu nome, que é separada da ponte José Lopes pelas pequenas enseadas do Poço e do Bugarim.

A igreja foi edificada em 1742 pelo arcebispo D. José Botelho de Mattos, que igualmente construiu junto a ella um pequeno palacio de recreio com um passadiço que vai ter ao coro.

Está muito arruinada exteriormente, tem uma só torre, quatro janellas e uma porta.

No altar da capella-mór fica a imagem do Bom Jesus da Pedra, e, abaixo, em tres nichos, Nossa Senhora da Penha, ladeada por S. Joaquim e Sant'Anna e o Sacrario.

No presbyterio encontra-se uma sepultura com a seguinte inscripção:

« Sepultura do Exm. e Revdm. Sr. D. José Botelho de Mattos, arcebispo metropolitano da Bahia, que chegou a ella aos III de Mayo de

MDCCXLI

e falleceu a XXII de Novembro de

MDCCCLXVII »

No corpo da igreja ha dous pulpitos, dous confessionarios, o coro com um harmonium e seis altares com a Senhora da Conceição, o Senhor Resuscitado, Nossa Senhora de Lourdes, S. José, Nossa Senhora das Dores e o Sagrado Coração de Jesus.

Itapagype está situado em uma grande peninsula que termina nas pontas da Penha, Pedra Furada e Monte Serrate e a oeste da povoação da Plataforma, da qual é separada pela enseada de Itapagype.

Tem as enseadas do Porto dos Tainheiros, Porto dos Mastros, com uma fabrica de chales, Poço, Bugarim, Penha e Ribeira. Defronte do Porto dos Tainheiros fica a ilha de Joannes ou Joanna e em frente á Massaranduba a ilha de Santa Luzia e a enseada dos Fiaes.

Itapagype é mais bonita vista de longe do que de perto. Não tem a imponencia, nem a grandeza do Rio Vermelho; é, entretanto, um dos arrabaldes bonitos da cidade.

Fica assentado sobre um terreno plano. Suas ruas são mais ou menos sinuosas, estreitas, algumas calçadas de pedras, denominadas *coração de negro*, algumas sem calçamento, illuminadas a gaz e com predios quasi todos terreos e alguns de gosto moderno.

A enseada da Ribeira é o seu ponto mais commercial; ahi se reunem diariamente vendedores de peixe, lenha, carvão, louça de barro, madeiras, productos da pequena lavoura e canoeiros que transportam passageiros para a Plataforma. Ahi tambem abicam vapores da companhia Bahiana, para receberem concertos nas officinas da mesma companhia.

Nella ergue-se um pardieiro, em forma de capella, que a Intendencia deve quanto antes mandar demolir, levantando um pequeno monumento sobre a sepultura de D. Marcos Teixeira, 5º bispo do Brasil, ahi inhumado.

O logar mais aprazivel da povoação é o Porto dos Tainheiros, que tem um caes em parte gradeado de ferro. Do outro lado, e defronte delle, ha uma serie de collinas pouco elevadas, offerecendo a quem as contempla um risonho panorama.

Itapagype, antigamente Tabagype, é, segundo o Dr. Theodoro Sampaio, um vocabulo tupy composto de *ta-pa-gy-pe*, e significa *no rio da aldeia*.

Em canôa transportei-me para o outro lado de Itapagype, onde fica a povoação de Plataforma, com uma estação da estrada de ferro da Bahia a Alagoinhas.

Esta povoação fica situada entre os morros de S. João e S. Braz. Contém umas 900 casas e quatro fabricas, das quaes sómente duas estão funccionando, uma de calçados e outra de tecidos com 400 operarios e provisoriamente com 250 teares.

Encostado á povoação fica o lagarejo denominado S. João, onde começa uma grande ponte de ferro com 542 metros de extensão e que termina no logar Lobato. Defronte fica-lhe o logar Cabrito, com uma fabrica de cortume.

Plataforma constitue um districto que comprehende os logares S. Braz, com uma capella, Bate Estacas, Bello Monte, Sertão, Mabaça, S. João, Cobre, banhado pelo riacho do seu nome, e Ilha Amarella.

No logar em que está hoje o deposito de calçado, em Plataforma, existiu uma casa, onde, disseram uns antigos moradores, nasceu o Dr. Ruy Barbosa.

Nascesse ou não, o que não deixa de ser certo é que nessa casa residiu por muito tempo o illustre estadista.

Sobre a capella da Conceição, diz o Sr. F. Vianna: "Data do principio do seculo XVII a capella de N. S. da Conceição do Engenho de Itapagype de Cima, fundado por Francisco de Medeiros e Antonio Cardoso de Barros, provedor-mór da fazenda.

E' pequena e insignificante mas de grande importancia historica, por nella se ter sepultado o bispo D. Marcos Teixeira, fallecido durante as luctas contra os hollandezes, a 8 de outubro de 1624.

A este respeito houve grande controversia entre os chronistas e historiadores da Bahia, asseverando uns que o Engenho da Conceição, onde foi enterrado o bispo, é ainda hoje assim chamado, em que se acha a penitenciaria, destruido em 1822 pelas tropas luzitanas, o que não é bem possivel, por que sua creação data de tempos muito posteriores a 1624; e outros asseveram ser esta capella uma das do corpo da igreja-matriz da Penha".

Mão piedosa collocou ha poucos annos sobre a sepultura do prelado uma lapide com uma inscripção.

ITAPANHAÚ. O Dr. J. Mendes de Almeida, em seu *Dicc. Geogr.*, diz: "Nasce na serra maritima, formando uma cachoeira; tem curso de sete leguas mais ou menos; e, desde a barra do ribeirão Itutinga é navegavel para embarcações de calado de 15 a 20 palmos. Desagua no canal Bertioga, um quarto de legua distante da barra deste canal. *Itapanhaú*, corruptela de *Y-tã-pã-ñãũ*, estrondos lunares. De *y*, relativo; *tã*, syncope de *tatã*, forte, duro; *pã*, golpe, pancada, ruido de golpe; *ñãũ*, o mesmo que *aû*, lunar. Allusivo a grandes estrondos que ha na cachoeira, nos plenilunios: e, coincidindo os temporaes com os plenilunios, o povo, ignorando a lingua tupi, acredita que aquelles estrondos na cachoeira procedem das tempestades no oceano. Nessas occasiões, o rio avoluma e agita suas aguas, e estas derramam-se na varzea que o margina".

ITAPANHOAPINDÁ. O Dr. João Mendes de Almeida diz: "*Itapanhuapindá*, corruptela de *Y-tá-pan-hû-api-nd-á*, picos escalvados, vulcanicos. De *y*, relativo; *tá*, contracção de *tatá*, fogo; *pan*, golpe, choque; *hû*, revolução interior, esforço por vomitar; *apĩ*, ser escalvado, descarnado, rapado; *nd*, intercalação por ser nasal a pronuncia desse verbo; *á*, cabeça, pico, ponta elevada, inchação, grão. A traducção litteral deve ser — picos escalvados, em revolução interior, com choques e fogo. Allusivo a ser de natureza eruptiva, bem o mostrando nos picos escalvados, no ruido interior como que esforçando-se por vomitar, e nas evaporações. Deste serrote nasce um ribeirão, que tem nome quasi identico no som, mas muito diverso no significado, segundo o systema usado pelos indigenas para as denominações de logares na mesma região. O ribeirão é conhecido tambem pelo nome de *Itapanhuapindá*, corruptela de *Ytá-apayûá-apĩ-nd-á*, por contracção, *Ytá-'payûá-'pĩ-nd-á*, pedras inteiras e quebradas, revolvidas. De *ytá*, pedra; *apayûá*, revolver, enredar, confundir, pegar uns com outros; *apĩ*, cortar, quebrar, mutilar, britar; *nd*, intercalação para ligar *apĩ*, que tem pronuncia nasal, a *á*, inteiro, sem partir, assim usado em composições. Allusivo a ter o leito obstruido com pedras inteiras e quebradas, em confusão ou revolvidas".

ITAPARICA. Composto de *itá-pari*, cercado de pedra, curral feito de pedra, recinto fechado de pedra; Bahia (Dr. T. Sampaio).

ITAPARICA. Senti a mais agradavel impressão ao visitar tão pittoresca cidade, hoje em uma decadencia que contrista.

Perola atirada em meio da explendida Bahia pelas mãos benevolas do Creador, as vagas que vêm expirar em suas alvas praias parecem soltar sentidos queixumes pelo abandono em que a deixam viver.

Pobre e desventurada Itaparica!

Tu, que tens um céo azulado onde campeia o Rei da criação; tu, que és constantemente bafejada pela brisa fresca dos mares, que te cercam; tu, que tens as tuas alvacentas costas cheias de recortes, formando poeticas enseadas; tu, que tens um sólo feracissimo, cujos seios se rasgam para fazerem surgir mangueiras colossaes que, entrelaçando as hastes, formam capellas que offertas ao Creador; tu, que tens um clima purissimo e saluberrimo que arrebata das garras da morte a tantos seres que vertiginosamente cami-

nhavam para ella; tu, a quem inspirado vate, em um momento de alevantada inspiração, qualificou de *meigo sorrir da natureza*, por que te mostras tão abatida e desanimada; tu, que te foste collocar em um dos extremos da Bahia, ás portas desse oceano, que é o mar da civilisação e da grandeza; tu, que lhe ouves o bramir de suas vagas alterosas, que ouves o sibilar do sudoeste impetuoso, que verga a cerviz altiva dos teus frageis coqueiraes!

Sinto profundamente que minha prosa triste, como o dobre funereo dos sinos dos cemiterios, não te possa erguer do teu leito de soffrimento e dores.

Tens em teu seio um mavioso e laureado poeta, João de Britto. Elle bem póde, dedilhando as cordas de sua lyra, erguer-te do leito em que soffres, vestir-te com as mais bellas e custosas roupagens, ornar-te o niveo e gracioso collo com as mais preciosas gemmas e apresentar-te tão seductora como se fôras uma estatua cinzelada por um Phidias genial.

Indulta-me se a descripção que de ti vou fazer fôr pallida e descorada.

Não te queixes de mim; queixa-te de Deus, que deu-me uma intelligencia, que, além de mediocre, está prestes a extinguir-se pelos longos annos de dolorosa peregrinação por este mundo de lutas, agonias e de crueis provações.

A cidade de Itaparica fica na parte septentrional da ilha do mesmo nome, defronte das ilhas do Medo ou do Meio e do Frade, 12 milhas distante da cidade do Salvador, aos 13°16′ de latitude sul e 38°30′ de longitude occidental de Greenwich e em logar plano. Estende-se desde o logar Quintas até á Fonte da Bica.

A cidade é pequena, pouco movimentada e algum tanto triste. A população abandona o serviço da lavoura para entregar-se á pesca, de onde tira immediatos proventos, apezar do risco que corre procurando o mar largo em frageis embarcações.

A industria é nulla, sendo apenas constituida pela fabricação de cal, havendo na cidade tres caeiras; o commercio insignificante.

As ruas são estreitissimas, muito sinuosas, com falta de alinhamento nos predios, sem calçamento, arenosas e quasi todas sem passeios, excepto a rua, por antithese chamada Direita, que apresenta, em um pequeno trecho, largos passeios e cimentados. A rua mais importante da cidade é a denominada Boulevard Monte Negro, larga, com predios regulares, arborisada e com uma muralha que a separa do mar.

Depois que se descobrio serem os ares e a agua da Fonte da Bica proveitosos aos doentes de beri-beri, é que, pela affluencia de individuos atacados de tão terrivel *morbus*, as construcções na cidade tornaram-se mais numerosas, e a edificação das casas tomou outro aspecto. Apezar disso, a cidade apresenta ainda muitos predios terreos antigos e muitos completamente damnificados pela acção destruidora do tempo.

Emfim, a cidade offerece um verdadeiro contraste com a luxuriante vegetação da ilha e com os lindos panoramas que della se gosa. Afigurou-se-me uma dessas seductoras mulheres de formas esculpturaes, coberta de andrajos a esmolar um obulo da caridade publica.

O forte de S. Lourenço, que se ergue junto á ponte do embarque, foi mandado construir em 1711 por D. Lourenço de Almada, no logar onde primeiro Van Sehkoppe, quando em 1647 se apoderou da ilha, tinha levantado um com quatro reductos, tão infructuosamente atacado pelo bravo Francisco Rabello, que soffreu sensivel revez.

A esse forte coube brilhante papel nas guerras da Independencia, quando, a 6 de Janeiro de 1823, foi atacado pelas forças maritimas luzitanas. Além dos canhões que tinha, o Capitão Antonio de Souza Lima, Governador da ilha, foi buscar outros na fortaleza do Morro de S. Paulo, e com elles se bateram os Itaparicanos nos ataques daquelles memoraveis dias de janeiro, com tanto denodo, que o General Labatut fez á guarnição presente de uma bandeira brasileira, a primeira que tremulou na ilha, acompanhado da honrosa ordem do dia, de 13 de janeiro, conferindo por esta razão Pedro I á dita ilha o titulo de — *Denodada*.

Ahi esteve preso, nos dias 19 e 22 de maio daquelle anno, o Coronel Felisberto Gomes Caldeira por ordem de Labatut, o que deu origem á distituição do dito general, que teve de passar o commando do Exercito ao Coronel José Joaquim de Lima e Silva.

Em 1841 já essa fortaleza se achava muito arruinada bem como seus 14 canhões; soffreu, porém, sérios concertos em 1862, por occasião do conflicto Christie. Está hoje abandonada, servindo para o tratamento das praças do Exercito atacadas de beri-beri, para o que dispõe de duas enfermarias.

A egreja matriz do Santissimo Sacramento é espaçosa e já meio arruinada. Está construida na parte occidental da ilha e dá fundos para o mar.

Tem na frente cinco portas e cinco janellas, ficando uma destas abaixo da unica torre que a egreja possue.

Seu interior é singelo; tem a capella-mór com quatro tribunas, um altar onde se acham o Senhor Resuscitado, o Sagrado Coração de Jesus e o Sacrario, e aos lados S. João Nepomuceno e S. Lourenço.

No corpo da egreja ha seis altares: do Senhor dos Milagres, do Coração de Maria, de N. S. do Amparo, de N. S. do Rosario, de Santo Antonio e N. S. da Conceição. Notam-se ainda ahi tres tribunas de cada lado, dous pulpitos, dous confissionarios, oito painéis e o côro com um orgam e um harmonium.

Na nave ha um bello painel artisticamente pintado sobre a madeira, pelo bahiano Theophilo, e representando a Ceia-do-Senhor.

Tem a egreja duas sacristias.

Além da matriz existem mais na cidade a capella da Piedade, proximo ao forte, com uma imagem a quem os crentes attribuem virtudes miraculosas, e o patriotismo do povo grande coparticipação nos heroicos feitos da independencia; a capella de S. Lourenço, coeva do forte e em frente á matriz.

A Camara Municipal funcciona em um sobrado alugado, velho, muito damnificado e defronte da ponte de embarque. Nada tem de notavel.

A Fonte da Bica fica em um dos extremos da cidade. O precioso liquido, que desce de um outeiro proximo, é recolhido em uma caixa, donde pouco adiante passa para um chafariz com tres bicas. No alto do chafariz lê-se: « *Restaurado pela Intendencia Municipal sob os auspicios do vice-Governador Dr. Virgilio Damasio, Senador ao Congresso* — 1894 ».

A agua dessa fonte é uma das melhores que conheço. Rival da agua do *Perequê*, na Estrada de Ferro Minas e Rio, e da do *Garrafão*, na serra dos Orgãos, ella se recommenda pelo seu sabor, leveza e transparencia. Pena é que não tenha sido ainda analysada qualitativa e quantitativamente, porque nellas se encontrem qualidades therapeuticas.

A um dos lados do forte e dando fundos para o mar, fica o bello predio em que o illustrado e caritativo Dr. Augusto Flavio Gomes Villaça tem a sua Casa de Saude.

Esse predio acha-se perfeitamente localizado; é bem arejado, recebe bastante luz e dispõe de commodos todos espaçosos e bem mobiliados.

Recebe em tratamento beri-beri e de outras molestias não contagiosas a particulares e officiaes do Exercito e Armada, por ordem do Governo.

Dispõe de 12 quartos confortaveis e dous salões de jantar e de visitas e quatro salas. Dispõe ainda nos dous pavimentos de banheiros, mictorios e privadas e tem no primeiro, além dos commodos acima citados, mais tres que são occupados pelo director.

Contiguo á Casa de Saude fica um outro predio, solidamente construido, onde são recebidas as praças de pret da Marinha.

Para garantir a ordem no estabelecimento e evitar que as praças doentes se desmandem no uso de bebidas alcoolicas, quebrando o regimen dietetico, que ellas devem observar, o Governo, a pedido do director, manda para o forte um destacamento mensal, commandado por um official, para esse fim.

E' incalculavel o numero de beribericos, que, graças ao tratamento dispensado pelo illustre facultativo e á benignidade do clima da ilha, tem logrado completo restabelecimento.

As estatisticas enviadas ao Governo evidenciam esta verdade.

A cidade não tem telegrapho, nem esgotos, nem agua canalisada; é illuminada a kerozene. Possue os largos e praças denominados: Voluntarios, Quitanda, Campo Formoso, Zuavos e Gloria; 19 ruas e becos; 513 predios e uma popu-

lação de 3.000 almas. Ha nella tres medicos, dous advogados e umas 30 casas de commercio.

E' estação da linha de vapores de Nazareth, que ahi tocam tres vezes por semana da vinda da capital, e outras tantas na ida de Nazareth, e de uma outra que faz diariamente uma viagem para a capital, voltando á tarde e pernoitando em Salinas da Margarida.

O municipio é constituido pelos unicos districtos: Cidade, Manguinho, Vera Cruz, Santo Amaro do Catú e Salinas da Margarida, este com duas importantes salinas.

Na egreja matriz de Vera-Cruz, distante da cidade nove kils., ha uma inscripção na sepultura de Francisco Martim, e seus herdeiros, com a data de 1579. Affirmaram-me ter sido essa egreja o primeiro templo de pedra e cal construido na Bahia.

Itaparica foi creada villa por decreto de 13 de Novembro de 1832, elevada á categoria de cidade por Acto de 30 de outubro de 1890.

A ilha em que está assente a cidade mede 36 kils., de norte a sul, e 21 de éste a oéste. Suas terras foram por Thomé de Souza doadas em 1552 em sesmaria ao Conde de Castanheira, que principiou a sua colonisação.

Ha nella as seguintes povoações: Porto dos Santos, Manguinho, estas duas com grande fabricação de azeite de balêa; Amoreiras, S. João Gamelleira, Céo, Jaburú, Penha, Barra do Gil, Conceição, Barra do Pote, Barra Grande, Parapatingas, Aratuba, Berlink, Caixa Pregos, Catú, Santo Amaro do Catú, Bom Jardim, Matarandiva, Ponta Grossa, Vera-Cruz, Baiacú, Campinas, Matange, Porto da Telha, Conceição, Encarnação, estas tres ultimas nas Salinas.

Em suas costas apresenta numerosas pontas e enseadas, destacando-se entre as primeiras a da Penha, Conceição, Parapatingas, Aratuba, Berlink, Caixa Pregos, Santo Antonio dos Vallasques, Porto dos Santos, Manguinho, S. João e Ponta da Balêa (na cidade); e entre as segundas: Amoreiras, S. João, Bom Despacho (onde fica o Lazareto), Gamelleira, Barra do Gil, Penha, Conceição, Barra Grande, Parapatingas, Aratuba (a maior), Berlink, Burgos, Vera-Cruz, Ponta Grossa e Baiacú.

O ponto mais elevado da ilha é o morro do Balaustre, onde, segundo reza a tradicção, foi a necropole dos indios. São tambem importantes os outeiros: Eminencia, do Gago, dos Burgos e da Caipora. Entre os rios que fertilisam seu territorio, notam-se: a Conceição, Gago, Penha (o maior), Prata, Mucambo, Amoreiras ou Galvão, S. João e Parapatatingas.

Ha em toda a ilha as seguintes egrejas e capellas: Santissimo Sacramento de Itaparica, S. Lourenço, Piedade, N. S. da Penha, S. Gonçalo (no Baiacú), Santo Antonio dos Vallasques, Conceição, Vera-Cruz, N. S. do Bom Despacho, Santo Amaro do Catú e uma capellinha em construcção em Manguinho.

Ficam-lhe proximas as ilhas: Cal, Medo, Matarandiva, Cannas, Burgos e Carapitubas, esta em numero de duas.

Nessa cidade nasceram entre outros, os seguintes individuos já fallecidos: Conego Cajueiro de Campos, eximio latinista; Fr. Itaparica, franciscano philosopho e orador notavel; Dr. Luiz Alvares dos Santos, lente cathedratico da Faculdade de Medicina e bom poeta; o Padre Francisco de Souza, jesuita distincto e autor do *Oriente Conquistado*; Conego Fonseca Lima, grande orador sagrado; Manoel Rosentino, excellente poeta humoristico; Dr. Monção Filho, notavel advogado que deu o nome a uma das ruas da cidade; Guilherme Baldoino Embirussú Camacan, poeta e um dos maiores latinistas do Brazil; e o Tenente Coronel Francisco Xavier de Barros Galvão, um dos heróes da Independencia, que, perdendo uma das mãos no combate travado em Amoreiras, ainda com sangue a gotejar, empunhou a espada em outra mão e continuou a pelejar á frente de seus bravos companheiros.

Dentre os vivos mencionaremos: o Senador Virgilio Damasio, o Conego Francisco Bernardino de Souza, que foi professor no antigo Collegio D. Pedro II; o Dr. Ernesto Carneiro, eminente philologo e professor jubilado do Gymnasio Bahiano; Xavier Marques, distincto jornalista e romancista, autor da *Janna e Joel*, verdadeira joia litteraria, além de outros.

Itaparica é vocabulo tupico composto de *itá-pari*, e significa cercado de pedra, recinto fechado de pedra.

A minha viagem a Itaparica proporcionou-me o agradavel ensejo de estreitar em meus braços o mavioso poeta e distincto philologo João de Britto.

Quando o trabalho fatigante e tão mal recompensado do meu *Diccionario Geographico* permittia-me alguns minutos de repouso, consagrava-os a alegrar o meu espirito com leituras litterarias.

Foi em um desses momentos felizes que tive occasião de ler alguns versos de João de Britto.

Desde esse tempo que comecei a admiral-o pela vernaculidade de sua linguagem e pela alevantada inspiração de que é dotado, o que me fez augurar-lhe um lugar saliente entre os poetas brazileiros.

Esperava ir á Bahia, á graciosa terra que embalou o berço de Paraguassú. O Dr. Severino Vieira deu-me essa grande ventura, realizou essa minha ardente aspiração.

Ahi chegado, os meus affazeres não me permittiram logo procurar João de Britto. Além disso, elle não habitava a cidade; pertinaz molestia levara-o a buscar restabelecimento na poetica ilha de Itaparica, onde encontrei-o já gasto pelos annos, com os cabellos grisalhos, cercado de filhos e.... pobre.

Pareceu-me um desses monumentaes edificios, de um interior luxuriosamente decorado, mas com as columnas e as paredes desbotadas pelos annos.

Que noites agradaveis não me proporcionou esse genial talento! Leu-me algumas de suas producções, admirei-as. Como elle as recita com todo o calor que lhe vem da alma!

Interroguei-o sobre as suas condições de fortuna; respondeu-me que estava pauperrimo. Interroguei-o sobre a posição que desempenhava, respondeu-me que a de simples official da Bibliotheca.

Lastimei que um brilhante de primeira agua estivesse encastoado no aro de um annel de chumbo e aconselhei-o a quebrar a lyra, a queimar os livros e a procurar, como Herculano, alguma quinta de Val de Lobos, onde se occupasse na fabricação de azeite.

Adeus poetica e encantadora ilha. Jamais te verei. Quando, á tarde, na hora triste em que os sinos dobrarem á Ave-Maria, a aragem fresca dos mares, que te bordam as encostas, farfalharem ao través dos teus jardins de verdura, uma voz ouvirás. Applica o ouvido. *Saudade* dir-te-há o vento agitando de mansinho as corollas de tuas flores. E' o osculo que te envio, separado de ti por tantas leguas de distancia.

Basta. E' tempo de pôr o ponto final nesta somnolenta descripção.

Todo o quadro tem claros e escuros. A escuridão de minha prosa seja illuminada pelos clarões que irradiam das melancolicas estrophes que se seguem e que são publicadas pela primeira vez.

São da lavra de João de Britto, que as escreveu em 1898.

A FONTE DA « BICA »

Oh! manancial de doçura,
Clara e fresca a qualquer hora!
O enfermo que te procura
Zomba do mal que o devora.

Teus borborinhos tão suaves,
Que escuto por toda parte,
São como o canto das aves,
Na ramaria a saudar-te.

Finges-me quando enlevado
Te vejo, ao sol que irradia,
Brotando um cofre entornado
Do qual arde a pedraria.

De continuo te pergunto,
Sem que jamais me respondas:
Porque, ó mar assim junto,
Não tens o sabor das ondas?

Ao contrario na pureza
Nenhuma a ti se compara;
Por capricho a natureza
Te fez em tudo a mais rara.

Se não tiras de uma nympha,
Como a Castalia, teu nome,
Em face de tua lympha,
A gloria della se some.

Teu canto me acaricia
De tal maneira o sentido,
Que ouvindo-o faz-se alegria
O que n'alma é só gemido.

Não possuir um thesoiro
Para ver, sorrindo as maguas
Jorrar por torneiras d'oiro
A prata das tuas aguas!

Aguas, onde a medicina
Póde achar da vida a essencia,
Com a de taça crystallina
Confundindo a transparencia.

Aguas que o mais fino gosto
Satisfazem no que pede;
Um nectar por Deus composto
Que aos anjos provoca sêde.

Para mostrar-te ao universo,
Sem o aspecto velho e triste,
Te reconstruo em meu verso
Do melhor Paros que existe.

Nelle nascente tão rica
Tenha d'arte o que é preciso —;
E, em vez de fonte de "Bica",
Se intitule do "Paraiso".

ITAPÉ. Contr. *itapéba*, composto de *itá-peba*, pedra plana, lage, lageado; entra assim contracto na composição de muitos vocabulos; pode ser ainda corr. *itá-apé*, caminho de pedra, ou vereda calçada de pedras (Dr. T. Sampaio).

ITAPEAÇÚ. Composto de *itápê-açú*, lage grande, lageado extenso (Dr. T. Sampaio).

ITAPEBA. Log. do Estado do Ceará, a tres kils. de Soure.

ITAPEBUSSÚ. Logar em que foi assentada a extincta villa de S. Philippe (1600-1610); no Estado de S. Paulo. Esse logar é no territorio que veio a constituir posteriormente (1654) o mun. de Sorocaba, 18 kils. distante da cidade deste nome. Hoje é conhecido pelo nome de *Itavuvú* e tambem *Itapuvú*. « *Itapebussú*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Ytá-peb-uçú*, planalto grande. De *ytá*, pedra, morro; *peb*, plano, chato; *uçú*, grande, largo, vasto, extenso. Allusivo a ser essa região, á margem dir. do rio Sorocaba, ao N. e NE., uma vastissima planicie, embora um pouco acima do nivel das terras proximas ».

ITAPEÇAÇÚ. Corr. *itápê-çuçu*, lage de altos e baixos, lageado cheio de grotas (Dr. T. Sampaio).

ITAPECERICA. Região montanhosa em uma de cujas collinas está assente a villa do mesmo nome; no Estado de S. Paulo. « *Itapecerica*, diz o Dr. João Mendes de Almeida, corruptela de *Ytá-pé-ciri-ca*, morro plano, escorregadio. De *ytá*, pedra, morro; *pé*, plano, chato; *ciri*, escorregar, resvalar deslisando, com o suffixo *ca* (breve), para formar supino. Allusivo a ser muito lamacenta essa região, e por isso resvaladia ou lubrica. Com effeito, quer na collina em que foi fundada a pov., quer mesmo na região denominada S. Lourenço, a lama é tanta que forma extensos pantanaes com caldeirões. Affirmo-o porque já soffri os incommodos de uma viagem a esses logares, até S. Lourenço ». « *Itapecerica*, diz o Dr. Theodoro Sampaio, é composto de *itapé- ceric*, lage escorregadia, ou penha corredia; pode ser egual á *tapé-ceric*, caminho escorregadio ». Vide *Itapé*.

ITAPECERICA. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. de Villa Bella. Dá o nome ao bairro.

ITAPECERICUÇU. Morro no mun. de Ubatuba Estado de S. Paulo. « *Itapeciricuçú*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Ytá-pi-ciri-iquê-uçú*, contrahido em *Ytá-pi-ciri-qu'-uçú*, morro granitico de encosta larga em resvaladouro. De *ytá*, pedra, penha; *pi*, pé; *ciri*, deslisar, escorregar' formando *piciri*, resvalar; *iquê*, lado, costado; *uçú*, largo, grande. Allusivo a ser alcantilado ».

ITAPECHINGA. Composto de *itá-pechinga*, penha liza; corr. *itapé-ching*, lage polida; S. Paulo (Dr. Theodoro Sampaio).

ITAPECUÁ. Serrote entre os muns. de Nazareth e de Juquery; no Estado de S. Paulo. Esta palavra é corruptela de *Ytá-pé-cuá*, pedras quebradas e cascalho miudo. De *ytá*, pedra; *pé*, esquina, *cuá*, cascalho miudo. Allusivo a ter esse serrote, em sua formação, abundancia de pedras britadas e de cascalho miudo.

ITAPECURÚ. Composto de *itapé-curú*, lage fragmentada, pedra meuda, seixos, calháos; pode ainda ser corr. *itápucû-r-ú*, rio da pedra comprida, ou melhor, da penha longa, rio dos lageados extensos; Maranhão, Bahia (Dr. T. Sampaio).

ITAPECURÚ. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Bom Conselho.

ITAPECURÚ. Arraial no termo do Riachuelo, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

ITAPECURÚ. Serra do Estado de Pernambuco, entre os muns. de Flôres e de Alagôa de Baixo.

ITAPECURÚ-MIRIM. Cidade do Maranhão. Accrescente-se no fim: o Dr. Justo Jansen Ferreira (*obr.* cit.) diz: « *Itapecurú-mirim*, nome indigena, fica situada á margem dir. do rio Itapecurú e ligada telegraphicamente á Capital de que dista 120 kils. Por sua salubridade e facil communicação com a capital, é geralmente frequentada, com proveito pelos que são accommettidos de beri-beri. Nos arredores ainda se encontram vestigios das trincheiras que, por occasião da revolta denominada *Balaiada*, foram mandadas fazer pelo Duque de Caxias, Luiz Alves de Lima e Silva, então coronel e presidente do Maranhão. Calcula-se a sua pop. em 3.000 habs. Nella nasceram, na mesma casa da fazenda Conceição, que fica á margem esq. do rio Itapecurú, a 12 kils. da cidade, á montante da pov. Kelrú, o distincto politico e magistrado, conselheiro Joaquim Vieira da Silva e Souza, e, 28 annos depois, o notavel mathematico, Dr. Joaquim Gomes de Souza. Em fins do anno de 1840, o negro Cosme, que á frente de mais de 3.000 escravos devastou a então Provincia, foi ahi sentenciado á morte pelo jury, e depois executado ». O Sr. José Ribeiro do Amaral, em seu trabalho *O Estado do Maranhão em 1896*, diz:« *Itapecurú-mirim*, cidade pela Lei n. 919 de 21 de julho de 1870, á margem dir. do Itapecurú, aos 3°7' de lat. S. e a 0°49' de long. W. Assentada em uma área toda plana de 869 metros de frente para o rio, sobre 677 de fundo, possue 18 ruas, das quaes onze partem da margem do rio para o centro e sete correm parallelas ao mesmo rio, e mais dous beccos, duas travessas e sete praças ou largos, entre as quaes se notam as de Santa Cruz e do Padre Cabral; e bem assim tres estradas, que a põem em communicação com o interior, a saber: a que se dirige á villa da Vargem Grande, a do fio telegraphico, e uma outra do lado opposto do rio, á qual vai ter á villa de Anajatuba e Porto da Gabarra; e finalmente duas passagens no rio para transporte de passageiros, cargas e gado vaccum e cavallar. Tem 113 casas de telha, 205 de palha, 40 de negocio de seccos e molhados, duas padarias, duas officinas de alfaiate, tres ditas de sapateiro, uma dita de carpina, uma dita de ferreiro, uma dita de funileiro, uma dita de ourives, duas prensas de ensaccar algodão, duas machinas a vapor para descaroçal-o, uma pequena olaria para o fabrico de telhas, tijolos, pequenos potes, panellas e outros objectos de barro, duas rampas calçadas de pedras e mais quatro pequenos portos de embarque e desembarque. Tem, além da Matriz, uma capella dedicada á Santa Cruz da Penitencia; um cemiterio, com capella, casa da camara e cadeia, estação telegraphica e agencias das duas companhias de vapores do Estado. Sua pop., sem incluir os

arrabaldes proximos á cidade, que se compõem de 60 casas de palha com uns 360 habs., é de 2.226 almas, sendo a de todo o termo calculada em mais de 8.000 almas. Em 1815, segundo se lê no *Roteiro* da viagem que n'aquelle anno fez o capitão Francisco de Paula Ribeiro ás fronteiras das capitanias do Maranhão e de Goyaz, em serviço de S.M. Fidelissima, e que vem na *Rev. do Inst. Hist.*, tomo X, 1848, tinha o Itapecurú pouco mais ou menos 320 fógos. Eram terreos seus edificios, feitos de madeira e barro, e os demais de palha de palmeira, a que denominavam *pindoba*. As ruas não eram bem reguladas, mas em melhor arrumação que as do logar do Rozario, e tinha unicamente uma capella, ainda não bem acabada. Eram europêos pela maior parte os seus habs., estabelecidos alli com lojas de fazendas seccas e molhadas; o resto dos seus habs. compunha-se de gente que vivia miseravelmente. Não havia especie alguma de lavoura, ainda mesmo entre os ultimos, assim por natural indolencia sua, como porque a natureza esteril daquelle pedaço de terreno arenoso a ella os não convidava. Viviam como os da freg. do Rozario, de tudo o que lhes vinha do Maranhão, á excepção do artigo — carnes verdes — ou ainda seccas, durante o tempo em que desciam os gados dos sertões da Capitania. Neste logar ajuntavam-se todos os annos, desde janeiro até julho, as boiadas que desta Capitania e da do Piauhy vinham a vender-se em feira aos contratadores do talho publico da capital, ou aos lavradores do Itapecurú que para o sustento das suas escravaturas compravam a maior parte. Tinha então o Itapecurú um commercio já bem regular, o qual provinha da feira acima, em cuja occasião, como succedia sempre, deixavam os boiadeiros o producto dos seus bois trocados em fazendas, que d'alli levavam para gasto das suas familias, ou para tornar a vendel-as por outros bois, que ao depois tambem para alli conduziam. Quanto ao mais, exportava para a capital muito algodão, que recebia dos lavradores e dos de beira-rio, em retorno dos generos que lhes fornecia para seu arranjo e custeio das suas fazendas. A producção annual do termo é actualmente, assim avaliada: o algodão em rama 90.000 kilogr., milho 15.000 alqueires, arroz 5.000 ditos, gergelim 200 ditos, favas e feijão 250 ditos, farinha 8.000 ditos, fumo 6.000 kilogr., assucar 90.000 kilogr., rapaduras 60 milheiros e aguardente 25.000 litros. Sua lavoura, bastante animada e florescente outr'ora, resente-se hoje, como a de quasi todo o Estado, de uma notavel decadencia; entretanto, possue ainda: um engenho a vapor, dous ditos de ferro, movidos por animaes, sete engenhocas de ferro, systema americano, seis ditas de madeira, movidas por animaes, as quaes todas se empregam na moagem da canna, fabrico do assucar, aguardente e rapaduras. Tem algumas fazendas de criação de gado vaccum, em numero superior a 6.000 cabeças, que produzem annualmente de 1.300 a 1.500 bezerros; e em pequena escala, de cavallar e muar, situados nos campos denominados do Itapecurú, Pombinhas, Maria, S. Miguel e em alguns campestres dentro das mattas. Possue tambem excellentes terras, apropriadas para toda a sorte de cultura, sendo para lastimar não haver ainda quem se tenha querido dedicar ao plantio, em grande escala, do café, para o que se presta o terreno com vantagem, como se prova com alguns pés, que existem em situações proximas da cidade. Em 1858, alguns lavradores deste mun. tentaram ensaiar o arado na lavoura da canna, conseguindo um delles preparar algumas quadras com feliz resultado. Gozou, outr'ora, a antiga villa, hoje cidade de Itapecurú-mirim, de grande importancia, e o seu commercio quasi que rivalisava com o de Caxias; depois, porém, que se acabaram as suas importantes feiras de gado, decahio muito, e, apezar do seu ponto commercial, não só não goza da metade de sua antiga fama, como se acha bastante decadente. Sua pop., que em 1866, segundo um arrolamento da subdelegacia de policia do dist. da villa, era de 5,825 almas, acha-se, hoje, reduzida a menos da metade. Em 1840, por occasião da revolta conhecida na prov. pelo nome de *Balaiada*, tomou o presidente, então coronel Luiz Alves de Lima, a villa do Itapecurú, como ponto central e bem situado á margem do rio, para base de suas operações e principal deposito de munições e viveres, fazendo levantar ao redor della trincheiras, que a garantissem, de qualquer surpresa, por parte dos rebeldes ». Comprehende os seguintes povs.: Cachimbos do Motta, Cachimbos dos Berredos, Pombinhas, Cantanhedes, Santa Kelrú, Ypiranga, Leite e Sacco Grande.

ITAPEMA. Cachoeira no rio Parahyba, entre os muns. de Mogy das Cruzes e de Jacarehy; no Estado de S. Paulo. « *Itapema*, diz o Dr. J. M. de Almeida, significa pedra quebrada. De *ytá*, pedra; *pẽm*, quebrar, dobrar, torcer, e *a* (*breve*), por accrescimo, visto que acaba em consoante, ou mesmo para formar supino. Allusivo a formar ahi um canal na penedia, que atravessa o rio. Tenho tambem lido *Itupanema*, corruptela de *Itu-pa-nẽ-mã*, volta e revolta no arrecife. De *itu-pa*, arrecife, baixio; *nẽmã*, volta e revolta de caminho. Outros escrevem — *itaipá* — arrecifes, baixios ». Vide *Itapema* nos Accrescimos e Correcções do IV Vol.

ITAPEMA. Montanha de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Fica defronte da cidade de Santos. Está isolado em uma extensa varzea, cujo nome corrupto é *Pae-cará*. « Essa palavra, diz o Dr. J. M. de Almeida, é corruptela de *Ytá-pẽ-ma*, penha quebrada. De *ytá*, pedra, penha; *pẽ*, quebrar, dobrar, torcer, com o suffixo *ma* (breve), para formar supino. Allusivo a mostrar uma cintura, estreitando-se ao meio, como as duas partes maiores de uma moella de ave ».

ITAPEMA DE CIMA. Log. do Estado do Paraná, no mun. de Antonina.

ITAPEMIRIM. Composto de *itapé-mirim*, lage pequena, lageadinho; pode ser ainda *tapé-mirim*, caminho pequeno, vereda (Dr. Theodoro Sampaio). Tambem dizem *Itapimirim* e *Tapemirim*.

ITAPEMIRIM. No Estado do E. Santo. Accrescente-se no fim: — Esta freg. teve á principio sua séde, com o nome de *Aldêa dos Montes*, no Alto Castello, tendo sido o pov. de então elevado á freg. pelo Alvará de 12 de novembro de 1710, servindo de matriz a egreja alli edificada pelos Padres Jesuitas em 1625. Pertenciam então á esta freg. as aldêas Salgado, Barra do Rio Castello, Ribeirão e Caxixe. Houve mudança da séde para a aldêa do Caxixe, tendo então por matriz a capella da Conceição, fundada pelo sargento-mor Pedro Bueno Cacunda, a qual passou a gozar do beneficio de curada pela Provisão de 2 de novembro de 1754. Em 1765, porém, a maior parte dos habitantes viu-se obrigada a emigrar para o sitio chamado *Tapumirim* ou *Itapemerim*, trazendo o respectivo parocho as imagens de N. S. do Amparo e de S. Benedicto, pia baptismal, paramentos, sino, que, collocados a principio em uma casa particular, foram depois transportados para a capella de Nossa Senhora, construida por Balthazar Caetano Carneiro, no logar então denominado *Bello* e hoje *Fazendinha*. Esta capella foi matriz em Março de 1769, ficando assim creada a freg. do Itapemirim e extincta a dos *Montes* ou *Minas do Castello*. A matriz foi fundada por Fr. Paulo Antonio Casas Novas. Começou a construir-se em 1847 e ficou concluida em 1855. Sobre a porta principal lê-se a seguinte inscripção: *D. O. M. Delubrum Beneficentia Populi hujus Constructum P. Paulos Capuccinus. Hunc Lapidem Posuit.* Anno 1853.

ALVARÁ E AUTO DA CREAÇÃO DA VILLA DE ITAPEMIRIM. Eu o Princepe Regente. Faço saber aos que este Alvará virem que sendo a elle presente requerimento dos moradores do lugar Itapemirim, da Comarca do Espirito Santo, pedindo elle que o houvesse de eregir em Villa e verificando se pelas informações que sobre esta materia mandei tomar que o sobredito lugar situado nas margens do rio Itapemirim era bastantemente populoso e apto para se augmentar em habitantes pelas commodidades que offerecia a navegação do mesmo rio, e fertilidade dos terrenos que lhe são contiguos, e que pertencendo até agora a Villa de Guarapary era incommodo o recurso dos povos e administração da Justiça por lhe ficar de permeio o terreno de Benevente; tendo sobre isto mandado consultar a Mesa do Desembargo do Paço em attenção ao referido conformando elle com o seu parecer sou servido crear em Villa o lugar de Itapemirim, com a denominação de villa de Itapemirim e ordenar que se elejão dous juizes ordinarios, um de Orphãos, tres Vereadores, um procurador do Conselho e dous Almotaceis, os quaes administrarão a justiça na conformidade dos Regimentos que lhe são dados pelas ordenações e seguindo as minhas Leis e estylos do Reino. E hei, outrosim, por bem crear dous officios de Tabellião do Publico, Judicial e Notas da mesma Villa, ficando ao primeiro officio os de Escrivão da Camara, Almotacoria e Sizas, e ao segundo o de Escrivão de orphãos e

officios de Alcaide e escrivão de seu cargo, os quaes todos servirão os seus cargos na conformidade das Leis e Regimentos que lhe são estabelecidos. A referida Villa ficará sendo por termo e districto actual da Freguesia de Nossa Senhora do Amparo de Itapemirim e se lhe destinará um terreno de meia legua em quadro para extensão de seus edificios, rocio e logradouro de seus moradores e onde houver terreno devoluto se lhe dará para seu Patrimonio uma sesmaria de meia legua em quadro ou separadamente, si assim mais convier quarto de meia legua em quadro cada uma para a mesma Camara poder aforar em pequenas porções a cultivadores na forma concedida á Villa de Macahé, e lhe ficarão pertencendo tambem para seu rendimento todas as rendas que no territorio de seu termo cobrava a Villa de Guarapary d'onde fica desmembrada. E gosará de todas as prerogativas, previlegios de que gosão as mais villas dos Meus Reinos, levantando-se Pelourinhos, Casa de Camara, Cadêa e mais officinas a custa dos moradores da mesma Villa, o que elles mesmos requererão, e debaixo das ordens da Mesa do Desembargo do Paço e da consciencia e ordens do Presidente do meu Real Erario, Conselho de Minha Real Fazenda, Regedor da Casa de Supplicação e de todos os Tribunaes, Ministros Justiças e quaesquer pessoas á quem o conhecimento d'este Alvará haja de pertencer, assim o cumprão e guardem e fação inteiramente guardar e cumprir e valerá como Carta passada pela Chancellaria, posto que por ella não hade passar, e o seu effeito haja de durar por mais de um anno sem embargo de ordenação em contrario. Dado no Rio de Janeiro em 27 de Junho de 1815. — *Principe, com guarda.*

Auto da creação da Villa, Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos e deseseis, aos nove dias do mez de Agosto do dito anno, n'esta Povoação de Itapemirim, onde se achava o Doutor Desembargador, Ouvidor e Corregedor da Comarca José de Azevedo Cabral, o qual por virtude das Provisões e Alvará aqui neste livro registrados depois de haver convocado todas as pessoas da Nobreza e Povo por um edital e officio aqui tambem registrados, estando todos presentes se levantou o Pelourinho com suas competentes insignias, signal de jurisdicção d'esta Villa e neste acto repetidas vezes se deu « viva El Rei Nosso Senhor »; e levantando-se assim com esta solemnidade o Pelourinho, houve por bem o dito Ministro por formada esta Villa de Itapemirim. E para constar mandou fazer este auto em que assignou com a Nobreza e Povo que se achava presente. E eu Manoel Pereira Porto, escrivão da Ouvidoria nomeado para a presente creação, que o escrevi e em fé do sagrado, assignei.

(*assignados diversos*)

ITAPEPUCÚ. Composto de *itapé-pucú*, lage comprida; lageado extenso. (Dr. T. Sampaio).

ITAPERA. Vide *Tapera.*

ITAPETINGA. Ribeirão do Estado de S. Paulo; nasce na serra do seu nome, banha o mun. de Atibaia e desagua na margem esq. do rio deste nome. Esta palavra significa lage branca, penha alva, e é composta de *itapé-tinga.* « *Itapetinga*, diz o Dr. J. M. de Almeida, quanto ao morro, corruptela de *Ytá-pê-ty-nguê*, morro granitico cortado a prumo e ponteagudo. De *ytá*, pedra, penha; *pê*, cortar verticalmente, tronchar; *ty*, ter ponta, com o accrescimo *ngvê*, particula de preterito, por ser nasal a pronuncia de *ty*, ponta, segundo o ensina o padre A. R. de Montoya. Allusivo a ser um morro formado de uma só pedra, de quasi uma legua de extensão, apresentando em varios logares cortes verticaes ou paredões a prumo; além de um pico, cujo altitude é de 1.430 metros ».

ITAPETININGA. « *Itapetininga*, diz o Dr. João Mendes de Almeida, é corruptela de *Ytá-api-tenỹ-nga*, por contracção *Ytá-'pi-tenỹ-nga*, ladeado de penedos e sinuoso. De *ytá*, pedra, penedo; *api*, ladear; *tenỹ*, ser sinuoso, enrodilhado, com o suffixo *nga* (breve), para formar supino. Allusivo a correr entre penedias, fazendo innumeras sinuosidades, algumas das quaes em esquinas. Segundo uma informação scientifica, este rio segue encaixado entre barrancos altos de grés molle. *Itapetininga*, segundo Martius, *Gloss. Ling Bras.*, significa logar de pedra secca! Qual o destino que elle daria a palavra *pe*, para assim traduzir esse nome? » Itapetininga significa, segundo o Dr. Theodoro Sampaio, lage secca ou lageado enxuto. Vide *Itapé.*

ITAPETININGA. Rio do Estado do Maranhão, banha o mun. de Alcantara e lança-se na bahia de Cuman, junto á foz do rio Pericuman.

ITAPETY. Corruptela de *Ytá-peti*, morro granitico, carcomido. De *ytá*, pedra, penha; *peti*, carcomido, roido, picado, furado de dentro para fóra. Allusivo a gruta que este serrote tem no alto. (Dr. J. M. de Almeida, *Dicc. Geogr. da Prov. de S. Paulo*, obra posthuma, 1902).

ITAPEUNA. Lage preta, lageado escuro; de *itapé-una.*

ITAPEVA. Bairro do Estado de S. Paulo, no mun. do Parahybuna, com escola. Este vocabulo significa, segundo o Dr. Theodoro Sampaio, pedra plana, lage, lageado. E' corrupção de *itá-peba.* Altera-se tambem para *itapé.*

ITAPEVA (morro plano). Morro em ramificação da serra da Mantiqueira, no mun de S. Bento do Sapucahy-mirim e Estado de S. Paulo. Da planura desse morro avista-se todo o curso do rio Parahyba, desde a cidade de Jacarehy até a cidade da Bocaina.

ITAPEVA. Pedra enorme que existe no mun. de Nazareth do Estado de S. Paulo, bairro da Capella, perfeitamente chata ou plana, de mais de sessenta metros quadrados. « *Itapeva*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Ytá-pé-bae*, pedra chata. De *ytá*, pedra; *pé*, ser chato, plano; *bae* (breve), para formar participio, significando — o que — ». A respeito do morro, diz ainda o Dr. J. Mendes: « *Itapeva*, corruptela de *Ytá-pé-bae*, morro plano. De *ytá*, pedra, penha; *pé*, plano, chato, com o suffixo *bae* (breve), para formar participio, significando — o que —. Allusivo a ter no cume uma planura ». A respeito dos rios, diz finalmente o Dr. J. Mendes: « *Itapeva* é corruptela de *Ita-ipê-bo*, logar de muitas pedras. De *ita*, pedra; *ipê*, muito, muitos; *bo* (breve), para exprimir sitio ou logar, porque não está unida a verbo. »

ITAPEVA. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Sorocaba, no mun. deste nome. Faz barra logo abaixo do salto de Votorantim. Segundo o Dr. J. M. de Almeida, esta palavra significa — logar de muitas pedras —.

ITAPEVA DA FAXINA. Campos entre os rios Taquary, margem dir. e Apiahy, margem esq., ambos affls. do rio Paranapanema, pela margem esq.; no Estado de S. Paulo. « *Itapeva da Faxina*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corrupção de *Ytá-pé-bae-chachĩ-na*, morro chato, enrugado. De *ytá*, pedra, penha; *pé*, ser chato, plano; *bae* (breve), particula de participio, significando, —o que — ; *chachĩ*, enrugar, franzir, com o suffixo *na* (breve), para formar supino. Allusivo a serem campos com depressões ou concavidades continuadas, e irregulares muitas dellas, semelhando rugas. Essas depressões ou concavidades são denominadas *tembé* ou *temb-é*, concavidades ou o que é concavo; de *temĩ*, particula de participio passivo, fazendo *temb* quando precede vogal, como neste caso; e *é*, ser concavo. Por ter a forma concava o labio inferior do homem, os indigenas o designam pela palavra *temb-é.* Segundo a tradição, um desses *temb-é* serviu de cemiterio aos indigenas; e até ha ahi uma inscripção notavel que ainda pessôa alguma logrou explicar. Mas é duvidoso que seja isso uma inscripção, visto como os indigenas não conheciam, nem praticavam a lingua escripta, como é notorio ».

ITAPIRA. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Piracicaba, proximo á cidade deste nome.

ITAPIRA. Cidade de S. Paulo. Accrescente-se no fim: O Dr. João M. de Almeida, em seu *Dicc.* cit., diz: « *Itápyra* — Nome restituido á cidade da Penha, do Rio do Peixe, por acto do Governo, n. 40 de 1° de Abril de 1890, sob o fundamento de que « os indigenas assim designavam o rio que banha aquella povoação, por ser pedregoso e abundante de peixe ».

Os indigenas sohiam dar nomes com som identico, ou quasi identico, a logares varios na mesma região, significando, porém, differentemente. Muito sabios na formação dos nomes locaes, pois que estes deveriam designar os caracteristicos physicos da cousa nomeada, e não eram definitivamente acceitos senão após deliberação em assembléas nocturnas, como bem o expôz o padre Ivo d'Evreux, na obra *Viagem ao norte do Brasil, nos annos de 1613 a 1614*, faziam os indigenas admiravelmente aquelle jogo linguistico, quando tinham de dar nomes a rios, lagôas, montes e outros logares na mesma região.

O nome *Ytapyra* está incorrectamente escripto. Desarticulado ou desunido, mostra as duas palavras de que foi composto: *yta-'pir-a*, contracção de *yta-apir-a*.

O *y* em *pyra*, tendo pronuncia guttural, não é o mesmo que *pira*, contracção de *apir-a*.

Os indigenas denominam *yta-'pir-a* qualquer morro em fórma de penha; e o morro, sobre que assenta a cidade, cujo nome tupi foi agora restaurado, tem aquella fórma, com declividade ingreme para a margem do ribeirão. De *yta*, ou mesmo *ita*, « pedra, morro », *apir*, « ponta », com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante, segundo a licção dos grammaticos: « ponta de pedra » ou « pedra ponteaguda », dando a idéa de « penha, penhasco », eis o significado exacto do nome *Ita-'pir-a*.

Quanto ao ribeirão, que tem trazido o nome injustificavel de *Penha*, era *Ita-pi-rû*, « fundo pedregoso e escuro ». De *ita*, « pedra », *pi*, « centro, fundo », *rû*, o mesmo que *tû*, o mesmo que *hû*, « negro, preto, escuro ». Com effeito, o fundo deste ribeirão é pedregoso e escuro, e até as aguas parecem turvas. A palavra *rû* deve ser pronunciada breve e corrida, por causa do accento predominante em *pi*, segundo a licção do padre Luiz Figueira, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica;* por isso, o som é quasi identico ao de *Ita-'pir-a*.

E estes nomes nada têm com peixe; pois que não ha, em qualquer delles, a palavra *pirá*, que é a que significa « peixe ».

Mas, mesmo que a palavra *pirá* estivesse compondo um ou outro desses nomes, não se seguiria que o indigena quizesse alludir a peixe; porquanto, *pirá* é tambem o verbo que significa « abrir », empregado para exprimir a acção de entesar o arco, e *apirá* significa « desatar a ponta, derrocar, cahir de bruços ». Só em tres casos, o indigena, dizendo *yta-pirá*, ou *itá-pirá*, ou *y-ta-pirá*, podia referir-se a peixe: no primeiro, *yta-pirá*, significando « pedra peixe » ou « peixe petrificado », como os ha em abundancia na serra *Baturité*, em Ceará; no segundo, *ita-pirá*, « peixe a nadar »; no terceiro, *y-ta-pirá*, « peixe colhido ou apanhado ».

Mesmo a palavra *Yta-pira*, se fôr escripta e pronunciada *y-tá-pira*, diverso será o significado: « o colhido, o comprado, o vendido »: de *y*, relativo, *tá*, o mesmo que *yá*, « colher, comprar », *pira*, particula de participio passivo, formado este da terceira pessoa do presente do indicativo, sem o artigo, conforme a licção dos grammaticos. A palavra *pir-a* tambem significa « crú », isto é, não cosido, « verde », isto é, não maduro: *çoó-pir-a*, « carne crua », *iba-pir-a*, « fructa verde ».

Nestes termos reclamei contra aquelle acto do Governo, no jornal *O Estado de S. Paulo*, de 8 de Abril de 1890 ». « *Itapira*, diz o Dr. Theodoro Sampaio é corruptela de *itá-apir*, pedra elevada, cabeço alto ».

ITAPIRAPUAN. O Dr. J. M. de Almeida diz: "*Itapirapuan*, corruptela de *Yta-pira-puan*, por contracção *Yta-'pira-puan*, morro alto derrocado. De *yta*, pedra, penha; *apirá*, derrocar, desatar, esboroar; *puan*, levantado, em pé, erecto, a pique. Allusivo a ser erecta ou a prumo, deixando ver o derrocamento de pedras soltas nas encostas. Ha a crença popular de ser diamantifera esta serra. Perto deste morro existe uma caverna ou gruta, de mais de 170 palmos de comprimento e 104 de largura, com duas entradas naturaes á altura de 100 palmos, mais ou menos. Aos lados, ha outras grutas menores. Mas, com o mesmo nome ha um ribeirão, que ladeia a serra e desagua no rio Ribeira de Iguape, pela margem esq. Segundo o costume dos indigenas, davam nomes identicos ou quasi identicos no som, mas diversos na significação, a logares na mesma região. Por isso, embora sôe identicamente o nome *Itapirapuan*, tanto para o morro, como para o ribeirão, o significado é diverso. *Itapirapuan*, como nome de ribeirão, é *Ytá-á-pira-apuan*, por contracção *Yt'-á-pira-'puan*, lados empinados de pedra. De *ytá*, pedra; *á*, ladear; *pira*, particula de participio passivo presente, fazendo *a-pira*, ladeado; *apuan*, empinado, a prumo, erecto. Allusivo a correr entre altas margens graniticas". Em alguns mappas, é esse ribeirão indicado como raia divisoria, nessa parte, entre os Estados de S. Paulo e Paraná. E, neste caso, o morro pertenceria ao do Paraná. Mas, moradores do Apiahy impugnam essa divisa, que convem rectificar. Com effeito, devendo ser tirado uma linha da serra Çavoca á cabeceira do rio Itararé, e contravertendo esta cabeceira, em linha recta, com a do ribeirão Itapirapuan, parece que o ribeirão, e não o morro, é a divisa.

ITAPISANTUBA. Rio do Estado de S. Paulo, affl. do Una da Aldêa pela margem dir.; no mun. de Iguape. Esse nome é escripto em mappas; mas tenho lido tambem Saputantuba e Saputanduva. "*Itapisantuba*, diz o Dr. J. M. de Almeida, nome menos incorrecto do que aquelles, é corruptela de *Ytá-pytã-ndib-a*, logar de pedras avermelhadas. De *ytá*, pedra; *pytã*, avermelhada, colorada de vermelho; *ndib*, o mesmo que *tib*, logar natural, e assim pronunciado por causa da nasalidade da palavra *pytã*. Allusivo a ser essa região muito abundante de granito porphyro purpureo, em cuja composição entra o feldspatho; e assim se mostra nas margens deste ribeirão em grandes depositos. Suas aguas são côr de café".

ITAPITANGA. Este vocabulo significa pedra vermelha e é composto de *itá-pitanga*.

ITAPITANGUY. Rio de S. Paulo, no mun. de Cananéa. Accrescente-se no fim: Desagua no Mar Pequeno. "*Itapitangui*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Ytá-pitang-ii*, morro granitico, manchado de vermelho. De *ytá*, pedra, penha; *pitang*, avermelhado, pardo; *ii*, ser manchado, sujo. Allusivo a ser de *saibro*, sarapintado de ochre amarello e vermelho. O ribeirão tem esse mesmo nome, por causa das margens e de bancos desse barro". O conselheiro Martim Francisco, em seu *Diario de 1805* (cit.), escreveu: "O rio *Itapitangui*, direcção norte-sul, onde achei bancos de argilla branca, de ochre amarello e vermelho pulverulento; neste rio desaguam o *Juiry*, a *Cachoeira-grande*, *Taquavurutuca*, *Pasmado* e outros. A formação geral destes rios é uma areia grossa, denominada *saibro* pelos do paiz".

ITAPITOCAY. Pov. do Estado do R. G. do Sul, no 2º dist. administrativo do mun. de Uruguayana, á margem esq. do arroio Itapitocay, na estrada de rodagem que vai ao Passo da Cruz e a outros pontos, a 12 kils. da cidade de Uruguayana e junto á ponte da E. de F. naquelle arroio. Ahi ficam uma estação da E. de F. e um galpão onde funccionam as officinas de fundição de mesma estrada.

ITAPITOCAY. Passo no arroio do seu nome, no mun. de Uruguayana e Estado do R. G. do Sul. Por elle passa em uma ponte a E. de F. Brazil Great Southern (Quarahim a Itaquy).

ITAPIXINGA. Corruptela de *Ytá-apĩ-ỹtu-nga*, morro pellado e sujo. De *ytá*, pedra, morro; *apĩ*, ser pellado, sem vegetação; *ỹtu*, ser sujo, com o suffixo *nga* (breve), para formar supino. Por contracção *Ytã-'pĩ-ytú-nga* (Dr. J. M. de Almeida).

ITAPOCÚ. Os indigenas assim denominavam os campos em cima de morros, quando largos. Em titulos de terra, no mun. de Atibaia, dist. de Campo Largo, lê-se esse nome dado a campos sobre morros. Essa palavra *Ytá-pucú*, significa morro largo. De *ytá*, pedra, morro; *pucú*, largo.

ITAPOCÚ. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. de S. Roque.

ITAPOCÚ. Cachoeira no Paranapanema, logo acima do salto do mesmo nome e abaixo da foz do ribeirão da Barreira; no Estado de S. Paulo.

ITAPORANGA. Passou assim a denominar-se o mun. e com. de S. João Baptista do Rio Verde, no Estado de São

Paulo, pela Lei n. 620 de 21 de junho de 1899. Esta palavra compõe-se de *itá-poranga* e significa pedra bonita.

ITAPUA. Corrupção de *ita-pû*, o toque ou repique de sino; a pedra sonante; Paraguay (Dr. Theodoro Sampaio).

ITAPUÂ. Corredeira no rio Tieté, logo abaixo da Caramby, entre o Salto de Itú e a cidade de Porto Feliz. *Itapuá*, corruptela de *Ytá-puá*, pedra redonda. De *ytá*, pedra; *puá*, redonda. Allusivo a ser forçada a corredeira por uma pedra redonda que ahi existe (Dr. J. M. de Almeida, *Dicc. Geogr. da Prov. de S. Paulo*). Vide *Itapuan*, cachoeira.

ITAPUAN. Composto de *itá-apuã*, pedra redonda; Bahia (Dr. Theodoro Sampaio).

ITAPUAN. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Viamão, com escola.

ITAPUAN. Rio do Estado da Bahia; desagua no oceano entre a villa de Olivença e o rio Una. Tambem escrevem *Itapoam*.

ITAPUCÚ. Composto de *itá-pucú*, pedra comprida, rocha extensa, penha longa; barra de ferro (Dr. Theodoro Sampaio). O Dr. J. M. de Almeida, que escreve tambem *Itapucú*, diz, em relação a cachoeira do rio Paranapanema: « *Ytá-pucú*, pedra larga. De *ytá*, pedra; *pucú*, larga ».

ITAPURA. Magestoso salto do rio Tieté, em S. Paulo. Accrescente-se no fim: O Dr. J. M. de Almeida, em seu *Dicc.* cit., diz: « Sendo "salto de pedra", como significado de *Ytapór-a*, seria um não senso que o indigena não praticaria; por isso MARTIUS, em seu *Gloss. Ling. Bras.* accrescentou "salto do peixe" como para explicar o anterior significado. Onde, porém, está no nome *Itapúra* ou *Ytá-pór-a* a palavra *pirá*, "peixe"? E' evidentemente forçada a explicação.

A verdade é esta: *Itapúra* é corruptela de *Yti-pú-rõ*, "arrojado de alto a baixo com estrondo e rodomoinhos. De *yti*, "arrojar de alto a baixo", *pú*, "estrondo", *rõ*, "revolver, fazer torvelinho".

Com o nome *Itapúra* existe, junto a este salto, á margem direita do rio *Tieté*, PRAZERES MARANHÃO, em seu *Glossario de palavras indigenas*, dizendo ser "logar alagadiço"!

Aquella região littoral era denominada *Y-guâá-î-pe*, "na enseada". De *y*, relativo; *guâá*, "enseada, barra"; *î*, posposição que, para explicar partes de sitio ou logar, e significando "em", deve ser sempre acompanhada de *pe* (breve), segundo o ensina o padre A. R. DE MONTOYA, em sua *Arte de la lengua guarani*.

Allusivo a ter sido situada a povoação ou aldêa, primitivamente, mesmo em frente á barra *Y-guâá-'pá'-ra*; sendo transferido posteriormente para o local actual, segundo consta do livro do tombo da camara municipal.

Acerca da cidade de Iguape, então ainda villa, o conselheiro MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805*, escreveu: « A villa de Iguape está situada em uma planicie, que é continuação das margens da *Ribeira* ao sul, e está nas margens do chamado *Mar pequeno*, que é como um braço de mar de outra barra que tem a villa mais ao sul: esta é muito baixa, de maneira que não podem entrar embarcações, e mesmo a da *Ribeira* não admitte embarcações grandes carregadas; e é pena, porque as difficuldades são na entrada, e no restante da *Ribeira* ha bom fundo para toda a casta de embarcações. Agora projectam encanar a *Ribeira* com o *Mar pequeno*, afim de transportar os *arrozes* até o porto da villa: temo sómente que a *pouca queda das aguas* não frustre esta pretenção, visto a *pequena differença de nivel*... Antigamente trabalhavam muito na construcção de embarcações, ramo que tem diminuido, talvez pela nenhuma bondade das madeiras ».

Referindo esta ultima parte do trecho transcripto que, no porto de Iguape, "antigamente trabalhavam muito na construcção de embarcações", e sendo certo que os portuguezes denominavam *ribeira* "a parte da margem de um rio em que se fabricam navios", é licito acreditar que o nome do rio não foi corrompido senão depois que, pela identidade do som da palavra, transportaram para o mesmo rio a denominação *Ribeira de Iguape*, dada ao porto. A verdade é que, quer nas tradições locaes, quer em alguns mappas feitos na provincia, é ouvido e lido o nome *Rio da Ribeira de Iguape*: o que exclue a idéa de terem os portuguezes denominado *ribeira* um tão grande rio, a não ser por corrupção do nome em tupi *Aréb-yêrè-iguâá-pe*, coincidindo no som com o de *A Ribeira de Iguape*.

(Vide o nome *Ribeira de Iguape*).

A cidade de Iguape é notavel pela romaria ao Senhor Bom Jesus, no mez de Agosto de cada anno. Eis como o conselheiro MARTIM FRANCISCO, em seu *Diario* já citado, descreveu a origem desta devoção: « Fui ver uma pequena casa de banhos, onde se lavou o Senhor Bom Jesus, imagem muito milagrosa, no geral entender da plebe, para cuja festa concorre immensidade de povo da capitania e de fóra a cumprir promessas, ou a pedir o sare de diversas enfermidades que padece... A dita casa é de figura octaedrica, e sobre as oito faces assenta como um hemispherio: ella está proxima a um morro, que fica detraz da villa: delle correm por muitas barrocas regatos de boa agua... : á superficie deste morro observam-se blocos de uma rocha granitica, algum já decomposto... Fui correr a continuação dos morros, que ficam por detraz da villa e se prolongam até a barra, e nelles não achei novidade alguma: sempre as grandes massas da mencionada rocha granitica, desarrumadas. Esta rocha forma pelo seu desarrumamento barrocas a cada passo, por onde correm regatos e cachoeiras abundantes em aguas, das quaes tem a gente do paiz sabido tirar proveito, estabelecendo engenhos d'agua de pilar arroz ».

Segundo consta do livro do tombo da matriz velha de Iguape, o reverendo Christovão da Costa e Oliveira, vigario da vara daquella comarca, em visita por ordem do bispo diocesano, ahi escreveu em 22 de outubro de 1730, as tradições populares acerca desta Imagem, as quaes, sem as palavras e narrações inuteis, são: « Que, em 1647, dois indios boçaes acharam, rolando com as ondas, na praia de *Una*, junto ao rio chamado *Pussaúna*, um vulto, e, tirando-o, o levaram para o limite da mesma praia, onde, em cova, o puzeram de pé com o rosto para o nascente, e assim o deixaram com um caixão que divisaram ser de cêra do reino e umas botijas de azeite doce; que, voltando depois ao mesmo logar, notaram que o dito vulto estava com o rosto para o poente, e não acharam vestigios de que pessoa humana o pudesses virar; que, sabido o caso por visinhos, estes resolveram tirar a Imagem e conduzil-a ao ponto mais alto do monte *Juréa*, de onde Jorge Serrano e sua mulher Anna de Góes, seu filho Jorge Serrano e sua cunhada Cecilia de Góes, revesando-se, a transportaram até a barra do rio chamado *Ribeira do Iguape*, onde foram os moradores daquella villa buscar a Santa Imagem, e, trazendo-a com muito acatamento, a puzeram no rio a que chamam hoje, com muito grande alegria, a *Fonte do Senhor*, para lhe tirar o salitre e ser encarnada de novo... e, conseguindo o ornato, a collocaram nesta igreja da Senhora das Neves, em que está, aos 2 de Novembro de 1647, conforme assento de um curioso, tirado de outro mais antigo; que tambem era tradição que a Santa Imagem do Senhor Bom Jesus vinha do reino de Portugal, embarcada para Pernambuco, e que, encontrando o navio outro de inimigos infieis lançaram os do navio portuguez a Santa Imagem ao mar para não ser tomada... »

Este documento foi transcripto integralmente por AZEVEDO MARQUES, nos *Apontamentos Historicos, Geographicos, Biographicos, Estatisticos e Noticiosos da provincia de São Paulo*, com referencia ao nome *Iguape*.

O projecto do canal, a que o conselheiro MARTIM FRANCISCO se referiu, no trecho transcripto, foi realizado; e, no extremo do canal aberto, com cerca de tres kilometros de extensão, foi formada uma povoação, ora denominada *Porto da Ribeira*. Ha, porém, reclamações contra tal canal, que ameaça destruir uma ponte da cidade, sem dar a compensação do resultado que era argumento para sua abertura. »

« *Itapura*, diz o Dr. Theodoro Sampaio, é composto de *itá-pura* ou *itá-pora*, o salto de pedra. »

ITAPUVÚ. Log. á margem dir. do rio Sorocaba, ao N. do mun.; no Estado de S. Paulo. E' o mesmo *Itapebussú*. "*Itapuvú*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Ytápé-ibiỹ*, morro plano, baixo. De *ytá*, pedra, penha; *pé*, plano, chato, *ibiỹ*, baixo. Allusivo a ser esse logar um planalto pouco elevado, Vide *Itavuvú*.

ITAQUAÇABA. Duas cachoeiras no rio Tieté; uma, a *guaçú*, immediata á Avarémanduáva; outra, a *mirim*, logo após a Guaricutú, no trecho entre os saltos Avanhandava e Itapúra. Alguns dividem a primeira, fazendo duas successivas. *Itaquaçaba*, corruptela de *Ytá-quâ-çaba*, pedra furada. De *ytá*, pedra; *quâ*, o mesmo que *quâr*, ter buraco, furo, mudado o *r* final em *ç*, conforme a licção do padre Luiz Figueira, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*, quando ha necessidade de usar do verbal *ába*, para exprimir o instrumento, o modo, a causa, o intuito, a occasião, o logar, com referencia á acção do verbo, soando *çaba*. Do mesmo modo o *r* final do verbo é mudado em *ç*, quando, para exprimir o que fez a cousa, ha necessidade de formar o participio presente com a particula *ára*, soando *çára*. Com effeito, ha nesses logares uma muralha de pedra, de margem á margem, atravessando o rio, apenas com um furo ou buraco, formando canal. (Dr. João Mendes de Almeida, *Dicc. Geogr. da Prov. de S. Paulo*). Vide *Itagaçaba*.

ITAQUANDIBA. Log. do Estado do E. Santo, no mun. de Nova Almeida.

ITAQUANTUBA. Praia na ilha de S. Sebastião, em S. Paulo. Accrescente-se no fim: O Dr. João Mendes de Almeida diz: "*Itaquantuba*, corruptela de *Ytá-cuã-tib-a*, logar de cascalho. De *ytá-cuã*, cascalho; *tib-a*, logar natural das cousas. Póde ser pronunciado *Itaquanduba*".

ITAQUAPENINDUBA. Log. no dist. da Penha de França, mun. da capital do Estado de S. Paulo. "Esta palavra, diz o Dr. João Mendes, corruptela de *Ytá-cuã-pinindib-a*, logar de cascalho pintado. De *ytá-cuã*, cascalho, pedra miuda; *pini*, pintar, manchar, cujo som nasal faz mudar o *t* de *tib* em *nd*, *ndib*, logar natural das cousas, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. O *i* de *tib* tem som guttural de *u* (fechado). Allusivo a existir nesse logar abundancia de tal especie de cascalho".

ITAQUAQUECETUBA. Corruptela de *Ytá-aqûa-guecê-tiû-bae*, o que bója por causa do penhasco. De *ytá*, pedra; *aqûa*, esquina, ponta, formando *ytá-aqûa*, penhasco, esquina ou ponta de pedra; *guecê*, o mesmo que *rehê*, por causa; *tiû*, bójar, fazer enseada ou volta convexa, transbordar; *bae* (breve), para formar participio, significando — o que —. Allusivo a fazer um grande alagadiço ou *banhado*, porque, forçado a desaguar no rio Tieté, quasi de encontro ao curso deste, por causa de um penhasco triangular que existe proximo á sua foz, operando-se assim impedimento ás suas aguas, estas são detidas e transbordam. Este ribeirão (affl. do Tieté) tem tres cabeceiras; uma das quaes nasce em uma gruta. A pov. está mesmo proxima ao *banhado*. O ribeirão é tambem conhecido pelo nome *Tipoia*, corruptela de *Ti-póoi*, em fórma de rêde de dormir. Allusivo a esse mesmo *bojo* ou *banhado* supra mencionado; ennoveladas as aguas nesse logar. A rêde de dormir é *io-ty-póoi*, sacco atado pelos dous extremos. De *io*, reciproco mutuo; *ty*, atar, formando *io-ty*, atar os dous extremos; *póoi*, fazer sacco, bojo. *Ti-póoi*, portanto, é uma contracção de *Io-ty-póoi*, pela apheresis do reciproco *io*, como o usam os indigenas. Mas este nome é apenas uma phantasia; o nome verdadeiro, exprimindo os caracteres physicos do ribeirão é *Ytaaquâ-guecê-tiû-bae*, por contracção *Ytá-'quâ-guecê-tiû-bae*. Com referencia a um taquaral que existe entre o banhado e o penhasco, margeando o ribeirão, o nome é *Y-taquâ-guecê-tub-a*, logar de taquaras successivas. De *y*, relativo; *taquâ*, canna ôca, isto é, *tá*, espiga; *quâ*, buraco, furo; *guecê*, successivamente; *tub*, logar das cousas, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante (1). Os indigenas soiam dar a logares diversos na mesma região nomes identicos ou quasi identicos no som, mas differentes nos significados, como neste caso » (Dr. João Mendes de Almeida). « *Itaquaquicetuba*, ant. *Taquaquicetuba*, composto de *taquaquicé-tyba*, abundancia de taquaquicé, taquaral da especie taquaquicé. Vide *Taquaquicé* » (Dr. Theodoro Sampaio).

(1) Estava em avulso a seguinte nota incompleta. O padre Manoel da Fonseca, na *Vida do Padre Belchior de Pontes*, escreveu *Taquacocetyba* (pag. 132) e *Taquacocetuba* (pag. 103); tratando-se de morros e penhascos, os indigenas costumam supprimir por apheresis o *y* de *ytá*, pronunciando sómente *tá*. *Quaco* ou *quaqueô*, como escreve o padre Montoya, passar, passagem, voltear, volta, torcer, quebrar, *Ta-quaco*. *Cê*, para exprimir quasi. *Ta-quá-cocê*. *Çocê*, para exprimir sobre *Tiû-bâe*.....

ITAQUATIUA. Igarapé affl. do rio Gurupy. Desagua pelo lado do Maranhão (Dr. G. Dodt. *Relat*).

ITAQUAXIÁRA. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. de Itapecerica. « *Itaquaxiára*, diz o Dr. João Mendes, corruptela de *Ytá-quatiár-a*, pedras pintadas. De *ytá*, pedra; *quatiár*, pintar, com *a* (breve), por accrescimo, visto acabar em consoante. Allusivo ás pedras manchadas que ahi existem em grande quantidade ».

ITAQUERA. Rio de S. Paulo. Accrescente-se no fim: O Dr. J. M. de Almeida escreve *Itacoera* e diz em seu *Dicc. cit.*: « *Itacoera* não é buraco de pedra, como o escreveu frei Francisco dos Prazeres Maranhão, em seu *Glossario*. Para significar buraco de pedra deveria ser *Ytá-quara*. *Itacoera*, corruptela de *Ytá-iquê-rù*, margens graniticas. De *ytá*, pedra; *iquê*, lado, costado; *rù*, companheiro, para assignalar referencia aos dous lados ou ás duas margens. Allusivo a correr entre morros graniticos. Seu leito é formado de lages. Alguns pronunciam *Itá-ker-a*, mas é a mesma cousa. Os indigenas do rio Amazonas e as nações que delles provieram não usam muito do *u* em seguida ao *g* o ao *q*. Tenho, porém, minhas duvidas se Itacoera é o nome desse curso d'agua. Considerado relativo o *y* inicial, resta *Tacûéra*, aldeia que existiu: de *táb-a*, aldeia; *cûéra*, particula de preterito. A palavra *tab-a*, em certas composições, prende sempre a ultima syllaba. Os indigenas do norte do Brazil usavam e usam *tapéra*, ou *tap-éra*, o mesmo que *tab'-uera* ou contracção de *ta-pûéra*, pois que *pûéra* é tambem particula de preterito, mudado o *c* de *cûéra* em *p*. Sem duvida, nesse logar, existiu alguma aldeia; e, então, a palavra *Y-tacûéra* foi applicada ao ribeirão ». « *Itaquera*, diz o Dr. Theodoro Sampaio, compõe-se de *itá-quera*, pedra ou metal velho; o vocabulo parece, porém, alteração de *taguéra*, o mesmo que *tapéra* e significa — ruina, aldeia extincta — Ainda é admissivel a procedencia como sendo de *itá-quer*, pedra dormente, jazida de pedra, leito de pedra, pedreira ».

ITAQUERÊ. Rio de S. Paulo. Accrescente-se no fim: O Dr. João Mendes diz: « *Itaquerê*, corruptela de *Iti-aquirehê*, contrahido em *It'-aqui-rehê*, successivamente frouxo e sujo de detritos vegetaes. De *iti*, detritos vegetaes; *aquir*, frouxo, perdendo o *r* final por ser seguido de *rehê*, successivamente. Allusivo a formar margens alagadas, por correr em quasi toda a sua extensão em varzedo, no qual a vazante deixa detritos ».

ITAQUERY. Serra do Estado de S. Paulo, nos muns. de Araraquara e Jaboticabal. « *Itaquery*, diz o Dr. João Mendes, corruptela de *Ytá-quir-i*, pedra em geral frouxa. De *ytá*, pedra, morro; *aquir*, frouxo, quebradiço; *i*, posposição de perseverança. Allusivo á formação calcarea desta serra, em quasi toda sua extensão. »

ITAQUERY. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Tieté, abaixo da foz do Jurúmirim.

ITAQUERY DA SERRA. Dist. do mun. de S. João do Rio Claro; no Estado de S. Paulo; com uma esc. mixta creada pela Lei n. 813 de 31 de outubro de 1901.

ITAQUICÊ. Corrupção de *itá-kicé*, a faca de pedra ou metallica (Dr. Theodoro Sampaio).

ITAQUY. Pov. do Estado do Paraná, no mun. de Guarakessava, á margem do rio do mesmo nome; com escola.

ITAQUY ou ITAQUI. Serra do Estado de S. Paulo, nos muns. de S. Roque e Cotia. « *Itaqui*, seja nome da serra, seja nome dos ribeirões, é, diz o Dr. João Mendes, *Ytá-cui* e significa muita pedra. De *ytá*, pedra; *cui*, muito ou muitos. Com effeito, os ribeirões tem os leitos cobertos de pedras, crystaes e quartzos; e a serra contém grande quantidade de crystaes de todos os tamanhos, quartzos e pedras de outras qualidades. *Itaqui* é tambem o nome em tupi da pedra de amolar. Talvez exista tambem na serra e nos ribeirões essa pedra ».

ITAQUY. Rio do Estado de S. Paulo; nasce na serra do seu nome e desagua na margem esq. do ribeirão Baruery; entre os muns. de Cotia e Parnahyba.

ITAQUY. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Tieté, no mun. de Porto Feliz.

ITARARÉ. Composto de *itá-raré*, pedra escavada, conducto subterraneo, sumidouro; tubo, cano, canal (Dr. Theodoro Sampaio). Segundo Martius, em seu *Gloss.*, significa — pedra levantada ou pedra que surge d'agua — e segundo o Dr. João Mendes — pedra concava.

ITARARÉ. Serra do Estado de S. Paulo, ramificação da Paranápiacaba, prolongando-se junto á margem dir. do rio do seu nome. O Dr. João Mendes diz: « Itararé, nome da serra, embora sôe quasi o mesmo que Ytararé, nome do rio, é desarticulado deste modo: *Itá-ra-rê*, paredões levantados successivamente. De *itá*, pilares, armação, estante, cousa em que outra se assenta; *rá*, levantado, não egual; *rê*, contracção muito usada da posposição *rehê*, syncopadas as duas lettras intermedias, significando, neste caso, *successivamente*, para exprimir plural e continuidade. Allusivo a erguerem-se esses morros, ora em escarpas e encostas ingremes, ora em altos paredões, á margem do rio. A altura destes paredões é de 100 a 200 metros; e taes morros são de rocha granulada siliciosa, de mistura ou ligada com materias calcareas ».

ITARARÉ. Mun. do Paraná. Accrescente-se no fim: Foi elevada a termo pela Lei n. 481 de 19 de fevereiro de 1902.

ITARARÉ. Serra na ilha de S. Vicente, em S. Paulo. Accrescente-se no fim: o Dr. J. M. de Almeida diz: « O nome é dado a esse serrote porque o mar o escavou, formando uma especie de sacco. *Ytá-rarê* — morro granitico, concavo — Com apheresis do *y* sôa *'ta-rarê*, de *ytá*, pedra, penha; *rarê*, concavo. Mas, segundo o systema dos indigenas, deram á praia que enfrenta o sacco, o nome *Tararé*, soando quasi o mesmo que o nosso *Ytararê*. E' a praia de S. Vicente immediata á praia Embaré. Vide *Tararé* ».

ITARARÉ. Rio de S. Paulo e Paraná. Accrescente-se no fim: Sua barra fica a 397m de altura. No *Resumo do itinerario de uma viagem pelos rios Verde, Itararé, Paranapanema*, etc., *emprehendida por ordem do Barão de Antonina*, em 1845 está feita a seguinte notavel descripção: « Entre os dias 26 a 29 (agosto) entramos no Itararé, reunido com o Jaguariahyva e Jaguarecatú de cerca de 30 braças de largura, descemos por cachoeiras e baixios perto de seis leguas, onde pelo lado esq. entra um ribeirão, que o chamamos Itareré-mirim, levando a mão as canôas vasias na cachoeira *Tibuna*, d'onde navegamos por baixios, corredeiras e itopavas, quatro leguas até á cachoeira da *Bocaina*, pela qual levámos as canôas vasias a mão. Daqui, voltêa o rio por serranias em uma serie de corredeiras, itopavas e baixios, encontrando-se ilhotas até sua desembocadura no Paranapanema. »

ITARERY. Rio de S. Paulo. Accrescente-se no fim: O Dr. João Mendes de Almeida diz: « Ribeirão ou serra, *Itariry*, corruptela de *Itá-ri-ri*, successivos degráos. De *itá*, estante, armação, pilares, ou cousa que em outra se estriba; *ri*, posposição, significando, neste caso, successivamente, e, repetida, exprimindo o superlativo do facto. Tenho lido este nome como *Itarirú*; mas, não me parece correcto, porque, significando — o que contém pedra —, *ytá*, pedra; *rirú*, vaso, cesto, o que contém, seria sem applicação a esses logares. Escreveu Martius, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, que *Itariry* significa — cachoeira das conchas —. *Itariri* é allusivo, em relação á serra, á superposição successiva, em camadas horizontaes, de rochas que formam a mesma serra naquella região; e em relação ao rio, é allusivo aos saltos, como que em degráos, que as aguas são forçadas a transpor em successivas quedas, por causa daquella mesma superposição das rochas. Ha, além dos saltos, cachoeiras impetuosas, das quaes a principal é a denominada *Caracol*, em zigs-zags ».

ITAROCA. Serra do Estado da Bahia, no mun. de Olivença. E' continuação da serra de Commandatuba.

ITAROQUEM. Log. no mun. de Miranda do Estado de Matto Grosso.

ITATIAIA. Composto de *itá-tiai*, pedra dentiad, a ou eriçada de pontas, pois que *itá* é pedra, penedo, rocha *tiai* = *ti-ai*, ponta que se levanta, que se ergue; e tambem dente, entalhe, gancho; portanto *itá-tiai* quer dizer — pedra ou rocha que se ergue em pontas, que se levanta com entalhes ou dentes. Para quem conhece os picos do Itatiaia, as chamadas *Agulhas Negras*, a cerca de 3.000 metros acima do nivel do mar, culminante do systema orographico brasileiro, a denominação tupi não póde ser mais verdadeira, no exprimir a feição saliente daquelles rochedos inaccessiveis que André Rebouças chamou os dolmens do Ayuruoca. Martius traduziu Itatiaia como se fôra o vocabulo composto de *itá-hy-aia*, que verteu para o latim — *saxo aqua salubris* — isto é, *agua saudavel de pedra*, applicando o nome antes a algum rio que dalli desce do que ao proprio nome. Baptista Caetano escreveu — *Itatiaya* e o traduziu — *crista de pedra erguida*. O general Couto de Magalhães decompoz o vocabulo em *ita-ti-aya* e o interpretou — *rocha de aguas correntes saudaveis*. Barboza Rodrigues, consultado por Horacio de Carvalho, escreveu — *Itatiaya*, composto de *itá-ty-ái*, que verteu litteralmente em — *pedra que se multiplica por si* ou syntheticamente: — *pedregal que por si se faz*. Ainda o vocabulo admitte outra interpretação: *itá-tyáya*, suor da pedra e tambem pedra ou rochedo suarento (Dr. Theodoro Sampaio).

ITATIAIUSSÚ. Dist. de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Foi desmembrado do mun. de Bom Fim e incorporado ao mun. de Itauna pela Lei n. 319 de 16 de setembro de 1901.

ITATIARA. Morro no mun. de Santos, no Estado de S. Paulo. E' no continente, quasi á margem do canal ou furo da Bertioga. « *Itatiara*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Ytá-ati-ára* contrahido em *Ytá-'ti-ára*, morro granitico alto. De *ytá*, pedra, penha; *ati*, levantar, amontoar, com a particula *ára*, para formar participio activo. Allusivo a ser erecto e alto ».

ITATIBERABA. Composto de *itá-ti-beraba*, ponta de pedra relusente, o crystal (Dr. Theodoro Sampaio).

ITATIM. Composto de *itá-tî*, ponta ou nariz de pedra, pico; como forma contracta de *itá-tinga*, quer dizer: pedra branca, prata, metal branco (Dr. Theodoro Sampaio). « *Itatins*, diz o Dr. J. Mendes de Almeida, corruptela de *Ytá-tỹ*, morros graniticos ponteagudos. De *ytá*, pedra, penha; *tỹ*, ponta ». Martius, em seu *Glossario*, diz que *Itatins* é cachoeira de pedras brancas.

ITATINGA. Composto de *itá-tinga*, pedra branca, metal branco; calcareo, gesso, cal (Dr. Theodoro Sampaio). « *Itatinga*, isto é, *Ytá-ty-nga*, pedra branca. De *ytá*, pedra, morro; *ty*, branco; *nga* (breve), para formar supino » (Dr. João Mendes de Almeida).

ITATINGA. Morro no mun. do Rio Novo; no Estado de S. Paulo. Em seu cimo ha uma lagôa bastante funda, onde se abrigam as antas quando perseguidas pelos caçadores.

ITATINGA. Morro no mun. de Xiririca e Estado de S. Paulo. Fica á margem esq. do rio Ribeira de Iguape, proximo ao ribeirão Pilões. E' conhecido pelo nome traduzido Pedra Branca.

ITATUVA ou **ITATUBA**. Morro no mun. de Araçariguama; no Estado de S. Paulo. « *Itatuba*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Ytá-tib-a*, logar natural de pedras. De *ytá*, pedra; *tib* para exprimir logar natural de cousas com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. A corruptela proveiu de ter som guttural o *i* de *tib* ».

ITATY. Composto de *itá-ty*, liquido manado da pedra, manancial das pedras (Dr. Theodoro Sampaio).

ITAUBAL. Rio do Estado do Pará, no mun. de Amapá. Banha a sub-prefeitura do Lago Redondo.

ITAUBARANA. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. de Silves.

ITAUBIRA. Composto de *itá-o-bir*, pedra que se levanta, serro empinado (Dr. Theodoro Sampaio). Vide *Itabira*.

ITAUNA (pedra preta). Villa e mun. do Estado de Minas Geraes, creado pela Lei n. 319 de 16 de setembro de 1901, que o constituiu com os dists. de Sant'Anna de S. João Acima, Carmo do Cajurú e do pov. dos Tinocos, desmembrados do mun. do Pará, e dos dists. de Itatiaiussú e Conquista, desmembrados do de Bom Fim.

ITAUNA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Jundiahy-assú. E' tambem denominado Furnas.

ITAVERAVA. Serrote entre os muns. de Nazareth e Conceição dos Guarulhos; no Estado de S. Paulo. Já li escripto *Ituverava*. Outros escrevem *Itaberaba*. O Dr. J. M. de Almeida diz: que *Itaverava* e corrupção portugueza, trocado o *b* pelo *v*, e accrescenta: « *Itaberaba*, corruptela de *Ytá-berá-bae*, pedra que brilha. De *ytá*, pedra, penha; *berá*, brilhar, resplandecer, com *bae* (breve), para formar participio significando — o que —. Allusivo a que, sendo escalvado, deixa ver o brilho de micaschistos, de crystaes e de quartzos e quartzitos varios, que a formam; e no alto della, diorites despontados ».

ITAVERAVA. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do Bacuruvú, entre os muns. de Conceição dos Guarulhos e de Mogy das Cruzes. O Dr. J. M. de Almeida, que escreve *Itaberaba*, diz que essa palavra é corruptela de *Itá-abi-rá-bae*, contrahido em *Itá-'bi-rá-bae*, desigual, desnivellado, formando degraús. De *itá*, estante, degráu; *abi*, desigual; *rá*, sem nivel; *bae* (breve), para formar participio. Allusivo a ser successivamente encachoeirado, com degráus.

ITAVUVÚ. Logar em que foi edificada a extincta villa de S. Philippe (1600-1610). No territorio que depois constituiu a circumscripção municipal de Sorocaba; 18 kils., mais ou menos, distante da cidade deste nome, ao norte. E' o mesmo *Itapebussú* e *Itapuvú*. « *Itavuvú*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *ytá-biỹ-biỹ*, morro granitico muitissimo baixo. De *ytá*, pedra, penha; *biỹ*, baixo, não alto, repetido para exprimir superlativo.

ITAYAÓ. Corruptela de *ytá-yaóg*, morro granitico apartado. De *ytá*, pedra, penha; *yaóg*, apartar (Dr. João Mendes de Almeida).

ITAYPÚ. Composto de *itá-y-pu*, pedra onde a agua estronda ou faz estrepido (Dr. Theodoro Sampaio). Vide *Itaipú*.

ITAYUBÁ. Composto de *ytá-yuba*, pedra ou metal amarello, ouro (Dr. Theodoro Sampaio). Vide *Itajubá*.

ITAYUBARANA. Composto de *ita-yuba-arana*, pedra ou metal amarellado, o ouro falso, o cobre (Dr. Theodoro Sampaio).

ITERONNE. Graphia primitiva de Niteroy, segundo Hans Staden; corrupção de *y-terô*, agua em seio ou em concavo, enseada, ancoradouro (Dr. Theodoro Sampaio).

ITÎ. Affls. do rio Una da Aldêa, pela margem esq.; no mun. de Iguape e Estado de S. Paulo. Ha o *Itingoçú* e o *Itimirim*. *Itî*, corruptela de *y-tỹ*, atado, cingido. De *y*, relativo; *tỹ*, atar, cingir, apertar. Allusivo a correrem entre margens graniticas altas. Com effeito, esses rios correm entre rochas e sobre pedras, passando ás vezes por baixo destas. O primeiro, isto é, o *Itingoçú*, que é o maior, é denominado por alguns tambem *Despraiado*; mas o Despraiado é seu affl. Vide *Despraiado*. O segundo, isto é, o *Itimirim*, que é o menor, é muito veloz na correnteza. Nascem no morro Guacunduba (Dr. João Mendes de Almeida).

ITINGA. Um dos tres braços principaes, o mais septemtrional, que formam o rio Gurupy, que separa os Estados do Maranhão e do Pará. E' tambem denominado rio Branco (Gustavo Dodt). Recebe o Tucumandiua.

ITINGA. Rio do Estado de S. Paulo, banha o mun. de S. Vicente e desagua no oceano, na Praia Grande.

ITINGA. Pequeno ribeirão, de muitas voltas e sinuosidades, que liga a lagôa *Aririaia*, ao rio deste mesmo nome; no mun. de Cananéa e Estado de S. Paulo.

ITINGA. Rio do Estado de S. Paulo, banha o mun. do Bananal e desagua na margem esq. do rio deste nome. Desce da serra Bocaina, sobre leito de pedras brancas, e com agua crystallina, formando uma linda cascata, que é avistada da cidade do Bananal. « *I-ty-nga*, agua branca, diz o Dr. João Mendes. De *i*, agua; *ty*, branca, com o suffixo *nga* (breve), para formar supino. E *Agua Branca* é o nome que o povo dá a esse curso d'agua ».

ITIQUIRA. Composto de *y-tykira*, agua vertente (Dr. Theodoro Sampaio).

ITIUBA. Pov. da Bahia. Accrescente-se no fim: Dista 240 metros da estação da E. de F. e tem uma capella de N. S. da Conceição. Fica em uma bacia formada por diversos contrafortes da serra da Itiuba e exporta algum café, cereaes, rêdes, chapeus de palha, requeijões e as afamadas mangas da Itiuba. Depois dessa pov. a estrada percorre um trecho, que é o segundo em extensão, pois tem 41 kilometros.

ITIUBA. Serra da Bahia. Accrescente-se no fim: Apezar de pedregosa, apresenta muitas plantações de café e cereaes. Ha nella um pico bastante elevado, a que denominei Argollo, com uma serie de pedras superpostas, acamadas umas sobre outras, e com uma, cujo centro de gravidade como que está a escapar-se, parecendo querer despenhar-se pelas encostas da montanha. O Prolongamento da E. de F. da Bahia ao S. Francisco atravessa-a no kil. 386,424 distante da cidade da Bahia e no kil. 264 distante de Alagoinhas, na altitude de 436m,251.

ITOBY. Composto de *y-t-oby*, rio verde; S. Paulo (Dr. Theodoro Sampaio).

ITOBYRA. Serra do Estado da Bahia, no mun. de Bom Jesus do Rio de Contas.

ITOUPAVA. Pov. no Estado de Santa Catharina, no mun. de Blumenau; com escola.

ITRAPUÁ. Varzea extensa, á margem esq. do rio Tamanduatehy; no mun. de S. Bernardo e Estado de S. Paulo. « *Itapuá*, diz o Dr. João Mendes, é corrupção de *Ytiapii-á*, logar em que se accumulam detritos vegetaes. De *ytiapii*, detritos vegetaes arrojados; *á*, escolher. Allusivo a amontoarem-se nessa varzea detritos vegetaes, que as aguas do rio ahi arrojam e deixam ». Em alguns titulos de terras dão este nome ao ribeirão *Cassaquera*; mas é confusão.

ITRAPUÁ. Corrego do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Mogy das Cruzes e desagua no Taiassupeva-mirim, só ou reunido ao Itahim.

ITÚ-ASSÚ. Composto de *ytú-açú*, salto grande; Bahia (Dr. Theodoro Sampaio).

ITUCAMBIRA. Composto de *ytú-cam-bir*, salto de peito ou dorso empolado (Dr. Theodoro Sampaio).

ITÚ-MIRIM. Pov. do Estado da Bahia, na estação do seu nome, no Prolongamento da E. de F. da Bahia ao S. Francisco, no kil. 357,320 distante de Alagoinhas. Fica ao sopé da serra da Jacobina e é abastecido de agua pelo açude da Cachoeirinha, cavado em uma garganta da mesma serra e que é a obra d'arte mais importante da estrada.

ITÚ-MIRIM. Estação do Prolongamento da E. de F. da Bahia. Accrescente-se no fim: Fica no kil. 479,711 distante da cidade da Bahia e no kil. 357,320 distante de Alagoinhas, na altitude de 665m,220. Além dessa estação o terreno torna-se árido e só é regado pelas chuvas das trovoadas, pois que as de inverno vão somente além dessa localidade.

Elle é, não obstante, utilisado na criação de gado vaccum e parece possivel que seja adaptado ao cultivo da vinha por ter base calcarea.

ITUPARANANGA. Corruptela de *Itú-paranã-nga*, estrondosa queda d'agua. De *itú*, queda d'agua; *paranã*, fazer estrondo, ruido grande, com o suffixo *nga* (breve), para formar supino (Dr. J. M. de Almeida). Alguns escrevem *Tuparananga* e *Itupararanga*. Deste ultimo modo pronunciam em Sorocaba.

ITUPEVA. Corrupção de *ytú-peba*, salto rasteiro, baixo, cachoeira; S. Paulo (Dr. Theodoro Sampaio). *Itupeva*, corrupção de *Y-ty-ipé-bo*, logar de muitas pontas (arrecifes). De *y*, relativo; *ty*, ponta; *ipé*, muitas, com a particula *bo* (breve), para exprimir logar. Por contracção *Y-ty-'pé-bo* (Dr. J. M. de Almeida).

ITUPEVA. Corrego do Estado de S. Paulo; desagua na margem esq. do rio Tieté, proximo á foz do Itahim-guaçú.

ITUPEVA. Corredeira no rio Mogy-guassú, á foz do rio do seu nome; no Estado de S. Paulo. No mesmo Estado ha uma outra cachoeira *Itupeva*, no rio Jundiahy, no mun. deste nome, mais conhecida por *Itupeba*.

ITUPIRÚ. Cachoeira no rio Tieté, em S. Paulo. Accrescente-se no fim: O Dr. J. M. de Almeida diz: "Alguns têm traduzido *Itupirú* em — Ilha secca — ! Não ha duvida que *pirú* significa secco, enxuto; mas não se trata de *pirú*. *Itupirú*, corruptela de *Y-tu-pi-rũ*, arrecifes e rodomoinhos. De *y*, relativo; *ty*, ponta; *pi*, fundo, centro; *rũ*, revolver-se, revolução sobre si mesmo. Não deve ser confundido *y-ty* com *i-tú*, embora soando quasi o mesmo; porque o *y* tem pronuncia guttural, com o som de *u* fechado. Do mesmo modo o *ũ* de *rũ* tem a pronuncia guttural, com o som de *u* fechado. *Y-tá* significa pontas; ao passo que *i-tú* significa queda d'agua".

ITUQUARA. Log. do Pará. Accrescente-se no fim: Foi elevado á pov. pela Lei n. 687 de 23 de março de 1900.

ITUTINGA. Corruptela de *Itú-ty-nga*, queda d'agua, atada. De *i-tú*, queda agua; *ty*, atar, com o suffixo *nga* (breve), para formar supino (Dr. J. M. de Almeida. *Dicc.* cit.).

ITUTINGA. Log. do Estado de S. Paulo, no mun. de Santos.

ITUTINGA. Rio de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Desagua na margem esq. do Itapanhaú.

ITUVERAVA. Passou assim a denominar-se a com. e mun. do Carmo da Franca, do Estado de S. Paulo, pela Lei n. 664 de 6 de setembro de 1899.

ITUVERAVA. Serrote entre os muns. de Conceição dos Guarulhos e Natividade; no Estado de S. Paulo.

ITUZAINGO. Corrupção de *ytú-cãingó*, salto pendente, ou dependurado, salto a prumo; R. G. do Sul. Deve pronunciar-se *ituzaingó* (Dr. Theodoro Sampaio).

ITYRA (Substantivo). O mesmo que *atyra*, elevação, altura, cabeço, cumulo, monte (Dr. Theodoro Sampaio).

ITYRAPINA. Composto de *ityra-apina*, morro pellado, monte calvo; S. Paulo (Dr. Theodoro Sampaio).

ITYRAPINA. Dist. de paz do mun. de S. João do Rio Claro; no Estado de S. Paulo; com uma esc. mixta creada pela Lei n. 813 de 31 de outubro de 1901. Era o dist. do Morro Pellado.

ITYRAPUAN. Dist. de paz creado no mun. e com. do Patrocinio do Sapucahy, do Estado de S. Paulo, pela Lei n. 751 de 14 de novembro de 1900.

ITYRUNA. Compõe-se de *ityra-una*, monte negro, serra negra (Dr. Theodoro Sampaio).

IVAHY. Corrupção de *ybaí*, rio ruim, agua correntosa; pode ser corrupção de *ybá-y*, rio das flechas ou cannas bravas; Paraná (Dr. Theodoro Sampaio).

IVAPARANDUVA. Vide *Guapurunduba*.

IVINHEIMA. Corrupção de *yby-ayma*, o torto, o desviado, o sinuoso (Dr. Theodoro Sampaio).

IXOVAL. Furo do Estado do Amazonas, no mun. de Itacoatiara.

J

JÁ (verbo). Corrupção de *yá*, abrir, brotar, pegar, estar pegado; tomar, receber; (adjectivo) egual, semelhante conforme; prefixo nos nomes de animaes, e em grande numero de dicções, significando: *o, aquelle que, o que é* (Dr. Theodoro Sampaio).

JABÁ. Corrupção de *yabá* (verbo), fugir, esconder-se; (substantivo) fujão. No tupi-guarany é *jabáu* (Dr. Theodoro Sampaio).

JABAQUARA. Corrego do Estado de S. Paulo, no mun. de Villa Bella; desagua na praia do seu nome. « Corrupção de *yabá-quara*, refugio ou esconderijo dos fujões; vulgo *quilombo* (Dr. Theodoro Sampaio)". "*Jabaquara*, diz o Dr. João Mendes de Almeida, é corruptela de *Yâb-a-quar-a*, rachas e buracos. De *yâb*, racha, abertura natural, com *a* (breve), por acabar em consoante; *quar*, buraco, poço, fojo, com *a* (breve), por acabar em consoante. Allusivo a buracos no leito. Correm (os corregos) sobre formações geologicas frouxas; por exemplo, calcarea. Ao mesmo tempo, por um jogo linguistico, o indigena assignalou nesses cursos d'agua sua grande correnteza: *Y-a-baquã-ara*, contrahido em *Y-a-baqu'-ara*, corredor. De *y*, relativo; *a* (breve), para ligar o relativo a *baquã*, correr veloz; *ara*, particula activa do participio".

JABORANDY. Corrego do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Santo Antonio da Alegria e desagua na margem esq. do rio Sapucahy. "*Jaborandy*, diz o Dr. João Mendes de Almeida, corruptela de *Yâb-bóra-ndi*, muito gretado. De *yâb*, greta; *bóra*, particula de participio; *ndi*, muito. E' possivel que no logar haja abundancia da arvore *jaborandy*, tão utilmente empregada na medicina. Mas, o indigena, se disso cogitou para a denominação do sobredito ribeirão, foi sómente como jogo linguistico".

JABORANDY. Corrego de S. Paulo, no mun. de Barretos. Accrescente-se no fim: Desagua na margem esq. do rio Mogy-guassú.

JABOROCA. Ilha no mun. de Cururupú do Estado do Maranhão, na bahia do seu nome.

JABOTI. Corrupção de *ya-u-ti*, o que come pouco, animal de pouco comer. Baptista Caetano interpretou *y-abu-ti*, o que tem folego tenaz ou persistente. No tupi-guarani *yabuti*; no tupi do Amazonas *yauti*; no tupi da costa *yaboti*, *yabuti* (*Testudo tabulata*), ou Kagado do matto (Dr. Theodoro Sampaio).

JABOTICABA. O Sr. Dr. João Mendes de Almeida diz: "Nada tem este nome com a saborosa fructa preta *jaboticaba*, da familia das Myrtaceas; sendo, aliás, certo que nessa região abunda essa fructa. *Jaboticaba*, corruptela de *Y-iapó-téco-ába*, por contracção *Y-iapó-téc'-ába*, logar pantanoso. De *y*, relativo; *iapó*, pantano, charco; *tecô*, ser, no sentido de lei, condição, estado, costume, habito, natureza, com o accrescimo *ába*, para formar participio, exprimindo logar, modo, instrumento. Com effeito, o terreno sobre o qual corre este ribeirão é charcoso; e suas aguas são denegridas, por atravessarem pantanaes. Parece que o nome é mais dessa região, do que propriamente o ribeirão". "*Jaboticaba*, diz o Dr. Theodoro Sampaio, corrupção de *yabuti-guaba*, comida de kagado, fructo de que se alimenta o jaboti (*Eugenia cauliflora*).

JABOTICABA. Rio do Estado de Minas Geraes, banha o mun. do Rio Branco e desagua no Chopotó, affl. do Pomba.

JABOTICABAL. Vide nos *Accrescimos e Correcções* do IV Vol.

JABOTICABAL. Estação da E. de F. de S. Paulo ao Rio Grande, no logar Carrapatos, do mun. de Entre Rios; no Estado do Paraná.

JABOTICABAL. Rio de S. Paulo, nos limites de Lagoinha e Guararema. Accrescente-se no fim: E' affl. da margem dir. do Parahytinga, no qual afflue sob o nome de rio do Peixe. "*Jaboticabal*, diz o Dr. João Mendes de Almeida, corruptela de *Y-apó-yti-câba-á*, por contracção *Y-apó-yticab'-á*, sinuoso e arrojado aos saltos. De *y*, relativo; *apó*, salto; *yticaba*, de *ytig*, arrojar, com o accrescimo *ába*, e mudado o *g* em *c*, para formar participio, exprimindo logar, modo, etc.; *á*, torcer e fazer voltas. Com effeito, este ribeirão nasce no alto da serra Quebra-Cangalhas; e logo que nasce, e á distancia de cerca de kilometro e meio, precipita-se, formando salto encachoeirado de 14 metros de altura; e mais abaixo, á distancia de cerca de um kil., precipita-se de novo, formando outro salto encachoeirado de 18 metros de altura. Antes de formar juncção com o *Jaboticatuba*, ha outras cachoeiras e saltos menores; mas, 50 metros acima dessa barra, ha um de tres metros de altura, e em seguida um poço, e logo após as aguas se alargam e expraiam. Com o nome de rio do Peixe, affluem os dous ribeirões no rio Parahytinga, no logar Jaguarão."

JABOTICABAL. Cidade de S. Paulo. Accrescente-se no fim: O Dr. João Mendes de Almeida diz: " A serra, que deu o nome á cidade e começa proximo á ella, é *Yâb-yticaabá*, por contracção *Yâb-ytic'-abá*, muitas fendas e derrocamentos. De *yâb*, greta, fendas, rochas; *ytica*, supino de *ytig*, derrocar, mudado o *g* em *ca* (breve); *abá*, muitos, posposto e regendo tanto *yâb* como *ytica*, Allusivo a ter derrocados os cimos, com grutas ou cavernas na base. Si ha muitas arvores de jaboticaba nessa serra, o nome tupi da serra teria sido logo referido a essa fructa. Com effeito, *yaboticabá*, contracção de *yabotic'-abá*, significa muita jaboticaba. Os indigenas costumavam fazer esse jogo linguistico nas denominações para logares na mesma região, com som identico, mas significando differentemente. Ainda que existisse nessa região abundancia de jaboticaba, significado de *ya-botic-tib-a*, o indigena não cogitaria disso para denominar o ribeirão. Fez ahi apenas o costumado jogo linguistico".

JABOTICABAS. Log. no dist. da cidade do Rio Branco e Estado de Minas Geraes.

JABOTICABEIRA. O Dr. João Mendes de Almeida diz: "*Jaboticabeira*, corruptela de *Y-apó-yticaba-yêrè*, sinuoso e arrojado aos saltos. De *y*, relativo ; *apó*, salto; *ytib*, arrojar, levado ao participio pelo accrescimo de *ába*, mudado o *g* em *c*, exprimindo logar, modo, etc.; *yêrè*, volta. Por contracção *Y-apó-yticab'-yêrè*. Com effeito, este corrego desce do alto da serra dos Agudos, fazendo successivas voltas, e aos saltos, de queda em queda".

JABOTICABEIRAS. Bairro no dist. de Santa Rita da Extrema do Estado de Minas Geraes.

JABOTICAHÚ. Varzea á margem esq. do rio Tieté, no dist. do Braz e mun. da capital do Estado de S. Paulo. "*Jaboticahú*, diz o Dr. João Mendes de Almeida, corruptela de *Y-apoti-ig-aû*, suja de detritos vegetaes e animaes. De *y*, relativo; *apoti*, ser sujo; *igaû*, detritos ou escumas do mar ou de rio. Por contracção *Y-apot'-ig-aû*. Allusivo a ser uma varzea, em que após a vasante do rio Tieté, ficam detritos de toda a especie, ahi deixada pelas aguas, formando manchas".

JABOTICATUBA. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do ribeirão Jaboticabal pela margem esq.; no mun. da Lagoinha. « *Jaboticatuba*, diz o Dr. João Mendes de Almeida, corruptela de *Y-ibitû-catú-bo*, logar de vento forte. De *y*, relativo; *ibitû*, vento; *catú*, para exprimir superlativo; *bo*, particula denominativa do logar. Não é, pois, o nome do ribeirão, senão do logar em que nasce na serra Quebra Cangalhas. Com effeito, esse logar é conhecido pelo nome *Boqueirão do vento*; traducção livre de *Y-ibitû-catú-bo*. O ribeirão desce a serra aos saltos e com temiveis cachoeiras; e, após um percurso de mais de duas leguas, conflue com o Jaboticabal, e ambos reunidos tomam o nome de rio do Peixe, até desaguar no rio Parahytinga". Vide Jaboticabal (ribeirão).

JABOTITIUA. Ilha no mun. de Cururupú e Estado do Maranhão.

JABOTITUBA. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de S. Vicente Ferrer.

JABURÚ. Corrupção de *ya-abirú*, a que é repleta, ou inchada; allusão ao grande papo da ave desse nome; isto é, a papuda; alt. *jabirú* (*Myeteria americana*). Dr. Theodoro Sampaio.

JACAMIM. Corrupção de *y-acá-mi*, o que tem cabeça pequena (*Psophia crepitans*); corrupção de *y-acá-mii*, o que move a cabeça, a mesureira (Baptista Caetano).

JAÇANÃ. Corrupção de *y-açá-nã*, o que grita forte, o que tem o grito intenso (*Parra jaçanã*). Dr. Theodoro Sampaio.

JACARACANGA. Composto de *yacaré-acanga*, a cabeça do jacaré; Bahia (Dr. Theodoro Sampaio).

JACARACY. Assim passou a denominar-se a villa e mun. de Almas, no Estado da Bahia pela Lei n. 464 de 19 de agosto de 1902.

JACARANDÁ. Corrupção de *y-acá-ratã*, o que tem a cabeça dura, ou centro duro, rijo (Baptista Caetano). Machaerium.

JACARANDÁ. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da Vargem Alegre e mun. do Bom Fim.

JACARANDÁ. Igarapé do Estado do Maranhão, no mun. de Arayoses. Desagua no rio Carnahubeiras.

JACARANDÁ. Corrego do Estado de Minas Geraes, affl. do ribeirão S. Matheus, que o é do rio Paraopeba.

JACARÉ. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco; no Estado de Minas Geraes. Fica naquelle rio, a 1.005 kils. distante do Joazeiro (Bahia), e entre as estações de Morrinhos e Januaria.

JACARÉ. Igarapé do Estado do Amazonas, banha o mun. de Teffé e desagua na margem esq. do rio Juruá.

JACARÉ. Igarapé do Estado do Maranhão; nasce no logar Fortuna, nos Campos das Pombinhas, recebe o Tapuyo e desagua no Peritoró.

JACARÉ. Rio do Estado de S. Paulo, affl. do ribeirão Cururú, ou antes do ribeirão Pirahy, pela margem dir.; no mun. de Cabreuva. Vide *Cururú*. « Jacaré, diz o Dr. João Mendes de Almeida, corruptela de *Y-áqûa-rê*, muito corrente. De *y*, relativo; *áqûa*, correr; *rê*, o mesmo que *é*, destreza, ligeireza. Este *e*, em todas as significações varias, soe ser precedido do *r*, para bem destacar a pronuncia das palavras evitando a contracção. Com effeito, é um ribeirão apenas arqueado, mas quasi sem voltas, precipitando suas aguas por declive na serra, até desaguar no Pirahy. Como se vê, o nome deste ribeirão é inteiramente estranho ao saurio, denominado *yacaré*, cujas tres especies brasilicas são: o *assú*, o *tinga* e o *cúrna*... ». « Jacaré, diz o Dr. Theodoro Sampaio, corrupção de *ya-caré*, o que é encurvado ou sinuoso; corrupção de *y-echa-caré*, o que olha torto, ou de banda; póde ser ainda corrupção de *yaguá-ré*, a féra de outro genero, ou como se fôra a onça d'agua (*Crocodilus sclerops*). »

JACARÉ. Rio do Estado do Paraná, banha o mun. de Guarapuava e desagua no rio Ivahy.

JACARÉ-GUASSÚ. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Paranapanema; no mun. do Rio Novo. Desagua em frente ao Salto Grande. E' hoje conhecido pelo nome de rio Novo, em cuja margem esq. foi fundada a actual villa de S. José do Rio Novo. *Jacaré-guassú*, por existir outro affl. do mesmo rio Paranapanema pela mesma margem, e proximo, chamado *Jacaré-mirim*, por ser menor.

JACAREGUAVA. O Dr. J. Mendes de Almeida diz: "*Jacarégaúva*, corruptela de *Y-áquâ-yerê-guaá-bo*, enseada e alagadiços. De *y*, relativo; *áquâ-yerê*, enseada; *guaá*, alagadiço, banhado; *bo* (breve), para designar logar. Allusivo ás varzeas que o marginam, e que no tempo das chuvas são alagadas."

JACAREHÚ. Rio de S. Paulo. Accrescente-se no fim: — na ilha do Cardoso. O Dr. João Mendes de Almeida diz: "*Jacarehú*, corruptela de *Y-áquâ-ára-aú*, por contracção, *Y-áqu'-ar'-aú*, pouco corrente. De *y*, relativo; *áquâ*, correr, levado ao participio pela particula *ára*; e *aú*, para exprimir defeito na acção. Allusivo a serem quasi paradas suas aguas. Seu leito é pantanoso e algumas vezes se alaga; suas margens são bordadas de mangue."

JACAREHY. O Dr. Theodoro Sampaio diz: "*Jacarehy*, composto de *yacaré-y*, rio do jacaré". O Dr. João Mendes de Almeida diz: "Este nome nada tem com o amphibio *Jacaré*, como alguns pretendem, attribuindo ao indigena tal disparate ou tolice, sob a capa de lenda. *Jacarehy* é corrupção de *Y-aquá-yerê-ei*, esquina e volta desnecessaria. De *y*, relativo; *aquá*, esquina, ponta; *yerê*, volta; *ei*, inutil, ocioso, sem necessidade, sem fim algum, sem causa, caçoada. Ha mesmo a phrase *i-aquá-yerê*, enseada ou volta do rio. Por contracção *Y-aquá-'re-ci*. Allusivo á volta desnecessaria do rio Parahyba nesse logar; o qual, mais abaixo, faz sacco ou enseada, em terreno baixo, simulando uma lagôa: é o *Avarehy* ou *Averehy*. Na supra referida primeira volta, ha a pedra Cassununga, que recebe de encontro as aguas do rio, fazendo-as tomar outra direcção; de forma que a pedra é o vertice daquelle angulo agudo. O indigena entendia que era desnecessario que o rio procurasse aquella pedra ». Vide *Accrescimos e Correcções*, do IV Vol.

JACAREHY. Rio de S. Paulo, affl. do Jaguary. Accrescente-se no fim: Desagua pela margem esq. O Dr. João Mendes de Almeida diz: « *Jacarehy*, corruptela de *Y-aqûá-yerê-eii*, muitas esquinas e voltas. De *y*, relativo; *aqûá*, esquina; *yerê*, volta; *eii*, muitas. Por contracção *Y-aqûá-'rê-eii*. E' assim realmente este pequeno ribeirão em seu curso; successivas voltas esquinadas. »

JACAREPAGUÁ. O Dr. Theodoro Sampaio diz: « *Jacarépaguá*, corrupção de *yacaré-upá-guá*, baixa o valle da lagôa dos jacarés ». O Dr. João Mendes de Almeida diz: « Reunião das aguas dos rios Branco, Peruhibe e outros, formando golfo, após uma volta esquinada, ao N. da serra Itatins; no mun. de Itanhaen. *Jacarépaguá*, corruptela de *Y-á-ûá-yerê-pi-guâá* por contracção *Y-áqûá-'re-pi-guâá*, volta esquinada e golfo. De *y*, relativo; *áqûá*, esquinar; *yerê*, volta; *pi-guâá*, golfo, bahia. Allusivo a formar-se ahi uma volta bastante aguda, e bahia ou enseada, em communicação com o oceano ».

JACARÉ-PEPIRA. O Dr. Theodoro Sampaio diz: « *Jacarépipira*, corrupção de *yacaré-pipir*, o jacaré ferido, esfolado ». Lacerda e Almeida interpretou — *pestana de jacaré* —. O Dr. João Mendes de Almeida diz: « Ha dous: *Jacaré-pipira-guaçú* e *Jacaré-pipira-mirim*. Este é, nas cabeceiras Feijão, e, logo que afflue o ribeirão Lobo, é Jacarépipira. Em Leis Provs. de divisas está escripto, em vez de pipira, *popira;* mas foi erro. O Jacaré-pipira-guaçú é conhecido vulgarmente por Jacaré-Grande; o outro só por Jacaré. Este nome nada tem com o amphibio jacaré. E' corruptela de *Y-áqûá-yerê-pipira*, com voltas esquinadas e apertado. De *y*, relativo; *áqûá*, esquina; *yerê*, volta, formando a palavra *i-áqûá-yerê*, enseada ou volta de rio; *pi*, apertar, prensar, com a particula *pira* (breve), para formar participio passivo. Allusivo a terem muitas e successivas voltas esquinadas, correndo entre barreiras altas. O *guaçú* desagua abaixo do *mirim*, isto é, descendo o rio Tieté, o *mirim* é anterior ao *guaçú*. Ambos têm as cabeceiras nas serras entre os rios Tieté e Mogy-guaçú. O significado de Martius, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, — rio onde os jacarés apanham peixe — é simplesmente um não senso. Já li que Jacarépipira significa jacaresinho! Arrojo da ignorancia ».

JACAREPIÁ. Lagôa do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Saquarema.

JACAREPUÁ. Corrupção de *yacaré-puá*, ou *jacarépuama*, o jacaré assanhado (Dr. Theodoro Sampaio).

JACARÊ-UBAL. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. de Silves.

JACAUNA. Corrupção de *y-acá-una*, o da cabeça preta (Dr. Theodoro Sampaio).

JACEGUAY. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do Mboy-guassú; entre os muns. de Santo Amaro e Itapecerica. « *Jaceguay*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Y-áocê-guâá*, muitas enseadas. De *y*, relativo; *áocê*, para exprimir abundancia e excesso; *guâá*, enseada, banhado. Allusivo a ser muito sinuoso, e com banhados ás margens ». « *Jaceguay*, diz o Dr. Theodoro Sampaio, corrupção de *yacé-guaya*, cucurbita mansa, pois que *yacé* é a *cucurbita citrullus* L. »

JACIGUÁ. Composto de *yaci-guá*, valle da lua, seio da lua; alt. *jaceguá* (Dr. Theodoro Sampaio).

JACINTHO. Pequeno rio do Estado de S. Paulo, banha o mun. da Fartura e desagua na margem dir. do rio deste nome, affl. do Itararé.

JACIOCA. Pov. do Estado do Maranhão, a 72 kils. da cidade do Alcantara, a cujo mun. pertence, entre os igarapés Tubarão e Tororoma, que desaguam no rio Aurá. Seu porto, a seis kils. de distancia, fica no logar denominado Joaquim Santos.

JACOB. Morro bastante elevado que cerca a cidade de Barbacena; no Estado de Minas Geraes.

JACOB. Cachoeira no rio Tieté, acima da Avanhandava; no Estado de S. Paulo. Abaixo desta cachoeira, que tem o desnivelamento de um metro por 300 de extensão, o rio estreita-se ficando reduzido a 20 metros de largura.

JACÚ. Corrupção de *y-a-cú*, o que come grãos, o que traga ou engole fructos (Baptista Caetano). *Penelope*. « *Jacú*, nome dos ribeirões (de S. Paulo), diz o Dr. João Mendes de Almeida, é corruptela de *Y-acui*, cahido. De *y*, relativo; e *acui*, cahir-se ».

JACUARÁ. Log. do Estado do Pará, na sub-prefeitura de Urixiacá e com. de Santarem.

JACUBA. Composto de *y-acub*, agua tepida ou morna (Dr. Theodoro Sampaio). Referindo-se ao rio Jacuba, affl. do Jaguary (S. Paulo), diz o Dr. João M. de Almeida: « *Jacuba*, corruptela de *Y-acú-bae*, o que é quente. De *y*, relativo; *acú*, quente, com o suffixo *bae* (breve), para formar participio, significando — o que —. Este nome nada tem com *jacuba*, que é attribuido exclusivamente a uma preparação de agua, farinha e assucar para beber. *Jacuba*, com referencia a esta e a outras identicas preparações é corruptela de *Y-ácú-bae*, o que se bebe, isto é, a bebida. De *y*, relativo; *a*, se, precedendo o verbo neutro *cú*, beber, sorver, tragar, com a particula *bae* (breve), para formar participio, significando — o que —. Não é, portanto, termo africano, como o pensou José Verissimo em sua obra *Scenas da vida amazonica*. O ribeirão *Jacuba* tem, com effeito, em suas cabeceiras, caldas as aguas. Nasce em ramificação da mesma serra, onde existem os denominados *Póços de Caldas* ».

JACUBA. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Afuá.

JACUBA. Ribeirão do Estado de Minas Geraes, banha o mun. de Palmyra e desagua no rio Pinho ou Piau.

JACUHY. Corrego do Estado de S. Paulo. Vai para o rio Itahim-guassú, affl. do Tieté.

JACUHY. Rio de S. Paulo, affl. do Tieté. Accrescente-se no fim: Desagua pela margem esq. e banha o dist. da Penha de França; no mun. da capital. « Jacuhy, diz o Dr. Theodoro Sampaio, compõe-se de *yacú-y*, rio dos jacús ». « *Jacuhy*, diz o Dr. João Mendes de Almeida, corruptela de *Y-á-cui*, arenoso. De *y*, relativo; *á*, grão, granulo, cabeça; *cui*, pó, formando *á-cui*, pó granulado ou em grãos. Allusivo a ter muita areia no leito ».

JACUHYPE. Corrupção de *yaçú-y-pe*, no rio dos jacús (Dr. Theodoro Sampaio).

JACUMPÃ. Igarapé do Estado do Amazonas, affl. do rio Içá; no mun. de S. Paulo de Olivença.

JACUNÉ. Corrupção de *yacú-nê*, o jacú fetido ou catingueiro (Dr. Theodoro Sampaio).

JACUNÉ. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Saquarema.

JACUPEMA. Composto de *yacú-pema*, jacú inferior; alt. *jacupemba* (*Penelope superciliares*); *pema*=*pebɪ* (Dr. Theodoro Sampaio).

JACUPIRANGA. Rio de S. Paulo. Accrescente-se no fim: O conselheiro Martim Francisco em seu *Diario de 1815* (cit.) escreveu *Jacajeiranga*. « Isto prova, diz o Dr. João Mendes, que Jacupiranga é uma correcção posterior áquella data. Nem mesmo o nome poderia ter referencia á ave *jacú*, porque não ha especie de jacú com a denominação *jacu-pirã-nga*, significando — jacú vermelho. *Jacupiranga* é, portanto corrupção de *y-áqûá-yerê-ã-ngûe*, voltas esquinadas e altas. De *y*, relativo; *áqûá*, esquina; *yerê*, volta; *ã*, em pé, empinado; *ngûe*, particula de preterito, o mesmo que *cûe*, assim mudado em *ngûe*, por causa da pronuncia nasal do verbo *ã*. Contrahido em *Y-áqûá-yer'-ã-ngûe*. Allusivo ás muitas voltas esquinadas do rio, formando paredões. São logares perigosos por causa dos rodomoinhos ».

JACURICY. Estação da E. de F. de Alagoinhas, na Bahia. Accrescente-se no fim: Nessa estação foi erguida uma pyramide de cantaria para commemorar o embarque do aerolitho do Bendengó, vindo de Monte Santo.

JACURÚ. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Tieté; no mun. da capital. « *Jacurú*, diz o Dr. João Mendes de Almeida, corruptela de *Y-acury*, apressado. De *y*, relativo; *acury*, velocidade, presteza, pressa ».

JACURUPAVA. Corredeira no rio Tieté, no Estado de S. Paulo, abaixo da cachoeira Avarémandoava-mirim. « *Jacurupava*, diz o Dr. João Mendes de Almeida, corruptela de *Y-acury-pába*, corredeira. De *y*, relativo; *acury*, presteza, velocidade, pressa; *pába*, o mesmo que *ába*, para exprimir logar, modo, causa, instrumento etc. ».

JACUSINHO. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Santo Ignacio; no mun. do Rio Novo.

JACUTINGA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Corumbatahy.

JACUTINGA. Bairro do Estado de S. Paulo, no mun. da Fartura.

JACUTINGA. Bairro do mun. de Santa Barbara do Rio Pardo, no Estado de S. Paulo; com escola.

JACUTINGA. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Jaguary-mirim; no mun. de S. João da Bôa Vista. « *Y-o-cutĩ-nga*, volteador. De *y*, relativo; *o*, reciproco; *cutĩ*, voltear, dar voltas; *nga* (breve), para formar supino. Aquelle *o*, reciproco, serve para exprimir que as voltas são tantas e successivas que parece se dobrarem sobre ellas mesmas, nada adiantando ao viajante » (Dr. J. M. de Almeida). « *Jacutinga*, composto de *yacú-tinga*, o jacú branco (*Penelope leucoptera*); nome de uma rocha friavel argillosa servindo de jazida do ouro entre a rocha de itabirito » (Dr. Theodoro Sampaio).

JACUTINGA (Santo Antonio da). Dist. de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Foi elevado a mun. pela Lei n. 319 de 16 de Setembro de 1901.

JACY. Corrupção de *yaci*, a lua, o mez; o ornato feito de uma concha branca e talhado em forma de lua (Dr. Theodoro Sampaio).

JACY. Log. do Estado do Amazonas, no mun. da Labrea, sobre o rio Purús.

JADEGUABA. Log. do Estado do Ceará, em Soure.

JAGUÃ. Contracção de *yaguara*. Vide *Jaguar*.

JAGUACAHEN. Enseada á margem esq. do rio Ribeira; no mun. de Iguape e Estado de S. Paulo. « *Jaguacahen*, diz o Dr. João Mendes de Almeida, é corruptela de *Y-iguâá-caê*, enseada secca. De *y*, relativo; *i*, rio; *guâá*, enseada; *caê*, secco, enxuto. O *i*, rio, sôa como *a* fechado. Allusivo a ter o rio mudado ahi o seu curso, irrompendo uma pequena peninsula e deixando entre o leito velho e o nôvo uma ilha. O leito velho ficou quasi obstruido; e, em tempos de falta de chuva, sécca ».

JAGUAMIMBABA. Composto de *yaguá-mimbaba*, onça de criação, o cão manso; alt. *yaguamimbada;* S. Paulo (Dr. Theodoro Sampaio). « *Jaguamimbaba*, diz o Dr. João Mendes de Almeida, corruptela de *Y-áquã-mĩ-mbaba*, logar em que as pontas se escondem. De *y*, relativo; *áquã*, ponta; *mĩ*, esconder, occultar, levado ao participio pela particula *ába*, precedido de *mb*, por ser nasal a pronuncia de *mĩ*, para exprimir o logar. Mais em Minas Geraes do que na provincia de S. Paulo, o nome *Jaguamimbaba* é conservado; porque, de facto, os picos da grande serra (da Mantiqueira) mostram-se alli envolvidos em constante nevoeiro branco. Os portuguezes, entendendo que o nome *Jaguamimbaba* era corruptela de *guaybĩ-ába*, ou melhor, *guaybĩ-mb-ába*, cabello de velhas, mesmo por causa do nevoeiro branco, deram ao principal rio que nasce nessa serra o nome de *Rio das Velhas*, substituindo o nome tupi ».

JAGUANÉ. Corrupção de *yaguá-nê*, o fetido da onça, a catinga da onça; corrupção de *yaguá-ré*, onça de outro genero; especie de cão de pello zebrado ou maculado (Dr. Theodoro Sampaio).

JAGUAOVIRA. Corruptela de *Y-áqûá-o-bir-a*, esquinado e alto de ambos os lados. De *y*, relativo; *áqûá*, esquinar, esquina; *o*, reciproco, para exprimir plural e communicação; *bir*, levantar; com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante (Dr. João Mendes).

JAGUAPEVA. Corrupção de *yaguá-peba*, cão meudo ou inferior, cãosinho (Dr. Theodoro Sampaio).

JAGUAQUÁRA. Morro ponteagudo, no mun. de Cabreuva do Estado de S. Paulo, á margem esq. do rio Jundiuvira. « *Jaguaquára*, diz o Dr. João Mendes, corruptela de *Y-agûá-aquá-rô*, por contracção *Y-agûá-'quâ-rô*, redondo e ponteagudo. De *y*, relativo; *agûá*, redondo; *áquâ*, ponta; *rô*, por-se ».

JAGUAR. Corrupção de *ya-guara*, aquelle que devora ou dilacera, o comedor ou devorador; no tupi-guarani *yauá*, *yauára* (Dr. Theodoro Sampaio).

JAGUARA. Arraial de S. Paulo, no mun. da Franca. Accrescente-se no fim: A E. de F. Mogyana construiu ahi uma bella ponte com trilhos para seu trem rodante. « *Jaguara*, diz o Dr. João Mendes, corruptela de *Y-áqûá-yerê*, volta esquinada. De *y*, relativo; *áqûá*, esquina, esquinar; *yerê*, volta. Com effeito, o rio Grande forma ahi uma volta com esquina bem pronunciada. Por causa do accento agudo em *áqûá*, a palavra *yerê* seria pronunciada breve e corrida, quasi fazendo a contracção *Y-áqûá-'erê* ».

JAGUARABA. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Carassú, que o é do rio Una; no mun. de Barreiros. (Inf. loc.).

JAGUARAHÊ. Morro do Estado de S. Paulo, entre a capital, Santo Amaro e Cotia. Vide *Jaguarahé* nos *Accrescimos* e *Correcções*.

JAGUARAHYVA. Composto de *yaguar-aiba*, a onça ruim, o cão ordinario; S. Paulo (Dr. Theodoro Sampaio).

JAGUARÃO. Augmentativo de *jaguar*, á moda portugueza pode ser, porém, corruptela de *yaguá-nharõ*, a onça brava, os cães bravos; R. G. do Sul (Dr. Theodoro Sampaio).

JAGUARARY. Pov. da Bahia. Accrescente-se no fim: Fica na estação do seu nome, nas fraldas da serra da Jacobina. Tem umas 400 casas, um cemiterio dentro do pov. e uns 800 habs.

JAGUARARY. Estação do Prolongamento da E. de F. da Bahia. Accrescente-se no fim: Fica no kil. 471,184 distante da cidade da Bahia e a 348,760 distante de Alagoinhas, na altitude de 664m,490. Exporta fumo, cereaes e algum café.

JAGUARAUNA. Composto de *yaguara-una*, a onça preta, o tigre.

JAGUARÊ. Bairro no mun. da capital do Estado de S. Paulo; com uma esc. mixta, creada pela Lei n. 643 de 7 de agosto de 1899.

JAGUARETÊ. Corruptela de *Y-aquâ-ára-eté*, por contracção *Y-aqu'-ar'-eté*, muito corrente. De *y*, relativo; *aquâ*, correr, accrescido com a particula *ára*, para formar participio activo; *eté*, para exprimir superlativo (Dr. J. M. de Almeida. *Dicc.* cit.).

JAGUARIBE. No rio da onça; corrupção de *yaguar-y-be*. *Jaguaripe*, o mesmo que Jaguaribe, corruptela de *yaguar-y-pé*.

JAGUARICATÚ. Vocabulo tupico que significa o bom rio da onça. E' composto de *yaguar-y-catú*.

JAGUARIPE. Villa da Bahia. Accrescente-se no fim: Foi elevada á cidade pela Lei n. 296 de 12 de maio de 1899.

JAGUARITÊ. Composto de *yaguar-eté*, a onça verdadeira (*Felis onça*). Dr. T. Sampaio.

JAGUARY. Rio da onça; composto de *yaguar-y* (Martius. — T. Sampaio). O Dr. João Mendes discorda e diz que Jaguary é corruptela de *Y-áquâ-ri*, successivamente esquinado; ou de *Y-aquâ-ara-i*, perseverantemente esquinado.

JAGUARY. Morro do Estado de S. Paulo, entre os rios Una do Prelado e Verde, no mun. de Iguape. Sua base é de pedras núas. Indevidamente tem sido confundido com o *Garaú*. « *Jaguary*, diz o Dr. João Mendes, corruptela de *Y-aquâ-ri*, com ponta. De *y*, relativo; *aquâ*, ponta; *ri*, com. Allusivo a ser ponteagudo ».

JAGUARY. Ribeirão do Estado de S. Paulo, banha o dist. de Itaquaquecetuba e desagua na margem dir. do rio Tieté, proximo á foz do Mandy.

JAGUARY. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do Ribeira de Iguape; no mun. de Xiririca.

JAGUARY. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Juquery, trib. do Tieté. Recebe o corrego das Furnas.

JAGUARY. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do Jaguary-mirim; entre os muns. de S. João da Bôa-Vista e de Casa Branca. E' tambem conhecido por Jaguary do Campo.

JAGUARY. Bairro do mun. de Xiririca, em S. Paulo. Accrescente-se no fim: Foi elevado a dist. pela Lei n. 752 de 14 de novembro de 1900.

JAGUATIRICA. Composto de *yaguá-tirica*, onça timida, medrosa, fujona (*Felis mitis*). Dr. T. Sampaio.

JAHÚ. Corruptela de *Y-ayû*, o que se estreita. De *y*, relativo, significando — o que se—; *ayû*, verbo neutro, estreitar, ter garganta. Nada tem este nome com o peixe *jahú* (Dr. João Mendes de Almeida. *Dicc. Geogr. da Prov. de S. Paulo*). *Jahú* ou *Jaú*, composto de *y-aú*, o que come, aquelle que devora (Dr. T. Sampaio).

JAIBARA. Pequeno pov. do mun. de Itapecurú-mirim; no Estado do Maranhão.

JALAPA. Corr. *yarapa*, o que é para se colher, ou para se tirar; é a flor do campo das mais singelas e attractivas (Dr. T. Sampaio).

JAMBEIRO. Corrupção de *Y-ã-mb-yêré*, empinada e com voltas. De *y*, relativo; *ã*, empinar, estar em pé; *mb*, intercalação por causa do som nasal de *ã*, que teve de ser ligado á *yêré*, volta. Allusivo a ter este serrote empinadas as encostas e a formar zig-zags. Nada, pois, tem este nome com a myrtacea *Jambeiro*, cujo fructo é saboroso, e é a propria casca, em cujo centro está solto o caroço. E' arvore da Asia, transplantada para o Brasil; não a mencionou como indigena Gabriel Soares, no *Roteiro Geral* (Dr. João Mendes de Almeida, *Dicc. Geogr. da Prov. de S. Paulo*, obra posthuma, 1902).

JAMUNDÁ ant. *Nhamundá*. Composto de *ya-mundá*, aquelle que furta, gente ladra, povo de ladrões; Pará (Dr. Theodoro Sampaio).

JANDAIA. Corr. de *nhand-ái*, correndo só, o corredor; especie de papagaio pequeno com os encontros, peito e cabeça, amarellos (*Psittacus surdus*). Dr. T. Sampaio.

JANDAIRA. Corr. *nhandê-ira*, o nosso mel; corr. *nhandai-ira*, mel fluente, corredor; nome de uma abelha negro-avermelhada (Dr. T. Sampaio).

JANDIÁ. Riacho do Estado do Maranhão, no mun. do Pinheiro.

JANDIAHY. Pequeno pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Itapecurú-mirim.

JANDIRA. Corr. *yandê-ira*, o nosso mel, a doçura nossa, a nossa meiguice. E' usado como nome de mulher (Dr. T. Sampaio).

JANGADA. Log. do Estado do Parahyba do Norte, no mun. de Pedras do Fogo.

JANGADA. Pov. do Estado do Paraná, no mun. de União da Victoria, á margem do rio do seu nome, no caminho de Palmas.

JANUÁ. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Breves. Vai para o rio Arrayollos.

JANUARIA. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, na cidade do mesmo nome; no Estado de Minas Geraes. Fica naquelle rio a 1.055 kils. do Joasciro (Bahia), e entre as estações de Pedras de Maria da Cruz e Jacaré.

JAPAGUAREHÚ. Corruptela de *Y-apá-aquá-ára-aú*, por contracção *Y-ap'-aqu'-ár'-aú*, pouco corrente. De *y*, relativo; *apá*, particula para exprimir o sujeito da cousa; *aquá*, correr, levado ao participio pelo accrescimo de *ára* e *aú*, para exprimir o defeito na acção. (Dr. J. Mendes de Almeida. *Dicc.* cit.).

JAPARA. Corr. *y-apara*, o que é curvo ou torto, o arco para propellir a flexa (Dr. T. Sampaio).

JAPARANDUBA. Serra do Estado de Pernambuco, ao S. do mun. do Altinho.

JAPARAQUIRA. Corr. *yapara-aquira*, o arco verde, que tambem se diz no tupi *yapara-oby* (Dr. T. Sampaio).

JAPARATUBA. Corr. *y-apara-tyba*, o que tem curvas ou voltas em abundancia, o sinuoso; pode ser ainda arcos em abundancia (Dr. T. Sampaio).

JAPEJÚ. Log. no mun. de Uruguayana do Estado do R. G. do Sul; com uma esc. municipal.

JAPI. O Dr. J. M. de Almeida, em seu *Dicc. Geogr. da Prov. de S. Paulo*, obra posthuma, 1902, diz: « Nada tem o nome desta serra com o passaro *conirostro* conhecido por *japi* e *japú*, e tambem por *che-chéo*, *japuri* e *guacho*. Deste *conirostro* ha tres especies: os que tem cores preta e branca, com encontros amarellos, *cassiens icteronotus*; os que tem a cor preta com encontros encarnados, vulgarmente denominados, *japiins do matto*, *cassicus hœmorrhous*; e os de penacho com cauda amarella, maiores do que os das duas especies já referidas, *cassicus cristatus*. A terceira e ultima especie é a do *yapi*; as outras duas, por menores, são *yapi-i*. Este passaro arremeda os outros passaros. Seus ninhos são suspensos a galhos de arvores, e em forma de abobora d'agua. *Japy*, nome da serra, é corruptela de *Ya-pi*, aberturas fundas. De *ya*, abrir, rachar; *pi*, fundo, vazio. Allusivo a compor-se a serra de tres filas de morros parallelos, com intervallos fundos. E mais ha, em cada fila, *abertas* ou gargantas numerosas para travessio facil. Tambem nesta serra ha grutas pouco notaveis. No cume de um dos seus picos existe uma lagôa; e na vertente occidental ha uma linda cascata.

JAPOCA. Corr. *y-a-poca*, agua que se levanta arrebentando, agua impetuosa, Parahyba (Dr. T. Sampaio).

JAPÚ. Corr. *ya-pú*, o que rumoreja ou faz ruido, o gritador; nome de uma ave de cauda amarella que faz ninho em forma de bolsa (*Cassicus cristatus*). Dr. T. Sampaio.

JAPUTEREBA. Composto de *yapú-tereb*, o que tira peccados, o que lava as faltas, o que clama contra os vicios ou mentiras; o padre, o missionario (Dr. T. Sampaio).

JAQUESSABA. Serra do Estado do E. Santo, entre Guarapary e Anchieta.

JAQUIRANA. Corr. de *yakirana*, a cigarra; alt. *Jiquirana*, *Gitirana* (Dr. T. Sampaio).

JARACATIÁ. Subs., *yaracatiá*, especie de mamão (*Carica dodecaphylla* Vell.); designa tambem uma especie de cactus (Dr. Theodoro Sampaio).

JARACATIÁ. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha o mun. do Bom Jardim e desagua no ribeirão S. José, trib. do rio Grande.

JARAGUÁ. Compõe-se de *yara-guá*, valle ou baixa do senhor; enseada ou angra do senhor; corr. *yara-quá*, ponta ou dedo de Deus, ponta proeminente; S. Paulo, Goyaz, Alagôas (Dr. Theodoro Sampaio). Morros que dominam o campo (Martius). Agua que murmura (A. de Saint-Hilaire). *Jaraguá* é corruptela de *Y-araquâî*, o roliço. De *y*, relativo; *araquâî*, roliço, cingido, torneado (Dr. J. M. de Almeida).

JARAGUAÚ. Rio affl. da margem dir. do Tieté; no mun. da capital do Estado de S. Paulo. E' tambem denominado *Jaravahú*. « *Jaraguaú*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Y-ar-aguâá-úú*, ladeado de varzeas lodosas. De *y*, relativo; *ar*, ladear; *aguâá*, ou simplesmente *guâá*, enseada, varzea; *úú*, o mesmo que *húú*, lodo, borra, fezes, detritos, etc. Allusivo a ter ás margens, e na barra, varzeas pantanosas. O verbo *ar* é ahi empregado em dous sentidos, ladear e rematar, para alludir tambem á varzea da barra, hoje quasi dessecada por ter sido rasgada ».

JARANDRAGOEIRA. Pov. do Estado do Ceará, em Soure.

JARANDUBA. Igarapé do Estado do Pará, na ilha Caviana e com. de Chaves. Desagua no rio Pracuuba.

JARARACA. Composto de *yará-r-ag*, o que colhe ou agarra envenenando, ou vulgarmente, o que tem bote venenoso (*Bothrops*). Dr. Theodoro Sampaio.

JARARACA. Bairro do Estado de S. Paulo, no mun. da Fartura.

JARARACA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Santa Isabel e desagua na margem esq. do rio Jaguary, trib. do Parahyba do Sul.

JARARACUÇÚ. Jararaca grande (*Bothrops*); composto de *yararac-uçú*.

JARARAHY. Rio affl. da margem dir. do Cotia, no mun. deste nome e Estado de S. Paulo. « *Jararahy*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Y-araá-araá-i* contrahido em *Y-araá-'raá-i*, perseverante e superlativamente doentio. De *y*, relativo; *araá*, doença, repetido para exprimir superlativo, ou a successão do mesmo facto; *i*, posposição de perseverança. Com effeito, este corrego é quasi todo alagadiço; ainda que tem alguma cachoeira, como a que se vê da antiga estrada de rodagem Itauna ».

JARAVAHÚ. Rio affl. da margem dir. do Tieté; no mun. da capital do Estado de S. Paulo. « *Jaravahú*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corrupção de *Y-aroyâ-uú*, pantanaes pegados uns aos outros. De *y*, relativo; *aroyâ*, pegar-se um ao outro; *uú*, alagadiço, lamacento, atoleiro, pantanal. Allusivo a ter varzea ás margens, com pantanos e atoleiros ».

JARDIM. Bairro do dist. de Santa Rita da Extrema; no Estado de Minas Geraes.

JARDIM. Serra do Estado de Pernambuco, ao N. do mun. do Altinho.

JARDIM. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Saquarema.

JARDIM. Rio do Estado do Maranhão, banha a pov. de Jardim de Maracassumé do mun. de Tury-assú e desagua na margem esq. do Maracassumé.

JARDIM. Rio affl. do Atibaia pela margem esq., no mun. de Campinas e Estado de S. Paulo. Junta-se ao Iguatemy, formando um só.

JARDIM DE MARACASSUMÉ. Pov. do Estado do Maranhão, a 72 kils. da cidade de Tury-assú, a cujo mun. pertence. Fica entre as cabeceiras dos rios Jardim e Campos.

JATAHY. Corr. *y-a-atã-i*, arvore de fructo duro; pois que: *a*, fructo, *atã*, duro, *i*=*iba*, arvore (Hymenœa coubaril); alt. *jetahy*, *gitahy*, *jitaiba*, *getauba*, *jutahy*, *jatobá*, designa tambem uma especie de abelha (Dr. Theodoro Sampaio). « O nome *Jatahy* nada tem com a abelha vermelha, *yatei*, que a corruptela diz *jatahy* ou *jetahy*, e que produz um mel medicinal. Nada tem tambem com o *jatahy*, corruptela de *yutaí* da mesma familia do *yut'-obá*, de que ha varias especies. . . *Jatahy*, nome dos ribeirões, é corruptela de *Yo-ytá-i*, perseverantemente pedregoso. De *yo*, que aqui não he reciproco, mais exprime qualidade natural; *ytá*, pedra; *i*, posposição de perseverança » (Dr. J. M. de Almeida. *Obr.* cit.).

JATAHY. Rio affl. da margem dir. do Mogy-guassú; no mun. de S. Simão no Estado de S. Paulo.

JATAHY. Rio affl. da margem dir. do rio Parahyba; entre os muns. de Jatahy e Bocaina do Estado de S. Paulo.

JATAHYTUBA. Corruptela de *Y-ateỹ-tiú-bae*, o que bója e afrouxa. De *y*, relativo; *ateỹ*, ser frouxo, afrouxar; *tiú*, bojar, fazer barriga, com o suffixo *bae* (breve), para formar participio, significando — o que — (Dr. J. M. de Almeida, *Dicc. Geogr. da Prov. de S. Paulo*, obra posthuma, 1902).

JATINAN. Pov. do Estado de Pernambuco, no mun. de Cabrobó.

JATIUTUBA. Corr. *yatiú-tyba*, carrapatos em abundancia, o carrapateiro; pode ser ainda corr. *jatiú-tyba*, batatas em abundancia, o batatal; pois que *jatyuca* é batata, como é o carrapato (*Ixodes*), ainda que este ultimo mais correctamente se diga *jatebuca* (Dr. Theodoro Sampaio).

JATIVOCA. Morro no mun. de S. Carlos do Pinhal, no Estado de S. Paulo. « *Jativoca*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Y-ati-bog-ca*, morro gretado. De *y*, relativo; *ati*, montão, morro, elevação; *bog*, rachar, fender, abrir, gretar, com *ca* (breve), para formar participio. Allusivo a ter cavernas ».

JATOBÁ. Corr. *y-atá-obá*, o que tem dura a casca, ou a superficie. Vide *Jatahy* (*Hymenacea c.*). Dr. Theodoro Sampaio.

JATOBÁ. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Codó.

JATOBÁ. Corrego do Estado de Goyaz, banha o mun. de Jatahy e desagua no rio Doce.

JAURÚ. Corr. *yaú-r-ú* ou *yaú-r-y*, o rio do jahú; Matto Grosso (Dr. T. Sampaio).

JAVAHÊ. Corr. *y-abá-ê*, aquelle que é gente differente, o que é povo á parte; Goyaz (Dr. Theodoro Sampaio).

JAVARY. Rio do Amazonas. Accrescente-se no fim: Cunha Gomes tinha fixado a nascente desse rio na Lat. de 7°11'48",10 Sul; a commissão mixta em 1901 achou a Lat. de 7°7'48",10 Sul, portanto, uma differença de 4 minutos em favor da Bolivia.

JEGUE. Telegraphista, jumento. Nome empregado no sertão do Estado da Bahia.

JEJUHY. Graphia hespanhola de *chechuy* ou *chuchui-y*, rio dos pintasilgos.

JEQUITAIA. Cachoeira no rio Sorocaba e Estado de S. Paulo. « *Jiquitaia*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Y-iquê-çáî-a*, lados estendidos. De *y*, relativo; *iquê*, lado; *çáî*, estender, esparzir, no infinitivo. Allusivo a que, depois de estreitado por uma muralha, o rio alarga-se com cerca de 150 metros, com um desnivelamento de dous metros para 200 metros de extensão, e um canal tortuoso e incerto, denominado pelos indigenas *cẽ-canâi*, sahida sinuosa e movediça. De *cẽ*, sahida; *canâi*, cousa torta que não se ajusta. Incerto, por causa da areia cuja deslocação é incessante ».

JEQUITIBÁ. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Indaiassú.

JEQUITIBÁ. Rio de S. Paulo, affl. do Atibaia. Accrescente-se no fim: pela margem dir. O Dr. J. M. de Almeida diz: « Não ha referencia alguma á magestosa arvore, conhecida por *jequitibá*, corruptela de *Yê-cuî-ty-bae*, o que deixa cahir a ponta. De *yê*, reciproco, para exprimir a acção da cousa sobre si mesma; *cuî*, cahir; *ty*, ponta; *bae* (breve), para formar participio, significando — o que —. Allusivo ao seu fructo que, depois de amadurecido, deixa cahir a tampa ou ponta, ficando o casulo. Essa tampa é conhecida entre os rusticos por— isqueiro de mico—. Desta magestosa arvore da familia das Myrtaceas, tem sido assignaladas duas especies, a *rosea* e a *vermelha*, aquella conhecida na sciencia por *Couratari legalis* e esta por *Couratari strellensis*; mas, Martius especificou tambem uma terceira especie a *Couratari domestica*. A casca dá uma qualidade de *embira*; e, como adstringente, é empregada nas diarrhéas e nas anginas. Ainda mesmo abundando esta arvore nas margens deste affl. do rio Atibaia, ao nome do ribeirão é completamente estranha a arvore. *Jequitibá*, nome do ribeirão, é corruptela de *Yê-quiti-bae*, o que se limpa. De *yê*, reciproco, para exprimir a acção da cousa sobre si mesma; *quiti*, limpar, esfregar; *bae* (breve), para formar participio, significando — o que —. Allusivo a correrem suas aguas em tal declive, que levam consigo quaesquer corpos estranhos e sujidades. E' pedregoso e encachoeirado ».

JERICOAQUARA. Corr. *yurucuá-quara*, paradeiro, buraco, ou refugio das tartarugas; Ceará (Dr. T. Sampaio). Vide *Jericoacoara* e *Jurucuá*.

JERIVÁ. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do Toledos, trib. do Piracicaba.

JERONYMO (S.). Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do Caaguaçú ou Caguassú, trib. do Jundiuvira.

JERONYMO BAPTISTA (Dr.). Estação da E. de F. Leopoldina, no mun. de Campos e Estado do Rio de Janeiro, no kil. 118.

JINGOARY. Rio do Estado do Pará, banha o territorio do Aricary e desagua na margem dir. do rio Oyapock. (*Carta* do territorio do Aricary, de José Lobo Pessanha. Pará — Agosto — 1901).

JIQUEIRA. Morro no mun. de Itapecerica, no Estado de S. Paulo. Vide *Chiqueiro*. *Jiqueira*, corruptela de *Y-ii-cuêra*, o resvaladio. De *y*, relativo; *ii*, resvalar; *cuêra*, particula de preterito, mas tomada algumas vezes por presente, como neste caso, segundo a licção do padre A. R. de Montoya, em seu *Tesoro de la lengua guarani*. Allusivo a ser muito lamacento, e por isso resvaladio. A palavra *chiqueiro*, que figura nos diccionarios da lingua portugueza, é corrupção de *Y-ii-cuêra*, por ser lamacento e lubrico o curral de porcos (Dr. J. M. de Almeida. *Dicc. Geogr. da Prov. de S. Paulo*, obra posthuma. 1902).

JIQUI. Corr. *yiky*, o cofo, o cesto conico para pesca (Dr. T. Sampaio).

JIQUIÁ. Corr. *yiqui-á*, o sal brota, onde apparece o sal; ainda corr. *yiki-yá*, o cofo aberto; Alagôas (Dr. T. Sampaio). Vide *Jequiá*.

JIQUIBÁ. Corr. *yiqui-upá*, lagôa do sal; Alagôas (Dr. T. Sampaio).

JIQUIRIÇÁ, ant. *Jiqueirijape*. Composto de *yiki-r-yape*, no chamado *jiqui*, isto é, no rio chamado do jiqui; Bahia (Dr. T. Sampaio). Vide *Jequiriçá*.

JIQUITAHY. Corr. *yiquitai-y*, rio das formigas *jiquitaia*; Minas Geraes (Dr. T. Sampaio). Vide *Jequitahy*.

JIQUITINHONHA. Corr. *yiky-ty-nhonhe*, cofo n'agua assentado, cofo ou covo mergulhado. E' provavel, porém, que o vocabulo seja da lingua dos *Botocudos*, dominante na região banhada por esse rio (Dr. T. Sampaio).

JITAHY. Vide *Jatahy*.

JOÃ. Rio affl. da margem esq. do Juquery, no mun. da capital do Estado de S. Paulo. Tambem escrevem *Juá* e *Yuá*, que significa limoso.

JOANNA. Corrego do Estado de S. Paulo, no mun. do Patrocinio do Sapucahy, nas divisas do dist. de Ityrapuan. Reune-se com o corrego das Pedras ou Varginha.

JOANNA. Ribeirão do Estado de Matto Grosso, affl. do Jangada que o é do rio Cuyabá.

JOANNA (Santa). Pequeno pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Itapecurú-mirim.

JOANNES. Ilha do Estado da Bahia, defronte do Porto dos Tainheiros, que fica na peninsula de Itapagipe.

JOÃO (S.). Log. do Estado do Maranhão, no mun. de Tury-assú.

JOÃO (S.). Log. do Estado da Bahia, no dist. de Plataforma. Dahi parte uma ponte de ferro da E. de F. S. Fran-

cisco com 542 metros de extensão que termina no logar Lobato. E' separado da pov. de Plataforma pelo morro do seu nome.

JOÃO (S.). Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. da capital, com escolas.

JOÃO (S.). Morro na villa de Itaocara e Estado do Rio de Janeiro.

JOÃO (S.). Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Muaná.

JOÃO (S.). Rio do Estado do Maranhão, na ilha de S. Luiz. Faz confluencia com o rio das Mercês e banha a pov. do Rio de S. João.

JOÃO (S.). Rio do Estado do Maranhão, affl. da margem esq. do Tury-assú, no mun. deste nome.

JOÃO (S.). Pov. do Pará, no mun. de Odivellas. Accrescente-se no fim: Foi elevada á villa pela Lei n. 797 de 22 de outubro de 1891.

JOÃO ACIMA (Sant'Anna de S.). Dist. de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Foi desmembrado do mun. do Pará e incorporado ao mun. de Itauna pela Lei n. 319 de 16 de setembro de 1901. Comprehende o pov. Tinocos.

JOÃO ANTUNES. Serra do Districto Federal, no dist. de Campo Grande.

JOÃO BAPTISTA (S.). Pov. do Estado de Santa Catharina, no mun. de Tijucas; com escola.

JOÃO BAPTISTA. Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. do Rio Branco.

JOÃO CHRISPIM. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. de Cimbres.

JOÃO DA BARRA (S.). De S. Fidelis dirigi-me para a cidade de S. João da Barra. Passei pelas estações de Ernesto Machado, Boa-Vista, Dr. Jeronymo Baptista e Campos, na cidade deste nome.

Tomando um carro nesta ultima estação, fiz-me conduzir ao outro lado da cidade, onde fica a estação Thomaz Coelho, ponto inicial da E. de F. Campista.

Em direcção a S. João da Barra, tomei o trem desta ultima E. de F. e passei pelas estações Commendador Lage, Floresta, Barcellos (com a importante usina deste nome), Caetá (corrupção de *caá-etá*, as folhas, as plantas, as mattas), com uma fabrica de manteiga, e S. João da Barra.

Todas estas estações ficam á margem dir. do rio Parahyba, atravessando a estrada uma região plana, semeada de brejos e com extensas plantações de canna.

A cidade de S. João da Barra apresenta duas perspectivas. Vista da estação é feia, vista do rio Parahyba, lindissima.

Extensa, pois vai do logar denominado Curral ou Villa Nova até o denominado Convento, plana, á margem dir. do rio Parahyba, distante quatro kils. da embocadura deste rio no oceano, a 36 kils. de Campos e defronte das ilhas Arena e Urubú, ambas situadas naquelle rio. Seu interior não impressiona bem a quem a visita.

Suas ruas são estreitissimas, tortuosas, arenosas, sujas, sem calçamento e illuminadas a kerozene.

Salvo umas dez casas de algum gosto, todas as mais são velhas, estragadas, quasi todas terreas e ligadas umas ás outras.

Não tem esgotos. A agua que abastece a cidade é do rio Parahyba, pessima e que deve produzir molestias no apparelho digestivo. Apenas os mais abastados servem-se de filtros; a população pobre, porém, bebe-a tal qual a apanha no rio, ingerindo todas as impurezas que ella contém, e assim se explica a côr macillenta de quasi todos os habitantes.

A pop. da cidade, em geral, dispõe de poucos recursos, mas é ordeira e de muito boa indole.

Os edificios da cidade são: as egrejas Matriz, da Boa Morte de S. Benedicto e de S. Pedro, a Casa da Camara, a Casa de Misericordia, a cadêa, o matadouro e o bello predio em que funcciona a Sociedade Beneficente dos Artistas.

A Matriz está situada na praça S. João Baptista, com a frente voltada para o norte. E' um templo bastante grande, mas baixo, em relação ao tamanho; não vi melhor em todo o Estado.

Tem a forma de uma cruz latina. Seu interior é bonito, as paredes singelas, os altares dourados e de estylo gothico.

Na capella mór ha um altar com S. João Evangelista no throno e S. Pedro e Santo Antonio dos lados; tem quatro tribunas.

No corpo da egreja ficam dous altares, o do lado do Evangelho com a imagem de Nossa Senhora das Dôres, e o do lado da Epistola com S. Miguel; um bonito pulpito, a pia baptismal e o coro com um harmonium.

Na capella funda do lado do Evangelho ha um altar do Santissimo Sacramento com o Senhor dos Passos, e, sobre duas peanhas, Nossa Senhora do Parto e Sant'Anna.

Na capella funda do lado da Epistola, capella da Irmandade do Rosario, ha tres altares: de Nossa Senhora do Rosario, S. José e Santa Cecilia, tem um pulpito volante e uma tribuna corrida.

Nos fundos do altar-mór fica a sacristia da Matriz, e do lado do Evangelho a da Irmandade do Sacramento.

O Mercado, inaugurado a 11 de julho de 1902, está situado á beira-rio. Tem 115 palmos de frente e 73 de largura. No centro ergue-se um chafariz, sobre o qual ha uma lapide de marmore commemorativa.

A Camara funccionou, até 1894, no edificio então immundo da cadêa. Por decencia e hygiene, o Coronel Teixeira, então Presidente, tratou de adquirir um outro predio, que é o em que a Camara funcciona actualmente, á rua Municipal, com a frente voltada para o Parahyba. E' um predio de sobrado, asseiado e solidamente construido.

No sobrado encontram-se: a sala das sessões da Camara, com uma archibancada em forma de ferradura e á cabeceira do Presidente um bom retrato do Marechal Floriano, a sala das sessões do Jury, a Secretaria, o Archivo, a sala da Bibliotheca e outras dependencias; no pavimento terreo existem as salas das audiencias do Juiz Municipal, Delegacia de Policia e Juizes de Paz, a Procuradoria, a Afferição e outros compartimentos.

A cadêa, solida e bem segura, fica situada na praça S. João Baptista, em frente á entrada da Matriz; tem tres prisões. No pavimento superior está alojado o corpo de segurança civil.

A Santa Casa fica na rua Dr. Cordeiro, esquina da rua Coronel Teixeira. Está em criminoso abandono, sem doentes e onerada de uma enorme divida. Na sala de recepção existe um retrato de D. Pedro II.

O Matadouro, de iniciativa da Camara de 1893-1895, está situado em um dos extremos da cidade, no logar denominado Curral, á margem do rio Parahyba.

Os cemiterios ficam no logar denominado Coqueiros. Ha dous, um da Camara e outro da Irmandade do Santissimo Sacramento. São ambos murados e têm capella.

A cidade tem, além de diversas ruas, um largo e seis praças denominadas: Aquidaban; S. João Baptista com a Matriz e a Cadêa; S. Benedicto com a capella do mesmo nome e o predio da Sociedade Beneficente dos Artistas; da Boa Morte com a egreja do mesmo nome; Quinze de Novembro e Santo Antonio dos Pobres.

Possue 744 predios, que pagam decima, e uma população de 5.000 habitantes. Tem uma typographia, onde se imprime o *Combatente*, 21 casas de seccos e molhados, dous hoteis, duas pharmacias, quatro açougues, cinco lojas de fazendas, quatro barbeiros, tres casas de fogos, duas ferrarias quatro padarias, duas lojas de alfaiates, duas sapatarias, uma casa com dous bilhares, uma empreza funeraria, quatro trapiches, duas serrarias a vapor e dous estaleiros.

Além da sociedade acima mencionada, ha tambem uma loja maçonica denominada Fidelidade e Virtude.

A instrucção é dada na cidade em duas escolas estaduaes e uma municipal.

Ha dous medicos e quatro advogados.

O que dá vida á cidade é exclusivamente ser a séde da Companhia de Navegação S. João da Barra e Campos com o capital de 1.346:800$ e com agencias no Rio de Janeiro, em Campos, Macahé, Cabo Frio, Victoria, Laguna, Bahia e Aracajú.

Dispõe do seguinte material flutuante: sete vapores do serviço costeiro, dous vapores fluviaes, dous rebocadores, um lúgar (navegação de cabotagem), tres catraias, um saveiro, 27 pranchas e barcas e quatro canôas pranchas.

O municipio tem a área de 2.300 kils. quadrados e limita-se ao norte com o Estado do Espirito Santo pelo rio Itabapoana (antigamente *Cabapoama*, composto de *caba* e *poama*, as vespas assanhadas ou levantadas); ao sul e a oéste com o municipio de Campos; e a léste com o oceano.

Divide-se em cinco distrs.: Cidade, S. Francisco de Paula (Barra Secca), S. Sebastião do Itabapoana, Santo Amaro, antigo S. Luiz Gonzaga e Amparo do Tahy (o mesmo que *Tagy*, braço ou galho de rio, furo, canal).

O terreno do mun. é plano ao sul e ondulado para o norte e oéste.

Os rios que o banham são: o Parahyba, o Itabapoana, o Guaxindiba (alteração de *Guacenduba*, corrupção de *guacemdyba*, composto de *guacem*, planta malvacia de fibra muito resistente (*Urena lobata*) e *dyba* ou *tyba*, em abundancia), pequeno curso de agua que vem do centro de S. Francisco de Paula e desagua no oceano; não é propriamente um rio, sendo formado pelos pantanos e pelas aguas das chuvas, havendo occasiões em que sua barra fica fechada por occasião das seccas; o riacho Gargahú, que é um braço do rio Parahyba, atravessa a lagôa do seu nome e desagua no oceano; e o vallão das Cacimbas.

Ha as seguintes lagôas no mun.: do lado esq. do Parahyba a do Campello; e á direita as do Tahy Grande e Pequeno, a das Bananeiras, a de Grussahy e a de Quipary.

No dist. de S. Francisco de Paula encontram-se as povs.: Cacimbas (S. Francisco de Paula) e a de Gargahú, á margem da lagôa do mesmo nome e do oceano, onde todos os sabbados se realiza uma feira dos productos (farinha, cereaes e aves) daquella zona, que são permutados por generos levados de S. João da Barra e Campos; tem uma capella da invocação de S. Pedro e 47 predios que pagam decima.

No dist. de S. Sebastião do Itabapoana ha a pov. do mesmo nome, séde do dist. a dous kils. da foz do rio Itabapoana, com 81 predios que pagam decima; exporta madeiras.

A lavoura do mun. consiste em canna, cereaes e algum café. Possue excellentes campos de criar e os engenhos Ganguella dos herdeiros do Capitão Francisco Alves Manhães; o do Capitão Crysantho Pereira de Barros; o do Capitão João de Almeida; o do Capitão João Henrique Corrêa; o do Capitão Eduardo Martins da Silva; a fazenda de S. Pedro de Alcantara, e o engenho da Cobiça, todos movidos a vapor; os de Luiz Ribeiro de Miranda, Francisco Rodrigues dos Santos, Salvador Pereira Nunes, Manoel Pinto Netto Barreto, Antonio Joaquim dos Santos, Alexandre da Silva Riscado, Jacintho Ribeiro Gomes e Francisco Paes da Silva, todos movidos por animaes.

Ha apenas a uzina denominada Barcellos.

Graças á gentileza do Coronel Manoel José Nunes Teixeira, um dos directores da Companhia de Navegação, foi posto á minha disposição o vapor Miracema, no qual fiz a travessia do rio Parahyba até á foz, junto da qual fica a pov. de Atafona.

A viagem é encantadora e a vista da cidade explendida.

Passámos pelas ilhas do Arena e do Lima e chegámos á Aona, onde o rio expira calmo e sereno, sem a menor contorsão, entre áquella pov. e a ponta da Convivencia.

A pov. de Atafona possue um pharol de 6ª classe, umas 30 casas de gosto moderno; a casa da praticagem e a capella de Nossa Senhora da Penha com tres altares; o de Nossa Senhora da Penha; o de Santo Antonio e o de São Benedicto. Todos os annos, em abril, ha uma romaria á milagrosa Mãe Santissima.

A capella foi começada por Antonio Ignacio de Souza e concluida por João Candido Dias da Motta, que tem o seu retrato na sacristia.

Em Atafona termina a estrada de ferro Campista.

Abrange essa pov. uma superficie arenosa com fracas elevações, ostentando em seus cimos algumas arvores.

A seis kils. de distancia, á margem do oceano, fica o pov. Grussahy, com umas 40 casas, todas modernas, e excellente praia para banhos, muito frequentada, por serem as suas aguas muito batidas e muito saturadas de sal.

A Egreja Matriz de S. João da Barra já existia em 1630, sendo elevada á categoria de parochia em 1644 com o titulo de S. João Baptista da Barra, unida ao mun. de Campos e com este passou a pertencer á capitania do Espirito Santo por Dec. de 1 de junho de 1753.

Foi creada villa com o nome de Parahyba do Sul em 1676, perdendo depois aquella denominação pela de S. João da Praia e mais tarde perdendo esta pela que actualmente conserva.

Deixou de fazer parte do Estado do Espirito Santo pela Lei de 31 de agosto de 1832, e foi elevada á cidade pela Lei Prov. n. 534 de 17 de junho de 1850.

JOÃO DE OLIVEIRA. Ribeiro que, com outros, forma o rio Apiahy-guassú, no mun. de Apiahy do Estado de S. Paulo.

JOÃO DOS PATOS (S.). Villa do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira, *obr. cit.*, diz: « *S. João dos Patos*, situada em uma planicie e á beira de uma pequena lagôa que secca no verão, é central e dista 60 kils. de Pastos Bons. Cerca de 30 kils. distante desta villa lhe serve de porto, á margem do rio Parnahyba, o logar Limpeza, situado 80 kils. á montante da pov. Barão de Grajahú, até onde chegam regularmente os vapores, que viajam nesse rio. Neste mun. ha criação de gado de todas as especies, producção de cereaes e de algodão ». O Sr. José Ribeiro do Amaral, em seu trabalho *O Estado do Maranhão em 1896*, diz: « *S. João dos Patos*, villa, antiga pov. do mesmo nome, elevada áquella categoria pelo Dec. n. 130 de 19 de março de 1892. Havendo tido por esse facto grande desenvolvimento, foi creado termo judiciario unido á com. do Alto-Itapecurú por Acto do poder executivo de 8 de junho do mesmo anno. Geograficamente, limita-se este mun. ao N. com os termos da Passagem Franca e Picos; a E. com o termo de S. Francisco; ao S. com o rio Parnahyba e ao O. com os termos de Nova York e Pastos Bons; e judicialmente, a começar do N. da serra da Estiva e d'ahi em linha recta ao logar Fortes, subindo pela estrada de Paranaguá até o Porto dos Veados, d'ahi pelo rio Parnahyba acima á fazenda Burity e desta em linha recta á fazenda Serra Grande até á mesma serra da Estiva. A sua extensão N.—S.— é de 60 kils. e E.—O.— de 84 kils., sendo a sua pop. calculada approximadamente em 5.000 almas. Assentada sobre uma planicie (chapada) e cercada das melhores condições hygienicas, conta já a villa de S. João dos Patos onze casas de telha, cem de palha, quatro de negocio de seccos e molhados, e seis alfaiates, cinco sapateiros, dous pedreiros, tres carpinas, um carpinteiro, dous marcineiros, tres barbeiros, dous ourives, cinco oleiros, um selleiro, um ferreiro e dous funileiros... Sua pop. é de cerca de 1.000 habs. Seus principaes generos de producção consistem em: algodão, canna de assucar, arroz, milho, café em pequena escala e todos os demais cereaes, avultando os dous primeiros. Tem criação de gado. Para o fabrico do assucar e aguardente existem no mun. 37 engenhos de madeira, movidos a animaes ». Pertence-lhe o pov. Sucupira.

JOÃO FELIX (S.). Log. do Estado do Paraná, no mun. de Antonina.

JOÃO FERNANDES. Riacho do Estado de Pernambuco, no mun. de Amaragy.

JOÃO GOMES VELHO. Bairro da cidade de Palmyra; no Estado de Minas Geraes.

JOÃO MAGRO. Corrego do Estado do Rio de Janeiro. Forma com o Manoel Lopes o rio Bella Joanna, trib. do rio Preto, que o é do Parahyba do Sul.

JOÃO PAULO. Rio de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Desagua na margem dir. do rio Parahyba.

JOÃO RIBEIRO. Bairro do dist. de Santa Rita da Extrema; no Estado de Minas Geraes.

JOÃO ROSA. Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. de Guanhães.

JOÃO TORRES. Colonia particular do Estado do Paraná, á margem da estrada de Matto Grosso, a 18 kils. de

Curytiba, a cujo mun. pertence. E' dividida em 30 lotes, habitados (1901) por cerca de 170 italianos e brasileiros.

JOAPEN. E' a palavra com que o padre Lourenço Craveiro, reitor do collegio dos Jesuitas de S. Paulo, explicou em 1674 o nome *Gioapê*, dado ao campo mencionado no titulo de sesmaria de Pedro de Góes de 10 de outubro de 1532.

JOAQUIM (S.). Dist. creado no mun. de Nuporanga do Estado de S. Paulo pela Lei n. 859 de 6 de setembro de 1902.

JOAQUIM (S.). Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do ribeirão Descaroçador.

JOAQUIM ANICETO. Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. do Rio Branco.

JOASEIRO. Cidade da Bahia. Accrescente-se no fim: Em 8 de agosto de 1902 publiquei no *Jornal do Commercio*, a seguinte noticia a respeito dessa cidade.

« Eis-me em pleno S. Francisco!

Ouvi-lhe os primeiros vagidos na cachoeira da Casa d'Anta; agora ausculto-lhe o palpitar do seu coração de heróe, nas proximidades do tumulo que o espera.

Sua jornada foi longa, por centenares de leguas fertilisou o sólo de cinco Estados, supportou em seu dorso milhares de embarcações que levaram a vida e o conforto ás povoações assentadas em suas margens, despertou o silencio das mattas, que o ensombram, com o marulho de suas corredeiras e o estrepito de suas catadupas. E' justo que descance.

Mas antes de expirar, elle quer dar uma demonstração de sua vitalidade passada, da pujança de suas aguas. Eil-o a precipitar-se em colossaes catadupas, sobre pedras artisticamente buriladas, formando a magestosa cachoeira de Paulo Affonso, a maior maravilha do Brasil.

Pódes morrer, glorioso rio! Deixas após ti uma longa jornada de fatigantes trabalhos e um monumento que attestará para todo o sempre a enorme grandeza do teu destino e será o poema epico, que consagraste á gloria do Eterno.

E' linda a perspectiva da cidade, principalmente quem a contempla ao norte e sul.

Para o sul desenvolve-se uma longa explanada, que vai terminar na serra do Mulato; para o norte corre-lhe ás plantas o magestoso S. Francisco, de cuja margem direita começa ella a erguer-se. Defronte fica-lhe a encantadora cidade da Petrolina e a meio do rio a Ilha do Fogo, assim denominada porque, no crepusculo da tarde, o sol se despede della lançando-lhe raios que dão uma cor avermelhada ás pedras de um rochedo que nella se levanta.

O rio, em frente á cidade, corre sinuoso, tomando a fórma de um S. A parte opposta ao rio é baixa e por isso, nas grandes enchentes, fica inundada, formando uma verdadeira ilha.

Suas ruas são impossiveis de transitar-se. São constituidas de uma argila pulverisada, que, nas grandes ventanias, se levanta em elevadas espiraes, envolvendo tudo quanto encontra. De Junho a Outubro as nuvens de pó são tão intensas que chegam a esconder a cidade ás vistas de Petrolina.

Não ha roupa, não ha calçado, não ha moveis que resistam ao seu contacto. Imagino o grande damno que faz no estomago e nos pulmões dos habitantes a absorpção continuada de pó tão fino.

A cidade data de pouco tempo. Apresenta já muita cousa boa, muita ruim e muita por fazer. Seu aspecto geral é bonito; vista de Petrolina é lindissima.

Os passeios de suas ruas, e poucos os tem, são muito irregulares, com soluções de continuidade, estreitos e elevados sobre o nivel das ruas.

A rua, que corre á margem do rio, está muito descurada, sem nivelamento e sem uma muralha que contenha o S. Francisco em suas investidas contra a cidade.

Tem cinco praças, sendo mais vasta a do Desembargador Monteiro, onde se acha a Matriz. Seguem-se a do Dr. José Ignacio, onde existe a Santa Casa de Misericordia; a do Rosario, onde está sendo construida a nova casa do Conselho; a da Liberdade e a da Redempção.

Seus predios são terreos, com excepção de uns tres sobrados, grandes, mas sem gosto esthetico. Na praça do Desembargador Monteiro encontram-se casas de gosto moderno e de uma só altura.

Ha ainda muitas casas feitas *a supapo*, que são verdadeiras cafuas cobertas, umas de telhas, e outras com palhas de carnaúba.

No perimetro da cidade ha 558 predios sujeitos ao imposto de decima urbana. Sua população é de 6.000 habitantes.

O numero das casas de negocio é de 76, havendo entre ellas algumas que effectuam importantes transacções commerciaes.

Tem duas pharmacias. Entre as drogas que nellas se encontram figura o iodureto de potassium, que é vendido em larga escala para combater a syphilis, que tanto arruina a população.

A travessia para a cidade da Petrolina faz-se por meio de umas barcaças, chamadas *paquetes*, que singram o rio a vela.

Havia até o anno proximo passado uma festa de pretos, meio fetichista e meio carnavalesca, denominada — *Festa dos Congos* —, e que tinha lugar no mez do Rosario.

Os pretos vestiam-se com tangas, anaguas, trazendo aos pés umas meias que se prolongavam até os joelhos e na cabeça um capacete com pennas de ema. No centro do prestito iam o Rei, a Rainha e um General (o velho Benedicto).

O Rei, de corôa, com um manto azul, calções vermelhos e o peito coberto de bugigangas; a rainha, tambem com vestido branco todo enfeitado com fitas; e o General, de preto, com galões nos punhos, chapéo armado, banda militar, talim e espada debaixo do braço.

Felizmente a Camara Municipal acabou com semelhante carnaval tão fóra de tempo.

Na cidade tem séde a Empreza de Viação do Brazil, cuja primeira viagem foi feita a 23 de fevereiro de 1891, tendo sido officialmente inaugurada no rio das Velhas em 1894.

Dispõe de 10 vapores e sete lanchas para transporte de cargas. Importa mercadorias estrangeiras e sal e exporta couros, pelles, borracha de mangabeira e maniçoba, resina de jatobá, café, toucinho, madeira, fumo de corda, pennas de ema, plumas de garça, rapaduras e alguns cereaes.

Tem dous armazens para deposito de cargas e officinas de montagem e reparação, onde se acham dous motores, um da força de 12 cavallos e outro de 10.

As estações de Joaseiro a Pirapora, no rio S. Francisco, são: Sant'Anna, a 47 kils. do ponto inicial; Casa Nova a 75, Santa Sé a 102, Oliveira a 139, Remanso a 202, Pilão Areado a 278, Chique-Chique a 359, Barra a 420, Morro do Paramirim a 511, Riacho das Canôas a 549, Bom Jardim a 602, Estrema do Urubú a 642, Urubú a 666, Sitio do Matto a 725, Lapa a 748, Carinhanha a 886, Malhada a 888, Manga a 943, Morrinhos a 957, Jacaré a 1.005, Januaria a 1.055, Pedras de Maria da Cruz a 1.070, S. Francisco a 1.140, S. Romão a 1.202, Barra do Paracatú a 1.233, Extrema a 2.282, Guaicuhy a 1.341 e Pirapora a 1.269.

No Rio Grande ha as seguintes estações: Desterro a 470 kils. distante do Joaseiro, Boqueirão a 545, Conceição a 565, Macambira a 604, Sobrado a 624, Poço Redondo a 644, Campo Largo a 670, Porteiras a 696, Santa Luzia a 716 e Barreiras a 789; e no Rio Corrente: Porto Novo a 808 e Santa Maria a 850.

Os edificios da cidade são:

A estação da Estrada de Ferro, uma das de mais gosto que tenho visto no Brasil. Compõe-se de um vasto edificio, infelizmente não acabado, com tres corpos: um reentrante, o central, e mais dous lateraes, salientes. Sua fachada distingue-se pela allegoria que a encima. Dos lados estão duas figuras, representando o commercio e a industria, e no centro, no capitel, a figura de um velho representando o rio S. Francisco, como uma igara e um remo a um lado; a figura de Neptuno, com o tridente, representando o oceano, do outro lado; e no centro, coroando a allegoria, uma roda de locomotiva atravessada por uma asa. O conjunto symbolisa a Estrada de Ferro ligando o rio São Francisco com o oceano.

A Matriz é um templo muito modesto. Tem na frente e nos fundos dous grandes cruzeiros, e este no meio de um jardim. Não tem torres.

No interior apresenta, além do altar-mór com a imagem de Nossa Senhora das Grotas, padroeira, mais tres altares, lateraes, um com o Senhor dos Passos, outro com o Senhor Morto e outro com o Bom Jesus de Mattosinhos, ladeado por Nossa Senhora das Dores e Nossa Senhora do Carmo.

A Casa de Misericordia pessimamente situada no centro da cidade, é um edificio terreo e com commodos muito acanhados. Tem na frente um altar com o Senhor dos Afflictos, as enfermarias S. João, S. Pedro, S. Lazaro e S. José, a sala das sessões com o retrato do fundador e Provedor Dr. José Ignacio da Silva e outras dependencias.

Foi fundada em 1892.

A casa da Camara e cadêa é menos do que um pardieiro.

Felizmente está em construcção um outro edificio, em frente do qual ha um deposito de lixo.

O theatrinho Sant'Anna, de propriedade do Dr. Hermano de Sant'Anna, satisfaz plenamente os fins a que é destinado: é um theatro da roça, tem duas ordens com 48 camarotes.

Nota-se ainda o Club Commercial, fundado a 21 de Maio de 1893 e que funcciona em predio proprio; e duas philarmonicas, a « 28 de Setembro » e a « Apollo Joaseirense ».

A dous kils. da cidade fica o *Campo de Viticultura*, com 70 hectares, cercado de arame e com um novo predio de residencia, ha pouco construido. Tem por fim adaptar variedades de videiras mais proprias á fabricação do vinho e uvas de qualidade para consumo directo. Conta mil e muitas vides enraizadas; além de outras plantas uteis de pomar, que estão sendo cultivadas, como abrigo, essencias florestaes, etc.

O campo é mantido por uma subvenção estadual de 12 contos annuaes.

Na cidade publica-se apenas um jornal, o *Correio de S. Francisco*.

O mun. confina ao S. com o do Bomfim na fazenda Encruzilhada; com o de Campo Formoso, no lugar denominado Passagem do Sargento, a L. com o de Curaçá na Barra Grande; ao N., com o rio S. Francisco e a O., com o de Sento Sé na fazenda Pedras do Custodio.

Comprehende os seguintes dists.: Cidade, Carahybinha, com séde na fazenda Juramento, Curaçá, com séde na fazenda Almas e Salitre, com séde na fazenda Gamelleira, e os seguintes arraiaes: Junco, distante 36 kilometros da séde do municipio; Olho d'Agua do Velho, a 30; Rancharia, a 48; Sacco do Meio, a 48; Curaçá Pequeno, a 72 e Rodeadouro, a 11.

As ilhas pertencentes ao municipio são: Mandacarú (nome commum aos cardos), Genipapo, Lagôa, Quipá, com cachonilha, Caldeirão, Estreito, Lameiro, Ingá, João Coelho, Santos, São Gonçalo e Nossa Senhora.

A ilha do Fogo, em frente á cidade, pertence ao municipio de Petrolina e é de propriedade particular.

Ha diversas lagôas, que alimentadas, na sua maior parte, pelas cheias do rio S. Francisco, tornam-se piscosas e fazem grandes vasantes ou banhados, que são aproveitados pelos lavradores. As principaes são: Itaparica, Paucassahy, Tapera, Conchas, Tyranno, Bois, Nova Olinda, Comprido, Curralinho e dos Mandis.

Entre as serras que formam a parte montanhosa do mun., á excepção de alguns montes isolados, existe a ramificação que se destaca da grande cordilheira do Espinhaço, que, penetrando no municipio pelo lado do sul, acompanha á distancia o rio S. Francisco, com as denominações de Bom Successo, S. Francisco, do Mulato, Carahybinha e Catita.

O unico rio importante que rega o mun. é o Salitre, em cujas margens se faz o plantio da canna, de que se fabricam rapaduras.

O rio S. Francisco tem entre Joazeiro e Petrolina pouco mais de 700 metros nas vasantes e 800 nas enchentes.

A industria na cidade é nulla, limitando-se apenas a umas tres ou quatro fabricas de sabão e a duas de vinagre. No municipio cria-se algum gado.

Seu porto é frequentado por barcos de cabotagem que nelle vão receber generos, que transportam ás povoações situadas ás margens do rio.

Tomei um paquete e fiz-me transportar á outra margem do rio, em visita á cidade de Petrolina.

Esta cidade do Estado de Pernambuco é mais bonita vista do Joazeiro do que de perto.

Seu sólo é menos arenoso do que o desta ultima cidade; a areia é misturada com cascalho, o que lhe dá certa consistencia.

As ruas principaes correm parallelas ao rio, tendo como transversaes beccos muito estreitos. Seus predios são quasi todos novos, terreos e sem gosto.

Possue a matriz de Nossa Senhora, Rainha dos Anjos, uma capella particular do Menino Deus, uma boa cadeia e uma modesta casa da Camara.

Ha diversas chacaras com parreiras, que dão excellentes uvas.

A população quasi toda é parda; vi muitas crianças com a côr bronzeada dos nossos selvicolas. As mulheres occupam-se em fazer rendas.

Petrolina é quasi um *estado autonomo*. O Governo só sabe que ella existe quando tem de vencer eleições. Vive em completa independencia, segregada do resto do Estado ».

JOASEIRO DE BAIXO. Pov. do Estado do Ceará, no mun. de Morada Nova.

JOCOARA. Rio do Estado de Matto Grosso, affl. do Paraguay, nas divisas do mun. do Rozario.

JOGO DA BOLA. Morro do Estado de Minas Geraes, na cidade de Barbacena. E' hoje occupado pela magnifica chacara do Coronel Rodolpho de Abreu.

JOGO DA BOLA. Morro do Estado de Minas Geraes, entre o dist. da cidade de Monte Santo e o da cidade do Jacuhy.

JORDÃO. Pov. do Estado da Bahia, no mun. de S. Felix.

JORDÃO. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. de Santo Antonio da Vargem Alegre e mun. do Bom Fim. Pertenceu ao dist. da cidade deste nome.

JORDÃO. Açude na Serra do Rosario, mun. de Sobral e Estado do Ceará.

JOSÉ (S.). Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. de Sant'Anna do Paraopeba.

JOSÉ (S.). Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Chaves. E' um braço do rio Goiabal. Recebe os igarapés Anta e Campos.

JOSÉ (S.). Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Taquaretinga e desagua no rio Capibaribe.

JOSÉ (S.). Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha a cidade de Valença e desagua no rio das Flores.

JOSÉ (S.). Rio do Estado do Rio de Janeiro, banha o mun. do Bom Jardim e desagua no rio Grande. Recebe o S. Domingos e Almas, o Bussinger, o Maxambomba, o Ocirema, o Jaracatiá, o Santa Angelica, o Laranjal e o Amparo. Banha o dist. de S. José do Ribeirão. E' tambem conhecido pelo nome de *Ribeirão*.

JOSÉ (S.). Rio do Estado de S. Paulo, no mun. do Capão Bonito do Paranapanema. Recebe o corrego dos Canudos.

JOSÉ (S.). Corrego do Estado de Minas Geraes, entre os muns. de Alfenas e Santo Antonio do Machado. Vai para o Sapucahy.

JOSÉ (S.). Lago do Estado do Pará, no mun. de Obidos. Em sua margem fica situada a pov. de Cicatandeua.

JOSÉ CHRISTINO. Corrego do Estado de Minas Geraes, no mun. de Theophilo Ottoni.

JOSÉ DA COSTA. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Agua Preta.

JOSÉ DO IGARAPÉ-ASSÚ (S.). Pov. do Estado do Maranhão, a 36 kils. NO. da cidade de Tury-assú, a cujo mun. pertence. Fica sobre a margem esq. do rio do seu nome.

JOSÉ DO IGARAPÉ-ASSÚ. Rio do Estado do Maranhão, banha a pov. do seu nome e lança-se na bahia Mutuoca. Recebe o Diamantino.

JOSÉ DO MESTRE. Corrego do Estado de Minas Geraes, nas divisas do mun. de Tres Corações do Rio Verde.

JOSÉ DOS PINHAES (S.). Villa do Paraná. Em logar de villa leia-se — cidade — e accrescente-se no fim: Foi elevada á cidade pela Lei n. 259 de 27 de dezembro de 1897.

JOSÉ FRANCISCO. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da cidade do Bom Fim.

JOSÉ FRANCISCO. Morro na cidade do Mar d'Hespanha; no Estado de Minas Geraes.

JOSÉ JACQUES. Bairro do mun. do Ribeirão Preto; no Estado de S. Paulo; com uma esc. creada pela Lei n. 732 de 26 de outubro de 1900.

JOSÉ JOAQUIM. Rio do Estado de Minas Geraes, banha o mun. do Rio Branco e desagua no Capella Velha.

JOSÉ LOPES. Ponta na peninsula de Itapagipe; no Estado da Bahia.

JOSEPHA (D.). Serra do Estado de Pernambuco, ao S. do mun. do Buique.

JOSEPHA (Santa). Estação da E. de F. de Araraquara; no Estado de S. Paulo, no kil. 31,925, entre as estações de Itaquerê e Mattão.

JOSIAS. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. da Labrea.

JUABA. Uma das sub-prefeituras em que se divide a com. de Cametá; no Estado do Pará. Tambem escrevem *Joaba*.

JUACEMA. Composto de *yu-acema*, sahida dos espinhos ou barra dos espinhos; Bahia (Dr. T. Sampaio). Varnhagen interpretou *Juace-eyma*, sem sede. Vide *Joacema*.

JUBANGUÁ. Trecho do rio Sorocaba desde Bacaetava até á foz do rio Sarapuhy. *Jubanguá*, corruptela de *Yû-bang-o-á*, gargantas e torcimentos para ambos os lados. De *yû*, garganta; *bang*, torcer; *o*, reciproco; *á*, ladear, lado. O infinitivo, quando não tem caso, exprime a acção do verbo em geral. Allusivo ás muitas sinuosidades e gargantas do rio, nessa extensão. Esse trecho do rio é, com effeito, apertado entre margens altas; reduzida a 25 até 20 metros a sua largura; com successivas sinuosidades (Dr. J. M. de Almeida, *Dicc. Geogr. da Prov. de S. Paulo*, obra posthuma, 1902).

JUCUNEN. Composto de *y-ucú-nem*, agua espraiada e fetida (Dr. T. Sampaio). Vide *Jucunem* e *Jacunem*.

JUJUTUBA. Rio do Estado do Pará, no mun. de Breves.

JUNDIÁ. Composto de *yundi*, espinhal, barbas, espinhos, e *á*, cabeça; *jundiá*, o que tem cabeça cheia de espinhos ou barbas; peixe d'agua doce (*Platystoma spatula*). Dr. T. Sampaio.

JUNDIÁ. Log. e rio do Estado da Bahia, no mun. de Cannavieiras.

JUNDIACANGA. Lagôa nas divisas do mun. de Sorocaba do Estado de S. Paulo. « *Jundiacanga*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Yû-nda-ocang-a-i*, lagôa que não sécca. De *yû*, lagôa, alagadiço; *nda*, particula de negação; *ocang*, terceira pessoa do presente do indicativo do verbo *canga*, seccar, enxugar, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante, e mais o accrescimo de *i*, para fechar a negação. Allusivo a não seccar em tempo algum, por ser alimentada por uma vertente. Tanto a lagôa como a vertente formam parte das divisas dos dois muns. de Campo Largo de Sorocaba e de Sarapuhy; e a lagôa é mesmo na estrada entre a cidade de Sorocaba e o bairro de Jundiacanga ».

JUNDIAHY. Rio affl. da margem esq. do rio Sorocaba, no mun. deste nome e Estado de S. Paulo. « *Jundiahy*, composto de *yundiá-y*, rio dos jundiás; S. Paulo ». (Dr. T. Sampaio). « *Jundiahy*, segundo o systema de Martius, significaria — rio em que abunda o peixe *yundiá* —. Este peixe é de escama semi-ossea, vivendo no lôdo dos rios e dos lagos. E' do numero dos peixes chamados *do matto*, porque, ao primeiro repiquete da enchente, sobem com as aguas, e descendo estas, ficam sobre folhas seccas, no meio dos mattos que haviam sido inundados, e ahi desovam, á espera do segundo repiquete para voltarem ao rio. O proprio Martius, em seu *Gloss. Ling. Bras.*, escreveu que *Jundiahy* é — rio dos bagres —, porém a descripção de *yundiá* acima feita, demonstra que este peixe não é da familia dos bagres. Mas, o indigena não cogitou de denominar esses cursos d'agua com o nome de peixe que por ventura ahi abundaria; era bastante intelligente, e, portanto, não commetteria tal sandice. *Jundiahy* é corruptela de *Yû-ndi-aí*, alagadiços e muita folhagem e galhos seccos. De *yû*, alagadiço, aguas pôdres; *ndi*, muitos, muito; *ai*, folhagem secca, galhos cahidos das arvores, hervas rasteiras, detritos vegetaes de toda a especie. Allusivo a alagarem-se suas margens em tempo de chuvas, formando aguas paradas e cobertas de limo: e ao mesmo tempo atulhados de folhas e ramos seccos esses alagadiços, além de outros vegetaes » (Dr. J. M. de Almeida, *Dicc. Geogr. da Prov. de S. Paulo*, obra posthuma, 1902).

JUNDIAHY. Rio de S. Paulo, affl. do Tieté, proximo á foz do Taiassupeva. Em logar de — banha os muns. de Jundiahy e Itú — leia-se — banha o mun. de Mogy das Cruzes.

JUNDIAHY-ASSÚ. Rio de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Desagua na margem dir. do rio Tieté, junto á villa do Salto de Itú. E' margeado pela E. de F. Ituana. Recebe, entre outros, o ribeirão do Pirahy, Santa Rita, Cachambú Furnas ou Itauna e Guapeva pela margem esq. e o Jundiahy-mirim pela direita.

JUNDIAHY-MIRIM. Rio do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Jundiahy e desagua na margem dir. do Jundiahy-assú.

JUNDIAHY-PAULISTA. Estação da E. de F. Paulista; no Estado de S. Paulo. Foi inaugurada em 1° de abril de 1898 para o trafego de passageiros e a 1° de junho para o de cargas.

JUNDIAQUARA. Rio affl. do ribeirão Acarahú; no mun. de Ubatuba e Estado de S. Paulo. « *Jundiaquara*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Yû-ndi-i-quár-a*, alagadiços e muitos póços d'agua. De *yû*, alagadiço, agua podre; *ndi*, muitos; *i*, agua; *quár*, poço, fojo, buraco, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. Allusivo a alagar-se, formando as aguas em suas margens, poças onde param e apodrecem, cobertas de limo e manchas ».

JUNDIAQUIRA. Assim escreve o Dr. J. M. de Almeida o nome do bairro de Jundiaquara, no mun. de Sorocaba e Estado de S. Paulo. « *Jundiaquira*, diz o citado escriptor, corruptela de *Y-ĩ-ndi-o-quir-a*, perseverantemente chuvoso. De *y*, relativo; *ĩ*, estar; *nd*, particula para ligar *ĩ* que é nasal a *i*, posposição de perseverança; *o*, artigo de terceira pessoa, precedendo *quir*, chover, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em *r*. A traducção litteral seria — o que está perseverantemente chuvoso —. Allusivo á constancia de chuvas nesse logar ».

JUNDIUVIRA. Serrote no mun. de Cabreuva e Estado de S. Paulo. E' ramificação da serra do Japy. « *Jundiuvira*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Yo-ndi-y-bir-a*, muitas elevações seguidas. De *yo*, reciproco, para exprimir communicação; *ndi*, muitos; *y*, relativo; *bir*, levantar, elevar; com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. Alguns escrevem *Jundiovira*, porque o *y*, relativo, tem tambem o som de *u* francez. Allusivo a ter varios picos, communicados uns com outros ». Quanto ao nome do ribeirão, diz o citado escriptor: « é corruptela de *Yú-ndi ibi-rõ*, muitas gargantas e barrigudo. De *yú*, garganta, estreito; *ndi*, muitos, *ibi*, barriga; *rõ*, por-se. Allusivo ás in numeras voltas que dá, estreitando-se em muitos logares e á represa de suas aguas na barra, alargando-a. Com effeito

este ribeirão desce do morro *Caá-guassú*, ladeando a serra Japy, do lado do sul, e seguindo seu curso entre os serrotes *Jaguaquara* e *Jundiovira* ».

JUNDÚ. Corr. *nhũ-tũ*, campo sujo, ou que começa a ser invadido pela vegetação mais alta; S. Paulo (Dr. T. Sampaio).

JUPARANAN. Corr. *yu-paranan*, rio grande dos espinhos; Espirito Santo (Dr. T. Sampaio).

JUPIÁ. Corr. *yu-piá*, o trançado de espinhos, a trama espinhenta; Matto Grosso. (Dr. T. Sampaio).

JUPUVURA. Corruptela de *Y-ye-pi-bú-rũ*, rodomoinhos. De *y*, relativo; *ye*, reciproco, para exprimir a acção da cousa sobre si mesma; *pi*, centro; *bú*, cahida d'agua; *rũ*, revolver. Allusivo aos muitos rodomoinhos em seu leito. (Dr. J. M. de Almeida. *Obr.* cit.).

JUPY. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Bom Jardim.

JUQUERY. Composto de *yuqueri-y*, rio dos espinhos juqueri (*Mimosacea*); composto de *yú*, espinho; *quer*, dormente, ou que dorme; *ri*, pequeno, fino; corr. *yuqui-y*, rio d'agua salgada (Dr. T. Sampaio). « Este nome nada tem com o *Juqueri*, arbusto sarmentoso e trepante; caule articulado quadrangular, ramoso, com espinhos recurvados, folhas alternas, ovaes, coriaceas, com nervuras longitudinaes; flores em umbella simples, e, quando abertas, são de côr verde-esbranquiçada; o fructo é uma baga espherica, violacea, com duas ou tres sementes redondas; raiz longa, delgada, enrugada, flexivel, fibrosa, difficil de ser quebrada. Esta raiz, que é medicamentosa, é cinzenta ou avermelhada por fóra, branca, amarellada, ou rosea por dentro; o meditullio, branco e mais lenhoso do que a casca; sabor mucillaginoso e amargo. E' a mema *yapecanga*, ou salsaparrilha, conhecida na sciencia por *smilax*, com suas variedades. Da familia das Asparagineas. Remedio contra a syphilis.— Tambem nada tem com o *yuquiri*, arbusto conhecido na sciencia por *mimosa brasiliensis*, da familia das leguminosas, e conhecida vulgarmente por *herva viva* ou *malicia das mulheres*, planta espinhosa, folha miuda, foliolos oppostos que se contrahem logo que são tocados, venenosa, medicinal, criando-se á beira dos rios e de alagadiços. — Tambem nada tem com *yuqueri*, salmoura; lexia: de *yuqui*, sal. Os indigenas tiram de arvores o sal, queimando-as e lexiviando as cinzas. — *Juquery*, nome do rio, é corruptela de *Yû-qui-ri*, alagadiço por causa das chuvas. De *yû*, alagadiço, aguas podres; *qui*, chuva; *ri*, posposição, significando neste caso — por causa —. Com effeito, desde as proximidades de suas cabeceiras, no serrote *Itaberaba*, o valle deste rio é uma só varzea, interrompida ligeiramente em um ou outro logar por morros ás margens. A região é mesmo muito attrahente de chuvas; e os alagadiços se formam, porque o rio, quando enche, transborda, concorrendo, assim, para o alagamento de suas margens e da varzea, em toda a sua extensão. Alguns, tomando o effeito pela causa, traduzem *Yuquiri*, turvo, crescido por enchente, e assim o escreveu o padre A. R. de Montoya, em seu *Tesoro de la lengua guarani*. Mas a explicação do nome é a que acima está » (Dr. J. M. de Almeida. *Obr.* cit.).

JUQUERY. Passo no rio Quarahim, mun. de Uruguayana e Estado do R. G. do Sul.

JUQUERYQUERÊ. Corruptela de *Yuqui-ri-qui-rehê*, fluxo e refluxo da agua salgada. De *yuqui*, sal, salgado, repetido para exprimir aquelle fluxo e refluxo; tendo o primeiro o accrescimo de *ri* e o segundo de *rehê*, para significarem mutualidade. E' este um dos nomes mais engenhosamente formados. A repetição de *yuqui-ri* foi feita somente das duas ultimas syllabas, segundo a licção dos grammaticos, mas a palavra *ri* foi substituida pela *rehê*, significando a mesma cousa e contrahido em *r'ê*, para exprimir o fluxo e refluxo. Allusivo a soffrer essa parte do rio a influencia das marés. Portanto, o nome *Juqueryqueré* não pode ser applicado ao rio inteiro (Dr. J. M. de Almeida. *Obr.* cit.). *Juqueriquerê*, corr. *yuqueri-quer-ei*, espinheiro que dorme ou dorminhoco; *yuqueri* é a denominação commum das *mimosas* no tupi; *quer-ei* traduz-se: dormir á tôa, ou o que anda a dormir, o dorminhoco; S. Paulo (Dr. T. Sampaio).

JUQUERYTIUA. Igarapé do Estado do Pará. affl. do rio Gurupy (Dr. G. Dodt).

JUQUIÁ. Alguns attribuem o nome deste rio a um peixe, sem escama, cujo nome é *yuquiá*. E' semelhante ao *mandiú*, ou *mandi armado*, por ter espinhos com que se defende. *Juquiá*, corruptela de *Y-i-quiá*, rio sujo. De *y*, relativo; *i*, rio, agua; *quiá*, ser sujo, sujar, sujidade. E' guttural a pronuncia do *i*, rio, agua. Allusivo aos detritos animaes e vegetaes que seus affls. despejam em suas aguas; além dos que elle proprio recebe de suas cabeceiras e das lagôas e charcos ás suas margens. Tambem concorre para isso, não só a represa de suas aguas pela maior velocidade do rio *Ribeira de Iguape*, como tambem o atravessar este rio terrenos alagadiços. E', com effeito, muito sujeito a inundações grandes. Da de 1850, ainda hoje, ha memoria. O rio *Juquiá*, em sua parte superior, tem tambem muitas cachoeiras, saltos e gargantas. Em algumas descripções de viagem em rios, tenho lido a palavra *Juquiá* empregada para designar as gargantas ou logares apertados entre rochedos, ou arrecifes. Mas, essa palavra, assim empregada, será *yû-qûai* e não *yû-quiá*: aquella significando — garganta, cingida — esta — lagôa suja—. Mas, o nome verdadeiro deste rio é *Y-i-quiá*: o fundo de seu leito é cheio de detritos de toda a especie e de lamaçal. Sua barra é ladeada de morros graniticos; e entre as aguas do *Juquiá* e as do rio Ribeira de Iguape ha pedra alta, tambem granitica (Dr. J. M. de Almeida. *Dicc. Geogr. da Prov. de S. Paulo*, obra posthuma, 1902). Vide *Juquiá* no II vol.

JURAMENTO. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de S. Fidelis.

JURÉA. Corr. *yuré*, a tartaruga; S. Paulo (Dr. T. Sampaio). « *Juréa* é corruptela de *Y-iî-rehê*, com resvaladouros. De *y*, relativo; *iî*, resvalar; *réhê*, posposição, significando neste nome—com—. O som de *iî* é guttural. O *iî*, verbo, que forma este nome, mas, que ahi está sem caso, significa — resvaladouro, resvaladeiro; porque, em tupi, o verbo, no infinitivo sem caso, exprime apenas a acção geral, segundo a licção do padre Luiz Figueira, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*. Allusivo a ser esse fragoso morro cercado de resvaladouros e precipicios, sendo necessario o maior cuidado em atravessal-o. O conselheiro Martim Francisco, referindo-se á viagem entre Itanhaen e Iguape, bem o disse: « os caminhos a não serem praias, são impraticaveis, ou antes *precipicios ao que por elles anda* ». E isto, elle o disse exactamente depois de haver transposto o morro *Juréa*. A proposito, é curiosa a explicação do nome *Juréa* dada pelo padre Ayres de Casal, na sua *Chorographia Brasilica*: « O monte *Juréa*, por corrupção de Judéa, ao qual deram este nome por parecer *judiar* com os caminhantes, que nunca o transitam *sem trabalho e cansaço grande*, passando a estrada pela sua summidade, porque o mar sempre bate furioso na sua base; é alto e vistoso; delle descem varias torrentes, entre as quaes se nomeia o rio *Verde*, que forma algumas cascatas ». Quem *judiaria* do illustrado padre Ayres de Casal, dando-lhe a explicação que elle escreveu naquella sua notavel obra? A descripção do morro e dos trabalhos em transital-o, é, porém, verdadeira; corresponde perfeitamente ao nome tupi *Y-iî-rehê* (Dr. J. M. de Almeida, *Dicc. Geogr. da Prov. de S. Paulo*, obra posthuma, 1902).

JUREMA. Estação da E. de F. da Bahia ao S. Francisco. Accrescente-se no fim: Fica no kil. 535, 977 distante da cidade da Bahia e no kil. 413,553 distante de Alagoinhas, na altitude de 433^{m},600. Nella acham-se o poço das Balas, da profundidade de 14 metros e um tanque, que está abandonado, porque o riacho Jurema, que o alimentava, sécca, tendo agua somente na occasião das chuvas. Nella embarca algum gado. Desde antes desta estação até tres kils. depois de Carnahyba o terreno é abundante de pedra calcarea. Fica entre as estações de Angico e Carnahyba.

JURIHÚ. Corruptela de *Y-i-ri-ú*, rio de agua escura. De *y*, relativo; *i*, agua; *ri*, o mesmo que *ti*, rio; *ú*, ser

escuro, preto. Allusivo a ter as aguas escuras. Estas aguas tem o sabor de pedra-hume. A' semelhança do *Rio Negro*, affl. do rio Amazonas, não se cria peixe neste rio, nem ás suas margens pode existir animal algum, seja qual for a sua especie (Dr. J. M. de Almeida. *Obr.* cit.)

JURIHÚ. Rio de S. Paulo. Accrescente-se no fim: O Dr. João Mendes, em seu *Dicc.* cit., escreve *Juiry* e diz ser essa palavra corruptela de *Y-irié*, que significa — rio que baixa. De *y*, relativo; e *irié*, rio que baixa.

JURITI. Corr. *yeruti* ou *yuruti*, nome commum para as pombas, no tupi; composto de *yuru-ti*, pescoço ou collo branco; alt. *jeruti*, *juruti*, *juriti* (Dr. T. Sampaio).

JURÚ. Corr. *yurú*, o pescoço, o collo, o gargalo, a garganta, a boca (Dr. T. Sampaio).

JURUÁ. Corr. *yurú-á*, boca aberta ou ampla, barra larga; Pará (Dr. T. Sampaio).

JURUASINHO. Rio do Estado do Amazonas, banha o mun. de S. Philippe, desagua no Jutahy.

JURUBATUBA. Corruptela de *Y-arêb-ytú-bae*, tardo e sujo. De *y*, relativo; *arêb*, tardar; *ytú*, estar sujo, com accrescimo de *bae* (breve), para formar participio, significando — o que é sujo—. Allusivo á lentidão de suas aguas e aos detritos vogetaes e paus cahidos no rio, que descem e se accumulam em sua foz. Nada tem de commum este nome com Geribatyba. (Dr. J. M. de Almeida). — Pedro Taques, na *Nobiliarchia Paulistana*, escreveu *Jaraigbatiba*.

JURUCÊ. Corr. *yurú-cê*, boca que apraz, boca doce; fig. affavel, branda (Dr. T. Sampaio).

JURUCUÁ. Corr. *yurú-quá*, o pescoço que afunda ou se esconde; a tartaruga, o kagado: alt. *jericoá*, *jerequá* (Dr. T. Sampaio).

JURUENA. Composto de *yurú-ena*, boca ou barra que está assentada, permanente, barra firme (Dr. Theodoro Sampaio).

JURUJUBA. Corrupção de *yurú-yuba*, pescoço amarello ou ruivo; boca ruiva, barba ruiva ou loura (Dr. Theodoro Sampaio).

JURÚ-MIRIM. Bairro do mun. de Xiririca e Estado de S. Paulo.

JURUMIRIM. Corrego do Estado de S. Paulo; desagua na margem esq. do rio Tieté, entre a foz dos corregos Itaquery e Santo André. « *Jurú-mirim*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Yûr-o-pirỹ*, a pique de ambos os lados, formando gargantas. De *yûr*, garganta, pescoço; *o*, reciproco; *pirỹ*, a pique. A pronuncia guttural de *piry*, precedido de *o*, reciproco, muda o *p* em *m* ».

JURUOCA. Corrupção de *ayurú-oca*, refugio ou esconderijo dos papagaios. Vide *ajurú* (Dr. Theodoro Sampaio).

JURUPARÁ. Corruptela de *Yo-rũ-pará*, variedades de phenomenos que participam da natureza dos rodomoinhos. De *yo*, que, neste caso, em vez de ser reciproco, exprime apenas a natureza da cousa; *rũ*, revolver-se; *pará*, variedade. A palavra *pará*, significando — variedade—, nada tem, relativamente a este e a outros nomes, com *pará*, mar. O nome *Yo-rũ-pará* é allusivo a depressões no leito do ribeirão; formando as aguas successivos circulos, que participam da natureza dos rodomoinhos. Este ribeirão *Jurupará* desce ladeando a serra de *S. Francisco*: por isso as aguas manifestam, em rodomoinhos e enrugamentos na superficie, as depressões que existem no leito (Dr. J. M. de Almeida. *Obr.* cit.).

JURUPARÁ. Rio de S. Paulo, no mun. da Piedade. Accrescente-se no fim: Desagua na margem dir. do rio Pirapóra.

JURUPENCEM. Corrupção de *yurú-pencê*, boca partida ou dividida; E. Santo (Dr. T. Sampaio).

JURUTY. Villa do Pará. Accrescente-se no fim: Foi extincto seu mun. pela Lei n. 729 de 3 de abril de 1900.

JURUTY VELHO. Pov. no mun. de Faro e Estado do Pará. Passou a denominar-se Murapinima ou Muirapinima pela Lei n. 687 de 23 de março de 1900.

JURUUNA. Corrupção de *yurú-una*, boca negra; alt. *juruna* (Dr. Theodoro Sampaio).

JUSSARA. Estação da E. de F. Mogyana, no kil. 66 do Ramal de Santa Rita do Paraiso. Foi aberta ao trafego a 25 de dezembro de 1901.

JUSSARA. Riacho do Estado do Maranhão, affl. do Parnahyba. Tem a foz justamente no logar que serve de porto á villa do Curralinho.

JUSSARA. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Carassú, que o é do rio Una; no mun. de Barreiros.

JUSSATUBA. Pov. do Maranhão. Accrescente-se no fim: Fica nas proximidades da borda oriental da bahia de S. José, defronte da pov. de S. José de Riba-mar, de que é separada pela mesma bahia, e a 30 kils. da villa de Teatú, a cujo mun. pertence, entre as pontas de Guarapiranga e de Jaguarema.

JUSSIAPE. Corrupção de *iy-ecea-pe*, na confluencia das aguas ou dos rios, na reunião das aguas; Bahia (Dr. Theodoro Sampaio).

JUSTA (Santa). Ribeirão do Estado do Rio de Janeiro, banha a serra do Mundo Novo, banha o mun. de Santa Thereza e desagua no rio Preto na fazenda do seu nome.

JUTAHY. Log. no mun. de Tury-assú do Estado do Maranhão.

JUTYCA. Igarapé e lago do Estado do Amazonas, no mun. de Teffé.

JUVA. Corrupção de *yuba*, amarello, louro, ruivo (Dr. T. Sampaio).

JUVEVÊ. Pov. do Estado do Paraná, no mun. da capital. Encontra-se tambem escripto *Iuvevê*, *Yuvevê* e *Iurevê*

K

KELRÚ (Santa). Pov. do Maranhão. Accrescente-se no fim: Fica á margem esq. do rio Itapecurú; tem 62 casas, sendo quatro de telha e 58 de palha, duas casas de negocio de seccos e molhados, um engenho de canna, uma prensa para ensaccar e uma machina para descaroçar algodão, movida a vapor; uma egreja bastante arruinada dedicada a S. Patricio e mais uma pequena capella sob a mesma invocação. A sua pop. é de 372 almas.

L

LABAREDA. Corrego do Estado de S. Paulo, no mun. do Ribeirão Preto, nas divisas do dist. de Villa Bomfim.

LADEIRAS DO CUMBE. Arraial do Estado de Sergipe, no termo de Itaporanga (*Almanak Sergipano*, 1901).

LAGAMAR. Log. do Estado de Sergipe, no mun. de São Paulo, no rio Giboia.

LAGARTIXA. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. do Limoeiro e desagua na margem esq. do rio Capibaribe.

LAGARTO. Log. do Estado do Paraná, no Campo do Tenente, com. da Lapa.

LAGE. Com este nome nos fazem menção do mun. de Bom Fim, no Estado de Minas Geraes, de dous povs., um no dist. da Vargem Alegre e outro no dist. de Sant'Anna do Paraopeba.

LAGE. Serra no mun. de Cajurú e Estado de S. Paulo. No *Itinerario da viagem terrestre da cidade de Santos, na prov. de S. Paulo, a Cuyabá, capital da prov. de Matto Grosso*, pelos engenheiros Miranda Reis e Gama Lobo d'Eça, ha o seguinte trecho com referencia a essa serra: « Deixei o pouso ás 3 horas da manhã e segui ao rumo 60°. A tres quartos de legua do pouso, passa-se pelo campo chamado da Boiada, e uma legua além da Boiada pelo logar chamado Ponte Funda. Continuando no mesmo rumo (60°), chega-se no fim de tres leguas de marcha ao Catingueiro, onde ha pouso e rancho á dir. da estrada. A' meia legua do Catingueiro, passa-se pela ponte que transpõe o ribeirão do Cubatão, o qual borda o serrote do mesmo nome, e um quarto além o ribeirão das Mortes, que corre sobre lage. Deixando o ribeirão das Mortes, caminha-se um quarto de legua até o arraial do Cajurú, e passa-se o ribeirão do mesmo nome, correndo sobre areia e permittindo passagem a váo, e uma legua além o corrego e rancho do logar chamado Lage. Caminhando mais uma legua no mesmo rumo (60°), começa a descida da serra conhecida com o nome de *Serra da Lage*, com um quarto de legua de extensão de pessimo caminho, a qual finda na ponte do ribeirão chamado Pé do Morro. Continuando mais um quarto de legua, cheguei ao pouso Retiro da Lage ás 5 horas da tarde, e ahi pernoitei. Junto ao pouso corre sobre lage o ribeirão do mesmo nome. »

LAGE. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Cordeiro, que o é do rio Ipanema.

LAGE. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha o mun. do Bom Jardim e desagua no ribeirão Santo Antonio, affl. do rio Grande.

LAGE. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Pardo; entre os muns. de Cajurú e Batataes.

LAGE. Ribeirão do Estado de S. Paulo. Vai para o Vargem Grande, trib. do Sorocá-mirim.

LAGEADINHO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Capivary, trib. do Jacú, que o é do Santo Ignacio.

LAGEADO. Bairro do mun. de Santa Cruz do Rio Pardo e Estado de S. Paulo; com uma esc. mixta, creada pela Lei n. 643 de 7 de agosto de 1899.

LAGEADO. Log. do Estado do Paraná, no mun. de Entre Rios.

LAGEADO. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de S. Francisco de Paula de Cima da Serra.

LAGEADO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Capitinga, trib. do Itupeva, que o é do Mogy-guassú.

LAGEADO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Corumbatahy.

LAGEADO. Pequeno rio do Estado de S. Paulo, banha o mun. da Fartura e desagua na margem dir. do rio deste nome, affl. do Itararé.

LAGEADO. Estação em S. Paulo. Linhas 2 em logar de — Fica a 774^{m}, leia-se a 739^{m}, 870. Accrescente-se no fim: ou melhor entre Poá e Itaquera. Dista 471^{k} 813 da Capital Federal. Forma um dist. de sub-delegacia do mun. da capital.

LAGEADO DAS POMBAS. Log. do Estado do Paraná, no mun. do Tibagy.

LAGE GRANDE. Pov. do Estado de Pernambuco, no mun. do Bonito.

LAGEM. Pov. do Estado do Maranhão, á margem dir. do rio Mearim, 12 kils. abaixo do Bacabal, limite da com. do Alto Mearim com a do Baixo Mearim, com agencias das duas Companhias de Vapores do Estado e uma pop. de 200 habs. Durante o inverno, o terreno em que se acha assente a pov. fica completamente inundado, sendo por essa razão edificadas as casas sobre estacas.

LAGES. Bairro no dist. de Santa Rita da Extrema; no Estado de Minas Geraes.

LAGO. Nucleo colonial do Estado do Paraná, no mun. da Palmeira, a 12 kils. Contém 17 lotes habitados por allemães, russos e brasileiros. Tem uma capella.

LAGÔA. Log. do Estado da Bahia, no termo d'Areia.

LAGÔA. Dist. policial creado no mun. da Casa Branca; no Estado de S. Paulo.

LAGÔA. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. do Sumidouro. E' uma ramificação da serra do Pião.

LAGÔA. Passo no arroio Ibirocay, mun. de Uruguayana e Estado do R. G. do Sul. No mesmo mun. ha um outro passo do mesmo nome no arroio Toro-Passo.

LAGÔA ACHADA. Log. do Estado do Ceará, no mun. de Aracaty.

LAGÔA DAS ALMAS. Log. do Estado do Paraná, no mun. da Lapa.

LAGÔA DAS COBRAS. Log. do Estado da Bahia, no mun. de Belmonte.

LAGÔA DA TELHA. Pov. do Estado do Maranhão, a tres kils. da cidade de Grajahú.

LAGÔA DO CAPITÃO. Log. do Estado da Bahia, no termo de Itaberaba.

LAGÔA DO PINDOBA. Pov. do Estado do Maranhão, a 25 kils. da cidade de Caxias, com 150 habs.

LAGÔA DOS FERREIROS. Pov. do Estado do Maranhão; no mun. de Codó.

LAGÔA DO SOUZA. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Panellas.

LAGÔA DOS PATOS. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Codó.

LAGÔA DOS PINTOS. Log. no mun. do Limoeiro do Estado de Pernambuco.

LAGÔA FEIA. Log. do Estado de Matto Grosso, no dist. da Chapada e mun. da capital.

LAGÔA FORMOSA. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. da capital, na estrada que dessa cidade vai ao Estado de Goyaz.

LAGÔA GRANDE. Log. do Estado do Paraná, no mun. de Bocayuva.

LAGÔA SECCA. Log. do Estado de Minas Geraes, no mun. de Prados.

LAGÔA SECCA. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. da capital, na estrada que dessa cidade vai ao Estado de Goyaz.

LAGOINHA. Serra do Estado de Minas Geraes, nas divisas do mun. de Jacuhy. Serve de vertentes ao rio Pinheirinho.

LAGOINHA. Corrego do Estado de S. Paulo, no mun. do Ribeirão Preto.

LAGOINHA DA BÔA VISTA. Log. do Estado da Bahia, no termo de Itaberaba.

LAGO REDONDO. Sub-prefeitura do mun. do Amapá; no Estado do Pará.

LAGO VERDE. Pequeno pov. no mun. de Itapecurúmirim do Estado do Maranhão.

LAMA. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. do Limoeiro e desagua na margem esq. do rio Capibaribe.

LAMA PRETA. Morro do Districto Federal, no curato de Santa Cruz.

LAMBARY. Fonte medicinal, é o que significa *H-ambar''-i*, corrompido em Lambary. De *h*, relativo; *a*, intercalação necessaria entre as duas consoantes *mbaraá*, doença; *i*, agua (Dr. J. M. de Almeida. *Dicc.* cit.). Vide *Alambary*.

LAMBARY. Pov. do Estado do Rio de Janeiro, no mun. do Sumidouro, com escola.

LAMBARY. Log. do Estado de Minas Geraes, no dist. de Guirycema.

LAMBARY. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. de Poconé.

LAMBARY. Corrego do Estado do Rio de Janeiro desagua na margem dir. do rio Pomba em frente á cidade de Santo Antonio de Padua.

LAMBARY. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Piracicaba.

LAMBARY. Ribeirão no mun. da Capital do Estado de Goyaz. Vai para o rio Claro.

LAMBARY. Dist. de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Foi desmembrado do mun. da Campanha e annexado ao de Aguas Virtuosas pela lei n. 319 de 16 de setembro de 1901.

LAMEGO. Rio do Estado do E. Santo, na ex-colonia Santa Leopoldina.

LANÇA. Pov. do Estado do Paraná, no mun. do Rio Negro, á margem do rio do mesmo nome.

LAPA. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco no Estado da Bahia. Fica naquelle rio entre as estações de Carinhanha e do Sitio do Matto e a 748 kils. distante da cidade do Joaseiro.

LAPA. Serrote do Estado da Bahia. O Dr. Theodoro Sampaio, em seu trabalho *O Rio de S. Francisco*, diz: « No dia 21, pelas seis horas da tarde, estavamos fundeados deante do *Serrote da Lapa*, em cuja *ipueira*, ou canal que funcciona como bahia fluvial, não pudemos entrar com o vapor por ser estreita, ainda que profunda sufficientemente. A *Lapa* é um sanctuario e um prodigio da natureza. Um monte, ou antes, um retalho de montanha calcarea, isolado no meio de uma planicie, com a base quasi dentro d'agua e a cumiada coroada de cactus e de bromelias espinhentas entremeadas de picos, agulhas, pyramides, minaretes das mais diversas formas, eis o Serrote da Lapa, que, visto do lado do rio, parece antes uma lasca de rocha pousada sobre uma mesa, que uma eminencia com relevo subordinado á serie orographica da região a que pertence. As aguas da *ipueira* banham-lhe o sopé do lado meridional e a barca do commerciante que jamais passa sem aportar, como a embarcação mais humilde do romeiro que vem de longe e de toda parte, ahi encosta rente e deita em terra a sua carga piedosa bem na base do monumento, que monumento é, de facto, essa curiosissima obra da natureza.

O morro inteiro é um massiço calcareo com uma estructura tão esquisita, tão extraordinaria que difficil é determinar-lhe a orientação das camadas e estudar-lhes as disposições.

O calcareo gasto pela acção do tempo apresenta aqui as fórmas mais pittorescas que se pode imaginar. As pontas de pedra, innumeras, formam grimpas, agulhas, torres; simulam flechas elegantes de estylo gothico, corucheos rendilhados, recortados, rematados do modo mais esquisito e por vezes, com uma disposição e symetria taes, que parece que se levanta diante nós um desses immensos pagodes indianos, em ruinas, cujo pittoresco ainda mais se salienta com o tom verde e com as linhas aprumadas e duras dos cardos que lhe corôam as eminencias.

No dia seguinte pelas seis horas da manhã, Mr. Derby e eu tomamos dous guias e começamos a galgar o monte por um dos seus raros pontos accessiveis. Subimos com extrema difficuldade por entre grimpas, arestas vivas e agulhas de pedra atravez de corredores em labyrintho e de cardos, de bromelias e ortigas sem conta. No mais alto do monte que attingimos após quarenta minutos de ascenção arriscadissima, verificamos não estar esse ponto a mais de 80 metros sobre as aguas do rio. Dahi descortinamos então um horisonte bellissimo e vasto.

Ao longe, para os lados de leste, norte e sueste divisam-se as serranias em fórma de chapadas alcantiladas que penetram no interior da Bahia e vão na direcção de *Monte Alto*, de *Caetité*, de *Riacho de Santa Anna* e *Macahubas*; no meio, e aos nossos pés, a *ipueira* como uma bahia ou um lago tranquillo, e depois o curso de S. Francisco serpeando na planicie immensa e verde e sumindo-se além no azul enfumado do horisonte; para o poente, nada ou simplesmente o indefinido de uma bruma que se alevanta de um solo sem relevo; e para o noroeste, o perfil dos montes através dos quaes navegamos antes de attingirmos o *Urubú*.

A nossa visita ao sanctuario tinha se realisado antes.

Eram 6 e meia horas da manhã, quando galgamos a escada que nos conduz ao atrio. Tocamos ahi o sino como signal de romeiro á porta e logo appareceu-nos o sacristão, que nol-a abriu e por onde entramos na capella já occupada por uma multidão andrajosa e chagada, homens, mulheres, meninos exhibindo as suas disformidades, as suas ulceras, as suas miserias, pedindo, clamando, atravessando o seu braço descarnado para nos tomar o passo, rogando, supplicando, impertinentemente, incansavelmente.

Logo ao entrar, o effeito que esperimenta o visitante é extraordinario e emocionante. O espectador entra logo em trevas a dous passos da entrada, mas divisa logo, no fundo da gruta, illuminados, por uma luz discreta, que entra por uma fresta envidraçada á direita, os tres altares dourados, mas singelos, onde estão as imagens, e no do meio a do crucificado *Senhor Bom Jesus da Lapa*, consolo e remedio dos que creem e dos que tem fé.

Experimenta-se uma certa e irreprimivel emoção; sente-se uma impressão de frio á medida que se avança; percebe-se que estamos pisando no humido; caminha-se por entre poças d'agua milagrosa que pinga vagarosa e incessante das pontas de stalactites que se projectam da abobada negra da caverna e por fim começa-se a divulgar melhor os objectos em torno: á esquerda, um pulpito, o confessionario, os milagres representados em cera e pendentes da parede retocada, o cofre de ferro onde um letreiro indica a especie da moeda a depositar-se (*cobre, papel*), o altar de Nossa Senhora da Dores; á direita, veem-se empilhados alguns tijolos para revestir o chão, os mesmos votos ou milagres de cera, as portas e janellas envidraçadas abertas na rocha, a sacristia e um outro altar.

No fundo, o altar-mór, dourado e rico, tem ao lado uma pequena porta que dá para uma galeria estreita e mais baixa, de certo, o extremo obscuro da caverna primitiva que ficou sem applicação.

A imagem milagrosa, objecto da universal veneração deste povo, não é grande, mede cerca de quarenta centimetros de altura, e é um crucifixo não sei se de barro, se de madeira, mas que se diz achar-se nas mesmas condições em que foi aqui encontrado e venerado pelos primeiros devotos, ha quasi duzentos annos.

Os companheiros de viagem, muitos delles protestantes, não puderam negar o effeito surprehendente e emocionante do sanctuario do *Bom Jesus da Lapa*.

A fé o proclama, a natureza prodigiosamente o serve ».

Vide *Bom Jesus da Lapa*.

LAPA Log. da Bahia, no termo de Urubú. Accrescente-se no fim: Ha ahi uma gruta com um altar, onde se vê a

imagem do Senhor Bom Jesus. A respeito do apparecimento da imagem, ha as seguintes versões: Segundo consta de um papel impresso, que foi encontrado por um padre no pescoço de um velho, que o tinha como uma oração, um Hespanhol riquissimo, que tinha uma vida muito desregrada, arrependeu-se, dispoz de todos os seus bens, conservando, apenas, uma imagem de Christo, e seguiu para a America com destino ao Brazil; aportou na Bahia de Todos os Santos, entranhou-se para o centro até á margem de um grande rio, e achando ahi uma lapa ou gruta de pedra, fez d'ella sua habitação e viveu como ermitão muitos annos, fazendo penitencia, tendo por unica companhia a imagem de Christo, da qual jamais se afastou. Um religioso, tambem hespanhol, e que veiu á sua procura, encontrou-o quasi expirando, recebeu suas ultimas declarações, e apoderando-se da imagem, instituiu uma devoção, que a pouco foi-se propagando. Nesse tempo havia apenas umas quatro casas de moradores pobres ao pé do morro. A outra versão que lemos em um papel que servia de capa a um velho compromisso, combina, com ligeiras alterações, com o principio da que referimos, mas diz que o ermitão alli vivia no meio de onças e que o apparecimento da imagem foi devido a um vaqueiro, que, correndo atraz de uma rez, entrou esta pela gruta, e elle acompanhando-a, lá encontrou a imagem e deu publicidade ao achado. Na lapa tem-se feito algumas obras, como sejam o pulpito, a capella-mór, altares, etc. Ha do lado esquerdo um logar chamado santo, porque ahi se diz que foi sepultado o ermitão; está escavado, porque quasi todas as pessôas, que lá vão, tiram um pouco de terra, que tem a virtude de curar todas as molestias. Do lado esquerdo, um pouco acima do pulpito, ha tambem na parte da gruta, que serve de tecto, uma pedra da qual pinga agua, que é aparada em garrafas e distribuida pelos romeiros, que lhe attribuem effeitos miraculosos.

LAPELLA. Pov. do Maranhão. Linhas duas em logar de Alto Mearim, leia-se Baixo Mearim e accrescente-se no fim: Fica a 42 kils. acima da villa, á margem esq. do Mearim, com uma capella, uma esc., cinco casas de negocio, tres casas de telha e grande numero de palha. E' o ponto de escala dos vapores, que sobem o Mearim. Em 1856 constava de oito casinhas com uns 40 moradores.

LARANGEIRA. Igarapé do Estado do Pará; na ilha Caviana, com. de Chaves.

LARANGEIRA. Cachoeira no rio Paranapanema. Accrescente-se no fim: E' precedida de uma corredeira, a qual, no tempo da vasante, forma uma quéda notavel; sendo as aguas encaminhadas por um canal estreito e pedregoso unido á margem dir., porque, nesse tempo, mais de duas terças partes do leito ficam em secco. «Um kil. mais ou menos abaixo, diz o Dr. J. M. de Almeida, começa a terrivel cachoeira, cuja situação justifica o nome *H-i-rũ-aña-yêrè*, aguas a correrem revoltas e em rodomoinhos. De *h*, relativo, *i*, agua, com pronuncia guttural de *a* fechado; *rũ*, revolver; *aña*, correr; *yêrè*, volta. Os indigenas dizem mesmo *i-yêrè*, para designarem o rodomoinho das aguas. Com effeito, ahi as aguas correm entre paredes graniticas, formando rodomoinhos. Ao lado esq. ha um lagedo, cuja extensão é calculada em meio kil.; um canal o corta, bifurcando-se na parte inferior com agua insufficiente para a navegação de canôas carregadas.»

LARANGEIRAS. Pov. do Estado da Bahia, no termo de S. Felix.

LARANGEIRAS. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. de S. Gonçalo da Ponte.

LARANGEIRAS. Morro do Estado de Minas Geraes, cérca a séde do dist. do Recreio; no mun. da Leopoldina.

LARANGEIRAS. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha a cidade de Valença e desagua no rio das Flores. Recebe o Bemfica.

LARANGEIRAS. Vallão affl. da margem esq. do rio Parahyba; no mun. de S. Fidelis e Estado do Rio de Janeiro.

LARANGEIRAS. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do Juquiá; entre os muns. de Itapecerica e de Una.

LARANGEIRAS. Corrego do Estado de Minas Geraes; nasce em uma lagôa e serve de divisa ao mun. de Prados.

LARANGEIRAS. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha o dist. do Recreio do mun. da Leopoldina e desagua no ribeirão dos Monos, affl. do rio Pomba. Recebe o Grotinha.

LARANJA AZEDA. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Mogy-guassú; no mun. de Pirassununga.

LARANJA AZEDA. Cachoeira no rio Tieté; antes do denominado rio morto do Avanhandava; no Estado de S. Paulo. Vide *Avanhandava*.

LARANJAL. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha o mun. do Bom Jardim e desagua no ribeirão S. José, trib. do rio Grande.

LARANJAL. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Itapetininga; no mun. do E. Santo da Bôa Vista.

LARANJAL. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Mogy-guassú; no mun. de S. Carlos do Pinhal.

LARANJAL. Cachoeira no rio Paranapanema, um pouco acima do salto das Aranhas; no mun. de S. Sebastião do Tijuco Preto e Estado de S. Paulo.

LARANJAL DOS MACACOS. Log. do Estado do Pará, no mun. de Almeirim.

LARGO. Ilha do Estado de Santa Catharina; no meio da bahia, entre o sacco do Ribeirão e a ponta do Furadinho. E' alta, alongada, orlada de pedras e revestida de basto arvoredo.

LAURINDO. Ribeirão do Estado do Rio de Janeiro, affl. da margem dir. do rio Preto. E' volumoso e formado em suas cabeceiras por dous corregos a uma altitude de 300 metros.

LAURO SODRÉ. Pov. do Pará. Accrescente-se no fim: Foi elevada á villa pela Lei n. 797 de 22 de outubro de 1891.

LAVA CAVALLOS. Ribeirão do Estado de Matto Grosso, na estrada da Capital a S. Luiz de Caceres.

LAVANDEIRA. Lago do Estado do Maranhão, no mun. do Pinheiro.

LAVA-PÉS. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da Piedade dos Geraes.

LAVA-TRIPAS. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do rio Beberibe.

LAVRA. Pov. do Estado do Paraná, a seis kils. distante da cidade do Tibagy.

LAVRAS. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Alvarengas, trib. do rio Grande ou Jurubatuba.

LAVRAS. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Baquirivú-guassú, trib. do Tieté.

LAVRINHA. Pov. do Estado do Paraná, no mun. de S. José dos Pinhaes; com uma esc. creada pela Lei n. 251 de 14 dezembro de 1897.

LAVRINHA. Rio do Estado de Matto Grosso, affl. do Paranatinga, no mun. do Diamantino.

LAVRINHAS. Um dos morros que cercam a cidade de Cantagallo; no Estado do Rio de Janeiro. Nelle fica o predio da extincta estação meteorologica.

LAVRINHAS. Corrego do Rio de Janeiro. Substitua-se pelo seguinte: Banha a cidade de Cantagallo e desagua no rio Negro. Recebe o corrego S. Pedro. Nelle é onde se faz o esgoto das materias fecaes.

LAZARO (S.). Log. no mun. da capital do Estado da Bahia, entre Rio Vermelho e Barra. Tem uma capella e um hospital de variolosos e de febre amarella.

LEAL. Log. do mun. de Tury-assú e Estado do Maranhão.

LEAL. Ponta na ilha de Santa Catharina e Estado deste nome, junto á ilha dos Noivos.

LEANDRO (S.). Cachoeira formada pelo ribeirão Manoel Pereira, a dous kils. da villa de Santa Thereza de Valença, no Estado do Rio de Janeiro. Fica á margem da E. de F. Commercio e rio das Flores.

LEBRÉA. Nome empregado no sertão da Bahia para designar uma especie de saraiva.

LEITE. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Itapecurú-mirim, no centro da matta do seu nome, com 94 casas de palha, quatro de negocio de seccos e molhados, e tres engenhocas de canna, das quaes uma de ferro. Produz muito algodão e tem alguns pequenos cafesaes. Sua pop. é de 496 almas. Dista 40 kils. da séde do termo.

LEITES. Ribeirão do Estado do Rio de Janeiro, nasce na serra das Frecheiras, banha o mun. de Santo Antonio de Padua e desagua na margem esq. do rio Pomba.

LELÉ. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da Piedade dos Geraes e mun. do Bom Fim (Inf. loc.).

LENÇÕES. Mun. de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Foi transferida a séde da com. desta villa para a de S. Paulo dos Agudos pela Lei n. 635 de 22 de julho de 1899.

LENÇOL. Morro no mun. de Xiririca e Estado de São Paulo.

LENÇOL. Ponta na costa do Estado do E. Santo, a 17' ao N. de S. Matheus, facilmente reconhecida por suas barreiras muito claras, assemelhando-se á distancia casas ou mesmo lençóes estendidos na praia. A 13' aos 35° NE. da ponta do Lençol acha-se a villa do Mucury.

LENHEIRO. Bairro do Estado de S. Paulo, na cidade de Piracicaba.

LEOFFELSCHEID. Pov. do Estado de Santa Catharina, no mun. da Palhoça; com escola.

LEOPOLDINA. Os nossos antepassados foram menos felizes no local que escolheram para séde de muitas povoações. Com a cidade da Leopoldina foram então infelicissimos.

Fica essa cidade situada em duas baixadas, separadas pelo morro da Matriz, tendo uma dellas o nome de Bairro da Grama. E' cercada de morros, entre os quaes os denominados Sapecado, Forca, Ventania e Matriz, que, cingindo-a, por todos os lados, fazem com que ella pareça sepultada em dous enormes buracos. Banha-a o ribeirão do Feijão Crú Pequeno, que nasce na serra dos Monos e desagua no Feijão Crú Grande, que nasce em Thebas e faz barra no rio Pardo.

Dista 101 kilometros da estação do Porto Novo e 12 da de Vista Alegre, que fica á margem direita do rio Pomba.

Suas ruas são estreitas, a maior parte planas, calçadas, com alvenaria de pedra, com passeios quasi todos cimentados, arborisadas e illuminadas a gaz acetylene.

Seus predios, em numero de 450, são antigos e de feia apparencia, notando-se apenas o predio da Camara e o do do Dr. Custodio Junqueira, de feição moderna e elegantes.

Seu commercio é activo, havendo casas que giram com avultado capital. Possue a cidade oito advogados formados, quatro solicitadores, cinco medicos, duas pharmacias, cinco hoteis, uma casa com tres bilhares, cinco padarias, quatro barbeiros, dous relojoeiros, quatro sapatarias e quarenta e nove casas de fazendas. Tem dous engenhos de beneficiar café e duas typographias onde se imprimem *A Ordem* e a *Gazeta da Leopoldina*, que conta sete annos de existencia.

E' abastecida de boa agua derivada dos mananciaes denominados Novaes, Luizinho Lobo e Gervasio, todos oriundos da serra da Leopoldina (Monos); e servida por uma rêde de esgotos.

A população da cidade é de perto de tres mil habitantes.

A instrucção é ministrada em quatro escolas estaduaes, sendo duas para cada sexo: em uma municipal mixta, em dous collegios particulares, e em um curso nocturno, "Eugenio Alvarenga", subsidiado pela Camara e pela loja maçonica Verdade e Luz.

Tem tres jardins publicos: um em frente á Matriz; outro bem tratado na praça Visconde do Rio Branco; e outro, apenas começado, na praça do Capitão Felix.

A politica é uma das causas principaes da decadencia da cidade.

Em vez de todos se congregarem para erguerem a cidade do abatimento em que jaz, vivem empenhados em luctas estereis, de grupinhos, sem orientação e sem um escôpo elevado.

Contáram-me que o grupo adversario do actual agente executivo, não ha muito, abateu muitas arvores que enfeitavam as ruas, damnificou os combustores da illuminação e o encanamento de agua, e levou a sua selvageria ao ponto de *pixar* a typographia, onde se imprime um dos jornaes da cidade, com aquillo que immortalisou Cambronne.

Além de selvagens, porcos!

Entretanto, o agente executivo é um moço criterioso, bem intencionado e inimigo dessas lutas de campanario.

Não sou favoravel a nenhum dos *grupos*; mas, confessem que isso que fizeram é deprimente e attesta uma certa selvageria pouco propria de homens civilisados.

Os edificios publicos da cidade são: as igrejas Matriz e de Nossa Senhora do Rosario, a casa da Camara e o Forum e Cadêa.

A Matriz é um templo espaçoso e está situada em um dos pontos mais elevados da cidade.

Tem na frente duas torres, cinco janellas e tres portas e é precidida por um adro cercado por um gradil de ferro.

O seu interior não tem ornamentações dignas de menção; é por demais singelo. Tem o altar-mór com S. Sebastião, no throno; abaixo, em nicho, Nossa Senhora da Conceição e na urna o Senhor Morto.

Aos lados do altar-mór ficam mais dous altares: o do lado do Evangelho com Santa Rita e o do lado da Epistola com o Senhor dos Passos.

No corpo da igreja, encostados ao arco cruzeiro, acham-se mais dous altares, o do lado do Evangelho com o Sagrado Coração de Jesus e o do lado da Epistola com a imagem de Nossa Senhora das Dores. Abaixo do côro fica a pia baptismal e defronte o altar de S. Benedicto, com a seguinte inscripção: "A S. Benedicto, os 13 de Maio reconhecidos. 1897".

Tem tribunas corridas, dous pulpitos e o côro com um harmonium.

Os altares são dourados. No apice do arco cruzeiro vê-se um medalhão com o Sagrado Coração de Jesus.

Na sacristia encontra-se um jazigo com os ossos da familia do 1° Barão da Leopoldina.

Em frente á Matriz, sobre um terreno de declive, acha-se um espaçoso jardim, cercado de arame farpado e algum tanto descurado. Nelle ficam uma cascata sem gosto, um repuxo sob um pavilhão e um grande cruzeiro com uma placa de madeira, onde se lê: "Em santas missões, 9 de Junho de 1870".

Nos fundos rasga-se uma grande praça, outr'ora occupada por um cemiterio, e do lado direito a residencia do vigario.

A igreja do Rosario fica no largo do seu nome. Tem tres altares: o altar-mór com as imagens da padroeira, de Nossa Senhora do Parto e Santa Cecilia, e dous lateraes com o amantissimo Coração de Jesus e S. José. Possue dous bonitos pulpitos e o côro com um harmonium. Tem duas torres. Seu interior é mais bonito que o da Matriz.

Além dessas duas igrejas, ha mais, no bairro da Gramma, a capella de Nossa Senhora da Soledade, fundada pelo professor Angelo Lopes dos Reis.

A casa da Camara funcciona em um predio de um só pavimento, situado na rua Octavio Ottoni. Tem uma bem

ornada sala de sessões, de cujas paredes pendem os retratos do Coronel Manoel Lobato, do Commendador Lins Augusto Monteiro de Barros e Major Eugenio Nogueira de Alvarenga; uma bibliotheca com perto de 2.000 volumes; gabinetes do agente executivo e do Presidente da Camara, e repartições dependentes da Municipalidade.

O *Forum* funcciona em um predio muito velho e na mesma rua. Os baixos são occupados pela cadeia, que tem quatro prisões, anti-hygienicas, mal ventiladas e sem luz.

Tem mais a cidade um pequeno chalet, onde se vende a carne, que alimenta a população, e um theatro regular.

Existem cinco cemiterios, tres dos quaes são extinctos: o do Aterrado para os lados de Cataguazes, e dous outros mais antigos, o do morro da Forca e o da Matriz.

Dos dous existentes, o primeiro está no extremo da cidade, na ponta do morro que limita a chacara denominada do João Netto com a de José Alves.

Na frente e dos lados cerca-o um gradil de ferro superposto a uma muralha e nos fundos uma cerca de reguas de madeira.

No centro está levantada uma pequena capella ou necroterio, encimado por uma cruz de ferro, offerta do Dr. Chagas Lobato. Foi inaugurado em 1881.

A cidade é ligada á linha do centro da Leopoldina pelo ramal deste nome, que parte da estação da Vista Alegre e tem 12 kilometros.

O municipio confina com Cataguazes, São José d'Além Parahyba, Palma, Mar d'Hespanha e S. João Nepomuceno. E' dos mais importantes do Estado pela riqueza de sua opulenta lavoura. Cultiva-se em grande escala café, canna e cereaes. A criação de gado é regular.

Entre os rios, que atravessam o municipio, notam-se: o Pardo, Pomba, Novo, Pirapitinga, S. Lourenço (affluente do Pirapitinga), Monos, Bagre, Moinhos, estes dois affluentes do Pomba pela margem direita), o Feijão Crú, o Barra de S. Bento (affluente do rio Pardo), o S. João (affluente do rio Novo), e o Recreio (affluente do Pomba).

Os districtos do municipio são: Cidade, Thebas, Piedade, Rio Pardo, Recreio, Campo Limpo, Conceição da Boa Vista, S. Joaquim, Santa Isabel e Providencia.

Delles apenas conheço o do Recreio, que é o ponto em que a estrada de ferro se divide em dous ramaes: o do Muriahé e o que vai á Ponte Nova.

E' um arraial muito animado; todo cercado de morros, entre os quaes os denominados Boa Vista, Laranjeiras, Conceição e Igreja, e banhado pelo ribeirão dos Monos e pelos corregos das Laranjeiras e da Grotinha.

Tem uma capella, situada no alto do morro da Igreja e da invocação do Menino Deus; duas escolas, sendo uma municipal e outra districtal; dous engenhos de beneficiar café, tres officinas de ferreiro, duas tanoarias e carpintarias, tres marcenarias, tres sapatarias, tres barbearias, tres padarias, tres pharmacias, duas alfaiatarias, tres hoteis, seis botequins, 30 casas de fazendas e molhados, 300 predios e 1.800 habitantes.

Dentro do povoado existem quatro lavradores e no districto 60 a 80.

A renda do districto é de 15 a 20 contos.

E' illuminada a kerozene.

Foi Leopoldina, em principio, o districto de *S. Sebastião do Feijão Crú*, do municipio do Mar d'Hespanha. Elevada a parochia pelo art. 1 da lei provincial n. 666 de 27 de abril de 1854. Villa com a denominação de Leopoldina pelo art. II da mesma lei n. 666; installada em 20 de janeiro de 1855. Cidade pela lei provincial n. 1.116 de 16 de outubro de 1861.

E' comarca de terceira entrancia.

Recebeu o nome, que ainda conserva, em homenagem á Princeza D. Leopoldina, esposa do Duque de Saxe, e já fallecida.

Uma circumstancia inspirou o nome de Feijão Crú. A' margem do sobredito corrego haviam feito os primeiros exploradores dessas selvas virgens sua rustica casinha, mas, afastando-se um pouco do rancho, encontraram no regresso o lume apagado e o feijão — *ainda crú*. E' isto o que diz a tradição.

LERITYBA. Corr. *reri-tyba*, ostras em abundancia, ostreira, E. Santo. Vide *Rerityba* (Dr. T. Sampaio).

LERY. Corr. *reri*, a ostra (Dr. T. Sampaio).

LESSA. Pequeno rio do Estado de Santa Catharina; desagua no sacco de Itacoroby ou Sacco Grande. E' tambem denominado *Amorim*.

LEVADA. Bairro da cidade de Maceió; no Estado das Alagôas.

LIBERDADE. Igarapé do Estado do Amazonas, banha o mun. de S. Philippe e desagua no rio Juruá.

LICONDE. Rio do Estado do Maranhão, affl. da margem esq. do Cururupú.

LIMEIRA. Bairro no dist. de Santa Rita da Extrema; no Estado de Minas Geraes.

LIMEIRA. Corrego do Estado de S. Paulo, no mun. do Ribeirão Preto, nas divisas do dist. de Villa Bomfim.

LIMEIRA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Jacú, trib. do Santo Ignacio, que o é do Paranapanema.

LIMEIRO. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio S. Lourenço; no mun. de Iguape.

LIMOEIRO. Bairro no dist. de Santa Rita da Extrema; no Estado de Minas Geraes.

LIMOEIRO. Corredeira no rio Tieté, entre o salto de Itú e a cidade de Porto Feliz; no Estado de S. Paulo.

LIMÕES. Morro do Estado de S. Paulo, na ilha de Santo Amaro.

LIMÕES. Riacho do Estado de Santa Catharina, banha o pov. Pantanal e desagua na praia do Sacco.

LIMPA ANZOL. Cachoeira no rio Giboia, no Estado da Bahia.

LINDOIA. Dist. de paz creado na com. e mun. da Serra Negra, no Estado de S. Paulo, pela Lei n. 638 de 29 de julho de 1899, que lhe tirou a denominação de Capella de Brotas Dista da estação da Serra Negra, da linha Mogyana, 12 kils.

LINDO VALLE. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da Bôa Morte e mun. do Bom Fim.

LINHA DOS 48. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de S. Leopoldo, com escola.

LIPO-LIPO. Furo do Estado do Pará, no mun. de Afuá.

LOCURI. Corrupção de *recú-ri*, não vermelho; nome de uma madeira que serve para construcção (Dr. Theodoro Sampaio).

LOGAR DOS INDIOS. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. do Paço, assente em terreno alto e plano, tres kils. ao S. da villa e 36 a E. da capital, na estrada real que desta vai a S. José de Riba-Mar. Foi em seu principio habitada por indios. Orago S. José.

LOMBA DO CEMITERIO. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. da capital, com escola.

LONTRA. Rio do Estado de Minas Geraes, affl. da margem dir. do rio Pomba; no mun. deste nome. Recebe o Taquara Preta, o Bom Fim e o Santa Thereza.

LOURENÇO (S.). Log. no mun. de Tury-assú do Estado do Maranhão.

LOURENÇO (S.). Log. do Estado do Paraná, á margem da estrada de Assunguy, distante quatro kils. da capital; com um engenho de beneficiar herva-matte.

LOURENÇO (S.). Dist. do Estado de Minas Geraes no mun. de Silvestre Ferraz, atravessada pela E. de F. Mi-

nas e Rio. Pertenceu ao mun. da Christina. Vide *Agua de S. Lourenço.*

LOURENÇO (S.). Dist. de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Foi desmembrado do mun. da Christina e annexado ao de Silvestre Ferraz pela Lei n. 319 de 16 de setembro de 1901.

LOURIÇAL. Dist. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Mar d'Hespanha.

LOURO BRANCO. Log. no mun. de Miranda do Estado de Matto Grosso.

LOUVEIRA. Pequeno corrego affl. da margem dir. do rio Capivary; no mun. de Jundiahy.

LUCAS. Log. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Serro.

LUCAS. Monte na entrada do rio Oyapock, no Estado do Pará.

LUCAS (S.). Arroio do Estado do R. G. do Sul, banha o mun. Santiago do Boqueirão e desagua no rio do Rosario.

LUDUGERO (S.). Log. do Estado de Santa Catharina, no mun. do Tubarão.

LUIZ (S.). Bairro do mun. de Piracicaba e Estado de S. Paulo.

LUIZ (S.). Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do ribeirão dos Toledos, trib. do Piracicaba.

LUIZ (S.). Capital do Maranhão: Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira, em seus *Fragmentos para a Chorog. do Maranhão* (1901), diz: « S. Luiz, fundada em 1612 pelos francezes, sob o commando do protestante Daniel de la Touche, senhor de la Ravardière, que assim a denominou em honra a Luiz XIII, que então reinava em França, está situada na borda noroestal da ilha do mesmo nome, em uma pequena peninsula banhada ao N. pelo rio Anil, ao S. e O. pelo rio Bacanga, os quaes ahi formam confluencia, onde fica o ancoradouro, e, reunidos, constituindo uma pequena bahia, vão misturar suas aguas com as de S. Marcos, por entre as pontas da Areia e da guia [1]. Sua posição astronomica de accordo com o *Annuario* de 1895, publicado pelo observatorio astronomico do Rio de Janeiro, é a seguinte: 2°31'36" de Lat. S. e 1°6'36" de Long. Occ. pelo meridiano do Rio de Janeiro. Está na ponta da Areia, á entrada do porto; o pharol da barra, fixo, de luz branca e vermelha, collocado no recinto da antiga fortaleza de Santo Antonio, hoje transformada em posto de signaes maritimos; á pequena distancia, na entrada da bahia de S. Marcos, acha-se o pharol deste nome, situado em uma collina, na qual tambem fica a antiga fortaleza de S. Marcos, transformada actualmente em estação semaphorica. O terreno, em que está situada a cidade, é accidentado, o que dá agradavel perspectiva aos que demandam o seu porto, sendo egualmente de bello effeito o extenso Caes da Sagração, que, começando no forte de S. Luiz, geralmente chamado *Baluarte*, situado na base de uma eminencia, á que vai a Rampa do Palacio, principal ponto de desembarque e que lhe fica contigua, se alonga até perto do bairro dos Remedios. As ruas da cidade, que é bem edificada, sendo muitos dos seus predios particulares verdadeiros palacetes, são na maior parte calçadas, as principaes a parallelepipedos. Entre seus edificios publicos, são dignos de menção: a *Cathedral*, rico e vasto templo que, situado na Praça do Palacio, guarda a sepultura do inolvidavel presidente Olympio Machado, em cuja lapide se lê esta inscripção: « Ao Dr. Eduardo Olympio Machado, a provincia agradecida, Lei n. 422 de 14 de agosto de 1856 »; a *Egreja* e *Convento do Carmo*, situados na historica e bella praça do mesmo nome, e ultimamente reconstruidos pelos reverendos padres Capuchinhos; a *Egreja de Santo Antonio*, vasto, simples e bello templo, de cuja tribuna sagrada se fez ouvir o preclaro classico Padre Antonio Vieira, e onde repousam os restos mortaes do botanico Dr. Antonio Corrêa de Lacerda e do illustrado e virtuoso sacerdote Conego Raymundo Alves da Fonseca, que foi lente de philosophia do Lyceu Maranhense; a *Egreja de S. Pantaleão*, elegantemente situada em logar alto, tendo ao lado a Casa de Expostos; o *Palacio do Governo* e o bonito palacete da *Intendencia Municipal*, ambos situados á Praça do Palacio; o *Theatro S. Luiz*, completamente reformado, que figura entre os principaes do Brasil; o *Thezouro do Estado*, a *Escola 11 de Agosto*, onde funccionam actualmente o Congresso do Estado, a Inspectoria de Hygiene e a Escola Nocturna; o *Quartel Federal* bem vasto, situado na Praça Deodoro; o *Quartel do Corpo de Infantaria do Estado*, na extincta Casa de Educandos Artifices; o *Hospital da Santa Casa da Misericordia*; o *Hospital Militar;* e o *Hospital Portuguez*, construido pela colonia portugueza, que não cessa de melhoral-o. Outros existem destinados á instrucção, como: o espaçoso *Convento de N. S. das Mercês*, onde funcciona provisoriamente o Lyceu Maranhense, fundado em 1838, sendo seu primeiro director o preclaro professor de latim Francisco Sotero dos Reis; a *Escola Normal*, fundada pelo Dr. Thomaz José da Porciuncula, e onde está tambem a *Escola Modelo Benedicto Leite*, assim chamada em homenagem ao Senador Benedicto Pereira Leite, a quem é devida a sua fundação; o *Seminario de Santo Antonio*, destinado ao Curso Theologico; o *Recolhimento de N. S. da Annunciação e Remedios*, onde existe actualmente um Internato para meninas, dirigido por irmans de Santa Thereza; as tres Escolas, fundadas pelo presidente Sylvino Elvidio Carneiro da Cunha, das quaes duas são destinadas tambem ao Curso Commercial e á aula de musica, e a terceira somente á Bibliotheca Publica; a *Escola de Aprendizes Marinheiros*; e o *Centro Commercial*. Possue muitas escolas subvencionadas pelo mun. e varios collegios particulares, destinados ao ensino primario e secundario. Das praças se destacam, além das do Palacio, Carmo e Deodoro, ja citadas, a dos Remedios, ornada de palmeiras plantadas symetricamente, elevando-se, no centro della, a estatua de Antonio Gonçalves Dias; a do Campo de Ourique, onde está a pyramide, monumento commemorativo da sagração de Pedro II; a do Senador Benedicto Leite, elegantemente ajardinada; e a do Senador Gomes de Castro, tambem ultimamente ajardinada. Conta tres bancos e uma agencia do de Pernambuco, tres companhias de seguros e duas agencias de empresas paraenses, destinadas a identico fim; é séde de duas companhias de navegação a vapor e de agencias de varias companhias estrangeiras, que regularmente enviam vapores a seu porto. E' abastecida de agua potavel canalisada, illuminada a gaz, percorrida por varias linhas de bondes, servida por extensa rêde de fios telegraphicos e ligada, por meio do telegrapho terrestre, a muitos pontos do Estado, á Capital Federal e demais Estados da União e, pela linha submarina, aos principaes Estados do Brazil e a outros paizes da America e á Europa. Do extremo da cidade parte uma pequena linha ferrea de sete kils. de extensão, que a põe em communicação com os aprazíveis povs. Cutim e Anil, banhados pelos rios que lhes dão o nome; quasi no 5° kil. atravessa a estrada — Caminho Grande — no Outeiro da Cruz, onde, como refere o illustre Dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal, « adormecem o seu somno derradeiro, abrigados á sombra augusta de uma modesta cruz, muitos dos valentes hollandezes e portuguezes que se disputavam, em duros combates, a posse da bella provincia do Maranhão ». Attestam o seu desenvolvimento industrial: cinco fabricas de fiação e tecidos de algodão, contando-se, entre ellas, uma de morins, situada no Anil, e a de Santa Izabel ou Companhia Fabril Maranhense, a mais importante do norte; uma somente de fiação de algodão, uma de tecidos de canhamo; uma de phosphoros, situada no arrabalde Jordôa; uma de pregos e de chumbo de caça; duas officinas de fundição e de machinas, sendo mais importante a da Companhia de Navegação a vapor do Maranhão, onde os aspirantes a machinista iniciam a sua aprendizagem. Possue tambem quatro fabricas de descascar arroz, sendo tres movidas a vapor e uma a agua seis fabricas de sabão, tres de oleo, duas de chocolate, oito de cal, situadas nos arredores da cidade.

[1] Os rios Anil e Bacanga, no trecho correspondente á capital, podem ser tambem considerados braços ou esteiros da pequena bahia que a banha e lhe serve de porto, formada pela de S. Marcos, e em cuja entrada se acham, de um lado, a ponta da Areia, e do outro, a da Guia. Ellas dão ao terreno em que está situada a cidade, o aspecto de uma pequena peninsula, e penetram na ilha formando innumeros igarapés de agua salgada e recebendo varios rios pequenos, como o Anil e Bacanga, propriamente ditos, que lhes deram o nome, o Angelim, o Batatan, etc.

duas de productos ceramicos, que ficam á margem esq. do Bacanga, uma de gelo e muitas outras fabricas e officinas, de menor importania. Tem onze typographias e cinco officinas de encadernação. Conta quatro jornaes diarios, tres de publicação mensal e um annual. Calcula-se a sua pop. em 50.000 habs. Nasceram nesta cidade: Manoel Odorico Mendes, Gentil Homem de Almeida Braga, Arthur e Aluizo Azevedo, Joaquim Serra, brigadeiro Feliciano Antonio Falcão, Visconde de Alcantara, o philologo Francisco Sotero dos Reis, além de outros homens notaveis. Na antiga praia do Armazem, depois da Trindade, afastada hoje do mar pelos terrenos accrescidos com a construcção do caes, foi executado, em 1685, Manuel Beckman, que, do alto do patibulo, declarou — que pelo povo do Maranhão morria contente. »

LUIZ CORRÊA. Cachoeira no rio Grande, na fazenda do Rio Grande, mun. do Bom Jardim e Estado do Rio de Janeiro. Tem uma quéda de 10 metros de altura.

LUIZ GONZAGA. Villa do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira, *obr.* cit., diz: « *S. Luiz Gonzaga*, antigamente tambem chamada villa do Machado, porque para ahi se transferiu a villa deste nome, que estava a 21 kils. á jusante da margem dir. do rio Mearim, fica situada á margem dir. do mesmo rio, á montante da Victoria. O logar da antiga villa, hoje sem importancia alguma, passou a ser conhecido por *Villa Velha*. O lado fronteiro á S. Luiz Gonzaga chama-se Trezidella. A producção desta villa consiste em algodão e milho, que ella exporta para a capital. Calcula-se a sua pop. em 1.500 habs. » No perimetro da villa, em 1896, tinha 50 casas de telha, 40 de palha e umas oito de negocio.

LUIZ GONZAGA (S.). Villa do R. G. do Sul. Accrescente-se no fim: Foi elevada á cidade por Dec. n. 477 de 14 de março de 1902.

LUIZ MAXIMO. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. de Guarehy.

LUMIAR. Pequeno pov. do Rio de Janeiro. Accrescente-se no fim: Foi transferida a séde do seu dist. para a pov. de S. Pedro com esta denominação pela Lei n. 519 de 17 de dezembro de 1901.

LUMINADA. Ilha no rio Oyapock e Estado do Pará.

LUZIA (Santa). Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, no Estado da Bahia. Fica no rio Grande, a 716 kils. do Joaseiro, entre as estações de Porteiras e Barreiras.

LUZIA (D.). Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. do Rio Branco.

LUZIA (Santa). Villa do Estado do Pará, creada pela Lei n. 797 de 22 de outubro de 1891. Foi pov. do mun. de Curuçá.

LUZIA (Santa). Ilha do Estado da Bahia, defronte de Macaranduba, na peninsula de Itapagipe. Nella fica a enseada dos Fiaes.

LUZIA (Santa). Riacho do Estado da Bahia, no dist. das Salinas da Margarida. Desagua no mar, entre Cordeiro e a fazenda do Bulcão.

LUZIA (Santa). Rio do Estado da Bahia, banha o mun. do Campo Formoso e desagua no Payayá, no logar Tapuya.

LUZIA DO ENGENHO (Santa). Pov. do Estado do Pará, no mun. de Curuçá.

M

MABÁ. Corrupção de *Mapá*. Vide.

MABAÇA. Log. do Estado da Bahia, no dist. de Plataforma.

MABACHICÁ. Log. do Estado do Amazonas, no mun. de Barcellos.

MACABA ou *Bacaba*. A palmeira (*Oenocarpus Bacaba*. Mart.) a palmeira bocayuva; alt. *macá*, *bacá* (Dr. Theodoro Sampaio).

MACABÚ. Corrupção de *macáb-ú*, ou *macab-y*, o rio das macabas ou bacabas, isto é, das palmeiras bocayuvas (Dr. Theodoro Sampaio).

MACACO. Corrego do Estado de Matto Grosso, affl. do rio Coxim pela margem esq.; no mun. de Corumbá.

MACACO DA NOITE. Igarapé no mun. da capital do Estado do Pará.

MACACOEIRA. Ilha do Estado do Maranhão, no mun. de Miritiba.

MACACOS. Log. do Estado de Santa Catharina, no mun. de Camboriú.

MACACOS. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. de Pirauba e mun. do Pomba; com uma esc. municipal.

MACACÚ. Corrupção de *macac-ú* ou *macaca-y*, rio dos macacos, Rio de Janeiro; ant. *Macucú*, e, neste caso, é corrupção de *macuc-ú*, rio dos macucos; nome de uma madeira propria para construcção civil (Dr. Theodoro Sampaio).

MAÇÁ-GUASSÚ. Lagôa no mun. de Caraguatatuba e Estado de S. Paulo. « *Maçá-guassú*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Mbo-açái-guá-uçú*, por contracção *Mb'-açái-guá-çú*, esparzido, redondo, largo. De *mbo*, particula activa, da qual o *b* não sôa senão imperceptivelmente, quando predomina o som do *m* e vice-versa; *açái*, estender, esparzir; *guá*, redondo; *uçú*, grande, largo. Allusivo a ser ahi que o rio *Capuava*, logo que se derrama na planicie, forma essa grande lagôa. »

MACAHÉ. Corrupção de *macá-é*, a macaba que é doce, a macaba saborosa, o fructo agradavel da palmeira bacaba, macaba ou bocayuva. Vide *Macaba* (Dr. Theodoro Sampaio).

MACAHÉ. Cidade do Rio de Janeiro. Accrescente-se no fim : No *Jornal do Commercio* de 7 de abril de 1902, publiquei a seguinte noticia á respeito dessa cidade: Regressando de S. João da Barra, em direcção á cidade de Macahé, passei pelas estações de Caetá, Barcellos, Floresta, Commendador Martins Lage e Thomaz Coelho, todas pertencentes a Estrada de Ferro Campista.

Almocei em Campos e ás 10 horas e um quarto embarquei na Leopoldina, que fica do outro lado da cidade. Passei pelas estações de Ururahy, Guriry, Dores, Conde de Araruama, Carapebus e Cabiunas, e cheguei á cidade de Macahé á 1 hora da tarde, tomando na estação um *bond* que me conduziu ao hotel. E' Macahé uma bonita cidade situada á margem dir. do rio Macahé, que nella desagua, no oceano, entre o Pontal e a enseada da Concha; em terreno plano a 94 kils. da cidade de Campos e a 181 de Nitheroy; cercada de dous lados pelos morros da Imbetiba, Monte Elysio, Sant'Anna e Vianna, ligado á ponta denominada Pontal por uma ponte de ferro de 124 metros de extensão, que põe em communicação a cidade com a estrada de rodagem que passa pelo Barreto, Carapebus, Quissaman, Dores de Macabú, e termina em Campos. Contorna grande parte da cidade uma valla aberta pelos jesuitas, a qual se estende da rua Conselheiro Dantas á praia da Concha; esta valla ainda hoje presta relevantes serviços, pois nella escoam-se as aguas das chuvas e das cheias do rio. Córta as principaes ruas da cidade uma linha da Companhia Ferro Carril Macahé e Imbetiba, possuindo alguns *bonds*, *wagons* para cargas e um carro funerario; essa companhia tem previlegio por 30 annos, por contrato firmado com a ex-provincia, em 14 de agosto de 1876. Na cidade começa o canal de Macahé a Campos, hoje quasi todo obstruido, sendo apenas navegavel de Quissaman a Campos; e a estrada de ferro que vai a Glycerio.

A cidade offerece um esplendido panorama na parte voltada para o rio e para o oceano, vendo-se defronte uma

das ilhas de Sant'Anna, o morro da Fortaleza, a enseada da Concha e o leito mortuario do rio Macahé.

Na parte da enseada da Concha (extremo da rua da Liberdade) atracam os vapores da Companhia S. João da Barra e Campos, que vão até o Rio de Janeiro com carregamento de café e outros productos de Macahé e seus districtos.

No cáes da mesma rua da Liberdade, na extremidade, que enfrenta a fóz do rio, atracam os muitos navios de pequena cabotagem com carregamento de sal, cal, peixes, etc., das fabricas, salinas e caieiras de Cabo Frio, e fazem tambem viagens de Macahé ao Rio de Janeiro com outros carregamentos de café e diversos productos, o que dá movimento ao commercio.

A cidade não tem esgotos. A agua que abastece é oriunda de mananciaes existentes no lugar denominado Rio Dourado (estação), distante uns 60 kils. e transportada pela estrada de ferro em tanques apropriados de 12.000 litros cada um, diariamente. Este transporte da agua é contratado pela Camara Municipal.

Publicam-se na cidade tres jornaes: o *Democrata*, cujo primeiro numero appareceu a 22 de janeiro do corrente anno; o *Lynce*, com 7 annos de existencia, e o *Seculo*, com 15 annos, que mantém, junto á officina de impressão da folha, uma outra a vapor, para trabalhos avulsos, dispondo de machinas de systema moderno.

As ruas da cidade são largas, planas, rectas, abahuladas, cruzando-se perpendicularmente, muitas arborisadas, sem calçamento, com passeios de lagedos ou cimentados e illuminadas a kerozene. As principaes são: a Treze de Maio, a mais extensa e commercial, da Liberdade, Conselheiro Dantas, Euzebio de Queiroz, Barão de Cotegipe e José Bonifacio.

Tem tres praças bastante extensas: a do Visconde do Rio Branco, antiga Municipal; a Quinze de Novembro, antiga Alegria, e a Conselheiro João Alfredo, antiga Motta Coqueiro, porque nella foi enforcado o individuo deste nome.

Seus predios, em numero de 948, são, na sua maior parte, do systema antigo, mas bem conservados e limpos. Tem diversos sobrados.

O predio mais importante pela sua feliz collocação, solidez de construcção e ornamentação interna, é o da Viscondessa de Araujo.

No alto do morro de Sant'Anna, ergue-se a graciosa e poetica capellinha desta invocação, de onde se desfructa um panorama extenso e lindissimo. Ahi existe um cemiterio em uma de suas abas, em terreno particular, um moinho tocado a vento para moagem de cereaes.

Entre os arrabaldes da cidade nota-se o de Imbetiba, situado na enseada do seu nome, comprehendido entre os morros da Fortaleza e de Imbetiba, á margem do oceano, e ligado á cidade pela linha de *bonds*. Ahi ficam as officinas da Leopoldina, o importante edificio da Alfandega, em que o Governo gastou em pura perda dezenas de contos; o grande hotel da Empreza Balnearia, uma ponte em ruinas, uma outra de madeira, onde a estrada termina, e um quebra-mar não concluido.

No morro da Fortaleza ha os restos de uma fortaleza abandonada, e o forte em construcção bem adiantada, mas infelizmente paralysada. Guarda este forte uma força federal.

Ha na cidade 70 casas de seccos e molhados, 10 lojas de fazendas, uma casa com cinco bilhares, um deposito de calçado, um tanoeiro, uma fabrica de bebidas, tres marceneiros, tres pharmacias, sete botequins, um estabelecimento de colchoaria e moveis, seis hoteis e casas de pasto, dous selleiros, sete lojas de barbeiros, cinco padarias, duas fabricas de cigarros, cinco lojas de alfaiates, duas typographias, dous funileiros e vidraceiros, uma refinação de assucar, uma officina de armador, tres sapatarias, oito açougues, uma olaria, duas fabricas de fogos artificiaes, seis advogados e quatro medicos.

A Matriz fica na praça 15 de Novembro. E' um templo muito singelo, mas decente, tem uma só torre; o interior não se salienta pela decoração. Tem, além do altar-mór com S. João Baptista, padroeiro, mais quatro lateraes: do Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora do Rosario, S. Benedicto, os 14 quadros da Via Sacra, dous pulpitos, a pia baptismal e o côro com um harmonium.

Esta egreja foi construida pela Irmandade do Santissimo Sacramento, mas não havendo na cidade Matriz, foi ella cedida para esse fim.

Projectou-se construir uma Matriz na praça Visconde do Rio Branco, chegando a construcção até a capella-mór. Por falta de recursos, arruinou-se com o tempo a parte iniciada, mandando a Camara arrazar as paredes e os alicerces, sendo as pedras aproveitadas para o hospital da Beneficencia Portugueza e para a torre da capella de Sant'Anna.

Além da Matriz e da Capella de Sant'Anna, tem mais a cidade duas capellas nas sociedades musicaes *Nova Aurora* e *Lyra dos Conspiradores*, a primeira com a invocação de Santa Cecilia e a segunda com a de Nossa Senhora da Penha.

A Camara funcciona em predio proprio, situado na rua da Liberdade e com a frente para o oceano. Tem dous pavimentos: no segundo funcciona a Procuradoria, no primeiro encontram-se a Secretaria, a Bibliotheca e a sala das sessões do Jury e da Camara, com os retratos do Marechal Floriano, do General Deodoro e do Dr. Prudente de Moraes.

A cadêa occupa um sobrado alugado na rua da Esperança, canto da rua da Liberdade. Tem duas prisões, muito acanhadas, uma para homens e outra para mulheres. Na prisão dos homens encontrei 11 individuos, quasi todos por crime de morte.

A casa de caridade está localisada em um bom predio com 10 janellas de frente na rua 15 de Novembro. Tem uma capellinha de S. João Baptista, padroeiro do hospital e da cidade, tres enfermarias para homens e uma para mulheres, pharmacia com os retratos do Dr. Valladão, Barão de Petropolis e do Dr. João Moraes de Siqueira Bueno, fundador do hospital.

O Lazareto fica no morro do Vianna.

Ha na cidade duas lojas maçonicas, a Perseverança Segunda e Quintino Bocayuva, o edificio da Sociedade Portugueza de Beneficencia, ainda não concluido, e um templo protestante.

A pop. da cidade é de cinco a seis mil habs.

Tem quatro cemiterios: o de Sant'Anna, no morro do seu nome, o do Santissimo, do Rosario e o Municipal, estes situados na rua da Egualdade, proximos á praia da Imbetiba. A instrucção publica é dada na cidade em tres collegios particulares para meninas, em cinco escolas estaduaes e uma municipal, no arrabalde da Boassica. No resto do mun. ha nove escolas estaduaes e nove municipaes, nos logares: Imburo no distr. do Barreto; Pindobas e Capellinha, no distr. de Carapebus; Venda Nova, no distr. de Quissaman; Santa Catharina, no distr. da Conceição de Macabú; Coqueiros, no distr. das Neves; Salto, no distr. de Cachoeiros; Glycerio e Sanna, no distr. do Frade. Ha ainda em Quissaman uma escola particular para os filhos dos operarios do Engenho Central, mantida pela Directoria do mesmo Engenho.

O mun. confina com Campos, Santa Maria Magdalena, Bomjardim, Nova Friburgo e Indayassú.

Comprehende os distrs. da cidade: Barreto, Carapebus, Quissaman, Conceição, Neves, Cachoeiros e Frade; e as seguintes estações da Estrada de Ferro: Boassica, Imbetiba, Cidade, Cabiunas, Carapebus e Conde de Araruama, na Estrada de Ferro Leopoldina; Paciencia e Conceição, na Estrada Barão de Araruama; Almeida Pereira, Claudio, Mundéos e Glycerio, na Estrada Central de Macahé, todas pertencentes á referida Companhia Leopoldina. Além dessas estradas de ferro, atravessa o mun. o de Quissaman.

A lavoura consiste em canna, café e cereaes; a criação do gado é pequena.

Ha no mun. o Engenho Central de Quissaman; 4 usinas de café, na cidade, Paciencia, Conceição e Glycerio, e diversos engenhos de assucar e café.

No segundo distr. (Barreto) e em outros ha algumas fabricas de queijos e manteiga.

Nas costas do mun. apenas notam-se as ilhas de Sant' Anna, que ficam defronte da cidade. Ao pé dellas, do lado do Sul, está o ilhote do Papagaio, junto ao qual existem dous rochedos submarinos — a *Mula* e o *Moleque* — conhecidos dos navegantes. Nas Costas do Barreto, a 22°21'10" S. de latitude, 1°22'30" de longitude oriental, existe o rochedo Hermes, onde em 1861 naufragou o vapor *Hermes*.

As serras do mun. pertencem á cordilheira Maritima. Della destacam-se a serra de Macahé, junto a Bom Jardim, e onde nasce o rio Macahé; as serras de Macabú (corrupção de *macáb-ú* ou *macab-y*, o rio das Macabas ou Bacabas, isto é, das palmeiras bocayuvas), dos Crubixaes, do Homem Deitado e de Santo Antonio, que por um lado formam o valle

do Macabú, e por outro constituem as vertentes do rio S. Pedro, affl. do Macahé.

O ponto mais culminante do mun. é o morro do Frade, que, segundo Mouchez, tem 1.750 metros.

Os principaes rios do mun. são: o Macahé e o Macabú. O primeiro recebe o Anta, João Manoel, Atalaia, S. Pedro, Jurumirim, Sabiá, Genipapo, Morto, Crubixaes, Ouro, Aduellas, Trahiras e Bonito; o segundo nasce na mesma serra de Macahé e desagua na Lagôa Feia.

As principaes lagôas do mun. são: a Feia, outr'ora Iguassú, Carapebús, Jeribatyba (abundancia de Jerivás) e a Imboassica. A primeira recebe as aguas dos rios Ururahy e Macabú e communica com o oceano por diversos rios, entre os quaes o Furado.

Saint Adolphe diz que o rio Macahé era denominado *Mikié* (rio dos bagres) pelos Goytacazes. Segundo o Dr. Theodoro Sampaio, Macahé é corrupção de *maca-é*, e significa a macaba que é doce, a macaba saborosa, o fructo agradavel da palmeira bacaba, macaba ou bocayuva ».

MACAHUBA. Corrupção de *macayba* ou *bacayba*, a palmeira *Acrocomia Selerocarpa*, Mart. ou *Oenocarpus Bacaba* (Dr. Theodoro Sampaio). « *Macahubas*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Mbo-áquâ-aub-a*, quasi nada corrente. De *mbo*, particula activa, cuja pronuncia salienta ora o *m*, ora o *b*, formando, no primeiro caso, *mo*, e, no segundo, *bo*, segundo os grammaticos; *áquâ*, correr; *aub*, particula para assignalar defeito na acção do verbo anteposto, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. Esta particula *aub*, tal qual a escreveu o padre Luiz Figueira (*obr.* cit.), é muitas vezes pronunciada simplesmente *aú*.

MACAHUBAS DE CIMA. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. de Santo Antonio da Vargem Alegre e mun. do Bom Fim. Pertenceu ao dist. da cidade deste nome.

MACAHYBA. Vide *Macahuba*.

MACAIA. Pequeno rio que desagua no mar; no mun. de Santos e Estado de S. Paulo.

MACAMBIRA. Composto de *mã-cambir*, cousa que fere ou offende; planta bromeliacea commum nos sertões do norte do Brazil (Dr. Theodoro Sampaio).

MACAMBIRA. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, no Estado da Bahia. Fica no rio Grande, a 604 kils. distante do Joaseiro, entre as estações da Conceição e Sobrado.

MACAPÁ. Composto de *macá-pá*, macá = macaba ou bacaba, a palmeira (*Oenocarpus Bacaba*, Mart.), *pá*, lavrar, cortar, derribar; a derribada de macabas; Pará (Dr. Theodoro Sampaio).

MACAQUINHO. Corrego do Estado de Goyaz, affl. do Macaco Grande, no dist. de Anicuns.

MAÇARANDUBA. Igarapé do Estado do Pará, affl. do Igarapé-assú; no mun. de S. Domingos da Bôa Vista.

MAÇARICO. Lago. do Estado do Amazonas, no mun. de Itacoatiara.

MACARY. E' assim tambem denominado o rio Carapaporis; no Estado do Pará.

MACAUAN. Rio do Estado do Amazonas, affl. do Iaco; no mun. de Floriano Peixoto.

MACEIÓ, ant. *Maçayó*. Composto de *mã-çai-ó*, cousa estendida ou dilatada, isto é, o espraiado, o alargado, o extenso; ou ainda, o que se estende encobrindo ou tapando (Dr. Theodoro Sampaio).

MACENA. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Taquaretinga. Vai para a margem esq. do rio Capibaribe.

MACHADO. Com este nome dá o *Almanak Sergipano* (1901) noticia de dous arraiaes, um no termo de Larangeiras e outro no do Lagarto.

MACHADO. Ilha no mun. de Cururupú e Estado do Maranhão.

MACHADO PORTELLA. Pov. da Bahia. Accrescente-se no fim: O mun. ahi creado pela Lei n. 307 de 28 de junho de 1899 foi supprimido pela de n. 442 de 28 de agosto de 1901.

MACHADOS. Bairro do mun. de S. Manoel do Paraiso e Estado de S. Paulo; com escolas.

MACHADOS. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. de D. Silverio e mun. de Bom Fim (Inf. loc.).

MACHARETE. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Indaiassú.

MACUCO. Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. do Pomba.

MACUCO. Com este nome dá o Dr. J. M. de Almeida noticia de dous affls. do rio Paranapanema pela margem dir.: um no mun. de Santa Barbara do Rio Pardo; outro no de Campos Novos do Paranapanema, no Estado de S. Paulo. « *Macuco*, diz aquelle escriptor, corruptela de *Mbo-cúcuí*, cahido. De *mbo*, particula activa; *cúcuí*, cahir. Allusivo, quanto á serra, ao seu derrocamento; e, quanto aos ribeirões, ao seu leito em forte declive com quedas ».

MACUCONO. Log. do Estado de Minas Geraes, no mun. de Itabira, com uma esc. municipal.

MACUNA. Arraial do Estado de Sergipe, no termo do Lagarto (*Almanak Sergipano*. 1901).

MADEIRA. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Brigida, trib. do rio S. Francisco.

MADRE DE DEUS. Arràial do termo de Larangeiras, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

MADUREIRA. Bairro do mun. de Pindamonhangaba e Estado de S. Paulo.

MADUREIRA. Log. no Districto Federal. Accrescente-se no fim: Fica a 16k,700 distante da Estação Central; a 20m,200 de altura e entre Cascadura e D. Clara. Tem mais uma estação da E. de F. Melhoramentos do Brasil.

MÃE CARIRA. Arraial do termo de Itabaiana, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

MAGALHÃES. Log. no dist. da cidade do Pomba e Estado de Minas Geraes; com uma esc. municipal.

MAGÉ. Corr. *mbagé* ou *pagé*, o feiticeiro, o curandeiro do gentio; ant. *magépe*, composto de *magé-pe*, no feiticeiro; Rio de Janeiro (Dr. Theodoro Sampaio).

MAGÉ. Serra do Estado de Pernambuco, no pov. de Alagoinhas.

MAGÉ. Riacho do Estado de Pernambuco, rega o pov. Alagoinhas e desagua no rio Ipanema.

MAGRO. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. do Limoeiro e desagua na margem esq. do rio Capibaribe.

MAGÚ. Rio do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira (*obr.* cit.), tratando desse rio, diz: « O rio Magú, tambem chamado João Peres, nasce no logar Montevedy, forma o lago Magú e se lança no rio Santa Rosa. E' extraordinaria a quantidade de peixe que ha no rio Magú durante o mez de Maio; mais de 400 pessôas ahi se occupam da pesca, sem diminuir, pelo menos, visivelmente, a sua riqueza piscosa ».

MAICATHIRA. Corruptela de *Mo-ã-quâ-atir-a*, contrahido em *M'-ã-quâ-tir-a*, empinadas e pontas altas. De *mo*,

particula activa; *ã*, empinar; *quâ*, ponta; *atir*, levantar, alçar, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. Allusivo a ser essa serra muito alcantilada e a ter muitos picos altissimos (Dr. J. M. de Almeida). Vide *Mãe Cathira*.

MAIOÁ. Igarapé do Estado do Pará, no mun. do Curralinho. E' um braço do rio Mutuacá.

MAIOBINHA. Log. do Estado do Maranhão, na ilha de S. Luiz.

MAIPITY. Igarapé do Estado do Amazonas, affl. da margem esq. do rio Negro, no dist. de Taupessassú, mun. da capital.

MAIR. Appellido dos Francezes entre os tupis.

MAIRY. Ilha do Estado do Maranhão, no mun. de Miritiba.

MALAMBÁ. Arraial do Estado de Sergipe, no termo de Villa Nova (*Almanak Sergipano*. 1901). Encontra-se tambem escripto *Malembá*.

MALEITAS. Ribeirão do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Batataes e desagua no rio Pardo. Recebe o corrego do Furquim.

MALHADA. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco; no Estado de Minas Geraes. Fica naquelle rio, a 888 kils. distante do Joaseiro (Bahia) e entre as estações de Carinhanha e Manga.

MALHADAS. Arraial do Estado de Sergipe, no termo de Pacatuba (*Almanak Sergipano*. 1901).

MALOCA. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. da Labrea.

MAMALUCO. Corr. *mamá-ruca*, o que procede da mistura, o mixtiço (Dr. T. Sampaio). Vide *Mameluco*.

MAMANGUAPE. Composto de *mamã-gua-pe*, no valle dos curraes ou dos cercados; Parahyba do Norte (Dr. T. Sampaio).

MAMÃO. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. de Cimbres.

MAMBUCABA. Corr. *mombu-caba*, o furo, a aberta, o rasgão, a passagem (Dr. T. Sampaio). « *Mambucaba*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Mã-mbucá-âba*, isto é, *Mã-mbuc'-aba*, impedido e ruidoso. De *mã*, impedir, impedimento; *mbucá*, o mesmo que *pucá*, fazer ruido, mudado o *p* em *mb*, por ser nasal a palavra anterior; *âba*, particula, para exprimir o modo, a causa, o intento, etc. Allusivo a ser encachoeirado, fazendo as aguas grande ruido ».

MAMBUCABA. Rio affl. da margem dir. do Tieté; no mun. de Cabreuva e Estado de S. Paulo.

MAMBUHÚ. Corruptela de *Mo-mb-úú*, lodoso. De *mo*, particula activa; *mb*, por ter som nasal a palavra seguinte; *úú*, o mesmo que *húú*, lodo, lama, limo. Allusivo a correrem suas aguas em terreno lodoso (Dr. J. M. de Almeida).

MAMBURAL. Rio affl. da margem dir. do Jacupiranga; no mun. de Iguape e Estado de S. Paulo. « *Mambural*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Mbaã-mborá*, manchado de atoleiro. De *mbaã*, o mesmo que *paã*, atolar, pela mudança do *p* em *mb*, visto não ter palavra antecedente; *rá*, mancha, manchar, precedido da particula activa *mbo*, formando *mborá*, manchado. Allusivo a ter nos leitos e nas margens manchas de atoleiro ».

MAMELUCO. Corrupção de mamaluco. Vide *Mamaluco*.

MAMORÉ. Composto de *mamõ-ré*, o de longe, o que vem de outra parte; nome de um dos galhos principaes do rio Madeira (Dr. Theodoro Sampaio). Vide *Maroré*.

MAMORÉ. Serra no mun. de Santos e Estado de S. Paulo. Vide *Maroré*.

MAMPITUBA. Composto de *mã-pituba*, cousa que é arejada, ventilada; o sopro, o halito; Santa Catharina (Dr. Theodoro Sampaio).

MANACAN. Riacho nas divisas do termo do Canhotinho, do Estado de Pernambuco, com o Estado das Alagôas.

MANCOEBA. Log. no mun. da capital do Estado de Matto Grosso.

MANDACARÚ. Nome commum aos cardos (*Cœreus*); alt. *jamacarú*, *yamacarú* (Dr. T. Sampaio).

MANDACARÚ. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. de Aguas Bellas.

MANDACASSÚ. Pov. do Estado do Maranhão, a 24 kils. da villa de Barreirinhas, a cujo mun. pertence.

MANDAHÚ. Corr. *manda-u* ou *manda-y*, o rio dos feixes ou dos montões (Dr. T. Sampaio).

MANDAQUI. Composto de *manda-qui*, feixe em pé, ou feixe que brota, que se renova (Dr. T. Sampaio). « *Mandaqui* ou *Mã-nd-aqui*, impedido e frouxo. De *mã*, impedir, impedimento; *nd*, intercalação nasal; *aqui*, frouxo. Allusivo a ter (este rio de S. Paulo) obstruido o leito, e alagar as margens ». (Dr. J. M. Almeida).

MANDAQUI. Bairro no mun. da capital do Estado de S. Paulo, no dist. de Sant' Anna; com uma esc. e uma estação da E. de F. da Cantareira.

MANDAQUI. Rio affl. da margem dir. do Tieté; no mun. da capital do Estado de S. Paulo.

MANDASAIA. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Campos.

MANDASAIA. Corredeira no rio Paranapanema, um pouco abaixo da barra ou foz do rio Itapetininga; no Estado de S. Paulo. « *Mandaçaia*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Mã-nd-haçá*, impedimento atravessado. De *mã*, impedimento; *nd*, intercalação, por ser nasal o som de *mã*, e para ligal-o a *haçá*, atravessar. Allusivo a existir ahi, no meio do rio, um largo lagedo de rocha dura; e o canal, em diagonal do lado direito para o esquerdo, e pouco fundo, fórça por seu declive as aguas a uma correnteza correspondente a seis kils. por hora ».

MANDIHÚ. Estação da E. de F. Mogyana, no kil. 402 da linha do Rio Grande. Foi aberta ao trafego a 1º de abril de 1901.

MANDIHY. Nada tem este nome com o peixe *mandii*. « *Mandihy*, corruptela de *Mã-nd-eii*, muitos impedimentos. De *mã*, impedimento; *nd*, intercalação, por ser nasal o som *mã*, e para ligar a *eii*, muitos, exprimindo plural. Allusivo a ter o leito atravancado com pedras e madeiras podres ». (Dr. J. M. de Almeida).

MANDIMBO. Corrego affl. do ribeirão Cachoeirinha, este do ribeirão Banharão e este da margem esq. do rio Mogyguassú; entre os muns. de Jaboticabal e Barretos; no Estado de S. Paulo. Já li escripto *Mandembo*. « *Mandimbo*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Mã-nd-ii-mbo*, impedido e sujo. De *mã*, impedir; *nd*, intercalação nasal; *ii*, sujo; *m*, intercalação nasal; *bo* (breve), para formar supino. Allusivo a ter o leito obstruido de detritos vegetaes, com cachoeiras ».

MANDINGA. Contracção de *Mã-nd-yi-ng*, impedido e gretado. De *mã*, impedir, impedimento; *nd*, intercalação, por

ser nasal o som de *mã* e para ligal-o a *yi*, concavar, gretar, com o suffixo *nga* (breve), para formar supino. A nasalidade de *mã* fére tambem *yi*, que, sem isso, seria guttural. Allusivo a saltos, cachoeiras e outros obstaculos em seu leito; inclusive concavidades e gretas. A proposito do nome deste ribeirão (de S. Paulo), tenho duvida em admittir a palavra *mandinga* como de origem africana. Segundo os lexicographos, ter mandinga é ter difficuldades, contra as quaes é necessario luctar. Não é, por ventura, o mesmo significado de *mandinga* em tupi? (Dr. J. M. de Almeida).

MANDINGA. Ribeirão de S. Paulo, no mun. do Cunha Accrescente-se no fim: Desagua na margem esq. do rio Parahytinga.

MANDIOCA. Pequeno pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Itapecurú-mirim, com uma machina e uma prensa de descaroçar e ensaccar algodão.

MANDIOCA. Serra do Estado de Pernambuco, ao poente do mun. do Altinho.

MANDIOCA. Uma das cabeceiras do ribeirão Assungui, pela margem dir., no mun. de Sarapuhy e Estado de S. Paulo. « *Mandioca*, isto é, *Mã-ndi-ógca*, muitos impedimentos e tapado. De *mã*, impedimento; *ndi*, muitos; *ógca*, de *óg*, tapar, com o suffixo *ca* (breve), para formar supino. Allusivo aos saltos e cachoeiras; represado, porém, na barra ». (Dr. J. M. de Almeida). « *Mandioca*, corr. *manioc*, a raiz edule da *yatropha* » (Dr. T. Sampaio).

MANDIORÉ. Composto de *mandy-o-ré*, que se chama do *mandi;* nome de uma lagôa no valle do Paraguay (Dr. T. Sampaio).

MANDIRA. Isto é, *Mã-ndir-a*, impedimentos amontoados. De *mã*, impedimento; *ndir-a*, o mesmo que *tir-a*, fazer montão, amontoar. O *t* é mudado em *nd* por causa do som nasal de *mã*. O *a* (breve) final é exigido por acabar em consoante o verbo *tir*, segundo a licção do padre A. R. de Montoya, em sua *Arte de la lengua guarani*. Allusivo a entulhar-se o leito deste ribeirão com terras desmoronadas da serra, formando elevações. No ribeirão *Mandira* ha imponentes saltos. E, significando *tir-a*, tambem levantado, alto, *mã-ndir-a* pode por ventura ser referencia aos sobreditos saltos—impedimentos altos. Em summa, a ideia representada pelo nome corresponde ao facto (Dr. J. M. de Almeida. *Dicc. Geogr. da Prov. de S. Paulo*, obra posthuma, 1902). O conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela prov. de S. Paulo, no anno de 1805*, descrevendo os cursos d'agua desta região, escreveu: « Todos estes rios são pouco attendiveis pela sua nenhuma largura, pela pouca profundidade d'agua e pela pequena extensão, o que provém das proximidades das serras de onde elles nascem; contudo, no tempo das aguas, são assás caudalosos, e, não ha immenso tempo, com as grandes chuvas desabaram porções das serras, que vieram entulhar o rio das *Minas* e ribeirão do *Mandira*, arrastando consigo enormes madeiras... »

MANDISSUNUNGA. Corruptela de *Mã-ndi-çunú-nga*, muitos impedimentos e ruidoso. De *mã*, impedir, impedimento; *ndi*, muitos; *çunú*, fazer ruido, com o suffixo *nga* (breve), para formar supino. Allusivo a saltos e cachoeiras em seu curso, fazendo ruido e estrepito as suas aguas, nas successivas quedas (Dr. J. M. de Almeida. *Obr.* cit.).

MANDIÚ. Corrego do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Santa Isabel e desagua na margem dir. do rio Jaguary. « *Mandiú*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Mã-nd-yû*, impedido e apertado. De *mã*, impedir, impedimento; *nd*, intercalação, por ser nasal o som de *mã*, e para ligal-o a *yû*, garganta, logar estreito. Allusivo a ter o leito atravancado de pedras, e a estreitar-se em varios logares. Corre entre margens altas ».

MANDUCAIA. Rio affl. da margem dir. do Pardo; no mun. de Santa Barbara do Rio Pardo e Estado de S. Paulo. « *Manducaia*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Mã-nd-y-quai-a*, impedimento e gargantas. De *mã*, impedimento; *nd*, intercalação nasal; *y*, relativo; *quai*, cingir, fazer garganta ou cintura, estreitar, com o accrescimo de *a* (breve), para formar infinitivo, sem caso, e, portanto, exprimindo a acção geral do verbo. Allusivo aos saltos, cachoeiras, e gargantas ou estreitos, no seu curso ».

MANDY. Ribeirão do Estado de S. Paulo, banha o dist. de Itaquaquecetuba e desagua na margem dir. do rio Tieté, proximo á foz do ribeirão do Jaguary.

MANETA. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. da capital.

MANGA. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, no Estado de Minas Geraes. Fica naquelle rio, a 943 kils. de Joaseiro (Bahia) e entre as estações da Malhada e de Morrinhos.

MANGABAHÚ. Rio affl. da margem esq. do Jundiahy, no mun. deste nome e Estado de S. Paulo. Vide *Anhangabaú*. « *Mangabahú*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Mong-aba-aû*, pantanoso. De *mong*, ser pegajoso; *ába*, particula de participio presente, para exprimir a causa, o modo, o logar, o instrumento etc.; *aû*, lama, mancha, sujidade. Este *aû* é sempre posposto na composição dos nomes. Allusivo a ter no leito lama pegajosa. Aproveitando esta occasião, direi que o nome da fructa geralmente conhecida por *mangaba* é *mong-ába*, pegajosa, viscosa; porque verte um leite viscoso, enquanto não está bem madura ».

MANGABEIRA. Arraial do termo de Itaporanga, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

MANGABEIRAS. Morro na cidade da Cachoeira, no Estado da Bahia.

MANGARATIBA. Corr. *mamgará-tyba*, mangarás em abundancia, mangarasal (Dr. Theodoro Sampaio).

MANGARITO. Serra do Estado de Matto Grosso, no mun. de Miranda.

MANGUABA. Composto de *ma-guaba*, cousa de comer, o que serve para comer; *mangaba* (*Hancornia speciosa*). Dr. Theodoro Sampaio.

MANGUE. Igarapé do Estado do Pará, affl. do rio Goiabal; no mun. de Chaves.

MANGUEIRA. DA VOLTA. Log. do Estado da Bahia, na cidade de S. Felix.

MANGUE SECCO. Ilha no furo do Tucunzal, mun. de Cururupú e Estado do Maranhão.

MANGUINHOS. Log. do Estado de Pernambuco, no 2º dist. da Varzea.

MANGUINHOS. Log. do Estado da Bahia, no mun. de S. Felix.

MANHUASSÚ. Ant. *amana-açú*, chuva copiosa, a tempestade (Dr. T. Sampaio).

MANIÇOBA. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Cachoeira, que o é do Genipapinho, trib. do rio Ipanema.

MANIÇOBA. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Cimbres e desagua na margem esq. do rio Ipojuca.

MANIÇOBA. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Brigida, trib. do S. Francisco; no mun. do Exú.

MANOEL (S.). Ribeirão do Estado de Goyaz, affl. do Turvo; no dist. de S. José de Mossamedes.

MANOEL ALVES. Pov. do Estado de Pernambuco, no mun. de Aguas Bellas.

MANOEL ANTONIO. Pequeno rio do Estado de Santa Catharina; desagua no sacco de Itacoroby ou Sacco Grande.

MANOEL CAETANO. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. do Bom Conselho e desagua no Caborge, affl. do rio Parahyba.

MANOEL CORRÊA. Log. no mun. de Corumbá, no Estado de Matto Grosso.

MANOEL GOMES. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Cimbres e desagua na margem dir. do rio Ipojuca.

MANOEL LOPES. Corrego do Estado do Rio de Janeiro. Forma com o João Magro o rio Bella Joanna, trib. do rio Preto, que o é do Parahyba do Sul.

MANOEL PINTO. Corrego no mun. da capital do Estado de Matto Grosso.

MANSO. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. do Bom Jardim e desagua no Capibaribe.

MANSO. Rio do Estado de Minas Geraes; nasce na serra das Aboboras e Chapada do Couto, no dist. do Rio Manso, atravessa esse dist. e desagua na margem dir. do Jequitinhonha. Recebe, além de outros, os corregos da Fome, Taioba, Gangorras, Amendoim e Bexiga. Forma uma importante cachoeira, distante da pov. seis kils., de consideravel altura e elegante aspecto, que desce por uma pedreira assoalhada por uma grande lage, formando em meio da descida um açude, donde se tira a agua necessaria para mover o machinismo de uma fabrica de tecidos. Foi descoberto por Sebastião Leme do Prado.

MANSO. Rio de S. Paulo, no mun. do Bananal. Accrescente-se no fim: Desagua no Turvo e este no Bananal.

MANTIQUEIRA. Corr. *mã-tykyr*, cousa que verte, ou a vertente; ant. *amantiquira*, composto de *aman-tykyr*, a chuva gotteja ou pinga (Dr. T. Sampaio). *Mantiqueira*, corrupção de *Mo-ã-ty-iquê-ró*, por contracção *M'-ã-ty'-que-ró*, encostas e pontas, a pique. De *mo*, particula activa; *ã*, empinar, a prumo, a pique; *ty*, ponta; *iquê*, lado, costado; *ró*, por-se. Allusivo ás suas encostas muito alcantiladas e ás muitas elevações ponteagudas que mostra em toda a sua extensão. Antigamente era mais conhecida pelo nome *Jaguamim-bába* (Dr. J. M. de Almeida. *Obr.* cit.).

MANTIQUEIRA. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do ribeirão Tremembé, no mun. da capital. Sua foz fica acima do ribeirão Cachoeira, affl. pela margem dir. "*Mantiqueira*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corrupção de *Mondi-quir-a*, distillado, gotejado. De *mo*, particula activa; *ndiquir*, o mesmo que *tiquir*, mudado o *t* em *nd*, por causa da nasalidade de *mo*, distillar, gotejar, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante".

MÃO DE LUVA. Gruta subterranea sob o ribeirão S. José, na confluencia com o rio Grande, no mun. do Bom Jardim. Chama-se assim por nella ter-se occultado o primeiro explorador dessas paragens.

MAPÁ. Nome de uma arvore (*Apocynacea*), proximamente do genero *Hancornia*. Hoje diz-se *Amapá*.

MAPARY. Rio do Maranhão. Accrescente-se no fim: Outros o dão desaguando na barra do Rosario, entre a ilha deste nome e a de Macacueira.

MAPIRARY. Ilha do Pará. Em logar de Mapirary, leia-se *Mapirahy*.

MAQUEROBY. Ribeirão affl. da margem esq. do rio Tieté, no mun. da capital do Estado de S. Paulo. E' mencionado pelo padre Lourenço Craveiro, em suas *Notas* ao titulo de sesmaria de Pedro de Goés de 10 de outubro de 1532: "...o rio *Maqueroby*, que está junto á aldeia da Conceição, o qual rio entra no *Anhemby* ahi mesmo". Era a aldeia da Conceição dos Pinheiros. Pedro Taques, na *Nobiliarchia Paulistana*, com referencia á — grandiosa fazenda de terras de cultura — pertencente a João Pires, assim a descreveu: "...uma legua de testada até o rio *Macoroby*, que lhe foi concedida de sesmaria com o seu sertão para a serra de Juquery". É a Cantareira. "Este é o mesmo rio Pinheiros, diz o Dr. J. M. de Almeida; porque *Maqueroby* é corruptela de *Mo-iquê-robi*, ambas as margens extensamente molhadas. De *mó*, apocope de *moró*, para exprimir excesso, superlativo, extensão, peculiaridade, etc.; *iquê*, lado; *robi*, o mesmo que *hobi*, molhado. Allusivo aos alagadiços marginaes".

MARÃ. Subs., guerra, confusão, desordem, mistura, revolução; suffixo de varios vocabulos tupis (Dr. T. Sampaio).

MARABÁ. Composto de *mara-abá*, gente de mistura, individuo maculado, o procedente de mixtiçagem. Com esse nome designavam os tupis o filho do indio com gente estranha e tambem ao filho posthumo (Dr. T. Sampaio).

MARABÁ. Log. do Estado da Bahia, no termo de Cannavieiras.

MARABITANAS, ant. *Marapitanas*. Corr. *mira-pitana*, pau vermelho; ou madeiras coradas; Amazonas (Dr. T. Sampaio).

MARACÁ. Corr. *mbara-cá*; de *mbara*, forte, resistente, rijo; e *cá*, a casca, a codea, o envolucro; *maracá* = *mbaracá*, a casca resistente, o envolucro rijo, o chocalho feito de um cabaço contendo seixos e servindo para as solennidades e danças guerreiras dos selvagens (Dr. T. Sampaio).

MARACAHYPE. Composto de *maracá-y-pe*, no rio do maracá ou do chocalho (Dr. T. Sampaio.)

MARACAJÚ. Corr. *maracá-yú*, chocalho de metal, guizo, cascavel (Dr. T. Sampaio).

MARACANÃ. Composto de *maracá-nã*, semelhante ao maracá, o que imita o maracá ou chocalho; nome de um papagaio, *Psittacus nobilis* (Illig.). Dr. T. Sampaio. O Dr. João Mendes, tratando do rio desse nome, no mun. de Atibaia, diz: "*Maracanã*, corruptela de *Mará-áqûá-nhã*, por contracção *Mor'-áqûá-nhã*, encerrado em barrancos, e muito esquinado. De *moró*, o mesmo que *poró*, para exprimir excesso, superlativo, habito, natureza, extensão; *áqûá*, esquinar; *nhã*, encestar, encerrar, estar dentro. Allusivo a correr entre barrancos, embora de pequena altura, por serem em campo; fazendo muitas esquinas ou zigs-zags, sem, porém, fazer voltas. Nada tem, portanto, este nome com o da ave trepadora, semelhante ao papagaio, conhecida por *maracanã*, cor cinzenta, pés negros, olhos vermelhos, tambem conhecida por *araracã* e *carai-aí*". Referindo-se a lagôa no mun. de Mogy-guassú, diz ainda o Dr. J. Mendes: "*Maracanã*, corruptela de *Mbaraá-guá-anã*, por contracção *Mbaraá-gua-'nã*, larga, redonda, doentia. De *mbaraá*, que se pronuncia *mará*, doença de febres; *guá*, ou mesmo *quá*, redondo; *anã*, largo, gordo, grosso, espesso. Allusivo a que, embora seja uma grande lagôa, suas aguas produzem febres".

MARACANAN. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. de S. Luiz de Caceres.

MARACANAN. Ilha do Estado do Pará, no mun. de Melgaço e bahia deste nome, entre a mesma bahia e os rios Tajapurú e Carutá e a fazenda Pacoval.

MARACANAN. Rio de S. Paulo, affl. do Atibaia. Accrescente-se no fim: Na *Carta* do Sr. Orville Derby é mencionado este rio affluindo para o Campo Largo e este para o Atibaia.

MARACANATIBA. Corr. *maracanã-tyba*, maracanãs em abundancia (Dr. T. Sampaio).

MARACAPUCÚ. Composto de *maracá-pucú*, maracá ou chocalho comprido (Dr. T. Sampaio).

MARACAQUERA. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Carutapera.

MARACATIM. Composto de *maracá-ti*, prôa ou pontal de maracá; especie de barca que trazia á prôa um maracá. (Dr. T. Sampaio).

MARACAYÁ. Nome de um felino ou gato montez (*Felis Pardalis*); é o mesmo *jaguatirica* do sul do Brazil. (Dr. T. Sampaio).

MARACUJÁ. Corr. *mborucuyá*, fructo que dá ou faz vaso, que produz vasilha (Baptista Caetano). Nome das Passifloras no tupi.

MARACUJATIUA. Ilha do Estado do Maranhão, no littoral do mun. de Cururupú, entre a foz do rio Urú e a do rio Tury-assú.

MARACUJATIUA. Nome que toma o rio Toma-juçára ao lançar-se na bahia do Cabello de Velha, no Estado do Maranhão.

MARAGOGIPE. Corr. *marog-gy-pe*, no rio livre, desempedido, no rio amplo, desembaraçado; pode ser tambem corr. *mair-aqui-gy-pe*, que se traduz — no rio dos francezes afogados; Bahia (Dr. Theodoro Sampaio).

MARAHÚ. Corrupção de *mbará-ú* ou *mbará-y*, agua do mar (Dr. T. Sampaio).

MARAJÓ. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. de Itacoatiara. "Esta palavra, diz o Dr. Theodoro Sampaio, é corrupção de *mbará-yó*, mar ou grande rio tapa, occulta ou esconde, isto é, o tapa-mar, o anteparo maritimo. Vide *Mbará*".

MARAMBAIA. Corr. *mbará-mbai*, cerco do mar, restinga, recife, lingua arenosa cercando o mar; Rio de Janeiro; corr. *mará-mbai*, cerca ou palissada de guerra (Dr. Theodoro Sampaio).

MARAMBAIA. Corrego do Estado do Rio de Janeiro; nasce na fazenda do Sertão, passa pela estação do seu nome e desagua na margem esq. do rio Parahyba do Sul, na fazenda Guaritá.

MARANÃ. Corr. *mbará-nã* ou *pará-nã*, rio espesso, enorme, caudaloso, semelhante ao mar; vocabulo tupi donde provavelmente procede o actual Maranhão; corr. *mará-nã*, lucta ou desordem grande, confusão enorme (Dr. T. Sampaio).

MARANDUBA. Ilha no mun. de Ubatuba e Estado de S. Paulo. Vide *Mirinduba*.

MARANGUÁ. Composto de *marã-guá*, valle da batalha, da luta ou da desordem (Dr. T. Sampaio).

MARANGUAPE. Composto de *maranguá-pe*, no valle da batalha ou da luta (Dr. T. Sampaio).

MARANHÃO. Log. do Estado do Pará, no rio Pramahú, no mun. de Marapanim.

MARANHÃO. Morro do Estado da Bahia, no mun. de Minas do Rio de Contas. Faz parte da serra das Almas.

MARANHÃO. Rio affl. da margem esq. do Tieté, no dist. do Braz e mun. da capital. "*Maranhão*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Marã-n-aã*, ruim. De *marã*, ruim; *n*, intercalação nasal; *aã*, exprimindo a mesma qualidade — ruim —, para tornar bem certo o facto. Allusivo a serem pestilenciaes as suas aguas. Com effeito, nasce em terreno pantanoso; e, ao descer, forma póços no leito. Os que habitam as suas margens usam das suas aguas; mas a verdade é que não podem ser sadias, por sua origem. Não ha semelhança com o nome *Maranhão*, na prov. do mesmo nome, senão na corruptela; porque a formação tupi é muito differente".

MARAÑON. Nome que, segundo os primeiros descobridores, se deu ao actual rio Amazonas, Nos primeiros roteiros hespanhoes se dizia então — rio de Marañon. "Ora, diz o Dr. Theodoro Sampaio, o vocabulo *Marañon*, ou melhor *Maranhon*, é puro tupi e se decompõe *mara-nhõ*, cuja traducção litteral é — confusão só — que é como se dissesse — total confusão, labyrintho, logar cheio de torcicolos, que esse é, de facto, o aspecto da foz do Amazonas com o seu archipelago de ilhas fluviaes. O nome *Maranhão* pode tambem ter provindo de *maranhõ*".

MARAPÉ. Corr. *mbará-pé*, o caminho do mar; pode ser ainda corr. *mair-apé*, o caminho dos francezes; é tambem corr. *mara-pé*, caminho de guerra (Dr. T. Sampaio).

MARAPUCÚ. Igarapé do Estado do Pará, banha o mun. de Muaná e desagua no rio Anabijú.

MARARY. Séde de um dos dists. judiciarios, no termo de Teffé e Estado do Amazonas.

MARATAN-NÃ. Rio pequeno que nasce nos morros da ilha *Guaimbé* ou de Santo Amaro; no mun. de Santos e Estado de S. Paulo. Depois de correr parallelo ao rio *Curumahú*, afasta-se para o centro da varzea, e, afinal, vai desaguar no mesmo *Curumahú*, proximo á foz deste. « *Maratan-nã*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Maratan-yûá*, endurecido e pegajoso. De *maratan*, o mesmo que *paratan*, mudado o *p* em *m*, por não existir palavra antecedente, espesso, endurecido, duro; *yûá*, pegajoso, visguento. Allusivo a ser seu leito um atoleiro duro e pegajoso, quando atravessa a varzea. » Vide *Marataná*.

MARATAUÁ. Rio do Estado de S. Paulo, na ilha de Santo Amaro; desagua no rio da Bertioga.

MARAVILHA. Arrabalde da cidade do Bom Fim, no Estado da Bahia. Ahi fica o importante Reservatorio desse nome.

MARAVILHA. Morro do Estado da Bahia, no mun. do Bom Fim.

MARCELLOS. Bairro do Estado de Minas Geraes, no dist. de Santa Rita da Extrema.

MARCOS (S.). Passo no rio Uruguay, mun. de Uruguayana e Estado do R. G. do Sul. Estabelece communicação com a Republica Argentina.

MAR DE HESPANHA. No dia 16 do corrente (dezembro de 1901) embarquei na Capital Federal no expresso mineiro, que só deixei na estação da Serraria, para ahi tomar a estrada de ferro Leopoldina (ramal da Serraria).

Depois de passar pelas estações Silveira Lobo e Socego, desembarquei na estação de S. Pedro, afim de dirigir-me á cidade do Mar de Hespanha, onde cheguei após duas horas e meia de viagem, em troly.

Esta triste, decadente e pequena cidade fica na fralda de uma collina, da qual se deslisa em suave declive na direcção de sul para norte; cercada de morros, entre os quaes os denominados Santa Ephigenia (antigamente Santa Cruz ou Cruzeiro), Forca ou S. José, José Francisco, Carias (onde se acha a Caixa d'Agua) e Collegio; banhada pelo ribeirão S. João, affluente do rio Kagado, a 475 metros de altura sobre o nivel do mar e distante 14 kilometros da estação de S. Pedro.

Suas ruas, em numero de 12, são estreitas, sinuosas, sem calçamento, abauladas, com passeios de pedra e illuminadas a gaz acetylene. E' abastecida de agua, oriunda de um manancial, que desce dos lados do ribeirão S. João, a tres kilometros da cidade.

A população do districto da cidade é de 3.000 habitantes. Tem 270 predios, quasi todos antigos, sete advogados formados e dous provisionados, dous medicos, duas pharmacias, tres hoteis e 15 casas commerciaes. Existem na cidade o Collegio do Mar de Hespanha, duas escolas estaduaes e duas municipaes, a Sociedade Italiana Mutuo Soccorro, um theatrinho particular no hotel Moreira e tres cemiterios, além de um outro, onde não se fazem mais inhumações.

A vida nessa cidade é por demais monotona; nella o povo se occupa quasi que exclusivamente da politica, havendo dous partidos muito extremados.

A imprensa é representada pela *Gazeta Municipal*, cujo primeiro numero appareceu a 2 de janeiro de 1895.

O principal edificio da cidade é a igreja matriz, que é um templo grande e de bonita apparencia. Fica situada na praça das Mercês, em lugar pouco elevado, na parte sul da cidade e com a frente voltada para a capella de Santa Ephigenia. Tem uma só torre e abaixo desta um relogio; precede-a um vasto adro.

Seu interior é singelo, os altares são de gosto allemão e suas imagens primorosas. Tem o altar-mór com a imagem de Nossa Senhora das Mercês, padroeira, e dos lados o Sagrado Coração de Jesus e S. José.

No corpo da igreja, encostados ao arco-cruzeiro, ficam dous altares, de Nossa Senhora da Guia e Nossa Senhora de Lourdes, e acima, em dous nichos, Nossa Senhora do Rosario e Santo Antonio. Tem mais um altar com a imagem de S. Benedicto; dous bonitos, porém pequenos pulpitos, os 14 quadros da via Sacra, o côro com harmonium e a pia baptismal.

Do lado da Epistola fica a capella do Senhor dos Passos, com as imagens do Senhor carregando a cruz, do Senhor Morto e de Nossa Senhora das Dôres. Do lado do Evangelho fica a sacristia, com um arcaz, sobre o qual ha um nicho com a Senhora das Mercês e um bello quadro do propheta Jeremias.

Nos fundos da sacristia fica o consistorio, onde se reune a Irmandade de Nossa Senhora das Mercês, instituida a 24 de setembro de 1848.

Toda a igreja é illuminada a gaz acetylene.

Foi a Matriz inaugurada a 24 de setembro de 1886.

A capella de Nossa Senhora do Rosario tem o altar-mór com a imagem da padroeira ladeada pelas imagens de S. Sebastião e Santa Luzia, e dous altares lateraes, um de Nossa Senhora das Mercês e outro de Nossa Senhora do Carmo. A irmandade tem cemiterio proprio, inaugurado ha quatro annos.

Além dessa capella, possue a cidade mais as de Santo Antonio e a de Santa Ephigenia. Em frente a esta ultima ergue-se um grande Cruzeiro, que foi transportado do largo das Mercês. Antes delle um outro Madeiro erguia-se, mas um raio despedaçou-o.

O *Forum* (antiga cadeia) foi inaugurado a 24 de setembro de 1897. E' um predio baixo, sem architectura e com um relogio na frente. Nelle funccionam todas as repartições publicas. Na sala das sessões da Camara encontram-se retratos do Marechal Floriano e do Barão de Ayuruoca. Fica no mesmo edificio uma bôa bibliotheca com 2.00 volumes, e um bom retrato do finado Imperador D. Pedro II.

Ao lado do *Forum* fica a cadêa e nos fundos o quartel de policia.

A Casa de Misericordia foi installada a 6 de julho de 1890

Está situada em um predio proprio, nas fraldas do morro do Carias. E' mantida com uma subvenção dos governos estadual e municipal e por uma associação de caridade.

A respeito do nome de Mar de Hespanha dado á cidade, colhemos as seguintes informações:

No começo do seculo passado, o Portuguez Domingos Gonçalves Braga, que possuia a fazenda de Bemposta, obteve do Governo de Minas a concessão de varias sesmarias de terras nas mattas do Parahyba. Era assim chamada, como ainda hoje se diz — matta, quasi toda a zona de Minas á margem esquerda do Parahyba, em razão das magnificas mattas virgens que ahi existiam.

Tendo de tomar conta das terras que lhe foram concedidas, desceu aquelle Portuguez pela margem direita do Parahyba á procura de um logar, que fosse facil atravessar o rio, tendo trazido com a sua gente (escravos e camaradas portuguezes) alguns hespanhóes. Depois de algum tempo, encontraram, á cêrca de um kilometro abaixo da actual estação do Chiador, um magnifico porto no rio, que os ditos Hespanhóes acharam muito semelhante a um mar de sua terra natal e o denominaram desde logo — porto do Mar de Hespanha.

Ahi sendo, com effeito, bellissimo o Parahyba e muito tranquillas as suas aguas, construiram canôas para a travessia, que ficou sendo sempre dahi em diante para as mattas.

Tendo o fazendeiro portuguez, além da fazenda da Bemposta, algumas outras nas mattas, ficou sendo o porto do Mar de Hespanha ponto obrigado de passagem por muitos annos para essa zona.

Sendo elevado á villa o arraial do Kagado, deu-se ao novo municipio o nome de Mar de Hespanha, por ser o lugar mais conhecido de toda a zona, apezar de ficar distante do arraial 24 kilometros.

O municipio limita-se ao norte com Leopoldina e Juiz de Fóra, a oéste com Guarará e Juiz de Fóra, ao sul com Parahyba do Sul e Sapucaia do Estado do Rio de Janeiro e a léste com S. José de Além Parahyba.

O aspecto do terreno comprehendido pelo municipio é montanhoso e com poucas planicies extensas; entretanto, não são grandes as elevações, que pertencem todas ás ramificações da Mantiqueira.

Os pontos mais elevados são os das serras dos Alpes e Arribada. A elevação do terrreno é de 700 metros acima do nivel do mar.

Os districtos do municipio são: cidade de Monte Verde, Engenho Novo, Aventureiro, Chiador, Penha Longa, Soledade e S. Pedro do Piquiry.

A Camara projecta crear mais dous: o do Alto da Conceição e o de Louriçal. Delles são mais importantes os do Aventureiro, Chiador e S. Pedro.

No municipio ficam ainda o districto policial de Sapucaia e os povoados Sarandy, no districto de Monte Verde, e S. Domingos no districto do Aventureiro.

O municipio é, em geral, montanhoso; sua serra principal é a da Arribada, que começa quasi na fóz do rio Parahybuna, atravessa todo o municipio, entra no de Suarará, onde toma o nome de Bicas, mais tarde nos de S. João Nepomuceno e Juiz de Fóra, indo bifurcar-se, finalmente, na serra da Mantiqueira, em João Gomes.

E' regado pelos rios: Parahyba do Sul, que separa esse municipio do Estado do Rio de Janeiro, Kagado, S. João, Macuco, Aventureiro, Conceição, Louriçal, Ouro Fino e diversos outros.

Grande cultura de café, canna de assucar, fumo e cereaes. A industria fabril consiste em assucar, rapaduras, aguardente, fumo, farinha de mandioca e de milho e obras de olaria.

Entre as fazendas do municipio notam-se as dos Alpes, no districto da cidade, com uma bonita capella de Santa Rita de Cassia, a da Gironda, a da Boa Esperança, a da Barra Mansa, a de Sant'Anna da Barra e a de Santa Fé.

Póde-se dizer que, em geral, o clima do municipio é sadio. Reinam, entretanto, de modo endemico febres palustres, que chegam muitas vezes a tomar um caracter pernicioso.

Foi Mar de Hespanha elevado á villa pelo art. 1º da lei provincial n. 514, de 10 de setembro de 1851, pela transferencia da sédé da villa de S. João Nepomuceno; e á cidade pela de n. 927, de 27 de junho de 1859. Seu nome primitivo era arraial do Kagado, que a lei provincial n. 545, de 5 de outubro de 1851, elevou á parochia.

Entre os benemeritos da cidade salienta-se o Barão de Ayuruoca, nascido a 3 de dezembro de 1782 e fallecido a 17 de novembro de 1859.

MARIA. Ribeirão do Estado de S. Paulo; nasce no morro do Balaio ou proximo a elle e desagua na margem dir. do rio Corumbatahy.

MARIA (Santa). Log. do Estado do Pará, no rio Barreta e mun. de Odivellas. Foi elevado á pov. pela Lei n. 725 de 2 de abril de 1900.

MARIA (Santa). Log. no dist. da cidade do Rio Branco e Estado de Minas Geraes; com escola.

MARIA (Santa). Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, no Estado da Bahia. Fica no rio Corrente, a 850 kils. do Joaseiro.

MARIA (Santa). Rio do Estado de Minas Geraes, banha o mun. do Rio Branco e desagua no rio Piedade.

MARIA (Santa). Passo no Rio Ibicuhy, mun. de Uruguayana e Estado do R. G. do Sul. Nelle está situada a ponte metallica da E. de F. Brazil Great Southern que communica o mun. com o de Itaquy.

MARIA ANTONIA. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do ribeirão Potribú, trib. do rio Tieté.

MARIA CLARA. Riacho do Estado de Pernambuco, no mun. de Amaragy.

MARIA DO GUAJARÁ-ASSÚ (Santa). Pov. do Estado do Pará, no mun. da capital.

MARIA JOSÉ. Colonia do Estado do Paraná, no mun. da Campina Grande, distante oito kils. da séde do municipio.

MARIANNOS. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de S. Fidelis.

MARIANNO TORRES. Colonia do Estado do Paraná, a 10 kils. da villa de Araucaria, a cujo mun. pertence. Foi fundada pelo Dr. Almeida Torres em terrenos de sua propriedade, proximo á estação de Guajuvira.

MARIA PRETA, Cachoeira no mun. de Cabrobó do Estado de Pernambuco.

MARIA PRETA. Pov. do Estado de Pernambuco, no mun. de Cabrobó.

MARICÁ, ant. *Maricaá*. Corr. *miri-caá*, folha meuda ou fina, nome de um espinheiro proprio para sébes; Rio de Janeiro (Dr. T. Sampaio).

MARIMBI. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. de D. Silverio e mun. do Bom Fim (Inf. loc.).

MARINHO. Log. do Estado do E. Santo, no mun. de Cariacica.

MARINY. Lago do Estado do Amazonas, no mun. de Teffé.

MARINZAL. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Guimarães, proxima do rio Urú.

MARIQUITA. Morro do Estado da Bahia, no dist. da Saude e mun. da Jacobina.

MARIQUITA. Riacho do Estado da Bahia, banha o dist. da Saude e desagua no rio das Pedras, trib. do Itapecurú. Recebe o Cardoso.

MAROBÁ. Log. do Estado da Bahia, no termo de Belmonte.

MARORÉ. Serra mencionada no titulo de sesmaria de Pedro Góes, de 10 de outubro de 1532. E' um dos planos ou degraús da serra Cubatão, no mun. de Santos e Estado de S. Paulo (Vide *Cubatão*). O padre Lourenço Craveiro, reitor do Collegio dos Padres Jesuitas em S. Paulo, annotando em 1674 aquelle titulo de sesmaria, escreveu *Mamoré*. (Vide *Mamoré*). "*Maroré*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Mbururé*, torta, torcida. O mesmo que *pururé*, mudado o *p* em *mb*".

MARTHA (D.). Morro do Districto Federal, no dist. da Gloria.

MARTIM DE SÁ. Bairro do mun. de Caraguatatuba; no Estado de S. Paulo; com uma esc. mixta, creada pela Lei n. 732 de 26 de outubro de 1900.

MARTINHO (S.). Villa do R. G. do Sul. Accrescente-se no fim: Foi supprimido o mun. pelo Dec. n. 391 de 27 de julho de 1901, que o annexou ao de Villa Rica.

MARTINS. Igarapé do Estado do Pará, banha o mun. de Afuá e corre para o rio Cajuná. Encontrei citado no mesmo mun. um outro igarapé denominado Martinho. Será o mesmo?

MARUÁ ou MAROÁ. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Cabrobó.

MARUDÁ. Log. do Estado do Pará, no mun. de Matapy-quara.

MARUHY. Corr. *merui*, o mosquito, ou os mosquitos; Sergipe (Dr. T. Sampaio).

MARUHY. Rio do Estado da Bahia; desagua no oceano entre as barras de Commandatuba e de Una.

MARUHYPE. Nas terras de dentro eleva-se na direcção da praia de Cambory um morro com um pico agudo em forma de frade em sua parte de W. e redonda na de E., que tem o nome de morro do Maruhype e é uma miniatura do Corcovado, no Rio, no porto da Victoria e Estado do E. Santo (Capitão-tenente Viriato Hall).

MARUMBY. Pov. do Estado do Paraná, no mun. de Morretes, com escola.

MARYPY. Composto de *mã-rypy*, cousa funda, o que é fundo, a fundura (Dr. T. Sampaio).

MASCATE. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. do Taboão, que o é do rio Atibainha.

MASCATES. Ribeirão do Estado de S. Paulo. Vai para o Pirapitinguy, affl. do rio Tieté.

MASSAMBABA. Praia que se estende desde a praia de Nossa Senhora até os morros de Sapiatiba, no littoral do Estado do Rio de Janeiro.

MASSAMBARÁ. Rio do Estado de Minas Geraes, banha o mun. do Rio Branco e desagua no rio Chopotó.

MASSAPÉ. Nos Accrescimos do 3º vol. Pov. do Ceará. Accrescente-se no fim: Voltou a ter o nome de Massapé pela Lei n. 540 de 10 de agosto de 1899.

MASTRO. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. de Itacoatiara.

MATA BOI. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Brigida, trib. do rio S. Francisco.

MATADOURO. Bairro do mun. de S. Manoel do Paraiso no Estado de S. Paulo, com escolas.

MATADOURO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Mogy das Cruzes e desagua na margem esq. do rio Tieté. E' atravessado pela E. de F. Central do Brazil.

MATA MOLEQUE. Log. do Estado da Bahia, na cidade de S. Felix.

MATANGE. Pov. do Estado da Bahia, na ilha de Itaparica.

MATAPOEIRA. Pov. do Estado da Bahia, na margem esq. do rio Paraguassú, perto da foz.

MATAPY. Corr. *matapi*, covo conico de pescar (Barbosa Rodrigues).

MATAQUERA. Rio do Estado do Pará, banha o territorio do Aricary e desagua na margem dir. do rio Oyapock.

MATARIZ. Log. do Rio de Janeiro. Accrescente se no fim: A Lei n. 574 de 27 de dezembro de 1902 creou ahi um dist. com a denominação de sexto.

MATAUNA. Igarapé do Estado do Pará, affl. do rio Gurupy (Dr. G. Dodt).

MATA VINTE. Morro do Estado de Minas Geraes, no mun. de Palmyra.

MATHEUS (S.). Colonia do Estado do Paraná, distante de S. João do Triumpho 33 kils. E' dividida em 299 lotes, que abrangem uma área de 5.068 hactares. A sua pop. é de 1.500 a 2.000 habs., na mór parte polacos.

MATHEUS (S.). Ilha do Estado do Pará, na com. de Cametá.

MATHIAS. Morro do Estado do Rio de Janeiro, na cidade de S. Fidelis.

MATINTINS. Paraná do Estado do Amazonas, affl. do rio Içá.

MATTA. Arraial do Estado de Sergipe, no termo do Curral de Pedras (*Almanak Sergipano.* 1901).

MATTA. Ramal da E. de F. Santo Amaro, no Estado da Bahia. Parte do kil. 13 da linha principal, e, atravessando varios terrenos de lavoura, chega com 6.800m ao entroncamento com o ramal de propriedade da Usina Alliança.

MATTA DO CABAHÚ. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de Maroim (*Almanak Sergipano.* 1901).

MATTA DO CIPÓ. Arraial do termo de Siriry, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano.* 1901).

MATTÃO. Estação da E. de F. de Araraquara, no Estado de S. Paulo; no kil. 41,017, entre as estações de Santa Josepha e Dobrada.

MATTA VERDE. Arraial do termo de Pacatuba, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano.* 1901).

MATTINHO. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. de Floriano Peixoto e mun. do Bom Fim (Inf. loc.).

MATTINHO. Corrego do Estado de Minas Geraes, na cidade de Barbacena.

MATTO. Rio do Estado do Paraná, no mun. de Palmas.

MATTO. Lagôa do Estado da Bahia, no mun. de Alagoinhas.

MATTO DA FIGUEIRA. Outeiro do Estado de Santa Catharina, no Sacco dos Limões.

MATTO DENTRO. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

MATTÕES DO CABOCLO. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Codó. E' tambem denominada Santa Philomena (José Ribeiro do Amaral. *O Estado do Maranhão em 1896*).

MATTÕES. Villa do Maranhão. Accrescente-se no fim: Além da Matriz, tem mais uma capella consagrada a S. Sebastião. Em 1896 tinha cinco ruas principaes: Taturubá, Grande, S. Sebastião, Matriz e Chapada e dous beccos: do Gonçalo e do Quartel. Tem quatro fontes. A principal dellas, denominada *Olho d'Agua*, serve para abastecer a villa de agua potavel; *Burityrana* é destinada á lavagem de roupa; e as outras duas servem de bebedouro aos animaes. A' distancia de tres kils. da antiga fazenda Cachimbos, affirmam existir uma mina de crystal. A pop. actual da com. é avaliada em 12.000 almas; em 1860, a do mun. era de cerca de 7.000. Produz algodão, farinha, milho, feijão, arroz, assucar e aguardente; e cria pouco gado. O Dr. Justo Jansen Ferreira, *obr.* cit., diz: « *Mattões*, a 120 kils. ao S. de Caxias, é dotada de clima ameno e saudavel (1). Seus principaes productos são: algodão e cereaes, sendo a maior parte do seu commercio feito com Caxias ».

(1) Nos mappas, está collocada esta villa sobre a serra do Valentim, que, em continuação á do Itapecurú, separa as vertentes do rio deste nome das do Parnahyba; entretanto, os autores, descrevendo a situação da villa, não se lhe referem. E' um facto que precisa ser esclarecido.

MATTO GONÇALVES. Log. do Estado do E. Santo, no mun. de Guarapary.

MATTO GRANDE. Rio de Matto Grosso. Accrescente-se no fim: Desagua na margem dir. do rio Arinos.

MATTO GROSSO. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da Piedade dos Geraes e mun. do Bom Fim (Inf. loc.).

MATTO GROSSO. Morro no mun. de Minas do Rio de Contas, no Estado da Bahia. Faz parte da serra das Almas.

MATTOS. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

MATUIM. Corr. *mã-tuî*, onde se sente frio, o fresco; Bahia; corr. *mbatui*, a ave maçarico (*Charadrius*). Dr. T. Sampaio.

MATUMBO. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Indaiassú.

MAUÁ. Composto de *ma-uá*, o que é elevado, onde está alto ou firme; Rio de Janeiro (Dr. T. Sampaio).

MAURICIO. Cachoeira no rio Kagado, no dist. da cidade do Mar d'Hespanha, no Estado de Minas Geraes. Ha sobre ella uma ponte de madeira.

MAURICIOS. Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. do Rio Branco. E' abundante em Kaolim.

MAUXY. Log. do Estado do Amazonas, no mun. de S. Gabriel.

MAXAMBOMBA. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, affl. do ribeirão S. José, no mun. do Bom Jardim.

MAXAMBOMBA. Cidade do Rio de Janeiro. Accrescente-se no fim: Em 1901 enviei ao *Jornal do Commercio* a seguinte communicação: Esta insignificante aldeia, honrada com o titulo de cidade pelo ex-governador Portella, fica situada em uma vasta planicie, tendo ao S. e ao N. collinas, entre as quaes as denominadas Gericinó, Cachoeira, Madureira, Marapicú, Cabuçú (onde existe o morgadio de Marapicú, pertencente ao Conde de Aljezur), Commercio, Bôa Vista (onde existe a pedra da Bôa Vista, que tem 3.270 metros de circumferencia), Galrão e Mantiqueira, onde termina o mun., no logar denominado Soledade, onde ficam tres pedras conhecidas por Tres Irmãos. Dista 36 kils. da Capital, 13 da pov. de Queimados, 20 de Cascadura, 4 de Jeronymo Mesquita e 5 do Morro Agudo, e está assente á margem da E. de F. Central do Brazil, que ahi tem uma estação. E' séde do mun. de Iguassú e da freg. de Santo Antonio de Jacutinga. A cidade é pequena, tem apenas 158 casinhas e é abastecida de bôa agua fornecida pelo rio do Ouro. Seu unico edificio é o *Forum*, que é um bonito predio, no qual o Governo gastou perto de noventa contos. Está mal situado e escondido, como que envergonhado por figurar em tão irrisoria cidade. Não tem mobilia. O Paço da Camara fica á vista dos viajantes que transitam na E. de F. E' um sobrado grande, mas de feio aspecto. A antiga séde da freg. fica a 3 kils. de Maxambomba e da egreja só restam as paredes. A pedra fundamental da nova egreja matriz foi assentada em 25 de março de 1863. Está em reconstrucção e tem cinco altares. A pop. do dist. da cidade é de 6.840 habs. e a do mun. de 24.226. O mun. é constituido pelos dists. de Jacutinga, Marapicú, Piedade, Merity, Palmeira e Pilar. Confina com Itaguahy, Vassoura, Petropolis, Magé, com a bahia de Guanabara e com o Districto Federal. A lavoura do mun. consiste em canna e cereaes. Exporta aguardente, farinha, tapioca, polvilho, carvão, lenha e madeiras, principalmente para dormentes. E' o mun. regado por muitos e diversos rios, entre os quaes o de S. Pedro, que nasce na serra da Bôa Vista e desagua no Guandú; o Caramujos, affl. do rio dos Póços, que o é do Guandú; o rio do Ouro, que se reune ao Sant'Anna; o Santo Antonio; o Iguassú, que nasce na serra do Tinguá e é formado pelos rios Cachoeira-Brava, Bôa-Esperança, Columy, Utum (que recebe o S. Chryspim no

logar Bom Successo); o Itapicú, que é formado pelas cachoeiras Tinguá, Paraiso e João Pinto, tomando depois o nome de rio do Couto ou Taquarussú, desaguando no rio do Pilar; o Mantiqueira, formado pelas cachoeiras do Galrão e Pedra Branca e é affl. do Pilar; o Bananal formado pela cachoeira João Ayres e desagua no rio Estrella; o rio João Velho formado pela pequena cachoeira do Surdo e desagua no Estrella; o rio Taquara, formado pelas cachoeiras do Brito e da Soledade e desagua no Imbarié, affl. do Estrella; o Pilar, affl. do Iguassú. Pelas divisas do mun. com o Districto Federal correm os rios Merity, Maranguá, Meirinho, Prata, Mendanha e Guandú-mirim. E' o mun. percorrido pelas estradas de ferro Central do Brazil, do Norte, do Rio do Ouro e Melhoramentos do Brazil. As estações da E. de F. Central que pertencem ao mun. são: Jeronymo Mesquita, Maxambomba, Morro Agudo, Austin, Queimados e Caramujos; as da E. de F. do Rio do Ouro: Coqueiros, Brejo ou Belfort Roxo, Heliopolis, Figueira, Cava, Paineiras, Rio do Ouro, S. Pedro, S. Bernardino, Iguassú, Barreira e Tinguá; as da E. de F. do Norte: Merity, Sarapuhy, Pilar, Atura, Rosario e Estrella.

MAXIMIANO GRANDE. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Muaná. Ha ahi um outro igarapé denominado Maximianosinho.

MAXITO. Serra do Estado de Pernambuco, no dist. do Bebedouro e mun. do Altinho.

MAXIXE. Serra do Estado de Minas Geraes, nas divisas do mun. de Patos com os dists. de S. Francisco das Chagas e Carmo do Paranahyba. Fica proximo á serra de Carrancas.

MAYACARÉ. Lago do Estado do Pará, no territorio do Aricary, entre os rios Calsoene e Amapá Grande. Tem communicação com o rio do seu nome.

MAYNART. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. de Pinheiro e mun. do Piranga.

MBARÁ. Subs., o mesmo que *pará*, rio grande, mar, grande caudal; alt. *mará, pará, bará* (Dr. T. Sampaio).

MBOTETEÚ. Corr. *mboteté-ú*, ou *mboteté-y*, rio do medo ou do terror; Matto Grosso (Dr. T. Sampaio).

MBOY. Subs., a cobra, a serpente; pronuncia-se *umboi*, ou *imbú*; alt. *boi, boya, moi* ou *moya* (Dr. T. Sampaio). *Mboy*, corruptela de *Mbeîu*, cousa penhascosa, montanhosa, agrupamento de montes, cousa em cachos ou cacheada, cousas juntas, apinhadas; palavra que, como ensina o padre A. R. de Montoya, no *Tesoro de la lengua guarani*, era empregada com applicação aos logares accidentados por penhascos, montes, ou mattas com arvores, desiguaes na altura e mui juntas, apinhadas ou agglomeradas. O padre Manoel da Fonseca, na *Vida do padre Belchior de Pontes*, diz: "Não se occupava somente em exercicios espirituaes, mas, attendendo tambem a algum commodo temporal dos indios, lhes mudou a Aldêa... Estava esta Aldêa formada em uma ladeira pouco alcantilada, mas com pouca vista; *porque os montes, de que estava cercada lh'a impediam, ainda que os pinheiros que lhe formavam huma como muralha, a fizessem vistosa a quem nella entrava*... Deste logar a mudou para outro pouco distante, no qual, ainda que havia a mesma inconveniencia da vista pela vizinhança dos montes, ficava, comtudo, assentada em um plano cercado de ribeiras". A palavra, no som, não é *Embahú*, como alguns dizem; e, sim, simplesmente *Mbeîu*, soando o diphthongo *eî* quasi imperceptivelmente. Por isso, a gente do logar pronuncia menos incorrectamente *Embú* (1). A corruptela occorreu, portanto, menos na pronuncia dos naturaes e dos moradores, do que na maneira de reproduzir na escripta; e explica-se pela difficuldade de reproduzir a pronuncia nasal-guttural do diphthongo *eî* e syllaba *u*, e pela confusão com a do *y* guttural (Dr. J. M. de Almeida, *Dicc. Geogr. da Prov. de S. Paulo*, obra posthuma, 1902).

MBOY-GUASSÚ. Rio de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Reune-se ao rio Grande no mun. de Santo Amaro. A' margem esq. do Mboy-mirim está o dist. de Mboy. Esta palavra é composta de *mboy-guaçú* e significa a cobra grande, a serpente. Em suas cabeceiras e até uma certa extensão, tem o nome de Guarapiranga. Recebe pela margem dir. os ribeirões Vermelho, Cipó, Grande e Parelheiros; e pela esq. o Lavras e o Mboy-mirim.

MEARIM. Corr. *mbiar-y*, ou *miar-y*, rio da preza, ou dos prisioneiros; rio do pescado: Maranhão (Dr. T. Sampaio).

MEARIM. Villa do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira, *obr. cit.*, diz: "*Victoria do Baixo Mearim*, ou villa do *Mearim*, situada á margem esq. do rio deste nome, 12 kils. á montante da villa do Arary, está em terreno alto e arenoso. E' dividida pelo igarapé Tapuytapera em dous bairros: o *Alto* ou *da Matriz* e o *Baixo* ou *Tapuytapera*, ligados por uma ponte de madeira. A pouco mais de um kil. encontra-se uma lagôa muito piscosa, e, mais longe, os lagos Parnaú e Capivary. Seus productos são identicos aos do Arary, sendo o porto frequentado pelos vapores das linhas fluviaes. Entretem commercio com a cidade do Grajahú, por meio de canôas, que navegam no rio deste nome, cuja fóz se encontra 42 kils. á montante da Victoria. Segundo refere o Dr. Cezar Marques, no logar em que se acha esta villa, existiu a fazenda Santa Cruz do infeliz Beckman. Neste mun. nasceu o poeta Trajano Galvão de Carvalho". Comprehende os seguintes povs.: Jaguary, Arraial, Lapella, Santa Cruz, S. Benedicto e Japão.

MEARIM. Rio do Maranhão. Accrescente-se no fim: o Sr. Parsonadas de Carvalho, refutando o que dissemos a respeito das nascentes do Mearim, assim se expressa: "O Mearim nasce em meio da campina no cimo do grande espigão divisor das aguas, que, estendendo-se para o S., corre separando as aguas do Tocantins das do rio Balsas até encontrar onde este e o Manoel Alves tem nascentes".

MEDEIROS. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da Piedade dos Geraes e mun. do Bom Fim.

MEDONHO Rio do Estado do Pará, affl. do Sant'Anna, no mun. de Affuá.

MEIO. Serra do Estado de S. Paulo; faz parte da serra de Paranapiacaba, entre as serras do Poço e Mogy.

MEIO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Avaré, reune-se ao ribeirão dos Pinheiros e juntos vão ao rio dos Veados.

MEIO. Rio do Estado de Matto Grosso, no mun. do Diamantino. Vai para o Juruena pela margem dir.

MEIRIM. Dist. judiciario no termo de Maceió, no Estado das Alagôas.

MEL. Riacho do Estado de Pernambuco; nasce ao poente de Cimbres, no logar Olho d'Aguasinha, banha a pov. do Olho d'Agua dos Bredos e corre para o rio Moxotó (Sebastião de Vasconcellos Galvão, *Dicc. chor. hist. e estat. de Pernambuco*).

MEL. Riacho do Estado da Bahia, banha o mun. de Alagoinhas e desagua no rio Catú.

MELANCIA. Riacho do Estado de Pernambuco, nasce na serra da Aldêa Velha e desagua no do Mel, na fazenda Talhada, no mun. de Cimbres.

MELEIRO. Log. no mun. de Curityba e Estado do Paraná.

MELGAÇO. Dist. do Estado de Matto Grosso, elevado á villa pela Lei n. 315 de 26 de março de 1902, que transferiu

(1) Em nota avulsa.
Quanto aos ribeirões *Mboy*, corruptela de *Mbohii*, peso, carga. Allusivo a serem pesados ou pouco correntes esses ribeirões. *O i* sôa gutturalmente, segundo a licção do padre A. R. de Montoya, em sua *Arte de la lengua guarani*, no preludio, a proposito da pronuncia do primeiro, sempre que ha dous *ii* no fim da palavra.

para elle a séde do mun. e com. de Santo Antonio do Rio Abaixo.

MELHORAMENTOS DO BRAZIL. E. de F. Accrescente-se no fim: No dia 7 de janeiro de 1902 foi inaugurado o trecho da estação da Mangueira á Ilha das Moças, na Capital Federal. Mede esse trecho quatro kils. e desce pelos terrenos da Quinta de S. Christovão, lado da E. de F. Central, e continúa pelas ruas General Canabarro, Senador Furtado, Francisco Eugenio, S. Christovão e Figueira de Mello. As suas principaes obras d'arte são: uma ponte sobre o rio Maracanan, com 12 metros de vão, outra sobre o rio Trapicheiro, com 13 metros de vão e uma outra sobre o canal do Mangue, com 18 metros de vão; um pontilhão de alvenaria e vigas de madeira, com quatro metros de vão, sobre o rio da Joanna. As paradas do trecho são: a Alfredo Maia, na rua Figueira de Mello e a estação da Ilha das Moças. Na parada Alfredo Maia ha um desvio de 200 metros e na ilha das Moças um triangulo de reversão.

MELLO. Ribeirão do Estado de Minas Geraes, banha a colonia Nova Baden e desagua no rio Lambary. Recebe os corregos Açude, Barro Branco, Sargento ou Bananal, Mondolinho, Piripau e Toca.

MELLODENÇA. Riacho do Estado de Pernambuco, no mun. de Taquaretinga. Vai para o rio Capibaribe (S. V. Galvão. *Dicc.* cit.).

MELLOS. Corrego do Estado de S. Paulo, no mun. do Patrocinio do Sapucahy, nas divisas do dist. de Ityrapuan. Reune-se com os corregos Santa Barbara e Barra Grande.

MELLO TAQUES. Parochia do Estado de Matto Grosso. A Lei n. 210 de 10 de maio de 1899, em seu art. I, transferiu a séde da freg. do Bahusinho para a pov. do Senhor Bom Jesus do Sucuriú, no mun. de Sant'Anna do Paranahyba com a denominação de freg. de Mello Taques; e no art. II desmembrou-a do mun. de Sant'Anna do Paranahyba e incorporou-a ao do Coxim. O Dec. n. 328 de 8 de Abril de 1902 desligou-a do mun. do Coxim e annexou-a ao de Sant'Anna do Paranahyba, dando-lhe o primitivo nome de Bahusinho.

MEMBY. Subs., a gaita, a flauta, o que se sopra; alt. *mimbi* (Dr. T. Sampaio).

MENINOS. Rio de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Desagua na margem esq. do Tamandoatehy, reunido ao rio dos Couros. Recebe o corrego Curral Grande.

MEQUIEIRO. Rio affl. do ribeirão Saputanduba, no mun. de Iguape do Estado de S. Paulo. Vide *Moqueira*.

MERCÊS. Log. do Estado do Maranhão, na ilha de S. Luiz.

MERCÊS. Rio do Estado do Maranhão, na ilha de S. Luiz. Desagua na margem esq. do rio Grande.

MERINGUAVA. Log. do Estado do Paraná, no mun. de S. José dos Pinhaes.

MERIQUIS. Morro do Estado da Bahia, no termo de Ilhéos.

MERÚ, *mberú*, a mosca; alt. *marú*, *murú*, *mirú*, *morú*, *berú*, *birú*. Desta palavra deriva-se o vocabulo *marimbondo*, que é corrupção de *merú-ybõ*, isto é, mosca que flecha, ou fere como flecha (Baptista Caetano).

MERÚ. Lago do Estado do Amazonas, no mun. de Itacoatiara.

MERUOCA. Paradeiro das moscas, o mosqueiro; de *merú-oca*.

MERURIPE. O rio das moscas; de *merú-r-y-pe*.

MESSIAS. Lagôa do Estado de S. Paulo, no mun. do E. Santo da Bôa Vista.

MESSO. Rio do Estado da Bahia; desagua no oceano entre a villa de Olivença e o rio Una (capitão-tenente Viriato Hall).

MESTRES. Bairro do Estado de Minas Geraes, no dist. de Santa Rita da Extrema.

METARA. Objecto de ornato para o selvagem. "Corrupção de *mbetara*, o que orna, aformosea, ou faz bonito; alt. *metá*, *mbtá*" (Dr. Theodoro Sampaio).

MEYER. Suburbio do Districto Federal. Accrescente-se no fim: Tem uma capella dedicada a N. S. da Apparecida e cuja pedra fundamental foi lançada a 1º de janeiro de 1901. A irmandade foi constituida em 12 de fevereiro e as obras encetadas a 3 de novembro do mesmo anno.

MIGUEL. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Cimbres e desagua na margem dir. do rio Ipojuca.

MIGUEL (S.). Pov. do Estado do Maranhão, no mun. do Rozario, á margem dir. do rio Itapecurú. E' tambem denominada S. Miguel da Lapa e Pias.

MIGUEL (S.). Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. de D. Silverio e mun. do Bom Fim (Inf. loc.).

MIGUEL PEREIRA. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha a com. de S. Domingos do Prata e reune-se com o Santa Rita.

MILAGRES. Serra do Estado da Bahia, nos muns. de Bom Fim e Jacobina. Dizem nascer della o Itapecurú-assú.

MILHÃ. Serrote no mun. de Piracicaba, no Estado de S. Paulo. "*Milhã*, diz o Dr. João Mendes, corruptela de *Mi-y-ã*, empinada. De *mi*, particula passiva para significar a cousa sobre que cahe a acção do verbo, anteposta ao infinitivo; *ã*, empinar, estar em pé, ser a prumo, precedido do *y* relativo, por já estar transformado em passivo o verbo *ã*, como acima se vê. Este modo de formar participio passivo com a anteposição da syllaba *mi*, é ensinado pelo padre Luiz Figueira, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*; mas o padre A. R. de Montoya, em sua *Arte de la lengua guarani*, o contesta, dizendo que esta lingua não tem para passivo senão a posposição *pira*. Em todo o caso, este parece ser um nome formado, segundo a licção do padre Luiz Figueira. Allusivo a ser muito alcantilado o serrote; seu espigão é alto".

MIMBABA. Corr. *mymbab*, s., cria, criação, criatura; animal domestico ou caseiro (Dr. T. Sampaio).

MIMOSO. Serra do Estado do Maranhão, no mun. da Passagem Franca. Em suas encostas existe uma mina de salitre.

MIMOSO. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Cimbres e desagua na margem dir. do rio Ipojuca.

MINADOR. Log. do Estado da Bahia, na freg. de Santa Barbara do mun. da Feira de Sant'Anna.

MINAS. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. de Cimbres.

MINEIRO. Villa do Estado de Goyaz, na com. do Jatahy, creada pela Lei n. 216 de 24 de junho de 1901.

MINEROÃ. Rio do Estado do Amazonas, no mun. de Teffé. Recebe o Mineroásinho.

MINGOTE. Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. de Ubá.

MINHOCA. Corr. *mi-nhoc* ou *mi-nhog*, o que é extrahido, arrancado ou tirado (Dr. T. Sampaio).

MINUANO. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Quarahy.

MIPIBÚ. Corr. *mbipé-bú*, calor ou quentura que se exhala, exhalação do calor; corr. *me-pibú*, o que é revolvido ou remechido, a cata, a pesquiza, a procura, a exploração; R. G. do Norte (Dr. T. Sampaio).

MIRA. Corr. *myra*, povo, nação; alt. *mura*, *muira* (Dr. T. Sampaio).

MIRACUERA. Paraná no mun. da capital do Estado do Amazonas. Encontra-se tambem escripto *Miracaoeira*.

MIRADOR. Villa do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira, em seus *Fragmentos para a Chorographia do Maranhão*, diz: «*Mirador*, á margem dir. do rio Itapecurú, á montante da cidade de Picos, está situada em um trecho estreito do rio, e liga-se á margem opposta, a que chamam Trezidella, por uma ponte de madeira. Dista 60 kils. da villa de Pastos Bons e da cidade de Picos. Exporta algodão, resinas e oleo de copahyba. Calcula-se a sua pop. em 2.000 habs. Das villas banhadas pelo Itapecurú é a que fica mais proxima de sua nascente, que se acha na importante serra deste nome, a qual separa as altas vertentes delle das do Parnahyba ». O Sr. José Ribeiro do Amaral, em seu trabalho O *Estado do Maranhão em 1896*, diz: « *Mirador*, villa á margem do Itapecurú e a 180 kils. das suas vertentes, centro importante do alto sertão, não só pela sua lavoura de algodão e criação de gado, como pelo seu clima ameno, séde da com. do seu nome e da freg. de S. Bento do Mirador, com uma pop. de 1.900 almas, distribuidas por 48 casas de telha e 200 de palha. O commercio desta villa é feito por negociantes de fazendas em pequena escala; não tem botica, padaria, nem officinas ou tendas de artes e officios, encontrando-se, todavia, ahi alguns curiosos, que trabalham em diversas artes, sendo oito sapateiros, tres ferreiros, quatro carpinas, dous marceneiros, um ourives, dous calafates, dous pedreiros e quatro alfaiates. Sua Egreja Matriz acha-se actualmente em reconstrucção, promettendo, depois de concluidos os reparos, tornar-se um dos bons templos do interior; seu cemiterio não é murado, nem tem capella. Os principaes generos de producção do mun. são: algodão, cereaes, assucar, aguardente, rapadura, borracha de mangabeira, resinas diversas, azeite de côco, oleo de copahyba, e, em larga escala, a criação de gado vaccum e cavallar, sendo a força desta producção assim calculada: algodão 2.000 arrobas, farinha, arroz, milho e feijão, cuja colheita é avaliada em mais de 3.000 alqueires, aguardente para mais de 2.000 litros, rapaduras 40.000 e assucar 100 arrobas. A extracção da borracha produz de 80 a 100 kilogrammos e das resinas diversas de 500 a 600. A extracção do azeite é de 700 litros e da copahyba de 25. A producção do gado vaccum é avaliada em 8.000 cabeças e a do cavallar em 500. Encontram-se tambem no mun. 32 engenhos de canna, sendo tres de ferro, todos movidos a animaes. A cultura do café vai-se desenvolvendo consideravelmente, accusando já uma producção de 3.000 kilogrammas. A pop. da com. é avaliada em 16.000 almas. » Comprehende os seguintes povs. Santo Antonio do Brejão, Sitio do Meio, Sitio Engeitado e Sitio Fundo dos Curraes.

MIRANDA. Pequeno pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Itapecurú-mirim.

MIRANDA. Morro do Estado de Minas Geraes, no mun. de Palmyra.

MIRANHA. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. de Silves.

MIRANTE. Bairro do Estado de S. Paulo, no mun. da Fartura.

MIRANTE. Morro do Districto Federal, no dist. do Engenho Velho.

MIRANTE. Bacia notavel no rio Paranapanema; no mun. de S. Sebastião do Tijuco Preto e Estado de S. Paulo. E' abaixo do salto Agua do Padre, 17 kils. E' calculado seu diametro em 600 metros. E' este um bello trecho do rio Paranapanema; porque, após o desfiladeiro, o rio se alarga em arco de um e de outro lado e mostra um como lago no centro formado pela bacia. « *Mirante*, diz o Dr. João Mendes, corruptela de *Myrõti*, aguas revoltas; *myrõ*, revolver; *ti*, agua. Por causa do predominio do accento em *rõ*, a palavra *ti* sôa breve. Allusivo a formarem as aguas rodomoinho, depois de descer em desfiladeiro estreito, ahi se precipitando. As aguas nessa bacia ou poço parecem paradas, mas, no fundo, estão revoltas ».

MIRAPINIMA. Corr. *mirá-pinima* ou *imira-pinima*, o páo pintado ou maculado, a madeira zebrada; alt. *murapinima*, *moirapinima*, *marapinima* (Dr. T. Sampaio).

MIRIM. Adj., pequeno, breve, pouco, miudo; adv., um pouco; alt. *miri*, *mini*, ou *minim* (Dr. T. Sampaio).

MIRIM. Log. do Estado de Matto Grosso, no dist. da Guia e mun. do Livramento.

MIRINDUBA. Ilha pequena granitica, no oceano, no mun. de Ubatuba e Estado de S. Paulo. Tem a forma elliptica. Está situada em frente á foz do rio Brajaimirinduba. E' pequena, cercada interiormente de pedra, e ainda com arrecifes do lado de leste; sem sacco ou enseada para abrigo, de sorte que o mar bate rijo de encontro ás rochas. « *Mirinduba*, diz o Dr. João Mendes, corruptela de *Myrĩ-nd-ii-bae*, pequena e apertada. De *myrĩ*, pequena; *nd*, intercalação nasal; *ii*, apertada, rija, dura; *bae* (breve), para formar participio ».

MIRINZAL. Ilha no furo do Meio, mun. de Cururupú e Estado do Maranhão.

MIRITIBA. Log. do Estado do Maranhão, na ilha de S. Luiz.

MIRUABA. Log. do Estado da Bahia, no termo de Belmonte.

MIRYBA. Nome de mulher, equivalente á Barbara (Dicc. Portuguez-Brasiliano).

MISERICORDIA. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha a cidade de Valença. Passa por baixo de um dos parques da cidade.

MISSÃO. Rio do Estado da Bahia, nasce no mun. do Bom Fim, no Brejo do Telles e com o nome de Puba vai desaguar no Agua Branca, trib. do Aipim, que o é do Itapecurú, no mun. de Campo Formoso.

MISSISSIPE. Arraial do Estado de Sergipe, no termo de Villa Nova (*Almanak Sergipano*. 1901).

MOACYR. Vocabulo corrupção de *mõ-acy*, faz doer, faz magoa, o que molesta; o doloroso (Dr. Theodoro Sampaio. *Obr.* cit.).

MOCAJUTUBA. Rio do Estado do Maranhão, na ilha de S. Luiz. É o proprio rio Antonio Esteves, que percorre a ilha com varias denominações e se lança, assim como o rio Grande, no Igarapé da Villa, que desagua ao N. da bahia de S. José, por entre Panaquatira e a ilha de Curupú. Banha a pov. do seu nome.

MOCAJUTUBA. Pov. do Maranhão. Accrescente-se no fim: Fica a 18 kils. a NE. da capital, sobre o rio do mesmo nome que é o proprio rio Antonio Esteves, que percorre a ilha com varias denominações. Sobre o rio Mocajutuba, já perto de sua foz, no trecho ahi conhecido por igarapé de Mocajutuba, fica o porto, 6 kils. á jusante da pov.

MOCANGUÊ. Composto de *mocã-guê* ou *mocá-cuê*, o moquem velho e tambem moquem queimado; Rio de Janeiro (Dr. T. Sampaio).

MOÇAS Ilha do Estado do Maranhão, no littoral do mun. de Cururupú, entre a foz do rio Urú e a do rio Turyassú.

MOÇAS. Rio do Estado de Pernambuco, affl. do Cannhoto, trib. do Mundahú.

MOCAYUBA. Vide *Macahiba.*

MOCHILA. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de Itaporanga (*Almanak Sergipano.* 1901).

MOCICA. Corr. *mõ-cyca,* fazer chegar, puchar para si, attrahir; dar a *mocyca* é derrubar o gado na carreira, puchando-o pela cauda o cavalleiro que com elle se emparelha; Ceará (Dr. T. Sampaio).

MOCÓ. Morro do Estado da Bahia, na cidade do Bom Fim.

MOCÓ, *mo-coó* ou *ma-coó,* bicho que roe, animal roedor; *Cavia rupestris* (Dr. T. Sampaio).

MOCOCA. Corr. *mó-coga,* fazer roça; a roçada, a plantação; *mo* ou *mbo,* fazer; *coga,* s., a roça, a plantação; S. Paulo. Vide *Có* (Dr. T. Sampaio). O Dr. João Mendes, referindo-se ao ribeirão, que deu o nome á cidade, diz: « *Mococa,* nome do ribeirão, corruptela de *Mbo-iquê-óg-ca,* por contracção *Mbo-'qu'-óg-ca,* encerrado dos lados. De *mbo,* particula activa, cujo *b* é quasi imperceptivel na pronuncia quando prevalece o *m,* conforme a licção dos grammaticos; *iquê,* lado; *óg,* encerrar, com o suffixo *ca* (breve), para formar supino. Allusivo a correr entre morros. Mesmo na cidade assim é; pois que esta é rodeada de quatro morros, e o ribeirão passa entre elles ».

MOCOCA. Serra no mun. da Natividade e Estado de S. Paulo. « *Mococa,* diz o Dr. João Mendes, corruptela de *Mbo-óg-óg-ca,* por contracção *Mb'-óg-óg-ca,* successivamente saccado. De *mbo,* particula activa; *óg,* saccar, arrancar, repetido para exprimir a successão do facto, com o suffixo *ca* (breve), para formar supino. Allusivo a se mostrar revolvido, com pedras em desordem ».

MOCORIPE. Corr. *mocó-r-y-pe,* no rio ou na agua dos mocós; Ceará (Dr. T. Sampaio). Vide *Mucuripe.*

MOCOTÓ. Nome dado, nos caminhos de muitas voltas e encruzilhadas, aos pontos de juncção.

MOCOTÓ. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de S. Fidelis.

MOEMA. Corr. *mo-êm,* fazer sahir ou emergir; o que faz nascer ou apparecer; a manhã, a aurora. Vide *Coema* (Dr. T. Sampaio).

MOEMA. Nucleo colonial do Estado do Paraná, distante oito kils. de Ponta Grossa. Contém a área de 1.217 hectares e é habitado por polacos e russos.

MOGY. Rio das cobras; de *mboy-gy.* Antigamente escreviam *Mboygy* (Dr. T. Sampaio). *Mogy,* corruptela de *Mbo-îigi,* apertado. De *mbo,* particula activa; *îigi,* apertado, duro (Dr. João Mendes).

MOGYQUIÇABA. Corr. *mboy-gy-keçaba,* dormida ou pouso do rio das cobras; Bahia (Dr. T. Sampaio).

MOINHO. Bairro do Estado de Minas Geraes, no dist. de Santa Rita da Extrema.

MOINHO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Atibainha.

MOINHO. Rio affl. da margem esq. do Tamanduatehy, no mun. da capital do Estado de S. Paulo.

MOINHO VELHO. Ribeirão de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Desagua na margem dir. do rio Cotia.

MOJÚ. Corr. *mo-yú,* fazer amarello, o que torna amarello, ou emmarellece; corr. *moy-ú,* rio das cobras; Pará. Vide *Mogy* (Dr. T. Sampaio).

MOJUHY. Log. do Estado do Amazonas, cerca de quarenta milhas da confluencia do rio Içá. Existe acima um furo denominado Jacurupá, que communica o Içá com o Solimões.

MOMBAÇA. Riacho do Estado da Bahia; desagua no oceano e serve de divisa aos dists. de Salinas da Margarida e Pirajuhia. Tem uma salina montada e forma uma pequena cachoeira.

MOMBUCA. Part. nom. *mô-buca,* furando, a que fura, a perfurante (Dr. T. Sampaio); alt. *mumbuca.* « *Mombuca,* furador. De *mo,* particula activa; *mbuca,* infinitivo de *pug,* arrebentar, furar, mudado o *p* em *mb,* por ser este um dos verbos que soffrem essa mudança, e mudado o *g* em *ca* (breve), segundo a regra dos grammaticos ». (Dr. J. Mendes. *Obr.* cit.).

MOMBUCA. Rio do Estado de S. Paulo, banha o mun. do Ribeirão Preto e desagua na margem dir. do Mogy-guassú.

MOMBUCA. Corredeira no rio Mogy-guassú e Estado de S. Paulo. Ahi, pela margem dir., afflue o ribeirão do mesmo nome já mencionado. « *Mombuca,* diz o Dr. J. Mendes, corruptela de *Mombi-ca,* por causa do som guttural do *i,* excessivamente apertado. De *mó,* apocope de *moró,* para exprimir excesso, superlativo, etc.; *mbi,* o mesmo que *pi,* apertar, atar, mudado o *p* em *mb* por causa do som nasal de *mo,* com o suffixo *ca* (breve), para formar supino. Allusivo a estreitar-se ahi tanto o rio, entre rochas, que extraordinariamente velozes se tornam as aguas em sua descida ».

MOMORANA. Igarapé do Estado do Pará, affl. do rio Jaburú, no mun. de Muaná.

MOMUNA. Corruptela de *Mo-húú-na,* lodoso. De *mo,* particula activa; *húú,* ter lodo, borra, fezes, com o suffixo *na* (breve), para formar supino. *O h* aspirado parece um *m;* dahi *Mo-mu-na* (Dr. J. M. de Almeida, *Dicc. Geogr. da Prov. de S. Paulo,* obra posthuma, 1902).

MONÇÃO. Villa do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira, *obr.* cit., diz: « *Monção,* á margem dir. do rio Pindaré, importante affl. da margem esq. do Mearim, e á montante da foz do rio Maracú, que é trib. da margem esq. daquelle rio, esteve outr'ora situada muito acima de Camacaoca, no logar Areias, que formava uma aldeia de indios Guajajaras, chamada *Carará.* Exporta assucar e cereaes. A seu porto vão os vapores das linhas fluviaes. E' séde do mun. e do termo do mesmo nome, que pertence a com. de Vianna... A 10 kils. da villa, sobre o lago Jacarehy, que desagua na margem esq. do rio Pindaré, fica o estabelecimento productor de assucar e aguardente, denominado Usina Castello, pertencente a uma sociedade anonyma. Tambem á montante da villa está situado, sobre a margem dir. do mesmo rio Pindaré, o Engenho Central, no logar da antiga Colonia S. Pedro, cujas terras pertencem hoje á Companhia Progresso Agricola, que ahi fundou a mais importante fabrica de assucar do Estado. Este logar está ligado telegraphicamente á capital, é frequentado pelos vapores das linhas fluviaes e o estabelecimento, que é illuminado á electricidade, dispõe de uma linha ferrea de 10 kils. de extensão que facilita sua communicação com os cannaviaes. » Comprehende os seguintes povs.: Boa Vista e Barradas.

MONDAHÚ. Corr. *mondá-ú* ou *mondá-y,* rio do furto; Ceará e Alagôas (Dr. T. Sampaio); alt. *Mundahú.*

MONDEHY. Rio dos laços; composto de *mondé-y.*

MONDÉO. Corr. *mo-ndé,* fazer sobrepor ou cobrir; o que envolve, o que se alça; corr. *mundé,* o laço, o alçapão. (Dr. T. Sampaio).

MONDEZ. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de Pacatuba (*Almanak Sergipano.* 1901).

MONDOLINHO. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha a colonia Nova Baden e desagua no ribeirão do Mello. E' atravessado pela E. de F. Mosambinho.

MONDUBA. Ponta na entrada da bahia de Santos, em S. Paulo. Accrescente-se no fim: A respeito dessa palavra, diz o Dr. João Mendes: « *Monduba*, corruptela de *Mondiú-bo*, logar em que faz rebojo. De *mo*, particula activa; *ndiú*, o mesmo que *tuî*, rebojar; *bo*, posposição ou particula para designar sitio ou logar. Allusivo ao entumecimento que ahi fazem as aguas, por causa do encontro e lucta das correntes; e, com isso, crescem as ondas e vão quebrar-se alto na penedia. Com effeito, essa ponta da ilha é difficil de ser transposta ou dobrada pelas embarcações ou navios que sahem barra fóra, aproando ao nordeste ».

MONGAGUÁ. Corruptela de *Mong-ayûá*, lama pegajosa. De *mong*, pegajoso, visguento; *ayûá*, limo, lama. Allusivo, quanto á serra (de S. Paulo) aos pantanaes em seu cimo; e, quanto ao rio, ao limo espesso em seu leito e barrancas. Já li *Monguaguá*, mas é erro, si bem que o significado seja o mesmo (Dr. J. M. de Almeida, *Dicc. Geogr. da Prov. de S. Paulo*, obra posthuma, 1902).

MONJOLINHO. Bairro do Estado de S. Paulo, no mun. da Fartura.

MONJOLINHO. Bairro do Estado de Minas Geraes, no dist. de Santa Rita da Extrema.

MONJOLINHO. Corrego do Estado de S. Paulo, banha a com. de Pirajú e desagua no rio Paranapanema.

MONJOLINHO. Ribeirão do Estado de S. Paulo. Vai para o Pirapitinguy, affl. do rio Tieté.

MONJOLO. Corrego do Estado de Minas Geraes, affl. do rio Acaba Sacco, no mun. da Diamantina.

MONSARÁS. Villa do Pará. Accrescente-se no fim: Foi extincto seu mun. pela Lei n. 652 de 12 de junho de 1899.

MONTE ALEGRE. Pequeno pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Itapecurú-mirim.

MONTE ALEGRE. Bairro da cidade do Penedo, no Estado das Alagôas.

MONTE ALEGRE. Arraial do Estado de Sergipe, no termo de Larangeiras (*Almanak Sergipano*. 1901).

MONTE ALEGRE. Log. do Estado da Bahia, na com. do Mundo Novo.

MONTE ALEGRE. Log. do Estado do E. Santo, no mun. de Piuma.

MONTE ALEGRE. Serra no mun. de S. Fidelis e Estado do Rio de Janeiro.

MONTE ALEGRE. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. do Sumidouro.

MONTE ALEGRE. Cidade do Pará. Accrescente-se no fim: No *Boletim* do Museu Paraense (junho de 1898) lê-se: « A villa de Monte Alegre, muito impropriamente assim denominada, está situada na margem esq. do Gurupatuba e divide-se em duas partes, a parte baixa ou porto, constando de poucas casas e vendas muito ordinarias, está edificada ao longo de uma praia de arêa, no extremo inferior de uma grota. A parte alta, distante talvez kilometro e meio para o norte, e á qual se chega por uma subida ingreme, incommoda e arenosa, está edificada na beira de um taboleiro elevado e largo, que se estende muitos kilometros para o norte em direcção á serra de Tajury. A parte alta da villa compõe-se de 50 ou mais casas e vendas, pela mór parte muito mal construidas e mais ou menos arruinadas, circumdando uma immensa praça, sem sombra e arenosa, verdadeiro sahara habitado por cachorros e na qual existem uma bonita egreja nova e uma curiosa capellinha antiga semelhante a um paiol. Os habs. são, em maior numero, descendentes de indios; mas tem muitas familias brancas muito respeitaveis, intelligentes e de fino tracto. A villa tem sido arruinada pelo commercio da borracha e está decahindo rapidamente. A gente se emprega principalmente na criação de gado, na pesca e no commercio. A altura do taboleiro na parte alta da villa é, segundo o Sr. Derby, de 65 metros. Suppuz que fosse mais elevada. De cima da villa a vista é linda, embora não tão magnifica como do alto do Paranaquara. Olhando para baixo do despenhadeiro vê-se o Gurupatuba, que se pode traçar com a vista em grande extensão para SO., bordado de arvores, serpenteando pela verdejante planicie de alluvião, coberta de herva, nivelada ao mar, e diversificada por *ilhas de matto* e por lagôas semelhantes a espelhos; estende-se para o S. por muitos kils. em direcção ao Amazonas, ao passo que, ao longe do lado S O., parecendo um navio de guerra navegando a vela, brilham os brancos paredões de Cuçary, e mais para O. veem-se os azulados taboleiros das circumvizinhanças de Santarem. Visto de Monte Alegre, o Amazonas não parece um rio, vem mysteriosamente do O., estende uma larga e avermelhada facha pelo meio da paizagem, e desapparece do mesmo modo mysteriosamente do lado de E. Quando, porém, vem a enchente, que grandioso aspecto que deve apresentar! Todos os limpidos lagos e largos campos ficam submersos debaixo das turvas aguas da enchente, confusamente discernindo as praias do lado do sul. Não admira que os indios do Amazonas chamem-no *paraná*, mar! Da villa, olhando-se para O., vê-se o taboleiro da alta e pedregosa serra de Paituna, que tem na sua extremidade meridional um pilar curioso em fórma de cogumelo e chamado a *Mão de Pilão*, ou em tupi, *Induamena* » (Ch. F. Hartt).

MONTE ALTO. Serrote no mun. de Jaboticabal e Estado de S. Paulo. E' conhecido no logar pelo nome de Serrinha do Bom Jesus do Monte Alto.

MONTE ALTO. Villa da Bahia. Accrescente-se no fim: Foi elevada á cidade pela Lei n. 196 de 5 de agosto de 1897.

MONTE AZUL. Dist. creado no mun. de Bebedouro do Estado de S. Paulo pelo Dec. de 19 de fevereiro de 1899; com duas escolas creadas pela Lei n. 643 de 7 de agosto do mesmo anno.

MONTE BELLO. Bairro do dist. de Belemzinho, mun. da capital do Estado de S. Paulo; com duas escolas, creadas pela Lei n. 799 de 7 de outubro de 1901.

MONTE-CARMO. Furo na margem esq. do rio Içá, no Estado do Amazonas.

MONTE CHRISTO. Séde de um dos dists. judiciarios do termo de Teffé e Estado do Amazonas.

MONTE CRUZEIRO. Passou assim a denominar-se a villa da Giboia, no Estado da Bahia, pela Lei n. 321 de 1 de agosto de 1899. O mun. é constituido das fregs. de N. S. da Conceição da Giboia, N. S. de Nazareth da Pedra Branca e Santo Antonio do João Amaro.

MONTEIRO. Riacho do Estado da Bahia, banha o mun. de Queimadas e desagua na margem esq. do rio Itapecurú.

MONTEIRO JUNIOR. Ilha do Estado do Pará, no dist. de Guajará-miry e mun. da capital, no furo Guajará-piranga.

MONTE LINDO. Pequeno pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Itapecurú-mirim.

MONTENEGRO. Mun. creado no territorio do Aricary, no Estado do Pará, pela Lei n. 798 de 22 de outubro de 1901. Comprehende a região que fica ao norte do rio Mayacaré até suas nascentes e d'ahi uma linha parallela até encontrar o rio Araguary. E' a antiga Calçoene e a séde da com. de Aricary, installada a 10 de janeiro de 1902. E' cidade.

MONTEPIO. Dist. do Estado de Pernambuco, no mun. de Agua Preta.

MONTES CLAROS. Serra do Estado do Maranhão, no mun. do Pinheiro.

MONTES CLAROS. Morro no mun. de Palmyra e Estado de Minas Geraes.

MONT'SERRAT. Por disposição municipal passou assim a denominar-se o morro do Pinto, na Capital Federal, por ficar ahi a ermida de N. S. do Mont'Serrat. O nome de Pinto, que tinha o morro, era devido ao individuo desse nome que era proprietario de alguns lotes de terras.

MONTE VERDE. Villa do Rio de Janeiro. Accrescente-se no fim: A Lei n. 591 de 2 janeiro de 1903, transferiu para este dist. a séde do mun. de Cambucy. Foi installado o mun. em 24 de fevereiro de 1903.

MONY. Corr. *mõ-ni*, o que é enrugado ou encrespado, o ondeado; Maranhão (Dr. T. Sampaio).

MOOCA. Composto de *mõ-oca*, fazer casa, ou pouso; pousada, rancho (Dr. T. Sampaio).

MOÓCA. Morro do Estado de S. Paulo, no dist. do Braz e mun. da capital, nas divisas do dist. de Belemzinho.

MOOCA. Rio do Estado de S. Paulo, banha o mun. da capital e desagua no Tamanduatehy pela margem dir. « *Mooca* ou *Mo-og-ca*, tapado, diz o Dr. João Mendes. De *mo*, apocope de *moró*, para exprimir excesso, superlativo, extensão, habito, peculiaridade, etc.; *og*, tapar, com o suffixo *na* (breve), para formar supino ».

MOQUEIRA. Rio do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Iguape e desagua no rio Saputanduba. Alguns dizem *Moqueiro*; mas parece-me errado. « *Moqueira*, diz o Dr. J. Mendes, corruptela de *Mo-quêr-a*, dorminhoco. De *mo*, apocope de *moró*, para exprimir superlativo, habito, peculiaridade, excesso; *quêr*, dormir com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante ».

MOQUEM. Corruptela de *mo-quê-hẽ*, dorme muito a gosto. De *mo*, apocope de *moró*, para exprimir superlativo, excesso, habito; *quê*, dormir; *hẽ*, a gosto, commodamente. (Dr. J. M. de Almeida). *Moquem*, corr. *mocaê*, o que faz seccar ou assar; gradeado de madeira sobre brazas para assar a carne (Dr. T. Sampaio). Vide *Muquem*.

MOQUETÁ. Morro á margem do ribeirão Pirajuçara, no mun. de Jacarehy e Estado de S. Paulo. « *Moquetá*, diz o Dr. J. Mendes, corruptela de *Mbo-iquê-itá*, o que serve de esteio. De *mbo*, particula activa; *iquê*, lado, costado; *itá*, pilar, armação, estante, em geral, cousa em que outra se firma. Por contracção, *Mbo-iqu'-itá*. Allusivo a ser contraforte da serra. O padre A. R. de Montoya, no seu *Tesoro de la lengua guarani*, escreveu *Hoquitá*, confundindo *Og-itá*, pilar de casa ».

MORAES. Log. do Estado do E. Santo, no mun. de Guarapary.

MORANCHY. Morro entre os muns. do Amparo e de Campinas, no Estado de S. Paulo. « *Moranchy*, diz o Dr. João Mendes, corruptela de *Moró-ã-chỹ*, contrahido em *Mor'-ã-chỹ*, muito empinado e escorregadio. De *moró*, o mesmo que *poró*, para exprimir superlativo, peculiaridade, costume, excesso, extensão, etc.; *ã*, empinar; *chỹ*, escorregar, resvalar. Allusivo a ser muito alcantilado e ter encostas limosas. Já li escripto *Moranqui*; e assim é pronunciado ».

MORCEGO. Pov. do Estado do Pará, no mun. de Salinas.

MOREIRAS. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

MORNO. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do rio Beberibe.

MOROENDIBA. Corr. *meruî-dyba*, mosquitos em abundancia, o mosquiteiro (Dr. T. Sampaio).

MOROIM. Corr. *merú-i*, mosca miuda, mosquito; alt. *meruim*, *maruim*, *muruim* (Dr. T. Sampaio).

MOROPOIA. Log. do Estado do Maranhão, na ilha de S. Luiz.

MORORÓ. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Brigida, trib. do rio S. Francisco.

MORRINHO. Pov. do Estado de Matto Grosso, á margem do Cuyabá, no mun. de Santo Antonio do Rio Abaixo, com escola.

MORRINHOS (S. Pedro dos). Pov. do Estado de S. Paulo, no mun. de Casa Branca; com uma esc. mixta creada pela Lei n. 597 de 2 de maio de 1899.

MORRINHOS. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, no dist. do mesmo nome e Estado de Minas Geraes. Fica naquelle rio, a 957 kils. do Joaseiro (Bahia) e entre as estações da Manga e do Jacaré.

MORRINHOS. Serra no mun. de Cajurú, no Estado de S. Paulo. E' pouco elevada, porém sinuosa e escabrosa. Tem diversas grutas. Uma é um perfeito tunnel de E. de F., parecendo ser obra de arte. Atravessa a montanha de um lado ao outro. Mede 176 metros de extensão, seis de altura e quatro de largura. Outra, distante do tunnel tres a quatro kils., tem um portico em forma de arco de scenario de theatro, com 200 metros de diametro; e por ahi é a entrada para um enorme salão, que pode accomodar, á vontade, mil pessôas mais ou menos, e é em semi-circulo. As paredes são revestidas de camadas, pouco salientes, de argilla vermelha, semelhando tijolos; e o solo é coberto de areia fina, tambem vermelha. De um dos lados do salão, ha uma escavação na parede, com a forma de um altar, e ao lado do altar uma columna bem modelada, sobre a qual foi fixada uma Cruz por algum visitante. Deste salão para outro compartimento interior ha duas entradas: uma de 10 a 12 metros de largura e seis de altura; e outra de dous metros de largura e cinco de altura. Neste compartimento interior existe uma lagôa profunda, cuja agua é crystallina e salina, escoando-se constantemente por um canal. E' denominada lagôa dos Morrinhos. A um dos lados desta lagôa ha uma galeria estreita e baixa, mas de grande extensão, povoada de vampiros, que ahi se cruzam a voarem. Por ser escura, ou balda de luz, só com o auxilio de uma lanterna pode ser observada; e, ainda assim, é necessaria a maior precaução, porque o solo é accidentado, além de escavado, e com frequentes soluções de continuidade. As paredes são muito anfractuosas; e o som, que fóra dalli mal seria ouvido, tem naquella galeria, echo extraordinario.

MORRO DA MARINHA. Log. do Estado de Matto Grosso, no dist. de Corumbá.

MORRO DAS PEDRAS. Bairro do mun. de Imbituva, no Estado do Paraná, com escola.

MORRO DA VIGIA. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de S. Sebastião do Cahy, com escola.

MORRO DO AZEITE. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. de Corumbá.

MORRO DO CAVALLO. Arraial do termo do Curral de Pedras, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

MORRO DO CIPÓ. Log. do Estado de S. Paulo, no mun. do Ribeirão Preto.

MORRO DO OUTEIRO. Arraial do termo do Curral de Pedras, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

MORRO DO PARÁMIRIM. Dist. creado no termo de Brotas, do Estado da Bahia, pelo Dec. de 11 de maio de 1900.

MORRO DO PARÁMIRIM. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, no Estado da Bahia. Fica naquelle rio, entre as estações da Barra e do Riacho de Canôas e a 511 kils. distante do Joaseiro.

MORRO DOS CÔCOS. Log. do Estado do E. Santo, no dist. do Queimado.

MORRO GRANDE. Log. do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Macahé.

MORRO GRANDE. Log. no mun. de Corumbá, do Estado de Matto Grosso.

MORRO GRANDE. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. do rio Sorocá-mirim.

MORRO MACIEL. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. de Corumbá, á margem dir. do rio Nabileque.

MORRO PELLADO. Dist. do Estado de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Passou a denominar-se *Ityrapina* pela Lei n. 719 de 28 de setembro de 1900.

MORRO QUEIMADO. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. de D. Silverio e mun. do Bom Fim.

MORROS. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Santo Antonio da Patrulha, com escola.

MORROS. Rio do Estado da Bahia, banha o termo da Conquista e desagua no Catolé Grande.

MORROS. Pov. do Maranhão. Accrescente-se no fim: Foi creada villa pela Lei n. 210 de 28 de abril de 1898.

MORTES. Lageado do Estado do Paraná, no termo do Rio Negro. Vai para o rio deste nome. Divide os dists. policiaes do Campo do Tenente e o do Pihen.

MORUBICHABA. O principal, o primeiro na guerra; composto de *morubi-chab*.

MORUMBI, *merú-oby*, a mosca verde, a varejeira; *marámbi*, luta ou peleja occulta, guerra de emboscada, cilada (Dr. T. Sampaio).

MORUMBY. Morro entre os ribeirões Pinheiros e Pirajuçara, no mun. de Santo Amaro e Estado de S. Paulo. « *Morumby*, diz o Dr. J. Mendes, corruptela de *Moró-ii-bi*, por contracção *Mor'-ii-bi*, resvaladouros muito altos. De *moró*, o mesmo que *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, peculiaridade, etc.; *ii*, resvalar; *bi*, alçar, levantar. *Moró* e não *poró*, por estarem no infinitivo os verbos. Ambos os verbos, por isso, se tornaram absolutos. Allusivo a serem muitas alcantiladas suas encostas. E' conhecido tambem por morro Pellado ».

MORUNGAVA. Corruptela de *Mboró-huú-ng-ába*, por contracção *Mbor'-huú-ng-ába*, constantemente turvo. De *mboró*, para exprimir peculiaridade, habito, excesso, superlativo, etc.; *huú*, lama, lodo, borra, fezes; *ng*, intercalação, por ter som nasal a palavra *huú* e para ligal-o a *ába*, particula para exprimir logar, modo, causa, destino, instrumento etc. Com effeito, este ribeirão tem turvas as aguas (Dr. J. M. de Almeida. *Obr.* cit.).

MORUNGAVA. Ribeirão de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Vai desaguar na margem dir. do rio Pardo.

MORURÉ. Rio do Estado do Pará, banha o territorio de Aricary e desagua na margem dir. do rio Araguary.

MORYÇÁ. Subs., a caricia, o agrado, a afabilidade, contr. *moryçaba* (Dr. T. Sampaio).

MOSQUITO. Pequeno pov. do Estado da Bahia, a 15 kils. da Estiva. E' assim denominado por serem pequenos os diamantes ahi encontrados. E' habitado por garimpeiros empregados nas minas de diamantes e carbonatos. Está a 734 metros de altitude. Dista nove kils. de Santo Antonio da Cravada.

MOSQUITO. Serra no mun. de Santo Antonio da Cachoeira e Estado de S. Paulo. E' uma ramificação da Mantiqueira.

MOSQUITO. Cabeceira do ribeirão Jacarehy, affl. do rio Jaguary pela margem esq.; no mun. de Jacarehy e Estado de S. Paulo.

MOSQUITO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Paranapanema, no mun. de Campos Novos.

MOSQUITO. Corrego do Estado de Minas Geraes, affl. do rio Arassuahy, proximo ao corrego S. Domingos.

MOSSORÓ. Corr. *mõ-çoroc*, fazer rupturas, o que rasga, rompe ou abre fendas; R. G. do Norte (Dr. Theodoro Sampaio).

MOSSÚS. Log. do Estado de Minas Geraes, no mun. de Marianna.

MOTIM. Rio de S. Paulo, no mun. de Santa Branca. Accrescente-se no fim: Desagua na margem esq. do rio Parahyba. Tem, em uma parte de seu curso o nome de *Putehy*. Vide *Potim*.

MOTUCA. Compõe-se de *mõ-tuca*, a que perfura ou aguilhôa, a perfurante, a picante; alt. *mutuca*, *butuca* (Dr. Theodoro Sampaio).

MOTURÁ. Rio do Estado do Pará, banha o territorio do Aricary e desagua na margem dir. do Oyapock. (*Carta* do Territorio do Aricary, executada e desenhada por José Lobo Pessanha. Pará. Agosto — 1901) Não será Maturá?

MOURÃO. Serra do Estado de S. Paulo, no mun. de Santos, ao lado da E. de F. Ingleza.

MOURAS. Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. de Ubá.

MOURAS. Pequeno rio do Estado de Minas Geraes, affl. dir. do rio Ubá, no mun. deste nome.

MOURAS. Passo no rio Ibirocay, mun. de Uruguayana e Estado do R. G. do Sul, atravessado pela estrada de rodagem que dessa cidade vai a Alegrete.

MOY. Contracção de *mboy*, a cobra, a serpente; alt. *boi*, *boia*, *moya* (Dr. Theodoro Sampaio).

MUACO. Rio do Estado do Amazonas, no mun. da Labrea.

MUCAMBINHO. Corrego do Estado de Goyaz, banha o mun. da Palma e desagua no rio Maranhão.

MUCAMBO. Rio do Estado do Maranhão, banha o mun. da Vargem Grande e desagua no rio Preto, affl. do Iguará.

MUCAMBO. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do rio Capibaribe-mirim.

MUCUIM GRANDE. Igarapé do Estado do Pará, banha o mun. de Afuá e desagua no rio Iriricana.

MUCUNAN. Log. no mun. de Tury-assú, do Estado do Maranhão.

MUCUNAN. Ilha no rio Bacurypanan, mun. de Cururupú e Estado do Maranhão.

MUCUNANDIBA. Ilha do Estado do Maranhão, no mun. de Miritiba.

MUCUOCA. Pequeno rio que desagua no oceano, no mun. de Caragatatuba e Estado de S. Paulo. « *Mucuoca*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Mbúgoa-yócúc*,

contrahido em *Mbuc'-yócûe*, arrebentado uma ou outra vez. De *mbug*, o mesmo que *púg*, arrebentar, com o suffixo *ca* (breve), para formar supino; *yócûe*, uma ou outra vez, de vez em quando. Allusivo a formar uma lagôa, a qual, quando muito cheia, arrebenta, esvasiando no oceano as aguas. »

MUCURA. Gambá (*Didelphos*).

MUCURATÁ. Log. do Estado do E. Santo, no mun. de Santa Cruz.

MUCURATEUA. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Santarem Novo.

MUCURUNA. Riacho do Estado do Maranhão, banha o mun. da capital e desagua no rio Angelim.

MUCURY. Composto de *mucura-y*, rio das gambás; composto de *mucuri-y*, rio das palmeiras mucuris; Bahia (Dr. Theodoro Sampaio).

MUCURY. Arraial do Estado de Sergipe, no termo do Soccorro (*Almanak Sergipano*. 1901).

MUFUBÉ. Log. do Estado do Amazonas, no mun. de Barcellos.

MUIRIM. Rio do Estado do Pará, affl. do Arary, no mun. de Ponta de Pedras.

MULATA. Ilha no rio Cajualsinho, mun. de Cururupú e Estado do Maranhão.

MULATINHA. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. do Bonito.

MULUNGÚ. Riacho do Estado do Ceará, affl. do rio Cruxati.

MULUNGÚ. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Cimbres e desagua na margem esq. do rio Ipojuca.

MULUNGÚ. Pov. do Ceará. Accrescente-se no fim: Foi rebaixada de villa pela Lei n. 550 de 25 de agosto de 1899.

MULUNGUN. Ilha do Estado do Maranhão, no mun. de Miritiba (José Ribeiro do Amaral. *O Estado do Maranhão em 1896*).

MUNDO NOVO. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Brigida, trib. do rio S. Francisco.

MUNDUBA. Corr. *mô-nduba*, o que faz estrondar ou resoar; a estrondante, atroadora; S. Paulo (Dr. Theodoro Sampaio).

MUNDURUCÚS. Paraná do Estado do Amazonas, no mun. de Manacapurú.

MUNGUENGUE. Corrego do Estado do Parahyba do Norte, affl. do rio Parahyba, entre a Capital e Espirito Santo.

MUNICIPAL. Ilha no rio Parahyba do Sul, defronte da villa de Itaocara. Ahi fica o Lazareto. Antigamente se chamava Bananeiras.

MUNIXY-GRANDE. Séde de um dos dists. judiciarios do termo de Teffé, no Estado do Amazonas.

MUPEUA. Furo do Estado do Pará, no mun. de Chaves. Communica-se com o furo Conceição.

MUQUEM. Um dos formadores do rio do Roque, trib. da margem esq. do Mogy-guassú, no Estado de S. Paulo.

MUQUEM. Rio do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Itapetininga e desagua na margem dir. do rio deste nome. Vide *Moquem*.

MUQUEMA. Log. do Estado do Parahyba do Norte, no termo de Araruna.

MURAPINIMA. Pov. no mun. de Faro e Estado do Pará. Era antigamnete denominada Juruty Velho. Na legislação desse Estado encontra-se esta palavra escripta de dous modos: *Murapinima* e *Muirapinima*.

MURAQUETAUA. Log. do Estado do Pará, ao lado occidental da ilha Pracuhubas, no furo dos Alegres e mun. de Mazagão.

MURIAHÉ. Corr. *murú-aé*, ou *merú-aê*, moscas que affligem, mosquitos que affluem ou atacam, o bando de moscas, o enxame de mosquitos; Rio de Janeiro, Minas Geraes (Dr. Theodoro Sampaio).

MURIBECA. Corr. *meru-beca*, a mosca importuna, o mosquito persistente ou insistente; Bahia (Dr. Theodoro Sampaio).

MURIBECA. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Iguarassú.

MURIBECA. Villa de Pernambuco. Accrescente-se no fim: Foi supprimido o mun. pela Lei n. 328 de 28 de junho de 1898.

MURICIPITANDIUA. Ilha no mun. de Cururupú e Estado do Maranhão, na costa. E' tambem denominada Corôa Grande. O Sr. José Ribeiro do Amaral, que della faz menção em seu trabalho *O Estado do Maranhão em 1896*, escreve na pag. 124 Muricipitandiua e na pag. 125 Municipitandiua.

MURICY. Nucleo colonial do Estado do Paraná, distante de S. José dos Pinhaes 12 kils., na margem esq. do rio Meringuava. Consta de 72 lotes occupados (1901) por mais de 400 polacos, italianos e brasileiros.

MURITIBA. Corr. *merutyba*, moscas em abundancia, o mosqueiro; Bahia (Dr. Theodoro Sampaio).

MURO. Arraial do Estado de Sergipe, no termo do Soccorro (*Almanak Sergipano*. 1901).

MURUABEBA. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. do Limoeiro e desagua no Capibaribe.

MURUBYRA. Rio do Estado do Pará, no dist. do Mosqueiro.

MURUCUJATIUA. Ilha do Estado do Maranhão, no rio do Cocal e mun. de Cururupú. O Sr. José Ribeiro do Amaral, que della faz menção em seu trabalho — *O Estado do Maranhão em 1896* — escreve na pag. 124 Murucujatiua e na pag. 125 Moracujatiua.

MURUCUJATIUA. Furo no mun. de Cururupú e Estado do Maranhão. E' navegavel até o rio Urú. Tambem é denominado Marciana (José Ribeiro do Amaral. *Obr.* cit.).

MURUMA. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. da Labrea.

MURUNDÚ. Commodo da prôa para abrigo dos barqueiros na occasião das chuvas. Termo usado no rio S. Francisco.

MURUNDÚ. Rio affl. do Una pela margem esq., no mun. de Una e Estado de S. Paulo. « *Murundú*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Mỹrõ-nd -húú*, lodo revolto. De *mỹrõ*, o mesmo que *pỹrõ*, revolver; *nd*, intercalação por causa do som nasal de *mỹrõ*, e afim de ligal-o a *húú*, lodo, borra, fezes. Este nome *Mỹrõ-nd-húú*, ora traduzido litteralmente — lodo revolto — sohia ser applicado pelos indigenas aos rios e ribeirões *turvos*. Tambem quando querem assignalar uma grande confusão de pessôas ou de cousas, dizem *mỹrõ-ndi*, muita desordem. O som guttural de *y* fere igualmente o *i* final, segundo a regra ensinada pelos grammaticos. *Murundú*, tal é a pronuncia. »

MURUTI-PUCÚ. Rio do Estado do Pará, no mun. de Igarapé-miry.

MUSICA. Lagôa no mun. de Uruguayana do Estado do R. G. do Sul, em um campestre do Quarahy (campo dos Prados)

MUSSUM. Pov. do Estado do R. G. do Sul, no mun. do Lageado. Passou a denominar-se General Ozorio por Acto municipal de 15 de janeiro de 1903.

MUTANGE. Arrabalde no mun. de Maceió e Estado das Alagôas.

MUTUACÁ. Log. no mun. de Curralinho e Estado do Pará. Foi elevado á pov. pela Lei n. 725 de 2 de abril de 1900.

MUTUCA. Arraial do Estado de Sergipe, no termo do Riachuelo (*Almanak Sergipano*. 1901).

MUTUCA. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da Vargem Alegre e mun. do Bom Fim.

MUTUCA. Rio do Estado do Amazonas, no mun. de Itacoatiara.

MUTUM. Rio do Estado do Pará, banha o territorio de Aricary e desagua na margem esq. do rio Araguary.

MUTUTUY. Uma das circunscripções em que se divide o 2º dist. da com. de S. Miguel do Guamá, no Estado do Pará.

MUZAMBO GRANDE. Log. do mun. do Muzambinho, no Estado de Minas Geraes.

N

NÃ. Adj., espesso, enorme, consideravel, grosso; adv., tantas vezes, deste modo, assim; corr. *anã*, parente, ligado, proximo, semelhante; *nã*=*rã*, confuso, confundido, unido, misturado (Dr. Theodoro Sampaio).

NAGÉ. Vocabulo tupico, corruptela de *anagé*, que significa o gavião (*Milvago*).

NAMBÚ. Vide *Inhambú*.

NAMBÚ. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Carassú, que o é do rio Una, no mun. de Barreiros.

NAMBYS. Composto de *na-mbi*, subs., a orelha, isto é, litteralmente; pelle de união, ou excrescencia de pelle; as orelhas, os ouvidos; Bahia (Dr. Theodoro Sampaio).

NANAN. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do Jundiahy-mirim, no mun. de Jundiahy. E' tambem conhecido pelos moradores do logar pelos nomes de Pedrinhas e Argolinhas. Diz o Dr. J. M. de Almeida que *Nanan* é corruptela de *Na-nhã* e significar — não corrente.

NÃO-ME-TOQUES. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Passo Fundo.

NARANDYBA. Composto de *naran-dyba*; *naran* é corrupção do vocabulo portuguez *laranja*; donde *narandyba*, laranjal, laranjas em abundancia (Dr. Theodoro Sampaio).

NASCENTES. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Bom Jardim (Inf. loc.).

NATUBA. Composto de *nanã-tyba*, ananazes em abundancia, anananzal; Parahyba do Norte; corrupção de *nhã-tyba*, cocal (Dr. Theodoro Sampaio).

NAUFRAGADOS. Ponta em Santa Catharina. Accrescente-se no fim: Entre essa ponta e a chamada dos Frades ha uma praia de vagas fortes com cerca de 500 metros de extensão, onde, em 1753, sob um grande pampeiro do sul, naufragaram duas sumacas portuguezas que conduziam 250 colonos açorianos de Santa Catharina para o R. G. do Sul. Destes infelizes só escaparam 77, os quaes, em parte, ficaram na ilha, indo outra parte para a freg. de Villa Nova (com. da Laguna) e outra para o seu primeiro destino. Do sinistro proveiu a denominação de Naufragados com que foram conhecidas até hoje a ponta e a praia. O Visconde de Porto Seguro suppõe, entretanto, que esse nome fora dado ao local depois que ahi naufragara D. Rodrigo de Acuña, commandante do navio *S. Gabriel*, pertencente á frota hespanhola que, sob o commando em chefe do almirante Fr. Garcia Jofré Loaysa, largara da Corunha a 24 de julho de 1525 em viagem de exploração ás costas do Prata. E accrescenta: « Daqui proveio a este porto (Naufragados) o nome de *Porto de D. Rodrigo*, com que por muito tempo foi conhecido nos mappas e roteiros. Acaso seria o mesmo que Solis, dez annos antes, chamara *Bahia dos Perdidos*, talvez em virtude dos mencionados seus companheiros, que ahi lhe fugiram ou se perderam; si é que esses individuos não houvessem effectivamente ficado por ahi, voluntariamente ou desgarrados, já desde alguns annos antes » (*Hist. Geral do Brasil*, tomo I, pag. 106).

NAZARETH DOS PASSOS. Pov. do Estado do Pará, no mun. de Baião.

NAZARIO. Serra do Districto Federal, no dist. de Inhauma.

NAZARIO. Furo na Ilha das Onças, no Estado do Pará; communica-se com os furos Madre de Deus e Piranha.

NEBLINA. Serra do Estado de Minas Geraes, nas divisas do mun. de Cataguazes.

NEGRA. Serra do Estado do Maranhão, no mun. de Grajahú. Em algumas *cartas* lê-se serra do Negro.

NEGRA. Serra do Estado de Pernambuco, ao N. do mun. de Bezerros.

NEGRA. Serra que divide as aguas dos rios Tieté e Piracicaba, proximo á foz deste, no mun. de Piracicaba e Estado de S. Paulo.

NEGRA. Ponta no Rio de Janeiro. Accrescente-se no fim: Vê-se em seu alto uma casa onde se acha installada uma estação semaphorica. Dista 38′ de Cabo Frio e a 13′ para E. Della vê-se, na praia, erecta sobre uma duna, a egreja de N. S. de Nazareth, que se acha perto da cidade de Saquarema. Do ponto em que se acha esta egreja parte da praia um esparcellado de pedras, que vão a quasi 1′ a E. S. E.

NEGRA VELHA. Log. do mun. de Tury-assú, no Estado do Maranhão.

NEGRINHAS. Log. do Estado da Bahia, no termo de Cannavieiras.

NEMA. Igarapé do Maranhão. Accrescente-se no fim: Vem do lago da Morte, divide a villa do Arary em dous bairros e lança-se no rio Mearim.

NEREÇÁ. Uma das circumscripções da com. de Mazagão, no Estado do Pará.

NETTO. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha a cidade de Barbacena. Vai para o ribeirão da Cachoeira do Alvaro, que corre para o rio das Mortes.

NHAEMPEPÓ. Composto de *nhaê-pepó*, o vaso que ferve, a vasilha de ferver, a panella. (Dr. Theodoro Sampaio).

NHANDIJARA. Corrupção de *nhandi-yara*, nosso senhor, tratamento para Deus (Dr. Theodoro Sampaio).

NHANDÚ. Composto de *nhã-dú*, a que corre com estrepito, a corredora, a ligeira; a avestruz, a ema (*Rhea americana*). Substantivo, a aranha (*Mygale*). Dr. Theodoro Sampaio.

NHANDUHY. Composto de *nhandú-y*, rio das emas; Matto Grosso (Dr. Theodoro Sampaio).

NHANDUTY. Composto de *nhandú-ti*, teia de aranha, renda, trama; Paraguay (Dr. Theodoro Sampaio).

NHANGUARA. Serra do Estado de S. Paulo, no mun. de Xiririca, nas divisas do dist. de Jaguary.

NHANGUASSÚ. Morro do Estado de S. Paulo, á margem dir. do ribeirão Thomé Gonçalves, affl. do rio Jaguary.

NHAPUPÊ. Corrupção de *nhã-popé*, a que corre em plano, a que vôa em linha, a que vôa rasteiro; a perdiz ou inambú (*Crypturus*). Dr. Theodoro Sampaio.

NHAUM. Composto de *nhaê-ú*, o barro de panella, o barro proprio para louça, a argilla olar; alt. *inhauma* (Dr. Theodoro Sampaio).

NHEÊ (Substantivo). A fala, lingua, o idioma (Dr. Theodoro Sampaio).

NHEEMBUCÚ. Composto de *nheê-bucú*, a lingua comprida; o falador (Dr. Theodoro Sampaio).

NHEENGAIBA. Palavra composta de *nheenga-aiba*, o que é má lingua, a lingua ruim, imprestavel ou incomprehensivel. Nome de uma tribu selvagem da foz do Amazonas, catechisada pelo padre Antonio Vieira.

NHOCOIA. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Santo Angelo.

NHÚ ou *Nhum*. O campo, o terreno limpo, a região plana com vegetação rasteira; alt. *nú*, *inhú* (Dr. Theodoro Sampaio).

NHÚBATÉ. Composto de *nhú-ibaté*, campo alto (Dr. Theodoro Sampaio).

NHUGUAÇÚ. Composto de *nhú-guaçú*, o campo grande (Dr. Theodoro Sampaio).

NHUM-VERÁ. Log. no mun. de Nioac, do Estado de Matto-Grosso.

NHUNDIAHY. Rio do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Iguape e desagua na margem esq. do Una d'Aldêa.

NHUNDIAQUARA. Composto de *nhundiá* ou *yundiá-quara*, o buraco do jundiá, a toca do peixe jundiá; actu. *yundiaquara* (Dr. Theodoro Sampaio).

NINHO DE TUYUYÚ. Log. do Estado de Matto-Grosso, no mun. de Caceres.

NÓ-CEGO. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de Itaporanga.

NOITIBÓ. Voz, o nome do canto da ave nocturna, agoureira para o selvagem (*Caprimulgus grandis*. Vide Martius). Dr. Theodoro Sampaio.

NOIVOS. Ilha do Estado de Santa Catharina, na bahia do norte, junto á ponta do Leal. Assignala-a uma historia tristissima, que assim nos é contada pelo insigne prosador o Sr. Virgilio Varzea: « Um casal de noivos, que havia recebido a consagração de suas nupcias em uma egrejinha dos Barreiros ou de Biguassú, voltava feliz, em uma pequena canôa veleira ao arraial da Passagem, onde o esperava o thalamo conjugal, quando, de repente, e quasi ao fim da viagem, na altura da ilhota, se levanta um vendaval. O tempo escureceu num torvellinho de nuvens, e o mar, desmontado, entrou a rolar em turbilhões terriveis. O patrão, canoeiro perito e inexcedivel na sua arte, como soem ser os habitantes do littoral catharinense, que são embalados a bem dizer pelo mar desde os primeiros vagidos, aproou para terra numa corrida sinistra. Mas as vagas, furiosas, cresciam em collinas de espuma em redor do pobre esquife, e, de uma lufada maior, galgaram-lhe a borda, sacudindo a todos sobre os esparcellados bramantes, que envolviam a ilha. Nem uma só pessôa escapou á borrasca inclemente, que os sepultou para sempre nos escarcéos marinhos. Dahi essa denominação, que parecendo jubilosa e de gala, não é mais do que um ramo de goivos sobre um sepulchro esquecido! »

NORTE. Morro na Ilha Campeche, no Estado de Santa Catharina. Tem 85^{m},0 de altura.

NORTE. Rio do Estado do E. Santo; reune-se ao Santa Cruz.

NOSSA SENHORA. Nome porque é conhecida parte da praia comprehendida entre Ponta Negra e a egreja de N. S. de Nazareth, no Estado do Rio de Janeiro.

NOVA. Serra do Estado de S. Paulo, no mun. de Xiririca, nas divisas do dist. de Jaguary.

NOVA. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. de Bezerros.

NOVA ALCANTARA. Villa e mun. do Estado do Paraná, na com. de S. José da Bôa Vista. E' o antigo pov. do Jacaresinho. Foi creado pela Lei de 2 de abril de 1900.

NOVA BADEN. Colonia creada pelo Dec. n. 1.361 de 14 de fevereiro de 1900, no Estado de Minas Geras. Está situada cerca de 4 kils. de Aguas Virtuosas do Lambary e tem uma área de 1.360^{hects}, 12, abrangendo as fazendas da Bôa Vista e do Ribeirão do Mello. E' atravessada pela E. de F. Muzambinho.

NOVA DE REZENDE. Villa e mun. do Estado de Minas Geraes, creada pela Lei n. 319 de 16 de setembro de 1901, que constituiu o mun. com os dists. de Santa Rita do Rio Claro e S. Sebastião da Ventania, desmembrados do mun. de Passos, sendo a séde em Santa Rita. Foi installada em 2 de janeiro de 1902.

NOVA ESPERANÇA: Log. da Bahia, no termo do Prado (No Supplemento do 3º vol.). Accrescente-se no fim: O dist., ahi creado pela Lei n. 276 de 27 de agosto de 1898, foi supprimido pela de n. 428 de 22 de agosto de 1901.

NOVA FRIBURGO. Accrescente-se no fim: No dia 1º de janeiro de 1902 teve logar o lançamento da primeira pedra do novo edificio do Collegio Anchieta, como se vê da seguinte acta.

« A primeiro do mez de janeiro do anno do Senhor mil novecentos e dous, vigesimo quinto do Pontificado do Papa Leão treze, decimo quarto da proclamação da Republica no Brasil, sendo presidente dos Estados Unidos do Brasil, o dr. Manuel Ferraz de Campos Salles, presidente do Estado do Rio de Janeiro o doutor Quintino Bocayuva, occupando o Generelado da Companhia de Jesus o muito reverendo Padre Ludovico Martin, desempenhando o cargo de superior da missão da Provincia romana no Brasil o Reverendo Padre Justino Maria Lombardi, no Reitorado do Padre Domingos de Meis, invocado o auxilio divino do Santissimo Coração de Jesus, sob os auspicios e protecção da padroeira Maria Santissima Immaculada e dos Santos advogados o Patriarcha São José, Santo Ignacio de Loyola, Luiz Gonzaga e Anjos Custodios, com a benção do muito digno Bispo desta Diocese de Petropolis, Don Francisco do Rego Maia, lançou-se a primeira pedra do novo edificio do collegio Anchieta, fundado nesta cidade de Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, a dez de abril de mil oitocentos e oitenta e seis, no logar vulgarmente denominado Chateau, em propriedade desembaraçada de todo e qualquer onus, sob a direcção e conforme os planos do sr. Francisco Vidal Gomes. Para testemunho do que foi lavrada esta acta, firmada pelas pessôas presentes, encerrada em tubo de ferro, devidamente lacrado e depositado com moeda da época e folhas do dia em urna de pedra para este fim preparada.

Nova Friburgo, 1 de janeiro de 1902. »

NOVA ROMA. Pov. do Ceará. Accrescente-se no fim: Foi essa pov. elevada á villa com o nome de Campos Salles pela Lei n. 530 de 29 de julho de 1899.

NOVA TRIESTE. Colonia situada cerca de 25 kils. de Xiririca, no Estado de S. Paulo. Seu territorio é banhado pelo Rio Taquary, affl. do Ribeira.

NOVA VILLA. Pov. do Estado do Piauhy, á margem dir. do rio Parnahyba, no dist. da Apparecida e com. de Jeromenha. Foi elevada á villa com o nome de Urussuhy pela Lei n. 290 de 23 de junho de 1902.

NOVO. Rio do Estado do Maranhão, affl. do Tutoya.

NOVO TYROL. Nucleo colonial do Estado do Paraná, distante da villa de Piraquara oito kils. E' dividida em 66 lotes, que abrangem uma área de 1.019 hectares. Sua pop., que é composta de cerca de 400 italianos e brasileiros, dedica-se á cultura da vinha.

NUITACA. Riacho do Estado de Matto Grosso, affl. do rio Nabileque, que o é do rio Paraguay.

NUNES. Corrego do Estado de Minas Geraes, nas divisas do mun. de Entre Rios. Faz barra com o corrego Sacco dos Veados.

NUPEBA. Corrupção de *nhũ-peba*, campo plano, a planicie limpa (Dr. Theodoro Sampaio).

NUPORANGA. Corrupção de *nhũ-poranga*, campo bello, campo formoso; S. Paulo (Dr. Theodoro Sampaio).

NUPUAM. Vocabulo tupy, corruptela de *nhũ-puá*, significando campo redondo.

NUPUTYRA. Palavra que é corruptela de *nhũ-potyra* e significa flôr do campo.

NYTERÕI. Segundo o Dr. Theodoro Sampaio é corrupção de *nhê-terô-y*, agua em seio abrigada, bahia segura; alt. segundo Hans Staden em *Iterô* ou *Iteronne. Nictheroy*, segundo o Conego Januario da Cunha Barbosa, significa — *mar escondido* — (Rev. do Inst. Hist., vol. LV); *Niterô*, segundo o Padre Simão de Vasconcellos, na *Vida do Padre J. de Anchieta*: *Nitheroy*, segundo o Dr. Theodoro Sampaio. « *Nictherohy*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Nda-y-taró-i*, perdendo a particula negativa *a*, por existir adiante a vogal *y*, e soando, portanto, *N'-y-térõ-i*, sem tortuosidade. De *nda*, particula de negação, cujo *d* não sôa; *y*, relativo; *térõ*, tortuosidade; *i*, para fechar a negação. Allusivo a ser uma bahia franca para a navegação. As traducções de Martius, no *Gloss. Ling. Braz.*; Milliet de Saint Adolphe, no *Dicc. hist. geog. e descript. do Brasil*; Ayres de Casal, na *Chorog. Braz.*; Pizarro, nas *Mems. hists. do Rio de Janeiro*, e outros, dizendo uns — agua escondida —, dizendo outros — mar morto — são erros palmares, senão verdadeiros disparates. »

NYTERÕI. Cidade do Rio de Janeiro. Accrescente-se no fim: Voltou a ser capital do Estado pela Lei n. 542 de 4 de agosto de 1902.

O

OABO. Part. ger. de *ar*, caindo, nascendo, o que nasce ou brota, nascente; partindo, quebrando (Dr. Theodoro Sampaio).

OARUÁ. No tupi da costa significa o espelho.

OBERAVA. Corruptela de *y-beraba*, alt. *u-beraba*, a agua brilhante, ou reluzente (Dr. Theodoro Sampaio).

OBÚ. Corrupção de *upû* ou *y-bû*, agua que ferve ou surge, o manancial, o olho d'agua (Dr. Theodoro Sampaio).

OCA. Subs., a casa, o coberto, o abrigo, o refugio, o paradeiro; alt. *og*, *oka*, *roca*, *toca*, segundo o thema; no tupi do Amazonas *uca*, *r'uca* (Dr. Theodoro Sampaio).

ÓCA. Morro do Estado de Minas Geraes, no dist. de Mercês do Pomba.

OCABIUNA. A casa negra; de *oca-piuna* ou *oca-una*.

OCARA (Substantivo). A praça, o terreiro, o largo. Vide *taba*.

OCARUÇÚ. Composto de *ocara-uçú*, praça ou terreiro grande; Rio de Janeiro (Dr. Theodoro Sampaio).

OCATIM. Casa branca; contracção de *oca-tinga*.

OCIREMA. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, affl. do ribeirão S. José, no mun. do Bom Jardim. Atravessa a fazenda da Bôa Vista.

OITI. Corrupção de *ui-ti*, massa branca, farinha alva; nome de uma arvore fructifera *Artocarpea*; alteração de *oyty* (Dr. Theodoro Sampaio).

OITICICA. Vocabulo composto de *uiti-icica*, o oiti que pega, o oiti resinoso, pegajoso.

OLARIA. Arraial do Estado de Sergipe, no termo do Soccorro (*Almanak Sergipano*. 1901). Com o mesmo nome ha um outro arraial no termo do Riachão.

OLARIA. Log. do Districto Federal, no dist. de Guaratiba.

OLARIA. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

OLARIA. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Sorocaba, no mun. deste nome. Desagua entre a foz dos rios Itanguá e Ipanema.

OLARIA. Corrego affl. da margem dir. do rio Verde, trib. da esq. do rio Pardo, no mun. de S. José do Rio Pardo, do Estado de S. Paulo.

OLEO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio do Peixe ou Bonito, entre Rio Bonito e E. Santo do Rio Pardo.

OLHO D'AGUA DOS GÓES. Dist. policial do mun. de Correntes, no Estado de Pernambuco.

OLHOS D'AGUA. Com este nome dá o *Almanak Sergipano* (1901) noticia de dous arraiaes, um no termo de Larangeiras e outro no do Riachão.

OLHOS D'AGUA. Pov. do Estado da Bahia, á margem do Prolongamento da E. de F. da Bahia ao S. Francisco e da estrada de rodagem que vai para o Joazeiro.

OLHOS D'AGUA. Serra do Estado de Minas Geraes, entre os muns. de Barbacena e S. João d'El-Rey.

OLHOS D'AGUA. Corrego do Estado de S. Paulo. Vai para o rio Pirapitinguy, trib. do Tieté.

OLIVEIRA. Pov. do Estado do Rio de Janeiro, no mun. do Sumidouro, com escola.

OLIVEIRA. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, no Estado da Bahia. Fica naquelle rio, a 139 kils. distante do Joazeiro e entre as estações de Sento Sé e Remanso.

OLIVEIRAS. Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. de Cataguazes.

OMENGABA. Corr. *omeengaba*, a dadiva, a offerta, o presente. Vide *meengaba* (Dr. Theodoro Sampaio).

ONÇA. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Caruarú.

ONÇA. Serra do Districto Federal, no dist. da Guaratiba.

ONÇA. Morro no mun. de Palmyra e Estado de Minas Geraes.

ONÇA. Morro do Estado de Minas Geraes, no mun. de Bom Fim.

ONÇA. Corrego do Estado do Rio de Janeiro; banha o mun. do Bom Jardim e desagua no rio Santo Antonio, affl. do rio Grande, na Barra Alegre.

ONÇA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Tieté, no mun. deste nome.

ONÇA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Mogy-Guassú, no mun. do E. Santo dos Barretos.

ONÇA. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do ribeirão das Canôas, trib. do rio Grande, no mun. de Santa Rita do Paraizo.

ONÇA. Corrego affl. da margem dir. do rio Paranapanema, no mun. de Campos Novos e Estado de S. Paulo.

ONÇA. Corredeira no rio Mogy-guassú, no Estado de S. Paulo.

ONÇA. Ribeirão do Estado de Minas Geraes, entre o dist. de Santa Barbara das Canôas e o da cidade de Monte Santo. Vai para o rio das Canôas.

ONDINA. Cidade balnearia que está fundando Bibiano Ferreira Campos nos terrenos de uma fazenda de sua propriedade (fazenda d'Arêa Preta) na cidade da Bahia. Dista quatro kils. da cidade e é situada na costa. Abrange uma zona plana e aprazivel, de cerca de dous kils., além de um grande valle adjacente, possuindo sobre tudo bellissimas praias na extensão de 1.500 metros entre a Barra e o Rio Vermelho. As ruas e praças, em que foi dividida, obedecem aos preceitos modernos de hygiene e belleza. Sua orientação lhe permitte receber directamente os ventos reinantes. O *boulevard*, que margea as praias, tem 28^{m},0 de largura, com calçadas de 5^{m},0 o que contribue para o aspecto elegante e agradavel das construcções já levantadas. Os trabalhos foram inaugurados a 13 de outubro de 1895.

Villa Ondina é um dos arrabaldes mais bonitos da cidade; quando estiver todo edificado e dispuzer de locomoção facil, será um ponto muito procurado.

Nelle tem o benemerito capitão Bibiano Ferreira Campos projectado estabelecer uma cidade balnearia, para o que tem demonstrado a mais inexcedivel força de vontade, luctando com obstaculos quasi insuperaveis, entre os quaes a falta do capital necessario á realização do seu arrojado commettimento.

Fica nos limites da bella povoação do Rio Vermelho e possue cinco praias de banhos, verdadeiras bacias maritimas, uma das quaes, a Praia do Porto, é uma verdadeira doca natural accessivel a barcos até 100 toneladas. Entre essas praias existe a do Canzuarte, vasta e bella, ficando-lhe a cavalleiro verdejantes montanhas, o que lhe dá um aspecto attrahente e encantador. Junto a ella corre uma fila de ininterruptos rochedos, nos quaes existe a gruta denominada "Mãe d'Agua", onde, segundo a tradição, se acolheu Diogo Alves Correia, quando, escapo do naufragio, alcançou a terra, no Rio Vermelho.

Para o lado do poente fica a praia de São Lazaro, que fórma um semi-circulo de alvas areias, e que vae terminar em um isthmo, onde abundam lagostas e polvos.

Dessa praia, em direcção ao norte, desdobra-se uma inteira planicie, ampla e constantemente bafejada, a nordeste e leste, pela brisa oceanica.

Nessa planicie, até encontrar com as praias de S. Lazaro, do Porto, Canzuarte, e mais uma outra pequenina em frente á residencia do Dr. Pedro Celestino, é que se está edificando a *Ondina*, que já conta diversos e bonitos predios.

No meio da grande planicie, onde se locou a futura cidade, ha uma grande praça, denominada Bispo Macedo Costa, onde está em construcção uma grande igreja, com a invocação de Nossa Senhora de Lourdes.

A praça Gonçalves Dias ficará com grande extensão. Fica situada entre a praia de S. Lazaro e a da Foz, onde dá agua o riacho Areia Preta.

Para dar locomoção facil e por a nova villa em communicação com a capital, o capitão Bibiano Campos organizou com o engenheiro inglez John Parker Littleton uma linha de bonds, a que deram o nome de *Ferro Carril de Ondina*, e da qual se acham já assentados trilhos na extensão de cerca de dous kilometros, entre Ondina e Rio Vermelho, primeiro trecho.

ONOFRE. Ribeirão do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Atibaia e desagua na margem esq. do rio deste nome. Recebe o ribeirão dos Porcos.

OPACA. Morrinho no mun. de Corumbá e Estado de Matto Grosso.

ORANGO-TANGO. Log. do Estado do Amazonas, no mun. de Fonte Bôa.

ORATORIO. Rio do Estado de S. Paulo, affl. do Tamanduátehy, no mun. da Capital. E' tambem denominado Iguassú.

ORGÃOS. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. do Rio Bonito. Dá origem ao ribeirão do seu nome, affl. da margem esq. do rio do Peixe (Carta da Commissão Geogr. Geolog. de S. Paulo. Folha de Guarehy).

ORGÃOS. Ribeirão do Estado do Paraná, affl. do rio Piedade, que o é do Ribeirinha e este do Assunguy.

ORISSANGA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Jaguary-mirim, no mun. de S. João da Bôa Vista. « *Orissanga*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Iroiçã-nga*, agua esfriada. De *i*, agua, rio; *roiçã*, esfriar, com o suffixo *nga* (breve), para formar supino. Allusivo a nascer quente; e, depois, em seu curso, esfriar-se. Com effeito, este ribeirão vem da serra das Caldas, na prov. de Minas Geraes; e, sem duvida, o indigena, assim nomeando este ribeirão, quiz assignalar, nas suas cabeceiras, aguas thermaes. »

ORIXIMINA. Villa do Pará. Accrescente-se no fim: Foi supprimido o seu mun. pela Lei n. 729 de 3 de abril de 1900.

OROBÓ. Não parece vocabulo tupi; a não ser que se admitta por influencia dialectal a corrupção do nome *urubú* (Dr. Theodoro Sampaio).

OROCÓ. Pov. do Estado de Pernambuco, no mun. de Cabrobó.

ORTIZES. Corrego do Estado de S. Paulo, no mun. da Casa Branca. Vai para o ribeirão dos Cocaes.

OTINGA. Corr. *y-tinga*; alt. *u-tinga*, a agua branca ou clara; Bahia (Dr. T. Sampaio).

OUCA. Serra do Estado do Maranhão, no mun. de Turi-assú. E' assim chamada por ouvir-se a repercussão do som no solo.

OURIÇO. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, no dist. do Sanna e mun. de Macahé.

OURICURY. Corr. *ori-curii*, o cacho amiudado, ou repetido, o que dá cacho de continuo (*Cocos coronata*. Mart. ou *Attalea*); alt. *uricuri*, *aricuri*, *mucury*, *licury*, *nicury*, *iricury* (Dr. T. Sampaio).

OURICURY. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Cabrobó.

OURINHO. Log. do Estado do Paraná, no mun. do Jacaresinho.

OURIVES. Rio do Estado do Rio de Janeiro, banha o mun. de Santo Antonio de Padua e desagua na margem esq. do Pomba.

OURIVES. Corrego de S. Paulo, no mun. de S. Bernardo. Accrescente-se no fim: Desagua na margem esq. do rio Tamanduatehy, entre os corregos dos Meninos e Ipiranga.

OURO. Morro do Estado da Bahia, no mun. de Jusseape.

OURO. Paraná do Estado do Amazonas, affl. do rio Envira, no mun. de S. Philippe.

OURO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do ribeirão Chibarro, no mun. de Araraquara.

OURO GRANDE. Log. do Estado do Paraná, no dist. do Jacaresinho.

OURO PRETO. Acabo de visitar essa cidade, á qual o Congresso Mineiro apeiou da honrosa posição de Capital do Estado. Ao penetrar nella, o fiz de chapéo na mão, em signal de respeito ás suas tradições gloriosas. O seu aspecto melancholico, os diversos morros sobre os quaes ella se ergue, sua immensa casaria muito antiga, as torres de suas numerosas egrejas elevadas para o infinito, ao longe a extensa serrania de Ouro Preto, a um dos lados o grande bloco do Itaculumi, verdadeira hyperbole do granito, emergindo do alto da cordilheira e como que querendo deitar-se sobre ella, e aos pés o rio Funil, correndo ao travéz de pedras ennegrecidas e perturbando com o ruido de suas aguas o silencio das mattas que o margeiam, aqui o logar onde se erguia a modesta habitação do redivivo martyr da Conspiração Mineira, alli a casa dos Contos, onde expirou Claudio Manuel da Costa, mais adiante a casa de Gonzaga, quasi defronte á habitação da bella Marilia; tudo isso produziu em meu espirito uma impressão de respeito e amor por essa lendaria cidade.

Nella não se nota o prurido das grandes cidades. Parece que o sacrificio de tantos martyres, a quem ella affagou em seu seio de mãe carinhosa, lhe produziu grande tedio do mundo, uma tristeza que não a abandona e o aconchego da religião, que é o seu grande consolo.

Gostei immensamente do viver dessa cidade. Oito dias, que nella passei, foram os dias mais ditosos de minha vida.

Sua população generosa, hospitaleira e bôa prende o viajante nos laços do mais carinhoso affecto.

Logo no dia da minha chegada, a mocidade das escolas veiu saudar-me no hotel onde me hospedei. Prova inconcussa da enormidade dos corações ouro-pretanos, antes de que uma consagração aos meus meritos, que não possuo.

Por toda a parte fui fidalgamente agazalhado e com uma amabilidade tal como se fora pessôa da familia.

Tive occasião de estreitar em meus braços o meu virtuoso e illustrado collega e amigo Dr. Diogo de Vasconcellos, que me convidou para almoçar em sua residencia, na Agua Limpa, suburbio da cidade, onde me apresentou á sua carinhosa esposa e bons filhos.

Que agradaveis horas de bôa prosa!

Parecia-me estar com esse amigo em uma das *republicas* do nosso tempo em S. Paulo.

Mostrou-me na sua sala de visitas, um bom retrato do finado D. Pedro II, essa grande alma, que á custa do seu bolso, mandou-me educar no Internato do antigo collegio D. Pedro II e em S. Paulo.

O Dr. Diogo não adheriu ainda á Republica. E' monarchista. E' caso para felicital-o pela sinceridade de suas convicções politicas.

A cidade de Ouro Preto fica situada em um contraforte muito accidentado da serra do mesmo nome, que faz o *divortium aquarum* das aguas que vão para o rio das Velhas das que vão para o rio Doce. Está assente em um terreno muito irregular, quasi todo composto de morros, que se elevam daquelle contraforte. Pelo sul da cidade estende-se a serra de Itaculumi (1), com o celebre pico desse nome, com 1.754 metros de altura e que, visto da cidade, tem a forma de um sapato com o competente salto.

A parte baixa da cidade é mais ou menos plana e banhada pelo rio Tripui (corrupção de *ityra-poi*, morro delgado ou esguio), que ahi toma o nome de Funil, o qual se precipita em um valle de 2.000 pés de profundidade, ora apertando-se com fragor entre os rochedos, que embaraçam seu curso, ora debaixo delles desapparecendo.

Em toda a parte da cidade encontram-se vestigios da antiga mineração. Assim é que, ao occidente da cidade acham-se grandes vestigios da antiga e importante exploração aurifera das lavras do Vellozo, verdadeiro compendio, no dizer de Eschwege, do methodo de exploração a *talho aberto*. Ahi se encontram quatro grandes mundéos, destinados a receber as areias, quer as arrastadas pelas aguas, quer as obtidas pelo quebramento do minerio aurifero.

Toda a encosta da serra foi como que cavada pelas aguas, deixando a nú as rochas. Ahi se vê o quanto exploraram os antigos, visto como a tapanhoacanga, que outr'ora cobria o itabirito, tem quasi que de modo absoluto sido retirada, deixando a descoberto os veeiros de quartzo aurifero, que atravessam o itabirito em seus schistos parallelos.

A lavra do Vellozo mostra a ordem de superposição das differentes camadas: abaixo do itabirito o itaculumito com quartzo aurifero e, abaixo, camadas de schistos argillosos.

A intensidade da exploração e a riqueza dessa lavra se podem julgar pelos trabalhos antigos, taes como os tres extensos regos de mais de seis kilometros, que se vêm mais ou menos parallelos, percorrendo o longo da encosta mais elevada da serra do Ouro Preto á da Cachoeira.

Entre os corregos do Vellozo e do Pellucias se encontram as lavras deste ultimo nome, que foram outr'ora muito exploradas. Ficam estas lavras na vertente do corrego do Ouro Preto, na porção comprehendida entre o corrego do Xavier e o morro S. Sebastião.

Seguindo a serra de Ouro Preto do occidente para o oriente, encontram-se as explorações antigas das Lages: a do Padre Viegas e a do Moreira, nos morros de Santa Anna e Piedade ou Agua Limpa, as do Padre Bernardo, no Sumaré, todas ellas constituindo, hoje, as ricas lavras do Tassara, que, segundo estudos feitos, demonstram grandes riquezas, porquanto nellas se encontram minerios, dando cerca de um kilo de ouro por tonelada, produzindo seus minerios mais pobres não menos de cincoenta grammas de ouro por tonelada. No morro das Lages nota-se o itaculumito inteiramente despido de tapanhoacanga e do itabirito e grande numero de galerias e cattas, o que demonstra a sua antiga exploração.

Nas lavras do Tassara, a propria tapanhoacanga dá, segundo a opinião competentissima do illustrado Dr. Costa Senna, quatro grammas por tonelada.

Como se vê, o solo de Ouro Preto encerra em seu seio uma riqueza que, por certo, fará, em futuro não muito remoto, reviver a grandeza dessa lendaria cidade.

O clima é saluberrimo. A media das temperaturas maximas annuaes é de 25°, a media das temperaturas minimas annuaes é de 11°, a maxima absoluta é de 29° e a minima de 2°.

Os nevoeiros que encobriam antigamente a cidade têm desapparecido nestes ultimos annos.

O meu engrossamento (é a expressão da actualidade) não vai ao ponto de achar a cidade bonita; é, porém, pittoresca, offerecendo, de diversos pontos, panoramas encantadores.

Pelas suas condições topographicas, as suas ruas são em ladeira, algumas bastante ingremes, excepção unica das ruas Tiradentes e S. José, que são quasi planas. São muito limpas, tortuosas, perfeitamente calçadas (as principaes) a parallelipipedos e com passeios constituidos por lages extrahidas do morro das Lages, excepto os da rua Tiradentes, que são da Serra de S. Thomé das Lettras.

Os predios são antiquissimos, mas bem conservados São de um e dous andares na frente e quatro e cinco nos fundos. Apenas notei na cidade dous predios elegantes e de gosto moderno: o da Caixa Economica, que é de sobrado, e o Lyceo de Artes e Officios, que é terreo.

A cidade é illuminada a kerozene, mas se-lo-á brevemente a luz electrica, para o que já estão assentados os respectivos postes.

---

(1) *Itaculumi*, corr. *itá-rurumim*, o menino de pedra, o filho da pedra, ou a pedra e seu filho; allusão a ser o pico, que tem esse nome, formado de um grande bloco rochoso, tendo ao lado um outro muito menor, como se foram mãe e filho. (Dr. Theodoro Sampaio).

E' abastecida de agua purissima, que vem de diversos mananciaes para dez caixas.

Notei uma modificação no modo de viver dos habitantes de Ouro Preto, o que attribuo á residencia dos estudantes na cidade.

Quando, ha 14 annos, fui a passeio a Ouro Preto, notei que as moças não chegavam ás janellas das casas. Espiavam os transeuntes atravez das vidraças ou das rotulas.

Hoje, não, chegam francamente ás sacadas e sahem á rua para fazerem compras e mostrarem seus lindos rostos.

Não ha muito, assim se expressava um viajante, a respeito dos filhos da cidade de Ouro Preto: Os ouro-pretanos são geralmente pacatos, de costumes severos e probidade proverbial, intelligentes, porém destituidos de pretenções. Raros são aquelles que aspiram alargar seus horizontes, além das elevadas montanhas do Itaculumi. Todas as suas ambições tem por limites a secretaria do Governo, as missas conventuaes do vigario Santa Anna aos domingos, e o gozo dos prazeres da familia, á qual são extremamente dedicados.

« A estas qualidades reunem um espirito de hospitalidade elevado a tal grau, que nunca foi possivel em Ouro Preto manter um hotel em prosperidade. Uma simples apresentação dá ao recem-chegado o direito de ser acolhido como de casa, e desde que é *de casa* a vida se torna de uma amenidade indescriptivel. Não nos faltam mais cuidados e carinhos, de que são prodigos os ouro-pretanos com seus hospedes.

« As moças são bellas, meigas, de um natural alegre, olhos vivos. Não ha ouro-pretana alguma que não seja espirituosa, doceira e que a respeito de musica não conheça, pelo menos, o methodo de Hunten de principio ao fim. Cantam maviosas modinhas, com acompanhamento de violão ou de piano, e nessas occasiões julgo que nenhuma mulher no mundo poderá rivalisar em attractivos com uma ouro-pretana, senão outra ouro-pretana. »

Estes predicados, reunidos a um clima delicioso, a uma agua crystallina e excellente, fazem de Ouro Preto uma cidade que o viajante deixa com profunda saudade.

E' uma cidade que eu escolheria para confiar minha alma a Deus.

Ha no perimetro da cidade 48 ruas e seis praças. Das ruas, são mais commerciaes as denominadas Tiradentes, antigamente S. José, e Dr. Claudio, antigamente Ouvidor.

Nesta fica a casa onde residiu Gonzaga, e naquella a casa dos Contos, onde funcciona o Correio, e onde foi assassinado Claudio Manoel da Costa, a Escola Normal, o Lyceu de Artes e Officios e a Caixa Economica Particular de Ouro Preto. No lugar em que se ergue o predio n. 8 dessa rua foi onde se collocou um poste de ignominia, sobre o qual se lia a sentença que condemnava Tiradentes e sua descendencia á infamia até á quinta geração. Ha ainda nessa rua, junto ao correio, uma ponte, denominada dos Contos, gradeada de ferro sobre pilares de pedras, construida em 1745 e sob a qual se deslisa um lacrimal; e uma fonte onde se lê a seguinte inscripção.:

Isquae potatum gens, pleno ore senat securi ut sitis nam facit ille sitis

Outra rua de bastante transito da cidade é a do Conde de Bobadella, antiga Direita, onde nasceram os viscondes de Ouro Preto e do Serro Frio e onde morou Gomes Freire de Andrade, primeiro Conde de Bobadella, Governador das tres capitanias do Rio de Janeiro, Minas Geraes e S. Paulo e fallecido no Rio de Janeiro a 1 de janeiro de 1763, sendo sepultado no presbyterio do Convento das Freiras de Santa Thereza.

Entre as praças nota-se a da Independencia, a qual serve de divisa entre as freguezias do Pillar e de Antonio Dias. Nellas ficam a Escola de Minas, a Camara Municipal, o Forum e a Cadeia e no seu centro inaugurou-se o monumento a Tiradentes no dia 21 de abril de 1894. O monumento é de granito, levado do Morro da Viuva, na Capital Federal, cujas pedreiras forneceram 200 metros cubicos de pedra. Do chão á cabeça da estatua ha a altura de 19 metros. A baze é de 196 metros quadrados, comprehendendo o passeio, pois cada um dos lados mede 14 metros. Dão accesso para o primeiro pedestal tres degraos, com o comprimento de nove metros cada um. Partem deste pedestal quatro escadarias; a cujos cantos se levantam aras votivas; chega-se então á base, de architectura dorica, tendo em cada face uma grande placa de bronze, com os disticos e inscripções seguintes.

Na frente:

E dentro do triangulo, sobre o qual repousa uma palma, os seguintes dizeres:

AO PROTO-MARTIR DA LIBERDADE NACIONAL
JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER
O TIRADENTES

A' esquerda:

7 de Setembro de 1822-7 de Abril de 1831
15 de Novembro de 1889
15 de Junho de 1891
Mandado erigir pelo 1° Congresso do
Estado de Minas Geraes
Lei numero 3 de 25 de Setembro de 1891

Na parte posterior:

21 de Abril de 1792
21 de Abril de 1892

A' direita:

Aqui, em poste de ignominia,
Esteve exposta sua cabeça.

Sobre a referida base assenta um obelisco de granito, com decorações de bronze, e coroado por uma cimalha de estylo jonico, com quatro capiteis tambem de bronze. E' ahi que está collocada a estatua, que tem dous metros e oitenta e cinco centimetros de altura.

A figura de Tiradentes mantem-se em posição erecta e firme. Na sua physionomia não se observa a menor demonstração do terror que a scena lhe possa inspirar: está serena e apresenta a calma dos justos. Sua barba e seus cabellos compridos dão-lhe o aspecto do Nazareno. A alva cobre-lhe o corpo e o baraço colleia-lhe o pescoço. Impassivel e silenciosamente ouve a leitura de sua sentença de morte.

« Ha na face do glorificado heróe e martyr, diz um escriptor, a altivez, o orgulho, a revolta do réo que se julga superior aos seus juizes, tudo isso envolto em uma expressão de piedade para com aquelles que o sacrificam e que elle olha, indifferente para a morte, como quem sabe que a vida futura, enraizada no coração e na memoria dos homens, vale mais do que a vida miseravel que se arrasta na terra, entre a imbecilidade dos inimigos e as traições dos amigos ».

Foi fundida a estatua na Italia, tendo sido as peças decorativas do monumento (24 peças) fundidas em Buenos-Aires.

A composição geral é harmonica e perfeita e o monumento é considerado como um dos primeiros do Brasil, como belleza de concepção e sobriedade e perfeição de estylo.

Antes da estatua, na administração do venerando Doutor Joaquim Saldanha Marinho, levantou-se no jardim, que havia na praça, uma columna em memoria a Tiradentes. A pedra desta columna serviu de pelourinho em que eram amarrados e açoitados publicamente os condemnados.

Nesta praça fica a casa em que residiu D. Manoel Portugal e Castro. A casa é um sobrado, cujas janellas superiores tem no gradil de ferro o seguinte:

« *Para eterna memoria do beneficio immortal, teu nome fica gravado neste metal.* »

Na janella do centro ha mais um monogramma com as iniciaes D. M. P. C.

Além das ruas citadas, ha, nas Cabeças, duas outras importantes, por terem residido nellas dous homens notaveis: a do Alvarenga e Bernardo Guimarães.

Na primeira residiu Ignacio de Alvarenga Peixoto, um dos inconfidentes; na segunda falleceu o celebre romancista e poeta Bernardo Guimarães.

Ha na cidade os seguintes estabelecimentos commerciaes: casas de fazendas oito, casas de generos do paiz e molhados sessenta e duas, casas de generos por atacados

seis, casas de fazendas e outros generos tres, casas de ferragens tres, casas de commissões e consignações duas, fabrica de refinação de assucar uma, hoteis e restaurantes quatro, casas de bilhares duas, padarias cinco, fábricas de cerveja tres, papelaria, typographia e objectos de escripptorio quatro, pharmacias oito, lojas de barbeiro sete, alfaiatarias oito, officinas de sapateiro cinco, officinas de ferreiro tres, joalherias tres, atelier dentario tres, estabelecimento photographico um, officinas de calçado seis, officinas de marceneiro sete, officinas de selleiro quatro, officinas de carroças duas, charutaria uma, açougues quatro e fabrica de tecidos uma.

Os bairros da cidade são: Olaria, Passa Dez, Páo Doce, Agua Limpa, Campo do Raymundo, Fonte da Chacara, Casa de Pedra, Seramenha, Taquaral, Morro de S. Sebastião, Morro de Sant'Anna, Campo Grande, Morro da Piedade e Padre Faria.

A cidade tem 1.553 predios e uma população de 10.000 habitantes.

Os districtos do municipio são: Pilar de Ouro Preto, Antonio Dias, Itabira do Campo, Cachoeira do Campo, Congonhas (parte pertencente a Queluz), Ouro Branco, Casa Branca, S. José do Paraopeba, Jesus Maria José da Boa Vista, Soledade, S. Gonçalo do Amarante, S. Gonçalo do Bassão, S. Gonçalo do Monte, S. Bartholomeu, Rio de Pedras, S. Caetano da Moeda e Antonio Pereira.

As estações das estradas de ferro pertencentes ao municipio são: Ouro Preto, a 1.060 metros de altitude, Tripui, Rodrigo Silva, Hargreaves, Miguel Bournier, Congonhas, Jubileu, Santuario, Engenheiro Corrêa e Itabira do Campo. Entre Rodrigo Silva e Hargreaves fica, no alto da Figueira, o ponto mais elevado da Estrada de Ferro Central do Brasil, a 1.364 metros de altitude.

O municipio confina com Queluz, Piranga, Bomfim, Villa Nova de Lima e Marianna.

A cidade estende-se desde a serra de Antonio Pereira até á serra do Manso, de norte para sul, e desde a serra do Tripui até o Itacolumi, de oeste para léste.

A sua principal cordilheira é a serra de Ouro Preto, que se estende da Pedra de Amolar, na estrada da Cachoeira, até o morro de Santo Antonio da Passagem. Os pontos mais elevados dessa serra são os denominados: morros de S. Sebastião, Santa Anna, Páo Doce e Pedra de Amolar, não fallando no grande pico de Itacolumi, que podemos considerar situado na serra do Manso. Entre outros pontos elevados, podemos citar os morros do Cruzeiro, da Forca, do Calvario, do Sarmento e das Cabeças.

No planalto denominado Campo Grande, que fica situado entre a serra de Antonio Pereira e a Serra de Ouro Preto, tem origem o rio das Velhas, cujas nascentes principaes são constituidas pelos corregos dos Andradas, Olaria, Arrenegado, Joaquim Americo e Saboeiro. Nesse mesmo planalto tem ainda origem os corregos do Maquiné e do Evangelista, que lançam suas aguas no ribeirão do Carmo.

Na vertente opposta da serra de Ouro Preto corre no profundo thalweg por ella formado e a serra do Manso o rio Funil, que tem sua origem na bacia das Tres Cruzes e Tripui. Os affluentes principaes do Funil são os conhecidos pelos nomes de Passa Dez, Ouro Preto, Encardideira, Padre Faria e Taquaral, todos estes da margem esquerda; os de Seramenha e Itacolumi pela margem direita.

O Funil toma este nome logo a partir do contraforte do Tripui e o conserva até Santo Antonio da Passagem, onde perde para tomar o nome de ribeirão do Carmo.

A forte declividade que tem o seu thalweg permitte em qualquer ponto, por assim dizer, obter-se uma queda de agua, permittindo ser utilizada como força motora.

A vasão deste ribeirão é de cerca de 800 litros por segundo na época da mais forte estiagem, de onde se póde julgar da riqueza de tão util força com que a natureza dotou essa cidade, ao lado das riquezas mineraes que ella encerra.

Além da freguezia do Pilar, constitue ainda a cidade a frequezia de Antonio Dias, creada pela Carta Regia de 16 de fevereiro de 1724. Estende-se desde a praça da Independencia até o bairro do Padre Faria, onde foram edificadas as primeiras casas da cidade.

Occupa a parte mais oriental e mais profunda da depressão por onde correm as aguas do Funil. Esta parte da cidade é dominada pelos morros de S. João, Sant'Anna e S. Sebastião e pela serra de Itacolumi.

Situada em um terreno gradualmente accidentado, essa parte da cidade é dividida em dous valles por uma série de collinas, que, destacando-se do Itacolumi, correm quasi perpendicularmente na direcção éste-oeste; é sobre uma dessas collinas que está edificada a egreja do Alto da Cruz, sob a invocação de Santa Ephigenia.

Da praça da Independencia ao Alto da Cruz, em linha recta, a distancia é de 930 metros; a partir da praça que se acha a 1.134^{m},85 acima do nivel do mar, desce-se constantemente em ladeiras, mais ou menos inclinadas, até a ponte de Marilia, que está a 1.070^{m},79 acima do nivel do mar, havendo entre esses dous pontos uma differença de nivel de 64^{m},06; da ponte de Marilia ao Alto da Cruz tem-se uma differença de nivel de 76^{m},60.

A partir do Alto da Cruz vai-se por ladeiras pouco inclinadas, até á egreja do Padre Faria. As rochas que constituem a pedraria, denominada Lages, levantadas para o Norte e mergulhadas para o Sul, fazem com o horizonte um angulo de 40 a 50 graus, e, sendo dirigidas sensivelmente na direcção éste-oeste, formam uma parede, a parede norte da garganta, em cujo fundo se acha situada a matriz.

Os ribeiros, que brotam da pedreira reunem-se em um unico que vai lançar-se no Funil e sobre o qual está a ponte de Marilia, defronte da casa de Marilia de Dirceu. Engrossado por estes e por outros pequenos affluentes, corre o Funil de oeste para léste, formando nas vizinhanças da egreja do Padre Faria uma lindissima cascata, onde se acha a ponte da estrada que leva ao pico de Itacolumi e onde se acha uma fabrica.

Curiosidades historicas — A casa em que residiu Marilia de Dirceu é baixa, comprida, com oito janellas de frente e a porta da entrada. Fica muito proxima á ponte de Marilia e no largo do mesmo nome, onde ha uma fonte, na freguezia de Antonio Dias.

Toma de Minas a estrada
Na Igreja nova, que fica
Ao direito lado, e segue
Sempre firme a Villa-Rica.

Entra nesta grande terra,
Passa huma formosa ponte,
Passa a segunda, a terceira
Tem um palacio defronte.

Elle tem ao pé da porta
Huma rasgada janella,
He da salla, aonde assiste
A minha Marilia bella.

As pontes a que se refere Gonzaga são as do Rozario, dos Contos e de Antonio Dias.

O quarto onde Marilia expirou fica contiguo á sala de visitas.

A ponte de Marilia abre-se em dous hemispherios, levantando-se em um delles uma Cruz.

Marilia de Dirceu (Maria Dorothéa Joaquina de Seixas) nasceu em 8 de Novembro de 1767 e falleceu a 9 de Fevereiro de 1853, sendo sepultada na Matriz de Antonio Dias.

A casa de Gonzaga fica na freguezia de Antonio Dias, na rua Dr. Claudio, antiga do Ouvidor, em frente ao Mercado e á Egreja de São Francisco de Assis.

Nella esteve primeiramente a Ouvidoria, mais tarde a Chefia de Policia, quando Ouro Preto era a Capital, e hoje a Delegacia Fiscal. A casa era propriedade de Gonzaga, que exercia o cargo de Ouvidor. Preso elle, foi-lhe ella confiscada em beneficio do erario real.

O quarto em que dormia Gonzaga é o ultimo á esquerda do segundo pavimento, do qual elle avistava a casa de Marilia, que fica quasi defronte.

Disse-me um dos homens mais illustrados de Ouro Preto que era nessa casa onde se reuniam os inconfidentes para tomarem deliberações sobre o projectado *levante*.

A tradição popular diz, porém, que essas reuniões tinham lugar em uma casa isolada, que ainda hoje se vê no morro do Cruzeiro e distante da cidade.

Inclino-me a acceitar o que diz a tradição. Quem conspira o faz com todas as cautellas e em logar ermo, onde não possam ser acompanhados os seus passos.

Ora, a casa de Gonzaga ficava no centro da povoação, em logar accessivel ás vistas de todo o mundo; e não é crivel que nessa casa se reunissem os conjurados para tratarem de assumpto tão grave.

Elles necessariamente procurariam um logar, não accessivel ás vistas populares e distante da povoação e a casa indicada pela tradição se prestava perfeitamente aos fins da conspiração. Accresce que Gonzaga, Claudio Manoel da Costa e tantos outros eram bastante intelligentes e illustrados para não procederem sem a devida reserva, de modo a não se comprometterem.

A *Casa dos Contos*, antes Casa do Real Contracto de entradas, fica na rua Tiradentes, junto á ponte dos Contos. E' um predio solidamente construido, tendo na frente do segundo pavimento nove janellas de sacada, todas com portadas de pedra, sendo a verga da central coberta de bellos relevos.

Logo á entrada, no vestibulo, encontra-se um arco de uma só pedra, que vai de uma parede á outra e uma escada toda de pedra, tendo no principio um bloco sobre o qual está esculpido um ramalhete de flores. Ahi, no pavimento terreo, á direita de quem entra, ha duas salas, em fórma de prisões, tendo apenas no alto uma meia janella com grossos varões de ferro. Na sala dos fundos, onde está o Almoxarifado, foi onde esteve preso e foi assassinado Claudio Manoel da Costa, cujo corpo foi naturalmente sepultado na propria casa.

A tradição diz que o corpo foi encontrado, já sem vida, em um cubiculo, que fica abaixo da escada. Não é de crêr, porque esse cubiculo é tão acanhado, que quasi não permitte que um individuo possa manter-se de pé. Além disso, na prisão de Claudio devia haver uma cama, uma mesa para as refeições e o celebre armario onde, dizem, elle amarrara a corda com que se enforcou. Ora, tal cubiculo não permitte a collocação desses objectos.

Accresce que Claudio, pela sua posição e edade, não podia ter uma prisão differente da de muitos dos seus companheiros, que foram encarcerados em outras salas, posto que menores do que á que nos referimos.

Acima do segundo pavimento desse edificio encontra-se a entrada para um subterraneo, que passando por grossas paredes, vai até o solo, donde segue até o antigo palacio do Governo. Nos fundos do predio ainda se vê a chaminé e o forno da antiga fundição. Ha no segundo pavimento 10 grandes salas, onde funccionam as diversas repartições do correio, inclusive a do Director, onde se encontram os retratos do Dr. Betim Paes Leme, Dr. Antonio Olyntho e do Dr. Rodrigues Alves.

Matriz do Pilar. — Tem um aspecto sombrio e se apresenta em um estado de deploravel ruina, com o soalho muito damnificado e com a nave do corpo da egreja ameaçando proximo desabamento. No entanto, seu interior conserva vestigios de sua antiga opulencia.

O aspecto exterior pouco vale. Tem duas torres, quatro janellas e a porta principal.

Logo á entrada se encontra um paravento e o baptisterio com um painel do baptismo de Nosso Senhor Jesus Christo.

O corpo da egreja, que apresenta a forma oval, tem os 14 quadros da Via Sacra, oito tribunas, dous pulpitos dous confissionarios e seis altares lateraes, ricamente dourados e com exhuberante obra de talha. Nos tres altares do lado do Evangelho notam-se as imagens de Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora do Terço e Santo Antonio, e nos tres do lado da Epistola o Senhor dos Passos, Sant'Anna e S. Miguel e Almas. Neste ultimo altar nota-se ainda a imagem de Nosso Senhor Jesus Christo Crucificado, tendo aos pés S. João e Santa Maria Magdalena. Os balaustres das tribunas, do coro e do corpo da egreja são de jacarandá preto, torneados e torcidos.

Seu tecto, formado de polygonos, symetricamente dispostos, em que a esculptura e a pintura disputam entre si a primazia, constitue por si só uma riquissima pinacotheca. Os factos da Escriptura Sagrada estão alli representados com grande proficiencia. Ignora-se, entretanto, qual foi a mão artistica que tão habilmente delineou tantos primores, que têm sido superiores ao tempo, conservando ainda sua belleza atravez de muitas dezenas de annos.

A capella-mór é riquissima. Os altares e as paredes são todos dourados. Tem um altar, em cujo throno se ergue a imagem de Nossa Senhora do Pilar e por cima do Sacrario a bonita imagem do Sagrado Coração de Jesus. Nas paredes ha quatro paineis representando os Evangelistas e na nave um outro da Ceia do Senhor. Tem quatro tribunas.

A sacristia fica nos fundos da egreja; é vasta e bem clareada. Tem um grande arcaz com um nicho e nelle Nossa Senhora do Pilar, mais duas mezas, um chafariz de pedra-sabão e dous paineis no tecto, representando a Assumpção e a Coroação de Nossa Senhora.

As mesas são verdadeiras preciosidades. Talhadas em negro jacarandá, algumas ha cujos pés, de uma forma espiral caprichosamente esculpida de ricos lavores, constituem hoje, por si só, um objecto raro e digno de figurar em um museu de archeologia.

Por cima da sacristia fica o consistorio com dous altares, um com as imagens de Nossa Senhora das Dores e de S. Luiz Gonzaga e outro com Santo Antonio; e sobre duas credencias Nossa Senhora das Graças e Nossa Senhora de Lourdes.

Dizem que o terreno, sobre o qual se ergue esta egreja, é muito aurifero.

No corredor do lado do Evangelho ha um commodo, onde se encontra o tumulo do Conego Joaquim José de Sant'Anna. Pendem da parede diversos quadros religiosos e os retratos do Conego Sant'Anna vivo e morto. Sobre uma pequena mesa acham-se as vestes talares de que usava esse conego.

São-lhe filiaes:

A Capella do Bomfim, na rua da Gloria, perto da Matriz.

Ordem Terceira do Carmo — A egreja, uma das mais bonitas e mais alegres de Ouro Preto, está situada em um alto, dando os fundos para a Cadeia e a frente para a cordilheira que cerca a cidade ao poente. E' bastante grande e possue as naves bastante elevadas. E' accessivel por duas entradas e precedida de um vasto adro.

A frontaria pareceu-me pertencer ao estylo barrôco e compõe-se de duas torres, a cruz no centro, duas janellas e a porta de entrada, tendo em cima as armas da Ordem em relevo sobre pedra-sabão.

Logo á entrada vê-se um artistico paravento, ladeado por duas columnas e o côro amparado por tres arcos com quatro columnas e com um harmonium.

No corpo da egreja notam-se seis altares com os passos do Senhor e as imagens, do lado do Evangelho, de S. Sebastião, Nossa Senhora da Piedade e S. José, e do lado da Epistola, de S. Manoel, S. João e Santa Luzia; os 14 quadros da Via Sacra, dous pulpitos, duas tribunas e dous confissionarios.

Na capella-mór ha quatro tribunas e um altar, tendo no throno Nossa Senhora do Carmo, abaixo Santa Quiteria e aos lados Santo Elias e Santa Thereza. No roda-pé ha azulejos representando a vida dos santos da ordem carmelitana.

As naves, tanto da capella-mór como do corpo da egreja, são singelas e os altares dourados e com alguma obra de talha.

No arco-cruzeiro ha uma tarja de madeira com as armas da Ordem.

Nos fundos da egreja e com ella communicando-se por dous extensos corredores fica a sacristia, que é toda ladrilhada de mosaico. Nella existem um arcaz e sobre elle um oratorio, ambos de elevado valor artistico; dous paineis, um de S. Luiz, Rei de França e outro de Santo Eduardo; e uma bonita *fonte*, obra do Aleijadinho, feita em 1776, de pedra-sabão, com ricos lavores, tendo no centro, em relevo, a imagem de Nossa Senhora do Carmo. No tecto ha diversos paineis, pintados em 1805, tendo no centro um representando Maria Santissima recebendo de um anjo diversos corações.

Por cima da sacristia fica o consistorio com um altar e nelle a imagem de Nosso Senhor Jesus Christo Crucificado e na urna o sepulchro do Senhor. As imagens dessa egreja são um primor, como trabalho de esculptura.

Ao lado esquerdo da egreja fica o cemiterio da Ordem, com diversas catacumbas, entre as quaes a do Senador Barão de Camargos e do Commendador José Pedro Xavier da Veiga.

Consultamos o archivo da Ordem e dos muitos livros nelle existentes, muitos dos quaes de difficil leitura, conseguimos colher os seguintes apontamentos:

Foi acceita e confirmada como Ordem Terceira do Carmo de Villa Rica por Carta Patente de 15 de Maio de 1751 e Provisão de Frei Manoel da Cruz, primeiro Bispo de Marianna, de 19 de Agosto de 1754, na capella de Santa Quiteria, que existia no logar em que se ergue a actual egreja,

Foi autorizada a creação de uma Irmandade nesta Ordem, por Provisão do mesmo Bispo de 17 de outubro de 1753.

Foi eleita a primeira mesa a 21 de dezembro de 1752, sendo seu prior o Tenente-Coronel Manoel de Souza Pereira.

O primeiro compromisso foi feito em 1º de abril de 1755, e o segundo, que é o que rege actualmente a Irmandade, feito em 1º de fevereiro de 1879 e approvado pelo Bispo D. Antonio Benevides em 16 de abril do mesmo anno.

No local em que se ergue a egreja estiveram reunidos e entrincheirados, em 1720, os revolucionarios capitaneados por Philippe dos Santos.

Egreja de S. Francisco de Paula.— Fica situada em um dos pontos mais elevados da cidade, offerecendo um lindo panorama, pois se vê a cidade por inteiro, a série de collinas sobre as quaes ella repousa e ao longe o Itaculumi com a sua fronte recurvada e nua emergindo da cordilheira. E' accessivel por duas escadas de pedra, em cujas extremidades se erguem as estatuas dos quatro Evangelistas.

Sua fachada não tem estylo. Tem duas torres, duas janellas e a porta principal.

Seu interior é vasto e muito alegre; não prima pela opulencia, mas tem a simplicidade christã.

As naves são bastante elevadas; os altares possuem alguma obra de talha e são dourados. Logo á entrada depara-se com um paravento e acima o côro com um harmonium.

No corpo da egreja acham-se seis altares: os tres do lado do Evangelho, um de Nossa Senhora da Consolação e S. Francisco de Assis, outro de Nossa Senhora da Conceição e outro de S. José; os tres do lado da Epistola, um de S. Miguel, outro de Nossa Senhora da Piedade e outro de S. Francisco de Salles. Tem dous pulpitos; não tem tribunas.

No primeiro desses altares vê-se no degrau da banqueta um prego que foi nelle pregado pelo finado imperador na sua primeira viagem a Ouro Preto, pelo que esse altar tem gravado a corôa imperial.

A capella-mór tem um altar com a Senhora da Piedade no throno e S. Francisco de Paula abaixo. Em dois nichos lateraes S. Francisco de Assis e Santa Monica. Tem quatro tribunas e na nave dous paineis, representando, um o cego do Evangelho, e outro a Samaritana. Nos fundos da capella-mor fica a sacristia com um arcaz e nelle um altar com o Senhor Crucificado e differentes quadros com retratos, entre os quaes um com o retrato do 1º commissario da Ordem, Thomaz Machado de Miranda. Por cima da sacristia fica o consistorio com um altar do Senhor Crucificado e na urna o esquife do Senhor.

A' esquerda da egreja fica o cemiterio.

Os fundamentos dessa egreja foram lançados em 1804.

Egreja de S. José. — Situada em plano inferior a de S. Francisco de Paula, ainda na mesma collina. E' um templo muito modesto. Tem uma só torre no centro e a porta principal. Na capella-mor existe um altar com as imagens de Nossa Senhora do Parto e S. José, e na urna o sepulchro do Senhor: em dous nichos, aos lados, S. Braz e Santo Amaro. Tem duas tribunas.

No corpo da egreja ha quatro altares; os dous do lado do Evangelho, um com o Sagrado Coração de Jesus, o Coração de Maria e Santa Anna, e outro com as imagens de Nossa Senhora das Victorias e Nossa Senhora da Boa Morte; os dous do lado da Epistola, um com Santa Barbara e Nossa Senhora do Rozario e outro com São João Nepomuceno. Tem dous pulpitos, os 14 quadros da Via Sacra e sete da Via Dolorosa de Nossa Senhora, e o coro com um harmonium. Nos fundos da capella-mór fica a sacristia com uma arcaz e nelle um nicho com o Senhor Crucificado, um chafariz de pedra-sabão e retratos dos Dr. Diogo de Vasconcellos, D. Pedro II, Dr. Gonçalves Ferreira, D. Antonio Viçoso, Conego Sant'Anna e outros.

Acima da sacristia fica o consistorio com um altar de S. Vicente de Paulo e um painel da Ceia do Senhor.

Ao lado direito da egreja fica o cemiterio, onde em *cova rasa* esteve inhumado Bernardo Guimarães, cujos ossos repousam actualmente dentro de uma urna de madeira, que fica no corredor á esquerda.

Egreja do Rozario. — Fica situada no largo do Rozario. E' de estylo romano. E' constituida por tres rotundas e um quadrilatero nos fundos. Tem duas torres.

Seu interior, que tem a forma ellipsoidal, é muito singelo.

Os altares são pintados. Tem, além do altar-mór, mais seis altares no corpo da Egreja.

A sacristia tem um arcaz e, no tecto, quatro paineis. Por cima da sacristia fica o consistorio com um altar consagrado ao Senhor Crucificado.

Além dessas egrejas, são mais filiaes á freguezia do Pilar de Ouro Preto a das Mercês, proxima do antigo palacio, as capellas de S. Sebastião, no morro do seu nome, rodeada de insignificante casaria e a do Senhor do Bomfim de Mattosinho, no alto das Babeças e que, conservando durante todo anno cerradas as suas portas, as abre solennemente a 14 de setembro, para festejar seu Padroeiro. Nessa occasião expõe aos fieis, além de algumas imagens bem acabadas, uma collecção de paineis esculpidos em baixo-relevo sobre madeira, representando os Passos da Paixão de Christo.

Na freguezia de Antonio Dias encontra-se a matriz, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, que fica entre um trecho da rua Vasconcellos e da rua Detrás (onde morou o Aleijadinho), com o frontespicio para o largo da Matriz de Antonio Dias. Tem duas torres, duas janellas e a porta principal, acima da qual se vê a corôa imperial.

No corpo da egreja encontram-se os 14 quadros da Via Sacra, 10 tribunas, dous pulpitos, um confissionario, oito paineis entre as tribunas e oito altares.

Na capella-mór tem um altar de Nossa Senhora da Conceição, no throno e aos lados, em dous nichos, Santa Barbara e S. Jeronymo.

Tem seis tribunas e quatro paineis com os Evangelistas. Na nave ha diversos paineis.

Nos fundos do altar-mór fica a sacristia com um altar de S. Vicente de Paulo. No consistorio fica um altar com a Senhora da Conceição.

Na egreja acha-se sepultada Marilia de Dircêo.

São filiaes a ella:

A *egreja de S. Francisco de Assis* que se ergue no largo do Mercado Municipal.

Tem a forma oitavada. Seu estylo é muito severo e de harmonia com a humildade de seu padroeiro.

O frontespicio compõe-se de duas torres, duas janellas, a cruz do patriarcha com dous braços e duas espheras dos lados, com cinco signaes indicando as cinco chagas, um medalhão representando em relevo, S. Francisco recebendo os estygmas sagrados, abaixo Nossa Senhora dos Anjos e a porta principal.

Na entrada da egreja ha um para-vento, duas pias e um painel no tecto.

No corpo da egreja encontram-se seis altares, com abundante obra de talha e dourados, duas pias, o côro com um harmonium, uma rica nave primorosamente pintada, tendo, no centro, um painel representando a Ascenção da Virgem, cercada de anjos, uma balaustrada entrelaçada de folhagens e flores, e dous paineis representando S. Pedro e Santa Maria Magdalena. Nos quatro angulos ha paineis representando S. Jeronymo, Santo Agostinho, S. Gregorio e Santo Ambrosio.

Os altares do lado do Evangelho contém o Sagrado Coração de Jesus, S. Ivo e Santa Izabel, Rainha de Portugal, e os do lado da Epistola o Sagrado Coração de Maria com Santa Rosa de Viterbo, São Roque e os bem casados S. Lucio e Santa Bona. As imagens dos santos desses altares são grosseiros e acham-se ridiculamente vestidos.

Nos dous angulos do côro ficam dous paineis, um do Amor Divino e outro de Santa Clara de Assis. Não tem tribunas, havendo apenas oito janellas de cada lado.

No arco-cruzeiro ficam dous pulpitos de pedra-sabão ricamente esculpturados. No do lado do Evangelho, na frente, vê-se Jesus Christo sobre uma barca pregando ás turbas no mar de Tiberiades; e no do lado da Epistola, o propheta Jonas no acto de ser lançado ao mar e prestes a ser engulido por um baleia.

Aos lados de cada um dos pulpitos vêm-se dous dos quatro Evangelistas, cujos nomes são indicados pelas figuras allegoricas da visão do propheta Ezequiel, a saber: o anjo junto a S. Matheus, o leão a S. Marcos, o boi a S. Lucas e a aguia a São João.

Na capella-mór fica um altar tendo no throno Nossa Senhora dos Anjos, S. Francisco de Assis abaixo e S. Luiz, Rei de França, e Santa Izabel, Rainha de Portugal, aos lados. Em cima esse altar um quadro tendo em relevos a Santissima Trindade coroando Nossa Senhora. Na nave, que é de pedra, ha quatro medalhões em relevo representando Santo Antonio, S. Ivo, S. Boaventura e S. Conrado. Nas paredes, diversos paineis, entre os quaes um com S. Francisco recebendo as regras da Ordem, outro pedindo as mesmas regras, outro

representando a ceremonia do lava-pés, outro a Ceia do Senhor com os apostolos e outros com os retratos dos papas Sixto I, Nicolao IV e V e Gregorio IX; nos roda-pés existem 10 paineis representando a vida de Abrahão.

A Sacristia é espaçosa e bem arejada. Tem um arcaz e sobre elle Nosso Senhor Jesus Christo Crucificado e S. Francisco osculando-lhe as feridas, um *lavabo* de pedra-sabão ricamente esculpturado e construido de 1777 a 1779, e 10 paineis representando S. Francisco pregando, S. Francisco pedindo a Jesus Christo as regras, S. Francisco lendo as mesmas a Frei Elias, S. Francisco recebendo de Gregorio IX a confirmação das mesmas, S. Roque, Santa Clara, Santa Izabel, Rainha de Portugal, S. Luiz, Rei de França, S. Ivo e Santa Izabel, Rainha da Hungria. No tecto ha cinco grandes paineis, o do centro com S. Francisco depois da morte e os dos lados com S. Francisco no deserto, Santa Clara e Santa Roza de Viterbo.

O chafariz ou lavabo é composto de uma cruz com dous braços, as cinco chagas, e dous anjos, um com uma ampulheta e outro com um craneo, mais um anjo com um medalhão com o retrato de S. Francisco em uma das mãos e na outra com uma corôa pendente sobre uma estatua representando a Fé, com os olhos vendados e tendo nas mãos um pequeno retabulo com o seguinte pentametro: *Hæc est ad Cœlum, quæ via ducit oves.*

Abaixo e proximo á pia vê-se, de um e outro lado, mãos, pescoço e rosto de dous cervos, por cujas boccas deve correr a agua. No retabulo que os encobre lê-se o seguinte hexametro: *Ad Doninum curro, sitins, ut cervus ad undas.*

Mais abaixo lê-se em uma fita: « *Os sachristães de 1777, 78 e 79.* »

Nos fundos da egreja e por cima da sacristia fica o consistorio com um altar e nelle o Senhor Crucificado.

Ao lado esquerdo da egreja fica o cemiterio da Ordem.

São obras do Aleijadinho a talha e esculptura do frontespicio, os dous pulpitos, o chafariz da sacristia, as imagens das tres Pessoas da Santissima Trindade e dos anjos que se notam no cimo do altar-mor, a talha deste e bem assim a esculptura allusiva á Ressureição de Christo, que se vê na frente da urna do altar-mór, a figura do Cordeiro que se acha sobre o sacrario, e, finalmente, toda a esculptura do tecto da capella-mór.

Tambem é obra do Aleijadinho a imagem de S. Jorge, que annualmente costuma sahir a cavallo na procissão de *Corpus-Christi.*

A respeito da encommenda desta obra, deu-se o seguinte facto, que assim é narrado pelo Sr. José Pedro Xavier da Veiga, em suas *Ephemerides Mineiras*:

« O General D. Bernardo José de Lorena, attendendo a que era muito pequena a imagem do dito santo, que então havia, deu ordem a que viesse á sua presença o Aleijadinho, que devia ser encarregado de fazer uma outra. O estatuario compareceu em palacio depois de muitas instancias para o fazer. Logo que o vio, o Coronel José Romão, ajudante de ordens do general, exclamou, recuando: *Feio homem!* ao que disse em tom aspero Antonio Francisco, ameaçando retirar-se: — *E' para isso que S. Ex. ordenou-me que aqui viesse?* »

« O General, que logo appareceu, tranquilisou o artista e pode entrar com elle em detalhes relativos á imagem de S. Jorge, que declarou devia ser de grande vulto, e tendo tomado para exemplo o do dito ajudante de ordens que se achava presente, o Aleijadinho, voltando-se para este e retribuindo a offensa delle, disse duas vezes meneiando a cabeça e com ar displicente: *Forte arganaz! Forte arganaz!* ».

« Pretende-se que quando o artista deu por acabada a imagem não houve quem nella deixasse de reconhecer uma copia fiel do dito José Romão, que formando o mesmo juizo, em vão se oppoz a que ella sahisse nas procissões. »

Do archivo da Ordem colhemos as seguintes datas:

Foi confirmado o compromisso por Provisão da mesa da consciencia e ordens de 19 de outubro de 1820.

A Ordem foi confirmada por provisão de 31 de julho de 1820.

O compromisso é de 17 de setembro de 1761.

Foi mandada fundar a Ordem em 29 de novembro de 1746 pelo Frei Antonio de Santa Maria.

Nas *Ephemerides Mineiras*, de J. P. Xavier da Veiga, apenas encontramos a data de 12 de agosto de 1767, data em que foi expedido aviso do Conselho Ultramarino ao Governador da Capitania, mandando que informe sobre a representação dos Terceiros da Ordem de S. Francisco de Assis, erecta na matriz de Antonio Dias, pedindo para edificarem capella em separado.

Capella das Mercês de baixo, a poucos passos da egreja de S. Francisco de Assis.

Capella de Nossa Senhora das Dores, construida no Campo das Dôres, na rua do mesmo nome. Foi uma confraria até 1862, passando nesta data á Ordem Terceira. Seu compromisso foi approvado por D. Antonio Ferreira Viçoso a 28 de fevereiro desse anno.

Capella da Santa Iphigenia, no Alto da Cruz, com duas torres e um velhissimo regulador, fabricado em Villa Rica. Reza a tradição que os escravos, que trabalhavam antigamente nas minas, alli iam rezar aos sabbados e para fugirem á revista dos feitores, occultavam o ouro em pó na carapinha, que lavavam na pia da capella em beneficio da Santa.

Capella do Padre Faria, sob a invocação de Nossa Senhora das Necessidades, fica no arrabalde do Padre Faria, em cujo atrio se ergue um cruzeiro feito das rolhas do Itaculumi.

Capella do Bom Jesus das Flores, no Taquaral, na estrada de Marianna.

Capella de Santa'Anna, no morro do mesmo nome e de S. João, no morro de S. João, ambas proximas da margem da estrada de Antonio Pereira.

Capella de Nossa Senhora da Piedade, no morro da Piedade, perto da Agua Ferrea do Taquaral.

Ha ainda a capella de Sant'Anna, na Santa Casa da Misericordia, e a do cemiterio do Seramenha, sob a invocação de S. Miguel, perto do leito da Estrada de Ferro.

Santa Casa de Misericordia. Vasto edificio, situado á distancia do centro da cidade e dirigido pelas filhas de Maria Auxiliadora da congregação salesiana.

Tem, na frente, 14 janellas de sacada no segundo pavimento e 10 janellas de peitoril e quatro portas no primeiro. A' esquerda fica o necroterio.

No segundo pavimento tem tres grandes corredores: no da frente ficam tres quartos para pensionistas, a sala da mesa, a sala das operações e a sacristia da capella. No corredor do flanco direito ficam quatro enfermarias de mulheres (Nossa Senhora da Conceição Apparecida, Nossa Senhora Auxiliadora, S. Domingos e S. José), com 25 leitos, a rouparia e o refeitorio das mulheres; e no corredor do flanco esquerdo a Capella, duas salas de aulas, sala de piano, cozinha e dispensa.

No pavimento terreo ficam as enfermarias dos homens (Santo Antonio, S. João, S. Francisco de Paula e Nossa Senhora Auxiladora), com 25 leitos, sala de operações, um quarto para pensionistas, duas enfermarias para soldados e o refeitorio para homens.

Na sala da mesa acham-se diversos retratos de bemfeitores, o de D. Bosco e de duas congregadas, fallecidas no desastre de Juiz de Fóra; e o busto em gesso do Monsenhor Luiz Lasagna, victima do mesmo desastre.

Na capella, além do altar-mór consagrado a Sant'Anna, padroeira do hospital, ha mais dous altares, um com o Sagrado Coração de Jesus e outro de Nossa Senhora Auxiliadora.

Os estatutos da Santa Casa foram approvados pela Lei n. 1.841 de 12 de outubro de 1871.

Além desta pia instituição, possue mais a cidade dous asylos: o de Santo Antonio, na freguezia do Pilar, e o de Santa Izabel, na freguezia de Antonio Dias. O primeiro foi inaugurado a 25 de agosto de 1896 e o segundo a 2 de agosto de 1899, em frente á capella do seraphico S. Francisco de Assis, em uma casa generosamente cedida para esse fim pelo Capitão Pedro Coelho de Magalhães Gomes.

Camara Municipal. — Funcciona no edificio do antigo Senado, á Praça Tiradentes, dando a frente para a rua Bobadella e para o lado esquerdo da estatua do inolvidavel martyr. Tem seis janellas de sacada no segundo pavimento e quatro de peitoril e duas portas no primeiro.

Funccionou na cadeia e na Casa da Relação.

Tem na frente do segundo pavimento o salão nobre com os retratos dos Drs. Silviano Brandão, Donato Joaquim da Fonseca, Campos Salles, e José Bonifacio (o moço), e uma bonita tela representando a leitura da sentença a Tiradentes. Para os fundos ficam os gabinetes do agente executivo e do secretario, a secretaria, o archivo, a sala de secções da Camara e das commissões.

No primeiro pavimento ficam a recebedoria e a secção de aguas e esgoto.

Cadeia.—A 7 de setembro de 1746 foi expedido um aviso do Ministerio Ultramarino ao Governador da Capitania de Minas, remettendo-lhe a carta em que a Camara de Villa Rica participa ter sido posta em praça e arrematada por 60.000 cruzados a construcção da cadeia de pedra e cal.

Contratada nesse anno a construcção, tiveram começo as obras annos depois, ficando mais tarde paralyzadas, sendo impulsionadas provavelmente em 1784 ou 1785, por ordem do Governador Luiz da Cunha Menezes.

Fica situada na praça Tiradentes, dando a frente para a estatua do martyr e para a Escola de Minas.

Sua architectura, de ordem jonica e dorica, é elegante, sobresahindo a perfeição de suas columnas e pilastras de cantaria, primorosamente talhadas.

Sua fachada compõe-se de uma torre com dous sinos, um relogio abaixo, e no capitel a corôa imperial.

Compõe-se de tres corpos: um central com duas janellas no segundo pavimento e duas portas no primeiro, e dous lateraes, tendo ambos seis janellas de sacada no segundo pavimento e seis de peitoril no primeiro, todas gradeadas de ferro.

Nos quatro angulos da cimalha levantam-se quatro estatuas, uma das quaes, a da justiça, por um epigramma aos tempos que correm, deixou cahir a balança, ficando somente com o alfange. Naturalmente, no logar da balança vão collocar *uma bolça com dinheiro.*

Seu interior não prima pelo asseio; as paredes estão muito ennegrecidas e o cheiro que exalam as prisões não é dos mais agradaveis.

Tem sete xadrezes, sendo seis para homens, duas officinas de sapateiro, uma de carpinteiro, o corpo da guarda e um oratorio com a imagem de Nossa Senhora da Conceição. Precede o edificio uma escada de pedra de dous lances, tendo na frente um chafariz com a inscripção seguinte: *"Inaugurado a 2 de Dezembro de 1846, 21° anniversario de S. M. I. o Sr. Dom Pedro II, por ordem do Presidente da Provincia, Quintiliano José da Silva".*

Quartel de Policia.— Está situado na rua das Flôres, dando a frente para o lado direito da Escola de Minas.

E' um bom e espaçoso edificio.

Escola de Minas.—Funcciona no antigo Palacio do Governo, a cavalleiro da praça Independencia, na altitude de 1.160 metros. Tem o edificio a forma de uma fortificação, cercado de baterias, soteas e todos os accessorios das construcções feudaes da idade media.

Compõe-se de dous pavimentos.

No primeiro, á esquerda de quem entra no edificio, notam-se: a aula de estradas, pontes e viaductos, com um gabinete ao lado, onde se encontram modelos de estradas de ferro e pontes; a sala de aula de mechanica applicada, com as paredes revestidas de quadros muraes, com um gabinete ao lado, onde se encontram, modelos de machinas operatrizes, motrizes e diversos instrumentos para trabalhos praticos de hydraulica, e no fundo um gabinete supplementar com materiaes fornecidos pela estrada de ferro Central, considerados como imprestaveis e que prestam grandes serviços ao estudo dos alumnos; á direita, que era a parte occupada pela imprensa official, encontram-se duas salas de aulas, uma de architectura e estabilidade das construcções, e outra de geometria descriptiva e suas applicações; um gabinete desta ultima cadeira, contendo modelos em gesso e madeira, estes feitos sob a inspecção directa do lente da mesma cadeira; tres salas de desenho e logo em seguida o gabinete de architectura e estabilidade das construcções, no qual se acha montada uma machina para experiencia da resistencia dos materiaes, com força de tres mil kilos, do constructor Falcot Frères.

Em quatro salas de aulas encontrei um quadro negro, engenhosamente feito por um operario da Escola, e que permitte a ascensão e descida por meio de corrediças.

Nos fundos desse pavimento ficam, na sala da antiga encadernação da imprensa official, uma officina de marceneiro, e um commodo de abobada de pedra destinado á camara escura para revelação de placas photographicas.

No segundo pavimento, á direita e nos fundos, fica a antiga sala de jantar do Presidente do Estado, hoje transformada em aula de physica, com um bem montado gabinete ao lado, dispondo de apparelhos de electricidade destinados ás mais modernas experiencias, desde os raios X até a telegraphia sem fios, gabinete este dirigido por uma das mais possantes mentalidades da escola, o Dr. Augusto Barbosa da Silva, que, na America do Sul, foi o primeiro a fazer experiencias das descobertas, apenas noticiadas dos raios X e de Marconi, cumprindo notar que essas experiencias foram feitas com apparelhos preparados na escola.

No fundo fica a antiga cozinha do palacio, que serve hoje para um gabinete de electro-technica, havendo já estabelecido ahi um motor a petroleo, accionando dous dynamos. Pretende-se aproveitar uma área contigua para o estabelecimento de uma usina de electro-metallurgia, segundo o projecto concebido pelo illustrado Dr. Augusto Barbosa, que obteve recentemente privilegio para um forno de sua invenção, visando a fabricação directa do ferro pela electricidade.

Sabemos que o orçamento para essa usina é de cem mil francos e que no Congresso Nacional está em via de approvação a verba necessaria..

A' sala de physica seguem-se: a bibliotheca com 6.000 volumes, diversas salas com amostras de mineraes, um gabinete de trabalho de mineralogia e geologia, com uma importante collecção de mineraes e rochas, principalmente do Estado de Minas; e a sala de aulas de mineralogia, metallurgia, geologia, direito, etc.

No corpo da frente, para tráz, fica o gabinete de metallurgia e lavra de Minas, com grande numero de modelos e amostras de materia prima, etc., para o estudo da metallurgia dos diversos metaes e estudo da exploração de Minas; propriamente na frente fica o gabinete de mineralogia e geologia, com uma rica collecção de mineraes, rochas e fosseis, não só do Brasil, como do Extrangeiro (cerca de tres mil amostras de mineraes, mil de rochas e 800 de fosseis), destacando-se, pela belleza, os de Minas, Chile e Bolivia, trazidos pelo illustrado Dr. Costa Senna.

Nesta sala encontram-se os retratos de D. Pedro II, fundador da escola, do Dr. Lund e de diversas turmas de estudantes que completaram o curso de 1894 em diante, e uma collecção de diplomas conferidos em diversas exposições.

Ao lado desta ultima sala encontra-se um pequeno gabinete, contendo apparelhos diversos, principalmente para o estudo microscopico de rochas e mineraes.

A' direita, na sala em que havia uma capella, fica o gabinete de topographia, astronomia e geodesia, contendo diversos apparelhos para o estudo pratico dessas materias.

Seguem-se a aula de topographia, uma sala com amostras de differentes minas do Estado, amostras de ceramica, lignitos e marmores do Gandarella; o gabinete e aula de zoologia e botanica, contendo craneos e esqueletos montados, animaes empalhados, modelos e quadros diversos; uma sala contendo reptis e peixes conservados em alcool, fibras de vegetaes, sementes e fructos e grande numero de amostras de madeiras de Minas; um pequeno gabinete, contendo um herbario, microscopios e outros apparelhos para o estudo das plantas; a secretaria e o Gabinete do Director.

Escola de Pharmacia. — Foi creada pela Lei n.° 140 de 4 de abril de 1839. Funcciona em um edificio iniciado para Escola Normal e depois modificado para o Congresso Constituinte. Está situada entre as ruas do Carmo e S. Francisco de Assis, em logar isolado e elevado, dando a frente para o Alto da Cruz.

Tem um só pavimento com 10 janellas e a porta principal na frente. Na frente ficam a secretaria, a bibliotheca e o gabinete de anatomia e phisiologia. No flanco esquerdo fica o gabinete de botanica, nos fundos o gabinete de pharmacia e o laboratorio; no flanco direito o gabinete de chimica organica e mineral, e no centro o gabinete de physica.

Na sala da Bibliotheca acham-se os retratos dos Drs. Antonio Augusto de Lima e Silviano Brandão.

Além desses estabelecimentos de instrucção e da Escola Normal, que adiante descrevemos, tem a cidade um Lyceo de Artes e Officios, na rua Tiradentes e o internato e externato do Gymnasio de Ouro Preto, funccionando em edificios differentes: o internato na rua do Collegio Mineiro, o externato na rua de S. José.

Ha no Municipio nove escolas municipaes, no morro de S. Sebastião, Rodrigo Silva, Santa Rita, Lavras Novas, Sabociro, Ponte de Anna de Sá, Miguel Burnier, Santo Antonio do Leite e Itabira do Campo.

Escola Normal. — Funcciona em um grande predio, que foi occupado pela Secretaria de Fazenda, antiga Thezouraria Provincial, na rua Tiradentes.

Está regularmente montada, não se prestando bem o edificio ao fim a que se destina.

Tem dous pavimentos. No segundo possue tres salas de aulas, o salão de recreio, onde se acham installados os laboratorios, o gabinete do director, o vestiario das alumnas, a sala de espera, a sala de visitas dos professores e diversos outros compartimentos; e no primeiro a aula pratica mixta, salão de recreio e estudo, secretaria, archivo e bibliotheca. Tem actualmente nove professores e a frequencia de 150 alumnos.

Visitando essa escola tive occasião de examinar em historia e geographia diversos alumnos da secção feminina, que me satisfizeram completamente, principalmente a intelligente menina D. Elvira Fausta de Magalhães Brandão, que revelou uma applicação fóra do commum.

Os professores são pessimamente retribuidos.

Ouro Preto foi elevado á categoria de villa, com o nome de Villa Rica, em virtude da Ordem Regia de 8 de julho de 1711 pelo governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, no *arraial das Minas Geraes de Ouro Preto*, tres mezes exactamente depois da creação da villa do Ribeirão do Carmo, actual Cidade de Marianna, que foi a primeira creada na capitania.

Como se verá do termo, foi primitivamente seu nome *Villa Real de Albuquerque*, em honra de seu fundador; mas pouco depois ficou sendo somente *Villa Rica*, porque o governo de D. João V assim o ordenou não levando a bem que o Governador lhe desse seu nome sem previa permissão regia.

Foi confirmada na categoria de villa pela Carta Regia de 15 de dezembro de 1712 e elevada á cidade pela Carta Imperial de 20 de março de 1823, com o nome de Imperial cidade de Ouro Preto.

Foi determinada a mudança da Capital para Bello Horizonte pela Lei n. 3 de 17 de dezembro de 1893, e installada nesta ultima cidade em 12 de dezembro de 1897.

Foi mais uma punhalada que, em pleno peito, soffreu a lendaria cidade. Ella, porém, não protestou; soffreu a rudeza do golpe com a maior humildade christã.

Gloriosa Ouro Preto! Quando a horda vandalica quizer destruir-te, pararà ás portas da tua cidade, como outr'ora Attila ás portas de Roma.

E quando a horda, na sua furia invasora, insistir em investir contra ti, o Itacolumi deixará o leito em que repousa e precipitar-se-á contra os invasores, que pretenderem profanar teu solo sagrado e desrespeitar tuas gloriosas tradições.

Salve! Jerusalem de Minas. Tres vezes salve. (Moreira-Pinto).

OUTEIRO. Pequeno pov. do mun. de Itapecurú-mirim, no Estado do Maranhão.

OUTEIRO. Log. do Estado da Bahia, na cidade de S. Felix.

OUTEIRO DOS LAGOS. Log. do Estado da Bahia, no termo de Cannavieiras.

OUTEIRO FEIO. Log. do Estado da Bahia, no mun. de Belmonte.

OUTEIROS. Com este nome dá o *Almanak Sergipano* (1901) noticia de tres povs. nos termos de Maroim, S. Christovão e Rozario.

OUTRA BANDA. Ilha no rio Tapajós, em frente á cidade de Santarem, no Estado do Pará.

OUTÚ. Corr. *y-tú*, o tombo d'agua, a catadupa, o salto. Vide *ytú*. *Outú* é, como se vê, escripto em muitos documentos do seculo XVII (Dr. Theodoro Sampaio).

OYAPOCK. Sub-prefeitura creada pelo Dec. n. 1.062 de 7 de agosto de 1901, no dist. de Cassiporé, do territorio de Aricary, no Estado do Pará.

P

PABA. Verbo *pab*, findar, acabar; adj. findo, acabado, concluido, completo; subs., termo, fim, pontas; suff. para o gerundio ou participios dos verbos terminados em *b*; alt. *pa*, *pava*, *paua*, *bava*, *tava* (Dr. T. Sampaio).

PACAEMBÚ. Corr. *paca-embú*, arroio das pacas. São Paulo. Vide *Yembó* (Dr. Theodoro Sampaio). « *Pacaembú*, corruptela de *Paã-nga-hẽ-mb-hû*, atoladiço e barra alagada. De *paã*, atolar; *nga* (breve), para formar supino; *hẽ*, sahida, barra, foz; *mb*, intercalação por ser nasal a palavra *hẽ*, e para ligal-a a *hû*, alagar. Allusivo a ter pantano no leito; e, em consequencia de refluirem suas aguas, alagar na barra as margens. » (Dr. J. M. de Almeida).

PACAJÁS. Nome de uma tribu selvagem da foz do Amazonas. « *Pacajás*, diz o Dr. Theodoro Sampaio, é corr. *paca-yá*, o chamado *paca*, o que é denominado *paca*; egual as pacas ou ligeiro como ellas. »

PACÃO ou **PACAU**. Rio affl. do Jacaré-pipira-mirim pela margem dir., no mun. de S. Carlos do Pinhal e Estado de S. Paulo. E' encachoeirado. « *Pacáu*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Po-qûáy*, tem gargantas. De *po*, conter; *qûáy*, garganta, pescoço, cintura, emfim a parte que se estreita. Allusivo a estreitar-se, em muitos logares, entre margens altas. »

PACAS. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. do Pinheiro, no centro, a nove kils. ao SO.

PACAS. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Carassú, que o é do rio Una, no mun. de Barreiros.

PACATUBA. Corr. de *Paca-tyba*, pacas em abundancia, sitio em que ellas abundam; Ceará (Dr. Theodoro Sampaio).

PACHECO. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Taquaretinga e desagua no rio Capibaribe.

PACIENCIA. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. de Ubatuba.

PACIENCIA. Pequeno rio que desagua na enseada Picinguaba, no mun. de Ubatuba e Estado de S. Paulo. Nasce no morro do mesmo nome.

PACIENCIA. Rio affl. da margem dir. do Sapucahy, entre os muns. da Franca e do Carmo, no Estado de São Paulo.

PACIENCIA. Corrego do Estado de Minas Geraes, no mun. da Diamantina.

PACIENCIA. Log. do Rio de Janeiro, no mun. de Campos. Accrescente-se no fim: Foi elevado a dist. pela Lei n. 481 de 8 de novembro de 1901. Confina ao S. com o mun. de Macahé pelo rio Macabú; a O. com o mun. de Santa Maria Magdalena; ao N. pelo rio Imbê abaixo até a barra do rio do Mundo e a serra do Mandasaia; a E. esta serra.

PACÓ. Contracção de *pacoba*. Vide *Pacoba*.

PACOBA. Composto de *pac-oba*, folha de enrolar ou que se enrola; nome commum das *Musaceas* ou bananeiras; alt. *pacó*. (Dr. T. Sampaio).

PACOBÁ. Composto de *pacob-á*, o fructo da bananeira, a banana. Vide *Pacoba*. (Dr. T. Sampaio).

PACOBAHYBA. Corr. *pacoba-yba*, o pé de banana, a bananeira (Dr. T. Sampaio).

PAÇOCA. Corr. *pá-çoca*, esmigalhar a mão, desfiar, pilar ou machucar com a mão (Dr. T. Sampaio).

PAÇO DO LUMIAR. Villa do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira (*obr. cit.*) diz: « *Paço do Lumiar*, em seus principios uma aldeia de indios, creada pelos jesuitas com o nome de Anyndiba, fica situada na ilha de S. Luiz, perto da borda oriental, a 36 kils. da capital, proxima do rio Grande e do igarapé da Villa, tambem chamado *Vovoca*, que se deve considerar o estuario desse rio que recebe differentes denominações, taes como: rio do *Engenho*, logar onde nasce, rio *S. João*, rio *Pindahy*, depois da con-

fluencia com o rio das *Mercês*, que nelle entra pela margem esq., *Riosinho* e *Cururuca*. Confundindo as suas aguas com as do rio *Antonio Esteves*, que tambem percorre a ilha com os nomes de rio *Maiobinha*, *Saramanta*, *Genipapeiro*, *Paciencia*, *Capueira* e *Mocajutuba*, formam ambos o igarapé da Villa, que desagua ao N. da bahia de S. José, por entre *Panaquatira* e a ilha de Curupú. Querem algumas pessôas que a verdadeira origem do rio Grande, seja o das *Mercês*, cuja confluencia com o S. João se dá no logar Pindahy, considerando este como affl. daquelle. Talvez concorra muito, para essa opinião, o facto de ter seccado nestes ultimos verões o rio S. João, o que é devido, em grande parte, á irreflectida e condemnavel destruição das mattas que o cercavam. A proposito da villa do Paço, ainda hoje se pode dizer, com acerto, que consta de uma praça quadrilatera, em cujo centro se eleva a Egrejinha de N. S. da Luz. Apezar de situada em terreno baixo, goza de clima ameno e salubre. »

PACOTUBA. Bananal ou pacoval; composto de *pacó-tyba*.

PACOTY. Composto de *pacó-ty*, curso d'agua corrente, ribeiro do bananal; Ceará (Dr. T. Sampaio).

PACOTY. Villa do Estado do Ceará. Accrescente-se no fim: Foi rebaixada de villa pela Lei n. 550 de 25 de agosto de 1899 e restaurada pela de n. 672 de 30 de agosto de 1901.

PACÚ. Composto de *pag-ú*, rapido ou veloz no comer, é o peixe fluvial (*Prochilodus argenteus*). Dr. Theodoro Sampaio. Referindo-se á corredeira que ha no rio *Paranapanema*, diz o Dr. J. M. de Almeida: « *Pacú*, corruptela de *Pá-cuè*, torcida. De *pá*, infinitivo de *apá*, torcer, entortar; *cuè*, particula do preterito. Allusivo a fazer o canal uma curva entre o ilhote que ahi existe e a margem dir. do rio. O canal é estreito e obstruido de pedras: sua profundidade é, em geral, de um metro, mais ou menos; sua extensão mais de um kil. Antes de chegar a um banco de cascalho, que precede o ilhote, o rio alarga-se muito, com baixios em toda a largura; e ahi, ao lado dir. do banco de cascalho, começa verdadeiramente a cachoeira, onde as aguas correm extraordinariamente. Não tem, portanto, o nome desta cachoeira relação alguma com o *pacú*, peixe. »

PACUHY. O rio do pacú, corrupção de *pacú-y*.

PACUIBA. Corruptela de *pacuî-bo*, revolver; *bo* (breve), para formar supino (Dr. J. M. de Almeida). Outros escrevem *Pacuhyba*.

PADRE. Riacho do Estado de Pernambuco, no mun. de Agua Preta.

PADRE FARIA. Bairro no mun. de Ouro Preto, dist. de Antonio Dias e Estado de Minas Geraes. Foi ahi que se construiram as primeiras casas de Ouro Preto. Tem uma capella em cujo atrio se ergue um cruzeiro feito das rochas do Itaculumi.

PADRE PAULO. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. do Sumidouro.

PAE-CARÁ. Extrema varzea ao lado do morro Itapema, em frente á cidade de Santos e aos Oiterinhos, na margem opposta do canal, no Estado de S. Paulo. « *Pae-cará*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corrupção de *Po-acuraá*, enseada extensa. De *po*, para exprimir, neste caso, superlativo; *acuraá*, enseada. Allusivo a ser uma varzea que, ás vezes, se alaga ».

PAE D'EGUA. Nome com que designam o cobertor, no Estado da Bahia.

PAE POBRE. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. da Cotia, na estrada do Padre Ignacio.

PAGÉ. Corr. *payé*, composto de *pa-yé*, aquelle que diz o fim, isto é, o advinho, o propheta, o feiticeiro, medico, santão, sabio e conselheiro dos selvagens; alt. *paya*, *pay*, *piagé*, *piaga* (Dr. T. Sampaio).

PAGEHÚ. Corr. *payé-ú* ou *payé-y*, rio do feiticeiro; Pernambuco; alt. *pajahú* (Dr. T. Sampaio).

PAINEIRAS. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Juquery, no mun. da capital. Tem o leito empinado e, quasi na foz, um salto, cuja altura é superior a dez metros.

PAIOL. Bairro do mun. da Fartura, no Estado d São Paulo.

PAIOL. Rio do Estado de Minas Geraes, banha o mun. do Rio Branco e desagua no Capella Velha.

PAIOL NOVO. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da Vargem Alegre e mun. do Bom Fim.

PAIOL VELHO. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do ribeirão Itahim, que o é do Juquery e este do Tieté.

PAIVA (Bigorrilha). Pov. do Estado do Paraná, distante cinco kils. da capital, á margem do rio Bariguy; com escola.

PAIXÃO. Lagôa no mun. do Espirito Santo de Barretos e Estado de S. Paulo.

PAJAÚ. Riacho do Estado do Maranhão, no mun. do Pinheiro (José Ribeiro do Amaral. *O Estado do Maranhão em 1896*).

PAJUSSARA. Corr. *payuçara*, o soprador, o folle; Alagôas (Dr. T. Sampaio.)

PALHA. Pov. do Estado das Alagôas, no mun. de Atalaia.

PALHAL. Rio affl. da margem esq. do Una do Prelado, no mun. de Iguape e Estado de S. Paulo. « *Palhal*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corrupção de *Paî-há*, dependurado. De *paî*, dependurado, com o accrescimo de *há*, o mesmo que *ába*, para exprimir logar, modo, instrumento, intento, fim, causa, etc. Allusivo ao leito ingreme, com cachoeiras, saltos e cascatas ».

PALMAR. Arraial no termo de Santo Amaro, do Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

PALMARES. Arraial do Estado de Sergipe, no termo do Riachão (*Almanak Sergipano*. 1901).

PALMARES. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Amaragy e desagua na margem esq. do rio deste nome.

PALMATORIA. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Caruarú.

PALMEIRAS. Log. no dist. da cidade da Leopoldina, no Estado de Minas Geraes.

PALMEIRAS. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Piracicaba, entre os ribeirões da Cachoeira e dos Coqueiros.

PALMEIRAS. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Tieté, no mun. do Espirito Santo de Barretos. A lagôa Bacury fica á margem dir. desse ribeirão.

PALMEIRINHA. Dist. creado pelo Dec. n. 73 de 19 de agosto de 1901, no termo de Jequié, no Estado da Bahia.

PALMITAL (S. Sebastião do). Bairro no mun. de Silveiras do Estado de S. Paulo.

PALMITAL. Dist. creado no termo da União da Victoria, no Estado do Paraná, pelo Dec. n. 310 de 24 de

agosto de 1901. Por suas divisas correm os rios Palmital e Claro, affl. do Iguassú e fica a serra da Esperança. Fica á margem do rio Iguassú.

PALMITAL. Log. do Estado de Minas Geraes, no dist. de Dattas e mun. de Diamantina.

PALMITAL. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

PALMITAL. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de S. Fidelis.

PALMITAL. Serra do Estado de S. Paulo, no mun. do E. Santo da Bôa Vista.

PALMITAL. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha o mun. de S. Francisco de Paula e desagua no ribeirão dos Passos, affl. do rio Grande.

PALMITAL. Ribeirão do Estado de S. Paulo, banha o mun. do E. Santo da Bôa Vista e desagua na margem dir. do rio Itapetininga.

PALMITAL. Ribeirão do Etado de S. Paulo, banha o mun. de Santa Barbara do Rio Pardo e desagua na margem dir. do Paranapanema.

PALMITAL. Ribeirão do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Campos Novos e desagua na margem dir. do rio Paranapanema.

PALMITAL. Saltos terriveis, no rio Paranapanema, mun. de S. Sebastião do Tijuco Preto e Estado de S. Paulo. « *Palmital*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corrupção de *Pó-haîme-itá*, por contracção *Pó-haîm'-itá*, paredes a pique, saltos. De *pó*, salto; *haîme*, a pique; *itá*, armação, pilar, estante, etc. São esses saltos o maior obstaculo do rio Paranapanema. O rio faz esquinas entre paredões, cuja altura é de 50 a 70 metros. A margem esq. do rio pode ser considerada de passagem impossivel; mas á margem dir., em canal de largura irregular, entre a mesma margem e um extenso e largo lageado, é difficil, porém não impossivel a passagem, e é por ahi, e mediante picadas nas mattas, tanto no extremo superior, como no extremo inferior, que se faz a baldeação das cargas. Os dous saltos principaes têm: o de cima 6^m,16 de altura, e o de baixo 4^m,84; e são separados por uma bacia ou poço, onde as aguas como que permanecem em deposito, segundo a apparencia: nesta bacia ou poço fazem rodomoinho, e seguem rio abaixo até cahirem do ultimo salto. A extensão da cachoeira é de meio kil. mais ou menos ».

PALMITALSINHO. Log. do Estado do Paraná, no mun. de Campina Grande. Ha outro log. do mesmo nome no mun. de Colombo.

PALMYRA. Palmyra está situada na encosta do morro do Cruzeiro, cercada de morros, banhada pelo ribeirão das Posses, affluente do rio Piáo, atravessada pela Estrada de Ferro Central do Brasil, a 324.175 kilometros distante da Capital Federal, 55 de Barbacena e 49 de Juiz de Fóra, a 826 metros de altura sobre o nivel do mar.

Nella tem seu inicio a Estrada de Ferro Rio Doce, que vai actualmente até Livramento, na extensão de 26 kilometros.

Tem duas praças: Bias Fortes e Cesario Alvim e 20 ruas. Estas são sinuosas, algumas estreitas, calçadas com pedra bruta e com passeios de lagedos apparelhados. São illuminadas a kerozene.

Seus predios são em nunmero de 420, alguns antigos e muitos novos e bonitos, taes como o Hotel Romano e os de Joaquim Antonio Velloso de Azevedo, José Ferreira da Costa Chaves, Antonio Ferreira Dias, e Luiz Alves da Cunha.

São todos numerados.

A perspectiva da cidade, vista da estação, é realmente bonita, desenhando-se a cidade em fórma de amphitheatro.

A população do municipio é de 21.500 almas, sendo nove mil para o districto da cidade, seis mil para o districto de Dores do Parahybuna, 4.500 para o districto da Conceição do Formoso e duas mil para o districto de S. João da Serra.

A extensão territorial do municipio é approximadamente de 1.876 kilometros quadrados, sendo 956 para o districto da cidade, 480 para o de Dores do Parahybuna, 260 para o de Conceição do Formoso e 180 para o de S. João da Serra.

Ha em todo o municipio 94 fazendas, sendo 75 de culturas de cereaes e creação de gado e 19 de cultura de café, sendo calculada a producção deste artigo em 40 mil arrobas.

Existem no municipio duas fabricas de cerveja, 45 ditas de queijos, dentre as quaes figuram as duas grandes fabricas de lacticinios da Mantiqueira e Dores do Parahybuna, que produzem annualmente 128 mil kilos de manteiga e onze mil queijos; 19 engenhos de canna, seis machinas de beneficiar café, tres fabricas de fumo, sete officinas de ferreiro, sendo uma destas de grande importancia no centro da cidade, uma dita de torneiro, uma de tanoeiro, sete sapatarias, sete alfaiatarias, tres officinas de selleiros e correeiros, duas de serralheiros, uma fabrica de gelo, tres officinas de ourives, uma casa com bilhares, tres relojoeiros, tres fabricas de fogos artificiaes, sete padarias, oito olarias, duas officinas de marcineiro, tres carpintarias, tres hoteis, diversos restaurantes, 18 casas de fazendas e molhados, duas photographias, duas pharmacias, tres açougues, tres barbearias e diversas outras casas com pequenos negocios.

Existem ainda nos arrabaldes da cidade um grande deposito e officinas de reparação e montagem de locomotivas e outras officinas de menor importancia, todas pertencentes á Estrada de Ferro Central, e um pequeno deposito e officina de reparação de locomotivas da Estrada de Ferro Rio Doce.

O movimento commercial do municipio é calculado em 3.300:000$000.

A cidade possue a igreja matriz de estylo gothico, ainda em construcção, a capella do Rosario, que serve provisoriamente de matriz e que foi um theatro, a capella dos Passos, a cadeia, casa da Camara e o bello edificio que serve de estação da Estrada de Ferro Central do Brasil. Na Camara Municipal ha uma pequena bibliotheca com perto de 1.500 volumes.

O cemiterio fica no ponto mais elevado do morro do Cruzeiro e a cavalleiro da cidade.

A instrucção na cidade é dada em duas escolas estaduaes, duas municipaes e em um collegio particular. Os bairros da cidade são: Fagundes, Biquinha, com uma olaria, João Gomes Velho, com duas olarias, e Sombrio, no morro do mesmo nome.

O municipio limita-se com o de Barbacena pelos districtos da União, Bias Fortes e Livramento, com o de Juiz de Fóra, pelos districtos de Paula Lima e Rosario; com o do Pomba, pelos districtos do Taboleiro e Bomfim, e com o do Rio Novo, pelo districto do Piáo.

Comprehende quatro districtos: Cidade, Dores do Parahybuna, Conceição do Formoso e S. João da Serra, e os seguintes povoados: Santo Antonio dos Paivas, com uma capella, Campo Alegre, com uma capella em construcção, uma escola municipal e uma estação da Estrada de Ferro do Rio Doce; Mandembo, S. Domingos, José Custodio e Affonsos, todos no districto da Cidade; Espirito Santo, no districto de Dores do Parahybuna; Bandeiras, Rato, Cantagallo e Sincurá, no districto da Serra; Portões e Grota da Inveja, no districto do Formoso.

A principal serra, que percorre o municipio, é a da Mantiqueira. Dentre os morros que se notam no municipio, são notaveis: o do Cruzeiro e o Sombrio, na cidade, Samambaia, Miranda, Campestre, Chavelha, Mata Vinte Cachoeira, Affonsos, Pinheiros, Carqueija, Montes Claros, Cachoeira do Barros, Taquarassú, Aguada, Garganta do Rio Doce e Onça.

O rio principal, que atravessa o municipio, é o Parahybuna, que nasce no municipio da Barbacena, na fazenda dos Olhos d'Agua, que é cabeceira tambem dos rios das Mortes e Pinho. Recebe no municipio o Espirito Santo, Lambary, Boa Vista (que passa dentro do arraial de Dores do Parahybuna) e Taquarassú (que nasce na fazenda de Pedro Alves).

Rega ainda o municipio o rio Pinho, formado pelo Pinho Novo e Mantiqueira, que perto da foz toma o nome de Pinho Velho.

Mais adiante, o Pinho toma o nome de rio Piáo e vai desaguar no Pomba, com o nome de rio Novo. Recebe os ribeirões do Bicho, Jacuba, Posses, Sertão, Capoeira dos Carneiros e Formiga.

A lavoura do municipio consiste em café, cereaes e canna. A criação de gado é consideravel.

As estações das estradas de ferro pertencentes ao municipio são: Palmyra e Mantiqueira, na Central, e Palmyra, Campo Alegre e Boa Sorte, no Rio Doce.

A cidade é abastecida de agua, que vem canalizada a seis kilometros de distancia do lugar denominado Lavra.

De simples districto do municipio de Santo Antonio do Parahybuna (Juiz de Fóra) foi, com o nome de João Gomes, incorporada essa povoação ao municipio de Barbacena pelo art. 1, § II da lei provincial n. 665 de 27 de abril de 1854, desmembrada da freguezia de Chapéo de Uvas e incorporada á da cidade de Barbacena pelo art. V, § II, da de n. 1.265 de 19 de dezembro de 1865; elevada á categoria de parochia pela de n. 1.458 de 31 de dezembro de 1867, á de villa, com o nome de Palmyra, pela de n. 3.712 de 27 de julho de 1889 e á de cidade pela de n. 25 de 4 de março de 1890.

Foi instalado o municipio a 15 de fevereiro de 1890.

E' comarca creada por acto de 20 de novembro de 1890 e declarada de primeira entrancia pelo decreto n. 218 de 2 de maio de 1891, e acto de 22 de fevereiro de 1892.

PALMYRA. Colonia do Paraná. Accrescente-se no fim: Está situada á margem dir. do rio Iguassú, á distancia de 19 kils. da séde do mun. Contém 88 lotes com a área de 1.605 hectares. E' habitada por polacos.

PAMBÚ. Não parece ser tupy e, si for, pode ser corrupção de *pa-ambú*, batida ou ruido sonoro; Bahia (Dr. T. Sampaio).

PAMONÁ. Corruptela de *Paã-moná*, turvo e atoladiço. De *paã*, atolar; *moná*, mesclar, borrar, turvar. Allusivo a ter o ribeirão desse nome, lamoso o leito e a estar constantemente revolvido, de sorte que suas aguas se mostram turvas (Dr. João Mendes de Almeida. *Dicc. Geogr. da Prov. de S. Paulo.* 1902).

PAMPA. Accrescente-se no fim: O Dr. Theodoro Sampaio diz: « Vocabulo Kechua que se traduz — campo, planicie limpa; corresponde a *nhû* do tupy; alt. *bamba* ».

PANA. Corrupção do vocabulo portuguez panno; verbo, lavrar, cortar (Dr. T. Sampaio).

PANAÇÚ. Composto de *pana-açú*, panno grosso. *Panaçú*, subs., o cesto (Dr. T. Sampaio).

PANATY. Composto de *panã-ty*, ribeiro das borboletas (Dr. T. Sampaio).

PANELLA. Log. no mun. de Corumbá, do Estado de Matto Grosso.

PANELLAS. Arraial do termo do Curral de Pedras, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano.* 1901).

PANEMA. Adj., ruim, imprestavel, inutil; infeliz, mal succedido, pobre, falho, esteril; no tupi-guarani, *panê* (Dr. T. Sampaio).

PANTA. Riachão do Estado do Ceará, entre Baturité e Redempção.

PANTACUÉ. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. de Nioac.

PANTALEÃO. Cachoeira no ribeirão Bom Successo, na com. de S. Domingos do Prata e Estado de Minas Geraes.

PANTANAL. Arraial do Estado de Santa Catharina. E' muito inferior em pop. e construcções ao do Sacco dos Limões e acha-se situado á falda de uns cerros ao S., de que é padrasto o morro do Rio Tavares, tendo em frente, pelo N., o valle formado entre os altos da Carvoeira e os daquelle monte. « Os sitios que contêm, diz Virgilio Varzea, são em geral terras de cultura, com simples mas risonhas casinhas rusticas e engenhos primitivos, uns feitos de alvenaria, muitos só de pau a pique barreado, cobertos de telha ou palha, em meio aos lençóes verde-escuro da rama da mandioca, as espadanas verde-claro dos cannaviaes que ondulam ao vento como uma floresta de alfanges, ou entre cafeeiros tufados e pomares de altas frondes, onde sobresaem a laranjeira, o pecegueiro, a ameixieira e a fructa de conde. O nome de Pantanal vem-lhe talvez desse valle, onde serpêa o riacho dos Limões, que desagua á praia do Sacco, valle em cujo terreno são frequentes os banhados, mas que é de um pinturesco impressionista pela linha rasa dos campos e no pendor das espaldas, ondulando em tonalidades sem fim de verdura a uma e outra margem da estrada, atravessadas de pontes em seu leito arenoso e largo. Essa estrada, que descreve uma admiravel curva de mais de tres kils. de extensão, sempre orlada de altas cercas de espinheiros, interrompidas, cá e lá, por alguns pequenos trechos roçados ou renques de bastas arvores seculares, que o machado do lavrador poupara não se sabe porque benefica singularidade — vae terminar no vasto largo da Santissima Trindade, quasi em frente ao sitio de onde parte a magnifica estrada que dahi conduz á cidade, pelas Carreiras e pela Pedra Grande... ».

PANTANAL DA PANELLA. Log. do Estado de Matto Grosso, no 2º dist. do mun. de Corumbá, á margem esq. do rio Paraguay.

PANTÁNO. Ribeirão affl. do rio Jaguary pela margem dir., no mun. de Bragança e Estado de S. Paulo. Nasce na serra do seu nome. Alguns moradores do logar querem que, reunido ao corrego do Arraial, forme com este o Passa Tres, sem uma justificativa para tal enormidade, relativamente á geographia indigena: o Passa Tres é o mesmo Pantáno, depois de receber as aguas do sobredito corrego. « Os indigenas sohiam dar a logares diversos na mesma região nomes identicos ou quasi identicos no som, mas differentes no significado. *Pantáno*, nome da serra, é corruptela de *Po-atã-na*, contrahido em *P'-atã-na*, e nasalizado o primeiro *a*, por causa da pronuncia nasal do segundo, a licção do padre A. R. de Montoya, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, fere todas as vogaes da mesma palavra: *P'-atã-na*, muito erecto. De *po*, apocope de *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, etc.; *atã*, erecto, teso, com o suffixo *na* (breve), para formar supino.— *Pantáno*, nome do ribeirão, é corruptela de *Paã-tã-na*, atoladiço, duro. De *paã*, atolar; *tã*, apocope de *tatã*, duro, forte, com suffixo *na* (breve), para formar supino. Allusivo a ter pantanal em suas margens ». Quanto ao ribeirão, affl. do rio Mogy-guassú, diz ainda o Dr. J. M. de Almeida: « *Pantáno*, corruptela de *Pã-tã-nì*, golpe durissimo. De *pã*, golpe, pancada; *tã*, apocope de *tatã*, duro, forte; *nì*, posposição affirmativa, com pronuncia breve. Allusivo ao famoso salto que ha neste ribeirão. E' a prumo a muralha granitica, da qual se despenham com estrondo medonho as aguas. Sua altura é de mais de 40 metros. Ao mesmo tempo, este ribeirão desagua no rio Mogy-guassú, justamente quando já tem começado os pantanaes deste rio. Esta parte do rio Mogy-guassú é *paã-tã-na*, atoleiro duro, de sorte que o indigena fez assim um gracioso jogo linguistico. O estudo destas denominações fixou em mim a opinião de que a palavra *pantáno* não é portugueza e sim tupi, e deve ser pronunciada *pantána* e não *pántano*. O lexicographo Moraes, quando escreveu que deve ser *pantáno*, para melhor corresponder á *pantána*, ouviu cantar o gallo sem poder dizer onde. O lexicographo Aulete, este agarrou-se com unhas e dentes á mesma palavra na lingua hespanhola, como se tambem os hespanhóes não a houvessem levado da America. O padre A. R. de Montoya, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, na palavra *paã*, bem indica que na lingua hespanhola não havia *pantano*. »

PANTANO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, une-se com o Cerrado ou Serrado e juntos vão desaguar no ribeirão da Barra, affl. do rio Mogy-guassú (*Folha do Rio Claro da Commissão Geogr. e Geol. de S. Paulo*).

PANTANO. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Pardo, no mun. do Ribeirão Preto.

PANTANO DO SUL. Log. de Santa Catharina. Accrescente-se no fim: O arraial fica na enseada de egual denominação, na costa de E. da ilha, sobre uma faixa arenosa apertada entre a corda de montes que vem de Naufragados até Caiacanga-assú e os outeiros ou cabeços escarpados da Lagoinha. Seus habs. dedicam-se á pesca.

PÃO DE LOT. Rio do Estado de Minas Geraes, affl. do Chopotó, que o é do Pomba, no mun. do Rio Branco.

PAPAGAIO. Rio do Estado do Amazonas, affl. do Uniny, no mun. de Moura.

PAPAGAIO. Rio do Estado do Maranhão, banha a pov. do seu nome, pertencente ao mun. da Barra do Corda e desagua no rio Corda.

PAPAGAIO. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Amaragy e desagua na margem dir. do rio deste nome (S. V. Galvão, *Dicc.* cit.)

PAPAGAIO. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha o mun. de Itaocara e desagua na margem dir. do rio Parahyba, a pouco mais de um kil. da estação de Portella.

PAPAGAIO. Ribeirão do Estado de Matto Grosso, no mun. do Diamantino. Vai para a margem dir. do Juruena.

PAPAGAIO. Dist. de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Está situado ao S. do Curvello e sobre uma collina. Confina com os dists. do Curvello, Morro da Garça, S. Gonçalo das Tabocas, Pilar e N. S. da Gloria. A pov., embora antiga, é pequena, datando o seu inicio de mais de cem annos. Tem (1900) apenas 60 casas; duas egrejas: a antiga capella, que tem mais de um seculo, e outra construida ha 10 annos e ainda não concluida. O dist. tem 3.500 almas approximadamente. Entre esse dist. e o de N. S. da Gloria corre o rio das Velhas. E' montanhoso para o N., sendo a serra do Gentio a mais importante. Lavoura de canna e algodão; criação de gado bovino e suino. Dista do dist. do Curvello 40 kils.; de N. S. da Gloria 18, do Morro da Garça 40 e do Parauna 36.

PAPAGAIO GRANDE. Ilha do Estado de Santa Catharina, entre a ponta da Pinheira e a dos Naufragados e proxima das ilhas Papagaio, Pequena e Fortaleza.

PAPAGAIOS. Nucleo colonial do Estado do Paraná, no mun. da Palmeira, a 14 kils. Tem uma esc. allemã.

PAPAGAIOS. Ilha no rio Oyapock e Estado do Pará.

PAPARY. Composto de *papá-r-y*, rio saltado, rio encachoeirado; corr. *papar-y*, rio de contas (Dr. T. Sampaio).

PAPUAN. Pov. do Estado do Paraná, no mun. de S. João do Triumpho.

PAQUEQUER. Corr. *pac-quér*, a paca dorme, a dormida das pacas. Rio de Janeiro (Dr. T. Sampaio).

PAQUEQUERA. Corr. *pac-quéra*, paca velha, ou extincta, a caveira ou ossada da paca (Dr. T. Sampaio).

PAQUETÁ. As pacas; corruptela de *pac-etá*.

PARÁ. O mesmo que *mbará* ou *mará*; subs., o mar; composto de *y-pá-rá*, aguas todas colhe, isto é, o collecionador das aguas (Baptista Caetano). No tupi da costa *pará* é o rio volumoso, o caudal. Riquissimo é o vacabulo tupi nas denominações hydrographicas. Não tinha, porém, vocabulo primitivo para designar o *mar*, o que faz suppor que os povos desta lingua procediam de uma região interior. Chamavam ao rio de certo volume *pará*, e como consideravam o mar como um immenso rio, cuja outra margem não descobriam, deram-lhe o nome *Paraná*, que é o mesmo que *pará-aná*, rio enorme, grosso, e que alguns traduzem tambem por *parente do rio*, no que ha confusão, pois que a particula final *anã* ou *nã*, que significa: espesso, grosso, enorme, ou tantas vezes, não se deve confundir com o vocabulo *anama*, que, de facto, se traduz por *parente, semelhante*. O vocabulo *pará*, de emprego communissimo na geographia nacional, não soffreu alteração senão no seu composto *paranã*. Algumas corrupções como *Pracatú* por *Paracatú*, rio bom, não tiveram curso. Assim é que a palavra *pará* se mantém intangivel nos vocabulos *parahyba* ou *pará-ayba*, rio ruim, ou impraticavel pelos obstaculos naturaes do seu leito; *parahupeba* ou *pará-y-peba*, rio de agua ráza; *parahytinga* ou *pará-y-tinga*, rio de agua branca; *parahybuna* ou *pará-yb-una*, rio de agua preta; *parahypitanga* ou *pará-y-pitanga*, rio de agua vermelha (Dr. T. Sampaio).

PARÁ-CAMBY. Passou assim a denominar-se o pov. do Ribeirão dos Macacos, no 3º dist. do mun. de Itaguahy, do Estado do Rio de Janeiro pela Lei n. 536 de 19 de dezembro de 1901.

PARACATÚ. Rio bom, praticavel; composto de *pará-catú*.

PARACÁU. Subs., o papagaio, no tupi-guarani (Dr. Theodoro Sampaio)

PARAGUARY. Composto de *paraguá-r-y*, rio dos papagaios (Dr. Theodoro Sampaio).

PARAGUASSÚ. ou PARAGUAÇÚ. Nome da india tupinambá que foi mulher do *Caramurú*, e que, levada por este á França, segundo a lenda, tomou o nome de Catharina, sendo seus padrinhos de baptismo os reis de França. « *Paraguaçú*, diz o Dr. Theodoro Sampaio, compõe-se de *paráguaçú*, mar grande, e tambem rio grande; pode ser ainda *pará-guá-açú*, seio grande do mar, bahia, golfo. »

PARAGUAY. Composto de *paraguá-y*, rio dos papagaios; por corrupção de pronuncia é que se mudou o accento tonico para a penultima syllaba, ou antes, fazendo-se diphthongo quando devia estar na ultima, dizendo-se *paraguáy* em vez de *paraguahy* (Dr. Theodoro Sampaio). « *Paraguay*, diz o Dr. J. M. de Almeida, é corruptela de *Poróaguaá*, extensas varzeas; de *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, etc.; *aguaá*, enseada, varzea. Allusivo aos banhados e varzeas que o ladeiam. » Segundo o padre Montoya, *Paraguay* significa rio de corôas; de *pará*, variedade; *guág*, corôa de pennas; *i*, rio.

PARAGUAYOS. Passo no arroio Toro-passo, mun. de Uruguayana e Estado do R. G. do Sul. Foi aberto pelos Paraguayos por occasião da invasão em 1865. E' tambem denominado *Passo Real*.

PARAHYBA. Composto de *pará-ahyba*, rio ruim, imprestavel ou innavegavel (Dr. Theodoro Sampaio). « *Parahyba*, corruptela de *Poró-aib-a* contrahido em *Por'-aib-a*, excessivamente escabroso. De *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, etc.; *aib*, mau, com o accressimo de *a* (breve), por acabar em consoante, segundo a licção dos grammaticos. Allusivo a ter no leito muitas obstrucções, bancos de areia, cachoeiras e saltos, como o que se vê no mun. de Queluz, que tornam impraticavel sua navegação regular; além dos banhados marginaes, produzindo molestias. São turvas as suas aguas. Tambem já escrevi, imitando a outros, que Parahyba significava *peixe ruim*, sendo, aliás, certo que abundam nelle boas especies de peixe de rio e que para significar *peixe ruim*, era preciso escrever o nome *Pirá-aib-a*. De peixes não cogitava o indigena, sem duvida mais sabio do que os seus conquistadores, tratando de nome de logares e cousas. » (Dr. J. M. de Almeida).

PARAHYBA DO SUL. Da villa de Santa Thereza dirigi-me á decadente cidade da Parahyba do Sul.

Fica essa cidade situada em terreno plano, com o morro do Rosario no centro, á margem do rio Parahyba do Sul, distante 187 kilometros da Capital Federal, á qual é ligada pelas estradas de ferro Central e Melhoramentos, que ahi tem o seu ponto terminal entre o rio Parahyba e a serra da Covanca, que parte do Páo Ferro e vai terminar no lugar denominado Chacarinha, á margem esquerda do Ribeirão do Fiuza.

Suas ruas são na sua maioria rectas, de largura regular, com passeios de lagedos e algumas calçadas a parallelepipedos e a macadam e illuminadas a gaz acetyleno.

Tem seis praças, sendo mais vasta a Barão do Piabanha, onde se acham o bonito edificio da Camara e a immunda cadeia, e onde começa a ponte de ferro, muito arruinada, que liga a cidade ao districto do Braz.

E' abastecida de agua, que vem do lugar denominado Morro Secco, a tres kilometros da cidade.

Tem 452 predios e uma população de 3.100 habitantes.

O commercio é actualmente pouco animado. Ha na cidade sete advogados, cinco medicos, duas pharmacias, uma das quaes luxuosa, duas confeitarias, tres hoteis, uma tinturaria, duas typographias, em uma das quaes se imprime o *Parahyba do Sul*, quatro padarias, quatro alfaiatarias, tres barbeiros, duas relojoarias, duas sapatarias, quatro lojas de fazendas e armarinho, uma fabrica de sabão, uma de refinação de assucar e diversas casas de outros artigos de commercio.

No districto da Encruzilhada fica o predio em que funccionou a Estação Agronomica, á margem direita do rio Parahyba do Sul, cerca de 1.320 metros a montante da cidade; e no districto do Braz da Ponte uma fonte de agua gazoza, denominada *Salutaris*, actualmente explorada por um particular.

A cidade communica-se com Entre Rios, Encruzilhada e Monserrate por meio de telephone.

Tem, além da ponte de ferro citada, e que está completamente arruinada, outra ponte de ferro pertencente á Melhoramentos do Brasil.

Os edificios da cidade são: a Casa de Misericordia, dirigida pela Irmandade de Nossa Senhora da Piedade, tendo annexo um Asylo de Orphãos, a Matriz, as capellas do Rosario e de Sant'Anna, esta no Lava-pés, o Paço da Camara, o *Forum*, a estação da Estrada de Ferro Central e a cadeia. Esta é um edificio deshumano. Sem hygiene, sem ar nem luz, completamente immunda, com as paredes todas esburacadas, o misero do preso que ahi é encarcerado é condemnado a peior das mortes, á morte lenta e demorada. Dir-se-ia que a morte se approxima do preso, mostra-lhe o tumulo e diz-lhe: *desce; mas desce com andar pausado.*

Seria preferivel fuzilar a todo o preso que fosse condemnado a tal prisão; seria mais humano!

A *Matriz* é um templo grande, mas de feio aspecto. Não tem torres. Fica situada entre as linhas da Central e da Melhoramentos.

No altar-mór tem no throno a imagem de Nosso Senhor Jesus Christo Crucificado, abaixo o Sagrado Coração de Jesus e S. Pedro e S. Paulo, Padroeiros, e aos lados Nossa Senhora da Conceição e S. Sebastião.

No corpo da igreja ha cinco altares: de S. Benedicto, Nossa Senhora do Rosario, Santo Antonio, Anjo da Guarda e Nossa Senhora das Dores.

Em 1834, achando-se em ruinas a igreja construida no morro do cemiterio velho, foi a séde da Matriz transferida para um oratorio da antiga casa de residencia de Garcia Rodrigues, e ahi celebravam-se os actos religiosos, sendo conservado o cemiterio velho no adro da velha igreja.

Em 1838, o fazendeiro Jeronymo José de Saldanha creou uma devoção a S. Sebastião, e, por meio de subscripção, que promoveu, começou a construir em uma das extremidades da praça Paes Leme, junto da base do morro da velha igreja, uma capella para o mesmo santo. Faltando muita cousa para concluil-a, os devotos offereceram-na á provincia, que mandou continuar as obras.

Concluidas estas em 1848, mandou o Presidente da Provincia transferir provisoriamente para ella a Matriz, celebrando-se ahi a primeira missa em Fevereiro do mesmo anno.

Em 1860, o Visconde do Parahyba promoveu uma subscripção para construir nova matriz, e, depois de arrecadada quantia superior a 40:000$, lançou-se a primeira pedra no dia 14 de março desse anno, na praça Barão de Piabanha.

Esgotado o producto da subscripção, foram as obras, já muito adiantadas, offerecidas ao Estado.

Em 1882, a esforços do Visconde do Parahyba e do Vigario Conego Ignacio Felix de Alvarenga Salles, ficou concluida toda a igreja, á excepção das torres, tendo sido feita a trasladação do Santissimo Sacramento e das imagens para a nova matriz no dia 9 de abril daquelle anno.

A velha matriz da praça Paes Leme foi demolida á custa dos cofres municipaes.

Capella do Rosario. — Em 1850, o preto Manoel José Corrêa da Silva, official de justiça, organizou a Irmandade de Nossa Senhora do Rosario, fez approvar o seu compromisso, e, auxiliado por mais dous companheiros, promoveu uma subscripção para construir uma capella dedicada á mesma Virgem. Em 1854 fizeram-se os esteios da capella no morro do Rosario, no centro da cidade, e no dia 2 de dezembro de 1860 celebrou-se nella a primeira missa.

Funcciona na mesma capella a devoção de São Benedicto, fundada pelo preto mina Joaquim Ramos Pacheco de Lima, que foi proprietario de um hotel intitulado Anjo da Meia Noite.

Capella de Sant'Anna.— Em 1854, José Rodrigues Gonçalves Ferreira, Antonio José Soares de Souza e José Rodrigues Tigre promoveram subscripção afim de construirem uma capella para a devoção, que crearam, de Nossa Senhora Sant'Anna.

No dia 14 de março de 1855 fizeram fincar os esteios da capella no largo de Sant'Anna, hoje praça Visconde do Rio Branco.

A primeira missa foi celebrada em 1 de agosto de 1858, dia em que a capella recebeu uma linda imagem de sua Padroeira, offerecida pelo fazendeiro João Jacintho do Couto.

Está em reconstrucção.

A *Camara Municipal* funcciona em um bonito e moderno predio, bem arejado e com bastante claridade, na praça Barão do Piabanha. No pavimento superior ficam a sala das sessões com os retratos dos Marechaes Floriano e Deodoro, do Visconde do Parahyba, do Marquez de São João Marcos, do Barão do Piabanha, do Dr. Porciuncula, e um quadro, pintado a oleo, representando a paizagem da cidade, a bibliotheca com 1.120 volumes, a Procuradoria da Camara, o gabinete do Presidente e a fiscalização de obras publicas; no pavimento inferior ficam a sala de aferição, o cartorio de paz e a delegacia de policia.

O *Forum* funcciona em um edificio baixo, na rua Treze de Maio.

Nelle ficam a bem ornada sala do jury, a sala secreta, a do Juiz de Direito, o gabinete do Juiz Municipal e tres cartorios.

A *Santa Casa de Misericordia* fica em um grande e bonito edificio, situado a pequena distancia da cidade, no morro de Santo Antonio e no meio de vasto terreno.

No primeiro pavimento nota-se a sala de espera com um quadro do Sagrado Coração de Jesus e os retratos de toda familia imperial. No vestibulo encontram-se sobre duas peanhas, em fórma de rochedo, as imagens de São Roque, advogado contra a peste, e de Santo Antonio.

Seguem-se a pharmacia, o gabinete do escrivão, a sala da administração com os retratos da familia da benemerita Condessa do Rio Novo, a sala de estudo das asyladas, a rouparia e a sala de costura.

No andar superior fica a Capella com um altar e nelle Nossa Senhora das Graças e o Amantissimo Coração de Jesus. Aos lados, sobre duas credencias, ficam S. Vicente de Paulo e S. José. Em frente do altar e nos fundos da capella ha um quadro com a Senhora da Piedade. Tem os 14 quadros da Via Sacra e um harmonium.

Seguem-se a sacristia, a enfermaria do Coração de Jesus, para homens, com 10 leitos, a de Nossa Senhora das Dôres, para mulheres, com igual numero de leitos, a rouparia, a sala de operações, a cozinha e outras dependencias.

No porão, bastante alto, funccionam aulas dos dous sexos, gratuitas, onde se acham matriculados 150 alumnos, a capella das Filhas de Maria, os dormitorios de 30 orphãs, a rouparia e o refeitorio das orphãs. Nos fundos e em edificio separado ficam a cozinha e os banheiros.

Dirigem tão pia instituição oito santas irmãs de caridade.

São inesqueciveis os serviços que á Casa de Misericordia prestaram a Condessa do Rio Novo e o Dr. Leandro Bezerra Monteiro. Este ultimo, que ainda felizmente vive, é uma das mais angelicas almas que conheço e tem confiado á pia instituição todas as energias de sua alma. Amando extremecidamente á Santa Casa, tem elle trabalhado muito e com uma dedicação verdadeiramente christã.

Oxalá seus successores o imitem!

A Irmandade de Nossa Senhora da Piedade foi installada em 8 de Dezembro de 1882, sendo eleitos: provedor, o Dr. Leandro Bezerra Monteiro; 1º vice-provedor, o Barão Ribeiro de Sá; 2º vice-provedor, o Dr. Francisco Quirino da Rocha Werneck; secretario, o Dr. Leopoldo Teixeira Leite, e thesoureiro o Dr. Rufino Furtado de Mendonça.

O assentamento da pedra fundamental effectuou-se no dia 19 de setembro de 1871, tendo lugar a inauguração a 4 de abril de 1883.

Cemiterio.— Em 1847 o cemiterio existente no adro da Igreja Matriz, mandado construir no morro de Pedro Dias Paes Leme, achava-se aberto e os cadaveres eram desenterrados por porcos e cães, que os arrastavam aos pedaços pela então villa.

Os vereadores de então mandaram á sua custa construir um outro, no mesmo logar, com baldrames de pedra, gradil de ferro, offertando-o á freguezia, depois de concluido. Em 1880, apparecendo pela segunda vez febres de máo caracter, a Camara mandou fechar o cemiterio, e abriu outro no terreno, que para esse fim comprou, no morro existente entre a estrada de Ferro Central do Brasil, a estrada de Entre Rios e o vallo dos terrenos do patrimonio da municipalidade.

O cemiterio guarda os ultimos despojos do grande actor portuguez João Baptista Montedoneo e de Antonio Soares de Souza, o autor das *Canções dos Tropicos*.

No cemiterio de Santo Antonio dos Pobres da Encruzilhada repousam os ultimos restos do Dr. Joaquim Dias da Rocha Filho, natural de Curityba (Paraná), e mavioso poeta dos *Musgos* e *lichens*. Sobre á sua sepultura mandou gravar a viuva os versos do segundo quarteto do soneto de sua lavra — *A Parahyba do Sul*:

«Da minha infancia os descuidosos dias
Aqui passei contente e socegado.
Quero dormir, quando tombar gelado,
Ao pé daquellas arvores sombrias.»

Nessa cidade residiu o Senador Candido Mendes de Almeida, que ahi teve uma typographia e lithographia, onde imprimiu a maior parte das folhas do seu *Atlas do Imperio do Brasil* e o seu trabalho *Memorias para a historia do extincto Estado do Maranhão*.

O municipio confina com Petropolis, Sapucaia, Santa Thereza, Vassouras e Estado de Minas, do qual é separado pelos rios Parahyba e Parahybuna. A lavoura é de café, canna, cereaes e algum fumo. Ha pequena criação de gado.

Dentre os rios que banham o municipio notam-se o Parahyba, Piabanha, Fiuza, Mingú, Cantagallo, Boa Vista, Lava-pés, Limoeiro, Paiol, Parahybuna, Espirito Santo, Olaria, Santo Antonio, Sant'Anna, S. Fidelis, Prazeres, Bomfim, Lucas, Tabôas, Inhema, Canôas, Sapo, Borges, Tenente, Fagundes, Secretario, Padre Paulo, Mattosinhos, Calçado, Preto, Bemposta, Sujo, Santarém, Mãe Joanna, além de muitos outros.

As montanhas que se observam no territorio do municipio podem ser classificadas em dous grupos, separados pelo valle do rio Parahyba: o da parte septentrional, que se prende á serra da Mantiqueira, e a meridional, que se liga á Serra dos Orgãos ou do Mar.

Ao primeiro grupo pertence a serra das Aboboras, tambem chamada do Monte Christo, com suas ramificações; della destacam-se, pela sua grande altura, e por apresentarem uma das faces quasi a prumo, as pedras denominadas Parahybuna, S. Lourenço e Boqueirão.

Do segundo grupo fazem parte as serras denominadas S. João (onde existe a pedra da Mãe Joanna), Sant'Anna, Capim, Maria Comprida e seus respectivos contrafortes.

O ponto considerado mais alto do municipio e de todo elle avistado é a Tocaia (logar de espreita e emboscada) ou Pedra da Tocaia.

Os districtos, do municipio são: Cidade, Braz da Ponte, Entre Rios, Encruzilhada, Monserrate, Bemposta, Areal, e Tiradentes, antigamente Cebolas.

O mais importante delles, e de mais vida do que a propria cidade, é o de Entre Rios, que em 1880 não passava de um arraial, cujo maior movimento se concentrava na estação da Estrada de Ferro D. Pedro II e suas approximações, com mui limitadas edificações, constituindo apenas a colonia de Cantagallo e pertencente á freguezia de S. Pedro e S. Paulo da cidade do Parahyba do Sul, e distante della onze kilometros.

Pertenceu á fazenda de Cantagallo, doada pela Condessa do Rio Novo á Irmandade de Nossa Senhora da Piedade do Parahyba do Sul.

Sua superficie é approximadamente de 850 kilometros quadrados e fica no valle do Parahyba.

Suas condições de salubridade são as melhores, salvo casos excepcionaes, como em toda parte, seu clima é temperado. Dista de Petropolis 68 kilometros, do Rio de Janeiro, pela via ferrea, 194 e da cidade do Parahyba 11.

A Estrada de Ferro Central do Brasil ramifica-se de novo ahi em ramal do Porto-Novo e Linha do Centro, e a Estrada de Ferro Leopoldina ahi tem seu começo.

A rua principal, que corta o districto em diagonal e é o seu eixo, tem cerca de tres kilometros, donde se irradiam as demais ruas e em torno da qual se condensa a população. As ruas, travessas e beccos são em numero de 20, todas com edificações; possue tres praças.

Tem cinco capellas filiaes á matriz do Parahyba do Sul.

O commercio e a industria são representados em todo districto por 40 casas de seccos e molhados, fazendas, etc., duas padarias, tres pharmacias, dous açougues, duas lojas de barbeiro, dous hoteis, uma hospedaria, tres alfaiatarias, uma grande officina de construcção hydraulica e a vapor, uma fabrica de formicida, uma usina de moagem, uma cocheira de alugar animaes, duas officinas de sapateiro, um bilhar, quatro kiosques de commercio variado, quatro botequins, uma typographia, uma estação telephonica, duas estações telegraphicas, um templo maçonico, escolas publicas e particulares.

Acham-se situadas no districto sete importantes fazendas de café e cereaes, de avultada producção, além de muitas situações, mais ou menos importantes.

Accrescente-se a tudo isso a colonia dos libertos da Condessa do Rio Novo, onde ha innumeras casas rusticas.

Tem o districto uns 600 predios.

A renda com que elle concorre para o erario municipal approxima-se de 40 contos.

Limita-se o districto, ao norte, com Monserrate; ao sul, com Bemposta e Encruzilhada; a leste, com Santa Fé, e, ao Oeste, com a cidade do Parahyba.

A população permanente e adventicia approxima-se a 8.000 almas.

Com os recursos de que dispõe, está Entre Rios nas condições de ser elevada á categoria de municipio, achando-se já em melhores condições ás de muitas cidades e villas do Rio de Janeiro.

Dos districtos o mais importante pelas suas recordações historicas é o de Sant'Anna do Tiradentes, antigamente Cebolas, cuja séde é o antigo Rumo da Lage, hoje Inconfidencia. Nelle esteve exposto um dos quartos do immortal patriota Tiradentes. Garantiram-me que o poste, que era de braúna, em que esteve exposto o quarto do martyr, á margem do pequeno corrego do Espirito Santo, ahi conservou-se de pé até ha muito pouco tempo e que muitos o viram.

Nas festas celebradas na antiga matriz de Sant'Anna de Cebolas, onde sepultaram o referido quarto sob o altar de Nossa Senhora do Rosario, jamais o povo se esquecia de cobrir de flores a sepultura e pôr sobre ella um panno de velludo bordado a lettras de ouro como um epitaphio.

Pizarro, nas suas *Memorias historicas*, refere-se a uma corôa e um septro, que o Tiradentes dera para o Imperio do Divino. Estas reliquias conservaram-se na matriz até creio que 1868 ou 1878, donde foram roubadas.

A Municipalidade deve mandar collocar na matriz desse districto uma placa commemorativa desse luctuoso facto, de modo a perpetuar a perversidade dos juizes que condemnaram o Alferes Silva Xavier.

Por proposta do illustrado Dr. José Geraldo Bezerra de Menezes, a Municipalidade adoptou o bandeira da Inconfidencia, toda branca com um triangulo equilatero no centro, verde, emblema da Santissima Trindade, e o lemma: *Libertas quæ sera tamen*.

Sobre o historico dessa cidade, convido o leitor a consultar o meu *Diccionario Geographico do Brasil*.

A palavra Parahyba significa, segundo uns, *rio de agua clara*, e, segundo outros, *rio máo*. «Parahyba, escreve-nos o Dr. José Geraldo Bezerra de Menezes, vem de *pará*, contracção de *paraná* (por sua vez contracção de *pará*, mar, *anãma*, parente), rio grande, ou rio que geralmente desemboca no mar, e *ayba*, máo, ruim. Chamar-lhe-ião assim os indios *rio máo*, por ser (que é) innavegavel ou traiçoeiro, cheio de pedras e peráos. Como que se occultava no nome

de Parahyba, *rio máo*, a prophecia de que seria mais tarde o rio da escravidão, como merecidamente lhe chamaram os abolicionistas.

O Dr. Theodoro Sampaio diz: «*Parahyba*, composto de *pará-ahyba*, rio ruim, imprestavel ou innavegavel.»

PARAHYBUNA. Rio de agua escura; composto de *para-yb-una*. O Dr. Theodoro Sampaio é da mesma opinião. O Dr. J. Mendes de Almeida diverge, dizendo: «*Parahybuna*, corruptela de *Poró-aîb-húú-na* contrahido em *Por'-aîb-húú-na*, superlativamente máu e turvo. De *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, etc.; *aib*, máu; *húú*, turvar, ter lodo, borra, fezes, com o suffixo *na* (breve), para formar supino... Tambem o nome deste rio tem sido deturpado pelos que, sem conhecerem a lingua tupi, se arriscam a traduzir e interpretar nomes. Li o seguinte: *pirá*, peixe; *hybuna*, agua escura.»

PARAHYPITANGA. Rio de agua vermelha; de *pará-y-pitanga*.

PARAHYTINGA. Rio d'agua branca ou clara; de *pará-y-tinga*. O Dr. Th. Sampaio é da mesma opinião. O Dr. J. M. de Almeida, porém, diz: «*Parahytinga*, corruptela de *Pi-rá-i-ty-nga*, fundo desigual e lagôas. De *pi*, fundo; *rá*, desigual, não nivelado, altos e baixos; *i*, agua; *ty*, atar, pender, com o suffixo *nga* (breve), para formar supino. Assim, lagôa de agua estagnada ou parada, é *i-ty-nga*, agua presa. Allusivo a serem o rio e ribeirões ladeados de lagôas de todos os tamanhos e de toda a especie; e a terem obstruido com cachoeiras o leito. Tambem este nome tem sido deturpado; pois que já li que é corrupção de *Pirá*, peixe; *hytinga*, agua clara! Um verdadeiro não senso.»

PARAHYTINGA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Tieté. Em sua margem esq. fica a pov. de S. José do Parahytinga.

PARAHYTINGA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Corumbatahy, entre os muns. de S. João do Rio Claro, Belém do Descalvado e Piracicaba.

PARAISO. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de S. Fidelis.

PARAISO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Corumbatahy, no mun. de S. João do Rio Claro. «*Paraiso*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Poró-aî-çû*, contracção *Por'-aî-çû*, excessivamente obstruido com altos e baixos. De *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, etc.; *aî*, desbaratar, desordenar, cousa não lisa; *çû*, altos e baixos. O *çû* é pronunciado breve e corrido, porque o accento predominante está em *aî*. Allusivo a pedras e buracos no leito.»

PARAISO. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Grande, no mun. de Santa Rita do Paraiso.

PARAIZO. Log. do Estado do Pará, na margem esq. do rio Pracutuba, na ilha Caviana, mun. de Chaves.

PARAIZO DAS NEGRINHAS. Log. do Estado da Bahia, no termo de Cannavieiras.

PARAJÚ. Corrego do Estado do E. Santo, no mun. de Affonso Claudio.

PARAMIRIM. Compõe-se de *pará-mirim*, marsinho, mar pequeno, o mesmo que *parahim*: riosinho, rio menor (Dr. Theodoro Sampaio).

PARAMOPAMA. Compõe-se de *pará-mõ-pama*, mar que faz agitar, mar agitante, ou mar que joga; Sergipe (Dr. Theodoro Sampaio).

PARANÃ. No tupi-guarani composto de *pará-nã*, semelhante ao mar, tão grande como o mar; no tupi da costa *pará-nã*, rio enorme, caudal immenso, o mar; alt. *paraná*, *parná*, *pernâ*, *ferná*; alt. *maranã*, *maranhã* (Dr. T. Sampaio). «*Paraná*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Poró-anã*, por contracção *Por'-anã*, excessivamente grosso. De *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, etc.; *anã*, grosso. Allusivo a ser um rio muito largo, excedendo de duas leguas em alguns logares». «A palavra *paranã*, diz ainda o Dr. T. Sampaio, sob a influencia do portuguez, alterou-se, bem depressa, nos seus compostos. Por syncope do *a* no meio da palavra, passou-se a dizer *parnã*. E em documentos antiquissimos já se encontra esta ultima corruptela modificada para *pernã* entre portuguezes e para *fernã* entre francezes. Os primeiros fizeram *Parana-buc*, Pernambuco e os segundos *Fernambouc*.»

PARANAGUÁ. Compõe-se de *paranã-guá*, seio do mar, bahia, golfo; lago, lagôa grande (Dr. Theodoro Sampaio). *Parnaguá*, no Estado do Piauhy, é a mesma cousa que Paranaguá. Antigamente dizia-se *Pernaguá*.

PARANAHYBA. Compõe-se de *paranã-ahyba*, grande rio impraticavel, ou innavegavel. — A palavra *parnahyba*, corruptela de *paranã-ahyba*, commummente empregada como *parahyba* para designar nos grandes rios, os trechos impraticaveis, onde a navegação se torna impossivel, tambem se encontra em antigos documentos com a graphia Pernahyba (Dr. Theodoro Sampaio).

PARANAMIRIM. Compõe-se de *paranã-mirim*, o mesmo que *parámirim*.

PARANAPANEMA. Composto de *paraná-panema*, rio grande imprestavel, rio falso; anteposto a *paraná-etê*; S. Paulo (Dr. T. Sampaio). O Dr. J. M. de Almeida, em seu *Dicc. Geogr. da Prov. de S. Paulo* (obra posthuma), 1902, diz: "*Paranapanema* corruptela de *Pâî-ar-anhã-pan-nẽma*, contrahido em *Pâî-ar-anã-pan-'ẽma*, dependurado na parte superior, corredeiras, quedas estrondosas, voltas e revoltas. De *pâî*, dependurar; *ar*, sobre, em cima; *anhã*, correr; *pan*, golpe, pancada; *nẽma*, voltas e revoltas. E' este um dos nomes mais completos e por isso mesmo mais engenhosamente combinado. E' allusivo ao leito ingreme, desde a nascente até á barra do rio *Itapetininga*, ás innumeras e terriveis corredeiras, aos saltos, em que as aguas se despenham com fragôr, ás voltas e revoltas, que faz em seu longo curso... Assim, pois, não é verdade que o nome *Paranapanema* signifique, conforme Martius e outros — rio esteril e sem prestimo —; ao contrario, é abundantissimo de peixe de todas as especies. O padre Manoel da Fonseca, na *Vida do Padre Belchior de Pontes*, assignalando que *Paranapanema*... «era um sertão naquelle tempo (seculo XVII) trilhado dos moradores de S. Paulo, e como estrada para os sertões do sul", narra que, "tanto que o padre Pontes ouviu nomeal-o, disse que lhe não chamassem *Paranapanema*, que val o mesmo que rio falso ou bromado, mas lhe chamassem *Parannajuba*, que val o mesmo que rio amarello». Ora, dizendo tal, o padre Pontes não quiz traduzir litteralmente o nome, mas aproveitar a palavra para uma allusão: basta ler o resto dessa mesma pagina em que vem referida a prophecia da descoberta das minas por Domingos Rodrigues. Aliás, no jogo linguistico dos indigenas, *Paranapanema* significa tambem — encachoeirado e sem proveito —: de *poró*, para exprimir na cousa a acção propria em relação ao verbo, e habito, extensão, excesso em relação ao substantivo e mesmo ao verbo *anã*, correntes violentas, empurrões; *panẽ*, ser de nenhum proveito, com o suffixo *ma* (breve), para formar supino. Allusivo, exactamente, ás cachoeiras, corredeiras, saltos, gargantas e á impraticabilidade da navegação em grande parte do rio; e certamente, neste sentido, o padre Belchior de Pontes disse que esse nome *val o mesmo* que rio falso ou bromado.»

PARANAPIACABA. Composto de *paraná-apiacaba*, vista do mar, donde se vê o mar, miramar; S. Paulo (Dr. T. Sampaio). O Dr. J. M. de Almeida diz: «*Paranapiacaba*. Nome attribuido á serra maritima, *Cubatão*. E alguns o limitam á parte mais alta dessa serra. Os dous documentos que podiam nomear esta serra, eram os titulos de sesmaria de Pedro de Góes e de Ruy Pinto; aquelle, de 10 de outubro de 1532, este, de 10 de fevereiro de 1533. Qualquer destes titulos não menciona o nome *Paranapiacaba*; e o primeiro limita-se a referir-se á — serra que está sobre o mar — sem nomeal-a. Só em 1674 o padre Lourenço Craveiro, reitor do collegio

dos Jesuitas em S. Paulo, annotando o primeiro daquelles titulos, escreveu que aquella — serra que está sobre o mar — é a *Paranapiacaba*. Mas, em nota do padre Lourenço Craveiro, não prova senão que já naquelle tempo, em 1674, o nome *Paranapiacaba* era attribuido á serra Cubatão. Li as duas *Informações* do padre José de Anchieta, 1584—1586, e nellas não vi o nome *Paranapiacaba*. Na primeira elle escreveu: « Para o sertão, caminho do Noroeste, além de umas *altissimas serras que estão sobre o mar*, tem a villa de Piratininga ou de S. Paulo, 14 ou 15 leguas da villa de S. Vicente... » Na segunda, foi escripto: « A quarta villa da capitania de S. Vicente é Piratininga, que está 10 ou 12 leguas pelo sertão e terra a dentro. Vão lá por *umas serras tão altas*, que difficultosamente podem subir nenhuns animaes, e os homens sobem com trabalho e ás vezes de gatinhas por não despenharem-se... » (Vide o nome *Cubatão*). A verdade é outra. O nome *Paranapiacaba* era disignativo do caminho entre Piratinin e o porto proximo á foz do rio Mogy. (Vide o nome *Mogy* e *Piaçagoera*). *Paranapiacaba*, corruptela de *Pê-rá-ñai-piá-quab-a*, passagem do caminho do porto de mar. De *pê*, superficie; *rá*, encrespada, formando a palavra *pê-rá*, mar; *ñai*, porto; *piá*, caminho; *quab*, passar, que com o accrescimo de *a* (breve), forma o infinitivo, o qual, não tendo caso, significa a acção do verbo em geral, passagem, segundo a licção do padre Luiz Figueira, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*. No titulo de sesmaria de Ruy Pinto, ha referencia ao porto proximo á fóz do rio *Mogy*, que foi denominado pelos portuguezes *Porto das almadias* e tambem *Porto de Santa Cruz*; e o nome tupi do porto era *y-piaçába*, corrompido em *Apiaçaba*, logar do apartamento do caminho. De *y*, relativo; *pia*, apartar caminho; *çaba*, verbal de participio, o mesmo que *ába*, para exprimir logar, modo, instrumento, causa, fim, intuito, fazendo *çaba*, segundo a regra ensinada pelo já citado padre Luiz Figueira. O porto permaneceu — porto das almadias—, conforme a denominação dada no titulo de sesmaria de Ruy Pinto, ou — porto das canôas — conforme a denominação geral, até que, já neste seculo, foi feito o aterrado com as pontes necessarias. Tambem, nesse titulo de sesmaria, a serra de que se trata não teve menção por seu nome. Eis o que está escripto: « E dahi (o porto referido) subirá direito para a serra por um lombo que faz, por uma agua branca, que cahe do alto, que chamam *Ytutinga*, e, para melhor se saber este lombo, entre a dita agua branca por as ditas terras não se mette mais de um só valle, e assim irá pelo dito lombo acima, como dito é, até o cume do *serro alto, que vae sobre o mar*, e pelo dito cume irá pelos outeiros escalvados, que estão no caminho que vem de Piratinim ». Portanto, o nome *Paranapiacaba* ficou com a serra, por ter sido abandonado o caminho. Este caminho foi exactamente o escolhido para o traçado da estrada de ferro de Cubatão á cidade de S. Paulo ». Frei Gaspar da Madre de Deus diz que este nome significa — sitio donde se vê o mar.

PARANAPITANGA. Corruptela de *Poró-anhã-pi-tangẽ*, contrahido em *Por'-anhã-pi-tangẽ*, margens altas, fundo, e muitissimo corrente. De *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, etc.; *anhã*, encostar, juntar; *pi*, fundo; *tangẽ*, pressa, velocidade. Allusivo a correr entre montes alcantilados, com muita fundura e correnteza extraordinaria, por ser ingreme o leito. O impagavel frei Francisco dos Prazeres Maranhão, em seu *Glossario de palavras indigenas*, escreveu que *Paranapitanga* é corrupção de *Pirahypitanga*, rio do peixe vermelho! E ao pobre indigena são attribuidos taes disparates (Dr. J. M. de Almeida).

PARANAPITINGA. Composto de *paraná-pitinga*, rio branco, o mesmo que *paranatinga* (Dr. T. Sampaio).

PARANAPUCÚ. Composto de *paraná-pucú*, o mar comprido, o braço de mar, o canal maritimo (Dr. T. Sampaio).

PARANAPUCUY. Composto de *paraná-pucú-y*, rio do braço de mar, rio do canal (Dr. T. Sampaio).

PARANATINGA. Rio branco; composto de *paranátinga*. O *Dicc. Port. Bras.* diz que era esse o nome tupi do rio das Amazonas.

PARANAUÇÚ. O mar largo, o alto mar, o oceano, o mar undoso ou revolto; composto de *paraná-uçú*.

PARAOPEBA. Rio de agua raza; composto de *pará-u peba* ou *pará-y-peba*.

PARAOPEBA (Piedade do). Dist. de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Foi transferido do mun. de Ouro Preto para o de Villa Nova de Lima pela Lei n. 319 de 16 de setembro de 1901.

PARAOPEBA. Rio de Minas Geraes, affl. do Pomba. Linhas duas. Depois de S. Domingos, accrescente-se Pedra Branca, Macacos e Pirapetinga.

PARAPAMBA. Composto de *pará-pamba*, ou *pará-pama*, mar erguendo-se, mar revolto (Dr. T. Sampaio).

PARAPATINGAS. Rio do Estado da Bahia, na ilha de Itaparica. Banha a pov. do seu nome e desagua no mar. Ha nessa pov. uma ponta e uma enseada do mesmo nome.

PARAPITANGA. Mar vermelho ou rio vermelho; composto de *pará-pitanga*.

PARAPUITAN. Rio pardo; de *pará-puitan*.

PARARACA. Morro no mun. da Natividade, no Estado de S. Paulo. « *Pararaca*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Poró-aráquai*, contrahido em *Por'-araquai*, muito cingido. De *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, etc.; *araquai*, cingir, cingido. Allusivo a ter uma cintura entre a base e o alto. »

PARATAHY. Rio do Estado de S. Paulo, banha os muns. de Santa Isabel e S. José dos Campos e desagua na margem dir. do Jaguary, trib. do Parahyba do Sul. Recebe o Taboão, o Cachoeira, o Agua de Maria Rosa, além de outros. Tambem escrevem Paratehy. Vide *Paratehy*.

PARATEHY. Corruptela de *Poró-áteỹ*, contrahido em *Por'-ateỹ*, excessivamente frouxo. De *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, peculariedade, etc.; *áteỹ*, frouxo. *O ỹ* final tem som guttural. Allusivo a transbordar, esparzindo-se nas varzeas e formando extensos banhados (Dr. J. M. de Almeida. *Dicc. geogr. de S. Paulo*).

PARATIHÚ. Corruptela de *Poró-áteỹ*, contrahido em *Por'-áteỹ*, excessivamente frouxo. De *poró*, para exprimir superlativo, excesso, extensão, habito, peculariedade, etc.; *áteỹ*, frouxo. O *ỹ* final tem som guttural. Allusivo a desatar-se em banhados (Dr. J. M. de Almeida. *Obr.* cit.).

PARATIUA. Igarapé affl. do rio Gurupy. Desagua do lado do Maranhão (Dr. G. Dodt. *Relatorio*).

PARATY. Corr. *pirá-ty* ou *pirá-ti*, peixe branco, a tainha; alt. *pirti*, *perti*, *berti*, *parti* (Dr. T. Sampaio). « Corruptela de *Paraíti*, infinitivo de *Aparaíti*, derrocar-se, portanto derrocado, por não ter caso esse infinitivo assim empregado, e, em consequencia, significar a acção do verbo em geral. Allusivo a ter esboroadas as encostas, por causa de successivos derrocamentos ». Isto diz o Dr. J. M. de Almeida em relação a serra do Paraty, que, diz elle, divide as aguas do ribeirão Paraty ou Paratehy das do rio Parahyba; entre os muns. de Mogy das Cruzes, Santa Izabel e Jacarehy.

PARATY. Rio de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Desagua na margem dir. do Jaguary. Tambem escrevem *Paratehy*.

PARECY VELHO. Log. do Estado do R. G. do Sul, no 4º dist. do mun. de S. Sebastião do Cahy; com escola.

PAREDÃO. Pov. do Estado do Rio de Janeiro, no mun. do Sumidouro; com escola. Tambem escrevem Barra do Paredão.

PAREDES. Log. do Estado de Minas Geraes, no mun. de S. Gonçalo do Sapucahy.

PARELHEIROS. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do Mboy-guassú ou Guarápiranga.

PARI. Subs., cerca feita de cannas para apanhar peixe, o coffo; o curral de peixe (Dr. T. Sampaio). O Dr. J. Mendes de Almeida, referindo-se ao arrabalde da cidade de S. Paulo, diz: « Logar antigo de pescaria, em cuja operação era e é empregado o *pari*: dahi o nome do logar. O *pari* é feito de talas ou varas finas, amarradas umas ás outras verticalmente; e com isso o indigena fórma, no rio, ribeirão ou corrego, o *cacári* para apanhar o peixe que desce de encontro a essa tapagem. Em vez de *cacári*, já li *cacury*; mas o padre A. R. de Montoya, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, escreveu *cacári* ». Referindo-se ao rio affl. do Paranapanema, diz: « *Pary*, corruptela de *Pâî-ri*, successivamente dependurado. De *pâî*, dependurar; *ri* o mesmo que *rehé*, successivamente, neste caso. Allusivo a ter o leito muito ingreme; em uma declividade de mais de dous metros por kilometro, já considerado o seu sinuoso curso. Com seus saltos, cascatas e cachoeiras, o *Pary* não tem navegação possivel. *Pary*, nome da cachoeira, é uma assimilação da cerca de talas para pescar. A cachoeira é quasi um salto, sem canal praticavel; de sorte que não ha meio de sahir dalli, senão arrastando as canôas pela margem, depois de descarregadas ».

PARICOERA. Corruptela de *Piri-quer-a*, um pouco dorminhoco. De *piri*, um pouco; *quér*, dormir, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. Allusivo á lentidão do seu curso (Dr. J. M. de Almeida). Martius escreveu *Paricoera* e diz significar — peixe rei. Vide *Pariquera*.

PARIDA. Ilha no mun. de Cururupú do Estado do Maranhão, no furo da Parida.

PARIPE. Composto de *pari-pé*, no cercado de peixe; Bahia (Dr. Theodoro Sampaio).

PARIQUEIRA. Corr. *pari-quera*, o pari ou cercado extincto, o pari velho (Dr. T. Sampaio). Vide *Paricoera*.

PARIQUÉRA. Composto de *pari-quéra*, o cercado de peixe de outro tempo, o cercado velho ou extincto; S. Paulo (Dr. T. Sampaio). Vide *Paricoera*.

PARNAHYBA. « Não se trata de *Paranahyba*; nem com este nome ha affluente algum do rio Tieté no mun. do Parnahyba, como o pretendeu Azevedo Marques, em seus *Apontamentos Historicos, Geographicos, Biographicos, Estatisticos e Noticiosos da Provincia de S. Paulo*, á força de querer explicar o nome *Parnahyba*. Ao principio suppuz que fosse corruptela de *Piâ-ñâî-bo*, logar do porto do caminho: de *piâ*, caminho; *ñâî*, porto; *bo* (breve), para exprimir logar. Com effeito, defronte da banda do rio *Juquery*, como reza um documento antigo, em que Melchior da Costa pediu uma sesmaria de terras para suas duas filhas, quando já casado com Suzana Dias, devia existir um porto: e alli era estabelecida com fazenda a dita Suzana Dias, ao passo que o pedido de Melchior da Costa, em 1610, foi para o logar da actual villa. Sem duvida era ahi o logar da passagem do rio Tieté, de uma para outra margem. Mas, o nome *Parnahyba* tem outra verdadeira explicação. E' corruptela de *Pâũ-n-eii-bo*, logar de muitas ilhas. De *pâũ*, ilha; *n*, por ser nasal a palavra anterior; *eii*, muitos; *bo* (breve), para exprimir logar. Allusivo a uma cachoeira, extensa e estrondosa, acima da villa, no rio Tieté, semeada de ilhotas cobertas de mattas. E' mesmo visinha da villa essa cachoeira. Entre as ilhotas ha varios canaes, e alguns de difficil pratica. Como que para moderar a impetuosidade das aguas, a natureza collocou, mais abaixo da cachoeira, uma pedra chata, ou ilha granitica, de certa extensão e largura, conhecida por *Itapeva* ou *Ytá-pé-bae*. De encontro a essa pedra ou ilha granitica, as aguas, que descem em catadupas, quebram-se espumantes. Tal é a origem do nome corrupto *Parnahyba*. A cachoeira é a hoje conhecida por *Cachoeira do Inferno* ». (Dr. João Mendes de Almeida). Vide *Paranahyba*.

PARNAMIRIM. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. do Recife e desagua no rio Capibaribe.

PARREIRAS. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

PARURÚ. Bairro no mun. de Una, no Estado de São Paulo.

PARY. Bairro no dist. de Santa Rita da Extrema, no Estado de Minas Geraes.

PARY. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da Vargem Alegre e mun. do Bom Fim.

PARY. Vide *Pari*.

PASCACIO. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Breves. Encontrei tambem escripto *Pascasso*.

PASSA CINCO. Pov. dos Estado de Minas Geraes, no dist. de Guarany e mun. do Pomba, á margem dir. do rio deste nome; com uma capella de Santo Antonio, uma esc. municipal e uma estação da E. de F. Leopoldina.

PASSA CINCO. Cachoeira no rio Pomba, proxima á estação do Passa Cinco, no mun. do Pomba e Estado de Minas Geraes. E' tambem denominada do Manoel Alves, nome do fazendeiro em cujas terras ella fica.

PASSAGEM. Log. do Estado do Pará, na sub-prefeitura de Urixiacá da com. de Santarem.

PASSAGEM. Pov. do Estado de Santa Catharina, no mun. de Tijucas; com escola.

PASSAGEM. Ramal da E. de F. Santo Amaro, no Estado da Bahia. Parte do kil. 6 da linha principal, proximamente á estação de Traripe e com um kil. de percurso vai até á Usina Passagem.

PASSAGEM. Pov. do Parahyba do Norte, no mun. de Patos. Accrescente-se no fim: Foi elevada a dist. pela Lei n. 139 de 2 de agosto de 1899.

PASSAGEM DE BAIXO. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. do Rozario, á margem dir. do rio Novo.

PASSAGEM DE CARROS. Arraial do Estado de Sergipe, no termo de Itaporanga (*Almanak Sergipano*. 1901).

PASSAGEM FRANCA. Villa do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira, *obr.* cit., diz « *Passagem Franca*, situada a 288 kils. de Caxias e a 72 da cidade de Picos, que lhe serve de porto no rio Itapecurú, está sobre o ribeirão Inhumas, affl. do rio Corrente que é trib. da margem dir. do Itapecurú, onde desagua, em distancia de 132 kils. de Picos, de que fica á jusante. Seu mun. é criador e productor de algodão e cereaes. O benemerito Dr. Francisco Dias Carneiro nasceu na fazenda *Por em quanto*, que pertence a este mun. ». O Sr. José Ribeiro do Amaral, em seu trabalho *O Estado do Maranhão em 1896*, diz: « *Passagem Franca*, villa, a 6°7' de lat. S., situada á beira da estrada real, que do alto sertão vai á Caxias, á margem dir. do ribeirão Inhumas, com quatro ruas, tres beccos e duas praças, 26 casas de telha, 68 de palha e uma pop. de 685 habs. Possue uma egreja de adobos, coberta de telha e bastante espaçosa, onde se celebra annualmente a festividade de S. Sebastião, orago da freg., ha pouco transferida para Picos. Os principaes generos de producção e lavoura do mun. são: algodão e canna de assucar, chegando a 25 o numero de engenhos, que fabricam aguardente, assucar e rapaduras; seguindo-se logo arroz, milho, farinha, feijão, favas, gergelim, mamona, inhame e batatas. Este mun. é essencialmente criador. Segundo os melhores calculos, a pop. do mun. é de 5.000 almas. Todo este territorio é fertil em recursos naturaes: as fructas sylvestres, como o bacury, o piqui, a guabiraba, o cajú e a mangaba, de cuja arvore já se vai extrahindo alguma borracha, são em grande abundancia. Existem tambem grandes brejos compostos em sua totalidade de buritysciros e jussaraes. Além de muitas lagôas abundantes de peixe, merece especial menção uma, a do Casal, de grande extensão, e onde se fazem as grandes salgas de peixe em certas epochas do anno. A 18 kils. da villa ha uma caieira, que produz cal de pedra, de bôa qualidade; e á egual distancia, nas encostas da serra Mimoso, uma formidavel mina de salitre, que já tem sido explorada. Ha tambem minas de tabatinga de diferentes côres, especialmente de uma branca que substitue perfeitamente a cal ». Comprehende os povs. Tuhy e Burity do Novato.

PASSAGEM GRANDE. Arraial do Estado de Sergipe, no termo do Soccorro (*Almanak Sergipano.* 1901).

PASSA QUATRO. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha o mun. de Diamantina e desagua no rio Santa Maria, affl. do Jequitinhonha.

PASSAREUVA. Rio do Estado de S. Paulo, nas divisas do mun. de S. Vicente. Passa por uma quebrada da serra de Paranapiacaba.

PASSARINHOS. Estação da linha Itatibense, no mun. de Jundiahy e Estado de S. Paulo.

PASSA SETE. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

PASSA TRES. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do ribeirão Piragibú, no mun. de Sorocaba.

PASSA UNA. Pov. do Estado do Paraná, á margem do rio do mesmo nome, distante 10 kils. da capital. Encontra-se tambem escripto *Poça-una.*

PASSA VINTE. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do ribeirão Jundiovira, no mun. de Cabreuva. Nasce na serra do Japy.

PASSÊ. Nome de uma tribu selvagem do fundo do reconcavo da Bahia e tambem do valle do Amazonas, no Juruá; corrupção de *pá-acé*, gente do fim, do extremo, povo distante.

PASSO. Pov. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de S. Borja.

PASSO DA CANCELLA. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Santa Maria.

PASSO DA CRUZ. Log. no mun. de Uruguayana, do Estado do R. G. do Sul, com uma esc. municipal.

PASSO DA ESTANCIA. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Porto Alegre, com escola.

PASSO DA GAMELLA. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Viamão, com escola.

PASSO DA MANGUEIRA. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Porto Alegre, com escola.

PASSO DO ENFORCADO. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Caçapava.

PASSO DO MASSIAMBÚ. Log. do Estado de Santa Catharina, no mun. de Garopaba; com escola.

PASSO DO PUPO. Log. do Estado do Paraná, no mun. de Ponta Grossa; com uma esc. creada pela Lei n. 251 de 14 de dezembro de 1897.

PASSO DO SABÃO. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. da capital, com escola.

PASSO DO SALSO. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Porto Alegre, com escola.

PASSO DO SALTO. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. do Viamão; com escola.

PASSO DO VALDEZ. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Pelotas.

PASSO DO VÃO. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de S. Luiz Gonzaga, sobre o rio Piratiny, que ahi tem uma ponte metallica.

PASSO DO XAVIER. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Porto Alegre, com escola.

PASSOS (S. João Baptista dos). Dist. de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Foi desmembrado do mun. de S. Sebastião do Paraizo e annexado ao de Monte Sant pela Lei n. 319 de 16 de setembro de 1901.

PASTO DO PEÃO. Log. do Estado de Minas Geraes, no mun. de Entre Rios.

PASTO DO REI. Um dos morros que cercam a cidade de Cantagallo, no Estado do Rio de Janeiro. Nelle fica a Caixa d'agua.

PASTO DO REI. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha a cidade de Cantagallo e desagua no S. Pedro, affl. do ribeirão Lavrinhas, que o é do rio Negro.

PASTO NOVO. Corrego do Estado do E. Santo, entre Pau Gigante e Linhares.

PASTORADOURA. Log. do Estado da Bahia, no termo do Pombal.

PASTORADOURO. Morro na cidade da Cachoeira, no Estado da Bahia.

PASTOS BONS. Villa do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira (*Obr.* cit.) diz: « Situada a 384 kils. ao S. de Caxias, a 72 da margem dir. do Itapecurú e a 24 do Parnahyba, que lhe serve de porto, por intermedio da villa de Nova York, a que está ligada por natural e excellente estrada de rodagem, fica em terreno montanhoso e accidentado, tendo um grande despenhadeiro que a limita de S. a E., a que chamam *Grota do Pinga*, por existir ahi uma vertente de onde sempre gotteja agua. No centro da villa, em logar alto, vê-se a Egreja Matriz, de que é orago S. Bento, e ao S., na encosta do morro do Bomfim o quartel, já em ruinas. Por occasião da invasão e depredações ahi praticadas pelos balaios, em 1839, unicamente a Egreja foi poupada. E' um dos logares do sertão em que o clima é mais ameno; tem excellente agua potavel e possue, em suas cercanias, *quintas* muito ferteis. Conta uma fonte publica abundantissima, que passa por uma das melhores do sertão. Sua principal riqueza consiste na criação de gado, na producção de algodão e cultura de café, que têm prosperado. Calcula-se a sua pop. em 1.500 habs. »

PATIPE. Canal na Bahia. Accrescente-se no fim: O Capitão-tenente Viriato Hall considera-o como um rio, que se reune ao Cipó, affl. do Poxim.

PATRIMONIO. Log. do Estado de Minas Geraes, a seis kils. do dist. da Lage do mun. de Tiradentes, com uns cem habitantes.

PATRIMONIO DO BOM JESUS. Log. do Estado de Minas Geraes, no dist. de S. Sebastião do Alto Carangola.

PATUAHY. Cachoeira no rio Tieté, Estado de S. Paulo, mencionada por Pedro Taques, na *Nobiliarchia Paulistana*, com referencia á fazenda de cultura de Salvador Pires, sogro de Bartholomeu Bueno da Ribeira. E' a mesma que traz o nome de *Atuahy.*

PATYPE. Composto de *pati-y-pe*, no rio do *pati*, a palmeira (*Syagrus ophora.* Mart.); Bahia (Dr. T. Sampaio).

PAU D'ALHO. Ribeirão do Estado de S. Paulo; vai para o ribeirão do Pinhal, trib. do rio dos Moinhos, que o é do Tieté. Recebe o corrego do Tijuco Preto.

PAU D'ARCO. Log. do Estado da Bahia, no termo de Alcobaça.

PAU D'ARCO. Serra do Estado de Pernambuco, entre Cimbres e Alagôa de Baixo.

PAU DE FRUCTA GRANDE. Corrego de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Abastece a cidade de agua potavel, captada no planalto do Guinda, onde tem a sua nascente em um brejo. O pequeno manancial, que se denomina Pau de Fructa Pequeno, de que tambem se tira agua para abastecer a cidade, depois de ter percorrido dous kils.,

mais ou menos, toma o nome de rio das Pedras, e segue, formando a tres kils. da cidade, proximo ao matto da Toca, a bella cachoeira de Santo Antonio, recebendo o corrego da Agua Fria e depois o da Agua Limpa; dahi em deante corre com o nome de Sentinella, até receber o ribeirão Guinda, seguindo desta confluencia já mais caudaloso, com o nome de Beriberi, indo banhar o pov. de seu nome do dist. de S. João e desemboca no rio do Pinheiro.

PAU DE PILÃO. Log. do Estado da Bahia, no termo de Mundo Novo.

PAU DOCE. Bairro da Cidade de Ouro Preto, no Estado le Minas Geraes.

PAU FINCADO. Log. no 2º. dist. do mun. de S. Gabriel do Estado do R. G. do Sul.

PAU GIGANTE. Villa do E. Santo. Accrescente-se no fim: Foi ahi outr'ora o nucleo colonial de Santa Cruz. Compõe-se de uma rua, situada pouco acima da confluencia dos ribeirões Perobas, Mundo Novo e Sapateiro ou Taquaraussú, atravessando o primeiro toda a localidade. Atravessa-a uma outra rua, tortuosa e accidentada, tendo, em uma das elevações do extremo, o cemiterio publico, e na outra a egreja matriz, cujo orago é S. Marcos. Foi ahi creada uma freg. por Provisão de 17 de outubro de 1900.

PAU GRANDE. Arraial no termo do Soccorro do Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano.* 1901).

PAU GRANDE. Bairro no mun. do Mar d'Hespanha, no Estado de Minas Geraes; com uma esc. municipal.

PAU GRANDE. Ponta no mun. de Breves e Estado do Pará. E' tambem denominada Tenente.

PAULO (S.). Dist. policial creado no termo da Conquista, do Estado da Bahia pelo Dec. de 19 de janeiro de 1900.

PAUPINA. Corr. de *upá-ú-pina*, lagôa de agua descoberta ou despida, lagôa onde não ha plantas aquaticas (Dr. T. Sampaio).

PAU PODRE. Riacho nos limites do dist. do Sobrado do termo de Garanhuns e Estado de Pernambuco.

PAU POMBO. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de Itaporanga. (*Almanak Sergipano.* 1901).

PAU ROSA. Igarapé do Estado do Pará, banha o mun. de Afuá e desagua no rio Priricaua.

PAU SANTO. Ilhas no rio Tieté, abaixo da cidade de Porto Feliz, no Estado de S. Paulo. « *Pau Santo*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corrupção de *Páũ-çã*, corda de ilhas. De *páũ*, ilha; *çã*, corda. Allusivo a ilhas em fila que ahi existem. »

PAU SANTO. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Caruarú e desagua no rio Ipojuca.

PAVÃO. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. do Cabo, com o tunnel da E. de F. do S. Francisco.

PAVÃO. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, no dist. de Mendes e mun. da Barra do Pirahy. Vai para o rio Sant'Anna.

PAVÃO. Corrego do Estado de S. Paulo, banha a com. do Jaboticabal e desagua no rio Claro.

PAVÓ. Corrupção de *Po-ỹi*, ôco. De *po*, particula que compõe *poró*, para exprimir superlativo, excesso, qualidade natural; *ỹi*, ser ôco, com cavidade, abertura, seio. Este *ỹi* tem som guttural, é de difficil pronuncia; por isso os portuguezes disseram *pavó*. Allusivo a ter grutas (Dr. J. M. de Almeida).

PAVUNA. Corrupção de *pab-una*, todo preto, completamente escuro; nome de um rio do Rio de Janeiro (Dr. Theodoro Sampaio).

PAXIBA. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Tury-assú.

PAY. Subs., o sacerdote, o padre, o frade, o homem grave, o ancião, o pae (Dr. T. Sampaio).

PAYABUNA. Composto de *pay-oba-una*, padre de vestes negras, ou de sotaina, o jesuita (*Dicc. Bras.*).

PAYAPINA. Composto de *pay-apina*, o tonsurado, o padre que só tem corôa, o leigo (*Dicc. Bras.*).

PAYAYÁ. Rio do Estado da Bahia, nasce no Taboleiro do Lagedo, banha o mun. do Campo Formoso e desagua no Itapecurú. Recebe o Santa Luzia.

PAYCARÁ. Corrupção de *pai-cará*, o cercado ou o circulo de esteira, ou recinto fechado de esteiras; S. Paulo (Dr. Theodoro Sampaio).

PAYQUICÉ. Vocabulo composto de *pai-kicé*, faca ao redor, ou o que brande a faca ou decepa. Cazal diz que significa — *corta cabeças* — appellido dos Mundurucús do Pará, porque costumam cortar a cabeça a todo o inimigo que lhe cahir nas mãos e a embalsamam.

PAYTUCURA. Composto de *pay-tucura*, padre gafanhoto, ou cujas vestes imitam ao gafanhoto, o frade franciscano (*Dicc. Bras.*).

PAZ. Igarapé do Estado do Pará, na ilha Caviana e mun. de Chaves.

PAZ. Ribeirão do Estado do Rio de Janeiro, nasce na serra da Forquilha, banha o mun. de Santa Thereza e desagua no rio Parahyba do Sul, na fazenda do Casal.

PEAÇÁ. Contr. *pê-açaba*, travessia do caminho, onde o caminho corta ou sahe, o porto (Dr. Theodoro Sampaio.)

PEAÇABA. Composto de *pê-açaba*, o porto, o logar onde vem ter o caminho, a travessia do caminho; alt. *piassaba*, *peassava*, *biaçá*, *embiaçá;* nome que se dá á fibra da *Attaléa funifera.* — Quando os caminhos desciam até o mar ou aos grandes rios navegaveis, ao extremo desses caminhos, que eram ordinariamente um porto, davam os Tupis o nome *apéaçaba*, que quer dizer — *sahida do caminho*, e de que, por corruptela se fez *imbeaçaba*, *imbiassape*, como se lê em Hans Staden, e ainda *peaçá*, sob a forma contracta e mais commum na composição dos nomes de algumas localidades. Assim, os nomes *Peaçá-goera*, porto velho ou extincto, com que se designa uma localidade vizinha do Cubatão; *Peaçaboçú* ou *Peassabussú*, porto grande, designando uma villa alagoana, á margem do rio S. Francisco, são compostos com o thema *apeaçaba*, sob a forma contracta. O nome *piassaba*, ou, melhor, *peaçaba*, com que vulgarmente se designa a fibra resistente e utilissima da *Attaléa funifera*, palmeira abundante na zona quente do littoral, vem de certo do communissimo emprego nos portos (peaçaba) das cordas tecidas com a fibra dessa palmeira. No norte do Brazil, as amarras e cordoalha das embarcações pequenas, das jangadas e canôas era quasi que exclusivamente de *peaçaba*. Dizer-se, portanto, cordas de *peaçaba*, vale como se dissesse cordas do porto ou usadas nos portos. O nome *peaçaba*, ou *apeaçaba*, que o vulgo alterou para *piassaba* ou *piassava*, já não designa entre nós sinão a fibra da *Attaléa*; o primeiro e verdadeiro significado se perdeu para a lingua hoje falada no Brazil. » (Dr. Theodoro Sampaio).

PEÃO. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Atibainha.

PECÊ (pedaço). Ilhota de areia e mangue, no lagamar de Santos, no Estado de S. Paulo.

PECEGUEIRO. Espigão ou antes um serrote, que serve de divisa aos muns. de S. Luiz do Parahytinga e de Guaratinguetá, no Estado de S. Paulo.

PECEGUEIRO. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha a colonia Francisco Salles e corre para o rio Sapucahymirim.

PECEGUEIROS. Bairro no dist. de Santa Rita da Extrema do Estado de Minas Geraes.

PECERY. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do ribeirão Poti, no mun. de Mogy das Cruzes. *Pecery*, corruptela de *Pi-cery*, pouco fundo. De *pi*, fundo, e *cery*, pouco. Allusivo a ser um pequeno ribeirão e de pouca agua. Nasce em um alagadiço (Dr. J. M. de Almeida).

PECHINCHA. Log. na freg. de Jacarepaguá, do Districto Federal. Ahi fica o cemiterio da freg. É assim denominado por morar nesse logar um individuo com essa alcunha.

PÉ COMPRIDO. Log. do Estado do Paraná, no mun. do Serro Azul.

PÉ DA SERRA. Log. do Estado do E. Santo, no mun. de Guarapary.

PEDERNEIRAS. Serra do Estado de S. Paulo, no mun. do Capão Bonito do Paranapanema.

PEDRA BRANCA. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Indaiassú.

PEDRA BRANCA. Serra do Estado de S. Paulo, no mun. de Nazareth. Parece ser continuação da serra Itaberaba ou do Gil.

PEDRA BRANCA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Grande ou Jurubatuba, entre os rios Pequeno e Taquacetuba.

PEDRA BRANCA. Ribeirão do Estado de S. Paulo; nasce da serra do seu nome e desagua no rio dos Pilões, trib. do Jaguary, que o é do Parahyba do Sul.

PEDRA BRANCA. Cachoeira no rio Paranapanema, acima da cachoeira Tamanduá, e esta acima do rio Pardo. É uma das mais perigosas desse rio por causa dos fortes desnivelamentos do leito, formando quedas. Uma muralha granitica atravessa ahi o rio, deixando um unico canal estreito e torcido junto á margem esq.; e, proximo á margem dir., além daquella muralha que ahi tem começo, ha arrecifes.

PEDRA D'AGUA. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha o mun. de S. Fidelis e desagua na margem dir. do rio Parahyba, entre as estações de S. Fidelis e Ernesto Machado. Desce sobre pedras, formando bonitas quedas. A E. de F. Leopoldina atravessa-o na foz.

PEDRA DA LETTRA. Grande pico na serra de Cayrú no Estado da Bahia.

PEDRA DA MORENINHA. Grande pedra situada na ilha de Paquetá, na bahia do Rio de Janeiro. Ergue-se logo adeante da praia de S. Roque, em um sitio muito pittoresco. Domina o mar a seis ou sete metros de altura e tem no cimo um *plateau* de muitos metros de circumferencia, donde se goza de um imponente panorama.

PEDRA DO LINO. Log. do Estado da Bahia, no termo de Nova Boipeba.

PEDRA DO MONGE. E' uma pedra colossal, ao lado oriental da serra *Araçoiaba*, no mun. de Campo Largo de Sorocaba, do Estado de S. Paulo. Do alto dessa pedra a vista alcança vastissima extensão. O nome é attribuido ao supposto facto de ter sido habitada por um anachoreta.

PEDRA FUNDA. Log. do Districto Federal, no dist. de Guaratiba.

PEDRA FURADA. Serra do Estado do Maranhão, no mun. de Grajahú.

PEDRA GRANDE. Ponta na costa do Estado da Bahia. Fica ao N. da bahia de Ilhéos, que é formada por essa ponta e pela de Pernambuco.

PEDRA GRANDE. Corrego do Estado de Matto Grosso, no mun. da Capital. Vai para o ribeirão Roncador.

PEDRAL. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Breves.

PEDRA LAMBIDA. Log. do Estado do Paraná, no mun. do Tibagy.

PEDRA PRETA. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. de Nazareth, muito proximo á serra Itaberaba ou do Gil.

PEDRA RASA. Ribeirão do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Campos. E' um dos formadores do Pedra Lisa affl. do rio Preto. Nelle existe a queda da *Pedra Rasa*, em que as aguas de todo o ribeirão deslisam sobre um bloco de granito de 15 metros de largo e 100 de comprimento, na inclinação de 45°. Sua altitude é de 125 metros. Recebe o ribeirão do Barão.

PEDRARIA. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. do Rio Preto e mun. de Diamantina.

PEDRAS. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Amaragy e desagua na margem esq. do rio deste nome. Ha um outro riacho desse nome no mun. de Agua Preta.

PEDRAS. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Carassú, que o é do rio Una, no mun. de Barreiros.

PEDRAS. Rio do Estado da Bahia, nasce entre as serras da Maravilha e da Jacobina, banha o mun. do Campo Formoso e desagua no Itapecurú-assú. Recebe o Canhem.

PEDRAS. Riacho do Estado de São Paulo, affl. do Aricanduva, no mun. da capital.

PEDRAS. Riacho do Estado de Minas Geraes, banha a cidade do Rio Preto e desagua na margem esq. do rio deste nome. Passa pelo Matadouro.

PEDRAS. Riacho do Estado de Minas Geraes, affl. do rio dos Coitos, trib. do Chopotó, que o é do Pomba.

PEDRAS DE AMOLAR. Ribeiro de Santa Catharina. Accrescente-se no fim: Desagua no Itapocú.

PEDRAS DE FOGO. Villa do Parahyba do Norte. Accrescente-se no fim: Supprimida, foi restaurada pela Lei n. 125 de 7 de novembro de 1898.

PEDRAS DE MARIA DA CRUZ. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, no pov. do seu nome e Estado de Minas Geraes. Fica no rio S. Francisco, a 1.070 kils. distante do Joaseiro.

PEDRAS DO PERITORÓ. Pequeno pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Itapecurú-mirim.

PEDREGULHO. Dist. do Estado de S. Paulo, creado no mun. de Santa Rita do Paraiso pela Lei n. 838 de 1° de outubro de 1902.

PEDREGULHO. Corredeira no rio Paranapanema, no Estado de São Paulo. Precede a cachoeira Serra do Diabo.

PEDREIRA. Morro do Estado de Minas Geraes, no dist. de Congonhas do Campo.

PEDREIRA. Corrego do Estado de São Paulo, nas divisas do dist. de Morro Alto do mun. de Itapetininga.

PEDREIRAS. Villa do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira (*Obr.* cit.) diz: "*Pedreiras*, á margem dir. do rio Mearim, á montante de S. Luiz Gonzaga, é moderna, muito commercial e prospera. Exporta algodão, milho, arroz, feijão, carrapato e couros dos muns. visinhos. Durante o verão o commercio da Barra do Corda, que lhe fica á montante, faz-se por intermedio desta villa, que é, nessa estação, ponto terminal da navegação a vapor no rio

Mearim. Em 1855 continha apenas alguns paioes pertencentes aos lavradores da visinhança, porém havendo tomado consideravel desenvolvimento, foi elevada á villa em 1888. Calcula-se a sua pop. em 3.000 habs."

PEDRINHAS. Arraial do Estado de Sergipe, no termo de S. Christovão (*Almanak Sergipano.* 1901).

PEDRO (S.). Pequeno pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Itapecurú-mirim.

PEDRO (S.). Bairro do Estado de Minas Geraes, na cidade do Rio Branco; com um importante engenho central. Denominava-se *Pedros.*

PEDRO (S.). Serra do Estado de S. Paulo, nas divisas do dist. de Jaguary, pertencente á com. e mun. de Xiririca.

PEDRO (S.). Lagôa na pov. de Alagoinhas do Estado de Pernambuco.

PEDRO AFFONSO. Pov. do Estado de Goyaz. Accrescente-se no fim: Foi elevada á mun. pela Lei n. 179 de 25 de julho de 1898.

PEDRO BONNARD. Morro na villa de Itaocara e Estado do Rio de Janeiro.

PEDRO BORGES. Colonia do Estado do Amazonas, situada em S. José do Amatary.

PEDRO DO CRATO (S.). Villa do Ceará. Accrescente-se no fim: Foi rebaixada de villa pela Lei n. 589 de 24 de julho de 1900.

PEDRO GONÇALVES. Arraial do Estado de Sergipe, no termo do Rozario (*Almanak Sergipano.* 1901).

PEDROSOS. Pov. do Estado do Paraná, no mun. de Ponta Grossa, com escola.

PEGA-BEM. Morro do Estado de Minas Geraes, no mun. de Tiradentes.

PEGA COM DEUS. Porto no rio Araguaya e Estado de Goyaz.

PEITO. Morro do Estado da Bahia, no termo de Brotas.

PEITO DE MOÇA. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de S. Fidelis.

PEIXE. Rio do Estado de São Paulo, affl. da margem esq. do rio Pardo, nos muns. de Casa Branca, de Caconde e de São José do Rio Pardo. A margem deste rio fica o dist. do E. Santo do Rio do Peixe.

PEIXOTOS. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

PÉ LEVE. Termo usado no sertão da Bahia para designar um sujeito reles, que não tem domicilio certo.

PELLADO. Log. do Estado do E. Santo, no mun. de Santa Cruz.

PELLADO. Morro do Estado de São Paulo, entre o mun. de S. Bernardo e o dist. de N. S. da Penha de França. Delle nasce o ribeirão Aricanduva.

PELLADO. Morro no mun. de Jundiahy e Estado de São Paulo.

PELOTAS. Cidade do Estado do R. G. do Sul. Sua fundação. Os antigos campos de *S. Gonçalo das Pelotas*, ou do *Serro Pelado*, excellentes para criação, depois do tratado de paz de 1777, foram, em parte, adquiridos ou por concessão do governador ou por occupação illegal, como bem observou Bethamio, no anno de 1780, em sua *Noticia particular do Continente do Rio Grande do Sul.*

Explica essa occupação o augmento de moradores do Rio Grande, depois da expulsão dos hespanhoes, que, em sua invasão, haviam desalojado a já consideravel gente, que se estendia d'ali até Castilhos e que se estabeleceera naquella villa.

Diz Alfredo F. Rodrigues, na introducção á biographia do Dr. Antonio José Gonçalves Chaves, que "em 1780, junto ao Arroio Pelotas, em terrenos concedidos, no anno antecedente, pelo governador da capitania do Rio Grande, José Marcellino de Figueiredo, a Manoel Carvalho de Souza, fundou José Pinto Martins, vindo do Ceará, uma pequena xarqueada".

Martins, talvez impressionado pelos prejuizos que a secca de 1777 causara á capitania do Ceará, reduzindo o gado a oitava parte, vinha exercer a sua industria n'um lugar que offerecia melhores vantagens, do que a longinqua capitania de que procedia, e na qual se cultiva em larga escala, a criação pastoril.

Não tardou que outros lhe seguissem o exemplo; quatro annos depois os moradores de Pelotas constituiam regular numero de parochianos da freguezia de S. Pedro, cujo parocho Pedro Fernandes de Mesquita, em 1784, reconheceu com muita razão, a necessidade de dividir-se suas *ovelhas*, por maior numero de *apriscos*, porque estava em serias difficuldades, no desempenho de suas funcções sacerdotaes.

As cousas, porém, continuaram no antigo pé, e, em 1810, os moradores do lugar, com o auxilio do padre Felicio Joaquim da Costa Pereira, requereram ao principe a creação d'uma parochia.

Informa Pizarro que, nesse tempo, "para o mencionado sitio, haviam concorrido, desde aquelle anno (1784), e ahi habitavam, além de 150 familias, as mais abastadas da Fronteira, onde existiam consideraveis fabricas de carnes salgadas, em cujo trabalho occupava cada uma mais de 100 pessoas, á excepção dos empregados no costeio dos gados e no exercicio da lavoura".

A 14 de agosto de 1812, foi satisfeito o pedido de 1810, sendo creada a parochia de S. Francisco de Paula, no districto de Pelotas, annexo á frequezia de S. Pedro, cujo 1º parocho foi o padre Felicio Joaquim da Costa Pereira.

Houve duvidas sobre a escolha do local para a sede da parochia: uns queriam-na na costa do Arroio Pelotas e outros no Capão do Leão.

Assentou-se, porém, na visinhança do centro mais populoso, que era o antigo passo das Neves, posteriormente passo Rico, sitio povoado de muitas xarqueadas.

Em pouco tempo, progrediu admiravelmente a povoação, favorecida por optimas condições, de modo que, em 1814 a parochia de S. Francisco de Paula era das mais prosperas da capitania, sendo, nessa data, avaliada a sua população em 2.719 almas.

Voltando do Uruguay, D. Diogo de Souza, em 1815, com as forças de seu commando, acampou na parochia, dando-lhe muita animação, de que resultou beneficos resultados em pról do commercio local, pois que muitos mercadores ambulantes ahi se estabeleceram.

A 7 de Dezembro de 1830, a parochia passou á villa, sendo empossada a primeira camara, no dia 3 de Maio de 1832, como consta da seguinte acta:

Primeira acta da camara municipal da villa de S. Francisco de Paula.

Aos tres dias do mez de maio de mil oitocentos e trinta e dous, undecimo da independencia e do imperio, nesta villa de São Francisco de Paula, depois de haverem os vereadores prestado o juramento aos Santos Evangelhos e tomado posse de seus cargos, como consta da acta assignada pelos ditos vereadores e pelo Dr. ouvidor e corregedor da comarca, Antonio Rodrigues Fernandes Braga, se dirigiram á Igreja Matriz a dar graças a Deus, e, voltando á casa da camara, o presidente Manoel Alves de Moraes leu o discurso analogo ao objecto, findo o qual abriu a sessão e propoz a nomeação de secretario, que sendo por todos os vereadores apoiada, nomearam a João de Souza Mursa, o qual, achando-se presente, acceitou e prestou juramento, para depois se deliberar sobre a gratificação annual que deve perceber, e, sendo mais de duas horas da tarde, o presidente convidou os vereadores para se acharem, amanhã, ás 9 horas do dia, nesta casa

afim de continuarem os trabalhos e fechou a sessão. Do que, para constar, se lavrou a presente acta. Eu, Domingos José de Almeida, vereador que sirvo hoje de secretario, a escrevi. — Manoel Alves de Moraes —Domingos José de Almeida — João Alves Pereira — Alexandre Vieira da Cunha — Cypriano Rodrigues Barcellos — João Baptista de Figueiredo Mascarenhas.

A 27 de Junho de 1835, teve sancção a lei da Assembléa Provincial elevando a villa de São Francisco de Paula á cathegoria de cidade, com o nome de Pelotas, proposto por Francisco Xavier Ferreira e apoiado por Domingos José de Almeida.

Discutindo-se a escolha desse nome, houve largo debate na Assembléa, sustentado por João Baptista de Figueiredo Mascarenhas, que queria o nome *Pelotapes*, Manoel Felizardo o de *Calopolis* e Silva Maia o de *Prospera Cidade*.

Installou-se, solennemente, a 12 de Julho de 1835, a cidade de Pelotas, havendo nesse dia *Te-Deum*, na matriz, em acção de graças pelo feliz acontecimento.

Quiz o acaso que a cidade, cuja primeira base assentou José Pinto Martins, vindo do Ceará, tenha notavel semelhança com a Fortaleza, capital desse Estado nortista.

A *Princeza do Sul*, é bem parecida com a *Princeza do Norte* (Tancredo de Mello).

PELOUROS. Cachoeira no rio Tieté e Estado de São Paulo. E' tambem conhecida por Pilões. "*Pelouros*, corrupção de *Pirõ*, rodomoinhos".

PENHA. Pov. do Estado de Pernambuco, no mun. de Cabrobó.

PENHA (Bom Jesus da). Dist. de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Foi desmembrado do mun. de Cabo Verde e annexado ao de Jacuhy pela Lei n. 319 de 16 de setembro de 1901.

PENNA. Pov. do Estado do Rio de Janeiro; parte pertence ao mun. do Bom Jardim e parte ao de Cantagallo.

PENTECOSTE. Villa e mun. do Estado do Ceará. Accrescente-se no fim: Foi restaurada pela Lei n. 457 de 27 de agosto de 1898.

PEQUIÁ. Praia na ilha de S. Sebastião, mun. de Villa Bella e Estado de S. Paulo. « *Pequiá* ou *Pe-quiá*, plana e suja De *pe*, plana, chata; *quiá*, suja. » (Dr. J. M. de Almeida).

PEQUIRA. Vide *Piquira*. « *Pequira*, diz o Dr. J. M. de Almeida corruptela de *Pé-guir-a*, quente em baixo. De *pé*, quente; *guir*, em baixo, a parte inferior, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. Allusivo a ter quente o leito ou o fundo. Abundando tambem nessa lagôa o pequeno peixe *pequir-a*, o indigena, fazendo o jogo linguistico, preferiu certamente aquelle modo de designar o fundo quente da lagôa; sendo certo que poderia usar de outro modo, como por exemplo, *pi-acú*, que significaria tambem — fundo quente—. Assim, o nome identico ou quasi identico no som foi adoptado para exprimir dous factos na mesma lagôa. »

PEQUIRY. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do Tremembé, que o é do Guapira e este do Tieté (Orville Derby). Na legislação estadual encontra-se o corrego Piahy desaguando no Tremembé.

PERANAMBUCANA. Assim escreve o Dr. J. M. de Almeida o nome da serra e do corrego que percorrem o mun. de S. José dos Campos, do Estado de S. Paulo. « *Peranambucana*, diz o mencionado escriptor, corruptela de *Herã-n-ã-mb-áquâ-n-a*, tanto para o serrote, como para o corrego. Quanto ao serrote significa — um pouco alcantilado e ponteagudo —. Quanto ao corrego significa — um pouco empinado e muito corrente. A differença está somente na palavra *aquâ*, que no serrote, significa — ponta — e no corrego — correr, corrente —, e, por ficarem nasalisadas, em qualquer dos nomes, por causa de *herã* e *ã*, são fechadas com o *a* (breve), precedido de *n*. De *herã*, um pouco; *ã*, empinar; *mb*, intercalação por ser nasal a palavra anterior; *aquâ-n-a*, significando ponteagudo ou corrente, conforme já ficou dito. São dous nomes com som identico, mas significando diversamente, segundo o systema dos indigenas. »

PERDIÇÃO. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. da margem dir. do rio Ipojuca.

PERDIDO. Rio do Estado do Maranhão, banha o mun. de Itapecurú-mirim e lança-se no rio Mearim.

PERDIDO. Rio do Estado de Matto Grosso, no mun. de Miranda.

PERDIZES. Log. do Estado de Minas Geraes, no mun. de Araxá.

PEREIRA. Arroio do Estado do R. G. do Sul, affl. do arroio Grande, trib. do dos Ratos, que o é do Jacuhy.

PERIGOSO. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. de Itacoatiara.

PERIMIRIM. Corruptela de *Piri-myrĩ*, pouco e pequeno. De *piri*, pouco; *myrĩ*, pequeno; formando estas duas palavras o significado livre — raso e pouco extenso (Dr. J. M. de Almeida). Este rio do Estado de S. Paulo, a quem muitos denominam *Promirim*, tem apenas a extensão de um kil., quatro metros em sua maior largura e meio metro de profundidade.

PERIMIRY. Rio do Estado do Pará, no mun. de Santarem Novo.

PERIQUITO. Outeiro á margem dir. do rio Paraguassú, na foz do rio Batatan, no dist. de S. Roque.

PERIQUITO. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. da margem esq. do rio Ipojuca.

PERITIUA. Log. do Estado do Maranhão, no mun. de Carutapera.

PERITIUA. Igarapé affl. do rio Gurupy. Desagua do lado do Pará (Dr. G. Dodt).

PERITUBA. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Tieté, no mun. da capital. O Dr. Theodoro Sampaio, em seu trabalho citado, diz: « *Pirituba*, corr. *piri-tyba*, junco em abundancia, juncal ». O Dr. J. M. de Almeida escreve o affl. do rio Taquary *Perituba* e o affl. do Tieté *Pirituba*. «*Perituba*, diz o ultimo escriptor, corruptela de *Pyrity-bo*, soterrado a pique. De *pyri*, a pique; *ty*, soterrar, com o accrescimo de *bo* (breve), para formar supino, exprimindo ao mesmo tempo o modo de estar. — *Pirituba* é corruptela de *Piri-tui-bae*, um pouco alagado. De *piri*, um pouco, pouco; *tui*, fazer bojo, derramar-se, com a particula *bae* (breve), para formar participio ».

PERNAMBUCANO. Corrego do Estado de S. Paulo, nasce na serra do mesmo nome, banha o mun. de S. José dos Campos e desagua no ribeirão Potim.

PERNAMBUCO. Corrupção de *paranã-buc* ou *paranã-puca*, o mar quebra, ou o mar arrebenta, isto é, quebra-mar, em allusão ao recife; alt. *Fernambouc*. (Dr. Theodoro Sampaio).

PERNAMBUCO. Praia que se estende dos morros de Sapiatiba até o Boqueirão, no littoral do Estado do Rio de Janeiro. Della sahe um banco de areia apenas com uma braça d'agua, para SSE. até 1,5 milhas de distancia.

PERNAMBUQUINHO. Arrabalde da cidade do Bom Fim, no Estado da Bahia.

PERÓ. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. de Aguas Bellas.

PEROBAS. Bairro do mun. de S. Luiz do Parahytinga, no Estado de S. Paulo; com escola.

PERO LUIZ. Rio na ilha Cardoso, no mun. de Cananéa e Estado de S. Paulo. E' pequeno, tanto em extensão, como em profundidade. « *Pero Luiz*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corrupção de *Piieré-rui*, sinuoso e lento. De *piieré*, volver-se, dar voltas; *rui*, preguiça, lentidão, brandura, astucia, silencio, tento, etc. Allusivo a dar voltas successivas e a ser pouco corrente, até o ponto de parecer parado. »

PEROVÁ. Rio do Estado de S. Paulo, banha o dist. de Itaquaquecetuba e desagua na margem dir. do rio Tieté. Recebe o Una e o Corredor. « *Perová*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corrupção de *Pi-rõ-uá*, fundo revolvido e alagado. De *pi*, fundo, centro; *rõ*, revolver; *uá* ou *i-á*, alagar, fazer lagôa. Allusivo a derramar-se; e, por correr em terreno carbonifero, frouxo por mistura de areia, forma gretas no fundo, sobre as quaes gyram as aguas, revolvendo-lhe o fundo. Com effeito, o terreno é negro e em varzea, correspondente á formação do valle do rio Tieté, que, desde Mogy das Cruzes, se desdobra em uma immensa varzea. »

PERPETUA. Corrego do Estado de Minas Geraes, na com. de Uberabinha.

PERPETUA. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha o mun. de Diamantina e desagua no Guinda.

PERÚ. Arraial no termo de Maroim do Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

PERUCAIA. Morro entre os muns. de Conceição de Guarulhos e de Juquery, no Estado de S. Paulo. « Não se trata da planta *Piruguaia*, diz o Dr. J. M. de Almeida, tambem conhecida por *Cipó-suma*, da familia dos *Ionideas*, cujo nome na sciencia é *Anchietea salutaris*, e cuja raiz é purgativa. O povo diz tambem *piragáia* e tambem *anchieta*. E, aliás, essa planta pode existir naquelle morro; razão porque o indigena, para fazer o jogo linguistico, em vez de nomear de outro modo ou com outras palavras o morro, o nomeou *Perucaia*. *Perucaia*, corruptela de *Piri-quái-a*, cortado a pique; *quái*, cortar, talhar, com *a* (breve), para formar o infinitivo. Allusivo a ser morro alcantilado, como que talhado a pique. »

PERUHYBE. Praia no mun. de Itanhaen e Estado de S. Paulo. « *Peruhibe*, corr. *ipirú-y-be*, no rio do tubarão; S. Paulo. (Dr. T. Sampaio). O conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela prov. de S. Paulo no anno de 1805*, assim escreveu: « ...metti-me em carros para andar a praia de *Peruibe*, que ja fica ao sul da praia e terá seis leguas de comprimento; do meio para o fim está a aldeia deste nome, e no fim o rio, que tambem atravessei, para no seguinte dia subir o morro de *Peruibe* ». « Os indigenas, diz o Dr. J. M. de Almeida, costumavam dar nomes a logares varios, na mesma região, com o mesmo som, ou com som quasi identico, mas com significados diversos. *Peruibe*, nome do morro, é *Pir'-ii-bo*, contrahido em *Pir'-ii-bo*, a pique e em resvaladouro. De *piri*, a pique; *ii*, resvalar; *bo* (breve), para exprimir o modo de estar. Allusivo a ser alcantilado nas pontas ou cabeços que lança sobre o oceano; e resvaladeiro nas encostas interiores. — *Peruhibe*, nome do rio, é corruptela de *Pi-rui-bo*, fundo, quieto. De *pi*, fundo; *rui*, quietude, preguiça, silenciar, etc.; *bo* (breve), para formar supino. Allusivo a ser *rio morto*, ou ao menos, sem corrente apparente. — *Peruhibe*, nome da praia, é corruptela de *Pirú-ii-bo*, secca e dura. De *pirú*, secco; *ii*, duro, apertado; *bo* (breve), para significar sitio ou logar. Allusivo a formarem ahi as areias um solo secco e duro. » Os que costumam viajar de Santos para Iguape, ou vice-versa, fazem o trajecto dessa praia em carros puchados a bois; e sobem o morro conduzidos em rêdes. E' um pouco primitivo esse modo de viajar; mais ainda não ha outro mais aperfeiçoado; em todo o caso, tenho ouvido aos que já fizeram essa viagem, que o transporte em carros sobre aquella praia, e em rêdes sobre o morro, tem encantos, cujas recordações são um prazer para toda a vida do transportado. Tambem denominam essa praia *Tapirema*.

PERÚS. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Juquery, no mun. da Capital. « *Perús*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Pi-rú*, põe-se apertado. De *pi*, apertar; *rú*, por-se, estar. Allusivo a correr entre montes, em leito estreito, e ainda mais apertado em alguns logares, formando cachoeiras e saltos. »

PERUVAÚVA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Jundiavira, nos muns. de Jundiahy e de Parnahyba. Antes de desaguar, 200 metros mais ou menos, tem um salto de 12 metros de altura denominado Voturanchim. Até certo ponto, desde as cabeceiras, é conhecido por Guapiara. « *Peruvaúva*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corrupção de *Pi-ra-ibŷi-bae*, contrahido em *Pi-r'-ibŷi-bae*, fundo desigual e raso. De *pi*, centro, fundo ; *rá*, desigual, não nivelado; *ibŷi*, baixo, pequeno, com a particula *bae* (breve), para formar participio. Allusivo a ser encachoeirado desde que nasce, e a ter pouca agua. Nos logares mais estreitos não excede de tres palmos de fundo; nos mais largos terá palmo e meio. »

PERY. O junco. Corrupção de *piry* ou *piri*.

PERY. Log. do Maranhão. Em logar de *Pery*, leia-se Perys e accrescente-se no fim: São duas povs. — Pery de Cima e Pery de Baixo, separadas por pequena distancia. Ambas estão situadas á beira campo e distam da villa 12 kils.

PERY-ASSÚ. Igarapé do Maranhão. Accrescente-se no fim: Desagua no rio Aurá.

PERY-PERY. Serra do Estado da Bahia, no mun. da Jacobina.

PERYPERY. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. de S. Philippe. Vai para o rio Môa.

PERYPERY. Lagôa na pov. de Alagoinhas, do Estado de Pernambuco.

PESCARIA. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. do Rosario.

PESQUEIRO FUNDO. Ponta na costa da ilha de Santa Catharina, no Estado deste nome.

PESSINGUABA. Vide *Picinguaba*.

PETITINGA. Composto de *peti-tinga*, casca ou escama pintada de branco, ou pontuada de branco; peixe miudo; Bahia (Dr. Theodoro Sampaio).

PETROPOLIS. Cidade do Rio de Janeiro. Linha primeira, supprima-se capital. Accrescente-se no fim: Deixou de ser capital do Estado pela Lei n. 542 de 4 de agosto de 1902.

PEZO. Log. do Estado da Bahia, no termo de Belmonte.

PEZO. Rio do Estado da Bahia que communica Cannavieiras com Belmonte, passando pelo interior da barra do Pezo.

PHILIPPÃO. Ribeirão do Estado de Minas Geraes, no dist. de Santa Quiteria. E' o nome que toma o Santo Antonio em uma parte do seu curso. Ao Philippão reune-se o ribeirão da Prata, tomando dahi por deante o nome de ribeirão Grande e indo desaguar no rio Paraopeba com o nome de Cachoeira.

PHILIPPE (S.). Morro do Estado do Maranhão, na villa de S. Bernardo. Em sua base foi erecta a egreja Matriz dessa villa.

PHILOMENA (Santa). Pov. no mun. de Codó do Estado do Maranhão. E' tambem denominada *Mattões do Caboclo* (José Ribeiro do Amaral. *O Estado do Maranhão em 1896*). O mesmo cidadão dá noticia de um outro pov. do mesmo nome no mun. de Itapecurú-mirim.

PIABANHA. Composto de *piab-ai*, a piaba aspera ou farpada ; Rio de Janeiro (Dr. Theodoro Sampaio).

PIABAS. Uma das cachoeiras que formam o rio Brejahimirinduba, no mun. de Ubatuba e Estado de S . Paulo. « *Piabas*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Pihá-bo*, em escada. De *pihá*, degráu, escada; *bo* (breve), para exprimir o modo de estar. Allusivo a formar successivas quedas. »

PIABAS. Arraial do Estado de Sergipe, no termo do Lagarto (*Almanak Sergipano*, 1901).

PIABAS. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. de Aguas Bellas.

PIAÇAGOERA. « Antiga passagem do caminho, é, diz o Dr. J. M. de Almeida, o significado de *Pe-haçá-guera*; de *pe*, caminho; *haçá*, passagem, por ser infinitivo sem caso; *guera*, o mesmo que *cuera*, verbal de preterito, significando — o que foi, o que existiu —. Allusivo a ter sido ahi o porto do caminho que existia, ao tempo da chegada de Martim Affonso de Souza. Era proximo á foz do rio Mogy (Vide Mogy). Dahi os indigenas seguiam pelo continente até *Bertioga*; e, querendo ir á aldeia, onde se fundou a villa de S. Vicente, atravessavam o braço de mar para o porto do Cubatão. A communicação entre este porto e a villa de Santos era por canôas pelo laga-mar *Caneú*, como se vê da transcripção feita a proposito do nome *Piaçabossú*, de um trecho do *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo no anno de 1805:* «Parti de Santos, vim pelo braço de mar que se dirige para o Cubatão, e no largo do Caneú tomei á esquerda por um rio, que divide a villa de Santos da terra firme, e a torna verdadeiramente uma ilha... » Assim era ainda neste seculo, porque o aterrado entre Cubatão e Santos é obra posterior. A denominação *Cubatão-Mogy*, que se lê em algumas chronicas, não é nome de rio algum, senão a designação desse porto, que era a communicação com o caminho da serra. De outro modo, ou si outro fôra o caminho da serra Cubatão, seria sem explicação a descida dos indigenas até o canal *Bertioga*, em 1531, sem canôas, para verificarem a chegada e estada de naús portuguezas alli: — seu trajecto foi pelo continente, onde era a *tabacicaba* ou a escala de passagem entre as aldeias, a começar, em baixo da serra, pelos que estavam á margem dos ribeirões *Geribatyba* e *Ururay*. E' tão melhor esse caminho dos indigenas para *Piratinim*, hoje região e cidade de São Paulo, que, em suas explorações, a companhia ingleza da estrada de ferro de Santos a Jundiahy tomou essa mesma directriz para a subida da serra e mais percurso até aquella região, mais ou menos. Os vestigios da villa de Santo André, fundada por João Ramalho concorrem para este asserto (Vide *Santo André*). Como se vê do nome *Piàçáguera*, este é apenas designativo de que foi por alli o caminho primitivo, para o distinguir do que foi feito, posteriormente, pelos portuguezes. O nome do caminho primitivo era *Pe-rá-nâi-piâquâb-a:* e dahi os portuguezes entenderam que era o nome da serra (Vide *Paranapiacaba*). O do porto era *Y-pia-çâba*, porque ahi é que se dividiam os que iam para os lados da região, que depois tomou o nome de villa de S. Vicente, e os que iam para os lados da *Bertioga* (Vide *Apiaçaba*). (Dr. J. Mendes de Almeida, *Dicc. Geogr. da Prov. de S. Paulo*, obra posthuma. 1902). O Dr. Theodoro Sampaio, que escreve *Piassaguera e Peaçaguera*, diz ser essa palavra composta de *peaçá-guera* e significar a sahida ou travessia velha do caminho, o porto velho, o porto de outr'ora. Vide *Piassagoera*.

PIAGUHY. Composto de *piau-y*, o rio dos piáus (Dr. T. Sampaio). *Piaguhy*, corruptela de *Pi-ai-gui*, fundo com saliencias, altos e baixos; *gui*, posposição, significando, neste caso, *com* (Dr. J. M. de Almeida).

PIAHY. Log. do Districto Federal, no dist. de Guaratiba.

PIAHY. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do ribeirão Tremembé, no mun. da capital. « *Piahy*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Piá-i*, aos degráus. De *piá*, degráu, escada; *i*, posposição de perseverança, para exprimir successão do facto, isto é, alguns ou muitos. Allusivo a descer aos degráus ou de degráu em degráu. »

PIAHY. Corrego affl. da margem esq. do rio Tamanduatehy, no mun. de S. Bernardo e Estado de S. Paulo.

PIAHYBA. Log. do Estado do E. Santo, no mun. de Cariacica.

PIANGUABA. Colonia no mun. de Ubatuba, do Estado de S. Paulo; com duas escolas creadas pela Lei n. 732 de 26 de outubro de 1900.

PIÃO. Bairro no dist. de Santa Rita da Extrema, no Estado de Minas Geraes.

PIAS. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Itaocara.

PIASSABUSSÚ. Praia entre o porto que traz este nome e a villa de Itanhaen, no Estado de S. Paulo. « *Piaçabossú*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Pé-açái-buçú*, plana, extensa e larga. De *pé*, plana; *açái*, extender, extensa; *buçú*, o mesmo que *uçú*, largo, grande. Com effeito, essa praia tem cerca de setenta kils. de extensão, com grande largura. Mas, segundo o costume dos indigenas, relativamente a logares varios na mesma região, aos quaes davam nomes com som identico ou quasi identico, mas com significados diversos, este mesmo nome é attribuido ao porto, e ao rio que communica o porto com aquella praia, no mun. de S. Vicente. Quanto ao rio *Piaçabossú* é corruptela de *Pi-açái-iobú-çúú*, por contracção *Pi-açái-'obú-çúú*, fundo lodoso que reboja, esparzindo-se. De *pi*, fundo, centro; *açái*, estender, esparzir; *iobú*, rebojar, transbordar, sahir o liquido fóra das bordas que o contém, sendo que *io* é reciproco para compor a palavra com aquelle significado; *çúú*, o mesmo que *húú*, lodo, lama, borra, fezes, detritos, etc., por isso que a mudança de lettra, em composição de nomes, na lingua tupi, é muito usada, especialmente o *h*, que é aspirado, em *ç*, e, havendo necessidade, como neste caso, para o jogo linguistico na nomeação dos logares. Allusivo a ser lodoso esse rio; e a transbordar successivamente, á proporção que a maré cresce, por effeito do fluxo e refluxo das aguas maritimas. Sem ter crescido a maré, é innavegavel. — Quanto ao porto, o nome *Piaçabossú* é corruptela de *Pé-haçáb-uçú*, passagem geral do caminho. De *pé*, caminho; *haçab*, passar, e, por não ter caso, significando no infinitivo a acção do verbo em geral, conforme a licção do padre Luiz Figueira, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*, é — passagem —, *uçú*, tambem empregado para exprimir comparativo, ou ainda mais a acção do verbo por muitos. Allusivo a ser essa passagem *principal* que serve, em geral, aos que por alli transitam. A confirmação de tudo isto, vou dal-a transcrevendo a descripção destes logares, feita por pessoas que escreveram suas viagens entre a cidade de Santos e a villa de Itanhaen. O conselheiro Martim Francisco Ribeiro de Andrada, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo, no anno de 1805*, assim o escreveu: « Parti de Santos, vim pelo braço de mar que se dirige pelo Cubatão, e no largo do Caneú tomei á esquerda por um rio que divide a villa de Santos da terra firme, e a torna verdadeiramente uma ilha; cheguei ao porto de *Piaçabuçú*, onde me metti em carros, e andei uma grande praia de dez leguas, segundo dizem, ao sul, até chegar á villa de Conceição de Itanhaen ». Vou agora transcrever a descripção feita pelo Dr. Carlos Rath, em seus *Fragmentos geologicos e geographicos*, vinda da villa de Itanhaen para Santos, isto é, no sentido inverso ao do primeiro: « Da Conceição em diante tem de passar outra vez em carroças cobertas, puxadas a bestas ou bois, por entre o mar e os combros de arêa, por uma praia tesa e plana, até o porto de *Piassabussú*; dez leguas. Em *Piassabussú* deve-se parar e esperar a maré, e então, caminhando-se da praia para o porto do embarque do rio *Piassabussú* um quarto de legua mais ou menos, toma-se este rio lodoso e tortuoso até Santos, ou Casqueiro ou Cubatão, de cinco a sete leguas a este ultimo ». *Piassabuçú*, composto de *peaçab-uçú*, o porto grande. Vide *Peaçaba* (Dr. Theodoro Sampaio).

PIASSAGUERA. Estação da E. de F. Ingleza, no Estado de S. Paulo, além da Raiz da Serra.

PIASSAVA. Arraial no termo de Pacatuba, do Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

PIATÓ DE CIMA. Dist. creado no mun. do Açú, do Estado do R. G. do Norte, em 13 de fevereiro de 1899.

PIÁU. Cachoeira abaixo da fóz do ribeirão Mosquito, no rio Paranapanema, e acima da cachoeira Pacú, no Estado de S. Paulo. « *Pi-aú*, canal defeituoso. De *pi*, fundo, centro; *aú* ou *aúb*, particula para exprimir defeito na acção ou no facto; segundo a licção do padre Luiz Figueira, em sua obra

citada. Allusivo a ser um canal em diagonal, da margem esq. para a dir., por causa de arrecifes. As aguas correm nesse canal com impetuosidade. »

PIAUHY. Corrego affl. da margem dir. do rio Mogyguassú, no mun. do Ribeirão Preto e Estado de S. Paulo. « *Piauhy*, composto de *piau-y*, rio dos piáus » (Dr. T. Sampaio). « *Piauhy*, corruptela de *Pi-aî-i*, leito perseverantemente obstruido. De *pi*, fundo, centro; *aî*, saliencias, altos e baixos; *i*, posposição de perseverança. O *i* tem som guttural por estar seguido de outro *i*. Allusivo a ter no leito, em toda a extensão, pedras e cachoeiras. »

PIAUHY. Arraial do Estado de Sergipe, no termo do Riachão. Ha um outro arraial do mesmo nome no mun. de Pacatuba (*Almanak Sergipano*. 1901).

PIAUHY. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. da capital, perto do lago Janauacá.

PICADA CERRITO. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Pelotas, com escola.

PICADA WEINTZ. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de S. Leopoldo, com escola.

PICANÇO. Corrego do Estado de S. Paulo; desagua na margem dir. do rio Tieté, pouco acima da foz do Baquirivú-guassú.

PICA-PÁU. Corrego do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Araras e desagua na margem esq. do ribeirão Cerrado.

PIÇARRÃO ou **PISSARRÃO.** Corruptela de *Pi-çáirõ*, leito esparzido. De *pi*, centro, fundo; *çái*, esparzir, estender; *rõ*, particula que significa pôr-se, estar (Dr. J. M. de Almeida).

PICHÉO ou **PIXEU.** Orgão genital das mulheres. Termo uzado no sertão da Bahia.

PICHOÁ. Rio affl. da margem dir. do Parahyba, entre Taubaté e Caçapava. « *Pichoá*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Pỹtỹ-há*, atoladiço. De *pỹtỹ*, atolar-se; *há*, o mesmo que *aba*, para exprimir logar, causa, modo, instrumento, fim, intuito, etc. Mas a palavra *pỹtỹ* exprime apenas o effeito. As aguas desse corrego soffrem represa na barra e dahi o atoladiço como effeito dessa represa. Por causa da pronuncia de *pỹtỹ-há* sôa *pichu-á*. Allusivo a ter atoleiros no leito. São mesmo, em alguns logares, verdadeiros tremedaes. E' ladeado de varzeas. »

PICIMGUABA. Enseada um pouco ao S. do limite do Estado de S. Paulo com o do Rio de Janeiro, pelo littoral. Um rio do mesmo nome desagua nessa enseada. Segundo Martius, em seu *Gloss. Ling. Bras.* o nome *Picinguaba* significa: logar onde se cria o peixe do mar. « *Picinguaba*, nome da enseada, é, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Pe-cỹ-guaá-bae*, superficie lisa e arredondada. De *pé*, superficie; *cỹ*, lisa; *guaá*, arredondar, fazer barriga, com a particula *bae* (breve), para formar participio, significando — o que é —. *Picinguaba*, nome do rio, é corruptela de *Pé-cê-guaá-bae*, barra chata e alargada. De *pé*, chata; *cê*, o mesmo que *hê*, sahida; *guaá*, alargar, fazer barriga, com a particula *bae* (breve), para formar participio, significando — o que é —. O nome da enseada é allusivo a ser sem comoros de areia, e sem arrecifes; e semi-circular. O nome do rio é allusivo a ter rasa a barra, alargando-se ahi. Com effeito, sendo de 50 metros mais ou menos, a largura deste rio, quando desce do logar denominado *Laranjal*, alarga-se em sua foz mais de cem. » O rio é tambem denominado *Pescaria*.

PICO. Serra do Estado de Pernambuco, ao N. do mun. do Altinho.

PICO DE BAIXO. Bairro do dist. de Santa Rita da Extrema, no Estado de Minas Geraes. Ha no mesmo dist. um outro bairro denominado Pico de Cima.

PICOS. Cidade do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira (*Obr.* cit.), diz: « *Picos*, á margem dir. do rio Itapecurú, á montante de Caxias, de que dista 276 kils. (1) está situada á jusante, na distancia de seis kils. da foz do rio Alpercatas, affl. da margem esq. daquelle rio e á montante, na distancia de 142 kils., da foz do rio Corrente, outro affl. do rio Itapecurú, porém da margem dir. Possue uma egreja, uma typographia, em que se publica um jornal, e duas escolas. Constituem sua principal producção o algodão, cereaes e tambem o jaborandy. Calcula-se a sua pop. em 4.000 habs. ». O Sr. José Ribeiro do Amaral, no seu trabalho *O Estado do Maranhão em 1896*, diz: « *Picos*, cidade, a 5°58'45" de lat. S. e a 1°4'0" de long. W., á margem do Itapecurú, a 270 kils. de suas nascentes e a 282 de Caxias, tanto pelo rio como pela antiga estrada, distancia esta que, pela picada da linha telegraphica, se acha hoje reduzida a pouco mais de metade, a 174 kils. E' séde da com. do Alto Itapecurú e da freg. de S. Sebastião, que para ahi foi transferida da villa da Passagem Franca. Sua pop., segundo o ultimo recenseamento, é de 3.000 almas. Pobre e insignificantissima pov. composta de uns 18 ranchos de palha ainda em 1870, quando pela Lei Prov. n. 879 de 4 de junho desse anno foi elevada á categoria de villa, tanto se tem desenvolvido e prosperado nestes ultimos tempos, que é hoje considerada um dos emporios do commercio dessa parte do alto sertão e tambem um dos grandes centros productores de algodão e cereaes, com criação de gado em larga escala. Tem a cidade nove ruas, dous beccos e duas praças, Dias Carneiro e S. Sebastião, com 508 casas, das quaes 307 cobertas de palha e 201 de telha. O commercio é feito em 24 casas de seccos e molhados, tendo mais uma botica regular e quatro açougues. Contam-se tambem 53 officiaes ou artistas diversos, sendo: dois alfaiates, 12 sapateiros, dous barbeiros, sete carpinas, um marceneiro, quatro ferreiros, dous ourives, um carpinteiro, um calafate, dous funileiros, dois caldeireiros, oito pedreiros, um bahuleiro, sete oleiros e um typographo. Tem duas Egrejas: uma na praça Dias Carneiro, edificada em 1876 pela Irmandade de N. S. da Consolação, e que actualmente serve de Matriz da freg.; e outra, edificada no largo da Serrinha... Tem uma typographia, onde se imprimem os jornaes: *O Municipio* e o *Carapuceiro*. A pop. do mun., pelo ultimo recenseamento, é de 7.500 almas. Seus principaes generos de producção consistem em algodão e cereaes, avultando, dentre estes, o arroz, milho e feijão, os quaes são em parte exportados, bem como madeiras de excellente qualidade, de que ha grande abundancia, e resina de jatobá, folhas de jaborandy, azeite de côco e oleo de copahyba. A lavoura do café vae-se desenvolvendo gradualmente, havendo já muitos lavradores que se entregam a este genero de cultura. Sua colheita, comquanto pequena ainda, é promettedora, sendo de esperar que d'aqui a alguns annos possa ser exportado. Existem cinco motores de descaroçar algodão, sendo um movido a vapor e os outros por animaes. Tem criação de gado, mas em pequena escala, pois o mun. apenas pode produzir 1.110 crias de vaccum e 250 do cavallar. Tambem tem alguma de gado cabrum, lanigero e suino, que já dá para o consumo. A exportação de seus productos é feita geralmente em balsas de talos de burityseiros, viudas do Alto-Alpercatas, elemento esse que já vai escasseando, a ponto de lutar o commercio com difficuldades para o transporte de seus generos. A importação faz-se em uma gabarra, dous botes e tres igarités, que mal satisfazem as necessidades do mun. ». Comprehende os povs. Almeida e Burity Bravo.

PIEDADE. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Coroatá.

PIEDADE. Rio do Estado do Paraná, affl. do Ribeirinha, que o é do Assunguy. Recebe o ribeirão dos Orgãos.

PIEDADE. Rio do Estado de Minas Geraes; forma com o Capella Velha, que se reunem na cidade do Rio Branco, o Chopotó, trib. do Pomba. Recebe entre outros, o Santa Maria, o Aldêa e o Alambique.

---

(1) Pela estrada do fio telegraphico, a distancia de Picos a Caxias é de 180 kils.

PILÃO ARCADO. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, na villa do mesmo nome e Estado da Bahia. Fica naquelle rio, a 278 kils. distante do Joaseiro e entre as estações do Remanso e Chique-Chique.

PILAR. Pov. do Estado de Sergipe, no mun. do Espirito Santo.

PILARZINHO. Arrabalde da cidade do Pilar, no Estado das Alagôas.

PILÕES. Rio affl. da margem esq. do Parahyba, no mun. de Buquira e Estado de S. Paulo. « *Pilões*, corruptela de *Pi-rõ*, fundo revolto. De *pi*, fundo, centro; *rõ*, revolver » (Dr. J. M. de Almeida).

PILÕES. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. do rio dos Moinhos, que o é do Tieté. Recebe o Faxinal.

PILÕES. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Jaguary, trib. do Parahyba do Sul, no mun. de Santa Izabel. Recebe o Pedra Branca.

PILÕES. Gruta existente em uma das margens do rio dos Pilões, affl. do Ribeira de Iguape, no Estado de S. Paulo. O Conselheiro Martim Francisco, em seu *Diario de uma viagem mineralogica pela provincia de S. Paulo, no anno de 1805*, assim descreve-a: « Entrando pela barra dos Pilões, e depois indo costeando o dito ribeirão por um carreiro praticado em suas margens, vai ter-se a uma gruta semelhante á de Santo Antonio ».

PILÕES. Villa do Parahyba. Accrescente-se no fim: Foi transferida sua séde para a pov. da Serraria, com esta denominação pela Lei n. 80 de 13 de outubro de 1897.

PIMENTA. Serra do Estado do Rio de Janeiro, nas divisas do Sumidouro com Sapucaia.

PIMPIRÚ. Ilha do Estado do Maranhão, no mun. de Cururupú. Pertence ao grupo de S. João Mirem (José Ribeiro do Amaral. *O Estado do Maranhão em 1896*).

PINDÁ. Subs., o anzol, o gancho, a garra, a fisga; alt. *piná* (Dr. Theodoro Sampaio).

PINDAHYBA. Corr. *pindá-iba*, a vara de anzol, a canna que serve para pescar a anzol; alt. *pináhyba*, corr. *pindá-ahiba*, o anzol ruim. A dicção popular — *estou na pindahyba* —, significando miseria e penuria, não alludirá á pouca fortuna de um mau anzol, ou exprime simplesmente que se acha a pessôa reduzida á *vara do anzol* para viver? Baptista Caetano opina pela ultima hypothese que parece a mais provavel, ainda que o vocabulo *pináhyba* ou *pinaiba*, confundindo-se com *panahyba*, que quer dizer *andrajos*, tambem admitta explicação não menos rasoavel (Dr. Theodoro Sampaio).

PINDAHYTIBA. Morro no mun. de Guaratinguetá e Estado de S. Paulo. « *Pindahytiba*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Pin-ndae-tei-bae*, o que é muito escorregadio. De *pin*, escorregar, resvalar o pé; *ndaetei*, muito, demasiadamente, excessivamente; *bae*, particula de participio. Allusivo a fazer muita lama lodosa, em tempo de chuvas, tornando-se demasiadamente escorregadio ».

PINDAMIRITINGA. Composto de *pindá-miri-tinga*, pequeno anzol prateado; grampo, colchete (Dr. Theodoro Sampaio).

PINDAMONHANGABA. Composto de *pindá-monhangaba*, fabrica ou officina de anzóes. Vide *Monhangaba* (Dr. Theodoro Sampaio). « Não se trata de *Pindámonhangaba*, fabrica de anzóes; o indigena não cogitava de estabelecimentos industriaes, de taes artefactos; nem o seu *pindá* precisava de fabrica. Dous são os instrumentos de pesca denominados pindá: o *pindá-ciri-ri-ca* e o *pindá-o-ha-o-áquá*. O primeiro é qualquer cousa que possa engasgar ou fisgar o peixe, occulto entre pennas encarnadas, ou objecto da mesma côr, a correr sobre a agua; o peixe illudindo-se por ver o movimento e a côr dos peixinhos de que sóe alimentar-se, traga o objecto e engole-o, ficando preso pela haste flexivel, a cuja ponta tem sido atado por um cordel: — de *ciri*, deslisar, repetido na ultima syllaba, para assignalar a successão do movimento, com o suffixo *ca* (breve), para formar supino. O segundo é o mesmo objecto; somente com a differença de não ter haste, e de ser o cordel amarrado á pôpa da canôa, a qual, em seus movimentos, imprime ao cordel, e este ao objecto, a acção do peixinho a correr sobre a agua: de *o*, reciproco; *á*, torcer; *o*, reciproco; *áquâ*, correr, significando corre, torcendo-se. *Pindá* foi applicado ao anzol de ferro, usado e introduzido pelos europeus, porque produz o mesmo effeito. *Pindá* é *pỹĩ-nd-á*, objecto escondido: de *pỹĩ*, esconder, occultar, que alguns escrevem *pỹmĩ; nd*, intercalação, por ser nasal a palavra anterior, e para ligal-a a *á*, objecto, cousa corporea, entidade, pedaço de ferro, grão, etc. Allusivo a ser escondido entre pennas encarnadas o objecto que deve ser tragado e engolido pelo peixe. As palavras *ciri-rica* e *o-á-o-áquâ* designam o modo do uso daquelle instrumento de pesca, segundo é preso á haste flexivel, ou á canôa em movimento. Portanto, *pindá* é propriamente o objecto occulto na isca. Os indigenas tinham ainda outros modos de pescar: *pari*, cerca de talas ou de varas, para formar o *cacári* ou tapagem nos ribeirões e mais cursos d'agua; *yequeá*, ou, como dizem no Amazonas, *jequi*, cesto afunilado, para ser deixado á flor d'agua, onde o peixe entra, mas donde não pode sahir; *ytá-puá*, pedra aguçada, que faz o serviço e tem a utilidade do harpão curto, para fisgar o peixe na superficie das aguas; *y-aticá*, pedra aguçada, porém mais comprida do que a *ytá-pũâ*, para fisgar o peixe no fundo, guiando-se o pescador pelas borbulhas que a respiração do animal faz subir á tona da agua; *çá-ra-rá-quâ* ou *sararaca*, flecha especial, cujo *heỹm-a*, que é pronunciado corruptamente *huúma* as *suumba*, e é o fuzo, traz enrolado um fio fino e tem á ponta, fortemente seguro, um pedaço de pedra, bem aguçado; disparada a flecha, não directamente, mas por inclinação, sobe ao ar, e certeira de lá desce para deixar no costado do peixe a fisga; e é então que, mergulhando este, o fio desenrola-se e o logar, em que o fuzo está á superficie das aguas, revela a parada do fisgado: *çará-rá-quâ*, corda, cuja ponta se desata: de *çá*, o mesmo que *cã*, corda; *rá*, desatar, repetido para exprimir a successão do facto; *quâ*, ponta. Esta flecha de fisgas ou harpões é denominada *hui-ty-eỹm-a*. E mais outros processos, inclusive, a *piçá*, que é a rede, cada qual o mais engenhoso para o fim a que é destinado. Vê-se, portanto, que o significado que Martius e outros têm dado ao nome *Pindamonhangaba* é simplesmente um erro. *Pindamonhangaba* é corruptela de *Pi-nd-o-mo-nhang-ába*, logar estreitado, em que se junta. De *pi*, estreitar, apertar; *nd*, por ficar nasalisado o nome inteiro, em virtude de *nhang* e para ligal-o a *o*, reciproco, servindo tambem de nota de terceira pessôa; *mo*, particula activa, e não *mbo*, por ter som nasal o verbo *nhang*, juntar, encostar, levado ao participio pelo accrescimo de *ába*, exprimindo logar, modo, instrumento, causa, intuito, fim, etc. Allusivo a correr ahi estreitado o rio *Parahyba*, entre margens altas e em leito fundo: differentemente do curso antecedente e subsequente, em que o rio se alaga, formando banhados » (Dr. J. M. de Almeida).

PINDAMONHANGABA. Cidade de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Ao *Jornal do Commercio* dirigi a seguinte communicação: Das cidades do erradamente denominado *norte de S. Paulo* é Pindamonhangaba aquella cuja topographia mais me agradou. Já foi Pindamonhangaba, em tempos não muito remotos, uma cidade importantissima. Ainda hoje conserva vestigios de sua antiga opulencia. Como todas as cidades do Brasil, resente-se ella da pavorosa crise economica que nos assoberba actualmente. Apezar, porém, de uma certa tristeza que manifesta, sente-se nella uma certa vitalidade, um certo despertar para um futuro melhor. Seus passos são demorados, porém firmes e sempre para diante. Formosa donzella, a quem ligeira enfermidade abateu, ella erguer-se-á do leito mais bella e encantadora como nunca. A cidade fica situada em um planalto com suave declive para todos os lados, tendo na frente os trilhos da E. de F. Central do Brazil e nas ilhargas o sinuoso Parahyba, que se recurva, vindo oscular as plantas da cidade para depois afastar-se em direcção ao seu leito mortuario, no oceano. Banha a cidade, além do Parahyba, em cuja margem

dir. ella repousa, o ribeirão Tabahú e cerca de um kil. distante o rio do Pinhão. Na direcção do poente para o nascente estende-se a Mantiqueira, em cujos elevados e recortados cimos estão situados os poeticos e saluberrimos Campos do Jordão; e na direcção do O. a serra do Quebra-Cangalhas, cujas terras são afamadas para a cultura do café e cereaes. Para O. e S. estende-se uma vasta explanada com ligeiras ondulações. Suas ruas são largas, na maior parte rectas, apedregulhadas e com passeios cimentados. Os predios são quasi todos antigos, notando-se, porém, muitos de construcção moderna e dous luxuosos palacetes do Barão de Lessa e Baroneza de Itapeva, mais dignos de figurarem em alguma grande cidade pela belleza e magestade da construcção e pelo luxo com que se acham ornados. Tem vastas praças, sobresahindo entre ellas a denominada Quinze de Novembro, com uma capella de S. João, em construcção, o mercado e no centro um luxuoso chafariz. Esta bonita obra d'arte compõe-se de um obelisco, que se ergue sobre uma escada com seis degráos cimentados e encimado pela estatua da Liberdade empunhando um pharol. Nas quatro faces do obelisco lê-se: « Intendente Municipal. Dr. Francisco M. Romeiro — Vice-presidente, J. M. Homem de Mello. 1900. — Presidente da Camara, Dr. J. Monteiro M. Cezar. — Camara Municipal. — Presidente do Estado, Coronel Fernando Prestes. Vereadores: Custodio S. Lessa, Alexandre M. Monteiro, Antonio M. Salgado, José J. Homem de Mello e A. Pinheiro da Silva. Nas bases do obelisco lê-se: Amaro. S. Paulo. E' o chafariz cercado por um artistico gradil de ferro bronzeado e dourado, com duas entradas e quatro lampeões nos angulos. — O largo Dr. Francisco Romeiro, com a egreja de N. S. do Rosario, um jardim todo murado, tendo no centro um carramanchão em torno de uma colossal paineira e um Cruzeiro no meio do jardim e defronte da egreja. — A praça Monsenhor Marcondes, com o theatro e um jardim em começo de construcção (1), tendo já uma linda cascata, com uma poetica gruta da qual pendem stalactites, e achando-se disseminadas aqui e alli sobre o solo bem trabalhadas stalagmites. Por sobre a cascata acham-se lindas parasitas e ao longo della lagos semeados de ilhas, com pontes rusticas e margeando-os compridos bancos semelhando troncos de arvores. No meio do jardim ergue-se um bonito repuxo. — A praça Municipal, não tão extensa como as outras, com o edificio da Camara Municipal e a pauperrima egreja de S. José. — A praça Barão Homem de Mello com a estação da E. de F. Central do Brasil, o edificio do antigo collegio das Irmans Salesianas e uma machina de N. S. da Apparecida para beneficiar café. E' nella que fica o Grupo Escolar. — A praça Cornelio Lessa, a mais vasta da cidade e á margem dir. do rio Parahyba, com um grande jardim e o antigo edificio do Grupo Escolar. — A cidade está a 552m, 230 de altura sobre o nivel do mar (na Estação), e dista 326 kils. da Capital Federal, 171 da estação do Norte, 16 de Taubaté, 33 de Guaratinguetá e 30 dos Campos do Jordão. Tem cerca de 5.000 habs. e o mun. 20.000. Ha na cidade sete advogados, quatro medicos, cinco pharmacias, 95 casas commerciaes, um hotel, quatro machinas de beneficiar café e o Banco Pindamonhangabense, installado a 25 de outubro de 1891 e com um capital de 500 contos. O mun. contribue com 280 contos de réis para as despesas do Estado, com 15 contos para os cofres da União e com 120 para as despesas proprias. A cidade é abastecida de pura agua, que desce de um contraforte da serra da Mantiqueira, denominado Trabijú. E' conduzida directamente á cidade, de uma distancia de mais de 12 kils. Tão importante melhoramento foi devido ao Dr. Francisco Romeiro, Intendente Municipal, e ao Coronel Fernando Prestes, Presidente do Estado. A cidade é illuminada a kerosene e é servida pela E. de F. Central do Brasil, que tem no mun. as estações da cidade e do Barranco Alto ou Moreira Cezar. Na cidade publicam-se tres jornaes: a *Tribuna do Norte*, a *Folha do Norte* e a *Gazeta Semanal*, os dous primeiros politicos, distribuem-se aos domingos; o ultimo noticioso, publica-se ás quintas-feiras. A *Tribuna* foi fundada e é mantida pelo Dr. João Romeiro, tendo o seu primeiro numero apparecido a 18 de junho de 1882. *Matriz.* — E' um templo imponente pelas suas grandes proporções. Tem a frente voltada para o poente. Sua fachada é da ordem composita, predominando o estylo romano. Precede-a um adro, todo ladrilhado de marmore e cercado por um gradil de ferro. Tem duas torres, cinco janellas separadas por columnas de ordem dorica, tres portas e um relogio do lado do Evangelho. Logo á entrada depara-se com um para-vento, a pia baptismal, á esquerda, e, por baixo do côro, pregada á parede, uma lapide, com a seguinte inscripção:

Quod cultui Dei amplificando sedat templum hæc vetustate dehiscens mobilium populique urbis crebris largitionibus nova forma atque lætiori reficiendum laxandum que curavit, Reverendus Dominus Franciscus Reale paræciæ de decurione Cong°. Tobia de Costa Rezende

Anno Reparatæ Salutis

MDCCCXCI

suspiciant pietatem et demulentur seri nepotes

Seu interior não se recommenda pelas ricas obras de talha e pela luxuosa ornamentação dos altares. E' um templo que não destôa da verdadeira simplicidade christã. No corpo da egreja possue duas tribunas de muito gosto, pertencentes ao Barão de Lessa e ao Sr. Cornelio Lessa; dous pulpitos, dous confessionarios, tres grandes lustres para velas e dous menores para gaz acetyleno, os 14 quadros da Via Sacra e quatro altares, os do lado do Evangelho com o Sagrado Coração de Jesus e N. S. do Rozario; e os do lado da Epistola com o Sagrado Coração de Maria e N. S. das Dôres. Tem mais, além do côro com um orgão, duas ricas capellas fundas, adquiridas em Munich, nas quaes se encontram duas lindas imagens de N. S. Mãe dos Homens e Sant'Anna. Junto ao arco-cruzeiro vê-se um nicho com o Sagrado Coração de Maria. Na capella-mór ha um altar com a imagem de N. S. do Bom Successo, padroeira da cidade, ladeado por dous nichos com Santa Luzia e S. Roque; seis tribunas, tres de cada lado, uma lampada de prata e um lustre para gaz acetyleno. Nos fundos do altar-mór fica a Sacristia com um arcaz e um altar com a antiga imagem de N. S. do Bom Successo. Na Matriz funccionam a Irmandade do Santissimo Sacramento e as devoções do Sagrado Coração de Jesus e da Pia União das Filhas de Maria. São-lhe filiaes as egrejas de N. S. do Rozario e S. José e as pequenas capellas de Santa Cruz, do Soccorro, de Santa Rita e de Sant'Anna. A egreja de N. S. do Rozario é pequena, porém decente, tendo passado recentemente por importantes reparos. Tem duas torres, duas janellas e tres portas. Seu interior é muito modesto. No corpo da egreja ha um pulpito, o côro e dous altares com S. Benedicto e Santa Cecilia; e na capella-mór um altar com a imagem de N. S. do Rozario e quatro tribunas. Por traz do altar-mór fica a Sacristia. Lê-se no alto da porta da entrada a data — 1895 — data de sua reconstrucção. A egreja de S. José é uma modestissima capella situada na praça Municipal. Tem na frente duas janellas e tres portas. No corpo da egreja não possue altares, tendo apenas quatro janellas, o côro e um paramento; e na capella-mór um altar com S. José e quatro janellas. A Sacristia fica do lado do Evangelho. Do lado da Epistola encontram-se um altar com S. Miguel e um jazigo, onde repousam os ultimos despojos do benemerito Monsenhor Marcondes, do Barão de Pindamonhangaba, da familia Godoy e de diversos bemfeitores da egreja. A Matriz foi construida por iniciativa do Monsenhor Ignacio Marcondes de Oliveira Cabral, a quem deve a cidade os mais assignalados serviços. No logar em que ella se levanta, não existia, ha 40 e tantos annos, mais que uma pequena egreja. Deliberou então aquelle sacerdote exigir uma certa contribuição dos seus parentes, iniciando desde logo as obras que ficaram concluidas, graças ao efficaz auxilio prestado pelo 1° Barão de Pindamonhangaba, pelo Visconde do mesmo titulo, por Luiz Antonio de Araujo e pelo Capitão José Moreira Cezar. Mais tarde soffreu o templo importantes concertos, feitos a expensas do Visconde da Palmeira, Visconde do Parahybuna e Barões de Itapeva e de Lessa. Ao Barão de Romeiro se devem a Cruz, que serve de remate ao frontespicio de marmore da fazenda do Pantoja, mun. de Sorocaba, os para-raios e o nicho em que se acha a imagem da padroeira. *Grupo Escolar Dr. Alfredo Pujol.* — Funcciona esse grupo em predio para tal fim adaptado, na praça Cor-

(1) Já está concluido.

nelio Lessa, muito proximo ao rio Parahyba. A secção masculina foi fundada em 24 de janeiro de 1895 e a secção feminina em 1º de maio de 1896. Em 1º de agosto deste ultimo anno foram reunidas as duas secções em um só predio e confiados a uma só direcção. Sua matricula é de 370 alumnos, sendo 188 meninas e 182 meninos. E' dirigido pelo professor normalista José Carneiro da Silva e constituido seu corpo docente por onze distinctos professores. Ha uma verba de 60 contos consignada no orçamento para construcção de um novo predio, que deverá ser edificado na praça Barão Homem de Mello em terreno offerecido pela Camara Municipal (1). Além do Grupo Escolar existe na cidade uma esc. nocturna; e no mun. uma esc. preliminar na estação Moreira Cezar e escs. publs. nos logares Mombaça, Campo Alegre, Alvarengas, Soccorro, Mandú, Bom Successo, Piraquama, Matto Dentro, Pouso Frio e Barranco Alto. Possue ainda a cidade um Club Litterario e Recreativo, que funcciona em um sobrado á rua José Bonifacio e dispõe de uma sala onde se acha uma bibliotheca com 2.460 volumes, uma outra com dous bilhares e um salão para saraus musicaes. Filiado a elle existe uma Sociedade Dramatica Infantil. *Casa de Misericordia.* — Instituição pauperrima, em favor da qual supplico a caridade dos piedosos filhos de Pindamonhangaba. Está situada á pequena distancia do centro da cidade. Tem uma sala de consultas com os retratos do Visconde e do Barão de Pindamonhangaba, sala de operações, duas enfermarias para homens, a de S. José, com oito leitos, e a de S. Francisco, com dez; e uma para mulheres, a de Sant'Anna, com sete. Foi fundada em fins de 1863. Fallecendo em 5 de agosto desse anno o 1º Barão de Pindamonhangaba, legou em testamento vinte contos para a compra de um predio destinado a esse fim. Comprado o predio e não dispondo a Santa Casa de outros recursos, a não ser a pequena contribuição dos irmãos, foi abandonado, sendo os bens arrecadados pelo juiz Municipal. Mais tarde, porém, graças ao Dr. Sebastião José Pereira, juiz de direito da comarca, a Irmandade foi reorganizada e em seguida installado o hospital. A instituição conta com poucos recursos, além de 25 contos doados pelo Visconde de Pindamonhangaba e por isso mantem-se com grandes difficuldades. *Isolamento.* — Foi fundado, ha cinco annos, sendo a obra iniciada pela Camara, concorrendo o Estado com 40 contos. E' um edificio moderno, situado no meio de vasto terreno, pouco distante do cemiterio e a uns 500 metros da cidade. E' assobradado e tem, além da porta da entrada, dez janellas de frente e um alpendre que cerca a frente e os lados. Dispõe de duas grandes salas, 12 quartos bem ventilados, claros e extraordinariamente asseiados. Aos fundos corre-lhe o ribeirão do Pinhão. Felizmente até hoje não foi utilizado. *Mercado.* — Occupa toda a face occidental da praça Quinze de Novembro. E' um grande edificio rectangular, de gosto antigo. Tem na frente a porta de entrada, duas janellas aos lados e 14 portas que dão para differentes negocios. O interior compõe-se de uma vasta varanda, que o circunda por tres lados e sustentada por columnas. Tem um grande pateo e no centro um chafariz. E' animadissimo aos domingos. *Camara Municipal.* — Está situada em bom predio, no largo Municipal. Compõe-se de dous pavimentos; no terreo está alojada a cadeia, no superior funccionam o jury, as secções da Camara e a Secretaria. Na sala secreta dos jurados acham-se os retratos de Pedro II e de Francisco Antonio Pereira de Carvalho. *Theatro.* — Fica na praça Monsenhor Marcondes. Tem, além da galeria, duas ordens com 36 camarotes. Nelle funcciona a Sociedade Beneficente Operaria. Foi fundado ha uns 50 annos, tendo sido construido pelo architecto Francisco Antonio Pereira de Carvalho, a quem se devem tambem as plantas da Matriz e da Casa da Camara. Muito concorreram para sua erecção o 1º Barão de Pindamonhangaba e Monsenhor Marcondes. *Hippodromo.* —Foi inaugurado em 7 de janeiro de 1899. Tem uma raia bastante extensa e uma elegante archibancada. *Cemiterios.* São dous: um da Irmandade do Santissimo Sacramento e outro Municipal, ambos com capella, havendo no ultimo tambem um necroterio. Tem mais a cidade um bom Matadouro e uma ponte metallica sobre o rio Parahyba. O territorio do mun. compõe-se de terras muito ferteis e apropriadas á cultura do café, canna de assucar e cereaes. Existe tambem grande extensão transformada em optimas pastagens, onde se cria gado vaccum, cavallar e muar. Até pouco tempo só nas montanhas se fazia cultura do café, evitando-se, por esta fórma, os effeitos da geada. De alguns annos a esta parte estão sendo aproveitados nesta cultura os terrenos baixos, onde o café dá perfeitamente, produz com abundancia e é de grande duração. Existem no mun. algumas fazendas de canna bem montadas e com machinismos aperfeiçoados para distillação. Pouco ou nenhum assucar se fabrica; a aguardente que produz excede do necessario para o consumo, sendo porção exportada para os muns. visinhos. A criação de gado é feita com capricho, achando-se muito melhoradas as raças, devido á introducção de reproductores de procedencia estrangeira. A cultura de cereaes é muito limitada, notando-se que são uberrimas as terras ás margens dos rios e que podiam ser mais bem aproveitadas, principalmente com a plantação de arroz, aliás abandonada. A producção do café, segundo informações seguras, é de uma media de 300 mil arrobas por anno, tendendo a augmentar. Os pés de café existentes no mun. são calculados em sete a oito milhões. O mun. é limitado ao N. e poente pela serra da Mantiqueira, cujos altos formam a linha que o divide do mun. de S. Bento do Sapucahy; pelo nascente pelas serras do Macuco e do Quebra-Cangalhas, que o dividem do mun. da Lagoinha; pelo N. confina com o mun. de Guaratinguetá, servindo de linha divisoria o rio Pirapitinguy; e pelo S. com o mun. de Taubaté, tendo por divisa em parte o rio Una e em parte linhas convencionaes sem indicação natural. E' cortado por numerosos rios. Além do Parahyba do Sul, que atravessa o mun. de S. a N., são seus tribs. pela margem esq. o Piraquama, o Ribeirão Grande, que descem da Mantiqueira, além de outros; e pela margem dir. os rios Una, Pirapitinguy, que nascem da serra Quebra-Cangalhas, Carapotuba, Agua Preta e outros menores. E' Pindamonhangaba o berço de muitos cidadãos illustres, por serviços prestados á causa publica e ás lettras. Entre todos occupa sem duvida o primeiro logar Monsenhor Ignacio Marcondes de Oliveira Cabral, fallecido em 1863, e cujo nome é até hoje venerado pelos serviços importantes que prestou á cidade e pelos beneficios que a mãos largas distribuiu; o 1º Barão de Pindamonhangaba, Barões de Itapeva e de Romeiro, Viscondes de Palmeira e de Pindamonhangaba. Nas lettras são notaveis o Barão Homem de Mello, tão conhecido por seus trabalhos litterarios e Martins Cabral, o grande orador academico e talento superior. A parte luminosa desta pallida descripção pertence ao Dr. João Romeiro, cidadão prestimoso, que reune a um talento de eleição e a uma vigorosa e robusta illustração, o mais acendrado amor pela terra que lhe serviu de berço. Pertence a tão illustre cidadão a noticia historica que se segue: « Foi fundada em fins do seculo XVII por Antonio Bicudo Leme, seus genros, João Corrêa de Magalhães, Pedro da Fonseca Magalhães e seu filho Manoel da Costa Leme, cuja descendencia é actualmente representada pelas familias Romeiro, Bicudo, Moreira e outras desta localidade. Dos documentos historicos que o tempo não conseguiu destruir ainda, sabe-se que aquelles fidalgos, moradores na antiga villa de Taubaté, voltando dos sertões de Minas Geraes, onde adquiriram immensa fortuna, fundaram, sob a invocação de S. José, uma capella vinculada em terras de sua propriedade, á distancia de duas e meia leguas da villa, á margem dir. do Parahyba. Este facto determinou o apparecimento da pov., de cujo desenvolvimento não podiam se descurar os illustres fidalgos portuguezes, representantes da illustre casa de Manoel Pereira de Vasconcellos, senhor e morgado da villa de Simphães; e em pouco tempo tornou-se importante a pov. Comprehendendo a necessidade de adquirir para esta a liberdade de administrar-se, ou, como hoje se diz, a autonomia municipal, trabalharam Antonio Bicudo Leme, seu filho e genros para desligarem a nova pov. do mun. de Taubaté, constituindo mun. independente, mas nada puderam conseguir á vista da grande opposição que faziam os moradores daquella villa. Aconteceu, porém, que um dia passando por alli o Desembargador João Saraiva de Carvalho, segundo ouvidor-geral e corregedor da com. de S. Paulo, os principaes da terra a elle se dirigiram, offerecendo-lhe para obterem a elevação da pov. á villa, não mais razões de justiça

(1) Esse predio já se acha construido, tendo sido transferido para le o Grupo Escolar. E' um predio digno do fim a que se destina.

e interesse publico, mas sim donativos, dinheiro, emfim, e por esta maneira foi Pindamonhangaba, da noite para o dia, elevada á villa, sendo o seu territorio desannexado de Taubaté e na mesma noite levantado o pelourinho, emblema da nova categoria e nomeados os juizes, e officiaes que o serviço publico reclamava. O facto, como era de prever, produziu a maior impressão na villa de Taubaté, onde se tratou logo de representar ao governo de Lisbôa contra aquelle attentado. Mas o Desembargador, que sabia o que fazia, além de demandar a serra, em viagem para Paraty, e, por outro lado, os promotores daquellas occorrencias, trataram de aplacar as iras do governo, pedindo e tambem offerecendo dadivas e presentes áquelles de quem dependia a confirmação do acto do Desembargador Saraiva. Conta-se, que, entre outros presentes de valor, um dos supplicantes offereceu a D. João V um cacho de bananas de ouro massiço, que foi muito apreciado pela gente da real côrte. O que é certo é que pela Carta Regia de 1º de julho de 1705 o acto do Desembargador Saraiva foi confirmado, continuando desse tempo em deante a pov. no pleno gozo dos fóros de villa ». Sobre Manoel da Costa Leme, que foi o creador da pov. e cuja descendencia existe ainda representada pelas principaes familias da cidade, diz Pedro Taques, o emerito chronista da velha capitania de S. Vicente: « Foi desempenho glorioso de seus nobres ascendentes pelas moraes virtudes de que se tornou. Teve um respeito igual aos seus grandes merecimentos sempre e o primeiro voto nas materias da republica, tanto na villa de Taubaté, como depois na villa de Pindamonhangaba, que elle foi o que, com grandes cabedaes, concorreu para esta erecção, e obteve da real clemencia do Senhor D. João V a approvação ».

PINDARÉ. O anzol de outro genero, o anzol differente, o que tem o nome de anzol; Maranhão; alt. *pinaré* (Dr. Theodoro Sampaio).

PINDAÚVA. Corruptela de *Pi-nda-ibiy-i*, apertado, mas não pequeno. De *pi*, apertar; *nda*, particula de negação; *ibiy*, pequeno, baixo; *i*, para fechar a negação. E' tambem pronunciado, menos incorrectamente, *Pindahyba*. O som da pronuncia tupi deve ser *Pindahibui;* breve a ultima syllaba (Dr. J. M. de Almeida).

PINDOBA. Ilha do Estado do Maranhão, no littoral do mun. de Cururupú, entre a foz do rio Urú e a do Tury-assú.

PINDOBA. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do rio Capibaribe-mirim.

PINDOBAL. Log. do Estado do Maranhão, no mun. de Carutapera.

PINDOBAL DO FAMA. Log. do Estado do Maranhão, no mun. de Tury-assú.

PINDOBAL-MIRY. Rio do Estado do Pará, no mun. de Igarapé-miry.

PINDORAMA. Contr. *pindó-retama*, a região ou o paiz das palmeiras; *pindó-rama*, a palmeira futura, ou que hade vir (Dr. T. Sampaio).

PINGA. Bairro do mun. de Pindamonhangaba e Estado de S. Paulo.

PINGADEIRA. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Cimbres, a seis kils. do pov. Alagoinhas.

PINGUELA. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. do Rio Manso e mun. do Bom Fim (Inf. loc.)

PINHAL. Dist. creado no mun. de Pirajú do Estado de S. Paulo pelo Dec. de 27 de março de 1899.

PINHAL. Bairro no dist. do Carmo da Escaramuça, do Estado de Minas Geraes.

PINHAL. Bairro no dist. de Santa Rita da Extrema, do Estado de Minas Geraes.

PINHAL. Encosta da serra Japy, no mun. de Cabreuva, do Estado de S. Paulo. « *Pinhal*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Pi-yâb*, gretas vazias. De *pi*, centro, vazio, fundo; *yâb*, gretar, receber, abrir naturalmente. Allusivo ás grutas e cavernas que ha nessa encosta. O verbo *yâb* exprime o facto natural, e não por obra humana ».

PINHAL. Ribeirão affl. da margem esq. do rio Jundiahy, no mun. de Itú e Estado de S. Paulo. Tambem é conhecido por *Pirahy*. « *Pinhal*, corruptela de *Pi-yâb*, fundo gretado. De *pi*, fundo, centro; *yâb*, gretar, rachar, abrir por acção natural ». (Dr. J. M. de Almeida).

PINHAL. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Itapetininga, no mun. deste nome.

PINHAL. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Sorocaba, no mun. da Piedade.

PINHAL. Ribeirão do Estado de S. Paulo, no mun. de Porto Feliz. Corre para o ribeirão dos Moinhos, affl. do Tieté.

PINHAL. Cabeceira do rio Itapetininga, no mun. de Sarapuhy e Estado de S. Paulo.

PINHALSINHO. Bairro no dist. de Santa Rita da Extrema, do Estado de Minas Geraes.

PINHÃO. Corrego do Estado de Minas Geraes, nas divisas dos dists. de S. José do Barroso (mun. do Rio Branco) e Conceição do Turvo (mun. do Piranga). Reune-se com o Taquarassú.

PINHEIRAL. Log. do Estado do Paraná, no mun. de S. João do Triumpho.

PINHEIRINHO. Bairro do mun. da Fartura e Estado de S. Paulo.

PINHEIRINHO. Rio affl. da margem esq. do Sapucahy, no mun. de Santo Antonio da Alegria, e Estado de S. Paulo.

PINHEIRINHOS. Rio affl. do Atibaia pela margem esq., no mun. de Atibaia e Estado de S. Paulo.

PINHEIRINHOS. Uma das cabeceiras do ribeirão Potribú, no mun. de S. Roque, do Estado de S. Paulo. A' sua margem dir. fica a pov. do mesmo nome, proximo á E. de F. Sorocabana.

PINHEIRO. Arraial do Estado de Sergipe, no termo de Maroim (*Almanak Sergipano*. 1901.)

PINHEIRO. Villa do Maranhão. Accrescente-se no fim: A respeito della assim se expressa o Dr. Justo Jansen Ferreira (*Obr.* cit.): « A noroeste da villa de S. Bento, de que dista cerca de 42 kils., á margem esq. do rio Pericuman, rodeada de campos denominados — *Campos de Pericuman* —, os quaes, no inverno, são inundados e reunindo as aguas pluviaes, que recebem, as das lagôas Cafundoca, Laguinho, Faveira e Grande, que, atravessadas por aquelle rio, se conservam, até mesmo no rigor do verão, formam um só lago que banha a villa. E' por este motivo que muitos livros e Cartas a collocam á beira de um grande lago, aspecto que ella só apresenta no inverno. Esses campos são cobertos de *balsedos*, que no inverno se transformam em outras tantas ilhas, das quaes muitas são fluctuantes. . . Existem immensos paúes e terras fecundas, na sua maior parte ainda não exploradas, desde a villa até ás nascentes do rio Pericuman. . . Pinheiro, muito pittoresca e abundante em leite, bôa carne, caças e peixe de bôa qualidade, tem como principal riqueza a criação de gado vaccum e cavallar, o fabrico de assucar e aguardente e a exportação de cereaes. Servem-lhe de portos os logares: Ilha do Pau, Santa Cruz e Muquem, sendo a escolha determinada de accordo com a estação e o calado das embarcações que para lá vão. Calcula-se a sua pop. em 3.000 habitantes. » O Snr. José Ribeiro do Amaral diz: « Villa assentada á margem esq. do Pericuman, em uma peninsula que corre para E. sempre plana e apresentando a mais risonha e bella perspectiva, por isso que é circundada de N. a S. até o lago Cajary, que a

divide de Vianna, pelos campos de Pericuman cobertos de um balcedo, que encanta a vista e offerece ao solo mui proficuo e rico adubo. . . Os principaes generos de producção do mun. são: farinha de mandioca, algodão, milho, gergelim, carrapato, assucar, aguardente, café, arroz, fava e feijão, parte dos quaes são ahi consumidos e parte exportados para a capital, bem como taboado de paparaúba, bacury e cedro ».

PINHEIROS (S. Sebastião dos). Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. de S. Manoel, com uma esc. municipal.

PINHEIROS. Morro no mun. de Palmyra e Estado de Minas Geraes.

PINHEIROS. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Juquery.

PINHEIROS. Rio affl. da margem esq. do Atibaia, no mun. de Italiba e Estado de S. Paulo.

PINHEIROS. Cabeceira do ribeirão Tahyassupeba, no mun. de Mogy das Cruzes e Estado de S. Paulo.

PINHEIROS. Villa de S. Paulo. Accrescente-se no fim: A villa teve começo em uma capella edificada sob a invocação de S. Francisco de Paula, no bairro hoje conhecido por Capella do Jacú (ou Velha), sendo mais tarde mudada para o local em que actualmente se acha e recebido o nome de Pinheiros, devido a alguns pés de pinhão que ahi existiam. Seus principaes fundadores foram os cidadãos Manoel Novaes da Cruz, Honorio Fidelis do Espirito Santo e Tenente Francisco José Ribeiro, que, em 1850, doaram o terreno preciso para nelle se estabelecerem os primeiros habitantes. Suas casas são pela maior parte terreas, havendo, porém, algumas assobradadas; as ruas são curtas, porém largas. Seus principaes edificios são: a Casa da Camara e Cadêa, as duas casas em que funccionam as escs. publs. (todos proprios do Estado) e a Egreja Matriz. O terreno é em geral montanhoso, mas bem fertil, estando ainda não pequena porção de sua parte em mattas incultas. O mun. assenta sobre a margem esq. do rio Parahyba, que o banha, e é atravessado pelos rios Jacú, que nasce na serra da Mantiqueira e recebe á sua margem esq. o rio do Braço, indo lançar-se no Parahyba depois de um curso de 16 kils., approximadamente; e pelo rio Claro, que tambem nasce na mesma serra e traça os limites deste mun. com o de Queluz, até lançar-se no Parahyba, com um percurso de 18 a 20 kils. mais ou menos, não sendo nenhum delles navegavel. Lavoura de café (a principal), canna e cereaes. Industria pastoril. A pop. do mun. é de 7.500 a 8.000 habs. A villa é illuminada a kerosene e abastecida de excellente agua canalizada. Tem 4 estradas de rodagem, sendo uma para a estação de Lavrinhas, outra para a estação do Cruzeiro, uma para a cidade de Queluz e uma para Passa Quatro, no Estado de Minas Geraes. E' limitado o mun. ao N. pela serra da Mantiqueira; ao S. pelo rio Parahyba; a E. pelo rio do Lopes e a O. pelo rio Claro. Existem 3 capellas, sendo a de Santa Clara no bairro do Rio Claro, de S. Francisco no bairro do Jacú e a de Santa Cruz na estação de Lavrinhas. Dista 270 kils. da capital do Estado, 18 da cidade de Queluz, 9 da estação do Cruzeiro e 6 da estação de Lavrinhas.

PINTA. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Alagôa de Baixo e desagua no rio Moxotó.

PINTADA. Ilha do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Porto Alegre.

PINTADOS. Arraial do Estado da Bahia, no termo do Camisão.

PINTOS. Pov. do mun. do Bom Fim, no Estado de Minas Geraes.

PINTOS. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Sorocá-mirim.

PIORINY. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. de Coary.

PIQUIRY. Composto de *piquir-y*, rio dos peixinhos (Dr. T. Sampaio).

PIRABAS. Pov. do Pará. Accrescente-se no fim: Foi elevada á villa pela Lei n. 797 de 22 de outubro de 1901.

PIRACANJUBA. Composto de *pirá-acan-yuba*, peixe de cabeça amarella ou dourada (Dr. Theodoro Sampaio).

PIRACEMA. Ribeirão affl. do Turvo e este do rio Bananal, no mun. deste nome e Estado de S. Paulo. Em suas cabeceiras tem o nome de Doce; no meio o nome de Manso; e até á barra o de Piracema. « Com este nome Piracema, diz o Dr. J. M. de Almeida, o indigena quiz assignalar dous factos nesse mesmo curso d'agua; a abundancia de peixe que é ahi produzido nas desovas, de tal modo que sahem aos cardumes; *pirá*, peixe; *cẽm-a*, sahida, isto é, sahida de peixe; e outrosim, o alargamento de sua barra, *pirá*, abrir, *cẽm-a*, sahida, isto é, sahida alargada. *Cẽ* ou *hẽ* é o mesmo ».

PIRACICABA. Segundo Martius, *Gloss. Ling. Bras.*, o nome *Piracicaba* significa — logar onde se junta o peixe! O verbo *ci* não exprime a reunião de muitos; portanto, é sem procedencia aquelle significado de Martius, e de outros que, sem criterio algum, o têm seguido. Mais se approximaria da verdade o Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida, no seu *Diario de viagem pelas capitanias do Pará, Rio Negro, Matto Grosso, Cuyabá e S. Paulo, nos annos de 1780 a 1790*, quando diz que « o nome *Piracicaba* é dado ao salto em razão de nelle pararem e chegarem os peixes, porque *pirá* é peixe, *cicaba* quer dizer chegam ». *Cicaba* não quer dizer chegam; significa chegada e passagem, porque os verbos *ci*, chegar e *quab*, passar, com o accrescimo de *a* (breve), ficam formados no infinitivo, o qual, não tendo caso, significa a acção do verbo em geral, segundo a licção do padre Luiz Figueira, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*. Isto teria feito o indigena simplesmente por jogo linguistico. Mas, não é aquillo de admirar em Martius, pois que o conego João Pedro Gray, na *Historia Jesuitica do Paraguay*, capitulo 23, escreveu que *Piracicaba* significa — tem pena do peixe! Simplesmente um não senso. Este logar é um dos que mereceram aos indigenas maior sciencia e esforço para a denominação; e esta serviu tambem para o rio inteiro, porque o salto é realmente caracterisco. Sim, o nome é do salto; porque esta obra da natureza assignala o rio, dividindo-lhe o curso. *Piracicaba*, corruptela de *Pihá-ci-qua-bo*, de degráo em degráo, aos golpes. De *pihá*, degráo, escada; *ci*, particula distributiva; *quá*, golpe; *bo* (breve), para exprimir o modo de estar. E' pronunciado *Pihá-ci-ca-bo*. Allusivo a cahirem as aguas ahi de degráo em degráo, e ás quedas, espumando. Os indigenas quizeram assignalar a fórma do salto, mas uma serie de cascatas em escadaria, do que propriamente um despenhadeiro de aguas. Não se trata, portanto, de peixes em *ojuntamento*; ainda que, como em outros saltos, ahi os peixes, no tempo proprio, saltem aos cardumes, não podendo resistir ao impulso das aguas. O *h* de *pihá* é aspirado; e a corruptela em *pirá* foi facil. Ja li tambem que *Piracicaba* significa — logar em que se acaba o peixe! Que grande disparate! (Dr. J. M. de Almeida).

PIRACINUNGA. Corruptela de *Pi-rá-çunũ-nga*, fundo desigual e ruidoso. De *pi*, centro, fundo; *rá*, desigual, não nivelado; *çunũ*, fazer ruido, com o suffixo *nga* (breve), para formar supino (Dr. J. M. de Almeida).

PIRACIUNNA. Rio affl. da margem esq. do Parahyba, no mun. de S. José dos Campos e Estado de S. Paulo. « *Piraciunna*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Pi-rá-cy-hûû-mo*, fundo desigual, lodoso a fazer escorregar. De *pi*, centro, fundo; *rá*, desigual, não nivelado; *cy*, resvalar, escorregar; *hûû*, lodo, fezes, borra, com o suffixo *mo* (breve), para dar a forma de supino. »

PIRACRUCA. Corr. *pirá-caruca*, peixe atolado, ou mergulhado em lodo; Piauhy (Dr. T. Sampaio).

PIRACUY. Composto de *pirá-cui*, a farinha de peixe, ou feita de peixe secco e pilado (Dr. T. Sampaio).

PIRAGIBÚ. Corruptela de *Pi-rá-igi-ibiŷ*, leito desigual, granitico, gretado. De *pi*, centro, fundo; *rá*, desigual, não ni-

velado; *igi*, duro, forte; *ibiỹ*, concavidade, abertura, greta, ôco. Contrahido em *Pi-rá-ig'-ibiỹ* (Dr. J. M. de Almeida).

PIRAGIBÚ-MIRIM. Rio do Estado de S. Paulo, affl. do Piragibú, que o é do Sorocaba.

PIRAHITINGA. E' o mesmo rio, e tambem os ribeirões que trazem o nome *Parahytinga*. O nome *Piraitinga* é o verdadeiro. Vide *Parahytinga*.

PIRAHY. Estação da E. de F. de S. Paulo ao Rio Grande, na villa do mesmo nome e Estado do Paraná.

PIRAHY. Rio affl. da margem dir. do Juquiá, entre os muns. de Iguape e Itapecerica, no Estado de S. Paulo. « Não se trata, diz o Dr. J. M. de Almeida, ainda, neste nome, de *pirá*, peixe. O indigena não cogitava de peixe para denominação de rios e ribeirões, visto que seria uma especie de perissologia, vicio em que, por sua sciencia na maneira de nomear, não cahiria. Dizendo *rio do peixe*, seria o mesmo que dizer *rio de agua*; ainda que é certo que ha rios escassos, ou mesmo baldos de peixe, e rios que, em certa estação do anno, seccam completamente, formando, uns e outros, casos anormaes, e, portanto, exigindo nomes especiaes, correspondentes a taes extraordinarios caracteres physicos. Quando o rio ou ribeirão abundava de peixe, o indigena usava da phrase *pirá-ri*; mas não era propriamente nome, senão somente designação da qualidade piscosa desse curso d'agua. A palavra *ri* é posposição, aqui significando *com*, e nenhuma relação tem com rio ou agua. Em geral, os rios ou ribeirões denominados *pi-ra-i*, escripto corruptamente *Pirahy*, tomaram em portuguez o nome — rio do Peixe —, no presupposto de ser essa a traducção de *Pi-ra-i*! Mas, em tupi, as palavras *i*, *ri* ou *ti*, significando agua ou rio, e entrando na composição de nomes, sempre os antecedem; salvo casos rarissimos em que, antepostas, degeneraria em synchyse a synizése, como por exemplo em *amã-pytû-i*, tempestade d'agua, ou, mais litteralmente traduzido, nuvem negra de agua, em *amã-nd-i*, agua chovediça. Com effeito, *Pi-ra-i* significa fundo perseverantemente desigual. De *pi*, centro, fundo; *rá*, desigual, não nivelado, alto e baixo; *i*, posposição para exprimir perseverança do facto. Allusivo a altos e baixos no leito, por causa de pedras, ou areia, ou mesmo buracos ». O Dr. T. Sampaio diz: « *Pirahy*, corr. *pirá-y*, rio do peixe ».

PIRAHY. Cidade do Rio de Janeiro. Accrescente-se no fim: Ao *Jornal do Commercio* enviei a seguinte noticia: Profunda tristeza se apodera do espirito de quem actualmente visita as cidades do Rio de Janeiro. Cidades outr'ora prosperas, florescentes e animadas; hoje decadentes, sem vida e em um regresso promissor de um proximo anniquilamento. Acabo de visitar a cidade do Pirahy, da qual passo a dar uma rapida descripção. Fica essa cidade á margem dir. do rio Pirahy, atravessada pelo corrego do Vigario, parte em logar plano, parte em logar elevado, cercada de morros, entre os quaes o da Capella de Santa Cruz e o do Castello, a 18 kils. da estação de Sant'Anna, a 26 da Barra do Pirahy, a 350 metros de altura, pouco mais ou menos, e atravessada por um ramal da E. de F. Sapucahy, que termina em Passa Tres. A cidade é muito pequena, as ruas são calçadas e illuminadas a kerozene. Tem tres pontes, uma de madeira sobre o rio Pirahy e mais duas, sendo uma de ferro sobre o corrego do Vigario. Seus principaes edificios são: a Matriz e a Casa da Camara. A matriz fica em logar elevado, a cavalleiro da cidade, sobre o morro da Capella e na praça Sant'Anna, em cujo centro se ergue um Cruzeiro, ahi collocado no fim do seculo passado. E' um templo singelo, sem ricas ornamentações, mas decentissimo; tem na frente duas torres, um para-raios e um relogio. Possue cinco altares: o altar-mór, com a imagem de Sant'Anna, dous do lado do Evangelho, com S. José e S. Sebastião e dous do lado da Epistola, com as imagens de N. S. das Dores e N. S. da Conceição. Os altares de S. Sebastião e de N. S. da Conceição são de marmore. Do lado do Evangelho fica a bonita capella do Santissimo Sacramento e do lado da Epistola a Sacristia com um altar de Sant'Anna, um arcaz, diversos quadros religiosos e dous retratos do primeiro e segundo vigarios da freg. Na capella-mór ha quatro tribunas e no corpo da egreja, um pulpito, quatro tribunas e o côro com um orgão. Ao lado da Matriz ergue-se a capella do Senhor dos Passos e aos fundos, e em logar mais elevado, a capellinha de Santa Cruz. A capella do Senhor dos Passos é bonita; tem uma linda imagem de Nosso Senhor Jesus Christo e possue ricos paramentos. No consistorio encontra-se o retrato em corpo inteiro do Commendador Sá, que foi provedor por muitos annos da Irmandade do Santissimo Sacramento, a quem pertence essa capella. Essa Irmandade, que tem um patrimonio de 116 apolices de conto de réis, projecta construir um hospital, para o que já fez acquisição do terreno e cuja pedra fundamental foi lançada a 9 de novembro de 1901. A Camara Municipal funcciona em edificio proprio, á rua Barão do Pirahy. Compõe-se de dous pavimentos, sendo o inferior occupado pela Cadeia e o superior pela Secretaria da Camara, sala do jury e uma outra em que davam audiencia os juizes. Na sala do jury funcciona tambem a Camara; nella encontra-se um bom retrato do Marechal Floriano. Cerca o edificio da Camara um bonito jardim, todo gradeado. Ha na cidade dous cemiterios: um municipal e outro da Irmandade do Santissimo Sacramento, este com uma capellinha. O mun. compõe-se de tres dists.: o da cidade, o de S. José do Bom Jardim e o de S. João Baptista do Arrozal. No primeiro dist. ha ainda os povs. de S. João Baptista dos Thomazes e N. S. Apparecida do Rumo, onde existem capellas e escolas. No terceiro dist existe a pov. de Pinheiros, na estação do mesmo nome da E. de F. Central do Brasil, com um proprio federal, onde tem estado aquartelado diversos batalhões. O mun. confina com os de S. João Marcos, Rio Claro, Barra Mansa, Barra do Pirahy e Itaguahy. A cidade conta 147 casas com 900 habs. mais ou menos. Tem no primeiro dist. 74 casas de negocios, dous advogados, um solicitador, um medico, um pharmaceutico, dous cartorios e um hotel. A producção principal é a do café e aguardente, havendo tambem cultura de cereaes e criação de gado. Tem dous engenhos para preparar café, sendo um na cidade e outro na estação do Engenho Central da ferro-via Sapucahy. A exportação de café do mun. é de cento e vinte mil arrobas, sendo passado pela estação da cidade 30 e tantas mil. O rio Pirahy, que atravessa quasi todo o mun., tem pequenos affls., como sejam o Arataca, o corrego do Vigario, os ribeirões das Cachaças, o da Ponte do Cimento e o de Sant'Anna, proximo á estação deste nome. No dist. do Arrozal, o rio principal é o Cachimbo, que desagua no Parahyba; e em S. José do Bom Jardim o ribeirão da Lage, que tem um affl. denominado da Cacaria. No ribeirão da Lage existe o celebre salto, que está sendo explorado para força motora electrica. O rio Pirahy offerece navegação apenas para barcaças de fundo de prato, tendo havido uma tentativa de navegação a vapor por meio de uma lancha com motor a kerosene. A palavra *Pirahy*, corrupção de *pirá-y*, significa rio do peixe.

PIRAHYKÉ ou PIRAYQUÊ. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Paraná, acima da foz do Paranapanema. Nasce na serra do Diabo, na face norte. « *Pirayquê*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Pyrỹ-iquê*, lados a pique. De *pyrỹ*, a pique; *iquê*, lado ». O mesmo escriptor dá outro significado: « *Piraiquê*, isto é, *Pi-ra-iquê*, entrada do peixe. De *pirá*, peixe; *iquê*, entrada ». O Dr. T. Sampaio escreve *Piraqué*, e diz ser corrupção de *pirá-iké*, entrada do peixe; alt. *perequê*.

PIRAJÁ. Corr. de *pirá-yá*, o peixe surge ou cresce; o viveiro de peixe (Dr. T. Sampaio).

PIRAJÚ. Corr. *pirá-yú*, a espinha do peixe; no tupi-guarani é equivalente a *pirá-yub*, peixe amarello, ou o dourado; S. Paulo (Dr. T. Sampaio). « *Pirajú* ou *Pi-ra-yû*, fundo nivelado, estreitado. De *pi*, centro, fundo; *rá*, desigual, não nivelado; *yû*, garganta, estreito » (Dr. J. M. de Almeida).

PIRAJUÇARA. Vide *Pirajussara*.

PIRAJUSSARA. Rio affl. da margem esq. do rio Pinheiros, entre os muns. de Santo Amaro e de Cotia, no Estado de S. Paulo. « *Pirajuçára*, diz o Dr. J. M. de Almeida, ou *Pi-rá-yû-çára*, fundo desigual, formando gargantas. De *pi*, centro, fundo; *rá*, desigual, não nivelado; *yûr*, fazer garganta, estreitar-se, levado ao participio pelo accrescimo de *çára*, por acabar em *r*, conforme a licção do padre Luiz Figueira, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*. O significado de *Pirajuçára*, que dá Martius, *Gloss. Ling. Bras.*,

peixe que causa comichões, é simplesmente uma invenção. O nome *Pi-rá-yû-çára* que tem esse e outros ribeirões é allusivo a terem cachoeiras, e estreitarem-se entre margens altas em varios logares ».

PIRAJUSSARA. Rio affl. da margem dir. do rio Parahyba, no mun. de Jacarehy e Estado de S. Paulo.

PIRAMBOIA. Dist. de paz creado pela Lei n. 596 de 24 de abril de 1900, no mun. do Rio Bonito do Estado de S. Paulo.

PIRAMBOIA. Rio affl. da margem esq. do rio do Peixe, no mun. de Botucatú e Estado de S. Paulo. « *Piramboia*, diz o Dr. J. M de Almeida, corruptela de *Pi-rõ-mbohii*, fundo revolto e pouco corrente. De *pi*, centro, fundo; *rõ*, revolver; *mbohii*, pesado, tardo por ter carga ». « *Piramboya*, diz o Dr. T. Sampaio, composto de *pirá-mboy*, o peixe cobra, o *moçú*; S. Paulo ».

PIRAMONHANGABA. Composto de *pirá-monhangaba*, a pescaria, a caçada do peixe (Dr. T. Sampaio).

PIRANEMA. Composto de *pirã-nema*, peixe fetido, ou morrinhento (Dr. T. Sampaio).

PIRANEMA. Log. do Estado do E. Santo, no mun. de Nova Almeida.

PIRANGA. Adj., vermelho, rubro, corado, ruivo; alt. *piran*, *pira* (Dr. T. Sampaio). « *Piranga*, contracção de *Pi-rá-ã-nga*, leito desigual e empinado. De *pi*, centro, fundo; *rá*, desigual, desnivelado; *ã*, empinar, com o suffixo *nga* (breve), para formar supino (Dr. J. M. de Almeida).

PIRANGA. Estação do Prolongamento da E. de F. de S. Francisco, no Estado da Bahia, entre Carnahyba e Joaseiro, no kil. 572,334 distante da Bahia ou no kil. 449,910 distante de Alagoinhas. Fica na altitude de 371^{m},050.

PIRANGA. Rio affl. da margem dir. do Ribeira de Iguape, no mun. de Iguape. Nasce nos morros que ficam por detraz da cidade.

PIRANGA. Rio de S. Paulo, affl. do Juquiá. Accrescente-se no fim: Outros o dão como affl. da margem esq. do ribeirão Quilombo, trib. do Juquiá. Sua extensão é de mais de cem kils., é encachoeirado e tem saltos notabilissimos nos primeiros setenta kils. Variam muito, quer a largura, quer a profundidade desse ribeirão. São ahi os saltos sobre os quaes se despenham os affls. Temivel e Travessão; bem como uma cascata extensa e lindissima, que acaba em um salto a prumo, cuja altura é de cerca de 40 metros.

PIRANHA. Corr. *pir-ãi*, o que corta a pelle, a tesoura, a tenaz; nome do peixe voraz, *Pygocentrus* (Dr. T. Sampaio).

PIRANHAS. Arraial no termo de Pacatuba, do Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

PIRÃO. Corr. *ypiró*, posto de molho, ensopado, farinha de mandioca molhada com agua a ferver (Dr. T. Sampaio).

PIRAPAMA. Composto de *pirá-pama*, bate o peixe, onde o peixe salta n'agua (Dr. T. Sampaio).

PIRAPEMAS. Pov. do Maranhão. Accrescente-se no fim: Fica á margem esq. do rio Itapecurú, defronte da foz do rio que lhe dá o nome. Perto dessa pov. encontra-se o logar em que nasceu João Francisco Lisboa, o Timon Maranhense. E' tambem denominado Pirapamas.

PIRAPITANGUY. Corruptela de *Pi-rá-pỹtỹ-ng-i*, leito desigual e perseverantemente apertado. De *pi*, centro, fundo; *rá*, desigual, não nivelado; *pỹtỹ*, apertar com o suffixo *ng* (breve), para formar supino; *i*, posposição de perseverança. Não é, pois, rio de peixe vermelho, como o escreveu Martius, em seu *Gloss. Ling. Bras.* (Dr. J. M. de Almeida). Outros escrevem, talvez com mais exactidão, *Pirapetingui*.

PIRAPITINGA. Corruptela de *Pi-rá-pỹtỹ-nga*, leito desigual e apertado. De *pi*, centro, fundo; *rá*, desigual, não nivelado; *pỹtỹ*, apertar, afogar, com o suffixo *nga* (breve), para formar supino (Dr. J. M. de Almeida).

PIRAPITINGUY. Rio do Estado de S. Paulo, passa perto do nucleo Campos Salles e desagua no Jaguary. Recebe o Tres Barras.

PIRAPORA. Composto de *pirá-pora*, o peixe salta ou pula; logar do rio encachoeirado onde o peixe pula; alt. *pirapó*, no tupi-guarani (Dr. Theodoro Sampaio). « *Pirapóra*, isto é, *Pi-rá-pór-a*, centro alto; *pór-a*, para exprimir conter. E' traduzido litteralmente— contém centro levantado — » (Dr. J. M. de Almeida).

PIRAPORA. Ultima estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, no Estado de Minas Geraes. Fica naquelle rio a 1.369 kils. distante do Joaseiro, no Estado da Bahia.

PIRAPORA. Morro entre os muns. de Campinas e de Itatiba, no Estado de S. Paulo. No mesmo Estado ha outro morro entre os muns. de Conceição dos Guarulhos e de Nazareth.

PIRAPORA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Jaguary, trib. do Parahyba do Sul.

PIRAPORA. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Bacuruvú, entre os muns. de Conceição dos Guarulhos e de Mogy das Cruzes.

PIRAPORA. Cachoeira e salto no rio Tieté, no mun. do Parnahyba e Estado de S. Paulo. Ha ahi uma capella do Senhor Bom Jesus, muito venerada dos fieis.

PIRAPORINHA. Ribeiro affl. da margem esq. do ribeirão dos Meninos, no mun. da capital do Estado de São Paulo.

PIRAQUAMA. E' corruptela de *Pi-rá-áqûá-mã*, contrahido em *Pi-rá-'quá-mã*, leito desigual e voltas esquinadas. De *pi*, centro, fundo; *rá*, desigual, não nivelado; *áqûá*, esquinar; *mã*, voltas, com pronuncia breve e corrida esta ultima palavra, por prevalecer o accento de *á* em *rá* e em *áqûá* (Dr. J. M. de Almeida). Encontrei esta palavra tambem assim escripta: *Piracoama*, *Paraquama*.

PIRAQUERA. Corr. *pirá-kéra*, a dormida ou jazida do peixe (Dr. T. Sampaio).

PIRARUCÚ. O peixe *Studis gigas*, Cuv., da fauna do Amazonas; composto de *pirá-rocú*, o peixe vermelho (Dr. T. Sampaio).

PIRARUCÚ. Rio do Estado do Pará, banha o mun. do Curralinho e desagua no rio Piriá.

PIRASSUNUNGA. Corr. *pirá-cyninga*, peixe roncando, ou o ronca-peixe; alt. *piracinunga*, *piracininga* (Dr. Theodoro Sampaio). «E' engraçado o significado que do nome Pirassununga deu Frei Francisco dos Prazeres Maranhão, em seu *Glossario*: peixe que morde! Simplesmente uma tolice attribuida ao sabio indigena. Tenho ouvido a muitos que significa — barulho de peixe; porque, na cachoeira, os peixes, quando descem da desova, agglomeram-se e brigam disputando-se uns aos outros o *canal* e soltando pequenos gritos, cujo som geral ou reunido é realmente um barulho. Mas, isso não tem explicação com referencia á cachoeira; e o significado — barulho de peixe — corresponderia sómente a *pirá-çunũ*, permanecendo no infinitivo sem caso este verbo *çunũ*. Ora, *çunũ-nga* é supino. *Pirassununga* é corruptela de *Pi-rá-çunũ-nga*, leito desigual e ruidoso. De *pi*, centro, fundo; *rá*, desigual, não nivelado; *çunũ*, fazer ruido, com o suffixo *nga* (breve), para formar supino. Allusivo a ser esse um logar encachoeirado e com queda ou salto, fazendo as aguas, ao descerem, grande ruido. Nada tem esse nome com peixe; ainda que é certo abundar muito a pescaria nessa

cachoeira. O indigena não cogitou disso » (Dr. J. M. de Almeida).

PIRASSUNUNGA. Log. do Estado do Paraná, no mun. de Guarakessava.

PIRATARACA. Cachoeira no rio Sorocaba, ao atravessar o intervallo existente na serra S. Francisco, entre os muns. de Sorocaba e da Piedade, no Estado de S. Paulo. Precede ao grande salto Itupararanga. «*Pirataraca*, diz o Dr. J. M. de Almeida, é corruptela de *Pi-ra-ati-aráquaî*, contrahido em *Pi-r'-at'-aráquaî*, leito desnivelado, montão estreitado. De *pi*, centro, fundo; *rá*, desigual, não nivelado; *ati*, montão, cousa levantada; *aráquaî*, estreitar, fazer cintura. Allusivo a estreitar-se ahi o rio entre paredões a pique, logo abaixo da cachoeira, depois de ter esta formado um dique granitico. Já li que este nome significa — *estalo de peixe*. Que desproposito! ».

PIRATININGA. Composto de *pirá-tininga*, o seccapeixe, ou o peixe seccando; alt. *piratinim* (Dr. Theodoro Sampaio). «*Piratininga*, corruptela de *Pi-ra-tinỹ-nga*, sinuoso e leito desigual. De *pi*, centro, fundo; *rá*, desigual, não nivelado; *tinỹ*, ou mesmo que *tenỹ*, fazer voltas, enrodilhar, ser sinuoso, com a particula *nga* (breve), para formar supino » (Dr. J. M. de Almeida).

PIRATININGA. Nome antigo da pov., que depois foi mudado em S. Paulo, e é hoje a cidade — capital deste nome. O nome Piratininga é derivado do affl. do rio Tieté, pela margem esq., tambem conhecido pelo nome *Tamanduatehy* (Vide o nome *Tamanduatehy*). Com effeito, em escripturas antigas é mencionado o rio *Piratininga*; e em outras, do mesmo tempo, o rio *Tamanduatehy*. O rio, portanto, tinha esses dous nomes; e é facil explicar esse facto, sendo sabido que esta região foi disputada por mais de uma nação indigena, e cada qual, para exprimir o signal da conquista, mudava aos logares os nomes anteriormente dados pela nação vencida, sem que todavia a esta deixassem de ficar em lembrança. Quando Martim Affonso de Souza aportou á *Bertioga*, em 1531, encontrou no littoral até *Ararapira* a nação *tupi*, a qual, sem duvida, havia vencido a nação *guayanaz* ou *goia-ná*, que ahi e em serra acima dominava. E se, em 1531, não fossem da nação *tupi* os dominadores de *Piratininga*, os de *Bertioga* não lhes teriam mandado aviso, afim de que acudissem com as precisas providencias; e de *Piratininga* desceram Tibiriçá e João Ramalho, acompanhados de centenas de indigenas, para fazerem o reconhecimento. Em uma *Informação* existente na bibliotheca de Evora, em Portugal, e attribuida ao padre José de Anchieta, que então era o provincial do Brasil, foi escripta a seguinte noticia: «Na (capitania) de S. Vicente, que é de Martim Affonso de Souza, á qual elle mesmo foi ter com a armada, depois de haver nella alguns poucos e antigos moradores, e accrescentou muito, houve capitães, ordinariamente, assim como nas mais capitanias, postos pelos senhores; nunca nella houve guerras com os Indios naturaes que se chamam *Tupis*, que sempre foram amigos dos portuguezes, salvo no anno 1562, que uns poucos do sertão por sua maldade (ficando a maior parte amiga como d'antes) deram guerra a *Piratininga*, villa de S. Paulo... ». Nesta *Informação* são declaradas as nações de indigenas, predominantes em cada capitania. — Em 1559, escrevia a Thomé de Souza, governador da Bahia, o padre Manoel da Nobrega: «O anno passado me escreveram que vieram os Castelhanos a vingar a morte de alguns Christãos e indios Carijós, que os Tupis de S. Vicente haviam morto, havendo o capitão do Paraguay feito pazes entre os Tupis e Carijós, que não lhe cumpriram, pelo qual vieram Castelhanos e Carijós a vingar isto e foi a mortandade tanta que fizeram nos Tupis que *despovoaram o rio Grande*, e vinham fugindo *para o mar de S. Vicente*, com medo dos Castelhanos ». Este rio Grande é o rio *Tieté*, cujo significado é esse. — A villa *Piratininga* não estava ainda então installada, pois que só foi em 1560: E, a este respeito, vale a pena transcrever o que, na mesma já citada *Informação*, o padre José de Anchieta dizia: «No anno de 1554, mudou o padre Manoel da Nobrega os filhos dos Indios ao campo, a uma pov. nova chamada *Piratininga*, que os Indios faziam, por ordem do mesmo Padre, para receberem a fé ». Tudo isso prova quão falsa é a narração que, sob a data de 22 de Janeiro de 1552, foi enxertada no *Diario de Navegação* de Pero Lopes de Souza, com referencia á fundação da villa *Piratininga* em tal época (1532), como demonstrei, por outras razões, no folheto — « *A capitania de S. Vicente. S. Paulo, 1887* » — A primeira missa foi dita na igreja do Collegio dos Padres da Companhia de Jesus, em 25 de janeiro de 1554. Assim demonstrado que, não os *guayanazes*, mas os *tupis*, eram os dominadores em *Piratininga*, e que, portanto, Piqueroby e Tibiriçá eram desta nação, e não daquella, ao inverso do que tem sido escripto e que eu mesmo reproduzi na obra *Algumas Notas Genealogicas*, pelo que ouvira e lêra, volto á questão do rio *Piratininga*. Frei Gaspar da Madre de Deus, nas *Memorias para a historia da capitania de S. Vicente*, affirma que o *Tamanduatehy* é o *Piratininga* dos antigos. Em documentos de 1560-1570, foi escripto indifferentemente *Pyratyny* e *Piratininga*. Os campos de *Piratininga* se entendem os que estão ao longo da margem esq. desse rio; e a villa de S. Paulo foi fundada na extremidade fechada pelo rio Tiété e sua varzea » (Dr. J. M. de Almeida).

PIRATINY. Rio do Estado do E. Santo; desagua na bahia da Victoria entre o monte Moreno e o morro da Penha. Tambem dizem Piratinim e Piratininga.

PIRATIOCA. Composto de *pirati-oca*, a casa ou refugio das tainhas; alt. *bertioga* (Dr. T. Sampaio).

PIRATIRUCA. Cachoeira no rio Tieté, abaixo do salto de Itupanema, no Estado de S. Paulo. « *Piratiruca*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Pi-rá-ti-rug-ca*, leito desigual e apertado, ruidoso. De *pi*, centro, fundo; *rá*, desigual, não nivelado; *ti*, apertar; *rug*, fazer estrondo, com o suffixo *ca* (breve), para formar supino. Allusivo ao desnivelamento do leito nesse logar, entre paredões que estreitam o rio, e fazendo estrondo as aguas revoltas, ao descerem sobre as pedras ».

PIRATIUA. Composto de *pirati-ua*, o natural ou procedente de Parati (Dr. T. Sampaio).

PIRATUBA. Log. do Estado do Pará, no mun. de Affuá, á margem do rio Araramá.

PIRATUBA. Rio do Estado do Pará, affl. do Goiabal, na ilha Caviana e mun. de Chaves.

PIRAUAMA. Composto de *pirá-uama*, o peixe hade comer, isto é, a ceva do peixe; alt. *pirá-guama*. Dahi *guirá-uama*, a ceva dos passaros; *araçari-guama*, a ceva dos tucanos araçaris; *araruama*, composto de *arara-uama*, a ceva das araras. Vide estes nomes, cuja traducção aqui é a mais acceitavel (Dr. T. Sampaio).

PIRAU-ASSÚ. Rio do Estado do Maranhão, banha o pov. de S. João de Cortes e desagua na bahia de Cuman.

PIRAYQUÊ. Vide *Pirahykê*.

PIRES. Bairro no dist. de Santa Rita da Extrema do Estado de Minas Geraes.

PIRES. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

PIRES. Ribeirão do Estado de S. Paulo, banha o mun. da Cotia e desagua no rio deste nome.

PIRES. Ribeirão do Estado de S. Paulo, banha a pov. do Ribeirão Pires do mun. de S. Bernardo e desagua na margem dir. do rio Grande ou Jurubatuba.

PIRES. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Juquery, trib. da mesma margem do rio Tieté.

PIRIPAU. Ribeirão do Estado de Minas Geraes, na colonia Nova Baden. E' atravessado pela E. de F. Musambinho e desagua no ribeirão do Mello, affl. do rio Lambary.

PIRIRICA. Corredeira no rio Ribeira de Iguape, no Estado de S. Paulo. « *Piririca*. Vide *Ycirica*, correnteza, ra-

pido » (Dr. T. Sampaio). « *Pỹ-ỹri-ca*, ligeiro. De *pỹrỹri*, ser ligeiro, ligeireza, com o suffixo *ca* (breve), para formar supino » (Dr. J. M. de Almeida).

PIRIRIÇARA. Corrego affl. do ribeirão Piripiri, os quaes, reunindo-se, affluem no rio dos Pinheiros pela margem esq., no mun. da Cotia e Estado de S. Paulo. « *Pỹ-yri-çára*, ligeiro. De *pyryri*, ser ligeiro, ligeireza; *çára*, o mesmo que *ára*, particula de participio formado com *ç*, por acabar em vogal o verbo, segundo a licção do padre Luiz Figueira, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica* » (Dr. J. M. de Almeida).

PIRISAL. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. do Livramento, com uma esc. publica, creada pela Lei n. 303 de 15 de março de 1902.

PITANGA. Serra do Estado do Paraná, no mun. de Guarapuava.

PITANGA. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, affl. da margem dir. do rio do Collegio, trib. do Parahyba, no mun. de S. Fidelis.

PITANGUEIROS. Bairro do dist. de Santa Rita da Extrema, no Estado de Minas Geraes.

PITANGUY. Rio vermelho; composta de *pitang-y*.

PITIGUARAS. Tribo selvagem do norte do Brasil; corr. *poti-guara*, o papa camarões, o comedor de camarões.

PITÓ. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Cimbres.

PITO ACCESO. Bairro da cidade da Barra do Pirahy, no Estado do Rio de Janeiro.

PITOMBEIRA. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Grajahú.

PITOMBEIRA. Pov. do Estado de Pernambuco, no mun. de Caruarú, com uma feira.

PIÚ. Morro no mun. de Iguape, proximo á cidade deste nome, no Estado de S. Paulo. « *Piú*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Pi-ii*, escorregadio. De *pi*, pé; *ii*, resvalar. O primeiro *i* de *ii* tem o som guttural, segundo a licção dos grammaticos ».

PIUMA. O mosquito; corr. *pium*.

PIXAHIM. Morro á margem do rio S. Francisco, entre Barra do Rio Grande e Urubú, no Estado da Bahia. Dizem que ha ahi uma imagem de Santo Antonio. Todos os barqueiros, quando passam por ahi, lançam n'agua algum dinheiro de cobre, persuadidos de que o Santo manda ou vem apanhal-o.

PIXANANA. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Amaragy.

PLANTA. Arraial no mun. de Santo Amaro, do Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

PLATINA. Villa e mun. do Estado de Minas Geraes, creado pela Lei n. 319 de 16 de setembro de 1901, que o constituiu com os dists. de S. José do Tijuco e do Rio Verde desmembrados do mun. do Prata, sendo a séde em S. José, que passou a denominar-se Villa Platina.

PLATINA (Santo Antonio da). Dist. do termo de Nova Alcantara, no Estado do Paraná. Fica á margem dir. do ribeirão do Boi Pintado.

POÁ. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do ribeirão Guaracahú, que é trib. do Baquirivú-guassú, e este do Tieté.

POCABA. Part. do vb. *poca*, arrebentando, estrondando; o que detona, o fuzil, a espingarda. Vide *Bocaba*; alt. *pocá* (Dr. T. Sampaio).

POÇA-UNA. Rio do Estado de S. Paulo, desagua no oceano, na praia de Una, no mun. de Iguape. E' celebre, porque, junto a elle, foi encontrada a imagem do Senhor Bom Jesus de Iguape. O Dr. J. M. de Almeida diz: « *Pussauna*, corruptela de *Pi-çái-húú-n-a*, leito esparzido e lodoso. De *pi*, centro, fundo; *çái*, esparzir, estender; *húú-na*, lodo, lama, borra, fezes, detritos, etc., com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. Allusivo a derramar-se em alagadiço; e formar limo ou lodo nessas aguas, quasi paradas, quer no leito, quer ás margens ».

POCINHO. Bairro no mun. de Bariry e Estado de São Paulo, com uma esc. creada pela Lei n. 689 de 4 de maio de 1900.

POÇO. Serra do Estado da Bahia, no mun. de Queimadas.

POÇO. Uma das denominações da serra de Paranapiacaba, no Estado de S. Paulo, entre as serras do Meio e do Cubatão.

POÇO. Enseada na peninsula de Itapagipe, no Estado da Bahia, entre a ponta José Lopes e a enseada do Bugarim.

POÇO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, no mun. de S. Bernardo. Vai para o rio Capivary, trib. do rio Pequeno, que o é do Grande ou Jurubatuba.

POÇO ALEGRE. Log. no mun. de Castro, do Estado do Paraná.

POÇO AZUL. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Grajahú.

POÇO DA PEDRA. Riacho do Estado de Pernambuco, no mun. de Cabrobó.

POÇO DA VACCA. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. do Limoeiro e desagua na margem dir. do rio Capibaribe.

POÇO DO BARÃO. Log. do Estado da Bahia, no termo de Ilhéos.

POÇO DO GENERAL. Log. do Estado de Matto-Grosso, no mun. de Santo Antonio do Rio Abaixo.

POÇO DO LIMÃO. Log. do Estado da Bahia, no termo de Mundo Novo.

POÇO DO UNA. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. do Altinho.

POÇÕES. Ilha no mun. de Arayoses, do Estado do Maranhão.

POÇO FUNDO. Log. do Estado do R. G. do Sul, no 1º dist. do mun. de Taquara do Mundo Novo, com escola.

POÇO FUNDO. Estação da E. de F. de Araraquara, no Estado de S. Paulo, no kil. 71,860, entre as estações de Santa Ernestina e Ribeirãosinho.

POÇO PRETO. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Quipapá.

POÇO REDONDO. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, no Estado da Bahia. Fica no rio Grande, a 644 kils. distante da cidade do Joaseiro, entre as estações do Sobrado e Campo Largo.

PÓÇOS. Log. do Estado da Bahia, no mun. do Mundo Novo.

POERA. Vide *Coéra* ou *Quéra*.

POJUCA. Corr. *yapó-yuc*, pantano corrupto, poder; estagnado; alt. *ipojuca*, *pojú*, *boyú* (Dr. T. Sampaio).

POLVILHO. Morro do Estado de S. Paulo, entre os rios Tieté e Juquery, ou melhor, entre o Itahim e o Jaguary, ambos affls. do Juquery.

POMBA. Da cidade do Mar de Hespanha dirigi-me para a do Pomba.

Na estação do Guarany, do ramal da Serraria, tomei o ramal do Pomba e, depois de passar pela estação do Passa Cinco, cheguei ás 7 ½ horas á estação daquelle nome.

A cidade fica em um planalto, á margem esquerda do rio Pomba e abaixo da confluencia do S. Manoel, cercada pelos morros do Castello, Rosario e Gordo, a 460 metros de altura sobre o nivel do mar, a 27 kils. da estação do Guarany, a 753 metros da estação do Pomba, á qual é ligada por uma calçada que tem cinco metros de largura.

A cidade é maior do que a do Mar de Hespanha e de mais bonito aspecto. Quem se colloca na praça Barão de Montes Claros goza de um esplendido panorama.

Suas ruas são estreitas, sem calçamento, com passeios cimentados, sinuosas e quasi planas; são em numero de 10, afóra beccos e travessas. Tem duas praças: a do Coronel João Bento e a do Barão de Montes Claros, esta bastante extensa e plana.

Seus predios, em numero de 300, são quasi todos antigos, havendo alguns de gosto moderno e elegante. É illuminada a kerozene por lampadas belgas e abastecida de boa agua, que vem da chacara do Penacho, com um percurso de dous kilometros.

O commercio, que se distingue pela sua honradez, é algum tanto animado. Compõe-se elle de 31 casas de diversos artigos, sendo cinco importantes; tres pharmacias, dous hoteis, tres alfaitarias, dous barbeiros, tres açougues, duas padarias, tres marcenarias, um serralheiro, dous selleiros, tres caldeireiros, dous fogueteiros, tres olarias, duas machinas de beneficiar café e uma serraria a vapor.

Tem a cidade dous medicos, dous advogados formados, dous provisionados e um solicitador.

A população da cidade é de 2.500 habitantes e a do mun. de 40 a 50 mil.

Os edificios são: o *Forum*, a cadeia, a matriz e a capella do Rozario. A Matriz, mal situada, é um templo sem architectura e completamente damnificado, principalmente no interior; tem o altar-mór com S. Manoel e dous lateraes, um do Senhor dos Passos e outro de Nossa Senhora das Dores. Do lado da Epistola fica a capella do Sacramento, com o Sagrado Coração de Jesus.

No meio das florestas, em pleno sertão, foi dita a primeira missa nessa freguezia, então aldêa de indios, no dia 25 de dezembro de 1767, sendo celebrante o Vigario catechizador Manoel de Jesus Maria.

Até o anno de 1773 a freguezia denominava-se — Freguezia do Martyr S. Manoel dos rios Pomba e Peixe — de 1774 em diante foi que, a esta já longa denominação se accrescentou ainda — dos indios Coroatós e Coropós.

A capella do Rozario fica no alto do morro do seu nome. Foi construida a expensas do Major João Cezario José da Silva, em cumprimento de um voto.

O *Forum* é um dos maiores e mais bonitos do Estado; fica na praça do Barão de Montes Claros.

E' o edificio composto de dous pavimentos, tendo no segundo seis janellas de peitoril e tres de sacada, com balaustradas de cimento; e no primeiro seis janellas de peitoril e tres portas muito estreitas. No frontão vê-se um relogio.

No primeiro pavimento funccionam a repartição municipal, o cartorio de orphãos, um commodo para recolher testemunhas, os cartorios do 1º e 2º officios, o do escrivão do registro civil e as collectorias; no segundo ha o salão das sessões da Camara, o do jury, a sala de audiencias e outras dependencias.

Os salões do jury e das sessões da Camara são ornados com luxo.

Lançou-se a pedra fundamental desse edificio a 19 de março de 1893, sendo inaugurado a 14 de outubro de 1894.

A Cadêa está situada na mesma praça, ao lado do *Forum*. E' um predio velho, mas solido. Tem quatro prisões. Ao lado fica-lhe o quartel.

A Bibliotheca Municipal fica na rua Domingos Ignacio, em um predio construido a expensas do povo e doado á Camara. Dispõe de uma sala, onde se encontram varios retratos, e de mais quatro salas com estantes, onde se acham para mais de quatro mil volumes, sendo mil de obras escolhidas.

O Cemiterio fica no alto do morro do Castello; é todo murado e tem uma capella de S. Miguel.

O orçamento da Camara é de 110:000$000.

Os arrabaldes da cidade denominam-se Gordo e Varzea.

O municipio confina com os do Alto Rio Doce, Barbacena, Palmyra, Rio Novo, S. João Nepomuceno, Cataguazes e Ubá.

Compõe-se dos districtos seguintes: Cidade, Mercês, Silveiras, Bomfim, Taboleiro, Guarany e Pirahuba; e dos povoados: Taboleirinho, Salvador, Bom Jardim, Passa Cinco e Capivary.

A lavoura consiste na cultura do café, fumo, canna e arroz. A grande propriedade está muito subdividida, havendo lavradores que colhem vinte mil arrobas e outros que colhem apenas quinhentas.

A exportação do café ascende a 500 mil arrobas e a do fumo a 200 mil. A fabricação da aguardente é avultada, produzindo, só no districto da cidade, mais de mil pipas.

Tem o municipio 40 machinas de beneficiar café.

As principaes fazendas são: Cachoeira, Tanque, Chacara e S. José, no districto da Cidade; Lagôa, Paraiso, Jacuba, Fundão, Barro Branco, no districto das Mercês; Mont' Alverne, União, Estiva e Palestina, no districto de Guarany; Assumpção, Lindo Valle e Vargem Grande, no districto de Pirahuba; Japão, Rochedo e Boa Vista, no districto de Silveiras; Agua Limpa, Queira Deus e Matta, no districto do Taboleiro; S. Domingos, Capivary, Fortuna e Taquara Preta, no districto do Bomfim.

O clima é saluberrimo. A molestia mais commum é o impaludismo. A tuberculose é rara.

O municipio é atravessado pela Estrada de Ferro Leopoldina, que tem nelle as seguintes estações: Cidade, Passa Cinco, Guarany e Pirahuba.

Ha no municipio 17 escolas subvencionadas pela Camara, sendo: duas na cidade; uma em S. José da Soledade, distr. de Silveiras; uma em Boa Esperança e uma em Macacos, ambas no dist. de Pirahuba; uma em Passa Cinco, dist. do Taboleiro; uma no Retiro, dist. das Mercês; duas em Bom Jardim, dist. da Cidade; duas na séde do dist. de Pirahuba; uma em Guarany; uma em Corrêas, dist. da Cidade; uma na estação do Passa Cinco, dist. de Guarany; uma em Magalhães, dist. da Cidade; uma no Ribeirão de Sant'Anna e outra no Carangueijo, ambas no dist. do Taboleiro.

O principal rio do mun. é o Pomba, que nasce na serra do Sapateiro, cordilheira da Mantiqueira, mun. de Barbacena, e desagua no Parahyba, pela margem esquerda, pouco abaixo da Aldêa da Pedra, tambem chamada S. José de Leonissa, actualmente villa de Itaocara, após um curso de 300 kils. approximadamente.

Recebe em territorio do mun., pela margem esquerda, o Paciencia (que recebe o Sant'Anna), Arrudas, S. Manoel (que recebe o Sant'Anna e o Carijó), Tijuco, Massambará, Candongas e Paraopeba; e pela direita, o Lontra (que recebe o Taquara Preta e o Bomfim), Accacio, Cavacudos, Formoso (que recebe o Capivary, Queira Deus, Sant'Anna, Santo Albano, Godinho e Anzóes), Passa Cinco, S. Luiz e Estiva.

Tem as cachoeiras de Antonio Pedro, a um kil. da estação do Pomba, a do Passa Cinco ou Manuel Alves, e a do Soccó, abaixo da estação do Guarany.

Este rio apresenta de notavel um sumidouro de 700 metros de extensão, em gráo sempre ascendente, e sobre o qual se caminha a pé enxuto. Além deste sumidouro tem o Pomba um outro a quatro kil. das Mercês.

A respeito do nome de Pomba dado ao rio e mais tarde á povoação, hoje cidade, diz a tradição que os aposseadores de terras, quando o lugar era sertão, mataram uma pomba á margem do rio, e que, tendo-se distanciado do rio, o chefe da expedição ordenou aos seus camaradas que fossem dormir á margem do rio da Pomba, isto é, do rio em que haviam morto a pomba.

Entre as serras que atravessam o mun. notam-se: Maria Rosa, Macuco, Capivary, Caramonas, Beija-Flor, Soledade, Bomjardim e das Velhas; e entre os morros os denominados Grande, Cachoeira, Cruz das Almas, Boa Vista, Gouvêa, Tijuco, Cangalha, S. Francisco e Oca.

A imprensa na cidade é representada pelo *Imparcial* e pelo *Pomba*.

A cidade dista de Barbacena 84 kils., de Palmyra 54, do Alto Rio Doce 54, do Rio Novo 27, de S. João Nepomuceno 42, de Cataguazes 66 e de Ubá 42.

POMBAS. Ilha do Estado de Santa Catharina, proxima á ponta de Caiacanga-assú.

POMBEBA ou POMBEVA. Ilha no mun. de Iguape e Estado de S. Paulo. « *Pombeva*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Páũ-mbê-bae*, ilha chata. De *páũ*, ilha; *mbê*, o mesmo que *pê*, chata, plana; *bae* (breve), para formar participio significando — o que é ». « *Pombeva*, diz o Dr. Theodoro Sampaio, corr. *pó-mbeba*, a mão chata, a fibra, a verga ou cipó chato ».

POMBINHAS. Log. do Maranhão. Accrescente-se no fim: Fica a 96 kils. da cidade e está situado nos denominados Campos das Pombinhas, onde ha grande criação de gado. Nesse pov. se reune a maior feira do Estado, convergindo para ahi as boiadas que vêm dos sertões do Maranhão, do Piauhy e de Goyaz. Esses campos, que estão situados entre os rios Mearim e Itapecurú, occupam uma área avaliada em 30 kils. de comprimento, de N. a S., e em seis de largura, de E. a O. São cercados de mattas, por onde correm diversos igarapés, entre os quaes o Perdido, o Grande, o Jacaré e o Jundiahy.

POMONGA. Corr. *pomong*, o visgo, o grude, a massa pegajosa; Sergipe (Dr. T. Sampaio).

PONCHE VERDE. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de D. Pedrito, com escola.

PONGAL. Log. do Estado do E. Santo, no mun. do Rio Novo.

PONTA D'AGUA. Grandes correntezas que existem nas voltas dos rios. E' termo uzado no rio S. Francisco.

PONTA D'ALVA. Arraial no termo de Itaporanga, do Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

PONTA D'ARÊA. Arraial do Estado de Sergipe, no termo de Pacatuba (*Almanak Sergipano*. 1901).

PONTA DAS BARREIRAS. Corrego do Estado da Bahia, no mun. do Prado. Vai para o oceano.

PONTA DO BAHIANO. Ilha no rio Bacurypanan, mun. de Cururupú e Estado do Maranhão. O Sr. José Ribeiro do Amaral, que della faz menção em seu trabalho O *Estado do Maranhão em 1896*, escreve na pag. 124 Ponta do *Balnario* e na pag. 125 Ponta do *Bahiano*.

PONTA DO FERREIRA. Log. do Districto Federal, no dist. de Guaratiba.

PONTA DO OURIÇO. Riacho do Estado da Bahia, no mun. do Prado. Vai para o oceano.

PONTA GROSSA. Pequeno arraial assente sobre a praia e outeiro do mesmo nome, no mun. da capital do Estado de Santa Catharina. "E tal designação cabe-lhe bem, diz Virgilio Varzea, porque fronteiro á barra como está, soffre em cheio o embate das vagas de fóra que se precipitam contra elle com violencia e estrondo, espalhando-se em perigosa rebentação alvacenta. Esta ponta tem um assignalamento sinistro pelos numerosos naufragios de canôas occorridos ahi desde annos com temporaes desfeitos, onde tem perecido tanta obscura e preciosa existencia ! Dahi o resguardo quasi supersticioso e sagrado que lhe dão sempre os canoeiros dessas alturas, apezar de sua lendaria affouteza. Nesse alto cabeço rochoso existiu, outr'ora, um forte cuja fundação teve logar em 1740, sob administração do brigadeiro José da Silva Paes, que governou Santa Catharina de 1737 a 1743, e ao qual se deve ainda a construcção das fortalezas de Santa Cruz, Ratones e Barra do Sul. O forte, que possuia uma capella sob a invocação de S. José, acha-se actualmente em completa ruina, de que se destacam aqui e alli, cobertos de vegetação, pedaços da velha muralha esboroada. Dahi para o sul, na direcção do Raton Grande, estende-se, com a extranha conformação de um gigantesco braço encurvado, a lingua de areia nua do Pontal, formada pelo estuario do rio Ratones e o choque ininterrupto das vagas da barra, tendo a extensão de um kil." O arraial, pouco populoso e com estreitas terras araveis, conta pequenas culturas; mas é essencialmente piscoso na sua praia revolta. Algumas canôas e rêdes constituem a riqueza maior dos habitantes, que são todos pescadores.

PONTA GROSSA. Log. do Estado da Bahia, no termo de Belmonte.

PONTA GROSSA. Log. do Estado do Maranhão, no mun. de Tury-assú.

PONTA GROSSA. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Gravatahy, com escola.

PONTAL. Arraial do Estado de Sergipe, no termo de Itaporanga (*Almanak Sergipano*. 1901).

PONTAL. Pov. do Estado de Santa Catharina, no mun. de Itajahy, com escola.

PONTAL. Serra do Estado do Maranhão, no mun. da Barra do Corda. Estende-se até á margem do Mearim, que lhe corre na base.

PONTAL DO CACHOEIRÃO. Log. no mun. de Miranda, do Estado de Matto Grosso. Encontrei tambem escripto Pontal da Cachoeira. Serão dous logares differentes?

PONTAL DO CAFÊ. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. de Miranda.

PONTÃO. Arroio do Estado do Paraná, no mun. de Guarapuava. Vai para o rio da Egrejinha, trib. do Cavernoso.

PONTÃO DAS ESTACADAS. Log. do Estado do Paraná, no mun. de Guarapuava.

PONTA PORÃ. Log. de Matto Grosso. Accrescente-se no fim: Foi elevada á parochia pela Lei n. 255 de 10 de abril de 1900.

PONTAS DO IBIROCAY. Log. no mun. de Uruguayana, no Estado do R. G. do Sul, com uma esc. municipal.

PONTAS DO TOURO-PASSO. Log. no mun. de Uruguayana, do Estado do R. G. do Sul, com uma esc. municipal.

PONTE. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

PONTE. Riacho do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. J. J. Ferreira, referindo-se a este riacho, diz: "O nome Ponte, dado ao riacho que banha a pov. e que abastece a cidade (de Caxias), tem uma origem tão curiosa que não devo deixar de citar. Em certo logar de seu curso, por onde passa uma estrada, « o riacho mergulha-se por um grande buraco na terra, ao qual chamam Sumidouro, e desapparece para depois surgir a algumas braças de distancia ». Esta estrada, que se passa a pé enxuto, é uma ponte feita pela natureza. D'ahi lhe provém o nome. Alguns de seus trechos são muito frequentados pelos moradores da cidade, que ahi vão a passeio e por estranhos que a visitam. Suas aguas crystallinas e frescas, sombreadas por muitas arvores que vicejam em suas margens, correm, ora por um leito de areia alva, ora sobre lagedo. Ha um logar em que, estreitando-se o riacho e correndo sobre lagens dispostas bruscamente em um escalão, as aguas se despenham com grande fragor, formando uma cascata, que os habitantes do logar denominam Roncador. . . . » Desagua na margem esq. do Itapecurú, nasce no logar Soledade e tem um curso avaliado em 18 kils.

PONTE ALTA. Bairro do dist. de Santa Rita da Extrema, no Estado de Minas Geraes.

PONTE ALTA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Itapecerica e desagua no Mboy-mirim.

PONTE ALTA. Corrego do Estado de Minas Geraes, no mun. de Diamantina. Vai para o rio Jequitinhonha.

PONTE BERÇOT. Pov. do Estado do Rio de Janeiro, no mun. do Bom Jardim.

PONTE DO IMARUHY. Pov. do Estado de Santa Catharina, no mun. de S. José, com escola.

PONTE LAVRADA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, no mun. de S. Roque.

PONTE NOVA. Bairro do dist. de Santa Rita da Extrema, no Estado de Minas Geraes.

PONTE QUEIMADA. Corrego do Estado de Minas Geraes. E' um dos formadores do Ajunta-Ajunta, trib. do ribeirão do Inferno, que o é do rio Jequitinhonha.

PONTE VIRADA. Log. do Estado da Bahia, no termo de Camamú.

PONUNDUVA. Morro do Estado de S. Paulo, na margem dir. do rio Juquery, affl. da mesma margem do rio Tieté.

PONUNDUVA. Corrego do Estado de S. Paulo; desagua na margem dir. do rio Tieté, acima da foz do Caracol.

PONUNDUVA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. do Caiacatinga, que o é do rio Tieté.

PORACÉ. Subs., a dança, a festa, o folguedo, o ajunctamento de povo para folgar (*pora-cê*); alt. *boracé*, *baracéa* (Dr. T. Sampaio).

PORANGABA. Vocabulo tupi, que significa a belleza, a formusura. E' uzado no Ceará.

PORCO. Arroio do Estado do R. G. do Sul, banha o mun. de Uruguayana e desagua no rio Uruguay.

PORCO MAGRO. Log. no mun. de Curutapera do Estado do Maranhão.

PORCOS. Riacho do Estado da Bahia, no mun. de Minas do Rio de Contas.

PORCOS. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do Onofre, trib. do rio Atibaia.

PORCOS. Arroio do Estado do Paraná, banha o mun. de Guarapuava e desagua no rio Campo Real.

PORTÃO. Pov. do Estado do Paraná, distante nove kils. da capital, com importante commercio, esc. e uma estação da E. de F. do Paraná.

PORTEIRAS. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, no Estado da Bahia. Fica no rio Grande, a 696 kils. do Joaseiro, entre as estações de Campo Largo e de Santa Luzia.

PORTEIRAS. Serra do Estado de Pernambuco, no dist. de Poção do mun. de Cimbres.

PORTO. Corrego do Estado de Matto Grosso, no mun. de Santa Anna do Paranahyba.

PORTO ALEGRE. Log. de Minas Geraes, no mun. de Bom Fim. Accrescente-se no fim: Foi incorporado ao dist. de S. Gonçalo da Ponte por Lei Municipal n. 76 de 8 de agosto de 1901.

PORTO ALEGRE DE BAIXO. Bairro do mun. do Jahu, no Estado de S. Paulo; com duas escs. creadas pela Lei n. 748 de 18 de novembro de 1900.

PORTO DA GABARRA. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Anajatuba, á margem dir. do estuario do Mearim, a 18 kils. da villa, a que serve de porto. E' assim chamada por ser o porto onde ancoram as embarcações denominadas *Gabarras*, que conduzem de Anajatuba para a capital grande parte do gado que a abastece. Defronte dessa pov. fica a ilha dos Caranguejos.

PORTO D'AGUA. Pov. do Estado do Paraná, distante dous kils. da cidade de Paranaguá. E' o porto natural do Estado, em que deve ser construida a nova Alfandega. Possue as pontes das estradas de ferro do Paraná, de S. Paulo ao Rio Grande e da Companhia Industrial.

PORTO DA MADEIRA. Log. do Estado de Pernambuco, em Olinda.

PORTO DA VARZEA. Arraial do mun. de Itaporanga, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

PORTO DO CURRALINHO. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. do Curralinho, a dous kils. da villa a que serve de porto, á margem esq. do rio Parnahyba, banhada pelo riacho Juçara.

PORTO DO INDIO. Pov. no dist. da cidade do Rio Preto, no Estado de Minas Geraes, com uma capella do Sagrado Coração de Jesus.

PORTO DO MEIO. Pov. do Estado da Bahia, no mun. de Maragogipe, á margem do rio Batatan, affl. do Paraguassú.

PORTO DO MOURA. Pov. do Estado de Santa Catharina, no mun. de Tijucas, com escola.

PORTO DO MUTUOCA. Log. no mun. de Turyassú, a 24 kils. da cidade.

PORTO DO PEDROSO. Log. do Estado de Minas Geraes, no mun. de Ouro Fino, á margem do rio Mogy.

PORTO DOS MASTROS. Log. do Estado da Bahia, em Itapagipe, com uma fabrica de chales.

PORTO FRANCO. Pov. do Maranhão. Accrescente-se no fim: Fica á margem dir. do Tocantins, defronte da cidade da Bôa Vista, no Estado de Goyaz, cerca de 180 kils. á jusante da cidade da Carolina.

PORTO GRANDE. Arraial no termo do Soccorro, do Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

PORTO MURTINHO. Parochia no mun. de Corumbá e Estado de Matto Grosso, creada pela Lei n. 255 de 10 de abril de 1900. Sobre suas divisas, vide art. II da Lei n. 165 de 6 de março de 1897.

PORTO NOVO. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, no Estado da Bahia. Fica no rio Corrente, a 808 kils. do Joaseiro.

PORUBA. « Segundo o costume dos indigenas, davam a logares varios na mesma região nomes com som identico ou quasi identico, mas com significados diversos. *Poruba*, nome da serra (no mun. de Ubatuba), é *Poró-iib-a*, contrahido em *Por'-iib-a*, arrimo ou contra-forte. De *poró*, para exprimir como particularidade o que o verbo indica: *iib*, arrimar, sustentar, especar, haste, mastro, cabo de ferramenta, encabeçar, com *a* (breve), por acabar em consoante. Quando ha dous *ii* no fim da palavra, o primeiro é guttural. — *Poruba*, nome do rio, é *Pó-rúb-a*, tem saltos. De *por*, salto, perdendo o *r* por causa da palavra que se segue, e que por *r* começa; *rub*, conter em si, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. O nome da serra é allusivo a ser um dos contra-fortes da serra geral, ou maritima, por aquelle lado. O nome do rio é allusivo ás grandes cachoeiras, que o formam naquella serra, com quedas ou saltos » (Dr. J. M. de Almeida).

POSSE. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da Vargem Alegre e mun. do Bom Fim.

POSSE. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do ribeirão Grande, trib. do Lageado, que o é do Santo Ignacio.

POSSES. Bairro do dist. de Santa Rita da Extrema, no Estado de Minas Geraes.

POSSES. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do ribeirão S. Pedro, trib. do rio Grande, no mun. de Santa Rita do Paraiso.

POSSES. Ribeirão do Estado de Minas Geraes, banha a cidade da Palmyra e desagua no rio Pinho ou Piáu.

POTI. O camarão; escrevem tambem *poty* e *puty*.

POTIGUARA. O papa camarões, o comedor de camarões; composto de *poti-guara*. Vide *Pitiguaras*.

POTINGA. Pov. do Estado do Paraná, no mun. de S. João do Triumpho, á margem do rio do mesmo nome, na colonia Eufrosina (Rio Claro). Tambem escrevem *Putinga*.

POTINGY ou POTENGY. Rio dos camarões; composto de *poti-gy*.

POTON. Ribeirão do Estado de Minas Geraes, no mun. de Theophilo Ottoni.

POTREIRO DO BURRO. Log. do Estado do Paraná, no mun. de Guarapuava.

POTREIRO DO RETIRO. Log. do Estado do Paraná, no mun. do Ipiranga.

POTRIBÚ. Corr. *potyra-ybú*, a fonte das flores; corr. *poty-raiembú*, o arroio das flores; corr. *apoter-obi*, flor azul (Dr. T. Sampaio).

POTRIBÚ. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Pau d'Alho e desagua no rio Capibaribe. O Sr. Sebastião de Vasconcellos Galvão, em seu *Dicc.*, escreve: *Petribú*.

POTROS. Ilha no mun. de Arayoses do Estado do Maranhão.

POTUNDUVA. Vide *Potunduba*. « *Potundúva*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Po-ty-ndu-bae*, salto, arrecife, ruidoso. De *pó*, salto; *tỹ*, arrecifes; *ndú*, fazer ruido, estrondar, *bae* (breve), particula de participio, significando — o que é. Allusivo a ter o rio nesse logar arrecifes e salto, fazendo as aguas na queda grande estrondo ». O Dr. Lacerda e Almeida, no seu *Diario de viagens nos annos de 1780 a 1790*, diz: « *Potunduva* ou *Putundiva* significa logar onde escurece a vista, por ser este um estirão grande do rio, que com a vista se não alcança ». « Seria, então, diz o mesmo Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *pỹtundubae*, isto é, *pỹtu*, noite, escuridão, escuro; *ndu*, significando muito; e *bae*, significando — o que é; mas, evidentemente, é forçada esta explicação ».

POUSO ALEGRE. Log. do Estado do Paraná, no mun. de Tibagy.

POUSO ALTO. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. de Sant'Anna do Paranahyba.

POXIM ou PUXIM. Sujo, immundo, impuro; corr. *pochĩ*; rio feio, sujo; corr. *pochĩ-y*.

PRACUTUBA. Rio do Estado do Pará, na ilha Caviana e mun. de Chaves.

PRAIA DE FÓRA. Praia ao N. de Florianopolis, no Estado de Santa Catharina. Tem dous kils. de extensão e vai das pedras Soeiro á ponta de S. Luiz. Magnifica por sua paisagem, é um excellente ancoradouro abrigado dos ventos do sul e a primeira estação balnear da capital, cuja pop. para ahi acode, em parte, na epoca propria, habitando as casas a beira-mar. Vide *Praia de Fóra* nos Accrescimos e Correcções do IV Volume.

PRAIA DE FORA. Dist. de Santa Catharina. Accrescente-se no fim: O Sr. Virgilio Varzea, em seu trabalho — *Santa Catharina* (1900), diz o seguinte: « Um dos mais bellos arrabaldes de Florianopolis, senão o mais bello, é a Praia de Fóra, porque representa para os catharinenses o que é Botafogo para a Capital Federal: o bairro de *linha*, o bairro *chic*, o bairro aristocratico. Isto pelo lado de seus habitantes, do luxo e da esthetica e arte de suas construcções; pelo lado da paizagem e quadros naturaes, ainda a Praia de Fóra se parece de certo modo com Botafogo, occupando, como occupa, uma área de terreno, ora plano, ora em pequenas collinas e montes á beira-mar, de um pittoresco admiravel, posto não apresente lá a natureza o solenne, o gigantesco e grandioso do panorama do Rio de Janeiro e circumvizinhanças. Distingue-se tanto a Praia de Fóra dos demais pontos da cidade, que até a vida catharinense dir-se-hia ter ahi outro aspecto, outras tintas, outras modalidades, revelando-se o bairro, na capital provinciana, como um todo á parte, mais culto, mais artistico, mais civilizado.

Tal impressão, longamente experimentada por nós, fére viva a observação do forasteiro e dos nacionaes que transitam ou se demoram em visita a essas plagas. E salta logo á lembrança a comparação com o esplendido bairro de Botafogo aos que conhecem a Capital Federal. A muitos estrangeiros, em passeio á Praia de Fóra, ouvimos innumeras vezes a referida comparação formulada, sincera e espontaneamente, sob a impressão do momento. E muitos brasileiros distinctos, que conheciam o Desterro, eram da mesma opinião, como o visconde de Beaurepaire Rohan, que em conversação comnosco, sempre que se occupava de Santa Catharina, de que tanto gostava e onde estivera algumas vezes de passagem, indo ou vindo do Sul em commissões administrativas ou militares, exercidas durante o Imperio, nos perguntava frequentemente: « ... Então, ha muitas construcções novas na Praia de Fóra, este Botafogo da sua terra natal?... ». Do parecer do fallecido general são quasi todos os que conhecem esse pequeno arrabalde, distante menos de meia hora da cidade.

A paizagem da Praia de Fóra é verdadeiramente encantadora, pelo conjuncto delicado de planos, altos e encostas arborisados, onde predominam os coqueiros silvestres, as palmeiras, as mangueiras e cedros, no meio de outras arvores fructiferas espalhadas aos milhares e das grossas moitas de arbustos, por entre as quaes branquejam os frontões das vivendas e chacaras elegantes e da mais variada architectura, desde o *chalet* de modelo suisso ás casas de estylo allemão, acommodadas ao clima tropical, com avarandados á frente ou ao lado.

Podemos enumerar dessas construcções, cujo padrão moderno é o da maior parte das edificações da Praia de Fóra, os palacetes Schutel, Fialho, Villela, Alves de Brito, Trompowsky e Pamplona, á rua Esteves Junior, que começa no alto da rua Alvaro de Carvalho e termina no largo Lauro Müller, um dos pontos principaes de desembarque na bahia do norte, onde o mar faz esplendida enseada, e que é o ancoradouro dos navios quando sopra o vento sul, ameaçador e terrivel pela quadra invernal. Como estes, salientam-se ainda, por seu luxo e valor architectonico, á rua Bocayuva, junto ao littoral — o chalet Cogov e as casas Vinhas, Hœpecke, Hackradt, Wahl e Paranhos, esta ultima singular pela sua fórma artistica, e de um grande ar historico de castello rhenano, sobreexcedendo ás outras nos seus altos torreões ameados, com espigões em flecha.

Todas essas vivendas ou chacaras têm á frente vastos jardins bem cuidados, aos cantos dos quaes se veem vistosos mirantes ou caramanchões de folhagem, lembrando os opulentos palacetes de Botafogo, Larangeiras e Tijuca, na Capital Federal. E algumas das ultimas acima citadas, lançando-se em puxados e quintaes para a praia, que tem a extensão de dous kilometros mais ou menos, apresentam bellos terraços descobertos ou *mirandas*, de onde se domina todo o panorama das aguas, delicioso pela placidez constante das ondas ao abrigo dos vendavaes e pelo recórte incomparavel da costa, correndo numa alvura de areias, aqui e além interrompida por pequenas rochas, a um e outro lado

do canal que separa a ilha do continente, desde os dous cabos do Estreito ao portico amplo e monumental da barra. Essa mansa enseada, limitando ao sul com a ponta Soeiro e ao norte com a de S. Luiz, toda bordada de pequenas ilhas verdejantes e grupos de rochas nuas, erguendo-se á superficie das vagas, faz evocar no espirito certas abras da Bretanha, cheias de menhires druidicos e de uma poesia lendaria.

Taes bellezas naturaes, junto ás feituras e construcções da Arte, dão uma impressão pinturesca e esplendida a esse lindo arrabalde, destacando-o, em primasia, entre todos os outros, na capital insular.

E se não fôra a existencia ainda, nessa alva faixa de praia, de uma ou outra casinha antiga com fundos para o mar, poder-se-ia dizer, sem exaggero, que era essa parte da cidade uma reproducção perfeita, mas em ponto pequeno, da bahia de Napoles. Assim pensam muitos dos catharinenses e outros, que têm viajado a Europa e especialmente á Italia, entre os quaes o almirante Proença, a quem ouvimos muitas vezes comparar a Praia de Fóra áquella bellissima cidade. Da opinião do illustre catharinense é o notavel medico Dr. Remedios Monteiro, que habitou muito tempo, e em varias épocas, Florianopolis, e que conhece perfeitamente a Europa, onde viveu alguns annos. Fallando de Santa Catharina, nos dizia elle em uma de suas apreciaveis cartas datadas de 1889: « Se as casas da Praia de Fóra, na sua parte littoral, tivessem todas a frente para o mar e não os fundos, maculando assim o padrão moderno das actuaes construcções do bairro — o panorama dessa praia recordaria bem o formoso golfo de Napoles, na Italia meridional ».

A Praia de Fóra confina, a um lado, com o agreste mas aprazivel arrabalde do Matto-Grosso, que assenta sobre duas ou tres das principaes collinas da cidade, desde o estreito valle ou planicie das Olarias, na falda do morro do Antão, até á baixada da chacara Linhares, á rua Esteves Junior. Chamámos de agreste a esse bairro, e o fizemos com verdade, porque nelle prevalecem menos as construcções que a paizagem, que é ahi magnificente, particularmente em toda a vasta espalda occidental do Antão, onde vicejam admiraveis quadros de variadas culturas, a par das altas frondes copadas das florestas e pomares.

As ruas mais pittorescas do Matto-Grosso são — a que parte do largo Dezesete de Novembro e vae findar ao de Benjamin Constant, a do Dr. Rolla e a de José Veiga que, com a de Bocayuva, á Praia de Fóra, fórma as duas ruas mais extensas do Desterro, com um curso de cerca de dous kilometros cada uma. Nessas ruas estão situadas as melhores chacaras (e não propriamente palacetes, como no primeiro dos bairros citados) do Matto-Grosso. São notaveis, entre muitas outras, as casas de construcção moderna ou recentemente reformada, dos irmãos Wendhausen, o quartel do Corpo de Segurança, as vivendas Eloy e Livramento, os elegantes *chalets* Carneiro e Veiga, verdadeiros e confortaveis *cottages* de campo europeus, pelos seus encantadores jardins, hortas, pomares e vastas pastagens verdissimas, onde pascem tranquillamente, ao lado de suas crias, as pequenas vaccas « crioulas » ou as grandes vaccas de raça.

Pela rua Frei Caneca, que sahe do largo do mesmo nome e desce para o cáes de S. Luiz, num leve pendor sinuoso cercado de sebes de espinhos, dentre os quaes se erguem pequeninas habitações collocadas esparsamente aqui e alli, com as suas cêrcas de boas-noites á frente dos terreiros floridos de rosas e cravos, os lindos cravos de Santa Catharina — vai-se dar ao *boulevard* magnifico da Pedra-grande, onde começa a estrada das Carreiras, desdobrando-se proxima á costa até quasi as planices de Itacoroby, faixeada á veneziana por seus pequenos e sinuosos rios, cujas voltas numerosas reluzem prateadamente em meio ao mangal. Dahi o caminho se bifurca, estendendo-se para a Trindade e Tres Pontes, seguindo depois na direcção norte da ilha, por Santo Antonio e Ratones, para a Lagôa, Cannavieiras, o Rio Vermelho e o Rapa.

A Pedra-grande, por sua situação longinqua — a quasi uma legua do coração da cidade — tem já o aspecto de uma freguezia com as suas casas rareadas, erectas bem na linha da praia sobre terrenos de marinha, os jardins e quintaes avançando para as ondas, ao de cima de pequenas pedras e lages alagadas, com os intersticios aterrados e murados em roda, que se accumulam pittorescamente nesse ponto do littoral a começar por um enorme monolitho redondo, elevando-se do seio d'agua como um zimborio massiço, á esquerda de quem vai de S. Luiz, monolitho que dá o nome ao lugar desde tempos primitivos.

Asseiado, socegado e florido como uma aldeia de Hollanda, este alegre arrabalde, com a sua casaria caiada e de variados feitios, uma ou outra praiasinha de areias alvas abrindo-se num risonho crescente, em meio a multidão escura ou cinzenta dos minusculos menhires, despertando a ideia de um mappa em relêvo da Grecia em representação microscopica, tudo isto ao lado de uma paizagem feita dos mais leves contornos e linhas, descendo para o mar em planos inclinados de prados bizarros e moitas de arbustos rendilhados e de uma côr esmeraldina tonalisada em nuances delicadissimas — attrahe a si, aos domingos, uma grande parte da população desterrense, que percorre o bairro a carro, a cavallo, ou em grupos a pé, numa expansão de alegria. Depois a extensão da rua principal e sua amplitude conferem uma certa feição de avenida campestre a toda Pedra-grande, tornando-a um verdadeiro paraiso para as excursões e cavalgatas.

Devem ser mencionadas aqui, entre os predios artisticos do local, a « villa » Sohn, propriedade de um rico industrial allemão, e a de Joaquim Manoel, catharinense. A primeira dellas é uma edificação com avarandados ou copiás corridos a um lado e outro, á margem de um riacho que desce em cascata ao longo da principal varanda da casa, sob uma ponte de alvenaria por onde passa a estrada arenosa e branca. Cercada de larangeiras, cafeeiros e bananaes, com magnificas culturas ao pé e nas chapadas e baixos, um risonho jardim á frente, essa casa impressiona e agrada como um ninho de ventura humana suspenso entre roseiraes. A segunda, de architectura platense, alta e com platibandas ornadas de vasos, é um perfeito palacete uruguay, talhado em lances bellissimos e varias secções caprichosas, com escadas cheias de balaustres em troncha e feitas de cimento e de marmore. Com o seu frontão aberto em lavores de columnas e ornatos, tres balcões espaçosos e salientes cercando as janellas com os seus frisos de grande arco, que espalham volutas elegantes sahindo de remates estheticos de boccas de caryátides — esta casa é a primeira do bairro e a mais bella de Florianopolis. Toda murada no espaço de mais de quinhentos metros de frente, possue um jardim colossal, ostentando pavilhões interessantes sob abobadas de folhagem e alargando immensa chacara para os fundos, por uma especie de peninsula artificial rodeada de um longo cáes de cimento, onde espuma e bate o mar.

Como é bem de vêr, diante destes encantos naturaes, a vida catharinense desliza venturosa, embora em sua maior parte na estreiteza de recursos communs aos pequenos Estados, onde, como nesse formoso torrão, tudo está ainda por fazer e por explorar, quer na agricultura, quer na industria, quer no ramo commercial.

E a proposito dos arrabaldes do Desterro vamos finalisar este capitulo com o que diz M. Augusto de Saint-Hilaire, ás paginas 331-332 do seu já mencionado livro *Voyage dans les Provinces de Saint-Paul et Sainte-Catherine*, publicado em Paris, em 1851:

« Nada mais lindo do que os arrabaldes de Santa Catharina ou Desterro. Os morros que, como disse, dominam a cidade do lado de léste são ainda coroados por mattas virgens, em meio as quaes se mostram massas de rochedos. Por toda a parte o terreno foi arroteado e offerece o aspecto de roças ou culturas. Nos pontos mais vizinhos da capital veem-se formosas casas de campo (chacaras) e mais longe um grande numero de *sitios* dispersos aqui e alli.

Emquanto que, nas provincias as mais povoadas do interior, se viaja sem que nada dê a perceber a presença do homem, aqui se encontra, a cada passo, uma casinha cercada de larangeiras, perto da qual verdeja uma plantação de mandioca. As terras circumjacentes a cada sitio são rodeadas por cercas de espinheiros, bem como numerosos caminhos que estabelecem communicação entre os arrabaldes e a cidade, ou entre as differentes freguezias. Taes cercas não exhibem verdadeiramente o verde tenro do espinheiro, mas sua verdura não é sombria, porque ellas não se desguarnecem nunca de folhas como as nossas, e embalsamam o ar com o perfume de suas flores e de suas ramagens. Num perimetro de cerca de uma legua em torno da cidade, as estradas são largas e na maior parte arenosas e perfeitamente solidas.

Tudo é animado no campo e sem cessar encontra-se um ou outro rocciro, como nos arredores das nossas cidades

da Europa. Os pontos de vista ahi são muitissimo variados: ora se descobrem, através do arvoredo, as bahias e os montes longinquos, ora a cidade, ou a capella do Menino Deus, ou as collinas que bordam o littoral. Algumas vezes, uma casa de campo fórma uma perspectiva, que em outra parte seria um pittoresco *sitio* cercado de bananeiras e larangeiras carregadas de fructos. As culturas apresentam ainda menos symetria que nas outras provincias do Brasil: não se veem duas larangeiras ou dois pés de mandioca plantados na mesma linha. Mas esta desordem, que attesta a negligencia dos lavradores, produz na paizagem effeitos magnificos, e poder-se-hia comparar a ilha de Santa Catharina a um vasto jardim inglez ».

PRAIA DE NOSSA SENHORA. Log. do Districto Federal, no dist. de Guaratiba.

PRAINHA. Ilha na bahia Mangunsa, mun. de Curupú e Estado do Maranhão.

PRATA. Bairro no mun. de Botucatú e Estado de S. Paulo, com escola.

PRATA. Um dos quarteirões do dist. de Pytumbi, no mun. de Mococa e Estado de S. Paulo.

PRATA. Bairro do mun. de S. Simão, no Estado de S. Paulo, com uma esc. creada pela Lei n. 643 de 7 de agosto de 1899.

PRATA. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. de S. Manoel, com uma esc. publ. municipal.

PRATA. Riacho do Estado do Ceará, nas divisas do mun. de Uruburetama.

PRATA. Riacho do Estado da Bahia, affl. do Preguiça, que o é do rio de Contas, no mun. de Jequié.

PRATA. Riacho do Estado da Bahia, banha o mun. de Alagoinhas e desagua no Subahuma.

PRATA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Tieté, no mun. de Bariry, anteriormente Sapê do Jahú.

PRATA. Pequeno rio que, nascendo na serra do Cadeado, se reune ao denominado das Minas e desagua no Mar Pequeno, no mun. de Cananéa e Estado de S. Paulo.

PRATA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Pardo, entre os muns. de Mococa e de Cajurú.

PRATA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Tieté, no mun. de Lençóes. E' tambem conhecido por Patos.

PRATA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Turvo, no mun. de Barretos.

PRATA. Ribeirão affl. da margem esq. do ribeirão Cubatão, no mun. de Mococa.

PRATA. Ribeirão affl. da margem esq. do rio Mogyguassú, no mun. de Belem do Descalvado e Estado de S. Paulo.

PRATA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. do ribeirão Cocaes e este do rio Jaguary-mirim, nos muns. de S. João da Boa Vista e Casa Branca.

PRATA. Ribeirão que, do lado occidental da cidade do Bananal, se precipita do alto da serra, mais ou menos 200 metros, descendo em cascata, no Estado de S. Paulo.

PRATA. Segunda cachoeira das que formam o rio Brajahimirinduba, no mun. de Ubatuba e Estado de S. Paulo.

PRATA. Ribeirão do Estado de Minas Geraes, junto ao arraial de Santa Quiteria, reune-se ao Philippão,

PRATA. Lagôa do Estado da Bahia, no dist. do Riacho da Guia e mun. de Alagoinhas.

PRATINHA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, banha o dist. de Brodowski e desagua no Adão, affl. do rio Pardo.

PRATÓ RASO. Lagôa do Estado da Bahia, no mun. da Feira de Sant'Anna.

PRATY-MIRIM. Corrego do Estado de S. Paulo, desagua na margem dir. do rio Tieté, abaixo da foz do Perová.

PRAZERES. Arraial no termo do Riachuelo, do Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

PREÁ. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do rio Capibaribe-mirim.

PREGIBAHÊ. Log. do Estado de Santa Catharina, ao S. do Sacco dos Limões. Consta de algumas dezenas de habitações, disseminadas sobre a encosta do morro do mesmo nome, por onde passa a estrada real que segue para o Ribeirão. Seus habs. dedicam-se principalmente á cultura da canna, de que fabricam excellente assucar, melado e aguardente. Além de agricultores são bons canoeiros e pescadores. Saint'-Adolphe escreveu *Prejibahi*.

PREGOS. Pov. do Estado do Pará, no mun. da Vigia, no Tauá.

PREGOS. Ilha do Estado do Pará, na com. de Mazagão.

PREGUIÇA. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de Pacatuba (*Almanak Sergipano*. 1901).

PREGUIÇA. Log. do Estado da Bahia, no termo de Ilhéos.

PREGUIÇA. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

PREJÚ. Rio affl. da margem esq. do Tieté, no mun. de Mogy das Cruzes e Estado de S. Paulo. « *Prejú*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corrupção de *Piieré-yii*, derramado e resvaladio. De *piieré*, derramar; *yii*, soando *jú*, e que não é mais do que o verbo *ii*, resvalar, escorregar, precedido de *y*, relativo. Allusivo a fazer bojo, por não ter força bastante para penetrar no rio Tieté, de sorte que, quasi paradas as aguas, o lodo torna escorregadio o leito ».

PRESIDENTE FARIA. Colonia do Estado do Paraná, no mun. de Campina Grande, a seis kils. E' dividida em 50 lotes, occupados (1901) por cerca de 300 italianos e brazileiros.

PRESIDIO. Ribeirão do Estado do Maranhão, desce da serra da Cinta e corre para o rio das Flores.

PRETA. Lagôa do Estado de S. Paulo, no mun. de S. Simão, defronte do rio Pardo.

PRETA. Lagôa no mun. do Bananal, do Estado de São Paulo, em terras da fazenda do Bom Successo.

PRETINHO. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Anajás. Vai para o rio Guajará.

PRETO. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. da Conceição de Itanhaem.

PRETO. Rio do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Campos. Desagua na margem dir. do Parahyba, no logar denominado Barra, 6 kils. abaixo da estação da Boa Vista.

PRETO. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Sapucahy-mirim, no mun. de S. Bento do Sapucahy-mirim.

PRETO. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do ribeirão Vermelho, trib. do Taquacetuba, que o é do rio Jurubatuba ou Grande.

PRETO. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do ribeirão Piranga, no mun. de Iguape. Nasce nas serras divisorias com o mun. de Itapetininga. É este rio que alguem erradamente dá como affl. do rio Juquiá.

PRETO. Rio do Estado de S. Paulo, banha o mun. de S. Vicente e desagua no rio Boturoca ou Voturoca ou Botoroca.

PRETO. Rio do Estado de S. Paulo, affl. do Una d'Aldêa, pela margem esq., no mun. de Iguape.

PRETO. Lago no mun. da capital do Estado do Amazonas.

PRETOS. Bairro no dist. de Santa Rita da Extrema, do Estado de Minas Geraes.

PRIATUBA. Lago do Estado do Pará, no mun. de Amapá. Tambem escrevem *Piratuba*.

PRICOAPÉ. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Tieté, no mun. de Mogy das Cruzes. « *Pricoapé*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corrupção de *Piri-guapé*, um pouco plano. De *piri*, um pouco; *apé*, plano, precedido de *gu*, reciproco. Allusivo a correr em terra baixa, e, por isso, o escoamento é lento, e o leito é limoso ».

PRIMEIRA CRUZ. Dist. do Maranhão. Linhas duas: Em logar de 120 leia-se 12. Accrescente-se no fim: Fica á margem dir. do rio Preá.

PROPRIÁ. Ant. *popiá*, o punhal, o estylete; Alagôas.

PROVIDENCIA. Sub-Prefeitura da com. de Cametá, no Estado do Pará. Por suas divisas correm os rios Tatuoca e Japim Grande.

PRUDENTOPOLIS. Colonia do Estado do Paraná, a 66 kils. da cidade de Guarapuava, no logar denominado S. João de Capanema, na margem esq. do rio dos Patos, affl. do Ivahy. E' a mais importante colonia do Estado. E' dividida em 1.423 lotes, inclusive os do quadro urbano, contendo a pop. de cerca de 6.000 polacos e brasileiros. Abrange a área de 25.000 hectares. Seus habs. dedicam-se á extracção de herva-matte e á cultura de cereaes. Na séde dessa colonia existem escolas, egrejas, estação telegraphica e diversas fabricas. A Lei n. 251 de 14 de dezembro de 1897 creou ahi uma escola.

PUCÚ. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. de Itacoatiara.

PUCUHY ou PUCUY. Rio que nasce na serra Maritima e desagua no braço de mar Bertioga, no mun. de Santos. « *Pucuy*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Po-cui*, arenoso. De *pó*, apocope de *poró*, para exprimir que contém o que a palavra seguinte designa; *cui*, arêa, pó, farinha ».

PUCUNUSCY. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Afuá.

PULADOR. Log. do Estado do Paraná, no mun. de Bocayuva.

PULADOR. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Mogy-guassú, no mun. de S. Simão.

PUNUMAN. Ilha do Estado do Amazonas, no mun. de Silverio Nery.

PURAQUÊ. Igarapé do Estado do Pará, na ilha Caviana, e mun. de Chaves.

PURAQUE-QUARA. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Mazagão.

PUREZA. Dist. do mun. de S. Fidelis, no Estado do Rio de Janeiro, á margem do rio Parahyba do Sul, atravessado pela E. de F. Leopoldina, que ahi tem uma estação. Para elle foi transferido a séde do dist. da Colonia pela Lei n. 583 de 29 de dezembro de 1902.

PURURUCA. Rio de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: O Sr. J. Augusto Neves, em sua *Chorogr. do Mun. de Diamantina*, diz: « O *Piruruca*, que nasce no logar denominado Bicas, suburbio da cidade, com o nome de corrego das Bicas, toma mais abaixo o nome de Prata e depois o de Piruruca; fraldeja o morro de Santo Antonio pelos lados do occidente e sul, tomando o nome de Palha ao banhar o bairro do mesmo nome, havendo ahi uma ponte de madeira sobre elle. Pouco adiante recebe o corrego emphaticamente denominado Rio Grande, que nasce na serra do seu nome, proximo á estrada que segue para o arraial do Mendanha, banhando Diamantina a NE. e seguindo na direcção de S. até á sua foz, onde é conhecido pelo nome de Richier, tendo ainda, anteriormente, logo abaixo do bairro do Rio Grande, a denominação de Moinho. E' seu principal trib. da margem dir. o corrego S. Francisco, hoje geralmente conhecido pelo nome de Paula Vieira ou Quatro Vintens, sobre o qual ha duas pontes de madeira no mesmo bairro referido ».

PURÚS. Corr. *purú*, rumorejar, saltar, ferver; o que rumoreja ou ronca; Amazonas; corr. *porú* ou *por-ú*, o que come gente, o antropophago, o devorador; nome de uma tribu selvagem do Amazonas (Dr. T. Sampaio).

PURYS. Nome de umas tribus selvagens que habitavam os Estados do Rio de Janeiro, S. Paulo e Minas Geraes. Esta palavra é, segundo o Dr. T. Sampaio, corrupção de *por-í*, gentinha, povo miudo, fraco, de pequena estatura.

PYÇÁ (Susbstantivo). A rede de pescar; alt. *puçá* (Dr. Theodoro Sampaio).

PYTUMBI. Dist. creado na pov. de S. João Baptista do Rio Pardo pela Lei n. 711 de 30 de agosto de 1900, no Estado de S. Paulo.

Q

QUÁ. Adj., furado, perfurado, atravessado; s. contr. *quara*, buraco fundo, cova; *quá* = *quá*, dedo da mão, ponta; confunde-se muitas vezes com *guá* (Dr. T. Sampaio).

QUADRÃO. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. de Annapolis, não longe do morro do Cuscuseiro.

QUARA. Subs., furo, cova, buraco; esconderijo, refugio. Vide *Coára*.

QUARAHIM-CHICO. Arroio do Estado do R. G. do Sul, banha o mun. de Uruguayana e desagua no rio Uruguay.

QUARTEIS. Log. do Estado da Bahia, á margem dir. do rio Salsa e do canal Poassú, no termo de Cannavieiras.

QUATIPURÚ. Villa do Pará. Accrescente-se no fim: Foi supprimido seu mun. pela Lei n. 792 de 3 de abril de 1900 e restaurado pela de n. 832 de 24 de outubro de 1902.

QUAVIRUTUBA. Bairro do Estado de S. Paulo, no mun. de Nazareth, com uma esc. publ. creada pela Lei n. 800 de 7 de outubro de 1901.

QUEBRA. Morro do Estado de Minas Geraes, na cidade do Rio Branco.

QUEBRA. Rio que communica o lago Cassó com o rio das Preguiças, no Estado do Maranhão. E' tambem denominado Riachão de Fora.

QUEBRA-BUNDA. Riacho do Estado de Pernambuco, rega o mun. do Limoeiro e desagua na margem esq. do rio Capibaribe.

QUEBRA-CACO. Rio do Estado de Minas Geraes, banha o mun. do Rio Branco e desagua no Capella Velha.

QUEBRA CANELLAS. Rio do Estado de S. Paulo, nas divisas do dist. de Jaguary, pertencente á com. e mun. de Xiririca. Vai para o Ribeira.

QUEBRADA FUNDA. Log. do Estado do Paraná, no mun. de Assunguy.

QUEBRADAS. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de Itaporanga (*Almanak Sergipano.* 1901).

QUEBRA-JOELHO. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Muaná.

QUEBRA-MACHADO. Bairro no dist. de Santa Rita da Extrema e Estado de Minas Geraes.

QUEIMADAS. Arraial do Estado de Sergipe, no termo de Itabaiana (*Almanak Sergipano.* 1901).

QUEIMADAS. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Taquaretinga e vai para o Capibaribe.

QUEIMADAS. Villa da Bahia. Accrescente-se no fim: Em julho de 1902 enviei ao *Jornal do Commercio* uma communicação sobre minha viagem de Alagoinhas ao Joaseiro, da qual destaco o seguinte que se refere á villa de Queimadas. No intuito de procurar a margem do rio, a pov. de Queimadas ficou pessimamente situada em uma baixada ou bacia, ficando em parte inundada nas cheias do Itapecurú-assú, que reunindo suas aguas ás do riacho Gregorio a transforma em uma ilha.

E' cercada por taboleiros, ou altos, e fica á margem dir. do rio Itapecurú-assú, na latitude sul de 10°36'35" e 3°34'47" de longitude leste do Rio de Janeiro.

Tem um feio aspecto. Possue duas grandes praças, entre as quaes a do Mercado, onde se faz a feira aos sabbados, umas seis a oito ruas, umas 300 casas, duas capellas, a da Conceição e S. José e a matriz de Santo Antonio, longe da pov. no Alto da Egreja.

Para ella convergem os productos da Jacobina e Monte Santo. Seus habs. dedicam-se quasi que exclusivamente á industria pastoril.

O mun. é percorrido pelas serras do Tigre, Caracuanha Poço, Agulha, Bananas e da Volta, defronte das minas de ouro da Conceição, a 42 kil. distante da séde. Nelle ficam os morros do Caetano e do Lopes, este a um kil. do arraial de Santa Luzia.

Fertilizam o seu territorio os rios Itapecurú-mirim, Itapecurú-assú, Jacuricy, affl. da margem esq., rio d'Agua, da dir., riacho do Encantado, da esq., riacho do Monteiro pela esq. e rio do Peixe, da dir., todos do Itapecurú, e o Riachão, affl. da dir. do rio do Peixe.

Comprehende os seguintes povs.: Buxo, Jacuricy, Rio d'Agua, Areia Grossa, Bebedouro, Roncador e Rodeador.

A renda do mun. orça por nove contos e é o unico que ainda cobra imposto de importação.

Dista 120 kil. da Jacobina, 114 de Bomfim, 90 de Monte Santo, 120 do Tucano, 240 de Alagoinhas, 120 de Serrinha e 960 da capital do Estado.

Desta villa partiram para Monte Santo e dahi para Canudos as forças que foram combater Antonio Conselheiro.

Corre em Queimadas o seguinte facto, que me parece lenda:

Em 1717 ou antes, foi parte dos terrenos da localidade vendida ao sargento-mór Thomé Pereira Pinto, da Cachoeira, por Isabel Maria Guedes de Britto; e parte doada a Santo Antonio, que deu o nome á Capella, que então existia, porque Antonio era o nome do pai e do esposo de d. Isabel.

Santo Antonio ficou, assim, proprietario de terras e senhor de muitos escravos.

Aconteceu que um dos escravos de Santo Antonio assassinara um individuo, e como, pelas leis que então vigoravam, era o senhor responsavel pelo crime dos escravos; foi Santo Antonio processado e levado para a Feira de Sant'-Anna, amarrado na cangalha de um animal. Ahi chegado foi julgado e absolvido. Enfureceu-se o povo com esta decisão; os bens do Santo foram levados á praça e arrematados por diversos cidadãos, voltando depois disso o Santo á sua antiga residencia.

Não pararam, porém, ahi as vicissitudes do Santo. Ha uns 4 annos foi elle roubado da egreja e transportado dentro de uma caixa, envolto em capim para a cidade da Bahia, onde foi casualmente encontrado por um sacerdote, que o fez regressar de novo para a sua egreja, já todo mutilado, sem pernas nem braços.

Concertado, foi elle collocado no altar mór da matriz, onde se conserva, recebendo as orações dos fieis e casando as moças que a elle recorrem.

Ha em Queimadas, junto ao rio Itapecurú-assú, um grande penhasco de fórma algum tanto bizarra. Deixando a villa de Queimadas a estrada atravessa o rio Itapecurú por meio de uma ponte de ferro de 50 metros de vão e inicia o seu percurso pelo trecho mais extenso de toda a linha, pois tem até Itiuba 43 kils.

QUEIMADO. Morro no mun. da capital do Estado de Goyaz.

QUEIMADO. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Cruz das Almas, que o é do rio Ipanema.

QUEIRA-DEUS. Log. do Estado do E. Santo, no mun. de Affonso Claudio.

QUEIRA-DEUS. Corrego do Estado de Minas Geraes, affl. do ribeirão Formoso, que o é do Pomba, no mun. deste nome.

QUEIROZ. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. de Bom Fim.

QUEIXADA. Corr. *qyichar*, o que corta, ou talha, porco do matto (*Dycotyles*). Baptista Caetano.

QUEIXADAS. Log. do Estado de Minas Geraes, no dist. da cidade de Lavras.

QUEVEDOS. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de S. Lourenço, com escola.

QUICÉ ou KICÉ. A faca, a lamina cortante, o instrumento que corta.

QUICÉAPARA. Composto de *quicé-apara*, lamina curva, a fouce (Dr. T. Sampaio).

QUIEPPE. Vocabulo tupi, corrupção de *quié-pe*, na entrada, ao entrar.

QUILOMBINHO. Vallão affl. da margem dir. do rio Parahyba do Sul, no mun. de S. Fidelis e Estado do Rio de Janeiro.

QUILOMBO. Bairro do mun. de Queluz e Estado de S. Paulo, com duas escs. publs. creadas pela Lei n. 821 de 5 de agosto de 1902.

QUILOMBO. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Indaiassú.

QUILOMBO. Log. do Estado do R. G. do Sul, no 1° dist. do mun. de Taquara do Mundo Novo, com escola.

QUILOMBO. Contraforte da serra da Mantiqueira, no mun. de S. Bento do Sapucahy-mirim e Estado de S. Paulo.

QUILOMBO. Serra no mun. de Iguape e Estado de S. Paulo.

QUILOMBO. Morro no mun. de Nazareth e Estado de S. Paulo. Tem uma gruta que pode reunir mais de trinta pessôas. « *Quilombo*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Gui-rõ-mb-ỹi*, parte inferior revolvida e ôca. De *gui*, parte inferior; *rõ*, revolver; *mb*, intercalação, por ser nasal a pronuncia de *rõ*, e para ligal-o a *ỹi*, ôco, concavo, abertura, seio. Este *ỹi* é guttural e tem pronuncia breve e corrida, por predominar o accento em *rõ*. Allusivo a grutas e cavernas na parte inferior dessa e outras montanhas do mesmo nome nesse Estado. »

QUILOMBO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Jundiahy, no mun. deste nome. « *Quilombo*, diz o Dr. J. Mendes de Almeida, corruptela de *Gui-rõ-mb-ii*, fundo revolvido e sujo. De *gui*, parte inferior; *rõ*, revolver; *mb*, intercalação, por causa da nasalidade da pronuncia de *rõ* e para ligal-o a *ii*, sujo. Este *ii* é guttural e, pronunciado breve e corrido, por ser predominante *rõ*. Allusivo a cachoeiras no leito e a terem no fundo arvores e detritos vegetaes, meio carbonisados, de côr parda, denegrida, —detritos estes que a sciencia denomina *lignites*, e que os indigenas denominam *tepoti*, sujidade de qualquer especie ».

QUILOMBO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, banha a Villa Americana e desagua na margem esq. do rio Piracicaba. Recebe pela esq. o ribeirão do Recanto.

QUILOMBO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Parahytinga, no mun. de S. Luiz do Parahytinga.

QUILOMBO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, no mun. de Porto Feliz. Corre para o rio dos Moinhos, trib. da margem esq. do Tieté.

QUILOMBO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Jacupiranga, entre os muns. de Iguape e Xiririca.

QUILOMBO. Praia no mun. de S. Sebastião, no Estado de S. Paulo. « *Quilombo*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Gui-rõ-mb-ỹi*, concavo e fundo revolto. De *gui*, para exprimir a parte inferior; *rõ*, revolver; *mb*, intercalação, por ser nasal a pronuncia da palavra anterior; *ỹi*, concavidade, ôco, abertura, seio. Este *ỹi* é guttural; e pronunciado breve e corrido, porque em *rõ* está o accento predominante. Allusivo a formar um sacco ou enseada, mas onde o mar revolve o fundo ».

QUINDIUA. Ilha no mun. de Alcantara e Estado do Maranhão.

QUINIMURAS. Corr. *quinî-mura*, gente silenciosa, povo taciturno. Tem o mesmo significado que *carirî*. Nome de uma tribu selvagem que habitou primitivamente o Reconcavo da Bahia de Todos os Santos (Casal).

QUINTAS. Log. do Estado da Bahia, n'um dos extremos da cidade de Itaparica.

QUINTILLA. Nucleo do Estado do Paraná, no mun. de Paranaguá, na fralda da serra do Prata. E' continuação do nucleo Maria Luiza.

QUINZE DE NOVEMBRO. Rio do Estado do Paraná, no mun. de Palmas.

QUIPAPÁ, aug. *quipá*. *Quipá*, se é vocabulo tupi, pode decompor-se em *qui-pá*, ponta, estylete, espinho cravado, atolado, introduzido; subs., tenaz, torquez; é o nome de um cardo rasteiro dos sertões do N. do Brazil (Dr. T. Sampaio).

QUIRIBAS. São assim chamados pelos habs. do interior aos que povoam o littoral, no Estado do Maranhão. Estes chamam aquelles de bahianos.

QUIRINA. Serra do Estado de Goyaz, nas divisas do mun. do Mestre d'Armas.

QUIRINO. Corrego do Estado de Minas Geraes, reune-se com o corrego da Aguada. Vão para o rio Pará. Ficam nas divisas do mun. de Entre Rios.

QUIRIRIM. Rio de S. Paulo, no mun. de Ubatuba. Accrescente-se no fim: O Dr. J. M. de Almeida, que escreve *Quiriri*, o menciona como um pequeno braço do rio Poruba. « *Quir-iri*, accrescenta o mesmo escriptor, rio de chuva. De *quir*, chuva; *iri*, rio. Allusivo a serem formados e alimentados somente por chuva (Vide *Poruba*). Não se trata portanto, de *quiriri*, palavra onomatopaica, correspondente ao concerto em surdina de milhões de mosquitos; nem mesmo se refere o nome do corrego, no mun. de Taubaté, que alguns dizem *Quiririm*, á palavra *quiririĩ*, silencio, quietude, socego, paz, modestia ». O Dr. Theodoro Sampaio manda ver a palavra *Quinini*, onde diz: « o mesmo que *quiririm*, s., o silencio, o socego, o repouso; adj., silencioso, calado, taciturno ».

QUIRY. Composto de *quir-y*, rio da chuva, rio verde (Dr. T. Sampaio). O Dr. J. M. de Almeida, em seu *Dicc.*, diz *Quir-iri*, rio de chuva. De *quir*, chuva, e *iri*, rio ».

QUITALÉ. Arraial no termo de Larangeiras, do Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

QUITERIA (Santa). Ribeirão do Estado de São Paulo, desagua na margem dir. do rio Tieté, pouco acima da foz do Jundiuvira.

QUITERIA (Santa). Rio do Estado de Minas Geraes, banha o mun. de Queluz e desagua no rio Maranhão.

QUITERIA (Santa). Dist. de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Foi elevado á categoria de mun. pela Lei n. 319 de 16 de setembro de 1901, que o constituiu com os dists. de seu nome, que se tornou a séde, do de Capella Nova do Betim, do da Contagem e do da Vargem da Pantana, desmembrados do mun. do Sabará.

QUITOCA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. do rio Ribeira de Iguape pela margem esq., no mun. de Xiririca. E' o mesmo rio Sete Barras. Já li este nome tambem incorrectamente escripto: *Quitoquo*. E' elle tambem conhecido por Forquilha, mas sem uma explicação em tupi. « *Quitoca*, diz o Dr. J. M. de Almeida, de *Gu-ỹi-ta-ogca*, contrahido em *Gu-ỹi-t'ogca*, furos abertos naturalmente em communicação. De *gu*, reciproco, exprimindo communicação; *ỹi*, abrir naturalmente, com o suffixo *ta* (breve), para formar supino; *ogca*, infinitivo de *óg*, furar, que, por não ter caso, significa a acção do verbo em geral, isto é, significa furo ».

QUIXABA. Vocabulo tupi corruptela de *quichaba*, o córte, o talho, o golpe, o que corta ou golpêa (Dr. T. Sampaio).

QUIXABA. Log. do Estado de Sergipe, no mun. de Dores, distante nove kilometros.

QUIXABA. Arraial do Estado de Sergipe, no termo da Capella (*Almanak Sergipano*. 1901).

QUIXABA. Riacho do Estado de Pernambuco, no mun. de Cabrobó.

QUIXERAMOBIM. Cidade do Ceará. Accrescente-se no fim: De uma *Noticia das Freguezias do Ceará visitadas pelo Padre José de Almeida Machado, nos annos de 1805 e 1806 extrahida d'um livro de Devassas que serviu na Visita*, extractamos sobre a freg. de Santo Antonio de Padua de Campo Maior de Quixeramobim: « A freg. de Quixeramobim foi separada do Curato das Russas e eregida em Curato amovivel em virtude da ordem vocal do Exm. e Revm. Snr. D. Francisco Xavier Aranha, por Provisão do Rvm. Visitador Fr. Manoel de Jesus Maria datada aos 15 de Novembro de 1755. A pov. desta freg. foi creada em Villa com o titulo de Campo maior aos 13 de Junho de 1789. Esta villa está fundada nas margens do Rio Quixeramobim, o qual dá nome a toda freg.; tem por Orago a S. Antonio de Padua e nella ha as Igrejas e sacerdotes seguintes: — *Igrejas*. A Matriz fundada na Villa de que é orago S. Antonio de Padua. A Igreja de N. S. do Rosario dos Pretos na Villa. A Capella de Jesus Maria e José no Quixadá dist^e. da V^a. 14 leguas. A Capella de N. S. da Conceição na Barra do Sitiá dist^e. da V^a. 18 leguas. A Capella de N. S. da Boa Viagem dist^e. da V^a. 14 leguas. A Capella de N. S. da Gloria dist^e. da V^a. 20 leguas. *Clerigos*. O Rvm. Cura e Vigario da Vara José Bazilio Moreira de 40 annos de idade. O Rvm. Ignacio Raymundo de Freitas com 38 annos de idade. O Rvm. Felippe Benicio Maris com 25 annos de idade na Capella de N. S. da Gloria ».

R

RAIZ. Morro do Estado de Minas Geraes, no dist. de Mercês do Pomba, no caminho que vai para a serra do Macuco. E' de difficil ascensão.

RAIZ. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. da margem dir. do rio Amaragy.

RAIZ. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha o dist. de Santa Quiteria e desagua á dir. do ribeirão Grande, depois Cachoeira.

RAKENBERG. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de S. Leopoldo, a pouco mais de tres kils. do logar Sapiranga.

RAMOS. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da cidade do Bom Fim. Ha no mesmo mun. um corrego de egual nome.

RAMOS. Passo no rio Quarahy, mun. de Uruguayana e Estado do R. G. do Sul. Communica aquelle mun. com a Republica do Uruguay.

RAPAZINHOS. Ilha do Estado do Pará, na com. de Cametá.

RAPHAEL GRANDE (S.). Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Sorocabussú.

RASA. Ilha do Estado do Pará, na com. de Mazagão.

RASGADO. Pov. do Estado do Paraná, no mun. de Guaratuba, com um engenho de fabricar aguardente.

RATÃO. Ilha do Estado da Bahia, no rio Paraguassú, defronte da foz do rio Capanema.

RATO. Furo do Estado do Pará, no mun. de Afuá. Vai para o rio Cajuná.

RATONES. Pov. do Estado de Santa Catharina, na varzea banhada pelo rio do mesmo nome, ou antes pelo maior dos braços desse rio que se divide em dous, logo acima da foz, tomando o braço menor para o norte direito ás terras de Cannasvieiras. A denominação de Ratones guarda origem nos dous ilhéos situados em frente ao pequeno estuario do rio, quasi em meio á bahia do norte entre o Pontal e Anhatomirim. « Os primeiros navegantes hespanhoes, diz Virgilio Varzea, que aportaram á Santa Catharina (talvez Solis, que a descobriu, ou os outros que ahi tocaram depois), ao avistarem esses ilhéos deram-lhes o nome de Ratones, pela singular semelhança de ambos com os animaes dessa especie de roedores; e como eram dous, para os distinguir particularmente, passaram a chamal-os Raton-grande e Raton-pequeno, denominação que se conserva até hoje, bem como a designação geral de Ratones. O arraial expande-se ao longo da estrada real, pela falda sul do morro da Varzea Pequena ou Varzea de Baixo e uma e outra margem do rio, cujas nascentes demoram á espalda septentrional do Moquen, monte de 390^{m},0 de altura, que separa esta baixada dos planos do Sacco Grande, e que, descendo sempre para oeste, vai ramificar-se em Santo Antonio em pequenas collinas e morros. Pelo Moquen sobe um atalho, empinado e de difficil accesso em tempo chuvoso, que encurta consideravelmente a distancia entre o Ratones e a cidade, poupando seguramente tres quartos de hora da volta por Santo Antonio. Esse atalho atravessa um dos pontos mais altos do monte, entre immensa floresta secular, e corre em parte á beira de perigoso desfiladeiro, assignalado por um ou outro desastre, nos trajectos nocturnos, em sitios onde a matta é mais cerrada e sombria... Apezar disso, é este o trajecto preferido pela gente de todas as freguezias e arraiaes desse lado da ilha, que viaja continuamente por terra entre esses pontos e a cidade. E nós, duas ou tres vezes tambem de viagem para Cannavieiras, tivemos de trilhar esse atalho, sendo uma dellas alta noite — bella noite saudosa e de silente luar! — acompanhado apenas por um crioulo roceiro, falastrão e cantador, mas que no alto do monte, sob a escuridão da folhagem, emmudeceu totalmente num vago terror supersticioso, benzendo-se á entrada e á sahida da matta. Nos Ratones veem-se as mesmas culturas observadas na Varzea de Baixo e outros logarejos, mais animadas, porém, por um movimento continuo de pequenas embarcações — lanchões, canôas e botes — de pombeiros da cidade, que percorrem todo o sitio, pelas voltas fundas do rio, em viagem de commercio. E', de certo modo, avultado o negocio de gallinhas e ovos que se faz no logar, bem como o embarque de farinha, milho, canna e café, que dahi sahem na safra ».

RATOS. E' assim tambem denominada a ilha do Carvão, no Estado de Santa Catharina. Vide *Carvão*.

RAYMUNDO (S.). Rio do Estado do Maranhão, banha o mun. de Barreirinhas e desagua no Preguiças.

RAYMUNDOÇÚ. Pov. no mun. de Alcantara e Estado do Maranhão, a 60 kils. de Alcantara, com rarissimas casas de telha, algumas de palha e pequenas casas de negocio.

REBOJO. Log. no mun. de Corumbá, do Estado de Matto Grosso.

REBOJO. Cachoeira no rio Paranapanema. Accrescente-se no fim: Ha muitas pedras nessa cachoeira; mas o canal é fundo; e desde a parte superior da cachoeira, apertado entre rochas, as aguas entram e descem revoltas nessas gargantas; e, em toda a extensão da cachoeira, ha tres quedas ou saltos, dos quaes o maior é conhecido por Tombo do Meio. Acima da primeira queda é que as aguas como que ficam represadas em um enorme e profundissimo poço, formando rodomoinhos e rebojo. E' cachoeira perigosissima. A respeito da palavra *Rebojo*, diz o Dr. J. M. de Almeida: « Corrupção de *Yérè-ibÿi*, concavidades e rodomoinhos. De *yérè*, volta; *ibÿi*, concavidade, abertura natural, seio, ôco. Allusivo a caldeirões ou buracos no leito do rio, dando causa aos rodomoinhos ».

RECANTO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Quilombo, trib. do Piracicaba.

RECREIO. Log. do mun. de Corumbá e Estado de Matto Grosso.

REDONDO. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

REDONDO. Lago do Estado do Pará, no territorio do Aricary. Communica-se com os lagos Cajubim e Amapá.

REDONDO. Pov. do Maranhão. Accrescente-se no fim: Fica a NO. e a 66 kils. distante da cidade, á margem esq. do rio Maracassumé. Pouco á montante dessa pov. ha um affl. daquelle rio, que apresenta o phenomeno bem curioso de, apesar de nascer do meio da matta, serem salgadas as suas aguas, contrastando por esta fórma com as do Maracassumé, que são doces.

REGISTRO. Serra do Estado de S. Paulo, nas divisas do dist. de Jaguary, pertencente á com. e mun. de Xiririca.

REGISTRO. Corrego do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Porto Feliz e desagua na margem dir. do rio Tieté.

REGISTRO DO ARAGUAYA. Dist. do mun. da capital do Estado de Goyaz.

REI. Lago do Estado do Pará, no territorio do Aricary. Communica com o lago das Duas Boccas.

RELOGIO. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha a cidade de Nova Friburgo e desagua na margem esq. do rio Bengalas.

REMANSO. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, na cidade de seu nome, e Estado da Bahia.

Fica naquelle rio, a 202 kils. distante do Joaseiro e entre as estações de Oliveira e Pilão Arcado.

REMANSO. Villa da Bahia. Accrescente-se no fim: Foi elevada á cidade pela Lei n. 369 de 9 de agosto de 1900.

REMANSO DO JUTYCA. Log. do Estado do Amazonas, no mun. de Teffé.

REMEDIOS. Villa e mun. do Estado do Maranhão, creada pela Lei. n. 82 de 25 de agosto de 1894 e rebaixada pela de n. 195 de 30 de março de 1898.

REMEDIOS. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha o mun. de Diamantina e desagua no rio Santa Maria, affl. do Jequitinhonha.

REMEDIOS. Ribeirão de S. Paulo. Linhas 2 em logar de Parahyba do Sul, leia-se Paratehy ou Paraty pela margem dir.

RENNÓ. Estação da E. de F. Sapucahy, no Estado de Minas Geraes, entre Olegario Maciel e Affonso Penna.

RENVEIRA. Arraial do Estado de Sergipe, no termo do Rozario (*Almanak Sergipano*. 1901).

RESSACA. Um dos quarteirões do dist. de Pytumbi, no mun. de Mococa e Estado de S. Paulo.

RESSACA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Cotia, entre os muns. de Una e Itapecerica.

RESSACA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio do Collegio, trib. do Sorocaba, no mun. de Una.

RESTINGA COMPRIDA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Capivary, trib. do Jacú, que o é do Santo Ignacio.

RESTINGA DO LAGEADO. Arroio do Estado do R. G. do Sul, affl. do rio Camaquan, no mun. de S. Borja.

RESTINGA GROSSA. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Santo Antonio, com escola.

RESTINGA SECCA. Pov. do Estado do Paraná, no mun. da Palmeira, a 22 kils. da cidade deste nome, servida pela E. de F. do Paraná, que ahi tem uma estação.

RETIRO. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de Pacatuba. Ha ainda arraial do mesmo nome no termo do Soccorro (*Almanak Sergipano*. 1901).

RETIRO. Log. do Estado da Bahia, no mun. da capital. Ahi fica o matadouro. E' ligado ao centro da cidade por uma linha de bonds.

RETIRO. Bairro no mun. de Ribeirão Preto, no Estado de S. Paulo, com duas escs. creadas pela Lei n. 732 de 26 de outubro de 1900.

RETIRO. Bairro do Estado de S. Paulo, no mun. da Fartura, com escola.

RETIRO. Log. do Estado do Paraná, no mun. de S. José dos Pinhaes.

RETIRO. Pov. no dist. de Mercês, mun. do Pomba e Estado de Minas Geraes, com uma esc. municipal.

RETIRO. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

RETIRO. Morro entre os muns. de Araraquara e Brotas, no Estado de S. Paulo.

RETIRO. Morro no mun. do Ribeirão Preto, no Estado de S. Paulo.

RETIRO. Morro do Estado de S. Paulo, entre os muns. de Guaratinguetá e do Cunha.

RETIRO. Morro entre os muns. de Mogy das Cruzes e Santa Izabel, no Estado de S. Paulo. E' isolado.

RETIRO. Corrego do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Annapolis e desagua no rio Corumbatahy.

RETIRO. Corrego do Estado de S. Paulo, banha o mun. do Ribeirão Preto e desagua na margem dir. do ribeirão Preto.

RETIRO. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. de Bezerros.

RETIRO. Log. do Rio de Janeiro, no mun. de Petropolis. Accrescente-se no fim: Tem uma capellinha gothica dedicada a S. Thomaz de Aquino.

RETIRO DA CANNABRAVA. Log. do Estado de Goyaz, no mun. do Peixe.

RETIRO DO ARROIO GRANDE. Log. do Estado do Paraná, no mun. do Ipiranga.

REZENDE. Cidade do Rio de Janeiro. Accrescente-se no fim: Ao *Jornal do Commercio* enviei em 1901 a seguinte communicação: Esta cidade, situada a 407 metros de altitude, é dividida pelo rio Parahyba do Sul em duas partes: uma situada na margem esq. do rio, em logar plano, bastante extenso e que é denominada Campos Elysios, e outra assente sobre um *plateau*, com duas vertentes para o N. e para o S., estendendo-se a segunda dessas vertentes por uma região plana que vai até os rios Sesmarias e Alambary; e a primeira terminando na margem dir. daquelle rio. Nos Campos Elyseos fica a estação da E. de F. Central do Brasil; e na parte á margem dir. do Parahyba, a Matriz, a egreja do Rosario, a capella dos Passos, a Camara Municipal e cadeia, o theatro, a Casa de Misericordia, o Grupo Escolar e o cemiterio. O aspecto da cidade, visto á distancia, é bonito. Quem a percorre actualmente experimenta, porém, uma sensação de tristeza. Depois de Campos e Nyterõi, não conheço cidade maior do que a de Rezende. Tem ella muitas ruas, algumas bem extensas, quasi todas calçadas, em ladeira não muito ingreme, illuminadas a kerozene; praças regulares, mas muito descuradas; predios quasi todos antigos. Unia a cidade ao bairro dos Campos Elyseos uma ponte de madeira, que acaba de desmoronar-se. Deve, porém, começar brevemente o assentamento de uma ponte de ferro. O edificio mais importante da cidade é a Casa de Misericordia, situada na parte SE. da cidade, em um solo completamente plano. Occupa um predio de vastas proporções, assobradado, com enfermarias espaçosas e bem arejadas, bons leitos de ferro, uma bem montada pharmacia, salas do banco e de consultas, um necroterio todo ladrilhado de mosaico, um isolamento e uma bonita capella, onde se vê a consoladora imagem de N. S. da Piedade. Visitando tão pia casa tive occasião de observar o extraordinario asseio das enfermarias. Os assoalhos perfeitamente limpos, os leitos com alvos lençóes, as enfermarias bem desinfectadas e os doentes satisfeitos com o tratamento que recebem. E tudo isto pela dedicação de um enfermeiro! Dispõe o hospital de seis enfermarias para homens, uma para mulheres, uma para crianças e diversos quartos particulares. Dentre as enfermarias ha uma denominada Baroneza do Bananal, destinada a amparar a velhice, instituida e mantida em memoria dessa Baroneza, por seu filho Dr. Rodolpho de Miranda. Na sala das sessões encontram-se os retratos do Padre José Marques da Motta, 1º irmão e 1º provedor em 20 de outubro de 1835, do Padre Joaquim Pereira Escobar, do Barão do Amparo (Manoel Gomes de Carvalho), de Francisco Pereira da Silva, de Emilio Maria Colona, do Dr. José Pimentel Tavares, do Barão de Ayuruoca (Custodio Ferreira Leite), do Visconde do Salto (Antonio Dias Carneiro) e do Conego Miguel Calmon de Aragão Bulcão.—A Matriz fica situada na praça do seu nome. Tem na frente duas torres, tres janellas e a porta de entrada. No interior apresenta a capella-mór com a imagem de N. S. da Conceição e quatro tribunas. No côrpo da egreja ha seis altares, tres do lado do Evangelho com S. Miguel, N. S. da Gloria e N. S. das Dôres com o Senhor Morto, e tres do lado da Epistola com Santo Antonio, S. José e o sa-

grado Coração de Jesus, ladeado pelo Sagrado Coração de Maria e S. Sebastião; quatro tribunas, um pulpito volante, dous confissionarios, o côro com dous harmoniuns e os 14 quadros da Via Sacra. Entre o para-vento e a porta de entrada fica um altar com a gruta de N. S. de Lourdes e defronte a pia baptismal. Aos lados do arco cruzeiro ha dous nichos com S. Joaquim e S. Manoel. Do lado da Epistola fica a Sacristia com dous arcazes, diversos santos e quadros religiosos. Na Matriz funccionam as Irmandades do Santissimo Sacramento, do Sagrado Coração de Jesus e de N. S. de Lourdes. A egreja do Rosario fica situada no morro do mesmo nome. E' um templo pauperrimo. Tem quatro altares: de N. S. do Rosario, N. S. do Parto, S. Manoel e S. Benedicto. A capella dos Passos fica situada no ponto mais elevado da cidade e donde se desfructa um bello panorama. Tem dous altares: o do Senhor dos Passos e o de Santa Cecilia.— O Grupo Escolar Hilario Ribeiro está mal situado na rua do Ouvidor e em frente á loja maçonica *Lealdade* e *Brio*. Dispõe de seis salas espaçosas. A frequencia média é de 270 alumnos e a matricula de 406. O Grupo quasi que é mantido a expensas da municipalidade. — A Camara Municipal funcciona em um predio composto de dous pavimentos. O terreo é occupado pela cadeia; no superior ha tres salas destinadas ás sessões da Camara, ao jury e as audiencias dos juizes. A secretaria e a collectoria estão alojadas em uma casa particular.— Possue dous isolamentos, um na cidade e outro nos Campos Elyseos. Em frente á Matriz ergue-se um theatrinho. Na cidade publicam-se cinco jornaes: O *Tymburibá*, a *Gazeta de Rezende*, o *Quinto Districto*, a *Violeta* e a *Lyra*. A cidade e o bairro dos Campos Elyseos tem cerca de mil predios, muitos dos quaes se acham desoccupados. O movimento commercial da cidade é pouco animador. Encontram-se nella uma fabrica de banha, duas de manteiga, uma de macarrão e uma de sabão, esta no Suruby. A cidade pode ter uma pop. de 5 a 6.000 almas e todo o mun. de 22.000. E' abastecida de agua, mais ou menos regular, fornecida pelos ribeirões Agrião e Monjollinho, ficando a caixa do abastecimento no centro da cidade. O cemiterio fica a 500 metros da cidade por traz da capella dos Passos; é todo murado e tem uma pequena capella. A 29 de setembro de 1901 foi collocado no Alto dos Passos um Cruzeiro, e no largo da Constituição um marco, segundo se lê na seguinte acta: « Aos 29 dias do mez de Setembro de 1901 na cidade de N. S. da Conceição de Rezende, os cidadãos, nascidos na mesma cidade e residentes em outros pontos do Brasil, vieram em romaria civica visitar o seu torrão natal, que muito estremecem, e em signal da muita veneração e do entranhado affecto que consagram ao logar de que se orgulham de ser oriundos, deixam implantado, no terreno do largo da Constituição, um simples marco como modesta offerta commemorativa do centenario da formosa cidade fluminense e do movimento affectivo que impelliu a virem rever os lares queridos e amados. E do que se lavra a presente acta, que, junta aos periodicos do dia, publicados em Rezende e na Capital Federal, vai assignada pelos presentes, autoridades do Estado e municipaes, representantes da imprensa, convidados e pessoas do povo. Rezende, 29 de Setembro de 1901 ». Ha ainda na cidade a loja maçonica *Lealdade* e *Brio*, que tem uma bibliotheca com mais de 2.000 volumes e mantem uma esc. nocturna, subvencionada pela Camara Municipal. O mun. confina ao N. com o Estado de Minas pela serra da Mantiqueira; a E. com os muns. da Barra Mansa e do Bananal, este em S. Paulo; ao S. com os de Barreiros e Arêas de S. Paulo; e a O. com o de Queluz tambem de S. Paulo pelo ribeirão do Salto. Os dist. do mun. são: da Cidade, Campos Elyseos, Porto Real, Campo Bello, Sant'Anna dos Tócos, Vargem Grande e S. Vicente Ferrer. Delles é mais importante o de Campo Bello, pela sua explendida topographia, pureza de aguas, amenidade do clima e industria de lacticinios. As producções do mun. são: café, canna de assucar e cereaes. Ha importante criação de gado nos dists. de Campo Bello e Campos Elyseos, havendo, naquelle, grande exportação de leite e manteiga para a Capital Federal. E' tambem importante a exportação de fructas da fazenda do Sr. Henrique Irinêo de Souza. No dist. de Porto Real ha, além de outras, uma usina que produz mais de 20 mil saccos de assucar. E' no mun. que fica o ponto mais elevado do Brasil, que é o pico do Itatiaya, na Mantiqueira, com 3.000 metros de altura. Entre os rios importantes do mun. notam-se: o Parahyba, Alambary, Sesmarias, Formoso, Portinhos, Bonito, Santo Antonio, Salto, Sant'Anna, Jeronyma, Lage, Cruz das Almas, Santa Cruz, Campinho, Fernandes, além de muitos outros. As estações da E. de F. Central do Brasil, que pertencem ao mun., são: a de Rezende, Oliveira Bulhões, Suruby, Marechal Jardim, Campo Bello, Itatiaya e Engenheiro Passos; e as da E. de F. de Rezende a Bocaina, as de Suruby, Plataforma, Estalo, Bambús e Formoso.

REZINA. Arraial do termo de Villa Nova, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

RIACHÃO. Pequeno pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Itapecurú-mirim.

RIACHÃO. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Amaragy e desagua na margem dir. do rio deste nome.

RIACHÃO. Riacho do Estado da Bahia, banha o mun. de Alagoinhas e desagua no Aramary, depois de atravessar a E. de F. de S. Francisco, 50 metros acima do kil. 15.

RIACHÃO. Rio do Estado de Minas Geraes, banha o mun. do Curvello e desagua na margem dir. do Bicudo.

RIACHÃO. Villa do Maranhão. Accrescente-se no fim: Está situada sobre o riachão Coelho, affl. do rio Balsas. Sua principal riqueza consiste na criação de gado e exportação de couros e borracha de mangabeira. Tem 584 habs.

RIACHÃO DA FARTURA. Log. do Estado da Bahia, no termo de Santarem.

RIACHÃO DAS PEDRAS. Log. do Estado da Bahia, no termo de Areia.

RIACHÃO DO NORTE. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Amaragy e desagua na margem dir. do rio deste nome.

RIACHINHO. Serra do Estado da Bahia, á margem do Prolongamento da E. de F. da Bahia ao S. Francisco, entre as estações de Itú-mirim e Angico. E' pedregosa e coberta de mandacarús.

RIACHINHO. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Buxogodó, que o é do Frecheiras e este do Ipanema.

RIACHO. Tal é o nome de um riacho, com dous kils. de extensão, que desagua no rio Aramary, pouco além do pov. deste nome, no mun. de Alagoinhas e Estado da Bahia.

RIACHO. Villa do Estado do E. Santo. Accrescente-se no fim: A localidade se compõe de um extenso largo, arenoso e plano, fechado de edificações, logar este onde se acha a Matriz. O corpo da Egreja tem $11^m,8$ de comprimento e $7^m,40$ de largura; a capella-mór $4^m,80$ tanto de largura como de comprimento. Do lado do Evangelho está a nova sacristia com 8 metros de comprimento e $3^m,70$ de largura. Além do altar principal, tem dous outros lateraes: o do Sagrado Coração de Jesus e o de N. S. da Penha. Segundo me informam, a origem do Riacho é do anno de 1800, pouco mais ou menos. Francisco Bueno e João Campista, vindos de Campos, refugiaram-se ao S. da Lagôa do Aguiar, no logar então denominado *Campos do Riacho*, e ahi lançaram os fundamentos desta localidade. Tendo-se propalado a noticia da excellencia destes campos para a invernação do gado, em 1854, mais ou menos, para aqui vieram o coronel Luiz da Rosa Loureiro, Joaquim Carlos Pereira, e, 10 annos mais tarde, Marcellino da Rosa Loureiro, tres distinctos serranos que se póde considerar como os verdadeiros fundadores do Riacho.

RIACHO DA SERRA . Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Cabrobó.

RIACHO DE CANÔAS. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, no Estado da Bahia. Fica naquelle rio, entre as estações do Morro do Pará-mirim e Bom Jardim, e a 519 kils. da cidade do Joaseiro.

RIACHO DO BARRO. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Bom Conselho.

RIACHO DOCE. Pov. no mun. da capital do Estado das Alagoas.

RIACHO DO MATTO. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Agua Preta.

RIACHO DO PAPAGAIO. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Garanhuns.

RIACHO DO SANGUE. Villa do Ceará. Accrescente-se no fim: De uma *Noticia das Freguezias do Ceará visitadas pelo Padre José de Almeida Machado nos annos de 1805 e 1806, extrahida d'um livro de Devassas que serviu na visita*, extractamos sobre a freg. do Riacho do Sangue o seguinte: « A freg. de N. S. da Conceição, situada perto ao Riacho do Sangue, que foi separada do Curato do Icó e erigida em Curato amovivel em virtude da Provisão do Ill^m^. e Rv^mo^. Cabido Séde Vacante, datada aos 6 de Abril de 1784 e o seu pr^o^. Cura tomou posse aos 18 de Junho do mesmo anno: Os primeiros habitantes desta terra brigarão na divisão della, isto he, os mesmos sesmeiros nas margens deste Riacho, e ouverão muitas mortes correndo sangue p^a^. o d^o^. Riacho, e correo este insanguentado, e daqui lhe sobreveio o nome. Dita freg. tem por orago a N. S. da Conceição, e nella ha as Igrejas e sacerdotes seguintes:— *Igrejas.* A Capella de N. S. da Conceição fundada em lugar alto por Antonio de Oliveira Sylva e sua mulher Eugenia Maria Maciel, e serve de matriz; a Capella de S. Gonçalo de Amarante fundada na fazenda de S. Rosa dist^o^. da Matriz 4 leguas. A Capella de N. S. das Candeias fundada em Jaguaribemerim e dist^e^. da Matriz 8 leguas. A Capella de S. Antonio de Padua fundada na Boa vista e dist^e^. da Matriz 11 leguas. —*Sacerdotes.* O Rvd. Cura e Vigario da Vara Francisco Pinheiro Landim de 36 annos de idade. O Rvd. Francisco Mendes Linhares Capellão na Capella da Boa vista com 43 annos de idade. »

RIBEIRA. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de Itaporanga (*Almanak Sergipano.* 1901).

RIBEIRA. Pov. do Maranhão. Linhas 2, em logar de mun. de Miritiba, leia-se mun. de Icatú. Accrescente-se no fim: Dista 12 kils. da villa e tem quatro casas de telha, 30 de palha, duas casas commerciaes e 300 almas.

RIBEIRA DO ALTO. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Aguas Bellas.

RIBEIRÃO. Bairro do mun. de Santa Branca, no Estado de S. Paulo.

RIBEIRÃO. Log. do Estado do Paraná, no mun. de Porto de Cima.

RIBEIRÃO. Bairro do mun. do Mar d'Hespanha, no Estado de Minas Geraes, com uma esc. municipal.

RIBEIRÃO. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. da Gamelleira e desagua no rio Amaragy.

RIBEIRÃO. Dist. de Santa Catharina. Accrescente-se no fim: O Sr. Virgilio Varzea, em seu trabalho *Santa Catharina*, 1900, diz: « Voltando á ponta de Caiacanga-mirim, encontra-se, em frente á ilhota Garcia, uma enseada onde desagua um pequeno rio, cuja foz terá de 5 a 7 metros de largura e onde se eleva o monte mais alto da ilha, que mede 600 metros e em cujo sopé se aninha risonhamente a freg. do Ribeirão, com suas casinhas alvas, dentre as quaes se destaca a egreja consagrada a N. S. da Lapa. A freg. estende-se por Caiacanga-assú, Tapera até Naufragados (a ponta mais meridional da ilha). Dahi segue para E., abrangendo o Pantano do Sul, a Armação da Lagoinha e a praia do Campeche, com as ilhas e ilhotas que rondam a costa nessa parte, indo entestar por N. E. com as terras da Lagôa. Todos esses pontos são mais ou menos habitados e contam, com a séde da freg., uma pop. de 3.600 almas ». Relativamente a este dist., diz Saint-Adolphe: « *Ribeirão* ou *Lapa do Ribeirão*, Nova villa e antiga freg. da ilha de Santa Catharina, no fundo de uma enseada, a duas leguas ao S. da cidade do Desterro. Manoel de Vargas Rodrigues mandou fazer em 1760 uma capella para sua familia e visinhos e a dedicou a N. S. da Lapa. Como no principio do seculo presente a pop. do Ribeirão passasse de 1.200 almas, foi a capella substituida por uma egreja de pedra, a qual foi sagrada em 2 de fevereiro de 1806. Solicitaram então os habs. para ella o titulo de parochia, o qual lhe foi conferido por Alvará de 11 de julho de 1809. Passados dez annos instaram para que se concedesse á nova freg. o titulo de villa, porém não foram bem succedidos nessa representação nem no governo de D. João VI, nem no do imperador D. Pedro I, e somente o conseguiram em 1839 ou 1840 por uma lei prov. O distr. da villa do Ribeirão é formado da parte meridional da ilha de Santa Catharina, e acha-se separado da parte do N. da cidade do Desterro pelos ribeiros Tavares e Caiacanga-mirim ». A zona do Ribeirão é quasi toda agricola e pelas suas encostas e planos floresce a mandioca, a canna, o milho, o feijão e o café.

RIBEIRÃO CLARO. Log. do Estado do Paraná, no mun. de Itararé.

RIBEIRÃO DA AGUA BRANCA. Log. do Estado da Bahia, no termo de Ilhéos.

RIBEIRÃO DA BARRA MANSA. Log. do Estado do Paraná, no mun. de Thomazina.

RIBEIRÃO D'AREIA. Log. do Estado da Bahia, no termo de Ilhéos.

RIBEIRÃO DAS FLORES. Serra no mun. de S. Fidelis, do Estado do Rio de Janeiro.

RIBEIRÃO DAS ONÇAS. Pov. do Estado do Paraná, no mun. de Colombo, a seis kils. da séde. E' centro de commercio de herva-matte e conta uma esc., uma egreja e diversas casas commerciaes.

RIBEIRÃO DE S. DOMINGOS. Pov. do dist. de Mercês do Pomba, no Estado de Minas Geraes, banhado pelo ribeirão do seu nome, com uma capella de N. S. da Conceição.

RIBEIRÃO DE S. JOSÉ. Bairro do Estado de S. Paulo, entre os muns. do Ribeirão Bonito e da Bôa Esperança. Ahi o cidadão João Baptista Quirino fundou um novo bairro, a que denominou Palmeiras.

RIBEIRÃO DO ROCHEDO. Log. do Estado da Bahia, no termo de Ilhéos.

RIBEIRÃO DO TANQUE. Log. do Estado da Bahia, na com. de Ilhêos.

RIBEIRÃO DOS CALDEIRÕES. Log. do Estado da Bahia, no termo de Ilhéos.

RIBEIRÃO DOS MACACOS. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. de Ubá, com uma esc. municipal.

RIBEIRÃO DOS MUTUNS. Log. do Estado da Bahia, no termo de Ilhéos.

RIBEIRÃO FUNDO. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. da Gloria de Goitá.

RIBEIRÃO GRANDE. Log. no dist. dos Tres Corregos, termo de Campo Largo e Estado do Paraná.

RIBEIRÃOSINHO. Estação da E. de F. de Araraquara, no Estado de S. Paulo. Foi inaugurada a 7 de dezembro de 1901. Fica no kil. 82.280.

RIBEIRÃO VERMELHO. Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. do Rio Branco.

RIBEIRO GRANDE. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. do Bom Jardim.

RINCÃO (Ramal do). Pertencente á Companhia Paulista, no Estado de S. Paulo. Foi auctorisada a abertura ao trafego publico pelo Dec. n. 991 de 28 de dezembro de 1901, e inaugurado em 29 do mesmo mez e anno. Vai da estação do Rincão á de S. Martinho. O trecho inaugurado atravessa uma região cafeeira, riquissima, na extensão de 40 kils., tendo no seu percurso as estações de Guatapará, Guarany e Martinho Prado. Tem o novo Ramal diversas obras d'arte, salientando-se, como a mais importante, uma bella ponte metallica sobre o rio Mogy-guassú, com dous vãos, sendo um de 70 e outro de 30 metros.

RINCÃO DA PALMEIRA. Log. do Estado do R. G. do Sul, no 2º dist. do mun. de Santo Antonio, com escola.

RINCÃO DAS GUARITAS. Log. do Estado do Rio G. do Sul, no mun. da Palmeira, com escola.

RINCÃO DAS PEDRAS. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Viamão, com escola.

RINCÃO DE JESUS. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. da Cruz Alta, com escola.

RINCÃO DE S. JOÃO. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Gravatahy, com escola.

RINCÃO DO ITACOROBY. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de S. Borja.

RINCÃO DOS MELLOS. Pov. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Villa Rica.

RINCÃO DOS QUEVEDOS. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Villa Rica, com escola.

RIO ABAIXO. Villa de Matto Grosso. Accrescente-se no fim: Foi rebaixada de mun. e com. pela Lei n. 315 de 26 de março de 1902.

RIO ALEGRE. Pov. do Estado de Matto Grosso, no mun. de Poconé.

RIO BONITO. Bairro do mun. de Itatinga, no Estado de S. Paulo, com uma esc. creada pela Lei n. 643 de 7 de agosto de 1899.

RIO BONITO. Villa do Estado de Goyaz. Em logar de com. do Rio Verde, leia-se com. de Jatahy. Accrescente-se no fim: Foi incorporada á com. de Jatahy pela Lei n. 215 de 14 de junho de 1901.

RIO BONITO. Dist. do Estado do Rio de Janeiro. Accrescente-se no fim: Fica á margem dir. do rio de seu nome, assente entre montanhas e servida pela E. de F. União Valenciana, que ahi tem uma estação na margem esq. do rio.

RIO CALÇADO. Log. do Estado do E. Santo, no mun. de Guarapary.

RIO CAPIVARY. Bairro do mun. do Tieté, no Estado de S. Paulo, com uma esc. creada pela Lei n. 810 de 18 de outubro de 1901.

RIO CLARO (Santa Rita do). Dist. de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Tornou-se séde do mun. de Villa Nova de Rezende pela Lei n. 319 de 16 de setembro de 1901.

RIO DE S. JOÃO. Pov. do Maranhão. Accrescente-se no fim: Fica sobre o rio do mesmo nome, a tres kils. de sua confluencia com o rio das Mercês e a seis da villa do Paço. E' atravessada pela estrada real, que, partindo da capital para S. José de Riba-mar, ahi passa antes de começar a que vai á villa.

RIO DO AR. Log. do Districto Federal, no dist. de Campo Grande.

RIO DO BRAÇO. Pov. do Estado de Santa Catharina, no mun. de Tijucas, com escola.

RIO DO PEIXE. Log. do Estado do E. Santo, no mun. de Affonso Claudio.

RIO DO PEIXE. Bairro do mun. do Patrocinio de Santa Izabel, no Estado de S. Paulo, com uma esc. mixta, creada pela Lei n. 703 de 7 de agosto de 1900.

RIO DO PEIXE. Dist. policial no mun. de Palmas, do Estado do Paraná, creado pelo Dec. n. 118 de 11 de novembro de 1898, á margem do rio de seu nome.

RIO DO POÇO. Quarteirão do dist. de Arêa Branca, no termo da Lapa e Estado do Paraná.

RIO DOS COUROS. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. da capital.

RIO FUNDO. Arraial no mun. do Lagarto, do Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901). Ha um outro pov. do mesmo nome no mun. de Itaporanga.

RIO GRANDE (Santa Maria do). Fazenda no mun. de S. Francisco de Paula, do Estado do Rio de Janeiro. A Lei n. 575 de 27 de dezembro de 1902 tornou-a séde do 3º dist., então creado nesse mun. e que é banhado pelo ribeirão dos Passos, affl. do rio Grande.

RIO LIMOEIRO. Log. do Estado do Paraná, no mun. de Morretes.

RIO MADEIRA. Parochia do Estado de Matto Grosso, no mun. deste nome. Orago Santo Antonio. Foi creada pelo Dec. n. 327 de 8 de abril de 1902. Confina com o Estado do Amazonas.

RIO MOLLE. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Saquarema.

RIO NEGRINHO. Pov. do Estado do Paraná, no mun. do Rio Negro, distante 24 kils. da cidade deste nome, á margem da estrada que vai para Joinville.

RIO NEGRO. Mun. do Paraná. Accrescente-se no fim: Foi restabelecida a com. pela Lei n. 480 de 17 de fevereiro de 1902.

RIO NOVO. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Tutoya.

RIO PARDO (S. João Baptista do). Pov. do Estado de S. Paulo, no mun. de Mococa. Ahi a Lei n. 711 de 30 de agosto de 1900 creou um dist. de paz com a denominação de Pytumbi.

RIO PRETO. Cidade de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Ao *Jornal do Commercio* enviei em 1900 a seguinte communicação: Embarcando no expresso mineiro cheguei á estação do Desengano. Ahi tomei a E. de F. União Valenciana, que me conduziu á cidade do Rio Preto. Esta cidade fica assente em um terreno de declive, a 27 kils. de Valença, na margem esq. do rio Preto, cercada de morros, entre os quaes os denominados Beatas, Formiga e Gramma, atravessada pelos riachos Tenorio, Gramma e das Pedras, passando este ultimo pelo matadouro; é servida pela E. de F. União Valenciana, que tem seu ponto terminal defronte da cidade, na margem dir. do rio Preto, no Estado do Rio de Janeiro. Não é feio o aspecto da cidade. Seus predios, em numero pouco mais ou menos de 200, são velhos, quasi todos terreos e alguns damnificados. Tem poucas ruas, apenas sete; dellas, a mais importante pela sua extensão é a denominada Direita, e pelo commercio a de Santa Clara; todas sem calçamento e illuminadas a kerosene. Possue uma praça, não muito vasta, arborizada, onde fica a Matriz. O commercio da cidade está paralyzado, para não dizer morto: ha 17 casas de negocio no perimetro da cidade. Além da Matriz, das capellas do Rozario e do Divino Espirito Santo, possue a cidade a casa da Camara e a Casa de Misericordia. A casa da Ca-

mara fica situada na encosta de um morro, em logar elevado e donde se descortina um bonito panorama. A entrada fica a um dos lados; tem uma bem ornada sala de sessões, que tambem serve para jury e outras salas, onde funccionam diversas repartições annexas á mesma Camara. No pavimento terreo está alojada a immunda cadeia, que me pareceu a ante-camara da morte. Nella encontrei apenas dous presos, um por crime de defloramento e outro por embriaguez. Nenhum por crime de morte, o que attesta a bôa indole da pop.— A casa de Misericordia é um estabelecimento pobre. Foi fundada com o legado de vinte contos, que para tão piedoso fim foi deixado pela Baroneza de S. José. Mantem-se com o resto desse legado, com tres contos annuaes dados pela Camara Municipal, com dous contos do Governo estadual e com os recursos angariados pela Irmandade que ampara esse hospital. Tem quatro enfermarias com 19 leitos e uma capella com á imagem de Santa Izabel da Hungria. O compromisso da Irmandade foi approvado pelo Bispo de Mariana em 23 de março de 1887 e na parte civil a 31 de maio do mesmo anno. —A Matriz é vasta e solidamente construida. Tem na frente cinco janellas, tres portas e um relogio do lado da Epistola. Não tem torres. Seu interior, si não prima pela sumptuosidade e luxo, recommenda-se pelo asseio, o que muito abona o zelo do Vigario que a parochia. Na capella-mór ha um altar, tendo no throno a imagem do Senhor dos Passos, aos lados, em dous nichos, N. S. de Nazareth e S. Sebastião e abaixo destes S. Francisco de Assis e Santo Antonio de Padua. Tem quatro tribunas, e no chão tres sepulturas, entre as quaes a da Viscondessa de Monte Verde, fundadora da Matriz. No corpo da egreja ha dous altares: o do lado do Evangelho com a imagem de N. S. das Dôres e o do lado do Evangelho com a de N. S. da Conceição; dous pulpitos, um confessionario, 10 tribunas, os 14 quadros da Via Sacra, a pia baptismal, o côro com um harmonium e dous lustres. Nos fundos da capella-mór fica a Sacristia, de cujas paredes pendem os retratos do Commendador Francisco Theresiano Fortes, de D. Maria Thereza de Souza Fortes e do Barão de Santa Clara. No corredor do lado da Epistola, na sala em que funcciona a mesa administrativa da Irmandade, ha um altar com a imagem de N. S. do Parto e no corredor do lado do Evangelho encontra-se o retrato do ex-vigario Monsenhor Teixeira Guedes. No andar superior e nos fundos da egreja existe uma capella com a imagem do Sagrado Coração de Jesus. A cidade possue ainda uma casa para isolamento, dous cemiterios, sendo um municipal com uma capellinha de S. José, e outro da Irmandade dos Passos; e, além das capellas já citadas do Rozario e do Divino Espirito Santo, mais as capellas de Santo Antonio, Cruzeiro, N. S. da Conceição, Sagrado Coração de Jesus e de S. Pedro, esta em construcção. A cidade tem 1.500 habs. e comprehende os bairros denominados: Formiga, Bemfica, Divino e Santo Antonio dos Pobres ou Varejas. No dist. da cidade ficam os povs. denominados: Conceição do Monte Alegre, Tres Barras, Porto do Indio e Cruzeiro. O mun. confina com Ayuruoca, Turvo, Lima Duarte e Juiz de Fóra e com o Estado do Rio. E' percorrido pelas serras: Santa Rita, Gomes, Mata-Cachorros, Negra, S. Gabriel, Boqueirão, atravessada pelo rio Pirapetinga, Taboão ou do Chora e Monte Verde, todas ramificações da Mantiqueira; e regado pelos seguintes rios: Preto, Pirapetinga, Santa Clara, Tres Barras, Santa Martha, Funil (mais tarde Sant'Anna), Conceição, Bananal e Jacutinga (estes dous se reunem na pov. de Santa Rita de Jacutinga, indo desaguar no rio Preto com o nome de Bananal), Peixe, Nazareth, S. Jorge, além de outros. O mun. comprehende os dists. da cidade, de S. Sebastião do Taboão, de N. S. da Conceição do Boqueirão, de Santa Rita de Jacutinga, de Santa Barbara do Monte Verde, de S. Sebastião do Barreado e de Santo Antonio da Olaria. E' servido pelas estradas de ferro União Valenciana e Sapucahy, que tem no mun. as estações do Imbuzeiro e Santa Rita de Jacutinga. A lavoura do mun. consiste em café, canna e cereaes. Os dists. da Olaria, Taboão, Boqueirão e Santa Barbara quasi que se entregam á criação de gado. A renda da Camara Municipal é de 50 contos annuaes. A respeito dessa cidade assim se expressa o Vigario José Bittencourt, Vice-Presidente da Camara Municipal, em seu *Relatorio* de janeiro de 1901: « A cidade acha-se actualmente (é triste dizer-se) em estado de muita decadencia, sem asseio, sem elegancia, tendo os lampeões quebrados, as arvores cortadas, as torneiras publicas arrancadas, o gradil que circunda e protege o unico jardim existente na cidade está todo mutilado, as vidraças das casas destruidas; enfim, Srs. Vereadores, o seu estado é hoje lastimavel, decadente e até degradante ».

RIO SAHY. Pov. do Estado do Paraná, no mun. de Guaratuba, distante 25 kils. da villa.

RIO TATUHY. Bairro do mun. de Tatuhy, no Estado de S. Paulo, com uma esc. creada pela Lei n. 732 de 26 de outubro de 1900.

RIO VERDE. Dist. policial do mun. de S. José do Rio Pardo, no Estado de S. Paulo, com duas escs. creadas pela Lei n. 712 de 31 de agosto de 1900.

RIO VERDE (S. João Baptista do). Mun. de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Passou a denominar-se *Itaporanga* pela Lei n. 620 de 21 de junho de 1899.

RIO VERDE (Conceição do). Dist. de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Foi desmembrado do mun. de Baependy e annexado ao de Aguas Virtuosas pela Lei n. 319 de 16 de setembro de 1901.

RIO VERDE. Dist. do Estado de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Foi desmembrado do mun. do Prata e annexado ao da Platina pela Lei n. 319 de 16 de setembro de 1901.

RIO VERDINHO. Bairro do mun. de Casa Branca, no Estado de S. Paulo, com uma esc. mixta, creada pela Lei n. 657 de 28 de agosto de 1899.

RIO VERMELHO. Dist. da cidade da Bahia. Accrescente-se no fim: Assim descrevi esse dist. em julho de 1902 pelo jornal *A Tribuna*. Tomei na Barroquinha um *bond* que, depois de passar pela Fonte Nova e pelo Dique, me conduziu á pov. do Rio Vermelho, um dos mais magestosos e aprazíveis arrabaldes da cidade.

A povoação fica á beira do oceano e pertence ás fregs. de Brotas e da Victoria.

A parte pertencente a esta freg. subdivide-se: parte fica em logar elevado e parte em logar plano; a parte pertencente á primeira freg. estende-se para o norte, pondo em communicação os povs. Pituba, Itapoan e Lagoa com o Rio Vermelho.

A pov., na parte plana, estende-se pela costa do oceano, apresentando as enseadas da Paciencia, Sant'Anna e Mariquita e uma pequena ponte, onde está situado um forte iniciado pelos hollandezes.

Do lado oriental fica o morro do Conselho e do lado occidental a pov. de Ondina.

O rio das Lucaias, sangradouro do impropriamente chamado Dique, faz juncção com o Camorogipe, dentro do pov., tomando d'ahi em deante até a sua foz na enseada da Mariquita o nome de Vermelho, assim denominado, porque, deslisando-se por terrenos de barro vermelho, nas grandes correntezas das aguas, costumam estas tomar a côr do barro, que se desprende das margens do rio. Fica sobre elle uma ponte de alvenaria, concluida em 4 de dezembro de 1865. Defronte da foz d'esse rio ha uns baixios e recifes, onde, em 1510, naufragou Diogo Alvares Corrêa, o *Caramurú*. O logar hoje conhecido por Mariquita era então denominado pelos indios *Mairaguiguy*.

A perspectiva que apresenta a pov. na parte voltada para o mar é graciosa e imponente.

Ao longe, as nuvens osculando o oceano, a fumarada do vapor que vai perlustrando os mares em busca de novas terras; mais perto, vencendo a furia das ondas, atrevidos pescadores em frageis jangadas.

Quando o sudoeste brame com indomavel furia, uivando através dos coqueiraes que engrinaldam o pov., vergastando os grossos troncos das collosaes mangueiras, que aqui e alli se erguem, o mar revolto e enfurecido arroja ás praias ondas espumaradas em um bramir de panthera. E o céo acompanha a terra nessa orchestra infernal. A atmosphera, prenhe de electricidade, despede relampagos, que, em zig-zags, illuminam o espaço; e o raio, sahindo das entranhas das nuvens, com um ribombar de metralha, precipita-se sobre o oceano ennegrecido, como o inferno dantesco.

Nas pedras da « Paciencia » fica uma bacia natural, cavada na rocha e graciosamente denominada « Bacia das Moças ».

As ruas da pov. são curtas, de regular largura, sinuosas, sem calçamento e illuminadas a kerosene. A rua mais bonita é a denominada Raphael, com uns dez metros de largura, pouco extensa, recta e plana e onde se acham bonitos predios.

Tem uma bonita praça denominada Colombo, atravessada pelo rio Vermelho e com o lindo predio do cidadão Guilherme de Carvalho.

Os predios são, na sua maioria, terreos, mas de construcção moderna e asseiados; não são numerados.

Ha na pov. um hotel (Avenida Saudavel), uma pharmacia, dous medicos e diversas casas de pequeno commercio.

Fica ahi a roça de João Bento da Costa Junior, onde funccionava o antigo prado de corridas, denominado Derby-Club.

Na enseada da Paciencia está em construcção um cáes, destinado a novos alinhamentos que a Intendencia procura dar ás ruas do povoado.

Tem uma capellinha do Senhor dos Navegantes, situada á beira-mar e no ponto terminal dos *bonds*.

Houve, até bem pouco tempo, uma linha de *bonds* de tracção a vapor, que, partindo do Campo Grande, se dirigia a esse pov. Infelizmente foi supprimida.

RITA (Santa). Pequeno pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Itapecurú-mirim.

RITA (Santa). Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. do ribeirão das Lavras, trib. do Mboy-guassú.

RITA (Santa). Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Jundiahy-assú.

RITA (Santa). Villa do Parahyba do Norte. Accrescente-se no fim: Supprimida, foi restaurada pela Lei n. 79 de 24 de setembro de 1897.

ROBERTO (S.). Pov. no dist. de Gouvêa e mun. de Diamantina, no Estado de Minas Geraes, á margem esq. do ribeirão Cachoeira. Tem uma fabrica de tecidos com 60 teares.

ROÇADO. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Pastos Bons, ao N. e a 30 kils. da villa. E' a antiga Alegre.

ROÇADO DE BATATAS. Log. do Districto Federal, no dist. da Guaratiba.

ROÇAS NOVAS. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. de Bom Fim.

ROCCO. Corrego do Estado de S. Paulo, na com. de Jaboticabal.

ROCHA DO TALHADO. Log. do Estado do Maranhão, no mun. da Barra do Corda. Ahi se observa um interessante phenomeno de escavação, produzida pela correnteza daquelle rio, que, tendo destruido grande parte da base da rocha, fez com que a porção superior della ficasse horizontalmente sobre o seu leito, á altura de 76 metros, offerecendo o aspecto de uma ponte em começo.

ROCHAS. Bairro do Estado de Minas Geraes, no dist. do Carmo da Escaramuça.

ROCHEDO. Log. do Estado da Bahia, no termo de Ilhéos, sobre o ribeirão do seu nome.

ROCINHA. Rio do Estado do Paraná, affl. do Tacaniça.

ROCIO. Bairro do mun. de Paranaguá, no Estado do Paraná, distante tres kils da cidade, com uma capella de N. S. do Rozario.

RODEADOR. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. do Bonito.

RODEIO. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. da Chapadinha.

RODEIO. Bairro no dist. de Santa Rita da Extrema, do Estado de Minas Geraes.

ROLANTE. Lageado do Estado de Santa Catharina, no mun. de Lages. Faz barra no lageado Grande e recebe o lageado Rio Bonito.

ROMÃO. Log. do Estado da Bahia, no termo de Geremoabo.

ROMÃO (S.). Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, no dist. do seu nome e Estado de Minas Geraes. Fica naquelle rio, a 1.202 kils. distante do Joaseiro e entre as estações de S. Francisco e Barra do Paracatú.

RONCADOR. Arraial do termo do Rosario, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

RONCADOR. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Carassú, que o é do rio Una, no mun. de Barreiros.

RONCADOR. Ribeirão affl. do Cayaposinho, no mun. da capital do Estado de Goyaz.

RONDA DO PAPANDUVA. Log. do Estado do Paraná, no mun. do Rio Negro.

RONDA VELHA. Log. do Estado do Paraná, no mun. do Rio Negro.

RONDINHA. Lago e ribeirão do Estado de S. Paulo. O ribeirão desagua na margem esq. do rio Santo Ignacio, affl. do Paranapanema.

ROQUE. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de Itaporanga (*Almanak Sergipano*. 1901).

ROSA (Santa). Pequeno pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Itapecurú-mirim.

ROSA (Santa). Morro do Estado da Bahia, no mun. de Jusseape.

ROSA (Santa). Morro do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Nyterõi, com uma Egreja de N. S. de Viterbo.

ROSA (Santa). Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Bom Jardim.

ROSA (Santa). Pov. do Maranhão. Em logar de mun. de Miritiba, leia-se mun. de Icatú. Accrescente-se no fim: Fica a 12 kils. da villa e tem uma escola.

ROSARINHO. Corrego do Estado de Goyaz, banha o mun. da Palma e desagua no rio Maranhão.

ROSARIO. Morro na cidade do Pomba e Estado de Minas Geraes. No seu cimo ergue-se a capella de N. S. do Rosario.

ROSARIO. Morro na cidade do Rio Branco, no Estado de Minas Geraes.

ROSARIO. Ilha no rio Parahyba do Sul, em frente á villa de Itaocara, a cujo mun. pertence, no Estado do Rio de Janeiro.

ROSARIO. Ilha no rio Parahyba, em frente a S. Fidelis, cidade do Estado do Rio de Janeiro.

ROSARIO. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha o mun. do Bom Jardim e desagua no Banquete, affl. do rio Grande.

ROSARIO. Villa do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira (*Obr.* cit.) diz: « *Rosario*, a 56 kils. da capital, fica situada á margem esq. do rio Itapecurú, á

jusante da cidade do Itapecurú-mirim. Tem bons predios, uma Egreja situada na praça principal, estação telegraphica, a casa em que funcciona a esc. publ. do sexo masculino, doada ao Estado pelo Dr. Augusto de Mello Rocha, e defronte da villa, em bella posição, vê-se um grande sobrado que faz parte da situação denominada Prata. Seu commercio é desenvolvido e entretem constante communicação com a capital, por meio de vapores e de barcos a vela. Em seus arredores se encontram varias ollarias e engenhos de assucar, movidos a vapor. Exporta assucar de excellente qualidade, aguardente, farinha d'agua muito apreciada, gergelim, mamona e productos ceramicos. A' jusante desta villa e á distancia de quatro kils. fica a bella e historica cachoeira da Vera-Cruz, por onde passam os vapores da linha fluvial, sob a influencia das marés... Das villas banhadas pelo Itapecurú é a que está mais proxima da sua foz, que se dá na bahia do Arraial, formada pela de S. José. Calcula-se a sua pop. em 4 a 5.000 habs. ».

ROSEIRA. Log. do Estado do Paraná, no mun. de S. José dos Pinhaes.

ROSEIRAS. Bairro do dist. de Santa Rita da Extrema, no Estado de Minas Geraes.

ROSINHA. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Afuá. Vai para o rio Sant'Anna.

ROXO RODRIGUES. Estação da E. de F. de S. Paulo ao Rio Grande, no mun. de Ponta Grossa e Estado do Paraná.

RUA NOVA. Dist. policial do mun. de Gravatá, no Estado de Pernambuco.

RUBUQUARA. Log. notavel, á margem esq. do rio Ribeira de Iguape, no mun. de Iporanga e Estado de S. Paulo. « *Rubuquára*, diz o Dr. João Mendes de Almeida, corruptela de *Robiâ-quár-a*, buraco de respeito. De *robiâ*, respeito, veneração, obediencia, honra, estima, credito, confiança, fixidez, tenacidade, autoridade; *quár*, buraco, fojo, poço, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. Allusivo a uma semelhança de nicho que se vê no alto do paredão, que forma a barranca elevada e a pique, da referida margem esq. Fé ou simples crendice, o certo é que os que por alli passam, em canôas ou embarcações de qualquer especie, descobrem a cabeça em signal de respeito. Entre este logar e a corredeira *Pyririca* está o morro que soffre annualmente combustão natural, vinte kils. mais ou menos abaixo da villa Iporanga. Em 1847 desciam do alto do morro verdadeiras lavas, pois que era um liquido, resultado da combustão. E' toda essa uma região notabilissima pela superabundancia e variada riqueza mineral ».

RUMO. Corrego do Estado de S. Paulo, na com. do Jaboticabal. Une-se ao corrego Rico, affl. do rio Mogyguassú.

S

SABABA. Pov. no mun. de Tury-assú, do Estado do Maranhão (J. Ribeiro do Amaral. *Obr.* cit.).

SABÃO. Morro do Estado de S. Paulo, entre a capital e Conceição dos Guarulhos.

SABÃO. Arroio do Estado do R. G. do Sul., affl. do arroio Taquara, que o é do rio Gravatahy, nos limites do mun. da capital

SABARÁ. Antigamente *Tabará*, de que se formou *Tabaráboçú*, como se vê em velhos documentos. *Tabará* é a forma contracta de *Itabaraba* ou *Itaberaba*, composto de *Itáberaba*, pedra reluzente, penedia resplandescente, crystal.

SABARÁ. Cidade de Minas Geraes. Supprimam-se os dists. de Santa Quiteria, Capella Nova do Betim, Contagem e Vargem da Pantana, que foram incorporados em 1901, pela Lei n. 319 de 16 de setembro, ao mun. de Santa Quiteria.

SABARABOÇÚ. Antigamente *Tabará-boçú*, corruptela de *Itaberaba-oçú*, que litteralmente se traduz — pedra resplandescente grande — ou antes — serra resplandescente — logar que ficou lendario entre os colonos do primeiro seculo da conquista. Eis como o historiador Jandavo nos conta a origem dessa famosa legenda: « A esta Capitania de Porto Seguro chegaram certos indios do sertão a dar novas de umas pedras verdes, que havia n'uma serra muitas leguas pela terra dentro, e traziam algumas dellas por amostras, as quaes eram esmeraldas, mas não de muito preço; e os mesmos indios diziam que daquellas havia muitas, e que esta *serra* era mui formosa e *replandescente*... ». « Esta serra resplandescente que o gentio em sua lingua dizia — *Itaberaba-oçú* e que a corruptela em labios portuguezes transformou em *Taberaboçú* e mais geralmente em *Sabaraboçú*, vae ser por todo o seculo seguinte o alvo das mais arrojadas expedições sertanejas conduzidas de S. Paulo em direcção ao valle do S. Francisco, das quaes não poucas vararam os sertões em busca de Porto Seguro ou do Espirito Santo, donde lhes vinha a longinqua tradição da *Serra das Esmeraldas*. » (Theodoro Sampaio. *Memoria lida no Instituto Historico de S. Paulo*). Monsenhor Pizarro, nas suas *Memorias Historicas*, escreveu *Tabaraboçú*.

SABAUNA. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Guararema, no mun. deste nome. « *Sabauma*, diz o Dr. J. M. de Almeida corruptela de *Çab-a-húú-m-a*, desatado e lodoso. De *çab*, o mesmo que *rab*, desatar, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante; *húúm*, ter lodo, atolar, borra, fezes, detritos, etc., com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. Allusivo a se alagar nas margens e ter lodoso e atoladiço o leito... A razão por que, em vez de *ráb* é *çab*, está na regra grammatical que o *r* inicial de qualquer verbo, tendo de ser precedido do relativo competente, que é *h*, é eliminado, fazendo *hab*; e, soando *ç* o *h* aspirado forma *çab* ».

SABAUNA. Rio do Estado de S. Paulo, nasce no morro do seu nome e desagua no Mar Pequeno, entre os muns. de Iguape e de Cananéa. « Quanto ao morro *Sabauma*, diz o Dr. J. M. de Almeida, é corruptela de *Çab-ó-húú-m-a*, pellado e lodoso. De *çab*, o mesmo que *hab*, pello, penna, cabello; *og*, tirar, arrancar; *húú-m*, ter lodo, atolar, borra, fezes, detritos, etc., com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. Allusivo a não ter na parte superior vegetação alguma, com as encostas cobertas, de lodo ou limo... A ultima parte desta explicação (Vide vocabulo antecedente) serve tambem para a do nome do morro, cujo *hab*, foi substituido por *çab*. A este *çab* ou *hab* é accrescentado *a* (breve), por acabar em consoante. »

SABAUNA. Cachoeira no rio Tieté, abaixo da cidade de Porto Feliz, no Estado de S. Paulo. « *Sabauna*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *H-âb-ái-ũ-na*, gretado, não liso, revolto. De *h*, relativo, que corresponde ao verbo *yáb*, gretar, rachar, abrir-se naturalmente; *ái*, não liso, desigual; *ũ*, o mesmo que *hũ*, revolver, com o suffixo *na* (breve), para formar supino. O *h* aspirado tem o som de *ç*. Allusivo a existir no leito, nesse logar, gretas e buracos, pontas e arrecifes, rodomoinhos feitos pelas aguas por causa daquellas gretas ».

SABIÁ-UNA. Bairro no dist. de Santa Rita da Extrema, do Estado de Minas Geraes.

SABINO. Corrego do Estado de Goyaz, affl. do rio Manoel Alves, no dist. de S. José do Duro.

SABOEIRO. Villa do Ceará. Accrescente-se no fim: A Lei n. 652 de 20 de agosto de 1901 transferiu para a com. de Igatú o termo e mun. dessa villa.

SABOHÓ. Corruptela de *taboó*, o raspado, ou pellado. (Dr. Theodoro Sampaio. *O tupi na geographia nacional*. S. Paulo. 1901). Vide *Saboó*.

SABOÓ. Morro granitico, no mun. de Santos e Estado de S. Paulo. « *Saboó*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela

de *Çab-oóg*, pellado, isto é, sem vegetação, que é ao que allude o nome. De *çab*, o mesmo que *hâb*, pello, cabello, penna; *óg*, tirar, arrancar, precedido de *o* como reciproco, para exprimir que é acção da cousa em si mesma, e não porque a vegetação tenha sido arrancada artificialmente ou por mão de homem ».

SACAHYSAL. Lago do Estado do Pará, no territorio de Aricary, entre o lago do Rei ao sul e o lago Amapá ao norte. Dentro desse lago, affirma o Sr. Parsonadas de Carvalho, ha uma multidão de troncos seccos de arvores cortadas ou quebradas em uma mesma altura, pouco acima do nivel da agua, sem que se possa explicar a causa determinante do fracturar dessas arvores que ahi existiam.

SACCO. Com este nome dá o *Almanak Sergipano* (1901) noticia de tres arraiaes, um no termo da Capital, outro no do Lagarto e outro no de Propriá.

SACCO. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Saquarema. E' della que a Camara Municipal canalizou a agua para o abastecimento da cidade.

SACCO. Rio do Estado do Maranhão, banha o mun. de Barreirinhas e desagua no Preguiças.

SACCO DO CUMBE. Arraial no termo de Itaporanga, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

SACCO DO MAJOR. Pequena enseada na ilha de Santo Amaro, do Estado de S. Paulo, entre as pontas Rasa e Grossa.

SACCO DO TIGRE. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Garanhuns.

SACCO DO VASA BARRIS. Arraial do Estado de Sergipe, no termo de Itaporanga (*Almanak Sergipano*, 1901).

SACCO DOS LIMÕES. Pov. de Santa Catharina. Accrescente-se no fim: O Sr. Virgilio Varzea (*Obr.* cit.) diz: « O Sacco dos Limões demora a tres quartos de legua do Desterro, ao fundo da pequena enseada, cujo littoral, outr'ora coberto de limoeiros, como toda vizinhança da capital e com um pronunciado contorno de sacco fechado pelas pontas Caiacanga-mirim e das Almas, lhe conferiu o nome porque é conhecido desde muitos annos. O arraial está assente em parte sobre a collina da Carvoeira, que faz um amplo cabeço na costa e vai morrer para o centro junto a Traz-do-Morro. A outra parte desce para a praia, alongando-se em enorme curva alvacenta até á costeira de Pregibahé. E' nesse alto, cahindo em especie de amphitheatro sobre as aguas, que se grupam as habitações principaes do pov., pequenas construcções de pedra e cal, de systema commum, com jardimzinhos floridos e terrenos bem plantados. Nota-se, porém, entre ellas, algumas chacaras maiores, á semelhança das da cidade, pertencentes a negociantes que vão para alli veranear todos os annos. Na linha da praia, a um lado e outro, quer na altura onde começa a estrada do Pantanal, quer ao N., no logar denominado Canto, em que se ergue o outeiro do Matto da Figueira, as casas são rareadas, não passando em seu maior numero de meiaguas e ranchos, por entre os quaes se vêm os varaes das rêdes, muitas canôas de pescaria puxadas em terra ou fundeadas, e, em terrenos mais altos e preparados como eiras, o disco elevado e amplo das *caieiras* primitivas, feitas com certa arte... O arraial, aprazivel pela sua paizagem, é, entretanto, meio insalubre, devido talvez á vaza da praia, que, de manhã e á tarde, pela baixa-mar, fica inteiramente descoberta desprendendo exhalações e miasmas. Do Sacco dos Limões partem para o interior, além da estrada que pelo littoral segue para Pregibahé, rio Tavares, Ribeirão, etc., mais duas outras de rodagem — a da Carvoeira e a do Pantanal: a primeira, percorrendo toda a collina do seu nome e indo findar á freg. da Trindade; a segunda, atravessando o arraial de que toma a denominação até aos morros do Corrego-grande, onde se bifurca, voltando á esq. para Traz-do-Morro, á dir. para o monte da Lagôa ou do Padre Doutor, onde vai terminar em atalho. »

SACCO DOS MEROS. Log. do Districto Federal, no dist. de Guaratiba.

SACCO DOS VEADOS. Corrego do Estado de Minas Geraes, nas divisas do mun. de Entre Rios. Faz barra com o corrego dos Nunes.

SACCO FUNDO. Arraial do termo do Riachuelo, no Estado de Sergipe. (*Almanak Sergipano*, 1901).

SACCO GRANDE. Arraial do mun. do Porto da Folha, no Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*, 1901).

SACCO GRANDE. Pov. do Maranhão: Linhas 2, em logar de Anajatuba, leia-se Itapecurú-mirim. Accrescente-se no fim: Está situada em uma área de 286 metros, em frente á enseada do seu nome. Em 1896 tinha 25 casas de palha, uma de telha e uma de negocio. Sua pop. é de 156 almas e dista 30 kils. da séde do termo.

SACCO TORTO. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. do Riachuelo (*Almanak Sergipano*, 1901).

SACOPENUPAN. Composto de *çoocó-pê-nupan*, pancada nos socós; corr. *çoocó-apê-nupan*, caminho batido dos socós; nome primeiro da lagôa Rodrigo de Freitas; Districto Federal; alt. *Sacupenopan* (Dr. Theodoro Sampaio).

SACRAMENTO. Ribeirão do Estado de Minas Geraes, nas divisas dos muns. de Manhuassú e Caratinga.

SACRE. Rio do Estado de Matto Grosso, no mun. do Diamantino. Vai para a margem dir. do Juruena.

SAE CINZA. Dist. policial da com. de Itaituba, no Estado do Pará.

SAGUIM. Corruptela de *cã-i*, olhos pequenos, o que é experto, o vivo, agil; nome de um pequeno simio (*Hapale*); alterado em *sagui*, *sahuim*, *sahim*, *sauhim*, *souhim* (Dr. Theodoro Sampaio. *Obr.* cit.).

SAGUIM. Riacho do Estado da Bahia, corre em um dos extremos da cidade de Alagoinhas e desagua no rio Aramarys, pouco abaixo da ponte de Mangaló. E' famoso pela excellencia de suas aguas.

SAHY. Corrupção de *cã-i*, olhos pequenos, vivos; nome de umas aves pequenas do genero *Tanagra*; em outras partes do Brasil designa tambem uma especie de simio do genero *Cebus*, e que é o mesmo *saguim* (Dr. T. Sampaio. *Obr.* cit.). *Sahy*, corruptela de *Çaî-i*, perseverantemente esparzido. De *çaî*, esparzir; *i*, posposição de perseverança (Dr. J. M. de Almeida).

SAIYBA. Corrupção de *çaiyba*, o queixo, a mandibula, o maxillar inferior; alterado para *sayuba*, *sayuva*, *saúva*, nome de uma formiga conhecida pela sua voracidade e força de destruição (*Atta cephalotes*). Dr. T. Sampaio. *Obr.* cit.

SAL. Ilha no Estado da Santa Catharina, ao pé da pequena peninsula de Santa Barbara. E' uma das dependencias da Capitania do Porto, cujo edificio se acha construido dentro das velhas muralhas do antigo forte daquella designação.

SALADEIRO. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Quarahy.

SALDANHA MARINHO. Estação da E. de F. Paulista, no Estado de S. Paulo, no ramal de Dous Corregos a Agudos. Foi inaugurada em 1º de julho de 1899.

SALGADINHO. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Aguas Bellas.

SALGADINHO. Log. de Pernambuco, no num. do Bom Jardim. Accrescente-se no fim: Informam-nos que nesse logar, no leito do rio Capibaribe, ha uma fonte de agua quente, á qual deram o nome de Fervedouro.

SALGADO. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o pov. de Alagoinhas e corre para o Ipanema.

SALGUEIRO. Morro do Districto Federal, no dist. de N. S. de Lourdes.

SALGUEIRO. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Pitombeira.

SALGUEIRO. Villa de Pernambuco. Em logar de villa, leia-se cidade. Accrescente-se no fim: Foi elevada á categoria de cidade pela Lei n. 275 de 30 de março de 1898.

SALINAS. Log. do Estado do Maranhão, no mun. da Tutoya, na foz do rio Andreza ou Commum. Serve de porto áquella villa, muito frequentado pelos vapores costeiros das companhias nacionaes e por vapores inglezes que navegam entre S. Luiz, Lisbôa, Porto e Liverpool.

SALINAS. Villa do Pará. Accrescente-se no fim: Foi elevada á cidade pela Lei n. 797 de 22 de outubro de 1901.

SALINAS DA MARGARIDA. O dist. das Salinas da Margarida fica situado na ponta da Margarida, entre a enseada da Conceição de Pirajuhia e o canal de Nazareth, defronte da cidade de Itapagipe, da qual dista seis milhas, e da foz do rio Paraguassú.

Para oeste dessa enseada estendem-se os povoados da Conceição de Pirajuhia, com uma capella, da Ponta da Barra, com uma capella da Boa Esperança, e Barra do Paraguassú, na foz do rio deste nome; e para léste os povs. da Matta, Porto do Parnauá, Salimnopolis ou Porto da Telha, Encarnação, com uma capella, Mutá, Cações e Barreiras do Jacuruna, estes tres pertecentes ao dist. de Jaguaripe.

O pov. das Salinas fica situado na ponta da Margarida, denominada por Mouchez ponta do Homem Morto, e entre o rio Santa Luzia e o impropriamente denominado rio do Araçá, que não é mais do que um braço do salgado.

Fica, parte, em terreno plano e parte em um planalto bastante extenso e com proporções para uma grande cidade. Compõe-se de duas praças, umas quatro ou cinco ruas, bastante largas e rectas, e outras perpendiculares a estas e mais estreitas e illuminadas a kerosene, tem 27 casas, todas pertencentes á Companhia das Salinas, uma egreja em construcção e duas escolas publicas, uma para cada sexo.

A pov. ainda está em começo; o pouco que ha feito é devido aos esforços do engenheiro Horacio Urpias Junior e do Commendador Manoel de Souza Campos, que empregaram grandes capitaes em enormes aterros, no nivelamento do terreno e na edificação das primeiras habitações. Foram esses benemeritos cidadãos os fundadores das Salinas

Contaram-me que os antigos proprietarios do terreno, sobre o qual se ergue a aprazivel pov., foram tres padres, que occupavam uma casa, onde celebravam missas e outras festividades religiosas em uma capella com a invocação de Santa Quiteria.

Começou a aggrupar-se em torno da residencia dos padres um pequeno nucleo de população.

Com o transcorrer dos tempos e com a morte dos tres sacerdotes, o pequeno pov. desappareceu, ficando a ponta da Margarida deserta por mais de 50 annos.

Havia no antigo pov. uma mulher preta, de nome Margarida, celebre pelo seu espirito religioso e que tinha grande ascendencia sobre a população.

A essa mulher deve a ponta o nome que ainda hoje conserva.

A povoação fica entre os muns. de Maragogipe e Jaguaripe e pertence ao de Itaparica, do qual constitue um dist.

E' ligada á Itaparica e á Capital do Estado pelos vapores da Companhia Bahiana, que fazem uma viagem diariamente nos dias uteis.

As Salinas da Margarida abrangem uma grande área cortada por 1.700 tanques de diversas dimensões, inclusive 660 crystallizadores e egual numero de alimentadores. Esses tanques recebem a agua salgada por meio de bombas centrifugas a vapor e um possante moinho de vento.

Apanhado o sal, é este conduzido em carros de ferro (Decauville), que caminham sobre trilhos, para grandes trapiches, sendo dous de 320 palmos de comprimento sobre 80 de largo e dous, os maiores, de 400 palmos de comprimento, sobre 100 palmos, um, e 118, outro, de largura, situados no porto de embarque, onde os navios atracam a uma ponte de madeira para carregar.

Esta ponte, de 210 palmos de comprimento total, pertence á Companhia das Salinas, que permitte que a ellas atraquem vapores do Lloyd.

Em uma casa de sobrado ficam as officinas da Companhia, as quaes se compõem de ferraria, fundição de bronze, serralheiro e carapinas.

Em seguimento e quasi contiguas a estas salinas ficam outras, no logar denominado Porto da Telha, ligadas á primeira por uma ponte de ferro sobre o riacho Carro Velho. Possuem 2.000 tanques, 880 crystallizadores e outros tantos alimentadores.

A agua é fornecida para estes tanques por meio de quatro bombas centrifugas, a vapor; e o sal conduzido para dous dos trapiches, situados no porto de embarque, por meio de carros de ferro inglezes, tirados por duas locomotivas.

Possuem ainda um moinho americano de vento, que suspende agua doce para alimentação das caldeiras.

Para o interior das salinas erguem-se 17 casas para os operarios, todas modernas e pertencentes á Companhia.

A producção total das duas salinas é de 12 milhões de litros, nas grandes safras, producção que póde ser augmentada a mais do dobro.

A época apropriada para a safra é dos mezes de Outubro a Abril.

As salinas pertencem actualmente a uma Companhia anonyma com o capital de mil duzentos e cincoenta contos.

O dist. é regado pelos rios Carro Velho, Santa Luzia, Bulcão, Mombaça, Cayrú ou Piahú e Araçá.

Comprehende os povs. denominados Barra do Paraguassú, parte pertencente a Maragogipe, Cayrú, Conceição de Pirajuhia, Porto da Telha e Encarnação.

Cerca-o uma extensa cordilheira, que vai de Cayrú até Nazareth e que recebe varias denominações locaes. E' nella que fica o grande pico da Pedra da Lettra.

Dou parabens á minha sorte, que me proporcionou um ensejo feliz de visitar uma das mais bellas povoações do reconcavo da Bahia.

E' impossivel imaginar-se pontos de vista mais seductores dos que ella tão prodigamente offerece de qualquer dos seus lados.

Foi nella que o Dr. Severino Vieira offereceu um *pic-nic* aos Chilenos, na sua ultima visita a esse Estado.

Em companhia do engenheiro Urpias tomei um *bond* para percorrer as salinas.

Que passeio encantador!

Pelo caminho modestas choupanas de sapé, escondidas em meio de grupos de dendezeiros e elevados coqueiros, com os troncos recurvados e os cimos coroados de palmas, cujas hastes, em fórma de varetas de leque, se baloiçavam nos ares, agitadas pelo vento; e por uma vasta extensão um sem numero de tanques com agua salgada, represada por barachas e apresentando em sua superficie salpicos luminosos provenientes do sol, que dardejava sobre ella suas palhetas de fogo.

Nos tanques do Porto da Telha, separados dos da Margarida pelo riacho Carro Velho, ha a maior regularidade e symetria.

Dividem-se em quatro grandes secções, todas percorridas, na extensão de 1.300 metros, por trilhos sobre os quaes correm locomotivas.

Ao regressar de tão agradavel passeio, abracei o engenheiro Urpias, a quem se deve principalmente a construcção desse monumento industrial, que ahi está para mostrar o quanto póde o esforço, a perseverança e a competencia de um homem, a quem peço venia para proclamar um benemerito em nome do povo bahiano.

A Deus rendo sinceras graças pelo brinde precioso que me fez, concedendo-me mais um amigo, tão distincto pelos dotes do coração e do caracter.

SALLES OLIVEIRA. Estação no Ramal de Santa Rita do Paraizo, no Estado de S. Paulo. Foi entregue ao trafego em 1º de junho de 1900. Fica no kil. 49.

SALOBRINHO. Log. do Estado da Bahia, no dist. da Cachoeira de Itabuna do termo de Ilhéos.

SALOBRO. Assim se denominam dous arraiaes do Estado de Sergipe, um no terno de Simão Dias e outro no termo do Riachão (*Almanak Sergiano*. 1901).

SALSO. Sanga do Estado do R. G. do Sul, banha o mun. de Uruguayana e desemboca no rio Ibirocay.

SALTADOR. Um dos quarteirões do dist. de Pytumbi, no mun. de Mococa e Estado de S. Paulo.

SALTINHO. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. de Nioac.

SALTINHO. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. de Corumbá, á margem dir. do rio Sucurihú.

SALTINHO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. do rio das Pedras, que o é do Pardo e este do Paranapanema.

SALTINHO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. do rio Bonito ou do Peixe, trib. do Tieté.

SALTINHO. Cachoeira no rio Paranapanema, abaixo da foz do ribeirão Anhumas, no Estado de S. Paulo.

SALTINHO. Pov. de S. Paulo, no mun. de Paranapanema. Accrescente-se no fim: Tomou a denominação de *Platina* pela Lei n. 309 de 26 de julho de 1894.

SALTO. Vallão affl. da margem dir. do rio Parahyba do Sul, no mun. de S. Fidelis e Estado do Rio de Janeiro.

SALTO BAIXO. Bairro do dist. de Santa Rita da Extrema, no Estado de Minas Geraes. Ha no mesmo dist. mais dous bairros denominados Salto do Meio e Salto de Cima.

SALTO DO ITARARÉ. Log. do Estado do Paraná, no mun. de S. José da Boa Vista.

SALTO GRANDE. Grande cachoeira no rio das Lages, no Estado do Rio de Janeiro. Tem uma altura de 320m,00 e dista da Capital Federal 65 kils.

SALVADOR. Arraial no termo de Itaporanga, do Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

SALVADOR. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Pomba.

SALVATERRA. Pov. do Estado do Pará. Accrescente-se no fim: Foi elevada á villa pelo Dec. n. 758 de 27 de fevereiro de 1901 e inaugurada a 13 de maio do mesmo anno.

SALVA VIDAS. Log. do Estado da Bahia, na cidade de S. Felix.

SAMAMBAIA. Bairro do mun. de S. Manoel do Paraiso e Estado de S. Paulo, com uma esc. creada pela Lei n. 657 de 28 de agosto de 1899.

SAMAMBAIA. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

SAMAMBAIA. Serra do Estado de S. Paulo, nas divisas do dist. do Jaguary, pertencente á com. e mun. de Xiririca.

SAMAMBAIA. Morro no dist. de N. S. do Ó; mun. da capital do Estado de S. Paulo. Com o mesmo nome ha outros morros nos muns. do Rio Bonito, de Campinas, entre os muns. de Monte Mor e de Capivary, de Jambeiro e Parahybuna, de Santa Izabel e do Patrocinio.

SAMAMBAIA. Morro do Estado de Minas Geraes, no mun. de Palmyra.

SAMAMBAIA. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do rio Verde, trib. do Ipanema e este do Sorocaba.

SAMAMBAIA. Rio do Estado de Matto Grosso, banha o mun. de Nioac e desagua na margem dir. do Ivinheima. *Samambaia* é corrupção de *çá-bamb-ai*, olho torcido e enrolado; broto que desponta encaracolado (*Filix herbacea.*) Vide *Sambambaia*.

SAMBAMBAIA. Composto de *ça-bamb-ai*, olho torcido e enrolado, alludindo ao broto tenro e recurvo da planta ao despontar do solo (*Filix herbacea*) alterado para *Samambaia* (Dr. T. Sampaio. *Obr.* cit.). *Samambaia*, corruptela de *Çáî-m-ã-mb-ái*, altos e baixos, empinado e estendido. De *çáî*, estender, esparzir; *m*, intercalação, por ficar ferido do som nasal o verbo *çaî*, por causa de *ã*, empinar; *mb*, intercalação nasal; *ái*, altos e baixos. O indigena, fazendo o costumado jogo linguistico, assim denominou esses morros por vel-os cobertos de feto-macho conhecido pelo nome tupi *Cáamambaî*; de sorte que, dando aos morros nome com som identico ou quasi identico ao do feto, mas com significados diversos, assignalou ao mesmo tempo a fórma physica delles e a existencia natural daquelle feto nas encostas. Este feto do Brazil é uma pequenina arvore sem galhos; não podendo ser considerados taes as delgadas hastes, ás quaes estão presas as pequeninas folhas; por isso o nome começa por *çá*. O padre A. R. de Montoya, no seu *Tesoro de la lengua guarany*, escreveu apenas *amam-baî* (Dr. J. M. de Almeida).

SAMBAQUI. Corrupção de *tambá-qui*, cumulo ou monticulo feito de conchas, deposito de conchas e ostras (Dr. Theodoro Sampaio).

SAMBAQUI. Arraial no mun. da Capital do Estado de Santa Catharina, entre a ponta do Pereira e a da Luz e na foz do Ratones. Ahi fica a praia da Aguada. Seu nome provém de um grande *casqueiro*, que ahi existiu em outro tempo, tomando toda a ponta da Luz, o qual foi todo consumido em caieiras, que são, como no Sacco dos Limões, uma das principaes industrias dos habitantes do logar.

SAMBAQUI. Rio do Estado do Paraná, no mun. de Antonina.

SAMBAQUI. Fundeadouro na costa do Estado de Santa Catharina. E' notavel por sua posição completamente protegida das vagas e ventos da barra pelo pontal do Norte, e a O. pelas ilhas Ratones (grande e pequena), que são verdadeiros abrigos. « Do lado do S., diz o Sr. Virgilio Varzeas, nada ha a temer, porque o pampeiro e o sueste duro, que tanto castigam o porto da cidade e todos os da outra bahia, só levantam mar cavado até á garganta do Estreito, de cuja altura para o N., barra a dentro, as aguas se conservam tranquillas. » A principal de suas praias denomina-se da Aguada, porque ahi vem fazer agua para bordo os escaleres ou lanchas dos navios ancorados no porto. Esta agua é perfeitamente potavel e a melhor da ilha depois da do Ribeirão. Vem das nascentes de um elevado monte existente cerca de 500 metros da praia. « Neste excellente porto, diz o Contra-almirante Proença, um dos melhores do Imperio, continúa a funccionar com regularidade o importante encanamento sobre largos trilhos de ferro que alli mandei construir. O porto de Sambaqui, só por esse recurso, fica com uma importancia ainda superior á que já tinha por suas condições topographicas e hydrographicas ».

SAMBURITO. Log. no mun. de Miranda, do Estado de Matto Grosso.

SAMPAIO. Igarapé do Estado do Pará, affl. da margem esq. do rio Gurupy (Dr. G. Dodt.).

SANATORIO. Morro do Estado de Minas Geraes, na cidade de Barbacena. Ahi fica o Sanatorio e dizem ter nelle residido Joaquim Silverio. E' tambem denominado da Caveira.

SANCTUARIO. Estação do ramal ferreo que liga o dist. de Congonhas do Campo á E. de F. Central do Brazil, no Estado de Minas Geraes. Fica no arraial.

SANDY. Pov. no dist. da Bôa-Morte, mun. do Bom Fim e Estado de Minas Geraes.

SANGA. Accrescente-se no fim: O Dr. Theodoro Sampaio (*Obr.* cit.) diz. « *Sanga*, corrupção de *çanga*, o que se espraia ou se estende, o espraiado, o alagado ».

SANGA DA MINA. Log. no mun. de Uruguayana e Estado do R. G. do Sul, proximo á barra do Caiboaté. Ha ahi cobre.

SANGAY. Composto de *canga-y*, o rio do espraiado, ou do alagado; R. G. do Sul (Dr. Theodoro Sampaio. *Obr. cit.*).

SANGRADORSINHO. Rio do Estado de Matto Grosso, affl. do rio das Mortes.

SANGUESUGA. Riacho do Estado de Pernambuco, no mun. da Leopoldina. Faz barra no riacho da Cacimba Nova.

SANHARÓ. Riacho do Maranhão. Accrescente-se no fim: e desagua no rio Itapecurú, em frente á estação da estrada de ferro.

SANTISSIMO SACRAMENTO. Ilha no rio Parahyba do Sul, em frente á villa de Itaocara, a cujo mun. pertence, no Estado do Rio de Janeiro.

SANTO CHRISTO. Morro no mun. de Nyterói e Estado do Rio de Janeiro, no Fonseca.

SANTO CHRISTO DOS MILAGRES. Parochia creada no Districto Federal por Dec. do Arcebispo de 15 de agosto de 1901. A posse do primeiro vigario, que foi o Conego Francisco Miranda Curio, realizou-se no dia 1 de setembro de 1901.

SANTOS ANDRADE. Nucleo colonial do Estado do Paraná, no mun. de S. José dos Pinhaes, na serra do Cubatão, no logar denominado Castelhanos, distante 45 kils. da séde do mun. E' dividido em 308 lotes, que occupam a área de 3.000 hectares. Conta (1901) cerca de 200 polacos.

SAPATEIRO. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de S. Fidelis.

SAPÊ. Bairro do mun. de S. José dos Campos e Estado de S. Paulo, com escola.

SAPÊ. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

SAPÊ. Corrego affl. da margem dir. do ribeirão Capivara, no mun. de Campos Novos do Paranapanema e Estado de S. Paulo. « O nome não é do ribeirão, diz o Dr. J. M. de Almeida. Sendo por ahi o caminho, embora atravessando o ribeirão, o indigena dizia *Hapé*. O *h* aspirado parece soar *ç*: dahi a corruptela. Mais, ao inverso do padre A. R. de Montoya, o padre Luiz Figueira, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*, não menciona o *h* como relativo. O *ç* é directamente o relativo. Por isso mesmo, com referencia a caminho, o padre Luiz Figueira, usando do relativo, escreveu *çapê* ».

SAPÊ. Praia no mun. de Ubatuba e Estado de S. Paulo.

SAPECA. Ilha do Estado do Maranhão, no mun. de Carutapera, com criação de gado e salinas.

SAPETUBA. Logar proximo á margem dir. do rio Sarapuhy, já depois de fazer barra o ribeirão Iperó, no mun. de Campo Largo de Sorocaba e Estado de S. Paulo. « *Sapetuba*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Çapé-tib-a*, logar de *çapê*. De *çapé*, planta de palha para coberturas de casas; *tib*, logar natural, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. O *i* é guttural ».

SAPIATÁ. Ribeirão do Estado de S. Paulo, desagua no rio S. João ou Baruery, proximo á estação da Cotia.

SAPIROCA. Corr. *çá-pirog*, olho esfolado, palpebras que descamam ou perdem a pelle (Dr. T. Sampaio).

SAPOMIM. Ilha do Estado de S. Paulo, no mun. de S. Vicente.

SAPUCAHETABA. Morro no mun. de Itanhaem, no Estado de S. Paulo. « *Sapucahetaba*, corruptela de *Çapucaitaba*, logar de echo. De *çapucai*, gritar, vozear, echoar, formando participio com *taba*, por acabar em *ái*, afim de exprimir logar. Allusivo a echoar gritos ou vozes, por sua formação encantoada ».

SAPUCAHY. Vocabulo composto de *çapucai-y*, rio das sapucaias. « *Sapucahy*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Ha-pug-quai-i*, successivos cortes, furos e cinturas. De *ha*, cortar, talhar; *pug*, furar, arrebentar; *quai*, fazer cintura, estreitar; *i*, posposição de perseverança. O *h* aspirado parece soar *ç* ».

SAPUCAIA. Corrupção de *çapucai* (substantivo), o grito, o clamor; (verbo) gritar, clamar; (substantivo) o gallo ou a gallinha; corrupção de *yaçapucai*, o fructo conhecido por sapucaia (*Lecythis*). Dr. Theodoro Sampaio.

SAPUCAIA. Pov. do Estado das Alagôas, no mun. de Atalaia.

SAPUCAIA. Log. do Estado da Bahia, no termo de Belmonte, sobre o rio Urubú.

SAPUTÁ. Affl. do ribeirão Itapisantuba (Vide *Itapisantuba*). E' um pequeno ribeirão que afflue naquelle pela margem esq., no mun. de Iguape. Accrescentaram-lhe *mirim* sem uma razão de ser; signal certo de que este accrescimo foi obra dos conquistadores. E' mesmo conhecido somente pelo nome *Mirim*. Saputá é corruptela de *Hapi-ytá*, pedra que se abraza. De *hapi*, abrazar, queimar; *ytá*, pedra. *O h* aspirado parece soar *ç*. *O i* final de *hapi* tem som guttural. Allusivo a existir em suas margens grandes depositos de granito pórphyro, no qual entra maior quantidade de feldspatho, tornando-se, assim, rocha ignea. Com effeito, esse granito contém silica alumina, cal, oxydo de ferro e outros elementos de natureza ignea (Dr. J. M. de Almeida. *Dicc. de S. Paulo*).

SAQUAREMA, ant. *Socorema* (Roteiro do Brasil). Composto de *socóreima*, multidão ou bando de socós (*Ardea Brasiliensis*). Dr. Theodoro Sampaio.

SAQUINHO. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Cimbres e desagua na margem dir. do rio Ipojuca.

SAQUY. Arroio do Estado do R. G. do Sul, banha o mun. de S. Francisco de Paula de Cima da Serra e desagua no rio Santa Cruz (Cahy).

SARACURA. Pequeno corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do ribeirão Anhangabahú, no mun. da capital. "*Saracura*, diz o Dr. T. Sampaio, corr. *taracura*, *tara* = *sura*, espiga, milho; *cura*, o que engole ou traga; o come milho; a gallinha d'agua". « *Saracura*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Ce-rá-cury*, desatado e muito corrente. De *ce*, relativo por causa do verbo *rá*, desatar; *cury*, pressa, velocidade. A ultima syllaba de *cúry* sôa breve. Allusivo a formar alagadiços; e, não obstante, ser muito veloz no curso. Nada tem, portanto, este nome cousa alguma, nem com a ave *saracura*, nem com os arbustos assim denominados da familia das Bignoniaceas e da familia das Onagrarias ».

SARACURUNA. A saracura preta; de *saracura-una*.

SARAMEM. Arraial no termo de Villa Nova do Estado de Sergipe (*Almanak Sergipano*. 1901).

SARAMPO. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Gravatá.

SARANDY. Corruptela de *Çarandi*, o mesmo que *çarangi*, ramos de pequenas arvores que com a corrente se dobram na agua (Dr. J. M. de Almeida).

SARANDY. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. de Guarehy, á margem dir. do rio deste nome, perto do morro do Araçá.

SARAN GRANDE. Corredeira no rio Paranapanema, logo abaixo da foz do ribeirão Pirapó, do Estado do Paraná. « *Saran Grande*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Çarãrã-aguâ-ne*, resvaladeiro muitissimo corrente. De *çarãrã*, resvaladeiro, deslisadeiro; *aguâ*, correr; *ne* (breve), adverbio affirmativo, para exprimir superlativo. Allusivo a concentrarem-se todas as aguas no canal, que existe encostado á barranca da margem dir. do rio; e, por ser de muito desnivelamento, e pouco fundo, 0m,50, a correnteza adquire velocidade extraordinaria ».

SARAPÓ. Composto de *çará-pó*, desprende mão, ou o que escapa ou escorrega da mão; nome de um peixe fluvial (Dr. Theodoro Sampaio).

SARAPUHY. Corrupção de *çarapó-y*, rio dos sarapós. Vide *Sarapó* (Dr. Theodoro Sampaio.) « *Sarapuhy*, corruptela de *Cerá-pó-i*, perseverantemente desnivelado e com saltos. De *ce*, relativo; *rá*, ser desigual, desnivelar; *pó*, salto; *i*, posposição de perseverança... O significado — rio de carangueijos — é simplesmente um disparate » (Dr. J. M. de Almeida). Nos documentos antigos é escripto *Çarapoy*.

SARARÁ. Corrupção de *çarará*, mariposa, a borboleta que vôa em torno da luz (Dr. Theodoro Sampaio).

SARARAHY. Composto de *çarará-y*, rio das mariposas; Bahia (Dr. T. Sampaio).

SARÁ-SARÁ. Uma parte da varzea Guassahy, no mun. de Cotia e Estado de S. Paulo. « *Sará-sará*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Ç-araá-ç-araá*, muitissimo doentio. De *ç*, relativo, por ter *r* o verbo *araá*, enfermar, ser doentio, repetido para exprimir superlativo. Allusivo a produzir muitas doenças essa região ».

SARGENTO. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha a colonia de Nova Baden e desagua no ribeirão do Mello. E' tambem denominado Bananal.

SASSÚ. Corr. *çacy*, especie de beija-flor, colibri (*Coracina*); alt. *sassy*, *saçú* (Dr. Theodoro Sampaio).

SASSUHY. Corr. *çacy-y*, rio dos beija-flores, ou dos colibris; Minas Geraes. Vide *Sassú* (Dr. Theodoro Sampaio).

SAUDADE. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha o mun. do Abaeté e desagua no rio Indaiá.

SEBASTIANA. Dist. do Rio de Janeiro. Accrescente-se no fim: Foi desmembrado do mun. de Nova Friburgo e incorporado ao de Therezopolis pela Lei n. 517 de 17 de dezembro de 1901.

SEBASTIÃO (S.). Bairro na cidade de Belém do Descalvado, no Estado de S. Paulo, com duas esc. publs. creadas pela Lei n. 706 de 23 de agosto de 1900.

SEBASTIÃO (S.). Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. do Sumidouro.

SEBASTIÃO DE LACERDA. Estação da E. de F. de Baturité, no Estado do Ceará, entre Prudente de Moraes e Senador Pompeu.

SEBASTIÃO DOS SILVAS (S.). Bairro do mun. de Batataes e Estado de S. Paulo, com uma esc. mixta, creada pela Lei n. 706 de 23 de agosto de 1900.

SEBASTIÃO POUEY. Passo no arroio Garupá e Estado do R. G. do Sul.

SECCA. Lagôa do Estado do Piauhy, nas divisas da com. de Barras.

SECCA. Lagôa do Estado de Pernambuco, no mun. de Aguas Bellas.

SECCO. Corrego do Estado de Matto Grosso, no mun. da Capital.

SEIO DE ABRAHÃO. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da cidade do Bom Fim. Ha no mesmo mun. um corrego de igual nome.

SELLADO. Morro a E. do Lopo, no mun. de S. José dos Campos e Estado de S. Paulo. « *Sellado*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corrupção de *Ce-rá-bo*, alto. De *ce*, relativo, por causa do *r* de *rá*, levantado, elevado; *bo* (breve), para formar supino ».

SELLADO. Morro entre os muns. de S. Luiz do Parahytinga e do Parahybuna, no Estado de S. Paulo.

SEM CANAL. Cachoeira no rio Sorocaba, no mun. de Tieté e Estado de S. Paulo. Ahi se espraia o rio, formando a largura de mais de 130 metros, com um desnivelamento excessivo.

SENADOR DANTAS (Agua Verde). Nucleo colonial do Estado do Paraná, a dois kils. de Curityba. Compõe-se de 50 lotes, habitados (1901) por cerca de 300 italianos e brasileiros.

SENADOR POMPEU. Villa do Ceará. Em logar de villa, leia-se cidade. Accrescente-se no fim: Foi elevada á cidade pela Lei n. 659 de 22 de agosto de 1901.

SENHOR DOS PERDÕES. Morro do Districto Federal, no dist. de Jacarépaguá. Na esplanada desse morro, no logar denominado Pechincha, está situado o cemiterio da freguezia, o qual occupa uma área de 1.025 metros quadrados, completamente cercado de muro da altura de 1m,60, enfrentando a sua entrada para a magestosa montanha onde se ergue a capella de N. S. da Penna. Foi edificado em 1885 por iniciativa dos parentes do marquez de Jacarépaguá, que tem o seu jazigo proximo á capella, que se levanta no fundo do cemiterio, e que é dedicada ao Senhor Bom Jesus dos Perdões.

SENTIMENTO. Sub-prefeitura creada no mun. e com. de Muaná, no Estado do Pará, pelo Dec. n. 1.142 de 10 de junho de 1902.

SENTINELLA. Serra do Estado de Minas Geraes, no dist. da cidade da Diamantina.

SENTO SÉ. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, na villa do seu nome e Estado da Bahia. Fica no rio daquelle nome, a 102 kils. distante do Joaseiro e entre as estações de Casa Nova e Oliveira.

SEPETIBA. Corrupção de *çapé-tyba*, sapesal, sapé em abundancia; Rio de Janeiro (Dr. Theodoro Sampaio).

SEPITUBA. Logar ao N. da cidade de S. Sebastião, onde outr'ora foi construido um forte, no Estado de S. Paulo. Com o mesmo nome ha uma cachoeira no rio Tieté, denominada *Sapé*, erradamente. « *Sepituba*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Yê-pi-tib-a*, logar natural de rodomoinhos. De *yê*, reciproco, para exprimir a acção da cousa sobre si mesma; *pi*, centro, formando *yê-pi*, rodomoinhos, o mesmo que *yê-bi*, e mais exacto do que este; *tib*, logar natural, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. Allusivo, quanto ao primeiro logar, a encontrarem-se as correntes do mar formando rodomoinhos; e, quanto á cachoeira, a correrem as aguas sobre leito gretado ».

SEPULTURA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Piracicaba.

SEPULTURA. Corrego do Estado de S. Paulo, no mun. do Capão Bonito do Paranapanema.

SEPULTURA. Corrego do Estado de Minas Geraes, affl. do rio Paraúna.

SERAMENHA. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha o mun. do Ouro Preto e desagua na margem dir. do rio Funil.

SEREMBURA. Assim escreve o Dr. J. M. de Almeida o nome do affl. dir. do rio Parahyba, que descrevemos com o nome *Sinimbura*. « *Serembura*, diz o Dr. João Mendes, corrupção de *Cerĩ-mbiieré*, um pouco derramado. De *cerĩ*, um pouco; *mbiieré*, o mesmo que *piieré*, derramar. O primeiro *i* deste verbo tem som guttural ».

SERIEMA. Corr. *ceri-eim*, o que vôa ou sahe pouco; nome da ave *Dicholophus eristatus*; alt. *sariama*, *siriema*, *sariema*; corr. *çariama*, composto de *çaria*, crista, *am*, erguida, isto é, crista levantada ou armada de crista (Dr. T. Sampaio).

SERINGA. Igarapé do Estado do Pará, no dist. de Caviana, mun. e com. de Chaves.

SERINHAEM. Corr. *ciri-nhaê*, bacia, vaso dos siris, viveiro dos siris; corr. *ciri-nheê*, o siri rumoreja, onde os siris fazem rumor; Pernambuco; alt. *Serinheen*, *Serinhenhen* (Dr. T. Sampaio).

SERNAMBITIBA. Corr. *cerinambityba*, o ameijoal, o viveiro de mariscos; o deposito de mariscos. No N. do Brasil é equivalente ao *sambaqui* do Sul. Vide *Sambaqui* (Dr. Theodoro Sampaio).

SERNAMBY. Porto na ilha Comprida, no mun. de Iguape e Estado de S. Paulo. « *Sernamby*, corruptela de *Ciri-ambii*, cascas de ostras. De *ciri*, apartar, separar; *ambii*, lado, costado. Allusivo a ser ahi um logar de ostreira. » (Dr. J. M. de Almeida). « *Sernambi*, corr. *cerinambi*, o marisco, a ameijoa ». (Dr. T. Sampaio).

SERNAMBY. Igarapé do Estado do Amazonas, banha o mun. de Teffé e desagua no rio Juruá.

SERPA. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha o mun. de Nova Friburgo e desagua na margem esq. do rio Bengalas. Forma uma bella cascata.

SERRA. Log. no mun. do Cunha e Estado de S. Paulo, notavel por ter uma fonte de agua virtuosa, cujos elementos principaes são: magnesia, enxofre, cal, etc. e cujo uso já tem sido de muito proveito em molestias cutaneas e intestinaes. « *Serra*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corrupção de *Ce-ru*, purgativa, vomitiva. De *ce*, relativo, por se tratar de verbo começado por *r*, conforme a licção dos grammaticos; *ru*, revolver o estomago, causar enjôo. Allusivo ás suas qualidades medicinaes ».

SERRA. Riacho do Estado da Bahia, no mun. de Minas do Rio de Contas.

SERRA ABAIXO. Log. do Estado de Goyaz, no mun. do Curralinho.

SERRA AZUL. Bairro do Estado de S. Paulo, no mun. de S. Simão, com uma esc. creada pela Lei n. 732 de 26 de outubro de 1900.

SERRA BONITA. Log. no mun. de Castro e Estado do Paraná.

SERRA DE S. LUIZ GONZAGA. Dist. do mun. de Garanhuns, no Estado de Pernambuco.

SERRA DO CARREIRO. Log. do mun. do Limoeiro, no Estado de Pernambuco.

SERRA DO CONVENTO. Log. do Estado de Minas Geraes, no mun. de Ubá.

SERRA DO MEIO. Log. do Estado de Goyaz, no dist. de S. José de Mossamedes.

SERRA DOS MOTAS. Pov. do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Nova Friburgo, com escola.

SERRA GRANDE. Arraial do Estado de Sergipe, no termo de Itaporanga. (*Almanak Sergipano*. 1901).

SERRA GRANDE. Log. do Estado da Bahia, na com. de Ilhéos.

SERRA NEGRA. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Grajahú.

SERRA NEGRA. Log. no mun. de Castro e Estado do Paraná.

SERRA NEGRA. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do ribeirão do Taboão, trib. do rio Atibainha.

SERRA NEGRA. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha o dist. de Santa Quiteria e desagua no ribeirão da Cachoeira, affl. do rio Paraopeba.

SERRARIA. Pov. do Parahyba do Norte: Em logar de mun. de Bananeiras, leia-se — com. d'Arêa. Accrescente-se no fim: A Lei n. 80 de 13 de outubro de 1897 transferiu para ella a séde do termo de Pilões.

SERRARIA. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Jaboatão

SERRA VELHA. Log. do Estado da Bahia, no termo de Geremoabo.

SERRA VERDE. No Estado do Ceará. Accrescente-se no fim: Voltou a ter o nome de Massapé pela Lei n. 540 de 10 de agosto de 1899.

SERRA VERMELHA. Cambôa entre Mossoró e Arêa Branca, no Estado do R. G. do Norte.

SERRINHA. Dist. creado no mun. de Patos, no Estado do Parahyba do Norte, pela Lei n. 139 de 2 de agosto de 1899.

SERRINHA. Bairro do Estado de S. Paulo, no mun. do Ribeirão Preto, com duas escs. creadas pela Lei n. 732 de 26 de outubro de 1900.

SERRINHA. Arraial do mun. de Cravinhos e Estado de S. Paulo, com uma esc. mixta creada pela Lei n. 598 de 2 de maio de 1899.

SERRINHA. Rio do Estado de S. Paulo, nas divisas do dist. de Jaguary, da com. e mun. de Xiririca.

SERRINHA. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do ribeirão Arouca, trib. do Roque, que o é do Mogy-Guassú.

SERRO AZUL. Villa do Paraná. Em logar de villa, leia-se — cidade — e accrescente-se no fim: Foi elevada á cidade pela Lei n. 259 de 27 de dezembro de 1897.

SERRO FRIO. Log. do Estado do Rio de Janeiro, no 7º dist. do mun. de Macahé.

SERROTE. Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. do Rio Branco.

SERROTE REDONDO. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Cimbres e desagua na margem dir. do rio Ipojuca.

SERRO VERDE. Log. do Estado do Paraná, na com. da Lapa.

SERTÃO. Log. do Estado da Bahia, no dist. de Plataforma.

SERTÃO. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Bom Jardim.

SERTÃO. Ribeirão do Estado de Minas Geraes, banha o mun. de Palmyra e desagua no rio Pinho ou Piáu.

SERTÃO FUNDO. Log. do Estado do Paraná, no mun. do Serro Azul.

SERUDO. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. de Itacoatiara.

SESMARIA. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. de D. Silverio e mun. de Bom Fim.

SETE. Ribeirão do Estado de Santa Catharina, affl. do rio Capivary.

SETE FOGÕES. Rio do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Porto Feliz e desagua na margem dir. do rio Tieté. Recebe os corregos da Agua Fria e do Engenho d'Agua.

SETE ITAIPAVAS. Cachoeira no rio Mogy-Guassú, acima da corredeira Escaramuça, no Estado de S. Paulo.

SETE LAGÔAS. Ribeirão do Estado de Matto Grosso, affl. da margem dir. do rio Paranatinga, no dist. da Chapada.

SETE MUCAMBOS. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Nazareth.

SETE SALTOS. Pov. do Estado do Paraná, no mun. da Palmeira.

SETUBAL. Rio affl. da margem dir. do Sorocaba, no mun. de Una e Estado de S. Paulo.

SEVERINO. Riacho do Estado do Ceará, nas divisas do mun. de Itapipoca.

SILVA. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da cidade do Bom Fim.

SILVEIRA DA MOTTA. Nucleo colonial do Estado do Paraná, situado em terrenos municipaes, proximos á cidade de S. José dos Pinhaes. Conta 32 lotes, habitados (1901) por cerca de 150 italianos e brasileiros.

SILVERIO (D.). Foi assim denominado o dist. de Santa Cruz das Aguas Claras, no mun. do Bom Fim e Estado de Minas Geraes, pela Lei Municipal n. 72 de 27 de julho de 1901.

SILVERIO NERY. A Lei Municipal n. 38 de 18 de julho de 1901 transferiu para a pov. do Tabocal a séde do mun. de Urucurituba com o nome de Silverio Nery, no Estado do Amazonas. A Lei n. 346 de 21 de agosto de 1901 approvou a Lei n. 38; e a de n. 350 de 22 de agosto elevou Silverio Nery á categoria de villa.

SILVESTRE FERRAZ. Mun. creado no Estado de Minas Geraes pela Lei n. 319 de 16 de setembro de 1901, que o constituiu com os dists. do Carmo do Rio Verde, como séde com o nome de Villa do Silvestre Ferraz, e o de S. Lourenço, desmembrados do mun. da Christina.

SILVIANO. Passou assim a denominar-se o corrego do Leitão, que banha a cidade de Bello Horizonte, no Estado de Minas Geraes. Foi assim denominado em honra do Dr. Francisco Silviano de Almeida Brandão.

SIMÃO. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do Engordador, que o é do ribeirão Cabuçú, mais tarde Guapira, affl. do Tieté.

SIMÃO (S.). Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de S. Josê do Norte, com escola.

SIMÃO (S.). Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. de Aguas Virtuosas, na estrada que da villa deste nome vai ao dist. do Lambary.

SIMPLICIA. Paraná do Estado do Amazonas, no mun. de Itacoatiara.

SIPITAUIRA. Ilha na bahia de Mangunsa, mun. de Cururupú e Estado do Maranhão.

SIRI. Pov. do Estado das Alagôas, no mun. de Santa Luzia do Norte.

SIRIRY. Arraial do Estado de Sergipe, no termo de Siriry (*Almanak Sergipano.* 1901).

SITIÁ. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. da Labrea.

SITIO. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. de D. Silverio e mun. de Bom Fim.

SITIO DO MATTO. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. do Riachuelo (*Almanak Sergipano.* 1901).

SITIO DO MATTO. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, no Estado da Bahia. Fica naquelle rio, entre Urubú e Lapa e a 725 kils. distante do Joaseiro.

SITIO GRANDE. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do rio Sorocaba, que é trib. do Tieté.

SOALHO. Bairro do dist. de Santa Rita da Extrema no Estado de Minas Geraes.

SOARES. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. do Brumado do Paraopeba e mun. de Bom Fim.

SOARES. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. do Larangeiras, que o é do Juquiá.

SOBRADO. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. da Capella (*Almanak Sergipano.* 1901).

SOBRADO. Estação da Companhia de Navegação do Rio S. Francisco, no Estado da Bahia. Fica no rio Grande, a 624 kils. do Joaseiro, entre as estações de Macambira e Poço Redondo.

SOBRERO. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Tury-assú, sobre o rio deste nome. Tambem escrevem *Sobreiro.*

SOCCORRO. Ribeirão do Rio de Janeiro. Linhas 2, em logar de pov. do Bom Jardim — leia-se — mun. do Bom Jardim. Risque-se mun. de Cantagallo e accrescente-se no fim: Desagua no rio Grande na fazenda Soccorro.

SOCÓ. Log. no mun. da capital do Estado do Amazonas, banhado pelo rio Jahú.

SOCÓ. Serra do Estado de Pernambuco, na pov. de Alagoinhas.

SOCÓ. Cachoeira no rio Pomba, abaixo da estação do Guarany, no mun. do Pomba e Estado de Minas Geraes.

SOLAPO. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Almeirim.

SOLEDADE (S. José da). Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. de Silveiras, mun. do Pomba, com uma esc. municipal.

SOLEDADE. Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. do Pomba.

SOLEDADE. Dist. de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Foi incorporado ao mun. de Cachambú pela Lei n. 319 de 16 de setembro de 1901.

SOLIMÕES. Corr. *çoriman*, alt. *sorimão*, *solimão*, plural *solimões* (Cazal).

SOMBRIO. Pov. do Estado de Santa Catharina, no mun. de Araranguá, com escola.

SOMBRIO. Bairro e morro do Estado de Minas Geraes, no mun. da Palmyra.

SORDEIRO. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de Villa Nova (*Almanak Sergipano.* 1901).

SOROCABA. Corr. *çoroc-aba*, subs. verbal de *çorog*, rasgar, romper, ou o rasgão, a ruptura, allusão ás escavações e erosões naturaes do solo nesse logar; S. Paulo (Dr. Theodoro Sampaio). *Sorocaba*, corruptela de *Çorógc-aba*, logar rasgado. De *çoróg*, rasgar, romper, mudado o *g* em *c*, ou accrescentado este a aquelle, para formar o participio com *caba*, segundo a licção do padre Luiz Figueira, em sua *Obr.* cit. (Dr. J. M. d'Almeida).

SOROCABA. Pequeno rio que desagua no Mar Pequeno, no mun. de Iguape e Estado de S. Paulo.

SOROCABA. A's 3 horas da tarde do dia 14 de maio de 1898 deixei a cidade de S. Paulo e dirigi-me á cidade de Sorocaba, tomando ao lado da estação ingleza, na Luz, a estrada de ferro Sorocabana.

De S. Paulo até proximo á estação de Osasco a estrada percorre uma extensão toda margeada de casas. De Osasco até Sorocaba contém ella as estações de Buruery, Cotia, S. João, Pinheirinhos, S. Roque, na cidade deste nome, Mayrink, de onde segue o ramal que vae até S. Pedro, passando por Piracicaba e Itú, Pantojo, Rodovalho, com uma grande fabrica de cimento em construcção, Piragibú e Passa Tres. A talvez seis kilometros de distancia descortinei a illuminação da cidade, que logo desapparece pelas curvas da estrada.

A's 7 ½ da noite cheguei á estação de Sorocaba, onde tomei um carro, dos muitos que alli estacionam, e fui hospedar-me no hotel Vicente, o melhor da cidade.

Toda a região atravessada pela linha ferrea desde Osasco até Sorocaba é quasi inculta, notando-se apenas algumas plantações de milho.

Topographia. E' a cidade de um bonito aspecto, situada a O. da capital do Estado, da qual dista 111 kilometros, construida em amphitheatro, sobre uma collina de 30 a 40 metros de elevação sobre o nivel do rio Sorocaba, que a atravessa, muito sinuoso, tendo junto da cidade 530 metros de altitude.

De qualquer parte que o observador occupe vê desdobrarem-se deante de si os mais risonhos e encantadores panoramas.

Em virtude da collocação da cidade, as ruas são quasi todas em suave ladeira, rectas, largas e compridas na maior parte, estreitas outras e tortuosas muito poucas, todas muito limpas, macadamisadas, com sargetas de pedra e passeios calçados com pedras de Itú.

As casas são ainda na sua maior parte do systema antigo, mas vão sendo substituidas por predios modernos, contando já a cidade muitos de excellente e solida construcção e de bonita apparencia.

As praças são vastas e algumas arborisadas.

Une as duas partes da cidade uma ponte de ferro de 72 metros de extensão, de cinco vãos, e descansando sobre pilares e encontros de alvenaria de pedra.

A cidade não tem esgotos, nem agua canalisada, servindo-se a população da pessima agua do rio Sorocaba ou da que é vendida nas ruas em carrocinhas, que a vão buscar á chacara do finado Francisco Ferreira Leão.

E' a cidade illuminada a kerozene, mas se-lo-á brevemente á luz electrica, para o que já se acham assentes os postes e collocados nelles os fios conductores e as lampadas.

Pena é que Sorocaba seja uma cidade triste e de vida tão monotona; ha pouco movimento nas ruas e as familias vivem em um retrahimento que contrista.

Entretanto o povo é bom, generoso e hospitaleiro. Delle conservo as mais gratas recordações.

Possue Sorocaba o edificio da Camara Municipal, as egrejas Matriz, do Rosario, S. Benedicto, Santo Antonio, Santa Cruz, o mosteiro de S. Bento, o Recolhimento de Santa Clara, um grupo escolar, tres fabricas de fiação, uma de estamparia no Votorantim, uma a vapor de calçado, tres de chapéos, cinco de cerveja, cinco de moveis, tres typographias, um banco, duas fabricas de velas, uma de louça, tres de fogos, duas de sabão, cinco de massa, uma de sellins, uma de carroças, duas de carros, quatro officinas de alfaiate, nove de ferreiro, tres de latoeiro, seis barbeiros, nove padarias, 25 botequins, 129 casas de seccos e molhados, 19 sapatarias, 15 açougues, uma photographia, quatro refinações de assucar, tres ourives, 19 lojas de fazendas, quatro pharmacias, tres ferradores, seis estabelecimentos mixtos de molhados e fazendas, dous armadores, oito casas de generos alimenticios, cinco lojas de ferragens, tres depositos de madeiras, dous marmoristas, tres marceneiros, dous vidraceiros, dous relojoeiros, dous bilhares com botequim, tres casas de couros e arreios, uma serraria de madeira a vapor, uma loja de roupas feitas, duas olarias, quatro restaurantes e tres hoteis, sendo o mais importante, pela fina sociedade que recebe, o Vicente.

Tem ainda a cidade 1.770 predios, quatro medicos e tres advogados, duas lojas maçonicas, a Quinze de Novembro e a Perseverança Terceira. Possue ainda o theatro S. Raphael, em ruinas, e duas sociedades recreativas, o Club dos Aymorés e o Club União, ambas com bilhares e diversos jogos licitos e muito frequentadas.

A cidade é banhada pelos rios Sorocaba e Supiriry e pelos corregos Itararé, Tavacahy e Itabacahy.

Tem a cidade agencia de correio, e, além do telegrapho da Sorocabana, mais o estadual, que a põe em communicação com diversas cidades do Estado.

Ruas. Tem a cidade actualmente 54 ruas, umas situadas á margem esquerda e outras á direita do rio Sorocaba.

A mais comprida é a Floriano Peixoto, antiga rua da Penha, tendo 900 metros de extensão, com largura irregular, recta e em ladeira. Começa na rua das Flores e termina na Coronel Moreira Cesar.

Seguem-se as ruas Direita, S. Bento, com a Camara e o recolhimento de Santa Clara; Commercio, antiga Cadeia; Ponte, Rosario, antiga Commercio, e Passagem das Tropas; Flores, com o Grupo Escolar; Coronel Tamarindo, antiga Sete de Setembro; Intendencia, Dr. Piza Guimarães, ruas recem-abertas e situadas na Villa Guimarães; Prazeres, Padre Luiz, antiga Rosario e depois Municipal; General Carneiro, antiga Serrado; Memoria, Ypiranga, antiga dos Pinheiros; Treze de Maio, antiga do Z, pela fórma que tem; Santa Gertrudes, Coronel Moreira Cesar, antiga Independencia; Cesario Motta, antiga Esperança; Jacurupava, Violas, Alegre, Redempção, antiga S. Francisco; Rica, com uma bica, de S. Bento, que fornecia agua á população; Santa Clara, Boa Vista, Coronel Cavalleiros, antiga Nova Constituição; Santa Cruz, com a capella do mesmo nome e o Asylo de S. Vicente de Paulo; Itararé, Brigadeiro Raphael Tobias, antigo becco do Theatro; Conselho, Matriz, Santo Antonio, com a fabrica de tecidos Nossa Senhora da Ponte; Hospital, Estação, Piques, Cemiterio, Ipanema, Bom Jesus, com a Capella de S. Benedicto; Aldeia, Liberdade, Supiriry, Margem, S. Paulo, antiga Contagem das Tropas; Aurora, Boa Morte, com uma egreja em construcção; Morros, Carmelitas, Votorantum, Santa Maria, com a fabrica de tecidos deste nome; Olaria, José Manoel, Quitanda, antiga Amargura.

Beccos e Travessas. Inferno, da Via Sacra, S. Benedicto, S. Francisco, Iporanga, Equador, Tanque, Porto dos Cavallos, da Matriz e travessa do Bom Jesus.

Largos. Matriz, com um chafariz no centro e dos lados a matriz e os bellos predios do Sr. Antonio Xavier de Araujo, o primeiro predio da cidade, e o do Sr. Francisco Grandino; Santa Cruz, de S. Bento, com a egreja e o convento de S. Bento; Frei Barauna, com o jardim publico; Independencia, Santo Antonio, Municipal, Santa Gertrudes, Rosario, com a egreja deste nome e uma importante fabrica de calçados; Boa Morte, Santa Cruz, Assunguy, Supiriry e Cemiterio.

Egrejas. *Matriz.* A Matriz fica situada no largo do seu nome e ao lado do Gabinete de Leitura Sorocabense.

E' um templo grande, sem belleza no seu exterior. Tem quatro janellas, uma unica porta de entrada e acima do entablamento dous triangulos, um menor e outro maior, tendo no vertice deste uma cruz.

Possue uma torre á esquerda e abaixo della um mostrador e uma janella.

O seu interior é simples, as paredes despidas de ornatos, os pulpitos e as tribunas sem gosto artistico; em compensação, porém, os altares possuem obras de talha bonitas e douradas e as imagens honram ao esculptor que as esculpiu.

Tem a capella-mór, com quatro tribunas, duas das quaes fingidas, um rico altar com a Senhora da Ponte, padroeira, no centro, tendo á direita S. João e á esquerda S. Roque. Perto do arco cruzeiro pende uma lampada de prata.

No corpo da egreja ha oito tribunas, dous pulpitos, 14 quadros da Via-Sacra e seis altares: nos da direita, em um com a Senhora do Rosario, no centro, e aos lados S. Domingos e Santa Isabel; em outro o Senhor do Bomfim, com S. Fran-

cisco em adoração; em outro S. José; nos da esquerda, em um o Coração de Jesus, tendo em baixo S. Luiz Gonzaga, á direita S. Miguel e á esquerda S. Vicente de Paula; em outro, Nossa Senhora das Dores e Santa Rosa, e em outro, finalmente, o Senhor dos Passos e S. Sebastião.

No consistorio, que fica á esquerda da egreja, ha um altar com um nicho, e nelle o Sagrado Coração de Jesus, o Senhor na prisão, Nossa Senhora das Dôres e o Senhor Resuscitado. Abaixo do altar fica o Santo Sepulchro com o Senhor Morto.

A sacristia, que fica á direita da egreja, possue um retabulo da Conceição e aos lados S. Francisco de Assis e S. Francisco de Paula.

Consultámos o livro do tombo da Matriz, o qual tem a data de 1747, constando delle que a freguezia foi creada em 1646 e erecta canonicamente em 20 de janeiro de 1797.

Egreja do Rosario. Fica situada na praça do seu nome e contigua ao Collegio Diocesano, a que pertence.

E' um templo pauperrimo e feio, tanto no interior como no exterior.

Tem na frente cinco janellas e uma velha e pouco decente porta de entrada. Na ultima janella do lado direito ficam dous pequenos sinos.

Tem tres altares, um com a Senhora do Rosario, que occupa o altár-mór, e mais dous collateraes, com a Sacra-Familia e Nossa Senhora da Graça.

Capella do Bom Jesus ou S. Benedicto. Na esquina das ruas do Bom Jesus e das Flores.

E' um templo sem gosto nem belleza, tem tres janellas, a porta da entrada e um altar com as imagens do Senhor Bom Jesus e de S. Benedicto.

Seu interior é decente. Estão construindo ao lado uma torre.

Recolhimento de Santa Clara. Na rua de S. Bento, esquina da do Padre Luiz e defronte da de Santa Clara.

Começou em 1811, no edificio que actualmente occupa, ao lado da egreja de Nossa Senhora do Rosario, doado pelo capitão Salvador de Oliveira Lima, sob condição de terem nelle jazigo os seus descendentes.

Foram fundadores do recolhimento D. Manoela de Santa Clara e sua irmã D. Rita de Santa Ignez, naturaes de Sorocaba, que se acham sepultadas nesse mesmo recolhimento, tendo D. Manoela fallecido a 31 de maio de 1833 e D. Rita a 9 de setembro de 1842.

Começou com seis educandas, o que foi autorizado por alvará de D. João VI, de 22 de junho de 1810. Tem actualmente 30 freiras.

O recolhimento é pauperrimo, mantendo-se com o aluguel de algumas casas, que produzem a renda mensal de 700$ a 800$000.

A egreja annexa ao recolhimento é um templo por demais pobre: tem a capella-mór com quatro tribunas fingidas e um altar com o Santissimo Coração de Jesus no throno; abaixo Nossa Senhora do Rosario e aos lados Santa Clara e S. Francisco de Assis.

No corpo da egreja ficam: um pulpito, dous altares com o Senhor Bom Jesus e Nossa Senhora do Carmo, e o côro das freiras. Do lado do Evangelho ficam o confissionario e a sacristia.

Nos fundos da egreja existe um deposito de ossos e 14 jazigos, acima dos quaes ha uma pedra marmore com a inscripção seguinte: « 1886. *Estes carneiros foram edificados sendo regente a Madre Dona Ignacia da Trindade e syndico Joaquim de Almeida Pedroso* ».

Mosteiro de S. Bento. No largo do mesmo nome. E' um edificio gasto pelos annos e sem o menor gosto esthetico.

Tem quatro cellas em cada um dos dous pavimentos, desoccupadas actualmente, pois o convento está abandonado.

A egreja fica á esquerda do convento; tem na frente tres janellas e a porta da entrada. A torre fica á esquerda e tem dous sinos.

O seu interior nada offerece de notavel.

Possue a capella-mór com um altar, em que se acham as imagens de Sant'Anna no centro e São Bento e Santa Escholastica aos lados.

No corpo da egreja ha dous pulpitos e dous altares, um com Santa Gertrudes e outro com a Senhora do Pilar.

Ao lado da capella-mór fica a sacristia, onde se acha a sepultura do P. M. Prégador Fr. Vicente da Conceição Rocha, fallecido a 18 de fevereiro de 1882.

Capella de Santo Antonio. Fica no largo do mesmo nome.

E' um templo de feio aspecto e de pobre ornamentação.

Tem na frente duas janellas e a porta de entrada.

Possue a capella-mór com duas tribunas fingidas e um altar com Santo Antonio, S. Joaquim e Nossa Senhora da Conceição.

No corpo da egreja ficam dous altares com o Senhor do Bomfim e Nossa Senhora da Boa Morte.

Ao lado direito da capella-mór existe a sacristia.

Capella de Santa Cruz. Fica no largo de seu nome, no fim da rua Itararé e ao lado da rua de Santa Cruz.

E' um templo velho, acaçapado, com as paredes ennegrecidas e com um interior bastante lugubre; foi reconstruido em 1877.

Tem na frente duas janellas e a porta de entrada e ao lado uma janella com tres sinos e uma porta.

Possue o altar-mór com um pequeno quadro de S. Vicente de Paulo no centro e Nossa Senhora das Dores e S. José aos lados.

No corpo da egreja ha dous altares, com o Senhor Bom Jesus e Nossa Senhora do Carmo.

Ao lado direito da capella-mór existe a sacristia, que é um pardieiro; o tecto não é forrado, nem o chão assoalhado.

Na frente da capella-mór fica um cruzeiro e nos fundos, e na rua de Santa Cruz, o Asylo de S. Vicente de Paulo, ainda em construcção.

Camara Municipal. A Camara Municipal funccionava antigamente na rua da Cadeia, hoje do Commercio, no predio que é actualmente occupado pela Loja Maçonica Perseverança Terceira, tendo-se mudado para o predio actual, na rua de S. Bento, a 26 de julho de 1862.

Occupa um predio velho, sem gosto artistico, modestamente mobiliado e sem as precisas accommodações. Nelle funccionam todas as repartições municipaes e o Jury, sendo a parte terrea occupada pela cadeia.

No pavimento superior, á direita, existe a sala das sessões com um retrato do Marechal Floriano Peixoto e o Archivo, onde se acha um oratorio com a imagem de S. Jorge; no centro a Collectoria e á esquerda a sala do Jury e a em que dão audiencia os Juizes.

O rendimento da Camara é annualmente de 150:000$000

Gabinete de Leitura Sorocabano. Está estabelecida esta importante instituição litteraria em um predio proprio na praça da Matriz, esquina da rua de S. Bento.

Foi fundado a 13 de janeiro de 1867.

Dispõe de cinco salas, todas mobiliadas com gosto, estantes, mesas de leitura e os mais accessorios indispensaveis a uma boa bibliotheca.

Das paredes pendem diversos mappas geographicos, quadros de historia natural e retratos, entre os quaes o de D. Pedro II, do Marechal Floriano, de Sadi-Carnot e o de Maylasky, um dos fundadores do Gabinete.

Possue cinco mil volumes encadernados e mil e duzentos em brochura, todos de obras escolhidas.

O Gabinete dispõe de um fundo de 52:000$ e tem uma renda mensal, producto da contribuição dos socios, de 400$000.

Ao lado esquerdo funcciona o Club dos Aymorés.

Mercado. Fica no largo de Santo Antonio, entre as ruas deste nome e do Padre Luiz.

Consta de um telheiro, circumdado por diversos estabelecimentos commerciaes.

Abaixo do telheiro ha 17 taboleiros com aves domesticas, verduras, fructas e outros productos da pequena lavoura.

Estação da Estrada de Ferro. E' um edificio regular, de nove janellas no segundo pavimento e seis portas e duas janellas no primeiro.

No pavimento terreo funccionam, á esquerda, o telegrapho, á direita um restaurante, ficando no centro a entrada e sahida dos passageiros e a bilheteria.

No andar superior ficam os escriptorios.

A' esquerda da estação fica um vasto armazem para recebimento das mercadorias; á direita, as officinas de reparação das machinas e na frente, entre a linha ferrea e a estação, uma serraria.

Cemiterio. Fica desviado da cidade, bem localizado no alto do Piques.

Foi construido em 1862.

E' todo murado, bastante grande, muito limpo e com bonitos mausoléos.

Tem uma capella com um altar de Nossa Senhora da Piedade.

No alto do portão da entrada occorre a seguinte inscripção:

Dormiunt

et requiescant in pace Domini

Do logar em que está situado avista-se a cidade por inteiro.

O antigo cemiterio era ao lado do mosteiro de S. Bento, tendo sido bento a 4 de fevereiro de 1826.

Jardim Municipal. Occupa uma grande área, comprehendida entre as ruas Alegre, Santa Gertrudes e Cesario Motta e uma travessa.

E' todo gradeado de ferro; tem quatro entradas e no centro um elegante pavilhão com um coreto para musica.

Está zelosamente tratado.

Possue bellas ruas plantadas de magnolias e outras arvores e bonitos canteiros, onde vicejam odorantes flores.

A um dos lados, na rua de Santa Gertrudes, fica a capellinha de S. João.

Chacara da Saude. Essa chacara, uma das mais apraziveis vivendas de Sorocaba, é propriedade do Dr. Nicoláo Vergueiro.

Nella existe um parreiral com 40.000 cepas, occupando uma área de oito alqueires.

A plantação foi iniciada em 1888, com muitas qualidades de uvas européas e americanas. A experiencia, porém, demonstrou serem mais apropriadas ao clima da cidade duas qualidades de uvas americanas, a Norton's Virginia e a Blak July, ambas introduzidas, ha mais de 30 annos, no Estado de S. Paulo, pelo fallecido Sr. Fogg.

Por emquanto só a terça parte do parreiral está produzindo e permitte o calculo de uma pipa de 500 litros por 250 pés.

Os vinhos produzidos são o Sangue Paulista e o Caboclo, que são muito saborosos, podendo rivalisar com os melhores que importamos da Europa.

Imprensa. O primeiro jornal que se publicou em Sorocaba foi o *Cometa*, cujo primeiro numero appareceu a 8 de fevereiro de 1852. Seguiram-se depois o *Defensor*, em 1852; o *Monitor*, em 1856; o *Araçoyaba*, em 1866; o *Sorocabano*, em 1870; o *Americano*, em 1871; o *Sorocaba*, em 1872; o *Ipanema*, em 1872; a *Gazeta Commercial*, em 1874; a *Voz do Povo*, em 1875; o *Colombo*, em 1876; a *Gazeta de Sorocaba*, em 1878; o *Diario de Sorocaba*, em 1880; o *Alfinete*, em 1891; a *Voz do Povo*, em 1892, e o *Quinze de Novembro*, em 1893.

Além desses jornaes, appareceram outros, cuja existencia foi ephemera.

Instrucção. Além do Grupo Escolar Antonio Padilha, que funcciona na rua das Flores, esquina da rua Raphael Tobias, mantém mais o Estado uma aula nocturna, que funcciona no Grupo Escolar, e escolas nos bairros do Cerrado, Jundiaquara, Sarapuhy e Votorantim.

Ha na cidade diversos collegios particulares, o Collegio Diocesano e uma aula nocturna, mantida pela loja maçonica Perseverança Terceira.

População. A população da cidade é de 11 a 12.000 habitantes e a do municipio de 20.000.

Ha na cidade cêrca de 2.000 italianos.

A população é pacifica, ordeira e amante do trabalho.

As familias occupam-se em fabricar redes e objectos proprios para montaria. A classe proletaria emprega-se nas fabricas.

Sorocaba é uma cidade pobre; rarissimas são as fortunas que nella se encontram, e essas mesmo pequenas.

Fabricas de Fiação e Tecelagem. A cidade tem tres fabricas de fiação e tecelagem: a de Santa Rosalia, a de Santa Maria e a de N. S. da Ponte.

Santa Rosalia. Esta fabrica, de propriedade do Sr. Francisco de Paula Mayrink, esta situada em um *plateau* e occupa um vasto edificio, á margem do rio Sorocaba e da estrada de ferro Sorocabana, a pouco mais de um kilometro da cidade e com a frente voltada para o nascente.

Tem o edificio 201 metros de frente e 150 de fundos.

Dispõe de diversas officinas, entre as quaes uma para concertar os objectos da fabrica, uma com um dynamo da força de 25 cavallos e que serve para tocar a bomba electrica que conduz a agua do rio para um grande tanque, com tres e meio metros de profundidade e existente na frente da fabrica, sendo a differença do nivel entre o rio e o tanque de 28 pés inglezes.

Move a fabrica um motor de 650 cavallos, devendo, quando a fabrica contiver mil teares, para o que já se acha apparelhada com todos os elementos, ter uma força de 1.300 cavallos.

A fabrica de fiação funcciona á direita do edificio.

O algodão, recebido em fardos, é conduzido para o picador, e depois levado para os batedores, de onde passa para as cardas.

E' maravilhoso o mecanismo das cardas. Recebe o algodão em rolo, o qual entra para um *callender* transformado em fios tão tenues, que parecem flocos de neve. Do *callender* sahe um fio para as *puxadas*, que preparam o algodão, dando-lhe maior consistencia; dahi passa para diversas machinas com carreteis que vão tornando o algodão cada vez mais fino; depois para machinas continuas, depois para a urdidura, para o engommador e dahi finalmente para os teares.

A fabrica acha-se perfeitamente montada com os mais aperfeiçoados machinismos e deve, quando ficar concluida, ser uma das primeiras do Brazil.

Santa Maria. Consta de um edificio rectangular construido de tijolos e alicerces de granito, com superstructura de madeiras duras do paiz e coberto de telhas nacionaes, tendo uma superficie de 3.150 metros quadrados, dividido em cinco compartimentos, formando uma sala de tecelagem, uma para a urdição, uma para fiação e cardas, uma para a machina a vapor e outra para as caldeiras ou geradores.

A superficie dos terrenos pertencentes ao estabelecimento é de 3.150 metros quadrados, occupados pelo edificio, e mais 68.850 metros quadrados, que o circundam.

Um ramal ferreo particular liga a frente do edificio com a via-ferrea Votorantim e com a estação da Sorocabana.

O motor geral da fabrica consta de uma machina a vapor de expansão e condensação, com um cylindro de 23 pollegadas de diametro e 48 de percurso, volante de 18 pés, com jabres para receber nove cabos de pollegada e tres quartos de diametro, construido para desenvolver uma força de 250 cavallos effectivos, com pressão de 100 libras.

Uma caldeira de aço, de 28 pés de comprimento por sete de diametro, typo Cornewall, alimenta a machina com vapor, havendo logar para montar uma segunda caldeira egual, ou mesmo uma terceira.

Uma chaminé de 30 metros de altura, construida de tijolos, com o competente para-raios, faz a tiragem necessaria.

Possue mais o estabelecimento um motor electrico de 12 cavallos, que manobra á distancia de 150 metros as bombas que supprem com agua do rio Sorocaba.

Um tanque de ferro, da capacidade de 50.000 litros, domina, pela sua elevação, a summidade do edificio, distribuindo agua para os differentes mistéres.

Para fabricação de tecidos do typo *Busto* o edificio tem dimensões para conter 150 teares com fiação e cardas correspondentes.

O estabelecimento contém actualmente 110 teares mecanicos e todas as machinas necessarias para o preparo do fio em *espulas*, carreteis e urdição. Possue uma esplendida machina de engommar o fio, machinas de dobrar e medir a fazenda, machina de preparar as peças, prensa para apparelhamento e prensa hydraulica para o enfardamento; torno mecanico e officina completa para concertos em edificio separado.

As transmissões são todas de aço polido, em mancaes de bronze e lubrificadores automaticos.

O combustivel empregado é a lenha.

São proprietarios dessa fabrica Marchisio, Lourciro Silverio & C.

Nossa Senhora da Ponte. Fica situada no fim da rua Santo Antonio, junto ao corrego Supiriry.

Foi fundada em 1881, começando a funccionar no anno seguinte. Teve em seu principio 15 teares, constando actualmente de 75.

E' seu fundador e proprietario o Sr. Manoel José da Fonseca.

Consta de um edificio quadrangular, construido de tijolos e alicerces de granito, coberto de telhas nacionaes, dividido em seis compartimentos para deposito de algodão em caroço e em rama, com machinas para descaroçar, machinas de fiação, engommagem, tecelagem e enfardamento.

A fiação consta de um abridor vertical, dous batedores, quatorze cardas, oito machinas preparadeiras, seis bancas de carreteis e uma *mulla* de seiscentos fusos. Essas machinas podem fazer fios desde o n. 1 até 20.

Possue ainda a fiação uma machina dobadoura para fios de coser e uma outra para fios brancos, duas bancas para preparar *espulas*, um engommador e uma machina automatica com dous agitadores para o preparo da gomma e alimentação do engommador.

Na tecelagem ha duas machinas urdideiras, 60 teares mecanicos simples, um para tecido duplo e 14 com diversas lançadeiras para tecidos de xadrez.

A secção do enfardamento consta de uma machina telisadora para alisar o panno, duas outras para dobrar e medir, uma outra para enrolar o tecido em peças e uma prensa hydraulica para fabricação de fardos.

Em edificio separado funccionam a tinturaria e suas dependencias.

Na tinturaria encontram-se um deposito de drogas, tanques de ferro para cozer o fio, outros de ferro e madeira para tingir, aquecidos a vapor; turbina centrifuga para enxugar o fio e uma estufa a vapor, esta no segundo plano do edificio, tendo annexo o deposito de fios tintos.

O motor da fabrica consta de uma machina a vapor de 200 cavallos, systema Corliss, uma caldeira de 30 pés de comprimento por sete de diametro, trabalhando até a pressão de 100 libras, com fornalhas apropriadas para carvão ou lenha, sendo o combustivel empregado lenha e sementes de algodão; uma outra caldeira de 14 cavallos, para fornecer vapor para a tinturaria e o engommador; dous motores verticaes da força de seis cavallos para accionar independentemente o engommador e a officina mecanica.

O movimento principal é transmittido por meio de uma roda volante, de 100 pés de diametro com *jabres* e sete cabos de duas pollegadas de diametro cada um.

A officina mecanica compõe-se de um torno mecanico, uma machina de aplainar horizontalmente e uma outra para aplainar verticalmente; duas machinas de broquear, uma de afiar serras e uma pequena fundição para metaes.

Toda a agua é extrahida de um poço por meio de uma bomba a vapor, que a transporta para um reservatorio, que tem a capacidade de 30.000 litros.

O pessoal effectivo da fabrica é de 150 operarios.

Seus productos são vendidos no Rio de Janeiro e S. Paulo.

A fabrica produz diariamente uma média de 5.000 metros, sendo riscados grossos e xadrezes, fabricados com o fio n. 6.

E' ligada á estação central da Sorocabana por uma chave a 400 metros de distancia.

Estamparia de Chitas Votorantim. Acha-se essa estamparia de chitas a sete kilometros ao S. da cidade, á margem do rio Sorocaba, junto á cachoeira Votorantim.

Occupa uma área coberta de 6.400 metros quadrados, tendo um corpo central, com duas alas lateraes.

Logo á entrada se depara com um grande salão onde se encontra o deposito de panno, que tem de ser estampado, depois de alvejado.

Mecanicamente, como a maioria das operações effectuadas nessa fabrica, passa esse panno para um outro compartimento, onde soffre a sua primeira operação, que consiste em destituil-o de todas as felpas, o que se consegue sujeitando-o á uma rapida passagem por uma chapa de cobre incandescente.

Para evitar o ser elle então incinerado nessa chapa de cobre, passa para uma cuba de agua; um systema de escovas completa essa primeira operação.

Para destruir qualquer materia organica que porventura possa esse panno conter, é elle sujeito em seguida a um banho, em que entra potassa caustica, em solução a 4%; um systema de lavadores mecanicos completa o seu alvejamento. Mecanicamente é levado a uma machina de seccar, que o entrega em grandes rolos, perfeitamente seccos e aptos para receberem a impressão.

Consiste essa machina de seccar em um grande numero de cylindros de cobre, dispostos como laminadores, que são envolvidos pelo panno em sua passagem. Esses cylindros são aquecidos por vapor de agua.

Como muitas vezes uma ou outra felpa deixa de ser incinerada na rapida passagem do panno pela chapa de cobre incandescente (1ª operação) e como a sua permanencia destruiria a nitidez da impressão, antes de soffrer elle essa operação, passa por um systema de facas e depois de escovas, que destroem tudo quanto de inutil elle ainda mantenha.

Todas essas operações são effectuadas nos compartimentos da ala esquerda de quem entra no edificio.

No corpo central, primeiro pavimento, encontram-se as estamparias, que nessa fabrica são cinco, e mais uma para lenços, um grande deposito de rolos de impressão e a sala de preparo de tintas.

Alojado o panno, elle é levado á estamparia, que, por meio de cylindros de cobre, em que se acha o padrão que se deseja, é transformado em chita, desde duas até oito côres. Da estamparia passa immedidatamente para uma estufa, que tambem é aquecida por vapor de agua, para effectuar a secca da tinta, e dahi para o grande deposito do segundo pavimento, salão de 60 metros por 20.

Não sendo fixa ainda essa côr, de novo entra elle em uma estufa, cuja temperatura é de 97° centigrados, onde permanece algumas horas, o que produz como resultado a completa fixação da côr.

Nesse segundo pavimento encontra-se tambem a sala dos rolos de cobre para a impressão.

Retirado o panno estampado da ultima estufa, como em seu movimento constante pudesse receber alguma sujidade, é elle novamente sujeito a grandes lavagens de agua fria e quente e com potassa.

Si o mercado consumidor não exigisse uma série de operações que só tem por fim dar melhor aspecto ao producto, da operação de lavagem poderia ser elle enviado ao mercado; mas para satisfazer a essa ultima exigencia, passa por engommadores e lustradores, sendo depois dobrado e enfardado; operações essas que se dão na ala direita.

As lavagens que soffrem as chitas, depois de estampadas, lavagens essas impossiveis de ser effectuadas com tanto rigor em uma casa de familia, demonstram a completa fixidez nas côres recebidas.

Aproveita a fabrica parte da grande força que se encontra no rio Sorocaba, junto á cahoeira do Votorantim.

O movimento das suas machinas é dado por uma turbina de 350 cavallos.

Na fabrica encontra-se uma pequena officina mecanica, que perfeitamente satisfaz os concertos por estrago de qualquer de seus machinismos.

Para edificação da fabrica teve o Banco União de S. Paulo de construir uma olaria, e como os productos obtidos fossem superiores aos communs do mercado, montou essa olaria em maior escala e hoje ainda os explora, com o fabrico de telhas, typo Marseille, obtendo productos muito reputados nesse Estado, como attesta a sua procura.

A capacidade dos mecanismos dessa olaria é para 6.000 telhas diarias e 12.000 tijolos.

A fabrica é servida pela via ferrea Votorantim, para o transporte de seus productos.

Fabricas de Chapeos. Ha na cidade tres fabricas de chapéos, das quaes a mais importante é a de Pereira Villela, situada no largo do Rosario e que fabrica diariamente 600 chapéos.

Dispõe dos mais aperfeiçoados machinismos para fabrico de chapéos de lã, de lebre e castor, occupando 100 operarios.

As outras duas fabricas estão localizadas, uma na rua da Ponte e a outra na rua do Commercio.

Fabricas de Moveis Tem cinco fabricas de moveis.

E' mais importante a do Sr. Germano Petzola, na rua de S. Bento.

Funcciona em uma casa modesta e fabrica artefactos de madeira de tanto gosto como os da Capital Federal, sinão superiores.

Na visita que fiz á essa fabrica vi camas, *étagères*, guarda-vestidos, escrivaninhas dos mais ricos lavores e da maior belleza.

E' um fabricante que honra a cidade de Sorocaba.

Fabrica de Calçado. A unica fabrica a vapor de calçado é a dos Srs. Francisco Grandini & C., situada no largo da Matriz.

Funcciona em um dos mais bonitos predios da cidade.

Fabrica diariamente 150 pares de sapatos.

Fazenda Itupararanga. Pertence esta fazenda, cuja área é de 675 alqueires de terras, ao Banco União de S. Paulo, e nella são explorados os seus calcareos para o fabrico de cal e preparo de pedras para mobilias, ornamentações, monumentos e architectura.

Actualmente funccionam em Itupararanga tres fornos contiguos de capacidade de 10 toneladas cada um de cal extincta, ou cinco de virgem para a queima da cal, achando-se em construcção outros fornos.

Não exigindo a extracção do calcareo grande trabalho, por achar-se á flor da terra, torna-se extraordinariamente remuneradora a exploração dessa industria.

Sendo o calcareo de Itupararanga um carbonato de calcium saccaroide, e encontrando-se variedades de côres, todas ellas recebendo facil e duradouro polimento, foi nessa fazenda montada uma serraria para o córte e outros machinismos para o preparo dos seus marmores.

As jazidas mais abundantes são de marmores brancos e negros, encontrando-se tambem negros com pequenos filetes brancos, negros com pontos brancos, negros-brancos e roseos, negros e roseos, brancos e roseos, brancos com manchas azuladas, cinzentos, etc.

Contém actualmente as serrarias de pedras os seguintes apparelhos: tres serras de caixilhos capazes de receberem blocos de $3^m,8$ por $1.2+1.5$; um grande torno, um pollidor e um pequeno para balaustre, duas plainas e um polidor universal para o preparo do marmore; uma serra circular e duas pequenas talhadeiras de ardosia, além de pequenos apparelhos para preparo de facas e de outros ferros que cortam o marmore.

Está o Banco em trabalhos para o augmento de mais tres serras em caixilhos.

E' esse estabelecimento illuminado pela electricidade para o trabalho durante a noite.

Uma turbina da força de cem cavallos põe os diversos machinismos em movimento.

Ultimamente os productos da serraria de pedra do Itupararanga têm tido alguma extracção; grande numero de ladrilhos já tem sido exportado, algumas escadas já têm dahi sahido e para a architectura está em execução todo o embasamento de um grande edificio na cidade de Santos. Para monumentos funebres tem sido empregado, dando solenne aspecto, o marmore negro.

Grandes jazidas de ardosias, encontrando-se tambem na fazenda do Itupararanga, são reduzidas em ladrilhos que têm obtido grande procura para terreiros de café e passeio de ruas.

Encontra-se tambem nessa fazenda, mas ainda não aproveitado, o grande salto, na distancia de 200 metros, offerecendo uma differença de nivel de um metro e sendo a quéda principal de 57 metros.

O Salto de Itupararanga. Reside em Itupararanga um cidadão verdadeiramente notavel pela elevação de talento, robustez da illustração e pelos dotes moraes que ornam o seu caracter e o seu coração.

E' o Dr. Calixto de Paula Souza, moço ainda, pois conta 39 annos, distincto engenheiro encarregado da exploração das ricas jazidas no Itupararanga e presidente da Camara Municipal, em cujo cargo tem se salientado pelos muitos melhoramentos que ha feito em beneficio da cidade.

Em companhia desse illustre cavalheiro dirigi-me a visitar o importante salto.

A estrada de ferro de Votorantim vae sómente até ás jazidas de marmore. Dahi por deante faz-se a viagem a cavallo.

Não é facil imaginar as difficuldades dos caminhos por um trilho estreitissimo, muito irregular, cheio de lajões de granito, espinhos, com troncos de arvores atravessados de permeio e ensombrado de ambos os lados por florestas colossaes, tendo as arvores adherentes ao tronco raras e lindas parasitas.

Por vezes tive impetos de regressar, tal a aspereza do caminho, mas o Dr. Paula Souza animava-me a proseguir, garantindo-me que o salto ficava bem proximo.

A muitos metros distante já se ouvia um rumor, que se ia avolumando á proporção que nos iamos approximando da famosa quéda.

De subito surge, deante de nós, colerico, enraivecido, imponente, o salto de Itupararanga. Um grito de admiração irrompeu espontaneamente dos meus labios.

O Sorocaba ao atravessar a serra precipita-se em profundissima grota, talhada no granito, onde as aguas se premam e contorcem, em enorme vortice, cabindo sobre pedras artisticamente buriladas e cobrindo-as de brancas espumas aureoladas de tenues vapores.

E' impossivel imaginar scena mais grandiosa da que então eu contemplava.

A agua, precipitando-se por uma só quéda de 56 metros de altura, com enorme estampido, para depois formar um segundo salto de 18 metros e logo após constituindo pequenas corredeiras, é de um magestoso effeito.

Acha-se perdido esse salto no meio de mattas e entre medonhos despenhadeiros e quasi inaccessivel pelas agruras do caminho.

Bairros do municipio. Agua Vermelha, Itapeva, Itupararanga, Cerrado, Salto, Ipanema das Pedras, de cima e do meio, Jacurupava, Inhambirú, Sarapuy, Jundiaquara, Rio Acima, Votorantim, Morros, Cubatão, Arvore Grande, Boa Vista, Passa Tres, Caputera, Inhoayva, Apparecida, Piragibú, Piragibú de Baixo, Cajurú, Terra Vermelha, Itajurú, onde Balthazar Fernandes lançou os fundamentos da povoação, Indaiatuba, Itanguá, Villeta, com uma estação da estrada de ferro, Cagiré, Lavras Velhas, Olaria, Vossoroca, Santo Antonio, Avecuia, Ipatinga, Caguassú, Ilha e Salto do Pirapora.

Nesses bairros existem quatro serrarias de madeiras, uma olaria a vapor, uma serraria de marmores a vapor, oito olarias simples, 18 fornos de cal, sendo tres continuos, 15 fabricas de aguardente e 58 negocios de fazendas, seccos e molhados.

Desses bairros têm capella o Cerrado, a Apparecida, Piragibú de Cima, Cajurú, Inhoayva, Caputera, Nossa Senhora dos Remedios, Itapeva, S. Francisco, Indaiatuba, Santa Rita, e Passa Tres.

Estradas de ferro. *Sorocabana.* Atravessa a cidade, tem ahi as suas officinas e uma estação situada entre a de Passa Tres e de Villeta.

Via Ferrea Votorantim. A necessidade que tinha o Banco União de S. Paulo de dar facil e rapida sahida aos productos de sua fabrica em Votorantim e aos das industrias exploradas na Fazenda Itupararanga, obrigou-o a construir essa via ferrea de bitola de $0^m,60$.

Até Votorantim as condições do seu traçado permittiram desviar todas as difficuldades; mas, desse ponto até o seu final, kilometro 16, junto á serraria de marmore, foram taes os accidentes do terreno que grande movimento de excavações teve-se necessidade de effectuar para o preparo do seu leito.

As condições technicas do seu traçado até o kilometro 14, Fazenda Itupararanga, que é utilizado pelo publico, são as seguintes: bitola $0^m,60$, declividade maxima 3 %, raios minimos das curvas 60 metros.

Tem tres estações: Sorocaba, Votorantim e Itupararanga.

A linha tem 16 kilometros de extensão até ás jazidas de marmore. De Sorocaba á Fabrica Votorantim o seu percurso é de 7 kilometros e até á Fazenda 14 kilometros.

Prolonga-se a linha de Itupararanga ás jazidas de marmore em uma extensão de 2.600 metros, mas o seu trafego ahi é só feito em serviço da Fazenda; nesse ultimo trecho encontram-se rampas de tres e mais por cento.

Os terrenos marginaes da via ferrea Votorantim, em sua maioria, acham-se completamente incultos, apezar de, já pela qualidade de suas terras, já pela sua posição em relação á cidade, muito se prestarem á pequena lavoura, principalmente de fructas, que tão grande resultado dão em Sorocaba.

Esperamos que em futuro não remoto sejam elles melhor utilisados, tornando-se o celleiro da cidade de S. Paulo.

O trafego da via ferrea Votorantim é quasi que exclusivamente alimentado pelos productos do Banco União e apezar disso não é elle pequeno, porquanto a sua média diaria é de cem toneladas.

Estradas de rodagem. As que vão para Porto Feliz, S. João de Ipanema, duas para Campo Largo, uma para Sarapuhy, duas para Piedade, duas para Una, duas para São Roque e uma para Itú.

Historia. A povoação foi fundada pelos annos de 1600 a 1610 no bairro denominado *Itapebussú*, hoje Itavuvú, com o nome de villa de S. Philippe; essa povoação, porém, decahiu rapidamente, extinguindo-se de todo.

Em 1654 foi a villa de Sorocaba fundada, elevado o pelourinho por despacho de D. Francisco de Souza, Governador naquella época.

Em 1661 dirigiu o capitão Balthazar Fernandes a seguinte petição:

« Diz o capitão Balthazar Fernandes, morador na nova povoação de Sorocaba, villa de Nossa Senhora da Ponte, que elle, como povoador, em nome dos mais moradores, trata de levantar pelourinho na dita villa, que será meia legua do lugar que levantou o Sr. D. Francisco, que Deus tenha, Governador deste Estado, como tambem necessitam de justiça para se poderem governar, como leaes vassalos de Sua Magestade, e que uma e outra cousa se não póde obrar, nem conseguir sem expressa ordem de V. S., para o que V. S. lhe faça mercê conceder o reduzido em sua petição, visto redundar tudo em augmento desta repartição e serviço de Sua Magestade e augmento de seus moradores, prevendo V. S.— Receberá mercê. »

Essa petição teve o seguinte despacho:

« O Ouvidor desta Capitania faça averiguação do conteudo na petição e da quantidade de moradores casados que ha nesta povoação e de tudo me informe para poder deferir o total. S. Paulo, 2 de março de 1661 — *Sá.* »

Em virtude desse despacho foram inquiridas a 2 de março de 1661, em presença do Ouvidor da Capitania de S. Vicente, Antonio Lopes de Medeiros, diversas testemunhas, dando em seguida o Ouvidor o despacho seguinte:

« O escrivão deste juizo leve este summario ao Illm. Sr. Governador Geral desta repartição para que pelos ditos das testemunhas tome exacta informação e proveja como lhe parece de justiça. S. Paulo, 3 de março de 1661. — *Lopes.* »

Despacho do Governador:

« Vista a justificação feita pelo Ouvidor desta Capitania com alçada, Antonio Lopes de Medeiros, e a bem do dito Foral dos Donatarios e haver meu antecessor D. Francisco de Souza levantado pelourinho no dito districto, mando se lhes passe provisão na fórma que pedem. S. Paulo, 3 de março de 1661. — *Sá.* »

Azevedo Marques diz: « A' cerca de sua fundação ha o seguinte: Em 1600 o Governador Geral das minas, D. Francisco de Souza, em resultado das explorações que fez na Capitania de S. Vicente e nas minas de *Araçoyaba*, resolveu fundar uma povoação nas vizinhanças das ditas minas. Este facto se comprova, além de outros fundamentos historicos, com o documento que abaixo transcrevemos e consta do Livro 3º de sesmarias existentes no cartorio da Thesouraria de Fazenda: « Illm. Sr. Governador Geral — Diz Francisco Rodrigues que elle é morador na villa de S. Paulo e que está de caminho para o termo de *Biraçoyaba*, a povoar e lavrar mantimentos como outros moradores que lá vão, e porquanto não tem terras por serem já todas dadas pelos capitães passados, por isso pede uma legua de terra em quadra pela ribeira de *Carapoy*, começando a dita data da tapera de *Hibapaara*, rio abaixo *Carapoy*, resalvando as pontas e voltas que o rio fizer, ficando a dita data da banda do sul do dito rio, visto ter muitos filhos e filhas para agazalhar, e haver muitos annos que está na terra, achando-se nella em todos os rebates e guerras que nella se fizeram, á sua custa, e de mais resultar com a sua povoação muito serviço a Sua Magestade e ao descobrimento das minas de ouro e prata e mais metaes que por V. S. serão, com ajuda de Deus, descobertas. » Despacho. « Dou ao supplicante as terras que pede. S. Paulo, 14 de julho de 1601. — *D. Francisco de Souza.* »

« E' pois certo que o Governador Geral D. Francisco de Souza (que falleceu em S. Paulo em 1611) intentou fundar alli uma povoação e que chegou mesmo a estabelecel-a pelos annos decorridos de 1600 a 1610, com o fim de dar desenvolvimento á exploração das minas, mas sobrevindo-lhe a morte, não progrediu a referida povoação, antes decahio rapidamente até extinguir-se de todo: essa povoação chamou-se *Itapeboçú* ».

« Em 1654 o paulista Balthazar Fernandes e seus genros André de Zunega e Bartholomeu de Zunega, hespanhóes, emigraram de Parnahyba onde residiam, e estabelecendo-se com suas familias na distancia de tres legoas do morro de *Byraçoyaba*, fundaram ahi uma capella dedicada á Senhora da Ponte; data dahi a fundação da hoje cidade de Sorocaba. »

Constando ao Governador Salvador Corrêa de Sá que Balthazar Fernandes tinha mudado o pelourinho para outro sitio, fez baixar a seguinte Provisão:

« Porquanto D. Francisco de Souza, meu antecessor, Governador Geral que foi desta repartição, mandou levantar pelourinho na dita villa de Nossa Senhora da Ponte de Sorocaba, e por me constar que o Capitão Balthazar Fernandes, morador antigo destas Capitanias, se foi por aquelle Districto com outros muitos moradores, e trataram de mudar o dito pelourinho para outro sitio mais accommodado, dentro do mesmo limite, donde tem sua povoação e numero de 30 casas, que, conforme as doações dos donatarios desta Capitania, lhes concedeu o poderem formar villas, deixando-lhe de terreno de uma a outras de 4 legoas; e porque todas estas cousas concorram nesta nova povoação, e assim me haverem representado, por sua petição, os moradores daquella povoação, que mandando pelo Ouvidor desta Capitania, fazer informações juridicas, constou de todo o referido; e porque entre as mais cousas que me pediram foi licença para elegerem officiaes na camara na via costumada, hei por bem, em conformidade dos *foruns* se faça á dita eleição comparecer pessoas graves; pelo que hei por bem nomear para juizes o dito Balthazar Fernandes e Paschoal Leite Paes, para vereadores André de Zunega e Claudio Furquim, para procurador Domingos Garcia e para escrivão da Camara Francisco Sanches, que servirão este anno de 1661 e nos tempos costumados se farão as eleições pela via ordinaria. Com que tudo assim ordeno por serviço de sua Magestade, augmento das terras dos donatarios e conveniencia dos moradores; e outrosim, mando que esta minha Provisão se registre no livro da Camara que ha de servir. Em firmeza do que lhe mandei passar a presente, sob meu signal e sello de minhas armas, a qual se cumprirá tão pontualmente como nella se contém, sem duvida nem interpretação alguma. Dada e passada nesta villa de S. Paulo, aos 3 dias do mez de março de 1661, e se registrará onde pertencer. Thomé Veiga a fez por mandado do dito Sr. Salvador Corrêa de Sá e Benevides ».

Foi Sorocaba elevada á categoria de cidade pela Lei Provincial n. 5 de 5 de fevereiro de 1842.

E' Comarca de terceira entrancia, creada pela Lei Provincial n. 39 de 30 de março de 1871 e classificada pelos Decretos n. 4.731 de 3 de junho de 1871, 4.890 de 14 de fevereiro de 1872 e 262 de 14 de março de 1890.

A cidade de Sorocaba foi onde se manifestaram os primeiros actos da rebellião de 1842. Deram motivos a essa rebellião, segundo foi affirmado pelo Ministro Manoel Alves Branco, depois Visconde de Carvalhaes, *causas por muito tempo accumuladas, paixões por muito tempo exacerbadas.*

Os chefes do movimento revolucionario deram-lhe como causa a Lei de 3 de dezembro de 1841, que reformou o Codigo do Processo Criminal, e a que creou o Conselho de Estado.

Os projectos que consignavam taes medidas levantaram grande celeuma na Camara dos Deputados. Dissolvida esta a 1 de maio de 1842, reuniram-se os chefes da opposição e deliberaram disputar pelas armas o predominio de suas idéas; mas esse alvitre só foi adoptado pelos opposicionistas de S. Paulo e Minas.

No Rio de Janeiro foi logo instituida uma sociedade secreta, que devia ramificar-se por todo o paiz com o fim de generalizar o movimento, que teve seu inicio em Sorocaba no dia 10 de maio de 1842, com a recusa por parte da Municipalidade de empossar as autoridades nomeadas em virtude da Lei de 3 de dezembro de 1841.

No dia 17 daquelle mez proclamou-se a revolta em Sorocaba, onde era acclamado Presidente da provincia o Coronel Raphael Tobias de Aguiar, um dos chefes do partido em opposição e paulista de merecimento por seu prestigio social e virtudes.

Reunida a Camara Municipal, deliberou lavrar a acta seguinte, que vai com a orthographia do original:

« Acta da reunião da Camara Municipal a requisição do Povo e Tropa reunidos hoje nesta cidade Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1842, vigesimo segundo da Independencia e do Imperio do Brazil nos Paços da Camara Municipal desta cidade de Sorocaba, onde se reuniram em consequencia do rebate que o Povo e Guardas-Nacionaes fizeram tocar, todas as Autoridades Civis e Militares, o Batalhão das ditas Guardas Nacionaes e mais Ci-

dadãos deste municipio, os quaes todos attendendo ao estado de coacção em que se acha Sua Magestade o Sr. D. Pedro II, Imperador Constitucional do Brazil, dominado pela facção que curando unicamente dos seus interesses, tem levado este Imperio as bordas do abysmo, em que vai ser submergido, reduzido ao misero estado da do Ceará e Parahyba em administração tirannica do Proconsul que como delegado dessa facção o tem governado e opprimido, e conhecendo que convém quanto antes salvar o throno do Sr. D. Pedro II, e a Constituição que temos jurado, propuzeram como medida de salvação a nomeação de um Presidente interino desta Provincia e unanime e expontaneamente proclamaram o Sr. Coronel Rafael Tobias de Aguiar para o dito cargo a quem autorisaram para Administrar em nome de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II, Imperador Constitucional, até que o mesmo Augusto Senhor livre-se da coacção em que se acha e nomêe um Ministro da confiança Nacional; e outro sim que a Assembléa Geral Legislativa tinha derogado as Leis, que tendo sido feitas contra a Constituição do Imperio. Igualmente autorizaram ao dito Exm. Presidente nomeado para que tome todas as providencias que julgar convenientes para salvar a Provincia dos orrores de Anarchia a que vão conduzi-la as ditas Leis suspendendo a sua execução. No mesmo acto e por uma deputação de tres de seus Membros mandaram os ditos Vereadores convidar ao mesmo Exm. Sr. Coronel Rafael Tobias d'Aguiar para o indicado fim e comparecendo elle e sendo-lhe dictadas as condições de sua nomeação, prestando juramento, que lhe foi differido pelo Presidente da Camara de defender o Imperador e a Constituição athé a ultima extremidade. Se deu este acto por findo e para constar se lavrou a presente Acta, que assignáram os ditos Vereadores com o Exm Sr. Presidente nomeado, Autoridades e mais cidadãos que se acharam presentes e que tiveram parte no dicto acto, eu Elias de Oliveira Cesar Lima, Secretario da Camara que escrevi.— *Rafael Tobias d'Aguiar.— José Joaquim Lourda*, Presidente da Camara. »

(Seguem-se 300 assignaturas.)

A 20 de junho, porém, entrava em Sorocaba, sem achar a minima resistencia, o chefe das forças legaes, então Barão de Caxias e procedia á prisão de alguns compromettidos na rebellião, entre os quaes o ex-regente e senador Diogo Antonio Feijó .

As forças rebeldes haviam-se dispersado na vespera, retirando-se o chefe Coronel Tobias de Aguiar para a Provincia do Rio Grande do Sul, onde alguns mezes depois foi preso, sendo-lhe restituida a liberdade em virtude do Decreto de 14 de março de 1844 que amnistiou aos compromettidos na revolta.

A comarca de Sorocaba comprehende os termos de Sorocaba e Campo Largo.

Divisas. Confina este municipio ao N. com o de Porto Feliz; a NE. com o de Itú; a E. com o de S. Roque; a SE. com o de Una; ao S. com o da Piedade; e a SO. com o de Campo Largo.

As divisas com o municipio de Porto Feliz foram determinadas do modo seguinte pela Lei Provincial n. 28 de 5 de julho de 1869: Da fazenda que foi do Capitão-Mór Moraes, hoje do Capitão Julio Lopes de Oliveira, seguir-se-á pela estrada que vai de Itú pela dita fazenda á fabrica de ferro do Ipanema, passando pelo lugar denominado Cruz e seguindo pela estrada do bairro do Indayatuba até o corrego do Areão e por este abaixo até ao rio Sorocaba. Estas divisas foram modificadas por diversas Leis provinciaes, que decretaram a passagem de fazendas de um para outro municipio.

As divisas com o municipio da Piedade foram traçadas do modo seguinte pela Lei Provincial n. 51 de 10 de Abril de 1872: Começando na serra de S. Francisco, no ponto em que divide com S. Roque, seguem por ella até o lugar denominado Morro Cavado, e dahi a rumo direito, passando junto de uma paineira, em terras de Manoel José Domingues a dar em um tope de pedras nas terras de Joanna Maria de Souza, e deste ponto ao lugar mais alto da campina dos mesmos e ao alto do Quilombo, indo ter ao pasto de João Antonio dos Santos, e seguindo á beira do campo do finado Almeida, passando por entre os sitios dos finados Braga e Caetano Prestes a dar na ponta da serra no cafezal velho do coronel Lopes de Oliveira e por esta, deixando a casa de Honorio de Camargo á esquerda e a de Vicente Lacerda á direita, segue pela estrada que vae ao Pilar ficando á esquerda Paulino Mendes da Rosa; atravessa o rio Turvo, e passando por terras de Salvador Rodrigues Pereira, atravessa a estrada que vai para Sarapuhy, deixando as casas de José de Almeida Lara, Francisco Marcellino para a esquerda, e a de José Gago á direita, cahindo no rio Claro, e subindo as suas cabeceiras que vão ter no sertão; ficando assim (refere-se á Piedade) dividida pela direita do mesmo rio com a freguezia de Sarapuhy e pelas suas cabeceiras com Santo Antonio do Juquiá.

As divisas com o Municipio de Campo Largo foram estatuidas pela Lei Provincial n. 46 de 10 de abril de 1865 nos termos seguintes: Principiam na barra do ribeirão Ipanema, no Sorocaba, seguindo ribeirão acima até á barra de um corrego pelo lado esquerdo, e por este acima até á sua cabeceira em um banhado perto do portão da fabrica de S. João do Ipanema, deste banhado seguem pelo vallo e portão da dita fabrica até um corrego que serve de aguada no sitio que foi de José Quirino de Oliveira e por este corrego abaixo até ao ribeirão Ipanema, ficando todo o terreno da fabrica deste lado para Campo Largo; subindo o ribeirão Ipanema até á barra do Ipanemirim, e por este acima até o passo do Barreiro e corrego acima, passando pela frente do collegio do professor Francisco de Paula Xavier de Toledo até á sua cabeceira junto á casa do finado Laguna, ficando esta pertencendo a Sorocaba, e atravessando a estrada do Jundiacanga, proximo ao portão até á cabeceira de uma vertente, que desagua no rio Pirapora, e por este abaixo até fazer barra no rio Sarapuhy.

Sobre suas divisas consultem-se ainda as Leis Provinciaes de 9 de fevereiro de 1842, n. 36 de 1 de março de 1846, n. 31 de 25 de abril de 1865, de 8 e 19 de julho de 1867, n. 82 de 15 junho de 1869 e n. 64 de 13 de abril de 1880.

Aspecto Geral. O territorio estende-se por montanhas e por planicies. Toda a região de S. e SE., que se apoia na serra de S. Francisco, limite do municipio por um lado, é bastante accidentada, retalhada por valles e fundas grotas e muito irrigada; a zona do centro N. e NO. abrangendo um cerrado de dous terços da superficie do municipio, é uma grande planicie que o rio Sorocaba e os seus pequenos affluentes cortam em sulcos mais ou menos profundos, differindo umas dezenas de metros do nivel geral das terras, cujo pendor é na direcção do curso do rio Sorocaba. A linha mais profunda de todo o territorio do municipio, segue rumo de NNO.

Serras. A elevação mais importante do solo do municipio é a denominada serra de S. Francisco. Com encostas ingremes, talhadas em altos paredões de granito, essa serra é como uma chapada que alguns corregos retalham em varios sentidos, sem que todavia a linha geral da cumiada, observada de certa distancia, deixe aquella regularidade monotona, caracteristica das altas planicies.

Observada de Sorocaba, a serra de S. Francisco, com altitude entre 900 e 1.000 metros, parece uma gigantesca muralha sem solução de continuidade, abragendo um quarto do horizonte. De suas encostas, quasi a prumo, descem fios d'agua, formando pequenas, mas lindas cascatas, como a do rio Cubatão, que, aliás, se avista de grande distancia.

O rio Sorocaba corta, entretanto, essa serra de SE. para NO.; a grande brecha que o rio ahi tem por leito é estreita e profunda, apresentando a serra em geral aspecto massiço e uniforme.

A serra de Inhoahyba outra elevação do territorio, parece prolongamento da de S. Francisco na direcção de NO., não obstante ser de constituição inteiramente diversa.

Uma lombada de terras altas, formada de schistos antigos, corre parallelamente ao massiço granitico da serra de S. Francisco, erguendo-se-lhe quasi do sopé e deixando apenas de intervallo um sulco profundo e estreito, onde correm alguns ribeirões. O terreno montanhoso e perturbado prolonga-se assim desde aquellas serras até ás proximidades da cidade de Sorocaba.

Rios. O municipio conta, além do rio que lhe dá o nome, grande numero de ribeirões de cerca de 20 a 25 kilometros de curso.

O rio Sorocaba, que nasce nas terras altas, situadas entre os municipios de Una e Cotia, entre as serras da Caucaia e S. Lourenço, tem em sua origem o nome de Sorocá-mirim. Emquanto tem este nome recebe o Vargem Grande, o Sará-sará, o Laranjeiras, o Carmo e o Rio Abaixo.

Depois que se lhe junta o Sorocabussú pouco acima de Una, toma o nome de Sorocaba, com que vae desaguar na

margem esquerda do rio Tieté. Desce a serra de S. Francisco, que limita o seu curso superior, formando muitas cachoeiras e saltos, dos quaes os mais notaveis são os de Itupararanga e Votorantim. Entre esses dous saltos recebe o Sorocaba, pela margem direita, o Cubatão, que desce da serra de S. Francisco e tem de curso nove kilometros, pouco acima da foz deste o Agua Vermelha e o Lageado, acima da queda do Votorantim, os corregos da Capella e do Paiol e abaixo deste salto, pela margem esquerda, o ribeirão do Itapeva. Ao passar pela cidade já tem o Sorocaba 15 a 20 metros de largura, que se atravessa por excellente ponte de ferro de 75 metros de extensão e cinco vãos, lançada sobre pilares e encontros de alvenaria de pedra.

Abaixo da cidade o rio, muito sinuoso, vai recebendo as aguas de pequenos ribeirões e corregos, como o Itararé, o Tavacahy, o Itabacahy, o Supiriry, que rodeia a cidade pelo lado do N., o Piragibú, que traz as aguas dos ribeirões do Varejão e do Pirajibú-mirim, o Fundo, o Caaguassú, o Itanguá, o Olaria e a Ipanema, que, vindo dos campos da vizinhança da serra de S. Francisco, abastece de agua a fabrica de ferro e serve de limite ao municipio.

O mais consideravel affluente do Sorocaba, dentro do municipio, é o Piragibú, que collecciona as aguas que vertem das serras de S. Francisco, Inhoahyba, Varejão e terras altas das proximidades de S. Roque, onde elle tem origem. Em seu curso atravessa algumas mattas e forma cascatas e cachoeiras muito pittorescas, aliás, pouco conhecidas.

O Sorocaba, em seu curso, recebe ainda o Una, o Tatuhy, o Guararapó e o Sarapuhy e forma, além dos saltos citados, as cachoeiras das Tres Ilhas e a de Juru-mirim.

Suas margens, especialmente no municipio de Tieté, são de terra roxa de excellente qualidade.

O Sorocaba acima do Votorantim corre em um leito muito pedregoso e muito apertado, parallelo ao Cubatão, em uma extensão de nove kilometros, mais ou menos, e com uma differença de nivel de 30 metros a favor deste ultimo.

A largura do Cubatão e a estreiteza do Sorocaba, que corre ás vezes em apertadas gargantas de seis metros, indica ser o actual leito do Cubatão o primitivo leito do Sorocaba, e que causas geologicas transformaram os leitos dos dous rios.

A estrada de Ferro Sorocabana atravessa quatro vezes o rio Sorocaba.

Lagoas. No municipio ha muito poucas lagôas e estas pequenas como as da Itinga, Ipatinga e uma outra sem denominação, que fica nas cabeceiras do rio Cubatão, na fazenda de Francisco Rosas.

A do Itinga está situada perto do bairro deste nome, em terrenos de campo, é muito limpa e redonda; a do Ipatinga está tambem situada em terrenos de campo e jaz entre o ribeirão Itanguá e o rio Ipanema, porém mais proxima deste, conta 300 metros em seu maior diametro.

Constituição Geologica. Os terrenos do municipio são em parte graniticos, em parte compostos de grés e schistos. Os terrenos graniticos abrangem toda a serra de S. Francisco e estendem-se como uma faixa em direcção á cidade de Sorocaba, de onde retrocedem com uma largura de cinco a seis kilometros na direcção do arraial da Apparecida a ligarem-se com os granitos da serra do Varejão. Este granito, vulgarmente conhecido por *olho de sapo*, tem grandes crystaes de feldspatho e é geralmente grosseiro e duro, provindo da sua decomposição uma piçarra grossa, aliás com bastante fertilidade. A linha ferrea Sorocabana corta essa faixa de granito desde o logar Passa Tres até perto da cidade de Sorocaba.

Na serra de S. Francisco, onde as mattas ainda existentes attestam a fertilidade das terras provenientes da decomposição desse granito, a pedra está muito á flor do chão, e forma frequentemente escarpas em alcantil, onde a vegetação não póde medrar.

Grandes blocos de fórmas arredondadas, superpostos em conjuncto pittoresco, são muito frequentes no alto dessa serra. Os terrenos de grés e schistos predominam na parte mais baixa do municipio, todavia os schistos apresentam-se tambem nos terrenos altos da serra de Inhoahyba.

O grés apparece nas margens do ribeirão Ipanema e na cidade de Sorocaba, junto á ponte. Ao longo da estrada de Ferro Sorocabana ha varios córtes nessa rocha, onde muitas vezes encontram-se seixos de outras rochas mais duras e mais antigas, taes como granito, porphyro, diabase, etc. O grés é em geral molle e de facil trabalho, prestando-se perfeitamente para obras de alvenaria aperfeiçoada.

Os schistos podem ser divididos em duas categorias: schistos horizontaes e schistos antigos, muito perturbados, com camadas muito proximas da vertical. Os schistos horisontaes ou mui ligeiramente inclinados, dominam na parte do municipio comprehendida entre os ribeirões Itanguá e Ipanema. São verdes ou pardacentos muito fragmentados e produzindo por decomposição argilla vermelha e dura, onde cresce a vegetação propria dos campos e dos cerrados. Nestes schistos não se tem encontrado fosseis, mas não ha a menor duvida de que são mais modernos do que aquelles mais perturbados que predominam a E. do municipio.

Os schistos das proximidades da serra de São Francisco formam uma mancha, comprehendida por duas faixas do terreno granitico e calcareo, e são geralmente muito inclinados e perturbados e parece terem experimentado, por acção do contacto com os granitos, um certo metamorphismo. Estes schistos são duros, de côr roxeada ou cinzenta, intermeiados de veios quartzo leitoso, e orientados geralmente para N. 56° E., parallelos á serra de S. Francisco, em cujo sopé estão elles em camadas quasi verticaes. A linha ferrea Sorocabana corta esta zona de schistos desde o Passa Tres até além do tunnel de Piragibú, rasgado, como o do Inhoahyba, em rochas de quartzito, que ahi estão, segundo parece, em estratificação concordante com os schistos.

Não se tem encontrado fosseis nestas rochas, mas ha toda a probabilidade de pertencerem aos primeiros terrenos de origem sedimentar. As terras altas de aspecto arredondado, de encostas ingremes, despidas de vegetação arborescente, a que no municipio dá-se o nome de serra de Inhoahyba, são todas constituidas destes schistos antigos.

O calcareo é tambem encontrado em varios pontos na base da serra de S. Francisco, principalmente no Itupararanga; é uma rocha escura, amorpha, em estratificação concordante com os schistos e considerada boa para o fabrico da cal, como o demonstram as varias caieiras estabelecidas junto áquella serra, com resultados bastante lisonjeiros.

Não ha noticia de mineraes em condições de exploração dentro do municipio.

Agricultura. Grande parte do territorio do municipio, talvez dous terços de sua superficie, é um terreno de campo.

As encostas da serra de S. Francisco, ou valles e grotas que se estendem em suas proximidades, são, porém, cobertos de boas mattas, cuja área tem sido muito reduzida pelas constantes derrubadas.

Os campos mais geralmente com o caracter de *cerrados*, em vista da vegetação arborescente especial que alli cresce, dominam inteiramente a zona mais baixa do municipio, muito em concordancia com a natureza geologica do sólo. Extensos, bastante suppridos de agua, abundantes na vegetação de gramineas, convenientemente ensombrados estes campos, outr'ora tão afamados pelas grandes feiras de Sorocaba, são ainda hoje muito apropriados para a criação do gado vaccum e cavallar.

As mattas occupam todo o terreno granitico, e, embora destruidas em grande extensão, havendo bons trechos dellas no alto da serra de S. Francisco e no valle do rio Sorocaba, logo abaixo da serra.

Comquanto não sejam das mais ricas e densas do Estado, são abundantes de boas madeiras, como peroba, canella, oleo, cabiúna, etc.

A necessidade de boas terras para a lavoura tem provocado a destruição das mattas e sua subsequente substituição por *capueiras* ou mattas imprestaveis nas chamadas terras mortas ou cansadas.

Entre os rios Sorocaba e Piragy-mirim ou Passa-Tres, que desce da serra de Inhoahyba, o terreno está todo coberto desta vegetação rachitica, que substituiu as mattas já ha dilatados annos.

Descendo a serra, depois de passar o tunnel de Piragibú, a via ferrea corta, até á cidade de Sorocaba, uma grande extensão de terrenos, onde o sapé, a samambaia e a capueira imprestavel imprimem ao todo um quer que é de desolação, de pobreza e de esterilidade que impressiona o viajante.

Entretanto é de crer que a pequena lavoura, com melhor systema no roteamento do solo, consiga ainda e muito modificar o aspecto dessa boa porção do municipio.

Os principaes productos da lavoura do municipio são: canna de assucar, cereaes, algum algodão e pouco café.

Commercio e Industria. O municipio de Sorocaba, como quasi todos os dessa parte do Estado, experimenta os effeitos de uma crise lenta, como a que sóe trazer qualquer transformação radical na industria e nas relações commerciaes. Toda esta zona cresceu e desenvolveu-se sempre com a industria pastoril. Sorocaba foi o grande emporio desse ramo de actividade, sua influencia abrangia o Brazil inteiro e passava ainda além das fronteiras da Republica.

Desde que, porém, o centro de gravidade do commercio de S. Paulo se deslocou com o desenvolvimento das viasferreas por todo o Estado, passando a gyrar em esphera muito mais ampla, Sorocaba viu decahir dia a dia a importancia de suas feiras afamadas. Aquelle commercio activo e cosmopolita finou-se totalmente e o descredito da industria da criação começou a fazer-se sentir por meio de repetidos insuccessos.

Ensaiou-se então o cultivo do algodão, que em poucos annos tomou vulto no commercio; a canna de assucar passou a ser cultivada em maior escala; os cereaes attrahiram logo a população pobre aos trabalhos da pequena lavoura e uma nova vida despontou nessas paragens tão rudemente abaladas nos seus fundamentos de ordem economica.

Sorocaba actualmente se transformou em uma cidade fabril, os negocios commerciaes tomam outro gyro, as casas, reconstruidas em grande numero, mostram um despertar desusado e novo.

Tres fabricas de tecidos e uma de estamparia de chitas, bastante prosperas, cortumes, varias olarias, fabricas de chapéos, de calçado e diversas outras, são agora as melhores provas da nova feição economica do municipio.

Além do fabrico da cal, que já é negocio avultado, e do preparo de marmores, ensaia-se, com vantagem, na chacara do Dr. Nicoláo Vergueiro, a cultura da vinha e o fabrico do vinho, que já tem muita acceitação no mercado.

Entretanto o commercio de Sorocaba conserva ainda um ambito mais vasto do que lhe assignalam os limites do municipio; toda essa immensa região ao SO. do Estado, até ás fronteiras do Paraná, se abastece em Sorocaba, que é incontestavelmente a praça mais importante deste lado de S. Paulo.

Clima. O clima do municipio é geralmente saudavel e a cidade de Sorocaba, na altitude 550 metros, é com razão afamada.

A temperatura é ahi branda, na maior parte do anno, regulando por 21° centigrados na média.

Durante o verão a columna thermometrica attinge por vezes a 32° e 35° á sombra, e no inverno desce a 4° ou 5° e ás vezes menos, embora excepcionalmente.

Não ha aquellas variações bruscas de temperatura, tão frequentes na cidade de S. Paulo; o clima é egual, ameno e secco, sendo, por isso, procurado por quantos têm necessidade de convalescer de graves enfermidades. Comtudo, nas épocas de mudança de estação, reinam no municipio algumas febres de caracter typhico e outras oriundas do miasma palustre, sem que, todavia, apresentem a gravidade de forte endemia. Algumas pleurizias e outros molestias das vias respiratorias são tambem mais frequentes nessa época.

A febre amarella, importada de outros pontos do Estado, infeccionados pelo terrivel morbus, visitou Sorocaba, em 1897 e 1900, fazendo numerosas victimas.

Distancias. Dista a cidade de Sorocaba 111 kilometros da capital do Estado, 44 de S. Roque, 28 da Piedade e 26 do Campo Largo, 99 de Itú, 11 de Itapetininga, 73 de Tatuhy, 75 do Tieté, 199 de Botucatú, 234 de S. Manoel, 276 de Avaré, 310 de Cerqueira Cezar, 160 de Jundiahy e de Capivary, 206 de Piracicaba, 266 de S. Pedro e 230 do porto João Alfredo.

SOROROCA. Ilha do Estado do Pará, no mun. de Bragança. Essa ilha com as denominadas Baixa e do Meio, ficam nos campos de Quatipurú, entre os igarapés Pery e Tamatá.

SOTURNO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio S. Lourenço, trib. do Juquiá.

SOURE. Villa do Ceará. Accrescente-se no fim: Foi supprimido o mun. pela Lei n. 501 de 31 de outubro de 1898.

STOKLIN. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Indaiassú.

SUAM. Corr. *çoõ-am*, a columna ou espinha do animal, a columna vertebral; alt. *suã*, *soan*; S. Paulo, Minas (Dr. Theodoro Sampaio).

SUASSÚ. Corrupção de *çoó-açú*, o animal grande, a caça mais avultada; o veado ou cervo; alt. *suaçú*, *guaçú*, *sussú assú* (Dr. Theodoro Sampaio).

SUASSUBIRÁ. Corrupção de *çoóaçú-berá*, o veado lustroso ou luzidio; corrupção de *çooaçú-pirá*, veado vermelho; alt. *birá*, *virá* (Dr. Theodoro Sampaio).

SUASSUHY. Corrupção de *çooaçú-y*, rio dos veados; Minas Geraes (Dr. Theodoro Sampaio).

SUASSUMÉ. Corrupção de *çooaçú-mé*, veado introduzido, ou importado, a cabra (Dr. Theodoro Sampaio).

SUBAHÉ. Corrupção de *çó-baê*, o que é partido ou dividido; Bahia (Dr. Theodoro Sampaio).

SUBAHUMA-MIRIM. Riacho do Estado da Bahia, no mun. de Alagoinhas. Nasce na serra da Chan e desagua no rio Subahuma.

SUCURIHY. Corruptela de *çuu-ury-y*, rio do sucury (Dr. Theodoro Sampaio).

SUCURIÚ. Corrupção de *sucuri* ou *cuúcu-ri-y*, rio do sucuri (Dr. Theodoro Sampaio). Vide *Sucury*.

SUCURIUBA. Composto de *çuã-curi-yuba*, a serpente amarella ou de escamas amarelladas (Dr. Theodoro Sampaio). Vide *Sucury*.

SUCURY. Corrupção de *çuã-curi*, o que morde ligeiro o que atira o bote apressado; serpente aquatica, *Boa aquatica* ou *Eunectes murinus*; alt. *socori*, *sucuriú*, *sucuriuba*, *sucuruyú* (Dr. Theodoro Sampaio). « Não tem relação alguma com a grande cobra aquatica que traz esse nome. *Sucury* é corruptela de *Çú-cury*, velocidade, altos e baixos. De *çú*, altos e baixos; *cury*, velocidade, presteza, pressa. » (Dr. J. M. de Almeida). O Dr. Lacerda e Almeida, no seu *Diario de viagem nos annos de 1780 a 1790*, refere-se a um ribeirão Sucury, affl. do Tieté, em seguida á corredeira Aracanguá-guassú. E então explica assim o nome: « ... por causa de uma cobra deste nome de extraordinaria grandeza... Escravos que vinham em comitiva, julgando ser um tronco, quizeram-lhe deitar fogo para se aquentarem a elle por toda a noite; com o calôr se moveu o supposto tronco e cheios de admiração todos se tiraram do engano em que estavam ».

SUCURY. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do rio Grande, no mun. de Santa Rita do Paraiso.

SUCURY. Corredeira no rio Mogy-guassú e Estado de S. Paulo.

SUINDARA. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. de Mogy das Cruzes. E' tambem denominado morro do Collegio.

SUISSO. Ribeirão do Estado do Rio de Janeiro, banha o mun. de Santo Antonio de Padua e desagua na margem dir. do rio Pomba.

SUISSOS. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Santo Antonio de Padua.

SUJO. Arroio do Estado do R. G. do Sul, banha o mun. de Uruguayana e desagua no rio Uruguay.

SUMAUMA. Ilha no rio Gurupy, 5,15 kils. abaixo da pov. de Gurupy (Dr. G. Dodt).

SUMAUMA. Igarapé do Estado do Pará, affl. do rio Sant'Anna, no mun. de Afuá.

SUMAUMA. Igarapé affl. do rio Gurupy. Desagua pelo lado do Pará. Não é propriamente um affl., mas um braço lateral cheio d'agua salgada pelo fluxo e refluxo da maré (Dr. G. Dodt).

SUMÉ. Nome de um personagem mysterioso que appareceu entre os selvagens e lhes ensinou a cultivar a terra, e lhes ensinou o bem. Esse vocabulo é alteração de *Zomé*, *Tomé*, *Zumã*.

SUPIRIRY. Corruptela de *Çú-pyryry*, veloz, altos e baixos. De *çú*, altos e baixos; *pyryry*, ligeiro, veloz (Dr. J. M. de Almeida).

SUPY. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Chaves.

SURUBIM. Corrupção de *çurú-bi*, pelle lisa, nome commum dos peixes de couro ou pelle; corrupção de *jurú-bi*, boca fechada (Dr. Theodoro Sampaio).

SURUBIÚ. Vocabulo tupi corruptela de *çurubi-y*, que significa — rio do surubim.

SURUHY. Rio que deslisa, ou agua corrente; corrupção de *çurú-y*.

SUSSUAPARA. Corrupção de *çooaçú-apara*, veado de galhos, ou o cervo galheiro. Vide *Suassú*. (Dr. Theodoro Sampaio).

SUSSUAPITÃ. Corrupção de *çooaçú-pitan*, o veado vermelho; o mesmo *çooaçú-pirã*, ou *pitanga* (Dr. Theodoro Sampaio).

SUSSUARANA. Corrupção de *çooaçú-arana*, o que se assemelha a veado, o que tem côr de veado; nome de uma especie de onça de pelle parda (*Felis concolor*). Dr. Theodoro Sampaio.

SUSSUASSÚ. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do rio Potribú, trib do Tieté.

SUSSUHY. Corrupção de *çooaçú-y*, rio dos veados. Vide *Suassuhy*.

T

TABA (Substantivo). A aldeia, o povoado, o arraial; no tupi-guarany *taba*, no tupi do Amazonas *táua*; alterado de *táuba*, *táua*; na composição dos vocabulos, ora é *tag*, ora *tap*, como nos nomes *taguéra*, *tapéra*. « As construcções do gentio, diz o Dr. Theodoro Sampaio, eram toscas e rudimentares, como as de um povo na infancia social. As suas casas, *oka*, muitas vezes de vastas proporções, e cobertas de folhas de sapê ou palma, e fechadas com estacas, tinham capacidade para muitas familias, *okpe-guara*. Dispostas em torno de uma praça ou terreno rectangular, *okára*, e externamente envolvidas por uma estacada ou, ás vezes, por uma trincheira de folhagem ou feita de tranqueiras retiradas das queimadas, *caiçara*, constituiam a aldeia—*taba* ou *táua*. Entraram estes nomes em larga copia na geographia nacional, concorrendo para a denominação dos logares, como, por exemplo: *Tupana-roka*, casa de Deus ou Egreja; *Itaoka*, casa de pedra; *Oka-una*, casa negra; *Oka-morotim* ou *Oka-tim*, casa branca; *Buriki-oka*, paradeiro dos macacos; *Merú-oka*, paradeiro das moscas; *Tijy-oka*, paradeiro das espumas, pelas muitas que se encontram naquella ponta de terra firme á entrada do Pará. No territorio do Rio de Janeiro se encontram ainda os nomes *Ocaruçú* (*Ocara-oçú*), praça ou territorio grande applicado á ponta ou cabo proximo da cidade de Paraty; *Itá-okara*, terreiro de pedra. Na Bahia encontram-se os nomes *Tapagype* (*Taba-gy-pe*), que se traduz—no rio da aldeia; *Tapéra*, equivalente a *Taba-oéra*, aldeia velha ou em ruina; *Taperoá* ou *Taperaguá*, valle da aldeia velha. Em S. Paulo distingue-se o nome *Taubaté*, corruptela de *Tabaetê*, aldeia consideravel ou villa; *Tabatingoéra*, alteração de *Tabatagoera*, equivalente a *Taba-oéra*, aldeia velha, recordando o sitio onde outr'ora existiu uma aldeia de Guayanãs, dentro dos muros da villa de Piratininga... Aos moradores da aldeia denominavam-se *Taba-yára*; aos da cidade *mairyára*, cidadão; aos de aldeia differente *Tabaré*, donde, sem duvida, procede o nome *tabaréo*, usado entre os bahianos para designar um homem rustico ou matuto ».

TABAGY. Composto de *taba-gy*, rio da aldeia (Dr. Theodoro Sampaio).

TABAGYPE. Corrupção de *taba-gy-pe*, no rio da aldeia (Dr. Theodoro Sampaio).

TABAJARAS. Corrupção de *taba-yara*, os aldeões, os moradores das aldêas; os senhores dos povoados. Vide *Tabayara* (Dr. Theodoro Sampaio).

TABANGA. Corrupção de *itá-bang*, pedra virada, pedra retorcida; corrupção de *taba-anga*, aldêa ou morada das almas; Sergipe (Dr. Theodoro Sampaio).

TABAQUIARA. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do ribeirão da Cachoeirinha, trib. do Atibainha.

TABARANA. Corrego do Estado de S. Paulo, no mun. de Jaboticabal, nas divisas do mun. de S. Sebastião do Turvo.

TABARÉO. Adjectivo derivado de *taba*, o habitante da aldêa; corruptela de *taba-ré*, aldêa differente; aquelle que é de outra aldêa; Bahia; o homem do matto, o camponio (Dr. Theodoro Sampaio.)

TABATINGA. Ilha do Estado do Pará, no mun. de Cametá. Esta palavra compõe-se de *taba-tinga*, aldeia branca; corrupção de *tauá-tinga*, barro branco.

TABATINGUERA. Composto de *taba-tin-guéra*, o barreiro de outr'ora, onde foi o barro branco; corruptela de *taba-ta-guera*, aldêa de outr'ora, povoado extincto; corrupção de *taba-tingoera*, aldêa alvissima; S. Paulo. Vide *Tin*. (Dr. Theodoro Sampaio).

TABAYARA. Vide *Tabajara*.

TABOA. Corrego do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Porto Feliz e desagua na margem esq. do rio Tieté, proximo á cachoeira Canguera-guaçú.

TABÔA. Lago do Estado do Maranhão, a 30 kils. da villa da Tutoya. Descrevendo-o, assim se expressa o Dr. Justo Jansen Ferreira, em seus *Fragmentos para a Chorographia do Maranhão*: « Este lago, que é assim chamado por causa de um vegetal, ahi abundante e conhecido por esse nome, realizou um phenomeno interessante que se torna digno de menção. Eil-o: Este lago, com cerca de 18 kils. de extensão, e cuja profundidade vai até oito braças, recebe as aguas dos rios da Fome e Carrapato e desaguava no rio das Preguiças pelo rio Correnteza; seccando este, em 1872, as aguas do Tabôa abriram outro rio, em direcção opposta áquelle, procurando o leito do rio Tatú, onde se lançam até hoje formando o rio Novo, acertadamente assim chamado. E' este rio ainda curioso ou notavel por apresentar, em consequencia de escavações devidas á sua correnteza, uma serie de cachoeiras constituidas por immensos troncos de arvores, que, é de crer, alli existissem soterrados, visto como, antes de 1872, esse terreno era campo de criar. Antes da formação deste rio, tambem se encontravam, nas adjacencias do lago, grandes depositos de pedra hume, de que só se serviam os habs. para o cortume, industria que ahi podia ter attingido a grandes proporções, pois que, a essa vantagem, accrescia a de ser abundante, nas suas immediações e desde epocas remotas, a criação de gado vaccum e lanigero ».

TABOÃO. Log. do Estado de Minas Geraes, no mun. da Campanha, a tres kils. da cidade deste nome.

TABOÃO. Ribeirão affl. da margem esq. do rio Sorocaba, no mun. da Piedade e Estado de S. Paulo. « *Taboão*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Ta-puã*, empinado. De *t*, relativo; *apuã*, levantar, empinar ».

TABOÃO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do Paratahy ou Paratehy, trib. do Jaguary, que o é do Parahyba do Sul.

TABOÃO. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do ribeirão Aricanduva, no mun da capital.

TABOÃO. Ribeirão do Estado de S. Paulo; desagua na margem dir. do rio Jaguary, trib. do Parahyba do Sul.

TABOÃO. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Baquiruvú-guassú, trib. do Tieté.

TABOÃO. Cabeceira, com o ribeirão Mosquito, do ribeirão Jacarehy, no mun. de Santo Antonio da Cachoeira e Estado de S. Paulo.

TABOÃO. Corrego affl. da margem dir. do ribeirão Potribú, no mun. de S. Roque e Estado de S. Paulo.

TABOÃO. Rio affl. da margem esq. do Parahyba, no mun. de Mogy das Cruzes e Estado de S. Paulo (Dr. J. M. de Almeida).

TABOÃO. Affl. do ribeirão Tapuxinga pela margem esq., no mun. de Bragança e Estado de S. Paulo. E' o mesmo Lavapés que banha a cidade de Bragança; em sua cabeceira é Taboão.

TABOÃO. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha a colonia Francisco Salles e corre para o rio Sapucahy-mirim.

TABOÃO DO RETIRO. Log. do Estado do Paraná, no mun. de S. José dos Pinhaes.

TABÔAS. Igarapé do Estado do Pará, no dist. de Guajará-miry, antigo Bôa Vista.

TABOCA. Composto de *tá-boc* ou *tá-bog*, haste furada, tronco ouco, haste fendida; graminea conhecida; alt. *tapoca*, *taóca*, *taô* (*Arundo*, *Bambusa*). Dr. Theodoro Sampaio.

TABOCA. Corrego do Estado de Goyaz, affl. do ribeirão Gonçalves, no mun. de Antas.

TABOCAL. Pov. do Estado do Amazonas. E' a séde do mun. de Urucurituba a quem a Lei municipal n. 38 de 18 de julho de 1901 deu a denominação de Silverio Nery.

TABOCAS. Log. do Estado da Bahia, na com. de Ilhéos.

TABOLEIRINHO. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Pomba.

TABOLEIRO. Arraial do Estado de Serpipe, no termo de Maroim (*Almanak Sergipano*, 1901).

TABOLEIRO. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. de Santa Quiteria.

TABOLEIRO GRANDE. Dist. de Minas Gereas. Accrescente-se no fim: Taboleiro, na linguagem sertaneja, significa *cerrado*. O cerradão, em que está o arraial, se chamava Taboleiro Grande e esse ficou sendo o nome da pov. E' tradição que uma onça deu origem ao arraial; que no fim do seculo XVIII, Brasil colonia, o capitão Marques, militar portuguez, donatario da sesmaria, em que está o dist., vendo-se, em uma caçada, accommettido por uma onça, apegou-se á Nossa Senhora, promettendo-lhe erigir uma capella em suas terras, o que cumpriu. Deu á capella os cerrados vertentes e mais de 200 alqueires de 100×100 braças quadradras. A capella á beira da então estrada real do sertão foi o principio do arraial. Foi a pov. crescendo até que, em 1872, foi inaugurada a Fabrica de fiação e tecidos do Cedro, a dous kils. do arraial. O dist. tem a área de 40 leguas quadradas, Matriz, quatro cemiterios, sete capellas, cinco das quaes em pequenos povs., mattas uberrimas, vastas e cxcellentes campinas, ribeirões, corregos, burytisaes, lagôas, industrias pastoril, e agricola, principalmente a do algodão. A lavra da Pontinha do mais puro crystal de rocha, nibreiras, caieiras, olarias, quatro engenhos de serra, 33 de canna, sendo 12 de ferro e 21 de páo, bons cafesaes, porém abandonados. A pop. do dist. é de 15.000 habs. e do arraial 2.200. Dista 18 kils. da estação de Silva Xavier, na E. de F. Central do Brasil. O arraial tem de comprimento nove kils. e seis de largura; 288 casas de telha e numero talvez maior de casas de capim. A Matriz é um templo regular; tem tres altares: o de N. S. do Carmo, padroeira, o de S. Sebastião e o do Sagrado Coração de Jesus; duas torres em uma das quaes fica um relogio. O commercio, que não é animado, tem seis casas de negocio maiores, diversas menores, vendas e tavernas, pharmacia, hotel, padarias, etc. Pertencente ao dist. fica a Fabrica de Cedro, séde da Companhia Cedro e Cachoeira, que tem tres fabricas: Cedro, Curvello e S. Vicente. A pov. tem 131 casas de telha, afóra as de capim e 880 habs., quasi todos operarios da fabrica.

TABOQUINHA. Arraial do Estado de Sergipe, no termo de Larangeiras (*Almanak Sergipano*. 1901).

TABOQUINHA. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha o mun. do Curvello e desagua na margem dir. do rio Bicudo.

TABOQUINHA. Arroio do Estado de Matto Grosso, no dist. do Caracol e mun. de Miranda.

TABÚA. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de S. Christovão. Ha um outro arraial do mesmo nome no mun. do Riachuelo (*Almanak Sergipano*. 1901).

TABUNA. Serra no mun. de Cajurú e Estado de São Paulo. « *Tabuna*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corrupção de *Ytá-ibŷî-na*, morro ôco. De *ytá*, pedra, morro, monte; *ibŷî*, ser ôco, concavo, cavernoso, gretado, com o suffixo *na* (breve), para formar supino. *O yi* tem pronuncia guttural; d'ahi o som de *ũ* formando a palavra *Ytá-ibũ-na*. Allusivo a ser cavernoso, com grutas. Em *ytá*, significando morro, monte, usam fazer a aphéresis do *y* inicial ».

TABYRA. Corrupção de *ita-bir*, penha empinada ou erguida; corrupção *tapira*, a anta (Dr. Theodoro Sampaio).

TACAITÉ. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. de Caruarú.

TACANHUNAS. Corrupção de *tacã-una*, o cacetc, ou porrete negro; nome de uma tribu selvagem do Tocantins (Dr. Theodoro Sampaio).

TACANIÇA. Rio do Estado do Paraná. Suas cabeceiras ficam a 36k,700 da cidade de Curityba. Deve de ser atravessado pela E. de F. de Curityba á Rocinha e deste ultimo ponto á Assunguy de Cima. Recebe o Capirú e o Rocinha.

TACARATÚ. Composto de *tacará-tû*, o pellado escuro; o que tem encostas ou cahidas calvas ou pelladas; Pernambuco (Dr. T. Sampaio).

TACHINHO. Morro no serrote da ilha S. Vicente, no Estado de S. Paulo. Ha nelle uma cachocira que desagua para as duas encostas, a do mar e a do caminho entre as cidades de Santos e de S. Vicente. « *Tachinho*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corrupção de *Tachŷ*, escorregadio. De *t*, relativo; *achŷ*, o mesmo que *cy*, escorregadio, resvaladio, lubrico ».

TACHOS. Serra do Estado de Matto Grosso, no dist. da Chapada e mun. da capital.

TACOARA. Composto de *tá-coára*, haste furada ou com buracos. Vide *Taquara* e *Taboca*.

TACOATIVA. Corr. *tacoá-tyba*, o taquaral ou as taquaras em abundancia (Dr. T. Sampaio).

TACUNAS. Corr. *tacó-una*, quadril negro, ou o povo selvagem que trazia tintos de negro os quadris; Amazonas (Dr. T. Sampaio).

TADARIMANA. Rio do Estado de Matto Grosso, affl. do S. Lourenço, no mun. da capital.

TAGANO. Ponta NE. do monte Moreno, na entrada da bahia da Victoria, capital do Estado do E. Santo. A ¼ de milha dessa ponta fica o recife da Baleia que arrebenta e está balisado.

TAGUÁ. Corr. *itá-guaba*, pedra ou argilla de comer, barreiro; alt. *taguaba*, *taguá*, *tauá*. Vide *Itaguaba*; corr. *itá-guá*, pedra ou argilla variegada, de côres diversas (Dr. T. Sampaio).

TAGUAHY. Composto de *taguá-y*, rio do barreiro ou do tauá. Vide *Itaguahy*.

TAGYPURÚ. Braço de rio que se agita, ou rumoreja; composto de *tagy-purú*.

TAHY. O mesmo que *tagy*, braço ou galho de rio, furo, canal (Dr. Theodoro Sampaio).

TAIASSÚPÉBA. Corruptela de *Tayuá-húú-pé-bae*, plano, alagadiço, pegajoso. De *t*, relativo; *ayuá*, pegajoso, limo, lodo; *húú*, atolar em lodo, borra, fezes, detritos, etc.; *pé*, ser plano, chato, com a particula *bae* (breve), para dar a forma de participio. Allusivo a ser quasi parado, e pantanoso. Com effeito é pegajosa a lama que esse ribeirão forma em seus alagadiços; e não tem declive algum notavel o seu curso. Não se trata de porco-chato, *tayaçú-pé-bae*; o ribeirão nada tem com porcos, a não ser que, por alagadiço, esses animaes o apreciariam para revolverem-se no lodo (Dr. J. M. de Almeida). Vide *Taiassupeva*.

TAIASSUPEVA-MIRIM. Rio de S. Paulo. Em logar de — affl. do Tieté — leia-se — affl. do Taiassupeva, que o é da margem esq. do Tieté. Recebe o corrego Itrapuá reunido ao corrego Itahim.

TAIOBA. Corrego do Estado de Minas Geraes, affl. do rio Manso, que o é do Jequitinhonha.

TAIPAS. Ribeirão do Estado de S. Paulo, banha o mun. da capital e desagua no rio Tieté.

TAIPINHA. Log. no mun. da capital do Estado de Matto Grosso.

TAIQUI. Igarapé do Estado do Pará, na ilha Caviana e mun. de Chaves.

TAJAÇÚ. Arroio do Estado do R. G. do Sul, banha o mun. de Uruguayana e faz barra no Pindahy, trib. do Touro-Passo.

TAJAHY. Corr. *tayá-y*, rio dos tayás, ou tajás (*Aroideas*), uma planta tuberosa, cultivada hoje com o nome tayoba (*Caladium esculentum*); alt. *itajahy*; Santa Catharina (Dr. Theodoro Sampaio).

TAJAUHY. Rio do Estado do Pará, affl. da margem esq. do rio Araguary. Banha o territorio do Aricary.

TAMANCÃO. Riacho do Estado do Maranhão, banha a villa da Tutoya e desagua no rio deste nome.

TAMANDARÉ. Corr. *tamanduar-é*, o que se assemelha ao tamanduá, o que sobe ás arvores como o tamanduá, o que faz papel de tamanduá; nome do Noé dos selvagens na sua lenda do diluvio; Pernambuco. (Dr. Theodoro Sampaio).

TAMANDUÁ. Rio affl. da margem dir. do ribeirão Banharão, no mun. de S. Manoel do Paraiso e Estado de S. Paulo.

TAMANDUÁ. Ribeirão affl. da margem dir. do rio Paranapanema, no mun. do Rio Novo e Estado de S. Paulo.

TAMANDUÁ. Dous affls. da margem dir. do rio Mogyguassú, no mun. de S. Simão e Estado de S. Paulo. O menor é Tamanduasinho.

TAMANDUÁ. Corrego do Estado de Minas Geraes, na com. de Uberabinha.

TAMANDUÁ. Cachoeira no rio Paranapanema, acima do Salto Grande, no Estado de S. Paulo.

TAMANDUATEHY, ant. *Tamanduatahy*. Composto de *tamanduá-tahy*, braço ou galho de rio do tamanduá; corr. *tamanduá-têi-y*, rio do tamanduá grande; S. Paulo (Dr. T. Sampaio). *Tamanduatehy*, corruptela de *T-amãndateí*, muitos rodeios. De *t*, relativo; *amã*, rodeio, volta; *ndateí*, muitos (Dr. J. M. de Almeida).

TAMAQUARÉ. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Anajás.

TAMBAHÚ. Corr. *tambá-y*, rio das conchas ou dos mariscos; S. Paulo (Dr. T. Sampaio). Vide *Tambahy*.

TAMBAHÚ. Corrego affl. do ribeirão Tremembé, pela margem dir., no mun. da capital do Estado de S. Paulo. E' o mesmo significado do nome *Tambahy*.

« TAMBAHY. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Pardo, no mun. de Casa Branca. "*Tambahy*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *T-ã-mb-yi*, concavo e empinado. De *t*, relativo; *ã*, empinar; *mb*, particula de intercalação nasal; *yi*, concavo, ôco, abertura, seio. O nome é pronunciado como *Tambahú*. Já li *Tombahú*. Allusivo a ter ingreme o leito, e a correr apertado entre montes. De facto, este ribeirão corta a serra *Quebra-cuia* ».

TAMBARÉ-PIRACÁ. Cachoeira no rio Tieté, entre os muns. do Parnahyba e de S. Paulo, no Estado deste nome. Ha ahi proximo um porto para communicação dos moradores de uma e de outra margem do rio. « *Tambaré-piracá*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *T-ambara-hẽ-pi-rá-aqûá*, sahida empinada. De *t*, relativo; *ambara*, participio do verbo *ã*, empinar, em pé; *hẽ*, sahida; *pi*, fundo, centro; *rá*, desigual, não nivelado; *aqûá*, esquinar. Allusivo a ser uma cachoeira empinada e esquinada, acabando em um dique, sobre o qual saltam as aguas para seguirem o seu curso. Este dique granitico, que atravessa o rio de uma a outra margem, é de pouca altura ou de pequeno desnivelamento ».

TAMBORIL. Arvore de que o gentio fazia canôas; corr. *tamburi* ou *tambui*. A melhor orthographia é *tamburil*.

TAMETARY. Corr. *itametar-y*, rio do ornato de pedra, ou do botoque de pedra. Vide *Itametara* (Dr. Theodoro Sampaio).

TANGARÁ. Corr. *atá-cará*, o que anda em volta, ou aos saltos, o que dansa aos saltos; o pulador; nome de uma ave do genero *Tanagra*. (Dr. Theodoro Sampaio).

TANGARÁ. Rio do Estado do Pará, banha o mun. de Muaná e desagua no rio Anabijú.

TANGIL. Pov. do Estado das Alagôas, no mun. de Viçosa.

TANHAÇÚ. Corr. *tanha-açú*, o dente grande; nome commum no tupi para designar o porco montez; alt. *tayaçú* (Dr. Theodoro Sampaio).

TANQUE. Log. do Estado de Minas Geraes, no dist. do Carmo e mun. de Itabira, sobre o rio do seu nome.

TANQUE DO ACAHY. Lagôa do Estado de Pernambuco, no dist. do Poção e mun. de Cimbres.

TANQUE DO PAULISTA. Ponto mais elevado da E. de F. do Prolongamento da Bahia ao S. Francisco, no Estado da Bahia. Fica no kil. 355,993 de Alagoinhas ou no kil. 478,417 distante da cidade do Salvador, a 683^{m},300 de altitude. Constitue o *divortium aquarum* das aguas que vertem para o S. Francisco das que vertem para o Itapecurú. E' tambem denominado *Tanque de Terra*.

TANQUE FURADO. Corrego do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Araras e desagua na margem dir. do ribeirão Cerrado.

TANQUE GRANDE. Lagôa do Estado de Minas Geraes, no alto da serra da Formiga, a 18 kils. da cidade de Ubá.

TAPAIUNA. Igarapé no mun. da capital do Estado do Amazonas.

TAPAIUNA-QUARA. Igarapé do Estado do Pará, affl. do rio Gurupy (Dr. G. Dodt. *Relatorio*).

TAPAJÓS, ant. *Tapayó*. Corr. *taba-yó*, procedente das aldêas, vindo das povoações; nome de uma tribu selvagem donde procede o do grande rio affl. do Amazonas (Dr. T. Sampaio).

TAPANHUÃ. Rio affl. da margem esq. do rio Parahyba, entre os muns. de Santa Isabel, Jacarehy e S. José dos Campos, aos quaes, em parte, serve de divisa. Nasce na Mantiqueira. Outros escrevem Tapanhon, Tapanhoã e Tapinhoã. « *Tapinhoã* ou *T-a-pi-nho-ã*, empinado e ladeador. De *t*, relativo; *api*, ladear; *nho*, reciproco; *ã*, empinar. Allusivo a ser muito sinuoso, ladeando morros, em leito ingreme » (Dr. J. M. de Almeida).

TAPANHUNACANGA. Composto de *tapuy-úna-acanga*, a cabeça do negro; Minas Geraes (Dr. Theodoro Sampaio). Em Minas diz-se *Tapanhuacanga* ou *Tapanhoacanga*.

TAPA-PIPA. Log. do Districto Federal, no dist. de Guaratiba.

TAPEÇAÇÚ. Corr. *tab-peçaçú*, aldêa nova; *corr. tapéçaçú*, lagesinha ou laginha (Dr. Theodoro Sampaio).

TAPECINGA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Mogy das Cruzes e desagua no rio Tieté. Serve de divisa ao dist. de Biritiba.

TAPEMIRIM. Corr. *itapé-mirim*, lageadinho, a lage pequena. Vide *Itapeba*; corr. *tapé-mirim*, *tapé* = *apé*, caminho, *mirim*, pequeno, estreito, caminho estreito, trilho, vereda; corr. *tapé-mirim*, a ruina pequena, ou taperinha (Dr. T. Sampaio).

TAPERA. Corr. *tab-éra*, aldêa extincta, ruina, povoação de outr'ora; alt. *taguera* (Dr. T. Sampaio). « *Taper-a*, logar que foi povoado e está abandonado; impropriamente applicado a terreno outr'ora cultivado e ora coberto de matto fino, que era e é *tiguêra*, logar largado, não perseverado, deixado, acabado » (Dr. J. M. de Almeida).

TAPERA. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. do Lagarto. Ha um outro arraial do mesmo nome no mun. de Villa Nova (*Almanak Sergipano*. 1901).

TAPERA. Pov. do Estado de Santa Catharina, no mun. de Porto Bello, com escola.

TAPERA. Igarapé no mun. da capital do Estado do Pará.

TAPERA. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, affl. da margem esq. do rio do Collegio, no mun. de S. Fidelis.

TAPERA DE JOÃO CONFUCIO. Log. do Estado de Matto Grosso, á margem esq. do corrego S. Manoel, no dist. da Chapada.

TAPERA DE JOÃO PEREIRA. Log. do Estado de Goyaz, no dist. de S. José de Mossamedes.

TAPERA GRANDE. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de Itaporanga (*Almanak Sergipano*. 1901).

TAPERA GRANDE. Serra entre os muns. de Mogy das Cruzes, de Conceição dos Guarulhos e de Nazareth, no Estado de S. Paulo. Fica a O. da serra Itaberaba (penha que brilha), porém muito menos elevada.

TAPERA GRANDE. Rio do Estado de S. Paulo, affl. do Piragibú, que o é do Sorocaba.

TAPEREBÁ. Furo no Estado do Pará, no mun. de Afuá. Vai para o rio Urucú.

TAPEROÁ. Composto de *taper-oá*, ruina que se conserva em pé; ruina levantada; corr. *tapera-guá*, valle da ruina; nome de uma arvore de matto virgem; corr. *tapir-uá*, a espinha d'anta (Dr. T. Sampaio).

TAPEROÁ. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de Siriry (*Almanak Sergipano*. 1901).

TAPEROVIRA. Serra mencionada no titulo de sesmaria de Pedro de Góes de 10 de outubro de 1532: « ... a serra de *Taperovira* que está da banda d'onde nasce o sol, com aguas vertentes com o rio *Jarabatyba*, o qual rio e terras, estão defronte da ilha de S. Vicente, d'onde chamam *Gohayó*... » O nome *Jarabatyba* é o mesmo *Gerybatyba*. « *Taperovira*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *T-apir-o-bir-a*, ponta alta. De *t*, relativo; *apir*, ponta; *o*, reciproco; *bir*, altear, levantar, elevar, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. » Quer pela descripção supra, quer pelo significado, é o mesmo *Tapuribetera*.

TAPES. Corr. *tab*, aldêa, povoação; corr. *ta-pe*, nas aldêas, nos povoados; nome de uma nação selvagem do R. G. do Sul (Dr. T. Sampaio).

TAPES. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Dores de Camaquan, com escola.

TAPESSERICA. Riacho do Estado de Pernambuco, rega o mun. de S. Lourenço e desagua no rio Capibaribe (S. V. Galvão. *Dicc.* cit.).

TAPINHÃO. Log. do Rio de Janeiro. Em logar de Tapinhão, leia-se Tapinhoã.

TAPIOCABA. Log. do Estado do Pará, no mun. de Acará.

TAPIPUAL. Cachoeira no rio Mogy-Guassú, no Estado de S. Paulo. « *Tapipual*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *T-apipi-ai*, muito apertada. De *t*, relativo; *apipi*, apertar; *ai*, para exprimir excesso. Allusivo a estreitar-se ahi muito o rio ».

TAPIRA. Subs., a anta (*Tapirus americanus*); alt. *tapir*, no tp. gr. *tapii*; *tapiira*, o boi ou a vacca, tambem denominados — *tapira-cobayguara* (Dr. Theodoro Sampaio).

TAPIRAHY. Composto de *tapira-y*, rio das antas (Dr. T. Sampaio.)

TAPIRANGA. Composto de *tá-piranga*, plumagem vermelha, pennas rubras, nome da ave tambem conhecida por tié-sangue (*Tanagra brasilia*). Dr. Theodoro Sampaio.

TAPIRAPÉ. Composto de *tapir-apé*, vereda das antas; Goyaz (Dr. Theodoro Sampaio).

TAPIRAPUAN. Composto de *tapira-puã*, a anta roliça ou gorda (Dr. Theodoro Sampaio).

TAPIRAPUAN. Rio de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Desagua no Itanguá, affl. do Arassuahy. Tambem escrevem *Taypirapuan*.

TAPIRASSÁ. Riacho do Estado de Pernambuco, affl. do Carassú, que o é do rio Una, no mun. de Barreiros.

TAPIREMA. E' a mesma praia Peruibe, no Estado de S. Paulo. « *Tapirema*, corruptela de *T-apir-eỹm-a*, sem fim. De *t*, relativo; *apir*, principio e fim da cousa; *eỹm*, par-

ticula de negação, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. » (Dr. J. M. de Almeida). « *Tapirema*, composto de *tapir-eîi*, a manada de antas; corr. *tapir-êma*, a anta fetida ou catinguenta; corr. *tapir-eima*, falto de antas, logar onde não ha desses animaes. » (Dr. Theodoro Sampaio).

TAPITANGA. O mesmo que *tapi-ranga*, plumas vermelhas; corr. *itá-pitanga*, pedra vermelha (Dr. Theodoro Sampaio).

TAPORANDÊ. Serra do Estado da Bahia, no mun. de Maragogipe, á margem dir. do rio Paraguassú. Seu cimo tem a forma de uma sella de vaqueiro.

TAPUIA. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Amaragy e desagua na margem esq. do rio deste nome.

TAPUIO. Igarapé do Estado do Maranhão, affl. do Jacaré, que o é do rio Peritoró. Recebe o Batoque e banha o mun. de Itapecurú-mirim.

TAPUITAPERA. Igarapé do Estado do Maranhão, divide a villa do Mearim em dous bairros: Alto ou da Matriz e Baixo ou Tapuitapera, ligados por uma ponte de madeira.

TAPUITIUA. Igarapé affl. do rio Gurupy. Desagua pelo lado do Pará (Dr. G. Dodt).

TAPUME. Corrego do Estado de S. Paulo, na com. de Jaboticabal.

TAPURIBETÊRA. Serra mencionada no instrumento de posse da sesmaria de Pedro de Goes, de 15 de outubro de 1532, servindo de testemunhas João Ramalho e Antonio Rodrigues: « ... a serra *Tapuribetera* que está da banda d'onde nasce o sol, aguas vertentes com o rio de *Gerybatyba*, o qual rio e terras estão defronte da ilha de S. Vicente... ». Vide *Taperovira*. « *Tapuribetera*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *T-apir-ibaté-ró*, ponta alta. De *t*, relativo; *apir*, ponta; *ibaté*, alto, elevado; *ró*, por-se, estar. Allusivo a ser uma serra com pico alto. E' a mesma serra que traz indevidamente o nome *Jurubatuba*, por obra e arte dos portuguezes. O nome *Jurubatuba* é por causa de nascer nessa serra o rio *Gerybatyba*. Não podendo reter o nome *T-apir-ibaté-ró*, denominaram a serra com o nome do rio, e ainda assim estragado em *Jurubatuba* ».

TAPUYRAMA. O mesmo que *tapuy-retama*, a região dos barbaros ou dos tapuyas (Dr. Theodoro Sampaio).

TAPUYTAPERA. Composto de *tapuy-tapera*, ruina do gentio; Maranhão (Dr. Theodoro Sampaio).

TAQUACETUBA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Grande ou Jurubatuba. Recebe o Curucutú e o Vermelho.

TAQUAMVIRA. Assim escreve o Dr. J. M. de Almeida o nome do rio Taquarovira, affl. do Ribeira de Iguape, no Estado de S. Paulo. « *Taquamvira*, diz ainda o Dr. João Mendes, corruptela de *T-acang-mbira*, o seccado. De *t*, relativo; *acang*, seccar, enxugar, que, por ter som nasal, faz mudar *pira*, particula passiva, em *mbira*. Allusivo a ficar secco, quando não ha chuvas. Já li escripto o nome deste ribeirão *Taquanrovira*, que é a mesma corruptela ».

TAQUANDIUA. Igarapé do Estado do Pará, affl. do rio Gurupy (Dr. G. Dodt.).

TAQUANDUVA. Praia na ilha de S. Sebastião e Estado de S. Paulo. Vide *Itaquantuba*. Tambem escrevem *Taquanduba*.

TAQUANROVIRA. Assim escreve o Dr. J. M. de Almeida o nome do ribeirão *Taquarovira*, no Estado de S. Paulo. Vide *Taquamvira*.

TAQUAQUICÊ. Composto de *taquá-quicé*, taquara-faca, ou laminas; especie de bambú que se emprega no tecido das peneiras ou cestas finas e delicadas; canna silvestre (*Bambusa*); alt. *taóquicé*, *tacoaquicé* (Dr. T. Sampaio).

TAQUAQUICETUBA. Corr. *taqua-quicé-tyba*, taquaral de taquaquicés; alt. *Itaquaquicetuba*; S. Paulo (Dr. T. Sampaio).

TAQUARA. Pov. do Estado do Ceará, em Porangaba.

TAQUARA. Corrego do Estado de S. Paulo, nas divisas do dist. do Rincão. Vai para o ribeirão do Rancho Queimado, trib. do rio Mogy-guassú.

TAQUARAL. Ribeirão do Estado de S. Paulo. Vai para o Pirapitinguy, affl. do rio Tieté.

TAQUARAL. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha o mun. de Ouro Preto e desagua na margem esq. do rio Funil.

TAQUARAL. Ribeirão do Estado de Matto Grosso, banha o mun. da capital e desagua no rio Araguaya.

TAQUARAL. Rio do Estado de Matto Grosso, affl. do Nabileque, no mun. de Corumbá.

TAQUARAL. Corrego do Estado de Matto Grosso, affl. do rio Dourados, no mun. de Nioac.

TAQUARANTAN. Corruptela de *T-áquâ-ára-atã*, contrahido em *T-áqu'-ar'-atã*, corre estirado. De *t*, relativo; *áquâ*, correr, levado ao participio pela particula *ára*, que exprime acção de agente; *atã*, estirado, teso, direito. Allusivo a correr muito, e sem voltas, mas em linha recta (Dr. J. M. de Almeida).

TAQUARA PRETA. Rio do Estado de Minas Geraes, affl. do Lontra, que o é do Pomba, no mun. deste nome.

TAQUARARIRA. Morro mencionado no titulo de sesmaria de Pedro de Góes de 10 de outubro de 1532, no mun. de Santos e Estado de S. Paulo. *Taquararira*, corruptela de *T-áquâ-ar-ari-rõ*, ponta altissima. De *t*, relativo; *áquâ*, ponta; *ar*, muito; *ari*, sobre; *rõ*, por-se. Por contracção *T-aqu'-ar-ari-rõ*. Allusivo a ser o morro mais alto naquella região. No instrumento de posse dado a Pedro de Góes, o nome *Taquararira* foi mudado em *Tecoapara* (Vide este nome). Ignoro se será o mesmo morro. No titulo de sesmaria está escripto: "as terras de *Taquararira*". No instrumento de posse foi escripto: "as quaes terras se chamam *Tecoapara*". (Dr. J. M. de Almeida. *Dicc. Geogr. da Prov. de S. Paulo*. 1902).

TAQUARASSÚ. Corrego do Estado de Minas Geraes, nas divisas dos dists. de S. José do Barroso (mun. do Rio Branco) e Conceição do Turvo (mun. do Piranga). Reune-se com o Pinhão.

TAQUARATINGA. Taquara de folha branca, ou taquara branca; de *taquara-tinga*. Em Pernambuco escrevem *Taquaratinga* e *Taquaretinga*.

TAQUARAVARY. Ribeirão affl. da margem dir. do rio Sorocaba, no mun. deste nome e Estado de S. Paulo. « *Taquaravary*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Ti-aû-quar-aib-a-ri*, mau, por causa de póços de agua suja. De *ti*, agua; *aû*, suja, sujidade; *quar*, poço, fojo, buraco; *aib*, mau, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante; *ri*, posposição, significando neste caso — por causa —. A palavra *aû* é sempre posposta ao objecto ou cousa, em que está a sujidade. Allusivo a ser pestilento, por causa das aguas paradas e apodrecidas em póços ou buracos ».

TAQUARÉ. Rio que nasce na serra do Mar e desagua no oceano, no mun. de Santos. « *Taquaré*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *T-aquá-ré*, successivamente esquinado. De *t*, relativo; *aquá*, esquinar; *rehé*, posposição, significando, neste caso, successivamente. Allusivo a ser muito sinuoso, formando voltas agudas ».

TAQUAREMBÓ. Arroio ou corrego das taquaras; de *taquara-iembó*. No R. G. do Sul escrevem tambem *Taquaryembó*.

TAQUARIL. Rio no mun. de Jusseape do Estado da Bahia.

TAQUARITUBA. Corr. *taquari-tyba*, taquaral fino, ou taquaris em abundancia; Parahyba (Dr. Theodoro Sampaio).

TAQUARUÇÚ. Taquara grossa, bambú; de *taquara-uçú*. « *Taquarussú*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *T-áquâ-aruçú*, contrahido em *T-aqu'-aruçú*, muito pontuda. De *t*, relativo; *áquâ*, ponta, ser pontudo; *aruçú*, muito, segundo a licção do padre A. R. de Montoya, em seu *Tesoro de la lengua guarani* ».

TAQUARUSSÚ. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. da Bôa Morte e mun. do Bom Fim.

TAQUARUSSÚ. Morro no mun. da Palmyra, no Estado de Minas Geraes.

TAQUARUSSÚ. Corrego do Estado de S. Paulo. Vai para o rio Pirapitinguy, affl. do Tieté.

TAQUARUSSÚ. Rio do Estado de Minas Geraes, nasce na fazenda de Pedro Alves, banha o mun. da Palmyra e desagua no Parahybuna.

TAQUARY. Rio das taquaras; de *taquar-y*. (Fr. Francisco dos Prazeres Maranhão. — Dr. Theodoro Sampaio). « *Taquary*, nome da serra e do morro significa pontuda ou pontudo. De *t*, relativo; *áquâ*, ponta; *ri*, posposição, significando, neste caso, *com*. *Taquary*, nome dos ribeirões, significa perseverantemente corrente. De *t*, relativo; *áquâ*, correr, levado ao participio activo pelo accrescimo da particula *ára*, corrente, corredor; *i*, posposição de perseverança: *T-áquâ-ara-i* contrahido em *T-aqu'-ar'-i* ». (Dr. J. M. de Almeida).

TAQUARY. Bairro do mun. de Xiririca e Estado de S. Paulo.

TAQUARY. Serra no mun. de Buquira, no Estado de S. Paulo.

TAQUARY. Rio do Estado de Minas Geraes, banha o mun. de Bello Horizonte e desagua no Tiradentes ou Arrudas.

TAQUARYTIUA. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Vianna, a 15 kils. ao N., com umas 40 casas de palha e cerca de 300 habs.

TAQUATIRA. Serrote no mun. da capital do Estado de S. Paulo. E' visto na estrada que communica o dist. de N. S. da Penha de França com a villa da Conceição dos Guarulhos. « *T-áquâ-atir-a*, montão pontudo. De *t*, relativo; *áquâ*, ponta; *atir*, montão, elevação, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. Por contracção *T-áqu'-atir-a*. Allusivo a ter esse serrote uma ponta de pedra que parece quasi a despenhar-se no corrego, e na lagôa em que este nasce ». (Dr. J. M. de Almeida).

TAQUAXIARA. Serra e ribeirão do Estado de S. Paulo, no mun. de Itapecerica. O ribeirão desagua na margem dir. do Mboy-mirim.

TARANDIUA. Igarapé affl. do rio Gurupy. Desagua pelo lado do Maranhão (Dr. G. Dodt.)

TARARANGA. Log. do Estado da Bahia, no termo de Nova Boipeba.

TARARÉ. Corruptela de *T-araá-ré*, apta para enfermidades. De *t*, relativo; *araá*, enfermidade, doença; *ré*, o mesmo que *é*, apto, apropriado. Allusivo a curar enfermidade o banho nessa praia (Dr. J. M. de Almeida). "*Tararé*, corr. *itararé*, sumidouro, caverna, coducto subterraneo; S. Paulo (Dr. Theodoro Sampaio).

TARDIM. Rio do Estado do Rio de Janeiro, banha o mun. de Cantagallo e desagua no rio Parahyba.

TAREIRY. Corr. *taruir-y*, rio das trahiras; R. G. do Norte (Dr. Theodoro Sampaio).

TARTARUGAL. Rio do Estado do Pará, no territorio do Aricary. Perde-se no lago das Duas Bocas. Compõe-se de dous braços, um dos quaes corre no campo e é designado por *Grande*, o outro desce ensombrado pela matta e é chamado *Pequeno*.

TARTARUGUINHAS. Ilha do Estado do Pará, no mun. de Mazagão, no rio Amazonas, proxima das ilhas Aruan, Pacas e Cajary.

TATÁ. O fogo, o lume, a luz.

TATAGIBA. Corr. *tatá-gyba*, braço de fogo, labareda; Ceará (Dr. T. Sampaio). Vide *Tatajuba*.

TATAUHY. Corr. *tatá-y*, rio do fogo; Bahia (Dr. T. Sampaio).

TATETUBA. Corruptela de *T-atey-úî- bae*, o que reflue e torna-se frouxo. De *t*, relativo; *atey*, frouxo; *túî*, refluir, rebojar, fazer bojo, com a particula *bae* (breve), para formar participio, significando — o que. Allusivo a esse ribeirão encontrar difficuldade e resistencia ao desaguar no rio Parahyba, formando por isso alagadiços, com o refluxo das aguas (Dr. J. M. de Almeida).

TATINGA. Corr. *itá-tinga*, pedra branca ou a prata; Maranhão (Dr. T. Sampaio).

TATÚ. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha o mun. de Diamantina e desagua no rio Macaco Grande, affl. do Caeté-mirim.

TATUABA. Rio do Estado do Maranhão, banha o mun. de Icatú e se lança na bahia de S. José. Banha a pov. do seu nome.

TATUAPÉ. Corruptela de *Tytú-apé*, raso e sujo. De *t*, relativo; *ytú*, sujo; *apé*, superficie, plano, chato (Dr. J. M. de Almeida).

TATÚ-ASSÚ. Log. do Estado da Bahia, no termo de Belmonte.

TATÚGUARA. Igarapé e furo no mun. da capital do Estado do Amazonas.

TATUHIBY. Corruptela de *T-ytú-ibiy*, sujo e raso. De *t*, relativo; *ytú*, sujo; *ibiy*, baixo, pequeno. O *y* primeiro tem som guttural; e o ultimo tem o mesmo som, porém breve e quasi imperceptivel. Era o nome primitivo da pov., hoje cidade da Limeira (Dr. J. M. de Almeida). Vide *Tatuyby*.

TATUHY. Composto de *tatú-y*, rio dos tatús (Dr. T. Sampaio). "*Tatuhy*, corruptela de *T-ytú-i*, perseverantemente sujo. De *t*, relativo; *ytú*, sujo; *i*, posposição de perseverança. O *y* tem pronuncia guttural (Dr. J. M de Almeida).

TATUPEVA. Corruptela de *T-ytú-pé-bae*, sujo e raso. De *t*, relativo; *ytú*, sujo; *pé*, chato, plano; *bae* (breve), para dar a forma de participio, significando — o que é (Dr. J. M. de Almeida).

TATÚYBY. Composto de *tatú-yby*, terra dos tatús (Dr. T. Sampaio). E' o antigo nome da cidade da Limeira do Estado de S. Paulo. Vide *Tatuhiby*.

TAUÁ. Passou assim a denominar-se a villa de S. João de Inhamuns, no Estado do Ceará, pela Lei n. 485 de 14 de outubro de 1898.

TAUÁ. Sub-prefeitura creada na com. e mun. de Muaná, no Estado do Pará, pelo Dec. n. 1.142 de 10 de junho de 1902.

TAUAJEJÚ. Igarapé do Estado do Pará, no mun. da Vigia. Denomina-se hoje Santa Maria.

TAUARY. Igarapé do Estado do Pará, affl. do igarapé Castanheiro, no rio Bujarú e mun. de S. Domingos da Bôa Vista.

TAUBATÉ. Corr. de *taba-etê*, alt. *táua-etê*, villa, povoação consideravel (Dr. T. Sampaio). « O nome desta pov. tem sido deturpado: *Itaboaté*, *Taboaté*, *Tahubaté*, *Tabaté* e ora *Taubaté*. Dispersados os *goia-ná* vencidos em Piratininga, muito antes da vinda de Martim Affonso de Souza, tomaram, em grupos numerosos, direcções varias. A mór parte foi fazer *tába* no logar, em que é hoje a cidade de Taubaté. E, porque alguns daquelles grupos se deixaram escravizar pelos vencedores, e outros seguiram para os sertões do rio Paranapanema e da serra Apucarana, aquella *tába* foi denominada pelos *goia-ná*, que fundaram-na, *Tab-a-été*, tába legitima, de *táb-a*, povoação, aldeia, e *été*, legitima, verdadeira, antiga, superior. Allusivo a ser essa a *tába* principal e legitima. Portanto, o nome *Taubaté* é corruptela de *Tab-a-été*. Os *goia-ná* desta tába estiveram em correspondencia de alliança e amizade com os indigenas da bahia do Rio de Janeiro, designados corruptamente *tamoyos*, por serem inimigos dos *t-ỹ-pi* ou *tupi*, dominadores em *Piratininga* e no respectivo littoral. » (Dr. J. M. de Almeida).

TAURATATUBA. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Afuá.

TAVAÇAHY. Corrupção de *T-abáquâ-i*, perseverantemente muito corrente. De *t*, relativo; *abáquâ*, correr muito; *i*, posposição de perseverança. O indigena diz *cabaquâ* ou simplesmente *báquâ*, para exprimir a velocidade da correnteza (Dr. João Mendes de Almeida).

TAXIZAL. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Almeirim.

TAXY. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Afuá.

TAXY-PUCÚ. Rio do Estado do Pará, na ilha Caviana e mun. de Chaves.

TAYAÇUPEBA. Corr. *taiaçú-peba*, porco meudo, o porco montez inferior (*Dicotyles*); alt. *tayaçupeva*; S. Paulo (Dr. T. Sampaio). Vide *Itayassupeva*.

TAYUVA. Estação da E. de F. Paulista, no Estado de S. Paulo, entre as estações dos Andes e Ibitivama, na secção Rio Claro.

TECOAPÁRA. Morro mencionado no instrumento de posse da sesmaria de Pedro de Góes, de 15 de outubro de 1532: « ... as quaes terras se chamam de *Tecoapara* e a serra *Tapuribetera*, que está da banda d'onde nasce o sol, aguas vertentes com o rio *Gerybatyba*, o qual rio e terras estão defronte da ilha de S. Vicente... », no Estado de S. Paulo. Este nome substituiu no instrumento o nome *Taquararira*, que está no titulo de sesmaria de 10 do referido mez e anno. Vide *Taquararira*. « Não significam, porém, a mesma cousa, diz o Dr. J. M. de Almeida. *Tecó-apá-'ra*, o que está torcido. De *tecó-ara*, participio activo do verbo *aicó*, significando — o que está —; *apá*, intercalação no nome para ornato e jogo linguistico, torcido. São, portanto, dous nomes para o mesmo morro, cada um significando um caracteristico notavel nelle. A intercalação de um verbo em outro, ou de uma palavra em outra, é uma das construcções mais difficeis na lingua tupi, pela necessidade de evitar a synchyse, isto é, a confusão e o não senso ».

TECUNAS. Corr. *tecô-una*, corpo preto, o vulto negro. Nome de uma tribu selvagem do velho Maranhão, no Perú. (Dr. T. Sampaio).

TEIXEIRA SOARES. Estação da E. de F. de S. Paulo ao Rio Grande, no logar Boa Vista do mun. de Entre Rios, no Estado do Paraná.

TEJEREBA. Pequeno ribeiro que desagua no oceano, á praia Guarujá, na ilha Guaimbé ou Santo Amaro, no mun. de Santos e Estado de S. Paulo. « *Tejereba*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Ti-yeré-bae*, o que faz rodomoinho. De *ti*, agua; *yeré*, revolver, volta, formando *ti-yeré* ou simplesmente *i* = *yeré*, rodomoinho, com a particula *bae* (breve), significando — o que é. Allusivo a ter rodomoinhos ».

TEJO. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. de S. Philippe.

TEJUCO. Assim tambem escrevem o nome do ribeirão Tijuco, affl. da margem esq. do rio Ribeira de Iguape, no mun. de Iporanga e Estado de S. Paulo. Outros dizem Tijuca. « *Tejuco* ou *Tijuca*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Tiyui-cuê*, espumoso. De *tiyui*, espumar; *cuê*, particula que, neste caso, não exprime preterito, mas qualidade ou peculiaridade, ou *presente*, segundo o padre A. R. de Montoya, em seu *Tesoro de la lengua guarani*. Allusivo a serem cobertas de espumas as suas aguas. Nada tem com *tijuco*, corruptela de *ti-yûgca*, agua apodrecida De *ti*, agua; *yûg*, apodrecer com o suffixo *ca* (breve), para formar supino. O padre A. R. de Montoya, em seu *Tesoro de la lengua guarani*, escreveu *tuyû*, significando lodo, barro, cousa apodrecida; mas não deu a razão disso. Com effeito, o som da palavra *ti-yûg* é quasi *tujú*, porque o *i* de *ti*, agua, é guttural, e, potanto, *tuyû*, como palavra diversa, não tem razão de ser ».

TELHA. Arraial do Estado de Sergipe, no termo de S. Christovão (*Almanak Sergipano*. 1901).

TENDA. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de Paeatuba (*Almanak Sergipano*. 1901).

TENENTE. Ponta no mun. de Breves e Estado do Pará. E' tambem denominada Pau Grande.

TENENTE-CORONEL ACCIOLI. Nucleo colonial do Estado do Paraná, fundado pelo Barão do Serro Azul em terrenos de sua propriedade. Dista de S. José dos Pinhaes 10 kils. E' dividido em 101 lotes, occupados (1901) por 300 polacos, italianos e brazileiros.

TENENTES. Bairro do Estado de Minas Geraes, no dist. de Santa Rita da Extrema.

TENORIO. Riacho do Estado de Minas Geraes, banha a cidade do Rio Preto e desagua na margem esq. do rio deste nome.

TERRA DE ARÊA. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. da Conceição do Arroio.

TERRA FIRME. Log. do Estado da Bahia, no mun. de Cannavieiras.

TERRA SANTA. Pov. do Estado do Pará. Accrescente-se no fim: Foi elevada á villa pela Lei n. 725 de 2 de abril de 1900.

TERRA VERMELHA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, banha o mun. da Casa Branca e desagua no rio Jaguary.

TESO. Ilha do Estado do Pará, no Furo Grande e mun. de S. Sebastião da Boa Vista.

TÊTEQUERA. Bairro do mun. de Pindamonhangaba e Estado de S. Paulo.

TEVÓ. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Jaguary, que o é do Parahyba do Sul. O Dr. J. M. de Almeida dá noticia de um ribeirão do mesmo nome affl. da margem dir. do Cafundó, no mun. do Patrocinio de Santa Izabel. « *Tevó*, diz o mencionado escriptor, corruptela de *T-ie-óg*, tapado. De *t*, relativo; *ie*, reciproco, para exprimir a acção da cousa sobre si mesma; *óg*, tapar. Allusivo a correr entre barrancas altas, e por baixo de pedras, ficando coberto ou tapado em alguns logares ».

THEODORA (D.). Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. do rio Capivary, que o é do Tieté.

THEREZA (Santa) Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. do Bom Jardim, com uma enorme pedra, da qual se despenha a cascata do mesmo nome.

THEREZA (Santa). Villa do Estado do E. Santo. Accrescente-se no fim: O Sr. Bispo, D. Nery, tratando das parochias desse Estado, diz: « A 19 de Fevereiro de 1898

chegamos, em visita pastoral á esta localidade (Santa Thereza), então territorio apenas da hoje extincta freg. de S. José do Queimado. Segundo nos informaram, começou a sua existencia com a colonização de Santa Leopoldina, pela chegada, em fevereiro de 1876, de 276 emigrantes. Até então o *Timbuhy*, como se chamava, era uma região pouco povoada. Em dezembro desse mesmo anno chegaram 1.173 italianos. Em janeiro de 1877, porém, revoltaram-se e grande parte ou quasi todos foram para Santa Catharina. Em agosto do mesmo anno vieram novos colonos e assim foi-se povoando o Timbuhy. Em 1878 já havia 3.182 pessôas. Como se vê, Santa Thereza foi a séde do antigo nucleo colonial do Timbuhy. Hoje é villa, freg. e já foi cabeça de comarca. A freg. foi por nós creada, na occasião da visita, por Provisão de 25 de fevereiro de 1898, tendo sido nomeado primeiro vigario o padre Marcellino Maroni d'Agnadello. A villa occupa uma bôa parte da garganta da serra do Timbuhy, acompanhando as edificações o rio Timbuhy, até em suas tortuosidades, o que dá á localidade um aspecto pittoresco. Ha bons predios, alguns assobradados, chamando desde logo a attenção do viajante, a particularidade de serem todos cobertos de taboinhas. O clima é amenissimo e a agua excellente. Cremos que seus habs., a este respeito, nada têm a invejar dos de Petropolis (do Rio de Janeiro). Toda a zona que circunda a villa se compõe de terras de primeira qualidade para o café ».

THEREZA DE MATTOS. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de Itaporanga (*Almanak Sergipano.* 1901).

THEREZA DE VALENÇA (Santa). Na estação do Commercio, da Estrada de Ferro Central do Brazil, toma-se a Estrada de Ferro do Rio das Flores e, depois de passar-se pelas estações de Marambaia e Tabôas, chega-se á modesta villa de Santa Thereza.

Fica essa villa assente em uma eminencia, cercada de morros, atravessada pelos corregos de Manoel Pereira, affluente do rio Preto, e dos Inglezes, affluente do primeiro, distante 18 kilometros de Valença e 25 da estação do Commercio.

E' uma villa pequena, tem poucas ruas, uns 120 predios e uma população de 700 habitantes.

Foi, em principio, um curato creado em territorio, que formava o 2º districto de paz da freguezia de Nossa Senhora da Gloria de Valença pelo art. I da lei provincial n. 560 de 6 de outubro de 1851. Elevada á categoria de parochia pela lei provincial n. 814 de 8 de outubro de 1855.

Proclamada a Republica, foi Santa Thereza, por decreto de 17 de março de 1890, elevada a municipio, tendo por séde a villa do mesmo nome, e creado o termo.

Foi o municipio installado em 22 de abril de 1890.

Tem a villa tres edificios notaveis: a Matriz, a Casa da Camara e o *Forum*, além da pequena capella da Apparecida, recentemente construida.

A matriz é um templo espaçoso e de bonito aspecto. Está situada em um alto, tendo nos fundos os cemiterios da Irmandade do Santissimo Sacramento e da fabrica da respectiva matriz. A um dos lados fica a residencia do Vigario, em um predio mandado construir em 1867 por alguns fazendeiros para habitação dos parochos.

Seu interior é alegre. Tem no corpo da igreja quatro altares gothicos: os do lado do Evangelho, um com as imagens de Santo Antonio e Santa Maria Salomé, e outro com a de S. Sebastião; e os do lado da Epistola com S. José e Nossa Senhora do Rosario. Tem um pulpito volante, o côro e a pia baptismal de marmore. Em frente á pia existe uma escada em espiral que conduz ao côro.

O altar-mór tem no throno um crucifixo, abaixo Sant'Anna e em um nicho, junto á banqueta, a linda imagem de Santa Thereza, a padroeira.

Do lado do evangelho fica o consistorio da Irmandade e do lado opposto a sacristia com um arcaz e sobre elle Santa Ephygenia.

A capella da Apparecida fica na base de um morro, dando frente para a estação da Estrada de Ferro. Foi construida por Lourenço Ferreira Marques, em consequencia de uma promessa que fizera á Nossa Senhora, de que, se descobrisse agua no logar em que estava procedendo a uma excavação, ergueria uma capella em homenagem á mesma Senhora. Com effeito, após muito trabalho, conseguiu descobrir uma fonte de pura e crystallina agua.

O Paço da Camara é um bonito e moderno predio situado na rua Municipal e defronte do *Forum*.

Compõe-se de tres corpos: um saliente central e dous reentrantes lateraes. No primeiro pavimento do corpo central ha duas janellas e a porta de entrada, e no segundo tres janellas. No frontão lê-se — *Municipalidade.*

Nos dous pavimentos dos corpos lateraes existem quatro janellas.

No primeiro pavimento acham-se a Secretaria e a Contadoria, e no segundo a sala de sessões, o gabinete do Presidente e o cartorio de paz.

O *Forum*, occupa um edificio, igualmente bonito e de dous pavimentos; o segundo com sete janellas e o primeiro com seis e a porta de entrada. No frontão lê-se: *Forum. Cadêa. Quartel.*

No primeiro pavimento ficam dous cartorios do 1º e 2º officios, o cartorio da delegacia, o quartel e as prisões, e no segundo a sala do jury, a sala secreta, a do juiz de direito e a do juiz municipal.

O fôro é muito animado; nelle pleiteiam-se causas muito importantes e de quantias avultadas.

A villa é abastecida de boa agua, que é encanada da fonte acima do lugar denominado Inglezes.

Tem insignificante commercio. Nella encontram-se duas officinas de ferreiro e uma de marceneiro e torneiro todas movidas a vapor.

O municipio é coberto de montes e valles, mais ou menos elevados, de maior ou menor extensão.

Divide-se em quatro districtos: Santa Thereza, Porto das Flores, Tabôas e Abarracamento.

E' banhado em toda a sua linha divisoria ao sul pelo rio Parahyba do Sul, desde a estação do Commercio, na Estrada de Ferro Central do Brazil e ponte inicial da Estrada de Ferro Rio das Flores, até á Cachoeira Grande, abaixo da estação do Paty da mesma Central, tendo mais ou menos a extensão de 10 kilometros entre os dois pontos terminaes, e separando este municipio do de Vassouras; e pelo rio Preto, ao norte, desde a ponte do Barreado até á de Tres Ilhas, dividindo o municipio com o Estado de Minas Geraes, na extensão de 18 kilometros mais ou menos.

Das Tres Ilhas parte a linha divisoria a leste com o municipio do Parahyba do Sul pela extremidade da fazenda Santa Justa e nas sesmarias outr'ora pertencentes á fazenda Cazal, terminando na Cachoeira Grande do Rio Parahyba, ao lado da fazenda Boa Vista, tendo a extensão de 20 kilometros mais ou menos.

A estrada geral de rodagem da ponte do Commercio á ponte denominada Azevedo, no rio das Flores e desta á do Barreado, ponto terminal desta linha, constitue a oeste o seu limite com o municipio de Valença.

Além dos rios citados, banham o municipio: o Marambaia, affluente do Parahyba; o da Paz, que nasce na serra do mesmo nome e desagua no rio Parahyba; o Arêas, que nasce da mesma serra e desagua no rio Preto, na estação de Santa Rosa; o Independencia, que nasce na serra do Mundo Novo e desagua no rio Preto na fazenda do mesmo nome; o Santa Justa, que nasce na mesma serra do Mundo Novo e desagua no Rio Preto na fazenda do mesmo nome; o das Flores, que, vindo de Valença, penetra no municipio, indo desaguar no rio Preto, em Porto das Flores; o Manoel Pereira, que banha a villa e acompanha sempre a Estrada de Ferro Rio das Flores, desde Tabôas ao referido Porto das Flores; fórma a bella cascata de S. Leandro.

Entre o rio Parahyba e o das Flores existe uma serra isolada conhecida por Taquara, que passa por outros municipios, donde dimanam diversos riachos, mais ou menos volumosos, por uma e outra vertente, com bellos saltos. Entre os rios das Flores e Preto ha uma outra serra denominada Ouro Falla. As serras da Forquilha e do Formoso tambem atravessam o municipio.

Occupam-se os seus lavradores quasi que exclusivamente na lavoura do café, que é opulenta, e na da canna. Entre os fazendeiros mais importantes do municipio notam-se: Domingos Theodoro de Azevedo, Barão de Alliança, Domingos Custodio Guimarães, dr. Paula Santos, Cyro dos Santos Paiva, Julio Paiva, além de outros.

O clima é temperado, oscillando de 15º a 32º, maximo no verão. As molestias mais frequentes são: o impaludismo e a tuberculose pulmonar.

A Estrada de Ferro Rio das Flores atravessa o municipio do Commercio á Tres Ilhas com as seguintes estações no territorio: Commercio (ponto inicial), Marambaia, Ipori das Tabôas, Saudade (parada), Santa Thereza, Barão de Santa Fé (parada), Cachoeira do Funil, Paraiso (parada), Porto das Flôres, Santa Rosa e Tres Ilhas.

Comprehende os seguintes povoados: Commercio, atravessado pelo Parahyba, com duas estações á margem direita, duas capellas e uma ponte de ferro sobre a qual passa a Estrada de Ferro Rio das Flores; Tabôas, com uma capella de S. José; Flores, Porto das Flores, Tres Ilhas, Abarracamento e Cachoeira do Funil. A população do municipio é de 16.000 habitantes.

Possue no Rio Parahyba, além da ponte de ferro citada, uma outra de madeira que dá passagem desse municipio para a estação do Paty, e uma barca que transporta passageiros e cargas para a estação da Alliança; no rio Preto, tres de madeira: a do Barreado, Porto da Flores e Tres Ilhas, e mais seis, finalmente, de madeira, sobre o rio das Flores.

Além da matriz, possue oito capellas filiaes, de S. Benedicto, Santa Genoveva, Sant'Anna, S. José, S. Sebastião, S. Pedro, S. João Baptista e S. João Nepomuceno.

Tem escolas estaduaes e municipaes. O Dr. Tavares Bastos, um joven de corpo franzino, mas de grande intelligencia e enorme coração, mantém um grupo nocturno e gratuito, onde ensina diversas disciplinas de ensino secundario.

Ao terminar, vou desempenhar-me de uma incumbencia santa que recebi da população da villa de Santa Thereza.

Ao visitar a cadêa vi em um dos cubiculos um unico preso. Era um preto, ainda moço, que está cumprindo sentença por crime de homicidio.

Approximando-me do infeliz, interroguei-o sobre o motivo de sua reclusão. Respondeu-me, banhado em lagrimas, que em uma discussão que tivera com um outro parceiro, este dera-lhe uma bofetada. Diante de tal aggressão, elle servira-se de um páo que comsigo trazia e desfechára uma cacetada no seu rival, produzindo-lhe a morte. Accrescentou que não dera a paulada com o intuito de matar o seu aggressor; que alvejava o corpo e que só por uma fatalidade a bastonada apanhou uma das fontes.

Todos os que me acompanharam na visita que fiz á cadêa me garantiram que o procedimento do preso era irreprehensivel e me pediram que intercedesse por elle junto ao meu amigo Quintino Bocayuva.

Volto-me, pois, para o honrado Presidente do Estado do Rio de Janeiro, não em nome da sincera estima que lhe dedico ha mais de 30 annos, pois esta de pouco vale, mas em nome do Nosso Senhor Jesus Christo.

Quintino! Estou a teus pés de joelhos e com as mãos erguidas, e bem colladas uma á outra. Peço-te que indultes a esse pobre detento, que com a idade de 18 annos commetteu involuntariamente um crime e que já soffre ha longos seis annos no ergastulo de uma penitenciaria. Peço-te que faças cahir sobre elle o manto de tua misericordia e Deus, que é bom, te dará dias felizes neste mundo e te recompensará no outro chamando-te para junto delle.

Quintino! São as mãis e as crianças da villa de Santa Thereza que te pedem. Attende ao seu justo e santo pedido. »

THIMOTEO. Lagôa no mun. de Minas do Rio de Contas e Estado da Bahia.

THOMAZ BARBOSA. Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. de Guanhães.

THOMAZ COELHO. Estação inicial da E. de F. Campista, na cidade de Campos e Estado do Rio de Janeiro.

THOMÉ. (S.) Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. do Sumidouro.

THOMÉ (S.). Ilha do Estado do Pará, no mun. de Chaves, separada da ilha nova dos Carneiros por um pequeno mupeua.

THOMÉ GONÇALVES. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. do rio Jaguary.

TI. Corrupção de *ty*, a agua, o rio, o liquido, o caudal.

TIA VELHA. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha a cidade do Rio Branco e desagua no rio Chopotó.

TIBAGY. Composto de *tiba-gy*, rio do pouso, do deposito ou feitoria; rio da abundancia; rio caudaloso ou copioso (Dr. T. Sampaio).

TIBAGY. Villa do Paraná. Em logar de villa leia-se — cidade — e accrescente-se no fim: Foi elevada á cidade pela Lei n. 259 de 27 de dezembro de 1897.

TIBAIA. Corr. *tiba-aia*, pouso ou mansão saudavel; corr. *ty-b-aia*, caudal saudavel; corr. *ty-bai*, curso d'agua ruim ou máo; alt. *atibaia*. (Dr. T. Sampaio).

TIBYCOARA. Composto de *tyby-coára*, buraco do chão, a cova, a sepultura (Dr. T. Sampaio).

TIBYCOARY. Composto *tybycoar-y*, rio das covas ou das sepulturas (Dr. T. Sampaio).

TICO-TICO. Morro granitico inteiriço, á margem dir. do rio Juquery, proximo ás Caieiras, no Estado de S. Paulo.

TIETÊ. Composto de *ti-etê*, curso d'agua verdadeiro, caudal consideravel. Vide *Ti* (Dr. T. Sampaio). « *Tiete*, rio grande, relativamente aos outros da mesma região. De *ti*, agua, rio; *êtê* para exprimir superlativo » (Dr. J. M. de Almeida).

TIGIPIÓ. Dist. policial do Estado de Pernambuco, no mun. de Jaboatão.

TIGRE. Igarapé no mun. da Capital do Estado do Amazonas.

TIJUAPÊ. Corr. *teyú-apé*, a vereda dos lagartos (Dr. T. Sampaio).

TIJUCA. Vide *Tuyuca* e *Tejuco*.

TIJUCAL. Log. do Estado de Matto Grosso, no dist. de Brotas e mun. do Livramento, á margem esq. do ribeirão Jangada.

TIJUCO. Morro do Estado de Minas Geraes, no mun. do Pomba.

TIJUCO. Corrego do Estado de S. Paulo, na com. do Jaboticabal.

TIJUCO (S. José do). Dist. de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Foi desmembrado do mun. do Prata e elevado a mun. com o nome de Villa Platina pela Lei n. 319 de 16 de setembro de 1901.

TIJUCO. Corrego de Minas Geraes, no mun. de Diamantina. Accrescente-se no fim: Passa por traz do edificio da Escola Normal. Outros o mencionam desaguando no S. Francisco ou Quatro Vintens.

TIJUCOPAPO. Vocabulo tupi, corruptela de *tuyucpaba*, que significa lama espraiada, lamaçal, lameiro.

TIJUCO PRETO. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do ribeirão Cassaquera, no mun. de S. Bernardo.

TIJUCO PRETO. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do ribeirão Cabeça, no mun. do Rio Claro.

TIJUCO PRETO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Piracicaba, no mun. deste nome.

TIJUCO PRETO. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do ribeirão Lageado, no mun. do Rio Novo.

TIJUCO PRETO. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do ribeirão do Pau d'Alho, que o é do ribeirão do Pinhal, este do rio dos Moinhos e este do Tieté.

TIJUCO PRETO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Sorocaba, no mun. de Tatuhy.

TIJUCO PRETO. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha a colonia Francisco Salles e desagua no rio Sapucahy-mirim.

TIM. Corrupção de *ti*, ponta, nariz, saliencia, prôa; adjectivo contrahido de *tinga*, branco, alvo (Dr. Theodoro Sampaio).

TIMBÉ. Pov. do Estado de Santa Catharina, no mun. de Tijucas, com escola.

TIMBÓ. Substantivo, a planta cujo succo mata o peixe; vara, vergontea, cipó (*Paulinia Pinnata*). Dr. Theodoro Sampaio.

TIMBÓ. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de Pacatuba (*Almanak Sergipano*. 1901).

TIMBÓ. Rio do Estado de Pernambuco, affl. do Canhoto, trib. do Mundahú.

TIMBÓ. Vallão affl. da margem esq. do rio Parahyba do Sul, no mun. de S. Fidelis e Estado do Rio de Janeiro.

TIMBOAVA. Lagôa á margem do ribeirão Anna da Costa, no mun. de Iguape e Estado de S. Paulo. « *Timboava*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Timbó-ába*, vaporosa. De *timbó*, evaporação, bafo; *ába*, para exprimir logar, modo, instrumento, etc. Não se trata do *timbó*, veneno vegetal empregado na pesca. Ha varias arvores, cujas raizes e caules socadas e atiradas ás aguas pouco correntes de um rio ou lagôa matam todo o peixe que por alli passa. *O timbó* legitimo é o da *Paulinia pinnata* de Linneo; mas ha tambem o do *Entorolobium timboúva* de Martius, da familia das Leguminosas: *timbó-ĩb-a*, arvore do timbó ».

TIMBORÁ. Substantivo, vapor, nevoa, exhalação; Bahia (Dr. Theodoro Sampaio).

TIMBOSAL. Rio do Estado do Pará, no mun. de Amapá.

TIMBOTIUA. Igarapé affl. do rio Gurupy. Desagua do lado do Maranhão. Não é propriamente um affl., mas um braço lateral cheio de agua salgada pelo fluxo e refluxo da maré (Dr. G. Dodt.).

TIMBUHY. Log. no mun. da Serra do Estado do E. Santo. Esta palavra é corruptela de *timbó-y* e significa rio do timbó.

TIMBYRA. Corrupção de *timbyr*, o amarrado, o que é amarrado; Maranhão. Vide *Tumbiras* (Dr. Theodoro Sampaio).

TINGA (Adjectivo). Branco, alvo, claro, candido; alterado de *tin*, *ti*, *tiquera* ou *tinguera*, muito branco, alvissimo; *morontim* ou *moraty*, mui alvo (Dr. Theodoro Sampaio).

TINGA. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de Itaporanga (*Almanak Sergipano*. 1901).

TINGA. Bairro do mun. de Caraguatatuba, no Estado de S. Paulo, com uma esc. mixta creada pela Lei n. 732 de 26 de outubro de 1900.

TINGLY. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha a cidade de Nova Friburgo, onde ao chegar se divide em diversas vallas que vão escoar no rio Bengalas.

TINGOSSÚ. Vide *Itĩ*. *Tingossú* é corrupção.

TINGUÁ. Composto de *tim-guá* ou *tim-quá*, saliencia em forma de bico ou ponta, o pico; Rio de Janeiro; corrupção de *ti-guá*, (substantivo) o poço (Dr. Theodoro Sampaio).

TINGUI. Corrego do Estado da Bahia, no termo de Cannavieiras. Vai para o rio Cipó.

TINHARÉ. Corrupção de *tî-nharó*, o que se adianta elevado, o que avança erguido ou empinado; a ponta alta, o promontorio; Bahia (Dr. Theodoro Sampaio).

TINOCOS. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. de Itauna. Pertenceu ao mun. do Pará.

TINTATEUA. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Mazagão.

TIOGO. Corrego do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Cimbres e desagua na margem esq. do rio Ipojuca.

TIPY. Pov. do Estado de Pernambuco, no mun. do Canhotinho.

TIQUATIRA. Ribeirão no mun. da capital do Estado de S. Paulo. Desagua na margem esq. do rio Tieté e banha o dist. de N. S. da Penha de França. « *Tiquatira*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *T-iquê-atir-a*, contrahido em *Tiqu'-atir-a*, margens altas. De *t*, relativo; *iquê*, lado, costa; *atir*, levantado, alto, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. Allusivo a correr entre barrancas a prumo ».

TIRA-CATINGA. Cachoeira no rio Mogy-guassú e Estado de S. Paulo. E' perigosissima. « *Tira-catinga*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Terequâ-atĩ-nga* contrahido em *Terequ'-atĩ-nga*, frente cercada. De *terequâ*, face, frente; *atĩ*, rodear, atalhar, cercar, com o suffixo *nga* (breve), para formar supino. Allusivo a existir na extremidade inferior dessa cachoeira um dique granitico, de margem a margem do rio ».

TIRADENTES. Passou assim a denominar-se o ribeirão Arrudas, que banha a cidade de Bello Horizonte e desagua no rio das Velhas, na Estação do General Carneiro, no Estado de Minas Geraes.

TIRÃO DO PEIXE. Log. do Estado do Paraná, no mun. de Assunguy.

TIRA-SENTIDO. Serra do Estado de Matto Grosso, no mun. do Rosario.

TIRIRICA. O Dr. Lacerda e Almeida, no seu *Diario de viagem nos annos de 1780 a 1790*, diz: que *Tiririca* é o mesmo que *yxururuca* e quer dizer — agua que está chiando ou fervendo. « Si tal interpretação, diz o Dr. J. M. de Almeida, tivesse cabimento, seria mais correcto dizer *yxiririca* e não *yxururuca*, porque ferver é *xiriri* e não *xururú*. *Tiririca*, isto é, *T-yryri'-ca*, veloz. De *t*, relativo, substituindo o *p* de *pyryri*, ser veloz, ligeiro com o suffixo *ca* (breve), para formar supino.

TIRIRICA. Rio que communica a lagôa Cassó com o rio Preguiças, no Estado do Maranhão. E' tambem denominado Riachão de Dentro.

TIUBA. Corrupção de *tuî-yba*, a arvore dos tuins; corrupção de *tuyuba*, abelha pequena e amarella; Bahia (Dr. Theodoro Sampaio).

TOCA. Este vocabulo é derivado de *oca*, a casa, o refugio, o esconderijo. Vide *Oca*.

TOCA. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. da cidade do Bom Fim.

TOCA. Corrego do Estado de Minas Geraes, banha a colonia Nova Baden e desagua no ribeirão do Mello. E' atravessado pela E. de F. Musambinho.

TÓCOS. Morro do Estado de Minas Geraes, no dist. de Congonhas do Campo.

TOLEDOS. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Piracicaba. Parece nascer com o nome de Galvão. Recebe pela esq. o corrego do Gerivá e pela dir. o S. Luiz e o Galvão.

TOMA-JUÇARA. Rio do Estado do Maranhão. Communica com o rio S. Benedicto, com o estreito denominado Cocal e, tomando o nome de Maracujatiua, se lança, abaixo do logar Prainha, na bahia do Cabello de Velha. Recebe o Currupira.

TOMBADOURO. Estação da E. de F. Paulista, no Estado de S. Paulo, no ramal de Santa Rita. Foi inaugurada a 1º de dezembro de 1899.

TOMBADOURO. Riacho do Estado da Bahia, nasce na serra da Chan, no logar Lamarão, banha o mun. de Alagoinhas e desemboca no rio Subahuma, junto do pov. do Riacho, que banha pelo lado do sul.

TOMBADOURO. Rio do Estado de Minas Geraes, banha o mun. de Bello Horizonte e desagua no Tiradentes ou Arrudas.

TOMBA SURRÃO. Log. do Estado da Bahia, no mun. de Minas do Rio de Contas.

TOMBO. Praia na ilha de Santo Amaro, mun. de Santos e Estado de S. Paulo, proxima da praia do Guarujá.

TONJO. Morro do Estado de Minas Geraes, entre o dist. da cidade de Monte Santo e o da cidade de Jacuhy.

TOPADA. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Taquaretinga e desagua na margem esq. do rio Capibaribe. Recebe o Açudinho e o Esquerdo. Encontrei esta palavra escripta de tres maneiras differentes: *Topada*, *Tapada* e *Tapado*. Vital de Oliveira escreve *Tapado;* o Sr. Sebastião Vasconcellos Galvão, citando os affls. do rio Capibaribe, escreve *Topada* e descrevendo o riacho Esquerdo o menciona como affl. do *Tapada*; o conego Honorato escreve *Tapado*.

TORO-PASSO. Log. no mun. de Uruguayana, do Estado do R. G. do Sul, com uma esc. municipal.

TORORÓ. Adj., sussurrante, corrente; corr. *y-tororó*, agua corrente ou sussurrante; alt. *y-chororó*, *y-choró;* Bahia (Dr. T. Sampaio).

TOROROMA. Igarapé do Estado do Maranhão, banha o mun. de Alcantara e desagua no rio Aurá.

TORYBA. Subs., alegria, felicidade; alt. *toryva* (Dr. T. Sampaio).

TOSTADO. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Cima da Serra.

TRACUNHAEN. Corr. *taracu-nhaen*, panella de formigas; formigueiro; Pernambuco (Dr. T. Sampaio).

TRAIPÚ. Corr. *ityra-ipú*, olho d'agua do monte, a fonte do morro; corr. *taipú*, o arrojado, o ejaculado ou arremessado; Alagôas (Dr. T. Sampaio).

TRAIPÚ. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de S. Christovão (*Almanak Sergipano*. 1901).

TRAMANDAHY. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de Larangeiras. (*Almanak Sergipano*. 1901).

TRANCOSO. Rio do Estado da Bahia. Accrescente-se no fim: O Capitão-tenente Viriato Hall, em seu artigo sobre *Cabotagem*, impresso na *Rev. Maritima Brazileira*, Anno XXII, n. 3, diz: « A 4' para o N. do cabo Joacema acha-se o rio do Frade, ao N. de cuja barra se vê a ponta Itaquena e a 5' desagua o rio Trancoso ».

TRANQUEIRA. Ribeirão do Estado do Paraná, affl. do rio Bariguy.

TRAPANDÉ. Grupo de ilhas, arrecifes e parceis, que estão ao sul da barra de Cananéa, formada pela ponta norte da ilha Cardozo e pela extremidade sul da ilha Cananéa, no Estado de S. Paulo. As ilhas são: Bom Abrigo, Cardozo, Camberihú, Castilho, Figueira, Tumba, Ubatuba, e outras; os arrecifes são os Moleques; além dos parceis e comoros de arêa. Outros applicam o nome a uma curva que ahi faz o continente. E tambem dizem Mar de Ararapira. « *Trapandé*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corrupção de *Teii-ra-páu-nd-é*, muitas ilhas e elevações á parte. De *teii*, grupo, manada, companhia, familia, muitos; *ra*, elevação, levantado, signal, mancha, desigual; *páu*, ilha, intermedio entre dous; *nd*, intercalação nasal; *é*, á parte ».

TRAPICHEIRO. Morro do Districto Federal, no dist. de N. S. de Lourdes.

TRAPUÁ. Corr. *ityra-poá*, cabeço redondo, outeiro redondo (Dr. T. Sampaio).

TRATUATUBA. Furo e ilha no mun. de Portel e Estado do Pará. A ilha fica no rio Curapú.

TRAVEJÚ. Serrote no mun. de Buquira e Estado de S. Paulo. E' uma ramificação da Mantiqueira. « *Travejú*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corrupção de *Ty-ra-ie-yi*, pontas, altos e baixos, cavernosos. De *ty*, ponta; *rá*, altos e baixos, desigual; *ie*, reciproco para exprimir a acção da cousa em si mesma; *yi*, concavidade, caverna, abertura natural, seio, ôco ».

TREMEMBÉ. Corr. *teré-membé*, o que treme amolecendo, o brejo, o tremedal (Dr. T. Sampaio). « *Tremembé*, corrupção de *T-ieré-membég*, sinuoso e frouxo. De *t*, relativo; *ieré*, voltear, volta; *membég*, afrouxar, derramar, liquidar, derreter, significando sinuoso e frouxo, por estarem esses verbos precedidos de *t*, relativo ».

TREMEMBÉ. Corrego de S. Paulo, na com. da capital. Accrescente-se no fim: Desagua na margem dir. do Guapira. Recebe o Piahy.

TRES BARRAS. Bairro do Estado de S. Paulo, no mun. de Santa Barbara do Rio Pardo, com uma esc. mixta, creada pela Lei n. 732 de 26 de outubro de 1900.

TRES BARRAS. Log. do Estado do Paraná, no mun. de Castro.

TRES BARRAS. Ribeirão do Estado de S. Paulo, banha o nucleo Campos Salles e desagua no rio Pirapitinguy. Recebe o Sitio Novo.

TRES BOIS. Riacho do Estado da Bahia, na com. do Mundo Novo.

TRES CABEÇAS. Corrego do Estado de S. Paulo, no mun. de Caconde, nas divisas do dist. da Soledade.

TRESIDELLA. Arrabalde da villa de S. Luiz Gonzaga, no Estado do Maranhão, defronte da villa e á margem esq. do rio Mearim. Tem uma capellinha.

TRES PONTAS. Corrego do Estado de Minas Geraes, nas divisas do mun. de Prados. Vai para o rio das Mortes.

TREZE DE MAIO. Estação da linha Sorocabana, no mun. de Botucatú e Estado de S. Paulo.

TRINCHEIRAS. Enseada no mun. de Ilhéos, no Estado da Bahia. E' muito baixa.

TRINDADE (Santo Antonio da). Pov. no mun. do Porto de Pedras, no Estado das Alagôas.

TRINDADE. Morro do Estado de Minas Geraes, no mun. de Tiradentes.

TRIPUI. Corr. *ityra-poi*, morro delgado ou esguio; corr. *tiripui*, secco e delgado, o que secca adelgaçado; Minas Geraes (Dr. T. Sampaio).

TROMBUDO. Morro do Estado do Paraná, no mun. de Guarapuava.

TROMOMÓ. Pov. do Estado do Paraná, no mun. de Guarakessava.

TRONCO. Estação da E. de F. de S. Paulo ao Rio Grande, no mun. de Castro e Estado de Paraná, a 12 kils. da séde do municipio.

TROVÃO. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Chaves, nas divisas do mun. de Anajás.

TRUÕES. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. de S. Gonçalo da Ponte e mun. do Bom Fim. Pertenceu ao dist. da Piedade dos Geraes.

TUÁ. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. do ribeirão Itaberaba, entre os muns. de Conceição dos Guarulhos, de Nazareth e de Mogy das Cruzes. « *Tuá*, diz o Dr. J. M. de Almeida, isto é, *tú-á*, cahido a golpes. De *tú*, golpe, pancada; *á*, cahir. »

TUBARANA. Corruptela de *Tú-bo-ar-ã-m-a*, contrahido em *Tu-b'-ar-ã-m-a*, empinado, cahe aos saltos. De *tú*, golpe, salto; *bó*, para exprimir o modo; *ar*, cahir; *ã-am*, empinar, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. O nome corrupto nada tem com o peixe *tabarana*, como é facil verificar da primeira syllaba; e, aliás, o indigena não sohia dar denominações a logares, usando de nomes de peixes, e de outros animaes, nem tambem de nomes de vegetaes e de mineraes. Mas, é intuitivo que ao nome daquelle peixe é devida a corrupção quanto ás duas ultimas syllabas; mudadas *ara-ma* em *ara-na* (Dr. J. M. de Almeida).

TUBARÃO. Igarapé do Estado do Maranhão, banha o mun. de Alcantara e desagua no rio Aurá.

TUBICHAUA. Vide *Tuchaua*, grande, corpulento, membrudo.

TUBUNA. Bairro do mun. da Fartura e Estado de S. Paulo.

TUBUNA. Salto no rio Itararé, mun. da Fartura e Estado de S. Paulo.

TUBYACANGA. Praia na ilha do Governador, situada na bahia de Guanabara e pertencente ao Districto Federal.

TUCANAPY. Rio do Estado do Pará, affl. da margem dir. do Amapary ou Mapary. Banha o territorio do Aricary.

TUCANO. Corr. *tu-cang*, bico osseo (B. Caetano); corr. *tu-quã*, bico que sobrepuja, exagerado; nome da ave conhecida *Rhamphastos* (Dr. T. Sampaio).

TUCANTINS. Corr. *tucan-tim*, nariz de tucano. Nome de uma tribu selvagem que deu seu appellido a esse rio; alt. *Tocantins* (Dr. T. Sampaio).

TUCHAUA. O mais elevado, o primeiro, o de mais elevada estatura, o chefe.

TUCUMANDIUA. Um dos braços mais septentrionaes que formam o rio Gurupy, que separa os Estados do Pará e do Maranhão. E' trib. do Itinga (Dr. Gustavo Dodt).

TUCUMAPIRANGA. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. de Itacoatiara.

TUCUMBÓ. Cachoeira no rio Mogy-guassú e Estado de S. Paulo. E' hoje conhecida pelo nome de Cordão. « *Tucumbó*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Ty-hú-mbó*, saltos, rodomoinhos e arrecifes. De *ty*, ponta; *hú*, revolver; *mbó*, o mesmo que *pó*, salto, mudado o *p* em *mb*, por ser nasal a palavra anterior. »

TUCUMDIUA. Ilha no rio Urú, mun. de Cururupú e Estado do Maranhão.

TUCUMSAL. Ilha no furo do mesmo nome, mun. de Cururupú e Estado do Maranhão.

TUCUNDUVA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Sarapuhy, no mun. deste nome. « Ainda neste nome, diz o Dr. J. M. de Almeida, o indigena fez o seu costumado jogo linguistico. Nesse logar abunda a palmeira espinhosa *ticum*; e, por isso, o nome *Tucunduva* é o mesmo que *Ticũ-ndib-a*, logar de ticum; de *ticũ*, e *tib-a*, mudado o *t* em *nd*, por causa do som nasal de *ticũ*, significando logar natural. Mas, tambem, essa região é pantanosa, inclusive o leito e as margens desse ribeirão; e, por isso, o nome *Tucunduba* é o mesmo que *Ti-húú-ndib-a*, logar de agua lodosa; de *ti*, agua; *húú*, lodo, borra, fezes, detritos; *tib-a*, mudado o *t* em *nd*, por causa do som nasal de *húú*, logar natural. Com effeito, é um ribeirão charcoso, tanto no leito, como nas margens; mas, ás suas margens ha abundancia da palmeira *ticũ* ».

TUCURA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Mogy-guassú, no mun. de Mogy-mirim. « *Tucura*, s., o gafanhoto (*Locusta*) ». Dr. T. Sampaio. « Não se trata do orthopero saltador, camarão ou gafanhoto, que é em tupi *Tucúr-a*, mais especialmente applicado ao gafanhoto. E', porém, provavel que naquella região abunde o gafanhoto, que a sciencia denomina *gryllus*, com as suas variedades — *subulatus* (o pontudo), *grossus* (o barrigudo), *migratorius* (o de arribação), e outros, entre os quaes o verde; e tambem os pequenos cantadores, que são os que o povo denomina *grillo*. *Tucura*, nome do ribeirão, é corruptela de *Ti-cury*, rio veloz. De *ti*, rio, agua; *cury*, veloz, ligeiro. Esta palavra *cury* pode ser pronunciada breve, como neste nome; visto que pode ter ou não som nasal. Allusivo á grande correnteza de suas aguas. E, voltando ao nome *tucúr-a*, gafanhoto, deixo aqui um esclarecimento. O indigena denominava o frade da Ordem de S. Francisco — *abaré-tucura*, padre gafanhoto; allusivo ao capuz triangular pendente detraz do pescoço. De *abá-ré*, homem distincto, sacerdote, padre; *tucúr-a*, gafanhoto. A denominação não deixa de ter algum espirito. » (Dr. J. M. de Almeida). Vide *Tucura* no 3° vol.

TUCURAHY. Vocabulo tupi que significa rio dos gafanhotos. E' composto de *tucura-y*.

TUCURY. Rio affl. da margem esq. do Tieté, no mun. da capital do Estado de S. Paulo. « *Tucury*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Ti-cury-i*, rio perseverantemente muito corrente. De *ti*, rio, agua; *cury*, veloz, ligeiro; *i*, posposição de perseverança. »

TUHY. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. da Passagem Franca, sobre o rio Corrente, tambem ahi chamado Tuhy, affl. da margem dir. do rio Itapecurú. Fica a 30 kils. da villa e é atravessada pela estrada real que vem de muitos pontos do alto sertão.

TULEJAR. Termo uzado no sertão da Bahia e que significa vagar sem destino.

TUMBIRA. Igarapé do Estado de Amazonas, affl. da margem dir. do rio Negro, nas divisas do dist. de Taupessassú e mun. da capital.

TUMBIRAS. Corr. *tumbir*, o bichento, o que está cheio de bichos (*pulex penetrans*); alt. *tombiras*. E' provavel que o nome *timbyra* tenha o mesmo significado, devendo-se escrever então *tymbira*, cujo *y*, mal pronunciado, deve ter produzido *tumbira* (Dr. T. Sampaio).

TUMIARÚ. E' o nome do porto de que fazem menção as chronicas, no rio S. Vicente e Estado de S. Paulo. Frei Gaspar da Madre de Deus, nas *Memorias para a historia da Capitania de S. Vicente*, escreveu: « Por esta ou por alguma outra razão que ignoro, levantou (Martim Affonso de Souza) a villa no fim da praia de *Tararé*, junto ao mar, em sitio alguma cousa distante do porto de *Tumiarú*, entre o qual e a povoação se intromette um outeiro ». E, referindo-se ao trajecto pelas praias de *Tararé* e de *Embaré*, até á ponta da praia, onde então existia o forte da *Estacada*, accrescentou: « Por aqui se conduziam para a villa as cargas menos pe-

sadas, e as outras ordinariamente iam pelo rio em canôas até *Tumiarú* ». Segundo o mesmo Frei Gaspar, naquelle logar morava Antonio Rodrigues, companheiro de João Ramalho, quando Martim Affonso de Souza entrou com a sua armada no rio Bertioga em 1531. « *Tumiarú*, diz o Dr. J. M. de Almeida, é corruptela de *Temi-harõ*, guardado. De *temi*, verbal de participio presente, que sempre deve preceder ao verbo; e *harõ*, guardar. Allusivo a ter sido estabelecido nesse porto um Registro com guardas, quando Martim Affonso de Souza fundou a villa de S. Vicente ».

TUNGA. Subs., o bicho de pé, a nigua (*pulex penetrans*); alt. *tum* (Dr. T. Sampaio).

TUNGUÇÚ. Composto de *tung-uçú*, a pulga, o bicho ou nigua maior (Dr. T. Sampaio).

TUNUHY. Composto de *tumú-y*, rio agitado, ou tremente; corr. *tun-y*, rio dos bichos ou das niguas (Dr. T. Sampaio).

TUPÃ. Corr. *tub-ã*, o que jaz, o que reside (*tub*), alto, erguido, superior (*am* ou *ã*), o que domina, ou fica superior, o que está no alto; Deus, o Altissimo. Pode ser ainda *tub=tup*, pae, *ã=am*, elevado, erguido, superior, do alto, isto é, *tup-ã*, o pae do alto, o pae que está nas alturas, o pae do céo; alt. *tupá* (Dr. Theodoro Sampaio).

TUPABERABA. Vocabulo composto de *tupã-beraba*, que significa a luz de Deus, o relampago.

TUPACERETAN. Corrupção de *tupã-recê-retama*, paiz destinado para Deus, região reservada a Deus, patrimonio divino; pode ser ainda *tupã-ci-retama*, terra da Mãe de Deus, o paiz de Nossa Senhora; Rio G. do Sul (Dr. Theodoro Sampaio).

TUPACINUNGA. Corrupção de *tupã-cynyriga*, a voz de Deus, o trovão.

TUPANAROCA. Vocabulo composto de *tupã-roca*, a casa de Deus, a Egreja, a Capella, o Sanctuario.

TUPI. Composto de *tu-upi*, de *tu* ou *tub*, pae, e *upi*, elevado, sublime, superior, isto é, o pae supremo, o grande pae, o primitivo, o progenitor. Esta interpretação corresponde á graphia franceza *tououpi*, que se encontra como radical do nome *tououpinambaoult*, segundo nol-o transmittiu João de Lery, viajante que Ferdinand Denis aliás reconhece ser de uma exactidão admiravel. Varnhagen interpretou *tupi* ou *typi*, os da primitiva geração. O Padre Simão de Vasconcellos interpretou *tupi* como synonimo de *tupã*, pois que *tupi* quer dizer, o pae supremo, e traduziu *tupinambá* como povo de Deus. Cumpre notar que alguns viajantes e escriptores do seculo XVI escreveram tambem *tuppin* ou *tupin*, que quer dizer tio, o irmão do pae (Dr. T. Sampaio).

TUPINAES. Corr. de *tupi-nã*, parentes ou consanguineos dos tupis; corr. de *tupi-aê*, amigos dos tupis ou seu affeiçoado; nome de uma tribu selvagem primitiva. Pode ser ainda *tupin-aen*, os tios suppostos ou falsos. Vide *Tupi* (Dr. T. Sampaio).

TUPINAMBÁ. Composto de *tupi-nã-mbá*, descendente dos tupis; pois que *nã-mbá*, o mesmo que *anambá*, significa derivado do parente ou descendente. Vide *Tupi* (Dr. T. Sampaio).

TUPINAMBARANA. Vocabulo composto de *tupinambárana*, os falsos tupinambás, os que falsamente descendem dos tupis (Dr. Theodoro Sampaio).

TUPINIQUIM. Ant. *tupinakî*, composto de *tupi-nakî*, galho do parente de tupi, os collateraes dos tupis (Dr. T. Sampaio).

TUPIRAMA. Composto de *tupi-rama* ou *tupi-retama*, a região ou patria dos tupis (Dr. T. Sampaio).

TURI. Subs., nome de uma arvore de tona fibrosa (*Licania*); corr. *tory*, subs., a fogueira, o fogo, a queimada (Dr. T. Sampaio).

TURÚ. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. da capital, a NE., distante cerca de tres kils. da confluencia do Angelim com o Anil.

TURUNA. Corr. de *ityruna*, elevação negra, monte negro, alturas, montanha (Dr. T. Sampaio).

TURUSINHO. Log. do Estado do Maranhão, na ilha de S. Luiz.

TURUSINHO. Riacho do Estado do Maranhão, banha o mun. da capital, atravessa uma pequena lagôa e desagua no rio Mocajutuba.

TURVO (S. Sebastião do). Bairro do mun. de Jaboticabal, em S. Paulo. Accrescente-se no fim: Foi elevado a dist. de paz pela Lei n. 663 de 6 de setembro de 1899.

TURY. Composto de *turi-y*, rio dos turis, ou rio das fogueiras; Maranhão. Vide *Turi* (Dr. Theodoro Sampaio).

TURYASSÚ. Composto de *tur-y-açú*, rio grande dos *turis* ou das fogueiras; Maranhão. Vide *Turi* (Dr. T. Sampaio).

TURY-ASSÚ. Cidade do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira, *obr.* cit., diz: « *Tury-assú*, proxima da costa, á margem esq. do estuario do rio Tury-assú, cujas aguas vão ter á bahia do mesmo nome, está situada tambem á margem esq. do rio S. João, primitivamente Carapanahy, exactamente no logar de sua confluencia com aquelle rio, em que se lança pela margem esq. Contém muitos predios de solida construcção e são dignos de menção: a Egreja Matriz, o paço da Intendencia Municipal, que é uma doação de Francisco Gonçalves dos Reis, o armazem e o trapiche da Companhia de Navegação a Vapor do Maranhão. Occupa uma área relativamente pequena e não offerece proporções para maior desenvolvimento, salvo mediante grandes obras de arte, visto como é limitada, ao N., por uma collina e cingida nas outras direcções pelos rios descriptos e terrenos pantanosos. A pequena distancia fica o arrabalde Castanhal, onde vão a passeio os habs. da cidade. E' porto de escala dos vapores da linha costeira, e está ligada telegraphicamente á capital. Exporta algodão, couros, fumos, e, especialmente para o Pará, cereaes, camarão e peixe. Calcula-se a sua pop. em 4.000 habs. Nasceu nesta com. D. Joaquim Gonçalves de Azevedo, que foi arcebispo da Bahia ». O Sr. José Ribeiro do Amaral, *obr.* cit., diz: « *Tury-assú*, cidade pela Lei Prov. n. 897 de 11 de junho de 1870; termo, em 1853, em virtude do art. 3º do codigo do processo criminal; a 1º25′ de lat. S. e a 2º29′ de long. W. em arco e $0^{h}8^{m}36^{s}$ em tempo; séde da com. e da freg. de S. Francisco Xavier, situada á margem do pequeno rio S. João, outr'ora Carapanahy, braço do rio Tury-assú, em um terreno accidentado e com uma pop. de cerca de 3.500 habs. A edificação da cidade é bôa, contendo excellentes predios terreos e de sobrado, construidos de pedra e cal. Dentro da cidade, propriamente dita, isto é, no perimetro que fica á margem do rio, não ha casas de palha; são todas de telha, das quaes oito de sobrado, encontrando-se aquellas na parte alta da cidade, no meio das quaes, entretanto, já vão apparecendo algumas de telha. As ruas são estreitas e enxutas, excepto uma, cujo calçamento a camara já deliberou. Os edificios, publicos e particulares, mais importantes são: a Egreja Matriz, o Paço da Camara Municipal, o armazem da Companhia de Vapores do Maranhão (trapiche com ponte) e o sobrado do Barão do Tromahy; o primeiro na praça de S. Francisco Xavier, e os tres ultimos na rua Dr. Luiz Dominges, a principal da cidade. Tem quatro Irmandades: a do SS. Sacramento; a das Filhas de Maria, sob o patrocinio da Immaculada Conceição; a de S. Benedicto e a do Senhor do Bomfim: as tres primeiras na séde da freg. e a ultima na Colonia Amelia. Não se conhece ao certo o numero de officinas espalhadas pelo mun.; dentro da cidade contam-se sete de marceneiro e carpinteiro, cinco de alfaiate, tres de ourives, quatro de sapateiro, tres de ferreiro e duas de cala-

fate. O commercio tem-se desenvolvido muito, encontrando-se no mun. 65 casas commerciaes diversas e uma padaria. A lavoura da com., comprehendidos os dous termos, é, principalmente, de algodão e tabaco, ambos de superior qualidade. Cultivam-se diversos cereaes e outros generos, alguns de industria extractiva. Entre os cereaes abundam o milho e o arroz, alem de muitos outros generos, como sejam carrapato, gergilim, fructas, baunilha, cumarú, cravo, canella, anil, etc. Possue extensas mattas com madeiras preciosas de innumeras especies, e terras muito bôas para a lavoura da canna, café, algodão, arroz, milho e mandioca, havendo quatro engenhos que se empregam no preparo do primeiro destes generos, e que fazem pouco assucar, entregando-se de preferencia ao fabrico da aguardente. A industria da com. limita-se, pode-se dizer, á criação de gado e á pesca de peixe e camarão, que exporta em larga escala para o Estado do Pará. Tem estação telegraphica, cuja inauguração teve logar no dia 25 de dezembro de 1895. Compõe-se a Camara deste mun. de sete vereadores, sendo a sua receita annual de seis contos de réis. E' a com. banhada em todo o seu comprimento por não pequeno numero de rios, sobrepujando a todos pela extensão do seu curso, volume das suas aguas e superioridade dos terrenos que atravessa, o *Gurupy*. Alem deste rio notam-se mais: o *Maracassumé*, que nasce nas mattas da com. de Monção e tem por tribs. o *Caqueira*, *Urubú-quara* e *Jardim*; o *Tury-assú* e outros. O terreno é geralmente accidentado, salientando-se, entre outras, as serras de *Currupira*; a do *Ouca*, assim chamada por se sentir a repercussão do som no solo; a do *Tromahy*, bastante elevada; a do *Iriry*; e finalmente a de *Pirocaua*, a maior aqui conhecida, a seis kils. da costa. Possue ainda outros muitos rios, igarapés, lagos, praias, serras, pontas, ilhas e portos. Em diversas ilhas ha criação de gado, habitando-as vaqueiros e pescadores; em algumas, negociantes e regatões, sendo mais importante de todas ellas a de *Caiauçoeua*, sobre a costa, com 40 kils., e onde ha criação de gado vaccum, cavallar, caprino e lanigero. Em Carutapera encontra-se, entre outras, a ilha Sapeca, com criação de gado e salinas. Alem de muitos portos interiores, ha o da cidade do Tury-assú e o da villa de Carutapera, onde podem fundear vapores regulares; e o importante porto de Pirocaua, proximo á costa, o qual offerece ancoradouro a navios de grande calado. O primeiro destes portos, o de Tury-assú, é frequentado mensalmente por tres vapores da Companhia de Navegação do Maranhão, dos quaes dous com destino ao Pará e um a Manáos. Encontram-se nesta com. algumas curiosidades naturaes, sendo mais conhecidas as seguintes: As cavernas da serra Pirocaua; a grande Pedra do Gurupy, conhecida dos navegantes da costa e um igarapé que, nascendo no centro das mattas, descarrega a agua inteiramente salgada á margem dir. do Maracassumé, que é de agua doce. Existem minas de ouro por toda a com., tornando-se, porém, mais notaveis as: de Pirocaua, antigamente do fallecido José Gonçalves Teixeira; no Prata, onde esteve a Companhia de Mineração Maranhense em 1855; as da Revirada no rio Tromahy; e as dos centros, entre os rios Maracassumé e Gurupy. Dizem os moradores do Gurupy, que para cima do Prata existe a celebre serra de Santa Catharina, que é como um segundo El-dorado e como tal ninguem ainda a descobriu, nem o seu ouro, que é tanto como arêa! Destaca-se, entretanto, de todos estes terrenos auriferos, uma área de 18 kils. quadrados, d'onde o seu proprietario extrahiu de uma mina, então descoberta (1876), em um só dia e com o trabalho de oito homens, 1.419 oitavas de ouro, de 22 quilates, inclusive pedras de ouro massiço, de 50 a 285 oitavas, e onde mais tarde um trabalhador encontrou e subtrahiu uma pedra de ouro de cerca de dous kilogrammos (ouro massiço). Todo esse ouro foi encontrado em pouco mais de 22 centimetros do nivel do solo. — O clima é temperado, não havendo molestias endemicas. O mun. está dividido em tres dists. A pop. de toda a com. é de 20.000 almas, sem exagero, e sem incluir neste numero os indios do Gurupy, parte dos quaes já estão mais ou menos domesticados. Desta pop. dous terços, isto é, 15.000 almas pertencem a este mun. — Creado *Logar* em 1754 e situado sobre terra pouco alta da margem esq. do rio e proximo ao cotovelo, que ahi forma a mesma margem, não passava o Tury-assú em 1839, segundo Baena (*Ensaio chor.* Pará. 1839) de duas pequenas ruas parallelas ao rio, circuitadas de palhoças de algumas com tecto de telha e uma pequenina casa telhada com folhagem, chamada Egreja. A sua pop. compunha-se então de 987 brancos, 1.000 escravos e 566 mestiços, que se entregavam á lavoura do arroz e algodão, exportando, em cada safra para o Maranhão, cerca de 3.000 saccas de algodão, e 12.000 alqueires de arroz. Em 1797, 1805 e 1809 requereram seus moradores a mercê de ser este *Logar* investido na graduação de villa e ter um Juiz de Fóra; sendo-lhes, porém, indeferida esta pretenção, mudaram de intento e passaram a pedir ao monarcha, então no Rio de Janeiro, que o seu *Logar* e dist. fizessem parte integrante da prov. do Maranhão, o que lhes tendo sido ainda recusado, desgostosos, nunca trataram de erguer bôas moradas, nem de edificar uma Egreja proporcionada ás suas posses. Em 1860, oito annos portanto depois de sua incorporação á prov. do Maranhão, era a pop. do mun. calculada em 5.297 almas, contando-se já dentro dos limites da villa 97 predios, dos quaes apenas seis de palha com 466 habs. ». Comprehende as seguintes povs. Sobreiro, Ponta da Mutuoca, Jamary, Aguas Claras, Capueira Grande, Colonia Amelia, Redondo, S. José do Igarapé-assú, Diamantina, Maracassumé, Jardim do Maracassumé e Alto Macarassumé.

TUTOYA. Rio do Estado do Maranhão, no mun. do seu nome. Corre a principio de E. para O., e, depois de receber o rio Novo, de S. para o N. e se lança na costa com o nome de Barra do Tatú. O rio, de aguas salgadas até á villa, é navegavel por lanchas a vapor, que não calem mais de quatro pés. Recebe os riachos Banguê e Tamancão. A palavra *Tutoya* é, segundo Montoya, corrupção de *totoi*, interjeição, equivale a *oh! linda*, que belleza, que encanto.

TUTOYA. Villa do Maranhão. Accrescente-se no fim: Está assente sobre o rio do mesmo nome e em terreno alto. Em uma praça, que constitue a sua parte principal, existe uma Egreja bem regular. A principal riqueza dos habs. desse mun. consiste no preparo do sal, na pesca e na criação de gado. Exporta cereaes, algodão, taboado de cedro, oleo de copahyba, resinas, peixe salgado e couros.

TUÚ-TUÚ. Log. do Estado do Amazonas, no mun. de Barcellos.

TUVÚ. Corruptela de *Ti-húú*, agua turva. De *ti*, agua, rio; *húú*, lodo, borra, fezes, detritos. O *ti* tem som guttural. Allusivo a ter lodo no leito e ás margens: de sorte que a agua está sempre suja (Dr. J. M. de Almeida).

TUYÚ. No tupi-guarani, o brejo, a lama, o liquido corrupto ou podre; no tupi da costa, *ty-yuca* (Dr. T. Sampaio).

TUYUCA. Composto de *ty-yuca*, o brejo, a lama, o tremedal, o liquido podre, o charco, o paul; alt. *tijuca*, *tijuco*, *tujuco*, *tuyú*. (Dr. T. Sampaio).

TUYUTY. Dist. do mun. de Bragança, no Estado de S. Paulo, banhado pelo rio Jaguary.

TUYUTY. Corr. *tuyú-ti*, lameiro branco, barro branco, no tupi-guarani; no tupi da costa composto de *tuyutinga* (Dr. T. Sampaio).

TUYUYÚ. No tupi-guarani, lama amarella, barro amarello; no tupi da costa seria *tuyu-yuba*; nome das cegonhas pela razão, segundo Azara, de habitarem os brejaes (Dr. T. Sampaio). Baptista Caetano interpretou: *ty* = *ti*, bico *yu-yu*, muito amarello, isto é, a ave de bico muito amarello (*Mycteria americana*).

TYGIOCA. Corr. *tyi-oca* ou *tiyui-oca*, o paradeiro das espumas; alt. *tijoca*, *tijioca*; Pará (Dr. T. Sampaio).

TYPIOCA. Composto de *typi-og*, tirado ou colhido do fundo; o sedimento, o coagulo, o residuo do succo da mandioca; alt. *tipioca*, tapioca (Dr. Theodoro Sampaio).

TYPITY. (Verbo) Expremer, tirar liquido por pressão; (substantivo) a prensa, o cesto tubular, elastico feito de folhas de palma e servindo para expremer a massa da mandioca ralada; alteração *tipiti*, *tapity* (Dr. Theodoro Sampaio).

U

U. Corrupção de *y*, a agua, o rio. A pronuncia da vogal guttural *y*, difficil aos estranhos, deu logar ás fórmas *u*, *hú*, *eu*, que apparecem como suffixo nos vocabulos como: *Cumaú*, *Pagehú*, *Acaracú*, equivalentes a: *Cumã-ú*, *Pagé-hú*, *Acará-cú*, e respectivamente identicos a *Cumã-y*, *Pagé-y*, *Acará-y*. *U* é tambem verbo e significa comer, devorar, apresentando-se ás vezes sob a forma *gu* (Dr. Theodoro Sampaio).

UAÇÁ. Rio do Estado do Pará, reune-se com o Caripy e o Arucauá e juntos vão desaguar no oceano junto a foz do Oyapock e do cabo de Orange. Regam todos o territorio do Aricary.

UACORUTUBA (Santa Rita do). Pov. do Estado de Matto Grosso, no mun. de Santo Antonio do Rio Abaixo, com escola.

UAIJARA. Ilha no rio Gurupy, em frente á cidade de Vizeu do Estado do Pará. (Dr. G. Dodt).

UARICURY. Corrupção de *yari-curi*. Vide *Ouricury*.

UARINY. Igarapé do Estado do Amazonas, no mun. de Teffé.

UASSÁ. Rio do Estado do Pará, no dist. de Cassiporé.

UAUÁ. Corrupção de *uã-uã* (substantivo), o pyrilampo, o vagalume, se fôr tupi; Bahia (Dr. Theodoro Sampaio).

UBÁ. Corr. *ybá*, s., o fructo; corr. *uybá*, a canna de flecha, ou canna brava, o canniço; a canôa de casca (Dr. T. Sampaio). Tambem a palavra *uibá*, corrupção de *uybá*, significa a flecha, o canniço, a canna brava.

UBÁ. Lago do Estado do Amazonas, no mun. de Itacoatiara.

UBAHY. Corr. *ybá-y*, rio das fructas, ou *uybá-y*, rio das flechas ou das cannas bravas (Dr. T. Sampaio).

UBAIA. Corr. *yb-aia*, fructo saudavel; alt. *uvaia* (*Eugenia campestris*. Vellozo) Dr. T. Sampaio.

UBATUBA. Corr. *ubá-tyba*, canôas em abundancia; corr. *ybá-tyba*, cannavial bravo, flechal, fructal; S. Paulo (Dr. T. Sampaio).

UBAYARA. Corr. *ybá-yara*, o senhor da flecha; o flecheiro, o que é destro em arremessar a flecha (Dr. T. Sampaio).

UBAYERA. Composto de *ubá-yera*, a canôa desatada ou solta; corr. *ybá-yê* ou *ybá-ê*, o fructo doce (Dr. T. Sampaio).

UBERABA. Composto de *u-beraba*, o mesmo que *y-beraba*, agua reluzente, ou rio brilhante; Minas (Dr. T. Sampaio).

UBITUBA. Rio do Estado do Pará, no mun. de Vigia. Reune-se com o Cumarú. Encontrei tambem escripto *Ubrintuba*.

UÇAGOABA. Nome primitivo da pov. de Vinhaes, no Estado do Maranhão. Depois chamou-se Aldêa da Doutrina e finalmente teve o nome de Vinhaes.

UCHARIA. Ponta na bahia da Victoria, Estado do E. Santo. Segue ao forte de S. Francisco Xavier e forma a parte E. do sacco da Villa Velha.

UIRATIUA. Igarapé do Estado do Pará, affl. do rio Gururupy (Dr. G. Dodt. *Relatorio*).

UMARY. Rio do Estado do Pará, affl. do Jacaré, no mun. de Afuá.

UMBAHÚ. Corruptela de *Húú-bm-aû*, manchado do lodo. De *húú*, lodo, borra, fezes, detritos; *mb*, intercalação nazal; *aû*, sujidade, mancha (Dr. J. M. de Almeida. *Obr.* cit.). Vide *Umbaú*.

UMBEVA. Corruptela de *Húú-mbé-bae*, chato e lodoso. De *húú*, lodo, borra, detritos, fezes; *mbé*, o mesmo que *pé*, chato, plano, mudado o *p* em *mb*, por causa do som nasal da palavra anterior; *bae* (breve), para dar a forma de participio, significando — o que é. (Dr. J. M. de Almeida. *Obr.* cit.).

UMBÚ. Subs., o fructo tambem conhecido por *imbú* (*Spondias tuberosa*. Arruda); alt. *ombú*, *ambú* (Dr. T. Sampaio).

UMBURANA. Composto de *umbú-rana*, o umbú falso, o que simula ou finge *imbuseiro* (Dr. T. Sampaio).

UMIRIM. Corr. *y-mirî*, aguinha, riosinho (Dr. T. Sampaio).

UNA. Negro, preto, escuro; alt. *huna*, *un*, *ũ*, *pixuna*, *mũ*. (Dr. T. Sampaio). Tem sido entendido que o nome *Una* é *Hú-na*, preto; e, com effeito, coincidindo com este significado, não só a côr do terreno, como tambem a sujidade das aguas, será talvez arrojo meu explicar de outro modo aquelle nome. Entendo que *U-na* é corruptela de *H-ũ-na*, revolvido. De *h*, relativo, porque o verbo *rũ* o pede, perdendo o *r*, revolver, com o suffixo *na* (breve), para formar supino. Sem duvida concorre para isso a formação geologica, terreno carbonifero misturado com areia e cascalho; de sorte que as aguas cavam buracos no leito, e, formando rodomoinhos, são turvadas com as fézes em continuo movimento. O effeito é o mesmo, tanto em uma explicação como em outra: — as aguas denegridas. Mas, o indigena denominava quasi sempre os rios e os ribeirões, não pela côr da agua, mas pela formação de seu fundo ou leito, de suas margens altas ou baixas, de suas cachoeiras, saltos e corredeiras, e de seus alagadiços (Dr. J. M. de Almeida. *Obr.* cit.).

UNA. Rio do Estado de S. Paulo, no mun. de Mogy das Cruzes. Vai para a margem dir. do Tieté. Recebe o Varzinha.

UNA. Rio do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do Perová, que o é do Tieté.

UNA-MIRIM. Rio do Estado da Bahia; desagua no oceano entre a villa de Olivença e o rio Una (Capitão-tenente Viriato Hall).

UNIÃO. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Indaiassú.

UNIÃO. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha o mun. de S. Fidelis e desagua na margem dir. do rio do Collegio.

UNIÃO (S. Pedro da). Dist. de Minas Geracs. Accrescente-se no fim: Foi desmembrado do mun. de Jacuhy e incorporado ao de Guaranesia pela Lei n. 319 de 16 de setembro de 1901.

UPÁ. Corr. *y-paû*, a lagôa, o lago, o empoçado; alt. *vupá* (Dr. T. Sampaio).

UPACARAHY. Composto de *upá-carahy*, lagôa santa ou lago sagrado; R. G. do Sul. Vide *Carahy* (Dr. T. Sampaio).

UPAMOROTY. Corr. *upá-morôty*, lagôa muito clara, lagôa alva; R. G. do Sul (Dr. T. Sampaio).

URAIM. Rio do Estado do Pará, affl. do Gurupy. E' importante, podendo ser navegado em não pequena distancia por canôas de mil a 1.500 kilogrammos de porte. Vide *Uruaim*.

URATAÚ. Corr. *urataú*, a coruja, o mocho, ave agoureira (*Nictibus acthereus*). Dr. T. Sampaio.

URATAUHY. Corr. *urataú-y*, rio das corujas (Dr. T. Sampaio).

URBIONEMA. Corrupção de *upaû-nema*, ilha ruim, imprestavel. E' o nome selvagem da ilha S. Vicente (S. Paulo), segundo Hans Staden.

URIBUOCA (Ponta). Extremidade septentrional da ilha Cajual, no mun. de S. Bento e Estado do Maranhão.

URPION. Nome transmittido por alguns viajantes antigos como sendo o que os selvagens davam á ilha de S. Vicente (S. Paulo), nome que alguns grapharam: *Orpion*, *Orbion*, *Morpion* e Hans Staden *Urbioneme*. « O vacabulo *Urpion* é provavel que seja corrupção de *upaon*, no tupi-guarani *ypaú*, que quer dizer — ilha. *Orbion*, *Orpion*, e *Morpion* são corruptelas do mesmo vocabulo. » Uma hypothese ainda é admissivel e está indicada pelo Dr. João Mendes de Almeida, e é que *Urbion* ou *Urpion* pode ser corrupção do vocabulo composto: *uira-upaon* contrahido em *Uirpaon* ou *Urpaon*, ilha dos passaros, que tambem se diz *guira-upaon*. Vide *Urbionema*.

URÚ (Substantivo). Nome commum ás gallinaceas no tupi; a ave conhecida (*Odonthophorus dentatus*. Temm.) Dr. T. Sampaio.

URUAÇÚ. Lagôa do Estado do R. G. do Norte, nas divisas do mun. de S. Gonçalo.

URUBÚ. Corr. *urú-bú*, a gallinha preta, a ave negra (*Cathartes*); alt. *orobó*, *uribú*, *aribú*; corr. *urú-ú*, ave voraz (Dr. T. Sampaio).

URUBÚ. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. do Lagarto. Ha ainda outro arraial do mesmo nome no mun. de Pacatuba (*Almanak Seripano*. 1901).

URUBÚ. Riacho do Estado da Bahia, no mun. de Alagoinhas. Surge de uma vertente ao pé da serra do mesmo nome, a um e meio kils. da nascente do Aramary.

URUBÚ. Corrego do Estado de Goyaz, banha o mun. da Palma e desagua no rio Maranhão.

URUBÚ DE BAIXO. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de Villa Nova. Ha ainda um outro arraial denominado Urubú de Cima, no mun. de Villa Nova (*Almanak Sergipano*. 1901).

URUBUPUNGÁ. Corr. *urubû-pungá*, o urubú inchado, ou ferido; S. Paulo, Matto Grosso (Dr. T. Sampaio). *Urubúpungá*, corrupção de *Y-rũ-mbú-pú-nguá*, golpes de arrebentação, estrepito, e rodomoinhos. De *y*, relativo; *rũ*, revolver; *mbú*, estrepito, ruido; *pu* de *púg*, arrebentar; *nguá*, forma nasal de *quá*, golpe, pancada. A palavra *rũ* nasaliza todas as outras: por isso *mbú* em vez de *pú*, e *nguá* em vez de *quá*. Allusivo a arrebentarem-se com estrondo as aguas de encontro ás pedras, formando depois rodomoinhos, muitos e successivos. A traducção do nome corrupto *urubúpungá* seria — urubú inchado. Simplesmente um disparate, tratando-se de uma cachoeira (Dr. J. M. de Almeida. *Dicc.* cit.).

URUBÚ-QUARA. Buraco ou refugio dos urubús. Composto de *urubú-quára*.

URUBUQUEÇABA. Composto de *urubú-queça-ba*, dormida dos urubús, ou ninho delles; S. Paulo (Dr. Theodoro Sampaio). Vide *Urubuquessaba*.

URUBUQUESSABA. Morro granitico á margem esq. do rio Juquery, no Estado de S. Paulo. E' tambem conhecido pelo nome Doce. O Dr. J. Mendes, que escreve *Urubuqueçava*, diz: « Corruptela de *Y-bir-áquâ-çába*, crecto, com ponta alta. De *y*, relativo; *bir*, levantar, alçar; *áquâ*, ponta; *çába*, verbal por acabar em *a* a palavra *áquâ*, com forma de participio para exprimir o modo. Por ser altissimo e ponteagudo, a corruptela foi feita por lá pousarem urubús; pois que *urubú-quê-çába* significa — pouso de urubús. De *urubú*, ave conhecida; *quê-çába*, participio de *quer*, dormir, pousar. Acabando em *r*, o participio é feito com *çába*, segundo a licção do padre Luiz Figueira, em sua *Arte de grammatica da lingua brasilica*. »

URUBURETAMA (S. João de). Com este nome foi restaurada a villa do Arraial, no Estado do Ceará, pela Lei n. 526 de 28 de julho de 1899. « Esta palavra, diz o Dr. Theodoro Sampaio, é composta de *urubú-retama*, a região ou paiz dos urubús ».

URUÇÚ. Composto de *urú-uçú*, o mesmo que *urú-guaçú*, a gallinha, o gallo; corr. *yrú-ucú*, o cesto grande ou cofo grande; corr. *eir-uçú*, abelha grande de côr avermelhada e que não morde; corr. *eira-chú*, abelha de ninho rugoso e aspero, é a mesma *eichú* ou *inchú* do norte do Brasil; alt. *iruçú*, *irachú*, *eichú*, *echú*, *inchú* (Dr. T. Sampaio).

URUCÚ. Subs., o vermelhão, a planta que o produz (*Bixa Orellana*). Dr. T. Sampaio.

URUCÚ. Pov. do Estado das Alagôas, no mun. do Passo do Camaragibe. Ha outro pov. do mesmo nome no mun. de S. Luiz de Quetunde.

URUCÚ. Rio do Estado do Pará, no mun. de Afuá.

URUÇUÁ. Ribeirão do Estado da Bahia, no termo de Ilhéos.

URUÇUCA. Ribeirão do Estado da Bahia, no termo de Ilhéos.

URUÇUHY. Corr. *uruçú-y*, rio das abelhas uruçús, rio do cofo grande. Vide *Uruçú* (Dr. T. Sampaio).

URUÇUI. Composto de *uruçu-i*, abelha uruçú pequena, menor do que uma mosca e amarella (Dr. T. Sampaio).

URUÇÚ-MIRIM. Composto de *uruçú-mirim*, o mesmo que *uruçui*. Vide *Uruçui*.

URUCURITUBA. Villa do Amazonas. Accrescente-se no fim: Foi a séde desse mun. transferida para o logar denominado Tabocal com o nome de Silverio Nery, por Lei municipal n. 38 de 18 de julho de 1901.

URUCUYA. Composto de *urú-cúi*, o vaso de beber das gallinhas, vasilha das gallinhas; corr. *y-rocúi*, rio vermelho, agua rubra, agua que se avermelha ou enrubesce; Minas Geraes (Dr. T. Sampaio).

URUGUÁ. Composto de *yru-guá*, o caracol, o carangueijo, o buzio (Dr. T. Sampaio).

URUGUAY. Rio dos caracóes ou dos buzios; de *uruguá-y*.

URUGUAYANA. Cidade do R. G. do Sul. Accrescente-se no fim: Em 1901 recebemos dessa cidade a informação seguinte: « *Posição topographica*. — A bella e florescente cidade de Uruguayana, edificada sobre varias collinas e valles que vão fenecer no Uruguay. Está situada na lat. S. de 29°45'18" e long. O. de 13°50'36" do meridiano do Rio de Janeiro. Pela sua especial topographia, Uruguayana gosa da grande vantagem de não ter em seu seio pantanos superficiaes ou subterraneos, pois devido á forte declividade de suas ruas as abundantes aguas pluviaes e fluviaes muito rapidamente se escoam para o Uruguay, deixando no fim de 12 horas, e menos tempo tambem, o solo completamente secco e transitavel. Acha-se a cidade a 77m,46 do nivel do mar. *Illuminação publica*.— Comquanto esteja em concurrencia o serviço para estabelecimento da luz electrica, a cidade ainda é illuminada a kerosene, sendo o serviço feito por meio de 204 lampeões, nos limites urbanos apenas. *Abastecimento de agua*.— O serviço de abastecimento de agua á pop. da cidade é feito por meio de pipas ambulantes que recebem a agua de um grande tanque apropriado, que existe na Caixa d'Agua da municipalidade. O precioso liquido é extrahido do centro do Uruguay por meio de uma bomba a vapor installada na beira do citado rio. Em 1901 o consumo de agua tirado da Caixa attingiu a 7.958 pipas, produzindo a renda de 3:183$200. *Distancias*. — A cidade dista 778 kils. de Porto Alegre, 240 de Livramento, 145 de Alegrete, 118 de Quarahy, 99 de Itaquy e 80 da Barra do Quarahy. Em frente, na Prov. de Corrientes (Republica Argentina) fica-lhe a pov. denominada *Passo de los Libres* ou simplesmente *Libres*, que mantem continuas relações

diarias com Uruguayana, por meio de botes e lanchas a vapor. *Ruas e praças.*— A cidade tem 33 ruas e sete praças, assim denominadas: (ruas de N. a S.) Floriano Peixoto, General Deodoro, 24 de Maio, Barão do Triumpho, General Victorino, 13 de Maio, 15 de Novembro, Duque de Caxias, Uruguay, General Camara, 7 de Setembro, Aquidaban, Andradas, Benjamin Constant, Venancio Ayres, Bento Gonçalves; (de E. a O.) Liberdade, General Propicio, Conde de Porto Alegre, General Vasco Alves, General João Manoel, Monte Caceros, Independencia, General Bento Martins, Sant'Anna, Riachuelo, 28 de Setembro, Julio de Castilhos, General Canabarro, General Hyppolito, Prado Lima, 27 de Outubro e 14 de Julho. Praça: Rendição, Paysandú, General Ozorio, Sant'Anna, Feliciano Ribeiro, Abolição e Tenente-coronel Fabricio Pillar. Dessas 33 ruas o maior numero é calçado no centro a macadam e nos passeios com lagedo, este em parte. Das sete praças, uma é toda arborisada e cuidada com gosto artistico: é a praça da Rendição. No centro desse sitio, que tem quatro alamedas em sentido diagonal, calçadas e oito sahidas feitas em forma de angulos adjacentes, está levantado um chafariz com repuxo de agua, movido por um moinho de vento. Ao S. da praça, quasi no centro, existe um kiosque-chalet, que tem regular concurrencia nos dias de retreta e diariamente no tempo de verão. As outras praças estão ainda incultas, comquanto cercadas algumas dellas, excepção feita da Paysandú, que se está arborizando. As 33 ruas citadas constituem os limites urbanos e, portanto, o perimetro sujeito á decima urbana e imposto sobre terrenos e chacaras. A rua principal da cidade é a Duque de Caxias. *Edificações e edificios.*— A edificação urbana é de 1.153 predios de construcção commum, isto é, terrea, exceptuados muito poucos. A suburbana attinge a 290 ou 300 casas, na maior parte de ranchos. Os principaes edificios publicos da cidade são: Intendencia Municipal, Collegio Municipal, Quartel Militar (da União), Sub-Intendencia, Cadêa, Matriz e Capella da Conceição; e os particulares: Club Commercial, Loja Maçonica « Cruzeiro do Sul 2º », theatro Carlos Gomes, Hospital de Caridade, Sociedade hespanhola de soccorros mutuos, Sociedade italiana « Unione e Beneficenza », Fabrica de massas alimenticias ou Moinho Colonizador e Estação da E. F. Brazil Great Southern. *Limites do Municipio.* —Ao N. pelos rios Ibicuhy e Uruguay, aquelle que separa o mun. do de Itaquy e o segundo da Republica Argentina; ao S. pelo rio Quarahy e parte do arroio Garupá, o primeiro que separa o mun. da Republica do Uruguay, o segundo do de Quarahy (S. João Baptista do); a E. pela sanga do Lageado e pelos arroios Garupá e Ibirocay, separando-o dos muns. de Quarahy e do Alegrete; e a O. tambem pelo rio Uruguay, que banha todo o mun. e em cuja margem esq. está situada a cidade. *Superficie.*— A superficie do mun., segundo os calculos mais provaveis, é de 6.098.400.000 metros quadrados ou seja 140 leguas, quadradas egualmente, na maior parte empregada na criação e pequena extensão na cultura. *Aspecto physico.* —O mun. é relativamente plano, não tendo mais que ligeiras coxilhas, convindo notar que, no 2º dist., entre o Uruguay e o Quarahy, existem verdadeiras planicies sem accidente algum do terreno. *Orographia.*—A coxilha de Sant'Anna ou Geral que atravessa o mun. de O. a E.; a coxilha do Japejú, ramificação da precedente nas proximidades do Uruguay, abaixo da foz do Ibicuhy, no 4º dist. administrativo; a coxilha do Pai-passo (no 2º dist. administrativo) da Barra do Quarahy (rio Quarahy) até á margem esq. do Itapitocay com uma ramificação para a barra do arroio Guarapuitan no passo de Sant'Anna Velha, tendo a denominação de coxilha de Sant'Anna Velha. *Hydrographia.* — Rio Uruguay desde a foz do Ibicuhy até á do Quarahy, separa o mun. da Republica Argentina; rio *Quarahy* desde a foz do Garupá até á sua embocadura no Uruguay, separa o mun. da Republica Oriental. Rio *Ibicuhy* desde a foz do Ibirocay até sua embocadura no Uruguay, separa o mun. do de Itaquy. O arroio Ibirocay, separando em suas nascentes o mun. do de S. João Baptista do Quarahy; ao longo do seu curso separa-o tambem do de Alegrete, desembocando no rio Ibicuhy. O arroio Garupá, em parte do seu curso, separa o mun. do de Quarahy e desemboca no rio deste nome. Os arroios Japejú, Sanchuri, Touro-Passo, Cerrador, Imbahá, e Salso ou Riacho banham o mun. e desembocam no Uruguay ao NO. da cidade. Os arroios Cacaréo, Salso, Itapitocay, Bonito, Sujo, Guarapuitan ou Sant'Anna Velha, Mineiro, Tenente Rodrigues, Guterres, Porco, Estaqueadeiro e Quarahy-chico banham o mun. e desembocam no Uruguay ao S. da cidade. Os arroios Guapitanguy, Capivary, Caiboaté e Camoatim, no centro do mun. desembocam no rio Quarahy e nascem na coxilha de Sant'Anna ou Geral, excepção feita do primeiro citado, que nasce na coxilha do Pai-passo. Os arroios Ipané e Ijiquiquá e sanga do Salso, banham o mun. e desembocam no Ibirocay. Os arroios Carumbê, Pindahy, Pindahy-mirim e Tajaçú nascem na coxilha Geral ou de Sant'Anna, desaguando todos no Touro-Passo, excepto o Tajaçú, que faz barra no Pindahy. São navegaveis: o Uruguay, o Quarahy, em sua barra, e o Ibicuhy, nas epocas de cheia, que são, como da parte do Uruguay, de agosto a janeiro. *Lagôa.* —A da Musica, em um campestre do Quarahy (campo dos Prados). *Ilhas.* — A do Pacú (Argentina), a Grande e Japejú (Brasileiras) no Uruguay; e a Brasileira, na foz do Quarahy. *Peninsula.*— A da Barranca Pellada, no porto. *Povoações.* — As da Barra do Quarahy, Itapitocay e Ipané. *Divisão administrativa.* — Divide-se em cinco dists. *Viação e meios de transporte.* — Uruguayana tem como via de communicação fluvial uma Companhia Argentina de vapores, cuja linha é de Monte Caceros a Santo Thomé ou a Concepción, quando a cheia do rio permitte (1), vapores esses que tocam em nosso porto, quando vão ao fim do itenerario, ás terças e sextas-feiras, seguindo com escalas por Libres, San Martin, La Cruz, Alvear, Itaqui, S. Borja até Santo Thomé; e aos sabbados e segundas feiras quando regressam, com escala inversa, ao ponto de partida, Monte Caceros. Além dessa existia uma outra linha de vapores de propriedade da firma Barbará & Filhos. Essa via de communicação, hoje resumida, só funcciona periodicamente, isto é, quando a cheia do rio Ibicuhy permitte as viagens desta cidade ao Cacequy. As communicações por via terrestre são feitas por linhas ferreas de Uruguayana a Alegrete e de Itaquy a Quarahy (2), bem como por quatro estradas de rodagem para Ibicuhy, Alegrete, S. João Baptista do Quarahy, esta estendendo-se até Livramento, etc., e para o Estado Oriental pelas vias que vão aos passos da Cruz, Pai-Passo e Barra do Quarahy. *Pontes.* — Existem no mun. 15 pontes, sendo sete nos limites urbanos e oito nos ultra-urbanos. Sete são metallicas, com alicerces de alvenaria, seis de alvenaria, uma de madeira e uma toda metallica. Nos limites urbanos (mandadas construir pela Intendencia) existem: duas de alvenaria na rua Monte Caceros, uma de madeira na rua João Manoel, uma de alvenaria na rua General Vasco Alves, uma de alvenaria na rua Uruguay, uma de alvenaria na rua 13 de Maio e uma outra de alvenaria ainda na rua João Manoel. Fóra dos limites urbanos (pertencentes ás estradas de ferro P. A. U. e Brazil Great Southern, esta da Barra do Quarahy a Itaquy), existem: uma no Ibicuhy, no trafego de Quarahy a Itaquy, da Brazil Great Southern, sendo uma das primeiras pontes da America do Sul; duas de alvenaria com superstructura metallica, sendo uma da B. G. S. e outra da P. A. U., ambas no Toro-Passo; duas no Salso, de eguaes construcções e propriedade daquellas estradas de ferro; uma no Salso (do sul), de egual construcção pertencente á B. G. S.; uma no Itapitocay e uma no Quarahy-mirim, ambas de construcção egual e pertencentes a esta ultima estrada. *Passos.* —Dos passos os mais frequentados e conhecidos são os seguintes: No rio Quarahy os passos da Barra, Pai-Passo, da Cruz, do Leão, do Ramos e do Juquery, que communicam o mun. com a Republica Oriental do Uruguay; no rio Uruguay os passos de Sant'Anna ou de Sant'Anna Velha, Aferidor e S. Marcos, que estabelecem communicações com a Republica Argentina; no rio Ibicuhy o passo de Santa Maria, onde está construida a bella ponte metallica da E. de F. B. G. S., que communica o mun. com o de Itaquy; no arroio Ibirocay os passos da Lagôa do Vahy e dos Mouras; no arroio Touro-Passo o passo Real ou dos Paraguayos (que o abriram em 1865 por occasião da invasão), o da Lagôa e o do Cemiterio; no arroio Imbahá o passo dos Coutos e o Real do Imbahá, abaixo daquelle; no arroio Garupá o passo Real ou de Sebastião Pouey, na estrada que

---

(1) Quando ha baixa no Uruguay, os vapores do trafego, *Iberá* e *Mensageiro*, baldeam em Santo Thomé os passageiros para um pequeno vapor, *Cunhatahy*, de insignificante calado, que os transporta até Conceptión.

(2) Não confundir *Quarahy* ou Barra do Quarahy (pov. neste mun.) com a cidade de S. João Baptista do Quarahy, no mun. do mesmo nome e distante da Barra 120 kils.

de Uruguayana vai a S. João Baptista do Quarahy; no Caiboaté o passo real do mesmo nome; no Ijiquiquá o passo real do mesmo nome, na estrada de rodagem do Alegrete; no arroio Itapitocay o passo real do mesmo nome, onde passa, em uma ponte, a E. de F. B. G. S. (Quarahy a Itaquy). *Mineraes.* — Existem minas de cobre nas margens do Capivary. No mun. tem sido encontrados vestigios de ouro, existindo tambem com grande abundancia bellas agathas, outr'ora exportadas em regular quantidade e muito apreciadas, crystaes, etc. *Clima.* — O clima e a salubridade de Uruguayana têm sido muito variaveis nos ultimos annos e muito irregulares as estações, ao que em parte se deve attribuir a alta mortalidade local. No verão reina o vento norte regularmente crestando tudo ao seu bafo torrido; no inverno, em que as chuvas se têm tornado escassas (o que não é normal), sopra rijo o *minuano*, saudavel vento, que, vindo dos Andes, após as chuvaradas, varre e purifica a atmosphera, contribuindo para baixar o thermometro muito sensivelmente. No inverno a temperatura oscilla entre 18 a 8 gráos acima de zero, chegando algumas vezes (durante algumas noites de julho a agosto) a dous gráos abaixo de zero, si bem que os invernos nestes ultimos annos hajam sido pouco rigorosos, fazendo-se notar temperatura agradavel e mesmo calor (20 a 28°), enquanto que os verões têm sido abafadiços e torridos pelo que muitos casos de insolação ou *coup de chaleur* têm-se notado, fazendo algumas victimas. Em 1900, 1901 e Janeiro de 1902 a temperatura durante muitos dias subiu a 40° e 41° á sombra, sendo o normal 34 a 38°. Tanto no verão, como no inverno, as bruscas variações de temperatura são communs, produzindo graves damnos á saude publica. *O pampeiro*, borrascoso vento dos pampas argentinos, tambem sopra com frequencia nesta região, que, em 11 de Julho de 1887 a Outubro de 1899 soffreu a acção destruidora de dous formidaveis cyclones. São frequentes os granizos (chuvas de pedras) nesta zona, que com taes calamidades meteorologicas tem soffrido varias vezes em suas plantações, criações, etc. O laborioso industrialista Sr. Luiz Bettinelli, com o fim de obviar a queda do granizo e os estragos nas culturas de sua *chacara modelo*, na costa do Imbahá, inaugurou varios apparelhos ou canhões para evitar, com explosões, a queda do granizo, pratica esta adoptada pelos agricultores da Italia, com explendidos resultados. *Salubridade.* — A cidade e o mun. são em si salubres. Arredadas certas causas de morbilidade e mortalidade, puramente de caracter individual, que affectam a hygiene privada, pequena seria a cifra mortuaria de Uruguyana, cujas condições topographicas lhe garantem excellente salubridade. Entretanto, pelas razões apontadas e pela existencia de fossas fixas para o recebimento de materias fecaes, fossas que breve serão eliminadas e substituidas por cubos, é relativamente alta a mortalidade da cidade, donde convem dizer, ha cinco ou seis annos desappareceram quasi por completo as infecções typhicas originadas das fossas fixas e da então pessima agua que se consumia. Com o estabelecimento da Caixa d'agua e captação desta no meio do rio, aquellas infecções são raras, e de todo desapparecerão logo que seja inaugurado o serviço de remoção em cubos das materias fecaes, que será inaugurado em dezembro vindouro, segundo o contrato feito pela Intendencia com uma empreza particular. As bruscas variações de temperatura, varias molestias dystrophicas, oriundas de desvios de hygiene individual, são communs elementos que poderosamente influem para o desenvolvimento da tuberculose, cuja cifra é enorme. As enchentes periodicas do Uruguay, durante longos dias (Agosto e Outubro), inundando suas margens, são causas do apparecimento de um outro caso de malaria, as sezões. As molestias dystrophicas dos progenitores, a viciosa e pessima alimentação das crianças pobres são poderosos factores para a mortalidade infantil, aliás mais inferior hoje ás de outras epocas. A não ser a *influenza*, que tem grassado annualmente em quasi todo o Estado e a epidemia do sarampão em 1901, nenhuma outra epidemia tem assolado Uruguyana nestes ultimos cinco annos, não se contando, já se vê, casos esporadicos de diphteria, etc. A alta mortalidade é *in totum* proveniente de molestias, que nada tem que ver com a hygiene publica e sim com a hygiene pessoal. O numero dos nascimentos em 1891 foi de 895, o dos casamentos de 99 e o dos obitos de 593. *Commercio e industria.* — Existem na cidade varias casas importadoras, muitas lojas de fazendas, ferragens, louças, seccos e molhados, etc., tanto na cidade, como na campanha e Barra do Quarahy. As industrias fabril, pastoril e agricola, principalmente a segunda, muito concorrem para a riqueza do municipio. A vini e viticultura vão-se desenvolvendo gradual, mas progressivamente, tendo obtido seus industrialistas lisongeiros premios na Exposição Estadual aberta na capital em 24 de fevereiro deste anno (1901). O plantio de varios cereaes, batata, forragens, legumes, etc., se faz apenas para o consumo local, no Imbahá (1° dist.), suburbios e em Japejú (4° dist.). Pela Meza de Rendas de Uruguayana foram despachados, em 1901, generos no valor, de 1.276:891$351, sendo para a Republica Argentina 125:572$778, para a Republica Oriental 778:469$723, para o Rio de Janeiro 243:598$850 e para Pernambuco 29.250$000. *População.* — A pop. total do mun. é de 22.291 habs. sendo do 1° dist. 13.518. *Instrucção.* — O ensino no mun. foi ministrado em 1901 por 21 estabelecimentos escolares, sendo oito aulas municipaes, oito estaduaes e cinco particulares. Em 1902 foi creado um *Collegio Districtal* na cidade, ao lado do qual foi installada a 15 de Novembro a *Bibliotheca Publica.* Em 1902 as aulas municipaes eram assim distribuidas: duas na cidade, e uma em cada um dos logares: Guterres, Passo da Cruz, Caiboaté, Japejú, Toro-Passo, Pontas do Toro-Passo, S. Gonçalo (Ipané) e Pontas do Ibirocay. *Hospital de Caridade.* — Em 20 de Setembro de 1887 foi collocada a pedra fundamental deste estabelecimento, que se inaugurou a 24 de fevereiro de 1901. E' mantido a expensas de donativos particulares, contribuições dos Irmãos e auxilios do Estado e da Municipalidade. — *Imprensa.* Em 1901 publicavam-se na cidade tres jornaes: *A Noticia*, tri-semanal, fundada a 17 de outubro de 1899; *O Commercio*, bi-semanal, fundado a 25 de março de 1880; e *O Povo*, bi-semanal, fundado em 1895 ».

URUHÚ. Rio dos urús; de *urú-y*; Goyaz.

URUMAJÓ. Pov. do Pará. Accrescente-se no fim: Foi elevado á villa pela Lei n. 557 de 7 de junho de 1898.

URUMATUTIUA. Ilha do Estado do Maranhão, no littoral do mun. de Cururupú, entre a foz do rio Urú e a do Tury-assú.

URUMBEBA. Composto de *ybira-mbeba* alterado para *yr-mbeba* ou *urumbeba*, a madeira, o tronco chato, a madeira em forma de espatula; o cardo de folha chata, lisa, espinhosa, onde se cria a cochonilha (*Cœreus*). Dr. T. Sampaio.

URUNA. Igarapé affl. do rio Gurupy. Desagua do lado do Maranhão (Dr. G. Dodt).

URUOCA. Vocabulo composto de *urú-oca*, significando — esconderijos dos urús.

URUPÊ. Composto de *urú-pé*, trilho ou caminho dos urús; corr. *uru-pê*, cesto chato, peneira. Vide *Urupema* (Dr. T. Sampaio).

URUPEMA. Pov. do Estado das Alagôas, na com. de Atalaia.

URUPEMA. Nome empregado no Estado da Bahia para designar a peneira. E' composto de *urú-pema*, cesto raso ou chato, a peneira.

URU-RANGA BAIXA. Pov. do Estado de Santa Catharina, no mun. de Araranguá; com esc. Denomina-se *baixa*, porque a outra pov. Uru-ranga do mun. de Tubarão se denomina — *alta*.

URURAY. Serra e ribeirão, uma e outro mencionados nos titulos de sesmaria de Pedro de Góes, de 10 de outubro de 1532, e de Ruy Pinto, de 10 de fevereiro de 1533. No ultimo titulo ha mais clareza: «E atravessando o dito caminho (de *Piratinim*), irá pela mesma serra (o serro alto que vae sobre o mar) até chegar sobre o valle do *Ururay*, que é da banda do norte das ditas terras, onde a serra faz uma fenda por uma sellada, que parece que fenece por alli, a qual serra é mais alta que outra por alli ajunta e d'ella que vem por riba do valle de *Ururay*, da qual aberta cahe uma agua branca; do alto desta dita barra desce directamente ao rio *Ururay*, e pela veia d'agua irá abaixo até se metter no mar e outeiros escalvados... ». Fiz os maiores esforços para interpretar o nome *Ururay*, applicado á serra e ao ribeirão: não o consegui. Entendo, portanto, que esse nome *Ururay* foi attribuido á serra e ao ribeirão, somente por estarem na região em que existia a grande *tába de Piherõbiá*, nome este corrompido em

Piqueroby, a qual era assim denominada, segundo o descreveram os chronistas. *Ururay*, nome de *taba*, é manifestamente corruptela de *Y-rû-rai*, geração, nação. De *y*, relativo; *rû*, accrescentar, augmentar, crescer em numero; *rai*, o mesmo que *tai*, filho. Allusivo a ser essa a *taba* principal, onde estava o chefe da familia, o chefe da nação. Mesmo o nome deste chefe, *Pi-heróbiá*, centro fixo e superior, coincide para aquella explicação do nome *Ururay*: *pi*, centro; *herobiá*, autoridade, confiança, respeito, obediencia, honra, estima, credito, fixidez. A filha deste chefe que vivia maritalmente com Antonio Rodrigues, portuguez, quando em 1531, ao canal *Bertioga* aportou a armada de Martim Affonso de Souza, é a progenitora indigena das principaes familias da Capitania de S. Vicente e S. Paulo, como o mostrei na obra *Algumas Notas Genealogicas*. Não era chefe *goia-ná*; era *tupi* (Vide *Piratininga*). Nem de outro modo é explicavel a sua autoridade invocada, quando appareceu e fundeou em *Bertioga* aquella armada (Dr. J. M. de Almeida. *Dicc. Geogr. da Prov. de S. Paulo*, obra posthuma, 1902).

URURÚ. Ilha na bahia da Victoria e Estado do E. Santo. Fica a N-S com a ponta da Ucharia e do lado opposto della. Para O. dessa ilha seguem-se tres outras: a do S. é a do Papagaio e as duas outras denominam-se das Restingas. *Ururú*, substantivo, significa o cesto grande, o tecido de vime em forma concava.

URURUHY. Corr. *ururú-y*, rio do cesto (Dr. T. Sampaio).

URUSSANGA. Corr. *y-roiçanga*, agua fria; alt. *ourissanga* (Dr. T. Sampaio).

URUSSUHY. Com este nome elevou a Lei n. 290 de 23 de junho de 1902 á categoria de villa a pov. de Nova Villa, na com. de Jeromenha, e Estado do Piauhy.

UTINGA. Corr. *y-tinga*, agua branca; alt. *otinga*, *itinga* (Dr. T. Sampaio).

UTINGA. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. do Cabo e desagua no rio Pirapama.

UTÚ. Corr. *y-tú*, tombo, queda d'agua, catadupa; alt. *outu*, *itú*. Vide *Itú* (Dr. T. Sampaio).

UTUPANEMA. Corr. *ytú-panema*, o salto ou catadupa que não presta, ou que se degrada (Dr. T. Sampaio).

UTUPEVA. Vide *Itupeva*.

UVAIA. Vide *Ubaia*.

UY. Subs., a farinha, o pó.

UYARA. Corr. *y-yara*, habitante d'agua, a que mora n'agua, a dama do rio, a sereia (Dr. T. Sampaio).

UYARUPIARA. Composto de *yyará-rupiara*, a raça das sereias; alt. *uyarupiá* (Dr. T. Sampaio).

UYPUBA. Composto de *uy-puba*, farinha de mandioca amollecida n'agua (Dr. T. Sampaio).

UYRANDUBA. Lago no mun. da Capital do Estado do Amazonas.

UYTAN. Composto de *uy-tã*, farinha dura ou bem cosida (Dr. T. Sampaio).

UYTINGA. Composto de *uy-tinga*, farinha branca, a meio cosida (Dr. T. Sampaio).

V

VACAN. Pequeno corrego do Estado de S. Paulo, entre os muns. da capital e da Conceição dos Guarulhos. Só tem curso perenne na occasião das chuvas; seccando, mesmo quando o verão é rigoroso. "*Vacan*, diz o Dr. M. J. de Almeida, corruptela de *I-acang*, arroio. De *i*, agua, e *acang*, seccar".

VACANGA. Morro e rio do Estado de S. Paulo; o morro fica á margem dir. do rio Tieté e o rio desagua na margem esq. do Juquery, trib. d'aquelle rio. "*Vaccanga*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Y-acanga-a*, o cabeçudo. De *y*, relativo; *acang*, cabeça, com o accrescimo de *a* (breve), por acabar em consoante. Allusivo a não acabar em ponta, como outros da mesma região".

VACCA BRANCA. Pequeno pov. no mun. de Itapecurú-mirim do Estado do Maranhão.

VACCAHY. Palavra hybrida composta de *vacca-y*, rio da vacca; corr. *ybacaí*, arvore que dá côco, o coqueiro; alt. *ubacaí*, *bacaí*, *vacaí*; Rio Grande do Sul; corr. *ybacay*; no tupi-guarani *ybaga-y*, rio do céo (Dr. Theodoro Sampaio).

VACCARAPI. Corr. *vacca-rapi*, a vacca esfolada. Nas antigas colonias hespanholas do Rio da Prata, palavras hybridas como esta eram communs. *Vaccapi*, composto de *vacca-pi*, a pelle de vacca. Vide *Vaccahy* (Dr. Theodoro Sampaio).

VACCARIA. Rio do Estado de S. Paulo, affl. do Verde, que o é do Ipanema e este do Sorocaba.

VAE QUEM QUER. Log. do Estado da Bahia, no termo de Cannavieiras.

VAHY. Passo no arroio Ibirocay, mun. de Uruguayana e Estado do R. G. do Sul.

VALADARIO. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de Itaporanga (*Almanak Sergipano*. 1901).

VALENÇA. Da cidade do Rio Preto dirigi-me á cidade de Valença, servida pela estrada de ferro União Valenciana.

Está Valença assente sobre um terreno mais ou menos ondulado, tendo maior declive para a parte voltada para o rio das Flores.

Fica entre serras e morros, entre os quaes a serra Velha ou do Mascate, o que impede que a vista abranja largos horizontes. Dista 157 kils. da Capital Federal, 25 da estação do Desengano, 18 da villa de Santa Thereza e 38 da cidade do Rio Preto, nas divisas do Estado de Minas, ligada á esta ultima cidade e á estação do Desengano pela E. de F. União Valenciana.

Fica a 560 metros de altura sobre o nivel do mar, na latitude de 22° 42' 30" e longitude oriental de 0° 12' 20" do Rio de Janeiro.

E' atravessada pelos corregos das Laranjeiras, affl. do rio das Flores, e pelo da Misericordia, que passa por baixo de um dos parques. Banham-na nos extremos os corregos São José, trib. do rio das Flores, e Bemfica, trib. do Laranjeiras.

E' uma cidade grande, bem delineada e de lindo aspecto.

Seus predios, em numero de 550, são pela maior parte de gosto antigo, havendo todavia alguns de construcção moderna, sobresahindo entre estes o palacete onde funcciona o Club Recreativo.

Suas ruas, em numero de 19, são de largura regular, 10 metros, todas mais ou menos rectas, perpendiculares umas ás outras, em ladeira de suave declive e todas calçadas de alvenaria e com passeios, muitos cimentados. A rua mais commercial é a de Uruguayana, outr'ora dos Mineiros, e a mais extensa a de S. José.

Tem cinco praças: a da Camara, outr'ora do Imperador, a do Visconde do Rio Preto, a da Estação, antigamente da Constituição, a da Alegria e a da Misericordia. As praças da Camara e do Visconde do Rio Preto são occupadas por dous esplendidos parques, os primeiros do Estado pela extensão, belleza e zelo com que são cuidados.

A cidade é illuminada a kerozene, tendo 145 postes de ferro apropriados para gaz; é abastecida de excellente agua, que desce de dous mananciaes situados na serra Velha e é servida por uma rêde de esgotos.

Na cidade não ha presentemente escolas publicas; o Grupo Escolar « Alonso Adjunto » foi infelizmente destruido pelas chammas no dia 29 de Junho do anno corrente. Existe um excellente collegio particular, o Collegio Cruzeiro do Sul, proficientemente dirigido pelo illustrado Sr. Vicente de Mello Faceira.

Foi Valença, em tempos não muito remotos, uma das cidades mais populosas e commerciaes do Estado do Rio de Janeiro; infelizmente está hoje em contristadora decadencia; já chegou a ter mais de 12.000 habitantes, hoje tem apenas 3.000.

Conta tres templos catholicos na cidade , além de outros nos bairros. Os templos da cidade são: a Egreja Matriz de N. S. da Gloria, a Capella de N. S. do Rosario e a Capella da Santa Casa da Misericordia, dedicada á Santa Izabel.

A Egreja Matriz não tem estylo. Destaca-se á distancia pelo seu tamanho, alvura das paredes e grande elevação em que está situada, dominando o panorama da cidade.

Tem na frente cinco janellas de peitoril, tres portas, um relogio e um mostrador, duas torres e um adro cercado por um gradil de ferro. Aos lados tem 14 janellas com grades de ferro no segundo pavimento e cinco janellas de peitoril e duas portas no andar terreo. As torres são coroadas por duas cupulas encimadas por um gallo.

O interior da egreja não é sumptuoso, mas elegante; os altares são dourados. Na capella-mór, onde se acha o Santissimo Sacramento, encontra-se um altar tendo no throno a imagem de Nosso Senhor Jesus Christo Crucificado, em baixo, em um nicho gothico, a imagem de N. S. da Gloria, padroeira, e aos lados São Sebastião e S. Manoel; tem quatro tribunas.

No corpo da egreja encontram-se quatro altares, dous ao lado do Evangelho com as imagens de N. S. da Conceição e S. Miguel, e dous do lado da Epistola com o Divino Espirito Santo e N. S. das Dores, tendo na urna do altar o corpo do Senhor Morto; dous pulpitos, dous confissionarios, a pia baptismal, o côro com um harmonium e quatro lustres. Do lado da Epistola fica a Capella do Senhor dos Passos, com um altar em cujo throno se vê Nosso Senhor Jesus Christo carregando a cruz, tendo ao lado, em dolente posição, N. S. da Soledade. Nos fundos fica a sacristia da capella.

Do lado do Evangelho fica a sacristia da Matriz, que é espaçosa e toda ladrilhada de marmore. Tem um altar com a imagem de N. S. da Gloria, um arcaz, um lavabo, diversos quadros religiosos e o retrato do vigario Joaquim Claudio Vianna das Chagas, fallecido ha 30 annos.

Na Matriz funccionam as Irmandades da Padroeira, do Sacramento e do Senhor dos Passos. Os edificios da cidade são: a Casa da Camara, o Hospital de Misericordia, a Cadêa e o Lazareto. A Camara Municipal funcciona em um predio proprio, situado na praça do mesmo nome e construido sob plano do engenheiro A. P. de F. Mendes Antas.

A fachada é simples. A construcção é de pedra e cal, sendo os vãos das janellas e portas revestidos exteriormente de cantaria e granito.

Compõe-se de dous pavimentos; no terreno estão alojadas a bibliotheca, a secretaria e a sala de audiencia dos juizes; no pavimento superior a sala do Jury com suas dependencias, a sala de sessões da Camara e o Archivo. As salas da Camara e do Jury estão mobiliadas com algum luxo, principalmente aquella. Na primeira vê-se um bello busto da Republica sob uma columna feita de cabiuna, com artisticos lavores e um retrato do finado Imperador, quando moço, e algum tanto offendido por mãos selvagens.

Na segunda vê-se á cabeceira do Presidente, velada por uma cortina, a imagem consoladora e resignada de Nosso Senhor Jesus Christo Crucificado.

A Bibliotheca conta cinco mil volumes, entre os quaes a collecção completa da *Revista dos Dous Mundos*, que pertenceu a Guizot, arrematada em Paris pelo Dr. Carlos Augusto de Oliveira Figueiredo, que a offereceu á Camara Municipal.

Orna ainda a Bibliotheca um busto em gesso de Christovam Colombo.

O Hospital da Santa Casa de Misericordia é um edificio amplo, mas modesto; não é sumptuoso, mas satisfaz bem ás necessidades de uma cidade do interior. As enfermarias são espaçosas, recebem bastante ar e luz e são bem desinfectadas.

Divide-se em duas secções, para homens e mulheres. A primeira compõem-se da enfermaria Barão de Petropolis, com 25 leitos, todos occupados por pretos muito velhos, e da Dr. Manoel Feliciano, com 16 leitos; a segunda compõe-se de tres enfermarias, uma das quaes isolada e destinada aos doentes de molestias repugnantes. Além dessas enfermarias possue mais tres quartos particulares, com quatro leitos cada um, destinados aos irmãos e pensionistas.

Possue ainda o hospital uma sala de operações com a respectiva mesa e armario, com instrumentos cirurgicos e peças anatomo-pathologicas; uma espaçosa sala de consultas (sala de banco), uma bem montada pharmacia, um necroterio, uma capella com a imagem de Santa Izabel e a sala das sessões ou sala de honra, com os retratos do Visconde do Rio Preto, Joaquim Saldanha Marinho, Visconde de Baependy, Antonio Leite Pinto, Visconde de Ipiabas, Commendador Domingos Theodoro de Azevedo Junior, Visconde de Jaguary, Herculano Furtado de Mendonça, Anastacio Leite Ribeiro, José da Silveira Vargas, João Pinheiro de Souza, João Baptista de Araujo Leite, Domingos Custodio Guimarães (2º Barão do Rio Preto), Barão da Vista Alegre, Antonio Carlos Ferreira, Commendador Manoel Antonio Esteves, Barão de Guaraciaba, Barão de Alliança, Coronel Antonio Leite Pinto, actual Provedor e que relevantes serviços tem prestado ao hospital, além de outros.

O hospital foi fundado a 2 de julho de 1838. Seu corpo medico é constituido pelos Drs. Ernesto Frederico da Cunha e Eugenio de Souza Nunes.

O Lazareto fica a meio kil. da cidade, no bairro do Barroso. Sob o ponto de vista hygienico nada deixa a desejar. Dispõe de duas enfermarias para homens e mulheres, duas salas de convalescença e outras dependencias.

A Cadeia fica situada na rua Voluntarios da Patria, esquina da praça da Alegria. E' bastante segura: suas paredes tem 70 centimetros. Além de quatro prisões, tem mais dous commodos, um para o carcereiro e outro para o corpo da guarda.

Possue a cidade dous cemiterios, o do Barroso e o da Gloria. Neste encontra-se o rico tumulo do Visconde de Ipiabas, com um bonito mausoléo, todo de marmore branco, de estylo gothico e rodeado por um gradil tambem de marmore com dous anjos em adoração. Na fachada do mausoléo vê-se a corôa de Visconde e as estatuas da Caridade e da Esperança. O mausoléo contém um altar de marmore com uma imagem de Nosso Senhor Jesus Christo Crucificado, de marfim. Na crypta acham-se as sepulturas.

Além desse tumulo, destacam-se pela belleza e gosto os do Visconde do Rio Preto, de marmore cor de rosa, da familia Guião, da familia de Gaudencio Cesar de Mello, de D. Julia Cardin, de Domingos Alfredo de Assumpção, do Dr. José Pereira Terra, da familia Pentanha e o em que repousam seis filhos do Dr. Ernesto Frederico da Cunha.

Este cemiterio tem uma capella.

Possue a cidade um theatro denominado da Gloria, cuja pedra fundamental foi lançada em 4 de maio de 1868.

Tem de frente 16m,28 com mais 4m,40 de cada lado, fechado com muros e portões. O comprimento é de 31m,90.

Todo o edificio compõe-se de tres corpos: o primeiro é o saguão com cinco portas e dous compartimentos lateraes, destinados ao archivo e ao botequim, e um salão no andar superior, de toda a largura do edificio, que se communica com os camarotes e as galerias; o segundo corpo compõe-se da platéa, de fórma de ferradura, duas ordens de camarotes e uma galeria na parte superior. A platéa dá lugar a mais de 200 pessoas. A primeira ordem tem 18 camarotes, a segunda outros tantos e mais um reservado para a primeira autoridade do Estado.

O scenario tem de boca 8m,14 de largura. A lotação total do theatro é para pouco mais de 600 espectadores.

Nesse theatro, a 23 de agosto de 1869, á noite, deu um concerto o genial artista Gottschalk.

O Club Recreativo funcciona em um bello palacete situado na praça do Visconde do Rio Preto. Dispõe de um grande e luxuoso salão de bailes, de uma sala para leitura de jornaes, de dous bilhares e de outras salas onde os socios entregam-se a jogos licitos.

Além deste Club ha na cidade ainda a Sociedade Nova Aurora, com um theatrinho e uma excellente banda de musica; e uma sociedade de beneficencia italiana.

Tem presentemente a cidade dous medicos, cinco advogados formados e um provisionado, tres pharmacias, dous hoteis, uma fabrica de aguas gazozas, uma de sabão, uma de massas alimenticias, 27 casas commerciaes e uma typographia, onde se imprime o *Correio de Valença.*

A 26 de maio de 1832 foi pela primeira vez distribuido nessa cidade um jornal, *O Valenciano*, sob a redacção dos Padres Aguiar e Meirelles, o qual cessou a publicação em 3 de agosto de 1833.

De caracter puramente politico, deixou esse periodico de apparecer depois que a revolução de 1831 produziu os desejados effeitos e os espiritos acalmaram-se pela nova direcção dada ao governo do paiz.

Em 1834 foi publicada a *Sentinella de Valença*; e, após longo periodo de 28 annos, surgiu, a 1 de janeiro de 1863, o *Merrimac*, propriedade e redacção do Coronel João Rufino Furtado de Mendonça, que montou a primeira typographia regular na cidade. Cessou a publicação a 12 de dezembro do mesmo anno.

Ao *Merrimac* succedeu *O Valenciano*, tambem de propriedade e sob a redacção do mesmo Coronel; desappareceu a 15 de setembro do mesmo anno.

Estes dous jornaes aventáram a idéa da construcção de um ramal de estrada de ferro que ligasse a D. Pedro II aos pontos mais productores do municipio de Valença e estes aos municipios vizinhos.

A mesma idéa advogou a *Phenix*, que sahiu á luz a 10 de março de 1867 e desappareceu a 23 de fevereiro de 1868.

A 23 de agosto de 1868 appareceu o *O Alagôas*, cuja publicação cessou a 31 de janeiro de 1870.

A 6 de agosto de 1871 appareceu o *Regenerador*, sendo distribuidos aos assignantes 46 numeros.

Em 14 de novembro de 1875 foi publicado o *Echo Valenciano*, que distribuiu sete numeros.

Veio depois o *Porvir*, de pequeno formato, a 16 de julho de 1876, sendo publicado o ultimo numero a 24 de dezembro do mesmo anno.

A 14 de dezembro de 1876 appareceu *A Gloria*, que publicou 22 numeros.

Em 18 de julho de 1880 appareceu *O Tempo*, que publicou o ultimo numero em 23 de outubro de 1882.

O *Phonographo* appareceu em 8 de agosto de 1881 e durou até 20 de janeiro de 1882, sendo publicada em seguida *A Tribuna de Valença.*

A 1 de janeiro de 1883 appareceu a *Gazeta de Valença*, cuja publicação durou até dezembro de 1890, sendo substituida pela *Actualidade*, que deixou de existir em junho de 1901.

Estão agora annunciadas as publicações da *A Tribuna* e do *Correio de Valença*, aquella sob a redacção do Dr. Dario F. de Mendonça e este sob a do Dr. Theodorico Fonseca.

Os bairros da cidade são Carambita, assim chamado de um tropeiro ahi fallecido, com uma capella da invocação de Santo Antonio; Bemfica, Santa Cruz, Rua da Palha, com a capella de Nossa Senhora da Apparecida; Laranjeiras e Barroso, com o Lazareto e o cemiterio novo.

Os districtos de que se compõem o mun. são: Cidade, Desengano, Santo Antonio do Rio Bonito ou Conservatoria, Nossa Senhora da Piedade de Ipiabas, Santa Izabel do Rio Preto e S. Sebastião do Rio Bonito.

O mun. limita-se com o Estado de Minas e com os muns. da Barra Mansa, Barra do Pirahy, Vassouras e Santa Thereza.

A lavoura consiste em café, canna e cereaes. Ha grande criação de gado nos districtos da cidade e de S. Sebastião do Rio Bonito.

Entre os rios que banham o mun. notam-se: o Parahyba, Preto, Flores, Bonito, Quirino, Cobras, affl. do Bonito; Sant'Anna, que passa pela estação do Esteves; S. Fernando, affl. do rio Preto; Ipiabas, além de outros; e entre as serras: a Velha ou do Mascate, a de Tunnifel, a das Cobras, a das Cruzes ou Minhocas, a das Aboboras e a do Velhaco ou da Prata.

Ha no mun. dous açudes que são verdadeiras lagôas: a da Concordia e a da Floresta, nas fazendas do mesmo nome.

E' o mun. atravessado pelas estradas de ferro União Valenciana e Sapucahy. A primeira tem no municipio as estações do Desengano; Quirino, Hedychium, Esteves, Chacarinha, Valença, João Bonito, Ozorio, Santa Ignacia, Rio Bonito, Guimarães, Boa Vista, antiga Corôas, Santa Delphina, Souza Lima, Ventura e Rio Preto; a segunda: Ipiabas, Paulo de Almeida, Conservatoria, Pedro Carlos, José Leite e Joaquim Mattoso.

A extensão da E. de F. União Valenciana é de 63^{k},368^{m}; o custo da estrada foi de 1.724:560$647, sendo de 27:215$008 por kilometro.

O capital da companhia concessionaria foi 1.600:000$000 e o capital actual em acções integralisadas 1.080:173$063 e em debentures 565:800$000.

As condições technicas são: bitola 1^{m},10, extensão em alinhamentos rectos 36.704 metros e em alinhamentos curvos 26.664 metros; raio minimo de curvatura 71^{m},85; extensão em nivel 17.022 metros e em declividade 46.346 metros; declividade maxima 0^{m},035.

Os trilhos são de aço e de ferro com o peso de 20 e 22 kilos por metro corrente. Ha tres estações de 1ª classe, tres de 2ª e quatro de 3ª e 4ª. Existem cinco paradas, 11 armazens, dous abrigos para carros, uma officina, cinco casas para turmas de conserva, cinco caixas de agua e tres gyradores.

Ha 36 passagens de nivel, sendo uma inferior e uma superior; 383 boeiros, pontes e viaductos, sendo a extensão da maior ponte 34^{m},20; 45 chaves, sendo 43 simples e duas duplas; sete apparelhos telegraphicos do systema Morce e quatro telephonicos do systema Ball-Blacke, sendo de 62,500 mestros a extensão kilometrica da linha telephonica.

Possue a estrada seis locomotivas, quatro carros de passageiros, um vagão de animaes, 49 ditos para mercadorias e 12 vagonetes ou trolys para lastro.

A receita geral no anno de 1900 foi de 213:931$071 e a despesa geral de 213:392$453, deixando um saldo de 538$618.

Raros accidentes se dão nessa estrada, sendo o respectivo trafego feito em condições regulares e compativeis com os recursos de sua receita, visto como a Companhia não gosa de garantia de juros ou de outro qualquer favor dos poderes publicos.

Devido á competencia e espirito economico do engenheiro gerente da Companhia, o Dr. Carvalho Borges Junior, a estrada, apezar das difficuldades financeiras com que luta para manter os seus serviços e os trens em correspondencia diaria com os expressos da Central, vai prestando grandes serviços á zona que percorre.

Sendo a primeira estrada de bitola estreita construida no paiz, deveria só por isso merecer a sympathia do Governo do Estado do Rio de Janeiro, que, além de tudo se inscrevera como accionista de mil acções, para complemento do fundo social, e de cuja importancia auferira já não poucos e remuneradores dividendos. Em vez disto teve a Companhia de arcar com a má vontade do mesmo Governo que, attendendo sómente a interesses de antigos politicos do municipio, sacrificou o futuro da estrada, fazendo concessões de outras parallelas, como foram as do Commercio e Rio das Flores e Santa Isabel do Rio Preto, ainda com a circumstancia de ser a esta concedida garantia de juros.

O resultado foi que nenhuma dessas estradas conta com elementos seguros de vida, ameaçadas como se acham, a Valenciana e a Rio das Flores, de uma liquidação desastrosa e a de Santa Izabel do Rio Preto, hoje de Sapucahy, pesando actualmente sobre os cofres do Estado pelo pagamento integral da garantia de juros!

O trafego da 1ª secção da Valenciana, de Desengano a Valença, foi aberto em 18 de Maio de 1871 e a da 2ª secção, de Valença ao Rio Preto, em 9 de Julho de 1880.

Ao terminar esta succinta e deficiente noticia sobre a cidade de Valença, resta-me agradecer a fidalga hospitalidade com que nella fui acolhido e pedir sincero indulto pela pallida descripção que fiz da cidade tão primorosa, que peço venia para considerar como a princeza do Estado do Rio de Janeiro.

P. S. — Sobre a parte historica dessa cidade consulte-se o meu *Diccionario Geographico do Brasil.*

VALLÃO DA CATHARINA. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha a cidade de S. Fidelis. Corre para o rio Parahyba do Sul.

VALLÃO DA ESPERANÇA. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha a cidade de S. Fidelis e desagua na margem dir. do rio Parahyba do Sul.

VALLÃO DANTAS. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Cambucy. Nasce na serra do Monte Verde, forma uma linda cascata na fazenda da Cachoeira e desagua na margem esq. do rio Parahyba, na villa de Cambucy. Recebe o vallão das Tres Barras na fazenda de Antonio Perazzo, formado pelos corregos da Jacutinga, do Meio e da Fazenda da Penha.

VALLÃO DA VARGEM GRANDE. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha o mun. de S. Fidelis e desagua na margem dir. do rio Parahyba no logar Boinha.

VALLÃO DE SANTO ANTÃO. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, desagua na margem esq. do rio Parahyba, proximo á villa de Cambucy.

VALLÃO DE S. FIDELIS. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha a cidade de S. Fidelis e desagua no Vallão da Catharina, a um kil. da confluencia deste com o Parahyba.

VALLÃO DE S. JOÃO. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha a villa de Itaocara e desagua na margem dir. do rio Parahyba do Sul.

VALLÃO DO CABURACA. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha o mun. de S. Fidelis e desagua no rio Dous Rios.

VALLÃO DO CAVOUQUEIRO. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha o mun. de S. Fidelis e desagua na margem dir. do ribeirão da Bella Joanna.

VALLÃO DO JACQUES. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, affl. da margem esq. do ribeirão Bella Joanna, trib. do rio Preto, no mun. de S. Fidelis.

VALLÃO DO MACACO. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha o dist. de Ipuca, do mun. de S. Fidelis e desagua na margem esq. do rio Parahyba.

VALLÃO DO PADRE ANTONIO. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, affl. da margem esq. do rio Parahyba, no mun. de Itaocara.

VALLÃO DOS PORCOS. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha o mun. de S. Fidelis e desagua no rio Grande.

VALLÃO DOS VEADOS. Corrego do Estado do Rio de Janeiro, banha o mun. de S. Fidelis e desagua no rio Dous Rios.

VALLINHOS. Pov. do Estado do Paraná, no mun. de Entre Rios; com uma estação da E. de F. S. Paulo ao Rio Grande.

VAMICANGA. Corr. *guaimi-canga*; osso de velha, ou cabeça de velha; alt. *guamicanga* (Lacerda e Almeida).

VAPORUNDUBA. Vide *Guapurunduba* e *Ivapurunduba*.

VARADOURO. Cachoeira no rio Pardo, a cinco kils. da cidade de Caconde, no Estado de S. Paulo. De 60 metros de largura, que na media tem esse rio, estreita-se ahi, em canal de tres a cinco, aberto na rocha, na extensão de pouco mais de cem metros, fazendo as aguas grande ruido e rodomoinhos. Nas repontas das enchentes os peixes luctam, á entrada desse estreito, para serem os primeiros a subil-o.

VARADOURO. Cataracta no rio Ribeira de Iguape, no Estado de S. Paulo.

VARADOURO. Canal para ligar o ribeirão Ararapira, no mun. de Cananéa e Estado de S. Paulo, com a bahia de Paranaguá, no Estado do Paraná. E' obra do seculo passado.

VAREJÃO. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do rio Piragibú, que o é do Sorocaba.

VARGEM. Bairro do Estado de Minas Geraes, no dist. de Santa Rita da Extrema.

VARGEM. Pov. no dist. da cidade do Bom Fim e Estado de Minas Geraes.

VARGEM. Corrego do Estado de Minas Geraes, affl. do ribeirão dos Cavallos, entre os dists. de Ibertioga e Piedade do Rio Grande.

VARGEM CUSTODIA. Bairro do Estado de Minas Geraes, no dist. de Santa Rita da Extrema.

VARGEM DO PANTANO. Log. de Minas Geraes. Em logar de Vargem do Pantano leia-se Vargem da Pantana. Accrescente-se no fim: Foi incorporado ao mun. de Santa Quiteria pela Lei n. 319 de 16 de setembro de 1901.

VARGEM GRANDE. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. do Sumidouro.

VARGEM GRANDE. Lagôa no mun. de Minas do Rio de Contas e Estado da Bahia.

VARGEM GRANDE. Log. da Bahia, no termo de Santo Antonio de Jesus. Accrescente-se no fim: O dist. ahi creado e supprimido pela Lei n. 282 foi restabelecido pela de n. 426 de 20 de agosto de 1901.

VARGEM GRANDE (S. Caetano da). Dist. de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Foi elevado a mun. pela Lei n. 319 de 16 de setembro de 1901.

VARGINHA. Bairro no mun. de Santo Amaro e Estado de S. Paulo.

VARGINHA. Corrego do Estado de S. Paulo, no mun. do Patrocinio do Sapucahy. Em uma parte do seu curso toma o nome de corrego das Pedras. Reune-se ao corrego da Joanna.

VARGINHA. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do S. Lourenço, trib. do Juquiá.

VARRE ESTRADA. Log. do Estado da Bahia, na cidade de S. Felix.

VARZEA DA ONÇA. Riacho do Estado de Pernambuco, nas proximidades da cidade de Taquaretinga. Atravessa a estrada que dessa cidade segue para a pov. do Gravatá de Jaburú.

VARZEA DA OVELHA. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de Villa Nova (*Almanak Sergipano*. 1901).

VARZEA DO PAIOL. Log. do Estado de Minas Geraes, no dist. do Caxambú e mun. de Baependy.

VARZEÃO. Dist. policial do termo de Serro Azul, no Estado do Paraná.

VARZEA PEQUENA. Morro do Estado de Santa Catharina. Pela sua falda sul estende-se o pov. de Ratones. E' tambem denominado Varzea de Baixo.

VARZEA VERDE. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de Itaporanga (*Almanak Sergipano*. 1901).

VARZINHA. Log. do Estado de Pernambuco, no mun. de Bezerros.

VARZINHA. Arraial do Estado de Sergipe, no mun. de Pacatuba (*Almanak Sergipano*. 1901).

VARZINHA. Corrego do Estado de S. Paulo, affl. do rio Una, trib. do Tieté, no mun. de Mogy das Cruzes.

VASANTE DA FORMOSA. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. de Santo Antonio do Rio Abaixo, á margem dir. do rio Peixe de Couro.

VASSOURAL. Log. do Estado do Maranhão, na ilha de S. Luiz.

VASSUGANA. Log. do Estado do E. Santo, no dist. de Santa Thereza, com uma capella da invocação de S. Luiz Gonzaga.

VASSUNUNGA. Corruptela de *Y-aié-çu-nunga*, muito ruidoso. De *y*, relativo; *aiè*, muito; *çunũ*, fazer ruido, com o suffixo *nga* (breve), para formar supino (Dr. J. M. de Almeida) Vide *Vassonunga*.

VÁU DO CAMPO. Log. do Estado de Goyaz, no mun. de Morrinhos, sobre o rio Paracanjuba.

VAYCURITUBA ou GUAYCURYTUBA. Composto de *guaicury* ou *guacuri-tyba*, cocal de guaicurys (Lacerda e Almeida).

VAZA COTIA. Ilha do Estado do Pará, no dist. de Guajára e mun. da Capital.

VEADO. Bairro do mun. da Fartura e Estado de S. Paulo.

VEADO. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Afuá. Vai para o rio Araramá.

VEADO. Com este nome vae desaguar no rio Pomba o ribeirão do Braço Forte, no mun. de Santo Antonio de Padua do Estado do Rio de Janeiro.

VEADO. Rio do Estado de S. Paulo, no mun. da Fartura. Desagua na margem dir. do ribeirão Fartura, affl. do Itararé.

VEADO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, no mun. dos Campos Novos do Paranapanema. Reune-se ao Ceremonia.

VEADO. Dist. do E. Santo. Accrescente-se no fim: O territorio, que forma esta freg., foi outr'ora motivos de duvidas entre as dioceses do Rio e de Marianna. Elevada á parochia sob o patrocinio de S. Miguel, o Vigario Capitular do Rio confirmou logo depois, não só pondo em concurso por edital de 10 de dezembro de 1866, como instituindo-a canonicamente, com séde no arraial de S. Miguel, e nomeando para seu Vigario encommendado o Padre Manoel Pires Martins, por Provisão de 19 de Abril de 1868. Algum tempo depois o Prelado de Marianna, dando por Matriz a capella da pov. de S. Pedro de Rates, instituia canonicamente a mesma freg. e nomeava Vigario o Padre Antonio Marrano. Nomeado Bispo do Rio D. Pedro de Lacerda, foram as cousas accomodadas, havendo para isso nova combinação de limites. S. Miguel ficou então civilmente pertencendo ao Espirito Santo, e ecclesiasticamente á Marianna, anomalia esta que desappareceu com a creação do Bispado do E. Santo. A localidade acha-se a 525 metros acima do nivel do mar, em uma accidentada elevação, 18 kils. mais ou menos acima da confluencia do rio Veado com o rio Preto. No dia 29 de setembro de 1838 o mineiro Justino José Maria das Dores tomou posse do territorio que comprehende a actual pov. Alguns annos depois, foi por elle vendida parte dessas terras ao capitão Antonio Ouriques de Aguiar, que, cedendo em 1854 o terreno patrimonial que ainda existe, lançou os primeiros fundamentos do arraial. Em 1860, mais ou menos, o referido capitão, junctamente com o Commendador José de Aguiar Vallim e Luiz Francisco de Carvalho, iniciaram a construcção da capella de S. Miguel e da casa parochial, primeiros edificios que se fizeram.

VEADO BRANCO. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. do Bujo, ao N. e a 48 kils. da cidade.

VEADO GORDO. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. de Corumbá, á margem do rio Nabileque.

VEADOS. Lago do Estado do Pará, no territorio de Aricary, entre o lago do Rei ao sul e o do Amapá ao norte.

VEADOS. Rio de S. Paulo. Em logar de affl. do Paranapanema. Banha o mun. do Rio Novo — leia-se, affl. da margem dir. do Santo Ignacio. Banha o mun. de Avaré. Recebe os ribeirões da Barra Grande, do Barreiro, do Meio e dos Pinheiros.

VEEIRO. Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

VELHA. Igarapé do Estado do Pará, no mun. do Bagre, no rio Itaucú.

VELHACO. Log. do Estado do R. Grande do Sul, no mun. de S. João Baptista do Camaquan, com escola.

VELHA ENXUTA. Log. no termo de Belmonte, no Estado da Bahia.

VELHA JOANNA. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. do Sumidouro.

VELHAS. Serra do Estado de Minas Geraes, no mun. do Pomba.

VELHAS. Corrego do Estado de Minas Geraes, affl. do rio Setubal, que o é do Arassuahy.

VELLUDO. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Indaiassú.

VENDA NOVA. Corrego do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

VENTANIA. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

VENTANIA. Morro do Estado de Minas Geraes, na cidade da Leopoldina.

VENTANIA. Arraial do Rio de Janeiro. Accrescente-se no fim: Foi elevado a dist. pela Lei n. 480 de 8 de novembro de 1901.

VENTANIA (S. Sebastião da). Dist. de Minas Geraes. Accrescente-se no fim: Foi desmembrado do mun. de Passos e incorporado ao de Villa Nova de Rezende pela Lei n. 319 de 16 de setembro de 1901.

VENTO. Morro do Estado de S. Paulo, no mun. de Itapecerica.

VENTO. Lago do Estado do Pará, no territorio do Aricary, entre o lago do Rei ao sul, e o de Amapá ao norte.

VENTURA. Log. da Bahia. Accrescente-se no fim: Dista 24 kils. do Morro do Chapéo e é banhado pelo rio do seu nome. Está situado em uma baixa, entre morros, tendo a altitude de 830 metros.

VERAVA. Serra do Estado de S. Paulo, no mun. de Una. « *Verava*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Berab-a*, resplandecente. Allusivo a entrar como elemento de sua estructura o micaschisto, que tem brilho metallico. »

VERDE. Serra do Estado de Pernambuco, no mun. do Altinho.

VERDE. Rio do Estado de S. Paulo, affl. do Ipanema, que o é do Sorocaba. Recebe o Ignacinho, Samambaia e Vaccaria.

VEREDA DO BAZILIO. Corrego do Estado de Goyaz, reune-se com o ribeirão Sucury Pequeno, nas divisas do mun. do Mestre d'Armas.

VERISSIMO. Rio do Estado de Santa Catharina, no dist. de Santo Antonio.

VERMELHA. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Itaocara.

VERMELHO. Morro do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

VERMELHO. Riacho do Estado da Bahia, banha o mun. de Alagoinhas e desagua no rio da Prata.

VERMELHO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem dir. do Mboy-guassú ou Guarapiranga, abaixo da foz do Cipó.

VERMELHO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. da margem esq. do rio Verde, no mun. do Rio Verde.

VERMELHO. Ribeirão do Estado de S. Paulo, affl. do Taquacetuba, que o é do rio Grande ou Jurubatuba.

VERMELHO. Rio affl. do Sabará, no Estado de Minas Geraes.

VIAMÃO. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

VIANNA. Morro do Estado do Rio de Janeiro, na cidade de Macahé. Ahi fica o Lazareto.

VIANNA. Corrego do Estado de S. Paulo, passa pela estação de Guarirobas e vai para o rio Araras, trib. do Mogy-guassú.

VIANNA. Cidade do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Jansem Ferreira, em seus *Fragmentos para a Chorographia do Maranhão*, diz: « *Vianna*, situada á margem do pittoresco lago do mesmo nome, que a abastece de peixe, proxima do rio Pindaré, com que communica por intermedio do rio Maracú, é o centro de maior producção de assucar do Maranhão: A seu porto vão os vapores da linha fluvial. Calcula-se a sua pop. em 5.000 habs. Nasceu nesta cidade o litterato Celso de Magalhães ». O Sr. José Ribeiro do Amaral, em seu trabalho *O Estado do Maranhão em 1896*, diz: « *Vianna*, cidade, elevada á esta categoria pela Lei Prov. n. 371 de 30 de junho de 1855, á margem N. do bellissimo lago do seu nome, a 180 kils. pouco mais ou menos ao SSO. da capital do Estado, a 2°59' de lat. S. e na long. em arco de 1°34' e em tempo $0^h,6^m,16^s$W. Esta cidade, que até 1709, quando começou a ser povoada pelos padres da companhia, era uma pobre aldêa de indios, denominada *Maracú*, foi ao depois elevada á villa em 8 de julho de 1757. Em 1820 constava já de uma praça regular, cinco ruas, algumas travessas, sendo as suas casas quasi todas de telha, com 137 fogos e 843 almas, em que entravam perto de 400 indios civilisados... Actualmente acha-se a cidade de Vianna cortada por seis ruas, 16 travesas e tres praças, contendo 207 casas de telha, 412 de palha e muitos terrenos baldios. As tres praças são: a da *Matriz*, em forma de parallelogrammo, medindo 132 metros de comprimento sobre 66 de largo, toda arborizada; a de *S. Benedicto*, onde existe um cruzeiro e ha projecto de erigir-se uma capella ao mesmo Santo; e a de *S. Sebastião*, formando um pequeno quadrado. Tem Egreja Matriz, construida de pedra e cal, coberta de telha e em perfeito estado de conservação, sob a invocação de N. S. da Conceição, padroeira da cidade; uma capella de tijolos, com a frente revestida de azulejos, sob a invocação de S. Sebastião, pertencente á Irmandade deste nome; e dous cemiterios, murados de tijolos, dos quaes, um denominado S. Sebastião, foi feito a expensas da pop.; e o outro, Dous de Novembro, pertence á uma sociedade particular... Contam-se ainda na cidade: 35 casas de commercio a retalho de seccos e molhados, uma padaria, uma pharmacia, duas casas de armador de galas e funeraes, duas fabricas de sabão, uma de fogos artificiaes, duas officinas de ferreiro, uma de serralheiro, uma de funileiro e alguns officiaes de alfaiate e sapateiro sem officina aberta, e muitos pedreiros e carpinas... O rendimento da Camara, relativo ao anno de 1895, foi de 9:430$000. A pop. da cidade é calculada approximadamente em 5.000 almas, e entre 20 e 25.000 a de todo o mun., o qual se acha dividido em tres districtos policiaes, sendo a sua maior extensão de E. a O. de 60 kils. sobre 48 de N. a S. Produz farinha em grande escala, assucar, aguardente, milho, arroz, carrapato, algodão, fumo e café. Suas mattas abundam em madeiras preciosas para construcção e marcenaria, de que exporta muito taboado; tem excellentes e ricas pastagens. A industria pastoril, que em outros tempos chegou a constituir uma riqueza, pois que só nos chamados Campos de Vianna pastavam, no verão, de 80 a 100.000 cabeças de gado vaccum, acha-se presentemente em quasi completo estado de abandono e decadencia. Ha no mun. dous engenhos de canna, movidos a vapor e cinco de ferro, tangidos a animaes... ». Os povs. pertencentes ao mun. são: o de Maracassumé, Villa Nova de Anadia, Taquarytiua, Aquiry, Mattinha e Itans.

VIANNA. Ilha da bahia do Rio de Janeiro. O *Jornal do Commercio de 1 de Novembro de 1901* diz:

« A experiencia official do cruzador *Republica* e do caçatorpedeiro *Gustavo Sampaio*, que hoje se realiza com a assistencia do Sr. Presidente da Republica, dos Srs. Ministros e outros convidados, dá ensejo á firma Lage & Irmãos de recebe-los nas suas officinas da ilha do Vianna, onde os mesmos vasos de guerra foram concertados.

Infelizmente, este importante estabelecimento industrial, verdadeiramente de primeira ordem, é conhecido por poucos.

Consideramos, assim, util deixar patente o que é a ilha do Vianna e o que póde ainda no futuro attingir, desenvolvidos que sejam os seus planos.

Para o desempenho do encargo da visita e colheita de informações, um dos nossos companheiros alli esteve desde cedo, onde a gentileza do Sr. Antonio Martins Lage, chefe da firma, o reteve durante longas horas em proveitosa excursão por todos os cantos e pontos da ilha, emporio do trabalho.

Por toda a parte o movimento, o borborinho das officinas, uma população operaria alegre e feliz, trabalho executado por intermedio de machinismos aperfeiçoados, movidos á electricidade, trabalho que não cessa e que se prolonga durante a noite, illuminado pela luz electrica.

A impressão que experimenta o visitante é viva e de curiosidade, sendo ao mesmo tempo grande a admiração pelos factores dessa obra ingente de boa vontade e energia.

O Sr. Antonio Martins Lage, cuja actividade é inexcedivel, historiou na demorada visita á ilha o seu programma, provando como é pouco conhecida a « arte de ser Brazileiro ».

Vêm de longe os contratempos, as difficuldades que se antolham, tendentes a entorpecer as suas aspirações, disse, e a entibiar a sua energia, accrescentou.

Existencia prospera, compromissos quasi solvidos, encaminhavam-se para solução razoavel, um a um os planos concebidos, quando a revolta de 1893 veio entorpecer o desenvolvimento da ilha e durante esse longo periodo os prejuizos foram enormes, damnificadas as officinas, e posto em pessimas condições todo o material fixo e fluctuante.

Debellada a luta civil, voltou a pouco e pouco o restabelecimento das forças, e notavel impulso foi dado a todos os ramos desta industria, tomando a casa Lage posição muito notavel entre as congeneres.

A festa que hoje vai ser proporcionada a uma fracção da nossa sociedade, é tambem motivo para que fique ella conhecendo a installação de todas as secções, desde as officinas até o dique, desde a usina de electricidade até os fornos de ferro.

A ilha do Vianna está situada a dez minutos da Ponta d'Areia, entre as ilhas Mocanguê, Conceição e Alvim, e é bastante extensa.

Começamos a visita pelas officinas, amplas, arejadas, espaçosas, divididas em 6 secções.

Na 1ª estão installadas 10 tornos, 2 machinas de atarrachar, 2 fraises, 5 machinas de furar, 4 machinas de aplainar, 1 de contornar e uma officina de modeladores.

Todas estas machinas são tocadas por motores electricos, que lhes são directamente conjugados.

Na 2ª secção está á fundição de ferro e bronze, com um forno para ferro e outro para bronze.

O ventilador, bem como o amassador destinado a pulverisar a terra e o barro da fundição, recebe movimento por electro-motores que lhes ficam conjugados directamente.

A 3ª secção é occupada pela ferraria e caldeiraria de ferro.

Um motor electrico faz trabalhar um ventilador, que fornece o ar necessario ao funccionamento das 11 forjas exis-

tentes. Um « burrinho », tambem tocado por um pequeno motor electrico, faz circular agua em todas as forjas.

Para as obras grossas possue esta secção um martinête a vapor. Na caldeiraria, além dos desempenos e outras ferramentas, existem 3 thesouras e puncções mechanicas, podendo cortar chapas até 3/4 de espessura e furar até 3 pollegadas; 2 machinas de furar, 2 rolos para o funccionamento das ferramentas pneumaticos, e uma machina fixa para compressão do ar.

Estes apparelhos são inteiramente novos no Brazil, elles são o que de mais moderno existe no genero. Com o seu auxilio toda a força animal é substituida pelo ar comprimido; actuam como martello, como talhadeira, realizam a cravação dos rebites, com uma perfeição e rapidez irrealizaveis até agora.

Actuam como raspadeiras, pulverisando a tinta, etc. A compressão é feita por um motor electrico conjugado directamente á machina compressora.

O serviço de cravação é completado pelo aquecimento dos rebites em forjas especiaes a petroleo.

Além da machina fixa existe uma outra sobre rodas, podendo transportar-se para qualquer ponto da ilha, que por toda parte é circulada de fios conductores de electricidade, e ahi posta em movimento tirando uma derivação para a machina.

Tres catraças electricas igualmente transportaveis, levam por toda parte na ilha, ao interior dos porões dos navios, ao fundo do dique sua acção; é tambem a ultima palavra neste genero.

A 4ª secção é a officina de caldeireiros de cobre e funileiros, ainda em installação. Ahi vão ser montadas diversas machinas já importadas dos Estados Unidos para o mesmo fim.

Na 5ª secção está installada a carpintaria e serraria, compondo-se de uma serra sem fim americana, cujo estrado tem mais de 100 metros; uma serra horizontal, uma serra sem fim, uma serra circular, uma possante machina de aplainar madeira grossa, uma dita melhor, uma machina de malhetar e furar, uma dita de moldurar, uma de lixar e diversas machinas para amollar serrotes e outras ferramentas.

Como nas demais officinas, as machinas desta são tocadas por electro-motores com ellas conjugadas directamente, desapparecendo assim com economia as antigas florestas de correias, e os longos eixos de transmissão. Todas as machinas são norte americanas, e já contendo os ultimos melhoramentos que este engenhoso e activo povo sabe conquistar diariamente.

Os estalleiros, que são uma dependencia desta secção, compõem-se de uma carreira triplice com tres possantes cabrestantes electricos para encalhe.

Forno de Coke — Possue a ilha uma bateria de fornos do systema Bee-Hire para fabricação do coke, aproveitando para isso a moinha do carvão de Bealmontas, coke este que occupa um dos primeiros lugares entre os cokes metallurgicos.

A construcção destes fornos foi o primeiro passo para a installação do alto forno projectado para a fabricação do ferro em nosso paiz, tão rico neste util metal.

O minerio presentemente recebido provém das riquissimas jazidas de Miguel Burnier, é uma hematite e seu rendimento industrial é de 65 % de ferro de 1ª qualidade, sua composição chimica corresponde quasi ao typo theorico. E' desanimadora a historia da fabricação do ferro em nosso paiz, onde a falta do carvão tem-se constituido uma trincheira onde se têm ido quebrar honrosos esforços, infelizmente porém nem sempre dirigidos pelo caminho mais racional. Assim é que em Monlevade jazem milhares de contos de réis a dezenas de kilometros da remota estação de Leopoldina. Por que preço chegaria aos centros industriaes o ferro ahi produzido? Chegará certamente o dia em que o excellente ferro de Monlevade possa ser aproveitado, mas esse futuro ainda é remoto. A usina *Esperança* é ainda uma tentativa infrutifera; a distancia das minas, a escassez das mattas em terreno proprio, as proprias difficuldades da fabricação do carvão, com os salarios relativamente altos daquella zona, e sobretudo a pequena producção diaria em relação ás despesas necessarias do arrendamento, não permittem uma compensação razoavel ao capital empregado.

O esforçado industrial Sr. Antonio Martins Lage achou a solução racional do problema, e com a coragem que o caracteriza, enfrentando preconceitos já firmados, mandou vir dos Estados Unidos da America do Norte o material necessario á construcção de um alto forno projectado pelo Dr. Ximeno Villeroy, tendo para auxiliar o Engenheiro José Brandão Carvalho. Este alto forno, resumindo o que de progressivo tem realizado a industria de ferro nestes ultimos annos, tem capacidade para produzir diariamente 25 toneladas de ferro.

O alto forno é servido por dous apparelhos Cowper que pela combustão dos gazes do alto forno combinado com o ar atmospherico eleva o ar comprimido, que é injectado no alto forno á temperatura maxima de 800°, o que traz consideravel economia de coke. O excesso de gaz não aproveitado neste serviço fornecerá força necessaria para todos os serviços da usina, taes como luz, ventiladores, elevadores, etc., quer produzindo por combustão directa nas fornalhas o calor necessario para producção do vapor, quer actuando directamente em motores a gaz.

Como fundente será aproveitado um precioso calcareo recebido tambem de Burnier. O coke, como dissemos, é produzido aqui mesmo do carvão de Bealmont.

As recentes descobertas de minas de carvão fazem crer que dentro de alguns annos consigamos attingir o desideratum — a fabricação do ferro nacional com o coke de carvão nacional; ao Governo cumpre amparar essa iniciativa estimulando os industriaes que a tanto se aventuram com verdadeiro sacrificio.

Amparem-se as tentativas que surgirem; obter-se-á assim machinas por preços commodos e a fundição de canhões que a referida industria metallurgica póde produzir.

A installação do alto forno será completada pelo estabelecimento de retortas para a transformação do ferro em aço, e tres laminadores para a fabricação de trilhos, chapas, canos, etc.

Como annexo á secção de alto forno está em installação um laboratorio chimico provido de todos os recursos para os estudos de mineraes, metaes, etc.

Carvão — Um dos ramos mais importantes de actividade na ilha do Vianna é o serviço do carvão, de que a casa Lage Irmãos é hoje o maior importador em nossa praça. Este serviço, feito sob a direcção do Sr. Felippe Hene e seu ajudante Luiz Siqueira, occupa cêrca de 300 homens sob a inspecção directa de 11 feitores; este pessoal reside e alimenta-se na propria ilha.

Além dos melhores carvões de Cardiff e do carvão em tijolos, Patent Tivel, recebem os Srs. Lage Irmãos o carvão americano de Pocahontas, do qual elles são os unicos recebedores e agentes.

A descarga de carvão é feita directamente na ilha; os vapores atracam do lado O, da ilha, e descarregado de bordo por guinchos electricos e arrumado em pilhas.

Agua Hermitte — Esta agua é o resultado da agua salgada, atravessada por uma corrente electrica. O apparelho em que o phenomeno dá-se, compõe-se de uma caixa de ardosia, com electroides tambem de ardosia, nos quaes fica envolvido um fio de platina.

A corrente, atravessando a agua, decompõe seus elementos, deixando livre o chloro e saturando o de ozone.

Os effeitos beneficos da agua Hermitte podem ser verificados praticamente na ilha do Vianna, cuja hygiene nada deixa a desejar, apezar da variedade de serviços, alguns dos quaes, como o do dique e o da carreira recebem diariamente elementos de facil decomposição.

A corrente electrica é fornecida pela Usina Central; duas pequenas bombas tocam a agua necessaria para o electrolisador, onde é recebida em grandes tanques. Quando um destes tanques está cheio, automaticamente, entra em serviço uma terceira bomba, que abastece o tanque do serviço geral da ilha.

O *Dique* — Sobre este importante melhoramento e notavel obra cavada na rocha, já tivemos ensejo de alludir, quando foi inaugurado a 7 de Maio.

A largura da boca é de 61 pés, fóra a entrada, esta tem 58 pés, nivel do chão 78 pés, fundo 51 pés e 4 pollegadas.

Começou a ser construido em 1 de agosto de 1899, nelle já foram encalhados 41 navios, entre os quaes sete da nossa marinha de guerra, sendo um delles o *Tupy*, que se acha actualmente em concertos.

As obras do dique proseguem ainda.

Para o serviço de esgoto do mesmo, foi aberto na rocha; ao lado do mesmo, um vasto compartimento, coberto por um alboio duplo de peroba.

Uma escada (dupla no segundo lance) conduz o visitante ao interior, onde estão installadas duas possantes bombas centrifugas, ligadas directamente a dous motores electricos de 100 cavallos cada um, o que permitte esgotar o dique em tres horas.

Mais duas bombas electricas existem para o esgoto das aguas da chuva.

Padaria — Possue a Ilha uma padaria que produz mensalmente 8.800 a 9.000 kilos de pão, amassado a electricidade e que é destinado ao consumo do estabelecimento e dos paquetes.

Matadouro — O matadouro, construido sob os moldes do de Pariz, compõe-se de quatro compartimentos:

O primeiro, o maior, é o estabulo, onde se conserva o pequeno *stock* de gado existente na Ilha; o segundo compartimento é o da matança; o animal, isolado, tem uma mascara amarrada aos olhos, e ferido no frontal por um estylete, recebe morte instantanea.

Uma talha, correndo sobre um trilho, suspende o animal, que é convenientemente tratado.

Para o compartimento da esquerda é levada a carne, pesada, e dahi distribuida; no compartimento da direita está um deposito de couros durante o tempo em que se aguarda remessa para os curtidores.

Toda a lavagem é feita com agua Hermitte, e cousa curiosa, os couros assim conservados não têm o menor máo cheiro, desagregam-se todas as cartilagens dos chifres e desprendem-se perfeitamente limpas as crinas.

Ao lado do estabulo do gado vaccum está o dos suinos, cuja lavagem pela agua *Hermitte* não deixa exhalar o menor fetido.

São abatidas mensalmente 75 a 80 rezes.

Usina de electricidade — E' muito bem organizada e luxuosa esta secção.

A usina tem 3 caldeiras de 150 cavallos cada uma; 3 geradores typo Ideal, sendo um de 80, um de 90 e a 3ª de 260 cavallos.

600 lampadas incandescentes e 20 de arco estão installadas e funccionando.

Commissariado — Esta repartição é subdividida em duas secções: Maçames e ferragens e comestiveis.

Os serviços deste departamento estão installados com muita ordem e regularidade, sob a direcção do Sr. Pedro da Rocha Faria, que accumula as funcções de sub-gerente do Estabelecimento.

O commissariado, perfeitamente sortido, fornece para todos os paquetes, os quaes ao partirem do Rio levam tudo o que é necessario para as viagens redondas.

O serviço permanente da extracção de pedras, cortes, trabalho de pedreiro occupa 40 homens.

O serviço de estiva é feito por pessoal movel variando de 35 a 150 homens.

O serviço de pintura occupa 25 homens.

As officinas têm como chefe o Sr. Dr. Francisco Carvalho Paes de Andrade.

O pessoal é assim distribuido — machinas 65; fundição 20; ferraria 20; caldeiraria de cobre 17; caldeiraria de ferro 81; carpintaria 80; ao todo 283.

O engenheiro de machinas é o Dr. Schmidt.

O chefe do serviço de electricidade é o Sr. E. Braga; são apontadores os Srs. Ernesto Ratis de Carvalho e Octavio Ferreira da Silva.

O aspecto de toda ilha é muito attrahente e os multiplos serviços obedecem a um plano harmonico.

Larga e bem tratada avenida, embellezando as suas margens, taboleiros de relva e plantas têm de um e outro lado edificações; de um lado estão os refeitorios, cozinhas, alojamentos, quer das guarnições dos navios de guerra e em concertos, quer do pessoal do carvão e operarios; esta avenida tem um kilometro de extensão, desde a vivenda elegante e confortavel do Sr. Martins Lage até o mar. Nota-se defronte a ilha do Alvim, de vegetação luxuriante e cerrada: entra nos planos do infatigavel industrial a acquisição dessa ilha, ligando-a por meio de uma ponte.

Nesse recanto tão encantador e saudavel vão ser construidas as habitações dos operarios e suas familias; edificios isolados, aqui e alli, encobertos pelos arvoredos. No alto, em ponto apropriado estão a capella, a escola, a casa de diversões.

Pax et labor — eis a divisa do industrial.

Numa linha ferrea correm vagões tirados por uma pequena locomotiva, os quaes fazem o transporte de materiaes, terra, pedra, carvão, ferro de um para outro lado e para os pontos de embarque.

Já está quasi prompto um departamento, de 100 pés de comprimento, construido sob principios de hygiene e destinado á collocação de reservados de 1ª a 4ª classes, banheiros com identico plano, e bem assim lavatorios.

No pavimento superior ha dous tanques para agua doce e agua electrisada que se destina a todo o serviço já indicado.

Para a festa diurna que commemora a experiencia official das machinas dos dous já citados vasos de guerra, a ilha do Vianna, cujos encantos naturaes tanto impressionam, recebeu adornos e flores em profusão.

No alto de todos os edificios da florescente *Villa* industrial estão collocados mastros com bandeiras e galhardetes.

Dous artisticos e bem ornamentados arcos levantam-se defronte de duas das pontes, seguindo-se enfileiradas muitas tinas de palmeiras e outros arbustos.

Os arcos têm entrelaçados nas suas columnas folhagem e flammulas; num dos largos ergue-se um coreto oitavado, tambem dourado, e guarnecido com muito gosto.

Um dos pavilhões foi transformado em salão de dansa e outro em sala das refeições; um e outro medem 120 pés de comprimento por 30 de largo; no primeiro, forrado de panno azul, com escudos e enfeites bem combinados, existem duas divisões onde devem tocar as bandas de musica; ao lado foi preparado o vestiario para as senhoras; no segundo salão, o das refeições, guarnecido tambem, estão dispostas 60 mesas para 6 talheres cada uma.

Desse serviço foi incumbida a Casa Paschoal.

Menu — Poisson frit sauce tartare, ragout de mouton, bretonne, noix de veau, macédoine, cotelettes d'agneau Allemande, longe de porc, purée de lentilles, salade panachée, dinde farcie à la brésillienne, jambon d'York, roast beef à l'aspic, puddings variés, geléé aux faises glaces moulées; dessert assorti: café, vins Graves, Fronsac, Porto, Champagne.

O Sr. Presidente da Republica e os Srs. Ministros serão servidos no refeitorio da residencia do Sr. Antonio Martins Lage.

Além das pessoas já citadas, foram tambem convidados officiaes de terra e de mar, os membros de ambas as Casas do Congresso e magistrados.

Excedem de 800 os convites distribuidos.

O embarque dos convidados será feito na estação Ferry entre 8 e 9 horas da manhã, para bordo do vapor que irá até junto a Villegagnon, acompanhando os dous navios de guerra.

O Sr. Presidente da Republica e sua comitiva embarcarão no Arsenal de Marinha ás 8 horas da manhã.

Damos a seguir a descripção do caça-torpedeiro *Gustavo Sampaio*, dos concertos que foram feitos e do resultado da experiencia a que hontem assistimos, reservando-nos para amanhã fallar sobre o cruzador *Republica*, cujos concertos foram radicaes, tudo feito nas officinas Lage & Irmãos.

Caça-torpedeiro *Gustavo Sampaio* — E' um navio de aço de 62 metros de comprimento, deslocando 500 toneladas, com duas machinas motoras de triplice expansão, movendo duas helices de 2m,87 de passo, dando 240 rotações, para imprimirem ao navio uma velocidade de 8 milhas por hora e na média 10, sendo então seu raio de acção de 2.400 milhas.

Possue seis canhões, sendo dous de 247m/m e quatro de 47 m/m, além de tubo para torpedos e o projector. Sua lotação completa é de 70 praças. Foi adquirido durante a revolta de 1894; no combate de 16 de Abril desse anno poz fóra de combate o couraçado *Aquidaban*, com um tiro de torpedo.

Entregue, para ser reparado, á casa Lage & Irmãos, sob a fiscalisação dos engenheiros de construcção e machinas do Arsenal e do seu commandante, passou entre outros pelos seguintes reparos:

Substituição no fundo de quasi toda a linha d'agua; cerca de 70 metros de chapa foi tambem substituida e bem assim as helices feitas no Arsenal; substituição dos mastros e apparelho dos mesmos, — o apparelho pelo Arsenal. A machina foi toda nivelada, os eixos das manivelas passados no torno, alterando-se o systema de alimentação dos *burrinhos*

para alimentar qualquer dos caldeiras. Ajustou-se o apparelho de distribuição. Revestiram-se todas as valvulas e torneiras, além de outros reparos. Substituiram-se por novas as caldeiras que existiam, sendo essa a causa da maior demora dos concertos ainda não de todo terminados, não só pela duvida que houve sobre as caldeiras que deviam substituir as retiradas, como o tempo para confecciona-las e chegarem ao Rio de Janeiro, onde só em agosto se principiou a assenta-las e fazer as competentes ligações de encanamentos. Eis, em pequeno esboço, além de outros pequenos reparos, decorações e pinturas, promptos alguns e outros por acabar, a transformação porque passou e que tornou novo esse caça-torpedeiro da Marinha Nacional, o unico que possue com esse deslocamento a Republica, para auxilia-la na sua defesa. Além das referencias ao Arsenal, cumpre mais notar por parte da artilharia, os reparos dos canhões grandes e installação dos mesmos e pela electricidade a installação e disparo dos canhões e tubo de torpedos, tendo as officinas de construcção fornecido mais além de poleame diverso, dous escaleres de dous remos.

A experiencia de machinas deste torpedeiro em rota livre deu tal resultado que resolveram os officiaes e engenheiros que dirigiam a esperiencia verificar a velocidade maxima sobre uma base escolhida. Esta base foi a linha V S magnetica limitada em extensão pelas marcações pontos dos proeminentes da ilha de Mocanguê-Grande e Forte Gragoatá, medindo milhas 2,1.

Este percurso foi feito em duas corridas, nas quaes o regimen de funccionamento das machinas foi augmentado gradativamente, obtendo-se na 1ª corrida contra o vento e maré de enchente, 14,75 milhas e, na 2ª, a favor, 17,18 milhas, velocidade esta apenas inferior de milhas 0,70 á obtida nas experiencias officiaes quando novo o navio.

Es as experiencias foram dirigidas pelo Engenheiro Naval 1º Tenente Octavio Jardim, assistido pelos Engenheiros da Casa Lage & Irmãos e pelos officiaes do corpo de machinas do navio.

Assistiram ás mesmas experiencias os Srs. Commandante da Divisão de Torpedeiras e seu Secretario, o Ajudante de ordens, Engenheiro naval Capitão-Tenente Rosauro de Almeida, fiscal das obras de construcção naval. O *Gustavo Sampaio* sempre sob a direcção do seu Commandante, Capitão-Tenente Borges Leitão, tendo deixado a sua amarração na Ilha do Vianna á 1 hora, regressou a retomal-a, depois de terminadas, ás 4.

As caldeiras chegaram a trabalhar com 160 libras de pressão, com tiragem fortemente activada, virando as machinas motoras com 220 rotações, regimen este de funccionamento que foi cautelosa e progressivamente attingido até a obtenção do brilhante resultado attingido pelas officinas dos Srs. Lage & Irmãos e que muito desvanece os nossos engenheiros, encarregados da direcção e fiscalisação das obras do casco e machinas ».

VIATÃ. Corr. *ubi-atã*, a flexa rija, esforçada, a flecha valente (Dr. Theodoro Sampaio). Nome de uma tribu selvagem do N. do Brasil, que, segundo Fernam Cardim, se confundia com os Potyguares.

VICENTE PIRES. Rio do Estado de Goyaz, affl. do Paranoá, nas divisas do mun. de Mestre d'Armas.

VICTORIA. Log. do Estado do Paraná, no mun., da Palmeira.

VICTORIA. Cidade capital do E. Santo: Accrescente-se no fim: Ao *Jornal do Commercio* enviei em 1899 a seguinte communicação: No dia 15 de abril tomei passagem a bordo do paquete *S. Salvador* com destino á cidade da Victoria. Tinha por objectivo, nesta viagem, procurar o logar santo onde tinham sepultado meu idolatrado netinho Flavio, arrancado dos braços de minha filha pela morte, em viagem da Bahia para o E. Santo. Foram os ultimos despojos de meu neto confiados á terra de um cemiterio, onde penetrei com horror, tal foi o estado de abandono em que o encontrei. Meu pobre neto! Dormir o derradeiro somno, longe dos entes que tanto o amaram e em um cemiterio, que é uma verdadeira profanação! Depois de mandar levantar um pauperrimo monumento, que assignalasse o logar em que elle repousa e de encarregar a um amigo que, findo o praso de dous annos recolhesse seus ossos e m'os remettesse para esta Capital, aproveitei-me dos dias que eu tinha de demora nessa cidade para percorrel-a e transmittir ao publico as minhas modestas impressões do que vi. A bahia da Victoria é bonita, posto que pouco larga e não franca á navegação, pois os vapores, que a demandam, precisam de pratico. Para os que entram do S. é agradavel avistar os pincaros de forma conica e as montanhas que escondem a bahia, e ver ao longe o cume do Moreno, á entrada da barra, o pico da Penha, coroado pelo celebre Santuario, alvejando sobre negra e escalvada penedia, e a elevada serra do Mestre Alvaro; sendo ainda maior o encanto á proporção que se vai approximando da barra, quando se observam aquelles montes e penedos mudarem de posição e offerecerem novas paisagens e differentes e inesperados panoramas, cada qual mais bello. Logo á entrada da barra se vê a penedia dos *Pacotes* na direcção do rio Jucú; e mais para dentro o monte Moreno, com um pharol, a Pedra d'Agua, com um estabelecimento de immigrantes, o morro da Penha, a cidade do Espirito Santo, antiga Villa Velha, o Penedo, as fortalezas abandonadas de Piratininga e S. João e as ilhas do Boi, das Cobras, da Baleia, Santa Maria, além de outras. A bahia recurva-se, mostrando em seu termo a cidade da Victoria, pessimamente situada na parte S. da ilha do mesmo nome, antigamente denominada Santo Antonio e depois Duarte de Lemos, nome do seu donatario, sobre uma elevação que descamba para dous lados, sendo um para o littoral da bahia. Ao penetrar na cidade o viajante recebe uma desagradavel impressão. De proporções acanhadas, com ruas estreitas, com ladeiras algum tanto ingremes, muito sujas, cobertas de matto, com os detritos das casas espalhados por todas ellas; com predios muito velhos e damnificados sem um jardim, sem um pomar ou uma chacara, todos amontoados uns sobre outros; com templos de sombrio aspecto, apenas com um hotel, e esse de má alimentação e excessivamente caro; com agua muito escassa, sem esgotos, illuminada até ás 10 horas da noite a kerosene, sem industria; a cidade da Victoria é um amontoado de ruinas e não convida ao viajante a nella demorar-se senão o tempo preciso para contemplar o seu estado de atrazo e profunda decadencia. A fatalidade para demonstrar a profunda differença que vai do trabalho da natureza para a obra do homem collocou ao lado da esplendida bahia a decrepita cidade. Das 9 horas da noite em diante é impossivel percorrer-se as ruas da cidade, tal é o mal cheiro que se desprende de todas as casas, e foi por isso que um Sr. Hollanda estabeleceu quasi a meio da bahia e proximo á cidade uma fabrica de sabão, como meio preventivo para os viajantes. Na cidade não se encontra um só carro; ha apenas um *phaeton* de propriedade do Sr. Antenor Guimarães. Na occasião das grandes chuvas a pop. confia ás aguas, que descem pelas ladeiras, as materias fecaes e os detritos accumulados nas casas. A maioria dos habs. da cidade é composta de pretos e mulatos, que perambulam pelo cais em completa ociosidade, chupando canna e entregue ao jogo do bicho, que é permittido, cobrando a Municipalidade um imposto de semelhante immoralidade. Em todas as cidades de S. Paulo, Minas e Rio de Janeiro que percorri, fui procurado pelos presidentes das municipalidades, não pela minha pessôa, que muito pouco vale, mas para acompanharem-me na visita pelas cidades e mostrarem-me o que de importante ellas possuiam. Durante o tempo, em que me demorei na cidade da Victoria, nenhum funccionario procurou-me e se vi alguma cousa foi isso devido á gentileza do Dr. Aguirre e do Sr. Antenor Guimarães. Visitei a Cathedral, o Quartel de Policia, a Casa de Misericordia, o Paço da Assemblea e, aproveitando-me de um bote que o Dr. Aguirre poz á minha disposição, fui a cidade do E. Santo e á egreja da Penha.— A Cathedral, antiga Matriz, é um templo por demais simples e modesto, quer interior, quer exteriormente. Fica situada no largo da Matriz, tendo na frente florescente capim, onde pastam cavallos e onde esgaravatam gallinhas. O frontespicio é feio e sem a menor architectura; tem tres janellas, tres portas e a torre do lado da Epistola. Possue a capella-mór e nella um altar com a imagem de N. S. do Victoria, ladeada pelo Santissimo Coração de Jesus e S. João Baptista, o solio do Bispo e quatro tribunas. No corpo da egreja encontram-se quatro altares: os do lado do Evangelho, um com S. José no centro e Santa Rita e S. Manoel dos lados, e outro com Santo Antonio; e os do lado da Epistola, um com a imagem de N. S. das Dôres e o Senhor Morto e outro com a Senhora da Conceição, uma nave bastante ele-

vada, duas portas, tres pulpitos, sendo um portatil, dous confissionarios, o côro com um harmonium, os 14 quadros da Via Sacra e a capella do Santissimo Sacramento do lado do Evangelho. Por baixo do arco-cruzeiro ficam duas portas, uma que dá para a Sacristia da egreja e outra que dá para a Sacristia da Irmandade do Santissimo Sacramento; e por baixo do côro a pia baptismal. Na entrada da capella do Santissimo Sacramento lê-se: *Lauda victoria salvatorem*: No interior ha um altar com o Senhor Crucificado e o Menino Jesus, o tabernaculo e o faldstorio. Os paramentos desta capella são riquissimos, tendo importado em mais de quatro contos. A Sacristia da egreja tem um arcaz e sobre elle um oratorio antiquissimo com a imagem de Nosso Senhor Jesus Christo Crucificado e um *lavabo*. O pavimento é todo de marmore. A Sacristia da Irmandade, menor que a precedente, tem um insignificante arcaz e um altar com o Senhor Crucificado. — Além da Cathedral, possue a cidade a Matriz, antiga freg. de S. Thiago, de feio aspecto, com uma só torre e um registro de signaes; a egreja dos Remedios ou de Santa Luzia, a de S. Gonçalo, a do Rosario, levantada por effeito da Provisão de 14 de setembro de 1765, a da Misericordia, o Convento do Carmo, onde funcciona o collegio de N. S. Auxiliadora, dirigido pelas Irmans de Caridade, e o convento de S. Francisco; o Palacio da Presidencia, que foi collegio dos jesuitas, e onde egualmente funccionam a Delegacia Fiscal, o Thesouro, o Correio, a secretaria da presidencia e a repartição de Obras Publicas; a repartição da Instrucção Publica, o Paço da Assemblea, a alfandega, reconstruida em 1888 no governo do Dr. Freitas Rosa; a Corte de Justiça, o Hospital de Misericordia, o Paço Municipal, o Quartel de Policia, situado no meio de um charco e do custo de mais de mil contos e o theatro Melpomene, de madeira, e do custo de mais de 700:000$000. A instrucção publica está muito descurada na cidade; não ha uma Escola Normal. O unico estabelecimento de instrucção secundaria é o Atheneu Santos Pinto, fundado pelo Dr. Antonio Gomes Aguirre e professor Aristides Brasiliense de Barcellos Freire a 1º de junho de 1898, e que se mantem com grandes difficuldades. O Hospital da Misericordia está situado no alto do morro do Campinho. E' um casarão muito velho e damnificado, excessivamente baixo e de lugubre aspecto; tem tres enfermarias, duas salas de operações, pharmacia e uma modesta capella. E' dirigida pelas benemeritas Irmans de Caridade. Eis, em rapidos, mas verdadeiros traços, a cidade da Victoria, e capital do Estado do E. Santo. A este quadro desolador junte-se a enorme divida que onera o Estado e da qual elle não se libertará tão cedo. Não somos *capixaba*, por isso nos abstemos de mencionar os nomes dos verdadeiros causadores da ruina desse Estado, ao qual sobejam elementos de grandeza e prosperidade. Em quanto a pop. entregar-se a essa politicagem baixa e sem oritação; emquanto as municipalidades despenderem seus rendimentos com o numeroso pessoal que a politicagem as obriga a manter; emquanto os homens de merito, serios e honestos, forem esquecidos pelos governadores; os Estados apresentarão a decadencia moral e material, a que serve de exemplo o Estado de que tratamos.

VIDAL. Serra do Estado da Bahia, no mun. de Bom Jesus do Rio de Contas.

VIEIRA. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

VIEIRA. Vallão affl. da margem esq. do rio Parahyba do Sul, no mun. de S. Fidelis e Estado do Rio de Janeiro.

VIEIRAS. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. do Rio Manso e mun. do Bom Fim. Pertenceu ao dist. de Itatyaiussú.

VIGIA. Arraial do Estado de Sergipe, no termo de S. Christovão (*Almanak Sergipano*. 1901).

VILLA. Igarapé do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Dr. Justo Jansen Ferreira (*obr.* cit.) diz: « O Igarapé da Villa, tambem chamado Vovoca, deve-se considerar o estuario do rio Grande, que recebe differentes denominações, taes como: rio do Engenho, logar onde nasce, rio S. João, rio Pindahy, depois da confluencia com o rio das Mercês, Riosinho e Cururuca. Confundindo as suas aguas com o rio Antonio Esteves formam o igarapé da Villa, que desagua ao N. da bahia de S. José, por entre Panaquatira e a ilha de Curupú. »

VILLA BOMFIM. Dist. creado no mun. do Ribeirão Preto do Estado de S. Paulo pela Lei n. 840 de 3 outubro de 1902. Ahi fica uma estação da Mogyana.

VILLA COSMOPOLIS. Log. do Estado de S. Paulo, no mun. de Campinas, com duas escs. publs. creadas pela Lei n. 790 de 3 de outubro de 1901.

VILLA DA PENHA. Arrabalde da cidade de S. Fidelis, no Estado do Rio de Janeiro; com uma capella em construcção.

VILLA DOMINGOS LOPES. Log. na cidade de Cataguazes e Estado de Minas Geraes.

VILLA INDUSTRIAL. Bairro do Estado de S. Paulo, no mun. de Campinas.

VILLA INDUSTRIAL. Pov. do Maranhão. Accrescente-se no fim: Chamava-se antigamente Ponte e por sua posição e relações com a cidade deve ser considerada um seu arrabalde. Fica situada sobre o riacho Ponte, defronte de Caxias, a menos de dous kils. da margem esq. do Itapecurú e a SO. do bairro da Tresidela. Começou a ser chamada Industrial depois do desenvolvimento que tomou com a fundação de duas fabricas de tecidos, ahi situadas.

VILLA IPANEMA. Aprazivel arrabalde do Districto Federal, á beira-mar, na Copacabana.

VILLA IZABEL. Parochia suburbana do Districto Federal, creada em 19 de agosto de 1900.

VILLA NOVA. Estação do Prolongamento da E. de F. da Bahia ao S. Francisco, no Estado da Bahia; entre as estações de Cariacá e Catuny, no kil. 444,417 distante da cidade da Bahia e no kil. 321,993 de Alagoinhas e na altitude de 548m,936. Fica na cidade do Bom Fim.

VILLA NOVA DE ANADIA. Pov. do Estado do Maranhão, no mun. de Vianna, a 36 kils. ao N O. da cidade, com umas 100 casas de palha. E' esta uma das mais antigas povs. do mun. Referindo-se á ella, já dizia Lago, no seu *Itinerario* (1820): « Esta chamada villa acha-se situada no interior e dentro de terras demarcadas e pertencentes aos herdeiros do Araujo; consta de 22 fógos e 113 almas; não tem capella nem sacerdote; suas casas são tristes choupanas de palha e até sem ordem alguma, nem arruamento. »

VILLA PRUDENTE. Bairro no mun. da capital do Estado de S. Paulo, com uma esc. mixta, creada pela Lei n. 643 de 7 de agosto de 1899.

VILLA RIBEIRO. E' assim tambem denominado o bairro do Capim Fino, no mun. do Jahú e Estado de S. Paulo.

VILLA RICA. Villa da Bahia. Accrescente-se no fim: Foi extincto o mun. pela Lei n. 442 de 28 de agosto de 1901.

VILLA SOPHIA. Bairro no mun. da Capital do Estado de S. Paulo, com uma esc. mixta, creada pela Lei n. 800 de 7 de outubro de 1901.

VILLA VELHA. Arraial da Bahia. Accrescente-se no fim: Dista do Rio de Contas 15 kils. e está situada a 580 metros de altitude. Divide-se em tres povs. : Arcião, Fogo e Alto; e é banhado pelo rio Brumado. Tem uma egreja regular. Os terrenos são proprios á cultura de arroz, café, mandioca, etc.

VILLA VERDE. Rio do Estado da Bahia, desagua no oceano entre os rios do Frade e Trancoso.

VILLETA. Bairro do Estado de S. Paulo, no mun. de Sorocaba, com uma esc., creada pela Lei n. 643 de 7 de agosto de 1899.

VIMIEIRO. Log. da Estado do E. Santo, no mun. da Serra.

VINAGRE. Riacho do Estado de Pernambuco, banha o mun. de Iguarassú e desagua no Carahú.

VINHAES. Dist. do Maranhão. Accrescente-se no fim: O Sr. Dr. Justo Jansen Ferreira (*obr.* cit.) diz: « Situada sobre o igarapé do mesmo nome, á escassa distancia da margem dir. do Anil e a N E. da capital. Está em completa decadencia. Foi a primeira residencia ou missão que os jesuitas fundaram para os indios, com o nome de Uçagoaba, e depois de aldeia da Doutrina, porque devia servir de modelo ás demais aldeias que pretendiam fundar. Recebeu o nome actual quando foi elevada á categoria de villa, que perdeu em 1835. »

VINHAS. Ilha no littoral da ilha de Santa Catharina, no Estado deste nome, ao S. da ponta do Zé Mendes. E' inteiramente despida de vegetação, mas sobremodo aprazivel pela disposição de seus penedos, que formam na parte septentrional, um minusculo e curioso tunnel, correndo na direcção norte-sul, de quatro a seis metros de extensão, com largura e altura sufficientes para passarem duas pessôas a par.

VINTE E CINCO. Lagôa do Estado de Pernambuco, a 15 kils da Pesqueira.

VIRÁ. Corr. *birá* ou *pirá*, forma contracta de *piranga*, vermelho, rubro, pardo. E' adjectivo, mas serve para designar por modo abreviado uma casta de veados. Diz-se commummente *virá* por *suaçú-virá*, ant. *suassubirá*, que, por sua vez, é corr. de *çooaçú-pirá*, veado vermelho. Pode ser tambem corrupção de *berá*, brilhante, reluzente, lusidio, lustroso (Dr. Theodoro Sampaio).

VIRAÇÃO. Pov. da Bahia. Em logar de Barra Grande, leia-se Baixa Grande e accrescente-se no fim: Dista 18 kils. da Baixa Grande e 30 de Monte Alegre. Sua altitude é de 515 metros.

VIRA SOL. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

VIRGENS. Morro do Estado da Bahia, na cidade de Santo Amaro.

VIROTES. Log. do Estado da Bahia, no termo de Ilhéos.

VIRUÁ. Corr. *biruá* ou *pyruá*, o umbigo (Dr. Theodoro Sampaio).

VIRURY. Corr. *birury* ou *biryry*, corredeira, cachoeira (Dr. Theodoro Sampaio).

VISCONDE DE NACAR. Nucleo colonial, no mun. de Paranaguá, do Estado do Paraná, distante da cidade daquelle nome 12 kils. E' habitado por italianos e brazileiros e é dividido em 52 lotes com a área de 656 hectares.

VISCONDE DO RIO BRANCO. Da cidade do Pomba dirigi-me para a do Rio Branco, onde cheguei ás 10 horas da noite.

Dizem que o tempo tudo apaga!

Não é verdade. Ha tres annos que eu, do Rio Novo, me dirigia para o Rio Branco, quando, pouco adiante da estação de Guarany, me deu o chefe do trem, bruscamente, noticia da morte de meu idolatrado filho Alfredo.

E tres annos são passados depois do cruel acontecimento. E eu, da estação do Guarany, fiz a viagem escondido em um dos cantos do carro para que ninguem me visse chorar.

Dizem que o tempo tudo apaga!

Apagará, menos no coração de um pai extremoso a lembrança do filho querido!

A cidade do Rio Branco causa no espirito do viajante uma impressão dasagradavel: é extraordinariamente feia. Os antigos, que a construiram, não seguiram um plano no arruamento, uma regularidade qualquer nas construcções, quer na architectura, quer na posição das mesmas, umas em relação ás outras.

Situada em terreno em parte plano e em parte nas fraldas dos morros, na margem esquerda do rio Chopotó, na confluencia dos rios da Capella Velha e da Piedade, que juntos formam aquelle rio, cercada de morro, entre os quaes os denominados Quebra, Barreiro (antigo da Forca) e Rosario, distante 10 kilometros de S. Geraldo, 112 de Ponte Nova, 22 de Ubá e 194 do Porto Novo do Cunha, é atravessada pela Estrada de Ferro Leopoldina, que tem a estação na praça Floriano Peixcto.

Construida a esmo, suas ruas são estreitas, muito sinuosas, sujas, não calçadas e illuminadas a kerozene.

Seus predios são antigos em sua totalidade e de fragil construcção; tem poucos sobrados, muitas casas terreas e muitas que são verdadeiras *cafúas*. Contadas, todas as casas e cafúas sobem a 400, habitadas por 2.000 almas.

A cidade tem quatro medicos, um advogado formado, quatro provisionados, duas pharmacias, dous hoteis e 60 estabelecimentos commerciaes. Tem uma fabrica de fumos, o grande Engenho Central, de custo de mil duzentos contos, hoje pertencente á Companhia Leopoldina, e tres engenhos de beneficiar café, um movido a vapor e dous a turbina. Annexo a um destes ultimos, existe uma serraria.

Não tem um edificio notavel; a casa da Camara e a Matriz são dous pardieiros que ameaçam desabar. Felizmente, graças ao actual agente executivo, está em construcção um solido e bonito predio, de estylo gothico, para a Camara Municipal, mas muito mal situado.

A Matriz é um templo de aspecto medonho e completamente arruinado, quer interior, quer exteriormente. Tem na frente duas torres e um relogio, e no interior tres altares. No altar-mór acham-se as imagens de S. João Baptista (padroeiro), S. Sebastião e na urna o Senhor Morto. No altar do lado do Evangelho vê-se o Sagrado Coração de Maria Santissima e no do lado da Epistola, Nossa Senhora das Dôres e S. José.

Além da Matriz, possue a cidade as insignificantes capellas do Rozario, na Agua Limpa, e de Santo Antonio, no Quebra.

A cadeia, que fica no edificio da Camara, é uma enxovia immunda. Pobre do preso que alli cahe; em pouco tempo entrega a alma a Deus!

Em um cubiculo, que exhalava um cheiro especial, encontrei 23 presos!

Na sala das sessões da Camara encontram-se os retratos do Marechal Floriano, do Visconde do Rio Branco e de Tiradentes.

O cemiterio fica em lugar elevado. Está bem zelado e tem um grande cruzeiro a um dos lados.

A renda da Camara é de 70:000$000.

A imprensa é representada pelo *Rio Branco*.

Os bairros da cidade são: Barreiro, Santo Antonio, Chacara e S. Pedro, onde fica o engenho central.

O mun. é riquissimo, seus lavradores entregam-se á cultura do café, do fumo, da canna e de cereaes. Exporta 300 a 400 mil arrobas de café.

Comprehende os dists. da cidade, de Guirycema (fonte de peixe), antigo Bagres, a 15 kilometros; S. Geraldo, a 10; e S. José do Barroso, a 27.

A instrucção é dada em nove escolas estaduaes, sendo quatro na cidade; e oito municipaes, sendo duas na cidade, uma no Clemente, uma em Santa Maria e outra em S. Francisco, todas no districto da cidade; uma no Ribeirão Vermelho e outra em Santa Juliana, ambas no districto de S. Geraldo e uma em Ayrões, no districto de S. José do Barreiro.

A pop. do mun. é de 28.000 habs.

O mun. é percorrido pelas seguintes serras: S. Geraldo, Coimbra, Viçosa, Canjangas, Chico de Paiva, D. Luiza, Altivo, S. José do Barroso, Mauricios, Forquilha, Ribeirão Vermelho, Serrote, João Baptista, Joaquim Aniceto, além de outras. E' regado pelos rios: Chopotó, Capella Velha e Piedade. O Chopotó recebe: o Tia Velha, Coitos, Jaboticaba, Massambará, Pão de Loth, Capoeirinha, Santa Juliana, Clemente, Bagres e Vallão. O Capella Velha recebe o Quebracaco, Inhambú, Paiol e José Joaquim. O Piedade recebe o Santa Maria, Aldêa e Alambique.

VISTA ALEGRE. Log. do Estado do R. G. do Sul, no mun. de Lavras, com importantes jazidas de ouro.

VIUTACA. Riacho do Estado de Matto Grosso, no mun. de Corumbá. Encontrei tambem escripto *Vintaca*.

VIUVA. Morro do Estado de S. Paulo, á margem esq. do rio Jundiuvira, proximo do morro Jaguaquara.

VOLTA. Pov. do Estado de Minas Geraes, no dist. de Santa Quiteria.

VOLTA. Log. no mun. da capital do Estado de Matto Grosso.

VOLTA. Serra do Estado da Bahia, no mun. de Queimadas, a 42 kils., defronte das minas de ouro da Conceição.

VOLTA DO BONITO. Log. do Estado da Bahia, no mun. de Cannavieiras.

VOLTA DO CAPÃO DE FÓRA. Log. do Estado de Matto Grosso, a dous kils. da margem do rio Coxipó-mirim, no 2º dist. da capital.

VOLTA DO OLHO. Log. do Estado da Bahia, no mun. de Cannavieiras, á margem dir. do rio Pardo.

VOLTA DOS CURRAES. Log. do Estado da Bahia, no termo de Belmonte.

VOLTA DO TINGUY. Log. do Estado da Bahia, na com. de Cannavieiras.

VOLTA GRANDE. Log. do Estado do Paraná, no mun. de Castro, banhado pelos rios Tijuco Preto e Pirahy.

VOLTA MORTA. Log. do Estado da Bahia, no mun. de Cannavieiras.

VOLTA REDONDA. Log. do Estado da Bahia, no termo de Cannavieiras.

VORÁ. Morro no mun. do Bom Successo e Estado de S. Paulo. « *Vorá*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Mbo-rá*, desatado. De *mbó*, particula activa; e *rá*, desatar. Allusivo a ser derrocado. » Deste morro, cuja altura é de 50 metros, mais ou menos, separou-se enorme pedra, formando alli uma cava, em cujos paredões foram out'rora insculpidas inscripções e figuras coloridas de vermelho e preto, por mãos indigenas; e, entre as figuras, a do sol com uma cruz, varios circulos, uma figura humana com a cabeça e o pescoço emplumados. Pelas ossadas lá encontradas é de crer que alli houvesse um cemiterio dos indigenas. Os farejadores de riquezas enterradas acreditam que existe alli um thezouro occulto.

VOSSOROCA. Ant. *bossoroca*, corr. *yby-çorog*, terra que se rasga, que se fende, terra rasgada; alt. *ubuçoroca buçoroca, boçoroca, vossoroca*; S. Paulo. Vide *Bossoroca* (Dr. Theodoro Sampaio.)

VOTÚ. Ant. *botú*, corr. *ybytú*, o vento, o sopro do ar; alt. *ubutú, butú, botú, votú* (Dr. Theodoro Sampaio).

VOTUPARIM. Corruptela de *Mbo-ty-pyrĩ*, a pique e pontuda. De *mbo*, particula activa; *ty*, ponta; *pyrĩ*, a pique, a prumo (Dr. J. M. de Almeida).

VOTUPOCA. Corruptela de *Mbitú-pog-ca*, vapores estourados. De *mbitú*, vapor, bafo; *pog*, estourar, estrondar, com o suffixo *ca* (breve), para formar supino. Allusivo á natureza vulcanica desse morro, soltando vapores com estouros (Dr. J. M. de Almeida).

VOTUPOCA. Bairro do mun. de Xiririca, no Estado de S. Paulo.

VOTURA. Corr. *ybytyra*, o monte, o outeiro, a encosta, a ladeira; alt. *ubutura, butura, botura, votura* (Dr. Theodoro Sampaio).

VOTURANTIM. Corrupção de *ybytyrãtim*, monte branco, encosta alva, ladeira esbranquecenta, allusão a ser um salto de rio em que as aguas descem em brancas espumas por uma encosta ingreme. Vide *Votura* (Dr. Theodoro Sampaio). *Voturantim*, corruptela de *Ibity-rã-tĩ*, evaporação, semelhando nuvem. De *ibity*, nuvem, nevoa; *rã*, semelhar, não ser, parecer; *tĩ*, evaporação, fumo (Dr. J. M. de Almeida).

VOTUROCA. Corr. *ybytú-roca*, casa do vento, desfiladeiro donde sopra o vento, bocaina; alt. *ubutú-roca, buturoca, voturoca*. Vide *Votú* (Dr. Theodoro Sampaio).

VOTURUÇÚ. Brejo no dist. de N. S. da Penha de França, no mun. da capital do Estado de S. Paulo. « *Voturuçú*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *Yû-turuçú*, brejal extenso. De *yû*, charco, brejo; *turuçú*, grande, largo, extenso ».

VOTURUNA. Composto de *votura-una*; corrupção de *ybytyruna*, monte negro, montanha escura; alt. *ubuturuna, buturuna, boturuna, voturuna*, S. Paulo, Minas. Vide *Ibituruna* (Dr. Theodoro Sampaio).

VUNA. Serra no mun. de Nazareth, proximo á Cantareira pelo lado nordeste desta. « *Vuna*, diz o Dr. J. M. de Almeida, corruptela de *H-ũ-na*, revolvida. De *h*, relativo; *ũ*, o mesmo que *hũ*, revolver, com o suffixo *na* (breve), para formar supino. Por causa do *h*, relativo, *hũ* perdeu o *h*. Allusivo a ter em desordem o cume, por estar despontada, com as pedras espalhadas. »

VUPABUSSÚ. Corr. *ypab-uçú*, lagôa grande; alt. *upabuçú, vupabuçú*; Minas Geraes (Dr. Theodoro Sampaio).

VUTURUÁ. Corr. *ybytyr-uá*, o dorso do monte, o cume da montanha; corr. *ybytyr-guá*, o seio do monte, a cova do alto do monte; alt. *ubuturá, buturuá vuturuá*; S. Paulo. Vide *Votura* (Dr. Theodoro Sampaio). *Voturuá*, corrupção de *Mbo-ta-ruá*, damnosa. De *mbo*, particula activa; *tarúá*, o mesmo que *harúá*, damnoso, prejudicial. Allusivo a serem aguas prejudiciaes á saude (Dr. J. M. de Almeida).

X

XADREZ. Corrego do Estado de S. Paulo, banha o mun. de Araras e desagua na margem dir. do ribeirão Cerrado.

XAVIER DA SILVA (Dr.). Nucleo do Estado do Paraná, no valle do rio Ivahy, nas proximidades da pov. de Therezina.

XIRIRICA. Corrupção de *y-chiririca*, agua ligeira, veloz; a corredeira, o rapido; S. Paulo (Dr. T. Sampaio). Vide *Bariry*.

XIRIRICA. Villa do Estado de S. Paulo. Accrescente-se no fim: Do *Correio Paulistano* de 29 de agosto de 1901 extractamos o seguinte a respeito dessa cidade: Distante de Iguape 66 kils. por terra e 154 pela Ribeira está situada a cidade de Xiririca. As communicações entre essas duas cidades fazem-se actualmente pela Ribeira por meio do vapor *Isabel*. A viagem dura dous dias, pois que o vapor não navega á noite. Nas margens do rio, que são cobertas por frondosa vegetação, veem-se espalhados por aqui e alli bonitos sitios, passando-se pelas freguezias do Juquiá, no mun. de Iguape e Sete Barras, neste mun. A cidade está situada sobre um morro, offerecendo ao viajante aspecto pittoresco, apreciada de longe, mas que perde todo o seu encanto ao se por pé em terra. Suas ruas, em numero de 8, embora limpas, são mal alinhadas, esburacadas, achando-se nas mesmas condições os largos, em numero de dous, e as travessas, que são tres. Tem a cidade 134 predios, na sua maior parte antigos, sem estylo algum architectonico e 29 casas commerciaes. Em templos religiosos notamos apenas uma capellinha de Santa Luzia e a Matriz em reconstrucção.

Não existe Santa Casa, nem sociedades beneficentes ou recreativas; não ha tambem theatro nem jardins. Não ha agua encanada, sendo utilizada pela pop. a da Ribeira, que é de má qualidade; existe perto da cidade uma fonte, mas, como a sua nascente está em terrenos do cemiterio, não é aproveitada. Esgotos tambem não ha. Num ponto extremo da cidade está situada a cadeia; e ao lado esquerdo funccionam a camara e o jury, sendo occupado o lado direito pelo corpo da guarda e por dous xadrezes. O orçamento da camara municipal é de 16 contos. O clima é quente e humido. A principal producção do mun. é o café, seguindo-se a canna de assucar, o arroz e poucos cereaes. Existem minas de ferro, de marmore, de ouro em cascalho, tudo por explorar. Distante da cidade, cerca de 25 kils., está situada a colonia Nova Trento.

XIXILADO. Termo usado no sertão da Bahia e que significa sem vergonha, descarado; pessôa desgostosa. Café muito ralo é xixilado.

XIXOVÁ. Morro do Estado de S. Paulo, na barra de Santos.

XORÓ. Corr. *choró*, verter, manar, correr (Dr. T. Sampaio).

XORORÓ. O mesmo que *tororó*, manar, correr, deslisar; *y-chororó*, agua corrente, sussurrante (Dr. T. Sampaio).

XURI. Corr. *churi*, a ema, o avestruz, tambem denominada *nhandú* (Dr. T. Sampaio).

Y

Y (Substantivo). A agua, o liquido, o fluido, o rio, o curso d'agua; segundo o thema com que se combina toma as formas: *gy*, *hy*, *yg* e, segundo as corruptelas: *u*, *hu*, *cu*; é a vogal guttural do tupi. Vide *U*. « *Y*, a agua, é monossylabo e vogal guttural unica que nenhuma graphia conseguiu ainda representar exactamente; dahi tambem a variedade de sons que se lhe tem attribuido. Não existindo no portuguez o som do *Y* grego ou *U* dos francezes, a pronuncia da guttural tupi ficou ora equivalente a *I* simples como nos vocabulos: *Icatú*, *Ipanema*, ora equivalente a *U*, como em *Utinga*, *Umirim*. Outras vezes se procurou representar ou simular o som guttural do vocabulo por meio de um *H* anteposto ou de um *G* posposto, escrevendo-se *Hicatú*, agua boa; *Hipanema*, agua ruim; *Pirahy*, rio do peixe; *Iperuig* ou *Ipirú-yg*, rio do tubarão. No norte do Brasil, o som guttural do *Y*, no fim dos vocabulos tupis, deixou, comtudo, vestigios da sua primitiva e difficil pronunciação, representada na syllaba final *Ibe* ou *Ipe*, que, aliás, é branda, como se vê nos nomes: *Jaguaripe*, ou *Jaguaribe*, *Capibaribe*, *Tabagibe* ou *Tabagipe*, *Paripe*, que no sul do Brasil se pronunciam commummente: *Jaguary*, *Capivary*, *Tabagy* e *Pary*. Da mesma e difficil vocalização do *Y*, cuja gamma, como dissemos, está entre *I* e *U*, resultou a desinencia em *U* ou *Hu*, que se nota em certas denominações do norte e sul do Brasil, como em *Mojú* ou *Moyú*, rio das cobras; *Cunhaú* ou *Cunhã-hú*, rio das mulheres; *Mondahú*, rio do furto; *Tambahú*, rio das conchas; *Anhangaba-hú*, rio da maldade ou das diabruras; os quaes se poderão escrever tambem: *Mogy*, *Cunhãy*, *Mondahy*, *Tambahy*, *Anhangabahy*. A imperfeição no emittir o som da guttural *Y* chegou ao ponto de se dizer no Ceará *Acaracú* por *Acarahú* ou *Acarahy*, donde procede a tão debatida denominação *Caracú* dada a uma variedade de gado bovino, nos sertões do centro e do sul do Brasil. Não raro, o *Y* inicial e medio de certos vocabulos tupis se alterou tambem para *O*, escrevendo-se muitas vezes *Otinga* por *Utinga* ou melhor, *Ytinga*, agua branca; *Oriçanga* ou *Ouriçanga* por *U- rõyçang* ou *Y- royçanga*, agua fria; *Paraopeba*, por *Pará-u-peba*, ou melhor *Pará-y-peba*, rio de agua rasa. Em documentos de 1720 a 1723, publicados no *Archivo do Estado de S. Paulo*, sob a direcção do nosso consocio Dr. Antonio de Toledo Piza, se lê o nome da cidade de *Ytú* com a graphia *Outú*, o que bem revela que, nessa época, ainda passava pelo cadinho da assimilação a difficil guttural *Y*. » (Dr. Theodoro Sampaio. *O tupi na geographia nacional*. S. Paulo. 1901).

YACARACICA. Vocabulo tupi, corruptela de *Yacaré-acica*, a posta ou pedaço de jacaré; ainda corruptela de *yacaré-ycica*, a espuma ou baba do jacaré. Vide *Jacarécica* e *Jacaracica*.

YACOCA. Vocabulo tupi composto de *ya-coca*, que significa abrir roça, roçar; a roçada. Vide *Jacoca*.

YACORACICA. Corr. *yaguar-ycica*, a baba da onça; Sergipe (Dr. T. Sampaio).

YAPECANGA. Composto de *yú-apecanga*, junco de espinho (Montoya).

YAPEYÚ Corr. *yapoyú*, o brejo, o estagnado podre (Dr. T. Sampaio).

YAPIRA. Composto de *y-apira*, o principio do rio, a nascente, a cabeceira, a fonte; alt. *yapi*, *ygapira*, *gapira guapira* (Dr. T. Sampaio).

YAPITARACA. Vocabulo composto de *yapy-taraca*, o rumor dos japús (*Cassicus cristatus*).

YAPÓ. Composto de *y-apó*, a agua que transborda, que inunda; a inundação, a cheia do rio; os alagadiços ou banhados á margem dos grandes rios; alt. *ygapó* (Dr. T. Sampaio).

YAPOCA. Vide *Japoca*.

YAPORÉ. Composto de *yapô-ré*, a cheia ou inundação distincta, diversa, de outra epoca; rio que enche em outro tempo (Dr. T. Sampaio).

YAPUHIBA. A arvore dos japús; corrupção de *yapy-iba*; alt. *Japuhyba*; Rio de Janeiro.

YAPURÁ. Corr. *y-apurá*, rio que se eleva, ou que cresce, rio enchente; Amazonas (Dr. T. Sampaio).

YAPY. Vide *Japú*.

YARA. Subs., o senhor, o domno, o chefe, o dominador, Deus (Dr. T. Sampaio).

YARI. Adj., largo, folgado, amplo (Dr. T. Sampaio).

YARIGUÁ. Composto de *yari-guá*, bacia ou seio amplo, bahia larga, enseada larga; alt. *jaraguá* (Dr. T. Sampaio).

YAUÊ. Rio do Estado do Pará, banha o territorio do Aricary e desagua na margem dir. do Oyapock.

YAVARY. Corr. *yauar-y*, rio da onça; corr. *yabá-r-y*, rio dos fugitivos; Amazonas (Dr. T. Sampaio).

YBICUI. Composto de *yby-cui*, pó do chão, a terra fina, a arêa, a poeira, alt. *ibicuy* (Dr. T. Sampaio).

YBY. Subs., a terra, o solo, o chão, o mundo; alt. *ubú*, *bú*, *bo*, *ibi*, *bi*, *vi vú*, *vó* (Dr. T. Sampaio).

YBYPAÚ. Composto de *yby-paú*, a nesga ou retalho de terra, a ilha (Dr. T. Sampaio).

YBYTYRA. Composto de *yby-tyra*, terra elevada, o monte, a serra; alt. *ubutura*, *batura*, *ibitira*, *bitira*, *bitura*, conforme se vê de varios compostos em que este vocabulo entra como thema; no tupi-guarani *ybytyr*; no tupi do Amazonas *ucitera*; no Cayuá *uitêra* (Dr. T. Sampaio).

YCOARANA. Composto de *y-coa-rana*, a fonte falsa, as poças d'agua; Pará (Dr. T. Sampaio).

YCURÊ. Subs., a anta, especie menor do *Tapirus*; alt. *iguré* (Dr. T. Sampaio).

YECEABA. Subs., a confluencia, ou juncção dos rios, a reunião das aguas; alt. *juceaba*, *jusseape* (D. T. Sampaio).

YERÊ. Subs., o redomoinho, a vortice, a agua em gyro (Dr. T. Sampaio).

YGARA. A canôa, o barco.

YGUÁ. Composto de *y-guá*, o seio d'agua, o concavo d'agua, a enseada, a bahia fluvial, o lagamar, o estuario (Dr. T. Sampaio).

YGUAPE. Composto de *yguá-pe*, na bahia, no estuario, no lagamar; Bahia, S. Paulo (Dr. Theodoro Sampaio).

YI. Subs., o machado; alt. *dji*, *ji*, *gi* (Dr. Theodoro Sampaio).

YNHUAM. Corr. *nhũ-á*, campo alto; alt. *inhoan*; Rio de Janeiro (Dr. Theodoro Sampaio).

YOATINGA. Composto de *yoá-tinga*, o juá branco (Dr. Theodoro Sampaio).

YPABA. Composto de *y-paba*, agua limitada, ou confinada, lagôa, lago; alt. *ipaba*, *upaba*, *upá ypá*, *upava* (Dr. T. Sampaio).

YPAÛ. Subs., a nesga d'agua, o retalho d'agua, a lagôa; confunde-se muita vez com *ybypaû*, que quer dizer — retalho de terra, ilha, alt. *upaon*, *ipaon*, *upion*, *urpion* (Dr. T. Sampaio).

YPERÓ. Composto de *y-peró*, rio secco, agua que secca, rio temporario (Dr. Theodoro Sampaio).

YPIRANGA ou IPIRANGA. Agua ou rio vermelho; de *y-piranga*.

YPITANGA. Composto de *y-pitanga* o mesmo que *y-piranga*, agua vermelha, rio vermelho; Bahia (Dr. Theodoro Sampaio).

YPORANGA. Composto de *y-poranga*, agua bonita, rio bonito; S. Paulo; alt. *yporã*, *iporã* (Dr. Theodoro Sampaio).

YQUARA. Composto de *y-quara*, buraco d'agua, o poço, o minadouro; a fonte; alt. *yquá*, *iquá* (Dr. Theodoro Sampaio).

YQUERA. Composto de *y-quera*, pronunciado *y-kera*, agua dormente, agua estagnada ou parada; pronunciado *y-cuêra*, agua que se acabou, agua extincta (Dr. T. Sampaio).

YTÚ. Vocabulo composto de *y-tú*, o tombo d'agua, a queda d'agua, o salto do rio, a catadupa; alteração, *itú*, *utú*, *outú*; S. Paulo (Dr. T. Sampaio). Vide *Bariry*.

YTUAÇÚ ou YTUASSÚ. Salto grande, a cachoeira grande; composto de *ytú-açú*; alt. *ituassú*; Bahia.

YTUMIRIM. Saltinho, a cachoeira pequena; de *ytú-mirim*; alterado para *itumirim*, *tumirim*.

YTUPARARANGA. Salto que ronca, ou o ronco do salto; composto de *ytú-pararanga*.

YTUPORANGA. Composto de *ytú-poranga*, o salto bonito, a cachoeira bella (Dr. Theodoro Sampaio).

YTUTINGA. Composto de *ytú-tinga*, salto branco, a cachoeira branca; alt. *itutinga*, *tutinga*; S. Paulo (Dr. T. Sampaio).

YTUY. Composto de *ytú-y*, rio do salto, ou agua da cachoeira (Dr. Theodoro Sampaio).

YÚ. Subs., o espinho, a ponta aguda, a farpa; a espinha de peixe; o espinheiro; alt. *jú* (Dr. Theodoro Sampaio).

YUQUER. Composto de *yu-quer* ou *yu-ker*, espinho ou espinheiro que dorme, isto é, que deita ao tocar; é o nome commum das *Mimosas* no tupi; alt. *juquer*, *juquê* ou *jukê*, (Dr. Theodoro Sampaio).

YUQUIÁ. Composto de *yuqui* ou *yuqui-á*, o côvo aberto; S. Paulo, Alagôas (Dr. Theodoro Sampaio).

YUQUIRI. Composto de *yû-quiri*, espinho de ponta aguçada ou fina, espinho pequeno; espinheiro de folha meuda; alt. *juquiry* (Dr. Theodoro Sampaio).

YUQUIRY. Composto de *yuquiri-y*, rio dos espinhos; São Paulo (Dr. Theodoro Sampaio).

YURÚ. Substantivo, a boca, a barra, a abertura, a passagem, a garganta; alt. *jurú* (Dr. Theodoro Sampaio).

YURUÁ. Composto de *yurû-á*, o boqui-aberto, o que tem a boca ou a barra ampla; alt. *juruá*; Amazonas (Dr. Theodoro Sampaio).

YURUMIRIM. Composto de *yurû-mirim*, a boquinha, a barrinha, a passagem estreita, a garganta apertada; alt. *jurumirim* (Dr. Theodoro Sampaio).

YURUPARI. Composto de *yurû-pari*, a boca torta; o diabo na mythologia selvagem dos tupis, como *anhan* ou *anhanga* (Dr. Theodoro Sampaio).

YURUTUBA. Composto de *yurú-tyba*, bocas em abundancia, muitas bocas (Dr. Theodoro Sampaio).

YUSSIAPE. Corrupção de *yeceaba*, a confluencia, a reunião das aguas. Vide *Jussiape* (Dr. Theodoro Sampaio).

YUTAHY. Corrupção de *yutaib*, composto de *yû-etá-ib*, arvore de muitos espinhos, arvore espinhenta; corrupção de *yetai*, arvore resinosa; alt. *jutahi*, *jatahi*, *jetahi*; Amazonas (Dr. Theodoro Sampaio).

YVÁ. Corrupção de *ybá*, fructo, fructas; a canôa; a flecha ou canna brava, a uva; alt. *ibá*, *ubá*, *uvá* (Dr. Theodoro Sampaio).

YVAHY. Corrupção de *ybá-y*, rio das fructas, ou ainda rio das flechas ou cannas bravas; alt. *ubahy*. Vide *Yvá* (Dr. Theodoro Sampaio).

YVAPORANDUBA. Corrupção de *ybá-poran-dyba*, fructas bellas em abundancia, o pomar de boas fructas, ou o flechal bonito (Dr. Theodoro Sampaio).

YVATINGA. Corrupção de *ybá-tinga*, fructo branco; a uva branca, a canna branca; alt. *ivatinga*, *batinga*, *ibatinga* (Dr. Theodoro Sampaio).

YVATUBA. Corrupção de *ybá-tyba*, pomar; flechal, ou cannavial bravo; alt. *ubatuba*, *batuva* (Dr. Theodoro Sampaio).

YVATUBY. Corrupção de *ybá-tyb-y*, rio do pomar, rio do cannavial bravo; alt. *ibatuby*, *ubatuby*, *batuvy*, *batovy* (Dr. Theodoro Sampaio).

YVAYA. Corrupção de *yb-aia*, fructa saudavel, saborosa. Vide *Ubaia* (Dr. Theodoro Sampaio).

Z

ZABELÊ. Corrupção *çaberê* ou *eçaperê* e *eçá-perê*, olhos encascados ou cheios de caspas; nome de uma ave gallinacea, especie de perdiz de pernas amarellas (*Crypturos noctivagus*). (Dr. Theodoro Sampaio. *O tupi na geographia nacional*. S. Paulo. 1901).

ZACHARIAS. Igarapé do Estado do Pará, no mun. de Chaves e ilha Caviana.

ZAGAIA. Pov. do Estado de Minas Geraes, no mun. do Bom Fim.

ZANETTI. Morro no mun. de Corumbá e Estado de Matto Grosso.

ZANGA BONITA. Log. do Estado de Matto Grosso, no mun. de Miranda.

ZANGADO. Serra do Estado do Rio de Janeiro, entre os muns. de Macahé e Campos.

ZARABATANA ou SARABATANA. E' vocabulo de procedencia incerta, se, porém, é do tupi, parece corrupção de *garapá-tan*, arco rijo ou direito. Na verdade, é uma arma de guerra dos selvagens, feita de um tubo, com o qual se sopra violentamente uma pequena setta embuxada com algodão (Dr. Theodoro Sampaio. *Obr.* cit.).

ZÉ MENDES. Ponta no Estado de Santa Catharina, ao N. da ilha das Vinhas.

ZERERÊ. Corrupção de *cê-rarê*, o que sahe cavado, o que vem subterraneo, o solapado; Matto Grosso (Dr. Theodoro Sampaio).

ZERERÇABA. Corrupção de *cê-rarê-açaba*, a caverna, o sumidouro, o canal subterraneo (Dr. Theodoro Sampaio).

ZIG-ZAG. Serra do Estado do Rio de Janeiro, no mun. de Bom Jardim.

ZIG-ZAG. Morro na cidade do Rio de Janeiro, no dist. de Santo Antonio.

ZIMBROS. Pov. do Estado de Santa Catharina, no mun. de Porto Bello, com esc. Alguns escrevem *Zimbos*.

ZOÓ. Corrupção de *çoó*, o animal, a caça, a carne (Dr. Theodoro Sampaio).

ZOOAÇÚ. Corrupção de *çooáçú*, a caça grande, o animal de vulto; nome applicado mais commummente para designar o veado; alt. *suassú* ou *soaçú* (Dr. Theodoro Sampaio).

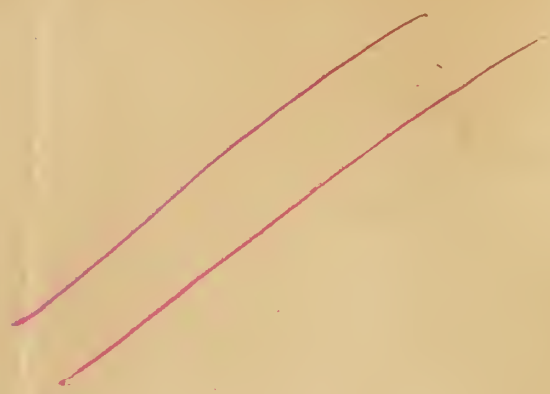
ZOPIÁ. Corrupção de *çopiá*, o ovo, as ovas; conforme o thema se diz: *çupiá*, *rupiá* (Dr. Theodoro Sampaio).

ZUINARA. Corrupção de *çuindara*, composto de *çuyendara*, o que não come, ou não se alimenta; nome generico dos *Strix* e *Caprimulgus*; alt. *suindara*, *suindá*, *suinara*, *suiná* (Dr. Theodoro Sampaio).

ZURURÚ. Corrupção de *çoó - rurú*, vaso de carne, o bicho que tem receptaculo ou vaso; é o nome do *mexilhão*, concha; alt. *sururú*, *suzerú* (Dr. Theodoro Sampaio).

Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1935

M. FAZENDA
D.A.-NRA-GB
20738
COM. INVENTARIO
PORT. 114/73



BIBLIOTECA DO MINISTÉRIO DA FAZENDA

3746-45 R
918.103
M838

AUTOR PINTO,ALFREDO MOREIRA

TÍTULO
SUPLEMENTO AOS APONTAMENTOS PARA
O DICCIONARIO GEOGRAPHICO DO
BRASIL

Este livro deve ser devolvido na última data carimbada

BOLSO DE LIVROS — DMF. 1.369